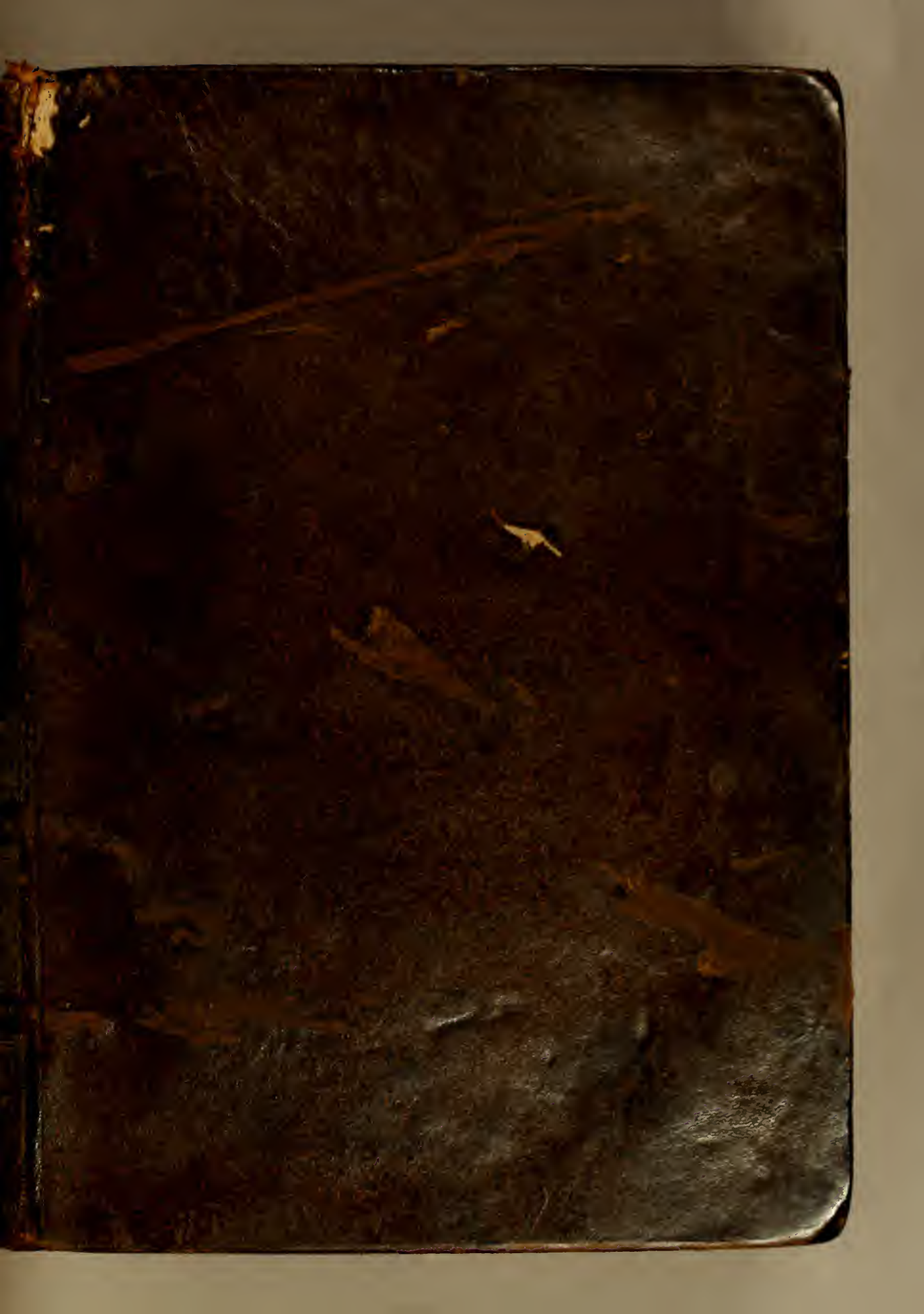




R. B. ROSENTHAL
LIVROS
Lisboa 2 — Portugal

11/VII/78 - 2004

Box II, 296/292
"Very RARE"

Complete fl
Box, the inside of the box
let Brown to Jan 1924, 337 (p. 630/631)



John Carter Brown
Library
Brown University

JOHN CARTER BROWN
LIBRARY

Purchased from the
Trust Fund of
Lathrop Colgate Harper
LITT. D.



Lucas No. Hermans inuentor et sculpsit. Vlissipone. ex typographia Pauli Craesbeeck. A. 1645.

DE 100

De Fr. Inesai^{to} de vao. Personna

CHRONICA

DA

COMPANHIA

DE IESV.

NA PROVINCIA

DE PORTUGAL;

E DO QUE FIZERAM, NAS CONQUISTAS
*d'este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entraram,
nos annos em que viveo*

S. IGNACIO DE LOYOLA,
nosso Fundador.

PELO P. M. BALTHAZAR TELLEZ
da mesma Companhia, natural da cidade de Lisboa,
& nella Lente de Prima de Theologia.

PRIMEIRA PARTE.
NA QVAL SE CONTEM OS
principios d'esta Provincia,

No tempo, em que a fundou, & governou

O P. M. SIMAM RODRIGVES,
Com sua sancta vida, & morte.

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Por Paulo Craesbeeck. Anno do Senhor M.DC.XXXV.

1890

100

NOV 10 1952

АИНАЗМОС

W. L. G. I. I.

1347057 13

A
MAGESTADE
DO MVITO ALTO
PODEROSO, E INVICTO
REY DE PORTVGAL
DOM IOAM O IV.
NOSSE SENHOR.

SENHOR.



Vitos annos antes da restauraçam deste Reyno, & felice acclamaçam de vossa Magestade procurou a Companhia de IESV, nesta provincia, fahir a luz com o Compendio dos heroicos exêplos de seus filhos; mas nũa o cuydado teve effeito, nũa no intêto houve execuçam. A muitos, & grandes engenhos se encômêdou esta êpreza, nenhũa conclusio: sentiamos o impedimento, nam conheciamos a causa, até que o tempo a mostrou. Ordenava a divina providencia (contra a qual nam hà industria humana) se dedicasse as acções gloriosas da Cõpanhia de IESV, neste Reyno, a hũ Rey, que fosse legitimo successor daquelle Rey, que a trouxera, & fundara no mesmo Reyno, & cõquistas. Sessenta annos esperou Portugal por hũ Rey, a que se entregasse; os melmos esperou a

Companhia por hum Rey, a quem se dedicasse.

a
Virg. Æn. 6.
Et cineri in
grato supre-
ma ferebāt.

A algũs pareceo que se offerecesse esta Chronica da Companhia de IESV Lusitana, ao serenissimo Rey D. Ioam III. que a fundou; que, parece, por direito nos pediam suas cinzas este reconhecimento; porque como por sua morte nam acabaram as obrigações em nós, nam deviam fenecer as lêbranças d'elle; & ainda que as cinzas (segundo diz o princepe da poesia) sejam ingratas, nós devemos ser a estas agradecidos; que nam exime do agradecimento aos vivos, a ingratidam que hà nos mortos. Côm tudo a mim me pareceo que faria mayor serviço ao serenissimo Rey já defunto, se dedicasse antes esta obra a V. Mag. que a elle; âtes a hũ Rey dignissimo successor seu vivo, do que às cinzas d'elle já mortas: primeiramente, porque o Rey que succede he hũa imagem viva, & do que precedeo, nam ha mais que hũa lêbrança morta. Segundariamente, porque tenho por certo, que nenhũa cousa mais estimará aquelle felicissimo Rey, que a que mais redundar em hõra de hũ Rey, que lhe restaurou seu Reyno, & avivou suas virtudes: porque assim como he mayor façanha restaurar o perdido, que conservar o alcançado; assim julgará que mais se devê offerecer as honras a hũ Rey, que deo a vida a seu Reyno morto, do que a hum Rey, que conservou a vida em hum Reyno vivo. & quem duvida, que vossa Magestade gloriosissimamente restaurou o que o outro pacificamente conservou.

Acrecentase, que hà em vossa Magestade hũas rezoẽs (alem das cõmuas de successor) particularmente representativas do serenissimo Rey ja defuncto, porque he V. Mag. successor seu immediato, & animado: immediato no nome, que se nam repete o de vossa Mag. sem que immediatamente nos traga à memoria o serenissimo Rey Dom Ioam terceiro, quem repetio nunca Dom Ioam o quarto, que lhe nam occorresse logo o terceiro? He V. Mag. tambẽ successor animado, & vivamente representativo nos dotes, & reaes talẽtos, que nelle se viam; porque em vossa Mag. se vè a religiam, pera com Deos; a obediencia, pera com a Igreja; a misericordia, pera com os pobres; a affabilidade, pera com o povo; o amor à patria; o favor, pera com as letras, a justica, & igualdade pera com todos; a aspereza no trato de sua real pessoa, que pôde ser exemplo à penitentes religiosos, & tudo em tam perfeito grão, que nam parecem imitaçoens de tal Rey, mas vivos exemplares de tal virtude; & com vermos a vossa Mag. feito Rey, os que o conhecemos antes de o ser, podemos com mais rezam dizer o que Plinio *lisongeava ao seu Emperador Vespasiano, que nenhũa cousa em V. Mag. mudou a grandeza de sua fortuna, mais que em lhe dar novas occasioens de fazer bem, & de parecer bom.

Emfim em vossa Mag. lemos o serenissimo Rey D. Ioam terceiro, que V. Mag. melhor escreveo em sua pessoa; do que os escriptores de sua vida o

Plin. in præfat. ad Vesp. Nec quicquam in te mutavit fortune ampli tudo, nisi ut prodesse tui de posses, & velles.

descrevéram em seus livros: & assi ficou V. Mag. muy nobre, & mais animado descédente d'aquelle grande Rey; porque se o nam foy em todo no fangue, que he a menor parte, o foy em tudo no espirito, que he a melhor arte: & se nam he V. M. descédente proprio no filhamêto, he successor legitimo nas obrigações; das quaes hũa muito principal he favorecer, & amparar a Companhia, que foy obra do braço d'aquelle esclarecido Rey; cõtinuando vossa Mag. no amor que nos tinham, & favor, que nos faziam os serenissimos Reys Portugueses, antecessores de vossa Magest. que se entregaram tanto à Companhia, que até suas mesmas cõsciências della fiavam. Este amor herdaram do magnifico Rey D. Ioam o terceiro os serenissimos Reys D. Sebastiam seu neto, & D. Hêrique seu irmám, & todos os princepes, & infantes, que por nos amaré como pays, os serviamos nós como filhos; que hum bõ Princepe, como disse Xenophonte,^b nam se distingue de hum bom pay.

^b
Xenoph. in
suo Cyro.
Bonus prin-
ceps nihil
differt à bo-
no patre.

Este reciproco amor himos já vendo, & esperamos cada dia ver mais transfundido no coração de vossa Mag. alsim como nossos primeiros Padres transfundiram em nós, filhos seus, o amor, que tiveram aos Reys de Portugal: de modo que os Reys testaram em vossa Mag. o amor à Companhia; & nossos Padres testaram em nós o amor ao Rey; estes passáram a nós a obrigação de servir a vossa Magestade; aquelles passáram a vossa Mag. a obrigação de defender a Cõpanhia,

a qual

a qual atégora de tua parte nam faltou em hum ponto, no serviço de tam querido Rey; assim pelo affecto, & obrigaçam, que temos a vossa Magestade, como pela gratidam, & obrigações, que devemos aos Reys antecessores.

Dedicase esta Chronica a vossa Magestade aos sinco annos de seu Imperio, tempo a que os Latinos chamam *Lustro*, em argumento, & vaticinio de quanto lustre crescerá a estas illustres acçoens, & obras maravilhosas dos filhos da Companhia de IESV, com tam lustroso, & real patrocínio. Dedicase aos sinco annos, debaixo da protecçam das sinco quinas das armas de vossa Magestade, ou das chagas de Christo nosso Salvador, pera que o mesmo escudo defenda o Rey, & ampare a Companhia; porque dizem bem as chagas de Christo com o nome de IESV, & o escudo do Rey com os soldados da Companhia.

Este favor espera nossa Religião de vossa Magestade, nam só pera que a defenda, como fizeram os Reys antecessores com seu escudo, & braço real, mas tambem pera que os filhos de sancto Ignacio, na sombra, protecçam, & amparo de tal Rey, façam na prègaçam do Evangelho, & promulgaçam da fé taes acçoens, quaes se contem neste volume, que offereço a vossa Magestade, cuja autoridade real nam só hà de apadrinhar o credito das couças grandes, que nelle se escrevem, mas tambem a pessoa, que as escreve,

Festus, Varro, Plin. Iunior, & alij apud Theaur. linguæ Lat. verbo Lustrum.

porque igualmente he de vossa Magestade o ob-
jecto do livro, & a mãõ do escritor, offerecida
com a pena, & com a vida ao mayor serviço
de tal Rey, de quem sou, & me professo o mi-
nimo, & o mayor servo; o minimo, no mereci-
mento de o fer; o mayor, no desejo de servir.
Guarde Deos á Real pessoa de vossa Magesta-
de, pera senhorear o mundo, & pera reynar no
cêo.

De Vossa Magestade

Humilde servo,

Balthazar Tellez.

LICEN-

*LICENÇA DO PADRE PROVINCIAL DA
Companhia de IESU, na provincia de Portugal.*

ANtonio de Sousa da Companhia de IESV, Provincial em Portugal, por particular commissam, que pera isso tenho do muito Reverendo Padre Mucio Vitelleschi, nosso Preposito geral, dou licença pera se imprimir a Chronica da Companhia de IESV desta provincia de Portugal, composta pelo Padre Balthezar Tellez da mesma Companhia; depois de vista, examinada, & approvada por pessoas doudas, & graves da nossa Companhia. Em testemunho do qual deey esta por mim assinada, & selada com o selo do meu officio. Lisboa a 10.de Agosto de 1642.

Antonio de Sousa.

*VIUZO, E APPROUACAM, QUE DEO SOBRE
esta Chronica o Padre Mestre André Gomes da Companhia de IESV,
Lente que foy de Philosophia, & Theologia; & prégador
muy celebrado neste Reyno.*

POr mandado do Padre Provincial Antonio Mascarenhas, li, com grande gosto, o liuro da Chronica da Companhia de IESV desta provincia de Portugal, ordenada pelo Padre Balthezar Tellez da mesma Companhia: pareceme ser obra de grande edificacão, & consolação pera toda a Companhia, em que se referem cousas mais admiraveis, que imitaveis, & de grande confusão pera alguns dos que vivemos, & vemos quam longe estamos daquelle primeiro, & fervoroso espirito, em que nossa sancta Companhia se fundou: O estylo da obra he grave, & pouco affectado, como deve ser o da historia. Tudo o que nella se refere he muy conforme às tradiçoens, que hã nesta provincia, a qual ao Autor está em obrigação, pela boa diligencia, & certeza, com que as inquirio, & pelos graves termos, com que as refere. Pelo que me parece muy digna de se estampar, pera edificacão, & proveito espiritual de todos, & principalmente dos filhos da Companhia. Lisboa 9. de Outubro de 1644.

André Gomes.

UIZO, E APPROVAC, A M, QUE DEO SOBRE
esta Chronica o P. M. Paulo Gomes da Companhia de IESV,
Lente jubilado em Theologia.

LI cõ applicaçam devida (& deve-se toda) esta primeira parte da Chronica da Companhia de IESV, no tocãte á Provincia de Portugal, composta pelo Padre Balthazar Tellez da mesma Companhia, & Provincia; & entendo que a este livro quadram bem as palavras, que de Christo, grande Deos, disse o autor da obra de *Vera circumcissione*. (que anda entre as de S. Hieronymo) aonde, querendo averiguar a causa do filho de Deos, mandar aos seus, que nam dissessem ser elle Christo; havendo tantas rezoens pera elles o publicarem, diz: *Non vult se inventum, quam proditum*. Assim que o mesmo livro dou por abonada testemunha do muito que deve ser estimado, lido, & mais lido. E achar-se-hã tam longe de ter cousa contra nossa sancta fee, & bons costumes, que nelle se acharã grandes confirmaçoens da mesma fee, & illustrissimas finezas dos costumes mais subidos. Do autor sômente digo, que no especulativo tem affã mostrado, que comprehende as sciencias; nestra obra mostra, que exercita a pratica do realçado das virtudes, & mais das mais aventajadas; & assim entendo ser esta obra dignissima de toda a licença, pera sahir a luz, & a dar à historia. Sam Roque 12. de Outubro de 1644.

Paulo Gomes.

APPROVAC, OENS; E LICENC, AS
do Sancto Officio.

O Padre doutor frey Antonio Bottado, Qualificador do Sancto Officio, veja o livro, de que se faz mençã, & informe com seu parecer. Lisboa 27. de Setembro de 1644.

Pero da Sylva.

Francisco Cardoso do Torneo.

Pantaleão Rodrigues Pacheco.

PARECER, E APPROVAC, A M DO MUITO
Reuerendo P. M. Fr. Antonio Bottado da sagrada Ordem de S. Agostinho,
Doutor, & Lente de Theologia, Qualificador do S. Officio, &c.

VI esta Chronica da Companhia de IESV de Portugal, digna empresa do Padre Mestre Balthazar Tellez, que com seu singular engenho, em planta tam breve, nos mostra

bem

bem as traças, & alicesses deste grande edificio espirital, com tal arte, que nada fica por ver, & muito que imitar nos exemplares sanctos desta sagrada Religião, & no Autor a modestia, & bom estylo com que escreve, tem offensa de particulares, edificando a todos; pera o que deve sahir a luz este primeiro tomo. Lisboa no convento de Nossa Senhora da Graça, em 20. de Outubro de 1644.

O P. M. Fr. Antonio Bottado.

PARECER, E APPROVAL, A M DO MUITO
Reverendo P. M. Fr. Adrião Pedro, da sagrada Ordem da sanctissima Trindade,
Doutor, & Mestre em Theologia, Qualificador do S. Officio, &c.

O Muito Reverendo P. M. Balthazar Tellez he o Autor desta Chronica, da insigne Religião da Companhia de IESV. da Provincia de Portugal (que por mādado do Conselho geral do S. Officio vi) nella nam achey cousa algũa contra nossa S. Fê, ou bons costumes; antes os rãtos exemplos de virtude & mortificaçam, que nella se referem, podem servir de grande utilidade a todos os que a lerem; porque, como disse o grande Doutor San Basilio: *Illorum enim qui in fide claruerunt historia, velut lucem quandam Dei cultoribus ad virtutis iter ostendit*: grangeando o Autor o devido respeito a sua illustre Religião, com a relaçam de progenitores tam insignes.

Scilicet est olim vis rerum in semine certa,

Et referunt animos singula quaque Patrum.

Lisboa no Convento da Sanctissima Trindade, em 10. de Novembro de 1644.

O Doutor Fr. Adrião Pedro.

Vistas as informaçoens, pode-se imprimir o primeiro tomo da Chronica da Companhia de IESV. desta Provincia de Portugal, Autor o Padre Balthazar Tellez; & depois de impresso tornará ao Conselho pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella nam correrã. Lisboa 2. de Dezembro de 1644.

Fr. Joam de Vasconcellos.

Francisco Cardoso de Torneo.

Diogo de Sousa.

Pedro da Sylva.

Pantaleão Rodrigues

Pacheco.

Licença

Licença do Ordinario.

Pode se imprimir. Lisboa 6. de Dezembro de 644.

O Bispo de Targa.

Licença Real da Mesa do Paço.

Que se possa imprimir este livro, visto as licenças do S. Ofício, & Ordinario, & depois de impresso torne para se rai-xar, & sem isso nam correrá. Lisboa 9. de Dezembro de 645.

Ribeiro.

Coelho.

Esta primeira parte da Chronica da Cõpanhia de Iesu da provincia de Portugal, está conforme cõ o original. Lisboa no Cõvento da Sanctissima Trindade de Lisboa, a 12. de Setebro de 1645.

O Doutor Fr. Adriaõ Pedro.

Visto estar conforme cõ o original, pòde correr este livro. Lisboa 19. de Setebro de 1645.

Francisco Cardoso de Torneo.

Pedro da Sylva.

Pantaleão Rodrigues Pacheco.

Diogo de Sousa,

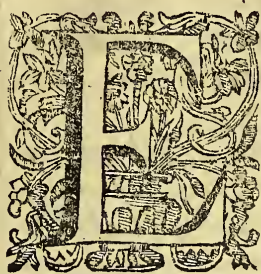
Taixão este livro intitulado, Primeira parte da Chronica da Companhia de Iesu, em oitocentos reis. Lisboa 27. de Setembro de 645.

Pinheiro.

Meneses.

Cazado.

PROLOGO, E ADVERTENCIAS NECESSARIAS AO LEITOR.



Stà hoje tam augmentada em Portugal a Religião da Companhia de IESU; multiplicouse tanto, nestes cento & quatro annos, este pequeno gram de mostarda, que veyo a fazerse hum grande arvore, à qual bem quadram os louvores, que o Propheta, Daniel dava a outra, de que fala no cap. 4. cuja altura, diz, que chegava ao cêo, cuja vista abrangia aos ultimos fins da terra, as folhas fermosissimas, o fructo copioso, & muy saudavel

^a
Dan. 4. n. 8.
Magna arbor,
& ferus, &c.

Proceritas eius contingens cælum, aspectus illius erat usque ad terminos universæ terræ, folia eius pulcherrima, fructus eius nimius &c. Estêdeo esta grãde, & fermosa arvore seus grãdes, e fermosos ramos, nam sò pelos prados de Portugal; mas tãbem pelos espaçosos campos do mundo todo; porque de Portugal sahiram as provincias da Asia no Oriente, os Collegios, & residencias pela Africa; a provincia do Brasil no mundo novo; & até Hespanha deve este reconhecimento á nossa provincia de Portugal, como veremos nesta Chronica.

Deo tambem esta nobre arvore fructos de bençã, & muy bem assefoados, nos muitos Religiosos de rara virtude, & admiravel vida, que nella se criaram. Porém toda esta grandeza, & toda esta fermosura estava como escandida debaixo da terra, sem se verem seus ramos, sem brilharem suas flores, sem se lograrem seus fructos; porque, por lhe saltar a luz do prelo, estavam as cousas desta provincia como nas trevas do esquecimento; & ficavam estas vidas como sepultadas, & sem vida, por nam terem a alma da impressã. Tinhase este ceydado entregue a muitos Padres, dos quaes, com grande fundamento, se podia esperar o bom logro do que tanto se desejava; porém ategora se nam tinha chegado ao termo de vermos compostos, & estampados tam gloriosos trabalhos, como foram os desta provincia.

Oieram finalmente os superiores a me entregar esta occupaçã, quando eu menos o cuydava, por andar com pensamentos de Theologias, & nam com divertimentos de historias: aceitei porém o que me mandavam, porque nam podia resistir, a quem devia obedecer; & por me nam succeder como aos outros, ouz logo as mãos à obra, revolvi os papeis, que disto havia, & achei que o que nesta materia mais se tinha cançado, foy o Padre Alvaro Lobo de nossa Companhia, natural de Villa Real, homem douto, & muito erudito, de muita verda-

Primeira ad-
vertencia.

de.

b
Plin in sua prae-
fatione ad Vesp-
pas.
Est enim be-
nignū, & plenū
ingenii pudori-
s, fateri per
quos profice-
ris, &c.

c
In Virg. vita.
Hos ego verifi-
culos feci tui
alter honores.

Segunda ad-
vertencia.

Terceira ad-
vertencia.

de, & sinceridade; o qual, além de hum doutissimo tratado da entrada das Religioens em Portugal, que deixou acabado, posto que sem o imprimir; tambem deixou começadas; & muy bem diligenciadas grandes noticias das cousas pertencentes a esta provincia: & porque he de honrados (como diz Plinio^b a seu Emperador Vespasiano) confessar aquelles de quem nos aproueitamos: & porque (u nam pretendo ser do numero dos que (como o outro^c se queixava) querem grangear honra propria, com vender versos alheios; confesso, com toda a candura, que me foram de grande ajuda os papeis, & noticias, que achei do Padre Alvaro Lobo, & esta seja a primeira advertencia.

Advirto tambem, que assim trato as cousas pertencentes a esta Chronica, que mais pretendo seguir as pessoas de que fallo, que atarme aos annos, que vam correndo; porque a historia feita por annaes, ainda que serve muito pera a boa clareza dos tempos, & melhor conhecimento dos annos; com tudo tem outros grandes inconvenientes, porque á conta de seguirdes a ordem dos annos, nam vindes a dar o devido conhecimento das pessoas; pois tal vez era necessario levardes ao cabo a vida de hum varão illustre, que ficaria totalmente interrompida; se o autor se houvesse de obrigar a hir seguindo o curso dos tempos, contando os successos pelos annos. Com tudo em quanto for possível seguirey a ordem dos annos, ao menos pera começar os principaes successos; & pera isto, no principio da pagina, em que começo a tratar estas cousas, ponho o anno de Christo, que entam corria, & o anno da Companhia, que já era.

Reparto esta obra em partes, as primeiras duas (q eu agora tomo à minha cota) comprehendem o tempo que viveo governado a Companhia S. Ignacio nosso fundador, q foram quasi de seis annos; & trato nam somente dos successos principaes, das fundações, & progressos de Collegios, & casas, que entam houve em Portugal; mas juntamente fallo de todos aquelles varoens illustres, que nestes annos entraram nesta provincia, contando-lhes as vidas, de tal sorte, que ainda que na ordem dos annos nam passo do tempo de S. Ignacio, com tudo, por respeito das pessoas, vou muito adiante; & dou plenaria noticia das vidas de semelhantes sujeitos. Porém de tal maneira trato estas vidas, dos que entraram, & ficaram nesta provincia, que tambem conto, ainda que por mayor, os successos dos nossos Religiosos, que sahiram deste Reyno, pera suas conquistas, porque tambem sam ramos, & foram garfos pertencentes a esta grande arvore, pois sam filhos desta provincia, que aqui criamos; & daqui embarcamos pera a India, pera o Brasil, & mais conquistas. Mas com tal modo fallo assim de hums como de outros, que toco muy brevemente as cousas daquelles cujas vidas sam já por outros impressas, & sabidas; como he a vida de nosso sancto Padre Ignacio, de S. Francisco de Xavier, do Padre Mestre Gaspar Barzeo, & de outros semelhantes: detendome mais naquelles de quem se tem menos noticia; porque desta maneira nem enfado aos que já sabem algumas cousas destas, & fico satisfa-

zendo

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

zendo aos que desejam saber outras.

Agora nesta primeira parte, dou conta dos principios da Companhia neste Reyno, & de seus progressos, no tempo em que nella governou o P. M. Simão Rodrigues de Azevedo, que foy o seu primeiro fundador, & será o principal foyeito desta primeira parte; contandolhe sua sancta vida, & ditosa morte. Na segunda tratarei do mais tempo, até a morte bemaventurada de nosso Sancto Patriarcha Ignacio, contando em ambas as partes, especialmente na segunda, muitas cousas pertencentes a elRey Dom Ioão o III. que foy o primeiro pay, & principal protector da Companhia; fazendo tambem a mesma lembrança do serenissimo Rey Dom Henrique seu irmão, assim no sangue, que teve, como no amor, que nos mostrou.

Uzo ordinariamente de estylo menos affectado, sem lisonjas, fora de gálas, & sem os enfeites, & liberdades com que alguns pretendem nestes tempos innovar palavras, & vestir á culta, porque até nisto quero n'ostiar qu' sigo o estylo da verdade, á qual os antigos pintavam sem trajos, & despojada de roupas lustrosas; & por isso quanto menos enfeitada, tanto mais bem e graca da: porque, como affirma sancto Ambrosio, mais força tem a verdade simples, que a mentira eloquente, Maior ambitioso eloquentiæ mendacio, simplex veritatis fides. Trago porém as vezes algumas provas, & alluzoens a alguns lugares da sagrada Escripura, & confirmo talvez o que digo cõ a autoridade dos sanctos Padres; porque como escrevo historia Ecclesiastica, que contem vidas, & exemplos de varoens sanctos, & de homens religiosos, nam fica isto sendo contra o costume de bons autores, & contra as leys de quem escreve Chronica. Com tudo, por nam molestar os leitores, raras vezes ponho estas autoridades em latim no conteiſto da historia, remetendoas à margem, com toda a certeza possivel dos lugares citados; obrigandome a este voluntario trabalho, assim pera proveito de alguns curiosos, como tambem pera mostrar a certeza das cousas, que allego, pois todas vi nos proprios autores, sem me fiar de diligencias alheyas.

Tambem advirto, que como escrevo historia de muitos Padres, que foram de procedimentos muito exemplares, & de outros, que deram a vida pela fé Catholica; & herde contar muitos casos q' pareceram milagrosos, & propheticos; & porque me consta do Breve do senhor Papa Urbano VIII. publicado em 13. de Março, anno de 1625. em que prohibe, que nam chamemos sanctos, nem martyres aos que a Igreja nam canonizou; & nos manda, que nam autorizemos por propheticos, & milagrosos os casos que nam forem por taes autenticados pelo Ordinario; por isso advirto que sempre pretendi guardar este Breve, & que em tudo me remeto ao parecer da Igreja, porque só tratei de contar os casos como succederam, & nam de julgar a censura, que mereceram: por onde se alguma vez nesta Chronica parecer a alguem que excedi as ordens desta pro-

hibiçam,

Quarta advertencia.

Quinta advertencia. sobre o estylo desta Chronica. Horat. lib. 1. O l. 24. Incorrupta fides, nudaque veritas. Ambrosio de Patriarcha Abraham. lib. 1. c. 2.

Sexta advertencia.

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

hbiçam, aqui declaro, & protesto que mais seria effeito de descuido, que contumacia da intençam, porque esta sempre foy querer acertar, & conformar me em tudo com o parecer, & juizo da sancta Igreja Catholica, & Romana, que he a primeira, & summa regra de toda a verdade.

VLTIMA ADVERTENCIA,
acerca do que se diz de nosso sancto Pa-
dre Ignacio, na historia Benedi-
ctina Lusitana.

A Dvirto mais que o meu intento, nesta obra, nunca foy (como constará a quem a ler) impugnar opinioens alheyas, reprovár, ou tocar nos auctores d'ellas, porque nem escrevo satyras, nem componho controversias; Vou sempre seguindo caminho direito, sem fazer caso, nem dos q' lãdrma, nê dos que erram; seguindo á risca o conselho de S. Bernardo, Prætermisiss scandalis, quæ iuxta iter vobis à dextris, & à sinistris posita sunt, ad interiora vestra vos extendite.

E pera que de todo ponto cessem as contendas no contexto, & progresso desta Chronica, nam posso deixar de advertir aqui o que julgamos do que se diz na historia Benedictina Lusitana, acerca de nosso sancto Patriarcha Ignacio: porque se por humia parte agradecemos muito ao muy Reverendo P. M. Fr. Leão de S. Thomas, autor desta Chronica, o grande affecto, notavel benevolencia, & devaçam, que mostra a S. Ignacio, & sua Companhia; & confessamos, com elle, o muito que devemos ao sanctissimo Patriarcha S. Bento, de quem S. Ignacio foy muy devoto, & de cujas sanctissimas regras, como das de outros sanctos fundadores de Religioens, muito se aproveitou, pera o edificio das cõstituiçoens da Companhia: por outra parte nam podemos deixar de sentir muito o que nesta Chronica se refere (nam em nome do dito author, mas por authoridade alheya) a saber, que S. Ignacio tomou o habito de converso de S. Bento em Conserrate, & que prendendo em Florença, por cuydarem que era espia, se livrou mostrando que era irmam leigo de S. Bento.

Bem vejo que he muy natural aos historiadores, como diz Tito Livio, quere-rem trazer em seus livros alguma cousa de novo, pera, com a graça da novidade, illustrar a rudeza da antiguidade; & assim podia ter alguma escusa quem julgou que com estes casos de S. Ignacio, que lhe pareceram novos, ficava satisfazendo o gosto dos leitores: principalmente que estas cousas nam sam inventadas pelo Doutor Frey Leão; senam fielmente tiradas do autor, que aly se allega, que he o Padre D. Frey Constantino Caietano monge Cassinense, & Abbade, em

cusa

D. Bern. de vita
solitaria adfratres
de monte
Dei.

In hist. Bened.
tr. 2. p. 2. c. 23.
6. 2. fol. 388.

Tit. Liv. dec. 1.
Liv. 1. initio.
Dum novi sem-
per aliquid
scriptores, aut
in rebuscitis
allatos re. aut
scipen in arte,
aut veritate
superaturos cre-
dunt &c.
Comita. Caiet.
de religioſa S.
ignatij Institu-
tio. pag. 121

Prólogo, & advertencias necesarias ao Leitor.

cuja authoridade se funda, & se levanta toda esta fabrica, como diz o muy Reverendo P. M. Fr. Leam por estas palavras, que se lem às folhas 338.col. 2. Quem duvidar desta verdade, veja o dito Abbade Cōstantino, no lugar citado. E mais expressamente fol. 390. col. 2. Tudo o que temos referido, tomamos do nosso celebre Abbade D. Constantino.)

Daqui se segue que se nós mostrarmos, que he apocrypha, nestes casos, a autoridade deste muy celebre Abbade D. Constantino, que tambem he apocrypho tudo, o que elle diz neste particular: porque assim como he necessario vir, ao cham a casa a quem se derrubou o alicesse; assim por consequencia infallivel se segue, que hã de arrumar o edificio da historia fundada em autor de nenhũa authoridade. Pois pera que se veja quã pouco credito se deve dar a estas proposições, que traz o dito D. Constantino, traxey aqui o decreto, que sobre estes pontos, cõ grãdes empenhos, fizeram os muito Reverendos Padres de Monte Cassino, cabeça da sagrada Orde de S. Bencõ, juntas nesta proxima congregaçã geral passada, os quaes c. n. eccedo muy bẽ ao dito Constantino Cayetano, pois foy monje seu, & advertindo no justo sentimento, que toda a Companhia devia ter da liberdade, cõ que o dito Constantino falava em materias de tão porte do fundador de hũa Religiã tam sancta (da qual aquelles muy veneraveis Padres, com grãde gosto, & honra nossa, professã grãde irmandade, & singular amisade) sahiram com o decreto seguinte, que aqui treslado, de verbo ad verbum: pera que por huma vez se desfaça todo este nego-eiro, & fique prevalecendo a verdade. Diz o decreto da Congregaçã geral Cassinense desta maneira.

Cum nobis relatum fuerit libellum quendam, sub nomine D. Cōstantini Caietani monachi Cassinēsis, & Abbatis, fuisse impressũ Societatis IESV existimationi insigniter praeiudiciã, dolumus sanē, prout par erat vehemēter, hominis levitatē, & audaciam (si quidem talis scriptionis est author, quod difficillimē nobis persuaderi potest) summopere admirati; ac ut Religiosissimis Patribus, qui tãti a nobis fiunt, quanti ipsorũ egregiã virtutē, ac doctrinã fieri æquũ est, per nos ipsos satisfiat, ut cæteris omnibus cõstet, inconsultis nobis, & prorsus inscijs, eiusmodi librũ in lucem prodijisse, per occasionē nostrorũ cõmitiorũ in unum cõgregati, isthuc ipsum publico edicto evulgare, ac contestari statuimus. Addentes insuper prae-dictũ P. D. Constantinũ (quod extra congregationē nostrã multis ab-hinc annis Pontificiã authoritate degat) potestati nostræ nō magis, quàm alium quẽlibet alterius, relligiosi iustituti professorē, subditũ esse: quare si quid ab ipso in hoc genere huc usque peccatum est, vel peccari in posterum (quod Deus avertat) contigerit; tum ipsos Societatis IESV alumnos, tũ alios quoscũq; omnes enixè rogatos volumus, ut certò sibi persuadeant, id cõmuni totius congregatio-

Hist. Bened.
Lust. suprã.
fol. 338.col. 2.
& fo. 350.col. 2

Decreto da
Congregaçã
Cassinense,
contra o au-
tor Constanti-
no Cayetano.

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

nis Cassinensis sensui, & in Societatem IESV peculiari observantia omnino adversari, & repugnare.

Até aqui o decreto da Congregação geral em Monte Cassino, que crestando do fielmente em Portuguez, diz assim.

Como viesse a nossa noticia, que fora impresso hum livro, com nome de D. Constantino Caietano, monge Cassinense, & Abbade. muito prejudicial á boa opiniã da Companhia de IESV. Temos grande sentimento, como era rezã, espantandonos muito da liviandade, & atrevimento daquelle homem (se por ventura elle he o autor de tal obra, ao que difficulosissimamente nos poderemos persuadir) & pera que por nós mesmos demos a satisfacção a estes religiosissimos Padres, que tam estimados sã de nós, quanto pède sua excellente virtude, & doutrina; pera que conste a todos, que este livro sahio a luz, sem sermos consultados, & sem totalmente o sabermos: agora, por estarmos todos congregados, por occasiã do nosso Capitulo geral, determinamos de declarar, & contestar este mesmo nosso sentimento, com hum publico decreto. Acrescentando mais que o dito P. D. Constantino, por haver muitos annos que vive fóra de nossa Congregação, com authoridade Pontifical, nam he mais sogeito ao nosso poder, do que qualquer outro professor de outro qualquer instituto de religiã; por onde se elle nesta materia atégora tem errado, ou succeder errar ao diante (o que Deos nam permita) pedimos muy instantemente, assim a todos os Religiosos da Companhia de IESV, como a quaesquer outros, que tenham por certo, & se persuadam, que isto totalmente repugna, & he contra o commum sentido de toda a Congregação Cassinense, & contra o particular respeito, que temos á Companhia de IESV. *Este he o decreto acima referido.*

Vejam agora os juizes da verdade, se se há de dar algum credito, em materia de tanta importancia, a hum autor julgado pelos mesmos de sua Ordem, jureos em Congregação geral, por homem leve, & arrevido. E assim tenho por coisa certissima, que se o muy reverendo P. M. Fr. Leão tivesse noticia da liviandade deste autor, nam deixaria stampar tal opiniã, pelo que lhe merece toda esta Provincia da Companhia em Portugal.

Antes espero, do amor que nos tem este Reverendo Padre, que como lhe constar assim de nosso justo sentimento, como da verdade deste decreto, nos dará a satisfacção, q neste particular delle espera a Companhia, como já fez a Congregação geral em Monte Cassino; porque nam he mayor a irmandade, & amizade, que os muy reverendos Padres Cassinenses tem com a Companhia, em Italia, do que a que tem com a Companhia, em Portugal, os muy reverendos Padres desta sagrada

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

Ordem (aos quaes tambem singularmente estimamos, & amamos) que sem duvida devem querer, procurarmos esta satisfacão, pera como membros muy bem unidos se parecerem com sua cabeça de Monte Casino. Mas porque poderá alguem dizer que pôde o autor ser apocrypho, & trazer alguma historia verdadeira (como se diz de Abdias Babilonico) mostrarey brevissimamente que (alé do autor Constantino ser apocrypho) o que neste particular diz, he falso.

E decendo ao particular desta contenda, como o hey com hum homem julgado por leve, disputarey com elle a de leve, deixando o pezo de mayores, & mais largas rezões, pera outro tempo, se assim for necessario a esta Provincia. E quanto ao habito, que S. Ignacio aly vestio, sey hum sacco de burel, como dizem todos os autores de sua vida, que aqui allego à margem, os quaes escreveram isto muito antes, que o dito Constantino, quando os nam podia mover alguma paixam; pois nam podiam aduinar, que se poderia escrever tal falsidade: & ainda hoje temos entre nós grandes reliquias deste sacco, que com sua vesta testificam ser de burel pardo: trazia mais o Santo hum corda de esparto com que se cingia, andava com hum pé descalço, porque no outro, por causa da ferida, trazia hum alparca de esparto: & nam haverá homem de bom juizo que diga, que o habito de monge de S. Bento he hum sacco de burel, hum corda de esparto, pés descalços, cabeça descoberta. Mayor fundamento teriam os muy reverendos Padres da nossa Arrabida em Portugal, pera por embargos ao dito Constantino Caietano, dizendo que a elles pertencia S. Ignacio, pois lhe vestio seu habito, que tambem he hum sacco de burel pardo, hum corda de esparto, com as de mais alfayas da pobreza de S. Ignacio.

Acrescentase que aquelle pobre sacco nam lho deram a S. Ignacio em Monserrate, senam que já o levava comprado, quando entrou naquelle sagrado templo da Senhora, assim o testifica o Padre Caffeo lib. 1. c. 3. fine. Viatorium ibi (em hum lugar junto a Monserrate) coëmit ornatum, talarem e sacco tunicam, funemque &c. O mesmo diz o Padre Orlandino lib. 1. n. 18. Quem prope Montem serratum nuper ex itinere comparavit. E o habito sagrado de S. Bento nam deve de ser o que se compra em hum tenda, mas o que se dá no mosteiro.

E apertando mais com este ponto, consta nos dos autores acima referidos, & em especial do P. Pedro da Ribadaneira (o qual, nas cousas que conta de nosso sancto Patriarcha, he de summa authoridade, assim porque vio muitas, & ouvio outras de S. Ignacio, ou dos que com elle trataram; como tambem porque preguntado legitimamente pelo Summo Pontifice, testificou com juramento, que nenhuma cousa, que escrevera na vida de S. Ignacio, lhe parecia ser falsa) consta nos, digo, que S. Ignacio nam esteve em Monserrate vestido com este habito de penitente, mais que huma brevissima noite; porque os dias em que se confessou com o religiosissimo P. Fr. Ioam de Chanones, esteve ainda com suas mesmas

Vide historiam
Bened. Lufir.
fol. 508. col. 2.

Perr. de Riba
in vita S. Ignat.
lib. 1. c. 4.
Ioan. Pet. Maff.
in vita S. Ignat.
lib. 1. c. 4.
Andr. Lucan.
in vita S. Ignat.
lib. 1. c. 6.
Orland. histor.
Societ. Iesu.
lib. 1. n. 18.
Ioann. Euseb.
in vita S. Ignat.
Itē Vilhegas, &
alii cōmuniter:

Ioannes Maff.
lib. 1. vitz S.
Ign. c. 3. fine.

Orl. histo. gen.
lib. 1. n. 18.

Petr. Ribad.
lib. 1. c. 4.

Vide Ioannem
Rho. interrog.
10. contra Ca-
stal. n. 52.

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

Maff. lib. 1. c. 4.
propé initium.

Pet. de Ribad.
supra.
Maff. lib. 1. c. 5.
initio.
Ori. l. 1. n. 18.

Maff. cap. 5.
initio.
Ori. hist. Soc.
Iesu. l. 1. n. 18.

Vide Plautum
in Amphitruo.

Vide Orland. in
hist. Societ.
lib. 1. n. 19.

Manresam ver-
sus discessit,
oppidū à Mon-
teserrato tribus
disistū leucis,
Ribed. Maff. &
alij supra.

Vide Ant. Luc.
in vita S. Igna.
lib. 1. c. 6.

galas, & vestidos ricos, os quaes em 24. de Março de 1522. já de noite deo a hum pobre; & naquella mesma hora se vestio do seu sacco, & como se fosse sem armas de cavalleiro. novel, as velou naquella noite diante do altar da Senhora; & porque nam fosse conhecido, se sahio logo ao outro dia em 25. de Março (antes de amanhecer) da Igreja de Monserrate, & se foy caminho de Manreza; assim testificam (alem do Padre Ribadaneira) o Padre Maffeo, & o Padre Orlandino, citados á margem; de sorte que he cousa sem duvida, que o Sancto nam esteve vestido daquelle sacco dentro de Monserrate, mais que algumas horas daquella noite, pois de noite deo os seus vestidos, & de noite se vestio do seu sacco, & de noite se sahio: Noctis silentio, diz Maffeo, pretiosa vestimenta, quibus erat ornatus, quam occultissimè potuit pannoso cuidam largitus, confestim optato illo sacco se se alacer induit; & logo antemhenã, Nondum certâ luce, relicto monachis iumento, è Monserrato discessit; & o Padre Orlandino diz q̃ tudo isto se fez. Densis tenebris. &c. Com tudo o autor Constantino teve traça pera desta noite fazer dous meses, porque tantos diz o Padre mestre frey Leonard (fiado em sua authoridade, fol. 389. col. 2.) que se deteve o Sancto em Monserrate, vestido no habito de Sam Bento. De Iupiter. contavam os Poetas antigos, entre suas licenciosas fabulas; & atrevidas eloquencias, que estendeo tanto o tempo de huma noite, que sendo huma, se multiplicou em tres: mayor prodigio he este do muy celebre autor D. Constantino, em multiplicar tanto huma breve noite, que se estendesse a dous compridos meses. Prodigios sem estes de que sabe muy bem a especie de multiplicar, pera de hum mosquito fazer hum pygmate armado.

Logo aos 25. de Março, no mesmo dia, em que o Sancto sahio de Monserrate, chegou a Manreza, aonde esteve quasi por espaço de hum anno, eu vivendo só em huma lapa, ou no hospital da dita povoação, tudo tres legoas em distancia de Monserrate: assim o testificam todos os autores allegados; alem de serem disto testemunhas de Jista, os vizinhos de Manreza, que o contraram ao Padre Pedro de Ribadaneira, & o testemunham em seus papeis autenticos, que eu vi. Pois pergunto agora, se o Sancto Patriarcha era monge de S. Bento, como esteve aquelle primeiro anno, morando tres legoas fóra do mosteiro, ou em huma lapa só, ou em hum hospital, entre os pobres? Em quanto nos nam constar, que o dito D. Constantino lhe deo esta licença, nós a temos, pera muy constantemente dizer, que nenhum fundamento tem esta sua liberdade.

Mais rezam temos nós pera dar credito ao muy Reverendo Padre Frey Lourenço Neto, Abade de Monserrate, o qual fez levantar huma pedra de marmore branco em Monserrate, no anno de 1603. com a letra seguinte: B. Ignatius à Loyola hic multâ prece, fletūque, Deo se Virginiq; devovit. Hic tamquam armis spiritualibus, sacco se muniens per-

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

noctavit. Hinc ad Societatem I E S V fundandam prodijt. Anno Domini 1522. E nam he de crer, que, se o Sancto vestisse o habuo de Sam Bento, & tivesse sido monge d'aquelle mosteiro, o nam apontasse aqui hum Abba-de da mesma casa, que devia entam de saber melhor estas historias, do que depois as fingio o P. D. Fr. Constantino, que foy Abba de S. Baronto; & esta pedra, com padram de immortal memoria: ainda que he muda, com tudo cõ o seneste minho bráda melhor, & he menos fesseitosa.

9.

A segunda novella, que conta o Abba de Constantino, ou que diz no cap. 9. do seu livro, que lhe contou hum Abba de, chamado Caffarello, refere d'elle por esta palavras o P. M. Fr. Leão na sua Chronica, ds folhas 388. Caminhando (S. Ignacio) por Italia, chegando a Florença, no anno de Christo 1523. como entam havia guerras, prenderamno, sospeitando, que era espia; querendolhe dar tratos, nam teve outro remedio, sena confessar que era Irmão leigo, de N. S. de Monserrate do mostei de S. Bento, &c. Notavel he a confiança d'este homem, que quer que dem credito ao que elle diz que oviu, sendo tudo mera ficçam. Porque primeiramente se achará em autor algum da vida de S. Ignacio, que diga que elle neste anno de 1523. entrasse em Florença: porque a primeira jornada, que fez no princip do dito anno, foy de Manreza a Barcelona, & daqui por mar a Cayeta, & de Cayeta a Roma. De Roma partio logo o Sancto a Veneza; & sendo assim que o P. Pedro de Ribadaneira, o P. Masséo, & o P. Orlandino, descrevem este cami-nho, nenhum diz que chegasse a Florença: & como he de crer que isto escapasse aos autores de sua vida, & que so o alcançasse o Abba de Caffarello? Principalmente que havendo de Roma a Veneza como cem legoas, & sendo o Sancto com tanta pressa, pelos desejos que tinha de alcançar embarcaçam pera Ierusalem, como he verisimil, que houvesse de deixar o caminho real, direito, fácil, & muito cham, que he pela Romanha; & que houvesse de atravessar 30. milhas Italianas, que tantas se ham de roiear pera passar por Florença, donde entam se devia fugir, por causa das guerras, que havia, como diz o P. fr. Leão. Além de que o Sancto hia a pé, & descalço. & o caminho de Roma até Florença, he muito aspe-ro, & montuoso; & de Florença a Veneza cem dous dias de caminho até Bolo-nha, em que se atravessam as altas montanhas, & asperas cerrarias do Appeni-no, que nã gostaria de tomar a pé, & descalço o P. Caffarello autor desta novella.

Depois disto quizera saber, q guerras havia na Toscana, no anno de 1523. pelas quaes era necessario aos Florentinos trazer no campo centinellas, & pren-der a hum pobre peregrino por espia? Porque nam mostraram autor algum que diga, que já entam estava rotã a paz. & ardiã as guerras na Toscana, porque estas comecaram depois do sacco de Roma, que foy no anno de 1527. por occa-

Const. Carer i
suo libel. de h.
ligiola S. 1.
instituit. cap. 1.
fol. 120.
Histor. Ibi ed
fol. 388.

Neste cami-
nho não en-
rou o Sancto
em Florença.

Ribad. in vita
S. Ignat. lib. 1.
c. 10.
Per. Mass in vi-
ra S. Ign. lib. 1.
c. 11.
Orland. in hist.
gener. lib. 1.
n. 23.
Anst. Luc.
& alij plures.

In hist. Bened.
fol. 388.

Notavel erre
em materia
de tempos.

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

Paul. Iov. hist.
sui tēpōis. p. 2
lib. 25. Sand.
in Carol. lib. 19
§. 7. an. 1527.

Ilhesco. in vita
Clem. VII. an.
no 1527.

Viig. 11. Vltor.
que Caphareus.

Horat. de Arte
poet. Curnes-
cire pudēs pra-
vū, quam dīce-
re malo.

Petr. de Ribad.
cit. lib. 1. c. 12.
P. Maff. lib. 1.
c. 15.
Villeg. trad.
de S. Ignar.

Paul. Iov. in vi-
ta Marquioni.
Ilicarij. ultim.
lib. 8.
in hist. sui tēpō-
is anno 1523.
§. 1524.
Ilhesco. in hist.
Pontificum 2.
in vita Adrian.
VI. & Clement.
VII.

Fr. Prudent. de
Sand. in Carol.
1. p. 15. lib. 1. §.
2. art. 23.

Vide Ilhesco. in
vita Clem. VII.
anno 1527.

Cicero Philip.
2. in Marc. Ant.

Cesar Baron.
tom 1. anno
Christi 70. §. 3.

fião, que estando como preso o Papa Clemente VII. que era da casa dos Mediceos, os Florentinos tomaram as armas, & lançaram fora os Medices; como se pode ver em Paulo Iovio na 2. parte da historia do seu tempo; em Sandoval na Carolina anno 1527. E logo sobre haverem de tornar a admitir os Medices, se ateou mais a guerra, em a qual morreo, tendo cercada a Florença, o Principe de Orange, Visorey de Napoles, como refere Ilhesco na vida do Papa Clemente VII. Pois se no anno 1523. não havia guerras em Florença; como prenderem aly o Sãcto por causa da guerra? se não havia vigias de inimigos na câpanha; como o apanharam; sospeitando, que era espia? Donde se segue que se não he que o mesmo Constantino, ou seu amigo Caffarello, foy o espião, q̃ descobrio o Sãcto, & o deo à prisão, fica isto sendo novella famosa, composta pela pena de Constantino, não menos leve pera voar, que atrevida pera fingir; que se lhe a elle dessem os tratos, que fingio quererem dar em S. Ignacio, elle confessaria esta verdade; posto, que poderia deitar a culpa ao pharo, que seguiu no seu Caffarello, que foy tal como o que fez perder os Gregos no monte, que também se dizia Caphareo.

Agora apontarey aqui ao Abbade Barontino D. Constantino Cayerano (se he que desija saber a verdade deste caso; ou quando não goste de a ouvir, eu lha quero ensinar, ainda que lhe custe, porque, como disse o outro sábio gentio, melhor he aprender, que errar) apontarey, digo, o tempo, & lugar das prisões de Sãcto Ignacio, quando o tiveram por espia; que foy em Lombardia, indo de Ferrãra pera Genova; sendo por huma vez preso dos Hespanhoes, & outra dos Franceses (por causa da guerra, que entre elles havia) como se pode ver no Padre Pedro de Ribadaneira, lib. 1. c. 12. no Padre Caffeo lib. 1. c. 15. & em todos os mais autores da vida de S. Ignacio: as quaes prisões foram no anno de 1524. depois de vindo de Ierusalem, como consta dos autores aqui allegados. E neste anno ardião em guerras os Hespanhoes, & Franceses na Lombardia, sobre o Estado de Milã, como se pode ver em Paulo Iovio, assim na historia do seu tempo, como na vida do Marquez de Pescara; em Ilhesco. no tomo 2. da historia Pontifical; em Frey Prudencio de Sandoval, na historia de Carlos Quinto; & em todos os mais historiadores d'aquelle tempo. D'aqui se segue que também os Florentinos têm sua reza de queixa contra o Abbade Constantino (pera não sermos sós os queixosos) pois os faz reos da culpa, em que estão innocentes; & os perturba, & mete em guerras, no tēpo em que floreciam em bella paz.

E como quer que o computo dos tempos he a alma, & o fundamento da historia, sendo esta proposição tam errada nos tempos, fica toda ella sem vida, & sem fundamento; & com muita reza lhe poderemos dizer, a quem isto affirmar, o que Cicero lançava em rosto a Marco Antonio, Non quidem in re tota, sed, quod maximum est, temporibus errasti: antes este he hum dos erros mais horrendos em que (como afirma Baronia, tam visto na combi-

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

naçam dos annos) costumam cahir os autores, se nam tem grande vigilancia com a conta dos annos, & com a rezam dos tempos: Quantum conferat, diz elle, in rebus investigandis temporis ratio, sine qua interdum labi in portentosos errores necesse sit, & bem o vemos neste espantoso portento do Abbade Barontino; que com estas, & outras semelhantes fabulas, ainda que se fez celebre com alg'is, ficou reprovado de sua mesma Religiam. Estas rezões bastam por agora, Nec enim (como dizia o Orador Romano, contra aquelle seu celebre adversar.o) omnia effundam; ut si sapius decertandum sit; semper novus veniam.

Só hũa consolaçam nos fica de rodo este successo (se he consolaçam ter compañeros desconsolados) a saber, que nam sam sômete os Religiosos da Companhia os queixosos do Abbade Constantino, neste particular de querer levar ao seu habito o sacco de nosso sancto fundador Ignacio; senam que tãbe se queixam delle outros muitos Religiosos, & entre elles, os muy reverêdos Padres Theatinos, por q' quiz adinbar, q' tãbe pertencia a S. Bento o Religiosissimo varam Pedro Caraffa, Bispo de Theari (q' depois foy Papa Paulo IV.) & o B. Cayetano Thienêo, fundadores desta sagrada Religiam: porem nam logrou por muito tempo em paz esta sua adivinhaçam, porque se levantou contra elle hum Ioam Bautista Castaldo, com hum livro cõposto cõ grã coragẽ, a que chamão Iuizo, ao qual cõ rezam lhe quadra este nome, porque he hũ dia do juizo ver os raios de queixas, & os coriscos de tiros, que adesta contra o dito Abbade Constantino: & he digno de advertencia, que este Ioam Bautista Castaldo he aquelle famoso Commentador, que fingio a fabula de S. Ignacio em Veneza pedir ao B. Cayetano Thienêo, lhe desse o habito dos Padres Theatinos; de sorte que este dizia que nosso sancto fundador quizera entrar em sua Religiam, & no mesmo tempo o Constantino lhe levava pera S. Bento a seus fundadores Pedro Caraffa, & o B. Cayetano: ambos estes autores tiveram neste particular seus desgostos; por q' contra Constantino escreveo o Castaldo, cõ grãde colera: & cõtra a fabula de Castaldo escreveram com muita erudiçam, & argucia, o P. Iulio Nigronio, & o P. Ioam de Rho, ambos de nossa Companhia. & contra os atrevimẽtos do mesmo Constantino, nos dizẽ, tẽ cõposto cõ grãde efficacia, o mesmo P. Iuã de Rho: oq' tudo parece foy disposiçam da divina providencia, pera q' estes dous Padres Constantino, & Castaldo entendessem quãto custa bullir sem fundamento, em materias de tanta importancia; & pera que soubesse cada hum delles aquietarse com o que tem proprio; & nam procure pescar o que he alheyo, que se elles assim o fizessem nam lhe succederia (com o nosso proverbio) hirem por la, & virem tosquados.

E pera que acrescemos mais o numero dos queixosos, & haja tambem queixosas, quer provar Constantino no seu mesmo livro às folhas 18. até 22. que S. Clara de Aßis, com todas suas freiras, sam Religiosas de S. Bento. Nam sey eu como sofrerãm tal metamorphose estas religiosissimas madres (tã devotas do seu

Marc. Tul. Phil.
lip. 2. in Marc.
Anton.

Constant. eodi
lib. fol. 24.

Ioan. Bap. Caf
tana. lib. adver
sus Const. edito
ann. 1640. cui
nomẽ iudiciũ

Idẽ Cast. in vita
B. Caietani
Thienzi. & in
suo Pacifico
certamine.

Nigron lib. ad
verf. Castald. &
Ioann. Rhõ. A-
polog. adverf.
Castald.

Const. Caiet. in
suo lib. cit. fol.
18. usq. ad 22.
Ex superiori-
bus, inquit, iã
fatis probatum
est S. Clarã fa-
cris cõ suis filia-
bus virginibus
magno Patriar-
chæ Benedicto
adscribere

Diz o Abba-
de Constanti-
no, que S. Cla-
ra he da orde
de S. Bento.

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

Seraphico P. S. Francisco) que cuidando atègora que eram freiras Franciscanas, se achem de repente mudadas em monjas Bentas; & isto sem consentimento seu; & sem mais breves Apostolicos, que a breve resoluçam da penna do Abbade Constantino, mais poderosa que a vara de Mercurio, pois tem poder pera as mudar todas, em hum momento, de S. Francisco pera S. Bento; que nem Pythagoras foy tam apressado nas mudanças de seus ridiculos, & fabulosos sonhos.

Eodem lib. c. 8
fol. 109.

Eodem lib. &
eodem fol.

Hist. Bened.
fol. 190. col. 2.

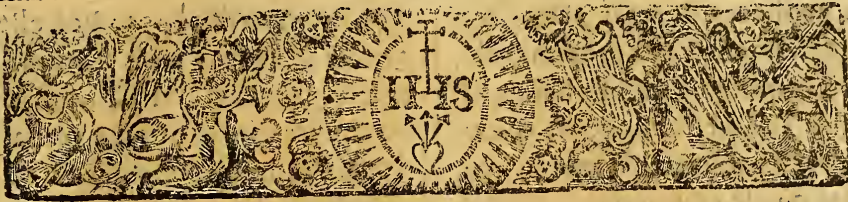
Chrysost. super
Matth. 23.
Concessum scilicet
diabolo inter-
dum verum dicere,
ut mendacium
sua rara veritate
commendet.

Tit. Liv. dec. 1
lib. 1. initio
Sed querelæ,
ne tum quidem
gratæ futuræ,
cum forsitan, &
necessariæ
erunt.

Aug. de lib. ar-
bitrio.

Pera o Abbade Constantino melhor corar, & coroar todas estas insignes novellas, acrescenta no cap. 8. do seu livro, que S. Francisco de Xavier nam foy primeiro Apostolo do Oriente (que aonde se nam perdoa ao pay, nam ha que estranhar bulir tambem com o filho) porque antes delle, diz, foram á India, & ainda lá andam muitos Religiosos Bentos: & em prova disto affirma, que em Portugal ha tres Collegios, aonde se criam monges Benedictinos mancebos, que todos os triennios se embarcam pera a India, a continuar com estas suas gloriosas missoens. Certo tenho que nem com suas muitas letras se atreverá o P. M. Fr. Leão defender, ou apoiar esta proposiçam Barontina, pois como Geral, que foy de S. Beto, em Portugal, lhe consta, que nem na nossa India ha tães missionarios, ãe em nosso Portugal florecem tães Collegios; & destas premisas bem poderia elle, por conclusam verdadeira, inferir, que ainda que este Abbade Constantino seja celebre, como elle lhe chama, nam he verdadeiro, como eu mostrey; & quem assim finge tal mostrosidade em cousa tam palpavel, peór o fará em materias mais escondidas; que pera todas estas consequencias nos dá licença a Congregaçam geral Cassinense, pois chama a este monge homem leve, & atrevido. Nem obsta que o dito Autor traga naquelle livro alguas cousas de S. Ignacio (poucas por sinal) que sejam verdadeiras; que tambem o diabo, como bem notou S. Ioão Chrysostomo, tal vez diz huma verdade, pera autorizar muitas mentiras.

E com isto quero deixar por agora de me queixar mais deste autor, porque as queixas (como diz o principal historiador das cousas Romanas) nem ainda ntãm sam agradaveis, quando por ventura parecem necessarias: & ao menos he bem que cessem no principio desta obra, que deviamos começar conciliando applausos, & nam repetindo queixas. E já he tempo de colhermos alguma fructa desta nossa fermosa arvore da Companhia de IESU, em Portugal; despedindonos primeiro do Reverendissimo D. Constantino Cayetano. (ou de quem tomar por sua esta causa, se houver algum ventureiro, que queira sahir ao campo) com a sentença de S. Agostinho, Si de veritate scandalum sumitur, utilius permittitur nasci scandalum, quàm ut veritas relinquatur.



LIVRO PRIMEIRO
DA CHRONICA
 DA COMPANHIA DE
 IESV, NOS REYNOS
 DE PORTVGAL.

CAPITVLO. I.

*Como Deos convertéo a sy a
 S. Ignacio de Loyola, pera dar
 principio à Religiam da
 Companhia de
 IESV.*

SEMPRE DEOS
 nosso Senhor tra-
 tou de se cõmu-
 nicar aos homẽs,
 & de reformar o
 mundo; nam faltando nunca ao
 que era proprio de sua divina
 sabidoria, em applicar traças,
 accommodar meynos, & descu-
 brir modos, pera habilitar
 nossa natureza, a poder parti-
 cipar a fermosura do ser divi-
 no: a essa conta ordenou na
 creação dos homẽs; que es-
 tes se parecessem com elle, cõ-
 municandolhes, como cantou

*Modos por
 onde Deos
 tratou o
 bem dos
 homẽs.*

o real Propheta, no composto
 humano, huns rayos da face di-
 vina.

2. Serviram estas luzes, de se
 obrigar Deos a descobrir, em
 sua infinita sabidoria, modos
 de sublimar a estes seus re-
 tratos, sobre a baixeza do bar-
 ro, de que os compos. No prin-
 cipio do mundo lhe pareceo,
 que bastava a luz do entendi-
 mente (ou como alguns Theo-
 logos, explicam, o dictame da
 natureza racional) pera gover-
 no das acçoens moraes da vida
 humana. Avãte passou o amor;
 que Deos tem a suas criaturas,
 & o desejo, que tinha de as re-
 formar; porque, alẽ da ley natu-
 ral, se lhes cõmunicou mais cõ
 leys positivas, que em particu-
 lar declarou aos filhos de Israei,
 as quaes dentro do lume da re-
 zã natural obrigassẽ os homẽs

*Pf. 4. n. 7. Sig-
 natu est super
 nos lume vul-
 rus, tui, Domi-
 ne.*

*Vasq. 1. 2. d.
 1. 6. 3. 2. 2.
 Molin. in Con-
 cord. q. 14. a.
 13. d. 32.
 Ratio hęc. §.*

a conhecer, & amar a Deos, & a guardar entre sy a proximidade, a q̃ os obriga a mesma natureza.

3 Todo este modo de cōmunicac̃a pareceo a Deos pouco, até que se cōmunicou a sy mesmo, unindose tanto cō estas suas ram amadas criaturas, q̃ na mesma pessoa ajuntou a essencia de Deos, cō a natureza do homẽ; pera q̃, aõde faltasse a humanidade depravada pelo peccado, suprisse a divindade cōmunicada pela graça. Efeito foy tambem deste divino cuydado, a fundac̃am das religioens, que vemos na ley da graça, sobrelevando nellas a observancia ordinaria dos preceitos, com a execuçam mais perfeita dos conselhos.

4 Entre outras sagradas religioes, por cujo meyo Deos cōmunicou estes bẽs ao mūdo (& nas quaes, cō a prerogativa de mais antigas, reconhecemos os louvores de melhores grãdezas) quiz Deos nosso Senhor trazer ao mundo esta da Cōpanhia de IESV, que cōfessandose por minima, nam pode deixar de prezar muito a hōra de seu grande fudador Ignacio, pelo qual nos ensinou Deos tãtos meyo, & tã novos, pera a salvaçam, & perfeiçam dos seus predestinados; & pera q̃ saibamos quẽ foy este autor de tãto bẽ, determino de o hũr seguindo, desde Guipuscoa, aonde naceo, no anno de 1491. até sua sãcta morte e Ro-

ma, no anno de 1556. & cō elle tambẽ se acabaram as duas primeiras partes d'esta Chronica, nas quaes diremos o q̃ a verdade nos for mostrando das obras gloriosas, que em Portugal, & em suas conquistas fizeram os Religiosos, que nesta nossa Provincia entraram nos 16. annos, que sancto Ignacio, Patriarcha nosso, viveo, depois da fundac̃am da Cōpanhia: & como escrevo em tempo, em que ainda vivẽ algũs, q̃ conhecẽram as pessoas de que falarei, & em q̃ as memorias destas cousas, ao menos per tradiçam, estam muy frescas; & como li por vezes a sentença do melhor Orador Romano, que diz q̃ he cousa indigna de hũ historiador o mêtir, posso muy seguro empenhar a verdade do autor, & solicitar a crença dos leitores.

5 Pera Deos estabelecer no mundo este fim da reformaçam de vidas; & pera fundadores d'estas religioens, por cujo meyo nos cōmunicasse os mais subidos segredos dos seus mais perfeitos conselhos, escolheo Patriarchas, & Sanctos de muy alta virtude, como hum Basilio em Grecia, hum S. Bento, & hũ S. Francisco em Italia, os Paulos. & Hilarioens na Thebayda, Sancto Antonio o grande no Egypto em Heraclẽa, os Agostinhos em Africa, os Hieronymos em Dalmacia, os Romual-

Cicer. in Sall.
Historias scri-
benti mentiri
turpe.

Quaes fo-
ram os fũ-
dadores de
algũas re-
ligioens.

dos em Rauena, os Brunos, & Bernardos em França, S. Domingos em Castella, S. Ioam de Deos em Portugal, & sancto Ignacio de Loyola em Biscaya; a vida do qual breuemente, & muito por mayor, aqui tocarei, pera que se veja o principio, por onde Deos trouxe ao mundo esta sagrada Religiam da Companhia de IESV. Foy este santissimo Padre de muy illustres progenitores, & de muy antigos solares, como largamente mostram os authores de sua vida: nem lhe faltou o lustre da boa criaçam, que seus pays lhe deram na Corte dos Reys Catholicos, tam conhecidos no mundo: cultiuouse o generoso filho, nam só nos costumes catholicos da Corte, mas tambem nos espiritos valerosos da guerra, nã lhe enfraquecêdo a ociosidade de cortesam polido os alentos de caualeiro esforçado. Grãdes testemunhas teue do seu valor em hũ exercito inteiro do Christianissimo de França, cercandoo, & combatendo no anno de 1521 Páplona (celebre por seu fundador Põpeio, celeberrima por seu defensor Ignacio) como cabeça do Reyno de Nauarra, que elRey de França Frãcisco de Valoes desejou restituir a Henrique de Brit seu parente, a cujo pay Ioam de Brit elRey Dom Fernando o Catholico a ganhou por suas armas.

6 Tinha cercado aquelle castello Mõsiur^d André de Fox general de hũ grosso, & poderoso exercito de Franceses, foy o sitio muy apertado, as baterias muy repetidas, grandes os galcos, muitos, & varios os petrechos de guerra: tanto apparato nã era pera a conquista de hũa sò Páplona, do mundo todo se trataua neste cerco, porque daqui dependia a mudãça de Ignacio a Deos, & a cõuersam do Oriẽte a Christo. Apertados estauã os sitiados, & o gouernador daquella praça inclinado a largala ao poder do inimigo, com quẽ trataua de cõcertos: nã soffria o valente espirito de Ignacio tã grande fraqueza, que podedõse defender, ou morrer como hõrados, se rendessẽ, & entregassẽ, como couardes. Bastou aqui hũ leã pera os tornar a todos leoẽs, & fazerem valeroso rosto a tã excessiuo poder, como os cõbatia; refrescãse, & animãse os brios Hespãnhoes cõ o esforçado espirito de Ignacio: dobra-se a bateria cõ o arrebatado impeto, & valor Frãces, descõfiado de lhe desprezarẽ os seus partidos; mas se bẽ espartã os assaltos, mais esperta achãrã a desfãsam; & como Ignacio fora o autor della, como coula sua a me neaua, achandose em todas as partes, aõde era mayor o trabalho, & mais euidente o perigo: chega o cõbate a termos. Q̃pera

^d
Maff. lib. 1.
cap. 2.

*Resiste S.
Ignacio a
se entregar
o castello
de Páplona,
& fica
mal ferido.*

se rēder a praça ao inimigo, foy necessario (pelo querer Deos assi pera mayor gloria sua) que se rendesse primeiro as valerosas forças de Ignacio à violēcia da bala de hũa peça de artilheria, q̃ assi como lhe tirou o poder defēder o castello, lhe pudera tirar a vida, se Deos o nã guardara pera a communicar a tantos.

*Rende-se o
castello de
Páplona.*

7 Tomouse finalmēte a praça, porque pode tomar-se, nam se deo, porque nã conuinha dar-se: faltoulhe a fortuna, mas nam o esforço; rendeose o castello, mas nam se fogueitou o animo, aquelle podia-se vēcêr, mas este era inuēciuel: teue a bala poder pera ferir o corpo, mas nã pera enfraquecer o brio. Nam se vio nunca bombarda tam bem affetada, nem se vio pelouro tam bem governado; o que parece veyo dirigido pera matar, vinha encaminhado pera immortalizar. Cahio Ignacio, mas com esta queda se levantaram muitos. Ficou Iacob^d manco da luta do Anjo, & tambem o ficou Ignacio do golpe da bala, ambos aonde parece que ficauam com diffcultade de poder ādar, ficaram com azas pera poder voar: andou depois Iacob por muitas partes, mais terras correo sancto Ignacio, deixando Europa, entrou na Azia, foy a Ierusalē, passou os Pyreneos, o Appenino, os Alpes, nã pera render Italia

^d
Gen. c. 32. n.
24. Tetigit
neruū femoris
eius, & statim
emarcuit.

com ferro, mas pera conquistar o mundo a Christo.

8 Nam foy tã leue o golpe da bõbardada, que deixasse de desconfiar os medicos do ferido poder escapar da morte: soffreo elle grandes martyrios na cura: cortaram-lhe hum offo, comque lhe parecia ficaria menos ayroso aos olhos do mundo, porque ainda naquelle tempo nam trataua dos de Deos: tudo soffreo com grande constancia; que quẽ cõ tal animo leuou a ferida, nã lhe hauia de faltar pera soffrer a cura; & quem nam perdeo as cores, pera ver o pelouro fulminante, nam as hauia de perder à vista do ferro medicinal; que o varam constante sempre tem as mesmas cores. No meyo dos accidentes; & do trabalho da cura, nam perdeo o esforçado soldado o acordo de entreter o tẽpo com liçam, que o diuertisse das dores, que padecia: o seu natural tã bellicoso o inclinou a desejar liuros de guerras, & caualarias; parece que ainda doēte, da maneira que podia, queria aquelle brioso espirito guerrear, & porque nã podia menear as armas com o braço, ao menos tratava de as exercitar com a liçam: pedio algum liuro destes; que chamã de caualleiros andantes (que sendo assi, que nunca andaram pelo mundo, sua fama sempre voou entre

*Meyo de
hũa boa li-
çam, por
onde Deos
conuerteo
a S. Igna-
cio.*

os ociosos) mas nam se achou em casa nenhum destes aliuos da ociosidade, & ladroes das horas mais preciosas, q entã lletfur tou da mesa, nam a fortuna casual, mas o acerto diuino. Trouxeram lhe hum liuro da historia dos Sãctos, que contẽ em si outra milicia mais gloriosa; pera conquistar grãdezas do ceo, & nam pera render castellos encãtados, pera vècer vicios, & nã pera matar gigãtes fabulosos; pera entrar em guerra cõtra o inferno, & nã pera passear por florestas imaginarias. Nã regeitou o enfermo a liçã, nem perdeo sê fructo o tẽpo, que gastou nella, porque nos exẽplos, que leuados Padres do ermo, lhe armou Deos os principios de sua cõuersam; & tal foi o mouimẽto, que a breue liçam causou em seu espirito, penetrãdo de repẽte cõ hum tã poderoso rayo do ceo, que (assi como S. Paulo * em hũ instante se tornou de leam em cordeiro) assi Ignacio se vio logo de todo conuertido a Deos, & já tã mimoso seu, que o mandou o Senhor visitar pelas mais graues pessoas, que no ceo lo gram suas mayores glorias: foy a primeira o primeiro Vigairo de Christo na terra o glorioso S. Pedro, aquẽ Ignacio sempre teue muy singulares respeitos de familiar deuaçã: & nã sò seruiu a visita de aliuio, que lhe trouxe, mas tambẽ de mēzinha

do mal, que padecia, achandose de repente com saude; que quẽ sò com a sombra antigamente laraua enfermos, bem podia agora com a visita curar feridos.

9 A segũda pessoa, que se deu por obrigada a visitar o Sancto enfermo, foy a Virgem sacratissima, com seu Filho bendito nos braços: merecialhe S. Ignacio tam sollicito fauor, pelos amorosos affectos, cõ que seruia, & veneraua a purissima Senhora; & com esta sua visita taes raizes lançaram na alma do enfermo aquellas aluissimas neues dos lirios da pureza, que nũca dali por diante puderã, nem de hum leuissimo ar, ser bafejadas, ou maculadas. Porem assi como o ceo nestas visitas mostrou a estimaçam, que fazia de tam apressado, & resolutor rendimento de Ignacio, tambem mostrou o inferno quãto temia levantar selhe hum tam capital inimigo de seus enganos, publicãdo logo, naquella mesma noite da visita do ceo, guerra cõtra o Sancto, com hum excessiuo temor, que abalou a casa, no trempo, em que Ignacio, com o nouo abalo do ceo, se leuanto a orar, como largamente contã os Autores de sua vida; porem se o tremor da casa foy grande, mayor, sem duuida, foy o do inferno.

f
Ad. c. 5. n. 5.

Summa pro-
cessus Cano-
niz. fol. 5.

Ad. c. 9. an. 6.

*He visita-
do na dõẽ
ça por S.
Pedro, &
pela Virgẽ
sanctissi-
ma.*

Ribad. Andr.
Lucas II. c. 1.
J. J. G. Oethfer
in Apol. pro vi-
ta sancti Ignat.
lib. 1. c. 7.

CAPITVLO II.

Continúa S. Ignacio sua conuersam: faz grandes penitencias; vay a Ierusalem; estuda em varias Vniuersidades.

I **M** Vdados os pensamentos, & traças da vida militar de Ignacio, em desejos de abnegação, & desprezo do mundo, deixa a casa, & solar de seus Pays, & Avós, cõ prétexto de ir dar as graças ao Duque de Nájara, das muitas visitas, que em sua enfermidade delle recebera. Partese com sòs dous criados, que ao segundo dia despedio; chega a Monferrate, aonde o leuaua o espirito do Senhor, como a ceruo acossado, a demãdar aquella fonte puríssima: vinha elle ja sam do golpe da balla, mas a alma vinha ferida de amor diuino; dizia bem o nome, & o milagre do monte ferrado, com o coração cortado do peregrino, senam que o monte era de penhasco, & o coração vinha de cera, que á vista da face de Deos atè os montes mais duros correm, segũdo diz o Propheta,^a como se fossem de cera derretida. Nesta sancta casa se confessou muy de proposito de toda a vida; lar-

gou os vestidos de capitam illustre, que ainda leuaua, a hum pobre pedinte, que achou; fez dependurar diante da ara virginal a espada, & adaga, como por tropheo do mundo, que deixaua vencido, & em final de renunciaçam, que fazia de tudo o que por armas, & nobreza podia, com tanto fundamento, esperar. Vestido das desprezadas, & humildes galas da sancta pobreza (que eram hum sacco de burel) pera mostrar, que as prezaua, como armas de grande estima, as velou toda aquella noite diante do altar da Senhora, como caualleiro nouel, que trataua de assentar praça com outro melhor capitam, pera começar a exercitar outra milicia, nam contra os Franceses em Pamplona, mas contra si mesmo no mundo todo: era nouo genero de peleja, em que elle mesmo hauia de ser o vencido, & elle mesmo hauia de ficar o vencedor, & porque era guerradomestica, era mais porfiada; & por ser mais difficil-tosa a batalha, seria mais gloriosa a victoria.

2 Logo na menham seguinte se partio, por nã ser conhecido: retirouse em huma lapa, que em huns penhascos vezinhos á cidade de Manresa escondera a natureza, que mais parecia lugar pera sepultura de hum corpo morto, qpera habi-

*Retirasea
hũa. lapa
em Man-
resa.*

*Vaya Mon-
ferrate.*

^a
Psál. 39, n. 5.
Montes sicut
cera fluxerunt
a faciei Domini.

taçam

taçã de hum hõmem viuo. A-
qui esteue o nosso penitente S.
Ignacio, quasi por espaço de hũ
anno, tam falto de regalos, que
só com pam, & agoa se susten-
taua, & atè este fauor lhe falta-
ua os tres, & os quatro dias in-
teiros: andaua cuberto todo de
cilicio, tinha no dia sete horas
de oraçam mental, disciplinan-
dose tres vezes entre dia, & noi-
te, com hũa cadea de ferro; a
mesma choça tremia com o es-
trondo, & se compadecia com
as dores, retumbando entre as
cõcauidades da lapa, juntamẽ-
te o som dos crueis golpes, &
o echo dos abraçados collo-
quios.

Fauores q
S. Ignacio
recebeo de
Deos.

3 Nestes tam grandes ri-
gores, & entre asperezas tã ar-
duas, & difficultosas à natureza
humana, foram notaueis os fa-
uores, & diuinos os regalos, que
o São penitente experimẽtou,
que mal podia continuar espi-
rito tam affligido com penitẽ-
cias, senam fosse conforrado cõ
mimos do ceo, que nunca foy
escasso com quem com elle se
mostrasse liberal: assi o experi-
mentou este felicissimo peni-
tente (pera que nam toquemos
outros) na sua Manresa, quan-
do hum Sabbado, ouuindo ves-
peras na Igreja do Hospital de
S. Luzia, teue hum admiravel
extasi, que lhe durou per oito
dias, no qual recolhendo se os
sentidos do corpo, em hũa, co-

mo ausencia, que delles a alma
fazia, ficãdo o espirito liure pe-
ra tratar sò cõ Deos, com hun
rpto tam espantoso, que poi-
ser tam continuado, sem quasi
final de vida, os moradores de
Manresa tratauam de o sepul-
tar; mas nã estaua ainda aquel-
le corpo alazoadado pera a mor-
te, & por isso escapou da sepul-
tura, porem a vida morta ficou
sepultada no corpo viuo; & nam
pareça contradiçam, porque
assi fala o Doutor das gentes,^b
*Mortui enim estis, & Vita vestra
abscondita est cum Christo in Deo.*
Antes bem longe estaua da
morte, quem em tam vagaroso
espaço assi trataua com Deos
viuo, cuja cõuersaçam he mais
vital, que o fruto da aruore da
vida, como bem experimentou
Moyses,^c quando por quarenta
dias sustentou a vida, só alenta-
do cõ a presença, & conuer-
saçam diuina.

^b
Ad Col. 3.
n. 3.

^c
Exod. c. 34.
n. 28. Fuit er-
go ibi cū Dño
quadraginta
dies, & qua-
draginta no-
ctes, panē nō
comedit, & a-
quā nō bibit.

4 Mas como Deos nosso
Senhor nã conuerteo a Igna-
cio pera ermitam de couas so-
litarias, mas pera criar prẽga-
dores pera o mundo todo, lle
inspirou, que deixando as cele-
stiaes delicias de Manresa, tra-
tasse da romaria de Ierusalem;
poẽse logo a caminho sem sub-
sidio humano, & sem viatico al-
gum, com a pobreza por com-
panheiro, & com a esperanza
por guia, entre infinitas diffi-
culdades de caminhos, de fo-

Trata de
hir a Je-
rusalem.

^d
Ad Philip. 3.
n. 20. Nostra
conuersatio
in celis est.

mes, de perigos. De Barcelona apòrta em Cayeta no Reyno de Napoles, guardando no tumulto, & inquietaçam da nao a paz, & os sossegos da vida de Manresa: gastando os dias, & passando as noites nas conuersações, que Sam Paulo^d dizia tinha com os cortesãos da gloria, nam sem grande fructo dos passageiros, que como Sancto o viam, & como Anjo o veneravam. De Cayeta foy a Roma, presidindo no Pontificado Romano o Papa Adriano Sexto. Partiose daquella sancta cidade para Veneza, aonde achou cuidados diuinos pera seu galhado, executados pello senador Marco Antonio Triuizano (que mouido por diuina inspiraçam o veyo huma noite de mandar, estando elle deitado na praça de S. Marcos) o escuro era grande, que parece que a lua, & as estrellas, ou por cõpassiuas se escondiam, ou por enuergonhadas se encubriam: hia diante com huma tocha o pagem; viram o seruo de Deos lançado no cham, & reconhecendo, que aquelle era aquem demandaua, o leuou pera sua casa, aonde competio a charidade do senador com a resistencia do peregrino. Mas tambem achou fauores do Illustrissimo Andre Gritti Duque daquella Republica, pera sua embarcaçam, em a nao capitania

da armada, q leuaua o governador do Reyno de Chypre, q entã era do Senhorio Veneziano.

5 Partiose de Veneza em 14. de Julho de 1523. & a 4. de Setembro chegou a Ierusalem. Fique à contemplaçã de quem puder, & quizer considerar o que passaria de jubilos espirituas, de consolações do ceo naquelles sanctuarios sagrados, que Deos sanctificou cõ sua diuina presença. Basta dizermos que sobre o Sancto estar empenhado com diuina reuelaçam tida em Manresa pera ser architecto do edificio da Companhia, foy tanta a suauidade de seu espirito na cõtemplaçam daquelles sanctos lugares, que desejou ficar nelles; porrem mais poderosa foy a traça da providencia de Deos, que o gosto da deuaçam do Sancto: voltouse a Hespanha cõ a mesma pobreza, com que della se ausentara pera a Palestina. Passa a Chypre, embarcase na peor das tres naos, que vinham a Italia, perdeose no mar a Turqueza, deu a trauès em terra a Venezeana; saluouse a em que vinha o sancto Padre, postoque muito velha, & mal aparelhada, sem outra esperança mayor de chegar ao porto, que trazer o sancto Padre por seu passageiro, como a nao, que trouxe a S. Paulo^e a Italia, a todos pos em terra seguros da tormenta, por-

*Chega a
Ierusalẽ.*

^e
Aclor. c. 27. a
n. 15.

que

f
Lucan. lib. 5.
Pharf. Italian
si cælo autote
reculas,
Me pete, sola
ribi causa est
est hæc iusta
timoris Vee.
torē non nos
se ruum.

que vinha nella o Apollolo;
que se Cesar julgou, que nam
hauia que temer carranca do
ceo irado, & tormentas do mar
furioso, aonde se embarcaua sua
fortuna; menos hauia que arre-
cear, aonde Ignacio nauegava;
& aonde o mesmo Deos pilo-
teava. Desembarcado sancto
Ignacio no Reyno de Napo-
les, passou logo por Veneza, &
Ferrara a Genoua, & tornou-se
recolher em Barcelona. Aqui
se resolveo a se applicar todo ao
estudo das letras, pera com esta
occupaçam ao diante executar
por obra, o que agora o Senhor
lhe daua a sentir por reuelaçam.

6 A nada se acanha, & a
nenhũa difficuldade se rende
hum espirito resolutos, & fauo-
recido da diuina graça; aquem
nam assombrariam trinta & tres
annos de idade, que tantos ti-
nha neste tempo sancto Igna-
cio, pera entrar, como se fosse
menino, nas miudezas de prin-
cipios de Grammatica, pera so-
frer, & continuar tam vagaro-
sos estudos, com tam euidente
falta do necessario pera elles.
A tudo se dispos o sancto Padre
com hũa admirauel sogeijam
às inspiraçoẽs de Deos. Come-
ça em Barcelona a estudar no
anno de 1524. rendendo, & so-
geitando os brios de tam cres-
cida idade, com acçoẽs, & estu-
dos de tam pueril emprego.

S. Ignacio
Começa
a estudar.

Dous annos galtou em Barce-
lona nesta trabalhosa occupa-
çam, sem nunca largar o costu-
me quotidiano dastres discipli-
nas, & sete horas de oraça men-
tal. Dali se passou a Vniuersi-
dade de Alcalá, aonde ouuio a
Philosophia, & padeceo os pri-
meiros trabalhos de suas pri-
soẽs, por trazer a Deos os que
andauam enganados no mun-
do. Daqui, por conselho de D.
Affonso da Fonseca Arcebispo
de Toledo, mudou o sancto Pa-
dre a Vniuersidade, & se passou
à de Salamanca, aonde se lhe
dobraram os trabalhos por ze-
lo apparente de certos religio-
sos, que chegaram ao prender;
mas nam seruiro de mais o dis-
credito da prisam, que de au-
torizar ao Sãcto, que por sen-
tença publica foy julgado por
innocente da culpa, & restitui-
do á liberdade de poder apro-
ueitar a seus proximos, como
dantes fazia, com tanto que an-
tes de ter quatro annos de
Theologia nam pudesse pregar
ao pouo mysterios diuinos; co-
mo se nam pudesse bem enten-
delos, quem de tam grande
Mestre os aprendera nas
escolas do santo re-
tiro de Man-
resa.

[?]

CAPITVLO III.

Vay S. Ignacio à Vniuersidade de Paris , ajunta companheiros ; vay com elles a Roma; tratam da fundação da Companhia, que finalmente foy approvada pello Papa.

Vayse S. Ignacio à Vniuersidade de Paris.

COm esta prohibiçaõ de nam prègar, & limite (que parecia arrezoado, se fosse niuelado pela prudencia humana) pareceo ao sancto Padre, que se lhe encurtaua muito a materia de seu tam largo, & estendido zelo; & por isso se passou à Vniuersidade de Paris, pera onde o Espirito sancto, com grandes, & occultas inspiraçoẽs, o chamaua. Aqui acabou seus estudos de Theologia, padecendo grandes trabalhos, & soffrendo notaveis contradiçoens, por meyo daquelles, que perdiam a vista, olhando pera hum tam feroso sol, sentindo alguns em particular ver os muiros, que com o exemplo de sancto Ignacio, deixando os estudos da Vniuersidade, & as esperanças da vida escholastica, se retirauam a seruir a Deos em varias reli-

giões. Foy tal o exemplo da vida do sancto Padre, que dos mais illustres mancebos, & meliores estudantes daquella insignie Vniuersidade se resolueram ao seguir, como a pay, & venerar como a mestre na eschola do espirito: & sendo muitos os que traziam esta pretençam, em particular escolheo a Pedro Fabro natural do Estado de Saboya, a Dom Francisco Xavier do Reyno de Nauarra, a Diogo Laines de Almazam, a Affonso Salmeiram natural de Toledo, a Simam Rodrigues de Azeuedo Portugues, a Nicolao de Bobadilha de Palencia, a Claudio Iayo Saboyano, a Ioam Codori do Estado da Prouença, a Paschasio Broeth de Picardia. Todos none podiam vencer na materia do espirito, o que alcãçaram os none da fama no meo das armas: todos none de tam Angelicos espiritos, como se em os none choros dos Anjos se criassem. Eram none em numero, mas por conformidade de espirito tam vnidos, como se fossem hum sò: assi obseruauam as acçoẽs, palauras, & conselhos de tam sancto varam, como se elle fosse hum espirito superior vindo do ceo pera sua instrucçam, & aproueimento.

2 Oito annos tinha passado em Paris, na constancia, & diligencia de seus estudos, & na continuação de tam rigurosas

Ajunta companheiros

olta a
espanha

penitencias, que chegou o sancto Padre a pôr em perigo a vida; & pera a nam perder de todo o obrigaram os medicos a se vir a Hespanha a buscar na patria a saude; que tinha perdida por terras estranhas; o que aceitou o sancto Padre, pera de caminho resolver alguns negocios de seus companheiros, afentando entre si de os ir esperar a Veneza, pera onde partiram de Paris a 15. de Novembro, no anno de 1536. com intentos de todos irem em peregrinaçam à sancta cidade de Ierusalem. Recuperada a saude na patria, & reformada toda aquella prouincia com seu apostolico zelo, feitos os negocios de seus companheiros em suas patrias, se partio pera Italia; & passando por Genoua, & Bolonha, finalmente chegou a Veneza. Grandes foram os trabalhos, que no caminho de Paris a Veneza passaram os sanctos companheiros, & ditosos filhos, em busca de seu querido pay, que com os braços abertos já os estaua esperando; chegarã finalmente a Veneza em 8. de Janeiro de 1537.

Occupãse
S. Ignacio, & seus
companheiros
no lê das
almas.

3 Bem se deixa ver o que passaria naquellas benditas almas de pay, & filhos de satisfação, & jubilos de charidade, por se verem todos juntos. Em quanto esperauam embarcaça te deriuerau naquella cidade

occupados nos mais humildes officios dos hospitaes; espantados os homens, sem se poderem resolver, que intentos podiam ser de mancebos tam nobres, empregados com tanto cuidado no seruico da gente miseravel & pobre; de que nam podiam esperar os grandiosos despachos, que poderiã ter certos nas cortes dos Principes, em que pareciam nacidos, & criados. Nesta perplexidade, em que os homẽs andauam, do fim que podiam ter aquelles tam officiosos cortelaõs dos pobres do hospital, os declarou por quem eram hum espirito infernal; que trazia atormentada a huma miseravel molher, fazendo trasordinarias visagens de fezeza, quando os via; o qual, mais com rayua, que com desejo de os authorizar (que tal vez toma Deos ao author da mentira por instrumento de annunciar alguma verdade, como o outro espirito maligno do Euangelho, quando chamou a Christo filho de Deos altissimo) com estas formaes palauras declarou quem eram: *Vós nam sabeis quem sam estes clerigos, sam huns varões excellentes, dotados de grandes virtudes, & excellentie doutrina. Eu; & meus companheiros pozemos todo nosso poder, pera desbaratar seus intentos, & que nam apartassem áqui, mas tudo nos ficou em vã.*

^a
Marc. c. 5. n. 7
Quid mihi, &
tibi, Iesu fili
Dei altissimi.

Diuidese
em misso-
es.

4 Neste sancto exercicio gastarã atẽ o principio da quaresma, & entã se diuidiram em missoes pellas terras, & cidades do senhoria Venezeano, pera ajudar aos proximos: ainda nam eram religiosos, & já procediã como sanctos; ainda nam tinhã estatutos, & já os guardauam; ainda lhe nam tinham tocado à arma, & já sahiã a pelejar: já faziam por obra o que seu capitam Ignacio meditaua no pensamento. Por aquellas praças de armas procediam estes novos soldados com grãde admiraçam dos que as habitauã, vendo huns homens tam sanctos, que, parecendo dignos de todas as riquezas da terra, andauam pedindo pellas portas hum pouco de pam, & huma pouca de agoa; estando sempre promptos, a qualquer tempo, & a toda a hora, pera ajudarem seu sproximos: o ordinario pulpito eram as praças publicas; as pregações mais solennes com admirauel izençam de estipendio; nas confissoes facillimos; nas doutrinas dos ignorantes muy continuos; nos hospitaes, & com os enfermos muy certos à sua consolaçam, & seruiço. De sorte, que com tam trasfordinarios modos de zelo, & charidade, se fizeram em toda aquella parte da Lombardia, Marca, & Veneza, huns segundos Apostolos na saluaçam das almas,

& huns homens auidos por vindos do ceo, pera grandes bens dos que viuiam nas misérias da terra.

5 Repartidos assi os Padres por Italia, & desenganados que nam podiam passar á Terra sancta, por causa das armadas do gram Turco Solymam, & tendo ja perdida a esperança, posto que nam o cuidado, da peregrinaçam, se partio sancto Ignacio pera Roma, leuando por companheiros o Padre Pedro Fabro, & o Padre Diogo Laínes. Teue no caminho em huma ermida já velha, em que se recolheo a fazer oraçam, aquella suauissima, & tam celebrada visam, em que lhe appareceo o Saluador do mundo, fazendo-lhe huma muy amigauel promessa, de lhe ser de grande fauor em Roma, aonde o sancto esperaua o comprimento de seus sanctos intentos, que eram instituir huma religiam, cujo principal fim fosse ajudar aos proximos, pera conseguir mayor gloria diuina: com esta celestial visita lhe certificou o Senhor os fauores, que lhe offerecia em Roma, com aquellas tão doces palauras: *Ego vobis Roma propitius ero.* Com tam certo patrocinio se confirmou de nouo o Padre no proposito, que dantes tinha, que a religiam, que instituisse, se chamasse Companhia de IESV; pera que tiuesse

Vay S. Ignacio a Roma.

o nome de quem lhe prometia o amparo; que nam podia deixar de ser muy certo à vista dos empenhos de tal pessoa.

6 Nam tardarã muito os cõpanheiros do S. Padre, que onã viessem demãdar a Roma. Iuntos todos na cabeça do mundo, no meyo da quaresma de 1538. se recolherã em hũa pobre casa de hũ deuoto Querino Guardonio, aõde passauam a vida em estreitada pobreza. Porẽ logo a piedade Romana deo fé, com grãde estimaçam, da muita, que os novos peregrinos mereciam, porque repartidos pelos bairros, & igrejas de Roma; começaram a exercitar seus costumados officios, cõ singular fructo do trabalho de tam deuotos obreiros, com a renouaçam, que ouue de se frequentar naquella sancta corte o antigo costume, que estaua muy descaido, do vso dos Sacramẽtos da penitẽcia, & da sanctissima Eucharistia. Vẽdo os padres a beneuolẽcia, que achauã no sanctissimo Padre Paulo III. trataram de instituir, & formar a Companhia, fundala, & confirmala por sua Sanctidade em religiam regular, & clerical; & que aos votos da castidade, & pobreza, que em Veneza tinham feito nas mãos do legado apostolico Hieronymo Veralo, acrescentassem voto de obediencia ao que sahisse por superior, & pay de to-

dos: & juntando o quarto voto de missoens apostolicas aonde a sanctidade do Padre sancto os quizesse mandar: & quanto ao nome da religiam se conformaram todos com a humildade do Padre sancto Ignacio, a quem Deos tinha reuelado em Manresa, & confirmado no caminho de Roma, que fosse o da Companhia de I E S V, que por este nome a confirmou o sanctissimo Padre Paulo III. Marcello IV. Gregorio XIII. & Pio V. & por este nome a califica o sagrado Concilio Tridentino; em quẽ se deixa ver a differença, que a Companhia tẽ da religiam dos clergos regulares, q fundou o eminẽtissimo Cardeal Pedro Carafa Arcebispo de Theati, aquẽ vulgarmente chamam Theatinos, & por se parecerẽ conosco no habito clerical, alguns populares nos chamam Theatinos, sendo nõs tã differentes em o nome, como diuersos no instituto.

7 Depois de grandes diligencias, & notauẽs difficuldades, & exames sobre o instituto da Companhia; finalmente entendendo o sanctissimo Papa Paulo III. que esta religiam era obra do dedo de Deos, antes de a confirmar cõ bullas apostolicas, como fez no año de 1540. o aproouou no año de 1539. posto q por entã sõmente, *vna* *võcis oraculo*, muy satisfeito de ver,

Bullar. Societ.
initio. & p. 217
227. & 120.
121. 189.
Conc. Trid.
sess. 25. c. 16.
de Regula

Fundação
da Companhia de
IESV.

Christo de
1540.

*Manda S.
Sãctidade
algũs dos
cõpanhei-
ros de S.
Ignacio a
varias
partes.*

que se lhe offerecia tam animosa companhia de soldados Apostolicos, pera a conuersam, & conquista das nações do mundo ao conhecimẽto, & adoraçã do criador delle; e q̃ nam era sô offerecimento de palauras; mas que juntamente se obrigauã cõ solenne voto a nam repugnarẽ a sua Sanctidade, a irem a qualquer remota, & barbara naçam do mundo, aonde os enuiassẽ, ainda que fosse sã viático pera a jornada, sem promessa, ou esperança humana de qualquer interesse da vida; mas sô por hũa absoluta, & voluntaria obediência ao sũmo Pastor do mundo. Começou logo S. Sãctidade a servirse de tã valerosos Coroneis, & Mestres de cãpo da milicia do ceo; despachou hũs por Lõbardia, outros mandou a Sicilia; & a Calabria; outros enuiou por Nuncios ao Reyno de Hibernia. Estes forão breuemente tocados os principios da Cõpanhia; vejamos agora como veyo a Portugal.

CAPITULO IV.

Do principio, que teue a entrada da Companhia em Portugal, com a vinda do P. M. Simam Rodrigues a este Reyno.

ENtramos no ãno de 1540. que foy felicissimo pera toda a Companhia, por este

ser o primeiro anno de sua fundaçam, porque nelle foy cõfirmada em Religiam, como diremos, & nelle veyo a Portugal o P. M. Simam Rodrigues, pella causa, q̃ neste capitulo apõtarei. Como o fim da Cõpanhia era illustrar as mais remotas gentes do mundo com o resplendor do Euangelho, parece que nam conuinha que luz tam superior faltasse às prouincias mais visinhas ao nacimẽto do sol; antes bem era que pera ali primeiro se procurasse a luz dos melhores prẽgadores, aonde primeiro nacẽ os rayos do melhor planeta. Hauia já fama pelos Reynos de Europa do raro exemplo, & doutrina do P. S. Ignacio, & seus companheiros em Roma. Com esta tam geral, & certa noticia, que se tinha dos Apostolicos obreiros de Roma, a teue o augustissimo Rey de Portugal D. Ioam o III. de gloriosa memoria, por via de seu embaixador de Roma, que neste tempo era D. Pedro Mascarenhas, filho do capitam dos ginetes D. Fernam Martins Mascarenhas, & de D. Violante Henriquez, fidalgo de grande autoridade, illustrissimo, & perfeittissimo varam, em cargos de paz, & guerra; ao qual toda a Cõpanhia deu, & cõfessa eternas obrigações; do qual hei de falar muitas vezes, & sãpre ferã menos do q̃ elle nos merece, & do muito que lhe deuemos,

I.

*Principio
que ouue
pera vir a
Cõpanhia
a Portu-
gal.*

& a toda sua illuſtriſſima familia; o qual vendo o zelo, q̃ ardia nas almas de S. Ignacio, & ſeus cõpanheiros da conuerſam do mūdo, parecēdolhe muy accõmodados pera a cõquiſta eſpiritual da Aſia Oriētal, eſcreueo ao ſereniſſimo Rey, que pois ſeus grandes intentos eram nam menos ſogear Reynos do O-tiente a Portugal, que cõquiſtar almas de Gētios a Chriſto, q̃ tinha em Roma hũa noua Cõpanhia de celeftial ſoldadeſca, cujo capitã era Ignacio, dos quaes lhe podia prometer muy bẽ fũdadas eſperanças da conuerſam daquella vaſtiſſima gētilidade.

2 Neste meſmo tempo, como ſe eſtiueſſe ſalados, deo eſte meſmo aluitre a el Rey o doutor Diogo de Gouuea Portuguez, & peſſoa de grande authoridade, que tinha ſido Reytor no collegio de ſancta Barborã, naquellas celebres eſcholas de Paris, quando ali eſtudaram ſancto Ignacio, & ſeus companheiros. Pareceo a ſua Alteza que pelo muito conhecimento, & amizade, que o doutor moſtraua ter cõ o ſancto Padre Ignacio, lhe eſcreueſſe ſobre ſua real pretençam, que era prouer cõ grãde cuidado as prouincias do Oriente de taes obreiros, que podeſſem com ſua doutrina, & zelo fazer a Deos tam conhecido nos Reynos Oriētaes, como as ſuas poderoſas armas

o faziam Monarcha, & ſenhor delles (que eſte foy ſempre o animoſo, & catholico zelo dos anguſtiſſimos Reys de Portugal, conquiſtarẽ Imperios pera Deos ſer nelles conhecido, & adorado; & que andaffe ſempre cõ igual compaſſio nas ſuas cõquiſtas a felicidade de ſuas armas victorioſas, cõa conuerſam dos Reynos cõquiſtados.) Fez o doutor o que o ſereniſſimo Rey lhe mãdaua, perſuadindo ao S. Padre Ignacio hũa grata cõformidade cõ a vontade real, pois lhe abria tam largas portas ao feruor, & zelo de ſeus companheiros pera as vaſtas prouincias da Aſia Oriental. Reſpondeo o ſancto Padre ao doutor Diogo de Gouuea, que na mã de ſua Sanctidade eſtaua poſto o deſpacho da petiçam, & deſejo do ſereniſſimo Rey; & q̃, preſupolta a aceitaçam, que o ſanctiſſimo Padre tinha de ſe porẽ em ſuas mãos elle, & ſeus cõpanheiros; nam era rezã, que dos olhos da corte Romana, & do Vigairo de Deos na terra, ſe grãgeaſſem tã illuſtres miſſoẽs, como erã as que el Rey queria, ſẽ virem da mam, & tençã do Sũmo Paſtor do mundo.

3 Deſta repolta de S. Ignacio deo conta o doutor Diogo de Gouuea a ſua Alteza, o qual logo eſcreueo ao ſeu ebaixador ã Roma D. Pedro Maſcarenhas, pera q̃ trataſſe negõcio tã impor-

*Eſcreueo al
Rey Dom
Joã a ſeu
embaixador
a Roma. ſobre
a vida
dos padres*

Anno de 16
Christo de
1540.

Orémia da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
I.

tãte cõ o Summo Pontifice, & com o sancto Padre Ignacio, que, postoque neste tempo nam estaua ainda eleito geral, com tudo, como era pay, & mestre de todos seus companheiros, tinha paternal superintendencia nas acções, nas obras, trabalhos, & jornadas de todos elles. Entrou D. Pedro Mascarenhas a falar cõ S. Ignacio, pera nũca mais tirar do coraçã, nẽ a elle, nẽ a seus filhos, antes cõ hũ amor tã reciproco entre a Companhia, & esta illustrissima familia, que, como por direito, ficou nella a afeição, & em nõs a obrigaçã. Pedia o embaixador, da parte do serenissimo Rey, & instaua por seis cõpanheiros de sancto Ignacio, dos quaes sua Alteza se prometia já hũa fermosa Igreja Oriental de nouos christãos, que tam zelosos obreiros conuertelsẽ. Bem entendeo S. Ignacio o zelo do catholico Principe, em querer missionarios pera tã grãdes fearas; & concedera seis de boa vontade, se lhe nã parecera, que ficaua prejudicando a todas as mais partes do vniuerso (porque a todas se estendia já aquelle animo, que era mayor, que o mesmo mudo) deixando pera tam dilatados câpos tã poucos conquistadores; & essa reposta deu ao embaixador; que erã muitos os que pedia, & que importaua repartir daquelles obreiros cõ as outras Prouincias de todo

mundo, tã necessitadas como as Orientaes. Verdade he, dizia o sancto, que meus cõpanheiros, & eu estamos cõ os braços cruzados á obediência de sua Sãtidade; mas se na materia posso ter parecer, o meu era, que pera a India fossẽm dous, & os oito fiquẽ pera o restante do mundo, fõgeitos á obediencia de sua Sãtidade.

4 Tinha o embaixador acabado o seu tẽpo na corte Romana; & estaua proximo de partirse pera a de Portugal; & entendendo o grande gosto, que seria pera el Rey, se lhe trouxesse cõfigo aquelles tã desejados missionarios, que o mesmo Rey tãto solicitaua: tratou cõ sua Sãtidade sobre a pretençam real, & reposta, que della já tinha do P. S. Ignacio. Nam pode sua Sãtidade improuar a cuidadosa prouidencia, que sancto Ignacio mostrara do mais restante do mundo, pera remedio de sua cegueira, por via de seus companheiros, & assim se conformou com a vontade do sancto, que lhe dẽsse dous, pois nã podia ser seis. Instou o embaixador cõ grãde calor pela nomeaçam dos Padres, porque de Lisboa o apertaua o serenissimo Rey, pera chegarem a tempo da nauegaçam. Com madura deliberaçam foy logo nomeado por S. Ignacio no primeiro lugar o P. M. Simã Rodrigues,

que,

Nomea S.
Ignacio a
dous Pa-
dres pera
a missam
da India.

que, como Portugues, poderia com mais facilidade menear as cousas da missam em Portugal, & assistir à conuersam da India no Oriente, aonde tudo se governaua por lingoa, & ministros Portugueses. Mandou o logo vir a Roma de Toscana, o qual acudio voando, por nam perder tam gloriosa emprela, por mais fraco, & doente que estaua de humas importunas quartans, que ainda eram reliquias de outra mais perigosa doença, que tiuera em Sena; & se quer esperar pelo embaixador, aproueitandose da occasiã, que Deos lhe daua, se partiõ em hum naõ, que daua à vela, do porto do Papa, que chamã Ciuità vecha, emproando mais rio Oceano da India que demandaua, que no mar Mediterraneo por onde nauegaua. Foy esta sahida de Roma no anno de 1540. nam estando ainda a Companhia confirmada, & somente approuada. *Vua vocis oraculo.* Nam o assombrou o mar, nam o deteue a infirmitade, pera deixar de partir com grãde aluoroço pera tam ardua, como gloriosa empreza. E trazêdo por companheiro ao Padre Paulo Camerte, que em Roma fora admitido na Companhia, com muy feliz viagem, em espaço de oito dias, aportou, segundo entêdemos, em Setual; & por ordem particular, que o

Padre trazia do embaixador D. Pedro Mascarenhas, se retirou à sua quinta da Palma (que hoje he villa titular dos Mascarenhas Côdes da Palma, & entam em fazenda do mesmo embaixador, & está situada entre a villa de Setual, & a de Alcacere do sal) pera nella conualescer da quartaã.

5 Tanto que teue auiso o serenissimo Rey da chegada do Padre mestre Simam, o mãdou ali visitar por hum gentilhomẽ de sua Corte, o qual o viesse acompanhando atè Lisboa, dizendo, que pera tudo oque fosse farar da quartaã, & descãsar do caminho, era Lisboa mais acomodado lugar. Acodio logo o Padre mestre Simam, obedecendo a esta affectuosa vontade, que o piadosissimo Rey mostraua de o ver, & tratar, o qual o recebo com reaes, & benignos affectos, que parece já pronosticauam o muito, que auia de estimar a este Padre, & fauorecer a Companhia; nam se fartando sua Alteza de o ouir; nem acabaua de lhe perguntar, com grãde curiosidade, pela pessoa de sancto Ignaciõ, que tanto veneraua, & pelos principios da Companhia, que tanto estimaua. Despedio de sua presença ao Padre, mandando a seus reaes ministros, que se enxergasse no bom gasalhado do Padre; o muito, que tam re-

Chegã M.
Simam a
Lisboa,
vay vis-
tar sua Al-
teza.

Anno de
Christode
1540.

18

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
I.

Recolhefe
M. Simã
no hospi-
tal de Lis-
boa.

ligiosa pessoa merecia, & o muito, que seu liberal amor lhe prometia. Vendo o Padre mestre Simam a grandeza do animo real, o solícito cuidado de seus ministros em o seruirem, & regalarem: como vinha também costumado ao desprezo da vida, que nos hospitaes passaua, & à estreiteza dos viaticos, que pelas portas pedia; com modestia, & efficacia rogou ao serenissimo Rey fosse seruido, por primeira merce, de o deixar seguir seu antigo estylo, & sancto instituto, que com seus companheiros guardara inuiolauel, pedindo pelas portas, & morando em hospitaes; & que este modo de viuer seria pera elle de mayor delicia; que os regalos, com que sua Alteza queria que o tratassem; como também poderia ser de mayor edificação pera aquella cidade, aonde estauam, & mais cõforme ao fim pera que sancto Ignacio os mandaua. Com muita difficuldade alcançou o P.M. Simam a merce, que pedia a sua Alteza; mas preualecendo por entam com elle as rezoões, que o Padre lhe daua, em quanto lhes nam affinalaua casa propria, em que habitassem, como já elRey traçaua, permittio, que estiuesssem no hospital, como o Padre pedia. Auida a licença, se recolheo cõ seu companheiro no hospital de todos os Sanctos na cidade

de Lisboa; aonde, a pezar da molestia da quartaã, cõtinuou em seus sanctos exercicios, pregando, confessando, ajudando aos enfermos, & edificando a todos com seu raro exemplo; porque aonde faltauam as forças do corpo enfermo, supria a virtude do espirito valente.

CAPITVLO V.

*Dase hume breue relação da
pessoa do Padre mestre Simã;
de como seguiu a sancto
Ignacio, & de suas
peregrinações.*

TEmos já em Lisboa ao Padre mestre Simam, o qual teue tã substancial parte na fundação desta Prouincia, & na felicidade das consequências della (pois esta foy a mãy das Prouincias da India, Brasil, China, Iapam, & autora da fundação dos Collegios em outros Reynos catholicos, como veremos) que seria tam grãde ingratidão nã reconhecer, & gratificar ao Padre mestre Simam os grandes trabalhos, que passou neste illustre edificio, como se nos esqueçeramos de agradecer ao sancto Padre Ignacio o trabalho gèral de toda a fundação da Companhia. Rezã he logo,

que

P. M. Simã
Rodrigues he
pay desta
Prouincia.

que pois elle he o particular fundador das Prouincias sogeitas á coroa de Portugal, façamos aqui alguma breue lembrança deste nosso muy prezado pay, pera que tenhamos alguma noticia do principal foyte destes primeiros liuros, a quem todos reconhecemos, & veneramos, como se veneraua no pouo Iudaico o Patriarcha Abraham com o nome de *Pater multarum gentium*:^a como na verdade o foy o Padre mestre Simam, dando tantos filhos em o Senhor, pera serem lustre do mundo, que alumiam; & resplendor da religiam, aonde se criaram.

2 Naceo o P. M. Simam Rodrigues de Azeuedo em a villa de Bouzella (que he d'hiu concelho na Beira, a que chamam Concelho de Lafoens, na comarca de Lamego, mas do Bispado de Viseu) seu pay se chamou Gil Gonçalues, & sua mãy Catherina de Azeuedo, ambos da gente principal, & mais nobre da terra, & parentes, segundo a tradiçam cõmua do bemauenturado sam fr. Gil Rodrigues; dispondo Deos n'osso Senhor as cousas de tal sorte, que daquelle lugar sahissẽdous illustres Prouincias, sam fr. Gil da sagrada Ordem dos prẽgadores, & o P. M. Simam o primeiro da Companhia de IESV. Estando pera morrer o

honrado velho pay do P. M. Simam, como outro Iacob, quis consolar as saudades de seus filhos em sua ausencia, com a bençam paternal: vieram todos a presenciar aquella vltima despedida, & tomando nos braços a Simam, que ainda era menino innocente, & pondo nelle os olhos, com muy particular affecto, o entregou à mãy, dizẽdolhe estas formaes palauras: *Encomendouos, senhora, este menino, criayo com especial cuidado, porque Deos o tem escolhido pera grandes cousas de sua gloria.* Notauel pronostico, & muy bem acertado no successo; & ainda que nam dizemos que foy com a segurança da luz diuina, que tiueram alguns sanctos, que tanto dantemam profetizaram calos futuros, como se já fossem presentes: comtudo digo que nam foy este o primeiro pay, que estando pera morrer prenunciou os successos de seus filhos; pois Iacob,^b como bem notou sam Ieronymo,^c tẽdo os olhos cegos pera ver as cousas presentes, tinha o entendimento com vista pera preuer os segredos futuros; porque, como diz Xenophonte^d no seu Cyro; & o que mais he, como o notou sancto Thomas,^e a alma humana, se em algum tempo mostra o lume da diuindade, que em si tẽ, he principalmente na hora da morte, na qual tal vez affi pro-

^a Gen. c. 17. n. 5. Ad Rom. 4. n. 17.

^b Patria, & pays de M. Simam.

^b Exed. c. 49.
^c In Proem. 2. lib. Cõment. in Amos.

^d Lib. 8. Antma hominis tunc, siquam alias diuina esse videtur, in morte diuina est, & tunc futura prospicit.

^e S. Thom. 2. 2. q. 172. art. 1. ad 1.

Anno de
Christo de
1540.

20

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
I.

*Vay M. Si-
mamestu-
dar a Pa-
ris.*

*Orlandia. lib.
1. n. 88.*

notica o futuro, como se o ti-
uesse presente: assi succedeo a
este bom velho, porque o tem-
po mostrou adiante quãta ver-
dade elle falou naquella hora.

3 Criou Cathetina de A-
zeuedo, com todo o cuidado, a
seu filho; & tendo já annos ba-
stantes, o mandou estudar com
seu iram Sebastiam Rodri-
gues de Azeuedo (que depois
foy pessoa bem conhecida ne-
ste Reýno) a Vniuersidade de
Paris, que era o theatro, aonde
naquelle tempo mais campea-
uam as letras, & aonde acudiã
os Portugueles; por atẽ entam
nam termos cã Vniuersidade,
que introduzio o senhor Rey
D. Ioam o III. Eram ambos os
irmaõs sogeitos de qualidade,
que se podiam chamar estudã-
tes del Rey, porque el Rey os
mandaua estudar àquella Vni-
uersidade^f com outros, à conta
de sua real fazenda. Estudou
Philosophia, com muito louuor,
& nella se graduou de mestre;
& foy muy excellente Theo-
logo. Aqui teue conhecimento
de nosso sancto Padre Ignacio,
& foy o quinto companhei-
ro, que se lhe ajuntou; dali o
acompanhou logo na jornada a
Veneza, & a Roma: & ainda
que teue pensamentos de vida
mais solitaria, teue socorro
do ceo, em que manifestamen-
te vio, que a sua vocaçam era a
que Deos primeiro lhe inspi-

rou. Foy notauel o feruor de
espirito, com que este seruo
de Deos começou o caminho
da perfeiçam; nam contente
com as quotidianas disciplinas,
& com trazer a cruz dentro na
sua alma, tambem a quiz impri-
mir no mesmo peito à força do
ferro; pera em tudo se dar por
catiuo ferrado do Senhor, aquẽ
seruia; porem, porque o segre-
do deste nouo habito de Chri-
sto esteue sempre encuberto a-
tẽ a hora da sua morte, pera el-
la deixaremos guardado este
thesouro.

4 Sendo ainda sò seis os
primeiros Padres, se fez a pri-
meira junta, na qual se achou o
P. M. Simam; & nella se lança-
ram as primeiras linhas de nos-
so instituto, tam certas, que tu-
do o que depois pelo tempo se
foy declarando, nada discrepa
daquella primeira traça. Se-
guiose o deuotissimo acto, em
que os Padres fizeram seus vo-
tos (em Paris na ermida da Vir-
gem nossa Senhora, chamada
vulgarmente Monte dos Mar-
tyres) no anno de 1534. dia da
Assumpçam da Virgem nossa
Senhora; & depois os renouarã
duas vezes, nos ãnos seguintes.
Na memoria destes dias (como
quem teue tãta parte nas con-
solaçõs, & frutos espirituacs
delles) falaua o Padre M. Simã
com grandes affectos de sua al-
ma. Em lêbrança da suauidade

*M. Simam
cõ os mais
Padres lã-
çã os pri-
meiros fũ-
da mentos
da Compa-
nhia.*

espi-

espiritual deste deuotissimo acto, por toda sua vida, ainda depois de professo, renouou sempre seus votos naquelle sagrado dia da Assumpçam da Senhora.

5 De Paris se partio o P. M. Simam com os mais companheiros a Veneza, a esperar o sancto Padre Ignacio (que era vindo a Hespanha) pera ali tratarem da peregrinaçam a Ierusalem. Sahiram de Paris a pè, com bordoës na mam, & com os alforges de seus papeis às costas, com o Rosário da Virgem sanctissima ao pescoço; & esta era a deuila de que vsauam estes novos soldados do Senhor, este o final destes caualeiros da milicia do exercito celestial. Grande foy a consolaçam, com que os deuotos peregrinos passarã aquelle primeiro dia. Chegada a noite, se vio o P. M. Simam com hũa vehemẽte afflicçam (que assim costuma Deos alterar a vida espiritual dos homens sanctos) Sahiolhe de subito em hum hombro hum inchaço tam grande, & tam inflammado, que metia medo a quem o via, quanto mais causaria dores a quem o sentia. Passou a noite com huma ardente febre; porem mayor era a pena, que tinha, com cuidar que por causa daquelle mal nã poderia acõpanhar seus muy prezados companheiros, os quaes

com o mesmo sentimento passaram a noite, que toda leuou em vella M. Simam, parte pelas dores do achaque, parte em muy feruorosa oraçam, esperando da mam do Senhor o remedio de tam grande mal. Chegada menhãa, continua M. Simam suas feruorosas preces, acodem os companheiros ao consolar; multiplica o enfermo as rogatiuas ao ceo; pede cada vez com mais affecto ao Senhor que lhe valha: eis que, com hũa repentina confiança, acode com a mã ao hombro, nam acha o inchaço; cessa de repente a dor; da conta do successo aos mais Padres, que com grande alegria, dam os parabês ao companheiro, que era o enfermo, & as graças ao Senhor, que foy o medico; que se bem pòde mortificar, melhor sabe viuificar: dādolhe huma saude tam milagrosa, nã por meyo de hum Anjo, como fez a Tobias, mas por sua propria mam, como faz a hum seu mimoso.

6 Partiram logo daqui, & caminharã pela arraya de Lorena, entraram na alta Alemanha, aonde tiueram huma notauel guia, que parece foy hum Anjo do ceo, que os acompanhou atè auistarem Constância: passaram por Basilea, que acharam já infestada com a peruerza doutrina do impio Luthero. Em fim chegarã a Veneza,

aonde

Sara M.
Simã milagrosamente.

Thob. 2. 11.
n. 15.

aonde o glorioso Patriarcha já os estaua esperando, com cuja alegre vista amainaram os perigos, os sobressaltos, os grandísimos trabalhos, que nesta larga peregrinação passaram, por espaço de tres meses, caminhando por França, atraueffando Alemanha, & discorrendo por Italia. Aqui, em quanto esperauam occasiam pera passarem a Ierusalem, se repartiram pelos hospitaes, fazendo vida de sanctos, prégando, ajudando a bem morrer, & seruindo aos enfermos. Coube a M. Simam hum hospital chamado de S. Ioam, & Paulo, aonde assistia com admirauel cuidado, & com rara humildade, varrendo as casas, curando as feridas, & enterrando os mortos.

*Succede
ao P. M. Si
mã hũ ca-
so admira-
uel, por
sua muita
charidade*

Aqui neste hospital lhe succedeo a M. Simam hum caso admirauel, & de notauel edificação. Sendo alta noite, tempo, em que todos estauam accõmodados, sem hauer já nenhũ lugar, aonde se podessem alojar mais enfermos, chegou à porta hum leproso, pedindo por amor de Deos, que o recolhessem; respondeo o enfermeiro mór, que perdoasse, porque nam hauiam em todo o hospital hum sò leito desoccupado. Tornou o pobre chagado a representar huma, & muitas vezes suas lastimas, & a estas ajuntou lagrimas, & importunaçoens de ro-

gos, sem o enfermeiro (que nam deuia ser dos mais charitativos) se render a tam lastimosas petiçoens. Ouuiam tudo o Padre, mais magoadado do que o mesmo pobre se mostraua; rogou logo com toda a instancia ao enfermeiro, que o deixasse entrar, & cessariam suas lagrimas; porque os pobres, ainda que sam importunos, sam muy bons de contentar: nam tenho leito aonde o recolher, respondia o enfermeiro; nam nos desauenthamos por isso; lhe disse M. Simam, que eu lhe darei galalhado em minha propria cama. Aqui nam pode o enfermeiro resistir mais, vendo o charitativo offerecimento do Padre, que se bem o disse por palaura, muito melhor o executou por obra. Abrese a porta ao leproso, tomou o Padre pela mam, recebeo com muita humanidade, consola o com muita brandura, exhorta o à sancta paciencia; & pera lhe dar a elle o aliuio, de que necessitaua, & escolher pera si a mortificação, que tanto estimaua; deo lugar no seu pobre leito ao pobre leproso; & por ventura sem saber quem agasalhaua, recolhia ao mesmo Christo, aquem, como diz o seu Propheta, ^h julgauam muitos por leproso, & nam foy esta a primeira vez, que o Senhor tomou esta figura de enfermo leproso, sendo elle a fi-

^h
Isaia c. 35. n.
4. Et nos putauimus eum quasi leprosum.

gura da substancia de Deos. O certo he que vinda a menha, o leproso desapareceo, sem ninguem mais dar nouas delle; porrem deixou bom rasto de sy, porque o Padre ficou todo cuberto de lepra, que pera os compañeros era materia de grande sentimento, pelo verem cõ hum mal tam contagioso. Mas o Senhor, que por meyo daquelle pobre o visitou com a lepra, logo milagrosamente o recreou com a faude. Pera isto lhe nam foy necessario mandalo lauar no Iordam, como Eliseu ordenou a Naamam Syro: deitou-se o Padre a noite seguinte cheyo de consolaçam, por se ver leproso no leito do hospital, por amor daquelle Senhor, que tal pareceo aos homens na cama da cruz. Caso milagroso; veyo o dia, & com elle lhe amanheceo a faude; porque se leuãrou o Padre sem hum minimo final da hospedagem do leproso: como se nam quizesse o diuino hospede pagar com lepra aquem o agasalhoua com amor; antes pretendendo só com aquella lepra tirar a limpo a grande mortificação, & admirauel charidade deste seu seruo fiel, pera de hũa, & outra virtude nós ficar tam raro exemplo!

8 Sabemos de certo que succedeo este caso ao Padre mestre Simam; porem (pera tam-

bem aqui triumphar sua humildade) no tratado, que elle fez dos successos destas suas peregrinaçoens (& mandou a Roma ao Padre geral Euerardo Mercuriano) conta este caso em terceira pessoa, dizendo que succedeo neste hospital a hum dos noue companheiros; da maneira que S. Paulo^K punha em terceira pessoa o seu rapto milagroso ao ceo; mas assi como se o Apostolo encubria seus fauores, lhe manifestaua Deos suas glorias; da mesma forma, posto que o P.M. Simam, com tam fermosa capa de humildade nos encubra este milagroso successo, melhor ficamos entendendo que tanto mais campêa sua virtude, quanto menos ostenta seus louiores.

9 De Veneza passou a Roma o P.M. Simam, pedindo esmola de porta em porta com dous companheiros (porque lhes pareceo melhor aos Padres que se repartissem) & neste caminho foram notauéis os perigos, grandes as fadigas, & faltas do necessario, que experimentou. Passou por Rauena; entrou em Ancona, aonde se encontrou com o Padre Diogo Laines (que foy o segundo geral da Companhia) & conta o Padre M. Simam [naquelle seu tratado] que se edificou muito de o ver andar pedindo de porta em porta com a cabeça del-

cuberta

Adoece de lepra M. Simã, & sãra milagrosamente.

4 Reg. 5, n. 10 Vade, & laua re septies in Iordane, & recipiet sanitatem caro tua, atque mundabitur.

^K
2. ad Cor. cap. 12. n. 2. Scio hominem in Christo ante annos quatuordecim, siue in corpore, siue extra corpus nescio, &c.

Vay M. Simam a Roma.

cuberta, com os pés descalços, & com huma profunda humilidade, sendo hum homem de tão raro engenho, de letras tam abalçadas, & de espirito, & talentos tam superiores. Daqui se foy visitar a sancta casa da Virgem Lauretana, aonde veneram os fieis Christãos a sua uiffima memoria do principio de nossa redempçam: neste sanctuario gastou tres dias, que estimara elle muito que fossem ali todos os de sua vida. Chegaram à cidade de Tolentino já muy de noite, chouendo, como dizem, a cantaros, sem ter quem os guiasse, nem aonde se agasalhassem; & o peor era, que com hirem os tres peregrinos tam molhados, hia a pobre bolça tam seca, que nem hum real hauia pera comprar algum socorro, do qual particularmente necessitava o P. M. Simam, que hia quasi desfalecendo: neste comenos lhes sahe ao encontro hum homem, ao parecer bem apesloado, o qual entra pela agoa; chegas se ao cansado peregrino, tomalhe a mam, metelhe nella dinheiro, tornalha a fechar, & desuiase, sem lhe dizer palaura: quiz o padre conhecer quem era o seu bemfeitor a tal tempo, & em tal occasiam; mas o homem, alem de ter noite, vinha com o rosto embuçado, parece que pera o nam conhecere, seguindo o conselho de

Christo, ¹ que fio dar da esmola se ha de abrir a mam, & encubrir o rosto: o certo he que as moedas eram de prata, que bastaram pera bom socorro dos pobres peregrinos; & o homem desapareceu tam de repente, que nos deixou occasiam de sospeitar, que este era o mesmo que tomou a figura daquelle pobre leproso do hospital de S. loam & Paulo, o qual agora quiz pagar a M. Simam com a esmola, que lhe deo em Tolentino o agasalhado, que lhe fez em Veneza. Chegaram enifim todos a Rôma, aonde foram muy bem recebidos de sua Sã. dade.

CAPITULO VI.

Do mais que succedeo ao Padre mestre Simam até vir a Portugal.

A Nimados os Padres com a bençam de sua Sanctidade, & cõ os diuinos fauores, se voltaram a Veneza, pera se embarcarem pera a sua desejada jornada de Ierusalem, ali se ordenaram de Sacerdotes, & em quanto as difficuldades da viagem durauam, se repartiram pelos lugares daquelle senhoria, pera se apparelharem pera dizer missa, & estarem mais á mam pera se em-

barca-

¹ Math c. 6. n. 2. Cum facis elemosynam noli tuba canere ante te.

Torna M. Simam a Veneza pera hir a Ierusalẽ.

barcarem; ao Padre mestre Simam lhe coube com o Padre Claudio Iayo a cidade de Baçam. Aqui se foram recolher com hum famoso ermitam, que em hum lugar deserto fazia vida solitaria; chamauase Antonio, & era verdadeiramente imitador do grãde Antonio; recebeos o sancto velho, como se fossem dous anjos do ceo; & como o P.M. Simam naturalmente fosse afeiçoado à vida solitaria, foy notavel o gosto, cõ que ali esteue aquelle tempo: passaua a mayor parte do dia em oraçã, dormia de noite sobre hum taboa, tratava seu corpo cõ grande rigor.

2 Porem como os trabalhos passados eram grandes, & as penitencias presentes muy rigurosas, nam pode o debilitado corpo sustentar as forças do incansavel espirito; veyo finalmente a cahir em hum graue enfermidade, & entrou em perigo de vida. Chegou esta noua a Vincencia a nosso glorioso Padre sancto Ignacio, que tambem estaua enfermo com hum febre: venceu porem o fogo da charidade do pay, pera com tal filho, o da febre; pode mais a força do espirito valente, que a fraqueza do corpo enfermo: acompanhado do Padre Pedro Fabro caminha com grande pressa a Baçam, pera acudir a

seu amado filho; a charidade lhe daua azas pera caminhar; com este abalo do caminho, com que parece hauia de crescer a febre, se lhe despedio, como se o feruor da febre dèsse a palma ao incendio da charidade. Apos este fauor diuino se seguiu outro admiravel, porque no caminho teue reuelaçam, que o Padre mestre Simam nam morreria daquella enfermidade. Chega o glorioso Patriarcha, entra na casa do ermitam, acha ao seu enfermo estendido sobre hum taboa, compadece-se muito de o ver vestido sobre tal cama, & com a enfermidade tanto auante, que o gesto mais indiciaua sinais de corpo morto, que esperanças de homem viuo.

3 Chegase o S.P. ao seu doente, cõ entranhavel amor, abraçao cõ singular affabilidade, dizendo-lhe estas palauras formaes: *Alegraiuos, meu irman mestre Simam, que Deos se quer servir de vossos trabalhos, & a essa conta vos estende o praz da vida; nam morrereis desta em Baçam, comprido he o caminho, que vos fica, muito tendes que andar, & que fazer por seu amor.* Ditas estas notaveis palauras, tratou logo de acudir às obras; tomou o officio de enfermeiro, buscou por meyo do ermitam alguma roupa, fazlhe hum cam, despeo, de tao nella,

S. Ignacio se faz enfermeiro de M. Simam.

Adoce, & he visita-do de S. Ignacio.

& começam a curar. Cō tal enfermeiro, com a visita deste diuino Esculapio, cō tal intercessor pera cō Deos, cobrou logo M. Simam a saude perdida; porque esta mais facilmente se alcança por meyo da charidade feruorosa de hũ varã tã sãcto, q̃ cō os remedios mais presentes de hũ bõ medico. E quam bem se comprio a prophesia dō S. P. veremos ao diãte, porque se lhe estendeo o prazo da vida nam menos que a quarenta annos, q̃ tantos andou ainda neste deserto, atẽ chegar à terra da promissam; & como foy vida alcançada; & prophetizada por hum sãcto milagrolo, nam podia deixar de fer vida milagrosa.

4. Em breue cobrou M. Simam as forças perdidas (q̃ saude milagrosa nam requiere largas cõualescências, como succedeo ao paralytico, * que, tanto q̃ o Senhor o sãrou, logo teue forças pera poder levar o leito às costas) Passouse cō seu cõpanheiro o padre Claudio a Vincencia (q̃ os sanctos nam querem a saude pera folgar, mas pera trabalhar, como succedeo a sogra de Sam Pedro,^b que tãto que se leuãtou do leito, logo se poz a seruir á mesa) Aqui com todos os mais padres se ajuntou em hũa ermidã, meya legoa fora da cidade, sem portas, & sem janellas, & de todas as partes patête aos ventos, & às chuvas; na qual sobre

hũas palhas se agasalhauã o sãcto Patriarchã Ignacio cō seus dous cõpanheiros Pedro Fabro, & Diogo Laines (boa occasiam tinhã na pobreza, no desẽparo, & nas palhas, pera meditar no presẽpio do Senhor) Em Vincencia differam alguns missa noua cō extraordinarios sentimentos do ceo fauorauel. Neste comenos chẽgou o fim do año de 1537. que era o tẽpo preciso do voto da terra sancta, & as difficuldades da jornada cada vez mayores, como se contẽ na vida de nosso glorioso Patriarcha: assentãram os Padres que S. Ignacio cō seus dous cõpanheiros fosse a Roma a offerrecer ao Papa a si, & aos mais; & que elles entretanto se repartissem, ajudãdo o bẽ das almas; coube nesta reparticiã ao P. M. Simam, & a seu cõpanheiro a cidade de Ferrara, aondẽ forã marauilhosas as obras, que fizeram, foy admirauel o exẽplo, q̃ derã; por final que morãdo elles no hospital, o que o tinha a seu cargo estranhou muito o modo de vida dos dous Padres, tã fõra do cõmũ, & se velaua delles, como de homẽs sospeitos; pera se assegurar mais nestes seus pẽsamentos tratou de os espreitar de noĩte, & achou que no mayor silencio della se leuantauam da pobre cama, & que ferindo fogo, & acendendo candeas, se punham com os joelhos

Prẽga M. Simã em Ferrara, e faz outros seruiços a Deos.

^a
Ioh. c. 5. n. 9
Et statim sanus factus est homo ille, & subleuit gr̃atũ suũ, & ambulabat.

^b
Marc. c. 1. n. 31. Continuo dimisit cãsebris, & ministrabat eis. &c. ubi Victor. Antioch. Nos per hoc erudiens ne sanitatis beneficij frustra à Deo expectamus.

em terra , gastando a máyor parte da noite em oraçam ; & aduirtindo mais nas boas obras , em que gastauam o dia , como curauam os doentes , & como doutrinauam aos saõs ; veyo em fim com esta confrontaçam de cousas a condemnar sua desconfiança , mudandoa em grande opiniam de sua virtude , & apregoando em toda a cidade , que tinham entre sy dous Anjos vindos do ceo.

*Diz M. Si
mã a pri-
meira mis-
sa.*

5 Aqui em Ferrara foy vencida a humildade do Padre mestre Simam de sua propria charidade , porque se resolveo em dizer missa noua , hauendo que ficaua assim habilitado pera os ministerios , que exercitaua em beneficio das almas . De Ferrara se partio com seu companheiro pera Padua , pera consolar ao Padre Ioam Coduri , que estava muy sentido pella dita morte de seu companheiro o Padre Diogo Hozes , cuja bendita alma vio nosso sancto Padre Ignacio estando em Monte Cassino , tres jornadas de Roma , entrar na gloria vestida de grande resplandor , no mesmo ponto em que este seu decimo companheiro na terra , & primicias da Companhia no ceo , acabou sanctamente em Padua . A sancta memoria des-

te bom Padre obrigou ao Padre mestre Simam a continuar os seus exercicios , a que a morte cortou o fio . Aqui tomou por sua guia , & por seu particular intercessor ao bemaumenturado Sancto Antonio , a quem o Padre procurou tam de veras imitar , que tornaram os Paduanos a ver em seus pulpitos outro Portugues , que com o espirito do seu tam querido Apostolo Antonio , honra de Lisboa , & gloria de Portugal , os tiraua dos peccados , como prægador zeloso , & os excitaua à virtude , como varam sancto.

6 Adoeceo neste comenos graueamente o Padre Ioam Coduri , curauao o padre mestre Simã , & como o mal fosse grande , & igual a falta do necessario , moueo Deos o coraçam de hum Ecclesiastico nobre , & rico , que leuasse pera sua casa assim o enfermo , como ao seu enfermeiro ; nella foy o Padre muy bem curado , mas tambem pagou Deos maito bem ao seu hospede ; & se o Padre sarou no corpo , elle se melhorou na alma ; porque meteo em casa o pobre de Christo , & lançoa della quem o apartaua de Christo ; recolheo dentro hum Anjo do ceo , & lançou fora hum tiçam infernal : a conuer-

*Adoece o
P. Ioã Co-
duri , cu-
r. 10 M. Si
mam.*

façam tam sancta com os Padres; lhe fez esquecer a illicita com o diabo: que assim costuma Deos cambiar os gatos, que se fazem em agallhar semelhantes hospedes, cujas rendas nunca quebram, como diz o glorioso sam Bernardo, e gattadas em semelhantes hospitalidades, porque sò na casa da charidade sempre passa a receita pella despeza.

Bern. ser. 10.
in Cant.

Vay M. Simam a Roma; vence
alios me-
dos que o
diabo lhe
mete de
noite.

7 Ainda que a muita beneuolencia dos Paduanos fazia grande instancia ao Padre mestre Simam pera os nam deixar, com tudo foy necessario acudir a Roma com todos os mais Padres, pera se entregarem nas mãos do Summo Pontifice. Aqui se ajuntaram todos no anno de mil & quinhentos & trinta & oito, hũ anno antes do Padre mestre Simam vir a Portugal. Estando em Roma offereceram aos Padres humas casas pera sua morada, as quaes estauam deshabitadas, & como depois souberam, por se dizer que as infestaua, & desinquietaua hum espirito maligno, que nellas habitaua. Coube ao Padre mestre Simam hir lá dormir sò a primeira noite, pera guardar as pobres alfayas, que já nellas tinham. Fechou as portas da casa, rezou o officio diuino, encommendouse a

Deos, & fez suas costumadas oraçoens: nam parece que ficou nada contente com tal hospede o inimigo de nossa paz; em o Padre começando a repousar o espertou de repente com hum horrendo estrondo, & espantoso trouam: nam parou aqui este inquieto espirito, muitas vezes corria pella casa, como hum féro jauali acossado dos monteiros, a quem as lanças dos caçadores tem cercado, & porque nam pode romper auante, corre por huma, & outra parte furioso, atroando os ares com roncões espantosos, & ameaçando os monteiros com os dentes agudos. Espertou o Padre com o terrivel estrondo do trouam, & aduertio nas voltas do porco montes dentro em casa, & àquellas horas; & usando de sua grande prudencia, & conformidade com a diuina vontade, alcançou o que podia ser, & estando certo que o nam podia morder aquelle infernal Cerbero, sem licença particular do Senhor (en cujas mãos paternaes elle estaua entregue, como filho muito amado) lembrandose do grande Antonio no deserto da Thebaida, se pos a rir daquelles phantasticos estrondos, & diabolicas matinadas, que no restante da noite con-

tinuã-

continuáram, dormindo o Padre melhor a este som, como se fosse de hũa branda corrente de agoa, que com seu tremulo susurro faz adormecer ao caminhante cansado. Tam fraca he a guerra do infernal inimigo, tam pouco pódem seus fingidos estrondos, contra a quietação de hũa alma, que tem a Deos por pay, & a consciencia por guia.

8. Vinda a menhã nem rasto appareceo daquella nocturna larua; auisou porem aos Padres do hospede, que tinham naquellas casas, mas elles nam temeram estando juntos, o que desprezou mestre Simam ficando sò; muitas noites continuaram nesta briga contra aquelle defenqueto demonio, sem nenhum delles sahír ferido, por mais que com mil generos de trauesuras, com varios terriculamentos, & inauditos estrondos os pretendia inquietar; como se vê na vida do nosso sancto Padre Ignacio.

9. Em mayor custo entravam os danos, que o diabo causaua em a cidade de Sena, aonde com hum diabolica superstiçã, & infernal embuste trazia muita parte do povo endemoninhado. O caso foy; acodia gram numero de gente a hum hermita nam longe da cidade (pertencen-

te aos caualeiros da Ordem de Malta) mouida ao principio com o falso rumor de huns milagres fingidos pello autor das mentiras; era trasordinario o concurso de toda aquella comarca, attrahido pelo demonio com a isca da deuacão (que até desta se sabe aproueitar pera seus diabolicos enganos) As ceremonias, com que o diabo tomava posse destes seus Romeiros, metem admiração, & causam horror; ao sahír da ermida, entre grandes apertos da gente, leuados de hum espirito phanatico, bradavam a grandes vozes: *Milagre, milagre*; & logo correndo, como gente alienada do juizo, se hiam a hum penedo, que como pedra de ceuar, com hum occulta violencia, os arrebatava a sy; & deitando-se de costas sobre esta pedra, se lhes metia na alma o espirito arrepticio, & ficauam endemoninhados, & de todo ponto enfeitiçados. Hia laurando este mal em toda a sorte de gente, assim homens, como molheres, assim plebeyos, como nobres; que taes sam as traças do demonio, & os enganos dos homens, que chegam estes a querer ser endemoninhados, com tanto que tenham o parecer de milagrosos.

*Acod. o P.
M. Simam
a hũ gran
de engano
do diabo
na cidade
de Sena.*

10 Foy necessario ao summo Pastor acudir a esta horrenda contagiam, que hia inficionando suas ouelhas naquella illustre cidade, que adaua chea de endemoninhados, & nam menos de affombrados, pelo que viam em caso tam estranho, & nouidade tam estupenda, a que nam sabiam dar sabida: & pela muita confiança, que sua Sanctidade fazia do P. M. Simam, & do padre Paschasio Broeth, os escolheo pera hirem em missam a esta cidade; & esta foy a primeira missam em forma, que houue na Companhia; que nam foy pequena gloria do P. M. Simam ser elle o primeiro missionario, que mandado pelo summo Pontifice abrio o caminho às gloriosas missões, que tem feito no mudo, & vam fazendo os religiosos da Companhia. Esta da cidade de Sena succedeo quanto se podia desejar: & pera lançarem fóra aquella diabolica superstiçam, depois de muita oraçam, de muitas disciplinas, & depois de muitos jejuns (porque ha casta de demonios, como diz Christo Senhor nosso, ^d que se nam vencem, senam cõ estas armas) vieram a descubrir a raiz daquella grande contagiam; & logo vſando dos exorcismos da Igreja contra os infestados daquella peste, & prégando contra os que se quieriam deixar en-

ganar; foy Deos nosso Senhor feruido que parou este grande mal, que hia inficionando os ares, & impetando a gente.

11 Outro negocio encarregou tambem sua Sanctidade ao P. M. Simam, que foy a reformaçam de certo mosteiro de religiosas, que esquécidas do que deuiam á perfeiçam de seu estado, & à clausura de sua religiam, tanto se desobrigauam desta, quanto se esquéciam daquella. Os padres neste caso [que nam podia deixar de ser muy trabalhoso, pois era negocio de freiras apaixonadas, & distrahidas] vſaram de tanta destreza junta com tanta suauidade, que em breue tempo, todas com grande conformidade se accommodaram ao que o P. M. Simam lhes persuadio, & sua Sanctidade desejava: estimando todos, & louuando muito ver concludo com tanta quietaçam, & brandura hum negocio, o qual na opinião dos homens parecia desconfiado; que na verdade mayores victorias se alcançam com brandura prudente, que com potencia violenta, como a Theodosio dizia o seu Panegirista.

12 Como o espirito do P. M. Simam era incansavel, & o desejo de ajudar o bem das almas era tam feruoroso, & como estaua em terra, aonde ha hũa muy celebre Vniuersidade,

Vay o P. M. Simam reformar hũ mosteiro de freiras.

^d
Matt. c. 17. n. 21. Hoc genus dzmonio nũ nõ eijcitur nisi in oratione, & ieiunio.

^e
Claud. Paneg. in Consul. Theodosij. Peragit tranquillã potestas Quod violẽta negat mandataque fortius vrgẽt Imperiosa quies.

lia nella humilhação da sagrada Escritura sobre as epistolas de S. Paulo, pera que á conta da curiosidade, com que pretendia perfeição os entendimentos, viesse finalmente a lhes conquistar as vontades dos ouuintes. Sucedeo atraça tudo quão se podia desejar; acodio grande numero de estudantes, os quaes estimando a doutrina do mestre, & muito mais o exemplo da pessoa, vinham ao Padre a se confessar; & a tratar muito de sua alma, viuendo como se fossem religiosos; & tomando os exercicios de nosso sancto Patriarcha, com grande proueito espiritual, muitos dos quaes entraram depois na Companhia, & se repartiram por outras sagradas religiões.

13 Notauel foy entre outras a conuersam de hum Sacerdote, que nesta cidade viuia com grande escandalo de todos; gastaue este a vida em cõpor comedias profanas; & nam se contentando com as escreuer em casa, as hia representar á praça; & como se prezaua de farsante, sahia muitas vezes ao theatro publico, representando taes figuras, & vestindo trallos tam indecentes, que se por hum parte ganhaua o nome de comediante, por outra, com o grande escandalo, que daua, perdia a autoridade de Sacerdote. Este mouido com as prati-

cas do P. M. Simam, se veyo a confessar com elle gèralmente, & tomar os exercicios espirituaes de nosso sancto Padre: foy tal a conuersam deste homem, que mouido do espirito do Senhor, se resolveo em dar satisfacção publica, pois fora tam publico peccador; vestese de cilicio, cabeça descuberta, pès descalços, & com hum corda ao pescoço, entra na Igreja principal, sobese ao pulpito chorando, o que dantes entrava no theatro saltando; pede perdão a todos com gemidos, & suspiros sahidos do intimo do coração: abalouse grandemente o pouo com esta nouidade tam exemplar, & se dantes riam, agora chorauam, vendo tam mudado ao seu farsista; acẽitam a satisfacção do passado, á vista do espectáculo presente; nam parou aqui este diuino fogo, metteose logo capucho na religiã mais apertada do glorioso Patriarcha S. Francisco: confessando toda a sua vida que deuia ao P. M. Simam o bem, que possuia na religiam, & a saluação, que esperaua no paraíso.

14 Foy tanto o pezo do trabalho do P. M. Simam em Sena, que era bastante pera fazer ajoelhar a grandes Athlantes; veyo á adoecer grauemẽte, & se mudou a enfermidade em quartãs, que este foy o estipendio da missam, que leuou de

Adoece em Sena o P. M. Simam.

Por via do P. M. Simam mudou a vida hũ Sacerdote.

Anno de
Christo de
1540.

32

Sená a Roma, aonde foy chamado de nosso sancto Patriarcha, acodindo a toda a pressa pera a missam da India; & como se estiuesse muy valente, se partio logo pera Portugal, sem esta importuna febre o largar, atè que milagrosamente sarou com a chegada do P.M. S.Frãcisco de Xavier, como logo cõtaremos.

15 Este foy o P.M. Simam até o tempo, em que o temos em Portugal; aonde procedo sempre com raro exemplo de prudenciã, de modestia, de zelo das almas, de penitencia, & de todas as mais virtudes, sendo sempre muy estimado, & muito amado de todos, assim seculares de fóra, como dos religiosos de casa, temperando (como S. Ieronymo^f diz de Nepociano) a grauidade da pessoa, com a alegria do rosto, como hiremos vêdo nos primeiros liros desta Chronica, em que teremos muitas occasioens de referir parte de suas muitas, & muy heroicas virtudes. Agora nos voltamos a Roma pera trazermos a Portugal ao Padre S.Francisco de Xavier com o embaixador Dom Pedro Mascarenhas.

[?]

CAPITULO VII.

Da ditosa eleiçam do Padre S.Francisco de Xavier pera a India, & de sua vinda a Portugal.

NAm sam os pensamentos diuinos (como dizia o Propheta^a) conformes aos conselhos dos homens; nem se fazem cousas de grande importancia na terra sem particular predifiniçam do ceo. Os mais prudentes no mundo julgam huma cousa, mas Deos em seu diuino tribunal dispoem outra. Dos filhos de Isai,^b nenhum menos representaua promessas de ser Rey, do que David; porem a este, deixados os outros, escolheo Deos. Na eleiçam, que os Apostolos^c faziam entre os discipulos, pera hum delles ser cõtado no lugar, que Iudas perdeu: estando oppostos dous, dos quaes em hum parece que hauiã mais direito pera a dignidade, pois tinha o nome de justo, & as obras de sancto; com tudo a eleiçam diuina, & a sorte do ceo cahio sobre Mathias; pera que entendessemos, que semelhantes escolhas sam cõformes ao decreto de Deos, & nam segundo o conselho dos homens

I.

^a
Isaiz c. 55. n. 7. Non enim cogitationes meæ, cogitationes vestræ.

^b
1. Reg. c. 16. n. 12.

^c
Act. c. 1. n. 26. Et dederunt sortes, & cecidit sortis super Mathiam, & annumeratus est eum duodecim Apostolis.

^f
D Hier. ad He-
voderum de
Nepotian.
Gravitate mo-
rum hilaritate
sionis tem-
perabat.

Nada menos tratava S. Ignacio que de tirar de sy, & mandar pera a India a S. Francisco de Xavier; porẽ como esta celestial eleiçam estava já predestinada no eterno entendimento, as cousas se dispozeram de maneira, que logo mostrou como era em tudo decreto diuino. Foy o caso, que pera companheiro do P. M. Simam pera a missam da India nomeou S. Ignacio ao Padre Nicolao de Bobadilha, que actualmente estava na Calabria prouincia do Reyno de Napoles. Acodio logo a Roma o Padre, com desejos de se lhe nam dilatar tam grande bem, mas as forças do corpo nam andauam apar com os feruores de seu espirito; chegou tam debilitado, & fraco dos trabalhos da missam, penitencias, & rigores, com que todos se tratauam, que julgaram os medicos que punha em euidente perigo a vida, le em tal occasiam tratasse de se partir de Roma a Portugal. Pedia a enfermidade mais vagares, do que tinha, & daua o embaixador, que nem podia esperar pelo enfermo, nem queria sahir de Roma, sem o outro Padre concedido.

2 Assim hia a prouidencia diuina occasionando com a doença corporal de hum a saude espiritual de tantos, por meyo de S. Francisco de Xavier, em

quem foy Deos feruido que coubesse esta ditosa sorte, tam fora do que dantes o mesmo S. Ignacio imaginava; porque, alẽ de ter nomeado ao Padre Nicolao de Bobadilha, vendo as grandes partes, de que Deos sobre todos dotara a S. Francisco de Xavier, fazia já delle tanto cabedal, que o tinha por seu secretario mais intimo, & delle se aproveitaua nas cousas de maior importancia. Com tudo mouido de hum interior luz o chamou, & nam foram necessarios grandes sermoens pera o persuadir a nauegaçam do Oriente, á conquista espiritual da Asia, á subita partida, & despedida de Roma; todas as eloquẽcias se fecharam em estas breues palauras: *Irmam Francisco, esta jornada de Portugal, & da India cahe sobre vossos hombros; o embaixador está a pique; Bobadilha empedido por falta de saude, vós eleito pera seruiço de tanta gloria diuina; nam dá lugar o tempo pera maiores detenças: eu outros pensamentos tinha, mas os de Deos preualecem: o negocio todo he do ceo, & o vosso coraçam animoso pera os trabalhos, que vos esperam; aqui mostrai o feruor, que sempre em vós conhecemos; ainda que o embaixador de Portugal apressa a jornada, sey que vosso desejo se adianta; nam se dilata mais o tempo da partida, que pera tomar a bençam de sua Sanctidade, & comecar o caminho com o embaixador: hede apos Deos, que vos cha-*

Nomea S.
Ignacio pera a India ao P.
S. Francisco de Xavier.

Trata S.
Ignacio de
mandar pe-
ra a India
ao P.
Nicolao de
Bobadilha.

Anno de
Christo de
1540.

Aceita o
P.S. Frã-
cisco de
Xavier cõ
grãde ale-
gria a jor-
nada pera
a India.

34

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

ma ao Oriente.

3 Ainda tinha na boca as palauras sancto Ignacio, & nam podia já deter as lagrimas de alegria nos olhos tam Francisco de Xavier: prostrase a seus pés, & tanto que lhe deram lugar o aluoroço, & jubilos, que tam alegre nona em sua alma causou, rendeo as graças a seu muy querido pay, pelo escolher pera tam gloriosa missam, tam conforme a seus antigos desejos, & celestial inclinaçam. Bastou aquelle breue acenõ de S. Ignacio, pera se render aquelle generoso animo de S. Francisco de Xavier a huma empresa tam trabalhosa, que tinha por dauante tam arduas difficuldades, como eram deixar patria, parentes, amigos, & entregar-se á fortuna, & mudança de tempestuosos mares, de furiosos ventos, de espãtosos tufoens, de intemperança de climas, de barbaria de pouos, tam diferentes nos costumes, tam diuerfos nas cores, tam varios nas lingoas, & inclinaçoens, afogados na cegueira gentilica, & tam contrapostos às luzes do Euangelho & se ouermos de ponderar a multidam, & grandeza dos gloriosos successos, que este sancto obediente reue no Oriete, bem se pôde cuidar que todos foram fruitos, que com grande abundancia de graça se merecêram naquella singular sojeiçam,

prompta, & cordeal obediencia, com que este apostolico missionario se consagrou à vontade diuina, explicada pelas breues palauras de seu sancto Patriarcha. E muito mais se acrescenta o preço, & valor desta prompta resignaçam, considerando que ainda neste tempo S. Ignacio nam era canonicamente eleito Preposito geral da Companhia; porque esta obediencia do P.S. Francisco de Xavier succedeo em Março do anno de 1540. quando ainda a Companhia só tinha seu instituto approuado, *visæ vocis oraculo*; & sua confirmaçam foy em Setembro do mesmo anno; & a aceitaçam de S. Ignacio em Preposito geral da Companhia foi em o primeiro de Mayo de 1541.

4 Pera S. Francisco de Xavier coroar acçam tam generosa, o apresto, que fez pera sua partida, foy nam mudar coisa alguma da velha, & pobre roupa com que se cobria, contentandose com a remendar, & com tomar algumas breues horas, pera dar os vltimos abraços a seus irmãos, & se despedir de alguns amigos, que tinha em Roma. Porem a primeira visita foy ao sancto Padre Paulo III, pera lhe beijar o pé, & pedir sua sancta bençam. Recebeo o beatissimo Padre com particular affabilidade, como quem, com espirito de Pontifice summo, nelle

Anno da
Companhia
I.

Da grãde
presta. &
estremada
pobreza,
cõ que S.
Francisco
de Xavier
se pôs ao
caminho.

enxergaua o muito, que Deos posera de suas diuinas dadiuas na pessoa, que tinha a seus pés. Deolhe paternaes cōselhos encarecendo a obra, em que o Senhor delle se queria seruir, & agradecendolhe a vontade, cō que à imitação do Apostolo S. Thome se hia sacrificar pera a restauraçam da Igreja Oriental. Vltimamente animandoo lhe concedeo liberal muitas indulgencias, & lãçou a bençam: & ainda que sua Sanctidade lhe significou que o mandaua autorizado, & armado com as graças, & priuilegios de Nūcio apostolico do Oriente, nem o tempo daua lugar pera a expediçam do breue, nem sua Santidade queria se lhe entregasse, senam por ordem do serenissimo Rey.

5. Com este viatico de indulgencias, & bençam apostolica, & sō com seu breuiario debaixo do braço (amigo fiel de sacerdotes deuotos) se partio o dia seguinte o bemaumentado Padre Sam Francisco de Xavier com o embaixador Dom Pedro Mascarenhas, tam desapegado de todo o criado, quam bem sabia pegar-se sō com Deos: sem querer outros apercebimentos pera tantos milhares de legoas, quantas aquelle dia começou, porque foy a mais cōprida jornada, que atē aquelle tempo sabemos ser feita pela conuersam

das almas. Esta grande refiguraçam, com que tam breuemēte se aprestou pera tam difficul-tosa viagem, nos mostra a reuelaçam, que o sancto tinha, do muito que hauia de fazer, & pa-decer na conuersam do mundo Oriental; porque nam foy sō huma, mas foram muitas as vezes que destes gloriosos trabalhos teue antecipados correos; pois estādo em Italia dormindo em huma camara, tendo ali por cōpanheiro ao Padre Diogo Laines, que foy o segando gēral da Companhia, acōrdou muitas vezes com grande fadiga do riguroso trabalho, que lhe daua hum Indio negro, & muy pesado, que entre sonhoso trazia em trabalhosa luta; querēdo Deos neste Indio representarlhe o Oriēte, como lēmos de sam Paulo, a quem appareceo tambem em sonhos a prouincia de Macedonia, em figura de hum mancebo, pedindo a sam Paulo o ajudasse: & o que nam lemos que fizesse no seu sonho o Apostolo, fez dormindo Xavier; porque tomando nos braços aquelle negro, & nelle todo o Oriente, lidando, & suando com o peso, o leuaua às costas: & quem assim trabalhaua pelos Indios entam dormindo, muito melhor o fez depois vigiando. Outra vez em hum hospital de Roma, em companhia do P. M. Simam, lhe mostrou Deos os

Anno de
Christo de
1540.

36

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
I.

mesmos trabalhos do Oriente, & acordou gritando, pedindo a Deos que fossem *mais, mais, mais*. O Padre Ieronymo Domenec, com quem teue grande amizade em Bolonha, testemunhava delle ser frequentissimo em falar da gentildade da India, como cousa, que lhe andava muito no affecto, pera a desejar, & na lembrança, pera a suspirar. O que tudo nos dá mostras evidentes, que esta notavel eleição do nouo Apostolo do Oriente, além de ser na eternidade decretada, lhe foy a elle em tempo reuelada.

Alguns casos milagrosos que succederão por meyo do P. S. Francisco de Xavier na vinda de Roma.

6 Partio o embaixador de Roma com tam sancta companhia, que pera todos foy de grande satisfação, & proueito, pelos varios, & milagrosos casos, que no caminho succederão. Nam perdeu o Padre em tam compridas jornadas tempo algum de sua contemplaçam, não deixou exercicio algum de deuaçam; assim caminhaua pelas estradas, como se estiuera no mais retirado recolhimento do deserto. Nam faltou aos companheiros, & criados do embaixador em cousa alguma, que lhe podesse ser de proueito temporal, ou feruir de edificação religiosa. Ao secretario do embaixador liurou no meyo dos Alpes de hum evidente perigo, porque cahindo de hum rocha talhada, sobre hum monte de

neue, o sancto Padre o tirou per sua pessoa, arriscando a vida propria, por dar remedio á alheia; & pondo em salvo em lugar seguro ao que já se daua por enterrado em sepultura de nue. A outro liurou da violencia da agoa, com que hum rio impetuoso furiosamente o leuava já vencido da força da corrente.

7 Ao terceiro acodio o S. Padre, liurandoo tambem da morte, em que per hum paixão se hia precipitar, porque leuado do impeto da colera, que o cegava, mais que da pressa do caualo em que corria, descahio de hum precipicio, rodando per hum rocha abaixo, & caindo o caualo com tal furia na raiz do monte, que logo se fez em pedaços. Tinha o Padre Francisco dâtemam, como quempreuia o caso, pedido, contra seu costume, hum boacaualgadura, & a toda a pressa vinha seguindo ao que hia dar no despenhadeiro. Apease logo, achao já sem fala, dandoo todos por morto, porque a queda isso demandaua. Tomao o sancto nos braços, falo tornar em si (que nam podia perder-se quem em taes braços se achaua) & fazendo deste successo negocio, & grangearia, lhe pergunta amigavelmente: *Que fora de vós, senhor, se aonde acabou o caualo, tomara a morte ao caualeiro?*

Que fora se assim passáreis á outra vida, sem nesta ter feito penitencia da quẽda espirital, que vos causou esta corporal? Rẽdido o caualeiro (como outro Saulo à voz de Christo vẽcedor) deo as graças ao P. pela vida do corpo, q̃ lhe deuia, & pela faude da alma, que dali por diante lhe prometteria, confessandose com o sancto, arrependendose do passado; & protestando que milagrosamente alcançara, per sua intercessam, nam menos a vida do corpo, que a faude da consciencia.

8 Com fer ram feruorosa a charidade do sãcto caminhãte, pera acodir ao remedio dos estranhos, foy igual o desapegamento, com que tratou seus parentes: passando já de Frãça pera Hespanha os Pyrinẽos, & sãdo a estrada do embaixador por Nauarra, junto à famosa cidade de Pamplona, patria sua, estando nesta cidade D. Maria d' Azpilcoeta, & de Xauier sua mãy, seu irmam, & seus parentes, que hauia annos nam vira; pediolhe muito o embaixador, (como tã cortesam, & tã benigno) que quizesse visitar aquelles senhores, pois era bẽ certo, q̃ nã teria neste mũdo outra occasiã: porẽ como o S. P. seguia neste particular outra mais nobre philosophia, que o ensinava, como Christo S. N. ^f dizia, a ter odio a sua propria mãy, nam foy possível acabar cõ elle q̃ a visitasse;

fatisfazẽdo cõ rara brãdura, & sãtos deldẽs à opiniam, & ainda ao escãdalo, q̃ algũs poderiã ter de sua abnegaçam, & secura.

9 Admirado vinha o embaixador cõ as cousas milagrosas q̃ via, & notava neste seu sancto cõpanheiro, alcançando com a viveza de seu engenho, & madureza de seu grande juizo (de que Deos liberalmente o tinha dotado) os raros talentos de S. Francisco de Xauier, como quẽ com tanta familiaridade o tratava, em tam comprido caminho. E sentindo a dilaçam de chegar a Lisboa, logo despachou hum correo ao serenissimo Rey com cartas, dandolhe novas de quam contente vinha, pera apresentar a sua Alteza aquellas illustres primicias de gente noua no seruiço de Deos, mas do antigo espirito dos Apostolos, qual sem duvida era seu companheiro o P. Frãcisco de Xauier; & que mais cõtente vinha com este sò, do que se trouxesse outros muitos milhares. Com estas boas novas, que lhe escreuia o embaixador, & cõ outras, que a famã já dãtes voando lhe offereceo, esperaua elRey cõ grãde alvoroço pela chegada do embaixador cõ o P. Frãcisco; muito mayor era o desejo do P. de chegar cõ tẽpo a Lisboa, pera alcançar as naos da viagẽ da India, por nã perder a cõjunçam, pera se partir logo

Anno de
Christo de
1540.

38

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
I.

aquelle anno, co no em effeito perdeo, posto que nesta perda, como logo veremos, ganhou muito Portugal.

CAPITULO VIII.
*Chega a Lisboa o P. S. Frã-
cisco de Xavier, da saude ao
P. M. Simam, vam ambos vi-
sitar a sua Alteza.*

TRes meses auia que o P. M. Simam, na corte de Portugal, esperaua pelo P. M. Frãcisco de Xavier, lidando sempre nam menos cõ a molestia da quartã, qõ affligia, qõ cõ os exercicios da virtude, qõ o recreauã: eis que estando temendo a quartã, por ser aquelle o seu dia, chega a Lisboa e 17. de Abril de 1540. o P. M. Frãcisco de Xavier; vayse logo ao hospital a visitar seu antigo cõpanheiro, na hora, e que a quartã visitaua a seu enfermo. Derãse apertados, & cordeaes abraços, cõ tal aluoroço, & repentina alegria, que como se o P. M. Simam cuidara que o abraçaua hũ espirito superior de hũ Anjo S. Raphael, vindo do ceo pera medicina de seu achaque, assim bastou aquella vista, & charitativo cumprimento, pera o aliuar de maneira da quartã, que nunca mais lhe tornou; que bẽ era que os bons, & milagrosos effeitos, que os companheiros do sancto Padre Francisco sen-

tiram na jornada de Roma, experimentasse este seu querido irmam, na chegada a Lisboa; & entendessemos que nam tinha menos virtude pera acodir aos estranhos, que graça pera fãrar aos amigos.

2 Deixou o serenissimo Rey descansar por espaço de tres dias ao nosso caminhante, pera que podesse lograr com o P. M. Simam das affectuosas lembranças, que lhe trazia de seu muy querido P. S. Ignacio; & pera saber o P. M. Simam em que estado ficauã as cousas da Companhia; como pera S. Frãcisco de Xavier saber do P. M. Simã a disposiçã das cousas, qõ tinha achado e Portugal. Acabados estes tres dias, mãdou el Rey chamar ambos os Padres ao paço: entrãram nelle os dous seruos de Deos, leuãdo apos sy os olhos dos mais illustres da corte, qõ acõpanhauã a pessoa real, & tinhã por grãmonidade ver a dous homens, que mais representauã trazer sobre sy, & por dẽtro de suas almas o cilicio da mortificaçã, & abnegaçam, qõ outro algũ trajo, por abrigo de seus corpos: tal era o habito de sua modestia, tal a religiosa composiçã, cõ que entrãram pelas salas do paço, qõ em todas suas acçoẽs se enxergaua, que mais as meneaua, & regia hum superior mouimẽto do espirito, que outra inclinaçam, ou affecto da natureza.

S. Frãcisco de Xavier da saude ao P. M. Simam.

Vam falar cõ el Rey o P. S. Frãcisco de Xavier, e o P. M. Simam.

3 Tanto q̃te o serenissimo Rey teue vista dos Padres, pa- rece que logo se encheo de hũa noua, & certa esperãça, q̃ por el- les hãua de m̃adar outro nouo Oriẽte de luz do ceo aos pouos do mũdo oriẽtal. Foy notauel a beneuolẽcia, & muy grãde o pra- zer, & rara a satisfaçam, q̃ o Rey mostrou dos hospedes tam de- sejados. Passados os primeiros cõprimentos, entrãram logo os serenissimos Rey, & Rainha em muy particular, & miuda cõuer- saçã cõ os Padres; pregũtarãlhe algũas cousas, q̃ muito gostauã de ouir, da origẽ da Cõpanhia, como se vniram entre sy, sendo de tã varias naçoẽs; cõ que me- yos os leuãra S. Ignacio a segui- rem seus cõselhos? que rezam dauam os que por tantas vezes os perseguiaẽ? que sentiam em suas almas de fauores diuinos, quãdo se viam tã mal tratados pelos homẽs? Tudo isto pergũ- tauam cõ muy paternal affabi- lidade, & aceitauam suas repo- stas cõ agradauel satisfaçam. E cõ a mesma confiança, & parti- cular fauor lhes fez el Rey a el- les outra relaçam de suas cou- sas, do gouerno de sua casa, & corte, do fim de suas conquis- tas, do numero de seus filhos; contando, & nomeãdo os mor- tos, & fazendolhe ali vir os que tinham viuos, que era o Princi- pe D. Ioam, & a Infanta D. Ma- riã, Princesã, q̃ dahi a tres annos

foy dos Reynos de Castella. A este tam insignẽ, & real fauor a- crecentou muitos outros, & em particular hũ muy notauel, por q̃ como se ẽ espirito adiuinha- se q̃ entraua a Cõpanhia nestes Reynos, pera ensinar as letras, & virtudes, em especial aos de menor idade, lhes encomendou logo, que em quanto tardaua o tẽpo da nauegaçam pera a In- dia, tomassẽ muito a seu cargo o cuidoado dos moços fidalgos, q̃ trazia ẽ seu paço, pera q̃ os dou- trinaassẽ nos bõs costumes, & os instruiassẽ em toda christãdade.

4 Grande foy a consolaçam dos Padres, quãdo viram que na primeira pratica, que ambos ti- ueram cõ hũ tam poderoso Rey achãram o caminho tã aberto, & o fauor tã facil, & a p̃to, pe- ra tudo o que cõprisse ao serui- ço diuino, pois nam só trataua de os m̃adar pera a India o an- no seguinte, mas jã fazia delles tã particular cõfiança, que logo lhes entregaua a criaçam, & bõ ensino de tantos mininos illus- tres, & moços fidalgos, q̃ entã trazia ẽ seu paço, q̃ nam erã tã poucos, que nam diga Orlandi- no, ^a *Centũ ferẽ numero erant adolef- cẽtes, letissima spes Lusitani Regni*, q̃ erã quasi hũ cẽto de moços fidal- gos, nos quaes estaua a flor do Reyno, & as mais bẽ libradas es- perãças de tudo o q̃ tã florente Imperio podia ao diãte prome- ter. Os Padres muy agradecidos

Entrega
el Rey aos
dous Pa-
dres a cria-
çam dos
moços fi-
dalgos.

^a
Orland. lib. 1.
103

Anno de
hristo de
1540.

40

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
I.

beijaram a mam a sua Alteza, aceitando a obrigação, que lhes punha, que sempre foy continuando nos da Companhia (atè o tempo del Rey D. Sebastiam, no qual os companheiros do Padre Mauricio, seu confessor tinham à sua conta doutrinar os moços illustres, que no paço serviam as pessoas reaes) mostrando o prudentissimo Rey, quanto monta ao diante a boa criação dos mais nobres: porque de ordinario os procedimentos desconcertados dos que sam maiores, & mais illustres, sam de grandes perdas, & de mayores danos nas republicas aos de menor condiçam: que o descuido, & erro do marinheiro nam faz tanto mal aos navegantes; o erro do piloto, & o descuido do mestre traz naufragios aos passageiros, & causa danos na fazenda, & perdas na vida. E por isso com rezam o grande padre sam Ioam Chrysostomo^b achaua que as culpas dos homens vulgares andauam às escuras, & que a elles sòs offendiam; porem o erro do mais illustre he dano commum, que a todos faz mal: & a essa cõta disse Cassiodoro, que os peccados dos nobres leuam consigo a luz pera serem vistos: & o outro sabio^d aduertio no seu Panegyrico ao Emperador Honorio, que soubesse de certo, q nam hauia lugar escondido pe-

ra vicio de pessoa real.

5. Sahiram finalmente os Padres da vista do Rey, & da presença dos cortesãos: tratou logo o aposentador mór de os leuar pera as casas, que por parte de sua Alteza estauam tomadas; & se deo ordem pera serem agasalhados com a largueza, que pedia a liberalidade do Rey, & a muita merce, que lhe viram fazer aos Padres. Porem como o Padre mestre Simam tinha sua morada no hospital, & nelle estaua já recolhido o Padre mestre Francisco nos tres dias antecedentes, logo do paço dos Estãos (aonde entam pousaua el Rey, & agora está o tribunal do sancto officio) se foram direitos ao hospital de todos os Sanctos (insigne aposento de pobres, & enfermeria de doentes, que está no mesmo rocio) nam bastando nenhuma diligencia das muitas, que se fizeram, pera se mudarem de seu sancto proposito, rogando com todo o affecto da alma aos ministros del Rey, que nam quizessem que a real grandeza de sua Alteza encontrasse o humilde trato de suas pessoas.

[?]

^b
Chrysos. lib. 3.
de Sacerdotio.
Nā vulgarium
hominū delicta
velut in tenebris
cōmissa auctores suos
solū perdūt, ceterū
hominis illustis delictū
cōmune omnibus
damnum affert.

^c
Cassiod. lib. 5.
Epist. Claras
enim suas maculas reddūt,
silli, ad quos
multū respiciunt,
aliqua reprehensione
ordeseunt.

^d
Claud. Paneg.
in 4. Consulatu
Honorij. Nec posse dari
regalibus vīqua
secretum virijs.

CAPITVLO IX.

Como os dous Padres S. Frã-
cisco de Xavier, & M. Simã,
procederam em Lisboa, aonde
lhes puseram o nome de
Apostolos.

Como se
occuparã
na salua-
çam dos
proximos
em Lisboa

A Dilaçam da viagẽ pe-
ra a India, & a saúde
recobrada pelo P.M.
Simã[por intercessam de seu sã-
cto cõpanheiro]habilitaramaos
dousPadres, pera cõ a graça di-
uina se empregare na saluaçam
dos proximos emLisboa,na for-
ma q̃ tinhã guardadoẽBolonha,
em Roma,& nas mais partes de
Italia. Acodiam cõ toda a dili-
gencia ao bõ ensino, & criaçã
daquelles mininos fidalgos, q̃
era a flor,& esperança doReyno.
q̃ elRey lhes tinha entregado,
nam perdoando a nenhum tra-
balho, pera alcançarẽ hum fim
tam desejado: ouuiamnos a to-
dos de cõfissam cada festa feira,
dãdolhes no mesmo dia o sanc-
tissimo Sacramẽto da Eucharis-
tia: andauam tam reformados
que pareciam hũs religiosos: &
pouco a pouco foy laurando es-
te celestial fogo, & ateouse tan-
to, que, apos os de menos idade,
vierã seus mesmos pays, & mu-
tos grãdes do Reyno, enuejãdo
aos filhos tam grãde bẽ: tomã-
ram muitos delles os exercicios
espirituaes, fizeram cõfissoẽs gẽ-
raes, & deram volta à vida: com

tam notaueis mudanças, que o
mesmo Rey foy considerando
como Deos hia dispõdo, & fau-
recẽdo a cidade de Lisboa por
meyo destes seus nouos hospe-
des. Iã se via no paço, na corte,
& em todo o pouo, é a frequẽ-
cia dos diuinos Sacramentosda
cõfissam, & cõmunham, como
se anticipara a quaresma, & mu-
dara o costume do tẽpo passa-
do, porq̃ dãtes sõ pela quaresma
se viã fazer cõfissoẽs, & se aco-
dia a receber o sanctissimo Sa-
cramento da Eucharistia; como
se nam estiuessẽ Deos a todo o
tempo com os braços abertos,
& com a mesa posta.

2 Velauã estes dous sanctos
cõpanheiros boa parte da noi-
te, gastãdo o tẽpo em oraçã, & é-
liçam de liuros espirituales, & a
menor parte dauã ao sono, de q̃
andauã bẽ faltos. Logo de ma-
drugada diziã sua missa, prece-
dẽdo às obras exteriores a dispo-
siçã interior da alma, cõ a ora-
çã, & obrigações do diuino offi-
cio. Nas primeiras horas do dia,
como estauã no hospital, visita-
uã os seus doẽtes, por lhes ficarẽ
mais perto, seruindo, & cõsolãdo
a todos, procurandolhe o reme-
dio corporal, & espiritual, aliuiã-
do cõ seu trabalho aos proprios
enfermeiros, no que lhes costu-
ma ser mais penoso. Sua occupa-
çam apos isto, era tratar cõ to-
la a sorte de gẽte, pera os leuar
Deos, tẽdo sẽpre a porta aberta

Como ga-
stauã a
noite com
Deos, & o
dia cõ os
proximos.

pera todos osque delles se que-
riam ajudar na confissam, no
conselho, & no remedio de seus
trabalhos. Visitauam os carce-
res, procurauam liberdade á-
quelles principalmête que mais
estauam presos por pobreza,
que por culpas, prégauam com
grande zelo, & ensinauam em
toda a parte a doutrina aos mi-
ninos.

3 Com este modo de vi-
da, & obras de tanta edificaçã,
& particularmente com a mui-
ta modestia, & composiçam ex-
terior, com que falauam, & an-
dauam pelas ruas de Lisboa,
quando sahiam fóra do hospi-
tal, em breue correo a fama
por toda a cidade, & sahio pelo
Reyno, publicando a virtude,
& singular exemplo dos Pa-
dres; de maneira que todos os
tinham por sanctos, & por ho-
mens vindos do ceo; & como
he proprio do amor, ou odio a-
crecentar, ou diminuir, a muita
beneuolencia que os Padres ti-
nham ganhado com todos, & a
muita opiniam de seu bom pro-
cedimento, foy causa de à volta
da verdade, andar entam na be-
ca do pouo hum, que cha-
mauam milagre, que era dizer-
se que passaram o Tejo a pè
enxuto, sem hauer mais funda-
mento que a grande reputaçam
de sanctidade em quẽ os tinhã,
& a muita afeiçam que lhes ga-
nharam, que os fazia sair com

este excessso, crendo que já ti-
nham feito o que cuidauam po-
deriam fazer.

4 A este mesmo affecto,
& grande opiniam, que conce-
beram destes dous Padres, deu-
emos a muita honra com que
falauam de nós, & o nome que
lhes poseram neste mesmo an-
no de 1540. dizendo que eram
os Padres huns Apostolos; &
até hoje nos authorizam em
Portugal, & suas conquistas cõ
este glorioso appellido. Disse S.
Ambrosio, ^a que foy graça par-
ticular que Deos concedeo ao
pouo de Israel, que soubesse co-
nhecer, & discernir quaes eram
os verdadeiros prophetas; eu
nam tenho a authoridade de S.
Ambrosio pera dizer que o po-
uo de Lisboa tinha esta graça
de Deos, pera saber qualificar
quaes eram os verdadeiros A-
postolos: sõmente posso affir-
mar, que foi beneficio muy par-
ticular, que deuemos ao pouo
Lisboês, pois entre tantos reli-
giosos mais antigos, que por vè-
tura melhor mereciam este ti-
tulo, sò aos da Companhia au-
thorizaram com a prerogatiua
de Apostolos. Bem vejo que no-
me de tanta excellencia pedia
mais consideraçam, que a que
costuma ter o pouo em seme-
lhantes aplausos; pois o mesmo
Christo ^b pera eleger doze, que
fossem Apostolos, se retirou a
hum monte, & depois de gastar

Em Lisboa
chamã A-
postolos
aos Pa-
dres Sam
Francisco
de Xauier
& M. Si-
mam.

^a
Ambr. super
Luc. ix. primo.
Et erat populi
gratia: discer-
nere spiritus,
ut cognosce-
ret quos refer-
re debebat in
numero pro-
phetarum.

^b
Luc. c. 6. n. 13
Elegit duode-
cim ex eis,
quos, & Apo-
stolos nomi-
nauit.

a noite toda em oração, & com fideração de nome tam grandioso, escolheu tam poucos. Porem o pouo de Lisboa sem mais conselho que o que lhe diraua o affecto, naquelles dous Padres, nos chamou Apostolos a todos os da Companhia.

5 Bem he verdade, que tambem sahio acreditado este fernor do pouo, com a authoridade do Rey, porque estando elle a huma janela de seus paços com o Marques de Villa real Dom Pedro de Meneses, acertaram de passar os dous Padres S. Francisco de Xauier, & o P. M. Simam, com tal modestia, & recolhimento, pobreza, & humildade de suas pessoas, que nam se pode ter el Rey, tratando de cousas tanto suas, que nam dissesse ao Marquês, *Que vos parecem estes homens?* Respondeo ò Marquês, como quẽ era, em grande abonação dos Padres; tornou el Rey, *A mim, vos digo, que me parecem huns Apostolos.* Desta nomeação real, que pelo bom animo do Marquês, nam ficou em segredo, começou, ou continuou o pouo de Lisboa chamandonos Apostolos; & dahi correo por todo o Reyno de Portugal a honra do titulo tam honrado: essa força tem as palauras de hum Rey, que ainda ditas a caso, feruem muitas vezes de ley; &

esta perseverança tem os nomes postos por hum grande Principe, como vemos succedeo a Adam^e primeiro Monarcha do mundo, elle foy o que pos os nomes a todos os animaes, & acertou tanto com elles, que testifica a Escritura, que estes sam os seus verdadeiros nomes.

6 Este nome tam authorizado, que entam nos chamou o magnifico Rey, nos dura ainda no tempo presente; & posto que o sabemos agradecer, nam o podemos merecer (pois até aquelle^d q por anthonomasia he o Apostolo, dizia que era indigno de tal honra) antes nem temos direito pera o deuermos aceitar; porque o nosso nome he o que nos deo sãto Ignacio fundador da Companhia, inspirado pelo ceo, confirmado pelos summos Põtifices, & abornado pelo sagrado Cõcilio Tridentino, chamandonos da Companhia de IESV. Mas ou fosse o Rey, ou o pouo o autor deste nome, de qualquer maneira que isto passasse, assim como reconhecemos o pouco que merecemos tam glorioso appellido, assim entendemos o muito a que nos obriga prerogatiua tão soberana. Nomes grandes trazẽ consigo grandes encargos, & grandes obrigaçoens, *Et nominum insignia onerosa sunt,*^f disse S. Chrysostomo, o que se chama

I.

^c
Gen. c. 2. n. 19.
Omne quo t
vocalit A lam
animæ viuẽtis
ipsum est no-
men eius.

^d
1. ad Cor. c. 15.
n. 9. Qui non
sum dignus
vocari Aposto-
lus.

^e
Vide Bullar.
faciet. p. 39.
Trid. sess. 25.
de Reg. c. 16.

^f
Chrysostom.
11. epist. ad
Roman.

Anno de
Christo de
1540.

44

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
I.

^g
Plut. in Apo-
phr. Alex. Fac
facinus nomi-
ne, quod ger.s
dignum.

capitam famoso, tem obriga-
çam de fazer obras famosas, &
aumentadas facçoens: pouco
montam nomes fantasticos, se
nam ha obras verdadeiras. En-
controu Alexandre ^s Magno
com hum soldado, perguntou-
lhe como se chamaua? Respon-
deo, que tambem se chamaua
Alexandre: *Ide*, lhe disse o ge-
neroso Rey, *& fazey façanhas*
dignas de tal nome: assim tambem
deuemos de entender os da
Companhia, que com o titulo
de Apostolos, que nos deo o fa-
uor do Rey, & o applauso do
pouo, nos corre precisa obriga-
çam de fazer obras, com que
possamos autorizar o nome, &
corresponder à obrigaçam de
seus apostolicos empenhos; imi-
tando os raros exemplos da-
quelles dous excellentes varoës
S. Francisco de Xavier, & Pa-
dre mestre Simam, que pois
por elles nos veyo a honra do
nome glorioso, por nós tenha-
mos a imitaçam das obras san-
ctas.

CAPITVLO X.

*Trata elRey da confirmaçam
da Companhia, recebe-se em
Portugal o primeiro nouiço.
Poem-se em conselho de es-
tado a ida dos Padres
pera a India.*

I **O** Vtra mayor obriga-
çam temos a este
benignissimo Prince-
pe, por outra merce, que nos
fez, em que mostrou quam so-
lidos, & verdadeiros eram seus
reaes desejos de sahirem a luz
effectiuamente os ditosos prin-
cipios da Companhia, nam sò
em Portugal, aonde já nos ti-
nha, mas no mundo todo, aon-
de nos deleyaua; porque experi-
mentando nestes dous Padres
o muito, que sêdo muitos pode-
riam obrar estes seus novos A-
postolos em bem das almas; &
crescêdo cada dia nelle o amor
a seu instituto, com a grande o-
piniam, que tinha de seu sancto
fundador; com hum incansauel
cuidado solicitou ao Papa Pau-
lo III. pera o que mais impor-
taua á Companhia, que era sua
aprouaçam, & confirmaçam
apostolica. Pera sahir melhor
com tam sanctos intentos, es-
creueo ao Emperador Carlos
V. (seu cunhado por duas vias)
& ao Rey de França Francisco
de Valois, seu grande amigo,
pera todos tres com apertadas
instancias procurarem este bõ
despacho, diante de sua Sancti-
dade. De ambos estes poten-
tados, & monarchas supremos
da Christandade, se valeo elRey
pera socorro das rogatiuas, &
supplicas, que fazia diante do
summo Põrifice, pera procurar
hum bem tam grande, como

*Diligen-
cias, que
fez elRey
D. Ioam o
III. pela
confirma-
çam da Co-
panhia.*

he

he o que veyo ao mundo todo pela fundaçam da Companhia: & quis apontar isto aqui, assim porque o calaram alguns nossos historiadores, como pera que entendamos os da Companhia toda, quantas sam as obrigaçoens, que temos a este grande Rey, pois tanto de sua parte procurou que sua Sanctidade deferisse às sanctas pretçoens, & continuas lagrimas de nosso sancto fundador, em obra tam gloriosa, como foy a confirmaçam da Companhia; que finalmente se veyo a concluir em 27 de Setembro do mesmo anno de 1540. E pera suprema cabeça, & prelado desta sancta religiam, por votos de todos, foy eleito o mesmo S. Ignacio; de quam aceita foy esta eleiçam a todos, tam pezada pera si a sentio o sancto Padre, fazendo notauéis diligências por se escusar de governar huma religiam tanto sua, como na sua vida se conta.

2 Em quanto o serenissimo Rey Dom Ioam com suas cartas, & valias procuraua a confirmaçam da Companhia; & os dous Padres sam Francisco de Xavier, & mestre Simam continuauam na forma de viuer, que apontamos, cultiuando aquelle grande campo da cidade de Lisboa: entre o muito fruto que se colheo, tambem recolheram as primicias da Cõ-

panhia neste Reyno, este foy o Padre mestre Gonçalo de Medeiros, homem nobre, & muito bom letrado, natural da villa de Meijam frio, junto ao rio Douro, da parte da prouincia dentre Douro & Minho, o qual era irmam de Francisco de Medeiros, escriuam da casa da India, muito conhecido, & estimado na corte por suas boas partes, & grande intelligencia nas cousas da fazenda real; a quem sua Alteza fizera merce de meter a seu irmam Gonçalo de Medeiros em o numero dos q, á conta de sua real fazenda, eram eleitos pera irem estudar a Paris; aonde continuaua no tempo, em que sancto Ignacio com seus companheiros dauam a todos tam grande exemplo: & logo entam teue elle os primeiros rebates do ceo, pera deixar o mundo, & seguir as pizadas de tam bons condiscipulos. Ouuiu a caso a hum pregador, & sahio tam conuertido, que logo mudou de vida; vestio-se de hum aspero cilicio, & começou a viuer em grande penitência, & austeridade. Porem parece que o inferno todo se conjurou contra o pobre mancebo, experimentando bem o que diz o Espirito sancto, quando encomenda ao que se chega a Deos, que apparelhe sua alma pera as tentaçãoens. Por mais que se disciplinaua, por mais

b
Eccles. c. 2. n.
1. Fili accedens ad seruitutē Dei pro-para animam tuam ad tentationem.

jeiuns

Anno de
Christo de
1540.

46

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
I.

jeiuns, que continuaua, passando dias inteiros sem comer, tão to mais o perseguia huma rija bateria de tentações. Bradaua continuamente a Deos, pedindo-lhe misericordia, gemia, choraua, & suspiraua. Mas o Senhor, que lhe daua graça pera vencer, pera seu mayor merecimento o deixaua peleijar.

3. Lidando Gonçalo de Medeiros com estas impetuosas ondas, & quasi coçobrado da tormenta, entrou em hũa grande desconfiança de sua saluaçam. Estando neste mayor aperto lhe acodio o Senhor por meyo de hum Anjo, o qual achandoo chorando em oraçam, & em amorosas queixas com Deos [como aconteceu a sancto Antam, quando bradando pelo bom IESV, que imaginaua que estaua ausente, o achou presente] com huma resplandecente luz o alegrou, com sua vista celestial o consolou, & muito mais com a ditosa noua, que da parte de Deos lhe trouxe, dizendo-lhe estas palauras latinas, *Confide, tu saluus eris*. Logo desapareceo de sua alma aquelle espeso neoeiro, com que se lhe representauam cubertos os caminhos da saluaçam; & com nouas luzes do ceo continuou o caminho começado; & quem nam se alentaria com tam extraordinario fauor, que chegasse a ter reuelaçam de hum se-

greto, que se tratou na eternidade em conselho de estado das tres diuinas pessoas: fazendolhe a elle certo, & infalliuell o que pera todos he incerto, & duuidoso.

4. Acabados seus estudos, se tornou a Portugal, & estando em Lisboa conheceo a sam Francisco de Xauier, & ao Padre M. Simam, lembrandose do tempo, em que os vira na Vniuersidade de Paris, & notou o raro exemplo, que dauam; & persuadindose que com taes companheiros acharia o caminho por onde hauia de alcançar o effeito de sua predestinaçam, denunciada pelo Anjo, se resolveo de seguir as pizadas de S. Francisco de Xauier, & do Padre M. Simam Rodrigues. Leuado deste sancto feruor pedio aos Padres que o recolheassem na Companhia; & depois de admittido, bem prouou com sua vida Angelica em Lisboa, que fora certa a promessa do Anjo em Paris. E assim hia a diuina prouidencia dispondo as cousas, pera que hido o Padre Xauier pera a India, ficasse com companheiro o P. M. Simam em Portugal. Foy este Padre homem de muy assinalada virtude; foy muito bom letrado, & tam insigne Theologo, & affeicoadô â doutrina do Angelico D. S. Thomas, que sabia de cor as suas partes da summa Theo-

Athan. in vita
Antonij, c. 9.

logica,

logica; procurando nam menos estudalo com cuidado, que imitalo com perfeiçam. De sua vida, & cousas mais notauéis faremos ao diante no anno em que Deos foy seruido de lhe comprir, por effeito, o que do Anjo tinha ouuido, por promessa.

5 Confirmada pois a Cõpanhia em Roma (ainda que com certo limite até sessenta professos, a que chamamos de profissam solenne de quatro votos) & vendo o serenissimo Rey a grande satisfação, que della hauia em Portugal, entrou em pensamentos de ser elle o primeiro, que nos dèsse morada, & edificasse hum grande collegio, que fosse hum nobre seminario, em que se criassem muitos sogeitos, pera reformaçam dos costumes em Portugal, & conuersam dos gentios em a India: com tal resoluçam entraram estes cuidados no real peito, que hum dia falando sobre esta materia com D. Pedro Mascarenhas (que trouxera de Roma ao P.M. Francisco, & que nos era afeiçoadissimo) lhe disse, que de muy boa vontade admitiria em seus Reynos a todos os da Companhia, ainda que lhe custasse muito de suas rendas; tomou azas este real pensamento com a grande aprouaçam, que achou neste illustissimo fidalgo. Chegouse

nette comenos o inverno, & partiose sua Alteza á villa de Almeirim, defronte de Sanctarem (segundo o antigo costume dos senhores Reys de Portugal) & nam quiz, nem por aquelle tempo, perder de sua vista aos seus Apostolos: leuou os consigo, & mandou os agasalhar em humas casas visinhas à horta do paço, aonde, andando o tempo, elRey D. Sebastiam [herdeiro nam menos do Reyno, que da piedade delRey D. Ioam seu avo] em memoria destes dous sanctos varoões, ordenou que se accommodassem meliores estas casas com Igreja; & alguns aposentos, pera os nossos Padres, que, por ordem sua, seguiam a corte, aos quaes tinha por seus confessores, & por seus mestres. Quatro Padres da Companhia se acharam já neste tempo em Almeirim, a saber o P. M. Sam Francisco de Xavier, o P. M. Simam Rodrigues, o Padre Paulo Camerte, & o P. M. Gonçalo de Medeiros, que receberam em Lisboa: hião todos os dias a dizer missa a huma ermida da inuocaçam de S. Roque, começando já o sancto a favorecer em Almeirim aos que tambem hauia de agasalhar em Lisboa. Exercitaram os Padres os mesmos bons officios, & cõ o mesmo calor em Almeirim pelo inverno, como os tinham obrado em Lisboa pelo verão

Vamos Pa-
dres com
elRey a Al-
meirim, e
como ali
passaram.

Anno de
Christo de
1540.

48

Chronica da Companhia de Iesú em Portugal.

Anno da
Companhia
I.

6 Hia porem passando o inverno, & apontando a primavera, & com ella ferviam na corte os Indiatcos com suas pretensoens, & despachos pera a India; os mais sollicitos requerentes eram os Padres, pretendendo os trabalhos da missam do Oriente, com mayores anhas, do que outros negociavam a fortaleza de Sofala, & a capitania de Ormuz. Apertavam os Padres por haver delRey esta licença, mas nam achavam nelle a pressa pera os mandar pera a India, conforme a diligencia, com que os tinha feito vir de Roma; a causa disto foy por lhe estar tam affeçoado oRey, & o povo, pela plenaria satisfação que delles havia, que nam queriam largar pera tam longe aquelles de quem tanta satisfação recebiam, tendoos mais perto. Instavam os Padres pela hida, apertava o povo que ficassem. Pera sua Alteza acodir às instancias de huns, & aos rogos dos outros, poz o negocio em conselho d'estado, no qual se tratou, se reteria os Padres no Reyno, pera melhoramento de seus vassallos, ou se os deixaria embarcar, pera conversam dos Gentios?

O que se
tratou em
conselho de
estado sobre
a hida
dos padres
pera a India.

7 Neste conselho de estado se achou o Infante Dom Henrique, Cardeal que depois foy do titulo dos sanctos quatro Coroados, & Rey desta co-

roa; cujo parecer foy, que sua Alteza os mandasse muito embora pera a India, pera onde vieram destinados; & que eram escusadas em Portugal religioens novas, aonde havia tantas antigas; & que com a Companhia se havia de hir muito a tento, & devagar, pois era religiam que ainda entam começava, da qual nam sabia por experiencia os bens, que muitos della apregoavam por fama; principalmente que os mais daquelles Padres tinham andado pelas partes do Norte, que naquelles tempos estavam inficionadas cō a peste contagiosa das heregias. Este foy por entam o voto deste sabio, & prudentissimo Principe; que com rezam se podia precatar de nouidades, & querer que o tempo fosse mostrando, se o procedimento dos da Companhia era tam solido por dentro na virtude, como por fora mostravam na modestia. & por outra parte, tambem lhe aticavam esta opiniam algumas informações sinistras, que de nossas cousas tinha ouvido. Porem nos grandes, & extraordinarios favores, que este esclarecido Principe ao diante, com grandes excessos, fez à Companhia (como veremos) abundantemente suprio este inculpavel disfavor.

8 Por diferentes meyo julgavam outros, que era bem que os Padres se partissem pera a India; porque a charidade pedia que se acodisse à parte mais fraca, &

Julgã alguns, q he bẽ q vam os Padres pera a India.

onde

onde a necessidade era mais evidente, & o perigo mayor; que sabidamente mais necessitavam os gentios da India de quem os ensinasse, que os Christãos de Portugal de quem lhes pregasse; porque havia muitas religiões, & infinitos pregadores pera o Reyno, & raros os missionarios, que se offerreciam pera a India: que nos Portugueses sempre, pela bondade de Deos, se achou se; que escusados eram pregadores novos, que lha ensinassem, tendo tantos antigos, que lha conservassem: que deixasse sua Alteza hir aos Padres pera onde o Spirito sancto, com tam vehemente inspiração, os chamava; & pois os trouxera de Italia pera tam gloriosa empresa, que nam havia pera que lha impedir, porque seria resistir a Deos; que os chamava, & negar o pan da doutrina aos pobres; que a pediam, por acodir aos ricos, que a escusavam; & assim que nam convinha que sua Alteza mudasse de parecer em os reter em Portugal, suposto que o tivera tambem em os mandar vir pera a India; & pois o seu real intento era querer antes o Oriente convertido, que conquistado, já que o provia sempre de tam esforçados capitaens, bem era que o enriquecesse huma vez com tam valentes pregadores.

9 A mayor parte poremdos que se acharam neste concelho, & entre elles no primeiro lugar o excellentissimo Principe, & serenissimo Infante Dom Luis, sofriam muito

mal haveremse os Padres de ausentar de Portugal, & haverem de perder de sua vista tam grandes pilotos do ceo.

& como pareceria bem, diziam, entre gente de entendimento: largar a naçens barbaras; & idolatras os que tanto proveyo fazem nas politicas, & catholicas: a charidade bem ordenada começa primeiro por sy mesma, pois como sofreremos ficarmos privados de tam poderosos meyo da salvação, tendoos em casa; pera que os logrem os Orientaes no cabo do mundo: quem teria por prudencia esquecerse de sy em materia de tanta importancia; por acodir a quem della faria menos estimação. Muito vey, diziam, los ames, & senhores, aos vassallos, & escravos; & grande differença vey dos vencidos aos vencedores; pois como nos havemos de persuadir tirar estes Padres aos Portugueses; que sam os senhores; & os conquistadores, pelos dar aos Casres Orientaes, que sam os cativos, & conquistados? Quanto mais, senhor, acrescentavam, que vossa Alteza faz mayor mercè a toda a India em lhe reter cá estes Padres; & negandolhe agora sis dous, lhe poderá ao diante mandar muitos; porque ficando elles no Reyno, & dandolhes vossa Alteza rendas, pera edificarem casas, se lhe poderám ajuntar muitos companheiros do mesmo espirito, como agora já fez o M. Coçalo de Medeiros, & daqui pelos annos adiante os poderá V. A. enviar; & assim estaremos os Portugueses satisfeitos, & ficarám os Indios providos.

Rezoës, q
dava o In
fante D.
Luis, pera
os Padres
ficarẽ em
Portugal.

Anno de
Christo de
1541.

50

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Pera que he, senhor, deitar ao mar de hum lanço as esperanças de tanto bem? E pera que he arriscar agora em hum só anno, o que ao diante nos pôde ajudar em todos? nem a natureza em suas obras; nem a graça em seus efeitos outra cousa nos ensinam; porque aquella nam acode ao longe, sem primeiro obrar ao perto: & a graça ensina, que as leys da charidade bem ordenada, primeiro que favorecer a aos alheos, hade acodir aos proprios.

10 Estes foram em summa os pareceres, que se deram naquelle concelho d'estado; & desta maneira hum, & outro mundo, o Oriente, & o Poente competiam sobre quem havia de ter a boa sorte de reter em sy a estes dous apostolicos varoens. Vencêo finalmente por entam (como de ordinario he costume) a parte, a que elRey mais se inclinava, que era a que desejava que os Padres ficassem em Portugal; parecendo a sua Alteza, que nam mudava, antes confirmava a vontade, cõ que os fizera vir de Roma, pois por querer ao diante prover a India com outros muitos, agora mandava ficar aquelles dous: & juntamente tratou de lhes haver de dar rendas, & fundar casas, em que se criassem muitos religiosos imitadores da virtude de sancto Ignacio,

com os quaes o Oriente se convertesse, & Portugal se melhorasse.

CAPITVLO XI.

Da ultima resolução, que se tomou neste negocio, & como elRey despachou pera a India ao Padre mestre Sam Francisco de Xavier.

1 O Coraçam do Rey, como diz o fabio, * està na mam de Deos, elle o move, & o governa da maneira, que melhor lhe parece, segundo o conselho de sua divina sabidoria: esta sentença do Spirito sancto particularmente se entende, conforme a doutrina dos Padres, em Reys sanctos, & nas materias de grãde importãcia; & esta, que se tratou no concelho d'estado, o era de grãdissima, de cuja resolução no hir, ou no ficar dos Padres, dependia a conversam à fé do Oriente, & o melhoramêto nos costumes em Portugal. Queria o piedosissimo Rey deixar ambos os Padres neste Reyno, mas, como as traças de Deos eram outras, veremos agora o modo, por onde ordenou, que se embarcasse hum pera a India, e nos ficasse o outro em Lisboa.

Anno da
Copanhia
2.

a
Prou. c. 21. n.
1. Cor Regis
in manu Dñi,
quocunque vo-
luerit, incli-
nabit illud.
D. Hier. & alij
Patres ibi.

2 Tomada no concelho de estado a resolução q dissemos, de deixar ambos os Padres em Portugal, nam faltou quem os avisasse do que passava (que estas materias, que se tratam em segredos, & conselhos reaes, ninguem as diz, mas logo as sabem todos.) Nam he tam mal recebida de hũ prezo em ferros del Rey a nova, que lhe dã do desterro de sua patria pera Guinë, em q sahio condenado, quãdo estava, cõ os olhos lōgos, esperãdo liberdade, quã sentida foy dos dous Padres a resolução real de haverẽ de ficar em Portugal. E vendo que seus rogos nenhũa cousa valiam cõ sua A. esperãram a resolução de seu beatissimo Padre Ignacio (a quẽ já d'antes tinham dado conta do animo, que alcançavam em S. A. pera os deixar em Portugal) Nam quiz o sancto Patriarcha fazer nada nesta materia, sẽ primeiro dar parte a S. Sãctidade, cuja resposta foy, q o negocio todo se puzesse nas mãos de S. A. q elle dispuzesse dos Padres, como julgasse ser mais hõra de Deos, & serviço seu. Nam podia deixar o glorioso Patriarcha de aceitar bem esta ordẽ; & nesta cõformidade avisou aos Padres, q deixasse tudo na determinaçam, & parecer de hũ Rey tam prudẽte nas cousas humanas, & tã zeloso nas divinas: acrescentãdo porẽ na carta, q escreveo a

Dom Pedro Mascarenhas, que se sua Alteza no caso lhe perguntasse o que sentia, o seu parecer seria, que mandasse o Padre mestre Frãcisco à India, pera cõversam dos gentios, & q deixasse embora no Reyno ao P. M. Simã, pera fundaçã do seminario; porq assim nẽ a India por entam seria desemparrada, nem Portugal ficaria queixoso. Muito approvou sua Alteza tam saudavel conselho, dado por hum varam sancto, & a quem o mundo por tam prudente respeitava; & (ãlem de com este meyo se dar sahida aos pareceres do concelho, & aos desejos do povo) deose à execuçam o meyo, que Deos de toda a eternidade tinha ordenado pera o fim da conversam de tantas almas em Asia, pelo Padre mestre Francisco, & fundaçam de tantos Collegios em Europa, pelo Padre mestre Simam.

3 Mudado já o coraçam do Rey, conforme à vontade do Senhor de todos, & resolutõ de seguir o parecer de sancto Ignacio, em fazer aquella repartiçam dos Padres na maneira sobredita, os mandou chamar a ambos diante de sy, & recebendoos com grandes mostras de benevolencia, com a mesma, lhes declarou o assento, que se tinha

Resolve-se,
que fique
em Portu-
galo P. M.
Simam, &
que vá pe-
ra a India
o P. M.
Frãcisco.

Anno de
Christo de
1541.

52

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
2.

tomado de hir o P. M. Francisco, & ficar o P. M. Simam, encômendando a cada hũ a boa execuçam da sorte, q̃ lhe tinha cahido por repartiçam, mais ordenada por Deos, que tomada pelos homens. Mal se poderá explicar com palavras os jubilos de alegrias, com que o Padre Sam Francisco de Xavier aceitou esta, pera elle tam desejada, & ditosa nova. Viose de repente aquella bendita alma tirada fora das talas, & angustias, de que andava cercada, entre esperanças, & medos duvidosa; desfezse aquella confusa nuvem de tristezas, & amanheceolhe hum dia claro, & hum luz serena, por ver que sua eleiçam estava já confirmada com aquelle real decreto. Levantou logo os olhos ao ceo, como quem lhe dava as graças, por merce tam singular, & lançandose de joelhos beijou a mamãa el Rey, com o mayor affecto de sua alma, por este, que elle tinha pelo mayor favor do mudo.

Sête mil-
to o P. M.
Simam
hir pera a
India.

3 Qual foy a alegria do sancto Xavier no despacho da viagem pera a India, tal a tristeza de mestre Simam com a nova de ficar em Portugal. Mal se pôde encobrir no rosto a dissimulaçam do justo sentimento da alma, porque ainda quando a lingua guarda o ma-

yor silencio, falam os olhos, & fala o rosto todo, apregoando com hũa pratica muda os mais encubertos segredos do retiro interior: difficullosa cousa he, (como disse o outro Romano^b) representar com animo triste palavras alegres. Viose bem esta verdade no que aqui aconteceo ao P. M. Simam, porque sobressaltado com diferente nova da que desejava, nam pôde deixar de manifestar a grande dor interior, com que, por obedecer, se sometia a esta ordem de sua Alteza, a quem com palavras muy prudentes pedio perdã de em sua presença nam poder encobrir os sentimentos de sua alma, que quando d'antes fossem muy justificados, já nam podiam ficar bem avaliados, pois lhe constava ser esta a vontade de sua Alteza, que tanto mais devia estimar, quanto mais a via apoyada cõ o parecer de seu P. Ignacio, cõfirmada cõ o divino decreto, que desta maneira os queria dividir, pera melhor se servir delles: que elle nam podia negar, que mais sentia entã ficar na patria, do q̃ a outros podia custar ir ao desterro, porẽ q̃ muito se cõsolava cõ cuidar q̃ naquelle seminario, que sua Alteza tratava de fundar em Portugal, assim como fosse mandando outros, tambem lhe viria a elle a sua hora, pera alcançar por effeito

o que

^b
Tibul. Eleg.
Hei mihi dissimulare est imitari
gaudia falsa;
Difficile est
tristi fingere
mentem iocundam.

o que entam perdia por obediencia. Ouvio o benignissimo Principe a hum, & a outro cō grande affabilidade, ficando cheo de muy bem fundadas esperanças, que por estes dous Padres havia de acodir à conversam da India, & ao melhoramento de Portugal.

4 Com isto se sahiram os Padres da presença delRey; & como era já muy entrado o tempo da monçam pera a India, foy necessario tratar da viagem: aqui teve o glorioso missionario S. Francisco de Xavier, no apresto de sua pessoa, milhares de nobrezas de espirito, fundadas no amor da sancta pobreza, que estimava, & na confiança de Deos, que pretendia: porque nam tratou de matalotagem pera a viagem, como quem a havia de emprender tam difficultosa, nem como quem hia fogeito à variedade dos climas, ora abrazados nas calmarias da costa de Guiné, ora enregelados nos frios da terra do Natal; pera tudo entendeo que lhe sobejavam pera sy, & pera os seus dous companheiros (o Padre Paulo Camerte Italiano, & o Irmam Frãcisco de Manfias Portugues) tres cacheiras uzadas, pera defensam das calmas, & pera emparo dos frios: havendo que do contrario se podiam dar por agravadas a sancta pobreza, & a

cōfiança em Deos: tambem aceitou algũs livros, que na India podiam ser de grande proveito: de tudo o mais que podia levar pera cōservaçam da vida, & regalo da pessoa, se deo por desobrigado: o q̃ mais nos deve de espantar, por ver q̃ tinha tãto em seu favor a liberal, & afeiçoada vôtade de hũ Rey tã poderoso, tã repetida, & encômendada ao Cōde da Castanheira, que era Veador da fazenda (a cujo cuidado estava o apresto da armada) que cō toda a benevolência, & largueza desejava prover ao sancto, & satisfazer ao Rey; cōpetindo a pobreza do Padre em nam aceitar, cō a liberalidade do Conde em offerecer. De sorte que foy dito seu muy celebrado naquella occasiam, que mais trabalho tivera com o Padre Francisco, por nam querer aceitar o necessario, que lhe davam, do que com toda a armada junta, pera que escusassem as demasias, que pediam.

5 Mas nam quero passar daqui sem fazer alguma cōmemoraçam devida a tam illustre Cōde; porq̃ este he aquelle D. Antonio d'Ataide primeiro Cōde da Castanheira, ao qual (pelo muito, q̃ nesta occasiam lhe deveo S. Frãcisco de Xavier, & depois toda esta provincia) confessamos grãdes obrigações: foy este fidalgo filho de D. Alvaro d'Ataide, & de Dona Violante

Benevolência do Cōde da Castanheira.

Como se
aprestou
pera a India o P.
M. Frãcisco de Xavier.

Anno de
Christo de
1541.

54

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
2.

*D. Antonio d'Ataide
Conde da Castanheira,
Veador da
fazenda.*

de Tavora: por parte do pay
neto dos Condes. d'Atouguia,
& por parte da mãy dos Con-
des de Prado: neto do Condé
D. Alvaro Gonçalves d'Ataide,
& da Condessa D. Guiomar de
Castro, filha de Dom Pedro de
Castro senhor do Cadaval, avo
da Duquesa de Bragança Dona
Ioanna de Castro, molher de
Dom Fernando, o primeiro do
nome, & segundo Duque de
Bragança. Este foy aquelle
gram valido delRey D. Ioam o
III. o qual fazia delle tanta cõ-
ta, pela muita prudencia, & bõ-
dade, de que Deos o tinha do-
tado, que tendo fõs vinte annos
de idade, o mandou por embai-
xador trasordinario a el Rey
Francisco de França, em hum
negocio de grande importan-
cia, & de igual difficuldade; na
qual embaixada elle bem de-
sempenhou a confiança real;
mostrando que nelle a pruden-
cia de velho supria os annos de
mancebo.

*Boas par-
tes do Cõ-
de da Ca-
stanheira.*

5 Este he aquelle D. An-
tonio d'Ataide verdadeiro exẽ-
plar de toda a modestia, de to-
da a honra, & de toda a fidal-
guia Portuguesa; este aquelle
que sempre estimou mais a vir-
tude, que as riquezas; & prezou
mais a honra, que o interesse;
porque tendo muitas occasiões
pera enriquecer (pois foy o ma-
yor valido delRey D. Ioam, &
foy Veador da fazenda tantos

annos, no tempo em que a In-
dia era India) com tudo só tra-
tou do bem cõmun, sem som-
bra de proveito proprio. Com
esta mesma constancia rejeitou
outra occasiam, que teue, pera
ser muy rico; porque o Infante
Dom Luis o quiz fazer seu her-
deiro, que elle nam quiz acei-
tar, com nam menor espanto,
que edificaçam do serenissimo
Infante, por ver hum homem,
q por ganhar nome de desinte-
ressado deixava as occasiões de
ser rico. E porque teue muitos
filhos, & filhas, & era muy pou-
co o que tinha pera lhes dei-
xar, & poderiam elles esperar
muito, em rezam dos grandes
cargos, que teue, & mayores va-
limentos com a pessoa real; en-
tendeo. que lhe era necessario
dar satisfaçam por escrito [que
ainda hoje se guarda em casa
do Conde da Castanheira D.
Antonio d'Ataide seu neto] a
seus filhos, & descendentes, do
pouco, que lhes deixaua; acon-
selhandoos com seu exemplo,
que estimassem mais o bom no-
me, que a muita fazenda; que
he exemplo raro, & que pòde
servir de admiraçam aos vali-
dos, & de freo aos pretenden-
tes.

6 Este finalmente foy a-
quelle tam celebrado, tam cor-
tesam, & tam avizado Conde
da Castanheira, em cuja bo-
ca sempre se ouvio a verdade,

em

em cujo coraçam sempre reynou a piedade, em cujas obras sempre se enxergou o desinteresse. E como eram tam superiores os dons das virtudes de tam illustre foyeito, nam me espanto ficar logo tam amigo do Padre S. Francisco de Xavier, & do P. M. Simam Rodrigues; principalmente, que nisto queria dar gosto a sua Alteza, que via quanto estimava aos Padres; & daqui lhe começou o grande amor, que teve a toda a Companhia, da qual sempre foy afeiçãoadissimo protector; deixando, como por herança, este grande amor a seus filhos, & descendentes, que o guardam, como sabemos estimar, & como desejamõs agradecer:

7 Com este ser o Veador da fazêda, que tinha a seu cargo aviar ao P. M. S. Francisco de Xavier, nam foy possivel acabar cõ elle q̃ aceitasse mais, q̃ o q̃ temos dito: & cõ esta matatagem, entregue nos braços da sancta pobreza, esperava este ditoso missionario o final pera se hir embarcar, da maneira que hum valeroso mantenedor espera atento, & com animo alvoroçado, o final da trombeta, pera sahira ao campo.

[?]

CAPITVLO XII.

Como se foy o Padre mestre S. Francisco de Xavier despedir delRey, & deo à vela pera a India.

Tanto que a nao capitania disparou peça de leva, veyo o P. M. Francisco ao paço, acompanhado do Padre M. Simam, & mais companheiros, a despedirse de sua Alteza, pera dali se hir embarcar: foy recebido delRey cõ a brandura, & afabilidade costumada, & com a mesma lhe meteo na mam os breues, & letras apostolicas, que por seu respeito lhe tinha mādado a sanctidade do beatissimo Padre Paulo III. pelas quaes o fazia seu Nuncio apostolico na India, & Commissario gèral em tudo o que fosse necessario pera bem, & proueito das almas: & posto que a expediçam desta dignidade sò pertença ao summo Pastor da Igreja, com tudo era sua Alteza tanto da deuaçam, & respeito do sanctissimo Padre, q̃ lhe mandou a elle remetidas estas bullas, pera q̃ tivesse o gosto de asdar ao P. M. Francisco, pois elle era a causa porq̃ lhas davam. Cõfuso ficou o humilde servo de Deos com a offerta, & entrega de tam

Vay o P.
M. Francisco
despedirse
delRey pera
se hir
embarcar

Christo de
1541.

grande dignidade; tratou de se escusar, mas já nam havia lugar pera essas detenças; & bẽ mostrou ao diante que mais aceitou esta honra pera a encobrir, que pera se authorizar; pois sò huma vez na India uzou de seus grandes poderes, como quẽ mais pretendia exercitar occasioens de humildades, que ofertar luzimentos de grandezas.

2 Depois de entregues, & recebidos os breves, dizem se despedito sua Alteza do Padre com estas palavras: Mestre Frãcisco, dou infinitas graças a Deos nosso Senhor pelas asnaladas merces, que de sua divina mam continuamente recebo, a de me fazer senhor de tam ricos, & prosperos Reynos do Oriente (que meus avós nam chegáram a possuir) desejava eu de satisfazer a Deos, com procurar que os mesmos termos, que houvesse em meus senhorios, & vossos mais dilatados, fossem os do conhecimento de sua divindade: chegou Deos a ser servido de me dar firmes esperanças de ver, em meus dias, cõpridos estes meus desejos, pois me deo vossa religiosa pessoa, pera mos cõprirdes: & ainda que sey, que a vós vos sam escusadas advertencias, por ventura que a mim me corre obrigação de as fazer; nam pera vos espartar a vós, mas pera me desempenhar a mim. Tres sortes de gente hà nos largos estados da Asia Oriental; a saber, os vassallos naturaes deste Reyno, q̃ cõ armas sustentam, & conservam as terras, que

seus pays ganháram em meu serviço, & com as mesmas conquistam outras de novo a meu imperio: a estes, que sam filhos desta coroa, & meus, vos rogo muito sejais de particular favor com vosso sancto zelo; pera que, na liberdade das armas, nam se esqueçam das obrigaçoens de Christãos, pois sabem que me nam agradam largos senhorios, ganhados com roins procedimentos; & que os façais entender que aquelles imperios sam de mais dura, em cujo governo reyna a iustica, & florece a Christandade: & que aquelles senhorios sam mais aceitos aos vassallos rendidos, que menos violencia acham nos senhores vencedores. E pera que com mais authoridade possais fazer o que tanto vos encomendo, vos entreguer as presentes letras apostolicas, pelas quaes tudo o que há na India vos reconhecerá por universal superior de toda ella no espiritual. E ainda que nam digam com espirito tam religioso, como o vosso, espiritos militares, isto se entende pera o exercicio das armas, e nam pera as advertencias do conselho: & assim espero, que as façais muy continuas aos meus visoreys, governadores, capitaens, & ministros, pera que em tudo se conformem com os caminhos, que lhes mostrardes, pera serem melhor guiados ao serviço de Deos & ao meu. Nam tiro deste cuido o que de vós espero de me advertirdes, por cartas vossas, de tudo o que sentirdes conuem no governo politico dos povos, & ainda na observancia militar das cousas da guerra.

3 Os segundos moradores da

India

Pratica
del Rey ao
P. S. Frãcisco de
Xavier.

Anno da
Companhia
2.

India sam gentios meus vassallos, ou alumiados já na fé, ou cegos nella, nam há pera que encômendar ao vosso zelo o melhorar a huns, & o alumar a outros, porque a grande luz, de que Deos vos fez merce, vos nam sofrerá vagares em communicardes a do Evangelho.

4 A terceira casta de gente, que há na India, sam os gentios fora de meu senhorio, pera cuja conquista temporal eram necessarios mayores poderes, que os meus, pera a espiritual bastam os vossos, pois sam divinos. Pera mim serà grande gloria nam saltardes a estes com a luz do Evangelho, porque ainda que os nam tenhamos por vassallos conquistados, gloria nossa serà telos por vinhos convertidos; & nam vos pareça que he fora de meu serviço tralhardes em vinha alhea, & fazerdes nella gastos de minha fazenda; & pera esta vos nam saltar, aviso a meus ministros; porque mais estimo na India hum genio convertido, que hum Reyno conquistado. De tudo o que pertence a estes tres estados de gente, que há na India, me avisareis muy a miude, porque em terras tam remontadas da vista de seu Rey, sam necessarios muitos olhos, & ouvidos alheos; & por mais que sejam, nunca sam sobejos. Sobre tudo sabe que primeiro perderei o Reyno, & a vida, que o cuidado dessa christandade, pera que daqui tireis a obrigaçam, que vos corre a vós em os converterdes, & o gosto, que me dareis a mim, por saber que os tendes convertidos.

5 O Padre mestre Fran-

cisco, que já estava envergonhado de ver o muito caso, que elRey fazia de sua pessoa, em lhe entregar os breves, pera officio de tanta dignidade, sendo sua intençam fazer o mais baixo, & humilde da nao; muito mais atalhado ficou ouvindo esta pratica, & vendo a muita conta, que sua Alteza delle fazia; tanto que teve lugar de responder, com breves palavras, re-graciou as merces, que nesta despedida lhe fazia. Mal poderia, senhor, lhe disse, satisfazer ao muito, que vossa Alteza de mim confia: espero eu na divina bondade, que me fará merce de tam fervorosos espiritos, que possa corresponder ao que V. A. me ordena; & que seja Deos tanto em meu favor, pera o servir em tam gloriosa empresa; como pera satisfazer os piíssimos desejos, que vossa Alteza tem pera augmentala. Quanto á dignidade, que V. A. me offerece, mal podia esperar tam grande honra, quem nam deseja mais que servir; mas pois já nam há lugar de escusa, quererá Deos, que o haja pera mostrar ao mundo todo, que aceito esta dignidade mais por obedecer como servo, que pera governar como Nuncio.

6 Com esta ultima reposta se despedio o P. M. Francisco da presença real, e em cõpanhia do P. M. Simam, & mais companheiros, se foy embarcar em a nao capitania do governador Martim Affonso de Sousa, tomãdo posse naquelle dia a

Reposta do
P. S. Frã-
cisco a S.
Alteza.

Anno de
Christo de
1541.

58

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
2.

primeira vez as lagrimas de ultimas despedidas, que todos os annos choramos na praya de Lisboa, quando, com sancto costume, himos acompanhando aos nossos missionarios da India, do Iapam, & da China, dando os ultimos abraços, & saudosos vales, aos que dali se apartam de nós, deixando-nos a muitos envejosos da sorte, & a todos saudosos da partida.

7 Nam ficou esta vez no câis o P.M. Simam, senam que pondo com elle os pés na pracha, entrou no batel, & se foy com seu sancto companheiro a bordo, desejando de o acompanhar até a India; & tendo picada a amarra, & dando o mestre ao apito, pera desfraldar a vela de gavia, se despediram os dous sanctos varoës; & no meyo de suas saudades, se exhorráram hum ao outro, a cada hum levar sua cruz em terras por distancia tam diversas, & muito mais por costumes, & religiam: Agora, diz o sancto Padre Francisco, que tenho a desejada posse desta nao, principio das merces, de que Deos me tem dadas certas prendas, nam vos quero encobrir, irram meu mestre Simam, hum segredo, que vos será de grande consolaçam. Lembra-do estareis d'aquelles brados, que me ouvistes em hum hospital de Roma, quando com voz em grito dizia; mais, mais, mais; muito desejastes entam saber que brados eram estes, &

a que fim se repetiam, agora vos declaro, irram meu muito querido em o Senhor, que me representou o mesmo Senhor os trabalhos da India, cuja navegação hoje começo; & foy tal o animo, que entam me deo, que sahi com aquelles impetuosos gritos, bradando por mais, & mais. Rogay por mim a Deos como bom amigo, que pois me deo tanto animo pera os aceitar, representados em sonhos, me dê ainda mayor, pera os padecer, experimentados em realidade.

8 Mais queria o Padre Francisco dizer sobre este seu tam celebrado, & repetido mais, porem interrôperam-lhe as palavras, pera nam poder dizer mais, por huma parte as lagrimas, que choravam; por outra o nordeste, que espertava; & a grita dos marinheiros, que ao largar da vela deram a boa viagem: tudo isto obrigou ao P. M. Simam a deixar, pera nunca mais ver, a seu grande amigo o P. S. Francisco de Xavier; o qual finalmente sahio de Lisboa em a nao Sanctiago, em que hia o governador Martim Affonso de Sousa, fidalgo de grande estima, em o qual concorriam todas as boas partes; foy filho de Lopo de Sousa senhor do Prado, & alcaide mór de Bragança, & de Dona Britis de Albuquerque; o qual erdou à casa de seu pay, & foy homem de grande valor, & de notavel piedade, & zelo da fé, como tam amigo de Sam

Ultima despedida do
P.M. Francisco, & do
P.M. Simam.

Fran-

Capitaens
das naos
da arma-
da, em que
foy S. Frã-
cisco de
Xavier.

Francisco de Xavier; succedeo no governo a Dom Estevam da Gama, irmam do Conde almirante. Hiam em sua companhia mais quatro naos, das quaes erã capitaens Dom Alvaro d'Ataide da Gama, filho do Conde almirante, Alvaro Brandam, Frãcisco de Sousa, Luis Cayado; cujos nomes aqui aponteí, pela boa dita, que tiveram em hirem na companhia de tam sancto passageiro. Deram todas á vela, anno de 1541. em os 7 do mes de Abril, que he mes de primavera, em que o verã nos abre o thesouro da natureza reverdecida, nas alegres, & vistosas flores, com que a terra se enfeita, & as arvores se revestem, que sam penhores certos dos fruitos sazoados, que se ham de colher pelo estio, & outono. Outras melhores esperanças se abriram neste Abril de 1541. a todo o Oriente, com a missam de Sam Francisco de Xavier, a qual nos prometeo o copiosissimo fruto, que da renovaçam das almas recolheo este apostolico operario; o qual como hum novo Argonauta vay sulcando as immensas agoas do largo Oceano, nam pera trazer da India o vello de ouro, que despreza; mas pera recolher no ceo o thesouro das almas, que estima.

[.?.]

CAPITVLO XIII.

*Dase hum breve noticia da
pessoa, & virtudes do Padre
Sam Francisco de
Xavier.*

I Mbarcamos no capitulo passado pera a India ao Padre Sam Francisco de Xavier; & pois lhe temos tantas obrigaçoens, & o nam podemos acompanhar cõ o corpo, figamolo ao menos cõ a lembrança; & já que o perdemos de vista, nam o larguemos da memoria, dedicandolhe estes tres capitulos, fazendo hum breve elogio de sua milagrosa vida, & recolhendo neste pequeno mappã a grãdeza do mudo todo. Sam tam sabidas as cousas deste incomparavel varram, tantãs em numero suas glorias, tam bem historiadas suas illustres façanhas, tam bem cantadas per hum insigne Homero * as grandes proezas deste melhor Achilles, que seria grãde temeridade querer vadear pego tam profundo; & muito mayor pretender recopilar taes grandezas: & por outra parte he tam notavel a obrigaçam, que lhe temos todos os Portugueses, que seria ingratitude nam fazermos delle alguma

a
Joan. de Lu-
ce na in vira S.
Franc. Xavierij.

com-

commemoram nesta historia da Provincia de Portugal, sendo elle o principal, a quem devemos quanto logramos no Reyno, & quanto temos em a India. Esta he a rezam, porque me resolvo a dar aqui huma breve noticia, ainda que muito per mayor, deste nosso mayor sancto, querendo antes ser julgado por temerario, que ser avaliado por ingrato: hirei so tocando, & descrevendo brevemente com a pena as terras, & os mares, que elle passou, percorrendo com sua pessoa: farey huma breve peregrinaçam, acompanhando a hum sancto, que sempre foy peregrino na vida, & tambem appareceo em habito de peregrino depois de morto.

Milagre prodigioso que fez S. Francisco de Xavier no P. Marcello Mastrillo.

2 Foy o caso, que estando em Napoles, em nossos dias, o Padre Marcello Mastrillo da Companhia, agonizando por momentos com a morte (por causa da mortal ferida, que lhe abrio na cabeça hum martelo, que por descuido cahio a hum armador em huma Igreja) lhe appareceo S. Francisco de Xavier, vestido como peregrino, & lhe fez renovar o voto de hir ao Iapam, & logo lhe disse que se levantasse, porque ja estava sam: & assim foy, porque immediatamente se levantou vivo o moribundo, diante de todos os de casa, que lhe rezauã

o officio da agonía, que logo se mudou em jubilos de alegria. Tiraram-lhe os panos da cabeça, & acharamno sem hum minimo final da ferida; o cabelo, que tinha cortado pera a cura, já crecido; o rosto desfeito, & descórado com a doença de trinta dias, de repente ficou cheo de carne, & elle valente nas forças, & alentado na saúde. Deste estupendo milagre podemos dizer, que foy o mundo todo testemunha de vista, porque o Padre Marcello correo Italia, veyo a Lisboa, aonde todos o vimos, navegou á India, foy ás Philipinas, passou ao Iapam, a comprir seu voto, aonde gloriosamente deo a vida pela fé de Christo, que pregava.

3 Neste prodigioso milagre appareceo Sam Frâncisco de Xavier, ainda depois de morto, feito peregrino, porque sua vida foy huma continua peregrinaçam, & nisto se remata toda a perfeiçam de hum christam, diz S. Ioam Chrysostomo: *Universa virtus esse huius mundi hospitum, & peregrinum*: & por isto ainda, depois de morto, lhe tresladam seu corpo incorrupto de Sancham a Malaca, & de Malaca pera Goa, pera assim (como de Iacob disse S. Ambrosio, quando mandou tresladar seus ossos) nem ainda depois de morto descansar, quem sempre

Appareceo S. Frâncisco de Xavier vestido de peregrino.

^a D. Chrys. ho. 24. ad Hebr.

^b Ambro. de fide iust. Trãsserri enim ossa sua, ne vel mortuus requiesceret, obsecravat.

em toda a vida quiz andar peregrinando. Sigamos pois brevemente, & com toda a pressa, a este tam andante peregrino, cuja patria era o mundo; como de sy já dizia o grande Seneca, *Patriamque nobis mundum profecti sumus, ut liceret latiore virtuti campum dare*, pera q a virtude rivesse mayor campo, em q melhor se podesse exercitar. Vamos vêdo as terras, por onde andou, & temos muito que caminhar, porque alê de Navarra, aonde naceo, & de França, aonde estudou, além de Italia, & de Europa, passarêmos a linha Equinoccial, atravessarêmos esses mares Atlantico, Ethiopico, Arabico, Indico, & ainda á vista do mar vermelho; passarêmos à India, entraremos, & sahirêmos do Iapam, baterêmos às portas da China; veremos lugares, que o sol nam aqueitou com seus rayos, alummiados com a luz peregrina deste esclarecido peregrino; emfim nestes tres capitulos daremos varias voltas ao mundo todo, seguindo sempre a este apressado caminhante. O mundo todo em redondo, como ensinam os mais sábios Geographos, tem seis mil & trezentas legoas; & S. Francisco de Xavier, peregrino de ventagem, muitas mais legoas andou, porque só de Roma dentro ao Iapam, tomadas as con-

tas pelo diligente Bozio, ^d andou seis mil, & citocentas legoas; & o sancto Xavier voltou outra vez do Iapam à India, & da India foy à China, andando terras sem numero, & correndo legoas sem cõto; postoque houve hũ curioso, que as quiz cõtar com o Bispo Bozio, & vê a dizer que andou este sancto peregrino quinze mil, & tantas legoas: que espirito tã grãde tam dilatado campo demandava.

5 Mas porque he impossivel representar em tam pequeno theatro, como he o de tres capitulos, façanhas tam estendidas por tantas terras, tocarei as que fez em algumas, pois nam podemos dizer o que lhe acõteceo é todas. Vamonos primeiro a Hespanha, entremos no Reyno de Navarra, aonde se levata, junto à nobre cidade de Pamplona, o castello de Xavier, primeiro berço do sancto Padre Francisco, aonde nasceo de esclarecidos progenitores; seu pay se chamou Dom Ioam Lasso, sua mãy Dona Maria de Aspilcueta, & de Xavier, dos mais illustres senhores, & mais antigos folares daquelle Reyno. Aqui neste castello esteve por muitos annos, na mesma casa, aonde nasceo, S. Francisco de Xavier, hũ veneravel crucifixo, do qual sabemos que todas as vezes, q

^d
Bozio de Ag-
nis Ecclesiæ
lib. 6. c. 3.

Milagre
do crucifi-
xo, q sua-
va, quando
o P. M. Frã
cisco tinha
algũ tra-
balho,

o sancto Padre lá no Oriēte li-
dava cō algũ grãde trabalho, o
sancto crucifixo, cã em Navar-
ra, se cobria de suor. Deste mi-
lagre, de que nam temos já ho-
je rezim de duvidar, nos fica a-
inda rezam de perguntar, que
combinaçam podia ter o traba-
lho de Xavier no Oriente com
o suor do crucifixo em Navar-
ra? A rezam disto ao certo eu
a nam poderei dar; salvo se era
tal a uniam, que havia entre
Christo, & Xavier, que era im-
possivel padecer hum, sem o
sentir outro; q̃ assim como pela
grande uniam, que hã entre o
corpo, & a alma, quando hum
padece, tambem o outro tem
pena; assim tambem quando
Xavier cansava, Christo suava.

5 Suou Christo a no hor-
to gotas de sangue; & se pre-
guntarmos a causa deste traor-
dinario suor, elle a dáva, com
huns suspiros tam mortaes, que
entristeciam o valle todo, brã-
dando, & dizendo: *Tristis est ani-
ma mea*: de maneira, que o que
a alma padecia dentro por tris-
teza, o corpo manifestava fóra
por suor. Se perguntássemos á
veneravel imagem do sancto
crucifixo, no meyo de seus suor-
es, que causa havia pera taes
afflicções? Se, assim como suou,
falára, respondéra, *Tristis est ani-
ma mea*, que suava, porque sua
alma Frãcisco de Xavier estava
em trabalhos, & padecia penas.

He o grãde Padre, & teraphim
abrazado S. Francisco de Assis,
pelas chagas, que o Senhor lhe
imprimio, imagem viva de
Christo morto; & quẽ vê a Frã-
cisco chagado, lhe parece q̃ vê
a Christo crucificado; porem S.
Francisco de Xavier, neste mi-
lagroso suor da veneravel ima-
gem, passa avante, pois, como
se fosse a alma do mesmo Chri-
sto (pela grande uniam, que en-
tre sy tinham) Xavier padece as
dores, & Christo mostra os su-
ores.

6 Mas deixemos o Reyno
de Navarra, deixemos a po-
pulosa França, & a celebra-
rissima cidade de Paris, aonde
o sancto Padre Francisco re-
nunciou ao mundo, & seguiu
a Christo, por conselhos, &
persuaçoens de S. Ignacio (Sa-
hindo de tal pay tal filho, de
tocha tam resplandecente hũa
luz tam esclarecida, que nã po-
dia deixar de ser immenso o fo-
go, donde na sceo rã grãde sol.
Continuemos cō elle nossa pe-
regrinaçam, tratemos de hir em
romaria á sancta cidade de Ie-
rusalem, atravessemos a alta
Alemanha, deçamos aos Países
baixos, voltemos logo a Itã-
lia, passeemos á fresca Lom-
bardia, entremos em Veneza,
vêjamos Vincencia, descubra-
mos Bolonha; em todas estas
cidades, por todas estas regioẽs
acharẽmos ainda viva a memo-

ria,

Luc. c. 22. n.
44. Sudor eius
sicut guttæ sã-
guinis decur-
rentis.

Matt. c. 26.
n. 38.

Terras, q̃
correio em
Europa S.
Francisco
de Xavier

ria deste sancto peregrino, em Veneza ainda hoje estã hũ hospital antigo, aonde elle costumava servir aos incuraveis; aco-dialhes cõ charidade, fazialhes a cama cõ cuidado, lavavalhes as chagas cõ amor; por final, q̃ hũa vez encõtrou cõ hũ destes incuraveis, q̃ tinha hũa chaga tã nogêta, q̃ quãdo o Sãcto se poz de joelhos pera lha curar, sentio a natureza grãde asco; porẽ cõ hũa illustre victoria de sy mesmo, vëceo a abũdãcia da graça a repugnãcia da natureza; porq̃ de joelhos, como estava, nam se contentou cõ beijar, & lãber aquella chaga, q̃ era a mais abominanda; pouco era isto, pera a grãde victoria, q̃ de sy mesmo meditava; espremeo, chupou, & levou pera baixo a peçonha, & isto nã de hũ golpe, mas gostãdo muy devagar aquelles suaves amargozes, pera por largo tẽpo dilatar as delicias de seu tormẽto. A S. Pedro, apresẽtou Deos hũa mesa, na qual lhe oferecia por iguarias cobras, & sapos, cõ outros nam menos trabalhosos pratos, animãdoo cõ grãdes vozes, pera q̃ os comesse, *Occide, & mãduca*; porẽ por mais q̃ os brãdos do ceo se repetiã, já nũca S. Pedro se pode resolver a levar algũ bocado daquelles pera baixo; mas o q̃ S. Pedro receou em representaçã, nã temeo Xavier ã realidade. E se na peçonha da mesa de S. Pedro, se representa-

va a gẽtilidade, deita ainda menos asco teue S. Frãcisco de Xavier, do q̃ S. Pedro, pois foy propriamẽte Apostolo da gẽtilidade. Desta maneira sabia este grã de Sãcto cõ o esforço da graça soberana, sopear os lãços da natureza temerosa.

7 Continuemos a peregrinaçã de Paris a Roma, & acharẽmos neste caminho outra victoria maravilhosa, quando o Sãcto por saber de sy, q̃ em moço fora airoso, & inclinado a dãçar, pera mortificar esta inclinaçã já passada, atou os buchos dos braços, & por cima dos joelhos, cõ hũs cordeis tã delgados, & cõ hũ labyrintho de nũs tam cegos, q̃ crescẽdo a carne por fóra das ataduras, & nam lhas podẽdo cortar, o puzerã às portas da morte, sẽ poder passar avante este Sãcto peregrino, prezo, & por sy mesmo, trateado cõ estes apertados cordeis; atẽ q̃ o ceo, per cujo amor se prendeo, milagrosamẽte o desatou; porq̃ nam erã bastãtes aquellas prizoẽs pera prẽder a este forte Sãsam; & nã era bẽ, q̃ tã depressã parãsse, quẽ era tã ligeiro no correr. Porẽ estes terriveis tratos de cordel, & estes crueis tormentos, a que Xavier se poz volũtariamẽte, descobriã a verdade, a qual era, que queria o Sancto antes morrer prezo, & engraçado a Deos; q̃ parecer folto, & gentil homem ao mundo.

*Como se
houve S.
Francisco
de Xavier
em hũ hos-
pital.*

*Como o S.
se mortifi-
cou atã-
do se forte-
mente.*

*f
Flor. c. 10. n.
1, 12, 13. Ve-
linteru mag-
u, in quo erãt
omnia quadru-
pedia, & serpẽ-
ta terrã.*

8 Dali por diãte caminhou cõ passos ainda mais agigantados; chegou a Roma, de Roma, atravessando os Alpes, veyo a Portugal; daqui embarcado em a nao de Martim Affonso de Sousa chegou à India; deo volta ao mûdo todo; foram muitos os climas, q̃ mudou; innumeraveis as nações barbaras, em que entrou: aportou em Moçâbique, de Moçambique chegou a Melinde, de Melinde a Zocotorá, correo toda esta costa de Africa meridional; atravessou o mar Arabico, entrou na Asia, & finalmente lançou ferro em Goa: aqui reformada esta cidade nos costumes, fezse logo no cabo de Comorim, converteo toda a costa da Pescaria, celebre cõ as perolas, q̃ ali se pescam, celeberrima pelas muitas almas, q̃ nella pescou Xavier pera o ceo. Passou ao Reyno de Travãcor; entrou na famosa ilha de Ceilam, em Nagapatam, & Coromãdel; daqui foy a Meliã por visitar o corpo do sagrado Apostolo S. Thomè, aõde esteve algũs dias sê comer bocado, todo arrebatado no ceo, como outras muitas vezes o virã enlevado, & elevãdo no ar; aqui teve particulares favores da Rainha do ceo cõtra o inférno, q̃ se atreveo ao querer inquietar cõ medos, & molestar cõ pãcadas. De Meliã por se fez á vela pera Malaca: esteve na ilha de Amboino: cor

reo todo o Macaçar; foy o primeiro, q̃ entrou nas Malucas a prégar a fé de Christo.

9 Esteve na temerosã ilha do Moro, esteril nos môtos, inculta nos valles, fertil de peçonha, dõetia no terreno, fragosã nas pednias; mãy da crueldade, deshumana nos costumes, barbara na gêre, porq̃ nã guardã entre sy amizade, matãse lûs aos outros, pera cevarê sua voracidade êscus filhos: esta he aquilla ilha do Moro, aõde os trabalhos do Sancto foram infinitos, & as cõsolações infaveis: esta he aquella ilha, de q̃ tãtos medos meriã ao Sancto: esta he aquella ilha, a quẽ elle depois chamava, ilha de sua cõsolaçam, aõde andava cõ os pés descalços, cõ a cabeça descuberta, cõ o cabello, & barba crescida, & cõ a roupeta sobre o peito rasgada, por nã poder sofrer dentro no coraçã fechado as giãdes cõsolações, q̃ o ceo lhe abria. Esta finalmente foy aquella ilha, aõde as lagrimas de devaçã erã tãtas, que sahio della, depois de milhares de almas bautizadas, por nam perder a vista dos olhos, pelo copioso chuveiro de lagrimas, que derramava.

10 Tirado do Moro tornou a Ternate; daqui passãdo por Amboino, se fez á vela pera Malaca, de Malaca voltou a Goa; de Goa arremeteo cõ a gloriosa êpreza do Iapam, theatro fatal de martyres gloriosissimo: foy en

Vay á ilha do Moro.

descobrimto de todos estes Reynos; entrou com a campainha da sancta doutrina pelas provincias do Iapam, por Nangazaque, por Omura, por Arima, por Bungo, por Firando, por Cangoxima, & Amanguche: prégou a fé de Christo na mesma corte de Meâco; atravessou as mais nevadas serras destas ilhas, andado sempre a pè, muitas vezes descalço, & os pès vertendo sangue; seguindo a prèssa dos Iapoës, que hiam a cavallo, & lhe serviam de guias, por aquelles matos, os mesmos, que elle guiava pera a salvaça; como succedeo a Moyses, ² quando pedio a Iethro, que era gentio, que o guiassse pelo deserto; pera que, como notou Ruperto, ^h Moyses tivesse occasiã de ecaminhar pera o ceo, a quẽ o guiava pela terra: *Ducẽ requirebat in via, ut dux illi fieret ad vitam.* De Iapam se tornou á India, desembarcãdo em Malaca; de Malaca navegou a Goa; de Goa voltou a Malaca; de Malaca se fez no descobrimto das grandes provincias da rica China. Deixou atras o rio Indo: vio os câmpos, que rega o Ganges. Dobrou todos estes cabos, que vam de Portugal até a China, o Bojadór, o Cabo verde, o de Boa esperãça, Rosalgate, Comorij, Cingapura, Gardafu, & outros muitos; passou toda a Zona torrida; entrou no

Malavar; navegou o golfam de Bengala; descobrio novas constelaçoens; adorou o cruceiro do polo austral: & como diz a bulla de sua canonicacãm, foy o primeiro, que prégou a fé de Christo aos Paravãs, aos Malayos, aos Iãos, aos Achens, aos Mindanãos, aos Malasenses, & aos Iapoës. Correo em fim tantas terras, & navegou tantos mares, que, como bem disse hum grande seu devoto, ¹ ou he necessario que o mundo se confesse por mais pequeno, ou que o tenhamos a elle entre os homẽs por mayor.

II Andando por todas estas terras, & navegando estes mares, apparecia por vezes no mesmo tempo em diversas partes, q'ou parece desejava multiplicarse, & fazerse em muitos, pera acodir a todos (q' na verdade hũ homem sancto sendo hũ, val por muitos, como de David diziam ^m os seus vassallos, que sendo hum sò representava dez mil) ou fosse, porque nam cabendo aquelle grande espirito em hũa sò parte, queria no mesmo tempo focorrer a muitas, & acodir a todas; que a todas abrangia aquelle vastissimo coraçam; aquem, como do coraçam de S. Paulo disse Sam Ioam Chrysostomo, ⁿ podiamos chamar coraçam do mũdo todo, & primeiro elemento do universo: *Totius orbis cor, & elementum*

ⁱ
In bulla can.
sol. mibi s.

¹
Franco. Rem.
orat. 18. Tot
terras, & maria
exhaustit, ut or
bis terrarum
aut se iam mi
norem se ipso
credat, aut illa
humana cõdi
tione maiorẽ.

^m
2. Reg. c. 18.
n. 3. Vnus pro
decẽ millibus
computatis.

Chrys. ho. 32.
in ep. ad Rom.

primarium salutis nostra. Por todas estas terras entrou este peregrino da terra, & cidadam do ceo; convertendo Reys, baptizando os povos, ensinando os mininos, prégando a todos, prophetizando o futuro, affolando os idolos, resucitando mortos, fazendo hũa vez o parar o sol, como outro Iosue, affombrando com milagres ao mundo, & confundindo com prodigios ao inferno.

CAPITVLO XIV.

Continuase a mesma materia do elogio de S. Francisco de Xavier.

A Inda que prometi, de nam fazer mais, que seguir ao sancto Xavier nesta sua peregrinação, com tudo elle corre tam apressado, com a ligeireza de seu alentado espirito voando, que nam hà podelo alcançar, nem com as azas da pena escrevendo. E verdadeiramente nestes seus apressados voos, ou vejo hum Sam Paulo sobindo ao Paraíso, ou hum Bispo Acholio voando por Europa, a quem S. Ambrosio ^a chama imagẽ de S. Paulo arrebatado ao ceo, pela muita pressa, com que este sancto prégador correo muitas terras de Europa, Constantino-

pla, Achaya, Epiro, & Italia, cõ tal ligeireza, diz o sancto, que nam podiam os mãcebos igualar os passos de Acholio velho. E pois nam podemos voar com tanta pressa, necessario será determonos hum pouco por algumas destas partes. Primeiramente nas prayas da costa da Pescaria nos ficou aquelle milagre raro, a que chamamos do caranguejo, quando o sancto (no meyo de huma horriavel tẽpestade, em que parece que toda a maquina do mundo em tormenta se vinha desfazendo, quando nam havendo já remedio humano, acodio o sancto ao divino) tirou hum crucifixo, que trazia consigo ao pescoço, & lançou o por hum cordam dependurado nas ondas furiosas do soberbo, & irado elemento: foy caso raro, no mesmo instante *facta^b est tranquillitas magna*, amainou o vento, cessou o temporal, aquietaramse as ondas, & ficou o mar leite: porem quebrou o cordam, & ficou nas ondas o sancto crucifixo. Desembarcou o Padre com a mais companhia, & diz a historia, que andava passeado na praya, com os olhos no mar, cheyo de saudades do seu crucifixo: quando vêm todos, que, de là do meyo do pego, sahia hum grande caranguejo (que podia ser contado entre os signos celestes, cõ mais rezam, que o fabuloso, por

Milagre do Caranguejo.

^b
Mar. c. 4. n. 38

^o
Euseb. in vita
S. Ignatij c. 37
Pag. 116.

^a
D. Amb. epist.
60. de Achol.
Vidi imaginẽ
illius, qui se rap-
tũ in Paradisũ
viderat, ita e-
nim percurrere
bar omnia ex-
cursu frequẽti,
Constantinopo-
lim, Achaiam,
Epirũ, Italiã,
ut iuniores eũ
non possent
consequi.

que

que tocou no pé do fingido Hercules) este vencendo o rolo do mar , hia andando pela praya, levandolhe nas duas bocas, ou maõs, arvorado o ~~sancto~~ crucifixo; vayse a elle o servo de Deos , todo banhado em lagrimas de alegria , tomao nas maõs, lévao á boca, poemno sobre a cabeça.

2 Muito havia aqui, que discursar sobre este notavel milagre; & podiamos perguntar como quiz o Senhor aqui sahido do mar, & entrar na terra, buscar a seu sancto sobre hum animal tam toco, & tam pouco acomodado pera ser throno em semelhante sahida? E aonde ficaram as serêas de Thetis, & os golfinhos de Arion? aonde estavam os carros de nuves ligeiras, em que o Senhor foy visto por Isayas? ^e Aonde ficaram os coches de empenados ventos, donde o Senhor rasgava rayos de magestade: como o vio o Rey Propheta. ^d Porem assim como quando quiz entrar triumphando em Hierusalem, o amor dos homens o fez escollier, em lugar de carro triumphante, hum vil, & abatido animal, *sedens super asinam*; ^e assim agora o amor, que tinha a S. Francisco de Xavier, o fez nam reparar em thronos de gloria, & em carros de magestade, & vir em hum caranguejo, que ali logo achou à mam, porque

aonde faltava o apparato, & a grandeza; sobejava o amor, & venciam as saudades.

3 No mar do Iapam; hindo em a nao de Duarte da Gama, navegando naquella travessa, corro de temerosos tufoens, & theatro de infames tempestades, nos fica o caso, ou milagre, a que communmente chamam do batel. Foy o temporal tam forte, que, depois da tormenta durar sinco dias, no cabo se vieram todos a dar por perdidos, & no meyo da confusam do ceo, & dos assombros do mar, quando os passageiros desesperados da vida choravam sua perdiçam, seguro de todo o perigo bradava entre todos o Sancto Xavier ao ceo: *Senhor, se desta hei de escapar, seja pera outra mayor*: sahio a nao milagrosamente da tempestade, & foy necessario lançar fora o batel, & levandoo à toa, seguindo a fortuna da nao, com quinze homens dentro; como o mar andava muy grosso, eis que lhes ferio a todos o coraçam, ainda mais que as orelhas, hum grito de *Senhor Deos misericordia*, das quinze pessoas, que estavam no batel, ao qual a força da vaga fez trincar as cordas, por onde estava amarrado; & num momento desapareceo, seguindo a força dos mares, que ainda andavam empolados. Choravã os tristes navegãtes a lastimosa

Milagre do batel.

^e Isai. 19. n. 1.
Dominus ascendet super nubem levem.

^d Psal. 17. n. 11.
Et ascendet super Cherubim & volavit, volavit super pennas ventorum.

^e Mar. c. 1. n. 7.
Zach. c. 9. n. 9

perda de seus companheiros, encomendandolhe a Deos mais as almas, que as vidas. Neste mesmo tempo estava o Sancto descanfando, encostado sobre o prepão, como se repoufasse. E como o cançassem os brados dos passageiros, lhes disse o Sancto, que se aquietassem, porque o filho antes de tres dias viria buscar a mãy, & o batel tornaria à nao. Porem o piloto dizia, ao outro dia, vendo que ainda nam apparecia, que era cousa impossivel tornar o batel, porque a bom orçar, ficava por rē mais de sincoēta legoas. Senam quando, ao terceiro dia, dizendo o Sancto, que amainassem, & vigiassem se apparecia; bráda hum minino, *eis o nosso batel*; olhãram todos, com subito alvoroço, & viram, que vinha o batel direito á nao, guiado, parece, per Anjos, cortando as vagas, & atravessando as ferranias dos mares: & finalmente chegou, salvandose todos, conforme a prophesia do Sancto; affirmando algũs delles, que no mesmo tempo o viram no batel. Admiravel caso foy este, & que causou grande espanto em todos os que hiam naquella nao. O que aqui mais me espanta, he a segurança do Padre S. Frãcisco de Xavier, que quando os outros desmayavam, & se davam totalmente por perdidos, elle estava tam seguro, sem temer

os naufragios presentes, que bráda pelos perigos futuros, dizendo (como fazia em muitas tempestades) *Se desta heide escapar, seja pera outra mayor; & tam sem medo, q com grande segurança se poem a descançar, & a dormir: imitando a seu divino mestre, que no meyo daquella mareta, em que os discipulos se deram por perdidos, dormia na poppa descançado, & Ipse veró dormiebat.*

4 Continuando com o sancto peregrino; navegando da India pera a China, em hũa nao muy grande, em que hiam, como diz a bulla^h de sua canonizaçam, quinhentas pessoas, deo a nao em huma terrivel calmaria, com a qual esteve parada muitos dias, sem poder canjar avante, nem hum sò passo; a calma, por causa do tempo, & do clima, parecia que abrazava; & o peor he, que nam havia já nem gota de agoa: os soldados, os passageiros, & a mais chusma de gente, meynos mirrados, & quasi consumidos com a sede, pediam a Deos misericordia. Vamse ao Sancto, porque este era o ultimo remedio, que lhes ficava: manda elle logo, como diz a bulla, de sua canonizaçam, encher todas as pipas, & jãrras de agoa salgada, & lançandolhe hũa bençã, atrásformou logo em agoa doce, como agoa abendiçoada

por

Mat. c. 8. v. 24

Milagre da agoa salgada, q fez doce.

In bulla can. fol. mihi 6.

In bulla can. fol. mihi 6.

por tal Sancto.

5 Assim se conta este milagre na sua bulla, poreim se hemos de dar credito a muitas cartas dignas de fé, que eu li vindas da India, escritas por pessoas de verdade, & authoridade, & ás pinturas, que em muitas partes achamos sobre este milagre; ou fosse que juntamente deitou a bençã, ou que o successo, & o milagre foy multiplicado, porei aqui o que dizem estas testemunhas, a saber, que se fez o Sancto atar por huma corda, & dependurar do bordo da nao sobre as ondas, de maneira que lhe tocasse com o pé; & assim como o sancto peregrino punha o pé no mar, lhe punha Deos logo a mam, com tal ventura, que ficava a agoa doce, & emfim agoa milagrosa, tocada com os pés de tam sancto peregrino, porque todos os que bebêram della saíram de suas infirmitades, louvando os passageiros todos a Deos (como antigamente fizeram os Hebreos, vendo que Moyses, com o lenho metido na agoa de Marã, de amargosa a tornou doce) E com esta particular circumstancia, que só estava a agoa doce naquella altura, aonde o Sancto tinha o pé; de sorte, que conforme o servo de Deos metia, ou tirava o pé da agoa, assim ficava salgada, ou se tornava doce.

6 Nam pôde carecer de grande mysterio, que pera S. Francisco de Xavier adoçar, & amansar este bravo elemento, o quiz fazer pondolhe o pé, & pizandoo: que, assim como Iosué^m mandou trazer diante de seus soldados aquelles cinco Reys dos Amorrheos, & ordenou à sua gente que, pondolhes os pés nos pescocoos, os pizassem, & atropelassem, pera que desta maneira, como dizia Iosué, & commenta Abulense, ⁿ perdessem o medo, que tinham àquelles cinco gigantes temerosos, & entendessem, que nam tinham que temer, como a valentes, aos que viam pizados como covardes; assim parece, que o sancto Padre Francisco, capitam fortissimo, punha aqui o pé sobre o Oceano, como pizando, & sopeando a este espantoso gigante, dizendo a seus filhos as palavras, que Iosué repetia a seus soldados: ^o *Ponite pedes super colla Regum istorum*, animando aos da Companhia a desprezar as tormentas do mar da India, as tēpestades do cabo tormentoso, os tufoens repentinos do Iapã; porque nam há mar nenhum destes, por mais infamado que esteja com naufragios lastimosos, que tambem nam esteja pizado, & primeiro sopeado por S. Francisco de Xavier, pondolhe primeiro o pé sobre o pescoco, nestas suas tam largas

^m
Ios. c. 10. n. 22
Producite ad
me quinque
Reges, &c. &
n. 25. Nolite
timere nec
paucatis.

ⁿ
Abul. libi q. 93

^o
Ios. c. 10. n. 24

¹
Exod. c. 15. n.
25. Ostēdit ei
lignū, quod cū
misisset in a-
guas, in dulce-
dinem vertē-
bunt.

nave-

navegaçoens; de sorte que já estes mares, que eram d'antes salgados, & medonhos, estão hoje adoçados, & amansados, depois que lhe tocaram os pés de tam milagroso peregrino.

Bautizou
trezentas
mil almas

P
Noz. de sign.
Ecclesiæ. lib.
9. c. 3.

7. Pois que direi das muitas almas, que converteo este sancto peregrino com suas cõpridas peregrinaçoens por terra, & largas navegaçoens por mar? Testifica o doutissimo Bispo Bòzio,^P serem trezentas mil as almas, que baptizou, & converteo á fé, em quasi onze annos, que viveo na India; & entre ellas perto de mil almas de crianças, que em as baptizãdo, voaram pera o ceo: bemaventuradas almasinhas, pois primeiro entenderam, que eram ditosas, do que soubessem que foram nascidas. E sendo Provincial de nossa religiam, & tendo tantos negócios, a que assistir, assim acodia à conversam das almas, como se este fosse o principal cuidado de sua alma. Mas se tantos foram os convertidos a Christo, quãtos foram os melhorados nos costumes? Digão Lisboa, que por gratificaçam de se ver por elle, & por seu companheiro o P. M. Simamram melhorada, lhe deo o nome de Apostolos: digão Goa, que elle quasi trãsformou; testifiqueo Meliâpor, que á sua entrada toda estava em vicios atolada, & quando o Sãcto sahio

della, nam se sabia pessoa, que ficasse em mão estado: que como de Christo se diz,^a que *pertransijt benefaciẽdo*, que suas entradas, & sahidas sò eram pera fazer bem; & como o divino esposo^a dizia da alma sancta, *Emissiones tuae paradisus*, que suas sahidas eram hum paraíso; assim este sancto peregrino, em todas suas obras, em todos seus caminhos, em todas suas navegaçoens, melhorava as almas, alummiandoas com a luz do Evangelho, & sanctificandoas cõ a mudança dos costumes.

Act. c. 8. n. 8.

Car. c. 4. n. 1.

CAPITULO XV.

Das mais virtudes do Padre Sam Francisco de Xavier.

I **Q**ue direi de sua profundissima humildade, com que, sendo Nuncio apostolico na India, se fogueitou ao Bispo de Goa, & nam quiz uzar dos poderes de Legado, porque quèria os desprezos de servo: mostrando, como verdadeiro humilde, que sò tinha esta grande dignidade, pera se abater, occultando; & nam pera se autorizar, manifestando; que assim dizia o glorioso Padre Gregorio Nazianzeno,^a que sò estimava os bens, que Deos com elle repar-

Nazianz orat. 1
Ex quibus dū
taxat hīc fru-
ctū cēpi, quod
eas contēpli.

tio, por ter que deixar pelo mesmo Senhor.

2 Que direi dos notaveis trabalhos, que este grande sancto padecio, pera alcançar este fim do bem, & salvação das almas? Bem podia fazer delles outra ladainha, como o Apostolo S. Paulo ^b contando os trabalhos da terra, & descrevendo os perigos do mar; tres vezes fez nau fragio; & de huma dellas andou quasi tres dias sobre as ondas do mar, em huma taboá: muitas vezes foy perseguido dos Mouros, & huma escapou em hum bosque, estando nelle por alguns dias escondido; muitas o livrou Deos de coffarios no mar, & de ladroens na terra: muitas escapou dos arcos, das frechas, & da peçonha dos barbaros, guardando Deos pera os cultivar com a policia da fê de Christo, & pera os ensinar com a doutrina do Evangelho. O zelo da salvação dos proximos foy verdadeiramente de hum Apostolo Sam Paulo, que, sendo hum, representava muitos, pera acodir a todos, dizendo de sy, que se fazia todo pera todos, *Omnibus omnia factus sum*, ^c & em confirmação disto dizia o mesmo Apostolo, que era hum espectáculo, *Spec-taculum facti sumus*, ^x ou como hum theatro (porque assim explica S. Hieronymo ^d) donde representava toda a variedade de

figuras, que o zelo das almas lhe ensinava, pera converter a huns, & melhorar a outros; fazendo de sy mil manjares, pera contentar aos que convidava pera o ceo; com o soldado falava de valentias, ao taful, baralhava as cartas, com o mercador tratava de mercancias; encontravase com o lascarim, & fazia-se seu matalote. Desta maneira fingindo que entrava cõ o mundo, na realidade sahia cõ Deos; & quanto mais dissimulava o que nam era, tanto mais manifestava que era sancto; & como hum divino Protheo, mudava tantas figuras, quantas a engenhosa charidade lhe ensinava, nam pera enganar com vaõs fingimentos, mas pera desfenganar com solidas verdades: entrando (como o Sancto costumava a dizer) com a sua, pera sahir com a nossa. Foy finalmente tal o zelo das almas deste grande Apostolo, que parece, que lhe ardia no peito esta sancta ambição, & por isso lhe era necessario rasgar a roupeta sobre o peito, pera poder respirar a alma fora.

3 Esta rara charidade, & trasordinario zelo da salvação das almas, tinha sua fonte manancial no amor de Christo Senhor nosso, que naquelle fervoroso peito ardia. A uniam, & familiaridade deste Sancto com Deos, era continua, & qual à de

*As traças
sãctas de
q' usava.*

Exed. c. 33. n.
11. Loqueba-
tur autem Dñs
ad Moysen fa-
cie ad faciem.
sicut solet lo-
qui homo ad
amicum suum.

Do seu
grande a-
mor de
Deos.

f
Cir. c. 6. n. 10

Das grã-
des cõso-
lações, q
Deos lhe
cõmuni-
cava.

Moyfes com o mesmo Senhor, da qual diz a Escritura, que era como de amigo pera amigo, passava noites inteiras velando em oraçam, & suavissimos colloquios com o bom Iesu; ou em huma tribuna diante do Sanctissimo Sacramento, estando em Goa; ou na horta, em humas ermidas de S. Hieronymo, & de S. Antam, dos quaes era devotissimo; & posto que o sancto, por nam ser visto, se retirava a estes lugares, nam escapou aqui a nossos irmãos (como nem aos amigos da alma sancta, escaparam os favores do divino esposo na sua horta) que notaram os cordeaes affectos, & amorosas praticas, com que tratava com o Senhor, & a cõfiança, com que lhe falava.

4 Huma vez entre outras, espreitando, o viram em huma destas ermidas da horta, tam cheo de mimos, & favores do ceo, que acodindo com as mãos a desabafar o peito, ardendo em chamas de amor, & abundancia de consolaçoens, bradava, *Nam mais, Senhor, nam mais:* caso notavel, que este mesmo Sancto, que agora nam quer mais consolaçoens, he aquelle, que em outro tempo, quando se lhe representavam os trabalhos, as mortes, as tormentas, os naufragios, as lãças enristradas, as espadas desembainhadas, os cutellos afiados, as bombardas

acestadas, os perigos encadeados, o mesmo ceo atroando o mundo com trovoês, despedindo sua reforçada artilheria de rayos, coriscos, & chuveiros de pedra grossa, & emfim os tormentos do diabo, & o inferno todo conjurado em sua perdiçam, entam muy seguro bradava, *Mais, Senhor, mais, mais;* imitando, como bom discipulo, a seu amoroso mestre, que na cruz ainda bradava por mais cruces; & dizêdo o seu propheta ^b que havia de ser farto de afrontas, elle dizia, que ainda dellas tinha sede, *Sitio* ^b por ventura porque o Propheta julgava os trabalhos, & afrontas de Christo pelo effeito, que pediam, & Christo os avaliava pelo affecto, com que os padecia, & como este era infinito no calor, era tambem insaciavel na sede. Tal era o grande Xavier, que como o affecto, com que desejava padecer, era tam inflammado, nenhuns trabalhos o podiam apagar, todos lhe pareciam poucos, & suspirava por mais; & como nam podia ter quãtos queria, ao menos em os favores do ceo pedia termo, pera suprir, cõ a falta das consolaçoens, o desejo dos trabalhos; havendo que nam era seu peito cãpaz, pera no desterro deste valle de lagrimas lograr taes favores da patria celestial.

5 Tam enlevado andava

em

Ierc. Thren.
c. 3 n. 30. Sa-
rabitur op-
probrjs.

h
Ican. c. 19. n.
28. Ut consi-
deretur scrip-
tura, dicitur
quod

em Deos este grande Sancto, que entre outros lhe succedeo hum dia, levantandose da oração (em que se tinha por horas transportado) & sahindo de casa em Goa, pera hir falar ao governador, andar por toda a cidade com o espirito no ceo, passando de rua em rua, com hum rosto de homem extatico, tam enlevado, como quem sò trazia os pès pela terra, & com o pensamento voava pelo ceo; atè que finalmente se tornou pera casa, & dandose por obrigado a dar descarga de sy ao companheiro, lhe disse: *Filho, outro dia teremos pera negociar com o governador, o de hoje Deos o tomou pera sy*: verdadeiro peregrino da terra, & cidadam do paraíso, com quem entam mais negociava, quando com os homens melhor feria.

6 Pois quem poderá agora, nam digo contar, mas tocar os grandes milagres, & espantosos prodigios, que Deos por este milagroso, & prodigioso sancto no mundo obrou. Teve dom de lingoas, como os Apostolos no dia de Pentecoste, & muitas vezes, falando em huma sò, o entendiam muitos de naçoens muy diversas, que nam podia deixar de ser muy bem entendido quem falava pela lingua da charidade. Do glorioso Bispo Sam Martinho diz a Igreja sancta, h que foram taes seus

merecimentos, que chegou a resucitar tres mortos: a bulla da canonizaçam deste Sancto diz, que resucitou muitos; & eu acho em livros, & historias authenticas, & em testemunho de muitos, que foram vinte & cinco os mortos, que resucitou; que assim obedecia a morte tēporal aquem annunciava a vida eterna.

7 Em Choromādel lhe succedeo o caso da esmola milagrosa, quādo sahindo hum naufragante naquella praya, escapando do naufragio com a vida, & sem a bolça, vendose pobre na terra, tendo entrado rico no mar, se veyo valer do Sancto, pedindo esmola, havendo pouco que elle a podia repartir; meteo o Sancto a mam na algibeira (por bom costume de querer buscar dinheiro pera dār, & nam por esperança de achar nella que tirar) & achou a vazia, como a costumava trazer; desconsoleuse o pobre, & muito mais o Sancto, aquelle por nam haver que receber, este por nam ter que offerecer; *Nam nos desconsolemos, irmam*, disse o glorioso Sancto, *que muito grande he a misericordia de Deos*; torna a meter a mam na propria algibeira, eis que milagrosamente logo a tira chea de moedas d'ouro; deo as ao pobre, assim como Deos lhas

Esmola milagrosa

Teve dom de lingoas

Breviar. Rom. in eius legēda 11. Junij. Vt in virtute Dei sic Trinitatis mereretur fieri triū mortuorū suscitator magnificus.

i
Invita Regina
Isabell. mēse
Julij 4. Ribad.
in Flor. sanct.

deo a elle, ficando o pobre remediado, & o esmolero consolado. Grande maravilha foy a que obrou a nossa Rainha de Portugal Isabel (a quem communmente os Portuguezes chamamos a Rainha sancta) quando mudou huma vez, por causa de huma esmola, o dinheiro em rosas; & de outra vez as rosas em dinheiro; & assim em huma, como em outra, sempre aquelle dinheiro ficou dinheiro de rosas; porē esta maravilha do dinheiro de Sam Francisco de Xavier, ainda he mais milagrosa; porque no milagre da Rainha sancta, precedendo a materia das rosas, pera o dinheiro, & a do dinheiro, pera as rosas; sō houve mudança na forma; porem aqui no milagre da esmola de Sam Francisco de Xavier, nenhuma materia precedeo, senam que de nada criou ali Deos, em hum instante, a materia, & a forma daquelle ouro; pera que nelle tudo fosse milagroso, assim a materia, que de repente se criou, como a forma, que de novo se introduzio. Deixo os outros milagres, assim porque he impossivel contar todos, como porquē toda sua vida foy hum perenne, & continuo milagre, com que edificou o mūdo, & asōbrou o inferno.

7 Este foy o glorioso P. S. Francisco de Xavier, novo Atlante do mundo Orietal, prodigio

triūphal de sanctidade, compendio theatral de successos milagrosos. Este foy o ditoso cōpanheiro, q̃ cōsigo trouxe de Roma o embaixador D. Pedro Mascarenhas: este aquelle passageiro, q̃ agora mada pera a India el Rey D. Ioam, em a nao Sãtiago este he aquelle tam milagroso peregrino, aquē pareceo estreito o Oriete, & muy limitada a vastidão do mundo, a respeito da grãde capacidade de seu animo, suspirado, como outro Alexandre, por mais mūdos, nam pera os fogeitar a sy cō força de armas, mas pera os converter a Deos cō a brandura do Evāgelho. Este foy aquelle grande Padre; chamado pelo Papa Urbano VIII. ^m na bulla de sua canonizaçam, Apostolo das Indias: deo o Sancto a fé à India, & a India convertida lhe deo este nome glorioso; cō mais rezã, do q̃ antigamente as terras vencidas o derã aos Africanos, Asiaticos, Cantabricos, Germanicos, Britanicos, & a outros, q̃ perfilhavam semelhantes ostentações de vaidades, amplificando seus nomes com os nomes das gentes conquistadas; desfazendose o mundo todo, pera dar novos titulos de nova ambiçam; pois se matavam tantas gentes, sō por se acrecentar hum novo titulo, contando os appellidos entre os despojos, & nam se cōtētando

i
Juven. sat. 10.
Vnus fellax
juveni nō sufficit orbis,
Aestuat infelix angusto limite munda.

m
In bulla canoniz. fol. 8.
S. Francis-
co de Xavier he
chamado
Apostolo
da India.

com roubar as provincias, tam-
bem lhes furtavam os nomes.
Tudo isto foram effeitos da so-
berba, da vaidade, & da ambi-
çam; porem o nosso Apostolo
da India alcançou este renome,
nam pela roubar, mas pela con-
verter; nam matado gentes, mas
bautizando povos; oferecendo
graças, & nam tirado vidas.

8 Este foy aquelle tam a-
mado filho de seu sancto pay
Ignacio de Loyola. Mereceo
este glorioso peregrino, como
diz o Papa Urbano VIII. na bul-
la de sua canonizaçam, a ben-
çam do Patriarcha Abraham,
que fosse tido por pay de mui-
tas gentes, & que visse os filhos,
que gerou em Christo, multi-
plicados sobre as estrellas do
ceo, & sobre as areas do mar,
pelos muitos, que por sua via se
convertêram no Oriente: & se
foy grande gloria do Oriente
ter por descobridor a hum Ga-
ma, mayor gloria he ter por A-
postolo a hum Xavier. Acabou
em fim o curso desta sua larga
peregrinaçam em Sâcham, que
he hum ilha quasi deserta no
mar da China; deseparado de
todo o favor da terra, assistido
porem de mimos do ceo; des-
companhado de homens, em
côpanhia de Anjos; sê remedio
humano, mas cõ socorros divi-
nos; & finalmente entre suavif-
simos colloquios, com o sanctif-
simo nome de IESV na boca,

& no coração, acabou a vida
presête, pera começar a eterna,
em 2. de Dezembro de 1552.
junto das portas da China, que
buscava, como outro Moyses a
vista da terra prometida, que
demandava: tẽperado as des-
cõsolações, que tinha de a nam
entrar, cõ a certeza dos filhos, q
depois a haviam de cõverter. E
perã que entendessemos q nam
se lhe acabava o curso dos mi-
lagres com o termo da vida; seu
corpo, depois de muito tempo
enterrado, foy achado fresco, &
incorrupto, porque nam era
justo que venceffe a corrupcã a
hum sancto, que foy purissimo;
ficado inteiro na morte quem
foy inteiro na vida. De Sâcham
foy o corpo mudado a Malaca,
& de Malaca trasladado a Goa;
continuando ainda, depois de
morto, as peregrinações, que vi-
vendo exercitou. Foy recebido
em Goa, nam menos cõ infinito
cõcurso de gente, que o applau-
dia, como a seu Apostolo; que
cõ innumeraveis milagres, com
que Deos o authoriza, como a
sancto; o qual finalmente foy
canonizado pelo sãctissimo Pa-
dre Gregorio XV. & vive des-
cansando de seus caminhos na
gloria do paraíso, aonde, como
diz S. Hieronymo, p nẽ o traba-
lho já parece duro, nẽ o tempo
das peregrinações cõprido. Ecõ
isto temos dada hũa breve no-
ticia do sancto Padre Francisco

Deut. c. 36.

p
Hier. in epist.
Nul us labor
durus, nullum
tempus longi vi-
eri debet, quo
lona æterni-
tatis acquiritur

Anno de
Christo de
1541.

76

Anno da
Companhia
2.

de Xavier ; do qual agora, com muitas faudades, nos apartaremos, por tornar a continuar com seu bom companheiro o Padre mestre Simam, que deixamos no cãis de Lisboa chorando, por nam acompanhar ao Padre Xavier, que se hia pera a India navegando.

CAPITVLO XVI.

Dà elRey ao Padre mestre Simam Rodrigues o mosteiro de Carquere, pera ajuda da fundaçam do Collegio de Coimbra ; trocáo pelo mosteiro de sancto Antam o velho, que tinha sido de freiras da Annunciada.

EM quanto vay navegando pera a India o Padre mestre Francisco de Xavier, vejamos o que succedeo em Lisboa ao Padre mestre Simam Rodrigues; que assim como aquelle hia alegre entre as difficuldades da viagem, assim este ficava sentindo, por lha impedirem : a sorte era desigual, mas a esperança do fructo; com rezam, podia em ambos ser igual, porque nas cousas da obediencia tanto nos sanctifica fa-

zer o difficultoso, que se manda, como deixar o aprazivel, que se estima : holocausto era hir pera o Oriente, com a evidencia, & certeza dos trabalhos, que lá se previam, mas nam menor sacrificio era ficar nos ares da propria patria, quando a vontade tanto desejava o desterro na terra alhea. Parte Sam Francisco de Xavier com alvoroço, ficanos mestre Simam com faudades, sigamos o que nos fica, pois nos foge o que se nos vay.

2 Depois de dar à vela pera a India o grande servo de Deos, novo Apostolo da Asia, nam deixou logo mestre Simam a estância do hospital, delle sahia, como de huma praça de armas, a combater, & render pera o ceo almas, & consciencias perdidas. Muito se alegrava o benignissimo Rey de ver tam felices progressos, esperando que daquelle unico gram se encheriam grandes celleiros de abundantissimo fructo, a mesma satisfação havia na corte, & a mesma complacencia no povo : desejavam todos de se dar já principio a o Seminario de gente tam escolhida, & de quem se prometiam tam certas, & tam espirituaes bonanças. Porrem, como as obras grandes

Ocupações do P. M. Simam em Lisboa depois da partida de S. Francisco de Xavier.

sam sempre vagarosas em seu principio ; & os negocios da corte nam vam de ordinario tam apressados , como desejam os requerentes ; sentia muito o P.M. Simam ver este seu negocio em calma, & nã se effectuare logo as promessas reaes da fundaçam do Collegio ; por cuja occasiam o deixavam em Portugal ; & porque o desejo de hir à India era grandissimo, por esse ser o seu principal intento da vinda a Portugal, entrou em pensamentos de elle ser o que, logo no anno seguinte, de mil & quinhentos & quarenta & dous, levasse o socorro de sua propria pessoa a seu bom amigo Sam Francisco de Xavier ; fez isto com grande segredo , pela certeza , que tinha das grandes contradicoens del-Rey ; deo com tudo primeiro conta a nosso sancto Padre Ignacio , preparandose entre tanto pera a viagem : nam teve porem effecto este intento, porque o de Deos era, que o Padre ficasse, & se executou desta maneira.

3 Vagou neste comenos o mosteiro de nossa Senhora de Carquere , que antigamente foy de Conegos regantes da ordem de sancto Agostinho ; & como elRey nam esperava mais, que ter rendas , com que acodir ao novo Collegio , que nos traçava, tão que houve es-

ta vacatura, a deo logo ao P.M. Simam, pera principio de dote, & fundaçam do dito seminario ; o qual S. Alteza com parecer do seu concelho, & do P.M. Simam, quiz fundar na cidade de Coimbra, pera onde pouco antes tinha passado as escholagêraes, que estavam em Lisboa ; instituindo naquella cidade, como no coraçam do Reyno, hũa insigne Vniversidade, florentissima em todo o genero de letras, & sciencias ; da qual tẽ sahido doutores famosos , prelados dignissimos , varoẽs muy esclarecidos em religiam, & sanctidade, que foram, & sam a luz, & governo destes Reynos.

4 Este mosteiro de Carquere, que elRey D. Ioam applicou à Cõpanhia, està situado junto ao rio Douro, tres legoas da cidade de Lamego : foy fundado pelo Conde D. Henrique, progenitor, & trõco dignissimo dos serenissimos Reys de Portugal, no anno 1099 : em reconhecimento da singular merce , que ali recebêra o Infante D. Afonso Henriquez seu filho, primeiro, & fortunatissimo Rey de Portugal ; porq nascendo o venturoso Principe aleijado de ambos os pés (que tinha tollidos, & pegados detras hum no outro) a Virgem nossa Senhora , Rainha soberana, & avogada dos Reys de Portugal (que com suas armas , & por suas

Milagre
feito por
nossa S. de
Carquere
em elRey
D. Affonso
Henriquez.

elRey
ompa-
a o Mo-
ro de
quere

Anno de
Christo de
1541.

78

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
2.

Isa. c. 35. n. 6.
Tunc saliet fi-
cut cervus
claudus.

côquitas haviam de levar por
todo o mundo o nome de seu
benditissimo filho) appareceo
em sonhos a Egas Monis, ayo
deste insigne Principe, mandân-
dolhe, q fosse a Carquere, que
fizesse cavar em o lugar, que
lhe apontou, & que ali acharia
os alicesses de huma Igreja, que
antigamente fora dedicada a
seu nome, com huma imagem
sua, & levantando ali altar, &
fazendo hũa noite vigia, pozesse
o Infante aleijadinho sobre
o seu altar, que logo alcançaria
a desejada saude.

a
Gen. c. 41. n. 1.
Mat. c. 1. n. 19
& c. 2. n. 12.

b
Sap. 7. n. 14.
Infinitus enim
thesaurus est
hominibus,
quo qui usi sunt
participes fa-
ciuntur amici
Dei.

5 Deo credito Egas Mo-
nis ao mysterioso sonho (que
nam foy esta a primeira vez, q
Deos explicou em sonhos, & às
escuras, sucessos, que depois su-
cederam em vigia, & às claras,
de que temos muitos exemplos
na sagrada Escripura *) parte-
se pera o lugar revelado, mada
cavar, acha os alicesses prome-
tidos, & a divina imagem en-
terrada, que mais estimou, que
se descobrisse hum inestimavel
thesouro (que o nam há melhor
que o favor da Virgem sacra-
tissima, na qual está escondido
aquelle infinito thesouro, de q
fala o Sábio ^b) levanta o altar,
poem nelle a sagrada imagem,
& ao pé della o aleijado Prin-
cipe, que logo se levantou com
perfeita saude, ficando livre mi-
lagrosamente do impedimento,
& aleijam dos pés, solto já, &

desempedido, pera dar saltos
com ligeireza de cervo, como
canta o Propheta Isaías; ^c dâdo
victoriosos assaltos aos Mou-
ros; & pera, como hum espan-
toso rayo, discurrer ligeiro de
huma pera outra parte, como
fez este famoso Rey, com asô-
bro do mundo, & destruição
das armas Mahometanas, liber-
tando, com eterna gloria sua, as
terras desta coroa, da prizam, &
cativeiro, em que estavam; que
isto, sem duvida, parece quiz
Deos significar, na milagrosa
soltura de seus membros; por-
que, assim como Deos o soltou
a elle das prizoês naturaes, em
que nasceo, assim elle nos liber-
tou a nós dos grilhoês Mauri-
tanos, em que viviamos. Em re-
conhecimêto desta merce, logo
o Cõde D. Henrique (como tam
agradecido, & como quem sa-
bia, que conforme á doutrina
de S. Ioam Chrysostomo, ^d nam
há melhor meyo pera conser-
var o beneficio, que a continua
lembrança de o ter recebido)
em memoria de tam grãde mi-
lagre, & singular merce, edifi-
cou ali aquelle mosteiro, & o
deo aos Conegos regrántes da
ordem de S. Agostinho, o qual
com o tempo, que tudo acaba,
ficando deshabitado dos Cone-
gos, se veyo a reduzir, ou a pres-
fidencia de Abbade, ou a titulo
de Commendatário.

d
Chryf. su-
Mat. homi-
Optima be-
ficiorum cul-
est ipsa ma-
gna benefi-
cia, & perpe-
tuum sessio-
num.

6 Esta foy a primeira

cousa

cousa, que nos deo o liberalissimo Rey D. Ioam, neste Reyno ordenado Deos as cousas de maneira, q̃ na mesma casa, emq̃ a Virgẽ sanctissima primeiro agasalhou as primicias do Reyno de Portugal, essa nos dẽsse, pera principio da fundaçam da Companhia, no mesmo Reyno; pera q̃ entẽdessemos q̃, assi como a Rainha dos Anjos tomara à sua cõta os Reys deste Reyno, como mãy amorosa, assim aceitava nelle a Cõpanhia, como protectora cuidadosa. Está hoje este mosteiro unido perpetuamẽte ao Collegio de Coimbra, com bullas Apostolicas, como em seu lugar veremos; posto que entam o P.M. Simam o trocou cõ a Preceptoria, ou cõmenda de S. Antam de Benefera, pela rezam, q̃ aqui direi.

7 Sétia o P.M. Simam nam ter em Lisboa cõmodidade de casa, pera nella poder receber gẽte, q̃ principiãsse à fundaçam do Collegio de Coimbra; & pera ter lugar certo, aonde habitassem os nossos, q̃ acodissem a Lisboa, ou pera tratar os negocios da fundaçam do seminario; ou pera se embarcãrem pera a India; ou finalmente pera exercitarmos, naquella grande, & principal cidade do Reyno, os ministerios da Cõpanhia: o que veyo a ter effeito no mosteiro de S. Antam o velho, fundado pela Rainha D. Leonor,

molher del Rey D. Ioam o II. & irmã del Rey Dom Manoel, Princesa, que foy de estremo valor; a qual, cõ sancto zelo, instituiu, & dotou o famoso hospital da villa das Caldas; & cõ o mesmo animo patrocinou, & ajudou a instituicam da insignie confraria da sancta Misericordia de Lisboa, da qual foy principal, & felicissimo autor o muy reverendo P. Fr. Miguel de Cõtreiras da ordem da sanctissima Trindade, q̃ por isso em todas as Misericordias deste Reyno (por costume muy antigo, & por provizam real, passada em 20. de Abril de 1627) anda em suas bandeiras pintada, & arvorada, como tropheo da eterna memoria, a imagem deste tam grave religioso, & tam veneravel varam; cõ estas tres letras no escapulario *F. M. I.* que querẽ dizer, *Frey Miguel Instituidor*: dõde bẽ se vè a grãde obrigaçam, quetẽ a esta sagrada ordẽ todas as casas da Misericordia deste Reyno, & muy em especial a de Lisboa. Era este grãde servo de Deos confessor da serenissima Rainha D. Leonor, cõ quẽ ella cõmunicava todas as obras de serviço de Deos, q̃ emprendia; entre outras, q̃ sahiram desta celestial officina, foy tambẽ hũa casa, q̃ esta senhora mãdou fundar em Lisboa ao pẽ do castello, da parte do Norte, junto à Mouraria, pera recolhimento de

*F. Miguel
de Cõtrei-
ras insti-
tuidor da
Misericor-
dia.*

*Trata o P.
M. Simam
de termos
algũa ca-
sa em Lis-
boa.*

hũas religiosas da ordẽ de S. Domingos, cõ titulo d' Anũciada: & sãdo o sitio mal acõmodado, pera mosteiro de freiras (como depois o tẽpo ensinou) advertiram à serenissima Rainha, q̃buscasse outro lugar, pera esta sũdaçam: ella, cõ grãde resoluçam, respõdeo: q̃ deixasse ali fundar o seu mosteiro, porq̃ esperava e Deos, q̃ daquelle sitio, & paredes havia de fahir hũa grãde reformaçam de Portugal. Mostrou o tẽpo, q̃ fora o cõselho bẽ cõsiderado da parte de que o dera à Rainha; porẽ que a sua resoluçam mais fora prophecia, q̃ respeitava ao bẽ futuro, que repõsta ordinaria, q̃ atetasse a cõmodidades presentes: porq̃ o mosteiro se veyo à mudar, como logo direi; & daquella casa fahirã ao diãte, & sahẽ hoje grãdes prẽgadores, & servos do Senhor, de que tẽ resultado grãde bẽ, e reformaçam a estes Reynos.

8 Porẽ andãdo o tempo, se descobriram mais as incõmodidades do lugar, q̃ era humido, occasionado a ser mal sam, & danoso à faude de molheres religiosas, & muito mais ao recolhimento, que professavam, por ser devassado de tres montes vizinhos, a saber, o do castello, o de N. S. do Mõte, & o de N. S. da Graça. Sendo disto informado elRey D. Ioam o III. as fez mudar pera o lugar aõde agora estam (& aõde vivẽ cõ admira-

vel exemplo de sãctidade) & se chama Annunciada. Estava ali entam hũ mosteiro de Conegos da ordẽ de S. Antam (o qual era fõgeito a outro mosteiro de S. Antã de Benespera) os quaes se passaram pera o convẽto do pẽdo castello; effeituãdose a troca cõ aprazimẽto das partes. Vierãse estes mosteiros de S. Antã, cõ o tẽpo, a reduzir (como logo veremos) a hũa Preceptoria, ou Cõmeda, da qual neste anno, de que himos falãdo, estava de posse o Bispo titular D. Ambrosio Pereira. Desejou o P. M. Simam de fazer troca cõ o dito Bispo, dãdolhe a Igreja de Carquere, de que S. Alteza lhe tinha feito merce, pela dita cõmeda de Benespera; porque ao Bispo era de pouco proveito este mosteiro de S. Antã de Lisboa, q̃ pertecia ao de Benespera; & a nós feria de grãde cõmodidade, por ter Igreja feita, & casas bastãtes, pera logo se recolher nelle o P. M. Simam, cõ os mais cõpanheiros.

9 Florescia neste tẽpo em Portugal, & era muy valido delRey D. Ioam o III. o reverẽdissimo P. M. fr. Ioam Soares, religioso da ordẽ dos Ermitaẽs de sancto Agostinho (que depois foy Bispo de Coimbra) famoso prẽgador daquelles tẽpos; que com a graça de suas eloquentes palavras, & efficacia de suas excellẽtes rezoẽs, trazia apos sy a corte toda, & era confessor dẽ sua

*Trocase o
convento
das freiras
d' Anũciada, cõ o
mosteiro
de S. Antam.*

Alteza, & mestre do Principe seu filho. Com este grave, & religioso varã tinha o Padre M. Simam muita amisade, & trato, pelo que, communicandolhe este seu desejo, de ter casa propria em Lisboa, pelas rezoens, que apontamos, & que pera isto nos ficava bem a Commenda de Benespera, por estar a ella annexo o mosteiro de S. Antam de Lisboa, que nos podia ser de grande commodo: tomou este muy reverendo P. a sua conta acabar com o Bispo D. Ambrosio, que nos largasse esta Commenda, pela Igreja de nossa Senhora de Carquere: veyo nesta troca o Bispo, & elRey houve d'isto muita satisfacão, fazendo logo com o Nuncio apostolico Aloisio Lippomano unisse à Companhia os ditos mosteiros de S. Antam, por espaço de cem annos, como logo fez (& depois no anno de 1550. foram unidos pera sempre pelo Papa Julio III.) & como esta troca se fez pela Igreja de nossa Senhora de Carquere, que era dada pera dote do Collegio de Coimbra, por isso ainda S. Antam de Benespera, com suas rendas, pertence ao Collegio de Coimbra, postoque está já muy diminuidas, porq depois do Concilio Tridẽtino cessaram os petitorios, q se faziam pelo Reyno, em que consistia a principal renda d'esta Commenda.

CAPITULO XVII.

Dáse algũa noticia deste mosteiro de S. Antam, o qual foy a primeira casa, que tivemos em Portugal, pera onde se mudou o P. M. Simam.

SAm muy grandes as obrigaçoens, que todos os da Companhia d'esta provincia de Portugal, temos ao glorioso P. S. Antam (a quem por antonomasia chamãram o grande) porq elle foy o primeiro, que neste Reyno, como pay amoroso, nos agasalhou, & como protector liberal, & cuydoso, nos sustentou, & nos defendeo sempre; assim no seu mosteiro velho, aonde primeiro estivemos; como no Collegio novo, pera onde, com o Sancto, nos mudamos: & por esta rezã, pera fazer algũ serviço a este sanctissimo Patriarcha (gloria do Egypto, aonde naceo; sol do mundo, que alumiou; alegria do cẽo, que enriqueceo; espanto, & terror do inferno, a quem assombrou) desejei tirar a limpo a verdadeira noticia d'esta sua ordem, & mosteiro. Achei, depois de revolver os autores, q d'isto me podiam dar noticia, que foy esta cõgregaçã instituida no anno de 1095. sendo summo Pontifice Gregorio VII. em França, na

Obrigaçoens, que temos a S. Antam

Vide historiam Antonianam apud Baron. tom. 2. an. 1095 h. ult. Onusi in Chiton. anno 1095. Hier. R. o. in rep. Chnst. lib. 6. per plura capita. Azof. to. 1. lib. 13. o. 11. q. 8. & alios

Anno de 82
Christo de
1541.

Tinhã es-
tes mōges
cuydado
dos hospi-
taes.

Tinhã
um me-
mo.

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

diecesi Viennensi, no lugar cha-
mado Mota, a quem hoje cha-
mam S. Antonio (por trazerem
aly de Constantinopla o precio-
so thesouro de seu sagrado cor-
po) Seus fundadores foram huns
dous fidalgos chamados Gas-
tam, & Girõdo, pay, & filho, &
outros companheiros. Tinham
estes Religiosos cuydado dos
hospitaes, aonde se curavam os
enfermos, que sam abrazados do
fogo, a que chamam de S. An-
tonio, que em Latim se diz
ignis sacer, & vem a ser erysipola.
E posto que estes religiosos ti-
vesse a S. Antonio por seu prin-
cipal padroeiro, cõ tudo, da ma-
neira, que os Religiosos de Sam
Bernardo guardam a regra de S.
Bento, assim estes guardavam a
regra de S. Agostinho, & eram
seus conegos regrantes; assim o
achey em varias bullas, passadas
pelos summos Pontifices; entre
ellas se ve hũa passada pelo Pa-
pa Bonifacio VIII. no anno de
1297. que diz assim: *Quodq; in
eodem monasterio S. Antonij, & hos-
pitali, ac membris eisdem, Beati Au-
gustini regula servaretur, & secundum
eam dicti Abbas, & Canonici perpetuo
vivere teneretur.* O seu prelado im-
mediato era Abbade: o superior
mayor, ou gẽral de todos estes
Religiosos, se chamava *Præceptor
maximus*, que vinha a ser, como
seu gram mestre; & por isso os
mosteiros, se chamavam *Præcep-
torias*, que este mesmo nome ti-

nha tambem este nosso mostei-
ro de S. Antam de Benespera.

2 Floreceram principal-
mente em França, & tambem os
havia em Castella; porẽm por
mais que a sua insignia era hum
Tau, que significa a potencia,
nam puderam resistir á tyrãnia
do tempo; porq̃ cõ elle se veyo,
quali a extinguir esta Religiam
ẽ Portugal, & a reduzir se a hũa
Cõmenda, que já no tempo do
Papa Julio II. no ãno de 1510.
se proveo em hum Ruy Lopes,
como cõsta de hum Breve, que
tenho em meu poder (& agora
apossuia o Bispo D. Ambrosio
Pereira) As casas, que neste Rey-
no houve d'estes Religiosos, era
o mosteiro de Benespera, o mo-
steiro de S. Antam de Lisboa, e
dous oratorios, o de S. Antam de
Sanctarẽ, & outro, q̃ se chama-
va S. Antam d'Aveleira; item
outra Igreja, que se dizia S. Do-
mingos de Belteiros, no Bispa-
do de Viséo; tudo cõsta do Bre-
ve, q̃ temos em nosso poder, pas-
sado pelo Papa Julio III. em q̃
nos unio estas Igrejas, no anno
de 1550. Nam consta do anno
em q̃ estes mōges entraram em
Portugal, nẽ da occasiã, q̃ pera
isto houve; a mais antiga memo-
ria, q̃ acho d'estes Religiosos em
Portugal, he hũa bulla do Papã
Nicolao V. expedida no anno
de 1450. Deste Breve tam-
bem consta, que por estes fra-
des terem seguido a regra dos

Anno da
Companhia
2.

Casas, que
tiverã em
Portugal.

Habito, q
razia no
eito estes
eligiosos.

Conegos regantes de S. Agostinho, lhes chamavam tambem a elles Conegos.

3 Consta porem dos ditos breves, que eram verdadeiros religiosos, & que tinham regra, & professavam os votos sustanciaes, & usavam de habito regular. Sabemos mais, que a divisa destes religiosos no seu habito era huma cruz pequena no peito, a modo de T. ou Tau Grego, que representa a cruz, na forma, em que ainda hoje a trazem nas capas brancas, os confrades da irmandade deste Sancto, & se lhe costuma a pintar no peito ao mesmo sancto Antam.

4 A cabeça, & casa principal destes religiosos era o mosteiro de S. Antam de Benespera, situado na comarca da Guarda, junto à fresca ribeira chamada Teixeira. A esta casa estava fogueito o mosteiro de sancto Antam, que havia em Lisboa; o qual ainda hoje tem o nome de S. Antam o velho, & primeiro foy edificado no lugar, aonde estam as religiosas d'Annunciada.

Principio
do mosteiro
de S.
Antam.

5 Tambem fiz diligencia pera descobrir a fundaçam, & principios deste primeiro mosteiro, que este modo de Conegos tiveram em Lisboa; & achei que sendo seu gram Mestre hum Pedro Lobato; se fez a doaçam pera aquella Igreja,

& pera o mosteiro, & hum hospital, no anno de 1400. por huns dous casados, chamados Ioam de sam Vicente, & Lourença Ioanne, os quaes eram mercadores, como consta da escriptura; & deviam de ser bons negociantes, & grandes homens de negocio, pois queriam ganhar o ceo, depois de ter grangeado o dinheiro; como do bô ladram disse S. Ioam Chrysotomo, ^a que soube tam bem exercitar o officio, que na vida furtava as capas, & na morte roubou o paraíso. Estes dous bons casados, sendo mercatores, & sendo ricos, poderam muy bem guardar o conselho, que Christo no Evãgelho ^b dava a gente semelhante, advertindoos, que com as riquezas, que sam temporaes, soubessem câbiar os tabernaculos da gloria, que seram eternos.

^a
Chrys. tom. 3.
hom. de cruce
& larrone. Ille
lupo de agno
mercaturicola-
tum: hic lupo
lunatur cele-
ste imperium.

^b
Luc. c. 16. n. 9
Facite vobis
amicos ex ma-
mona in qui-
tatis; ut cum
defeceritis re-
cipiant vos in
eterna taber-
nacula.

O sitio da
Annuncia-
da chama-
se carrei-
ra dos ca-
valos.

6 O sitio, aonde elles mãdaram fundar o mosteiro de S. Antam (que he, como dissemos, aonde està o convento da Annunciada) se chamava a carreira dos cavalos, como consta da escriptura, que logo apontarei; porque ali se deviam de exercitar os cavaleiros de Lisboa, naquelle tempo: & nam era pera isso o lugar mal accomodado; porque das portas de S. Antam, até a Annunciada, entrando as hortas, que por ali hà, se estendia hum fermoso

campo

Anno de
Christo de
1541.

84

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

campo razo, largo, & compri-
do, & muito capaz pera este
exercicio de cavallos, que na-
quelle bom tempo era mais co-
stumado em Portugal: as pala-
vras desta escriptura sam as se-
guintes: *Nos mandamus, atque
concedimus corpora nostra dicto ordini
de sancto Antonio: Item mandamus,
& concedimus, quod in quadam do-
mo, cum suo territorio, sive pradio, quã
nos habemus in vico de Corredeira,
quæ est inter ambas vias, videlicet
quadam via, per quam tenditur ad
Bemfica, & alia, per quam tenditur
ad Cotaviam, construaturs quedam
Ecclesia, & edificetur domus, atque
hospitale dicti ordinis, cum quadam ca-
pella, in qua mandamus corpora nostra
sepeliri, quando contigerit nos debitum
nature persolvere, &c.* Querem di-
zer estes latins, que nam sam
Ciceronianos: Mandamos, & en-
tregamos nossos corpos á dita ordem de
S. Antam. Item mandamos, que numa
casa cõ seu territorio, & herdade, que
temos no lugar da carreira dos cava-
los (que está entre ambos os caminhos,
convem a saber, hum caminho, por onde
se vay pera Bemfica, & outro por onde
se vay pera a Cotovia) se edifique hũa
Igreja, hum casa, & hum hospital da
dita ordem, com hum capella, na qual
mandamos sepultar nossos corpos, quã-
do succeder pagar o commun tributo á
natureza, &c. Aqui esteve este
mosteiro, & Igreja de S. Antam,
que, como dissemos, era sogei-
to a S. Antam de Bemfespera, a
quem tambem pertencia outra

ermida de S. Antam, que está
na villa de Sanctarem, em Mar-
villa, fora dos muros, junto do
paço delRey, pera a parte do
poente.

7 Porem, como as cousas
desta vida todas caminham pe-
ra a morte, já nam havia, no tẽ-
po delRey Dõ Ioam, neste mo-
steiro mais, que dous religiosos,
ou conegos, que escassamente
representavam o nome, & guar-
davam a regra daquella ordem:
& como o sitio era mais accõ-
modado pera convento de frei-
ras, do que era o lugar aonde
ellas estavam ao pè do castello,
junto â Mouraria, se fez a troca
da maneira, que dissemos; levã-
do as freiras consigo a invoca-
çam da Annuciada, pera o mo-
steiro dos frades de S. Antam;
& os frades trazendo o nome
do seu Sancto pera o mosteiro
do pè do castello. E com tudo
a porta da cidade, que vay do
rocio pera a Annuciada, nun-
ca perdeu o nome da porta de
S. Antam, que ainda hoje con-
serva, como se nam quizesse o
Sancto deixar a guarda, & de-
fensam daquella porta da cida-
de, de que hum vez tinha to-
mado posse.

8 Mas nem, com a mudã-
ça do sitio, se melhorou a or-
dem de S. Antam, ou se acrecẽ-
tou o numero dos seus religio-
sos: antes totalmente se extin-
guio, sem lhe ficar mais que o

nome

Anno da
Cõpanhia
2.

Como se
extingui-
ram estes
religiosos
de S. Antã.

nome, acabando-se primeiro o espirito da perfeição, como costuma succeder; & já no tempo, em que o Padre mestre Simam fez esta troca, nam havia nenhum destes religiosos, & assim se extinguiu totalmente esta ordem, & se veyo a reduzir a commenda, como succedeo a outros mosteiros em Portugal, como forã os de S. Ioam de Lógavares, de S. Fins, do Pedroso, de Roriz, & outros, de q̃ adiãte falaremos. Bẽ pòde ser q̃ o Bispo D. Ambrosio, q̃ foy o ultimo possuidor desta commẽda, fosse religioso desta mesma ordẽ, da maneira que os cõmendadores de Christo sãtãbẽ religiosos da ordem de Christo, porq̃ Ruy Lopes, de quẽ atraz falamos, era tambẽ religioso desta ordẽ, como consta dos breves allegados.

9 Entrégue pois este mosteiro de S. Antam á Cõpanhia, se passou pera elle o P. M. Simã, em 5. de Janeiro do anno do Senhor de 1542. vespõra dos sanctos Reys Magos, embaixadores, & paranimphos da gentilidade, de cuja nova conversam havia de ser aquelle Collegio hũa como ditosa escala, aonde os nossos de todas as partes se haviam de ajuntar, & partir dali pera a India, & mais terras de infieis. A honra desta festa, em que tomavam a posse do mosteiro, tomou o Pa-

dre Bernardino, novamente recebido na Companhia, o appellido dos Reys, chamando-se d'antes Bernardino Escalceato: tinhalhe a este bom Padre prometido o Padre mestre Simam de o receber na Cõpanhia, tanto que ambos dẽsem á vella pera a India; & como nam ficou por elle a viagẽ, cõpriolhe o Padre o prometido, recebẽdo na religiam, na qual acabou em boa velhice, depois de servir muitos annos a esta Provincia, & muito mais à da India, & Iapam, pera onde embarcou grãde numero de religiosos da nossa Companhia, sendo procurador daquellas partes, com grãde exemplo, & rara edificaçam, assim dos de fora, como dos de casa.

10 Com este novo cõpanheiro, & cõ o P. M. Gõçalo de Medeiros, primeiro noviço, q̃ se recebeu nesta Provincia, deo o Padre mestre Simam o bemafortunado principio á residencia de sancto Antam; na qual, como em casa propria, começaram logo os nossos a exercitar, com grande felicidade, os ministerios de nosso instituto, & a dar ditosos principios à grande edificaçam, & fruto espiritual, que daqui tem procedido: & foram tam copiosos os frutos, que se recolhiã, que os que se lembravam do dito propheticô

Começam
os nossos em
S. Antam
a trabalhar
na villa do
Senhor.

da prudente senhora Rainha Dona Leonor, que daquelle seu mosteiro havia de sahir a renovaçam deste Reyno, julgavam terse cumprido, pela grande mudança, & melhoria de costumes, que viam, & louvavam na cidade, por meyo dos nossos, que residiam em sancto Antam, que sendo poucos em numero de fogeitos, trabalhavam por muitos no exercicio das virtudes. Foy este mosteiro a primeira casa, que teve a Companhia no mundo todo, depois da Igreja de nossa Senhora da Estrada em Roma: porem com isto pòde estar, que o nosso famoso Collegio de Coimbra foy o primeiro entre todos os da Companhia, porque o de S. Antam sòmente foy residencia sem titulo de Collegio, até o anno de 1552. como adiante contarémos.

*O estado é
que achamos o mo-
steiro de
S. Antam.*

11 O estado, em que o P. M. Simam achou o mosteiro de S. Antam, quanto ao material, foy hũa Igreja velha mal ornamentada, hum dormitorio pequeno cõ sua claustra correspondente á mais obra, com algũas officinas mal accommodadas, pera o nosso modo. Nam residia no dito mosteiro mais que hum sò ermitam, por nome Pedreanes, o qual recolhia as esmolas, & o azeite pera as alampadas, que por ser homem de

idade, de rara singileza, & muita devaçam, o deixou o Padre mestre Simam no mesmo officio, no qual perseverou até ser admittido na Companhia (pelo Padre Ieronymo Nadal, Comissario de toda Hespanha) no estado de irmã coadjutor tẽporal, & foy o primeiro Sãcristam, qhouve na casa professa de S. Roque, aõde finalmente acabou muito velho na idade, & cheo de merecimẽtos, ordenãdo Deos que o ultimo ermitã de S. Antam o velho fosse o primeiro Sãcristã dos Padres velhos de S. Roque, pera q em ambas estas casas de Lisboa nos ficassem em lêbrança os exemplos de virtude deste bom velho; & pera que os irmãos Sanchristaẽs de S. Roque entendam a obrigaçam, que tẽ a S. Antã, pois lhe criou em sua casa o primeiro Sanchristam; que se foy o ultimo no officio de ermitam, foy o primeiro no exẽplo da virtude.

12 E como a renda do mosteiro de Benespera se applicou, como dissemos, ao novo Collegio de Coimbra, nam ficando a esta residẽcia de Lisboa, mais q o assento deste mosteiro cõ algũs foros (em q tãbẽ entra a ermida de S. Antã, q estã em Sanctarem) supria elRey com suas esmolas, & ordinarias, na falta, que havia de rendas, & de fazenda; até que no anno de 1567. o serenissimo Rey D.

mo de
isto de
41.

daça,
e depois
mos
de mo-
ro.

uitas
rieda-
es de no-
es, q'teve
se mostei-
o de S.
Antam.

Henrique (entã Cardeal , & Legado á latere) aceitou a fundaçam deste Collegio da maneira, que ao diante diremos; & por quanto este sitio, & habitaçam de S. Antam o velho era notavelmente apertado, pera o numero de fogeitos ; & pera a grandeza do edificio (que meditava a largueza do animo real de hum Principe tanto nosso affeçoado) traçou hum novo edificio, junto às freiras de sancta Anna, em sitio mais espaçoso, ao qual lançaram a primeira pedra a 11. de Mayo de 1579. sendo superior o Padre Amador Rebelo: pera onde finalmente nos passamos em 8. de Novembro, do anno de 1593. trazendo o mesmo titulo de sancto Antam: ficando aquelle mosteiro antigo aos muy reverendos Padres de sancto Agostinho, que no lo compraram; tornando a pôr a Igreja a invocaçam de Nossa Senhora; posto que, pera distincam do mosteiro das freiras da Annunciada, ficou intitulado Nossa Senhora da Encarnaçam.

13 Isto quiz aqui summariamente apontar, pera que se vissem as mudanças de nomes, & variedade de habitadores, que esta casa reve em breve tempo, porque primeiro foy de freiras da Annuciada, pouco depois de conegos de S. Antã; logo Collegio da Cõpanhia, & a-

gora o he de religiosos de S. Agostinho, com titulo de Nossa Senhora da Encarnaçam. Mas o bemaventurado sancto Antam se chamou a posse desta casa (como o tinha feito na sua porta do rocio) de maneira, que ainda hoje chamam aquella casa o Collegio de sancto Antam; posto que, pera distincam do Collegio novo, pera onde nos mudamos, lhe chamam, sancto Antam o velho, & ao nosso Collegio chamam S. Antam o novo.

CAPITULO XVIII.

Manda sancto Ignacio companheiros de novo ao Padre mestre Simam: recebe outros em Lisboa, entre elles ao viam Manoel Godinho, a quem mandou, vestido como estudante secular, à Universidade de Coimbra.

1 **T**Anto que o Padre mestre Simam tomou posse da casa de sancto Antam, & se vio com apolentos bastantes pera agasalhar cõpanheiros, que o ajudassem a fundaçam do Collegio de Coimbra, lhe trouxe logo Deos algũs de Paris, mãdados por nosso sancto P. Ignacio, á instancia

Anno de
Christo de
1542.

88

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno
Cõpanh
32

delRey Dom Ioam , a quem o zelo da conversam da India, & desejo da fundaçam do seu Collegio , excitava a procurar novos focorros de operarios, dos quaes lhe chegou no principio deste año hũa nova colonia de gẽte muy escolhida, a saber o irmão Diogo Miram Valenciano, MicerPõcio Frãcès, Frãcisco de Roxas Castelhano, os quaes estudavã em Paris, aõde forã recebidos. Poucos meses depois chegou outro mayor socorro, eram estes o P. Cypriano Soares, o irmão Frãcisco de Villanova, ambos Castelhanos, Frãcisco Gallo de nome, & naçã Frãcés, Angelo de Paradiso, Isidoro Brilino, & Martino Parmesano Italianos.

*Padre Manoel Godinho
ẽ trou
na Compa
nhia.*

2 Acrecẽtouse logo o numero com algũs Portugueses, a quẽ Deos moveo a seguir nõsso instituto, foy o primeiro destes, hũ mancebo nobre na calidade de sangue, & illustre nos procedimentos da virtude, chamado Manoel Godinho, natural de Lisboa, & foy o primeiro filho, que esta grande, & real cidade deu à Cõpanhia, o qual andãdo no paço , tratou em Almeirim com os dous primeiros Padres M. Francisco, & M. Simam, com cujo exemplo se moveo a fazer hũa confissam gẽral com o S.P. Francisco de Xavier, ficãdo dali tã affeioado aos nõsso, que nunca lhes fahia de casa. Andando jã assim abalado , o mo-

veo, & rẽdeõ de todo hũ fermã, quẽ ouvio ao famoso prẽgador da Corte Fr. Ioam Soares , dignissimo Bispo que depois foy de Coimbra, o qual fez na capella real sobre o Evangelho da trãsfiguraçam, aõde, cõ admiravel eloquencia , tratou sobre a fermosura, & eternidade dos bens da gloria, cõtrapõdoos à vileza, & brevidade dos deste mundo. Ouvindo o cortesam mancebo os louvores da corte celestial, se sentio de subito ferido cõ hum rayo de luz, que logo o fez totalmente aborrecer o paço, em que se criava, pela gloria, que esperava, parecendolhe menos agra a cruz de Christo, que dantes temia , á vista dos prazeres do ceo, q̃ o prẽgador lhe pintava; resolveose a fugir do mũdo, pera se recolher ao mõte Thabor da religiam, & abraçar-se cõ Christo desfigurado na cruz, pera gozar delle transfigurado no ceo ; & estimando jã muito mais o desprezo de Christo, a q̃ as esperanças da cortẽ, pera fazer sua a graça daquella resoluçam do Senhor, o qual, como diz Sam Paulo, estimou antes a cruz do Calvario, que os gostos da vida.

3 Logo no mesmo dia, em que o divino caçador ferio a preza , veyo a cahir aos pès do Padre mestre Simam, pedindolhe, cõ instancia, o quize se receber na Cõpanhia, deolhe

o Pa-

a
Ad Heb. c. 1
n. 2. Propositi
sibi gaudium,
sustinuit crucem.

adao P.
1. Simã a
Irmam
Manoel Go
inho dis-
ursado a
Coimbra.

of c. 2. à n. 5
iffit Iosue fi-
us Nun de
ntim duos vi-
os explorato
s. &c.

o Padre boas esperanças, & posto
q de sua bela inclinaçã à virtu-
de tinha bastantes provas, quiz
que as houvesse bem solidas
desta sua deliberaçam; meten-
do tempo em meyo, lhe apon-
tou o dia, em que podia tornar:
acodio a ponto no dia assinala-
do, recebeu o Padre mestre Si-
mam na Companhia, & logo
ao dia seguinte o fez recolher
em exercicios espirituas; nel-
les se aproveitou tam bem o
novo soldado, que sem ter ou-
tro mestre de noviços, sahio
tam alentado, & perfeito reli-
gioso, que fiou d'elle o Padre
mestre Simam mandalo logo
em peregrinaçam a Sanctiago
de Galiza, & q na volta ficasse
em a Vniversidade de Coimbra,
como por espia (à maneira que
Iosue^b antigamente mandou pri-
meiro vigiar a terra de promif-
sam) ordenadolhe, q em trajos
de secular andasse entre os estu-
dantes, pera com seu exemplo
os affeioar à virtude; & pe-
ra que depois nam estranhaf-
sem aos da Companhia, quan-
do os conhecessem, pois já os
tinham conversado desconhe-
cidos. Partio o devoto mancebo
cõ animo alegre, pès ao cami-
nho, olhos no ceo, & o coraçam
em Deos: adoeceio em Coimbra
do cãçasso da jornada de terças,
que totalmente lhe impediram
continuar a peregrinaçam. De-
pois de sálar continuou com o

sancto disfarçê de estudante fin-
gido no trajo, & de religioso
verdadeiro no trato: alcãçando
grandes victorias, & tendo va-
lentes successos, como adiante
veremos.

4 Desta sancta traça usou
aqui o P. M. Simam, & como
foy tam notavel, a algũs poderã
parecer nova; & os que se pre-
zam de criticos, & judiciosos, a
poderã estranhar, dizendo,
q nam era licito mudar habito,
& q parecia isto usar de enga-
nos: cõtudo he certo q esta ac-
çã do P. M. Simã he louvavel, e
virtuosa, & como tal usada dos
varoẽs sanctos, exercitada pelos
mesmos Anjos, & cõfirmada pe-
lo proprio Deos; & deixando a
parte o exẽplo de S. Sebastiam,
q se vestia^c como soldado gen-
tio, pera animar os christãos, q
fraqueassem, & outros muitos
semelhantes, de q estã cheas as
historias ecclesiasticas; S. Ioam
Chrysostomo^d nos offerece hũ
caso, que parece que o acabou
de ler nelle o P. M. Simã, quan-
do mandou a Coimbra da ma-
neira, que diffemos, ao irmam
Manoel Godinho. Conta o Sã-
cto q mandaram algũas vezes
do ermo a hum monge mance-
bo de grande virtude, que sa-
hindo do mosteiro viesse ácida-
de muy bem trajado, ao modo
de secular, pera cõ mais facilida-
de, como diz este sagrado doutor
recolher nas suas redes a mui-

Esse disfar-
je do irmã
Manoel
Godinho
he confor-
me a dou-
trina de
Christo.

Paul. Diae. lib.
6. c. 2. Baron.
to. 1. pag. 673

d
D. Chrys. to. 5
l. 3. fac. adver-
sus vituperat.
vitz monast.
Exteriore qui-
dẽ habitũ nihil
a ceteris dif-
ferẽ videba-
tur, ut facilius
multos contu-
bernales intra
sua retia in-
cluderet.

Anno de
Christo de
1542.

90

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhi
3.

tos de sua idade: desta mesma traça usava o irmao Manoel Godinho; aquelle, sendo monge, fingia-se leigo; este, sendo religioso; mostrava-se estudante; ambos no exterior ostentavam trajos profanos; & ambos no interior conservavam intentos sanctos: & assim, como ninguem com rezam diria, que o monge de S. Chrysostomo enganava os seculares, assim se nam poderá affirmar que este precursor do P. M. Simam enganava os estudantes, pois o intento de ambos era o mesmo, nam querendo introduzir enganos, mas pretendendo persuadir desenganos. Desta mesma traça usava S. Paulo, ^e do qual diz Sam Hieronymo (fundado naquellas suas palavras, em que elle se chama espectáculo, ou theatro) que como se fosse hū representante, mudava o habito, & fingia a voz, pera se fazer todo com todos, & pera atrahir todos a Christo, *In hystrionum similitudinem factus, habitum in diversas figuras mutabat, & vocem, &c.*

^e
1. ad Cor. c. 4.
n. 9. Hier. sup.
c. 4. epist. ad
Galar.

Os mes-
mos Anjos
se disfar-
sam.

^f
Gen. 18. an. 1.
^g
Tob. c. 5. n. 6.
ignoras quod
Angelus Dei
esset, salutarit
cum, &c.

5 Esta doutrina nos ensinaram os mesmos Anjos, porque estes por ajudar aos homẽs, conservando o mesmo ser por dentro, mudaram tambem o parecer por fora; assim o fez o Anjo ao Patriarcha Abraham, apparecendolhe em figura de peregrino, sendo elle cidadam do ceo; S. Raphael: a Tobias

em habito de caminhante, sendo elle dos que estavam diante da presença de Deos; & aos Machabeos ^g se mostrou o outro Anjo em postura de hum valente cavaleiro: que pera acudir aos homens, usam de semelhantes disfarces estes celestiaes espiritos; & entam mais Anjos na innocencia interior, quando mais varios nas apparencias externas.

^g
2. Mach. c. 11
n. 6.

6 O proprio Verbo encarnado tomava por nosso bem muitos, & varios officios: humas vezes se fazia Rey; já se chamava Pastor; já se dizia lavrador, & mercador; & como diz S. Cyrillo ^h Ierosolimitano, sendo hum, fazia-se muitos, & sendo o mesmo, parecia vario; pera salvar a todos, fazendose todo de todos, *Unicusque varius fit salvator ad utilitatem, & omnibus fit omnia, idem naturam manens qui est.* E com o mesmo aviso disse S. Ioam Chrysologo, ⁱ que Christo se fez todo pera cada hum; & sendo sempre o mesmo em sy, se mudou muitas vezes por amor de nós; & ficando dentro na mesma forma da magestade, mostrava aos homens diversas formas de piedade, *Tibi totum factus est, qui totum fecerat, & qui sibi nunquam, tibi toties immutatur, propter te varias mutatur in formas, qui manet unica sue maiestatis in forma.*

O Verbo
encarna-
do se dis-
farçava,
por amor
dos homẽs

^h
S. Cyrill. Hier.
Cateches. 10.

ⁱ
D. Chrysolog.
Ierim. 23.

7 Atè no habito, & no ve-

stido

1
pan. c. 20. n.
5. Illa existi-
ans hortula-
um esse.
n
uc. c. 14. n.
8. Tu solus
eregrinus in
Ierusalem.

ugu. tract. in
f. 63. n. 7.
Obiectis aspe-
ctibus homi-
is hominem,
ervans intus
Dei: celas for-
mã Dei, in qua
qualis est Pa-
tri, & offerens
formã servi,
ua minor est
Patre.

P
In summario
regul. 4.

9
1. ad Cor. 9. n.
22. Omnibus
omnia factus
sum, ut omnes
facere sol-
vos.

stido vemos nelle esta mesma
variedade, porque à Magdale-
na¹ appareceo feyto jardineiro,
& aos de Emaus se mostrou em
figura de peregrino; & ainda q
o Senhor² aqui fingia, que hia
pera mais longe, nam se pôde
dizer. que enganava aos dous
discipulos; pois vinha pera de-
fengana a todos os homens. E
pera concluir de remate esta
materia, o mesmo Christo, sen-
do tambem Deos, sò parecia
ser homem; conservava dentro,
como diz S. Agostinho, * a for-
ma de Deos, na qual he igual ao
Padre, mostrava fora a forma
de homem, na qual he menor
que o Padre; porque como, sen-
do Deos, queria ganhar aos ho-
mens, era necessario esconder
o ser divino, & mostrar a libré
humana: que com estes divinos
disfarfes pretendia encaminhar
os que andavam errados, & que-
ria ganhar os que estavam per-
didos. E se a alguns religiosos
melhor dizem tam sanctas tra-
ças, tam angelicas formas, & tã
divinas transformações, sam em
especial aos da Cõpanhia, por-
que como o nosso³ fim he tra-
zer todos pera Deos, nam quiz
S. Ignacio, que tivessemos habi-
to proprio, & estavel, pera que
em todos possessemos ajudar a
todos, & fazerse cadahũ de nõs
como o Apostolo⁴ dizia de sy,
todo pera todos.

8 Este fundamento tam

sancto, tam angelico, & tam di-
vino teve o Padre mestre Si-
mam, pera mandar a Coimbra
o irmam Manoel Godinho, na
forma, que temos dito. Foy este
Padre Manoel Godinho, na Cõ-
panhia, homem de muita virtu-
de, & rara mortificação, & des-
prezo proprio. Huma vez pere-
grinando em vestidos pobres,
com o irmam D. Rodrigo de
Meneses, deseioso de experimẽ-
tar em sua pessoa a desnudeza
de Christo na Cruz, & de sen-
tir em parte as afrontas, que o
Senhor ali padeceo por junto;
(tendo por davante o exemplo
do seraphico Padre S. Francis-
co, * que em sua pessoa o fez
em Affis; & ao sancto Frey
Rufino, a quem mandou exer-
citar o mesmo em a mesma ci-
dade) elle se despio da cinta
pera cima, & muy roto, & des-
calço, com muita humildade
foy pedindo por toda a villa da
Sertã do Priorado do Crato,
pretendendo com esta sancta
traça tirar esmola de escarnios,
& desprezos, de que sò andava
faminto; mas destes foy tam
mal provido, quam rico de lou-
vores; & Deos, que lhe aceitou a
vontade, nam quiz que tivesse
as afrontas; porque, entendendo
o povo a causa daquelle sancto
excesso, em lugar das zomba-
rias, que elle pretendia, lhe da-
vam esmolos, & lançavam ben-
çoens. Neste successo parece se

Padre Ma-
noel Godi-
nho homẽ
de grande
mortifica-
çam.

1
D. Ben. in vita
S. Francisci, c.
4. & Fr. Luis
dos Anjos in
cãdẽ Chren. t.
p. 1. r. c. 30.

Anno de
Christo de
1542.

92

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

enfayou pera outro notavel semelhança a este, que lhe succedeo, sendo Reitor no Collegio de Coimbra, como adiante contaremos: & finalmente veyo a morrer na casa professa de Sam Roque no anno de 1569. fazendo a Deos voluntario sacrificio de sy mesmo no tempo da peste; sendo ferido no acto da confissam, em que assistia a hum ferido: coroando Deos, com este genero de martyrio, os merecimentos de tam perfeito varam; com o qual se pôde muito honrar Lisboa, por ser o primeiro filho, que esta grande, & universal mãy deo à Companhia.

9 O segundo, que em Lisboa desta vez recebeu o Padre mestre Simam, foy o Padre Manoel Fernandez, natural de Ceita, excellente prégador, & insigne obreiro do Evangelho: era, no tempo de sua entrada, de ordens de Epistola: foy religioso de grande perfeiçam, & zelo, até morrer, por fazer o que devia ao officio apostolico de prégador das verdades; do qual falaremos ao diante, tratando das cousas do Collegio d'Evora.

10 Foy o terceiro recebido hum ecclesiastico Castelhano, muy grande prégador, chamado Francisco Neto. Tratava este Padre em Lisboa, com frequente familiaridade, ao Padre mestre Simam, dizia grandes

bens de nossos primeiros Padres; & cõ tal resoluçam se moveo em se despedir do mundo, contra quem prégava, & recolherse na religiam, que muito louvava, q̃ na ultima prègaçam se determinou em dar rezamdo que pretendia fazer: depois de prégár, com grande zelo, falou com os ouvintes desta maneira, como conta o nosso Padre Orlandino. *On eu ategora vos prèguei verdade deste lugar, ou calandoa vos enganei. Se felei verdade, nam saltará quem me argúa; & me diga, como he possível, que prègueis a perfeiçam da pobreza, se vós viveis cõ hum beneficio rico: como nos dizcis que desprezemos o mundo, se vós ainda estimais a honra? nam entendemos que vossa prègaçam se conforme com vossas obras, pois authorizais a virtude com louvores, & nam a seguis com effeito.* Isto disse ao auditorio contra sy, & tornou a continuar; *Mas porque entendáis, que nam vos enganei deste lugar, mas que vos prèguei verdades Evangelicas, neste momento de tempo, em que estamos, renuncio, & deixo tudo, quanto tinha no mundo, & deste lugar me parto ao mosteiro de S. Antam, pera que, em companhia daquelles Padres, execute por obra, o que tantas vezes me ouvistes louvar por palavra.* Assim o disse este excellente prégador, & descendose do pulpito, tomou o caminho pera nossa casa, acompanhado de muitos ecclesiasticos da Sê, movendo mais a ci-

dade

Anno da
Cõpanhia
3.

*Entra na
Cõpanhia
hũ grande
prégador.*

Orland. lib. 3
n. 32.

dade toda com este unico exẽplo, do que dantes tinha feito com muitos outros sermoens. Deste insigne prẽgador podera escrever S. Agostinho o que disse de Christo Senhor nosso, que prẽgava com palavras, & com obras. *Clamans dictis, & factis.*

II Recebeo mais o Padre mestre Simam, nesta sua casa, a o Padre Antonio Soares, que muitos annos trabalhou nesta provincia, com rara edificacãm, na sancta, & trabalhosa occupacãm de confessor. Item mais a o Padre Francisco Henriques, mancebo de grandes esperanças no mundo, que todas deixou em agracão, por seguir a Christo na religiam, aõde muitos annos cõtinuou em coulas de muita importancia, & de grande serviço de Deos: foy professo, sem ser letrado, Preposito da casa de S. Roque, & eleito a huma congregacãm geral. Item mais recebeo o ir-mam André Gomes, que foy o primeiro cozinheiro do Collegio de S. Antam; dando neste humilde officio illustres exemplos de sua alta virtude: de S. Antam foy depois mudado pera a casa de S. Roque, aonde foy esmoler por espaço de trinta annos, cambiando as esmolal, que recebia, com a edificacãm, que dava.

12 Com estes compa-

nheiros se achava muy alentado o Padre mestre Simam, pera exercitar logo os ministerios da Companhia, & pera acodir a Coimbra, a fundacãm daquelle Collegio, que o zelo do Rey tanto desejava. Desta celestial officina sahiã os novos ventureros a fazer guerra aos vicios, a prẽgar por Lisboa, a ensinãr os ignorantes, acodir aos carceres, a visitar os hospitaes, & a exercitar todas as mais obras de misericordia, cõ tam valentes successos, que de novo se davã os parabens os que lhe tinham posto o nome de Apostolos. E bem se pòde crer a grande satisfacãm, que teria o Padre mestre Simam, vendo tã prosperos principios, como lhe hiam amanhecendo, de se fundar em Portugal, patria sua, a Companhia, & de ver os cuidados reaes tam sollicitos neste negocio de amplificar, & autorizar a Companhia; porque se nam contentava com lhe dar rendas em Portugal, mas no mesmo tempo ordenou que as letras da confirmacãm da Companhia se pagassem à sua conta: & ainda acrescentou mais esta magnificencia, porque pera mostrar o grande preço, em que tinha a graça Pontifical, mandou, que se pagasse à Camara apostolica na mais nobre moeda, que no mundo havia, quaes eram os Portugueses d'outro,

que

Grãde benevolência
del Rey D.
João pera a Companhia.

que ainda naquella idade d'ouro em Portugal se batiam; havendo que aonde a graça era de mayor estima, bem era, que a satisfação fosse de melhor preço. Agora veremos como o Padre mestre Simam foy a Coimbra, a pôr em execuçam os desejos, que este bom Rey tinha de ver começado o seu Collegio.

CAPITULO XIX.

Partese o Padre mestre Simam Rodrigues pera Coimbra, dàse principio àquelle magnifico Collegio.

I **B** Astava pera ser entre nós digno de perpetua memoria este anno de 1542. por ter nelle principio o nosso muy magnifico, & famoso Collegio de Coimbra, a quem a grandeza delRey Dõ Ioam o III. tam liberalmente fundou, & o Rey de todos os Reys liberalissimo enriqueceo, com favores divinos, & com dõs celestiaes, com que atègora o tem feito celeberrimo, nam sò em Portugal, aonde foy fundado, mas no mundo todo, aonde he venerado. E se elRey Cyro achou, q̃ eternizava a Chroni-

ca de suas façanhas, ordenando no primeiro anno de seu governo (como conta a sagrada Escripura) que se tornasse a edificar o templo de Jerusalem; nam he menor gloria deste grande Monarcha elRey Dom Ioam, a que neste anno lhe cresceo, com a fabrica de tam grandiosa casa, que tambem se fazia pera Deos. Eram grandes os desejos do serenissimo Rey, de ver principiado este seu real Collegio em Coimbra, pera assegurar com isto as esperanças em que sempre vivia, de fazer a Companhia muy dilatada, & venerada, nam só em Portugal, aonde já a via, mas no mundo todo, aonde a desejava ter. Tratou pois com o Padre mestre Simam, que se dispuzesse, & preparasse, com os que havia de levar consigo, pera pedras fundamentaes deste edificio. Nam pudera haver cousa de mayor prazer ao P.M. Simam, que ver o fervor real tam inclinado a esta obra, que por tantos titulos era obra sua. Conforme a isto, achandose já com socorro de gente bastante, pera dar o desejado principio ao novo Collegio de Coimbra, se resolveo na partida.

2 Entregou logo o governo da casa de S. Antam ao Padre mestre Gonçalo de Medeiros, & se partio com onze companheiros pera Coimbra, em 9

de

Esdra 1. 1. c. 6
n. 3. Cyrus Rex
decrevit ut æ-
dificaretur do-
mus Dei in
Hierusalem.

Fica o P.
Gõçalo de
Medeiros
por supe-
rior em S.
Antam.

de Junho de 1542. dia de Sam Primo, & Feliciano martyres, que já em o nome traziam o bõ agouro, pera a fundaçam de hũ Collegio, que assim como he o primeiro da Companhia, no tẽpo, & nas rendas, assim tambem he felicissimo na ditosa criaçam de tã virtuosos irmãos, & apostolicos ministros do Evangelho, q delle, como de hum jardim fertilissimo, se trãsplãtam cada anno, huns pera mestres em Portugal, outros pera prẽgadores no Oriente: annuncios foram estes de grande ventura pera aquelle Collegio, pronosticados em o nome do martyr S. Felix: pudera muy bem dizer sua Alteza, o que Cassiodoro^b conta que disse o Emperador Theodorico de Roma, dandolhe por consul a Felix, varam nobre, *Felix á consule sumat annus auspici-um.* Entrou o P.M. Simam cõ esta sua nova, & religiosa colonia em Coimbra, dia de S. Antonio nosso Portuguẽs (que tãbem foy outro bom prognostico) a quem nam sã Lisboa, patria sua, mas todo Portugal, & em especial a cidade de Coimbra, festeja com grande devaçam, penhorada com honra dobrada, por lhe ter este glorioso Lisboẽs, com sua sancta presença, consagrados dous mosteiros da mesma cidade, ambos com rezam famosos; hum em pobreza, & humildade; outro ẽ rique-

za, & magnificencia; este he o real convento dos Conegos regerantes de S. Cruz, da ordem de S. Agostinho; aquelle he o humilde mosteirinho de S. Antonio dos Olivaes, da ordem de S. Francisco, da Provincia da piedade, em ambos estes mosteiros viveo sancto Antonio; no de S. Cruz foy primeiro agasalhado, quando entrou em Coimbra.

3 Neste mosteiro tambem foy recebido o P.M. Simam cõ seus companheiros, por aquelles muy reverendos Padres, & gravissimos Conegos, com a liberalidade, & amor, que sempre lhe faberemos reconhecer, como deseamos, posto que nunca poderemos satisfazer, como devemos. Estavam elles já prevenidos, & esperando pelos novos hospedes, com carta, & lembrança de sua Alteza; & assim na grandeza, com que nõs agasalharam, mostraram bem que a recommendaçam foy real, porrem que a charidade era divina. Ali estiveram todos juntos na hospedaria do convento, cõpetindo o desejo da mortificaçam nos hospedes, com a liberalidade daquelles muy religiosos Padres. Até que o provedor delRey, a quem o negocio vinha cometido, offereceo ao P.M. Simam hum sitio, & casas, que, depois de feitas varias diligencias, sobre todos lhe contẽ-

Agasalhã
se os nos-
sos em S.
Cruz de
Coimbra.

Anno de
Christo de
1542.

96

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
3.

tou, & se mudou pera elle cõ seus
cõpanheiros, como diremos.

4 Muitos sitios, & muitas
moradas de casas se offereceram
ao P. M. Simam, mas elle (posto
que estava tam bem hospeda-
do no mosteiro de S. Cruz, que
estã no mais baixo da cidade)
tratou de edificar o novo Col-
legio nos altos della: escolheo o
monte mais levantado da cida-
de (como quem sempre trazia
os olhos nos montes, donde, co-
mo o Propheta, ° esperava so-
corro do ceo) parecialhe este
sitio mais sadio, & mais accom-
modado pera Collegio de estu-
dantes, pelas rezoens, que hire-
mos vendo. Tomou logo hũas
moradas de casas de aluguel no
fundo da que chamavam rua
nova delRey, pouco distantes
do muro da cidade, que calhe
da parte do norte, sobre a cerca
dos reverendos Padres de san-
cta Cruz, defronte d'hum ou-
teiro, que chamam Môtaroyo;
he este lugar, ou monte de
muito bons ares, que de todos
os rumos lhe cursam puros, vi-
taes, & desempedidos; & ainda
que estã muy descuberto aos
nortes, q̃ tal vez sam penetran-
tes; & posto que o vëto soãm, de
quando em quando sũa mais
violento, do q̃ algũs achacados
quizerã; cõtudo o sitio he muy
aprazivel, cõ alegres, & muy espa-
çosas vistas do fresco Môdego,
& das grãdes planicies de cam-

pos, q̃, cõ suas agoas de cristal
derretido, vay regando, & com
suas enchentes vem fertilizan-
do; decendo poderoso em agoas
nevadas da serra da Estrella: &
tendo esta boa estrea, de ser rio
todo Portuguès, pois nasce em
Portugal, & em Portugal se en-
trega ao Oceano. Aqui deste
nosso sitio tem os olhos muito
por onde livremente se pòdem
apascentar; ao longe se desco-
brem longes muy saudosos de
campinas estendidas, de mon-
tes fermosos, de serras famosas,
qual he a que chamam do Cã-
tarò, que dali a tres legoas, pe-
ra o norte, se descobre; & por
aquella parte mais celebrada
desta môtanha, a que chamam
o Boçaco, ou serra de Luso: tã-
bem pera o Leste se vè a serra
de Semide, & da Louzã, con-
finantes cõ a da Estrella. Nam
sam menos agradaveis as vistas
ao perto de outeiros enrama-
dos com grandes vinhagos, &
cubertos com fermosos olivæes.
O cham do sitio he largo, o ter-
renho sadio, o ceo patente, be-
nigno, & saudavel.

5 Todas estas boas partes
desta parte da cidade cõvidavã
ao Padre mestre Simam a esco-
lher antes este, que outros si-
tios, & já sua Alteza o tinha de-
marcado. & nelle compradas
muitas casas, pera ali fundar a
sua Vniversidade, que como de
emprestimo tinha hospedada

noutra

Pf. 120. n. 1.
Levavi oculos
meos in mon-
tes, unde ve-
niet auxilium
mihî.

*Descreve
se o sitio
do nosso
Collegio
de Coim-
bra.*

*Deo elRey
D. Ioam
seus paços
à Vniver-
sidade, &
a nòs as
casas, que
tinha pera
a Vniver-
sidade.*

noutra parte; porem depois que vio q este lugar cõtõtava ao P. M. Simam, quiz antes desacommodarse a sy, que descõtõtetar ao Padre; & se veyo a resolver a ficar sem paços, por nelles agasalhar a sabidoria, largãdoos para sempre â Vniversidade, & dandandonos à Cõpanhia as moradas de casas, que elle já tinha cõpradas pera o novo edificio, q traçava, pera os géraes, & escholas da Vniversidade; como tudo nos cõsta das doações, & provisoões reaes, que temos em o nosso cartorio de Coimbra.

6 Pera estas casas se partio o Padre M. Simam com dez cõpanheiros sòs; nem faça duvida termos dito assima q eram onze os com que entrou, & que com dez se sahio; o caso foy, que hum dos onze, que em sancta Cruz se agasalhãram, edificado da muita virtude, & notavel assistencia do choro daquelles tam religiosos Padres, se inclinou a ficar com elles (liberdade tinha, pera o poder fazer, porque era ainda noviço) pedio, & tomou seu habito, nelle esteve vestido sòs tres horas, porque logo lhe chegou o arrendimento de sua liviandade, & a mudança de seus propósitos (que assim succede às vezes a os que nam tem lançado grandes raizes na virtude) quizera depois sanear sua culpa, eõ o arrendimento della, & tornar a

sua primeira vocaçam; resolveuse porem o P. M. Simam em nam tornar a admittir na Cõpanhia a hũ fõgeito, que com tam leves causas duas vezes tornou a voltar pera tras os olhos, quando ainda havia tam pouco, que tinha tomado o arado nas mãos; & com tam mudavel inconstancia, que em menos de quatro horas lhe parecẽram bem, & mal duas Religioens; porque mal se podia prometter firmeza de vida em huma, quando, em tam breve tempo, lhe contentavam, & descontentavam duas.

7 Dispondo Deos as coulas desta sorte, pera que o primeiro Collegio, q a Cõpanhia teve no mundo, se nam fundasse cõ differente numero de fõgeitos, do que se fundou a Cõpanhia universal, esta teve dez Padres (contando entre elles o Padre Diogo Ozes, q foy o ultimo, q se ajuntou) os quaes sam no mundo tam celebrados por suas virtudes, & tam conhecidos por seus nomes; & bẽ era, que a o filho primogenito da Cõpanhia, qual he, entre os Collegios, este de Coimbra, ficasse como per herança avinculado o mysterioso numero dos dez cõpanheiros, cujos nomes sam estes, Mestre Diogo Mirãm Valéciano, de grãde entẽdimẽto, & espirito; dous Frãceses Micer Põce, & Francisco Gallo; dous Caste-

*Nomes
dos nossos
primeiros
habitadores do Col
legio de
Coimbra.*

Anno de
Christo de
1542.

98

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Cõpanhia
3.

d
Añ. c. 2. n. 11
Audiuimus
eos loquentes
nostris linguis
&c.

lhanos Francisco Roxas, & Francisco de Villa nova; dous Italianos Angelo de Paradiso, & Martim Parmesano; tres Portuguezes, irmam Antonio Cardoso, Manoel Fernãdez subdiacono, & o irmam Lançarote de Seixas: em numero eram dez, & na uniam represẽtavam a hũ sô; as lingoas eram diversas na toada, porem muy cõformes no espirito; q̃ tambẽ muito diversas lingoas falavam os ^d Apostolos, porq̃ testimunha a Escripura, q̃ os Persas, os Parthos, os Cretẽses, os Arabes, & os Romanos os ouuiam em suas lingoas, & q̃ estas eram muitas, *dispertita lingua*, mas ofogo era hũ sô, *tãquã ignis*: bẽ pareciam estes nossos irmãos garfos tirados daquelle nobre trôco S. Ignacio, q̃ ajũtou outros dez cõpanheiros, q̃ sêdo cõpostos de naçoẽs tã diversas, & encõtradas, estavam unidos em amor tam cordeal, & uniforme.

Como o P.
M. Simam
accommo
dou as ca
sas pera
sua habi
taçam.

8 Fez o Padre mestre Simam accõmodar as casas pera uso dos nossos o melhor que soffria o aperto do lugar, & a falta das alfayas, ordenou hũa Igreja, ou oratorio, pera dizer missa, & ministrar os Sacramentos de huma logea, que nam era mais de tres braças & meya de comprido, & duas pouco mais de largo, repartio as mais officinas, segundo a capacidade do sitio. Ordenado isto da maneira que pode ser,

se mudou pera estes paços o Padre mestre Simam, com este seu novo, & pequeno manipulo de religiosos soldados, confiado em o Senhor, que em tam pequenos, & humildes principios havia sua divina magestade de fundar grande fabrica, de copiosas graças, & de amplissimos favores. E assim succedeo, por sua divina misericordia, porque deste pequeno gram de mostarda sahio hũa muy grãde arvore; qual a de q̃ fala Daniel, *Proecritas eius cõtĩgẽs calũ, aspectus eius usq; ad terminos uniuersæ terra*. Deste perto de lugar, desta estreiteza de humildes casas, em que estiveram muitos annos, sahio hum Collegio tam insigne na largueza do edificio, na extensam do sitio; na grandeza das rendas, no numero dos sogeitos, na frequencia das missoens, na copia de letrados, na celebridade de famosos pregadores, que he hoje com rezam o mayor, & mais insigne Collegio de Hespanha, & pôde competir com os melhores, & mais celebrados de toda a Christandade.

Dan. 4. n. 2.

9 Declarou logo o P. M. Simam pera Reitor desta nova colonia de gẽte tam boa de governar, a M. Diogo Miram, cujo animo cãpeava sobre os annos, nam era ainda mais que irmam, & já parecia Sacerdote, nã tinha

Primeiro
Reitor do
nosso Col
legio de
Coimbra.

ainda

ainda ordens sacras pera dizer missa, & ja podia dar ordens, pera administrar governos; era mancebo na idade; mas era velho na gravidade: fiava o Padre mestre Simam de seu grande espirito, de suas muitas letras, & de sua rara prudencia, que promoveria muito a fundaçam do Collegio, & o bom governo dos subditos: & dandolhe o regimento, & as ordens do que havia de fazer, se voltou a Lisboa, como elRey lhe tinha ordenado, pera na corte melhor acodir ao bem do Collegio em Coimbra, & ao augmento da Companhia no Reyno.

CAPITULO XX.

Como passavam os nossos neste tempo em o novo Collegio de Coimbra, assim no temporal, como no espirital: E do procedimento do seu primeiro Reitor.

NEsta estreiteza de aposento, começou o novo Reitor M. Diogo de Miram a reger seus subditos, qeram muito mais acẽomodados pera serẽ governados, do q eram as casas pera serẽ habitadas: a charidade fraterna, & a uniam dos espiritos, q todos entre sy tinham, era tã

maravilhola, que cõ rezam podiamos aqui dizer o qda primitiva Igreja diz a Escriptura, ^a *Erāt cor unum, & anima una.* Delejava cada hum de dar ventagem aos outros; serviamse entre sy com tam sancta porfia, q era necessario vigiar hum muito, por nam ser anticipado da charidade do outro; antes pretendendo cada hum nesta sancta contenda aventajar-se em servir ao outro; que he o primor, que S. Paulo ^b desejava nos seus discipulos de Galacia: nam inventa tantas artes o amor proprio, pera poupar traballho, & se descarregar de molestias, quantas buscava cada hum pera aliviar a seu irmam: viamse estas finezas, em a perpetua contenda, que entre elles havia, sobre quem havia de lançar primeiro nos officios mais baixos, com tanta chaneza, & com tam sancta ambiçam, que o que era o ptincipal da casa, era o primeiro oppositor da cozinha; prezando mais o officio de cozinheiro, que o cargo de Reitor. Tal foy o primeiro procedimento dos que no Collegio de Coimbra começaram a dar principio àquella tam bẽ unida sempre, & charitativa cõmunidade.

² Sustentavamse neste principio os nossos em Coimbra com a renda de S. Anram de

3.

^a Ad. c. 4. n. 32

^b Ad Gal. c. 5. n. 12. Fer charitatem spiritus inter vicinos em.

Virtudes
dos nossos
primeiros
Padres do
Collegio de
Coimbra.

Christo de
1542.Rêda, que
os nossos
tinhamno
principio
em Coim-
bra.Hieron. Pane-
grad Traia-
um.

Benelpera, que neste tempo mostrava como mil cruzados, por causa dos petitorios pera S. Antam, que eram gêraes por todo o Reyno; mas como, depois do Concilio Tridentino, nam era licito arrendalos a outrem, nem era decente aos religiosos arrecadalos por sy, largando os nossos os ditos petitorios, abateo tanto a rêda, que se reduzio a pouco mais de cem cruzados: mas aonde faltou o mosteiro com suas rendas, supria elRey com sua grandeza; porque assim como hia crescendo o numero dos fogeitos, assim fazia acrescentar a quantidade do sustento; o qual mandava dar de sua mesma casa, sem permittir que passasse pelos ministros, & officiaes da fazenda, que era segūda merce, & de grāde consideraçam; porque despachos, que passam pela via ordinaria de ministros reaes, & de officiaes da fazenda, sam tã vagarosos na execuçam, & tem tantas difficuldades na cobrança, que tal vez mayor he o trabalho, que vos dam em os diligenciar, que o proveito, q̃ vos vem de os alcançar; que tãtos sam os vagares, taes as replicas, & as duvidas, que vos poem; as vistas, que mandam dar; as declaraçoens, & justificaçoens, que vos mandam fazer. E a rezam d isto he a que deo Plinio^c ao Emperador Trajano (q̃

tam antigo he este mao costume) porque vos querem abonar a merce por grande na estima, à vista da mayor difficuldade no alcance: de todos estes trabalhos livrou elRey ao P. M. Simam, cō nam querer que as merces, que nos fazia, corressem por ministros ordinarios: além de que, como acrecenta o mesmo Plinio,^d huma merce, que passa por tantas mãos, necessariamente ha de vir já çafada, & por ventura que venha cerceada, *Sic enim unum munus per multas teritur manus*: mas a merce, q̃ sò passa pela mam doRey, ã tudo he real, ṽe cō toda afflor; & como nam ṽe cōprada cō muitas instâncias (q̃ assio disse o aviso de Cassiodoro) he graça muito melhor ã graça da. Durou esta merce, & singular favor, ã quãto se nam annexaram ao Collegio de Coimbra o mosteiro de S. Fins, o de S. Ioam de Lōgavares, & outras Igrejas, q̃ depois se nos unirã por autoridade apostolica, e aprelêtaçã real, como veremos.

3 Porẽ como pera o numero dos religiosos, q̃ foy crescendo, era a habitaçam muito incōmoda, & apertada, & a gête de fora começava de nos acodir, se ordenou, de obra rude, huma casa grande, pera capella interior dos irmaõs, continuando com ella hum estreito dormitorio de poucas camaras, as mais dellas divididas com

3.

^d
Plin. ibidem.^c
Cassio. in epi-
st. Gracius est d-
nũ quod veni-
ante preces.

com paredes de taipa, & de tijolo, a que por muito tempo chamaram cubiculos novos: a qual habitaçam, posto que já esteja de todo arruinada, & desfeita (porque nam hã obra nova, que com os annos nam venha a envelhecer, & com o tempo a totalmente acabar) cõ tudo, porque ainda alcãçamos estas sanctas velhices, & nos criamos, sendo noviços, naquelles palacios da pobreza, & naquelles theatros da devaçam, bem he que pois esta habitaçam totalmente já se arruinou, nos fique em pé a lembrança, & inteira a memoria de lugar tam sancto, da piedade, penitencia, & oraçam daquelles seus primeiros habitadores, anjos verdadeiramente na innocencia da vida, & seraphins no amor de Deos.

Grãde de-
vaçam, &
penitência
dos nossos
em Coim-
bra.

4 Era muito pera ver, & louvar ao Senhor de como ali se passavam as noites em véla, como sem limite de tempo aquellas puríssimas almas se entregavam a seu creador, na oraçam diante do Sanctissimo Sacramento, despedindo amorosos suspiros, & fervorosas jaculatorias ao ceo. Suas praticas, no tempo, em que falavam, todas, conforme a regra, eram de Deos, animandose á virtude, & desafiandose com sanctas emulaçoens a quem havia de ser

mais penitente, mais devoto, & mais mortificado; que estas haviam de ser as competencias entre os religiosos; & estas sam as contendas, que Christo nos encõmenta: *Con- tendite intrare per angustam portam.* Os rigores em se disciplinar erã tã notaveis, q de ordinario deramavam muito sangue, de que davã bom testemunho as paredes rociadas com este orvalho vermelho: era tã grãde a virtude, tam profunda a humildade, tam continua a oraçam, & tam admiravel a comperência, em se aventajarem por mortificaçam, & em se abaterẽ por sojeiçam; & era finalmẽte em todos a vida tam angelica, que podiam estes humildes servos do Senhor fazer enveja aos discipulos de Sam Marcos em Alexandria, aos quaes se attribuem os louvores, que conta Philo: Iudeo. E quem visse communidade tam sancta, & tam unida, podia dizer com Sam Chrysostomo, ^a o que elle dizia dos sanctos, que habitavam os desertos do Egypto, que aquelle ermo parecia paraíso, & seus habitadores representavam ser Anjos.

5 Ao Reitor (nam sendo este ainda Sacerdote) tinham tanto respeito, como se fosse a pessoa do Padre sancto Ignacio, porque nam olhavam, que era homẽ o que os mandava,

f
Luc. c. 13.
n. 24.

g
Philo. iud. lib.
de vita con-
templ.

h
Chrys. hom. 9.
in Mar. Si quis
nisi ad Aegyptum
solitudinem
veniat, paradisum
propius vi-
debit omnem
illam regionem
dignior: m, &
innumerabi-
les angelorum
exercitus in cor-
poribus habi-
tare mortali-
bus.

Christo de

1542.

*Das mui-
tas virtu-
des do pri-
meiro Rei-
tor do Col-
legio de
Coimbra.*

i
ad Tim. c. 5
n. 23.

1
August. lib. 9.
conf. c. 30.

mas respeitavam a Deos, por amor de quem obedeciam. Era este bom superior, mestre Diogo Miram, tam mortificado em todas suas acções; era tam inimigo de sy, & tam dado a grandes penitencias, que foy necessario hirlhe á mam de Roma nosso glorioso Patriarcha (como Sam Paulo; fazia a Timotheo, que nem Timotheo Bispo, nem o Reitor de Coimbra moderariam seus rigores, se lhes nam foram á mam; porque teme hum varram sancto, como advertio S. Agostinho; ciladas encubertas da natureza, nas rezoens apparentes da necessidade, *Ut obtentu salutis obumbreret negotium voluptatis*) nomeoulhe hum irmam, a quem neste particular obedecesse, o qual lhe moderasse os rigores, com que se tratava, & modificasse as penitencias, com que se affligia; porque era tal o odio, que tinha contra sy mesmo, que jejuava frequentemente a pam, & agoa, & de ordinario comia sò pam seco: trazia hum jubam sobre a carne, tecido de sedas de cavallo, cõ muitos nós, muy asperos, & agudos; tomava rijas disciplinas, até deramar sangue, & como quem sò tratava de crescer, & se augmentar na graça, gastava, & cõsumia a natureza. Na oraçam, & trato com Deos era tam cõtinuo, & applicado, que por trazer sempre o pensamento no

ceo; vinha muitas vezes a namdar fê das cousas da terra.

6 Depois de Sacerdote, de tal modo se transformava na missa em Deos, que a cada passo se perdia, com hũs acertados erros, sem advertir no que obrava nas ceremonias por fora, por deferir a Deos, que lhe falava dentro na alma. Acabada a missa se retirava em oraçam por muito tempo, em acçam de graças, por tam singular beneficio, recebendo ao Senhor cõ tam particular devaçam de cada vez, como se aquella fosse a primeira, ou como se houvesse de ser a ultima. Nam permitia particularidade nenhuma em sua pessoa; nem na mesa, que era muy parca; nem no fato, que era muy pobre. E como no tempo, em que estava no refeitório, pera dar refeçam ao corpo, principalmente tratasse de dar pasto á alma, nenhuma advertencia tinha no que comia, nem fazia differença, se era temperado, ou mal guisado: deram-lhe hũa vez, à volta da carne, hũ pedaço de rodilha, por inadvertencia do irmam cozinheiro (q ou tambem andava muy enlevado em Deos, ou era muy descuidado no officio) esteve o pobre do Reitor mastigado por muito tempo aquelle trabalho bocado, sem o poder accommodar pera o levar pera baixo; até que finalmente o irmam,

que

m
oa. c. 4. n. 34
meus cibis
ut faciam
voluntatē Pa-
tris mei.

que servia, lhe foy á mam, & lhe fez advertir no erro, de que elle fazia pouco caso, porque o seu manjar era o de que falava Christo, ^m quando dizia, que se sustentava com fazer a vontade a seu eterno Padre. De tal maneira era superior de todos, que sempre procurava ajudar nos officios a cadahum; & nam havia em casa occupaçam tam humilde, que elle por sua propria pessoa nam exercitasse muitas vezes.

n
ristot. lib. 3.
hyf. Primum
i unoquoque
enere est mē-
ura czererorū.

7 Muitas cousas pudemos contar deste humilde superior, de cujas virtudes falaremos em outras occasioens. Este foy o primeiro Reitor, q teve o nosso Collegio de Coimbra; & se, como disse o Philosopho, ⁿ oq he primeiro em algum cargo, he justo que seja a medida, por por onde os mais se devem ajustar, & nivellar; bom exemplar tem diante dos olhos neste humilde irmam, & sancto Reitor, os Padres, que forem Reitores em o nosso Collegio de Coimbra, os quaes entam comprirã melhor com as obrigaçoens de seu officio, quando melhor imitarem os exemplos deste superior.

Primeira
renovaçã
de votos
no Colle-
gio de Co-
imbra.

8 Neste primeiro anno da fundaçam do Collegio, querendo o novo Reitor mestre Miram, dar huma espirital recreaçã a seus subditos, sahio com elles, em dia do Apostolo San-

tiago pela menhã, a huma ermida do Spirito sancto (que estã como hum quarto de legoa da cidade de Coimbra, em hum lugar de vista aprazivel) pera todos nesta casa do divino Spirito renovarem seus votos, á imitaçam do que, tres vezes, nossos primeiros Padres fizeram em Paris, dia d'Assumpçam de nossa Senhora, em Monte dos Martyres. ° Chegado o desejado dia daquella sancta, & alegre festa, que esperavam, sahiram de suas pobres casinhas aquellos humildes servos do Senhor, passãram o caminho todo (que he muito alegre, pela muita variedade de flores, de que he todo alcatifado, pelos grandes, & fermosos olivaes, que nelle se levantam, & pelas estêdidas vistas, que delle se descobrem) louvando sempre o creador, á vista de suas creaturas, & preparando suas purissimas almas, pera lhe fazerem aquelle desejado holocausto, & nellas o receberem sacramentado. Entrando todos na ermida, ouviram missa, que hum delles disse (porque o Reitor ainda nam era Sacerdote) & comungou a os mais, com huma inexplicavel devaçã, & grande copia de suaves lagrimas.

Orland. lib. 1.
§. 89. n. 101.
Rib. lib. 2. vi-
ta B. Ign. c. 4.

9 Logo começando o irmam Reitor, com as mãos postas sobre a pedra d'Ara, com abraçado amor, & charidade,

Grande
devaçã
nesta reno-
vaçã de
votos.

Anno de
Christo de
1542.

104

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
3.

*Chegam
alguns nos-
sos de no-
vo ao Col-
legio de
Coimbra.*

Conf. p. 4.
5. 5.

renovou seus votos, em voz alta, como hoje fazemos; apos elle se seguiram os mais, com as mesmas sanctas ceremonias, & com tam grandes jubilos de interior consolaçam, & ardentes suspiros ao ceo, que muitas vezes nam cabendo dentro na alma a suave violencia do divino Espirito, brotando fora lhes interrompia as palavras, sem poderem continuar com a profissam, que faziam, por causa dos fervorosos affectos, em que as almas ardiam. Desta maneira se festejou a primeira renovaçam de votos, que houve em o nosso Collegio de Coimbra, a onde ainda hoje, duas vezes no anno, se repete esta sancta memoria da renovaçam dos votos (como he costume na Companhia) com grandes aparelhos de devaçoens antecedentes, & com muy fervorosas lagrimas dos que se renovam em espirito, como diremos adiante.

10 Acabado este acto de tanta piedade, & devaçam, se tornaram pera o seu Collegio, pulando de prazer, & jubilos d'alma, abrazandose huns aos outros com praticas de amor divino, azezas no fogo da charidade; animandose, á vista de tantos mimos do ceo, a padecer muitos trabalhos por hum Senhor tam liberal; em communicar favores divinos a quem tão to se retirava de conversações

humanas. Quatro dias, depois desta ditosa renovaçam, se lhes acrecêto a alegria, com a chegada de sinco companheiros, que de novo, como novo subsidio, lhes inviou nosso sancto Padre Ignacio de Loyola; os quaes eram o Padre Martim de S Cruz, Castelhana, que depois foy o segundo Reitor do Collegio de Coimbra: o Padre Antonio Criminal Italiano, que foy o primeiro da Companhia, que, em testemunho da fé, derramou seu sangue, & abrio este ditoso caminho aos muitos, que tam prodigamête dêram as vidas pelo author da vida: o terceiro foy o Padre Nicolao Lacinoto, & Hercules Bucero Italianos, & o P. Guilherme Coduro Francês.

CAPITULO XXI.

Da pouca estimaçam, que na Universidade se fazia dos nossos, & como se foy mudando esta roim opiniam: & dos primeiros, que entraram naquelle Collegio.

I **D**Esta maneira procediam os primeiros habitadores do Collegio de Coimbra, conhe-

cidos

Como em
Coimbra
se fazia
pouco ca-
so dos nos-
tros no prin-
cipio.

cidos, & estimados de Deos, ef-
condidos, & desprezados dos
homens. Nam podia esta vida
tam sancta deixar de espantar
aos habitadores daquella ci-
dade; mas como estes nossos Pa-
dres eram tam encolhidos, &
tam retirados, sem haver na
terra quem os conhecesse (sen-
do os mais delles estrangeiros,
que mal entendiam a lingua
Portuguesa) a admiraçam do q̃
os Conimbricenses sentiam, se
lhes mudou em desprezo, pelo
que viam: nam havia naquelle
tempo entre elles nenhum, que
pudesse contentar por prẽga-
dor, & que atrahisse ao novo
Collegio os Academicos; & jul-
gavam os de fora, que todos se-
riam huns ignorantes, espantã-
dose como hum Rey prudente
fazia caso de gente idiota: final-
mente por desprezo, & zomba-
ria lhes chamavam commun-
mente os Franchinotes, nome
que em Portugal costumam dar
a alguns pobres estrangeiros,
que vem do Norte a estas par-
tes, & andam pedindo esmolas,
cantando pelas portas. A este
desprezo das pessoas se acrecẽ-
tava a sospeita dos costumes;
porque como neste tempo o
Norte todo ardia em heregias,
que do inferno trouxeram a-
quelles dous diabolicos mini-
stros Lutero, & Calvino: nam
faltavam alguns, que, com capa
de zelo, punham tambem a bo-

ca em os nossos, por serem mui-
tos estrangeiros, & algũs terem
vindo daquellas partes inficio-
nadas. Estes zeladores avisavam
aos estudantes, que se guardas-
sem daquelles estrangeiros, por-
que, ainda que por fora pare-
ciam cordeiros mansos, por dẽ-
tro podiam ser lobos carnice-
iros; que o vicio entam he
mais perigoso, quando menos
descuberto; & por isso disse bẽ
S. Bernardo, ^a que os hereges
de melhor vida sempre foram
de peor astucia; porque parecẽ-
do ovelhas no habito, sam ra-
pozas no engano; & fogem de
parecer maos, pera na verdade
serem peores; nem a peçonha
se dà senam disfarçada; & como
disse o outro, ^b quando o copo
he mais dourado, entam pòde
ser o veneno mais refinado.
Nam paravam as sospeitas em
discurfos domesticos, & em pra-
ticas ao soalheiro; mas ouve re-
ligioso (senam foy mais que hũ)
que advertio muy seriamente a
o Cardeal infante (por ventura
por cuidar, que nisto lhe dava
gosto (por saber o pouco, que
entam tinha de nos ver em Por-
tugal, como consentia sua Alte-
za, que taes homens entrassem
em aquella Vniversidade, aon-
de acodiam todos os mancebos
do Reyno, em cuja idade mais
facilmente se podia pegar o que
temiam, que os nossos podiam
ensinar?

^a
Bern. ser. 69.
in Cant. Oves
sunt habitus,
astu vulpes, a-
ctu lupi. Mali
videri timent,
nẽ parum sunt
mali.

^b
Juven. sat. 10.
Sed nulla ac-
rita bibatur
Fistilibus, nũc
illa time, cum
pocula sumes
Gemmarum.

Anno de
Christo de
1542.

106

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Enganos
dos homẽs
em seus ju-
izos.

^c
Ioh. c. 8 n. 43
Nōne bene di-
cimus nos,
quia Samarita-
nus es tu, &c.
^d
Mat. c. 23, n. 9
quia sicut ex-
ultantur celi
a terra, sic exal-
tati sunt vici
mez a vijs ve-
litis, & cogita-
tiones meos, a
cogitationibus
vestris.

2 Assim julga o mun-
do muitas vezes dos servos
de Deos, & nam he esta a pri-
meira vez que delles formou
juizos errados, que até no mes-
mo filho de Deos vimos com-
prida esta verdade, pois chegã-
ram os homens a ter por Sama-
maritano, ^c & peccador o que
era sancto, & innocente: & se os
pensamentos de Deos, como o
Propheta ^d diz, andam tam re-
montados dos juizos dos ho-
mens, segundo a distancia que
tem o ceo da terra; tal vez assi-
sam os pareceres dos nũdanos,
& os procedimentos dos reli-
giosos. Bem viam aquelles hu-
mildes servos do Senhor quam
pouco estimados eram dos ci-
dadaõs de Coimbra, que os des-
conheciam, & dos Academicos
da Vniversidade, que os despre-
zavam; porem destes desprezos
dos homens faziam grangearia
pera com Deos, & quanto me-
nos se viam estimados do mun-
do, tanto mais se recolhiã en-
tre sy; & se retiravam das gẽtes,
& tratavam com os Anjos.

3 Porem como a Compa-
nhia veyo ao mundo, nam pera
viver encerrada sō com Deos,
no retiro das cellas; mas pera
tratar tambem com os homens,
no publico das praças, parece
que lhes poderia o mesmo Se-
nhor reprovar este seu recolhi-
mento em casa, tendo obriga-
çam de prègar por fora: como

antigamente fez a Elias, e quã-
do se foy meter na sua cova; es-
tranhandolhe Deos esta retira-
da, com aquella pergunta do
Anjo, *Quid hic agis, Elia?* que fa-
zes aqui Elias? como se lhe dis-
sера, segundo commenta Lyra,
que nam era ainda tempo de
descanso, quando tinha obriga-
çam de trabalhar pela salvaçam
dos proximos. Pera acodir a
isto, tinha usado o Padre mestre
Simam, com sua muita pruden-
cia, de huma sancta traça (pre-
vendo ja o que podia suce-
der) pera que ao menos os estu-
dantes perdessem o medo, que
tinham de nõs, & pera que os
podessemos nõs tratar a elles;
mandou-lhes diante, como dis-
femos, ao irram Manoel Godin-
ho, vestido em trajos de estu-
dante, pera que desta maneira
o admittissem pelo habito, alem
de ser muy conhecido pela pes-
soa. Vivia elle, & tratava com
os estudantes, era religioso, &
mostravase secular; o exterior
era de estudante polido, & ga-
lhardo, o animo de religioso hu-
milde, & composto: era Iacob
verdadeiro, & mostravase Esau
fingido: pera com estes sanctos
enganos desenganar ao mun-
do, & com estes novos disfarces,
desfimentir seus enredos. Vinha
muitas vezes a nossa casa a cõ-
fessar-se, & a commungar; trazia
de quando em quando consigo
outros amigos, hora huns, hora

outros,

Anno da
Cõpanhia

3.

^c
3. Reg. c. 19
n. 13. Lyran.
ibi. Nō est a d.
huc tempus
quietis perfe-
ctæ, sed labo-
ris pro salute
hominum.

Irram
Manoel
Godinho
vestido ae
secular
trazia os
estudantes
a nossa
casa.

outros, como melhor podia, pe-
ra lhes tirar os medos, que dos
nossos tinham: pello caminho,
& nas praticas ordinarias, lhes
persuadia o que neste particu-
lar entendia, & elle o sabia fa-
zer com muy bem ordenadas
palavras, & bem apontadas re-
zoens.

4 Certo, senhores, dizia o ir-
mam Manoel Godinho, que nam
vejo rezam, que vos obrigue a sentir
mal, & a fugir de gente tam qualifi-
cada; se fugis delles por serem estran-
geiros, a virtude, que professem, lhes
dá privilegio de naturaes: pouco im-
porta nam lhe entenderdes a lingua
que falam, porque elles bem se expli-
cam pelo exemplo, que dam; & aonde
brádam as obras, sam escusadas as
palavras. Nam tendes pera que os ter-
por sospeitos na doutrina, que ensinam,
pois ainda lhes nam ouvistes os termos
com que se explicam: que nam he lici-
to, conforme a todo bom direito, e pre-
sumir de alguem que he de maos costu-
mes, antes de haver prova bastante;
quanto mais que nam pôde haver som-
bra de maldade em quem tanto pro-
fessa a virtude. Se fugis delles por se-
rem tam pobres no trajo, tam encolhi-
dos no trato, tam modestos nos olhos,
& tam apontados nas palavras; cau-
sas eram estas pera os demandarmos
de muito longe, & nam pera os fugir-
mos, tendoos tam perto. Se os tendes
por idiotas, & se os julgais por igno-
rantes, vergonha he nossa vermos quã-
ta vantagem nos fazem na verdadeira
sabiduria. Lembremvos as queixas,

que S. Agostinho teve de sy, & de
seus amigos, á vista da virtude de
S. Antam, & de seus monges, que se
levantavam os idiotas, & lhes arre-
batavam o ceo, & que elles com suas
sciencias hiam caminhando pera o
inferno.

5 O caso he, senhores, acrecêtava
o irmam Manoel Godinho, que
nos podemos correr de conhecerem me-
lhor os cortesãos da corte de Lisboa
as preciosas letras destes sábios idiotas,
que nós tanto desprezamos: el Rey D.
Ioam, nosso senhor, os traz a elles
nos olhos, & deseja de os recolher
em sua alma; & se os nam prezára
como filhos, nam nolos mandára por
visinhos, pois tanto estima esta sua U-
niversidade. Nam tendes que reccar
que seu trato vos cause algum mal,
antes eston certo que, se os tratardes,
tereis dahi grande bem. Muita graça
acho que nam tememos nas nossas cõ-
quistas tratar com Mouros, que sam
publicos peccadores, & que tinhamos
dentro em Coimbra falar com homens,
que parecem grandes sanctos. Mais
rezam havia pera se guardarem elles
de nós, do que he o fundamento, que
temos pera fugirmos nós delles; por-
que elles sam homens sanctos, & reco-
lhidos na Religiam; nós somos secula-
res, & distrahidos no mundo; elles de
nós nenhum bem tem que esperar, nós
por sua via podemos alcançar a salva-
çam: & cõ tudo a mim me consta
que nos desejam tratar, pera nos po-
derem melhorar: & se se retiram he,
porque nam querem dar pena a quem
desejam servir: buscayos, senhores, &

Christo de
1542.

tratayos ao menos hum a só vez, que elles nam sam empestados, que vos hajam de contraminar só com a vista; & se vos nam contentarem, com mayor facilidade os podeis largar, do que he a difficuldade, cõ que agora os nam que- reis demandar.

Começam os de Coim- bra a dei- xar a ro- em opiniã q tinham dos nossos.

6 Com estas, & outras practicas, & com semelhantes re- zoados foy o irmam Manoel Godinho abrandando a dureza dos Academicos; foram-lhe a alguns tirando dos olhos as cataratas, com que olhavam pera nossas cousas; que o fogo nam pôde muito tempo estar sem por sy se manifestar: nem a luz clara, & bella perde sua graça, & fermosura entre as sombras feas, & tenebrosas; antes a mesma luz, que mostra os outros objectos, por sy se louva primeiro, & se manifesta a sy mesma, escusando luzes alheas, pois tem a luz tanto de casa; que esta he (diç S. Ambrosio, ^b falando da mesma luz) a propriedade das obras de Deos, que tendo testemunhos proprios, escusam louvores alheos. Pouco, & pouco se foy ausentando o medo, & o asco, que tinham aos nossos; & a experiencia lhes hia mostrando, que eram plantas escolhidas, criadas com influências do céu, mais pera aproveitar gente perdida, que pera desfencaminhar estudantes quietos. Vieram finalmente os Conimbricenses a mostrar ao mū-

^b
Amb. in exam.
lib. 1. c. 9. Bo-
norū operum
propriū est, ut
externo cōmū-
datore non e-
geāt, sed gratia
sua, cum vidē-
tur, ipsa testan-
tur.

do que, depois de abertos os olhos, sabiam trazer nelles os que, com elles fechados, nam viam: começaram acodir a nossa casa, & tratar os nossos, mudando o desprezo em estima, & em amor a esquivança.

7 Estando as cousas já nesta altura, o primeiro, que nos veyo demandar a Companhia, foy hum Sacerdote Portugues de Villapouca de Aguiar, comarcação de traz os montes, por nome Pero Lopes, homem de muita virtude, & grande bondade, de grande confiança, & zelo da Religiam; & por esta causa lhe foy encommendado o meneo temporal das rendas do Collegio, & grangearia dos mosteiros, que, andando o tempo, se uniram ao Collegio de Coimbra, aonde acabou sanctamēte. Entrou logo o irmam Adam Frãcisco, q foy coadjutor temporal, o qual no anno de 1546. foy mandado pera a India, & lá trabalhou com muito louvor. Apos este veyo pedir a Companhia hum estudante Theologo, natural de Betancor cidade no Reyno de Galliza, chamado Ioam de S. Miguel, era muy bõ letrado, & muy apurado na lingua Castelhana, na qual prẽgava com tanta eloquencia, & suavidade, que com rezam foy tido por hum dos principaes prẽgadores, que teve a Companhia nestes Reynos. Foy homem de grande

Anno d
Cõpanhia
3.

Primeiro
q entrou
no Colle-
gio de Co-
imbra.

grande espirito, & seus conselhos, & avisos espirituaes se advertiam, & escreviam, como de homem sancto. Muitas vezes lhe succedia, que depois de larga meditaçam das cousas divinas, ficava todo o dia enlevado em Deos, sem se lembrar de outra cousa, tam abrazado, & aceso em espirito, que, à força de suspiros, & gemidos ao ceo, parecia arrancarselhe a alma. Dez annos sòmente gozamos do bem deste insigne fogueito, mas neste breve tempo recopilou largos annos; floreceo principalmente em sancto Antam de Lisboa, com o Padre mestre Gonçalo de Medeiros, & com o Padre Micer Ioam (que foram as tres primeiras, & principaes columnas, sobre as quaes, naquelle tempo, se fundou, namenos o temporal, que o espiritual edificio daquelle Collegio) aonde acabou sanctissimamente; mostrando, na ultima hora de sua vida, a grande estimaçam, que fazia da

Companhia: como adiante veremos.

[.:]

CAPITVLO XXII.

Entram na Companhia Melchior Nunes Barreto, prova o Padre mestre Simam com huma nova mortificaçam: vem tambẽ, entre outros, Dom Gonçalo da Sylveira, & Dom Rodrigo de Meneses.

I Começou logo atear-se o fogo do divino espirito no mais florido daquela Vniversidade: obrou a divina luz seus effectos, alumando a muitos, que andavam mais nos olhos de todos, por illustres no sangue, & melhores nos talentos, pera nelles se fundarem fermosas torres de sanctidade, em honra de Deos, gloria deste Reyno, & estimaçam da Companhia. Seguiu-se logo a vocaçam, & entrada no Collegio de Coimbra de hum insigne Theologo naquella Vniversidade (posto que o nosso historiadôr, gêral quer q fosse Canonista, cõ menos fudamẽto, do q nòs tẽmos) chamavase Melchior Nunes Barreto, natural da cidade do Porto, da melhor gẽte, & dos mais principaes daquelle lugar (como veremos

Or. lib. 4. n. 46

Anno de
Christo de
1543.

110

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno d
Copanhi
4.

adiante, quando falarmos em seu irram o Padre Ioam Nunes Barreto, que foy Patriarcha de Ethiopia, & em o Padre Affonso Barrero, tambẽ seu irram, todos tres plantas de bẽçam, escolhidas pera o ceo da Companhia) Quando o P. M. Melchior veyo pedir a Companhia, tinha seus estudos acabados, & estavam feitos os autos necessarios pera se haver de graduar naquella faculdade de theologo, & sô lhe faltava tomar o grao de Doutor, & por cuidar que fazia nisto a Deos mayor holocausto, se entrasse sem esta honra, lha quiz sacrificar, vindo sem ella à Companhia: porem o P. M. Simam, que entam estava em Coimbra, & governava as coufas com pensamentos mais sobrelevados, lhe ordenou que primeiro tomasse o grao de Doutor, pera mayor merecimento da humildade, que buscava, & pera mayor authoridade da escolha, que fazia; que tambem Christo quiz em sua companhia homens conhecidos por letrados, como hum Nicodemos, ^b mestre da eschola Hebreia; & a hum Paulo, ^c tam erudito nas escrituras; pera que, como diz Lyran, ^d nam desprezassem aos Apostolos per ignorantes, pois tambẽ entre sy tinham homẽs sabios.

2 Chegou o dia, em que

o novo candidato da Companhia havia de tomar o grão de Doutor; quiz o Padre mestre Simam, que fosse com todas as ceremonias, & solennidades costumadas de charamelas, a tabales, oraçoens, propinas, acompanhamentos, como se faz naquella Vniversidade: q̃, pera quẽ dizia vir fugindo das hõras do mundo, era nova, & dura mortificaçam; repugnava elle com grande humildade: porem quando elle se mostrava mais sentido, o consolava o Padre mestre Simam, com as palavras de Christo a Sam Pedro, quando resistio à honra, que o Senhor lhe fazia, ^e *Quod ego facio tu nescis modo, scies autem postea*; em resoluçam obedẽceo, tomou o grao, poz a borla, recebeu o capelo, aceitou as honras, & entrou em nossa casa, acompanhado de todos os graduados, como he costume daquella Vniversidade, que acõpanhem atẽ sua casa ao novo Doutor. Tãto q̃ entrou no Collegio, lhe ordenou o P. mestre Simam, que tomasse às costas hum carneiro, que já ali estava esfolado, & o levasse, hindo em corpo, pelo meyo da cidade, a offerecer de propina a o D. Marcos Romẽo cathedratico de Theologia, muy conhecido neste Reino, & mestre, q̃ tinha sido do Infãte D. Duarte, f Arce-

Faz se pri
meiro do
tor na Vn
versidad

Io. e. 13. n. 7

^b
Io. e. 3. n. 10
Tu es magi-
ster in Israel,
Sic.

^c
Ad. e. 27. n. 3.
Sic ut pedes
Gamalielis e-
ruditus, iuxta
veritatẽ pater-
nz legis.

^d
Lyran. ibi. Ne
contẽptui ha-
beretur, quasi
a solis simpli-
cibus recepta.

^f
In hist. Archi.
Bracar. in vita
Ips. D. Eduar
di.

bispo

bispo eleito de Braga, o qual tinha sido padrinho no grao: obedeceu o humilde Doutor, e de muy boa vôtade largou a borla, deixou o capelo, pera levar o carneiro; & cõ grãde cõfiança, & igual alegria foy pela cidade de Coimbra, naquella postura, a cumprir sua obediencia: entra em casa de Marcos Rõmeo, que ficou cheo de confusam com tal modo de propina, & muy embaraçado de ver tam desusada açcam, & em pessoa de tanta qualidade, & tam encontrada com a honra doutoral, ainda fresca daquella hora. Desassombrou o novo Doutor, & asserenoulhe o animo, com estas formaes palavras: *Este he, senhor Doutor, o vexame, que, depois do meu doutoramento, me dá a Companhia de IESU, a fim de me graduar no espirito da mortificação, & desprezo do mundo.* Vendo o grave Doutor o fim daquelle sancto disfarfe, o levou nos braços, prezando dali por diante mais a Companhia, pois tinha subditos, que tomavam as honras mais pera exercicio de humildade, que pera ostentação de vaidade.

3 Desta maneira provava o Padre mestre Simam aquelles seus primeiros noviços, renovando neste acto de obediencia, & humildade, aquelle primitivo espirito, com que Sam Francis-

co criava a seus subditos; & cõ que Ca:olomano^s irnam de Pipino Rey de França, feito religioso de S. Bento, mandado pelo superior, levava ao campo a pastar as ovelhas do mosteiro: este, guiando as ovelhas, & o P. M. Melchior, levando o carneiro, ambos cõ muita alegria, por amor de Deos. Tambẽ aquelle bom pastor do^h Evangelho, com muito gosto, tomou aos hombros a ovelha, que andava perdida, & a levou pera casa; cõ nam menor satisfaçam o P. M. Melchior tomou às costas o carneiro, pera o levar a casa do Doutor: o pastor se alegrou pelo proveito, que lhe vinha daquelle achado; o P. M. Melchior festejava o ganho, que lhe resultava por obedecer. E assim como neste pastor parecia muito bem a carga da ovelha aos hombros; assim o novo cavaleiro de Christo melhor parecia com o carneiro esfolado às costas, do que os Principes do Tusam com o seu cordeiro d'ouro ao pescoço. Este he aquelle grãde servo de Deos M. Melchior, que depois no anno de 1551. deo à vela pera a India, aonde fez grandes serviços a Deos: & succedendo por Provincial, em lugar do Apostolo do Oriete S. Frãisco de Xavier, depois da morte do P. M. Gaspar, o quiz imitar nos caminhos, assim como queria q o repre-

Anno de
Christo de
1543.

112

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

*Entrã ou-
tros na
Côpanhia.*

sentasse no officio; passou ao Iapam, correo aquelles Reynos, vendo, & consolando aquelles christãos, & padeceo gloriosissimos trabalhos, dos quaes falaremos ao diante.

4 Apòs o Padre mestre Melchior, entrou logo na Companhia o Padre Fructuoso Nogueira, que foy homem muito virtuoso, manso, & espiritual, & como tal tinha por officio no Collegio de Coimbra dar os exercicios espirituales, & instruir nas couzas da oraçam aos irmãos da Companhia. Depois, com zelo de ajudar as almas, passou, por ordem dos superiores, àquella parte da Africa, a que chamamos Guiné, aonde tendo padecidos muitos trabalhos, & grandes desemparos, na conversam daquelles gentios, se foy a gozar do descanso eterno, morrendo na empreza do Reyno de Congo.

5 Seguiose logo o Padre Melchior Carneiro natural da cidade de Coimbra, muy nobre por geraçam, & mais illustre por suas virtudes; foy varam muito dado à mortificaçam, & devaçam, & proveito das almas; foy o primeiro Reitor do Collegio d'Evora, & d'ali foy mandado pera a India, aonde o obrigaram seus superiores a aceitar a dignidade de Bispo

de Nicèa, pera luceder a o Padre Patriarcha de Ethiopia; morreo em Macáo trabalhando como sancto; delle falaremos em seu lugar no livro terceiro.

6 De tal maneira lavrou este divino fogo, que a o principio parecia estar escondido debaixo da cinza da humildade, que chegou a abraçar os mais altos cedros daquelle fermoso Libano da Vniversidade; nella havia dous mancebos fidalgos, que eram os dous olhos em quem todos melhor empregavam os seus; eram as duas flores mais bellas daquelle jardim escholastico; eram as duas perolas mais brilhantes daquelle madre perola da Vniversidade; eram as duas estrellas mais luzentes daquelle ceò Conimbricense; por serem os mais illustres no sangue, mais estimados de todos, mais buscados dos amigos, melhor dotados de engenho, mais ricos de esperanças; & em fim a melhor gala daquellas tam florentes escholas, & os que melhor representavam naquelle famoso theatro da juventud Lusitana. Hum delles se chamava Dom Gonçalo da Sylveira, o outro se dizia Dom Rodrigo de Meneses; em ambos, com os esmaltes da arte,

Anno d
Côpanhi
4.

*Sam rece-
bidos na
Côpanhia
D. Gonçalo
da Sylve-
ira, & D.
Rodrigo
de Mene-
ses.*

competiam os dons da natureza: tinha Dom Gonçalo vinte annos de idade, era filho de D. Luis da Sylveira primeiro Cõde da Sortelha, guarda mór del-Rey Dom Ioam III. alcaide mór de Alenquer, filho de Nuno Martins da Sylveira, senhor de Goes, & mordomo da Rainha Dona Catherina, & de Dona Philippa de Vilhena; era o Cõde Dom Luis da Sylveira pessoa de grandes partes, muy valido, em algum tempo, com el-Rey; & por huns, & outros respeitos eleito por embaixador, pera tratar, & concluir o casamento da Emperatriz Dona Isabel, irmã del-Rey Dom Ioam, com o Emperador Carlos quinto. Era casado com a Condesa Dona Brites Coutinha (& nam de Noronha, como na sua vida lhe chamam) mãy do Padre Dom Gonçalo, a qual foy filha de Dom Fernando Coutinho, Marichal do Reyno (o que mataram em Calecut, quando, em companhia do grande Afonso d'Albuquerque, os nossos quizeram tomar aquella cidade ao Zamorim) destes dous casados D. Luis da Sylveira, & D. Brites Coutinha, pays do P. D. Gõçalo, descẽde hoje nã só os Cõdes da Sortelha, mas tãbẽ os Condes de S. Ioam, porq̃ delles naceo D. Philippa de Vilhena, q̃ casou cõ Luis Alvares de Ta-

vora primeiro deste nome, señor do Mogadouro, visavõ do Cõde de S. Ioam, Antonio Luis de Tavora, q̃ hoje vive: do mesmo trõco descẽderam o morgado d'Oliveira, & a Cõdesa de S. Cruz, cõ outras illustissimas casas.

7 Cõ este ser o nascimento de D. Gõçalo, per hũa, & outra parte, de mayor estima era o valor da pessoa, q̃ o lustre do sangue; porq̃ tinha excellẽte engenho, o juizo muy asẽtado, & dorado de grande piedade, à qual era summamente inclinado: habitava elle dentro no mosteiro de S. Cruz de Coimbra, aonde os nossos foram ao principio recebidos, & muy bem hospedados dos muy reverendos Padres daquelle insigne convento: logo ali, com a entrada dos nossos religiosos, se começou Dom Gonçalo da Sylveira a afeição a seu procedimento: ficava visinho, & á vista do novo Collegio, via muitas vezes com os olhos os nossos religiosos, os quaes já trazia na alma, edificado principalmente na modestia, que mostravam nos olhos, no desprezo, que tinham do mundo. Veyo este fidalgo a pedir a Companhia, foy recebido pelo Padre mestre Simão, depois de examinar, & entender o espirito de sua vocaçam.

8 A Dom Gonçalo seguio logo D. Rodrigo de Menezes,

Christo de
1543.Pays de D.
Rodrigo
de Mene-
ses.

filho tambem legitimo de D^o Henrique de Meneses, governador da casa do Civel, cōmendador da Azinhaga, & da Idanha a velha, & tambem capitam em Tangere (& posto que tinha sido canonista, mostrou bem neste cargo, q^{se} sabia usar dos textos, melhor podia jugar da lãça) o qual foy filho de Dom Ioam de Meneses, primeiro Cōde de Tarouca, aquē chamavam o Cōde Prior, por q^{era} Prior do Crato. Era D. Rodrigo muy querido, & muy prezado de seu pay, & de sua mãy Dona Brites de Vilhena, senhora de grandes virtudes, & de muy illustre geraçam, filha de Ruy Barreto alcaide mór de Faro. E como ambos estes dous mancebos eram tam semelhantes nas calidades da natureza, assim o foram tambem nos primores da graça, que bẽ mostrou logo seus effeitos, em mover a tam illustres pretendētes da humildade, a vir buscar huma Religiam tam nova em seu nascimento, & tam desprezada ainda do mundo; bem podiamos delles dizer com o Prophetas, *Prævenerunt principes conuncti*, que se adiantaram, & ajuntaram estes, que se nam eram dous principes, eram os dous principaes daquella Vniversidade.

Pl. 67. n. 26

9 Grande consolaçam tiveram os Padres, & irmãos do novo Collegio, com Deos lhes

meter em casa aquelles dous insignes fogeitos, que logo cōmeçaram a estimar, como duas joyas mais preciosas do thesouro da Religiam. E posto que os viam tam apostados em continuar seus bons propositos: com tudo o Reitor Diogo Miram (como tam prudente q^{era}, & a quē a luz do ceo tão guiava) considerando as tempestades, que ordinariamente levantam, em taes occasioens, os pays poderosos no mundo, contra os filhos, que se recolhem cō Deos; & receando muito, que o Conde da Sortelha, & o governador da casa do Civel resistissem aos fervorosos intentos de seus filhos (assim pelo muito que lhes quieram, como pela novidade da Religiam, que escolheram) tratou muito de sua conservaçam; que os noviços, como plântas tenras, mais facilmente perigam á vista dos pays; & por isso nem Christo sofre que hum filho, nos primeiros lanços de sua vocaçam, se ocupe nas hōras de hum pay defuncto, dizēdo-lhe o que lemos no Evangelho, *que o siga, & que deixe aos mortos sepultar seus mortos*; porque he certo o que disse Seneca, ¹ que nunca a demasiada benevolencia nos pays, trouxe muito proveito aos filhos; por esta rezam tratou o Reitor de os levar fora de Coimbra. E pera que estas duas flores pudessem ao diante

Companhia
4.

ⁱ
Mat. c. 8. n. 21
Sine mortuos
sepelire mor-
tuos suos.

¹
Seneca ad Mar-
siam. Nunquā
indulgentia ad
utilitatem ref-
pexit.

m
Orez c. 2 n.
4. Ecee ego
adabo eã, &
Ducã eã in fol
itudinẽ, & lo-
quar ad cor
eius.

dar copioso freito, procurou
que primeiro lançassem profun-
das raizes no bem começado:
& tambem pera Deos as regar
com seus divinos favores, & ce-
lestiaes influencias, & lhes falar
ao coração, usou do conselho
do Propheta,^m que foy levalos
ao deserto, & nelle darlhe os
exercicios espirituaes de nosso
P. S. Ignacio, conforme ao co-
stume da Companhia: retirou
os a huma quinta solitaria, muy
accommodada pera a contem-
plaçam, situada duas legoas á-
lem da cidade do Porto, que
era do pay de hum irman da
Companhia, do qual fiava estes
segredos. Aqui lhes deu os
exercicios espirituaes, tẽdo por
importante obrigaçam de seu
officio, deixar por algum tem-
po o governo do Collegio, por
lhe hir grãgear estes dous Col-
legiaes.

10 Deixemos agora por
hum pouco aos dous devotos
exercitantes no seu bemaven-
turado retiro, que d'aqui a pou-
co os viremos demandar, pera
vermos as armas, com que sahi-
ram deste rico almazem de vir-
tudes, pera resistir às batalhas,
que lhe fizeram os homens, &
pera se occuparem na vida, que
sabem estimar os Anjos: & ve-
jamos outros, que vem pedir a
Companhia, assim Theologos,
como Canonistas, movidos com
o exemplo de taes noviços.

Foy hum delles Luis da Gram,
estudante nobre, & de grandes
prendas, que, chamado pelo Spi-
rito sancto, trocou o estudo das
leys Imperiaes, pela eschola dos
conselhos de Christo, & entrou
na Companhia, na qual foy in-
signe, nam menos em virtude
de obedecer, que em prudencia
de governar: em Portugal foy
Reitor do Collegin de Coim-
bra, succedendo no governo ao
Padre Luis Gonçalves da Ca-
mara, como diremos no princi-
pio do terceiro livro; & no Bra-
sil, por muitos annos, teve o
cargo de Provincial, aonde fez
grandes serviços a Deos, & aca-
bou como soldado esforçado,
sem nunca largar a estancia, nẽ
deixar as armas.

11 Apos este entrou logo
na Companhia outro estudante
chamado Antonio Correa The-
ologo, natural da cidade do
Porto, que entam era moço na
idade, na qual foy crescendo, &
muito mais na virtude, atẽ ser
hum perfeito varam de muita
oraçam, & mortificaçam, homẽ
verdadeiramente humilde, &
pobre de espirito. Foy o primei-
ro mestre de noviços, que hou-
ve nesta Provincia, depois de
praticadas as constituiçoens, do
qual falaremos ao diante, quan-
do tratarmos das cousas da casa
de S. Roque.

12 Foy tambem recebido
neste anno o Padre Nuno Ri-

Entra tã-
bẽ Anto-
nio Correa

Christo de
1542.Companhia
4.

2. ad Cor. c. 11
Ter naufragiu
feci, nocte, &
die in profun-
do maris fui.

beiro, cujos ditos trabalhos na Ilha de Amboyne, assim como diante de Deos lhe grãearam a illustre palma dos q̃ dam a vida pela fé de Christo; assim pede nesta historia grandes lêbranças, que deixamos pera seu lugar; por agora basta dizer, que em Malaca gozou da vista, & conversaçam do S. Padre Francisco de Xavier, bebendo naquella fonte purissima o primitivo espirito da Companhia, & o verdadeiro zelo da salvaçam das almas. De Malaca foy enviado pelo mesmo sancto Padre á Ilha de Amboyne, aonde acodio áquelles desamparados christãos. Tres vezes no mar (como outro Apostolo S. Pauloⁿ) fez naufragio, & na terra foy grandemente perseguido dos Mouros. Doutrinava os christãos, destruia os idolos, levantava cruces nos mesmos lugares, em que o diabo estava venerado; & em hum sò anno, que lhe durou a vida, bautizou por sua mam duas mil, & oitenta & seis almas; & bem mostravam estes bons principios os grandes progressos, que ao diãte faria, se os Mouros, envejosos de tanto bem, & inimigos de nossa sancta Religiam, lhe nam apressassem a morte com a peçonha, que lhe fizeram dar, acabando a vida, depois de dizer missa com grande devaçam, & notaveis jubilos de alegria, cã-

tando, como cistãe, naquella ultima hora, & tomando aquelle divino antidoto de vida, contra o venenoso trago da morte. Neste mesmo anno se consagraram a Deos na Cõpanhia Antonio Soares, & Manoel de Moraes, grandes servos de Deos; este na India prégando, Antonio Soares em Portugal confessando.

CAPITVLO XXIII.

Dã licença o Papa pera na Cõpanhia nam baver limite nos professos: pera todos prometteredas el Rey D. Ioam: dã se noticia dos estados de professos, que bá na Companhia.

ERam já tantos os que, movidos pelo Spirito sancto, vinham pedir a Companhia, que foy necessario ao P. M. Simam hir mais a tento, em os receber, & fazer recolher pera casa ao irmam Manoel Godinho, que até entam andava com aquelle sancto disfarfe, que temos dito, persuadindo aos estudantes, que nam fugissem dos nossos; na qual empresa teve tam valente successo, como temos visto. A rezam, que moveo ao Padre M

Simam

*Eram já
demasia-
dos os que
pediam a
Cõpanhia.*

Simam a nam querer mais gente, foy porque ainda durava a limitaçam, que o Summo Pontifice pusera á Cõpanhia (quando a primeira vez a confirmou) de nam poder admitir á profitam solenne mayor numero, q sessenta. Outra causa tambem havia pera nam admitir mais, porque elRey Dom Ioam o III. naquelles principios nam mandava dar sustentaçam mais que pera vinte & cinco fogeitos; que os rios, ainda que muy caudalosos, em seus principios levam muy pouca agoa.

2 Tinha já entrado o anno de 1543. (que era o quarto da Companhia) & considerando sua Sanctidade o copioso fructo, que os filhos da Companhia já recolhiam por varias partes do mundo, vendo quam necessarios eram naquelle tẽpo obreiros zelosos da salvaçam das almas, & q havia muitas cidades, & povos, que cõ grandes instancias pediam fundaçoens de Collegios, & de casas; & sabendo de certo haver muitos de grãdes talentos, que desejavam ser da Companhia, julgou, que nam era bem que pois Deos estendera seu sangue pelo mudo todo, fechasse elle os braços a quem, por tam diversos modos, os buscavam abertos.

3 Movido por estas causas o summo Pastor; & pela suplica, que sobre este ponto lhe fez

nosso sancto Patriarcha Ignacio, respondeo (como diz o nollso historiador Orlandino) *Ex augustissima sanctitatis cathedra*, que a tam justa petiçam se nam podia negar justissimo despacho & favor: & assim declarou, que izentava a Companhia de toda a limitaçam de pessoas, & tempo, & que de novo a declarava por Religiã regular, & con authoridade Pontifical, & Apostolica, a aprovava, & confirmava; dando licença pera todos o que quizessem entrar na Companhia, assim pera professos, como coadjutores formados, de e se passaram letras em 14. de Março de 1543. no anno decimo de seu Pontificado, as quaes começam, *Inunctum nobis desuper, &c.* que nam era bem, q os homens assinassem termo a quem Deos nam punha limite; & puderam bem o sanctissimo Padre dizer á Cõpanhia o que o Isaias já dissera á Igreja: *Dilata locum tentorii tui, & pelles tabernaculorum tuorum extende: ne parcas: ad dexteram, & ad sinistram penetrabis.*

3 Mal se pôde encarêcer a satisfaçam; que resultou ao Padre mestre Simam da bençam pontifical, com que o Papa desfez o limitado numero de sessenta professos, esperando na divina bondade, que assim como a esta sagrada Religiã se nam punha termo nas pessoas, tambem nam teria algum

limite

Anno de
Christo de
1543.

^d
AEn. 1. His e-
go nec metas
rerum, nec tē-
poram ponam.

*Liberalpro
messia del-
Rey Dom
Ioam.*

118 *Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.*

limite nos tempos, senam com o fim, que Deos ao mundo puzesse: que, com mayor rezam, poderemos dizer da nossa Companhia, o que o outro^d cantou dos seus Romanos, aos quaes quiz lisongear glorias sem conto, & prophetizar tempos sem fim. Foy logo o padre M. Simam dar esta alegre nova a sua Alteza, como quem bem sabia quanto havia de festejar a dilataçam da Companhia. Muito se alegrou o piedosissimo Princepe com tam boa nova; & perguntando ao Padre, quantos subditos tinhá no seu Collegio de Coimbra, lhe respondeo, *Senhor, sam vinte & cinco*; tornou elRey, *E porque nam sam mais?* Senhor, disse o Padre, *porque nam chegam a mais as rendas*: elRey, declarando entam a magnificencia de seu grandioso peito, lhe respondeo estas reaes palavras, dignas de animo tam liberal, & piedoso: *Padre, nam ponhais termo algum ao Espirito sancto, recebei na Companhia quantos quizerdes, que eu darei sustentaçam pera todos*. Com esta paternal benevolencia do Rey, & com a pontifical licença do Papa, de tal maneira cresceo o Collegio de Coimbra em religiosos, que chegamos por vezes a estar nelle duzentos & sincoenta Religiosos, & em muitos annos o nam vêceo, nẽ igualou o Collegio Romano (q hoje excede a

todos os da Companhia, assim pela fundaçam do Papa Gregorio XIII. como pelos grandes augmentos, que lhe fez o eminentissimo Cardeal Ludovisio nepote do Papa Gregorio XV.) Assim foy engrossando o Collegio notavelmente em numero de bons fogeitos, pera todos os estados da Companhia; posto que, naquelles primeiros onze, ou doze annos, como ainda nam havia constituições ajustadas, & publicadas, sò o Padre M. Simam fez profissam tolente neste Reyno; & a mandou escrita a Roma a nosso sancto Padre, em huma forma muy devota, pela nam haver ainda certa, & commũa. Nem sabemos que em todos estes annos fizesse algum outro nesta Provincia profissam, com votos publicos, até o anno de 1553. no principio da fundaçam da casa professa de S. Roque, na qual o illustre varã Dom Gonçalo da Sylveira, com outros Padres, como adiante diremos, fizeram os primeiros votos publicos, diante da corte toda, dando huma breve mostra dos tres estados dos professos, que hã na Companhia.

4 E por quanto estamos ainda quasi no principio desta historia, na qual, por vezes, havemos de falar em professos, & coadjutores da Companhia, & ainda agora muita gente de Por-

Anno de
Companhia
4.

Dãse cõta da variedade de professos, q hã na Companhia.

Exa. c. 1. § 8
r. 5. c. 1. § 4
A. § 4

f
Exa. p. 10. n. 6
ide Soar, to.
de Relig.
3. 6. c. 4. Vi-
e iñ lib. 7. c.
1. à n. 5

Primeiro
estado na
Cõpanhia
de profes-
sões de qua-
ro votos.

g
Const. p. 5. c. 1
§ 4

h
Exam. cap. 1
§ 2. & p. 5. c. 3
§ 5. n.

tugal nam tem noticia deste modo particular, acerca de seus estados, pede a rezam, que nam sayamos deste capitulo, sem darmos alguma luz nesta materia, apontando, & declarando a differença, & calidade dos professos da Companhia, a quem agora o Papa tirou o limite, que tinha posto, de serem sòs sessenta. O primeiro, e principal estado da Companhia, he dos Sacerdotes professos de quatro votos, que fazem profissima solenne; os quaes aos tres votos de pobreza castidade, & obediencia (q̃ fazẽ os demais religiosos) acrescentam o quarto voto solenne, de especial obediencia a o Summo Pontifice, pera por seu mandado hir a qualquer parte do mundo, & andar entre fieis & infieis, em serviço, & bẽ da Christãdade. Este voto quiz fazer a Companhia, pera mayor veneraçam da Sé apostolica, & confusam de hereges, que nestes tempos pretendem apartar a gente da obediencia, & fogueiçam do Pontifice Romano.

5 Este hẽ o mais autorizado estado, e a mais grave profissima, que tem a Companhia; a estes costumamos chamar, professos de quatro votos solennes; entre os quaes nam sam admitidos senam Padres muy provados em virtude, & muy approvados^h em letras;

a satisfaçam da virtude dam os superiores ao Preposito gẽral, que reside em Roma, por informaçoẽs, q̃ lhe mandã, depois de varias experiẽcias, ¹ & de largas provaçoens, q̃ ordinariamente passam de vinte annos; & sò o Padre gẽral pòde admittir os religiosos a esta profissima solenne. A abonaçam das letras se manda ao mesmo Preposito gẽral, dada por quatro examinadores, mestres de Theologia, que na informaçam, que mandam, com grande segredo, ham de jurar, que aquelle religioso, a quem aprovam, pòde com satisfaçam ler Theologia, ^m na Cõpanhia, & este he o modo ordinario. Estes professos da profissima solenne de quatro votos, nam pòdem ser despedidos da Companhia, senam pelo Padre gẽral, ⁿ nos casos, em que tambem os pòdem despedir nas outras Religioẽs approvadas (cõforme nossas constituiçoens) Destes professos se elegem o Preposito gẽral, & seus assistentes, ^o os Provinciaes, Visitadores, & Prepositos das casas professas: elles tẽm direito de entrar nas congregaçoẽs ^p gẽraes, & provinciaes, o que nam tẽ os demais, senam he por rezam de officios de Reitores, ou Procuradores gẽraes de toda a Provincia: sam incapazes ^a de toda a herança, & beneficios ecclesiasticos.

4.

¹
Exam. c. 1. §
8. & par. 5. c.
2. § 7.

¹
Par. 5. Gõst. e. 1
§ 2. & p. 9. c.
3. § 1.

^m
Sept. Congr.
Can. 33. n. 1. &
n. 4. & in Ord.
Prap. c. 18. p.
3. Itẽ in Septi-
ma Cõg. decr.
33. n. 3. & 4

ⁿ
Const. p. 2. c. 1
lit. C.

^o
Cõst. p. 4. c. 10
§ 1. & p. 10.
§ 4.

^p
Vide Soar, de
Rel. to. 4. lib.
6. c. 11. n. 3

^q
Gõst. p. 6. c. 2
§ 12. Exam.
c. 4. § 5.

Anno de
Christo de
1543.*Fazê voto
os profes-
sos de nã
procurar
dignida-
des.*Cōst. p. 10. §
6.
Vide Soa. to. 4
Rel. lib. 6. o. 8f
Bern. in ferm.
Ambitio ange-
læ felicitate an-
gelica priva-
vit: scientiæ
appetitus ho-
minis immor-
talitatis gloria
peliavit.e
Isa. c. 14. v. 13
Sedebo in la-
teribus Aquilo-
nis. Veritatem
ad infernũ de-
traheris in pro-
fundũ laci.

6 Posto que este estado de professos de quatro votos he tam authorizado na Companhia; com tudo, pera cortar as raizes a toda a ambiçam, ordenam as mesmas constituições, que, tão que hum faz esta profissam, faça juntamente, voto de nam procurar, nem directè, nem indirectè, dignidade alguma na Companhia, ou fora della, & descobrir a quem souber q a pretende. Assi quiz nosso sancto Patriarcha fechar as portas a toda a ambiçam, & cõ muita rezam, pois nam há cousa mais prejudicial, entre religiosos, que o espirito da vaidade, & ambiçam; porque este da Religiam faz mudo, & troca o mundo em inferno. Nem he de espantar, pois o mesmo cõo empireo se réolveo em bãdos, & dissensões: & o desejo de governar, como notou Sam Bernardo, fez com que aquelles celestiaes espiritos, que eram anjos per natureza, se tornassem demonios pela ambiçam; & o que pretèdia sublimar seu alto throno, sobre as urfas do polo boreal, veyo a ficar sepultado, debaixo do mais profundo lago do inferno; como disse o Propheta 'Isaias. E na verdade, se na Religiam huma vez entra o espirito de mãdar, mayor estrago faz nella, que no mundo o desejo de reynar; porque este, aonde nam tem o

pretèdète rezam, busca o remedio das armas, as quaes, em breve, desfazem a contenda, dando o Reyno a quem tem mayor poder. Porem a guerra espiritual de vontades encontradas, & entendimentos diversos, nam obedece à rezam, nem se rende ao ferro. E toda esta perniciosã contenda se resolve em bandos, & parcialidades, em odios intestinos, em paixoes, & discordias mais que civis; pois se andam infamando, & defauctorizando os que sam filhos da mesma mãy, & os que beberam o leite da mesma Religiam; perpetuando desuniam de huns a outros, com destruiçam dos estatutos, com scisma da casa de Deos, & com eterno escandalo dos seculares.

7 E o peor he, que muitas vezes entra esta cõtágiam com capa de zelo, & com mascara de virtude; donde, com muito fundamento, chamou S. Bernardo a ambiçam, mal sutil, peçonha secreta, peste encuberta, artifice de enganos, mãy da hypocresia, causa da enveja, origẽ dos vicios, traça roedora da sanctidade, cegueira de coraçoens, a qual do antidoto faz toxico, & da medicina gera doenças, &c. Isto diz S. Bernardo, & isto experimentamos hoje. Daqui vê, que de nenhuma cousa os religiosos mais se devem temer, & vigiar, que deste infernal appe-

tite

*Prejudi-
ciosos ob-
dos entre
religiosos
por causa
da ambi-
çam.*u
Ber. in ser. 40.
Ambitio sub-
tile malũ, se-
cretũ virus, pe-
stis occulta,
doli artifex,
mater hypo-
cresis, livoris
patens, vitiũ
origo, &c.

vit. Par. lib.
vira Pach.
24. Sicut
utilla ignis
a meum
aderint, in
lum totus
i fructus
ut, ita co-
nio ferat
ut.

y
abr. tom. 3.
Evag. Luc.

De S.
Rel.
10.

rite de governo, assim pelo pe-
rigo proprio, como pelo dano
da Religiam. E ainda que pare-
ça a alguns que este mal he
pequeno, he causa de dano ir-
reparavel: por isto dizia antiga-
mente o sancto Pachomio * (a-
quelle a quem hum Anjo ditou a
regra) que assim como humá fa-
isca de fogo, se dá em huma sea-
ra, queima os trabalhos de todo
hum anno, assi o vicio da mor-
tal ambiçam, aõde entra, abra-
za, & faz em breve arruinar to-
do o bem, que em toda a vida o
religioso tinha grangeado. Nẽ
basta ter hum religioso alcan-
çadas outras victorias, pera se
persuadir, q̃ nam será vencido
deste sutil enemigo; porq̃ como
bẽ advirtio S. Ambrosio, y mui-
tas vezes aquelles, a quem nam
abalou a luxuria, sendo in-
nocentes na avareza, ficam cul-
pados na ambiçam. *Sape quos nul-
la potuit movere luxuria, nulla avaritia
subruere, fecit ambitio criminosos.*

8 Esta he a causa porque
os professos da Cõpanhia fazẽ o
tal voto, pera fechar, por huma
vez, a porta a esta cõmun asso-
laçam das Religioes, ordenãdo
aquelle prudẽtissimo P. S. Igna-
cio, pera atalhar a tantos males,
que se obrigassem per votos os
seus professos, de nam procu-
rar honra, ou dignidade algu-
ma, nem dentro, nem fõra da
Cõpanhia, & de manifestar ao
superior o que souberem que

as procura: que os que tẽ as
verdadeiras honras de servir a
Deos na Religiam, nam de-
viam pretender as fingidas dos
governos do mundo. Deste
estado de professos tem sahido
da provincia de Portugal va-
roes illustrissimos em sanctida-
de, prẽgadores famosos, mar-
tyres valerosos, doutores insig-
nes, & outros muitos esclareci-
dos sojeitos, q̃ cõ suas letras il-
lustraram a Religiam, & cõ sua
virtude edificaram o mundo.

CAPITVLO XXIV.
*Continuase a mesma materia
dos diversos estados, que
ha na Compa-
nhia.*

O Segundo estado, na
Companhia he de
coadjutores espiri-
tuales, que ajudam aos pro-
fessos no ministerio espiritual
das almas. E por isso o tal esta-
do pede Sacerdotes, virtuosos,
zelosos, & prudentes, instruidos
ẽ a Theologia moral. Incorpo-
raos em sy a Cõpanhia por vo-
tos publicos, que fazẽ; os quaes
posto q̃ nam sam solenes, &
irrevogaveis; a sancta Sé aposto-
lica, conforme às constituiçoẽs
da Companhia, os aceita, em
tal forma, que nam sò tem for-
ça de irritar o matrimonio,
mas tambem fazem aos ditos
coadjutores incapazes de toda

a
Vide Soa. t. 4
de Rel. lib. 7.
c. 2, an. 1, & lib
6, c. 2, n. 4
Const. ex c. 6,
examinis ge-
ner. n. 1, & 2.

b
Const. p. 5, c.
2, n. 4.
Cõst. p. 5, cõst.
c. 10, n. 4

c
Exam. b. 1, §
9, & 12, & c.
4, §. 16, & 41,
& §. c. 6, §. 8.
& p. 2, c. 3, 1.
& p. 5, c. 4

Christo de

1543.

Exam. c. 2. §
5. Vide Soa.
to. 4. de Relig
lib 7. c. 3. n. 10Const. p. 2. c. 1
declarações
ibi. Vide Soa.
de Rel. tom. 4
lib. 7. c. 3. n. 11
Vide Soa. to. 4
de Rel. lib. 11
c. 1Estado de
coadjuto-
res espiri-
tuales he
autORIZA-
do na Cõ-
panhia.Const. p. 4. c.
10. n. 4.

Const. p. 8. c. 3

In sexta cõgr.
Can. 15

herança, ^d & dominio tempo-
poral, & de ter beneficios ec-
clesiasticos, ficando de tal sorte
unidos, & incorporados na Re-
ligiam, q, posto q ella os possa
a partar de sy, nam o pode, nem
costuma fazer, senam por ordẽ
do Padre gẽral, & por gravissi-
mas, & urgẽtes causas, & assi he
cosa rara semelhãte despedida
de coadjutor e spiritual jã profes-
so. A este estado dam nossas cõ-
stituiçõs tãta autoridade, q nam
sò delle se escolhẽ homẽs pera
procuradores, & outros officios
de muita confiança na Reli-
giam, mas tambem pera Rei-
tores, & pòdem ser eleitos pe-
ra hir à congregaçam gẽral, ^e &
ter voto em tudo, salvo na elei-
çam do Preposito gẽral da Cõ-
panhia; porque nisto sò pòdem
votar os Padres da profissam
solenne dos quatro votos. A el-
te estado se reduzem algũs, que
ainda que sabem Theologia, &
Philosophia, cõ tudo nam pòdẽ
ser approvados, ^h pera ler estas
fculdades cõ satisfaçã. Tẽ Deos
hõrado este tam importante es-
tado nesta Provincia, com illu-
stres martyres, & sanctos cõfes-
sores, cujas vidas resplãdecãram
com muito exemplo, acabando
gloriosamente em aços de ex-
cellente charidade, huns mor-
rendo por acodirem nas pestes,
outros perecendo em naufra-
gios, & destierros, entre pagaõs,
& Mouros.

2 O. terceiro estado na

Companhia, ⁱ he de Coadjuutores
tẽporaes ⁱ formados, os quaes tẽ
os mesmõs votos, que os espiri-
tuales, feitos tambẽ em publico,
posto que nam sam solennes, &
na Companhia tem o mesmo
estado, que na primitiva Igre-
ja, entre os apostolos, os sete
diaconos ⁱ (dos quaes sãhio o
primeiro martyr da Igreja, san-
cto Estevam) escolhidos pera
dispensar as esmolas, & prover
de remedio temporal às viu-
vas, a fim de desocuparem os
apostolos, pera mais livremen-
te attenderem à prẽgaçam do
Evangelho: o que em seu mo-
do fazem na Companhia os
irmaõs coadjutores: assim cha-
mados ^m pelo Papa Paulo ter-
ceiro, & pelo Papa Grego-
rio XIII. conforme nossas con-
stituiçõens; porque com o tra-
balho corporal ajudam o espi-
ritual; & ocupãdofe em acodir
à cõmunidade, desocupã os pro-
fessos, & mais religiosos, pera li-
vremẽte se empregarem na ajuda,
& proveito das almas; gozando
cõ elles do merecimẽto, ⁿ & par-
ticipãdo do premio: como forã
participantes tãbẽ nos despojos
da victoria, por sentença del Rey
David, ^o os duzẽtos, q na guerra
ficãram, jũto ao rio Bezor, guar-
dando os arrayaes, com os que
levãram as lançadas, & com
seu sangue ganhãram a victo-
ria; pois na verdade, por estarẽ

ali

Anno de

Cõpanh

4.

Exa. c. 1. n.
Vide Soa.
Rel. to. 4. l.
7. c. 3
In Bulla Af-
dente Dño 1
Greg. XIII.
an. 1584.Ad. c. 6. a n.
Vbi videndu
Ioan. Lonn.Esta doa
irmãos
Co adjuto-
res na Cõ-
panhia.m
Bullat. Soci-
p. 24. 25
Greg. XIII.
Bul. Ascend-
te Dño.u
Exa. c. 6. n.o
1. Reg. c. 30
a n. 21

ali occupados com elles, & por elles peleijaram. Nesta conformidade fala sancto Agostinho, quando diz de Sam Paulo, sendo ainda Saulo, que apedrejava a sancto Estevam com as mãos de todos aquelles, cujas capas guardava, porque os desembaraçava, pera melhor fazerem tiro ao sancto martyr; &, lançadas bem as contas, tanto premio merece o que trabalhòu, como o que pera trabalharde vos habilitou.

3 Assim se pôde dizer do irman coadjutor da Companhia, que com seu trabalho, & charidade defocupa os ministros do Evangelho, pera fazerem seu officio, no serviço das almas, que com elles juntamente prèga, confessa, ensina, bautiza, & converte os infieis. Assim o diz o Apostolo S. Paulo (escrevendo aos Philippenes⁹) falando das sanctas mulheres, que com sua charidade serviam aos Apostolos, dizendo que trabalharam com elle no Evangelho, chamandolhe suas ajudadoras, com Sam Clemente, & os demais varoēs apostolicos, cujos nomes, affirma, estarem escritos no livro da vida; nam porque as sanctas mulheres prègasssem, mas porque serviam aos prègadores, nem porque ellas bautizasssem, mas porque tinhão cuidado de ministrar o necessario aos, que ministravam o

bautismo; & desta maneira bem se pôde dizer, com sua proporçam, que tanto merecia Evodia, acodindo à cozinha, como Paulo prègando no pulpito. Donde claramente se vê quam honrado, quam antigo, & quam authorizado nome he este de Coadjuutores; pois S. Paulo¹ chama coadjutores seus a Timotheo, a Tito, a S. Clemente, a S. Marcos, & a S. Lucas. E S. Bernardo, com palavras expressas, chama coadjutores aquelles, q assistiam ao Papa Eugenio: & o mesmo S. dà este illustre nome ao esposo sãctissimo da Virgem Maria. E o sagrado Conc. Trid. dá este tã grave, & tã excellênte titulo aquelles Sacerdotes, que ajudavam aos Bispos, quãdo, ou por velhice, ou por infirmitade, necessitavam de quẽ os ajudasse, & destes coadjutores foy hum S. Agostinho, ajudando a Valerio Bispo Hipponense.

4 Foy este estado em Portugal muy fertil de irmaos de muita virtude, & delle sahiram muitos martyres gloriosos, hũs dos quaes morrêram em terras de infieis, acõpanhando os prègadores evangelicos, & outros em pestes, ajudado aos Podres, q sacrametavam, & animavam os enfermos; & houve algũs delles, q prègavam, & catequizavam os gẽtios, qual foy o irman Ioam Fernandez d'Oviedo (de quẽ ao d.ãte falaremos) segũdo

Ad Ro. 16. 11
2. ad Cor. 8. n.
23. ad Phil. 4
n. 3.
Ad Philem. 24.

Bern. lib. 4. de
Concl. l. 1. c. 1.
Collacerales, &
coadiutores
tuos Idẽ ser. 1.
de Assumpt.
Magni consilij
coadiutorem
fidissimum.

Trid. sess. 21.
de reformatione,
& sess. 25. de re
formatione.

Hoirve ne-
sta Provin-
cia muitos
irmaos co-
adjutores
de muita
virtude.

Anno de
1543.

124

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
4.

o Apóstolo de Iapam: outros perseverarã muitos annos no trabalho dos officios humildes, cõ raro exemplo de virtude, & perfeiçam, como foy no Collegio de Coimbra o irmam Domingos Ioam, espelho da humildade, & Religiam; & na casa de Sam Roque, entre outros muitos, o irmam Melchior de Siqueira, de rara virtude, & admiravel perfeiçam de vida, dos quaes adiante teremos occasiam de falar.

*Religiosos
sem proff-
sam solẽ-
ne.*

5 A nenhum destes estados costuma a Companhia admitir senam depois de larga experiencia de annos, em que pór sua virtude, prudencia, & perseverança na observancia, & perfeiçam da obediencia, se fazem dignos de a elles serem admitidos. Os demais Religiosos, em quanto nam sam promovidos a algum destes estados, depois dos dous annos de noviciado (que a Companhia lhes dà, pera devagar elles provarem nosso instituto, & ella melhor se inteirar no conhecimẽto delles) fazem seus votos nam solẽnes, mas simples; porẽtaes, que por elles ficam incorporados na Companhia, & inhabeis pera contrahir matrimonio, como verdadeiramente religiosos, conforme a declaraçam da sancta memoria do Papa Gregorio XIII.^u na Bulla, que passou, em confirmaçam

^u
Greg. XIII, in
Bulla quæ inci-
pit Quæto fir-
ctuosius, nn.
1582 1 Febr.
Pontif. an 11.

de nosso instituto: & de tal maneira õs tem em sy a Companhia, que se nam procedem com o exemplo, que pedem nossas constituições, * os pôde despedir de sy, & ficam logo desobrigados dos votos, porque estes sò os obrigavam, em quãto estavam na Companhia.

6 Estes sam os tres estados de nossa Religiam, nos quaes nam havia licença pera admitir mais que sessenta. Estes sam os muros, que se abriam, pera que, sem termo algum nas pessoas, & sem limite nos tempos, entrassem muitos na Companhia, como dali por diante entraram, com particular gosto del Rey Dom Ioam, que tanta parte tinha no bom logro deste bem. E pera que digamos tudo, tenho por cousa certa, que a este benignissimo Rey, & à Provincia de Portugal se devem os notaveis augmẽtos, que se seguiram em toda a Companhia, pois nos consta, por cartas do P. M. Simam pera S. Ignacio, & por repostas suas, que movido o S. Patriarcha com os grandes luzimentos das cousas de Portugal, pedio elle ao sanctissimo Padre, que abrisse as portas de toda a Companhia, & alcançou o despacho, que contei.

[.p.]

^x
Const. p. 10. n.
7. Exam. c.
n. 8. & c. 7. n.

*A el Rey D.
Ioam ten-
toda a Co-
panhia
grãdes o-
brigações.*

CAPITVLO XXV.

*Comoneste tempo, por meyo do
nosso sancto Padre, & do
Padre mestre Simam, se a-
talharam huns grandes
desgostos entre elRey
Dom Ioam, & o
Papa Paulo
III.*

POr este mesmo tem-
po fez nosso glorio-
so Patriarcha hum
grãde serviço a elRey D. Ioam
o III. em que mostrou sua muita
prudencia, & o grãde amor, que
tinha ao augustissimo Rey; &
porque nisso trabalhou muito
o P. Mestre Simam, quero a-
qui apontar este caso, pera que
tambem, com alguma varieda-
de de successos, fique esta Chro-
nica mais aliviada. No an-
no de mil & quinhentos, &
quarenta & hum, se começou
a armar neste Reyno hũa grã-
de tempestade de desgostos,
entre a sanctidade de Paulo
III. & elRey Dom Ioam o III.
a qual veyo a ser desfeita ne-
ste tempo, de que himos falan-
do, & nelle finalmente cessou,
por intercessam do bemaven-
turado Padre sancto Ignacio
com Deos, & boa agencia sua

com estes dous tam grandes
Principes, aos quaes sempre foy
tam agradecido, como obriga-
do, pelas fundações, merces, &
favores, com que sempre tratã-
ram a Companhia.

2 Pera mór clareza do q̃ pas-
sou, tomemos o caso é seu princi-
pio. D. Miguel da Sylva, Bispo de
Viseo, & filho do Cōde de Por-
talegre D. Diogo da Sylva, era
escrivam da puridade delRei D.
Ioam o III. & grãde seu valido,
& cabia nelle toda a merce, q̃ S.
A. lhe fazia, por cōcorrerem no
Bispo, aê de seu illustre, & anti-
go sangue, grãdes partes, & raros
talêtos, é particular de seu mui-
to saber, & superior engenho (de
q̃ tãbê nos deixou testimunho
Paulo Iovio Bispo Nucerino, q̃
foy o Tito Livio de seus têpos,
em os elogios dos varoẽs illus-
tres) Foy homẽ de grãdes espi-
ritos, & de sua magnificência nos
dam ainda hoje testimunho o
rio Douro na baliza de sua en-
trada no Porto (q̃ elle levantou
pera segurãça dos navios, q̃ en-
trã, & saẽ por aquella barra) & a
famosa quinta de Fõtello, q̃ fez
jũto da cidade de Viseo, cõ pa-
ços pōtificaes, pera habitaçam
dos prelados daquella mitra, &
com outras grãdezas, que eram
partos de seu animo grandioso;
porq̃ dentro da quinta se esten-
diam grãdes ruas de parreirae,
bosques muy frescos, tanques
muy fermosos, fontes de grãde

*Grãdes ta-
lentos de
D. Miguei
da Sylva
Bispo de
Viseo.*

*Paul. Iov. Elo-
gior. lib. 3. fol.
mihi 83.*

*Obras grã-
diosas, q̃
fez o Bis-
po D. Mi-
guel.*

artificio, & outras notaveis curiosidades; entre as quaes se viam gayolas de fio de arame, de tal altura, & capacidade, que dentro livremente voavam os passaros, & nam se dando por prezos, pela liberdade do lugar, faziam seus ninhos, & criavam sobre as arvores (que ficavam dentro das redes) dando o agradaveis musicas a quem lhes dava tam livres prizoões, que estando metidos em redes, cuidavam andarem alegremente soltos pelos campos; tam preciosa cousa he a liberdade, que até aos brutos, sò imaginada, recrea.

3 Porem quando a privança do Bispo^a parecia estar no mayor auge de seu valimento, houve de experimentar a volta infeliz da inconstante roda: ou fosse por queixas, que algũs faziam a elRey, da pessoa do Bispo (porque os validos nam podem contentar a todos os pretendentes; & os grandes, como disse o outro,^b nunca carecẽ de enveja) ou fosse por queixas, que elle tivesse; porque seus grandes espiritos tinham outras mayores pretensões. Veyo emfim o Bispo Dom Miguel a perder a graça do Rey, & a cahir da privança; que os mais privados, como andam mais nos olhos da fortuna, estam mais expostos a lhes dar olhado. Nam sofria elle bem os disfavores reaes, â

vista de sua passada privança; que nam hã mayor trabalho, disse o Orador Romano, * que verse desluzido, & descahido, o que estava mais sublimado; nẽ hã cousa mais difficultosa, dizia hum sabio,^d que levar com fortaleza a mudança cruel da fortuna favoravel. Nam quiz o Bispo Dom Miguel fogueitar seu grande animo ao conhecimẽto pessoal das sentenças destes sábios, que sam muito boas, pera se lerem; mas muito roins, pera se experimentarem. Instimulado da altiveza de seus pensamentos, tratou de buscar privanças em Italia, pois lhe faltavam as de Portugal; pareceolhe que hindo a Roma, acharia no Papa a graça, que tinha perdida com elRey, pela estreita amisa-de, que tivera em Sena, cidade de Italia, com Alexandre Farnesio, que entam era o nepote do Papa Paulo III. Assim o pensamenteou, & assim o executou; porque, levado desta apressada deliberaçam, se sahio do Reyno secretamente, sem licença do seu Rey; o qual sentio grandemente tal resoluçam, antes executada, que imaginada.

4 E vendo que o Bispo, sendo seu escrivam da puridade, & participante de todos seus reaes segredos, se sahira do Reyno, sem entregar os papeis do Estado, que tinha ainda em seu poder, nem deferir aos recados,

que

^b
Vellei Pater.
Hist. lib. 2. Nũ.
quã eminentia
invidia carẽt.

que lhe mandou ao caminho; antes izentandose muy seca-mente de seu serviço; procedeo contra elle, fulminando huma sentença a 26. de Janeiro de 1542. a qual traz de verbo ad verbum o Doutor Francisco d'Andrada, pela qual o privava do officio de escrivam da puridade, & de todas as jurdições, rendas, tenças, & moradias, privilegios, liberdades, honras, graças, & merces, desnaturalizando de seus Reynos, mandando, sob as mesmas penas, que nenhuma pessoa, no Reyno, tratasse, nem negociasse com elle, nem diligenciasse cousas suas, nem com elle tivesse communicaçam alguma, por cartas, ou recados. Na execuçam da qual sentença, guardou tanto rigor, que, por se achar que Dom Iorge da Sylva, que era seu sobrinho (& nam irnam, como diz o Chronista citado acima) tinha recebido hũa carta do dito Bispo, o mandou prender na torre de Belem, degradandoo pera as partes de Africa (aonde o mataram os Mouros em Arzilla, peleijando, como valente Portugues)

5 Tornou outra vez a fortuna a rirse pera Dom Miguel em Italia, posto que se tinha rido d'elle em Portugal: foy muy bem agasalhado em toda Italia, & em Roma foy feito Cardeal (que era a principal

toffe, que lhe deo em Portugal, depois da morte do Cardeal D. Affonso, Bispo d'Evora, & irnam del Rey Dom Ioam) & o capelo se lhe deo, com grandes honras, & notaveis favores do Papa Paulo III. dignidade, por certo, muy devida a suas partes, & muita nobreza; se bem foy estranhada em Portugal, por ser em conjunçam, em que tanto desgostara a el Rey: o qual tinha irnam ecclesiastico, que era o Infante Dom Henrique, a quem parece que primeiro se havia de oferecer o capelo, pois vagara por morte tambem de irnam. Por onde sabendo el Rey o que passava, & quam aceito era Dom Miguel ao Sũmo Pontifice, & como, hindo em desgraça sua (de que bem lhe constava ao Papa) fora logo promovido à dignidade de Cardeal, sem se lhe fazer a saber, nem se ter respeito ao desprazer, que disso havia de ter, houve ser isto feito em grande despeito de sua real pessoa: & mostrou tanto desgosto, que se deo por muy agravado de sua Sanctidade; & pera dar mayor demonstraçam deste sentimento, mandou fahir da corte de Roma seu embaixador, & em Portugal nam foy recebido Monsenhor de Monte Policiano, Nuncio do Papa. Nem a magestade do Emperador Carlos quinto (como cunhado, &

Anno de
Christo de
1543.

128

Anno da
Cõpanhia
4.

*Tememse
grãdes des-
gostos en-
tre elRey,
& o Pa-
pa.*

grande amigo del Rey Dom Ioam) quiz aceitar o mesmo Cardeal Dom Miguel da Sylva, que sua Sanctidade mandou por Legado de Hespanha, por estar fora da graça del Rey Dõ Ioam.

6 Fezse tam publico, & foy tido por tam notavel este desgosto, entre o Summo Pontifice, cabeça da Igreja, & el Rey de Portugal, tam grande columna da Christandade, que, (crescendo a fama, como tem por costume, principalmente quando anda muitas legoas) já por Italia se dizia, que era ainda mayor o rompimento, & com grande fundamento se temiam desgostos mayores, com escandalo da Christandade, entre hũ Rey sancto, & hum Papa sanctissimo. Sobresaltãram grandemente estas novas a nosso glorioso Padre S. Ignacio, a quẽ a uniã da Igreja, & o agradecimento devido a tal Rey, & a obrigaçam a tal Pontifice o punham em grande cuidado: nem se podia ver em mayores talas, que ver desgostados os dous pãys, & protectores, que a Companhia tinha no mundo, sem se poder resolver a quem havia de recorrer por bem da paz, mais que a Deos, que tem na mam os coraçõs dos Reys, & a quem era muy facil serenar o tempo, & aquietar mais asperas tormentas. Encomendou o ne-

gocio, muy de proposito, a tua divina Magestade, pera atalhar o mal, q já se via, & muito mais o que adiante se temia. Feita esta primeira, & mais importãte diligencia (que nam largou, até Deos o nam ouvir) escreveo logo huma carta ao P. M. Simam, encarregandolhe muito, & dandolhe ordem do que devia de fazer em Portugal, acerca deste negocio; da qual carta, que he muy larga, muy sancta, & muy prudente, me pareceo pôr aqui o que toca a este negocio, pera que della aprendamos agradecimento, & prudencia.

COPIA DA CARTA
de S. Ignacio, pera o
Padre mestre Simam,
sobre este negocio
do Bispo Dom
Miguel.

7 **C**onsiderando como a ingrãtãda he hũa das cousas mais estranhas, & abominaveis, nam só diante de nosso Criador, & Senhor, mas diante das criaturas capazes de sua eterna gloria; tratei de vos trazer á memoria, como, depois de nosa entrada em Roma, fomos sempre inteiramente favorecidos, & amparados do nosso sancto Padre o Papa Paulo III. com graças especiaes, que recebemos da mam de sua

sancti-

sanctidade. Assim mesmo, como he notorio a toda a Companhia (& a vós mais que a todos, polo verdes pelos olhos) quanto somos todos obrigados a elRey vosso senhor, & nosso em IESU Christo? Primeiramente, pelas muitas graças espirituacs, que Deos nosso Senhor lhe communicou, querendoo em tudo levantar a seu mayor serviço, & louvor. Alem disto, quem somos nós? Ou donde saímos, pera que Deos nosso Senhor ordenasse, que hum Principe tam afinalado tivesse lembrança de nós outros? E movido de sy mesmo immediatamente, ou por meyo dos seus, sem nós o cuidarmos, antes que a Companhia fosse confirmada pela Sé apostolica, pedisse, com tanta instancia, a sua Sanctidade alguns dos nossos, pera serviço espiritual dos seus Reynos, favorecendonos tam de proposito, em tempo, que alguns queriam por nota, & má sospeita em nossa Companhia. Ajuntamse a isto o grande amor, a real benignidade, que, depois de chegardes a Portugal, lá experimentastes. Vós estareis no cabo de todas as cousas, dando que a nós nam se esconde o grande amor, & benignidade, com que sua Alteza nos tratou sempre, acodindo com subsidios temporaes, fora do que usam outros Principes, offerecendo-se por sua grandeza (& muita devaçam a nosso instituto) a fundar hum Collegio, & edificar algumas casas, pera esta Companhia, tam indigna diante de nosso Criador, & Senhor no céu, & de tal Principe na terra. E sobre tudo passar tanto avante, que continuamente recebe, & ampara debaixo de sua

sombra a quantos estrangeiros de cá mandamos, pera estudarem nesses estudos.

8 Tudo isto vos quiz trazer á memoria, pera que vós de lá, & nós de cá, todos com o mesmo intento de mayor serviço de nosso Criador, & Senhor, sendo inteiramente fieis, & em tudo summamente gratos a pessoas, a que tanto devemos (depois da summa, & divina bondade) procuremos, com todas as forças, que do céu nos forem concedidas, tomar nossa parte de trabalhos espirituacs, & corporaes, á conta dos muitos, que o inimigo da natureza humana tem tomado pera o contrario, procurando pôr discordia entre taes pessoas, & de tanta importancia. E porque lá tereis noticia, como nós cá, do que passa, só resta, pois todos somos devedores, & sobremaneira obrigados, que vós, & nós todos, com muita diligencia, tomando as armas espirituacs (pois as temporaes pera sempre as deixamos) instemos em fazer cada dia oraçam continua, & offerecer sacrificios ao Senhor, com especial lembrança, rogando, & importunando a Deos nosso Senhor, se queira dignar de metter a mam, & dar graça, & remedio a cousa tam ardua, & tam digna de ser encommendada a sua infinita, & summa bondade. E dado que com a graça divina em tudo me persuado, que o inimigo, neste particular, nam levantará cabeça, com tudo nam será pouco o dano, & perturbaçam de muitas almas, estar a cousa nesses termos, ainda que seja por poucos dias.

Anno de
Christo de
1543.

Nota.

9 Falando devagar sobre esta materia, com o Cardeal de Burgos (que em todas nossas cousas he muy especial senhor, & avogado) me disse, em confirmação do que eu sentia, humas palavras, que nam causáram em minha alma pequena consolação. Falandome hum (diz o Cardeal) veyo a dizer, parece, senhor, que elRey de Portugal quer sahir da obediencia do Papa. Eu lho nam pude sofrer, & com grande indignação lhe respondi. Quem ouza a dizer tal? Ainda que o Papa pizasse aos pés a elRey de Portugal, nam chegaria a desobedecer ao Vigairo de Christo. E vós cuidais, que a gente em Portugal he como a de cá? Ou que esse Rey he como o de Inglaterra, que já dantes que se declarasse cōtra a Igreja, estava meyo fora della? Nam vos venha tal pensamento de Principe de tanta christandade, & de tam boa consciencia.

10 Isto disse o Cardeal. E dado que eu quizer a escrever humma carta a elRey, deteveme por humma parte, pōr os olhos em mim mesmo, que de todo me acho indigno de o fazer; por outra, vendo ter vos lá presente, me pareceo ser escusado, pois lhe vós podeis fazer inteira reverencia, & salar em nome de todos nós outros, & de vós mesmo. Com tudo, se outra coisa vos parecer, eu nam quero, nem desejo saltar, nem na coisa mais pequena, que tocar ao agrado decimento, & serviço devido a Principe tam alto, & benemerito.

11 Atequi a carta de nosso sancto Padre, na qual se mostra tam sancto, tam agradeci-

do, & tam prudente, que tudo isto vemos, lendoa; porque humma carta, como disse S. Paulino, he prova do sabor da alma; & por esta mesma rezam escreve S. Gregorio Nazianzeno, que nas cartas se retratam os amigos. Tentou o Sancto, por todas as vias, com o summo Pontifice, que tiuesse algum comprimento com sua Alteza: porem as difficuldades cada dia se multiplicavam, porque se o Rey tinha seus justos sentimentos, também o Papa cuidava, que lhe nam faltavã: o mais agro ponto, que o Papa sentia, era a sentença tam rigorosa, que elRey dera contra o Cardeal Dom Miguel, por tratar, com tanto rigor, & tam peizadas penas, a hum Bispo, como se fora qualquer vassallo secular. Em segundo lugar sentia o Papa muito, que as rendas ecclesiasticas do Bispado de Viseo se sequestrassem, & se impedisse usar dellas o Bispo, a cuja congrua sustentação estavam apostolicamente applicadas. Entendia sua Sanctidade que encontrava esta retenção, & violencia a liberdade ecclesiastica: instava com elRey levantasse o sequestro das rédas do Bispado ao Cardeal.

12 Pelo contrario nam parecia a elRey estar bem a sua authoridade real ceder á pretensão do Papa, sem que sua San-

ctida-

Anno da
Cepem hia
4.

f
Paul. ad Del.
phir. ep. 15.
Mentis labor
in sermone gu-
statur.
g
Nazian. ep. 45.
Hec inven-
imus, ut literis
presentia adu-
bremus.

Rezoões de
sentimēto
entre el-
Rey, & o
papa.

cidade tomasse claro conhecimento dos fundamentos de direito, em que a sentença se fundava, pera castigar o excesso, com que Dom Miguel se apartara da obediencia, & serviço de seu Rey natural. Em grandes ansias se via o sancto Padre Ignacio, por ver tam esforcada resistencia, que entre tam grandes partes achava, em defender cada huma sua pontifical, ou real authoridade (que nam ha guerras mais porfiadas, que as da coroa secular contra a mitra pontifical)

13 Pera aquietar estas tam controversas difficuldades, deo o sancto Padre Ignacio, como tam prudente, em huma traça, que foy verdadeiramente obra digna de tal juizo; tomou hum meyo muito facil, que era collar o Papa o Bispado de Viseo no Cardeal Alexandre Farnesio seu sobrinho, de que elRey teria grande satisfacão, assim por fazer esta merce a tal pessoa, como por ver a D. Miguel privado deste beneficio: & que o Papa puzesse obrigaçam ao Cardeal Farnesio de consignar os fruitos do Bispado no Cardeal Dom Miguel; o que elRey permitiria facilmente, pois o Bispado, & os fruitos já eram alheos. E desta maneira nam perdia seu vigor, nem sua authoridade a pessoa real, pela sentença, que tinha dado con-

tra o Cardeal Dom Miguel: nem o Papa devia de receber isto mal, pois, ainda que ao Cardeal se lhe tirava o Bispado, tudo em fim lhes ficava em casa, o Bispado no nepote, & as rendas no amigo; & com isto podiam ficar as cousas em bella paz, & amizade. Pareceo ao Papa o meyo muy acertado, & encommêdou ao sancto Padre Ignacio, que pois fora o autor d'elle, o dispuzesse a devida execuçam. Escreveo logo o sancto ao Padre mestre Simam, pera dar conta da disposiçam do negocio a sua Alteza. E o Padre mestre Simam (que nisto muito trabalhava) lho praticou a sua Alteza: & ficou o negocio posto em justa concordia, dando elRey seu consentimento pera se dar ao Cardeal Farnesio o Bispado de Viseo, que por alguns annos gozou, por este fundamento, q aqui vimos. Foy esta concordia de grãde satisfacão a toda Italia, & Portugal, onde a contenda era mais sabida, & a contrariedade de humanaçam, & outra, podia ser de mayor dano. Ambas as partes pontifical, & real, agradeceram, com grandes affectos, o zelo, & trabalho, que sancto Ignacio applicara em cõpor, tam suavemente, tam perigoso litigio; & em particular elRey lhe mandou as graças, pela traça, que dera (porque ainda que estimava sua authori-

Ficamel-Rey, & o Papa a agradecer dos a S. Ignacio.

dade,

Anno de
Christo de
1543.

132

Anno da
Companhia
4.

dade, mais prezava sua christandade) & o Summo Pontifice tambem lhas deo em pre-seça, havêdose ambos por muy bẽ servidos de sua prudente industria, & sancto zelo.

CAPITVLO XXVI.

O Padre mestre Simam recusa o Bispado de Coimbra, aceita ser mestre do Principe, & de como se bouveneste cargo.

Boas partes do P. M. Simam pera contentar a todos.

N Este mesmo anno succedêram duas cousas, nas quaes sua Alteza mostrou bem quanto estimava a pessoa do P. mestre Simam, & a grande benevolencia, que lhe tinha. Era o P. M. Simam (como quem bebera na fonte purissima da doutrina de S. Ignacio) huma viva estampa das virtudes proprias de nosso instituto, assim das que ordenam a alma immediatamente, pera conversar cõ Deos, como das q̃ nos ensinã, pera tratar cõ o proximo. Ajutavase a este espirito, & perfeiçam de virtudes, huma singular graça na conversaçam, com que cativava a todos, fazendo que juntamente o amassem como pay, & o ref-

peitassem, como sancto. Tinha tal natureza, que parece que nacêra pera grãgear vontades, & render coraçõs. Sobre todos elRey Dom Ioam lhe era tam afeiçoado, que nam sofria bem apartalo de sy, ainda por breve tempo (& cõ difficuldade lhe dava licença pelas Paschoas, & festas principaes, pera visitar o Collegio de Coimbra) assim pela consolaçam, que recebia, em tratar as cousas de sua alma com tam prudente varam, como pela muita conta, que fazia de seu parecer, & cõselho, ainda em materias de estado; porque tal vez mais acerta o religioso prudente, que o conselheiro apaixonado.

2 Conforme a estã satisfaçam, que delle tinha, vagãdo o Bispado de Coimbra com a morte de Dom Iorge de Almeida, que foy neste anno de 1543. em 25. de Julho, desejou dar aquella cidade por pastor o P. M. Simam, pera bem daquellas ovelhas, & pera acrescẽtamento do seu novo Collegio, & ajuda espiritual dos estudantes da sua Vniversidade, q̃ desejava igualmente promover nas letras, & ajudar na virtude. Declarou elRey ao Padre esta sua vontade, & as causas, que o moviam a darlhe o tal Bispado, a que estã annexo o Condado de Arganil, o senhorio de Coja, & de outras terras.

Quer el-Rey fazer Bispo de Coimbra ao P. M. Simam.

3 Grande foy o sobre-
salto, que o seruo de Deos te-
ve á villa de semelhante mer-
ce, porque seus pensamentos
eram muy encontrados aos in-
tentos reaes: proprio he de
humildes estranharẽ qualquer
coufa, que ouçam tocante a
sua honra, & muito mais se sahe
ajuizada por hum Rey sábio, &
poderoso; que he a causa, pela
qual disse Cassiodoro, * fahan-
do de Theodorico, que a opi-
niam real he pompa triumphal
dos merecimentos da pessoa,
porque tão he o louvor de ma-
yor estima, quanto o que o dá
he mais soberano, pois mostra q
nam o cegou a paixam, nem o
enganou o temor; quanto mais
passando o liberalissimo Rey do
louvor das palavras a offerta
das obras, dandolhe a dignida-
de de Bispo, & offerecendolhe o
titulo de Conde. Nada menos
esperava, nada menos desejava,
quem só tratava do bem de sua
Religiam, & do abatimento de
sua pessoa, desejando sobre tudo
continuar no humilde estado, q
professara, & morrer nos bra-
ços da sancta pobreza, que vo-
tara: Com tantas veras resis-
tio, & com tantas lagrimas
mostrou a sua Alteza o senti-
mẽto, que teria cõ aquella hon-
ra, que houve por bem el-
Rey de nam molestar mais a
quem viã tam resolutos em vi-
ver pobre, & em desprezar

honras: principalmente ouvin-
do as rezoens, que o Padre lhe
dava, em nam querer que na
Companhia se abrisse a por-
ta pera semelhantes dignida-
des, das quaes sabia que era
tam alheo o humilde animo de
seu muy prezado Padre Igna-
cio de Loyola.

4. Foy o Padre mestre Si-
mam o primeiro, que resistio na
Companhia a semelhantes of-
fertas, & com tam grande victo-
ria, que nam foy necessario va-
lerse das forças de seu glorioso
Padre Ignacio, como succedeo,
quando o Emperador D. Fer-
nando, sendo Rey dos Roma-
nos, pretendeo que fosse Bis-
po^b nos seus estados de Austria
o Padre Claudio Iayo, hum
dos primeiros dez Padres. E
ainda que em nenhum destes
casos obrigava o decreto das
constituiçoens (pois ainda as
nam havia) contra a aceita-
çam de dignidades, foy com
tudo sempre este o animo dos
nossos primeiros Padres, por
importar muito á Companhia
izentarse destes cargos; que
os verdadeiros religiosos, que
se prezam de seguir a Chri-
sto crucificado, devem tra-
tar de viver entre seus irmãos
com humildade, & nam de
governar a seculares com ma-
gestade. E foy mayor o louvor
do Padre mestre Simam, pois
antes de haver este decreto, já

O P.M. Si-
mam he o
primeiro q
regeitou
Bispado.

Orlãd. in hist.
Societ. lib. 6.
n. 31, 32, 33,
34.

Const. Societ.
p. 10. n. 6.

Christo de

1543.

Ge. c. 32. n. 10
Chrys. hom. 54
Peregrinatu-
rus neque iu-
mentis egebat,
neq; ministris,
neq; viaticis,
sed apostolicū
morem imita-
us iter facit.

d
Marc. c. 6. n. 8

o guardava; coula, que S. Ioam Chrysostomo tanto gaba na peregrinação de Iacob tam pobre, que nam levava mais, que hum bordam na mam, ^c *In baculo meo transivi Iordanem*, seguindo já tanto tempo d'antes o decreto de Christo, em que ordenava aos Apostolos, que, em suas peregrinaçoens, nenhuma coula levassem mais, que hum bordam, ^d *Et praecepit eis, ut nihil tollerent in via, nisi virgam*; que os varoens sanctos nas coulas de Deos, sabemlhe cumprir os preceitos, & sabemlhe adinvinhar a vontade. Lançou finalmente de sy, & sò por sy esta honra o Padre Mestre Simam (que ninguem melhor resiste às dignidades, do que aquelle, a quem se offerecem) & tratou sua Alteza de a prover em outrem.

4 Escolheo pera Bispo de Coimbra ao muy reverêdo P. M. Fr. Ioam Soares seu prégador, dignissimo desta mitra, comobê mostrou, assi no q fez no sagrado Conc. Trid. como no muito que aproveitou suas ovelhas, q tudo he notorio a todo Portugal. Era este gravissimo Padre mestre do Principe Dom Ioam, & por sua ausencia da corte, pera seu Bispado, vagava este officio de mestre do Principe, pera o qual logo escolheo elRey ao Padre mestre Simam. Concorriam nelle todas as boas

partes, pera se lhe poder êrregar hum Principe, em quem estavam libradas as esperanças do Reyno, & o amor do Rey; porque (àlem de lhe nam faltar a nobreza dos mais honrados de sua terra) era o Padre mestre Simam homem de muy conhecida, & eminente virtude, era excellente Theologo, & mestre em Philosophia, tinha grande noticia de linguas, porque àlem da Latina, sabia Grego, falava Italiano, & sabia muy bem pronunciar o Idioma Francês: & ainda que tinha corrido muitas terras (que tambem isto nam ajuda pouco a homens doutos) como era nacido no Reyno, sabia muy bem os costumes patrios, & muito melhor conhecia os estylos divinos; que atê nos Principes soberanos parecem melhor costumes sanctos, que vicios palaciaños. E assim entendeo o serenissimo Rey, que satisfazia a sua obrigaçam, com dar tal mestre a tal filho; que nam convem menos a hum Principe, como bem disse Plutarcho, ^e aprender com bons mestres, que nacer de bons pays; porque assim como os filhos representam os pays, de quem nascêram; assim os discipulos sahem aos mestres, de quem aprenderam: & se he grande

a for-

4.

Faz elR
ao P. M.
mam m
sire do
Princip

^e
Erasm, in ap-
pēdice Ap-
ph. Plut. Ne-
minūs intere-
quos adific-
praeceptores
quā quos na-
tus sūspāte-

a força da natureza, mayor he a efficacia da doutrina, pois esta, com seus preceitos artificiaes, pôde emmendar os erros naturaes: além de que nascer hum pera Rey, he mero caso da fortuna, mas fazerse digno de ser Rey, he grande acerto da arte, como advertio o mesmo Plutarcho.

5 Pareceo ao P.M. Simam, que nam era bẽ resistir ao cargo de mestre do Principe, & q nam convinha desgostar nisto a sua Alteza: & tanto mais se accommodou a lhe aceitar esta merce, quãto entẽdeo ser esta a vontade de nosso S. P. Ignacio; parecendo-lhe que por hũa parte, com esta entrada no paço, negociaria melhor as cousas da Cõpanhia em Portugal (q nam he contra a virtude assistir nas cortes cõ intẽros sanctos; como outro Ioseph,^s no paço do Egyptano; & Daniel,^h na corte do Caldeio, aceitando ashõras, como nota S. Hiero. nã pera se autorizarẽ a sy, mas pera defenderẽ aos seus) & q por outra parte nam aceitava dignidade episcopal, nẽ admitia esta occupaçam, pera de grao de algũa mitra. Houvese este bom Padre cõ tanta prudẽcia, & moderaçam, q nam sãmẽte o Principe lhe era muito afeiçoado, mas tambẽ cada dia hia crescẽdo mais na graça do Rey, & grangeando os animos dos grandes: porque tal era a

eminẽcia de virtude, & exẽplo, q no P.M. Simam toda a corte enxergava, tal sua affabilidade, & cortesia com todos; tal a humildade, & encolhimento de sua religiosa pessoa; tal o desprezo das honras, entre os que mais as prezavam; tal o valor do animo, sobre pretensões humanas; tal o esquecimento do q podia, & valia, pera se adiantar a sy, & pera dar entrada a outros; que todas estas cousas obrigavam aos mais bem considerados a julgarem que o desprezo, que o Padre tinha de tudo, o fazia senhor de quanto havia na corte; parecialhes que viam Arsenio, restituído do deserto da Thebaida à corte de Constantinopla, & posto outra vez na cadeia de mestre de Arcadio.

6 Com estas boas partes era summamente amado, & bẽ quisto de toda a corte, cousa q muy difficultosamente se acha em validos: entre outros, que muito o amavam, o primeiro era o serenissimo Infante Dom Luis, affectuosissimo protector da Companhia. Tambem era grande devoto do Padre o Duque de Aveiro D. Ioam de Lencastre, filho do senhor D. Iorge mestre de Sanctiago, & de D. Brites de Mello (filha do senhor D. Alvaro, irmam do Duque de Bragança) & neto dignissimo do serenissimo Rey Dom Ioam o

i
Socr. l. 2. c. 10
Sozom. lib. 7.
c. 12.

Anno de 136
Christo de 1543.

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno
Cipan.
4.

segundo, o qual lhe cobrou tam particular afeição, que aonde o encontrava lhe fazia notavel honra, & no meyo da rua se apeava, com mostras de grande respeito, & sinaes de grande benevolencia. Nam lhe era menos afeiçãoado o Conde da Castanheira Dom Antonio de Ataíde, gram privado do mesmo Rey, por seu grande aviso, & maduro conselho, do qual já atrás falamos no capitulo 11. & pudemos dizer muito, porque muito mais lhe devemos. E communmente entre os mais senhores, & fidalgos havia a mesma estima de sua pessoa, nam tanto por se conformarem com o gosto delRey, como pelo muito exemplo, que o Padre lhes dava; porque no meyo destas honras, & valias, andava o servo de Deos tam dentro de sy, tam modesto nos olhos, tam humilde em sua opiniam, que a todos era hum claro espelho de religioso encolhimento, & reconhecimento da modestia.



CAPITVLO XXVII.

Da humildade, & pobreza do Padre mestre Simam, sendo mestre do Principe: do modo com que fazia seus caminhos a Coimbra: das muitas merces, que elRey lhe fazia.

I Ha todos os dias a pé com seu companheiro ao paço, vestido pobremêntè, como verdadeiro desprezador do mundo; & diante do Principe, & de toda a corte andava com hum roupetavelha, & algumas vezes parada, atada no collar com humataca de couro branco, como entre nós costumam trazer alguns noviços: & advertindolhe por vezes alguns cortesãos, que nam era autoridade de tal discipulo o vestido, que trazia o mestre, respondeo, que nam achava que roins vestidos no mestre, deixassem de ministrar bons dictames nos discipulos. De sorte que quem visse ao Padre mestre Simam no paço, se o avaliasse pelos vestidos, julgaria ser hum pobre clérigo, que buscava o esmoler delRey pera pedir algum socorro a sua pobreza,

za, & se soubesse quem e-
era, faria largos discursos,
sobre hum animo tam supe-
rior a todas as cousas huma-
nas, que pera sy nenhuma
pretendia, nem queria, em
hum lugar, aonde muitos
queriam, & requeriam tan-
tas.

2 Os caminhos, que fa-
zia, seguindo a corte, ou
hindo a Coimbra, nam que-
rendo aceitar as mullas, que
pera elle, & seu companhei-
ro estavam deputadas, hia
sempre em cavalgada de al-
barda, que alugava, nam
como cortesam valido, mas
como religioso pobre; pre-
zandose muito nam so de o
ser, mas tambem de o pa-
recer; como quem muy bem
sabia que nenhum credito se
arriscava nestes lanços de hu-
mildade, que nem^a Christo
Senhor nosso perdeu o nome
de Rey, por caminhar a Je-
rusalem em hum humilde ju-
mentinha, *Ecce Rex tuus venit
tibi sedens super asinam*: & ate
Balam,^b como notou o Abu-
lense, achou que era abono-
de propheta entrar nesta mes-
ma postura, na corte do Moa-
bita.

3 Caminhando o Padre
mestre Simam nesta forma,
que temos dito, de Evora pe-
ra Coimbra, foy muito pera
ver o encontro, que teve com

o muy veneravel Padre frey
Antonio Moniz, reformador
do convento de Tomar (pes-
soa de grand^a prudencia, au-
thoridade, & virtude) hin-
do pera a sua quinta da Car-
diga (que he hum das fa-
mosas granjas, & mais cele-
bradas quintas de Portugal,
& esta junto ao Tejo, cu-
jas christalinas agoas lhe re-
gam seus largos campos) hia
o muy reverendo Padre acom-
panhado com alguma gente,
(que tal vez tambem estas de-
monstraçoens ajudam pera
conciliar authoridade aos car-
gos, & pera grangear credi-
to ás pessoas) o qual vendo
ao Padre Mestre Simam, &
conhecendo que era o mes-
tre do Principe, se apeou lo-
go, como muy cortesam que
era, tanto a ponto elle, com
todos os da sua companhia,
como se encontraram a pes-
soa do mesmo Principe: vay-
se o reverendissimo reforma-
dor ao Padre mestre Simam,
levoa nos braços, deixa o ca-
minho pera a Cardiga, volta
atrás pera Tomar, pera a-
galhar ao Padre, estranhan-
dolhe muito o incommodo,
com que caminhava, & hir
entregue a hum almocreve, pe-
dindolhe que nam quizesse
desautorizar ao Principe; de
quem era mestre, à conta de
grangear mortificaçam, da qual

Anno de
Christo de
1543.

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
4.

Resposta
humilde,
& avisa-
da.

era tam devoto : à volta desta
queixa tam cortesã, lhe fez for-
ça pera que aceitasse logo hũa
mulla cellada, & enfreada : mas
o Padre mestre Simam (a quem
entre os lanços da humildade,
nam faltavam os primores da
cortesia) temperando com hum
modesto rizo a queixa, & a of-
ferta do reverendissimo, lhe res-
pondeo : *Bem sabeis, senhor frey
Antomo, quanta honra Deos poz no
desprezo della, & quanto tem auto-
rizada a humildade; da qual eu me
quero valer, pera responder á alteza
do Principe, que pois em mim nam há
outra cousa, com que o possa autori-
zar, justo he que o honre com mostras
de pobreza, & com sinaes de humilda-
de; a esta conta, com vossa boa li-
cença, hey de continuar o caminho
na postura, em que o tenho começado.* Assim aconteceu, ficando es-
te gravissimo religioso muy e-
dificado, & continuando o Pa-
dre muy contente.

Pobreza, e
humildade
de do P.
M. Simam

4 Com o mesmo espirito,
sendo mestre do Principe, &
Provincial da Companhia, hia
muitas vezes pelo meyo da cor-
te de Lisboa, aonde era tam co-
nhecido, vestido de pardo, com
hum caldeiram às costas, levar
de comer aos prezos. A obri-
gaçam, que tinha de assistir no
paço, lhe era tam penosa, q̃ lhe
chamava hũas vezes purgato-
rio, & outras cativeiro. Escrevê-
do ao Reitor de Coimbra, lhe
affirmou em huma carta (que

temos guardada) que de me-
lhor vontade aceitára ser car-
reiro do Collegio, que ser me-
stre do Principe. Muitas vezes
se lhe ouvio dizer, que a mayor
mortificaçam, que tivera, depois
de se consagrar a Christo na
Companhia, fora perder a mis-
sam da India em companhia de
seu amado irmam Padre mes-
tre Francisco: & a segunda an-
dar na corte, entre favores de
grandes, & honras do mundo.
E como o P. M. Simam estava
neste conhecimento, entam
mais se discontentava de sy,
quando os Principes mais gos-
tavam delle; & parece que à
porfia o seguia a honra popu-
lar, & o favor real.

5 Com esta ser a entrada,
que tinha com elRey, nunca
pretendeo nada pera parentes
seus, nem por sua via tiveram
despacho algum, tendo muitos,
que delle se queriam aprovei-
tar; que he exemplo raro; por-
que nas cortes o mesmo he co-
meçarem a valer os privados, &
começarem a luzir os parentes;
como se o valimento daquelles
só fosse pera luzimento destes:
mostrando com esta desordena-
da ambiçam, que nam tem a
entrada, & a privança, pera ser-
vir ao Rey, & ao Reyno, mas
pera aproveitar a sy, & aos seus:
sendo assim, que, pera bem, o
mais valido avia de ser o menos
ambicioso, por estar exposto a

gran-

ber e, 7. n.
Sulpenas
igitur Am
ambulo.
d
er, in Tyber.
55.

e
de benef.
2. c. 1.

ades fa
res, que
Rey fez.
P. M.
nam.

grandes envejas, & por ter maiores obrigações ao Principe: com tudo pôde mais com elles a cegueira da ambição, que o empenho da obrigação; & sem atentar ao fim, que pôdem ter, se expõem ao perigo de perder nam só os bens, que de novo tiverem, mas também os que dantes possuíam; como lemos ter sucedido em Amam^e valido de Asuero; em Sejano privado de Tyberio, ^d & em outros muitos, que sucederam nos tempo passados, & nos presentes vimos com nossos olhos. Tudo o que o Padre pedia era pera bem de sua Religiam; tendo elRey particular gosto de lhe fazer merce, anticipando com real benignidade suas petições, que he merce melhorada, como he disse Seneca: *Illud melius, occupare, antequam rogemur.* E se he tormento da alma o pedir, deste martyrio vos livra (sobre a merce dobrada, que vos faz) quem a soube fazer antes de se lhe pedir. *Qui hoc tormentum remittit, munus suum multiplicat.* disse o mesmo Philosopho. E isto fazia sua Alteza, com tanto amor, & affabilidade, que em pe assignava ao Padre as provisoens, cartas, & portarias, em favor da Companhia, escritas por qualquer nosso religioso. Falando huma vez a sua Alteza, sobre hum negocio da Companhia, que alguns grandes do Reyno

encontravam, elRey, com rosto alegre, o animou dizendo: *Deixayos dizer, M. Simam, bom procurador tendes em mim: no que for necessario, pera bem da Companhia, nam acudais a outrem, senam a mim, nem outrem me fale em vossas cousas, senam vós.*

6 Outra vez falou o Padre com elRey, dandolhe conta de como o seu Collegio de Coimbra tinha crescido no numero de cem religiosos, & conforme isto necessitava de alfayás, pera as quaes pedia a sua Alteza alguma esmola: acodio logo o magnifico Rey, mandando que lhe dessem cem mil cruzados (que por isso os Reys de Portugal tinham tantos milhoes, porque davam tantos cruzados) agradeceo o Padre tam real grandeza, & beijou a mam pela merce; replicando porem que nam era necessario tanto, que bastava menos, & que dezoito mil cruzados comporiam tudo de sorte, que a casa ficasse provida, & sobejassem as alfayas: fezse a portaria, entregouse o dinheiro. Succedeo que neste mesmo tempo veyo nova, que decia a armada do Turco a estas partes occidentaes, & que trazia intentos de tomar a cidade de Ceira, cõquista desta coroa, & chave de toda Hespanha, no estreito de Gibraltar; pareceo logo necessario bastecerse, & fortalecerse aquella pra-

4.

Liberali-
dade del-
Rey Dom
Joam III.

Christo de
1543.Offera do
P.M. Si-
mam a el-
Rey.

ca, com toda a pressa, com gente, com as armas, & viveres necessarios; o que se nam podia fazer sem grandes gastos. Foy-se logo o Padre mestre Simam a elRey, & lhe offereceo os dezoito mil cruzados, que pouco d'antes tinha recbido, dizendo que nam tinha com que servir a sua Alteza, senam com merces suas; & pois aquella estava ainda inteira, & a pressa de dinheiro necessario era grande, que pedia a sua Alteza mandasse logo receber aquelle, pera ajuda das preparaçoes de Ceira. Fez elRey a devida estimaçam de tam desinteressada offera de tam leal vassallo, que cortava pelo proveito proprio, por acodir ao bem commum: aceitou o serviço, & usando de sua real magnificencia, acrescentou depois as merces, que com larga man fez ao Padre, ordenandolhe, que tratasse logo de dar principio á fundaçam, & fabrica do Collegio, dando todo o dinheiro necessario pera correrem as obras, & pera se sustentar os religiosos; como em seu lugar veremos.

[?]

CAPITULO XXVIII.

Dos combates, que se deram aos irmãos Dom Gonçalo da Sylveira, & Dom Rodrigo de Meneses; & de sua firme constancia.

I **D**Eixamos no capitul. 22. aos dous cavaleiros noveis de Christo Dom Gonçalo da Sylveira, & Dom Rodrigo de Meneses, naquella sancto retiro, junto ao Porto, velado suas novas armas, cobrando forças de espirito, & aprendendo a pelejar as batalhas do Senhor. Estavam os dous noviços, neste seu quieto remanso, ouvindo as sanctas meditações de seu Reitor, & mestre Diogo Miram; mas no mesmo tempo se armavam contra elles grandes trovoadas. Veremos agora brevemente os encontros destas batalhas, & festejaremos os successos de suas victorias.

2 Entrado Dom Gonçalo da Sylveira na Companhia, & retirado ao deserto, que disse-mos, como tudo isto se fez com grande segredo, ao principio ficou muy enleado, & embaraçado Dom Diogo da Sylveira

sen

Do Diogo
da Sylveira
na Companhia
da Sortida
lha, irmão
do P.
Gonçalo

Vay a Co-
imbra ati-
rar seu ir-
mam da
Cõpanhia.

seu irmam (que já entam era Conde da Sortelha, & depois foy guardamòr delRey D. Sebastiam) sem saber o que era feito delle, com se fazerẽ grandes diligencias; & vendo que nam apparecia, se veyo a resolver que devia de se hir por esse mundo: sendo a verdade que elle tinha fugido do mundo. Acabados os exercicios, voltou Dom Gonçalo pera Coimbra, & veyo a entender claramente o Conde, que o tinha na Companhia. Notavel foy o sentimento deste fidalgo, & grandes os extremos, que fez pelo tirar da Religiam; acodio logo a Coimbra, armado, como outro Saulo, com cartas, & ordens reaes, pera lhe haver de falar: chegou ao Collegio, acompanhado também de alguns outros religiosos, valendose de hum, & outro braço, ecclesiastico, & secular; falou ao Reitor, mostrou as ordens, que trazia: nam foy possível negarfelhe ver, & falar com seu irmam; mandouo o Reitor chamar, veyo o noviço com os olhos no cham, & vestido muy pobrememente: envergonhouse o Conde de ver naquelle habito a quem tinha criado em outro tam diverso; com tudo tratou de começar o duello sò por sò, parecendolhe que tinha certa a victoria de seu irmam, que, como mais moço, o respeito natural á cabeça de sua casa,

o faria mais covarde, pera approuvar, & defender o que tinha feito: em fim, postos ambos no campo, começaram a peleijar com armas encontradas; porq̃ Dom Gonçalo sò tratava do mayor desprezo do mundo, & o Conde fazia toda a força em o persuadir, *como era possível que hum homem tam bem nascido se deixasse enganar de hums estrangeiros chamados Franchinotes, & avaliados por idiotas; & que sò foram chamados delRey a este Reyno, pera hirem conversar com os negros da costa de Africa, & com os gentios das partes da India. Que se desenganasse, que nam havia pessoa de entendimento nò Reyno, que nam avaliasse esta sua resolução por hum grande loucura; & que tratasse com tempo de voltar-se com elle pera Lisboa, porque o que agora se lhe podia attribuir a liviandade de mancebo, depois seria julgado por erro, sem nenhum remedio.* Estas mesmas lembranças lhe fizeram os religiosos, que consigo trazia o Conde.

3 Ouvio o valeroso mantenedor o estrondo da artilheria do Conde, nam esmoreceo com elle, nẽ se enfiou; com grãde confiança respondeo em sua defeza, tam alegre, como quem tinha a esperança certa de fahir da briga victorioso; que esperava em Deos, que nam faria coisa por onde desautorizasse os ossos de seus pays, & a boa criaçam, que lhe deram; que nam tinha por estrangeiros

Rezoẽs, q̃
dá o Cõde
a seu ir-
mam.

Resposta de
D. Gõçalo
ao Conde.

Christo de
1543.

na terra, os que elle respeitava como, correfões do ceo: & que tam fôra es-
tavam de serem idiotas, que elle os ti-
nha pelos mayores sábios do mundo. E
que quando o tivessem por muy louco
naquelle traça de vida, que tomara,
entam se teria elle por mais fêudo; &
que se defenganasse, que nam havia bñ
minimo ponto de tornar atrás na reso-
lucam tomada; nem havia de descan-
sar, até se nam ver tam desprezado,
tam pibre, & tam abatido, que de to-
do se visse anichilado, & que o tempo
lhe dava por testemunha desta verdade.
Com tam resoluta reposta, lar-
gou o Conde o campo, & se
declarou a victoria pelo irmam
Gonçalo da Sylveira; cujas vir-
tudes rarissimas, cuja vida ad-
miravel, & morte por Christo
gloriosissima, podiam dar ma-
teria pera muy largos capitul-
los, que deixamos pera tratar
no livro quarto desta historia,
quando falkmos das cousas da
casa de S. Roque, da qual foy o
primeiro Preposito. Agora nos
vamos ao irmam Dom Rodri-
go.

Como D.
Henrique
de Mene-
ses sentio
a entrada
do filho na
Companhia.

4 Bem claro fica que nam
haviã de faltar semelhantes ba-
terias ao irmam Dom Rodrigo,
pois nam tinha menos autori-
zados parentes, que com sua en-
trada na Companhia, tambem
se davam por afrontados. Pare-
cialhe a Dom Henrique de
Meneses, pay de Dom Rodri-
go, que nam era o negocio de
tam pouco pezo, que escusasse,

ou vir elle em pessoa, ou man-
dar algum seu filho (nam se
contentando com mandar ou-
tro mais moço, que se chamava
D. Ieronymo de Meneses, que
depois foy Reitor da Vniverfi-
dade de Coimbra, Bispo de Mi-
randa, & ultimamete do Porto)
& nam podêdo elle vir em pes-
soa, porque os negocios de Lis-
boa nam permitiam jornada
tam comprida a Coimbra, se
resolveo em mandar seu filho
morgado Dom Ioam Tello de
Meneses, que foy, por seu valor,
& honra, hum dos benemerit-
os fôgeitos, que houve neste
Reyno, em quanto viveo; foy
embaixador em Castella, & pre-
sidente do paço em Portugal,
commendador d'Azinhaga, &
da Idanha, & de outras commê-
das da ordem de Christo; &
senhor de Aveiras: & nem per-
deo da singular opiniam, que
com todos tinha, por acabar a
vida com a dignidade de ge-
vernador deste Reyno, quan-
do os governadores seus com-
panheiros entregãram em A-
yamonte esta coroa aos gri-
lhões de Castella, contra seu pa-
recer. Este foy o embaixador, &
agente, que Dom Henrique de
Meneses mandou em seu lugar,
com grande tropa de gente de
pé, & de cavallo, mais pera as-
sombiar, com comitiva de auto-
ridade, que pera se fazer temer,
com animo de violencia, por

lhe

Anno da
Companhia
4-

Dõ Ioam
Tello de
Meneses
vem a Co-
imbra.

lhe parecer que nam seria necessaria algũa força, aonde elle cuidava que, tinha toda a rezam.

5 Chegado a Coimbra, pedio vista, & fala com seu irmam, fazendo mil queixas, & grandes ameaças, pelo pouco respeito, que se guardâra â autoridade de seu pay, em lhe receberem seu filho, tanto contra sua vontade, & brazonando poderes, que trazia, pera lhe darê copia delle. Com facilidade alcançou licença do Reytor pera lhe falar livremente, confiado no valor, & animo do novo soldado, & nas armas da divina graça, com que o tinha prevenido. E como a causa do irmam Dom Rodrigo era tam identica com a do irmam Dom Gonçalo, & as circumstancias das pessoas tam iguaes, & semelhâtes, todas as bateiras vieram a dar na mesma força, *de o dissuadir do baixo estado, em que o via, feito por huma parte hum pobre cozinheiro, & por outra desfeito, em tudo, da autoridade de neto de seus avós, & filho de seus pays: cometer huma loucura, sem conselho de hum dos mais honrados pays, que Portugal sustentava: deixar Religioens conhecidas, por huma tam mal avaliada, de gente idiota, & estrangeira, vinda de partes contagiosas. E quando, irmam da minha alma, dizia Dom Ioam Tello, vos nam movam estas efficazes rezoens, nam vos mostreis tam alheo*

Ioam
ello quer
rsuadir
seu ir-
am, que
ahya da
panhia.

da humanidade, que desprezeis as lastimas, com que fica chorando huma illustrissima mãy, que vos pario, & vos traz nas mininas de seus olhos, entre as lagrimas, que por vós derrama com perpetuas saudades. Isto dizia Dom Ioam; & pera dar mayor pezo á força de suas palavras, lhe acrescentou a efficacia de suas lagrimas; porque estas, como bem disse o outro, ^a sam muy eloquentes, & quando parecem mais brandas, entam sam mais violentas.

Ovid. lib. 3. de
Pont. el. 1.
Interdū lachry
mæ pondera
vocis habent.

6 Com muy pouco gosto assistia o irmam Dom Rodrigo a estes rezoados de seu irmam; mas tambem, como homem, que era de branda, & generosa condiçam, nam podia deixar de se enternecer, com ver as lagrimas, posto que nam fazia caso de ouvir as rezoões. E porque nam queria mostrar nem esta minima sombra de fraqueza, & estava já cansado de ouvir ao irmam, & desejava de se apartar delle, lhe disse, que ao outro dia lhe responderia: aceitou D. Ioam Tello as tregoas, parecêdolhe que já o negocio hia em bons termos, & que cedo se declararia a victoria.

7 Acabadas aquellas breves tregoas, & chegado o prazo do seguinte dia, esperava D. Ioam ser tam bem respondido, como cuidava ter bem rezoado. Chega o irmam D. Rodrigo ao lugar do combate: repete

Dom

Repostade
D. Rodri-
go de Me-
nezes a seu
irmam.

^b
Hier. epist. ad
Heliod. Affa-
rim dives est
qui cu Christo
pauper est.

Dom Ioam outra vez as mes-
mas rezoões do dia precedente;
esperando renovar as feridas,
com repetir os golpes; porem o
bom iram se defendeo dos
golpes com destreza, & respon-
deo às rezoens desta maneira.

Nam me espanto, senhor, que nam
subais sentir a suavidade da vida reli-
giosa, porque quem traz os olhos em-
pregados em cousas humanas, mal pôde
empregar os pensamentos em estimar
gostos divinos. Se vós soubesseis a diffe-
rença, que vay de hum a outra cou-
sa, mais estimarieis estes vestidinhos po-
bres, que essas vossas tellas ricas. Sa-
bei, senhor, que debaixo destas despre-
zadas roupas, se criam preciosas joyas,
como debaixo das vossas gallas, se a-
cham abominaveis culpas. O mundo
quer ter a todos em seu serviço, & os
que se passam ao de Deos, dardolhe as
costas, mal lhe pôdem contentar, pois o
desprezam; pelo q nam he muito, q vós,
que ainda andais metido na corte do
mundo, desprezeis os que fogem pera o
deserto da Religiam. Que vos pareça
nesta minha pobreza hum abatido co-
zinheiro, nam me espanto, porque esses
vossos olhos, meu iram, & senhor,
nam tem a vista muy clara, que se vós
bem os abrisseis, saberieis apartar o
precioso do vil, & ficarieis entendendo,
que como diz S. Hieronymo, ^b asás tẽ
de riqueza, quem por amor de Christo
se abraça com a pobreza; que nem os
vestidos çafados fazem as almas des-
prezaveis, nem as sedas preciosas poem
melhor lustre nas almas: visto, como
pobre, que sou, sirvo, como servo, que de-

sejo ser destes meus queridos irmãos,
que nam he rezam que queira eu ser
melhor que meu Capitam, & Senhor,
que se fez voluntario pobre, sendo por
natureza tam rico; & quiz vir pera
servir aos homens, sendo d'antes servi-
do de Anjos.

8 Enganaivos em dizer que
com esta pobreza, que escolhi, afronto
aos pays, de que nasci, que nam tem os
vestidos parentesco com o sangue, nem
sangue bom se perde com os roups ve-
stidos; & se por estes, em que me ve-
des, vós me negardes por iram, nam
me negarà Deos por seu filho. Grave-
mente me magoastes, em me salardes
cõ tam pouco conhecimẽto da Religiam,
que escolhi, sou obrigado a responder a
este ponto, pera que nam pareça, como
dizia S. Hieronymo; ^c contra Rufino,
que calando, confesso os crimes, que lhe
impordes: nam podcis vós ser o juiz,
que hade calificar o muito, que ella
merece, à conta do Vigairo de Christo
na terra está esse cuidado; este a tem
por vezes já approvada, & confirma-
da; & se os tivera por homens sospei-
tos na fẽ, nam se servira delles em mi-
nistérios do governo da Christandade.
Nem lhe tira a perfeiçam haver pou-
co que começou, que essa mesma novi-
dade a faz ser mais fermosa, & lhe
dã a graça, & fermosura, que costu-
mam ter as cousas mais novas; & co-
mo he tam nova, nam he muito ser a-
inda menos conhecida, que mal pôde
hum criatura, que está no berço, ser
já conhecida na praça: quanto mais
que eu sô busco viver desconhecido no
mundo, por me saberm o nome no cõo.

9 Bem vejo as Religioens, que
há em Portugal, a quera a antigui-
dade faz veneraveis, a sciencia insig-
nes, & a sanctidade respeitadas:
mas nam chegariam ao auge da ef-
fimaçam, em que as vemos, senam ti-
vessem começado com os principios,
em que se viram: a agoa, quanto mais
junto da fonte, em que nasce, tanto he
mais cristalina, & pura; na fonte to-
mo a agoa, & em seu berço logro desta
minha muy prezada Religiam; nella
estimára ter nascido, nella me quizer
ter criado, pera nella, pera sempre,
servir a meu creador. Por onde, se-
nhor, nam tem este negocio mais que
responder, nesta Religiam busquei a
cruz de Christo, nella me heyde cru-
cificar com o bom I E S U, até a
morte; nella vivo com gosto singular;
& muito mayor fora, se assim, co-
mo sois meu irmam por natureza, so-
seis tambem meu companheiro no es-
pirito: nam vos pareça grande faça-
nha deixardes as esperanças, de hum
morgado rico, por ganhardes a segun-
dança de huma vida eterna.

10 Muy comprida pare-
cia já a Dom Ioam a préga-
gãçam do irmam Dom Rodri-
go, & muy encontradas suas
pretensões, querendo Dom
Ioam levar a Lisboa, pera seu
pay, aquem o queria deixar em
Coimbra, pera a Religiam: em
resoluçam o rezoado foy fei-
to com tal efficacia, que Dom
Ioam deo o negocio por con-
cluido, despedindose de seu

irmam, & muito mais da vi-
ctoria: voltou a Lisboa, foy
muy mal recebido de seu pay,
por lhe nam trazer a seu ir-
mam, tachandoo de homem
peia pouco, pois se viera sem
elle; ao que Dom Ioam lhe
respondeo: Nam fiz eu, senhor,
tam pouco em me voltar pera ca-
sa, & nam ficar com meu ir-
mam, porque tões foram as pala-
vras, que me disse, & tões as re-
zoens, que me deo, que em lugar
de o trazer pera o mundo, corri
muito risco de elle me levar pera a
Religiam. Desta maneira ven-
ceo o irmam Dom Rodrigo ef-
te combate, que Deos nosso
Senhor muitas vezes, em seus
sanctos permite haver peleijas,
pera lhes ver lograr victorias.

CAPITULO XXIX.

*De outros combates, que teve
o irmam Dom Rodrigo; de
sua sancta vida; & bema-
venturada morte.*

1 **P**Assadas estas tor-
tas, estando o céo já
mais sereno, tratou o
Reitor de mǎdar ao irmam D.
Rodrigo a peregrinar a nossa
Senhora de Guadalupe (que
desta maneira se provavam, &
ensayavam os noviços na-

quelle tempo) cahiolhe por companheiro o irmam Manoel Godinho ; religioso de grande exemplo , & muita mortificaçam , de quem já arràs falamos . No mesmo tempo sahiram outros muitos a peregrinar por varias partes, segundo nosso instituto : daqui tomaram occasiam os seculares (porque sempre cuidam o peor dos religiosos) pera dizerem , que nascia esta separaçam mais de paixoens , & de bandos , que de estatutos , & costumes ; que já desta traça usauam antigamente os gentios contra a Igreja, como se queixa Tertuliano, capeando falsidades , pera fingir afrontas ; despintando verdades , pera introduzir mentiras.

^a
Tert. Apolog.
c. 7. Ne tūquidē,
cū aliquis
verē asserit, si-
ne mendacij
velo est; de-
trahēs, ac mu-
tans de veri-
tate.

2 . E como o irmam Dom Rodrigo tinha muitos, que de fóra o observavam, tanto que o viram sahir de casa, cuidaram que o tinham seguro, como a soldado tomado fóra da fortaleza . Alcançou o entre Seras , & Tomar, hum escudeiro de seu pay Dom Henrique, o qual lhe trazia huma carta de sua mãy Dona Brites de Vilhena, com ordem pera lhe dar todo o necessario , & o levar a Lisboa com toda a autoridade, supondo, que ella sabia as defunioens , que houvera no Collegio de Coimbra,

entre tantos de varias naçoens, & já que todos se sahiam pera onde queriam, que quizesse elle hir a casa de sua mãy, pera onde o chamavam. Leo o irmam Dom Rodrigo a carta , & com boas palavras despedio ao escudeiro : porem elle (que se queria mostrar muy zeloso no serviço de seus amos) os foy seguindo até Tomar; & vendo que se foram agasalhar ao hospital da villa, appellidou o juiz da terra , pera com autoridade de braço secular obrigar o peregrino a tomar o caminho pera Lisboa ; tendo disso noticia os dous noviços , se sahiram logo , pera se passarem a Tancos , deu com elles já no barco o escudeiro , acompanhado com as justiças da terra , & logo o juiz lhe fez huma fala muy cortés, persuadindoo , que obedecesse a seu pay : Respondeo o irmam, que elle era subdito da Religiam, & obedecia a seus superiores, & assim que havia de continuar sua peregrinaçam; mandou o juiz fazer disto auto, & deu a sua diligencia por feita; nam assim o escudeiro , que se quiz mostrar mais constante , & pegando do irmam o nam largava ; até que corrido de tratar assim o filho de seu senhor, lhe disse, que o largaria , com tanto que lhe dèsse

*Fazê
ça ao
mam
Rodrig
pera a
xara a
ligiam.*

dêsse reposta à carta de sua mãy ; a isto o obrigou o irman Manoel Godinho , o que elle logo fez com a carta seguinte , que me pareceo pôr aqui letra por letra , como a achei escrita , & a guardáram seus pays , como reliquia de muita estima.

REPOSTA DE Dom Rodrigo pera D. Brites de Vilhena sua mãy.

3 **A** Graça , & consolaçam do Espirito sancto visite , & more sempre na alma de vossa Senhoria. O falso rumor , que moveo a V. S. a me escrever , de se despoar o nosso Collegio de Coimbra , por causa dos bandos , & pelejas , tirou o demonio , pay da mentira , por meyo dos murmuradores , da extraordinaria devaçam , com que muitos de nossos irmãos sahiram este veram a peregrinar a diversos lugares sanctos , pera exercicio de humildade , mortificaçam , & pobreza : estes sam os bandos , & pelejas , que entre nós há , contendermos com humna sancta competencia , quem será mais humilde , mais pobre , mais devoto , & mais crucificado. Nam sey como V. S. tam facilmente deo ouvidos a tam clara falsidade , nem como de mim , posto que peccador , creio tal fraqueza , como era estar eu posto em deixar a Deos , & a Religiam. Bastava

a criaçam , que V. S. me deo , pera com a divina graça nam cometer tal fraqueza : mas o que mais me corta he nam a ter V. S. por tal , nem ter por afronta minha inconstancia ; sendo assim , que se eu na guerra desemparrara a estancia , que me cabia pera defender , fazendo pe atrás , & vivendo as costas , sem falta V. S. se correra de fillos tam covarde , & como esse , me nam virá mais dos olhos , nem nomeára por filho..

4 Pois como cabe em peito tam christam , & generoso , a covardia , que ante o mundo nam sofrera , procurar , que eu a cometa diante de Deos : Como quer vossa senhoria , que vi e as costas a Deos , & fuja pera o mundo ? & desempare os arrayaes da Religiam , em que Deos me poz ? Como me manda , sopena de sua bençam , que faça o que , se eu fizer , sercy digno de todas as maldiçoens . Mandame buscar , com estrondos , & forçás , tomadome os portos , salteandome nos caminhos , a fim de me tirar da Religiam , havendo de fazer mayores esfremos , pera eu me nam sahir della. Nam sey a que attribua isto , senam a meus peccados , & ingratidam ; que pois eu nam dou ao Senhor as devidas graças , por tam alta merce , justo he que meus pays a nam conheçam , & hajam mais por acoite , & desventura , que por honra , julgando por deshõra meu desengano , buscandome , como perdido , quando mais que nunca estou ganhado , chorandome por morto , quando comeco a viver com Deos.

5 Grande magoa he pera vim ver ,

que a mayor alegria minha cause a vossa Senhoria accidentes de tristeza, De sorte que pera U. S. ser alegre, he forçado ser eu triste, pois poem sua consolaçam no que nam pòde ser, sem eu ficar pera sempre desconso- lido: ò caro remedio, difficulosa cura! pois forçadamente ha de ser tanto à custa de minha salvaçam. Quanto mais, que se vossa Senhoria, com me ver fóra da Companhia, espera ser alegre, enganada está; porque pri- uado eu de tam grande bem, como nũ- ca terei gosto, assim o nam poderei dar a outrem, nem V. S. telo de mim, salvo se minha pena lhe ficasse em contenta- mento. Veja, senhora, o que empre- de, & contra quem se poem. Olhe que o bom IESV, de sua cruz com os bra- ços, & coraçam aberto, me chama pe- ra a Religiam: a elle acodì, com elle me abracei, por elle desejo ser crucificado. Veja, senhora, o desprimor, que come- te, em me querer tirar dos braços de tam alto, & amoroso Redemptor: elle me chama pera a Companhia, V. S. pera o mudo; elle pera trabalhos, U. S. pera mimos, & regalos; elle pera procu- rar a salvaçam das almas, V. Senho- ria pera arriscar a minha: veja a qual he rezam que acuda, & se devo ou- vir a quem da Companhia de meu doce IESV me quer tirar? O amor natural, que cega a vossa Senhoria em parte a desculpa, & faz que nam entenda ser erro, & injuria, que faz ao bõ IESV, a qual espero, que muito cedo conheça, & com muitas lagrimas chore.

6 Por remate quero dar a U. S.

hum remedio pera nunca me ter ausen- te, ameme, senhora, como filho, que gerou pera Deos, & nam pera sy, faça esta offerta nas mãos do Senhor, das quaes recebeo todo o bem, que tem: de infinitas graças á summa bondade, por se querer servir de cousa tam inhabil, & indigna, como eu sou; nam me busque nas creatu- ras, senam no creador, & nelle sempre me terá presente. Busque- me na cruz de Christo, que ali, nas suas chagas preciosissimas, comigo a- chará morada: ali, em seu lado sa- cratissimo, verdadeiro descanso, & alegria: se aqui, senhora, me buscase, quam proveitosamente me acharia, com quanto mayor conso- laçam me veria, do que hoje se desconso- la de me ter ausente. Mal em- prega em mim tam continuas la- grimas de saudades, empregueas no benignissimo IESV, por seu a- mor crucificado; por este, senhora, suspire, a elle converta seus affec- tos, & lagrimas, nelle me ame & busque, & terá segura posse, & perfeita consolaçam.

7 Atèqui esta admiravel carta, tam chea de avisos sanc- tos, tam devota, tam espiri- tual; bem mostrou este di- toso irmam o muito, que a- proveitou no pouco tempo, que tinha da Religiam. De tam evidentes mostras de espi- rito, em tam tenros principios, bem se pòde cuidar, que cref- cendo o espirito com o tempo,

viria

viria a ser hum grande sancto, & huma das mais illustres plantas deste novo jardim. Porem os juizos divinos sam muy occultos, & como o Propheta^b lhe chamou, sam abismos profundissimos: nem hã, como escreve Sam Paulo, ° quem possa entre os homens alcançar os pensamentos de Deos. Quando esta bella flor estava mais em flor, & cõ as esperanças mais brilhantes, no apontar da primavera de seus primeiros annos na Companhia, entam foy Deos N. S. servido de o transplantar pera o ceo, entrando em o numero daquellas flores, de que fala a Escritura, a que tãoque appareceram, & brotaram, logo desaparecẽrã, & se cortãram. Nam foram mais que sinco os annos, que teve de vida na Cõpanhia, parecẽdo digno de a ter sempre eterna. Morreo em fim em Lisboa (aõde tinha vindo pera se ordenar de ordens sacras) por causa de hum accidente de dores tam crueis, que em sinco dias lhe concluíram a vida, & lhe fabricãram huma illustre coroa de paciencia. Conhecendo a morte, mandou chamar ao Padre mestre Simam, & o recebeo com palavras de grande affecto, pedindolhe a bençã, depois de lhe beijar a mam; & despedindose delle, cõ suavissimas mostras de muy

filial amor. Perguntoulhe o Padre se tinha algũa cousa em sua consciencia, que lhe dẽsse pena, respondeo que, pela bondade de Deos, nenhuma, mas que sua reverencia o absolvesse plenariamente, conforme as indulgencias da Companhia. Logo pedio o viatico, & a unçã, que recebeo com entranhaveis mostras de consolaçã: & abraçouse com hum crucifixo; finalmente abrindo os olhos, & pondoos no Padre mestre Simam (como em gratificaçã de lhe dever o bem, que esperava naquella hora) cõ hũa notavel demonstraçã de alegria, deo a alma a Deos a 9. de Agosto de 1548. cujo remate aqui logo apõtei, posto q̃ succedeo algũs annos ao diante, porque, como tenho advertido, ainda q̃ vou seguindo os annos, mais trato de dar noticia das pessoas, q̃ de me atar aos tempos.

CAPITVLO XXX.

Do sentimento, que houve da morte deste irman D. Rodrigo de Meneses, & das boas partes com que Deos o dotou.

I **F**Oy tal o exterior, cõ q̃ ficou depois de morto o irman D. Rodrigo, que bem mostrava aquelle

Qual ficou o irman D. Rodrigo depois de morto.

alegre rosto o estado de sua dita alma: em vida represetava hũ Anjo nas feições, & nas perfeições; cõ q̃ a natureza, em competencia da graça, o dotou; & ainda depois de morto parecia que estava vivo: da maneira que hũa bella rosa, ou hũa branca açucena, se acerta de ser cortada, ou com o arado do lavrador, ou pela mam do jardineiro; posto que fica sem vida (pois já sua mãy, a terra, lhe nam dá alento, nem lhe ministra forças) com tudo (como o outro b̃ dizia) por algum tempo conserva a viveza da cor, & mostra a mesma suavidade do cheiro: tal ficou aquella bella flor, que já estava morta, mas ainda parecia viva. Cujã saudosa lembrança foy de muita estima a todos os Padres, que o conhecêram, & tratâram; & entre outros o Padre Luis da Gram, que foy Reitor de Coimbra, & dahi mandado pera Provincial ao Brazil, fez grandes diligencias pera levar consigo algũs ossos (como reliquias deste bemaventurado irmam) & em effeito os levou; porque estando elle em Lisboa, se abriu a sua sepultura, pera nella recolherem o Padre Micer Ioam, que morreo em S. Antam. E o famoso prégador o Padre Francisco Estrada, de quem logo falarémos, ouvindo em Valhedolid a morte deste

tam virtuoso irmam, que em Portugal conhecia, escreveu hũa carta aos irmaõs do Collegio de Coimbra, que, por ser breve, & mostrar o estilo, & affecto deste insigne prégador, me pareço por aqui, da maneira, que está no cartorio de Coimbra.

2 La gracia, y paz de Christo nuestro Señor crezca siempre en nuestras animas, Amen. La semana pasada recebi cartas de allá, con que aqui dimos gracias al Señor, entendiendo por ellas el dichoso transito de nuestro muy buen hermano Don Rodrigo de Meneses. Mucho nos devemos todos alegrar, porque, aunque tengamos un hermano menos en la tierra, Dios tiene un hijo más en el cielo. Diminuyó el numero desse Colegio, mas acrecentó el numero de los Colegiales del cielo. No se lee bien la Theologia en la tierra, y el suela aprender en el cielo. Temia de cantar missa, y por se ordenar de más buen Obispo, passosse adonde le halló, ya hecho sacerdote celebra por nosotros cada dia muchas vezes, lo que acá no podia hazer. O bendito el Señor, que tan liberal es en hazer mercedes: era Don Rodrigo flaco, y hale hecho fuerte; era enfermo, y le hizo sano; era estudiante, hale hecho magstro; era sugeto, y hale hecho libre, y tanto más libre, quanto más el por amor de Dios se sugetó. O Don Rodrigo, agora sabeis que tal es la mutacion de la mano del muy alto, agora experimentais que el, que se humilla, será exaltado. Agora entendis quan bienaventurados sean los pa-

a
Virg. AEn. 9.
Purpureus velum cum flos
fascifus aratro
languescit moriens,

b
Virg. AEn. 11.
Cum neq; fulgor
adhuc, necdã
sua forma recessit:
Non iam mater
alio tellus, viresque ministrat, &c.

Carta
P. Francisco
co de E
trada, f
bre a mo
te do i
mam L
Rodrigo.

bres de espiritu, pues dellos es el Reyno del cielo, que posséis: aora comceis quanto es el valor de la obediencia, que más vale obedecer, que sacrificar.

3 O Dios, que pagas adelantado a los que te sirven, y prepienes con bendiciones de tu dulçura a los que por ti trabajaron! porque eres tan adelantado a pagar a tus obreros, antes que acaben su jornada? Mucho tiempo aun pensava Don Rodrigo que le quedava de trabajar en su tierra, porque, Señor, le llamaste al medio dia de su mocedad para le pagar? hizistelo por ventura, Señor, porque el ya desfallecia en el trabajo? no. Hizistelo, porque turbava sus compañeros? no. Pues porque, Señor, lo hiziste? Quia cōsumatus in brevi, implevit tēpora multa, placita enim erat mihi anima illius. Pues así es, hermanos míos, trabajemos en este breve tiempo, que tenemos complir muchos tiempos, y hazer muchos tiempos, y hazer tanto en poco tiempo, como los negligentes en mucho: uno andando poco a poco, gastará un año en poco camino, y otro en una semana acabará a buen andar. No vimos que caminava Don Rodrigo, mas en aver tan presto llegado a la posada, podemos conocer que antes bolava, que corria: y esto entendieron los que conocian sus desseos, y quantas vezes el dizia, ^d Quis dabit mihi pennas sicut columbæ, & volabo, & requiescam. Bien sabemos todos, que, mientras vivió, bolava muy a menudo, como paxaro al ramo verde de la cruz, mas despues no se contentó con tan pequeño buelo, quiso bolar, como

aguila, allá donde estava el cuerpo, que fue quitar de la cruz, Iesu Christo, que en ella murió: y quien en la muere a Don Rodrigo favoreció, nos favorezca en la vida, porque con su favor, bien viviendo, no ay que tener temor en ella, donde se coge el fructo de los buenos trabajos. Ea pues, hermanos míos, con nuevas fuerças, comencemos desde aora a trabajar, porque como fuimos compañeros de Don Rodrigo en la tierra, lo mereçamos tambien ser suyos en el cielo. Amen. De Valladolid 12. de Setiembre de 1548.

Francisco Estrada.

4 Nam he muito ser tam sentida a morte deste tam exemplar irmam, pois, por sua muita virtude, foy sempre tam querido, & tam estimado em vida: do qual, ainda hoje, vivem entre nós muy illustres exemplos de sua paciencia, mortificaçam, modestia, mansidam, & obediencia; na qual foy tam exemplar, que vindo o P. M. Simam (pouco depois de sua entrada) ao Collegio de Coimbra, elle foy dos primeiros, que, á imitação dos Padres do ermo, alcançou licença pera alternadamente ás semanas, dar obediencia a varios, que tivessem cuidado de o mortificar em tudo, aos quaes o feryoroso irmam obedecia, ao minimo aceno, com alegre prontidam em todas as cousas, por mais difficultosas, & repugnantes que fossem. Bem alcançou

Virtudes
do irmam
D. Rodrigo.

Anno de
Christo de
1543.

Trata o
P. M. Si-
mam de
provar ao
irmam D.
Rodrigo.

Cassia. Collar.
19. in princip.

o P. M. Simam o muito, que Deos tinha communicado a Dom Rodrigo, & quam aparelhado era pera nos deixar nesta provincia hum singular exemplo de sofrimento; & assim determinou com hum modo extraordinario (que só alcança quem tem semelhante luz do cêo) manifestarnos sua heroica paciencia, & humildade, com semelhante espirito ao de Sam Sam Paulo Abbade do deserto de Scythia, que, segundo conta Cassiano, em huma junta de innumeraveis monges, assentados de doze em doze, em hum pateo do convento, querendo mostrar a todos a singular paciencia de hum monge (mancebo na idade, mas anciam na virtude) lhe mandou dar em presença de todos huma grande bofetada, que foy ouvida de todo aquelle religioso ajuntamento, porem mais foy a edificação de quem a deo por obediencia, & muito mais o exemplo de quem a levou por humildade; louvando todos o sancto intento do Abbade, & a singular paciencia do discipulo.

5 A imitação deste caso nos quiz o Padre mestre Simam deixar no Collegio de Coimbra outro semelhante exemplo da virtude, que conhecia no irmam Dom Rodrigo de Meneses: pera este effeito mandou a

hum irmam (a quem naquella semana o irmam Dom Rodrigo mandava, & mortificava) q̃ tanto que o dito irmam Dom Rodrigo, em presença de muitos, lhe mandasse alguma cousa, lhe dresse huma bofetada. Succedeo, pois, que, estando os irmaos todos juntos, mandou D. Rodrigo, com toda a innocencia, ao que tinha esta ordem, que beijasse o cham; o qual pondo os olhos na obediencia, a quem respeitava, & nam em a natureza, que isto repugnava, respondeo ao irmam Dom Rodrigo com huma bofetada, que se foy bem mandada, foy ainda melhor executada: nam esperava o irmam Dom Rodrigo semelhante reposta, mas elle a recebeo com tal serenidade de rosto, com tal mansidam, & exterior composiçam, sem mudar cores, nem dar hum minimo final de perturbaçam, como se naquella hora lesse o successo do Abbade Paulo, ou entam ouvisse a Christo prégando que quando nos dêssem hũa bofetada, aparassemos a face pera receber outra, porque nam respeitava a afronta, que lhe faziam, senam ao Senhor, por amor de quem a sofria. Isto succedeo em Coimbra.

6 Outro exemplo nos deixou de sua cega obediencia em Lisboa, estando no Collegio de S. Antam, que sendo de gentil,

& ama-

Anno
Cpank
4.

Exemp.
de hum
dade do
mam i
Rodrigo

f
Luc. c. 6, n.
Quite per
ferit in max
illā, prbe ill
& alteram.

Obedi
do irman
D. Rodrig
go.

& amavel aspecto, quiz hum dia passar pela afronta, com que os filhos de Hēnon injuriaram os embaixadores del Rey David, cortandolhe ametade das barbas por desprezo. Estava elle nas mãos do barbeiro, com o cabello da barba meyo feito: deramlhe a cafo hum recado da parte do superior, que o chamava, pera hir fazer certo negocio; & sem mais discursar (porque o verdadeiro obediente fecha os olhos, & nam admitte discursos) se levāto, acodindo ao aceno da obediencia, & pera fazer o negocio, que lhe estava ordenado, andando por diante de todos, naquella forma, tanto mais ayroso, quanto mais obediente; porque elle nam olhava quam bem parecia, mas quam bem obedecia.

7 Foy muy querido, & muy amado de todos, por sua grande affabilidade, & admiravel brandura, & o P.M. Simam lhe tinha grande amor, & lhe escrevia particulares avisos, & conselhos espirituaes, como se pôde ver em huma carta, que achei do mesmo Padre, pera este devoto irmam, escrita em 3. de Dezēbro de 1544. na qual, entre outras cousas, lhe diz assim. O entranhavel amor, que em o Senhor vos tenho, me faz desejar ver-vos unido com Christo, prezo das cadeas de sua charidade, & apacentado de seus olhos, & recreado com a agoa

de suas fontes; com a uniam de Iorachas com David vos amo em o Senhor, & desejo sejais em seu amor fervente, pera que nam entibieis; circumspecto, pera que vos nam canseis com estremos indiscretos; invencivel, pera que os trabalhos, & doutrina de Christo vos nam espantem. Amai docemente a cruz, como a fim suavissimo, & alvo de vossos desejos; sejados doce Christo, pera que firmemente, & sem mudança, estejais nelle, sem nunca vos apartar, pois o mysterio da cruz aos que se perdem, he loucura, mas aos que se salvam he virtude de Deos. Por isso gostai de o amar, pera que vos seja doce o Senhor, porque os que sam levados pelo espirito de Deos, eses sam seus filhos, & desprezadores dos falsos contentamentos deste mundo.

8 Muitas outras boas partes havia neste irmam, pera ser de todos muy prezado, porque nam sò a graça o adornou com tâtas graças sobrenaturaes, mas tambem a natureza, parece que à porfia, se poz com mais desuelo a enriquecelo de seus melhores favores: o exterior era de hum anjo, a condiçam de cera, pera tudo o que era virtude, o engenho raro, a graça no falar admiravel, a memoria traordinaria: assistio huma vez a hum fermam, que fez o reverendissimo frey Ioam Soares, famoso prégador daquelles tempos, honra da sagrada Religiam de sancto Agostinho, mandoulhe o P.M. Simam, que sobisse em a

Insignes
talentos
deste ir-
mam D.
Rodrigo.

cadei-

Reg. c. 10.
4. Tullitita-
is Hannon
vros David,
istiq; dimidia
urtem barba
rum.

arta do
M. Si-
am pera
irmam
D. Rodri-
o,

Anno de
Christo de
1543.

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Cpanhia
4.

cadeira do refeitório, & repetisse o sermão; elle o fez, com tal graça, & tal imitação do pregador, que os ouvintes igualmente se admiraram do milagre da memoria, & da felicidade na pronuncia; & com hum aprazível engano, vendo a Dom Rodrigo de Menezes, cuidavam q̃ ouviam ao P. frey Ioam Soares. Peçamos a Deos nosso Senhor, que nos dê muito de seu espirito, pera que saibamos imitar os grandes exemplos, que este irmaão nos deu em vida, & nos deixou por morte. E nós agora tornemos à ordem dos annos, & digamos do P. M. Simam.

CAPITVLO XXXI.

Ocupase o Padre mestre Simam em Lisboa no proveito dos proximos, & vay pela festa do Natal a visitar o Collegio de Coimbra; & dos grandes proveitos, que se seguiam destas suas visitas.

*Côverte-se
em Lisboa
hũ embaixador da
India, por
meio do
P. M. Simam.*

IM quanto os habitantes do Collegio de Coimbra, passavam com a edificação, & exemplo, que temos visto, & o Padre mestre Simam continuava com a

edificação, q̃ dissemos: succedeo em Lisboa a conversão de hũ embaixador da India; era este hum illustre Asiático, mandado por embaixador a Portugal, pera tratar negocios de grande importância, mas muy esquecido do principal, que era o de sua salvação. Muito estimava el-Rey as boas partes deste homem, mas muito sentia faltarlhe a melhor de todas, qual he o lume da fé, estando, como gentio, sepultado ainda nas trevas de suas ignorancias. Tal era o zelo do christianissimo Principe, que lhe doia muito ver de dentro em sua corte a hum gẽtio fóra do baptismo, quando lho mandava ministrar em terras tam remontadas. Encommedou o ao Padre mestre Simam, pera que por sua via alcançasse o bem, que lhe faltava. Muito estimou o Padre esta occasião, pera executar em Lisboa, o que tanto desejava de hir exercitar em Goa: visitou ao embaixador em sua casa, & ficou tam seu amigo, que lhe pagava a visita em sancto Antam. Favoreceo Deos os desejos del-Rey, ajudou á industria do Padre, & acodio á cegueira do gentio; o qual se baptizou, depois de muy bem instruido pelo Padre, com grandes festas da corte, & com melhores applausos do cẽo.

2 Nam era menor o zelo, que o P. M. Simam punha em

procurar o bem das almas dos Lisboaenses, nam sò no paço, aonde assistia, como sancto, mas em toda a cidade, aonde procedia, como Apostolo: prégava muitas vezes; fazia praticas pelas praças, visitava os hospitaes, acodindo aos pobres, & procedendo como companheiro tam particular daquelle grande Padre S. Ignacio: ardia em zelo do bem das almas; morria tambem por morrer por ellas. Via que viera de Roma por primogenito missionario da India, assim na nomeaçam, como na partida pera Portugal; & posto que perdeu a viagem, nunca se lhe acabaram os desejos, & cada dia se augmentavam as sanctas envejas a seu muy querido irmao S. Francisco de Xavier, o qual, porque lhe conhecia estes fervores, pera o consolar, & entreter com estas esperanças, estando pera partirse da India pera a China, lhe escreveo estas palavras: *Irmam, mestre Simam, se nosso Senhor for servido de agora se manifestar entre gente tam discreta, & engenhosa, parece que nam deveis deixar de vir à China cumprir vossos sanctos desejos; se Deos là me levar, eu vos escreverei da disposiçam da terra; tanto desejo tenho de vos ver, irmao meu mestre Simam, antes de acabar esta vida, que sempre ando cuidando, como poderer effeetuar estes meus desejos, &c.* Os mesmos trazia sempre o P. M. Simam, & como se

via impossibilitado pera buscar a conversam das almas na India, alegravase com qualquer occasiam destas em Portugal.

3 Este sancto zelo, que sentia e n sy, tratava de intimar nos subditos, que governava. Hum avilo tinha dado em o Collegio de Coimbra, que era regra inviolavel; que todo o que tratasse com gente de fóra, se ao tempo de jantar nam tivesse exhortado alguem a melhor vida, com lembranças da salvaçam de sua alma, nam jantrasse sem primeiro hir dar conta desta falta ao superior, & sem lhe pedir primeiro licença pera hir à mesa; que já S. Paulo punha semelhante pena aos christãos de Thessalonica, *Qui non vult operari, non manducet*, como se nam merecesse a sustentaçam pera o corpo, aquelle que primeiro nam buscava o pasto pera as almas; imitando nisto aquelle Senhor, ^b que dizia, que o seu mantimento, era cumprir a divina vontade de seu eterno Padre, em buscar os peccadores, & em salvar as almas. Ordenava que as missoens se fizessem a pé, sò com hum bordam na mam, os papeis aos hō-bros, & com o Breviario debaixo do braço; & que as poufadas fossem nos hospitaes.

4 Todos os seus cuidados neste tempo, era o seu muy prezado Collegio de Coimbra,

Christo de
1543.

sentia grandemente verſe repartido com o corpo em Lisboa, & com o coração em Coimbra; deſejando de eſtar todo por preſença, aonde vivia todo por amor. Nam queria porem ſua Alteza, que elle faltáſſe à ſua occupação de meſtre do Principe; mas ſempre lhe dava licença, pera, nas feſtas do Natal, & em outras ſemelhan-tes, hir aſſiſtir naquelle Collegio; chegavaſe o fim deſte anno de 1543. foyle a Coimbra a paſſar o tempo devotiſſimo do Natal, com ſeus muy queridos irmãos. Nam ſe pôde crer o alvoroço com que era recebido em Coimbra, neſtas ſuas tam deſejadas viſitas; acertando huma vez de chegar, eſtando na primeira meſa (em tempo, em que já os ſubditos paſſavam de cento) ſabendoſe no refeitório, nam ficou peſſoa alguma nelle, que nam acodiſſe à portaria, eſtimando mais, & preſtandolhe melhor o goſto de o ver, que o ſabor do que comiam: tal era a benevolencia deſte bom prelado, & tal era o amor de tam bons ſubditos.

Como era
feſtejado
no Colie-
gio.

6 A devação, com que paſſaram aquella ſancta noite do Natal, os ardores, & jubilos eſpirituaes, com que aquellas devotas almas ſe abrazavam em amor do bello menino de Bethlem, os devotiſſimos colloquios ao preſepio, as juntas, &

compridos ſêroens, gaſtados em praticas ſanctas, & em affectuoſas jaculatorias ao menino, ſò as pôde entender quem, ainda no tempo d'agora, aſiſte naquellas noites em o Collegio de Coimbra; aonde parece que em particular ſe vê cõprida a prophesia de Ioel, ° que naquelle tempo, diz, haviam os montes de eſtillar doçura, & os outeiros correr ſuavidade; taes ſam as divinas vonſolaçoens, taes as delicias eſpirituaes, comque o cêo liberal ſe coſtuma communicar neſte tempo aos habitadores daquelle ſancto Collegio; tudo teve ſua origem neſta primeira viſita, que o P.M. Simam pelo Natal fez aos irmãos de Coimbra; & a continuação ſe deve muy eſpecialmente áquelle grãde meſtre de noviços, devotiſſimo varã, & pay univerſal de toda eſta provincia o Padre Diogo Monteiro, de cujas heroicas virtudes ſe falarã em ſeu tempo.

6 Grandes eram os proveitos, que recreſciam aos irmãos de Coimbra com eſtas viſitas de ſeu muy querido pay, & prelado. Ajuntavaos todos muitas vezes na capella, fazia-lhes praticas eſpirituaes, & daqui teve principio o ſancto coſtume das praticas, que todas as ſemanas ſe fazem em Coimbra a toda a comunidade jũta na capella. Os principaes

a
c. 4. n. 32.

ade u-
am nos
igiosos
Collegio
Coim-
t.

e
Rem. 10.
2. Non est
indio Iu-
& Gizci,

pontos, que encomendava a
seus subditos, eram (conforme
acho escrito) q̃ guardassem en-
tre sy tam grande uniã, que
se podesse dizer, que no Col-
legio de Coimbra nam havia
mais que, *a Cor unum, & a-*
nima una; & na verdade es-
te amor, & esta uniã he
humã das graças particula-
res, com que Deos nos con-
serva, & porque o mundo nos
estima: em quanto na Com-
panhia houver esta sancta u-
niformidade, sempre serã au-
torizada pelos homens, &
favorecida de Deos. Nam
hã peste mais contagiosa nas
Religioens, do quẽ a defuni-
ã de animos, & a diver-
sidade de vontades; no cẽo
se perdẽram os anjos, por se
defuniem em pareceres; na
terra se perdem os religiosos,
por se dividirem em paixoens.
He bẽçam deste sancto Colle-
gio viverem nelle todos como
irmaõs muy unidos. E muito se-
rà de estranhar faltarmos em
algũ tẽpo neste grãde bẽ. Nam
hã, dizia S. Paulo, * distinçã
diante de Deos, de Hebreo, nem
de Grego, porq̃ o Senhor de to-
dos he hũ sò. Nam basta a di-
versidade das terras, pera intro-
duzir contrariedade de affeio-
ẽs; os nossos primeiros dez Pa-
dres eram diversos nas Provin-
cias, mas unidos nas vôtades; as
lingoas varias, o amor o mesmo;

& por isso sorã tam sãctos, por-
q̃ eram tam cõformes. Seria ma-
teria de grãde escãdalo, que te-
nha paixam pelos da sua terra
quẽ tem por patria ao mundo
todo: pera nòs, dizia S. Gregorio
Naziãz. *toda a terra, & nenhũa*
terra he nossa patria: Nobis omnis
terra, & nulla terra patria sit. q̃ pa-
rece falava cõ os da Cõpanhia,
cujã vocaçã he discorrer pelo
mundo todo. Seria pera chorar,
q̃ houvesse defuniã, por causa
de terras diversas, nos q̃ se criã
pera habitarẽ no mesmo cẽo.

7 A segunda conta, que acho
escrita, q̃ o P. M. Simam muito
encõmendava, era a candera, a
simplicidade, & a verdade nos
subditos, sem dobrezes malici-
osos, & sem invençoens rebu-
çadas; porque entre religiosos,
que professam virtude, se nam
hã sinceridade, nam pôde ha-
ver quietaçã; se há gente re-
folhada, necessariamente hãde
andar a casa perturbada. A
corte do cẽo vio Sam Ioã no
seu Apocalypse, *h* que era toda
muito clara, transparente, co-
mo de crystal: toda a muralha,
& casaria tambem era crystal-
lina: pera nos ensinar, diz S. Ber-
nardo, *i* que na casa de Deos, no
cẽo da Religiam, nam hade ha-
ver resfolho; hã de ser os homẽs
sinceros, & hãde ter as cõsciẽcias
crystallinas. Encõmedava tãbẽ
muito o zeloso Padre a prudẽcia,
& cautela em tratar cõ gẽte de

f
Nazianz. orat.
28. n. 35.

g
Cõst. p. 3. c. 2.

h
Apoc. c. 31. n.
11. Habetera
claritatẽ Dei,
sicut crystallũ.
Et n. 18. civi-
tes aurũ mũdũ
simile viro
mundo.

i
Bern. serm. de
triplici bono.
Vultut per vi-
tutũ lucidissimẽ
videmus, sic
aliorũ cõsciẽ-
cias clarissimẽ
videantur.

Christo de
I 543.

Gen. c. 3. à n.
1.

Pureza, q
desejava
na Compa
nhia.

m
2. ad Cor. c. 10
n. 3. In carne
ambulantes nō
secūdum car-
nē militamus.

n
Apoc. c. 21. n.
17. Nō intrabit
in eam aliquid
coinquinatū.
&c.

fóra ; & que assim como a per-
da do mundo ¹ todo succedeo
por huma mal advertida con-
fiança, assim muitas vezes o
religioso, & ainda a mesma
Religiam, se pôde vir a per-
der, por haver neste parti-
cular liberdades defacautela-
das.

8 Nam acabaua de en-
carecer o muito, que desejava
nos filhos da Companhia hu-
ma pureza de anjos, de ma-
neira, que, como diz o Apō-
tolo, ^m sendo formados de
carne, parecessemos transfor-
mados em espirito ; & dizia,
que quem nam era fiel a
Deos nesta singular virtude,
nam permitia elle, que per-
severasse na Companhia, por-
que nesta sua cidade feita de
ouro limpissimo, & de cris-
tal purissimo, nam permitia,
que passasse por ella o imun-
do, ⁿ nem que entrasse nel-
la o enlodado. Sobre tudo
lhes encommendava o entra-
nhavel amor a Christo nosso
Redemptor (porque desta fon-
te manancial nos procede a to-
dos todo o bem) & daqui tam-
bem nasceria a grãde affeição,
que em nós desejava do institu-
to da Companhia, & da pri-
meira vocação, a que Deos nos
trouxe.

9 E pera que estas sanctas
praticas passassem de boas pa-
lavras a melhores obras, em

huma noite de Natal, estando
toda a comunidade junta,
lhes ordenou, que nenhum se
movesse do lugar em que esta-
va assentado ; & logo, quie-
tos todos, se levantou, & poz
no meyo da casa de joelhos,
& disse com grande affecto,
& lagrimas, assim suas, co-
mo dos presentes, que elle
se sentia muy necessitado de
favores do cœo, & que por
suas oraçoens esperava alcan-
çalos : & que era homem so-
geito a errar em muitas cou-
sas, como em effeito errava ;
& que assim pedia a todos, pe-
lo sanctissimo nascimento do
menino I E S V, que naquel-
le lugar, ainda que publico,
ou em particular, como mais
quizessem, o avizassem de tu-
do, em que entendessem exce-
dia nos officios, que tinha, &
nos cargos, que exercitava, dos
quaes havia de dar a Deos ef-
treita conta ; & que tanto ma-
is obrigado ficaria à chãrida-
de de quem com liberdade, &
confiança, lhe fizesse esta lem-
brança, quanto era mayor
a necessidade, que elle tinha
destes tam desejados avisos ; &
apos isto beijou os pés a todos,
prostrado de joelhos. Expectacu-
lo foy este, q nã podia deixar de
fazer grãde abalo em todo aq-
le religioso auditorio ; & tal foy
o silêcio, & reverência, cō q todos
se reportaram, q se os coraçõe

se

Anno

Copanh
4.

Exemp
de humi-
dade. q
deo o P.
Simam.

se vissem, & se as lagrimas fálassem, ellas sòs poderiam declarar os affectos, que causou tam humilde açcam, & os abalos, que fez tam insigne exemplo: confessando todos, que nunca melhor praticára, que com aquellas breves palavras, porque na verdade, á vista da persuaçam do exemplo humilde, fica desapparecendo a eloquencia das pregaçoens doutas. Sòs sete palavras disse Christo Senhor nosso na cruz, mas estas montàram mais, que os largos sermoens, que fazia no monte aos Apostolos, & da barca ás turbas; porque como norou Arnaldo, o exemplo da paciencia supria a falta das palavras, recopilando em breve por obra, o que d'antes ensinava prègando: *Quia iter longum fuerat per praecepta, ventum est ad compendiosum, & efficax per exemplum*; que na verdade com as pregaçoens se rodèa, & pelo exemplo se atalha.

10 Com tães praticas, & muito mais com tães exemplos era notavel ofervor, com que todos nam sòmente corriam, mas voàvam no caminho da perfeiçam. A òraçam em todos era continua, a penitencia trasordinaria; & a mortificaçam propria, & desprezo do mudo tam grande, que os mais autorizados do Collegio, por

sangue, & por letras, como eram os irmãos Dom Gonçalo da Sylveira, Dom Rodrigo de Meneses; o irmam Antonio de Quadros, os Padres Melchior Nunes Barreto, Antonio Gomes, ambos doutores, Melchior Carneiro, que depois foy Bispo de Nicèa, o Padre Luis da Gràm, que foy Provincial do Brazil, hiam em corpo, vestidos muy pobrememente, com recados à cidade; outras vezes hiam com o carro do Collegio, pera trazer agoa pera casa, ou com o macho, trazendo o necessario pera a communidade; & vinham mais satisfeitos deste seu tam autorizado disfarfe, quando mais gente achavam, que os conhecia, porque entam se tinham por mais honrados pera com Christo, quando se viam mais aviltados entre os homens. Todos estes proveitos lhes vinham aos irmãos do Collegio de Coimbra, com as sanctas visitas, & com as praticas do

Padre mestre Simam.



CAPITVLO XXXII.

*Tratase da vinda do Padre
Pedro Fabro a Portugal, mã-
da este diante doze escolhidos
sogeitos, entre elles o irmao
Francisco Estrada, insigne
prêgador; entram mui-
tos na Companhia
mouidos com se-
us sermões.*

NOtavel era o aug-
mento, em que hia
cada dia o Collegio
de Coimbra em numero, &
qualidade de sogeitos; no prin-
cipio deste anno de 1544. lhe
entraram doze muy escolhidos,
mandados pelo Padre Pedro Fa-
bro (que foy hum dos primei-
ros Padres companheiros de
nosso glorioso Patriarcha) o
qual sendo em o seguir o pri-
meiro, a nenhum na sanctidade
foy segundo, porque foy homê
de tam rara prudencia, & admi-
ravel virtude, que nam faltou
quê o igualasse a S. Ignacio, que
pera nós he o mayor louvor, q
lhe podemos attribuir. Houve
rezoens de grande considera-
çam, pera este insigne varão
haver de vir a Portugal, como
logo apontarei. Estava neste tẽ-
po acertado já o casamento da

Vide Ori. li. 3.
hist. n. 7. Mag-
na profectio
laus ut Fabro
propet exquet
Ignatius.

serenissima Infante Dona Ma-
ria, filha del Rey Dòm Ioam,
com seu primo irmao o Princi-
pe Dom Philippe, filho do Em-
perador Carlos V. Tratava o
serenissimo Rey nam menos da
autoridade de sua casa, que do
acrescentamento da Companhia;
& pera que com a infante sua
filha, entrasse juntamente em
Castella a Companhia (coufa q
nosso sancto Padre muito dese-
java) tratou com o P. M. Simam,
que lhe alcacasse do S. Patriar-
cha Ignacio dous Padres dos
nove primeiros, pera q, cõ titulo
de acõpanhãrê a infante, dila-
tasse a Companhia por Hespanha.
Tal era o amor, q nos tinha este
piedosissimo Principe, q na mes-
ma balança trazia a honra da
filha, & o augmento da Cõpa-
nhia. Escreveo logo, & ordenou
a seu embaixador, q lhe pedisse
dous, e ao menos hũ dos nove, a-
põtado ê particular ao P. Pedro
Fabro, ou ao P. Diogo Laines, e
q viesse em sua cõpanhia os Pa-
dres Ioam d' Aragam, & Alvaro
Affonso, q o anno atrás tinham
entrado na Companhia, movidos
do sãcto exêplo do P. Pedro Fa-
bro, & sendo capellaes das in-
fantes D. Maria, & D. Ioanna,
filhas do Emperador Carlos
quinto.

2 Com toda a boa vôtade
tratou logo o S. Padre de dar
â execuçam o q pedia o serenif-
simo Rey. Porê, por q o P. Pedro

Fabro

Anno
Cõpan
5.
Trata
Rey d
dar p
dres a
panhi
Castel
a Prim
D. Ma

Vide Ori
lib. 4. a. n.

ovense
uitos a
trar na
panhia
o exem
o do P.
abro.

ada diã
e nove in
gnos fo-
eitos.

Fabro andava por Alemanha, em cōpanhia do Nuncio Ioam Poggio (q̃ depois foy Cardeal) em negocios de grãdissima importãcia, lhe nam foy possível ao Nuncio largar por entam ao P. Fabro. Como os negocios derã lugar, cō ordẽ particular de sua Sãctidade, se veyo o Padre Pedro Fabro a Lovaina, pera dali se partir a Portugal. Tãto q̃ naquella Vniversidade de Lovaina appareceo aquelle apostolico varã, & viram os Academicos o raro exẽplo de sua pessoa, & soubẽram, que vinha a Portugal, foram muitos os que pediram entrar na Companhia, & seguilo naquella peregrinaçã. Tratou elle de receber algũs mais escolhidos, pera trazer subsidio ao Padre mestre Simam; & porque nam podia ainda acompanhalos, recebeu sò nove, escolhidos dos niuitos, que pretendiam entrar, os quaes mandou diante a o Padre mestre Simam, no principio deste anno de mil & quinhentos & quarenta & quatro. Eram estes Pedro Fabro de Halles, Bacharel em theologia, & bom prégador; Mestre Hermes Boen, conego, & lente de ethicas; Mestre Diogo Loostio, lente de dialectica, & rhetorica; Mestre Ioam Coulhono, varã muy douto, lente de Grego, que depois foy ao Cõcilio Tridentino por Theologo

do serenissimo Principe de Bavaria; Leonardo Cheselio, Mestre Maximiliano Capella, Daniel Donderamunda, Cornellio Vistavõ, Thomas Poghio; todos nove pareciam escolhidos entre os nove choros dos anjos; nãcebos todos na flor da idade, & na primavera de suas bẽ fundadas esperãças: todos eram dotados de bellissima indole, nobres por sangue, & de muy excellẽtes letras, & tães finalmẽte que podiam competir com os primeiros nove cōpanheiros de nosso glorioso P. S. Ignacio.

3 Mandou mais o Padre Fabro com estes nove, que ali recebeo, outros trẽs, que jã trazia consigo, o Padre Micer Ioam Aragonés, de quem falarẽmos adiante; Andrẽ de Oviedo, pessoa jã muy estimada naquelle tempo, & ao diante fez obras de sancto (como veremos no quinto livro desta historia) sendo Patriarcha de Ethiopia, sobre o Egypto: o terceiro foy o irmam Francisco Estrada, recebido por nosso sancto Padre Ignacio em Italia, voltando pera Roma de Monte Cassino (aonde vira entrar na gloria a alma do Padre Hozes seu companheiro) querendo Deos recompensar a falta do q̃ o Padre entã dẽra pera o cẽo, cõ o provimento do que logo lhe deo pera a Religiam. Foy o irmam Frãcisco Estrada dos ra-

Manda
mais tres
excellẽte
varões.

Christo de
1544.

Francisco
Estrada
insigne
pregador.

b
Iavena. fac. 10
Quē miraban-
tur AEthenz.
Torrentem &
pleni moderā-
tē irāna thea-
tri.

ros, & insignes fogueitos, q teve a Companhia, & tam ditoso, que hindo de Hespanha a Napoles, a professar as armas, pera por meyo dellas alcançar honra, veyo primeiro a entrar na milicia de Christo, pera nella grãgear a salvaçam: encontrou no caminho, a hum tam destro capitam, como era S. Ignacio, o qual às duas palavras o fez rēder, & militar debaixo de sua bandeira. Era Francisco Estrada mancebo de grandes talentos, & excellentes partes, naturalmente modesto, muito habil, muy avisado, & de tanta graça no falar, & efficacia no persuadir, que como outro Demosthenes, no theatro de Athenas, parece que tinha na mam as redeas, pera mover os animos, & render as vontades. Em Lovaina se perfeiçoou tanto em virtude, & letras, que, nam sendo sacerdote, & ouvindo ainda philosophia, já prégava aos estudātes, & doutores daquella Vniuersidade, na principal freguesia de S. Miguel, com tam notavel applauso, & com tam raro sucesso, que confessavam os nove companheiros, que elle os movera a hir pedir a Companhia ao Padre Pero Fabro, que aonde o espirito sobeja, nunca as letras fazem falta. Este he aquelle famoso prégador, tam conhecido em muitas partes de Europa, em Sena, em Monte

Policiano, em Brexa, & suas comarcas, & nas uniuersidades de Paris, Louaina, & Coimbra: nas cortes de Portugal, de Hespanha, de Roma, & em outras muitas partes, que ditosas logram seus grandes talentos, & se aproveitaram de seus raros exēplos: foy provincial do Reyno de Aragam, sucedendo ao P.M. Simam.

4 Ao diante veremos grãdes provas do insigne talento deste notavel irmam, nam he pequena a conversam do Conego Ioam da Beira; chegaram os doze companheiros (que pareciam huns doze Apostolos) á cidade da Corunha em Galliza, aonde, em desembarcando, os levou, & agasalhou em sua casa hum homem nobre, & virtuoso, levado da modestia, que nelles vio, achandose a caso na marinha, ao tempo que desembarcavam. Concorrēram muitos da cidade a sua casa, movidos da novidade dos hospedes nunca vistos: vendo o irmam Estrada esta boa occasiam, como quem nenhuma perdia no ganho das almas; lhes começou a falar de Deos, com tam notavel espirito, com tanta força de eloquencia, & com tal pezo de rezões, que hum nobre prebendado naquella Sē, pessoa de muito respeito, sacerdote muy autorizado, conego bem afazēdado, no mesmo dia ao mundo

deo

Anno da
Copanhia
5.

Vêse cō o
nove ir-
mãos o co-
nego Ioan-
da Beira.

Anno de
Christo de
1544.

Anno da
Companhia
5.

Joam da
Beira in-
fignemif-
ionario.

02. c. 12. n. 19
Ecce totus
mundus abit
post eum.

deo de mam, & a Christo entregou a vontade, com tam viva resolução, que havendo ao outro dia de partirse, & vindo hum dos doze companheiros muy fraco, & debilitado, lhe deo a sua mulla, & elle se veyo com os mais caminhando a pé. Grande foy a consolaçam dos doze companheiros, por empolgarem no caminho em tal preza; & ainda fora mayor se previssem de quanta honra de Deos, & proveito das almas ao diante foy na Companhia este conego (que se chamava o Padre Ioam da Beira) porque foy hum dos insignes varoës, que desta provincia foram pera a India, de cujas heroicas virtudes, & inflammado zelo da salvação das almas, tem muito que contar a chronica da India, aonde parece que o mundo todo hia apos elle, como do Senhor, diziam em Ierusalem, bautizou Reys em Maluco, cõverteo muitos gentios, & foy hũ dos melhores fogeitos, que sulcaram as ondas do Oceano, por transplantar as almas ao cẽo.

5 Da Corunha, por lhes ficar perto, foram visitar o corpo do senhor Sanctiago a Compostella; & logo tomaram seu caminho direito pera Coimbra: aonde entam se achava o P.M. Simam, o qual tendo noticia desta nova infantaria do cẽo, que lhe vinha de refresco, & sa-

bendo, que caminhavam a pé, & com grandes incommodidades, como tam exercitado em semelhantes penalidades, lhes mandou ao caminho subsidio de cavalgadas, & refresco de mantimento; & vindo já mais perto, mandou irmãos, que os fossem receber ao caminho fóra da cidade, aonde chegaram aos 19. de Abril, deste anno, de que himos falando de 1544. Neste mesmo dia foy logo recebido na Companhia o Padre Ioam da Beira; & assim entraram no Collegio de Coimbra treze fogeitos de novo; nem se pòde facilmete declarar a grãde consolaçam, que houve comtaes hospedes, & a grande satisfação, com que elles davam por bem empregada sua entrada na Companhia, & sua comprida peregrinação, vendo o espirito, & o procedimento dos Padres, & irmãos do novo Collegio, cuja fama os trazia de tam longe, & cuja vista muito mais os animava ao perto.

6 Nam pode o fogo estar encuberto, & no mesmo ponto, em que o vemos sahir, & apparecer, logo o vemos luzir, & queimar; tal foy o inflammado zelo do irmão Francisco Estrada, escaçamente chegou a Coimbra, & logo na Vniversidade se sentiram os flammantes raios de seu espirito abrazado; começou a sahir nos pulpitos

He logo recebido o conego Ioam da Beira.

Anno de
Christo de
1543.

Grãdeta-
lêto do P.
Francisco
Estrada.

d
Act. c. 6. n. 15.
Viderūt faciē
eius tamquam
faciē angeli.

Chryf. ho. 15.
Hoc dico ut
causam prop-
ter qui passi
sunt illi con-
fessionari.

este apostolico prégador, man-
cebo na idade, mas muy madu-
ro no juizo, & em quē largamē-
te cāpeavam os animos sobre os
annos; concorria a terra toda a
seus sermoens, & nam era me-
nor o gosto de o ver, que a sa-
tisfaçam de o ouvir; era notavel
sua composiçam no pulpito, ra-
ra sua modestia, aprazivel sua
acçam, a voz muy clara, parecia
de prata fina. Quando na prê-
gaçam se acendia em algum
passo da Escriptura, era tanta a
efficacia de suas rezoens, tal a
explicativa de seus affectos, que
até no rosto por fóra resplande-
cente, brotava o fogo da alma
inflammada, parecendo ao au-
ditorio, que viam a face de hum
anjo, qual antigamente a face
de S. Esteuam, a quando com
os rayos de sua celestial doutri-
na fulminava abrazado, contra
Iudaicos enganos: que por is-
so quer Sam Ioam Chrysostom-
o, que tiveram os Iudeos so-
frimento de o ouvir como prê-
gador, porque elle tinha a gra-
ça de apparecer como anjo.

7 O copioso fructo, que se
colhia, mostrava bem o talento
do prégador; eram muitos os
que vinham tomar os exerci-
cios de S. Ignacio, muitos os que
fugiam do mundo, & se reco-
lhiam ao sagrado das Religio-
ens; notaveis as mudanças de
vida: eram tãtos os que vinham
pedir a Companhia, que foy

necessario fazer escolha, nam
querêdo admitir senam os mais
aventajados em boas partes; de-
stes, em muy breve espaço, fo-
ram recebidos doze na Com-
panhia, dos melhores da Uni-
versidade, & que ao diante fo-
ram das principaes columnas de-
ste novo edificio: estes foram o
Padre Frãcisco Vieira, natural
da villa d'Arruda, homem de
muita virtude, & prudencia, que
depois de ser por muitos annos
superior dos nossos, que residia
em S. Antam, foy à India, & da-
hi passou a Maluco, aõde depois
de muy gloriosos trabalhos san-
ctamente acabou, na cõversam
dos gentios. O segundo foy o
Padre Frãcisco Péres, semelha-
te ao primeiro na vida sancta,
que fez em Portugal, & na via-
gem pelo bem das almas, que
fez ao Oriente. O terceiro foy
o Padre Miguel Botelho, equal
chamado a Roma por nosso sã-
cto Padre, ficou prégado, & tra-
balhando em Italia. O quarto
foy o Padre Diogo Vieira, na-
tural da Ilha da Madeira, pes-
soa muy nobre, & que logo em
seus principios deo mostras do
grãde thesouro de virtudes, que
em sua alma se guardava, por-
que acertando o Padre Reitor
do Collegio mādarlhe por cer-
ta occasiam, que se fosse encõ-
mendar a Decs à capella, & nam
advertindo em lhe gizar, ou li-
mitar o tempo; este bom obe-

diente

Anno da
Companhia
4.

Entrã en
Coimbra
doze ex-
cellentes
fogeitos a
os sermões
do Padre
Estrada.

Obediência
cega do P.
Diogo Vi-
eira.

diente acodio logo à oraçam, tam esquecido de sy, quam lembrado da obediencia cega: detevese o restante do dia orando, veyo a noite, continuou huma, & outra hora, tangeram à comunidade, & elle ainda continuava, dando à alma o pasto espiritual da oraçam; tangeram depois ao exame, & a se recolherem, & o bom irnam em oraçam na capella, aonde levou a noite toda, sem pregar olho: atè que, ao outro dia, advertio o superior em seu esquecimento, & chegando à capella o achou em oraçam, apostado a continuar até o avizarê, da parte do superior, que podia acabar, sem advertir na inadvertência do superior, & que sua vontade seria que acabasse a devaçam; porque o verdadeiro religioso, em semelhantes casos, sabe obedecer, mas nam costuma discorrer.

8 Seguiose logo nestes, que entraram movidos dos sermoens do irnam Francisco Estrada, o Padre Balthezar Nunes, que, naquelles principios do Collegio de Coimbra, lançou profundas raizes de humildade, fazendo, por muito tempo, o officio de enfermeiro do Collegio, na qual occupaçam o hia Deos adêstrando, pera curar as almas da gentilidade na India, como ao diante fez com singular zelo. O bom exemplo de-

stes cinco seguiram logo outros, como foy o Padre Ioam Dicio, de naçam Flamengo, que sendo doutor na sagrada theologia, nam se envergonhou de se fazer ouvinte do irnam Estrada, que entam começava a ser theologo: este bom Padre viveo depois com muito exemplo no Collegio de Coimbra, & nelle acabou sanctamente. O septimo foy o Padre Valeriano Mendes, natural da Ilha da Madeira, varam de grande zelo da salvaçam das almas, como adiante veremos. Entraram logo na Cõpanhia quatro, q foram nella tam bem logrados, que vi eram a ser Provinciaes, posto que em partes muy distantes, aonde o amor da salvaçam das almas os dividio no corpo, mas nam os apartou no espirito; estes foram os grandes servos do Senhor, Iorge Serram, natural de Lisboa, que veyo a ser Provincial em Portugal, doutor em theologia, & o primeiro cathedratico de prima em a Universidade d'Evora, de que foy muitos annos cancellario, & reitor, como tambem o foy de Coimbra, & do supremo concelho da Inquisiçam, de cujas heroicas virtudes, & angelica pureza falaremos em seu lugar. O outro, o Padre Manoel de Nóbrega, sobrinho do chãçeller mór, Provincial que foy no Brazil; do qual largamente falaremos no

Entram
quatro, q
forã Pro-
vinciaes.

Anno de
Christo de
1544.

166

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
5.

livro terceiro. A este seguio o padre Gonçalo Vaz de Mello, natural de Lisboa (filho de Antonio de Mello) fidalgo de grandes esperanças, & que na Vniversidade se tratava com muito regalo, por ser de muy delicada compreição; mas, em entrando na Religiam, se mudou de maneira, que só tratou de se mortificar, foy provincial desta Provincia, & neste officio morreo, como veremos adiante.

*Entra o
P. Antonio de Quadros, insigne fogeito.*

9 Entrou logo, na Companhia, o muito insigne varão Antonio de Quadros, que também foy Provincial na India; era natural de Sanctarem, muy nobre (& iram do illustissimo Dom Manoel de Quadros Bispo da Guarda) do qual, em particular, falarémos ao diante. Pouco depois de admitido na Companhia, sendo d'antes muy conhecido na Vniversidade, sahio hum dia com hum cantaro ás costas a huma fonte bem distante do Collegio, a que chamam a fonte do Bispo, vestido pobrementem em hum roupam velho de cacheira Irlandeza, à vista de todos; & nestas, & semelhantes mortificaçoens foy muy exercitado. No anno de 1555. se partio pera a India, aonde leo philosophia, & theologia, & explicou as constituições de nosso sancto Padre, & finalmente foy Provincial muitos annos: & foram suas obras

tam excellentes, que demãdam muitos capitulos, nós ao diante falarémos outra vez delle no anno de 1555. em q se embarcou pera a India.

10 Entrou neste anno, & por esta occasiam, muido dos sermoens do iram Francisco Estrada, & do exemplo dos nossos, o iram Antonio Moniz, cujos successos pedem capitulo particular.

CAPITVLO XXXIII.

Da entrada do iram Antonio Moniz; da tentação, que teue, com que fugio da Companhia; & de como tornou a entrar.

1 ENTRE os doze, que nesta occasiam entraram na Companhia, foy hum delles o iram Antonio Moniz, muy estimado na Vniversidade, por suas excellentes partes, pelo illustre sangue de sua antiga fidalguia dos Monizes: era iram mais moço de Febo Moniz, hum dos quatro sumilheres, & dos mais validos del Rey Dom Sebastiam, filhos legitimos de Ieronymo Moniz, reposteiro mór del Rey Dom Manoel, & de Dona Violante da Sylva, filha de Ioam de Saldanha, veador da casa da Rai-

nha

raça, q
sou o dia
o pera tẽ
ar o ir-
am An-
onio Mo-
iz.

eu. 3. n. 6.
aryl. ibi. Ad
scendū bo-
i est lignum,
quo tanta
rmofitas &c.

nha Dona Maria, molher do dito Rey Dom Manoel. Nam podia o commum inimigo ver tam bem logradas converfoens de mancebos tam nobres, em Religiam tam sancta; & como dos doze Apostolos tirou hum pera o inferno, assim destes doze quiz levar hum pera o mundo. Veremos a traça, com que lhe armou a tetaçam: he estylo do diabo, com fermosa apparecia de fóra, encobrir fealdades, que estam dentro, como nota S. Ioam Chrysostomo, que fez a nossa mãy Eva^a no Paraíso terreal, a quem enganou com a fermosura do pomo, & com a graça de sua vista. Desta invençam quiz uzar com o irmam Antonio Moniz, meteolhe em cabeça, que lhe nam convinha a vida na Companhia, & que procurasse buscar outra, aonde tratasse menos com homens, & se retirasse mais com Deos. Fez o diabo seus tiros huma, & muitas vezes, aos quaes, como soldado bizonho, hia rendendo as armas o irmam Antonio Moniz; começou aconselhar-se cõsigo (esquecido de quam fraco conselheiro he hum homẽ em suas cousas, quando o cega a paixam, & quando o persuade o diabo) tratava de sahir-se da Companhia, pera viver retirado, & fugindo da gente, em cõtinuas peregrinaçoens, & romarias; como se estas o houves-

sem de sanctificar; & como se houvesse de achar a Deos pelos caminhos, quando o deixava em sua casa. Via-se aqui bem o que diz o Spirito sancto,^b que hã caminhos, que parece vao direitos à vida, & no cabo levam à morte.

2 Soube o Padre mestre Simam desta grave tentaçam do pobre irmam, via bem, como sollicito pastor, quam defencaminhada hia esta sua querida ovelha; & nam se esquecendo das semelhantes tentaçoes, que padecera em Italia, cõpadecia-se das que via naquelle seu subdito em Portugal: applicava, como bom medico; todos os bons remedios, porem estes a-proveitam pouco, quando o mesmo enfermo se quer curar por sua cabeça. Aquietou-se cõ tudo o tentado irmam por algum tempo; mas logo tornou a fogueitar-se á tentaçam; que o diabo nunca cessa de nos perseguir, nem quando perde o campo vencido, nem quando leva a palma vencedor, como do Cõsul Marcello dizia antigamente Annibal; & muito melhor se vio esta verdade, nas porfiadas tetaçoens, ^d qõ tẽtador repertia ao mesmo Christo no deserto. Tornava a instar o irmam huma, & muitas vezes com propostas, cõ rogos, & com importunaçoens, que o deixasse hir viver a seu modo, & conforme seu espirito;

& quan-

^b
Prov. c. 14. n. 12. Est via quæ videtur homini iusta, novissima autem deducit ad mortem.

^c
Manut. Apop. verbo Annibal. n. 27. Rẽ sibi esse cõ hoste, qui nec victus, nec victor non cer quiescere.
^d
Mat. e. 4. à n. 1.

Christo de
1544.Escreve o
P. M. Si-
mam ao
irmam
Antonio
Moniz.

& quando vio que este cami-
nho nada montava, pera conse-
guir seus intentos, meteo por
terceiro a seu iram Febos
Moniz, que seguia a corte, & cõ
grandes instancias requeria ao
Padre mestre Simam, que lhe
largasse seu iram, pois o nam
chamava Deos pera a Com-
panhia: & deviam ser bem
grandes as importunações des-
te fidalgo, como bem se colli-
ge dos fragmentos de hũa carta
do P. M. Simam, escrita d'Evora
pera este iram, que aqui po-
rei, pera que se veja sua grande
charidade, & celestial pruden-
cia. *Nam vos dem paixam, diz,
meus trabalhos, porque eu os hey por
bem empregados, por quem os ha de
pagar por usura. Os que eutire com
vosso iram, foram poucos, & ou-
tros muito mayores em quantidade, &
qualidade, sendo o Senhor servido, da-
qui lhe offereço por vós, & lhe peço,
que todas vossas desconfortações ponha
em meu corpo, & as tire de vossa al-
ma, pera que possais ver, & sentir a
suavidade, & descanso, que está em hũ
se entregar de todo a Christo. Nam
cureis de recolher em vossa alma ou-
tras cousas, senam as que vam por obe-
diencia; nem vos pareça, que as cousas
de espirito se alcançam na Religiam
sem ella. Nam haveis de achar a un-
ção do Spirito sancto, sem primeiro
morrerdes a vós mesmo, & a vossos
appetites. Ainda depois de morto de
quatro dias, vos haveis de provar, &
fazer experiencia, se estais morto, ou*

vivo. *Nam queirais buscar tanto a
quietação do espirito, porque aonde
cuidais achar quietação, & socego,
acharvosheis de todo inquieto, & de-
fassocegado, porque, segundo avisa o
sábio, Est via, quæ videtur homi-
ni recta, novissima autem illius
sunt tenebræ, & coluber tortu-
osus. Cuidareis, que his por estrada
Coimbrã, & direita, & acharvosheis
às escuras, em betesgas, & rodeos, sem
salida, implicadas com mil voltas, &
gyros, como cobra retorcida, sem saber
atinar por onde hides, nem donde vin-
des, &c.*

3 Nada bastaram tam pa-
ternaes avisos pera desenganar
a Antonio Moniz, guiado por
suas fantasticas imaginações,
& apparencias de vida mais me-
ritoria, se a passasse em peregrina-
ções. Emfim elle se resolveo
a sahir-se do Collegio de Coim-
bra, sem licença do Padre me-
stre Simam (que a tanto chegou
sua cegueira) sahe o illuso pe-
regrino da casa de seu pay, muy
contente, por se ver livre, pera
dispor sua vida a seu modo, &
pera começar suas romagens:
resolve-se em ser a primeira a
Sanctiago de Galliza: escaça-
mente poz os pés ao caminho
quando se lhe abriram os olhos:
na alma, & o sobresalteou o ar-
rependimento de sua loucura
(que assim costuma succeder, aos
que deixam a Religiam, aonde
Deos os chamou, que logo se
arrependem, mas tarde tem o

remedio)

Anno d
Cpanhi
5.Foge do
Collegio
de Coim-
bra o ir-
mam An-
tonio Mo-
niz.

remedio) Recorrêdo á oraçam, achava nella huma cõfusam de pensamêtos perturbados, hũs enxames de phãtalinas desbaratados, & encõtrados hũs cõ os outros, hum tropel de discursos anciosos; sem luz; que o guiãsse, & sem ordẽ, q̃ o governãsse: via-se metido em hũ intricado labyrintho de irresoluçoens confusas, cheo de caminhos cegos, a que nam podia achar sahida, & sem fio, que o guiãsse, pera o poder desfandar: achou-se com trevas no entendimento, durezas na vontade, securas na alma, agudos remorsos na consciencia, perigosos balanços no coraçam affligido, duvidosas esperanças da salvaçam; que todos estestrabalhosos combates começou a experimentar o pobre mancebo, logo no principio de suas desejudas peregrinações.

4 A estas afflicções da alma tambem ajudavam as descommodidades do corpo, via-se em terras alheas, na força do inverno, & por caminhos desfabrigados, & frios; com chuvas, nevês, mãos gasalhados; & muito mayor pena lhe dava o inverno, interior de malêconicas nuvens; tudo feito huma tormentosa cerraçam, cõ que, no meyo do dia claro, se achava desemparrado em noite escura. Lembrava-se da

deslealdade, com que tratãra a Deos, & a seus servos, aos quaes devendo tam primorosas correspondencias, virãra as costas, & fugira de hum pay, que tanto o amava, & de huns irmaõs, que tanto lhe queriam. Entre estes apertos, & angustias da alma, se buscava o cẽo pera algum alivio, achavao cerrado a tudo o que fosse cõsolaçam. Picavao hũa força interior, que cõ instancia lhe bradava, que voltãsse a buscar arrependido a Côpanhia, q̃ deixãra ingrato; mas punhao e desespeaçam, nam se atrever a ter rosto pera hir buscar cõ confiãça, a quem cõ tanto despejo desprezãra. Tudo isto nos consta por cartas suas.

5 Nesta confusam de pensamentos, se resolveo a tentar a segunda peregrinaçam a nossa Senhora de Monserrate, assim pera ver se lhe succedia melhor que a primeira, como porque esperava de buscar remedio, aonde seu pay Sancto Ignacio o achãra, posto que este viera fugindo do mundo, & elle era fugitivo da Religiam. Aqui, à vista deste oraculo do cẽo, se lhe dobrãram as baterias, & se lhe acrescẽtãram os estímulos da consciência, & as saudades do bem, q̃ deixãra; & já lhe parecia que teria fortaleza, & cõfiança, pera ver-se diante dos

Vay a Mo-
serrate.

Anno de
Christo de
1544.

170

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno
Cõpanh
5.

homẽs arrependido, pois a teve
pera se ausẽtar delles femẽtido:
jã lhe parecia que nam podia
viver fõra da Cõpanhia, pois sò
achava occasiões de morte no
mundo: gritava á Virgẽ Senho-
ra, conhecia seu estado miser-
avel; via que deixãra o mundo,
por buscar a Deos, & que per-
dẽra a Deos, por se buscar a sy.
Nam se lhe offereceo outro
remedio, naquelle sagrado san-
ctuario, senam estender os pas-
fos de sua peregrinaçam, &
buscar a sancta cidade de Ro-
ma, & nella os pès do glorioso
Padre S. Ignacio, pera se lançar
a elles arrependido, em cujas
paternaes entranhas sò espera-
va achar consolaçam; & assim
dizia diante da Virgem de gio-
lhos, como outro filho prodigo,
Surgam, & vadam ad patrẽ meum.*

Luc. c. 15. n.
19.

Partefe a
Roma.

6 Com esta resoluçam
partio pera Roma, na mayor in-
cõmodidade do tempo, no prin-
cipio de Dezembro, a pé, com
chuvas, & neves dos mõtes da
Catalunha, & por toda a Pro-
ença de França, salto de to-
do o abrigo, & com summa po-
breza, sendo de natureza muy
delicada. De puros rigores, ca-
hio enfermo na cidade de Avi-
nham em França, por espaço
de dous meses, em hum hospi-
tal: convallecido o peregrino,
chega a Roma, entre milhares
de trabalhos, & misérias, em ha-
bito de pobre romeiro, vestido

de pano grosseiro, com hum pé
calçado, & outro descalço; que
assim costuma Deos muitas ve-
zes castigar loucuras de mãe-
bos, q̃ deixam a Religiam. Foy
demandar o hospital de S. An-
nio, gasalhado de peregrinos, &
pobres Portugueses; & corrido
de apparecer, naquelle estado,
diante do sancto Padre Ignacio,
pareceolhe, que mais confiada
falaria huma carta, q̃ lhe escre-
veo desta maneira.

7 Sintome tam culpado, que nam
sou digno de apparecer diante de V. P.
nem de ver o rosto a pay, a quem tan-
to offendi, senam, como peccador, por
letra, em espelho, & por enigma, dan-
do conta a V. P. como sou chegado a
esta terra, pera dar a obediencia, que
hã tantos dias tenho usurpada; porque
vendome por esse mundo triste, & de-
semparado, tornando sobre mim, com
grande magoa, & dor de minha alma,
& nam sabendo aonde me hir, disse co-
mo outro filho prodigo, *Surgã, & ibo
ad patrẽ meũ.* Por amor de nosso Se-
nhor, que V. P. use comigo de sua costu-
mada piedade, dandome licença pera q̃,
depois de tãtos trabalhos, a possa ver, q̃
se ella nã terei rosto pera o poder fazer,
por q̃, como diz o Propheta, Timor, &
tremor venerũt super me, & cõ-
texerũt me tenebrẽ. O mais guar-
do pera quãdo me vir na desejada pre-
sença de V. P. se algũa hora o alcãçar,
q̃ ainda isto nã sey, como de perturbado
soabe escrever. Fico neste hospital de S.
Antonio, esperãdo misericordia, indigno
de nome de filho, & ainda de jornaleiro.

Escreveu
S. Ignac.

Pl. 54. n. 6

8 Grande compaixam teve o sancto Padre Ignacio, dos trabalhos desta sua ovelha desgarrada; & geralmente se magoaram todos os Padres da casa, edificados da força de seu arrependimento. Nam pareceo com tudo ao sancto Padre usar de facilidade no perdam; mandou ao ministro da casa, que entam era o Padre Bertholamèo Ferram, Portuguès, que lhe dèsse o necessario, porrem que o nam melhorasse no vestido, pera mayor confusam sua, assim esteve apartado doze dias em penitencia, & lagrimas, choradas com tanta contriçam, que chegou a fazer grandes excessos, entre os quaes foy, que se disciplinou publicamente por Roma, despido da cintura pera cima, & descuberto, derramando grande copia de sangue de seu corpo, & outra mayor de lagrimas de seus olhos, por todo o tempo, que correo as estações, & tratava de continuar, se o sãcto Padre, no dia seguinte, lhe nam mandara dizer, que moderasse os rigores; parou por obediencia, com promessa, q o dia seguinte viria pera casa. Nam podera dar-se nova mais alegre ao desconfolado peregrino; chegou a ver a seu sancto Padre, lançandose a seus pès, com muitas lagrimas, envergonhado, & cor-

rindo de seus desvarios, bradando, como o prodigo, & *Pater peccavi in calum, & coram te, non sum dignus vocari filius tuus.* O sancto o abraçou com paternal benignidade, festejando sua reconciliaçam, com tanto gofio, que pelo dar ao Duque de Gandia Dom Francisco de Borja, lho escreveo, referindo, por menor, as finezas, que fizera, por se tornar à Cõpanhia, o que muito festejaram o Duque, & a Duqueza D. Leonor de Castro, com quẽ o irmam Antonio Moniz tinha muito parentesco.

9 Tinham os trabalhos das romagès, as penitencias, & desgostos, tam quebrantada a cõpreiçam do pobre irmam, que lhe durou muy pouco a vida no sossego, & paz da Companhia: deolhe hũa febre ethica, de que nosso sancto Padre o curou com summa charidade (tam satisfeito ficou de sua penitencia) até que finalmente, com grande quietaçam de sua alma, fez a última peregrinaçam pera o ceo. Mandou o o Sancto sepultar junto à sepultura do Padre Ioam Coduri, hum dos primeiros companheiros; & abrindose a cova, dali a alguns annos, pera sepultarẽ o corpo do insigne varã o P. Pedro Fabro, se achou o do irmam Antonio Moniz inteiro, sã lesam algũa. Permittio Deo,

Doença, & morte do
irmam
Antonio
Moniz.

Anno de
Christo de
1544.

o sucesso desta historia, que aqui temos relatada, pera que por huma parte saibam os religiosos novéis continuar no bem de sua primeira vocaçam, & por outra entendamos quanto Deos estima hum coraçam arrependido, pois nam permitio que entrasse corrupçam na morte, em quem se soube emmendar na vida.

CAPITULO XXXIV.

Da inquiriçam, que por via do Cardeal Infante se tirou, sobre a doutrina do Padre mestre Simam Rodrigues, & sobre os exercicios de

S. Ignacio.

Foram tam valentes os successos dos fermoens do irmao Frãisco Estrada, tam raro, & admiravel o exemplo, que os nossos davam em Coimbra, & abalou tanto a Vniversidade toda a entrada na Companhia de tantos fogueiros, os melhores daquella insigne escola, que em toda ella se vio huma notavel mudança de costumes. Recolhiame muitos a tomar os exercicios espirituales de S. Ignacio, era muy grande a frequencia nos Sacramentos, & o melhora-

mêto das vidas; eram muitos os que, renunciando o mundo, batiam às portas das Religioens. Porê assi como havia muitos, q acodiam às vozes do exêplo dos nossos, & às luzes das inspiraçoẽs de Deos; havia outros, aquem pareciam mal estas conversoẽs dos Academicos; q nũca a virtude deixou de ter perseguidores; nace na mesma fructa o sam, e o podre, o bõ, e o mau, como na arvore, de q fala Moyses, *Eignũq sciẽtia boni, & mali*, porq tãto q o bẽ começa a luzir, logo o mal o pretende escurecer: he estrellada da Igreja, diz Tertuliano, pera que entendam os bons, que andam peregrinos na terra, & por isso tem nella tantos inimigos:

2. Nam vedes, diziam alguns; como estes homens estrangeiros, & sem letras, com suas invençoens, & biocos, levam apos sy a flor dos estudantes, & despovoadam os estudos da gente nobre, & escolhida, em quem a Vniversidade trazia os olhos, & o Reyno punha as esperanças? E os que cã ficam andam todos desgostosos de sy mesmos, esquecidos do estudo, incertos da vida, alheos do mundo, & como gente alienada dos sentidos: & muitos, q nũs conheciãmos inquietos, & terriveis, tãto que tratam cõ elles, logo os vemos brãdos, modestos, & mortaes, sã saberẽ falar, e sã nos quererẽ ouvir. Que cousa he esta, q tam depressa obra em hũ homem, & em hũ momento o transforma em outro? Certamente isto nam pòde ser.

Anno d
Cõpanhi

5.

Gen. 2. n. 9

b
Tert. Apol
Scit se pe
grinã in te
agere, inter
e xtraneos
cile inimic
invenue.

O que
nõs se a
zia nã
n iz cr
dade.

virtude, porque esta consiste em moyo, & nam admite estes extremos tam exorbitantes. Isto deve ser alguma embuste, ou enredo, ou alguim modo da illusam, ou alumbramento; & a graça he, que a tudo querem dar cor de sanctidade, dizendo serem effeitos de certas meditações, a que estes Frãchinos chamam exercicios, aonde, com as portas, & janellas fechadas, dizem que se te muitos sentimentos, muitas visões, & grandes arrebatamentos. Nam se nos criem aqui algus alumbrados, que vivam em trevas de ignorãcia; nam tenhamos nòs aqui algus beatos fingidos, que sejam hereges verdadeiros, que, cõ capa de sanctidade, nos semeem seus erros; que tudo se póde temer de gente estrangeira, que deceo de partes tam inficionadas de heregias: atalhar com tempo he prudencia, porque ao tarde, ainda que às vezes se cura o mal presente, nam se evita o dano passado.

3 Assim falavam entre sy muitos dos mais graves da Vniversidade, aos quaes vivamente ajudavam alguns religiosos, que se prezavam de zelozos; em resoluçam sobre esta materia fizeram grandes papeladas, formando capitulos contra a Companhia, & parecendo-lhe, que teriam boa entrada cõ o Cardeal Infante D. Hêrique, assi pela pouca, q̃ com elle tinha a Cõpanhia, como pelo grande zelo, q̃ tinha nas cousas da fé, lhòs remeteram, acõpanhados de grãdes advertências, & cautelas. Tépos havia que este

Principe desgostava do P. M. Simam, & o trazia d'olho, carregãdo-se de o ver no paço; nam porque lhe descontentãsse a pessoa, mas porque se temia da doutrina; receando, que a tivesse bebida, chea de erros, nas partes de França, Flandes, & Alemanha, por onde tinha andado. Tomou logo o Cardeal o negocio entre mãos, pera de hũa vez saber ao certo os procedimentos, & doutrina da Cõpanhia; porem, como via a muita estima, q̃ el Rey seu irmam, & senhor fazia de nòs, nam se atrevêo a bulir nestas materias, sem primeiro lho fazer a saber; nê se aquietou cõ seu muy catholico zelo, até acabar com sua Alteza, que houvêsse por bem tirar-se huma informaçam sobre os exercicios da Companhia, & sobre a doutrina do Padre mestre Simam, & seus companheiros: veyo nisto o Rey prudentissimo, nam por elle se querer informar do que já entendia, mas pera que se desenganasse o Infante do que ainda nam sabia.

4 Ençarregou-se o negocio desta inquiriçam ao Reitor da Vniversidade, que entam era frey Diogo de Murça, da ordẽ de S. Hieronymo, pessoa de muita autoridade, letras, & virtude, dãdo-lhe as ordens do que havia neste negocio de guardar; & em particular se lhe mandava que, em quanto se

Mandase tirar inquiriçam sobre o procedimento da Companhia.

Infante
Henriq̃
prince
o nam
stou da
panhia.

Anno de
Christo de
1544.

174 Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

fizesse esta diligencia, nem o Padre mestre Simam communicasse com os subditos, nem elles tivessem algum recurso ao mesmo Padre; a que elRey logo mandou aviso (tal era o amor, que nos tinha) dizendolhe, que nam estranhasse aquella diligencia, que permitia fazerse por bons respeito, & que esperava seria pera mayor honra de Deos, & melhor credito da Companhia. Nam ha melhor testemunho do que o da boa consciencia, esta faz muy confiados aos servos de Deos; por merce muy particular de Deos, & delRey teve o P.M. Simam, haverse de tirar a limpo a verdade, & com ella a reputação da Companhia; & com esta lhe pediu outra, que quizesse sua Alteza, que elle estivesse prezo, em quanto se tirava a devassa, pera mayor segurança do negocio, & pera que, achandolhe culpas, podesse logo ser castigado, & estivesse, como reo, seguro, pera a execução da sentença. Edificou-se muito elRey da humildade do Padre, posto que nam aceitou seu offercimento, como quem entendia, que nam merecia ser prezo, quem tinha vida de sancto.

O Reitor da Vniuersidade tirou esta inquirição.

5 Se bem se encomendou a devassa ao muy reverendo fr. Diogo de Murfa, muito melhor foy por elle executada; entrou no Collegio, & ali, com

toda a solennidade, fez autos, perguntou testemunhas, tomou seus depoimentos, com grande diligencia, & recommendações de segredo: foy perguntado aos irmãos, em especial aos que me nos havia tinham entrado, com repugnancia dos parentes, & sentimento de muitos da Vniuersidade: chegaram finalmente ao irmão Dom Rodrigo de Meneses, de quem atrás falamos, & perguntado, pelo Reitor da Vniuersidade, sobre hum capitulo, entre outros, do interrogatorio, se nos exercicios da Companhia tivera alguma visam? Respondeo Dom Rodrigo com grande serenidade, *Si senhor, tive hum grande visam: alvorecou-se o reverendissimo, havendo que tinha descuberta a mina, vay logo por diante, inquire, aperta com Dom Rodrigo, que diga, & deponha sinceramente de tudo o que vira naquelles seus exercicios?* Respondeo o humilde irmão, com grande segurança: *Nam ha, senhor, pera que encubra a visam, que vi; vime, senhor, a mim mesmo, que ategora nam me tinha visto, nem entrado no conhecimento de meus peccados, & de minha propria vileza.*

6 Ficou suspenso o muy reverendo Padre frey Diogo, & de todo atalhado, com tam humilde, & avizada reposta: & com isto deo o auto por concluso, & a devassa por serrada, & se aca-

bru

Anno
Cópia
5.

Acalor
a deva
cõ mu
honra
Cópia

7 Succedeo nesta devassa o que Deos costuma fazer pera mayor hõra de seus servos, que os deixa padecer, pera melhor os autorizar; que a verdade, como diz Seneca, entam fica mais autorizada, quando estã mais debatida: & a fé de Christo nam se queixa de ser examinada, acrecêta a Tertuliano, pera que entam seja melhor conhecida, quando for mais perseguida. Foy este exame de tanta honra da Companhia, & louvor do P. M. Simam, & sua doutrina, que logo amainãram os ventos furiosos das murmurações; & em grande parte depos

8 Este foy o fuceſſo da in-
quiriçam, & devaſſa , que em
Portugal ſe tirou da doutrina
do P.M. Simam, & dos exerci-
cios de noſſo S.P. Ignacio; nam
foy menos venturoſo o que de-
pois ſe tirou em Heſpanha, ſo-
bre os meſmos exercicios, aon-
de, dahi a poucos annos, nam
faltaram algumas peſſoas gra-
ves, & doutas, que, mal informa-
das, quizeram, por palavras, &
eſcritos, cenſurar muitas propo-
ſições deſte celeftial livrinho,
levandoas ao tribunal do São-
Officio . Sentiram muito eſta
perſeguiçam, nam menos os da
Companhia , mas outra muita
gente de grande autoridade,

Infante
Cardeal
veyo a ser
grãde ami-
go da Cõ-
panhia.

Que suce-
deo sobre
olivo dos
exercicios
de S. Iga-
cio.

que

Anno de
Christo de
1544.

176

Anno de
Cóp anho
5.

que em suas almas tinham experimentado os maravilhosos effeitos de tam sanctas meditações. Hum destes foy o Duque de Gandia Dom Francisco de Borja, antes de entrar na Companhia, o qual supplicou humilmente á sanctidade do Papa Paulo III. que, visto o grande fruto, que no mundo se colhia com estes sanctos exercicios, como elle experimentara em sy, & vira em outros, se servisse sua Sanctidade de os mandar examinar; & achando serem de proveito na Igreja de Deos, os approvasse, & autorizasse, pera, sem perigos de contradicções, & calumnias de maldizentes, se poder com elles ajudar a piedade, & devaçam dos Christãos. Inclinado o summo Pontifice a tam piedosas preces, os mādou diligentemente rever, & examinar, pelo eminētissimo Cardeal de Burgos Dom frey Ioam de Toledo, da sagrada ordem de S. Domingos, Bispo, & Inquisidor, & pelo illustrissimo Bispo de Seleucia, & depois dignissimo Arcebispo de Milam Dō Philippe Archinto, que entam era vigairo gèral de Roma, & pelo reverendissimo fr. Egidio Fofcarario, mestre do sacro palacio, tambem da ordem dos sapientissimos, & gravissimos Padres Prêgadores; os quaes, depois de largo, & maduro exame, julgaram a doutrina dos exercicios

por certa, madura, & muy proveitosa ao bem espirital das almas. Tomada esta informaçam, & visto o copioso fruto, que nosso Padre S. Ignacio, & a Companhia, por elle fundada, sem cessar, fazia no mundo, por meyo destes exercicios; a sanctidade do Papa Paulo III. de certa sciencia, approvou, louvou, fortaleceo, & autorizou os ditos exercicios, & documentos espirituaes, & exhorta a todos os fieis Christãos, queiram usar delles, como mais largamente se contem nas letras Apostolicas, que sobre esta materia foram expedidas o ultimo de Julho de 1548. as quaes andam impressas, & annexas no principio do sancto livrinho dos exercicios, & começam, *Pastoralis officij cura.*

CAPITVLO XXXV.

Dãse huma breve noticia de que cousa sejam os exercicios, de que usa a Companhia, & dos grandes bens, que delles resultaram no mundo.

I **N** Am quero passar adiante, sem neste lugar, por causa da occasiam do capitulo passado, dar alguma breve noticia dos

*Sam ap-
provados
os exerci-
cios de S.
Ignacio.*

*Vide Orland.
n. hist. gea.
ib. 8. n. 1.*

exer-

exercícios espirituaes, de que usa a Companhia, pois a elles devemos a conversam. de muitos, que nella entraram, & o melhoramento das vidas de tantos fieis. E por ser obra nacida do espirito de nosso Padre S. Ignacio, & hum dos mais principaes meynos, de que usa a Companhia, pera bem das almas, & porque ainda muita gente, nestes Reynos, nam entende o modo, & proveito delles, nam será cousa superflua, nem ociosa, darmos aqui esta breve noticia, de que cousa sejam estes exercicios, de como se tomam, & do fructo, que delles se tem recolhido.

2 Tem sua valia as moedas ricas, nam sò pela materia preciosa, de q̃ sã cõpostas, mas tambẽ pelas armas reaes, cõ que foram selladas; assim o livrinho, em que se contem os exercicios espirituaes, de que usa a Companhia, tem o preço incõparavel do Author, que foy o bemaventurado S. Ignacio de Loyola, nosso fundador, o qual (como eruditamente mostra, contra alguns calumniadores, o Padre Julio^a Nigronio) inspirado, & doutrinado pelo supremo Mestre, que he Deos, escreveu hum livrinho, que he como arte de meditar, de orar, & contemplar, a que chamou Exercicios espirituaes, porque assim como (diz^b o mesmo San-

cto) passear, correr, & saltar, sã exercicios corporaes, assim arrancar da alma os vicios, adornala com virtudes, & enleva-las contemplações, se chamam exercicios espirituaes; que nam he novo este titulo, ou desusado dos Sanctos, que tratam de materia de espirito; assim intitulou S. Boaventura hum tratado, que anda no fim do primeiro tomo; & deste mesmo nome usa S. Bernardo no livro de *vita solitaria*, & outros authores de obras espirituaes. E ainda he muito mais antigo este nome, & este exercicio de ter exercicios sanctos: pois David confessa de sy, que os tomava, meditando sobre os justos juizos de Deos. Repartese este livro em varios tratados, contem varias meditações, advertencias, & documentos, pera emmendar a vida, crescer em virtudes, & unir cõ Deos. As meditações se repartem em quatro partes, ou semanas; na primeira se trata do conhecimento proprio, & contrição dos peccados; na segunda, da vida sanctissima de Christo; na terceira, de sua sanctissima paixão; na quarta, de sua gloriosa resurreição, & união cõ Deos; repartidas todas conforme as tres vias espirituaes, de que falam os sanctos Padres, a saber, via purgativa, illuminativa, & unitiva.

3 O modo, que em dar

^c
S. Bon. in fine
1. romi. Vrin
virtutibus cõ-
servatis, opor-
ter te habere
exercitia spi-
ritualia.

^d
S. Bern. lib de
vita solit. ad
fratres de mō-
te Dei. Non
spiritualia ex-
ercitia sunt
propter corpo-
ralia, sed cor-
poralia prop-
ter spiritualia.

^e
Pf. 118. n. 23.
Servus tuus
exercebatur
in iustificatio-
nibus tuis.

^a
Julius Nigron.
secessu c. 4.

^b
lib. exercit.
mot. 1.

eltes

estes exercicios usa a Companhia, assim pera com seus subditos, como pera com os de fóra, (cõforme à instrucção de nosso sancto Padre Ignacio) he que quem os hãde tomar, se retire do trafego das occupaões exteriores, & se recolha sò com Deos, ficando em hum deserto retirado: que assim chamam ao lugar dos exercicios S. Bernardo, ^f S. Agostinho, ^g S. Basilio, ^h & S. ⁱ Hieronymo; porque pòde ser deserto, ainda que esteja no meyo da cidade (como lhe succedia ao sancto Rey, David, quando, habitando em Ierusalem com o corpo, se imaginava num deserto com o espirito) E o exercitante, que assim està retirado, gasta o dia todo com Deos, ou orando, ou rezando, ou lendo livros espirituales, & tem no dia certas horas de òraçam mais, ou menos, conforme sua capacidade, que todas vam reguladas pelo Padre espiritual, que lhe hã de dar estes exercicios, por quanto na via espiritual he cousa perigosa haver enganos, & illusões; & costuma este Padre ser pessoagrove, & experimentada, o qual lhe leve a tocha diante, & o governe, instruindoo no que hã de meditar, ^m tirandolhe as duvidas, allumiandoo nos esculpulos, & difficuldades da consciencia; com o qual he costume cõfessar-se gèralmente: & de ordi-

nario sò fala com este Padre. Duram estes exercicios de cada vez nove, ou dez dias continuos, ou mais (posto que nosso sancto Padre nos seus primeiros annos os dava por espaço de trinta, & quarenta dias) no qual tempo estam os de fóra tambem á conta da Cõpanhia, em todo o necessario, pera que se nam divirtam com nenhum outro cuidado.

4 Desta eschola de sanctos exercicios foy maravilhoso o proveito, que tiraram os nossos, crescendo de virtude em virtude; & nam se podendo conter tanto fructo dentro de casa, sahio fóra, & fez participantes ⁿ a muitos, que entre nòs quizeram ser hospedados cõ estes favores do cèu, recolhendose em exercicios, pòdose nas mãos de Deos, & nas de seu Padre espiritual, deixandose guiar por caminhos no mundo desusados, alimpando suas almas de peccados, & purificandoas com virtudes, & unindoas com Deos por amor. Em Coimbra era notavel o fervor, que neste particular tinha entrado na Vniversidade, porque se ateou de tal maneira este divino fogo, com as boas novas, que huns a outros hiam dando, quando tomavam os exercicios, que, além das mudanças, verdadeiramente da mam do excelso, ficavam cobrando grãde conceito dos nossos, & aos que

^f
S. Ber. ser. 40.
in Cant.

^g
S. Aug. lib. de
vera religione
c. 35.

^h
S. Basil. epist. 1.
ad Gregor.

ⁱ
S. Hiero. epist.
14. ad Celant.

^m
Psal. 54. n. 8.
Ecce elögavi
fugiens, & mäs
in solitudine.

ⁿ
B. Ign. not. 4.
ex 20. c. 4. §.
10. Director
exercit. c. 11.

ⁿ
Vide Nigr.
de secessu.
6. c. 5. & 6.

Bõs effe-
tos dos e-
xercicios
espiritu-
es,

d'antes

d'antes desprezavam, como estrangeiros, logo os queriam por naturaes; & tendoos primeiro por idoras, já os abonavam por sábios; nem dali por diante os temiam, como gente sahida do Norte, mas estimavamnos, como anjos vindos do céu. E na verdade sò do alto do céu, & do pay das luzes, descia o grande bem, que nestes exercicios se alcançava, o claro conhecimento, que por seu meyo faziam das cousas da outra vida, & a mudança do modo desta: donde se vê quanta rezam teve o summo Pastor do mundo, & sanctissimo Padre Paulo III.º pera dizer, que estes exercicios sempre foram, & serã muy uteis, & proveitosos aos fieis.

5 Começou este sancto uso dos exercicios, & cõtinuou naquelles primeiros tempos cõ o fervor, que relatamos; & em Portugal, entrando na Vniversidade de Coimbra, passou ao paço de Lisboa, aonde os tomou, entre outros muitos, o serenissimo Infante Dom Luis, a quem os hia dar cada dia o Padre Diogo Mirãm; tambem se recolheo o Cardeal Dom Henrique, antes, & depois sendo Rey, & lhos hia dar o Padre Leam Henriques, seu confessor. Chegãram aos tomar a Infante D. Isabel, & seus filhos o senhor Dom Duarte, a senhora D. Maria Princeza de Parma, a

senhora D. Catherina sua irmã, Duqueza de Bragãça, aquẽ pertencia o Reyno de Portugal, tendo por guia nelles ao Padre Gonçalo Vaz de Mello, todos com grande proveito de suas almas, com grandes consolações do céu, manifestadas em muy copiosas lagrimas de seus olhos; porque tambem há lagrimas, que alégram, & hã choros, que consolam, como até o outro sábio gentio, al. ançou. O mesmo fez, entre outros muitos fidalgos muy illustres, Dom Pedro Mascarenhas, que de Roma trouxe a S. Francisco de Xavier, & com esta mataloragẽ se preparou antes de navegar pera a India por Visorrey daquelle estado. E até nas mesmas náos da India se achou já esta celestial mercadoria; que nam há lugar tam escuso, em que Deos se escuse de se communicar aos homens, se estes de sua parte lhe entrégam os corações por amor, & lhe nam fecham as portas, como ingratos.

CAPITULO XXXVI.

Dos grandes fruitos, que se tẽ tirado destes exercicios espirituaes.

I **O**S fruitos, que se tem recolhido destes exercicios, sã muyto,

& muy

P
Ovid. l. 4. trist.
Eleg. 3.
Est quædã
re voluptas.
Expletur lacry
mis, expletur
que dolor.

o
probat.
Pietate,
nctitate
ad spin
profectu
um valde
& salu
esse, & fo

*Peſos ex-
ercicios ſe
nã em co-
nhecimẽto
de Deos.*

^a
Ariſt. lib. 10.
Ethic. c. 7.

^b
Joan. 17. 2.
Hæc eſt autem
vita æterna, ut
cognoſcant te
ſolum Deum
verum, &c.
D. Th. 1. 2. q.
3. a. 4. & 8. &
communiter
Thomiſtæ.

^c
Soar. 1. 2. d. 7.
Mol. 1. p. q. 12
a. 1. d. 2. cõcl.
5. & alij.

^d
Ad Rom. c. 1.
1. 20. Inviſibi-
lia enim ipſius
a creatura mu-
di, per ea que
facta ſunt, in-
ſpecta conſpi-
ciuntur.

& muy notaveis. Primeiramen-
te (ãlem de unirem a alma com
Deos, & apartala de vicios, &
peccados) enſinam a hum chri-
ſtam a vir em conhecimento
de ſeu criador, de ſuas infinitas
per ſeiçoens, & divinas grande-
zas: couſa tam própria da cria-
tura racional, que o Philoſo-
pho,^a ſõ com o lume da rezam,
alcançou conſiſtir noſſa bema-
venturança intellectual na con-
templaçam do meſmo Deos; &
a ſobrenatural, cõforme a dou-
trina de S. Thomas,^b encoſtado
ã ſentença de Chriſto Senhor
noſſo, conſiſte ou ſõ no conhe-
cimento claro da natureza di-
vina, ou juntamente no conhe-
cimento, & amor:^c por onde
nam pôde haver neſta vida cou-
ſa mais ditõſa, & que mais en-
cha a medida de noſſas almas,
que a contemplaçam da divini-
dade, do modo, que neſta pere-
grinaçam ſe pôde alcãçar, nam
ſõmente com o lume natural,
como fizeram os Philoſophos,
mas tambem com a luz ſobre-
natural, como fazem os San-
ctos.

2 Porem como os myſte-
rios inviſiveis de Dẽos encu-
berto nam ſe alcançam, como
diç o Apoſtolo,^d ſenam pela
viſta apprazivel daſ criaturas, &
como todas ellas ſejam huns
raſcunhos muy toſcos, em cõ-
paraçam do conhecimento da-
quelle divino artifice; daqui vẽ,

que ſõ as obras de Chriſto Se-
nhor noſſo, ſam as que realçam
melhor, & as que mais nos le-
vantam ao conhecimento do
ſer divino; & por iſſo nellas prin-
cipalmente ſe empregam os
exercicios, inſtruindonos na ſe-
gunda, na terceira, & quarta ſe-
mana, nas meditaçoens dos my-
ſterios ſanctiſſimos do Verbo
encarnado. E como eſte con-
hecimento de Chriſto Senhor
noſſo, conforme à doutrina dos
Padres eſpirituaes, nam pãre na
eſpeculaçam do entendimento,
pãſſa avante, eſpertãdo o amor
na vontade, naſcendo hum do
outro; porque nas couſas divi-
nas, ainda que o conhecimen-
to acẽde o amor, tambem o amor
excita o conhecimẽto; & poſto
que nas materias naturaes ſem-
pre o conhecimento he a to-
cha, que governa a vontade, &
precede ao amor; comtudo, nas
couſas ſobrenaturaes, & myſte-
rios divinos, de ordinario o a-
mor he o que eſporẽa o conhe-
cimento, & a vontade he a q̃ ex-
cita o entendimento, a quem ſo-
geita, & cativa ao obſequio da
fé (como fala S. Paulo^e) fazen-
dolhe render as armas, & ſome-
ter o juizo aos myſterios, que
nam penetra: & he certo que
nam poderia darſe conhecimẽ-
to ſobrenatural no entendimẽ-
to, ſenam precedeſſe pia affei-
çam na vontade, conforme a
doutrina dos Theologos,^g pẽr q̃

*Nas co-
ſas eſpin-
tuaes, a
vade ex-
ta o em-
dimento*

^e
Ariſt. lib. 2.
Poſt. c. 4. N.
volũum, q̃
p̃ræcognitu

^f
Ad Cor. 2. c.
n. 5. In cap-
vitatẽ redig-
res om̃ẽ in-
lectũ, in ob-
quium Carit

^g
D. Th. 1. 2. q̃
a. 4. Vide So-
de ſi de diſp.
ſect 7.

esta o inclina, & domestica, pera crer o que nam entêde, & pera confessar o que nam alcâça: tam sábio he, & tam engenhofo o amor divino, que elle ensina o juizo, apura o entendimento, & futiliza a rezam; porq nam hà coufa, que nam ensine o amor; o qual assim como, segudo S. Paulo, tudo sofre, & tudo espera, assim tambem tudo sabe, & tudo ensina.

3 Este divino amor he o alvo, aquem particularmente atiram as meditaçoens dos exercicios de nosso sancto Padre, porq quanto mais a vontade se abraza cõ o fogo da charidade, mais se esclarece o entendimento com a luz do conhecimento; & a experiencia tem mostrado a muitos, que nestes exercicios entraram com pouca noticia das coufas de Deos, & sahiram delles com grandes luzes, pera verem quanto aproveita a oração fervorosa pera esclarecer o entendimento, pois por meyo della souberam fazer differença entre as leys de Christo, & os enganos do mundo; entre os bẽs eternos, & as coufas transitorias; entre as vaidades da carne, & as verdades do espirito.

4 O outro fruto, que se recolhe destes sanctos exercicios, he o conhecimẽto proprio: põto he este de tãta importância, q por isso se escreveo na casa

Delphica com letras d'ouro, a sentença de Chilon, *Nosce te ipsum*. Nam há melhor sciência, como diz S. Agostinho, que aquella, com que hum homem sabe de sy mesmo: que importa (dizia ainda o gentio) saber hum homẽ as grãdezas do cõo, senam conhece a baixeza de seu corpo. Nesta sciência nos instrue, & adêstram os exercicios, allumiando nossa alma no conhecimẽto proprio cõ as meditaçoẽs, q chamam da primeira semana, pondonos diante o fim, pera que Deos criou o homem, que he a eterna bemaventurança, & logõ a cõsideraçam dos peccados com que della se desviou, pera os sentir, & chorar; & da morte a q està sogeto por natureza, & do inferno, a q pòde ser cõdenado: & dali tira materia pera se humilhar diãte de Deos, & melhorar entre os homens. Grandes bẽs resultam deste conhecimento proprio, porque primeiramente, quanto hum mais alcança de sua pouquidade, tanto mais descobre nas divinas grãdezas, pois a vista de nossos males, & peccados, melhores realces mostra a divina bondade, & misericordia; & assim em vam levanta os olhos pera ver a Deos quẽ os nam tẽ pera se ver a sy. Por esta rezam pedia sãcto Agostinho^m dous conhecimentos, o de Deos pera o servir, & amar, & o de sy pera se cõfudir,

Plin. li. 7. c. 32.

Aug. lib. 4. de Trin. in proemio.

Iuven. sat. 11. Illam ego iure Despiciam, qui scit quãtũd futilior Atlas Omnis in Lybia sit montibus, & tamen idem ignoret. &c.

m
August. de vita beata. Noverim te. noverim me.

Q & hu-

& humilhar; porque assim lhe poderia este servir de escada, pera sobir ao mais alto conhecimento de sua infinita bondade, & de suas divinas perfeições; porque sò entam conhecemos mais estas grandezas, quando melhor alcãçamos nossas baixezas. O outro sábio antigo ⁿ perguntado quando começara a philosophar, respondeu, *quando me comeei a conhecer*; & nam há meyo mais efficazes pera alcançarmos o perfeito conhecimento de nossas misérias, que o das meditações, em que na primeira semana nos manda exercitar nosso glorioso Patriarcha, nos exercicios; põdonos diante dos olhos os peccados, a morte, o inferno, & as mais penalidades, a que somos sogeitos por nossa mesma natureza.

5 Serve tambem este conhecimento proprio pera nos nam esvaecermos enganados com soberba, quando nos conhecemos humildes por nascimento; que quẽ haverã, que se atreva a entonar por grandeza, á vista do que he por natureza. De Philippo ° Rey de Macedonia conta Eliano, que sentindo em sy huma grande soberba, depois da victoria dos Athenienses, pera acodir a este mal, que como sábio temia, ordenou a hum seu criado, que todos os dias pela manhã o ef-

pertasse do sono, com estas palavras, *Surge Rex; & hominum te esse cogita*; julgando, como prudente, que era impossivel conhecer as fraquezas do ser humano, & anhelar vaidades de Rey soberbo: nam ha meyo mais vivo, & effectivo pera conhecermos nossa pouquidade, que o q nos ensinam as meditações da primeira semana dos exercicios.

6 Outro grãde fruto destes exercicios he ensinar aos qvivẽ no mundo a fugir do mudo, ao menos por algũ tẽpo, furtãdole ao tumulto das occupaçoẽs, pera q ficando a solas cõsigo, melhor ouçam a voz divina, q se gũdo diz o propheta Ozeas, ^Pleva hũa alma ao solitario apartamẽto, pera ahi lhe falar ao coraçã; q ẽ semelhãtes desertos costuma o Senhor manifestar seus mayores segredos a seus melhores amigos. Boas testemunhastemos desta verdade ẽ os sãtos Prophetas, os quaes deixãdo as cidades ẽ q habitavã, se recolhiã aos mōtes, q buscavam, aõde aos mōtes experimentavam favores soberanos, & revelaçoẽs divinas: desta maneira se cõmunicou Deos ao Patriarcha Abraham, no valle de Mambre; ao esforçado Gedeam, junto ao Carvalho de Ephrá; a Moyses, caminhãdo pera o mais interior do deserto, & depois no mōte Sinay. Ezechiel fora do povoado, junto ao rio Chobar, teve celestiaes visõens

da

Stob. ferm. 21.

Rezoens q
temos pera
nos humi-
lhar.Stob. ferm. 21.
ex A Eliano.Ensinã
os exer-
cios a
gir do
do.P
Ozeas c. 2.
24. Ducã
solitudine
loquar ac-
cius.Gen. c. 12.
Apparuit ei
minus in
Mambre.

Jud. 6. n. 11.

Exod. c. 3. n.
Cõque minã
gregẽ ad in-
riora deser-
&c.Ezec. c. 1.
Iuxta fluvium
Chobar, ap-
pãrunt ei visiões

da gloria de Deos ; & o grande Bautista melhor logrou mimos, & favores divinos, vivêdo no ermo feito solitario: & pera mayor confirmaçam desta verdade o mesmo filho de Deos se retirou a hũ deserto, no qual se recolheo em sãtos exercicios, por espaço de quarêta dias: a cuja imitaçã, conhecendo bẽ esta verdade os sãctos Mõges, fugiã das cidades buscãdo os desertos, aõde se retiravã cõ Deos, enchendose en-tã os mõtes de solitarios penitẽtes, & ainda agora povoãdo-se os mosteiros de religiosos devotos.

7 Porẽ nosso glorioso P. S. Ignacio, atẽ no mesmo retiro da religiam, invêtou outro melhor deserto, ordenãdonos, q de quãdo em quãdo nos retiremos dos mesmos religiosos, a fim de nos recolhermos sò cõ Deos, pera re fazermos em nossas almas, cõ a oraçam, o q perdemos cõ os ho mẽs, em seu trato; cobrãdo novas forças pera continuarmos no serviço divino, & aproveitamẽto das almas: à maneira das plãtas, as quaes, se em algũ tempo se occupam todas em se ornar, & enfeitar no exterior, vestindo-se de fermosas flores, cobrindo-se de alegres folhas, & carregãdo-se de bem logrados frutos: com tudo em outro tempo, des-pindo todo este apprazivel or-nato, se esquecẽ de hũ certo mo do de sua natural fermosura, ficando sem flor, sem folhas, &

sem fruto, recolhendo toda sua virtude, a fim de se refazer de novo nas raizes, & tornar a fru-ctificar, com mayor força, no tẽpo da primavera, & pelas cal-mias do veram: nam doutra ma-neira os ministros evangelicos, q tẽ por instituto tratar com o proximo, pera q nam desfaleçã as forças do espirito com o lu-strozo da prêgaçam, & com o mais florente, & luzido das ca-deiras, & applauso do povo; he bẽ q de quãdo em quãdo, deixã-do o publico do mũdo, se retirẽ ao secreto da Religiam, pera lã-çar raizes de humildade, & pera de novo afiar as armas de sua doutrina na charidade de Chri-sto, & pera tingirem, & banha-rem as settas de sua prêgaçam no lado do Senhor crucificado. Este mesmo retiro de negocios, trocados em ocio cõ Deos, nos encõmenta muito S. Agosti-nho, sôbre aquellas palavras do Rey propheta, *Vacate, & videte*, & S. Hieronymo * nos acõselha, q dêtro de casa tenhamos hũ de-serto, em que tenha nossa alma suas fêrias com Deos. E a mes-ma lembrança fazia S. Bernar-do * ao Papa Eugenio, amoes-tãdo, que algũas vezes se re-tirasse a considerar em sy, & a meditar em Deos; & assim o faziã aquelles sãctos Gregorio, Machario, Columbano, Agosti-nho, Francisco no seu monre de Alvernia, & outros muitos.

Aug. lib. de ve-ra relig. c. 35. Agite otium, & cognoscebis, quia ego sum Deus, non otii desidre, &c.

* Hier. ep. 14. ad Celit. In ha-bero solitudi-nẽ domus, ut aliquam tamẽ vacationẽ ani-mẽ tribuas, &c.

z Bern lib. 1. de conhd. c. 7.

^a
Ambr. lib. 3. of
fic. c. 1. Nō er-
go primus Sci-
pius scilicet solus
non esse, cū so-
lus esset. &c.

^b
Congr. 6. n. 48
Sept. Congr. 21
§. 4.

*Aos secu-
lares sam
mais neces-
sarios os
exercícios
espiritua-
es.*

^c
Pluta. de Pyth.
& Plat.

^d
T. Liv. Decad.
1. lib. 1.

Donde com rezam cōclue-
são Ambrosio, que nam foy Sci-
piam o primeiro, q' foybe nam
estar sò, quando estava sò, nem
menos ocioso, quando mais o-
cioso. Conforme a este fan-
cto ayiso, & conselho dos
Sanctos, temos obrigação na
Companhia, de nos recolher-
mos em exercicios todos os an-
nos, ao menos por oito, ou dez
dias continuos.

9 Pois se aos religiosos he
necessario a tempos este tempo
de recolhimento, de retiro san-
cto, & exercicios espirituaes,
quanto mais importante, & pro-
veitoso sera pera os seculares,
que vivem mais engolfados nas
ondas do mundo, & no pego
dos negocios, que ate os gērios,
pera quiētamente cōtemplar as
coufas naturaes, buscavam feme-
lhantes apartamentos, como le-
mos de Pythagoras, atiquissimo
philosopho; q' se meria em hũa
cova fugindo das cidades, pera
melhor cōtemplar os segredos
de sua philosophia: o mesmo a-
chamos escrito de Platam, que
estimava mais o secreto das syl-
vas academicas, que o resplan-
dor do applauso de Athenas: tã-
bem sabemos de Numa^d Pom-
pilio, segūdo Rey dos Romanos,
que tinha certos tempos, em q'
desapparecia da corte, metēdose
em hũa fragoza cova, pera ef-
cōdido meditar as leys, que ha-
via de ditar aos Romanos; fa-

zendo-se com isto de tal manei-
ra respeitado, que tanto mais o
tinham por divino, quanto mais
o reconheciam por retirado; &
com esta notavel traça lhe foy
muito facil domesticar aquella
gente indomita, amansar, & re-
ger aquelle povo tam feroz. E
nam carece de mysterio o que
ponderou S. Ioam & Chrysosto-
mo, que ate o primeiro homem
criou Deos no estado da soli-
dã, o qual, em quanto viveo
solitario, sempre viveo num pa-
raiso; & pelo contrario todos os
dons, que recebeo, estando sò,
perdeo tanto que teve compa-
nhia.

10 Estes, & outros gran-
des bens resultam no mundo
destes sanctos exercicios, aos
quaes os da Companhia deve-
mos os bens, que temos na mes-
ma Companhia, porque a nam
haveria no mundo, se primeiro
nam houvesse exercicios espi-
rituaes; com estes attrahio a sy
sancto Ignacio a seus cōpanhei-
ros, com estes trouxe a sy a S.
Francisco de Xavier; com estes
se autorizou a Companhia; &
com estes se hade cōservar; por-
que com nenhũ meyo melhor
pode hũ effeito continuar pro-
pero, do que com aquelles mel-
mos, com que pode co-
meçar florente.

[?]

CAPITVLO XXXVII.

Vay o Padre Diogo Mirâm, Reitor de Coimbra, fundar o Collegio de Valença, entra em seu lugar o Padre Martin de sancta Cruz; vam os nossos peregrinar, & fazer outras mortificações publicas.

COm esta divina traça dos exercicios espirituaes, & cõ a vida exẽplar dos nossos, crescia tanto o Collegio de Coimbra em numero de bõs fõgeitos, que se atẽgora fomos vendo como de varias partes de Europa, especialmente de França, Flandes, e Italia, corria gente pera o novo Collegio (aonde todos se juntavam, como em congregaçam de muitas agoas do cẽo) daqui por diante veremos sahir delle fermosos rios de espirito, & sciencia; que ao pẽrto, & ao longe regãram, & fertilizãram varias partes de Africa, de Asia, & de Europa. A primeira parte, pera onde sahio gente deste Collegio, foy pera Hespanha, na nobre cidade de Valença de Aragam, a cuja fundaçam o Padre Hieronymo Domenec, pessoa grave,

& rica, tinha entregue (depois de dada sua pessoa à Cõpanhia) toda quãta fazẽda tinha, q̃ foy muita. Tratou nosso S. P. de enviar hũ religioso de importãcia, q̃ dignamente podesse dar principio a este Collegio; pera isto escreveo ao P. M. Simam, encommendandolhe a escolha da pessoa, que pera cousa de tanto pezo lhe parecesse mais acomodada, entre todos os subditos, que tinha no Collegio de Coimbra. Recebida a carta, tratou o Padre primeiro o negocio com Deos, a quem sempre recorria; & considerando a importancia da missam, se resolveo em mandar o mesmo Reitor do Collegio, que era o mestre Diogo Mirâm, assim por ter jã alguma experiencia do governo, como por ser natural de Valença, & nella bem nascido, & aparendado: deolhe por companheiros o Padre Francisco Roxas Castelhana, & o iram Diogo Romano, & Antonio Meniz de quem falamos atrã (parecẽdolhe ao P. M. Simam, que cõ esta peregrinaçã fartaria os desejos, que tinha de viver peregrinando) Chegados a Valẽça foram muy bem recebidos, & o Padre Mirâm promovẽo com grande sucesso a fundaçam daquelle Collegio.

2 Em lugar do P. Diogo Mirâm declãrou o P. M. Simam

Cõpanheiros, q̃ vam cõ o Padre Diogo Mirâm a Valença.

Anno de
Christo de
1544.

Do Collegio de Coim-
bra sa-
hirã os fũ
dadores
das Pro-
vincias de
Hespanha

pera Reitor do Collegio de Coimbra o Padre Martim de sancta Cruz, em quem bem cabia este cargo, por sua muita virtude, grande exemplo, & excellente doutrina, com que de novo avivou o espirito daquelle Collegio, que governou por alguns annos, com grande zelo, humildade, & amor dos subditos; o qual, em serviço do mesmo Collegio, acabou em Roma no anno de 1548. aonde foy mandado pelo P. M. Simam a negocios de muito porte, pertencentes ao mesmo Collegio, procedendo na vida, & na morte, com opiniam de homem sãto: & ao diante ainda salaremos nelleno anno, em que Deos o levou a descansar ao cêo. Tambem foy o irman Francisco de Villanova, mandado do mesmo Collegio de Coimbra, a Alcalã; aonde floreceo este grande servo de Deos; & foy a pedra fundamental daquelle Collegio, & da insigne Provincia de Castella a nova, à qual depois se foram ajuntando as mais da coroa de Castella em Hespanha, & no mundo novo; que todos devem este reconhecimento ao nosso Collegio de Coimbra, & à Provincia de Portugal, pois de cã lhe foram os primeiros habitantes; os quaes nam menos assistiram à fundaçam das casas, que á edificaçam da gente; mostrando

sempre a doutrina, & dando o exemplo, que tinham aprêdido do P. M. Simam.

3 Provido o Collegio de Coimbra com o novo Reitor, se voltou o P. M. Simam pera a corte (conforme a ordem de sua Alteza) pela quaresma deste anno de 1544. no qual tempo florecia já muito o Collegio de Coimbra em numero de religiosos. E posto que, em todo o discurso do anno, vivia entre elles o amor da perfeiçam (como temos visto nos capitulos passados) com tudo, conforme os sanctos conselhos, que lhes deixou o P. M. Simam, em chegando as ferias, & cessando as hidas á Vniversidade, começaram todos, com novo fervor, outros novos estudos de mortificaçam, penitencia, & devaçam; pera que entendamos, os que nos criamos no Collegio de Coimbra, & de Evora, quam antigo he este sancto costume, que ainda hoje dura (& durará cõ a divina graça) de, no tẽpo das vacaçõs das letras, haver novas occupaçõs de espirito; & tratarmos cõ mais calor de applicar a alma a exercicios espirituaes, que de aliviar o corpo de trabalhos literarios: procurando entam refazer algumas quebras da perfeiçam, que periga com o fervor dos estudos, com as brigas das disputas, no meyo dos ventos da vaidade, a que estã so-

geitos

No ten-
das fer-
se app-
mais
nossos
mortifi-
çam.

geitos os letrados, entre as on-
das da emulaçam dos condisci-
pulos, & entre as tempestades;
que levanta o demasiado dese-
jo de crescer nas sciencias, & de
montar pelas letras.

4 Tudo previa o P. mestre
Simam, como grande Piloto, q
era, no caminho do espirito, o
qual deixou ordenado ao novo
Reitor, o Padre Martin de san-
cta Cruz, que entre outros san-
ctos exercicios do tempo das fe-
rias, se praticasse com fervor es-
te de peregrinarem alguns nos-
sos (da maneira, que o tinham
feito nossos primeiros Padres)
passando sò com esmolas, reco-
lhendose pelos hospitaes, pera
que este voluntario exercicio
de pobreza, levado a pè por ca-
minhos desusados, & por terras
estranhas, lhes servisse de enfa-
yo, pera outros mayores, & mais
difficultosos, a que necessaria-
mente haviam de estar sogeitos
os religiosos da Companhia, co-
mo homens, que professavam
fazer vida em qualquer parte
do mundo; & que faziam voto
de hir, sem viatico, aonde quer
que o Summo Pontifice, por
causa do bem das almas, os in-
viasse. Com muita pontualida-
de, & acordo veyo no mesmo
parecer o novo Reitor o Padre
Martin de sancta Cruz, conti-
nuando neste anno de 1544
este sancto uso, na forma, em que
hoje, em parte, se conserva, dig-

no do espirito da pobreza, tam-
proprio de Religioens mendicantes;
qual he a Companhia
(como esta declarado pela san-
ctidade do Papa Pio V.) pera
que, pois temos os privilegios
de pobres, nam estranhemos os
encargos da pobreza: notavel
era a mortificaçam, & humilda-
de, com que se haviam nestas
peregrinaçoens, levavam os ma-
is delles por vestidos pelotes
curtos de burel, pobres, & des-
prezados; de maneira que, sendo
desconhecidos pelo trajò, de q
vestiam, sò os conheciã pela
modestia, de que usavam.

5 Com este sancto exerci-
cio das peregrinaçoens, ajunta-
ram outros de mortificaçoens
publicas pela cidade (que a to-
do o tempo usavam) de grande
desprezo, & proprio abatimen-
to, à vista dos estudantes; & da
mais gente da cidade; & de or-
dinario os mais illustres do Col-
legio eram os primeiros nestas
finezas, como o irmaam Gonça-
lo da Sylveira, Rodrigo de Me-
neses, Antonio de Quadros, &
outros. Nam saltavam tambem
a dar este expectaculo dei sy os
mais doutos, & de melhores le-
tras; o Padre Melchior Nunes
Barreto, doutor pela Vniversi-
dade de Coimbra, & outros
muitos: entre os quaes o irmaam
Melchior Carneiro, que era
theologo (filho de hum cida-
dam principal de Coimbra, o

Mortifica-
çoens publi-
cas, que fa-
ziam os
nossos.

Anno de
Christo de
1544.

qual depois foy Bispo de Ethiopia) hia todos os dias á Vniversidade ouvir a liçam da theologia, em corpo, passando pela porta de seus pays, os quaes (como nam entendiam os thesouros, que estam encubertos debaixo dos vestidos humildes da sancta pobreza) o viam passar, & nam podiam reter as lagrimas nos olhos, envergonhando-se de o ver tam pobre, & tam confiado. O mesmo succedia ao irmam Iorge Serram (que depois foy doutor insigne em Theologia, Provincial nesta provincia, & varam de grande authoridade) o qual hia ouvir a liçam em pelote de burel, cõ hum mantẽo muito velho, & muito curto, & algumas vezes hia em corpo, & detràs do irmam D. Gonçalo; & como era muito moço, representava ser criado seu; sendo ainda mayor mortificaçam do amo, que fugia das honras, do que era a do pagem, que pretendia afrontar: hum sò alivio tinha o irmam Gonçalo da Sylveira, & era, que hia tam mal enroupado, como o criado; & quem o avaliava por nobre, à vista do pagem; logo o julgava por pobre, em vêdo o trajo. Nesta mesma forma, & postura hiam à botica a buscar as mezinhas, & à praça a trazer o que o irmam comprador mandava pera casa; & se davam por mais validos, & me-

lhor contentes, os que nelle particular alcançavam mais licenças, & tiravam mais despachos. Deste modo de pelotes de burel, em final de mortificaçam, se usou por alguns annos, até que se assentou o modo commum, de que hoje usamos, assim ordenado por **noſſas** cõstituiçoens.

6 Outras vezes sahiam pelas ruas da cidade de Coimbra, prégando penitencia a todos, imitando os prophetas antigos; que pera a persuadirem, bradava Ionas, nas praças de Nínive, & Isayas, ainda que arado cõ cadeas, soltava livremente a voz, bradando contra peccadores; & o Bautista, vestido de cilicio, nam sò prégava nos desertos de Palestina, mas também nos paços de Herodes; & o mesmo faziam os sagrados Apóstolos, em Ierusalem, por mais inhihiçoens pharisaeicas, que contra elles urdisse a malicia dos Iudeos.

Anno de
Christo de
1544.In sum. Con
n. 4.d
Ion. c. 3. n.
Czpit Iona
introye civit
tem, & clam
vit, &c.

Mat. c. 3. n.

f
Act. c. 5. n. 4.
Non cessabar
in templo,
circa domos
docentes,
evangelizate;
Christe Iesum

CAPITVLO XXXVIII.

Reprova alguns as mortificaçoens dos nossos; levantase huma perseguiçam contra o P. M. Simam; acode Deos por sua innocencia. & accre-centamse os favo-res reaes.

S Empre as cousas de Deos tem seus perseguidores, & se em tudo pretendemos cõtertar aos homens, em nada pareceremos servos de Christo, como S. Paulo; dizia; nam faltavam muitos prudentes do seculo, aos quaes nada contentavam estes sanctos excessos dos nossos religiosos; q̃ nam será esta a ultima vez, em q̃ veremos, nesta Chronica, tormentas levantadas contra a Companhia; porem tambem veremos como Deos sempre acode pelos filhos de S. Ignacio; & a experiencia nos tem ensinado, que quando as perseguiçoens sam mais valentes, entam as victorias sam mais gloriosas. Nesta occasiam reprovavam muitos as mortificaçoens dos nossos; diziam, que a virtude nam se queria. assoalhada por fóra, pois dentro na Religiam está tão bem agasalhada; que a sanctidade he

como o thesouro do Evangelho; que sendo assim que estava escondido, com tudo o homem, que o achou, ainda o escondeo mais; porque, como diz S. Gregorio, deseja ser roubado, o que traz o thesouro da virtude à vista pelas ruas, & o poem em publico nas praças: que semelhantes extravagancias mais pareciam acçoens de hypocritas fingidos, que obras de Religiosos verdadeiros; & que tam fóra estam de dar exemplo a alguem, que causam escandalo a todos. Chegaram alguns religiosos a prẽgar nos pulpitos contra estas nossas mortificaçoens publicas; & pera que nam bradassemos pelas ruas penitencia, se puzeram graves penas por ministros Ecclesiasticos.

2 Pera mais apoyarem esta sua opiniam, pretenderam o parecer do muy reverendo Padre fr. Luis de Montoya (gravissimo religioso dos ermitaens de S. Agostinho, comissario geral, & reformador de sua sagrada Religiam, nos Reynos de Portugal) porem este excellētissimo varam (como quẽ em Roma tinha tratado ao Padre S. Ignacio, & confessadose com elle gẽralmente; & como quem tão to entendia a distincam, que vay entre o espirito, & a carne, & quam diversos sam os juizos, que das cousas formam os religiosos, que pretẽdem salvaçam, ou os seculares, que buscam horas) respondeo, quando mais o apertavam, que disseste o que

sentia,

5.

Mat. c. i. 3. n. 44. Simile est Regnũ celorũ thesauo abscondito, quem, qui invenit homo, abscondit.

Greg. hom. i. i in Evang. De prœditi deſiderat qui theſaurum publicè portat in via,

Padre fr. Luis de Montoya, o que responde acerca destas mortificaçoens.

gal. i. n. 10 hominibus cuiſe, Chriſtus ſervus non ſem.

sentia cõ hũas notaveis palavras de S. Paulo, *ⁱ Spiritualis homo omnia iudicat, ipse à nemine iudicatur.* Dando com isto a entender, que sã tam superiores as coulas espirituaes aos que sã tram das corporaes, que nam tẽ estes pera que entremeterse a julgar o que nam pòdem entender; que sã sabem os que sãmos officiaes a perfeiçam da obra, que fizeram, pelos principios da arte, que professãram. Nam entendem os mysterios encubertos nas mortificaçoens os que nam sabem mortificar-se: nẽ alcançam a nobreza, que reluz nestes excessos, os que seguem as leys do amor proprio; aos quaes parecem grosseiros, & loucos os exteriores da mortificaçam, porque nam chegam a gostar as delicias, & regalos della.

Persegui-
çam cõtra
o P.M. Si-
mam.

3 Porem, como Deos nosso Senhor pretẽdia apurar mais a virtude de seu servo M. Simam, permitio que estas ondas, que contra as mortificaçoens de seus subditos se levantavam, principalmente fossẽ quebrar nelle, por dizerem, que era o author de tal modo de vida. Estes falsos zeladores sahiram logo com papeis infamatorios contra nõs, levantando mil calumnias fabulosas; atrevendose a dar a el Rey, & ao Cardeal D. Henrique grandes memoriaes contra a Companhia, bulindo

com todo seu edificio, pera darem com elle d'aveço, como se fosse torre de Babel, fundada nam sobre pedra firme, senam sobre arẽa levadiça (que a tanto chega a paixam cega de homens mal intencionados) criminando de falsos todos os privilegios da Companhia; & que era mero fingimẽto do P. M. Simam dizer q̃ era izetã da jurisdicãm do Ordinario, como as mais Religioens. Acrecentavam, que a Companhia nam tinha leys, nem regras por onde se governar, mais que o arbitrio de M. Simam; que era hum homem extravagante, que cõ suas invençoens trazia enganados os melhores sãgeitos da Universidade de Coimbra; & que sã tinha por sy o favor de alguns, & a ignorancia de muitos: que era desobediente, contumaz, & rebelde aos decretos apostolicos; porque tendo o Papa limitado o numero dos da Companhia a 60. sã em Coimbra passavam jã de cento; & q̃ com modestia capeada encubria enganos verdadeiros.

4 Nam parou sã a consa em roins palavras, senam que tambem houve quem pretendẽo vir a peores obras, & nam se contentando com esgrimir a lingua atrevida, tambem quiz tentar pør as mãos violentas. Esta diabolica licença quiz tomar hum certo licenciado, (que assim lhe chama o nosso Chronista gẽral ° Orlandino) dandose por muy agravado do P. M. Simam lhe licenciar hum

seu irmam, que por ser perturbador da paz entre os religiosos, nam mereceo ficar na Companhia: Porem, como Deos nullo Senhor sempre costuma em seus servos, permittir afrontas, pera lhes grangear honras; ordenou as cousas de tal sorte, que de nuvens tam escuras, & mal affombradas, tirou rayos fermosos de luzes resplandecentes. Porque toda esta machina de maldades, assim como foy temeraria, & maliciosamente fingida, assim com pouca resistencia foy desfeita, & aniquilada: mostraramse as bullas apostolicas, com a approvacam, & confirmacam da Companhia, & o novo decreto Pontifical, cheo de mil abonaçoens, honras, & privilegios, no qual se abriam de par em par as portas a todos os que na Companhia quizessemos admitir. Mostraramse os privilegios, & as bullas da izençam do governo dos Ordinarios: servindo esta perseguiçam de mayor gloria da Companhia, que sempre costumou sahir com melhores applausos, quando padecia peores guerras.

5 E porque esta perleguiçam nam so tocava à Companhia, mas tambem pretendia defautorizar a pessoa do Padre mestre Simam, de quem elRey fazia tanta estimaçam; tomou sua Alteza muito à sua conta

castigar os autores dos libellos, & os que intentaram deitar as maos sacrilegas alem das linguas venenosas: mandou tirar devassas, & fazer apertadas diligencias; & descubertos os aggressores, pronunciou sentença contra elles, com graves penas. & que pera sempre fossem deterrados de todos seus Reynos; como se nam quizesse conhecer por vassallos seus, os que estavam julgados por inimigos nossos. Notavel foy o exemplo de mansidam, com que se portou, entre todas estas tempestades, o P. M. Simam; nenhum abalo nelle causaram estas afrontas; nenhum sinal de impaciencia; nam esta mais immovel o penhasco no meyo do Oceano, quando mais varejado com os combates das ondas ladradoras, que com seu escarcéo parece que pretendem borrisar as estrellas do firmamento. Primeiramente nunca se queixou, nem se lhe ouvio palavra alguma, em que mostrasse menos satisfacam dos aggressores, & infamadores. E logo, sabendo o que sua Alteza tinha feito, & a sentença, que estava fulminada, rompeo o silencio, & com grandes veras pedio a sua Alteza o perdam dos culpados; & ainda alcançou, que em parte se diminuisssem as penas, posto que nam quiz elRey perdoar o delitto. Servindo toda esta tor-

Anno de
Christo de
1544.

Vey elRey
visitar ao
P.M. Si-
mam.

Plin. in Paneg.
ad Trajan. Del-
cēdis in omnia
familiaritatis
officia, & in a-
micū ex impe-
ratore submit-
teris.

Claud. le sexto
cōsul. Honorij.
Patriciasque
domos, privatā
que vulgo Li-
mina, deposito
dignis visere
sistū.

menta, pera que se conhecesse
melhor a muita virtude do P.
M. Simam, que com a mesma
igualdade de animo vivia entre
favores de Rey, & passava cō
perseguiçoens de apaixonados:
acrecentandose em sua Alteza
a estima da Companhia, & cres-
cendo no amor ao Padre.

6 Pera dar disto mayores
mostras, adoeendo o Padre em
Almeirim, foy o mesmo Rey
em pessoa a visitalo, acompa-
nhado do Principe, & dos Pre-
lados, que seguiam a corte. Tal
era o amor, que elRey tinha
ao Padre, & tal a benignidade
deste Principe, que parece se
esquecia da magestade de Rey,
por tomar o officio de amigo;
porem (como no Emperador
Trajano^f louvava Plinio) en-
tam representava ser mayor se-
nhor, quando com os vassal-
los se mostrava mais familiar,
*Tunc maximē imperator, cum ex im-
peratore amicum agis.* E nam me-
rece menos louvor esta acçā
delRey Dom Ioam, que as que
tanto gaba nas visitas dos ami-
gos no Emperador Honorio o
seu Panegyrista.

7 A volta deste real favor
cada dia cresciam outres ao Pa-
dre mestre Simam, & a seus
subditos; aos quaes amava tan-
to, que até os noviçosinhos,
que hiam peregrinar (se passa-
vam por Evora, aonde estava a
corte) os mandava chamar,

davalhes bons conselhos; &
mandava, que lhe dēsem esmo-
la, & se edificava de os ver ve-
stidos em pelotes, com man-
tēos curtos, com huma cana
por bordam, & com alforge
pendurado de hum tiracōlo de
orelos; por final, que entran-
do nesta postura diante del-
Rey, & da Rainha o irmam
Dom Rodrigo de Meneses, cho-
rou mil lagrimas hũa senhora,
que era dama da Rainha, & ir-
mã de Dom Rodrigo; nam en-
tendēdo ainda as riquezas, que
na sancta pobreza estam en-
ceradas. Este fim tiveram as per-
seguiçoens, que se levantaram
contra a Companhia, & contra
o P.M. Simam; que assim costu-
ma triumphar a verdade dos
perversos combates da menti-
ra; & nem por estas persegui-
çoēs deixaram de continuar
as mortificaçoens publi-
cas dos nossos, co-
mo adiante
veremos.

[?]



CAPITVLO XXXIX.

Vem a Portugal o Padre Antonio de Araós; chega depois d'elle o Padre mestre Pedro Fabro: he muy festejado de sua Alteza; vay a Coimbra, faz entrar na Companhia escolhidos foyteiros, entre elles o Padre Luis Gonçalves da Camara.

fenoti-
do P.
Antonio
Araós.

Difsemos no capitulo 32. da occasiam, q̃ houve pera ser chamado a Portugal o Padre Pedro Fabro, ao qual já deixamos em Lovayna, mandando diante os companheiros, que recebêo pera a Companhia, naquella insigne Vniuersidade. Como o negocio, a que vinha, era de tanta importancia, quiz o Padre S. Ignacio darlhe por cōpanheiro ao Padre Antonio d'Araós, muy chegado parête seu, pessoa muy calificada em partes, em Religiam, & nobreza, & o primeiro professo, que houve na Companhia, depois dos primeiros nove Padres; ao qual mādou logo S. Ignacio a Portugal esperar, q̃ o P. Fabro decesse de Alemanha. Chegou o P. Antonio d'Araós a Coimbra no anno de 1543. aõ-

de foy notavel a alegria, q̃ teve cō a vista da fermosa novidade, q̃ no Collegio achou de singulares foyteiros, & dos raros exēplos de virtudes, que em todos via, & venerava. Escrevêo logo bellissimas novas, & de grande consolaçam a nosso S. P. Ignacio, assi do que via de disciplina, & observancia religiosa na virtude, como do que advertia na promoçam escholastica nos estudos. Daqui (depois de afferuor a os de casa, & a os de fóra com seu raro exemplo, & singulares exortaçoens) se partio pera Almeirim, aonde estava a corte, & o Padre mestre Simam, a quem vinha dirigido. Nam se pôde bem explicar a muita satisfacão, & gosto, cō q̃ as pessoas reaes recebêram a este Padre, pediramlhe logo, que lhes prégasse em Almeirim, o que fez com grande fruto, assim alli, como em Lisboa, & em Evora, aonde quer que os Reys se achavam; sempre, com grande applauso dos ouvintes, por verem hum prégador tam exēplar, & com grande gosto do prégador, por ver hum corte tam reformada, que naquelle tempo mais parecia eschola de religiosos observantes, que paço de cortesãos seculares: igual era a cōplacencia, q̃ tinha de ver a naçam Portuguesa tam inclinada à devaçam, & estima da Companhia.

Anno de
Christo de
1544.

Chega a
Lisboa o P.
Pedro Fa-
bro.

194

Chronica da Companhia de Jesus em Portugal.

2 Em dia de S. Bertholameo, deste anno em que himos falando de 1544. chegou por mar a Lisboa cõ prospera navegaçam o Padre Pedro Fabro; & porque a corte estava entam em Evora, & nella tambem residia o Padre mestre Simam, & o Padre Antonio d'Araós; depois de se cõsolar muito cõ os poucos, q̃ estavam na residencia de S. Antam, dirigio seu caminho a Evora pera beijar a mamãe elRey, & à Rainha D. Catharina, & á Princeza Dona Maria. Chegado o Padre Pedro Fabro aos pés delRey, com grande humildade, & reverencia deo da parte do nosso sãcto fundador, & em nome da Companhia, as devidas graças a sua Alteza, pelas singulares merces, & assinalados favores, que com larga, & liberal mamãe tinha feito à mesma Companhia; & pela paternal providencia, com que nam sò a emparava nos estados proprios, mas tambem a pretendia dilatar nos Reynos alheos, usando de meyo tam conveniente, como era dar-lhe por padroeira a serenissima Princeza Dona Maria, da qual nam duidava, pelo grande amor, que nos tinha, que imitaria a seu pay, em tambem ser protectora da Companhia; em cujos fogeitos esperava em Deos, que sempre viviria a gratidam, & o devido reconhe-

cimento a tam singulares beneficios.

3 Recebeo elRey, com muita honra, & ouvio, com particulares sinaes de contentamento, ao Padre Pedro Fabro, de quem já tinha grandes noticias de sua muita virtude, & estremada prudencia: acrecentandose em presença, pelo que nelle entam vio, a grande opiniam, que d'antes tinha, pelo que já ouvira. Sahio o Padre da presença real, & se foy com o Padre Araós às casas donde habitava o Padre mestre Simam, na rua, que chamam de Machede, visinhas ao sitio, em que agora està o nosso Collegio. Nam se pôde facilmente dizer de quanta consolaçam foy pera estes dous Padres (que, depois de sancto Ignacio, entam eram as duas principaes columnas, que havia em Europa, entre as primeiras, que pera a fundaçam da Companhia teve nosso glorioso Patriarcha) aqui renovaram a memoria de sua sancta conversaçam, quando estudavam em Paris, quando seguiam a sancto Ignacio, das peregrinaçoens, dos trabalhos, das perseguiçoens, dos intentos de principiar a Companhia, que pela bondade de Deos viam confirmada pelo Papa, estimada por elRey, dilatada por seu Reyno, mandada

a India

Anno
Companh
544

Como fo
recebido
de sua

à India, & a ponto de se estender, com o favor da serenissima Princeza, pelos Reynos de Castella, & pelas Indias occidentaes.

4 Foy tal a satisfação, que elRey teve do P. M. Pedro Fabro, de sua tam composta modestia, tam assentadas palavras, tam ajustadas acçoens, com tudo o que era prudencia, & sanctidade, que tratou de antepor o proveito do Reyno, ao gosto da Princeza, querendo que elle ficasse em Portugal, & que o Padre Antonio d'Araoz, acompanhasse a Princeza a Castella, parecendo que este bastaria pera naquelles Reynos multiplicar o gram da mostarda da Campanhia; & que seria grande gloria de seus estados, & igual proveito, ter nelles em Portugal, & na India os tres mais prezados fogeitos de mayor estimaçam na Côpanhia, & ostres dos primeiros, que seguiram a S. Ignacio, a saber, S. Francisco de Xavier, o P. M. Simam Rodrigues, & o Padre mestre Pedro Fabro. Isto traçava S. A. & os intentos do Padre Fabro, eram os do P. S. Ignacio, de vir a Portugal, pera acôpanhar a Castella a serenissima Princeza, & assim ter occasiam pera entrar a Côpanhia naquelles Reynos. E porque grandes jornadas de Principes nam se aprestam em breve tempo, teveo o Padre Fa-

bro pera poder visitar (antes da partida da Princeza) o Collegio de Coimbra, que entam era os olhos, & delicias da Côpanhia, assim pelo exemplo, cõ que nelle se procedia, como porque mais avultava elle sò naquelle tempo em Portugal, que tudo o mais de nossa Religiam em toda Europa.

4 Grandissima foy a alegria do Padre M. Pedro Fabro, quando se vio naquelle novo jardim do céu; já florido pela graça divina, com novas flores de tam escolhidos fogeitos, & plantado, com a sancta industria do Padre mestre Simam, de generosas plantas, que prometiam alegres esperanças de copiosos fructos. Grande era o jubilo neste bom Padre, em ver huma tam numerosa comunidade, que mais parecia no procedimento ser de anjos vestidos em trajos de homens, que de homens nascidos no meyo do mundo; vendo se cercado de tantos filhos de sancto Ignacio, que pelo mesmo titulo lhe pertenciam a elle; nam cessava de dar graças à divina bondade, por ver em tam breve tempo em Coimbra, o q em Paris, & em Roma S. Ignacio, & os mais cõpanheiros foram debuxado, nam discrepado o q via, cõ o modelo, q no alto do monte de sua cõtêplaçã se lhe tinha represẽta do. Nã era menor a cõsolaçã dos

Anno de
Christo de
1544.

198

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno
Cõpanh
5.

filhos , logrando a vista de pay tam sancto ; estavam em sua presença como suspensos de alegria , & como enlevados em o modo , que tinha de falar , de tratar de Deos , de praticar das virtudes , pendendo de suas palavras , como se fossem de hum oraculo de sanctidade ; lembrando-se , que tinham diante de seus olhos o primeiro companheiro de seu Padre sancto Ignacio ; & que aquelle era o de quem se contavam tantas maravilhas de notaveis inspiraçoens , & divinas illustraçoens do cêo , & achavam que ainda a presença em muita parte lhes acrescentava a fama do que tinham ouvido.

Entrã muitos na Companhia por via do P. Pedro Fabro.

6 Nam he possível, que o fogo deixe de abraçar , nem se podem pôr marcos , ou limites a huma inflammada charidade : dentro do Collegio estava recolhido o Padre Fabro , mas de tal maneira voou a fama de sua rara virtude por toda a Vniversidade , que era grande a multidam dos que o vinham demandar , pera consolar suas almas , & aliviar suas conciências , com hum homem , a quem tinham por prudente , a quem veneravam por sancto ; pediam muitos os exercicios , & muitos pretendiam

entrar na Companhia ; a tudo ajudava o Padre Francisco Estrada com seus sermones . Foram os que neste tempo abraçaram a cruz de Christo o Padre Manoel de Sâ , mancebo de excellente habilitade , & talento ; tam conhecido ao diante no mundo todo , por suas obras , que nos deixou impressas , em especial por aquelle livrinho de ouro , a quem , com rezam , chamamos Manual ; porque , na verdade , anda nas mãos de todos : foy prégador do Papa em Italia , doutor famoso , homem de grande virtude , & letras . Entrou logo o Padre Antonio Gomes , insigne doutor Theologo Sarbonense , & muito conhecido , de excellête engenho , & dos mais afamados prégadores ; nem menos rico , nem pouco esquecido do que tinha , pera deixar tudo aos pobres . Após este se seguiu o Padre Miguel de Sousa , filho de Antonio de Sousa , fidalgo muy conhecido , de quem adiante falaremos : & logo o Padre Ioam Aspilcueta Navarro , sobrinho do grande doutor Navarro , de quẽ tambẽ adiante faremos mençam.

7 Logo entrou outro , digno de perpetua memoria , & dado por singular providencia , & merce de Deos nosso Senhor á Cõpanhia , o qual foy o P. Luis gõçalves da Camara , q̃ neste tẽpo

Entrã a Companhia Luis Gõçalves da Camara.

era

era estudante theologo, com cursos acabados, & passante naquella Vniversidade, de grande habilidade, & saber, que se estêdia a muita erudiçam, & variedade de letras humanas, expediçam no falar, & entender as lingoas Hebraicas, Gregas, & Latinas; tudo acompanhado com muita prudencia, & singular aviso. Sobre estes bons talentos, era dõ illustre sangue do Reyno, irnam de Simam Gonçalves da Camara, primeiro Conde da Calheta, capitam mór da ilha da Madeira (hoje seus descendentes sam Condes da Calheta, & se intitulam CôdesCapitaães) eram ambos filhos legitimõs de Ioam Gõçalves da Camara de Lobos, capitam mór da dita ilha, & de D. Leonor de Vilhena, a qual era filha de Dõ Ioam de Meneses Conde de Tarouca, que tambem foy Prior do Crato, a quem chamavam, naquelle tẽpo, o Conde Prior, mordomo mór del Rey D. Ioam o II. & del Rey D. Manoel; & cõforme isto ficava o Padre Luis Gonçalves da Camara sendo primo do irnam D. Rodrigo de Meneses (de quẽ falamos atràs) porque a mãy de Luis Gonçalves da Camara, era irmã do pay de Dom Rodrigo, & ambos filhos do Conde Prior. Tinha o P. Luis Gõçalves da Camara estudado em Paris com mestres doutissimos, & tinha sabido muy

aproveitado. Naquella Vniversidade conheceo o Padre Pedro Fabro, & os mais primitivos Padres de nossa Religiam. Fudada depõis a Vniversidade de Coimbra por el Rey D. Ioam o III. se retiraram os estudantes fidalgos Portugueses da Vniversidade de Paris, pera a sua de Coimbra, nam só por dar gosto ao Principe, que a fundara; mas pera autoridade da patria, que os gerara.

8 Aqui assistia Luis Gonçalves da Camara, no tempo que chegou a Coimbra o Padre Pedro Fabro, & pelo conhecimento, que delle tivera em Paris, o buscava muitas vezes, & o tratava cõ grande gosto, & satisfaçam de sua alma; & com tam suaves, & religiosas praticas se moveo de maneira, que tratou de ser religioso, com o mayor desprezo do mudo, que podesse ser; por esta rezam (como elle cõtou ao P. Manoel Godinho) quiz escolher a Cõpanhia, por ser entam a Religiam mais moderna, menos conhecida, & aõde se lhe fechavam as portas pera dignidades, & prelasias, q em outras Religioes, conforme suas constituicoes, licitamente se admittem. Resoluto assi Luis Gonçalves da Camara, pedio logo a Cõpanhia, & foy nella admittido pelo P. Pedro Fabro, a quem particularmẽte devia sua vocaçam, assi pelo conhecimẽto

Occasiam,
qreve Luis
Gõçalves
pera entrar
na Cõpanhia.

Anno de
Christo de
1544.

198

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno
Cópia
5.

antigo, q̃cõ elle tivera em Paris, comõ pelos conselhos, que agora lhe dera em Coimbra. E como o espirito, com que Deos o trazia, era tam fervoroso, pedio que a primeira experiencia, que entre nòs se costuma dos exercicios espirituaes, se lhe dèssẽ em algum lugar separado, & ausente de Coimbra, aonde lhe nam podessem chegar novás de parentes, & amigos, pera que de todo perdèsse a memoria delles, quem sò pretendia lembrar-se de Christo: condescenderam os superiores com esta sua devaçam, & o mandaram tomar os exercicios na villa de Coja, sete legoas de Coimbra, do senhorio do Bispo Conde.

9 E porque de veras queria fugir do mundo, (como outro Abraham, a quem Deos disse que deixasse, nam sò sua patria, mas tambem seus parentes) pedio licença pera ter o noviciado fóra de Portugal, & alcançando o despacho desta sua petiçam, de Coja foy peregrinando ao Reyno de Aragam, a fazer seu noviciado em o novo Collegio de Valença, aonde era Reitor o Padre Diogo de Miram: os companheiros, que levou consigo eram o Padre Urbano, que depois foy Reitor de Coimbra, & morreu na viagem da India, & Manoel de Sá, de quem já aqui falamos, insigne doutor, & excellente pregador,

que estes eram os fogueitos, que naquelle primeiro tempo buscavam a Companhia. Tal foy o espirito, que o Padre Luis Gonçalves da Camara ganhou neste breve tempo, que sendo Reitor o Padre Martinho de sancta Cruz, quando elle entrou na Companhia, elle mesmo foy o Reitor que logo lhe succedeo; porque como os nossos religiosos primitivos, tam de veras se entregavam a Deos, em breve tempo alcançavam o que demanda muitos annos de experiencia; que nam he esta a primeira vez; em que a abundancia da graça robusta supprio os defeitos da natureza fraca; pois sabemos, que Sam Paulo, sendo d'antes peccador, prégou logo como doutor, & de repente sahio sancto, com admiraçam de todos, sem lhe ser necessario tomar liçam como discipulo dos Apostolos em Ierusalem, pois tivera por mestre ao mesmo Deos.



CAPI-

Vay Luis
Gonçalves
ter o novi
ciado fóra
de Portu
gal.

Gen. c. 12. n. 1.
Egretere de
terra tua, & de
cognatione
tua:

b
Aq. c. 9. n.
Et continu
synagoga
dicabat Ier

CAPITULO XXXIX.

Como por meyo do Padre Pedro Fabro, veyo milagrosamente à Companhia hum nobre Abbade de entre Douro, & Minho, chamado Ioam Nunes Barreto.

E Stas eram as obras, q em Coimbra exercitava o Padre Pedro Fabro; estes os fogeitos, que, com seu exemplo, ao perto, nos trazia à Companhia: muito mais ao longe se estendiam suas influencias; como succede ao Sol, que aonde nam chega com rayos claros, penetra com virtudes occultas: veremos neste capitulo hum admiravel voçação de hum excellente fogeito, dos melhores que teve esta Provincia, que entrou na Companhia, morando junto a Braga; trazido pelo Padre Fabro, que estava dentro de Coimbra.

Havia naquelle tempo hum nobre Abbade da Igreja de nossa Senhora de Freiris, entre Braga, & Ponte de Lima, chamado Ioam Nunes Barreto, natural da cidade do Porto, filho legitimo do Fernam Nunes

Barreto, senhor do morgado de Freiris, & Penagate; o qual foy ditoso nos filhos, que Deos lhe deo, porque teve oito; quatro fêmeas, que entraram em Santa Clara do Porto, aonde foram religiosas de grande exemplo. Dos filhos o mais velho foy Gaspar Nunes Barreto, que herdou a casa, & foy pay de D. Ieronymo Barreto Bispo do Algarve, & de Fernam Nunes Barreto, segundo do nome, de quem naceo Dona Izabel Henriquez, que casou com Dom Fradique de Meneses (irmam do Conde de Cantanhede) dos quaes naceo Dom Affonso de Meneses (que hoje vive, & herdou a casa) Dom Francisco de Meneses, que he Conego doutoral d'Evora; Fr. Fernando de Meneses, Fr. Ioam de Meneses, ambos religiosos de S. Domingos, que sam hoje illustrissimos fogeitos em letras, & em virtude. Os outros tres filhos de Fernam Nunes Barreto, primeiro do nome, todos, deixando o mundo, nos honraram, como tres preciosissimas joyas, os principios de nossa Religiam; hum delles foy o Padre Melchior Nunes Barreto, do qual ja falei no capitulo 22. o outro foy este nobre Abbade Ioam Nunes Barreto (de quem agora trato neste capitulo) & nelle tinha seu irmam Gaspar Nunes Barreto appresentada aquella Ab-

Ioam Nunes Barreto Abbade de Freiris, que foram seus pays.

Anno de
Christo de
1544.

200

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno
Copan
5.

Era muy
dado á cõ-
tẽplaçãõ.

badia de Freiris, por ser de seu padroado, como ainda hoje he de seus herdeiros; do quarto, & ultimo irmam, que foy o Padre Affonso Barreto, falarêmos no capitulo 43. Estudou o Abbade, sendo ainda mancebo, em Salamanca, fazendo vida tam exemplar naquella Vniversidade, que communmẽte lhe chamavam o Abbade sãcto. Formado em letras se veyo à sua Igreja a reformar na sãctidade, curando de suas ovelhas como bom pastor, & continuando sua vida, como homem sãcto. Era muy dado à oraçam, na qual galtava no dia sete horas, & lhe contentava muito a vida contemplativa, gostando da suavidade, que nella achava, retirado dos homens, de quem fugia, & abraçado com Deos, a quem buscava.

3 Muito desejava seu irmam o Padre Melchior Nunes, que já tinhamos na Companhia, de ver ao Abbade fazer hũa composiçam de ambas as vidas por oraçam, & acçam; tratando de fazer bem aos outros, assim como se aproveitava a sy; & vendo que em nenhũa parte podia melhor fazer esta sãcta uniam, que na Companhia, buscou occasiam pera o persuadir; tevea boa, hindo em peregrinaçam a Sanctiago de Galliza, passou pela Igreja de Freiris, vio a seu irmam, deolhe as boas

novas, do grãde bem, que achava na Companhia de IESV, como as deo alguma hora S. André, a seu irmam S. Pedro, do que achava na de Christo. Trouxe de o persuadir, a que, deixando os perigos do mudo, aonde estava, se recolhẽsse ao quieto remanso da Religiam, que elle escolhẽra; porqali acharia lugar pera suas contemplaçoẽs, & o teria muito bom a vida activa, sãctificandose a sy, & aproveitando os outros; porque aquella he a mais perfeita vida, conforme a melhor doutrina de graves, & antigos Padres, & que intenta ao bem proprio por oraçam, & tambem trata do alheo por acçam; pois esta exercitou Christo em sy, & a ensinou a seus Apostolos.

4 Com melhor gasalhado recebẽo o Abbade ao peregrino, do que ouvio sua proposta, sempre lhe foy rebatendo os tiros, que fazia; respondẽo, que elle se achava muy contente cõ aquelle modo de vida; & que ainda que confessava ser mais perfeita a vida, que juntava a contemplaçam de Maria, com a operaçam de Martha, que elle nam pretendia buscar o melhor, senam que se queria aquietar com o que se achava bem; que nem elle tratava de mudar estado, nem havia pera que lhe falar em mudança de vida. Sãhiose o Padre Melchior Nunes

da

Joã. c. 1. n.
Invenit hic
no fratre
& dicit ei
nimis Mel

b
D. Ignat. ep.
ad Ioan. Ev.
D. Gre. in Io.
lib. 6. c. 25.
28. In Eze.
lib. 11. hom.
D. Tho. 2. 2.
184. a. 7. ad
& 3. p. q. 40.
1. ad 1.

da casa do Abbade, mas nam deixou a pretençam da batalha, que com elle trazia; & posto que por entam lhe deo tre-goas, cessando da bateria, deixou-lhe na alma atravessada a sêta vital das rezoens; que lhe tinha praticadas: voltouse a Coimbra, escreveu huma carta ao Abbade, pedindolhe quizesse chegar a Coimbra, & consolar-se com os Padres, & irmãos daquelle Collegio, & communica sua alma a hum homem sãcto, que ali esperavam, que era o Padre Pedro Fabro, primeiro companheiro de S. Ignacio. Recebeo o Abbade a carta, & andando lidando com estes pensamentos, depois de encomendar muito o negocio a Deos, & mandar por esta intençam dizer muitas missas. Recolhendose huma noite a repousar, teve huma visam em sonhos (que também entre sonhos se communica Deos aos que o buscam em vigia) parecialhe que via hum sacerdote dizer missa solenne, a qual elle Abbade ministrava, como diacono; & que chegando o sacrificio a tempo de dar o diacono a paz ao sacerdote, como se costumava naquellas Igrejas, hindo pera lha dar a parte direita (conforme a ordem, & costume) o sacerdote lhe dizia, que lha dêsse da parte esquerda: atè que, entre as replicas, & porfias de parte a parte, es-

peritou o Abbade, nam sem espanto da novidade do sonho, qlogo se lhe soltou, com huma clara luz do entendimêto, com que Deos o alumiou, que nam tratasse de buscar a paz só na vida contemplativa, que elle tinha por direita, mas que também a buscasse na activa, que a elle lhe parecia ser esquerda.

§ Penetrado o Abbade com esta visam, & com a nova explicaçam, que Deos lhe inspirou, levantou o coração ao céu, pedindo com muitas lagrimas, a Deos, lhe dêsse a sentir o que mais fosse de seu serviço, & mayor gloria; & pera que melhor assegurasse o bom despacho da supplica, recorreo ao favor da Virgem Senhora, como a intercessora, & avogada geral de nossos requerimentos, grangeandoa com huma promessa de missas. Logo a piedosa Virgem (couza notavel) em dia da commemoraçam dos fideis defunctos (estando o devoto Abbade tratando com a Senhora, de seu requerimento sobre o estado de vida, de que devia fazer eleiçam) lhe appareceo cercada de resplandores de gloria, cõ fermosura, & magestade de Rainha do céu, & Senhora do mundo, da maneira, q se costuma manifestar aos bemaventurados, acompanhada também da presença de hum veneravel sacerdote

cerdote, ao qual o Abbade muy bem conheceo, que era o mesmo na figura, & nas feições, no gesto, & no rosto, que vira no sonho dizer missa solenne, & lhe nam aceitara a paz pela parte direita. Com tam regalada visita se prostrou por terra o devoto Abbade, diante de tam soberana Magestade, á vista de tam singular beneficio; & logo ouvio a mesma Senhora, que lhe dizia; que se fosse ao Collegio da Companhia de IESV em Coimbra, & nelle fallasse com aquelle seu servo, que ali via. Desappareceo a visam, & com ella tambem o nevoeiro de duvidas, com que o Abbade andava embaraçado: entrou em grandes jubilos de celestial alegria, com tam autorizada guia de quem o encaminhasse, que nam poderia deixar de acertar, quem por tal noite se governasse.

*Vê logo a
Coimbra o
Abbade Io
am Nunes
Barreto.*

6. Nam sabe a divina graça ser vagarosa na execuçam dos conselhos, que nace do author della. Nam dilatou a jornada por concertos, & aprestos de Abbade rico, com hum bordam na mam, & com hum habito de peregrino, se partio ao outro dia pera Coimbra; & no caminho mais parecia voar, que andar; tal era o fervor do espirito, que o levava, & tal a lembrança da visita da Senhora, que o espertava. Chega ao

Collegio de Coimbra, da conta a seu irmao o Padre Melchior Nunes de suas felicidades, que se o foram a primeira vez em sonhos dormindo, mayores lhas fez a Virgem sanctissima em vigia, quarenta dias esteve com grãde consolaçam sua recolhido no Collegio de Coimbra; & sendo já tam grãde o numero dos religiosos, entre todos conheceo quem era o Padre Pedro Fabro, pelos sinaes que na alma lhe ficaram impressos de fer aquelle o sacerdote do altar, & o companheiro da Virgem; lançase por terra pera lhe beijar os pés, & era o menos que cuidava merecer pessoa, a quem nam vira, senam celebrando sacrificios divinos, ou acompanhando a mãy soberana. Comunicoulhe o Abbade suas duvidas, disselhe do sonho, & da visam, que tivera; deolhe conta da consolaçam, que tinha no retiro da contemplaçam; & das inspiraçoens, que sentia pera servir a Deos, ajudando a salvaçam dos proximos.

7. Logo o Padre Pedro Fabro lhe deo o despacho de seu sancto requerimento, com estas formaes palavras: *Nam vos deixeis, senher, levar do gosto da contemplaçam, de que gozáis na vossa Igreja, que o inimigo a torna por meyo pera vos deter no mundo, entre as rendas, regalos, & serviço de vossos criados, com o pezo de vossas ovelhas às*

costas

costas, pera o que S. Bernardo, ^a nam
acha a hombros bastantes mais que os
divinos: quanto mais que nesse modo
de vida nam achareis daqui por diante
a consolaçam, que ategora tinheis; por-
que em quanto vos parecia ser essa a
vida, em que mais agradaveis a Deos,
podieis ser nella consolado; mas agora,
que o Senhor vos tem mostrado outra
mais perfeita, em que de todo podeis
morrer ao mundo, & viver a Christo,
trazendo muitas almas a seu conheci-
mento, & serviço, nam poderéis estar
quieto na vossa Igreja, vivendo com
liberdade, comendo a vossa renda; limi-
tando a vossas orelhas a charidade, que
podieis estender ao mundo todo.

8 Bastou tam abreviado
roteiro ao Abbade, pera logo se
resolver a deixar duvidas, & a
mudar estado; lançou-se aos pés
do Padre Fabro, pedelhe, com
instanciã, o receba na Compã-
nhia, & o encaminhe em seguir
humã nova vida, com que se a-
proveitasse a sy, & salvasse aos
outros. Quiz o Padre que hou-
vesse mais alguma detença em
negocio, que pedia tanta ma-
dureza; respondeolhe desta ma-
neira: Nam vos determineis, senhor,
tam depressa, ainda tendes mais que
fazer, levantai vos hoje á meya noite,
como he vosso costume, & posto em ora-
çam diante de Deos, do intimo de vos-
so coração, vos offerecei, & designai
todo em suas divinas mãos: logo desa-
fiai a Lucifer, que venha com suas ten-
tações: & vindo a menha, direis
misã, pedindo ao Senhor vos allumie, &

conforte no que for mais sua vontade,
& no em que, diante da sagrada Eu-
charistia, vos resolverdes; misso assentai,
& ficai firme pera sempre. Com
grande obediencia fez o devo-
to Abbade tudo o que seu in-
structor lhe ordenára. Levou a
noite vigiando em oraçam (co-
mo succedeo a frey Angelo no
alto de hum monte, por ordem
de S. Francisco) desafiou ao pay
das trevas, que jugou fortemen-
te das armas, usando de suas tra-
ças, & astucias, representando-
lhe as rendas, que deixava, as
esperanças, que cortava, & os
trabalhos, a que se fogeitava:
com tal vehemencia lhe fez
esta guerra umbratil, & imagina-
ria, que parecia em tudo real, &
verdadeira. De tal maneira se
reportou o Abbade na briga,
que o inimigo lhe deo as co-
stas, & nunca mais o buscou em
materia de vocaçam. Vêyo o
dia, fez o mais, que o Padre Fa-
bro lhe tinha ordenado, entre-
gandose nas mãos do divinissi-
mo Senhor, que nas suas tinha,
estando na missa, & com suavis-
sima illustraçam do entendi-
mento, & efficaç deliberaçam
da vontade, se resolveo a entrar
na Companhia, na qual foy re-
cebido pelo Padre Pedro Fa-
bro, & nella viveo nam menos
conversando com Deos, como
sancto contemplativo, que tra-
tando com o proximo como
apostolo activo. Este he aquelle

Como vê-
cêo as diffi-
culdades,
que o dia-
bo lhe pu-
nha.

Entra na
Companhia.

Anno de
Christo de
1544.

204

Anno d
Cōpanh
5.

inlignie servo do Senhor o Padre Ioam Nunes Barreto, que foy Patriarcha de Erthiopia (como adiante veremos no liuro quinto) pessoa de muita prudência, & rara piedade, escolhido pera aquella dignidade em lugar do padre Pedro Fabro, em quem elRey Dom Ioam a tinha nomeada, se Deos nosso Senhor o nam escolhêra primeiro pera o céu; ordenando Deos as cousas de sorte, que o Padre Pedro Fabro nos trouxesse à Religiam quem o imitasse na sanctidade de vida, que tinha; & quem lhe succedesse na dignidade do cargo, que elRey queria que tivesse.

9 Voltou o Padre Pedro Fabro pera Evora, com intentos de acompanhar a serenissima Princeza, cuja partida pera Castella estava destinada, em passando as calmas deste anno de 1544. porem hum grave doença, que em Lisboa teve, veyo muito a proposito aos intentos reaes, de o deixar em Portugal; porque a Princeza se partio logo em Outubro, & o Padre Fabro ficou enfermo. No capitulo seguinte veremos o que fez, depois de convallecido.



CAPITVLO XXXXI.

Alcança o Padre Pedro Fabro licença pera se bir a Castella; escreve ao Collegio de Coimbra, & mandalhe algumas reliquias, & finalmente se parte pera Valladolid.

1 **R** Esidia a corte neste tempo em Evora, pera esta cidade endereçou o Padre Pedro Fabro seu caminho (depois de cobrar bastante faude) nella foy recebido de sua Alteza, com as mesmas demonstraçoens de benevolencia a sua pessoa, & satisfação de suas obras. Recorreu logo o Padre a seus usados exercicios, & cōtinuados exemplos, com que a todos causava nam menos devaçam, que grande admiraçam, vendo todos nelle hum tam perfeito religioso, que nos trajos parecia homem, & na vida era Seraphim. Era tal a suavidade de sua conversaçam, que a todos satisfazia; de sorte, que sem biocos, & sem vans ceremonias (nas quaes muitos cuidam, que consiste a virtude) trazia a sy os mayores, & os mais luzidos cortesaões, que o buscavam como a oraculo, & o ref-

Como f
havia
Corte o
Pedro F
bro.

peitavam

n. 6. Da
bibere,
& n. 14.
ci fons a-
allientis in
a eternã.b
Et venit
is. ibid.
to regio-
quia alba
ad melle.t. ibi.
alutẽ an-
ciat sub
aphora
um,

peitavam como a sancto; vindo à pratica com elle, quando se uam precatavam, por mais polidos, & discretos que fossem, se achavam ausentes da corte de Portugal, & presentes na curia do cẽo. Era nelle particular graça de Deos, a boa graça, & grãde defabafamento, com que entrava nas materias de espirito, & sahia das da corte, quando nella o metiam, tirando de confas ordinarias occasiam de praticas superiores, imitãdo aquella sancta destreza, de Christo no trato dos homens, porque pedindolhe a Samaritãna, que lhe dẽsse agoa do poço, logo lhe offerecẽo a fonte da graça: & tratando com os Apostolos^b da seara, que viam, logo lhes meteo a pratica da colheita das almas; que assim se aproveitava Christo do humano, pera meter o divino, como advertio o Cardẽal Cayetano, *Sumpta occasione ex fonte, docuit de gratia*. Tam engenhoso he o amor dos proximos. Era tambem nelle dom particular de Deos, ver como se fazia senhor da roda dos fidalgos, que em brevissimo espaço se achavam discipulos de sua doutrina angelica, & divina, esquẽcidos da cortesã, & humana. Guarnecia todas estas mostras de sancto cortesã, com humã modestia seraphica, huma

alegria no rosto, huma compostura no exterior tam bem affombrada, que parecia que andando na terra, entre os homens, habitava nos cẽos, vendo a Deos. Muito crescia a opiniam, que todos delle tinham, com verem que naquella corte, aonde tinha tam grande entrãda com o Rey, & com todos seus validos, de nenhuns se queria valer, pera negocio algum temporal: tam grande he a força do espirito, que tudo converte em sy, & tudo faz ausente, & peregrino do que leva a maior bem.

2 Tudo isto obrigava a sua Alteza a desejar efficaçmente de mudar o conselho, que d'antes tivera, na vinda do Padre Fabro a Portugal; & como a Princeza se partira jã sem elle, pela occasiam da doença do Padre, lhe parecia que era muito mais facil havelo de persuadir a ficar, aonde era tam estimado, & desejado, fazendo natural do Reyno por residencia, jã que o nam era por natureza. Porem os intentos do Padre Fabro mais eram hir aonde procurasse obẽda Companhia, que deixar se ficar aõde o acõpanhavam os favores reaes. Via q o tinham tirado de Alemanha (aonde estava, com ordem de sua Sãctidade em negocios gravissimos) por se

Prẽtẽdo o
P. Fabro
hir a Ca-
stella.

Anno de
Christo de
1544.

206

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno
Cõpanhia
5.

*Reliquias,
q manda
a Coimbra
o P. Pedro
Fabro.*

dar gosto a elRey, & por se multiplicar a Companhia em Hespanha, como S. Ignacio pretêdia; & que ficaria isto frustrado, se pelo gosto particular de S. A. deixasse de acodir ao common da Cõpanhia, porq aquelle assas se supria cõ a presença do P. M. Simam, & pera acodir a introduzir a Companhia em Hespanha (em quãto era basejada cõ o emparo da serenissima Princesa) nam se acharia tã facilmente outra igual occasiam. Tudo isto se cõmunicou a S. A. & valêram tanto as rezoës deste bendito Padre, q se movêo elRey; ainda q cõ grãde difficuldade, a cortar pelo gosto de sua pessoa, por acodir ao proveito da Cõpanhia. Tomada esta resoluçam, & havida a licença pera se partir, quiz este sãcto varã dar hũ regalo a suas saudades, cõfalar algũ pouco, por carta, cõ seus muy prezados irmãos do Collegio de Coimbra, & esperar-lhes mais as q là padeciam por sua ausencia, mãdãdolhe hũ penhor de suas cordeaes lembranças, com as quaes, por largo tempo, o fizessẽ presente, como fazem ainda hoje. Foy este penhor de algũas sagradas reliquias, de grande estima, que trouxera de Alemanha, as quaes elle mesmo, com autoridade apostolica, tirára de hũ mosteiro de religiosas na cidade de Colonia Agripina, & outras, que

elle resgatara em algũs lugares inficionados de hereges, pera as trazer aonde fossẽ estimadas com a devida veneraçam.

3 Entre estas preciosissimas joyas, vinha hũa cabeça de hũa das companheiras da gloriosa virgem sancta Vrsula, com certidam passada por sua mam, pedindo, & encõmendando muito aos Padres, & irmãos do Collegio de Coimbra, venerassẽ cõ grande devaçam aquella sancta reliquia, pelo muito que a sagrada virgem merecera, em dar a vida pela honra de Christo, & pella defensam da pureza. Festejou se muito no Collegio tam sancta, & tam rica peça, com pijssimos affectos, devaçam, & reverencia a tam virginal thesouro. E tal foy o espirito, & festa, com que no Collegio se recebêram, & agasalhãram prẽdas de tanta estima, que ficou em perpetua solennidade festejar se, naquelle sancto Collegio, o dia das onze mil virgens, aos vinte & hum de Outubro, com particular devaçam de jubiléo, de prégaçoens, de poemas, emblemas, & outras semelhantes festas, à honra das sanctas virgens. E deste Collegio se dilatou esta devaçam a todas as mais casas da Companhia, em Portugal, India, & Brasil, venerando todos, com grande

solenn-

*Sam feste-
jadas no
Collegio de
Coimbra
as onze
mil vir-
gens.*

folénidade, & devaçam estas sagradas virgês; & pretêdendo alcãçar por sua intercessam a pureza, que a Cõpanhia, cõ muy particular affecto, deseja ver em seus filhos, que dentro cria, & em os estudantes, que fóra ensina.

4 Outro penhor, de grãde estima nossa, mãdou o P. Fabro a seus muy estimados irmãos de Coimbra, q̃ foy hũa carta, escrita d'Evora, q̃ como reliquia guardamos no cartorio de Coimbra, q̃ (por ser de hũ varã de tanta virtude, tam eminẽte, primeiro cõpanheiro de nosso S. P. & a quẽ, depois d'elle, devemos o bẽ, q̃ logramos na Cõpanhia) me pareceo relatar aqui, diz ella assi.

5 Charissimos em Christo irmãos. A graça de Iesu Christo N. S. & o amor do espirito sancto, seja sempre em vossos coraçõs. Atẽgora vos nam pude escrever cousa certa de nossa partida. El Rey, depois de minha chegada a esta corte, me concedeo licença, mas pouco depois ma tornou a negar. Cõ tudo vẽcidas as difficuldades, cõforme ao q̃ creio ser vontade do Senhor, á força de rezões, & instãcias alcãçamos o que era em serviço do Senhor, q̃ livremente pude hir aos Reynos de Castella. Por tãto rogai ao que he vida, & saude de todos, q̃ seja em nossa cõpanhia, em todos nossos caminhos. O dia de nossa partida desta corte nam está certo, esperamos seja por toda a semana seguinte, por causa de hum negocio de muita importancia. Nam poderei, conforme minha esperança, & a vossa, & meu de-

sejo passar por esse Collegio, o que na verdade me chega muito, & avós tãbẽ, conforme vossa charidade, poderá ser causa de sentimento. Sabe nosso Senhor quanto desejei consolar-me cõ vosco por algũs dias nesse Collegio; tambem sabe a consolaçam, & edificaçam, que por ventura dali esperava: mas a vós, & a mim convem sofrer, pera que se cumpra, nam a nossa vontade, mas a de Deos perfeitamente. Por esta causa sou forçado fazer por carta o que, com mayor gosto, fizera em presença, pera, com esta ultima despedida, melhor poder merecer terdes diante de Deos lembrança de mim; pois todas, irmãos meus charissimos, entendeis quanta necessidade tenho de vossas oraçoens, & sacrificios.

6 Eu nam sey por quanto tempo me despido de vós, porque por ventura será temeridade dizer, que ainda, antes de morrer, vos tornarei a ver; por outra parte seria sobeja desconfiança, desesperar de ver a muitos de vós. Sabe nosso Senhor com quanta pena eu soffro isto, a qual de vossa parte cuidonam será menos. Sou constrãgido a despedir-me de vós por carta, havẽdo de o fazer por palavra, pera que mais firmemente podesse merecer vossas lembranças; por que nenhum de vós hã, charissimos irmãos, que nam saiba muito bem quam necessaria me seja a vida de todos. Eu nam sey quam comprido será este vale, que agora vos dou. Vivite igitur felicẽs, & servi sempre a Christo N. S. cõ alegria, nam dando nunca de mam àquelle, q̃ toda a boa disposiçã nos cõcede. Estai todos nisto, & nã vos apeguéis

Anno de
Christo de
1544.

208

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

a ninguẽ tirado a Iesu Christo, o qual vos
nam pòde ser tirado, por q̃ ainda que a
presença corporal dos homẽs nos possa
algumas vezes aproveitar; com tudo
mais frequentemente nos empẽce, & por
isso vos haveis de costumar àquella
conversaçaõ, que toda he do cẽo. Haja
embora conversaçaõ transitoria, em
quãto nos serve pera passarmos às cou-
sas eternas. Recreemos a voz viva, que
aproveita, mas nam de qualquer manei-
ra, senam em quãto nos guia pera a
voz interior, & que nos seja em o cora-
çaõ: o mesmo differa dos mais sãtidos,
os quaes tambem presencialmente mo-
stram varias differenças de cousas, &
entam muito mais nos aquietam, quã-
do por elles somos excitados aos senti-
dos interiores das cousas espirituaes; os
quaes sentidos, charissimos, tanto he ne-
cessario, que andem em nós mais exer-
citados, quãto o proveito dos exteriores
he menos: & este ganho tem principal-
mente aquelle, a quem a sabiduria en-
sina por sy, & a quem diz, * Audi fi-
lia, & vide, & inclina aurẽ tuã.
Estas cousas sam ditas pera aquelles,
que costumam entristecerse demasiada-
mente, quãdo os amigos se lhes ausentã.

7 Se aos Apostolos de Christo ^a soy
conveniente carecerem da presença da-
quelle, que com ella dava saude ao mũ-
do, por ventura nam será necessario q̃
tudo aquillo que nos faz presentes, nam
sõmente se nos tire, mas ainda de todo
pereça? Huma sò cousa releva, que fi-
que em o meyo do que Deos quer de
nós, que he Christo medianeiro entre
Deos, & os homens, o qual he tudo em
todos. A este, pois, tenhamos sempre

presente, & neste, como em fonte, se-
lusque cadaũ a sy, & a seu irmam.
Busquemonos por mutua contẽplaçaõ
na sacratissima Virgem; eis aqui, cha-
rissimos, aonde vos leva este meu vale,
àquelle, cujo vale dicere, & facere
est conferre ipsam valetudinẽ,
ao qual peço, ut de rore eius, & de-
pinguedine eius sit benedictio
vestra, Benevalete, & in eodem
Iesu Christo Domino nostro.

De Evora 20. de Março de 1545.

Vosso irmam em Christo
amantissimo

Pedro Fabro.

8 Foyse finalmente o Pa-
dre Pedro Fabro a Castella, che-
gou á corte de Valledolid, aon-
de estava a Princeza Dona Ma-
ria, & com seu real favor se co-
meçaram a fundar Collegios
aossos em Castella; o que se fez
com socorro de gente, que de
Coimbra mandou o Padre M.
Simam, como logo veremos, pe-
ra que entendamos, que esta
provincia he mãy, nam sò de to-
dos os Collegios fudados na In-
dia, & Brazil, mas tambem dos
que se fundaram em Hespanha,
pera que assim o Oriente, como
o Occidẽte, reconheçam a este
sancto Collegio por autor deste
bem, & cõfessem as obrigações,
em que estam á Provincia
de Portugal.

[?]

Pf. 44. n. 11.

d
oa. c. 16. n. 7.
Expedit vobis
ut ego vadam.

AProz
cia de
tugal
princip
da de
stella.

CAPITVLO XXXXII.

*Do socorro de religiosos, que
o Padre mestre Simam man-
dou ao Padre Fabro a Castel-
la: E do que este ben-
dito Padre escreveu
ao Collegio de
Coimbra.*

rinceza
Maria
y affei-
da a Cô
nhia.

NOravel era a deva-
çam, que a serenif-
sima Princesa Dona
Maria tinha ao Padre Pedro
Fabro, & grandissimo o amor,
cô que tratava as cousas da Cô-
panhia, como filha dignissima
de hũ Rey, que foy pay de to-
da nossa Religiam; & se a vi-
da lhe durasse mais tempo, fe-
riam, sem duvida, muito ma-
yores os progressos da Compa-
nhia em os Reynos de Castella;
porem a morte envejosa nam
deixou a Hespanha gozar por
muito tempo esta grãde felici-
dade, porq morreo do primeiro
parto, no anno de 1545. sendo
de idade de dezafete annos, &
nove mesês, parecendo merece-
dora de viver annos eternos. Cõ
tudo nesse tempo, que teve de
vida, procurou com todo o cui-
dado o bom logro da Côpanhia
em Castella, alcançando licença
da Magestade do Emperador

Carlos V. & do Principe Dom
Philippe seu marido, & filho do
Emperador, pera a Côpanhia fi-
car de assento nos Reynos de
Hespanha, & se dilatar nella
por fundaçam de casas, & Col-
legios, cõforme a nosso institu-
to. Pera este effeito mandou o
Padre Pedro Fabro pedir ao P.
M. Simam, que lhe mandasse al-
gum subsidio de gente do Col-
legio de Coimbra.

2 Com muito gosto tratou
logo o P. mestre Simam de de-
ferir a esta petiçam, vendo a
porta, que se abria de tãta glo-
ria de Deos, pera a Companhia
entrar em Castella, & nas suas
conquistas; mandoulhe logo
ao Padre Andrè de Oviedo (de
quem no livro quinto faremos
mençam, que a merete elle
muy larga, por ser hum dos
mayores servos de Deos, que
teve a Companhia) mandou-
lhe mais o irrmam Francisco
de Villa nova (de quem fa-
lei no capitulo 36.) mestre
Hermes, & mestre Maximilia-
no Flamengos, Francisco Gal-
lo Francês. Logo o Padre Fa-
bro fez repartiçam destes so-
geitos enviandoos a Gandia, a
Alcalá, aõde assistiram com ra-
ro exemplo à fundaçam daquel-
les Collegios. Mestre Hermes
ficou em Valledolid com o Pa-
dre Pedro Fabro.

3 Foram tambem inuiados
em outra occasiam, pera q em

Cõpanhia

5.

Mada o P
M. Simam
gente de
nova Ca-
stella.

Anno de
Christo de
1544.

210

Chronica da Companhia le desu em Portugal.

Anno d
Copanbr
5.

*Voltam a
Coimbra
os Padres
Vrbano, &
Luis Gon-
çalves.*

principio do novo Collegio de Valença, tivessem seu noviciado Luis Gonçalves da Camara, com o intento, que dissemos, de se alongar de seus parentes, & os irmãos Vrbano, & Manoel de Sá; destes dous o irmam Vrbano veyo a ser Reitor em Coimbra, & acabou, com grande exemplo, na viagem da India, como veremos em seu lugar: Mnoel de Sá passou a Italia, como já apontamos. Todos tres em Valença procederam com valente edificação, assim entre os nossos, cō quem cōversavam, como entre os seculares, a quem doutrinavam: esta foy a causa da grãde difficuldade, com que largou o Padre Pedro Fabro a os dous primeiros Vrbano, & Luis Gonçalves, porq̃ obrigado da necessidade de recobrem a faude perdida em Valença, os tornou a remeter a Coimbra, aonde houve grandissimo alvoroço com a vista dos seus dous irmãos restituídos ao Collegio, & notavel a consolaçam, com as boas novas, que lhes davam do augmento da Companhia pelas partes de Aragam, & Castella, & dos grandes serviços a Deos nosso Senhor, que fazia o Padre Antonio d'Araõs em Valença, aonde era seguido de toda a gente, assim nobre, como popular, pela grande satisfação que toda a cidade tinha de sua rara virtude, & excellente dou-

trina. Fez tambem muy alegre sua vinda o que contavam do sancto varã Pedro Fabro, a quem todos os irmãos de Coimbra tinham especial devaçam; entre o que delle diziam era quam alegre, & consolado ficava, com as boas novas, que de Portugal lhe tinham hidas, do que na India fazia aquelle grande Apostolo S. Francisco de Xavier, que, como hum novo sol, tinha amanhecido no Oriente, allumiando aquelles povos, que, gozando dos primeiros rayos da rica aurora, viviam sepultados nas ultimas trevas da triste ignorancia.

4 Mas porque neste capitulo seremos obrigados a nos despedir deste insigne varã Pedro Fabro, pay nam sòmente universal, mas muito particular desta provincia, ajutemos aqui outra carta, que escreveu aos irmãos de Coimbra, com affecto verdadeiramente paternal, pera que vejamos qual era o espirito de Deos, que morava naquella ditosa alma, & qual era o fogo do divino amor, que o abraçava na charidade de seus irmãos. Diz assim.

5 Depois que recebemos vossas cartas, que vinham em companhia das da India, nam me foram dadas outras, parece que foy tanto o prazer, & gosto espiritual, que com taes novas recebestes, que ellas vos tiraram os desejos, que tinheis de communicar com os

*Carta do
Padre Pe-
dro Fa-
bro aos ir-
mãos de
Coimbra.*

que cá estamos. Ao menos eu nam queria que vos esqueçeis de mim, em vossas orações, especialmente nesta entrada de anno novo, quando cada hum hà mister muita ajuda pera se prover: pelo que folgara de ver cartas vossas, das quaes entendera os desejos, que ti vestes sobre os bons Nataes, & bons annos; & se me dizeis de dentro de vós, que tambem desejais de saber a forma, que eu guardei nesta festa em vos encommendar ao minino I E S U novamente nacido, responderei, que já lá tendes meus desejos, & bençam. Mas se eu, de verdade, sentia em mim algum outro bom nascimento de novo, differente dos passados, nam respondera assim: porem eu fico este anno, como o passado, & nam me acho mais próprio pera padecer, & servir; como se álem deste nascimento, em que Christo appareceo ao mundo feito homem, nam houvesse outro espiritual seu em nossas almas. Christo padecéo, & nacéo por todos, & eu nam me sey fazer filho, nem servo seu, & muito menos sey fazer conta, que naci escravo de todos; esta falta conheço em mim, quando me querem mandar como filho, como criado, ou como escravo, porque logo me parece que nam tem tal poder, nem tal autoridade sobre mim; & he porque nam tenho dado em hum novo nascimento.

6 Rogai a Christo nosso Senhor por mim, pera que possa algum dia crescer, & dar as boas novas, que vos he nacido hum pequeno, que vos he dado hum filho, nam somente em Christo, mas tambem em mim, pera todo me

empregar em o serviço de todos: quem nam cuidasse, que he nacido pera a cozinha, ou pera outro officio, ou pera outra cruz, nam poderia bem descansar nos trabalhos; mas como quer que somos nacidos pera o trabalho, ainda que recebamos tal circuncisam, que aconteça derramar sangue, pouco oemos feito: & nam só isto, mas tambem he necessario crescer em idade, & sabedoria, & sofrer a fogueira, pera que somos nacidos. Nosso Senhor em tudo vos guie, & vos ensine, & a mim de graça pera fazer mais que traçar vidas, & traçar perfeicoens com a lingua somente. Nam me quero alargar mais nesta, senam rogar a nosso Senhor, que a seia, que está por vir, salando quanto ao espiritual dessa casa; seja melhor, & de mais bençoens, que todas as passadas, & nam somente neste anno nam saltem á sementeira, & à messe o verán, & o inverno, a calma, & o frio, o dia, & a noite, mas vam de bem em melhor em tudo, até que venha o desejado tempo, em que há messe sem sementeira, verán sem inverno, quentura sem frio, & dia sem noite.

8 Nam me parece necessario determe nas encommendas particulares de casa. Os que fazem os officios, & os que rezam o officio, me tenham em sua memoria. Ao cozinheiro de casa peço, que rogue a Deos me faça iguaria bem guisada. Ao porceiro, que mereça ouvir aquella sentença, Intra in gaudium Domini tui. Ao despenseiro, que rogue a Deos, que eu nam dispenhe mal as suas palavras, &

Mat. 6. 11.
23.

Christo de

1544.

b
Luc. c. 12. n. 37.c
Pf. 40. n. 2.d
Ios. c. 10. n. 9.f
Pf. 104. n. 21.f
Mat. c. 9. n. 8.

as dos seus sanctos. Ao reitor, que mereça eu alguma hora ver a Christo Senhor nosso passar servindo, & ministrando aos seus sanctos. Ao enfermeiro, que seja eu do numero daquelles, quibus dicitur, Beatus qui intelligit super egenum, & pauperem, in die mala liberabit eum Dominus. Ao comprador, a Vt ingrediar, & egrediar, & pascua inveniam. Ao roupeiro, Vt rectè audiam Verbum Dei, & custodiam illud. Ao sanchristam, Vt laver, qui fero vasa Domini. Ao ministro da casa, que seja imitador de Ioseph, do qual se diz, Constituit eum Dominum domus suæ, & principem omnis possessionis suæ. O varredor me passava da memoria, ao qual peço me queira impetrar munditiam cordis, iuxta illud, Beati mundo corde. Ao Padre Reitor peço em summa quanto tenho dito em particular, cõvem a saber, que peça por mim, quanto puder, & quanto me he necessario pera mim, & pera os outros, & todas as virtudes, que me sam necessarias, pera bem reger a mim, & aos outros. Dos estudantes, ainda que sejam muitos, me contentaria com que me alcançassem a graça pera bem falar, pera bem julgar, pera bem philosophar, in Christo Iesu Domino nostro. Ao pregador nam peço mais, senam que peça pera mim, & pera sy, ut faciamus ea, que docemus.

8 Estes sam os fragmentos de carta do bendito Padre Pedro Fabro, que aqui apõtamos,

porque me parecem que devem ser suas cartas estimadas como se já fossem reliquias preciosissimas; & posto que a algũ nam pareçam estas cartas muy cultas, a respeito das que no tẽpo d'agora se costumam (com termos desusados, & com palavras innovadas, que livremente inventou a ociosidade de algũ curiosos) com tudo he certo, que nellas se contem algumas delicadezas de espirito, q̃ sò penetram, nam os q̃ sam mais cultos, mas os q̃ sam mais devotos; deve, ao menos, esta contentar muito aos irmãos do Collegio de Coimbra, a quem se escreveu, & devia de ser, por elles, muitas vezes lida, & ouvida, assim pelo preço da doutrina, como pela estima do autor.

9 De Hespanha se foy o Padre Pedro Fabro a Italia, chamado da obediencia de nosso sancto Patriarcha, pera se achar no sagrado Concilio Tridentino, por theologo de sua Sanctidade; ainda que Deos nosso Senhor o hia chamando pera o ajuntamento dos seus sanctos na Igreja triumphante, como em effeito se partio pera o cẽo (que he a eterna morada dos que na militante trabalham) no anno seguinte de 1546. conforme a historia gẽral da Companhia. E escrevendo ao Padre M. Simam, quando se partio pera Italia, lhe pede, q̃ por ultima

despe-

Anno de

Cõpanh

5.

Morte
P. Pedro
Fabro.

Od. lib. 6. n. 8.

despedida, beijasse por elle a
mãe a suas Altezas, Rey, & Rai-
nha, pedindo a Deos lhe dèsse
graça, pera sempre, & em todo
lugar lhe hir crescendo a me-
moria, que em sua alma se nam
diminuhia de suas Altezas, & de
todo o seu Reyno: & como o lu-
gar, pera que se mudou, he o da
gloria, aonde a charidade he
mais perfeita, confiamos que lá
se lembrará desta Provincia, de-
stes Reynos, & de seus Reys,
pois estando na terra os amava
tam cordealmente. O mais, que
deste varão excellente, & de
sua grande sanctidade se podia
contar, pertence à historia ge-
ral da Companhia; esta lem-
brança fizemos delle, pelo mui-
to, que lhe devemos, nam sò co-
mo a pay commum de toda a
Companhia, mas como parti-
cular desta Provincia, & muito
mais do Collégio de Coim-
bra, aonde esteve, & a quem tão
to amava.

CAPITULO XXXXIII.

*Entrá na Companhia o irman
Affonso Barreto; de sua gran-
de mortificação, & zelo
extraordinario da
salvaçam das
almas.*

I DIssemos no capitulo
40. da entrada na

Companhia do Abbade Ioam
Nunes Barreto, irman do Pa-
dre Melchior Nunes, que antes
delle já tinha entrado; neste ca-
pitulo falarémos da entrada de
outro seu irman, porque toda
aquella casa parece que foy de
gente sancta, pois sendo oito os
filhos, quatro varões, & quatro
femeas, os sete serviram a Deos
da maneira, que temos contado
no capitulo 40. tanto monta a
boa criaçam; & tam bern as-
zoados sam os fructos, que na i-
dade madura colhem os homes
do bom ensino, que tiveram se-
do mininos.

2 Vivia Affonso Barreto
no Porto em casa de seus no-
bres pays, nam tinha mais que
quinze annos; era o filho mais
moço na idade, & o mais privi-
legiado no amor, era o objecto
dos cuidados do pay, & era o
emprego das delicias da mãe;
& elle tudo merecia, porque o
exterior era de hum anjo, & o
interior mostrava haver de ser
de hum seraphim. Moveuse tão-
to com o bom exemplo de seus
irmaos o Padre Ioam Nunes, &
Melchior Nunes, que se resol-
veo a deixar os pays no mundo,
por seguir aos irmaos na Reli-
giam. E porque sabia de certo a
repugnância, que havia de achar
no amor da mãe, tratou de fu-
gir estes encontros, que assim
fazem os que sam valentes ne-
stas entradas. Com o mayor

segredo

*Como se
moveo Af-
fonso Bar-
reto a en-
trar na Co-
panhia.*

Anno de
Christo de
1544.

214.

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
5.

legredo se sahio da casa, em que
nacéo, & veyo buscar a Religi-
am, em que pretendia morrer.
Chega a Coimbra, & com taes
mostras de sancta resoluçam
significou ao Padre Martinho
de S. Cruz, Reitor do nosso Col-
legio, a vontade, que tinha de
servir a Deos; que entendeo o
Padre, que a copiosa graça do
espirito supria com abundancia
os poucos annos da idade. Lo-
go o recolheo entre os noviços, &
como a chama do fogo divino,
que o chamou à Religiam, era
grande, nam pode estar encu-
berta dentro, sem dar de sy ale-
gres sinaes por fóra.

3 Poucos dias tinha do
noviciado o irmaam Affonso
Barreto, quando, movido do
exemplo, que via em seus com-
panheiros, & dos sanctos excelsos,
que naquelles principios da
Religiam, entre os nossos, mais
eram pera admirar, que pera
imitar; levado do mesmo espiri-
to, sahio com outro semelhã-
te excesso; depõem o vestido
ordinario, toma hum veste de
penitente, sahe com os pés des-
calços; vayse à praça publica
de Coimbra, & como se fosse
hum famoso malfeitor, fezse a-
tar de pés, & mãos ao pelourin-
ho; & logo, levantando a voz
em grito, começa, com grande
efficacia a bradar: *Meu Senhor
Iesu Christo, que em casa de Pilatos
permitistes, que vos atasssem a hum co-*

*lumna, ponde os olhos de vossa divina
misericordia neste povo peccador, nam
pera o castigardes, mas pera lhe perdo-
ardes.* Estas palavras repetidas
humas, & muitas vezes, com a
mesma efficacia de espirito fer-
voroso, & com os mesmos brã-
dos da voz dolorosa, fizeram
concorrer a gente, que andava
na praça, a tam novo especta-
culo, sem se saberem resolver
aonde isto hiria dar; huns cui-
davam, que enlouquecera; ou-
tros diziam, que alguém enga-
nava aquelle innocentinho, pe-
ra vir perturbar o povo àquel-
las horas, com tal novidade; po-
rem considerando mais deva-
gar a modestia de seus olhos, a
ingenuidade no aspecto, a com-
posiçam do rosto, o vestido de
penitencia, & mais circumstan-
cias, mostradoras do espirito,
que o movia, muitos sahiram
compungidos, & todos se reco-
lheram admirados: & o irmaam
Affonso Barreto tambem se re-
colheo pera casa, depois de cõ-
prir muy bem com esta sua sã-
cta extravagancia; que podera
ser de muitos ainda mais es-
tranhada, senam tivessemos seme-
lhante exemplo no grande se-
raphim de Affis S. Francisco, de
quem conta S. Boaventura, a 6.
hum dia, despido da cintura
pera fima, & com hum corda
ao pescoço, se fez levar ao pe-
lourinho; & ahi, ouvindo to-
dos, apregooou de sy grandes cõ-

*Notavel
excesso de
mortifica-
çam do ir-
maam Af-
fonso Bar-
reto.*

*D. Bon. in vita
S. Francisci,
cap. 6.*

tulões;

fusoës; que os Sanctos entam se-
dam por mais hōrados no mū-
do, quando se vem mais despre-
zados por Christo.

4 Dahi a poucos dias o
mandaram continuar o novi-
ciado a Lisboa, pera ajudar às
missas em casa aos nossos, & pe-
ra que naquella grande cidade
tivesse grandes occasioens de
fartar a fede impacientissima,
em que ardia, de servir a Deos,
& ajudar as almas; entre outras
muitas obras, que neste parti-
cular fez em Lisboa, acho duas
escriptas, que nam posso deixar
de apontar aqui; a primeira lhe
sucedeo com os homens de ga-
nhar, que andam naquelle lu-
gar; a segunda com hum sacer-
dote da mesma terra. Foy o ir-
mam Affonso Barreto algumas
vezes à ribeira acompanhar o
irmam comprador, & trazer pe-
ra casa o que se comprava; en-
contrava na praça (como ordi-
nariamente succede) grãde mul-
tidam dos que andam ganhãdo
a vida com levar cargas, & a-
carretar fazenda; porque desta
gente acodem grandes casilas
a Lisboa, em especial daquella
parte de Portugal mais chega-
da a Galliza; entre os quaes hã
varias sortes de trabalhadores,
homens, moços, & mininos, os
mais homens, & mais valentes
levam as cargas pezadas, os de
menos idade trazem hūas cei-
rinhas, em que levam a carne

do açougue, ou o peixe, ou ou-
tras mercadorias da ribeira: co-
stuma esta gente ser a menos
culto no trajo, & a mais inculta
nos costumes; a menos dome-
stica no trato, & a mais safara
na doutrina.

5 Vendo o irmam Affon-
so Barreto este grande campo
tam cheo de espinhos, intentou
com todo o cuidado de o cul-
tivar: & depois de tratar o ne-
gocio com Deos (do qual de-
pendem todos os bons successos)
pedindolhe, que se aquella era
sua sanctissima vontade, movê-
se o animo de seu superior a
lhe dar licença pera pôr em
execuçam o que neste particu-
lar desejava (em rezam de aco-
dir ao bom ensino, & doutrina
desta gente) & logo lhe occorrêo
fazerse moço da ceira, vestin-
dose a seu modo, & vivendo en-
tre os deste officio, pera que
nam o desconhecendo, como a
estranho, lhe tomãsem seus cõ-
selhos como de amigo: vay se,
com este pensamento, ao supe-
rior da casa de S. Antam, que
entam era o Padre Gonçalo de
Medeiros; propoem sua rêçam,
pedelhe liberal licença, pera vi-
ver alguns dias entre aquella
relé de gente. Notavel caso; o
que escassamente se poderia fiar
de hum religioso muy velho, &
muy experimentado na escho-
la do espirito, se concedêo a hū
moço, que nam tinha dezaseis

Tracã, q
toma o ir-
mam Af-
fonso Bar-
reto, pera
ensinar a
salvaçam.

Anno de
Christo de
1544.

216

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno a
Cōpanh

5.

Paul.adPhil.
3.n.8. Prop
quē omnia
tribumenta
arbitror, ut
cora, ut Chr
lucv facian

annos de idade, & que tinha poucos mezes de noviço: o certo he, que me parece quiz Deos fechar os olhos do superior nesta occasiam, pera nos abrir os nossos, & vermos o grande desprezo da propria estimaçam, & estima do bem das almas, que ardia no peito daquelle fervoroso irram.

Nota.

6 Sahese logo da vista do superior, tira o habito de noviço, veste-se de hum pelote, ou chiotte de burel, gualteira velha na cabeça, jêes descalços, sacco ao hombro, ceirinha às costas, com seu tiracôlo de corda de esparto, & assim mal enfeitado com estas suas novas galas, se apresentou ao superior, mais alegre, que se viesse muy louçam, com as mais vistosas roupas de brocado. Nam pode o Padre Gonçalo de Medeiros reter as lagrimas com esta vista, fez-lhe suas lembranças, deolhe direçam, pera melhor alcançar o bem daquellas almas; advertindoo, que todos os Domingos lhe viesse dar cōta dos ganhos espirituaes, que ajuntasse com aquelle seu novo modo de ganhar almas, & pera se cōfessar, & cōmungar.

Fazse moço da ceirinha.

7 Partiose este anjo disfarcado da vista do seu superior, com a ceirinha às costas, feito moço de ganhar; & na verdade, que a nenhum mais convinha este nome, pois tra-

tava de ganhar almas, que iam os ganhos, pelos quaes S. Paulo^b desejava padecer as mayores perdas: & pelo mesmo interesse nam duvidou o Salvador do mundo a fazer mayores excessos, que o irram Affonso Barreto; que se este dispio a roupetta de noviço, por tomar hum pelote de burel, Christo encobrio a gala de sua divindade, por tomar o çurram de nossa humanidade; disfarçando o ser de Deos, com o parecer de servo, por ganhar os homens, q andavam perdidos.

Ad Phil. c. 2.
7. Formas
accipies. &

8 Vayse o irram Barreto à praça de Lisboa, feito moço da ceirinha, começa a dar-se cō os que vinha a buscar, tratado, & conversando com elles, exercitando o novo officio; & dava-se tam bem com esta vida, que tinha já muitos frêgueses, que gostavam de se aproveitar de tam bem estreado marãozinho, que, além de ser muy bem parecido, & de alegre semblante, era muy fiel no que lhe entregavam; nunca com elle se desavinhavam no preço; edificavam-se muito de seu exemplo; espantavam-se da verdade de suas palavras, do pouco interesse de seus caminhos; de sorte, que pelo exterior angelico, & compostura de suas acçoens, era tido, & conhecido pelo marãozinho sancto. Metia-se às praticas com os companheiros do officio,

fazia-se

faziasse amigo de cada hum delles, estranhavallhes os peccados, louvavallhes as boas obras, ensinavallhes a doutrina, contavallhes historias sanctas; tudo cõ tam boa graça, & com tam valente successo, que em breves dias o vieram a ter por seu capatã, & estimar como a seu oraculo.

9 Tal he a efficacia da virtude, que até os entendimentos mais barbaros, & toscos, conhecem a força da sanctidade; & as condições mais duras se abrandam cõ a suavidade da boa doutrina. Seguiam estes penhascos ao seu divino Orphêo, & hiam estas feras apõs o seu novo Amphion, que com a cythara de sua celestial doutrina, os trazia como encantados; domesticando a dureza de seus costumes, com a brãdura dos cõselhos de Christo, q por menos q isto disseram os Gregos a do seu Orphêo, q os seguiam as pedras, que amãsou tygres, & açãrou leões. Admiravãse aquelles agrestes engenhos de ouvir o seu cõpanheiro, pasmavam de ver tal saber em tam pouca idade, seguiã à risca suas ordẽs, vinham a cõfessar-se a S. Antam, pera õde elle finalmente se veyo recolher, sem nenhum dinheiro na bolsa, & com muito ganho das almas.

10 Esta he a primeira couisa das duas, q nam quiz passar em silencio. Agora apontarei a

outra. No tẽpo, em q o irman Affonso Barreto andou com a ceirinha, levou por vezes algũas cargas a hũa rua, aonde ouvio dizer, que vivia hum sacerdote muy escandaloso, sepultado na torpeza de sua sensualidade; desejando de lhe acodir, & cuidando que lhe succedia tambem na casa do clerigo, como lhe tinha succedido na praça de Lisboa; vayse ao superior, declaralhe seu intento, que era hir-se ter com aquelle sacerdote, servillo por alguns meses, pera assim ter occasiam de o amoestar, & apartar daquella infame occasiam. Havida a licença, com o mesmo fato de ribeirinho, que ainda tinha, vayse a casa do sacerdote, offerecese ao servir, sem delle querer soldada; vendo elle a boa feiçam, & innocencia do moço, & que, com tam boa graça, o queria servir de graça, gostou de o receber por seu criado (que todos estes manjãres chega a fazer de sy hum verdadeiro zelador do bem das almas) pouco hã vimos ao irman Barreto feito moço da ceirinha, agora o vemos feito criado de hum clerigo, imitando áquelle Senhor, que, como hum divino Protheo, tantas traças tomou pera nos dar a salvaçam, & sendo Senhor de todos, se veyo a fazer servo dos homens.

Inveja bu
tra traça
pera cõver
ter a Deos
hum cleri
go.

Christo de
1544.*Dô quelhe
sucedeo cõ
o clerigo.*

11 Tal era a diligencia, & cuidado; com que o irmam Affonso Barreto servia a seu amo, que este lhe veyo a cobrar grãde amor; & tirãdolhe o vestidinho de burel, o vestio de preto, & se servia delle, como de pagẽ de acõpanhar; & cõ isto veyo o irmam a ganhar cõfiança, pera lhe fazer suas saudaveis lembranças; zombava o clerigo de suas pregações, & desprezava seus conselhos, como de minino (nam procedendo elle como velho) & lhe dizia, que se callasse, & que se lembrãsse, que o tinha tirãdo da ceirinha, & que falava tanto, depois que se vira vestido como honrado, & comendo como Principe; & sã fazer caso dos conselhos, q̃ lhe dáva, continuava na abominaçam de seu peccado: vendo isto o bõ irmam, ardẽdo em zelo da honra de Deos, entrando nelle o espirito do Senhor, levantãdo a voz, fez hum espantoso sermão ao infeliz sacerdote, lembrãdolhe a morte, que tinha cẽta, & ameaçando com o inferno, que via aberto. Tam fõra esteve o endurecido peccador de se abrandar, com estas vozes do cẽo, que arremetẽo ao seu pregador, & o lançou fõra de sua casa, ameaçando de o matar se mais nella entrãva; ou lhe fazia rães amoeftaçõens. Muy desconfolado se sahio daquella

cala o irmam Barreto, por lhe nam succeder esta sua missam; & hindose recolhendo pera sancto Antam, encontrou de caminho com a mã occasiam do sacerdote, que pera elle foy muy boa, porque, com tal efficacia lhe fez seus rezoados, & com tal espirito de Deos lhe falou, que a miseravel molher tornou em sy; & chorando, com grande copia de lagrimas, seus peccados; fez huma confissam gẽral em sancto Antam, recebẽo o sanctissimo sacramento, deo lugar á graça divina, que lhe entrou na alma; devendo a emenda da vida a hũ minino a que andava perdida com hum sacerdote.

12 Este foy o fim do segundo caso; & este foy em o noviciado o irmam Affonso Barreto, que este anno entrou na Companhia: o restante da vida em tudo foy igual: tres virtudes nelle principalmente resplandecẽram, grande modestia, grande charidade pera com o proximo, & grande devaçam pera com Deos: ensinou em sancto Antam letras humanas; foy Reitor no Collegio de Évora; teve outras varias occupações; contentando em todas a Deos, & edificãdo sempre aos homẽs. Eveyo o finalmete a dar o fim desejado aos dias de sua vida em o Collegio de S. Antam, aonde quasi tinha começado os

Anno
Cõpanh
5.Conver
ahũa p
cadora.Procedi
mẽto do
mam A
fonso Ba
reto no r
stante d
sua vida

primeiros na Religiam: a doença, que lhe deo, foy de febre continua, causada de sua grãde mortificaçam, & assistencia aos exercicios espirituaes cõ Deos na òraçam, com o estudo, & com os proximos: & ainda que (como diz S. Hieronymo.) a muita fraqueza do corpo costuma debilitar as forças do espirito, & enfraquecer os alentos do engenho; com tudo o Padre Affonso Barreto passava com os mesmos brios do estudo, & da devaçam, entre os desfalecimẽtos das forças, & da saúde: & como o mal era de ethica, teve largo tempo pera se aparelhar, & pera receber os sa-

cramentos; com elles veyo finalmente a morrer, nam porque era doente, mas porque estava vivo: que a morte (como bem disse Seneca^f) mais perfe-gue a vida, do que segue a doença; pois muitos morrem sem lhe ter precedido enfermidade, & nenhum vive sem se lhe seguir a morte. E com isto damos fim a este primeiro livro da Chronica da Companhia de IESV, nos Reynos de Portugal; & entraremos no segundo livro, começando o anno de 1545. que he já o sexto da Companhia.

^f
Sen. epist. 62.
Moriẽtis, non
quia egrotas,
sed quia vivis.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO.





LIVRO SEGUNDO
DA CHRONICA
DA COMPANHIA DE
IESV, NOS REYNOS
DE PORTVGAL.

CAPITVLO I.

*Da missam, que este anno de
1545. foy pera a India; &
da gloriosa morte do P. Anto-
nio Criminal, primeiro da Cõ-
panhia, que deo a vida pela
fè, & do mais que succedeo
a seus companheiros.*

I **D**aremos dito-
so principio a
este livro, & ás
coufas deste an-
no de 1545. q̃
he o 6. da Cõpanhia, cõ a glo-
riosa missam pera a India do P.
Antonio Criminal, cõ mais do-
us cõpanheiros, q̃ succedeo desta

maneira. Em quãto em Portugal
passavam as coufas da Cõpanhia
do modo, q̃ temos referido; o P.
S. Frãcisco de Xavier, a quẽ em-
barcãmos. pera a India no anno
de 1541. trazia, cõ suas obras,
espãtado o Oriẽte; & com suas
cartas abalado o Occidente. Já
dissemos. da grãde cõsolaçam,
& enveja sãcta, q̃ o bẽdito P. Pe-
dro Fabro tivera cõ estas boas
novas, q̃ da India mãdava o S.
Xavier; estas foram as q̃ moverã
ao P. Ieronymo Nadal, peffoa de
grãdes talẽtos (de quẽ adiãte fa-
larẽmos) a entrar na Cõpanhia,
como cõsta da nossa hystoria gẽ-
ral. Cõ estas cartas cõvidava o
S. apostolo do Oriẽte aos irmãos
do Collegio de Coimbra ao aju-

Lib. 1. c. 42.

b
Oit. lib. 5. n. 6.

Anno de
Christo de
1545.

^c
Luc. c. 5. n. 7.
Appuerunt ioh-
annis qui erant
in alia navi, ut
venirent, & ad-
iurarent eos.

*Grandes
desejos no
Collegio de
Coimbra
da missam
da India.*

222

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

darê a tirar as redes, q̃ tinha lâ-
çado naquelle vastissimo mar da
gẽtilidade, da maneira q̃ S. Pe-
dro no de Galiléa ° acenâva aos
companheiros, que estavam em
a outra nãõ.

2 Vinham estas cartas di-
rigidas ao P. M. Simam, & bẽ qui-
zera elle ser logo a reposta viva,
hindo acompanhar, & ajudar a
seu bom companheiro, & gran-
de amigo: os mesmos effeitos
houve em todos os irmãos do
Collegio de Coimbra (desejan-
do cada hum, que lhe cahisse a
ditosa sorte de tam gloriosa vi-
agem) os quaes, assim como
cresciam na idade, cresciam tã-
bem no fervor; & já nam ca-
biam no Collegio de Coimbra,
& cada hum delles abafava em
Portugal, desejando de passar a-
os vastissimos campos de Asia;
como o generoso leam, que
estando d'antes recolhido em
huma covã, tanto que se sente
mais crescido, & lhe dà o faro
da caça de mayor polpa, despre-
za o covil materno, salta, corre,
empolga em grandes touros, &
pera elle parece já estreita a
largueza dos campos Africa-
nos: assim succedia a qualquer
dos irmãos do Collegio de Co-
imbra, com as boas novas, que
da India vinham; porque logo,
em seus principios, começou a-
quelle sancto Collegio com es-
ta celestial bençã, de todos
seus habitadores se criarem cõ

estes desejos de deixar a terra,
aonde nascêram, pelas estran-
has, que nunca viram; passan-
do à India, ao Iapam, & à Chi-
na, a converter almas dos gen-
tios ao conhecimento de seu
creador; de maneira, que mais
difficultoso he aos superiores
consolar aos que ficam, que a-
nimar aos que ham de hir.

3 Como esta havia de ser
a primeira missam, que do Col-
legio de Coimbra se havia de
fazer à India, & conforme isto
havia de ser n'ocêlo de todas as
mais, escreveo o P. M. Simam a
Roma a nosso sancto Patriar-
cha Ignacio, communicandolhe
o que nisto determinâva, pera
que hindo governado com as
ordens, & direçam de hum va-
rã tam sancto, & tam prudente,
acertasse melhor em materia
de tanto serviço de Deos. Tan-
to que chegãram as repostas de
Roma, tratou o P. M. Simam de
escolher tres fogeitos do Colle-
gio de Coimbra, pera com el-
les dar bem affortunado prin-
cipio às gloriosas missoens do
Oriente. Mal se pòde explicar
o grande alvoroço, que houve
no Collegio de Coimbra, quan-
do souberam, que d'entre elles
haviã de sair os ditosos misio-
narios; porem o sentimento era
em tudo igual, por saberem, que
sõs tres haviam de ser os esco-
lhidos, desejando todos de ser
os preferidos. Ajuntou os o P.

M. Si-

Anno da
Companhia
6.

Como
fez a
meaça
dos
mission-
rios,

M. Simam a todos na capella, & depois de os exhortar ao espirito da Companhia, que he de semelhantes missões, tendoos a todos suspensos: cahio finalmente a primeira sorte sobre o Padre Antonio Criminal, natural da cidade de Parma, cabeça de ducado em Italia, primeiro missionario depois do sancto Xavier, & a quem Deos tinha guardada a primeira coroa, entre os illustissimos martyres, com que Deos tem enriquecida a Companhia.

4 Tinha já o Padre Antonio Criminal grande direito pera elle ser o preferido, porque já o anno atrás fora eleito pera esta missam, com tal obediência, que avisandoos em hum dia, por se achar entam em Lisboa, ao outro se foy logo embarcar na não Burgalesa, da qual era capitam SimamPêres d'Andrade, filho de FernamPêres d'Andrade; o qual FernamPêres hia por capitam mór de cinco nãoes, que, por partirem tarde aos vinte & nove d'Abril, tiveram muy roim viagem; porque d'ellas a não Garça, capitam Simam de Mello, sobrinho de Lopo Vaz de S. Payo, se perdéo em Moçambique, Iacome Tristã foy tomar Zanzibar, aonde invernou, Luis de Calataud foy, por fóra da Ilha de S. Lourenço, tomar Cochim em Outubro; & só FernamPêres d'Andrade (co-

mo quem sabia bem o caminho, porque tres vezes tinha hido por capitam mór à India) aportou na barra de Goa; & a Burgalesa, em que hia o Padre Antonio Criminal, arribou a Lisboa, & nam a Moçambique: o que nos pareceo advertir, porque hum bem grave autor nosso, na historia admiravel do grande Padre S. Francisco de Xavier, diz, que o Padre Antonio Criminal invernou em Moçambique, & que ahi o foram tomar, neste anno, os seus dous companheiros (de quem logo falarémos) sendo certo que com elles se embarcou em Lisboa, & que aquellas nãoes, em que elles hiam, nam tomaram Moçambique, senam que foram caminho direito a Goa.

5 O segundo, que este anno avisaram pera a India, foy o Padre Nicolão Lancilloto, tambem Italiano, natural de Urbino, cabeça de outro ducado: dando ambos principio aos felicissimos missionarios, q quasi todos os annos mada Italia pera o Oriente, por esta mesma via de Portugal. O terceiro, sobre quem cahio esta desejada sorte, foy o Padre Ioam da Beira, natural de Pótevedra em Galliza, a que (como dissemos) trouxe à Companhia, com seus sermoens, o Padre Francisco Estrada. Aceitou o Padre Ioam da Beira este aviso com os joe

6.

P. Joan. Luc.
lib. 7. c. 7.

Nicolão Lancilloto, &
Ioam da Beira, missionarios
da India.

f
de Cout.
p. 5. lib. 10
p. 6. Item.
dr. in histor.
an. 3 p. 3. c.
itê Archivu
ollegii Co-
mbr.

Christo d.

Cōpanh

1545.

6.

lhos por terra, dando principio ao sancto costume, com que nesta Provincia se recebem semelhantes despachos: ficando todos tres cheos de notavel consolaçam, & com grãdes jubilos de alegria, causando sanctas envejas aos mais irmãos do Collegio de Coimbra, que neste dia tomaram posse pera todos os annos continuarem estas gloriosissimas empresas.

6 Logo se vieram a Lisboa, hindoos o Collegio todo acompanhando (como hoje fazem até a ermida de nossa Senhora da Esperança fóra da cidade) tendo entam ditoso principio as suavissimas lagrimas, que os mais dos annos ali se derramam, na despedida dos nossos missionarios do Oriente. Dêram finalmente à vela pera a India, na armada daquelle anno, que constava de seis náos, das quaes hia por capitam mór, & pera succeder no governo da India, Dom Ioam de Castro (filho de Dom Alvaro de Castro, governador da casa do cível) este foy aquelle grande Dom Ioam de Castro, vencedor dos Rumes, libertador de Dio, & exemplo de toda a honra, & desinteresse, o qual veyo a morrer feito Visorrey da India, tendo, entre suas victorias, huma grande felicidade, como diz o nosso Padre Mafféo, de lhe assistir na ultima batálha da mor-

te o glorioso Padre S. Francisco de Xavier, que nam podia deixar de sahir vencedor quem hia governado por tal capitam. Tiveram estas náos tam prospera viagem, que, sahindo de Lisboa em 28. de Março, lançaram ferro em Goa no principio de Setembro, nam gastando mais que sinco meses, & alguns dias: que, com esta apressada, & ditosa navegacão, hia Deos dando a boa viagem ao Padre Antonio Criminal, preparando huma gloriosa coroa, que lhe tinha recida, de toda a eternidade, pera ser o primeiro da Companhia, que deo a vida pela fé, & o que nos havia de abrir esta porta, que com mais rezam merece o nome de especiosa, pois por ella entraram tantos, & tam gloriosos martyres, vestidos de alvissimas estolas, matizadas com a purpura de seu proprio sangue.

7 Foy o Padre Antonio Criminal tam insigne operario na India, que chegou a ter a abonaçam do Padre S. Francisco de Xavier, dizendo que desejava, que os obreiros da nossa Companhia, naquellas partes, fossem semelhantes ao Padre Antonio Criminal: & foy elle em tudo tam imitador do P.M. S. Francisco de Xavier, que (como bem disse seu insigne historiador) pelo muito, que desejou de se lhe fazer semelhante

D. Ioam
de Castro
governador,
& Visorrey da
India.

Al
Vide Court.
dec. 6. li. 1. c. 1
Chron. Reg.
Ioan. 3. P. 4.
c. 1.

i
Maphau. hist.
Ind. lib. 13.
Hoc etiam no
mine felix,
quod morienti
Xaverius affu-
it, & in extre-
mo illo certa-
mine opẽ egre-
giam tulit.

Virtudes
do P. An-
nio Crimi-
nal.

Lucen. lib.
cap. 17.

1
Lucena lib.
c. 17.

na vida, veyo ao nam imitar na morte, como logo veremos. Mandou o o sancto Padre Xavier por superior dos nossos à quella parte da India, que corre do cabo de Comorij até os baixos de Remanacor; & Manâr, chamada a costa da Pescaria; que, se merece este nome pelo aljofar, que ali se pesca, melhor lhe quadra, pela ditosa pescaria de preciosissimas perolas de tantas almas de innocentes, que ali bautizou o sancto Padre Francisco, & agora cultivava o bemaventurado varâm o P. Antonio Criminal: & ainda q a terra de tudo o mais he po-brissima, com tudo tem trabalhos muy rendosos, & delles foy este bendito Padre enthesou-rando taes merecimentos, que quando nam entrâra no cêo, cõ a preciosa coroa, que alcançou com seu sangue, affás rico entraria, cõ os que grangeou, por seus trabalhos. Era hum animado retrato de S. Francisco de Xavier; setenta legoas tem aquella costa, todas estas corria a pè, & descalço, desejando passar as ultimas rayas do mundo, pera em toda a parte prègar a fé de seu creador. No trato, & ò-raçam com Deos era tam continuo, que cada dia, ã imitaçam do Apostolo S. Bertholaméo, quarenta vezes se ajoelhava, de-tendose muy devagar, tratando com seu creador: na conversa-

çam com homens era muy af-favel, acautelado, & modesto; no zelo das almas fervorossimo; cõ os superiores muy bran-do, & obediente; consigo muy aspero, & penitente.

8 Estas heroicas virtudes principiadas em Roma, exercitadas entre os nossos em Co-imbra, perfeiçoadas na Pesca-ria em os tres annos & meyo, que nella residio, foram dispon-do a este grãde servo de Deos, pera a gloriosa morte; com que deo remate a tam san-cta vida. No principio de Ju-nho, no anno de 1549. estan-do nas terras de Remanacor, no lugar de Punicale, converren-do, & ajudando aos seus pobres Parauàs, permittio Deos, que subitamente se levantasse o gê-tio de Narlinga, com seis mil Badagàs (gente barbara, & muy cruel, inimigos capitaes dos christãos) os quaes vinham defa-frôtar aos seus deoses, que viam desprezados, & em especial o seu famoso idolo do celebre pagóde, chamado Trichandur, que estava duas legoas de Pu-nicale, & nam podiam soffrer as afrontas, que padecia, a vista da fé, que triumphava; traziam na retaguarda muitos Mouros, que tambem se vinham vingar dos Christãos, conforme seu odio tam antigo; vinham estes bar-baros assolando quanto achã-vam diante. Os Parauàs da-

Levãtam-se os gêtios contra os Christãos da costa da Pescaria.

quella

quella costa he gente muy coitada, mais costumados a pescar perolas no mar, que a menear armas no campo: os Portuguezes nam eram mais que quarenta (estes sem muros, nem reparos, nem muniçoens) julgando que era temeridade resistir-lhes em terra, trataram de salvar as vidas no mar; & assim se recolhêram ao navio, pedindo, com grandes vêras, ao Padre se salvasse em sua companhia, pois elle só nam podia ser bom áquelles christãos; porém como o Padre seguia as leys do bom Pastor, nam quiz deixar as ovelhas, ainda que lhe custasse deixar a vida; resolve-se a ficar entre os seus christãos, nam por lhe parecer que poderia elle só defender a tantos, mas pera que nam morressem tantos, escapando elle só: principalmente que era cousa indigna de hum pregador apostolico, desemparrar os seus christãos, quando os inimigos os vinham demandar, sendo a causa porque os matavam, a fé, que elle lhes pregava; & em nenhuma boa rezam podia estar, que morressem elles por ser baptizados, & que fugisse, com vida, quem os baptizou.

*Offerece-se
o P. Antonio
Criminal ao mar
tyrio.*

9 Com esta resolução se foy o servo de Deos à Igreja (que esta era a sua fortaleza) nella, aquelle dia, offerecêra o sacrificio incruento, desejando

offerecer todo seu sangue por holocausto suavissimo, a quem primeiro por elle sacrificara sua vida. Sahe dali com novo animo (como acontecêo ao Senhor, ^m quando no horto, depois de recorrer à oração, sahio mais animoso aos inimigos, que o pretendiam matar) procurou, por todas as vias, defender suas ovelhas; & quando vio, que era já impossivel poder-lhe valer com a vida, quiz que primeiro a elle lhe dessem a morte: poem-se diante dos seus christãos, como se fosse muro pera os defender elle só a todos juntos (da maneira que na mesma occasiam, & lugar, o tinha feito o glorioso Padre S. Francisco de Xavier) com os joelhos em terra, os olhos no céu, & as mãos levantadas, esperando os esquadroens dos barbaros Badegás, porque sempre os valerosos soldados de Christo se adiantaram aos tyrannos, sendo mais apressados em offerecer o pescoço, do que elles em levar da espada. Desta maneira o encontraram os da vanguarda, & nenhū mal lhe fizeram, ou porque já o davam por rendido, ou porque elles, ainda que barbaros, se redêram à vista de tam humilde postura. Chegou a retaguarda, na qual vinham muitos Mouros, capitães inimigos da fé de Christo; hum delles, brandindo furiosamente a lança, o atravessou

pela

^m
Matt. c. 26
v. 46

P. Lucena
vita S. Xav.
2. cap. 17.

Como f
alã ceaa

pela ilharga esquerda; logo lhe tomaram a roupeta, que elle ajudou a tirar, banhada em seu proprio sangue, pera ficar de todo despojado de todas as cousas desta vida, imitando a seu creador, que morreo na cruz, largando primeiro seus vestidos; depois lhe dèram outra lançada no peito, porque nam era bem, que soldado, que morria como esforçado, fosse ferido nas costas, como covarde; & finalmente com a terceira lançada (que eram necessarias muitas pera derrubar tam forte guerreiro) cahio morto sobre hum lado, imitando ao bom IESV; que tambem reclinando sobre outro lado, a cabeça, espirou na cruz.

10. Cahido o Padre, levãtaram os barbaros huma grande grita, como em final da victoria; logo lhe cortaram a cabeça, que (como por trophèo de sua fereza, & em final da vingança, que vinham tomar, em nome de seus falsos deoses) dependuraram na mais alta torre do seu pagodè, tendõ por grande glória ver emmudecida a lingõa, que prègando os cõfundia. Tambem lhe tiraram a camisa, toda banhada em o sangue, que tam liberal corria, & como bandeira vermelha, que denunciava guerra contra os christãos; a puzeram em hum lugar alto; posto que na verda-

de parece que foy em final de que se levantava bandeira de paz, porque dali por diante a gozou toda aquella christandade, como se Deos nosso Senhor quizesse mostrar, que dava cõprimeto, depois da morte deste nosso bemaveturado defensor da fé, aos grandes desejos, que em vida teve da paz, & cõservaçam daquella sua tam querida christandade; que nam podia deixar de ser paz muy bem lograda, a que foy comprada com o sangue tam precioso. Em toda a Companhia foy muy festejada esta ditosa sorte, & tomada, como em primicias das muitas semelhantes, que ao diante seus verdadeiros filhos padeceram, dando liberalmente a vida do corpo, por quem os tinha livrado da morte da alma. Com rezam se póde gloriari Italia, por nos dar o primeiro, que morreo pela fé no Oriente, & lhe podemos dar os parabês, pois deste seu estado sahio pera o estado da India, quem, como primeiro capitam, sendo de Parma, levasse a primeira palma das muitas, que no céo, entre fermosos esquadroens de martyres triumphâtes, leva nas mãos vencedoras (por insignia de sua victoria) o insigne choro dos martyres da Companhia.

11. Este foy o muy ditoso varã Antonio Criminal, primeiro missionario da India, depois de

*Grandes
virtudes,
& traba-
lhos do P.
Joam da
Beira.*

S. Francisco de Xavier, & primeiro da Companhia, que pela fé de Christo derramou o sangue. Muito pudemos dizer de seu companheiro o Padre Ioam da Beira, o qual foy hum dos mais milagrosos varoens, que teve a Companhia na India; padecêo grâdes naufragios, por acodir ao bem das almas; correndo, por vezes, todas as ilhas Malucas, & de huma dellas andou dous dias sobre as agoas do mar, abraçado a hum madeiro, lidando com os mares, cõ os ventos, com a fome, & com a morte; atè que o mesmo mar o lançou, como a hum Ionas, vivo na praya. Outra vez se alagou o barco, em que navegava, & desaparecendo o Padre entre as ondas, salvandose os mais navegâtes, o vieram achar na praya, com o vestido enxuto, todo cheo de alegria, esperando pelos companheiros. Em huma ilha das Malucas profetizou o castigo do céu, aos que, sendo christãos, apostataram; & sahindose d'entre os apostatas (por nam ser participante no castigo, pois nam podia ser testemunha da emenda) o céu se poz em armas contra aquelles peccadores, disparando sua reforçada artilheria de rayos, de coriscos, de chuva de pedras grossas, de nuvens de cinza, que cahiam sobre a povoação dos rebeldes; rebentando o fogo

das entranhas da terra, com novo, & espantoso parto (que contra perversos nam só o inferno arde em lavaredas, mas também a terra produz incendies) tudo com tam horrendo estrondo, que parecia abalaremse os mesmos cunhães da firmeza da terra, sobre a qual o Propheta diz, que está fundada. Foy Deos servido, que os que escaparam do fogo, abjuraram sua peifidia, & se reconciliaram com Deos, sendo absoltos por este sancto varão; o qual chegou, com seus gloriosos trabalhos, a bautizar nestas ilhas, cõforme acho escrito, mais de finccêta mil almas: escapando, muitas vezes, milagrosamente da morte, que os Mouros lhe machinavam; até que finalmente acabou sanctamente em Goa, querendo muitos darlhe o glorioso titulo de martyr, pois tantas vezes teve a occasiam do martyrio, pera o qual a elle lhe nam faltou a vôtade, posto que ordenou Deos, que lhe faltasse o effeito.

12 O terceiro companheiro foy o Padre Nicolão Lancilloto, o qual foy o primeiro Reitor do Collegio de S. Paulo em Goa, & trabalhou tam incãfavel, pelo bem das almas, que veyo a quasi intificar; porém sendo o corpo tam fraco, andava o espirito muy valente. Em Coulam fez obras tam maravilhosas, que todos a huma voz

ⁿ
Fol. 103. n. 4.
Qui fundasti
terram super
stabilitatem
suam.

Boas pa-
res do
Nicolão
Lancilloto

o nomeavã por sãcto, porque nunca faltava aos infieis, baptizando, nem deixava de acudir aos christãos, prègando. Muito havia que contar destes tres incomparaveis varoens; mas isto baste pera a nossa provincia de Portugal se consolar muito, & em especial o Collegio de Coimbra, por sahir delle esta gloriosa missam de tam heroicas pessoas, como foram os Padres Antonio Criminal, Ioam da Beira, & Nicoláo Lancilloto; o mais deixemos a quem escrever a Chronica das provincias da India; & nós agora nos voltamos ao nosso Collegio de Coimbra.

CAPITULO II.

Exercitamse os nossos em Coimbra com varias mortificaçoens em que os prova o P.

M. Simam Rodrigo.

I Inda q as penitencias exteriores nam sam tã necessarias, como as interiores; & por outra parte, ainda q sam mais arriscadas à vaidade; cõ tudo nam se pòde negar, q causam grãde edificaçam; porq como os homẽs, q sò vêm o q há por fóra no corpo, nam possã, ao certo, julgar do interior da alma, governãse pelo q

alcãçam cõ os sêtidos, servindo a vista do bom, ou do mào exterior, como de mam de relógio, que mostra o concerto, ou o descòcerto das rodas mais internas: & tal vez sam necessarias estas mostras, & estes sinães de mortificaçoens exteriores, & muy conformes com a doutrina de Christo, & com o exemplo dos sanctos, porque ainda que o Senhor^a nos ensinou, que a esmola havia de ser em segredo; & a òraçam^b se havia de ter escondida: cõ tudo tambem nos diz, q obremos de maneira, que appareçam nossas boas obras, as quaes rendam gloria a Deos, & causẽ edificaçam aos homẽs. Bẽ estava em toda esta doutrina o P. M. Simam; & ainda que sabia, que as penitencias extraordinarias sam menos conformes com o nosso instituto, com tudo julgava, que nestes principios, em que nossa Religiam estava em sua primitiva idade, se podiam permittir semelhantes fervores, & se deviam approvar aquelles excessos; porque (ãlem de assim os exercitarem os fundadores das outras sagradas Religioens) ajudam muito semelhantes demonstraçoens pera humildade dos que as fazem, & pera edificaçam dos que as vêm.

2 Este espirito de mortificaçoẽs se tornou atear, neste anno de 1545. como hũ fogo vindo

^a Mat. c. 6. n. 4.
Vt sit eleemo-
syna tua in' ab-
scondito.

^b Eccl. 6. Intra in
cubiculum, &
clauso ostio,
&c.

^c Mat. c. 3. n. 16.
Ve videãt opera
vestra bona, &
glorificent pa-
trẽ vestrũ. &c.

rtifica-
s publi
tambẽ
n lou-
veis.

Christo de
1545.

Grandes
mortifica-
ções no Col-
legio de Co-
imbra.

d
Ad Col c. 9. n. 3
Expoliâtes vos
reterem homi-
nē, cū ad libe-
ritis, & induen-
tes novum. &c.

do cêo, por meyo do Padre M. Simam, em todos os fogeitos do Collegio de Coimbra: cada qual se fazia cruel guerra a sy mesmo, mortificando seus appetites, quebrando sua propria vontade, despiando totalmente o homem velho, conforme ao consêlho de sam Paulo,^d & vestindose de Christo crucificado: de tal sorte, que todo aquelle Collegio era hum retrato vivo de Christo morto; aonde se nam viam mais que humas continuas batalhas da graça vencedora contra a natureza sopeada; da virtude contra os vicios; & da Religiam contra o mundo: & pera que nam pareça que usamos termos de encarecimentos alheios da historia, que contamos, & desviados da verdade, que professamos, sabemos que estavam as paredes das cellas, & dormitorios rociados com sangue, que, à força das disciplinas, derramavam de seus innocentes corpos, desejando imitar a seu mestre, & Senhor; nam sò no tormento, mas tambem em o numero dos açoitados, porque de muitos se conta, que pretendiam chegar aos cinco mil, & tantos; que tal era o rigor da mortificação, & tal o fervor daquelles primitivos habitantes do nosso Collegio de Coimbra; & os que nos criamos em o noviçado velho daquela casa, alcã-

çamos ainda grandes veltigios destes sanctos excessos; parecêdo os cubiculos, & as cellas mais bẽ adornadas, com esta purpura de sangue, do q as salas reaes, adereçadas cõ vistosas armações de borlados ricos, & de tapeçarias preciosas. Ainda hoje alcãçamos hũas certas lapas na cerca do Collegio, parte abertas pela natureza, parte ajudadas cõ o picam, q mais pareciam covis de fêras, q moradas de homẽs, cujos lados todos estavam banhados em sangue dos que ali se hiam recolher a fazer penitencia, imitando a S. Ignacio na sua lapa de Manreza.

3 A mayor contenda era sobre quem havia de trazer a roupeta, & o mantêo mais remendado, & sobre quem havia de hir à cidade vestido com o pelote de burel, & aquelle se dava por melhor despachado, que sahia nestas mortificações mais provido; & como o P. M. Simam sabia bem os thesouros, que nestas mortificações estavam encubertos, facilmente lhas concedia liberal, por nam atalhar o merecimento; & por nam impedir o fructo, que de tam fervorosas resoluções se podia recolher: & nam sò lhes concedia as penitências, q os irmaos, de sua mesma vôtade, lhe pediam, senam que tambẽ lhes dava outras, quando elles menos as esperavam, & por vêtura

que

que estas, porq̃ tinham menos de propria vontade, tinham mais de merecimento. Reco-
lheramse huma vez de sua peregrinaçã o irmam Manoel Al-
veres (q̃ ao diante foy hũ grãde missionario na India)cõ o Padre Luis Gonçalves da Camara; & quando foram ao dar da conta (como costumam os que vem de fóra) disse o Padre Luis Gonçalves de seu companheiro, como nam pudera acabar cõ elle, passando pela cidade de Viséo, q̃ se mortificasse, em hir cõprar dous rês de azeite a hũa tẽda, pera comerem hũ pouco de peixe, q̃ tinham recolhido de esmola, por mais que o amoe-
stara, que vencesse aquella repugnancia da natureza, & covardia do espirito: chamao o Padre mestre Simam, & querendoo mortificar a elle, & ensinarnos a nós, lhe meteo em huma mam huma moẽda de cobre, & em outra huma almotolia de barro, & mandao, q̃ torne outra vez ao caminho, & volte á cidade de Viséo, aonde compre os dous rês de azeite, na mesma venda, a que nam quizera chegar, & se torne ao seu Collegio.

4 Nam havia aqui poder repugnar, porq̃ já o que o mandava nam era o cõpanheiro da peregrinaçam, mas era o superior do Collegio; abaixa o bõ irmam a cabeça, como verdadeiro

obediẽte, poẽ o peito á difficul-
dade, & os pès ao caminho, & parte-se pera Viséo, q̃ dista como 13. legoas de Coimbra, sò cõ a moẽda em huma mam, & almotolia na outra; porẽm, se vay a falar verdade (como elle depois contava) cuidou ao principio, que aquella obediencia mais era pera o Padre o provar no affecto, que pera elle a executar na obra; sahe de casa, vay andãdo, & a cada passo lhe parecia, q̃ hiam corrẽos nas costas, q̃ já o chamavam, & o absolviã da jornãda; olhava de quando em quando pera traz, & como ninguem apparecia, caminhava adiante, enganandose com esperanças de sedo apparecer seu libertador; até q̃ chegãdo a Botã, (que dista duas grãdes legoas de Coimbra) & vendo, q̃ ninguem lhe vinha nas costas, se veyo a resolver, q̃ a cousa hia de sizo: apostase logo, com grande prõptidã, a cumprir sua obediencia; vay por diante, pedindo esmola pera se sustentar, chega a Viséo, busca a venda, compra seu azeite, faz volta ao Collegio (sinco dias depois de sua partida) entra por elle, vay demandar ao Padre M. Simam; offerecelhe, em prova de sua obediencia (com huma certidã de hũ sacerdote grave) a almotolia cõ o azeite, ao modo que o Propheta Elias offereceo à viuva Sareptana, em testimunho

Notavel
obediencia
de hũ no-
viço.

3. Reg. 17.
n. 16.

Christo de

1545.

de sua charidade; achando, que à conta da obediência, que comprio, era muy bem empregado hum caminho tam comprido, que andou, & defandou, satisfazendo, cõ ventagem, a repugnância da natureza covarde, com a promptidam da graça valerosa; mostrando se verdadeiramente servo fiel neste pouco ã Portugal, em penhor do muito, em q̃ muito o foy na India.

*Como o P.
M. Simam
exercitou
em humil-
dade a hũ
noviço.*

5 Assim provou o Padre M. Simam a obediencia deste irimam; vejamos como experimentou a humildade de outro. Havia no Collegio de Coimbra hum noviço naturalmente ativo, & mais do que convinha brioso; neste desejava muito o Padre mestre Simam, que se fundasse bem o espirito do desprezo do mundo, & o preço da sancta humildade. Mandao chamar diante de sy, diz-lhe, que se vã vestir em hum pobre pelote; & que fosse, como moço dos recados, a casa de hum calceteiro, & lhe desse humas meyas a concertar: obedeceo o noviço, cobrese com o pelote, toma as meyas nas mãos, & poem os pés ao caminho, vayse a casa do calceteiro; que morava na praça de Coimbra, bem distante do Collegio, dálhe as meyas a concertar, & volta pera casa muy contente, por cuidar, que já tinha satisfeito com a-

quella mortificaçam; porem (ou fosse, que hia diverrido cõ algũa boa consideraçam; ou, que à vista dos muitos, que punham nelle os olhos, nam advertio nas meyas, que trazia nas mãos) o certo he, q̃ elle chegou ao Collegio sem hũa dellas, nam com pouco sentimento, quando cahio em seu descuido: mas o P.M. Simam, que nesta meya perdida, achava meyo pera continuar no que entendia ser proveito do irimam, desejando, q̃ cõ a obediencia ajuntasse a humildade, o tornou a mandar buscar a meya, perguntando por todo o caminho, quem lha achara; assim o comprio o noviço, padecendo na busca risos, & zombarias dos que nam sabiam o segredo do que buscava, que mais era o abatimento, que achava; que a meya, que perdéra; & menos entenderam o precioso thesouro daquelle achado, que foy o vencimeto de sua altiveza, servindolhe esta perda do caminho de tornar mais rico pera casa.

6 Desta maneira mortificou o P.M. Simam a este, q̃ já era noviço; vejamos como experimentou a outro, que o pretendia ser: havia em Coimbra, em casa do Bispo Dõ Jorge d'Almeida, hum famoso tangedor de trela, chamado Ambrosio Ferreira, homẽ muy estimado, por ser muy insigne nesta arte. Por

*Ambrosio
Ferreira
trata de
tratar na
panhia.*

morte

morte do Bispo, cō aventajado partido, o passará ao serviço del Rey; porem elle tratou, cō grãdes vèras, de se passar antes ao de Deos, vendo o risco, que no mūdo tinha, de sua salvaçam; & pera de todo pōto se sacrificar a Deos, determinou de entrar em alguma Religiam, aonde o nam estimassem pelo seu talento, tam prezado de todos; tratou, pera isso, de entrar na Companhia; & como nam tinha letras pera ser sacerdote, quiz ser coadjutor temporal; na qual occupaçam lhe nam ficavam na Religiam outras teclas, que tocar, mais que a vassoura, os instrumentos da cozinha, & as chaves da portaria, que elle desejava antepor aos seus manicordios, aos seus orgãos, cravos, & realejos.

7 Tomada esta deliberaçam, parte-se de Lisboa a Coimbra, vay demandar ao P. M. Simam, que entam se achava naquelle Collegio. O P. q̃ muy bẽ conhecia a Ambrosio Ferreira, vêdo quã pouco poderia servir na Companhia, por sua idade; & de quanto proveito seria em outras Religioes, em q̃ houvésse choro, por sua insigne arte, tratou de o persuadir a que fosse demãdar outra Religiã, na qual pudesse empregar bẽ o talento, em q̃ Deos o fizera tam insigne. Nam se deixou vècer Ambrosio Ferreira deste cōselho, persistio

na mesma pretêçam; dizendo, q̃ pois nam tinha outras riquezas, q̃ deixar por amor de Deos, lhe queria fazer sacrificio desta sua arte, entrãdo em Religiam, aõde a nam pudesse exercitar, & aõde o nam estimassẽ, como fariam em qualquer outra. Quando o Padre M. Simam vio esta determinaçam, tratou de lhe pòr diante hũa condiçam pezada, que ou ajudasse ao divertir, ou lhe servisse de o provar.

Vede, lhe diz, *senhor Ambrosio Ferreira, já que me dizeis, que a fim de serdes desestimado no mundo, vos vindes á Companhia, se esteis determinado a meter debaixo dos pés a propria estimaçam; porque esteu posto a vos nam receber, sem primeiro fazer prova desta vossa deliberaçam, com algum acto publico, & seja este, virdes, de dia, do Arnado (que he o mais baixo da cidade) até o nosso Collegio (que está no mais alto) com humma cãveira de hum morto na mam, à vista de toda a cidade, detendo-vos a fazer oraçam em todas as Igrejas, que achardes no caminho.*

9 Bem vio o novo pretendẽte da Religiam, a difficuldade da proposta, que era ainda mais trabalhosa de cõprir, e m hũ homẽ tam conhecido por sua arte, & tam amado por sua condiçam: nam perdeu porẽm o bõ musico o compãssõ neste contraponto, que lhe metiam, pera pizar os pontos de honra; vay-se a casa, armase com a òraçam,

Notavel
prova da
vocaçam
de Ambro-
sio Ferrei-
ra.

Christo de
1545.Notavel
mortifica-
çam de
Ambrosio
Ferreira.

pera entrar em tam dura bata-
lha; sahê logo, assim como esta-
va, com capa, & espada, com
humã cãveira nas mãos, à vista
de toda a cidade; hindo muy
devagar, com os olhos fitos nel-
la, sem os divertir pera nenhuma
outra parte. Com a vista de
tal novidade nam podia deixar
de haver grande abalo na gen-
te, principalmente sendo Am-
brosio Ferreira tam conhecido:
os amigos ficaram como atoni-
tos, persuadindose que hia dou-
do (que estes sam os pensamen-
tos errados do mundo nos acer-
tos da salvaçam) o mayor tra-
balho foy o que lhe dëram os
mininos, concorrem logo mui-
tos, cercamno, seguemno, perse-
guemno (como he costume fa-
zer aos doudos) fazem mil gei-
tos, levãtam grãdes gritas, acode
gente às portas, às janellas, sem
se darem a conselho, com este
este novo espectaculo; & quã-
do chegou à Igreja de S. Cruz,
pera nella fazer oraçam, era já
tãta a rapazia, que o perseguia,
que foy necessario aos amigos,
pelo livrar de suas mãos, & nam
lhe prejudicarem mais à cabe-
ça (que elles cuidavam que era
a culpada) tratar de o recolher
em alguma casa: porêm o apo-
stado pretendente hia tam mo-
desto, & tam seguro, que nem
dava pelos gritos dos mininos,
nem pelas amoeftaçõens dos a-
migos, pondo diante dos olhos

nam menos a cãveira, que tinha
nas mãos, que a Christo, que le-
vava no pensamento; a quem
primeiro Heròdes, com sua
corte, tinham desprezado como
doudo.

10 Com esta mortifica-
çam, vencendose a sy, & trium-
phado do mundo, chegou ao
Collegio, aonde o estava espe-
rando o P. M. Simam, que, vista
sua constancia na pretençam, &
quam bem soubera desprezar a
vaidade, o recebeu na Compa-
nhia, na qual viveo com grãde
exemplo, exercitandose sempre
em officios de humildade, pro-
cedendo, como homem, que ti-
nha premeditado naquella cã-
veira (que levou, sendo vivo)
qual havia de ser, ficando mor-
to. E nam foy este o mayor
excesso, que tem sucedido por
hir buscar a Deos á Religiam,
que S. Hieronymo conta outro
de hum mancebo cortesam, &
rico; que pera melhor fugir ao
mundo, sem ter em que lhe pe-
gar, se despio de todos seus ve-
stidos, & nu, pera mais imitar a
Christo crucificado, se foy pelas
ruas publicas, correndo ao mo-
steiro, aonde já o Abbade o es-
tava esperado, por lhe ter Deos
revelado que sahisse depresso
a recolher a quem, com
tal fervor, o vinha
buscar.

Anno d
Cpanhia
6.Luc. c. 23.
11. Sprevit au-
tē illū Herodē
cum exercitu
suo.Recele o P.
M. Simam
na Compa-
nhia a An-
brosio Fer-
reira.D. Hieron. in
vita Patr.

CAPITULO III.

*Continuam os nossos, por or-
dem do Padre mestre Simam
Rodrigues, com estas mor-
tificaçoens publicas,
em que os exer-
citava.*

dem os
os pe-
ruas
adando
itêcia.

SAhiã muitas vezes os
nossos, pelo meyo da
cidade de Coimbra, pre-
gando, & bradando penitencia
pelas praças, & pelas ruas pu-
blicas. Hum dia, sobre a tarde,
chamou o P. M. Simam aos ir-
mãos Manoel de Nobrega, Va-
leriano Mendes, & Manoel Fer-
nandez (todos tres ao diante
muy zelosos pregadores, & in-
signes obreiros na vinha do Se-
nhor) os quaes, sahindo á boca
da noite, tocaram huma cam-
paina, & parando em certos
lugares, levantava hum dos cõ-
panheiros a voz, dizendo, *Lem-
bra-vos, irmãos, que hà gloria pera
bons, & que hà inferno pera os que
estam em peccado mortal; & foy grã-
de o fruto, que daqui se tirou,
como se via nos muitos, que se
compungiam, & vinham á nos-
sa Igreja tratar do melhoramẽ-
to da vida.*

2 Mandou logo ao outro
dia dez, ou doze juntos em cor-

po, & com sua campainha na
mam, na forma dos primeiros;
os quaes, pelos mesmos lugares,
lançauam o pregam seguinte:
*Peccadores, pois haveis de morrer, &
dar conta a Deos de vossa consciencia,
apartai-vos de vossos peccados. Succe-
deo que entre outros, que acõ-
diram a estas vozes, foy hum
honrado sacerdote secular, o
qual tambem, levado de sancto
zelo, & contentandolhe muito
esta traça dos brados, se meteo
de volta entre os nossos, & co-
mo homem, que sabia mais da
terra, & conhecia melhor os
bairros, chegando a certas para-
gens, aonde elle sabia, que mo-
rava gente de menos exemplo,
dizia aos nossos irmãos em la-
rim, por nam ser entendido da
gente popular, *Fratres, clamate
hic, clamate;* & se elle bem lho
encommendava, melhor brada-
vam, repetindo o seu pregam;
ao qual respondia o povo, que
os seguia, com suspiros ao céu,
gemidos de coração, batendo
nos peitos, & pedindo a Deos
misericordia.*

3 Logo ao dia seguinte
(porque nestas cousas nam per-
mittia detença) mandou varios
irmãos por diversas partes da
cidade, tambem em corpo, &
com os mesmos sinais de mo-
destia, & humildade; os quaes,
ao som das campainhas, que tã-
giam, convidavam a gente a
ouvir a palavra de Deos, aba-

*Vam ou-
tros pre-
gar em pu-
blico nas
praças.*

Anno de
Christo de
1545.

236

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Sermam
do P. Frã-
cisco Estrada
na napra-
ça.

Luc. c. 7. n. 38.

louse a cidade toda com tal novidade, & concorrendo à praça, pera onde os chamavam, se enchêo de grande multidam de gente; logo puzeram, no meyo della, hum pulpito, no qual, subindo o Padre Antonio Gomes (doutor Sorbonico, pela Vniversidade de Paris) fez huma admiravel piègaçam da morte, sobre aquellas tam repetidas palavras, *Memento homo, quia pulvis es, & in pulverem revertèris*: o successo do sermam foy notavel, muitas as lagrimas, os suspiros muy repetidos, com outros grãdes sinâes de contriçam: acabouse o sermam, com pedir a todos, q̃ ao seguinte dia, na mesma hora, viessem ouvir, do mesmo lugar, ao Padre Francisco Estrada (famoso prégador daquelles tempos, como temos dito) o qual, ao outro dia, por ser da gloriosa Magdalena, fez hũ largo, & eloquêtissimo sermam, a mais de sinco mil almas, que se ajuntaram, sobre aquellas palavras, *Lacrymis capit rigare pedes eius, & capillis capitis sui tergebat*; com tam notavel abalo, & tam copioso fructo, que logo correó muita gente compungida ao Collegio, chorando mil lagrimas, como cervos feridos, a buscar a fonte manancial da divina graça, pelo sacramento da confissam; & alguns, dos melhores da Vniversidade, vieram, com grande fervor, pedir a

Companhia.

3 Estes bons effectos sahiram dos sermoens dos Padres Antonio Gomes, & Francisco Estrada: tambem o irmaam Gõçalo da Sylveira, & outros, que no mundo tinham sido illustísimos, fizeram outros sermoes, nam prégando com brãdos, mas brãdando com exemplo: porque sahiram muy pobres, com humas roupetas pardas, muito velhas, a pedir esmola pelas portas, da maneira, que costumam os pobres; exprimindo aquelle mesmo encolhimento, & humildade, que se vé nos pedintes; representando em sy por amor, o que aquelles mostram por necessidade. Espantaramse muito os graves da terra, & os da governança da camara, de ver, em habitos de pedintes, aos que tinham conhecido com trajos de fidalgos; & persuadindo-se que grande devia ser a falta do necessario, que obrigava a tâes pessoas, a pedir pelas portas, se ajuntaram em camara, aõde, havido seu conselho sobre este caso (que elles julgavam ser novo, & que lhes nam seria bẽ contãdo, nam acodirem, em tal occasiam, ao Collegio, que lhes parecia devia de estar em grande falta do necessario) mandaram suas embaixadas, offerecêdo suas fazendas, & ainda suas pessoas, pera ajudar a tirar as esmolas: & se nesta offerta mo-

straram

Anno da
Cipanhia
6.

Vay o ir-
maam Gõ-
çalo da Syl-
veira pe-
dir esmola
pelas por-
tas.

straram a boa vontade, que nos tinham, tambem manifestaram, que nam entendiam o mysterio deste nosso petitorio; cuja riqueza estava, nam em tirar dinheiro, mas sò em pedir esmola.

5 No mesmo tempo hiam outros em corpo, com quartas de barro às costas, vestidos com os mesmos pelotes curtos, a buscar água ao rio; & a huma fonte, que está hum pedaço fóra da cidade; à que hoje chamam a fonte do Bispo: neste fervor entravam pessoas de muito respeito, & autoridade, como era o Padre Luis da Grã, (que dahi a pouco foy Reitor do Collegio de Coimbra) o Padre Manoel Godinho (que no Collegio tinha officio de mestre da casa, que em parte respondia ao que agora he de ministro; & tambem; dentro em poucos annos, foy Reitor do mesmo Collegio) o Padre Antonio de Quadros, pessoa de grandes talentos, & outros muitos, de que, por vezes, fizemos larga mençam.

6 Muito edificavam a muitos estes sanctos excessos, porèm tambem foram causa de grandes murmuraçoens, que tornaram resuscitar em toda a parte; sobre maneira estranhavam bradarem, & prégarem os nossos pelos lugares publicos; como se a palavra de Deos ef-

rivesse atada sò ao pulpito das Igrejas; o certo he, que atè dos pulpitos nos faziam, naquelle tempo, a charidade, chamando doudices, impertinencias, & hypocreias a nossas mortificaçoens no trajo, & a nossas prégacoens nas ruas; como se nam fosse melhor prègar nas praças, que murmurar nos pulpitos. Grandes poeiras se tornaram a levantar neste particular; mas nam faltaram tambem muitos, que vendo o espirito da Companhia, & o que pretendiamos com estas publicas demonstraçoens, nos defendiam em segredo, & nos autorizavã no publico, julgando, que nam eram doudos, os que se mortificavam como sanctos; & juntamente, que as aççoens, que faziamos, mais eram segundo a doutrina divina, que conforme os procedimentos do mundo; que a maiores excessos chegou Isaias, mãdado pelo mesmo Deos, pois testemunha a Escritura sagrada, que prègou ao povo, andando nu, & descalço, *Et fecit sic vadens nudus, & discalceatus*: & nota S. Cyrillo Alexandrino, que nam fizera Isaias caso de lhe poderem estranhar, que hiã menos galante, ou que parecia pouco gentilhomem. E com semelhante espirito sahio Micheas, na mesma postura pelas ruas de Ierusalem, bradando, & chorãdo, *Plangam, & ululabo, vadam spoliatus*,

b
Isai. 20. n. 2.

c
Cynl. Alex. ibi.
Idque fecit nō
admodū solici-
tus, quomodo
elegas appare-
ret.

d
Mieh. c. i. n. 8.

Anno de
Christo de
1545.

238

Chronica da Companhia de Iesus em Portugal.

Anno de
Cōpanhia
6.

Et nudus: porque os sanctos nam
attentam pera os juizos erra-
dos de quem os nota, mas sò
respeitam os preceitos divinos
daquelle a quem obedecem.
Mas porque as perseguiçoens
aqui foram muy repetidas, será
necessario mostrarmos mais em
particular, como estas acçoens
dos nossos nam mereciam ser
tam reprovadas.

CAPITVLO IV.

*Mostrase como estas mortifi-
caçoens, de que usavam os nos-
sos, sã conformes á doutrina
dos sanctos; dãse a rezã
de se nam usarem já
hoje tanto, na Cō-
panhia.*

*Juizos do
mũdo co-
sumã ser
muy erra-
dos.*

NAm he esta a pri-
meira vez que o
mũdo se enganou,
em ter por doudices as acçoens
mais acertadas, & os procedi-
mentos mais acordados, entre
os varoens sanctos; porque a
prudencia da carne he muy en-
contrada com as leys de Chri-
sto; & ordinariamente aconte-
ce julgar o mundo por erro; &
delatino, o que os sanctos tem
por acerto de sabidoria. Por
grande loucura tivera o mun-
do, ver hum mancebo, no flo-

rente dos annos, rico de bens,
galhardo na pessoa, & illustre
por sangue, viver em casa de
seu pay, ^a como estranho, & pe-
dinte, metido debaixo de huma
escada, por barreira de afrontas,
& desprezado de seus proprios
criados; mas isto em S. Aleixo
foy summa sabidoria, como
Deos declarou em sua morte.
Por doudice tivera a prudencia
mundana, se visse a hum homẽ
letrado, philosopho eloquentis-
mo, muito bem nascido, honra-
do, & rico em sua patria, hir-se a
terra muy distante, & tomar por
vida ser carvoeiro; mas isto em
S. Alexandre manifestou Deos
ser alta sabidoria, revelando a
S. Gregorio & Taumaturgo, que
fizeffe Bispo de Comana, cida-
de de Ponto; aquelle humilde
carvoeiro, que depois deo na
Igreja de Deos sermosos rayos
de luz, entre as trevas de seus
carvoẽs.

2 Por loucura, & desatino
julgava Micol, ^c filha del Rey
Saul, hir David em corpo dan-
çando diante da arca do Se-
nhor, devendo hir, como ella
queria, muy bem vestido, & muy
acompanhado, como depois fez
seu filho Salomã ^d. Mas bem
zombou David destes despre-
zos de Michol: nem se enver-
gonhou (diz S. Ambrosio ^e) de
fazer semelhante obsequio; por
que mais estimava a approva-
çam certa de Deos, que a opi-

niam

^a
Apud Erev.
Rom. in fest.
Iulij, die 17.
Sur. in vita S.
Alex.

^b
Martyr. (Rom.
11. de Agosto
ex Baronio, &
Metaphr.

^c
1. Paral. 15. n.
27. Michol fili
Saul vidit Regē
David saltantē
arque ludentē,
& despexit eū.

^d
1. Reg. 3. n. 5.

^e
Amb. lib. 4. ep.
30. ad Sabin.
Nō erubuit Da-
vid femineas
opiniones, nec
approbria pro
religionis ob-
sequio.

niã m falsa da mólher. Pouco monta (acrescẽta S. Bernardo ^f) que huns tenham por loucura, outros avaliem por zombaria, as mortificaçoens sanctas, que fazeis; que boa he a zombaria, que aos homens dà occasiam de riso, mas aos Anjos offerece feroso espectáculo de alegria: *Bonus ludus, qui hominibus quidem ridiculum, sed angelis pulcherrimum spectaculum præbet.* Semelhãte ao parecer de Michol, era o juizo, que formavam os Corinthios de S. Paulo, & dos mais apóstolos, havendoos por ignorantes, & de pouco fizo, por soffrerem fome, & sede, ou por lhes faltar vestido, como explica S. Thomas, & por soffrerem afrontas, & receberem bofetadas; & nam hã que espantar destes enganos, porque, como diz o mesmo apóstolo, o homem, que he sō animal nos appetites, nam percebe as cousas, que sã todas espirituaes na estima.

3 Et tal vez muito avante ainda passam os verdadeiros servos do Senhor, porque de proposito fazem cousas, por onde os julguem por doudos; & chegam a fazer, por arte divina, o que sō pōde succeder por falta humana, que he fazerem-se loucos por rezã, & serem doudos por sciencia; que o outro ^h julgava por impossivel. Tal foy o Abbade Simeam da pro-

vincia de Egypto, como conta S. Hieronymo, o qual sabendo que o governador, & justiça mayor daquellas terras, o vinha visitar, movido da fama de sua sanctidade, tratou, com disfarces de louco, encubrir verdades de sancto, porque se poz á porta da sua cella a comer, com grande sofreguidam, & descompostura, como se fosse mentecapto, & nesta conta o ficou tendo, aquelle personagem, que o buscava. Do mesmo espirito foy o outro sancto Simeam Salo (cujã festa pōem o Martyrologio ¹ Romano, Evagrio, & Metaphraste ao primeiro de Iulho) o qual se fingio doudo, pera encubrir sua alta sabidoria, pretẽdendo, com piedosos enganos, embotar os fios de seu agudo engenho, pera melhor afiar a fineza de sua virtude: fazendo desluzir seus grandes talentos entre os homens, pera terem melhor lustre entre os anjos: vecendo, sem duvida, com a sombra desta fingida loucura, a luz da mais acordada sabidoria; & com a capa da ignorancia, as togas da mais douta philosophia: nam houve, por certo, no mundo stulticia mais sãbia, nem doudice mais sesuda: à vista deste fingido bruto, ficou verdadeiro bruto o que, sendo sãbio, foy entre os Romanos chamãdo Bruto; & porque Deos via sua tençã, o manifestou com

grandes

Anno de
Christo de
1545.

240

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno de
Companhia
6.

ⁿ
Ad Hebr. c. 11.
n. 38. Circue-
runt in melotis,
in pellibus cap-
rini: egentes,
angustiani. &c.

^o
Lib. 3. c. 13. &
lib. 1. de habitu
monachali. c. 3.

^p
Alb. Crantz. li.
2. Saxon. c. 7.

Notavel
mortifica-
çam de A-
dolpho Cõ-
de de Al-
facia.

^q
Infelix erubui-
Ai Christi pau-
perie baulans
fac in mani-
bus, nuno vel
in capite ostē-
de quid porta-
etis.

grandes milagres em vida, & autorizou com musicas d'anjos na morte, ficando todos entendendo, que entam era mais fesu-do, quando se fingia mais doudo. E porque a vaidade humana tão to estima a riqueza dos trajos, & a galhardia dos vestidos; por isso os sanctos, & os prophetas, (de cuja conversaçam, como diz S. Paulo, "o mundo nam era digno) andaram vestidos de pèlles de cãbras, & de ovelhas, como pobres angustiados, & como affligidos, em habito de penitentes; & assim o conta Cassiano. q̃ fazia os mōges do Egypto. Tal foy Adolpho, Conde de Alfacia, p̃ homem muy celebrado nas historias, por sua muita valentia; o qual, deixado seus estados, se vestio como pobre, se fez minimo entre os padres menores; & andado mendigado trazendo nas mãos huma quarta de leite, que tinha tirado de esmola; & passando por seus filhos, que vinham com grande ostentaçam de grandeza, teve naturalmente algum pejo; porém elle o venceu com huma valerosa victoria de sy mesmo, porque tomou a quarta, pola na cabeça, & quebrandoa, se enchêo todo de leite, dizendo estas memoraveis palavras: ^a Pois te emvergonhaste de trazer o leite nas mãos, mostraloas agora até na cabeça. Desta maneira se soube mortificar este servo do Senhor: nem

se deo por afrontado neste caminho, pelo verem todo cheo de leite, antes entam se lhê abrio outra nova, & mais celestial via lactea, por onde se caminha pela estrada mais apertada dos mayores desprezos, ao céo, das mayores glorias.

4 E deste mesmo espirito procedeo a S. Francisco vestir-se em hum sacco de aspero burel; & desta mesma fonte manou àquelles grandes sanctos, cheos de verdadeiro desprezo do mudo, aos Antonios, & aos Paulos, vestirem-se de folhas, de palma, julgando, que assim se levava a palma do mundo desprezado; & que desta maneira ficava o espirito vencedor, triu-phante da carne sopeada; & cõ rezam lhes convinha a palma, nam sò por insignia em a mão, mas por vestido em todo o corpo, pera que nenhuma parte tivesse, que nam andasse cuberta de victorias; nem se deve cõtar, entre os ultimos exemplos, o que neste particular nos deixou nosso P. S. Ignacio de Loyola, o qual, ainda antes de ser religioso, despio em Monserrate seus vestidos ricos, & se vestio em hum sacco de burel; caminhando descalço, & com a cabeça descuberta. Este mesmo espirito levou a frey Iacopone, da ordem de S. Francisco em Italia, aos admiraveis extremos, que d'elle contam, pois chegou

a sair

Hier. in vit. D.
Pauli eximiaz

Ribad. in cr.
vita. Massan.
sus vita: lib. 1.
c. 4.

In Chron. 2. p.
lib. 6. c. 32.

a sahir pela cidade sem vestido, cuberto de pennas pegadas com tormentina, & assi entrou nas vodas de seu irmao, como se fosse doudo, sendo homẽ doutor, & muy conhecido. E estes sanctos excessos muy em especial convem às Religioes em seus principios, cõforme a doutrina de Thomàs de Chempis.

5 Estas demonstraçoẽs exteriores; os desprezos de atavio, de que os mundanos se prezam em seus vestidos, muy particularmente convem aos filhos da Companhia, pois nosso fim he, (como atrás dissemos) pera fazer vida em qualquer parte do mundo, sem termos habito proprio; & quando for necessario, pera mayor gloria de Deos, & proveito das almas, nam hemos de estranhar andar vestidos cõ turbante turquesco, & cõ marlota entre os Mouros; cõ cabaya entre os Asiaticos; no Iapam com quimõens, & na China cõ chãpãos (q̃ assi chamã aos seus mãtos) & tal vez, como soldados sã pagas, & como mercador sã commercio; entre os Abexins de Ethiopia vestidos de pelles, & cõ os Bragmenes de Madurẽ descalços, & sã cõ alparcas. E como o P. M. Simam criava aos seus subditos do Collegio de Coimbra, pera fim tã soberano, permittalhes, & approvavalhes semelhantes excessos, pera q̃ ao diante se nam achassem novos, quando

se visse cõ vestidos pobres, & nã estranhassẽ a mudança dos trajos alheos, os q̃ nũca os tiveram proprios. Alẽ de que (como diz S. Bernardo ") assi como o cuidado do ornato exterior, he final, de quam nũca, & despida estã a alma, assim tambem o descuido no vestido costuma indiciar o cuidado da alma.

6 Bem he verdade, que depois de larga experiencia nos foy o tempo ensinando, que nam estava jã hoje o mundo capaz pera se aproveitar destas traordinarias mostras de virtude, pois em lugar de se edificarem do que nã faziamos, se escandalizavam pelo nam quereẽ elles fazer; & sendo as obras merecedoras de louvor, muitos astomavam por dignas de zõbaria; levãtando tães tẽpestades, & tam grãdes murmuraçoens, que se resolvẽram os nossos Padres a recolher estes extremos entre os limites de hũa sancta mediocridade: que nam basta ser hũa acçam boa, & sancta, pera logo se exercitar; porque, conforme a doutrina de S. Paulo, x pòde a cousa ser licita na especulaçam, & pòde ser illicita na praxe; & esta mesma moderaçam, nos advertio, cõ divina prudẽcia, nosso glorioso P. S. Ignacio, em hum carta, q̃ sobre esta materia escreveu aos irmaos do Coimbra, o anno de 1547. no qual a referiremos toda; nella diz, entre ou-

u
D. Bern. in de-
clam. Super
ecce nos reli-
quimus. Curz
corlis indiciũ
evileas cõtep-
tusexteriorum,
sic eorundẽ so-
licitudo certum
signum mentis
incultr.

Rezãmpor
que hoje
nam usa-
mos de
mortifica-
çoẽs publi-
cas.

x
1. ad Cor. c. 6.
n. 12. Omnia
mihi licent, sed
non omnia ex-
pediunt.

Anno d^o
Christo de
1545.

242

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno d^o
Companhia
6.

Mortifica-
ções publi-
cas parecem
doudices
sanctas.

tras, estas palavras: Nam quera, q^{ue} cuidasseis, q^{ue} me descontentam vossas mortificações, q^{ue} estas, & outras doudices sanctas sey eu que as usam os sanctos cō fructo, & sam de muito proveito, pera hum se vencer a sy mesmo, & adquirir mais copiosa graça, em especial, em os principios: mas em tempos de estudos, & a quem tem já mais dominio sobre o amor proprio com a graça divina, o que tenho escrito de se reduzir a humda discreta mediocridade, tenho por melhor; nam se apartando nunca da obediencia. Atéqui as palavras de nosso glorioso Patriarcha; nas quaes chama a este modo de mortificações, doudices sanctas, nam porque de todo sayam das regras da verdadeira prudencia (porque se assim fosse, nam mereceriam o nome de sanctas, que a sanctidade nam he imprudente) mas porque sam cōtra a policia humana, que censura por loucas estas acções, nam pelo serem, senam porque cuida que o sam.

7 O que devemos muito ponderar nestas regras de nosso sancto Padre he, dizer elle, com seu grande entendimento, & luz do cēo, que os demasiados fervores de mortificaçam, eram proprios de principiantes; donde nasce começarem de ordinario por aqui as religioens, lançando em os alicesses da fabrica de seu instituto estas pedras, que a

villa do mundo parecem tocas, & pouco lustrosas; mas, na realidade, sam firmes, & muito fermosas, & que nam menos servem, pera melhor segurança do edificio, que pera mayor crescimento da humildade. Conforme a esta celestial doutrina, nam hã que estranhar os excessos, com que entam sahiamos, nem a mediocridade, em que agora nos recolhemos, governada pela obediencia, cōforme a nossa regra, que nos prohibe, que nam façamos mortificaçam publica, sem licença do superior. Advirto porém, q^{ue} posto que moderamos estes fervores em parte, nam os tiramos de todo; como se hirã vendo no discurso desta historia; porque pôde haver occasiam, em que semelhantes demonstrações sejam muy louvaveis.

CAPITULO V.

Escreve sancto Ignacio a primeira vez a el Rey Dom Ioam: dalhe conta de suas cousas; pedelhe licença pera o Padre mestre Simam hir a Roma, em rezam de renunciar o cargo de geral.

1 **Q** Valquer bom entendimento, que considerar o que arêqui

tem o

Regula 6. C. 6.
mun. Nulli
mortificationem
publicam facia-
nisi superien-
approbante.

temos escrito destes primeiros seis annos da Companhia, nam duvido, q se espantará da préssa, cõ q a nova Religiam caminha-va, imitando ao bõ IESV, a quẽ tinha por capitam, & exemplar, ao qual hum Propheta^a poz varios nomes do appressado; & outro disse, que corria com pas-sos agyгантados; & o mesmo Senhor^b, com mayor proprie-dade, se comparou a hum rayo, que nascendo no Oriente, pare-ce, q em hum momento se põe no Occidente: assim vimos, ne-stes poucos annos a Cõpanhia tam dilatada, & tam estendida, que nascendo no occidente de Europa, logo foy amanhecer, como hum novo sol, no oriente de Asia; como se o mesmo fos-se nesta Religiam nascer, & cor-rer; apparecer nascendo, & desapparecer voando. Tudo isto se deve primeiramẽte a Deos nosso Senhor; porque toda a boa dadiva, & todo o dom per-feito, como diz o seu Aposto-lo, e delle procẽde como de pay das luzes, que vé muy bem o que dá, & conhece muy bem a quem o dà.

2 No segundo lugar cõfes-samos, que tudo isto se deve ao angustissimo, & liberalissimo Rey Dom Ioam o III. o qual foy o primeiro Principe, que fez no mundo estimaçam da Companhia, ainda quando nam era approvada, nem confirmada

pela Sè apostolica; como se nos amasse, nam pelo que sabia que eramõs, senam pelo que via, que haviamõs de ser: elle foy o pri-meiro q solicitou os Principes vizinhos, & remotos, a que tam-bẽ procurassem, & basejassẽ cõ o Papa nossa confirmaçam; & em prova de quanto a desejava, quiz, que com grandes gastos, à conta de sua real fazenda, se pa-gassem as letras desta cõfirma-çam. Foy o primeiro que nos chamou pera suas terras, fun-dandonos fermosos Collegios, com grossas rendas: & entre-gandonos os espaçosos termos da mayor Asia, de cuja gran-de parte era senhor. Foy o primeiro Principe, que nos defendeo de perseguidores, & o que mais nos autorizou, com os mayores potentados da terra: de sorte, que mais parecia pay amoroso, que a-migo affeioado. Com todas estas obrigaçoens (que mais to-cavam ao Padre sancto Ignacio, que a nenhuma outra pessoa d'este mundo) pudera parecer ou mais quẽ esquecimento, ou menos que fria gratidam a tam insigne bemfeitor, nam lhe ter atẽ este tempo escrita alguma carta, na qual lhe gratificasse tam reaes, & soberanas grande-zas.

3 Tem os Sanctos tam diferentes primores dos que o-niam somos, que muitas vezes

Anno de
Chryſto de
1545.

*Os varões
ſanctos eſ-
crevê pou-
cas vezes
a ſenhores.*

Athan. in vita
Antonij, c. 50.

244

Chronica da Companhia de Jeſu em Portugal.

o que nós cuidamos, que nel-
les he falta de gratidam, vem
a ſer effeito de humildade; &
aſſim nam uſarem de correſ-
pondencias politicas com prin-
cipes, & de mutuos compri-
mentos com ſenhores, acham,
que algumas vezes he obriga-
çam da virtude, que profeſſam,
& he regra da abnegaçam, que
pretendem. Voava pelo mundo
todo a fama de ſancto Antam
Abbade, retirado no deſerto
da Thebaida, ſem converſar
com homens, quem ſo tratava
com Deos: deſejava muito o
Emperador Conſtantino tra-
tar com tam grande ſancto,
communicarſe com elle per
cartas; eſcrevia-lhe algumas
vezes, encommendandolhe ſua
caſa, & ſeus tres filhos Ceſa-
res: diſſimulava porẽm o ferve-
roſo eremitam; & como quem
ſo ſabia dos primores da corte
do cẽo, fazia pouco caſo das
correſpondencias dos ſenhores
da terra; nam por ſe moſtrar
ingrato, mas por querer ſer hu-
milde. Muy eſtimada era a fa-
ma de ſancto Ignacio em toda
Europa; muy grande conheci-
mento tinha delle o ſereniſſi-
mo Rey Dom Ioam, & as o-
brigaçoens, da parre do ſancto
Patriarcha nam podiam crescer
mais; & como quem muy bem
alcançava o muito, que lhe de-
via, dizia a boca chea, que a
Companhia era delRey Dom

Ioam, mais que ſua; & iſto nam
por comprimento, porque del-
les ſua ſinceridade era muy a-
lhea, mas por obrigaçam, q̃ lhe
punha eſte conhecimento.

4 Com tudo atẽ eſte anno
de 1545. nam lhe eſcrevẽo
carta nenhuma, procurando
correſponder-lhe obrando, &
nam eſcrevendo; havendo,
que entam melhor lhe eſcre-
via, & mais o tratava, quan-
do melhor o ſervia, & mais o
venerava; & aſſim nam per-
dia occaſiã nenhuma em que
nam acudiſſe ao minimo ace-
no da vontade de tam mag-
nifico bemfeitor, tratando to-
dos os ſeus negocios na corte
de Roma, que pera elle e-
ram mais que proprios, & eſ-
crevendo ſobre elles ao Padre
meſtre Simam, que com elRey
immediatamente corria em to-
dos, encarecendolhe em ſuas
cartas, que em ſeu nome, &
de toda a Companhia, deſſe as
graças a S. A. pela ſingular pro-
teiçam, & paternal beneficẽcia,
com que emparava, & benefi-
ciava eſta ſua Cõpanhia: dizen-
dolhe, que ſe tinha por indigno
de eſcrever a tam grande Prin-
cipe; enſinando, com eſte exẽ-
plo a ſeus filhos, que deve-
mos procurar merecer os fa-
vores dos grandes ſenhores,
mais com oraçoens, que com
cartas; mais com nos retirar
nas cellas dos moſteiros, que

com

Anno
Cõpanh
6.

S. Ignã
nam ou
va eſcr
ver a e
Rey, p
ſua hu
dade.

no de
to de
45

ens, q.
eram
igna-
escre
a el-

com entrarmos nas fallas dos palacios.

5 Porém neste anno de 1545. vencéo sua gratidam a sua humildade, & se resolveo a escrever, pera gratificar merces, que já recebêra, & pera pretender outras, que ainda esperava; a principal, que agora queria, era, que desse licença ao Padre mestre Simam pera chegar a Roma, pera effeito de renunciar o cargo de geral. Desejava o sancto varam, como tam humilde, aliviar-se desta carga, pera se entregar, com mais vagar, à contemplaçam das cousas divinas; nam era possivel fazer em sua pessoa, & na Companhia tam grande mudança, sem que a communicasse aos Padres, com quem a principiou, & fundou; & como hum destes, & dos principaes em Europa, era o P. M. Simam, & o que estava mais ausente de Roma, & tam occupado na fundaçam da provincia de Portugal, & no serviço delRey, com tanta felicidade de bons successos, como temos visto; nam era justo, que o Padre mestre Simam fizesse o requerimento a sua Alteza por sy mesmo: tratou o sancto Padre de ser o requerente por sua mesma carta, na qual, com a mayor humildade, & demonstraçam de agradecimento, em seu nome, & da Companhia, gratificava ao sere-

nissimo Rey tantas merces recebidas: & porque sabia o sancto, que desejava muito sua A. saber os particulares de sua conversam, os trabalhos, que tinha passado, & os carcerees, em que estivera; primeiro que chegasse a pôr em execuçam tam raro edificio, como he o da Companhia; fez-lhe o santo varam, com toda a chaneza, & sinceridade huma séria narraçam de suas perseguiçoens, prisoens, & sentenças, que sobre sua innocencia houve, em tantas partes, com os ditosos successos, que em todas teve. Muito festejou o benignissimo Rey esta carta, mostrando grande satisfaçam de quem a escrevia, & notavel gosto das materias, que nella se referiam, pelo muito que desejava saber muy por menor o que o santo passou nos combates, & difficuldades, com que lutara, até levar ao cabo obra de tanta perfeiçam.

6 Após esta noticia de grande estimaçam pera elRey (por entender, que pessoa, de quem tinha tam sublime opiniam, o tratava com tal confiança) entrou o santo Patriarcha no ponto principal do negocio, que era declarar o seu pensamento, & humilde acordo de retirar-se do governo da Companhia, q já era tã dilatada por tantas partes do mundo; porque ainda que os negocios eram de

Frata S.
Ignacio de
renunciar
o cargo de
geral.

Anno de
Christo de
1545.

246

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno
Cpanti
6.

sy tam pios, & sanctos, com tudo, por serem muitos, & varios; dizia, que nam sentia em sy forças, nem talentos pera os poder sustentar; nem lhe davam o lugar, que elle desejava, pera tratar só com Deos, em hum quieto, & pacifica contemplação das cousas divinas. Chega finalmente a pedir a elRey liberal licença, pera o Padre M. Simam hir a Roma, pera com elle, & com os mais Padres antigos, se tomar a resolução em negocio de tanta importancia, em huma Congregaçam, que pera isto se fazia.

7. Mostrou elRey, na resposta, quanto estimava ficar aberto o caminho, pera mais particular communicaçam; & assim o fez, como logo veremos. Quanto ao que tocava à hida do Padre M. Simam, lhe significou quam difficultoso lhe seria largalo por entam, nam só pela falta, que lhe faria no tocante às cousas de sua consciência, ao ensino do Principe, & dos moços fidalgos, & ao menço do governo do Reyno, pelo muito que se valia de seu maduro conselho; mas tambem porque nam estavam ainda as cousas da Companhia em Portugal, pera poderem crescer, & hir avante, faltandolhe seu principal esteo, que lhe parecia arriscarse muito tam fermosa colheita de plã-

Nam quer
elRey dar
licença ao
P. M. Simã
pera hir a
Roma.

tas, tam bem principiadas, com a ausencia de quem primeiro as plantou, & regou. Nam teve o Padre Sancto Ignacio por pouco consideradas as razões, que elRey lhe dava, & assim cessou por entam da jornada do Padre mestre Simam a Roma; posto que, como desejava tanto de veras, de se aliviar do officio de gèral, dilatou esta pretença da hida do Padre, & de sua renunciaçam até o anno de 1550. como veremos no terceiro livro: & em huma carta, escrita de Roma a 14. de Novembro deste anno de 1545. (em que nos achamos com nossa relação) responde ao Padre mestre Simam, acerca de ficar em Portugal, nesta forma: *E pois sua Alteza tem tanta afeição, & vontade a esta minima Companhia, mostrando em as obras, em que sempre vay crescendo, ser particular senhor nesso em o Senhor de todos; de sua Alteza he mandarnos, & de nós obedecer, & crer, que a divina Magestade nos faz especial graça, em que possamos servir em alguma coisa.*



CAPITULO VI.
*Trata el Rey D. Ioam, por via
do Padre Sancto Ignacio, com o
Papa, sobre haver neste Rey-
no o tribunal do sancto Officio,
do modo em que haze está; E
sobre o capello de Cardeal, pera
o Infante D. Henrique, com o
sucesso, que se pretendia.*

Como neg-
ciou o tri-
bunal do
S. Officio.

1 **C**Om esta occasiã
começou el Rey a se
cõmunicar, por car-
tas, com o seruo do Senhor, &
hia cada vez mais crescendo na
opiniã de sua rara prudencia,
& no amor a tam sancta pessoa,
encommendandolhe por vezes,
que tratasse cõ sua Sanctidade
alguns negocios, muy importan-
tes ao serviço de Deos, & bẽ de
seus Reynos; o que, naquelle tẽ-
po, em que ainda vivia o Car-
deal D. Miguel da Sylva (dequẽ
falamos no primeiro livro cap.
25.) nam foy de pouca impor-
tancia, pera informar S. Sãtida-
de, & conciliar a benevolencia
cõ hũ Rey tam catholico, q̃ tam
sẽtido se mostrava, pelos termos,
que com elle tivera aquellẽ seu
vassallo, concluindose isto tam
felismente, como diffemos.

2 Neste mẽsmo anno de
que himos cõtando de 1545. se
concluíram dous negocios de
grande importacia, tratados, &
alcançados por nosso S. Patriar-

cha, & muy bẽ solicitados pelo
insigne doutor Balthezar de Fa-
ria, que estava em Roma, & foy
embaixador, da mânia que
diremos no livro terceiro, cap.
16. n. 3. Entre outras cousas de
grande pezo, que o serenissimo
Rey encommendou a S. Igná-
cio, pera em Roma lhe alcan-
çar, foy huma muy principal,
& de grande consideraçam, &
gloria divina, que procurasse cõ
o summo Pontifice, que conce-
desse a estes Reynos haver nel-
les o sancto Officio da Inquisi-
çam, da maneira que já o ha-
via nos mais Reynos de Hes-
panha; & que revogasse o Bre-
ve, pelo qual tinha ordenado, q̃
nam se procedesse atẽ final sen-
tẽça, sem ordẽ sua, & cõ outras
limitaçõs. Foy este sancto re-
querimento diligenciado pelo
bemaventurado Padre S. Igná-
cio, como negocio, que muito
dizia com o zelo da fé dos fide-
lissimos Reys de Portugal, &
muy conforme ao instituto da
Companhia, cujo officio he prẽ-
gar a fé entre gentios, & here-
ges, ensinar os bõs costumes, &
dar a vida pela inteireza, & ver-
dade da Igreja catholica. Tan-
to que nosso soncto padre rece-
beo estas cartas de sua Alteza,
logo foy falar ao summo Pon-
tifice, que estava fóra de Roma
em Monte Fiascon (passando as
calmas no tẽpo dos Caniculares)
aonde sua Sanctidade lhe deo

Trata S.
Ignacio de
alcançar
peraPortu-
gal o tribu-
nal do S.
Officio.

Christo de
1545.

muy larga audiencia, como que muito o estimava, ficando sò cõ elle, em huma camara: aqui beijou o pé a sua Sanctidade, em nome de Monseñhor de Monte Policiano, Nũcio de Portugal, q por carta lhe pedira o fizesse assim, & dẽsse conta a sua Sanctidade, dos bons termos, em que se hiam pondo as cousas d'este Reyno, & da benevolencia, & grandeza, com que elRey já o recebẽra, o que até entam nam quizerã fazer, por cansa das historias do Cardeal Dom Miguel, como dissemos atrás. Alegrouse muito S. Sanctidade, mostrando grãde cõtentamẽto deste particular, & dos sinães de amor, & devida sojeiçam à sancta Sé apostolica, & Romana, q o piedosissimo Rey ẽ tudo mostrava.

3 Acabada esta informaçam, que o Padre S. Ignacio, como tam prudente, quiz lançar diante, por ver que havia de contentar muito a sua Sanctidade; vendo aberto o caminho com a benevolencia, que lhe tinha preuenida, lhe fez hũ largo discurso, em que declarou ao Papa, quanto importava, pera firmeza, honra, & defensam da fé, levantar, & criar, nestes Reynos, hũ perpetuo, & inuiolavel tribunal do S. Officio da Inquisiçam, com todos os privilegios, poderes, & izençoens, que hoje tẽ; porq aindaq neste Reyno já havia Inquisiçam, como

cõsta da bulla passada pelo meismo Paulo III. ẽ 26. de Mayo de 1536. Cõ tudo esta bula (alẽ de ter algũas limitaçõs no tẽpo, & modificaçõs nas penas) já estava revogada, no tocante ao procedimento a sentença final. E nosso S. Patriarcha pretẽdia alcançar as segũdas bullas (sẽ a limitaçam, & sã a revogaçam da primeira) como em effeito alcançou, & sam as mesmas, por õde hoje se governa o S. Officio; & posto q já havia Inquisidor mór, q foy D. fr. Diogo da Sylva; elle porẽm renũciou esta dignidade no anno de 1539. no Infante D. Hẽrique, o qual foy o q ordenou este sagrado tribunal, & criou nelle o cõselho gẽral, & veyo a ser o primeiro Inquisidor mór, depois de haver Inquisiçam, na forma, q hoje vemos, a qual foy alcançada à instãcia delRey D. Ioam, solicitada pelo insigne doutor Balthezar de Fariã, & agenciada por S. Ignacio, como nos consta por cartas suas.

4 Praticou o P. S. Ignacio a S. Sãctidade, a pretẽçam, & rezõs della, cõ todos os pũtos de jure, & gratia, & benevolẽtia, q se podia allegar na materia. Tãbẽ esta proposta foy muy bẽ aceita de S. Sanctidade. E pera de todo pũto se alcançar o bom logro deste negocio, tambẽ se valeo S. Ignacio muito do secrẽtario de S. Sanctidade Micer Bernardino Maffeo, & do eminẽtissimo Car-

Como pro-
pos ao
S. mo Põ-
rifice o ne-
gocio da
Inquisiçaõ.

Anno
Cpã
6.Primei-
Inquisi-
dor mór
PortugaAlcãça
Ignacio
raesteRe-
no o tribu-
nal da
Inquisiçaõ

deal Alexandre Farnesio nepo-
te de sua Sanctidade, dando re-
zãm de tudo o que se hia obrã-
do a Balthezar de Faria, que
entam em Roma servia de asis-
tir nos negocios de sua Alteza:
com tam bem estreadas agen-
cias se veyo finalmente a con-
cluir o negocio, conforme a vō-
tade del Rey, & se expediram as
segundas bullas, sobre o sancto
Officio, pelo Papa Paulo III. em
16. de Agosto de 1547. Que
nam he pequena consolaçam,
nem a menor gloria deste sa-
grado tribunal ser concedido à
instancia de tal Rey, & ser agē-
ciado por via de hum sãcto tam
favorecido, & estimado de Deos.
E tambem os filhos deste grã-
de sancto temos muito funda-
mento, pera esperar grandes fa-
vores dos que asistirem ao go-
verno desta sagrada mesa, pois,
por meyo de seu sanctissimo
pay, gozam hoje poderes gran-
diosos, & alcançaram izenções
soberanas.

Ignacio
atou so-
re o capel
o de Car-
deal pera
Infante
D. Henri-
ue.

5 O segundo negocio, que
sua Alteza quiz, que passasse
pela mam do S. Padre Ignacio,
foy a eleiçam do Infante Dom
Henrique seu irnam, pera o sa-
grado Collegio dos eminentis-
simos Cardeaes, querendo tam-
bem autorizar o tribunal do
sancto Officio com lhe dar hum
Inquisidor gèral, que foy em tu-
do o primeiro destes Reynos,
tam autorizado na qualidade

de sangue real, como na digni-
dade de Principe da Igreja: tu-
do o sancto Patriarcha nego-
ciou; & tudo, em tam real pes-
soa, veyo o tempo a unir, pois
chegou a ter o capello de Car-
deal, com a dignidade de Rey,
vendo o Collegio dos Cardeaes
o que, por ventura, nunca viram
unido, em hum segundo Mel-
chisedech, Rey poderoso, entre
os komens, & sacerdote sagrado
pera com Deos; a quem seu
Réyno de Portugal, depois de
Rey jurado, vio no altar fazer o
divino sacrificio da missa: com
mitra de prelado, & cõ coroa de
Rey. O titulo que sua Sancti-
dade lhe deo, foy de sancta
Cruz em Ierusalẽm, que cõser-
vou alguns annos, mudando o
depois em titulo dos quatro co-
roados, que conservou até a sua
morte. Nem he rezãm, que ne-
ste lugar calẽmos, como dali a
sinco annos, depois de sua pro-
moçam, ao Cardenalato, no an-
no de 1550. quando por morte
do Papa Paulo III. de gloriosa
memoria, foy eleito Iulio III.
sendo o Cardeal Dom Henri-
que sò de trinta & oito annos,
era jã, naquelle gravissimo sen-
nado dos eminentissimos Car-
deaes, tam grãde seu nome, que
de quarenta votos, que havia no
Conclave, teve o serenissimo
Infante dezanove pera ser Papa
em Roma, vivendo sempre em
Portugal; & o que mais he, sem

nisto

Anno de
Christo de
1546.

250

nisto preceder significação del-Rey seu iram, nem agencia do P. S. Ignacio; assim porque pera isto nenhuma ordem teve delRey, como porque sabia, que estas eleições nam devem ser diligenciadas com poderes humanos, mas remetidas à providencia divina.

CAPITULO VII.

Manda o Padre mestre Simam pera a India nove insignes ministros do Evangelho.

A Chouse o Padre M. Simam em Coimbra no principio d'este anno de 1546. conforme a seu sancto costume, de hir ter a festa do Natal no seu querido Collegio, & deterse nelle algus meses, segundo a licença que lhe dava sua Alteza; com sua vinda, parece que de novo entrava no Collegio hum fogo divino, que por todos se ateava com novos fervores de oração, & mortificação, em tudo semelhantes ao que atégora temos referido. E como o numero dos fogueitos hia crescendo cada dia com novo augmento, pareceo-lhe ao Padre M. Simam, que era necessario repartir liberalmente com a India, mandando

huns nove fogueitos, pera ajudarem aos tres, que no anno atrás tinha despachado: tanto que no Collegio se soube, que havia aquelle anno missam pera a India, nam se pôde facilmente explicar os muitos oppositores, que houve a estas cadeiras, & os muitos candidatos, que sahiram a pretender, com sancta ambição, este desejado despacho.

² Veyo finalmente a cahir a boa sorte nos seguintes religiosos; os Padres Henrique Henriques, Nuno Ribeiro, Francisco Henriques, Affonso Cypriano, Francisco Peres, & nos irmãos Nicolão Nunes, Adam Francisco, Balthazar Nunes, & Manoel de Moraes: os quaes foram eleitos, & nomeados pera esta gloriosa missam, com as mesmas sanctas ceremonias, com que no anno atrás o tinham sido os Padres; que dissemos no principio deste livro: houve muitas lagrimas de fadadas sanctas, muitas envejas nos que ficavam, & grande alegria nos que se hiam. Partiram de Lisboa em oito de Abril, no anno de 1546. na armada daquelle anno, que constou de seis naos, das quaes era capitam mór Lourenço Pires de Távora, filho de Alvaro Pires de Távora; Dom Ioam Lobo, Dom Manoel de Lima, Alvaro Barradas, Fernam d'Alvres da Cunha, Ioam Rodrigues Paçanha.

Anno da
Companhia
7.

Nomes dos
nove missionarios
da India

3 E porque julgamos ser obrigação nossa nam deixarmos em esquecimento os filhos desta Provincia, que embarcamos pera a India, de todos haremos sempre tecendo huma breve narraçam (deixando a mais comprida pera a historia do Oriente) porque nam he bẽ, que saltemos com alguma lembrança aos que nos grangearam tanta honra. A esta Provincia merece eterna memoria o Padre Henrique Henriques, pela verdadeira imitaçam, que teve dos sagrados Apostolos, eleitos por Christo Senhor nosso, pera pescadores de homẽs em a costa de Galilẽa, sahindo este bom Padre, singular pescador de almas, pela costa da Pescaria. O primeiro lanço, que teve em Portugal no serviço do Senhor, foy deixar barcos, & redes, como fez Sam Ioam por seguir a Christo; porque, tendo bem de seu, & sendo já diacono, canonista de fama na Vniversidade, movido cõ o conselho de Christo, no Evangelho, vendẽo quanto tinha, & ajuntando em dinheiro quatro mil cruzados, os distribuiu aos pobres, com espanto da gente, que nam sabiam aonde hia dar tal liberalidade; & logo com igual edificaçam, feito este primeiro holocausto da fazenda (como Eliseo fez dos seus boys, & arado, pera nam ter occasiam de vol-

tar os olhos atrás;) fez outro melhor sacrificio de sy mesmo, entrou na Companhia, & se embarcou pera a India da maneira, que dissemos.

4 Daqui o mandou a obediencia a ter cuidado da Christandade do Cabo de Comorim, que com a industria do Padre S. Francisco de Xavier andava já bem cultivada, & com o sangue do Padre Antonio Criminal estava muy bem regada. Grandissimos foram o trabalhos, que nesta empresa padecẽo este grãde servo de Deos; foy preso dos mesmos barbaros Badagãs, que martyrizaram ao Padre Antonio Criminal; tiveramno muito tempo em ferros, amarrado de pês, & de mãos, mas muito mais preso tinha elle o coração do amor divino; chegaramno a meter com outro em huma braga muito curta; porẽm entam, mais livremente, passeava aquella ditosa alma pelos campos do Paraíso; & cõ barbara resoluçam de o matarem, o levaram huma vez ao cavalete, que he hum pão grãde pontagudo, aonde de alto a baixo espẽtam os que querem justicar: porẽm nam permitio o Senhor, que elle tivesse a morte neste tormento em effeito, posto que já a tinha bebida em desejo: livrou o Deos de huma, pera sofrer muitas mortes, com os incõparaveis trabalhos,

*Trabalhos
que passou
o P. Henri
que Henri
ques.*

que

que padecéo por bem das almas, nos muitos annos, que depois vivéo: elle compôs a arte Malavar, & o vocabulario; trefladou a doutrina christã, que em Portugal ensinamos per modo de dialogo; compôs tambem na mesma lingoa, em que era muy erudito, hum confessorio, & hum flos sanctorum; & tudo, com sua muita industria, fez imprimir na lingoa vernacula do Malavar; & com estes livros se recolheo, por todas aquellas partes, o muito fructo, que se esperava: nellas edificou muitas Igrejas, & dous hospitães, hum pera remedio dos enfermos pobres, outro pera sustentação dos pobres saõs. Instituiu huma irmandade dos Christaõs mais provectos na virtude. Foy, em sua pessoa, irreprehensivel, nas palavras tam advertido, & prudente, que, em tanta variedade de negocios, nunca lhe ouviram alguma, em que de sgoftasse alguem. A esperança, & fé em Deos foy neste apostolico prégador muy admiravel, em prova de nossa sancta fé (como outro Elias com os Prophetas de Baal) desafiava os gentios, dizendo, que ajuntássem cento, ou duzentos Brame-
3. Reg. c. 18. v. 21. 22.

*Grandes
virtudes
do P. Hen-
rique Hê-
riques.*

palavras, viessem a experiencia das obras, & que entrassem com elle em huma fogueira; a ver quaes ficavam intactos do fogo, em prova da ley, que prégavam: o que tudo dizia com tanta confiança, que a tirava toda aos idolatras; os quaes tomaram por melhor partido calar, julgando, que sempre hiam a perder, ou tornãdo vencidos na disputa, ou ficando queimados na fogueira.

5 Trabalhava de dia, & de noite, por converter aquelles gentios, dos quaes trouxe muitos ao sancto baptismo. Enxergavase nelle huma consciencia purissima, huma castidade angelica; grande clareza com seus superiores: profunda humildade em suas acçoens. No amor da sancta pobreza era tam pötual, que quem lhe nam visse a causa, que o movia, julgahia miseravel pelos effeitos, que mostrava: dizia elle, que mais estimava na costa da pescaria os seus remendos, do que os charins prezavam as suas perolas. Na obediencia chegou ao mais alto ponto, em que sancto Ignacio a queria ver em seus subditos, porque era cousa que punha admiracão, ver a hum velho de tanta experiencia, fogeitar-se ao minimo aceno de seus superiores, que tal vez eram moços na idade, & modernos na terra. Com ser tam viva sua fé (que

parece

parece podia mudar montes, como Christo, prometteria, & fechar alagoas, como fez o grande Taumaturgo^b) costumava dizer, & escrever, que na primitiva Igreja rendia Deos o mundo á força de milagres, mas agora, que o hemos de converter com virtude, & boas obras, com as quaes quer que provemos, & demos testemunho do Evangelho, que prégamos, & da doutrina, que professamos. Parece que sempre nelle ardia o fogo do amor divino, & daqui procediam as chamas, que brotavam fóra do zelo do bem das almas.

6 De todas estas virtudes nos deixou muitos, & muy vivos exemplos este grande servo do Senhor, que com ser tal sua sancta vida, nam faltou hum mal intencionado, & publico murmurador, que tambem, com grande escandalo, (imitando àquelles de quem fala o Propheta^c) punha á boca sacrilega neste fermoso céo: mas nam o deixou Deos sem a paga, que merecia, fechandolhe a boca com hũ prodigioso castigo, porq̃ quãdo queria falar, lhe sahia por ella hũ pedaço de carne, do tamanho de hum limam ordinario, o qual o nam deixava dizer palavra, q̃ se lhe entendesse; & assim passou toda a vida; que bem era, que pera sempre se fechasse a boca, de quem

sò pera murmurar a abria; & que pera sempre ficasse presa a lingua, que sò pera falar mal se soltava. Chegou finalmente este fiel servo do Senhor aos oitenta annos de sua idade, a qual, ainda que foy comprida, a respeito dos desejos, que elle tinha de ver a Deos, foy muy curta, segundo a vontade daquelles povos, pera o lograr: assim velho trabalhava, como mancebo; & assim o amavam, como a pay; antes, quanto mais hia envelhecendo pelos annos, que lhe entravam, tanto mais o hiam estimando, pelos temores de o perderem; que os velhos tambem podem ser amados, se sabem ser proveitosos; antes os tões sam como a fructa, diz Seneca, ^d que pelo Outono, quando he mais fugitiva, entam he mais agradavel, *Gratissima sunt poma cum fugiunt*. Chegou em fim ao termo da vida temporal, com penhores certos da eterna, na qual entrou, em 6. de Fevereiro de 1598. estado no lugar de Punicale, chèo nam menos de dias; que de merecimentos, depois de recebidos os sacramentos, tendo sincoenta & sinco da Companhia. Varã verdadeiramente digno de perpetua memoria, pois sem viver ordinariamente em Collegios, nem casas nobres, conservou, no meyo de tam barbara gentildade, a-

^d
Seneca ep. 12.
Amplenda
est, & amanda
senectus &c.
Gratissima sũt
poma cum fa-
giunt &c.

De sua di-
tosa mor-
te.

quelle primeiro espirito, que bebêo no Collegio de Coimbra, que ainda nelle he mais de espantar, por ser já de vinte & cinco annos, quando entrou na Cõpanhia, & tendo de seu muitos mil cruzados: porém se a resolução de servir a Deos he verdadeira, logo hum toma o caminho direito da virtude, sem achar resistencia nas riquezas, nem ter impedimêto na idade.

Quam sentida foy sua morte.

7 O sentimento de sua morte foy tam grande, que nam sò os Christãos o choraram, mas até os gentios, & mouros, em final de dor, jejuaram o dia de seu passamento; & os gētijs dos lugares comarcaçãostãbẽ jejuaram dous dias, fechando suas tendas, & bázares, em final de tristeza; pela morte deste bom velho (que esta he a força da virtude, que até os que a nam querem professar, a sabem reconhecer) & communmente lhe tem tanto respeito, & tal opinião de sua sanctidade, que ainda hoje, quando querem afirmar alguma cousa, júram pelo Padre Henriques; & todos os Christãos daquelles lugares vem de longe buscar sua sepultura, & como se fosse sancto canonizado, lhe fazem votos, lhe dam offertas, lhe poem candéas acesas, & com sancta simplicidade lhe mandam dizer missas. Hoje descança seu bemdito corpo em Tutocorim,

por causa do Collegio, que alli temos, aonde foy tresladado com grandissimo concurso de Christãos, & gentios, que ainda concorrem, com a mesma frequencia, a visitar sua sepultura, que assim honra Deos, ainda neste mundo, quem o soube deixar.

8 O segundo desta misam foy o Padre Francisco Henriques Português, semelhante ao Padre Henrique Henriques, de quem atégora falamos, nam sò em o sobre nome de Henriques, mas tambem em nome de Apóstolo, & nas obras de sancto: tambem lhe cahio por sorte, hir ter cuidado da Christandade da costa da Pescaria, o que fazia com notavel cuidado, & admiravel charidade: tinha a seu cargo mais de cincoenta mil almas; estavam estes Christãos divididos em quarenta povoaçoens, com trinta Igrejas muy capazes, todas edificadas pelos nossos da Companhia: & tinha o Padre isto tambem repartido, que em cada huma dellas todos os dias se ensinava a doutrina aos homẽs, molheres, & mininos, em tempos diferentes, & deputados pera estes sanctos ministerios.



CAPITVLO VIII.

*Continuase a mesma materia
das virtudes dos mais so-
geitos desta mis-
sam.*

I Ambem aqui mere-
ce particular lêbrã-
ça, entre os Portu-
gueses, o Padre Francisco Péres
Castelhano, hum dos eleitos ne-
ste anno, pera a missam da In-
dia; entrou na Companhia no
anno de 1544. Tinha tam par-
ticular devaçam â sagrada pai-
xam de Christo Senhor nosso,
que em falãdo nella se lhe rou-
bavam os sentidos, ficando to-
do arrebatado em huma co-
mo extasi de amor. Flore-
cêo na India com particular
opiniã de sancto; corréo mui-
tas terras, navegou muitos ma-
res, dobrou muitos cabos, atra-
vessou muitos golfaos, passou á-
lem do rio Ganges, esteve, por
muito tempo na cidade de Ma-
láca, aonde trabalhou, com tãta
continuaçam, com tal cuidado,
& zelo, q muitas vezes no mes-
mo dia prégava aos Christaos,
doutrinava os mininos, disputa-
ua cõ os Iudeos, & cõvenia aos
Mouros. De quẽ se podia bem
dizer o que S. Paulo^a de sy ef-
crevia, *Instantia mea quotidiana*;

sollicitudo omnium ecclesiarum. No
anno de 1550. em que Malá-
ca sustetou aquelle famoso cer-
co^b dos Iãos (sendo seu capi-
tam mór Dom Pedro da Syl-
va da Gama, filho do Conde
Almirante, que com muito
esforço, & destreza a defen-
déo, com ajuda, & favor do
valeroso Gil Fernandes de Car-
valho, que o veyo socorrer) te-
ve o Padre Francisco Péres
grandes occasioens em que mo-
strar seu espirito dobrado, que
igualmente servia pera prégar
a gentios, & pera animar a
soldados; pera estar na Igreja
confessando, & pera sahir ao
campo peleijando: porém as
armas, de que usava, eram de
próva, & muy aventajadas,
com hum crucifixo nas mãos,
peleijava, & vencia, animan-
do aos Christaos, & assom-
brando aos gentios; que es-
tas eram as armas espirituas
da milicia de que usava o
Apostolo; confessando de
sy, que nam sabia nem bran-
dir outra lança, nem menear
outra espada, mais que a Chri-
stõ crucificado: *Nisi Chris-
tum, & hunc crucifixum*. Da-
li passou a Cochim; entrou
em Negapatam, aonde, com hu-
ma morte sancta, deo principio
a huma vida eterna, no anno de
1583.

2 Foy este Padre hum dos
apostolicos fogeitos, & mais

^b
Vide Couto
Decad. 6. lib. 9
a cap. 5^a

^b
2. ad Cor. 10. n.
4. Arma mili-
tia nostra non
carnalia sunt.

^d
1. ad Cor. c. 2.
n. 12. Nõ eam
iudicavi me sci-
re aliquid, nisi
Christum, & hunc
crucifixum.

^a
Cor. c. 11.
8.

*O P. Francisco Pêres
he muy ve-
nerado de-
pois de
morto.*

notaveis varoens, que a Companhia teve no Oriente, nam menos insigne trabalhador em vida, que estimado, & milagroso na morte. Foy sepultado na casa da sancta misericordia; & por mais que elle pedio, que o enterrassem entre os pobres, foy depositado no meyo da capella mór; & como era grande a opinião da sanctidade do bomvelho, concorreo a terra toda a seu enterramento, & escacamente o pudèram defender do povo, que acodia a venerar o corpo, & a lhe tomar reliquias. Ali esteve, por espaço de vinte annos, em grande veneraçam; & vindo a Companhia a ter ali casa, tratando de recolher, entre os nossos, este nosso thesouro; respondèram os da misericordia, que nem ao mesmo Papá o dariam, senam obrigados, & que nam queriam largar tam milagroso deposito, pelo qual Deos lhes fazia grandes beneficios: em fim, depois de grandes instancias, alcançada a licença, com condiçam, que o nam levariam fóra da terra; aberta a sepultura, hindo hum religioso, com muita decencia, & resguardo, pera lhe tirar os ossos, achao (couza maravilhosa) todos unidos, & liados entre sy, com humra raiz fresca, da grossu-

*Achamhe
os ossos pre-
sos cõ hũa
maravilha
sa raiz.*

ra de hum fio de barbante: pasmam os presentes desta novidade; & advertindo, com mais atençaõ, viram, que a dita raiz, nascia debaixo do casco da cabeça, unida a ella mesma, com muitas raizes, & procedendo dali, hia enlaçando, & enxerindo toda a armaçam dos ossos de todo o corpo, huns com outros; & depois se hia metendo pelos joelhos, & sahindo pelas canellas, até se vir rematar nos pès; sem deixar nenhum osso, que nam estivesse muy bem liado, unido, preso, & enlaçado com toda a boa disposiçam, & ordem; de sorte, que parecia obra milagrosa, feita só pela mam daquelle Senhor, que como diz o seu Propheta, guarda todos os ossos dos seus justos, & nem hum só deixa perder.

3 Grande foy o alvoroço do povo com tal maravilha, & muitos foram os discursos, que se fizeram sobre raiz tam mysteriosa; que nam se podia dizer da virtude deste Padre, o que Christo lançava em culpa àquelles, cuja sanctidade logo secava, porque nam tinham raizes. Sobre todos porèm contentou ao povo o parecer do seu Vigairo, que disse, que, com aquella notavel demonstraçam queria o bõ Padre dar a entender, que nam

era

*Psalm. 33. n.
Custodit ossa eorum,
ex his non timebunt.*

*Marc. c. 4.
Non habet dicere in se-
reporales.*

era bem tiraremno do lugar, aonde tinha lançado raizes tam milagrosas: & porque he muy natural quadrarem as rezoens, quando combinam com as vontades, como os principaes do povo nenhuma tinham de largar da sua casa da misericordia aquelle bemaventurado deposito, se mostrâram muy satisfeitos desta interpretação do seu Padre vigairo, a quem tinham por seu oraculo, mais certo que o de Delphos; & se tornaram a fazer fortes, sem querer largar aquellas, que elles tinham por preciosas reliquias; esperando o fruto, que tam fermosas raizes prometiam: persuadindose, que elles eram os escolhidos; entre os quaes o Espirito sancto^g mandava ao sábio lançar raizes. Em resoluçam, depois de varias demãdas, fezse hũa escritura publica, em que os Padres se obrigaram a por nenhum caso levarem aquelle bẽdito corpo fóra da terra, & de o terem depositado em lugar publico à vista de todos; & finalmente se fez a tresladaçam, com huma solenne procissam, concorrendo toda a gente pera o acompanhar à nossa Igreja, aonde foy collocado, & metido em huma caixa de teca, pão incorruptivel, a qual se fechou dentro de huma abobeda, que pera isso foy feita, aonde hoje está visitado,

& venerado de todos aquelles pòvos, aos quaes nam menos acodio com a boa doutrina, sendo vivo, que hoje com grandes favores, depois de morto; que nam podem raizes tam milagrosas deixar de dar frutos muy proveitosos: procurando àquellas gentes, diante de Deos, o bem de sua salvaçam; que se a raiz he sancta, conforme a consequencia de S. Paulo, ^h tambem os ramos hãde ser sãctos: *Si radix sancta, & rami.*

4 Entre os nove da missam deste anno, he tambem muy digno de boa memoria o Padre Affonso Cypriano, o qual residia em sancto Antam, aonde trabalhou com muito zelo, & edificaçam, até se embarcar pera a India; era já neste tempo anciam na idade, mas muy vigoroso no espirito. Na India foy varã perfeito, & grande perseguidor de peccados publicos: mandado pelo S. Padre S. Francisco de Xavier à cidade de S. Thomè, padecéo grandes trabalhos, pelo bẽ daquella Christãdade, por espaço de dez annos, com tãta charidade, vigilancia, & exẽplo de vida, q nam tinha outro nome, entre os Christãos, senam de sancto. Nem lhe faltou o espirito de prophecia; pudera aqui contar muitos exemplos, com hum caso me contentarei, sobre o castigo, que denunciou ao

^h
Ad Rom. c. 11.
n. 16.

^g
if. 24. n. 13
electis
mitte radi

*Caso nota-
vel, q' lhe
sucedeo cõ
hũs pecca-
dores.*

capitam, & piloto de hum navio; eram estes dous homens marcados pela natureza (que tal vez, com sua occulta providencia, nos finães, que poem no corpo disforme, nos avisa dos erros, que hã na alma depravada) porque o capitam era tartamudo, & o piloto cego de hũ olho; & mayor era a cegueira d'ambos na consciencia; nam sò os conheciam todos por famosos chatins, mas eram tambem conhecidos por infames peccadores. Sahe em terra o piloto, aonde deixou a consciencia, levando pera o navio furtada humma mulher casada, que tomou a hum Christaõ; sem respeitar a Christo, a quem offendia, nem ao Christam, a quem infamava: que aonde entra o espirito sensual, na peor maldade acha o melhor empenho. Andava o afrontado Christam como fõra de sy pelas ruas brãdando justiça, contra insulto tam horrendo. Desfazia-se em zelo o bom Padre Cypriano; toma hum batel, boga ao alto, chega a bordo, salta no navio, que estava já pera dar â vella (como se sahisse de Lacedemonia, levando furtado o fogo, que abrazou Troya) queixase o Padre ao capitam, fala ao piloto, chora, ameaça, & bráda â vista de tam abominavel roubo; a reposta porêm foy de apupadas, & zõbarias (que semelhantes pecca-

dores tam brutaes nas obras, & descorteses nas palavras)

5 Volta o Padre muy desconsolado pera a terra, & escaçamête se fez ao mar o infame navio, levando em sy presagios certos de sua infausta perdiçam, quando o Padre, por revelaçam divina vio, que se havia de perder (que nam podia ser bem guiado por piloto tam mal governado) logo, prégando ao povo, lhe disse claramente, que se nam escandalizassem da paciencia divina, que se tardava algũa vez, em outras (como atẽ o gentio alcançou) recompensa a tardança do tempo, com a gravidade do castigo; que de certo os avisava, que o navio se perderia, & o torto ficaria cego, & o gago mudo: foy isto entam mais festejado dos ouvintes por dito avisado, que por aviso dado por Deos. durou cõ tudo pouco tempo a graça em sua errada opiniam, porque se soube logo, como o navio dera â costa, abrindose de todo, sem se salvar nenhuma fazenda; & que o capitam, cheo de rayva, & furor, se fora ao piloto, como a causa de todo o mal, & lhe arrancara o outro olho, deixãdo de todo cego (permittindoo assim Deos, em castigo de sua cega afeição) & o que mais he de espantar, que o mesmo capitam, com a força do brãdar no naufragio, ficara de todo mudo,

que

i
Val. Max.
Leato gra
procedit d
ira, tardit
supplicij p
gravitate o
pena.

Como j
dõ o
tinha
nuncia

que nam era bem que mais pudesse falar entre os homens, quem tã mal respondêra ao Padre.

6 Nam posso deixar de referir brevemente outra, que parece notavel prophesia: estando doente o Padre Francisco Pêres disse ao irram, que delle tinha cuidado: *No dia da vespóra das cadeas de S. Pedro, se vos acabará, irram, este trabalho, que vos dou; porque nelle me soltará o Senhor das cadeas deste corpo mortal, &c.* E assim foy, que no anno de 1566. no mesmo dia que disse, ficou fóra das prisoens do corpo, voando a alma à liberdade da gloria, aonde, com descansos eternos, se remuénram trabalhos temporaes.

osproce-
mentos
irmãos
panhei-
destes
dres.

7 Entre os irmãos, que cõ tães servos de Deos este anno se embarcaram, foy hum o irram Nicoláo Nunes, companheiro do Padre Ioam da Beira, em as ilhas de Maluco, & do Moro, aonde soffréo grãdissimos trabalhos, pela conversam daquelles gentios: foy vèdido duas vezes, & de ambas entregue à morte, em ambas o livrou Deos milagrosamente. Navegando destas ilhas pera Malaca, se perdêo com o navio, & trabalhosamente se salvou a nado; passando em terra grandes fomes, & sede, até que despido o trouxe Deos á fortaleza de Malaca: Sam tambem dignos de eterna

memoria, o irram Balthezar Nunes, & Adam Francisco, o primeiro foy fiel companheiro do Padre Francisco Henriques, no cabo de Comorim, dando sempre grande exemplo de vida religiosa. O segundo tem boa prova de sua excellête virtude no grande Padre S. Francisco de Xavier, que mostrava grande satisfaçam de seu muy religioso procedimento.

8 Concluãmos este capitulo, com fazermos huma muy particular lembrança, & muy devida ao servo do Senhor, o Padre Nuno Ribeiro, companheiro destes nove, a quem em Amboyno quíz Deos honrar, & cõsumar seus gloriosos trabalhos, com a muy preciosa coroa de hum, que parece prolongado martyrio. Foy dos Religiosos da Companhia, que na India deixaram melhor nome de vida apostolica, de constancia nas adversidades, & de paciencia nos trabalhos. Renovou, por muitas vezes o exemplo da charidade de sam Martinho, repartindo dos vestidos amèdade, & desejando de se dar a sy todo inteiro. Foy insigne missionario, andandó varias terras, & navegando muitos mares. Dèramlhe os Mouros, em odio da fé, que lhes prégava, huma peçonha lenta; que pouco a pouco o foy consumindo; lemelle nunca esfriar hum ponto, nem

P. Nuno Ri-
beiro grã-
de missio-
nario.

Dèramlhe
os Mouros
peçonha.

Anno de
Chrisco de
1546.

Sur. mense Ia-
nuarij, die 27.

260

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno d
Companhi
7.

à vista da morte, no grande fer-
vor de espiritu, que nelle ardia.
Faltandolhe já as forças pera
visitar os seus Christãos, como
costumava, se fazia levar em
hum manta a hombros de ho-
mens, fazendo, por causa da
doença, o que fazia Sam Ioam
Evangelista, em rezam de sua
muita idade; até que finalmen-
te, desfeito com a peçonha, es-
pirou; deixando, como sabemos,
fama de sancto; & gozando, co-
mo parece, da gloria de martyr.
Estes foram os nove ditosos cõ-
panheiros, que este anno envi-
ou pera a India o Padre mestre
Simam; peçamos ao Senhor, que
assim como sabemos reconhe-
cer suas virtudes, saibamos imi-
tar seus exemplos.

CAPITVLO IX.

*Vay o Padre Francisco Es-
trada em missam a entre Dou-
ro, & Minho, detemse no
Porto; entra na Companhia,
movido de seus sermoens,
o Conego Vasco
Ferrás.*

DIssemos da ditosa
missam, que os da
Companhia neste
anno fizeram por mar, façamo-
nos agora no volta da terra; &

veremos o bom successo de ou-
tra, que fez o Padre Francisco
Estrada em entre Douro, & Mi-
nho; que tal era o espirito da-
quelles nossos primitivos Pa-
dres, que nam menos tratavam
de ajudar à conversam dos gẽ-
tios na India, que de acodir à
reformaçam dos costumes em
Portugal; socorrendo aos que
viviam longe, & nam desempa-
rando aos que lhe ficavam per-
to. Prègoa o Padre Francisco
Estrada a quaresma de 1546.
em Coimbra, com grande satis-
façam, & igual fructo; & logo
sahio juntamente em missam a
entrè Douro, & Minho, & em
peregrinaçam ao senhor San-
tiago; hindo, como verdadeiro
peregrino, por todo o caminho
a pè, confessando, prègando, &
trazendo as almas a Deos, por
todas as vias, que podia; levava
por companheiros dous outros
sacerdotes, que em os ministe-
rios proprios da Companhia
muito o ajudavam. Nesta for-
ma entrou na cidade do Porto,
aos 6. de Mayo; & logo aos 8.
em que celebra a Igreja a festa,
& apparecimento do archânjo
S. Miguel, no Monte Gargano,
fez a primeira pregação na I-
greja do mesmo Principe da
milicia angelica, que está fóra
da porta, que chamam do Oli-
val, da maneira, que aqui di-
rei.

2 He costume antigo da-
quella

P. Frãç
Estrada
entra n
Porto.

quella nobre cidade hir (em o tal dia, todos os annos) àquella Igreja, os da governança, o Cabido, & o mais povo: succedõ sobrevir hum inconveniente ao prégador, que pera o sermam daquella festa tinham nomeado; & como a fama lia diante prégando quam famoso prégador era o Padre Estrada, vieram-lhe offerecer o sermam, por causa do aperto, & falta em que se viam; o qual elle logo aceitou. Tanto que na terra se publicou a novidade, & a fama do prégador, houve trasordinario concurso da gente, de maneira, que foy necessario, contra o costume, fazerse o sermam no câpo, debaixo da boa sombra das oliveiras: em entrando o prégador no pulpito, entrãram em espanto, & desconfiança delle os ouvintes (que o povo, nas suas festas, sempre quer ter o melhor prégador) olhãvam huns pera os outros, reparando todos na pouca idade, que representava; porque, segũdo parecer de muitos, escaçamente julgavam ter vinte annos; & como ordinariamente a gente pelos annos julga o saber (como se nam fossem muitas vezes os muito velhos na idade, muito ignorantes na sciencia, aos quaes, com a Escriitura sagrada, podemos chamar moços de cem annos) ao espanto, & a desconfiança seguiu-se grande inquietaçaõ do audito-

rio, que se dava por afrontado, dizendo, que parecia cousa de zombaria, em tal dia, & em tal ajuntamento, terem por prégador hum mancebo de tam fraca representaçaõ. Nam deõ o Padre pelos sinões, que vio da pouca aceitaçaõ da pessoa; começou o sermam, & a poucas palavras entendêram, que nelle, com ventagem, sopria o espirito os annos, que lhe faltavam na idade; que destes mancebos falava o propheta Ioel, ^b quando lhes gabava o saber aventajado, pera alcançar mysterios soberanos, & conhecer visoens celestiaes; & a tal como este dizia Deos por Ieremias, ^c que se nam escusasse com a idade de moço, *Noli dicere, puer sum.*

3^o Ao principio foram pouco a pouco ficãdo suspẽsos, & pendentes da suavidade, & eloquẽcia de suas palavras, cõ as quaes parece, q̃ tinha nas mãos as rédeas, cõ q̃ governava as vontades, & convencia os entendimentos; como se elle fosse, na verdade, o Hercules ^d Gallico, que a antiguidade fingio, o qual na lingoa tinha as cadeas, com que trazia presos os ouvintes, & com que lhes rendia as vontades; assim o fez aqui o Padre Estrada, atẽ que finalmente, pera o fim do sermam arrebehtëram todos em lagrimas, & prãto desfeito, com sentimento de seus peccados, nam sõmente os

^b
Ioel c. 2. n. 28.
Et iuvenes vestri visiones videbunt.

^c
Iere. c. 1. n. 7.

^d
Aleiar. epigr.
190. Quavis
durissima corda
Elaquio pollẽs
ad sua vota
trahit,

Anno de
Christo de
1546.

262

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Cõpanhia
7.

*Quam sa-
tisfeitos fi-
caram do
sermam.*

seculares, & o Cabido, mas tam-
bem os religiosos, que se achá-
ram presentes. Mudada já a o-
piniam do desprezo, em admi-
raçam de tanto saber, em tam
poucos annos, do grande espiri-
to, que mostrava, da modestia
do rosto, da humildade das pa-
la vras, & da composiçam de to-
do o exterior; diziam publica-
mente, que desejando no seu
pregador de o ver homem nas
cans, o achâram anjo no talen-
to; & que sô tal anjo podia dig-
namente prégar de S. Miguel
Archanjo.

4 Acabado o sermam, fi-
caram todos tam satisfeitos do
pregador, quam descontentes
de seus peccados; & pera que se
veja a força do espirito do céo,
que salava neste fervoroso mã-
cebo, entre outras conversoens,
& mudanças de vida, que deste
sermam se seguiram, foy nota-
vel a de hum conegô, chamado
Vasco Ferràs: era elle filho
de Gaspar Ferràs, nob lissimo
cidadam (da familia dos Fer-
razes, que he bem conheci-
da, & das mais nobres daquella
nobre cidade) veyo o conego
na procissam do Cabido, com
bem differentes pensamentos,
dos que levou pera casa, era
mancebo de dezoito annos, ri-
co, & prebendado em sua terra;
naquella verdura dos annos en-
tredia melhor da alegria da ida-
de, & da malêconia do breviário;

*Mudança
notavel do
Conego Vas-
co Ferràs.*

como qué tratava mais de se lo-
grar da vida presente, q de asse-
gurar os bês eternos: no mesmo
dia, em que foy vestido de co-
nego na procissam, mudou o
habito clerical, depôs a loba,
tirou a murfa, & com vestido
muy galante de secular polido,
foy ver, & dar vista de sy, pas-
seando pela feira (qué tambem
naquella occasiã, á honra do
sagrado archão, se fazia) Veyo
com tudo a ouvir o sermam,
mais levado da curiosidade do
pregador, que gabavam, que cõ
pensamento da conuersam, que
nam imaginava: que a hora do
Senhor he como a hora do la-
drã, conforme diz Sãm Pedro,
que entam vos entra pela por-
ta, quando menos o esperaveis
em casa.

5 Em o Padre Francisco
Estrada começando a prégar
logo a palavra divina, com
pada penetrante, o começou
ferir, com tal efficacia, que em
breve se sentio todo vencido &
rendido a Deos; continuava o
sermam, & continuavam as la-
grimas, & crescia a contriçam:
nam espera mais aquelle cervo
ferido, que o fim do sermam, pe-
ra vir demandar ao seu prega-
dor, pera que lhe dêsse o reme-
dio quem lhe tinha causada a
ferida: assim o fez, vemse apôs
elle, entra no hospital, aonde se
recolhia; declaralhe a dor, que
trazia em sua alma, & em prova

2. Petri c.
10. Adv.
dies Demi-
sur.

Vem o
nego Va-
scos Ferràs
pedir a
panhia.

della

della, lhe mostra o sangue de
vivas lagrimas, que pelos olhos,
em grande abundancia, brota-
vam: dizlhe, que vem resolutio
a deixar de todo o mundo, &
que logo se quer meter na Cõ-
panhia. Consolava o Padre ao
seu enfermo, dizialhe, que a-
quella resoluçam pedia mais
maduras consideraçoens, que
encommendariam o negocio a
Deos, que se a vocaçam era sua,
elle, que tinha dado os desejos,
tambem lhe daria o comprime-
to: & com estas, & semelhantes
palavras hia aquelle sábio me-
dico acodindo ao seu enfermo;
porém elle requeria mayor
presta; que apertos de alma fe-
rida, nam admitem dilaçam na
cura; & nam sofrem alguns va-
gares nos remedios.

6 Tães foram os finã-
es da divina vocaçam, que o
Padre Estrada vio neste mance-
bo, que o recebêo logo con-
figo; & com toda a brevidade, o
remetêo ao Collegio de IESV
de Coimbra, com hum carta
pera o Padre Martinho de S.
Cruz, que era o Reitor, em que
lhe encommendava, que logo o
admitisse na Companhia. Quê
bem considerar estas acçoens,
nam menos se edificará da pres-
sa do Conego, em se converter,
do que se espantará da diligen-
cia do Padre Estrada, em o re-
ceber: mas o Espirito sancto
nam sabe admittir vagares, &

quando a vocaçam he sua, in-
flamma com ardores os affectos,
& sobreléva com luzes os dif-
cursos; que assim o lemos de S.
Paulo, o qual ao primeiro mo-
vimento da graça divina, offere-
ce logo a Deos a alma rendida,
Domine, quid me vis facere.

7 Nam se podêram fazer,
com tanto segredo, estas mu-
danças da vida, & da terra, por
mais que as pretêderam disfar-
sar, que nam as presentissem
seus pays (que como o outro
disse, nam há poder enganar a
quem tem amor) mandaram lo-
go gente, que lhe fosse no al-
cance (porque antiga couza he
seguir o mundo a quem lhe fõ-
ge, & muitas vezes fogir de
quem o segue) tomaramlhe os
caminhos, & atalharamlhe os
passos, com tanta destreza, que
lhe foy forçado voltar atrás,
nam em a resoluçam, mas no
caminho, por dissimular com a
força de quem o violentava.
Chega ao Porto, com satisfa-
çam, & prazer de quem o tra-
zia, & muito mais de quem o es-
perava. Passando pela porta do
hospital, que lhe ficava no ca-
minho, acompanhado de seus
seguidores, & perseguidores, se
reportou de sorte, que deo con-
figo dentro do aposento do Pa-
dre Estrada, acolhendose a elle
como a sagrado, com a mesma
resoluçam de nam sahir dali se-
nam pera Companhia. Dêram

logo

Anno de
Christo de
1546.

264

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

logo rebate aos pays os que o foram buscar, escusandose de lhes fugir a presa, mas consolados com a deixarem emprazada. Vièram elles voado ao hospital, apercebidos de armas tão mais violentas, quanto mais brandas; chòramlhe, lastimam-se, poemlhe diante dos olhos o estado em que já o tinham, feito conego, provido de beneficios, bastantes pera honrar sua familia, & acodir a seus parentes; que attente no desatino, que cometia, & que tratasse logo de emenda, porque seus poucos annos o escusavam da repentina loucura, que inadvertidamente cometêra.

8 Nam foy porèm a graça divina tam pouco efficás, que pudessem persuacoens humanas render hum espirito tam alentado. Aqui soube o conego fazer o que S. Hieronymo^g lembra ao outro mancebo Heliodoro, porq se resolvéo de passar avante, ainda que fosse necessario, ao sahir da porta, pizar a seu proprio pay, por seguir os arrees de Christo. Com huma piedosa crueldade (porque como diz o mesmo sancto,^h he genero de piedade ser cruel neste particular) rebatéo todas estas fortes armas, dizendo, que de balde se cansavam, & que mais obrigaçam tinha de buscar a Deos, que o levava pera o cêo, que de seguir a seus pays,

^g
Hier. ep. i. ad
Heliodor. Per
calcanti perge
patrem. &c.

^h
Hier. ad Helio.
ep. i. Pietatis
genus est in
hac re esse cru-
delem.

que o chamavam pera o mundo. Com tam valente reposta, se desfizeram os combates, & ficou o campo por Christo; logo se buscou, & achou modo (porque tudo se facilita a quem toma de véras semelhante resolução) pera com mais segurança, & mayor quietaçam se partir pera Coimbra, aonde foy recebido na Companhia (pelo Padre Martinho de S. Cruz, Reitor daquelle Collegio) em 14. de Mayo de 1546. no septimo anno da Companhia, tendo Deos nosso Senhor chamado a seu serviço, na forma, & modo, que relamos, aos 8. dias do mesmo mes.

CAPITULO X.

*Dos procedimentos do irman
Vasco Ferrás, até sua
morte na Com-
panhia.*

ⁱ **P**ois viemos com o conego Vasco Ferrás a Coimbra, concluamos com elle, & com o successo, que teve na Companhia, em quanto temos ao Padre Estrada recolhido no hospital do Porto, & continuado a sua misfã, & logo nos voltaremos a elle; que bem he que vejamos o bom logro deste seu còvertido,

que

Anno da
Cõpanhia
7.

Volta a Co-
imbra, en-
tra na Cõ-
panhia.

proce-
do do
nam Vaf
Ferrás
Compa-
a.

que tambem muito em breve chegou ao porto da salvação. Foy admiravel o exemplo, com que o irnam Vasco Ferrás se houve no Collegio de Coimbra, nem se pôde em breve encarecer, quanto o divino espirito obrou naquelle fogeito, tam poderosamente rendido á sua divina graça ; logo tomou o caminho da virtude tam de proposito , que se adiantou a muitos, que primeiro que elle gostaram a doutrina da Companhia. Resplandecia nelle , com grande excessso, quasi perpetuo exercicio de oração, & contemplaçam ; em que gastava muitas horas de dia, & de noite , com tam intimos affectos de união com Deos, que muitas vezes perdia a união de suas acções com o uso dos sentidos exteriores, padecendo largas, patentes, & claras extases ; sendo muitas vezes necessario levaremno nos braços, tam alheio de sy, & dos negocios humanos , quam presente com Deos , & com as cousas divinas. Com igoal resolução se applicava a todo o exercicio da mortificação. Mas nem sempre a fraqueza do corpo acompanha a fortaleza da alma : tam rijas foram as violencias , que o espirito fazia á natureza , que veyo a enfermar , com humma febre habitual , que o con-

sumia , a quem acompanhou sempre a espirital , em que ardia . Entenderam os medicos , que podia ser de favor ao enfermo , mandalo aos áres da pátria; assim se resolveo, & assim se executou.

2 Nam havia no Porto casa , nem residencia da Companhia ; & como da cidade se nam pretendia mais que os áres naturaes, lhe pareceo ao irnam, q é qualquer sitio d'ella o poderia lograr: tratou de se encobrir a seus pays, & parentes, seguindo o exemplo de S. Aleixo, & de S. Ioam Calybíta : & assi cõ todo o segredo se foy meter no hospital, aonde tinha começada sua vocação cõ o Padre Estrada ; entra nelle desconhecido, como hum pobre religioso doente , que naquelle hospital vinha buscar cura; & como estava tam consumido da febre , tam pouco o conhecêrã os cidadãos naturaes, como os de Roma a S. Aleixo, por mais que os que tinham cuidado do governo do hospital, eram os ptincipaes da terra , & todos parentes seus. Vivia o sanctinho enfermo, como peregrino, em sua patria: mas sua muita modestia , & do seu cõpanheiro, a muita prudencia nas acções, & rara paciência na enfermidade, convidou a muitos a virê, cõ sancta curiosidade, visitar este religioso enfermo : em resolução, tanto especularam

Como adoe-
cêo, & foy
mãdado ao
Porto.

Martyr. Rom.
17. Iulij.

Martyr. Rom.
15. Ianuarij.

Anno de
Christo de
1546.

266

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Como foy
conhecido
de seus
pays.

na materia os que desejavam
saber quem era o doente, que
em fim vieram adivinhar, q̃ era
o irman Vasco Ferrás. Brota
outra nova admiracão de terẽ
entre sy quem nam conheciam
por cousa sua: renovase a me-
moria do admiravel caso de
sancto Aleixo, filho de Euphi-
miano, cidadam illustrissimo
em Roma: aos pays parecia so-
nho a nova (ainda que nada
melhor se cré, que o que mui-
to se deseja) trata o pay do de-
sengano desta perplexidade, vẽ
ao hospital com Henrique de
Gouvêa, de quem logo falarẽ-
mos, vay demandar o enfer-
mo, que por mais que fez por
se encobrir, nam pode o filho
deixar de ser conhecido do
pay, pelos sinaes que a nature-
za sabe dar, & nõs nam sabemos
explicar: levaro o pay nos bra-
ços banhados em proprias la-
grimas; nam sabe o que mais fin-
ta, se o prazer de o ver, se o es-
tado em que o via: a mesma
mã y acodio ao hospital. Tra-
tam os pays, & os parentes de
o trazerem pera sua casa, assim
por acodirem à enfermidade
de filho tam querido, como
por satisfazerem a hõra de pays
tam honrados: porẽm o mesmo
foy falar ao irman em mudar a
casa da sancta pobreza, que ma-
is que sua mã y amava, que do-
brarfelhe a febre, & acrecen-
tarfelhe o desgosto.

3 Nam tiveram outro re-
medio, pera render ao irman
Vasco Ferrás, que valeremse do
Padre Dom Gonçalo da Sylvei-
ra, que neste tempo andava
por aquellas terras em missã
apostolica, pedindolhe, que
aconselhãsse, & mandãsse ao
irman, se rendesse às conve-
niencias, que estavam tam
claras, a que os obrigava o di-
reito natural de pays. Et tam a-
pertada enfermidade do filho, que
nesta resstencia nam sò perigava a
vida do enfermo, mas tambem a
honra dos parentes, que seriam muy
mal avaliados, por deixarem morrer-
lhes à porta hum filho tam amado, de-
semparado do socorro de quem o gẽ-
rou: mas nam foy tam facil de
dobrar, em seu favor, o padri-
nho, que tomaram, que nam
defendesse primeiro a sancta
repugnancia do enfermo, di-
zendo, que as leys da graça
eram superiores às regras da na-
tureza, Et as obrigaçoens do es-
pírito da Religiam, eram transcen-
tes aos costumes da policia natural:
porẽm, que sem embargo de tudo,
respeitando o grande perigo em que
estava a vida do irman, Et vi-
sto cederem todas as mãs virtudes,
a respeito da charidade, que elle appro-
vava neste caso a mudança da casa da
pobreza, pera a casa da natureza.

4 Admiravel foy o exem-
plo, que este bõ irman deo em
casa de seus pays, cõ o irman da
Cõpanhia, q̃ tinha cõfigo, eram

todas

Anno de
Cõpanh
7.

Buscam
meyo p
o traze
pera si
casa.

Como p
cedeo e
casa de
us pays

Como se
preparou
pera a mor-
te.

Hier. epist. 3.

d
Luc. c. 14.
n. 28.

e
Ioan. c. 14. n.
28. Si dilige-
ris me gaude-
reus utique,
quia vado ad
Patrem.

todas suas delicias; & toda sua
cõsolaçam: nam permitio, q mo-
lher nenhũa lhe entrasse na ca-
mara aõde estava enfermo, mais
que a mãy que o gérara: a en-
fermidade hia sempre em cres-
cimento, mas o fervor do espí-
rito ainda era mayor; o cuida-
do nos exercicios espirituaes;
era o mesmo que no Collegio
de Coimbra: todos os dias ou-
via missa em hum altar; que se
lhe ordenou defronte da sua ca-
ma, entre semana comungava
muitas vezes, por nam do Pa-
dre D. Gonçalo da Sylveira, em
quãto por ali se deteve: no cui-
dado de sua pessoa assi passava;
como se absolutamẽte nam esti-
vesse em casa de seus pays. O
seu cuidado todo era o trato cõ
Deos nosso Senhor, com perpe-
tuas jaculatorias, & suavissimos
colloquios, com que significava
quanto desejava verse cõ Deos;
em tal forma, q logo variava na
cõversaçam, se cõ alguẽ a tinha,
levado todo da divina, q de to-
do lhe roubava a alma, & pren-
dia os sentidos. Outras vezes
advertia, com alvoroço, & fadi-
ga aos presentes, que nam esta-
vam bem cubertos diante da
Virgem sanctissima, de Sam Io-
am Evangelista, & de sancto
Agostinho; tendo todos por
cousa certa, que lograva estas
visitas, & favores do céo, nam
sendo effeito da febre ethica
semelhantes tresvalios, quãdo a

outrospropositos os nam havia.

5 Alguns dias, antes de
sua morte, disse, com muita se-
gurança, qual havia de ser o de
sua ditosa hora. Ouviram hu-
ma vez, que gritava na sua ca-
mara, acodiram seu pay, &
mãy, parecendolhes, que seria
termo ultimo da vida; choran-
do já por morto; parando
o paroxismo, pos o irman os
olhos no crucifixo, que ali ti-
nha, & logo, voltando pera
os pays, lhes disse; nam cho-
rem, senhores, por mim, que
hã muito tempo que sou mor-
to; della hora que me sacrifi-
quei a Deos, pera viver sò a el-
le: & quanto ao deixar esta mi-
seravel vida, eu sey quando o
Senhor me hãde fazer esta mer-
ce, que será a 23. de Março: Pe-
çolhes, que nẽ agora, nẽ entam
me chorẽ por me perderem, an-
tes convertam as lagrimas em
alegria, porq me tiveram na Cõ-
panhia de IESV; que assi lem-
brava S. Hieronymo, a Helio-
doro, q nam chorasse a Nepo-
tiano, pelo haver perdido, antes
se alegrasse pelo ter gozado: *Ne
doleas, quòd talẽ amiseris, sed gaudeas
quòd talẽ habueris*; seguindo a dou-
trina de Christo, q prohibio se-
melhantes lagrimas, ^d *Nolite flere
super me*; tendo por afrõta de sua
fortaleza, chorarêlhe a morte:
antes (como lemos em S. Ioam,
queria o Senhor, que se ale-
grassem com sua ausencia.

Anno de
Christo de
1546.

268

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno de
Cõpanhia
7.

Peço tambem (acrescentou logo o irmao Vasco Ferrás) que me enterrem diante do sanctissimo Sacramento, & q nam tragam dô por mim, pois sou religioso. Pedio mais ao irmao seu cõpanheiro, que no amortallar de seu corpo, nam consentisse, q interviessse secular algum. Chegou finalmente o dia de 23. de Março, & nelle, como tinha denunciado, acabou muy sanctamente, nas vespõras da Annunciaçam da Virgem sanctissima, de quem era devotissimo.

Como foy
enterrado.

6. Chegado o tẽpo de lhe amortallarẽ o corpo, lhe achou o irmao ter os joelhos tam calejados, & asperos, como se fossẽ de camello, por causa da muita continuaçam, cõ que assistia na òraçam de joelhos; vio tambem as coistas cheas de calos, & sinães de feridas, que mostravam bem o rigor dos açoutes, & disciplinas, cõque a ffligio seu corpo. Acodio o Cabido, a cidade, & o povo, & lhe fizeram hũ solenissimo enterramento, depositãdo diante do sanctissimo Sacramento, como elle tinha pedido, pera ter seu corpo morto na terra, á vista daquelle Senhor encuberto, de quẽ no cẽo gozava descuberto. Este foy o remate do caminho da perfeiçam, q o conego Vasco Ferrás tomou no Porto, movido de hũa prẽgaçam do Padre Francisco Estrada, abraçandose, com tanto fer-

vor, cõ a perfeiçam, a que Deus o chamou, que nam hã que espãtar, chegar em popa tam brevemente, cõ o vẽto do Espirito sancto, ao fim desejado; & aportar tam depressa em outro melhor porto, & mais seguro da bẽaventurança; porque entrãdo na Cõpanhia, em 14. de Mayo de 1546. entrou no cẽo no anno seguinte, em 23. de Março de 1547. Nõs agora, pois ainda estamos na cidade do Porto, voltamos ao hospital, aonde deixamos ao Padrẽ Francisco Estrada, continuando sua missãm; & jã que vimos a mudança de vida deste mãcebo, vejamos tambem outra de hum mais velho.

CAPITULO XI.

Do mais fruto, que o Padre Francisco Estrada recolheu na cidade do Porto, em especial na mudança de vida de Henrique de Gouvea; & de como, ainda ausente, animou aos seus devotos.

Vimos no capitulo passado a notavel mudança do conego Vasco Ferrás, cõ a primeira prẽgaça, q fez na cidade do Porto

o Pa-

o Padre Francisco Estrada; com este bom principio de sua mis-
sam, & com os favores do
cêo, que experimentavam,
continuou, trabalhando por
nam haver falta no que pu-
desse redundar em bem das
almas. Hia-se cada vez mais
ateando o fogo do desejo da
salvaçam em a cidade, & o
Padre Estrada o assoprava, &
acendia fortemente. Eram
notaveis os abalos em toda a
forte de gente: huns esco-
lhiam viver em pobreza, dei-
xando o mundo: outros aco-
diam, com grande continua-
çam, ao sacramento da confis-
sam, & da sagrada commu-
nham; recolhiam-se muitos a
fazer os exercicios espirituaes.
Houve grandes restituçoens
do alhéo; & fizeram-se mui-
tas amizades entre pessoas no-
bres, que viviam com gran-
des desavenças, & discordias
muy peizadas. Foram visitados
os hospitaes, & carcerees, aco-
dindose a todos, nam menos
com a esmola espiritual pe-
ra a alma, que com o re-
medio temporal pera o cor-
po.

2 E pera que vejamos co-
mo a todos abrangéo esta re-
formaçam de costumes, causada
pelo Padre Francisco Estrada,
& entendamos, que nam há es-
tado na Igreja de Deos, que se-
ja isento de experimentar mu-

danças de vida melhorada, ve-
rêmos o que succedeo no Porto
em hum nobre cidadam casa-
do. Entre todas as vidas, a ma-
trimonial parece mais arriscada
com perigos, mais inquieta
com cuidados, mais impedida
com varias occupaçoens. Po-
rém, pera que soubessemos, que
o matrimonio (como bem dif-
se sam Ioam Chrysostomo)
nam he impedimento pera a
virtude; sempre Deos no mun-
do teve, neste estado, homens
perfeitos, & de vida exemplar;
como a Escriitura divina conta
de Abraham, Isaac, & Iacob, &
outros claros lumes da atraza-
da antiguidade: tambem tive-
ram os seculos seguintes ho-
mens, que desse estado gozá-
ram gloriosos nomes de sancti-
dade: nem nestes modernos tẽ-
pos faltaram alguns, que obri-
gasssem aos presentes à perfei-
çam dos passados; dos quaes
nam merece o ultimo lugar
o de quẽ agora falaremos, que
deve a mudança, & melhoramẽ-
to de sua vida ao Padre Fran-
cisco Estrada.

3 Entre os mais graves, &
nobres cidadãos casados, que
havia naquella cidade, era hum
delles Henrique Nunes de Gou-
vêa, filho de Sebastiam Nunes
de Gouvêa, & neto, por parte da
mãe, de Cornello d'Vtra, pri-
meiro capitam, & descobridor
das ilhas Terceira, Pico, & Fayal,

^a
Chrys. hom. 21
in Gen. cap. 5.
Audiant viri, &
mulieres, ut ne
quis arbitretur
obstaculũ vir-
tutis esse con-
jugium.

*Mudança
de vida de
hum nobre
cidadam,
chamado
Henrique
de Gouvêa.*

Anno de
Christo de
1546.

270

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno d
Cōpanhia
7247

a quem elRey Dom Manoel tinha dada a dita capitania, pera sy, & pera seus herdeiros. Tratavase Henrique Nunes de Gouvêa naquella nobre cidade, com grande casa, & muito lustre; dandose a passatemplos, & conversaçam d'amigos, bem esquivado da mudança, que havia de fazer, & dos exemplos, que nos havia de deixar. Antes da chegáda do Padre Estrada, o exhortava muito Gaspar Nunes Barreto, seu amigo, & parête (& irmam do Padre Ioam Nunes Barrero, de quem atrás falámos) que se chegasse à confissam muitas vezes, & se desse às obras de piedade (como elle fazia; excitado dos tres irmãos, que tinha na Companhia, dos quaes, por vezes, temos falado) festejava Henrique de Gouvêa a devaçam do parente, mas nam lhe aceitava o conselho, que lhe dava, dizendo, que era aquilo beataria; que com semelhantes desdens se escusam os que tem a virtude por escusada. Porém na prégaçam do Padre Estrada, assim como moveo Deos o ecclesiastico, de que já falámos, .tambem moveo o casado, de quem agora diremos. De tal maneira tocou Deos, & falou ao coraçam deste nobilissimo cidadam, que d'aquella hora por diante, até o fim da vida procedeo, com hũa igualdade de sanctos costumes, em

forma tam conhecida por celestial, que toda aquella cidade o teve por hum singular espelho de qualificados procedimentos. Recorreo logo ao Padre Estrada, ao qual, posto que mancebo, tomou por pay na virtude, por confessor, & por mestre na vida espiritual; tratando, com todo o cuidado, de se aproveitar a sy no espirito, & de ajudar aos outros na salvaçam; fazendo, em tudo o que podia, o officio de hum muy perfeito religioso da Companhia.

4 Logo se tirou do governo, & cargos honrosos da republica, nos quaes era o primeiro; que quem sabe lograr os gostos do cêo, no mesmo instante, com grande confiança, despreza as honras do mundo. Empregava-se todo em visitar os hospitais, em remediar os pobres, cō suas esmolas, & em curar os enfermos, com suas mãos: & sendo por vezes provedor da misericordia (porque só este cargo admittia) parecia o mais humilde, & o mais charitativo irmam daquella sancta casa. Notavel foy a criaçam, que deo a seus filhos, levavaos ao hospital, & ali, fechadas as portas, esquecido do ser de pay; se lhes fazia mestre de humildade, pondose com elles a fazer as camas, & servir em tudo o mais aos enfermos; que de tam boa arvore necessariamête haviam de bro-

Procedi-
mentos,
virtudes
de Henr
que de G
vêd.

mo de
isto de
46.

b
is. n. 6.
navit
ham. &c.
Festnavit,
xit illum.

de Abra-

dre Chri
am de
uvêa fi
de Hê-
ue de
uvêa.

Padre Io-
am de Ma-
dureira, fi-
lho de Hê-
rique de
Gouvêa.

tar fermosos ramos; de tal casa de charidade nam podiam os filhos deixar de fahir muy charitativos (que foy o que disse Philo Iudeo^b da casa de Abraham, na qual, porque o amo era tam apressado em agasalhar hospedes, foram os criados tam diligentes em servir anjos: *Nemo ad humanitatis officia segnis est in iusti familia*.) De tal eschola nam podiam deixar de fahir os filhos muy bem aproveitados, porque feis, que nosso Senhor lhe deo, todos entraram em Religiam; as filhas foram freiras; & os tres filhos, em chegando a idade de 14. annos, como elle era tanto da Companhia, dous entraram nella, como em casa sua; o mais velho delles foy o Padre Christovão de Gouvêa, varão innocentissimo, de vida muy exemplar, & de admiravel charidade, que logo parecia garfo, que sahira de tal tronco: teve na Cõpanhia cargos muy honrados, & que entre nós demandam muita virtude, & autoridade: foy mestre de noviços, Reitor de S. Antam, companheiro do Padre Provincial, Visitador do Brasil, Reitor do Collegio & Vniversidade de Evora, Provincial de Portugal, & Preposito da casa de S. Roque; do qual necessariamente faram ao diante larga, & honorifica menção, os que continuarem a chronica desta Provin-

cia, por ser hum dos mais insignes varoões do seu tempo.

5. O segundo filho foy o Padre Ioam de Madureira, homem de grande espirito, insigne talento, & excellentes partes. Foy Reitor do Collegio de S. Antam, Preposito da casa de S. Roque, muy estimado do Cardenal Archiduque Alberto, quando governava estes Reynos, muy querido de todos os grandes de Portugal. Com todas estas qualidades, & autoridade, se desterrou, pelo bem das almas, pera o Brasil, sem dar pela repugnancia dos que o derinham, nem pela pouca faude, que o escusava; levava consigo dezoito companheiros, & elle hia por Visitador daquella Provincia. Ao fahir da barra foy tomado dos Ingreses, com quem entam havia guerra, & morreu, em summo desamparo, antes de chegar a Inglaterra, donde depois nos voltaram seus companheiros a esta Provincia. O terceiro filho entrou Capucho na Provincia da Piedade, aonde acabou sanctamente: pera que d'aqui tiremos (como de Marcella disse Sam Hieronymo,) qual seria a doutrina do mestre, quando tal foy a virtude nos discipulos.

6 Estes foram os filhos de Henrique de Gouvêa, & este era seu bom procedimento, que sendo leigo no estado, pare-

c
Hier ad Marcell.
ep. 111. Ut facili-
lis sit estimatio,
qualis magistra,
ubi tales discipuli.

Anno de
Christo de
1546.

272

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
6.

Carta do
P. Gonçalo
Vaz de
Mello.

cia sancto na virtude; & como era tã principal pessoa naquella republica, tinham grande efficaçia seus saudaveis conselhos, pera decepar peccados antigos, & em plantas bravias enxertar verdadeiras virtudes. Com o exemplo deste grave cidadam, & com os sermoens, & procedimentos do Padre Estrada, foy tam illustre a reformaçã da cidade do Porto, que passando por ali em missam o Padre Gõçalo Vaz de Mello, escreveu huma carta ao Collegio de Coimbra, na qual, falando nesta materia, diz assim: Hã, nesta cidade muita gente devota, & deliberada a servir a Deos; em tal maneira, que sã mais de duzentas pessoas, que se confessam muitas dellas cada oito dias, & recebem o sanctissimo sacramento: o principal de todos he o grande servo de Deos Henrique de Gouvea; todos elles se amam entre sy, com huma charidade muy semelhante aquella, com que os de nossa Companhia se amam em IESU Christo. Nam se falam senam por irmãos, & aonde quer que se cõpam-dous, ou mais delles, parece que se querem meter na alma; & se hum tem alguma tribulaçã, he logo consolado dos outros, que o exhortam, a que leve de boa vontade a cruz, que nosso Senhor lhe quiz dar; & pois lançou mao ao arado, nam olhe pera trás, antes seja muito constante, & persevere até a morte no serviço do Senhor, por mais trabalhoso, que seja. Entre estes hã certos, que

tem por exercicio visitar os outros, fõ pera os exhortar a terem perseverança com grande fervor. Alguns hã, que fazem gente, & sollicitam, & movem outros, até morrerem nesta sancta irmandade; & cada dia trazem nova gente ao amor da virtude, & exercicio de obras sanctas. Esta tam illustre eschola de devaçã, & virtude, principiou Deos pelo Padre Estrada. & sempre foy, & ainda vay em grande crescimento. Assim amam todos os da nossa Companhia, como se foram della, & lhe tem grande amor, & respeito. Foram estas pessoas, & sem cada dia muy perseguidas de outros da mesma cidade, mas elles tem por grande merecẽ de Deos todas as contradiçõens, que lhe vem; & nam fazendo caso dos desprezos, & zembarias, com que os afrontam, vã sempre por diante, sem afroixar, nẽ tornar hum ponto atrás. Em fima he causa tam notavel, que se nam pôde escrever como he, porque, sem falta, he muito mais do que se pôde cuidar. Atéqui o Padre Gonçalo Vaz de Mello, pessoa muy qualificada, como veremos; o qual, correndo o tempo, no anno de 1571. morreu Provincial da Companhia, nestes Reynos. Da qual carta bem se vê o muito fructo da missam, & pregaçõens do Padre Francisco Estrada, pois houve tantos, & tam bons companheiros, que, com animo tam deliberado, tomaram esta celestial estrada da salvaçã, a qual, ainda que (como disse Christo Senhor nosso)

he

he estreita, & apertada, com tudo sempre està patente, pera os que, com a graça divina, por ella querem caminhar; & as portas do céu, como testifica S. Ioam, sempre estão abertas, pera os que merecerem entrar por ellas.

7 Nam fez Deos tam pouca estimaçam do grande fruto desta ditosa missam do Padre Francisco Estrada na cidade do Porto, & do notavel aproveitamento dos moradores della, que nam quisesse illuminar mais, & ayivar melhor tam finas cores de sanctidade, com os retóques das perseguições. Costume foy sempre no mundo murmurar os imperfeitos, & perdidos das boas obras, que vêm fazer aos virtuosos, & sanctos; porque desta maneira quer Deos, nosso Senhor acrisolar melhor os preciosos quilates do ouro da virtude, com os mayores combates do fogo da adversidade: assim succedeo no Porto aos que, com os conselhos do Padre Estrada, mudaram a vida, & reformaram os costumes. Grande foy a perseguiçam, que o diabo contra elles levantou, movida por muitos destrahidos, que com sotaques malignos, com argucias infernaes, com risos descompostos, com desprezos de povo descortés, tratavam as reguladas acções de gente, que revestia todas as suas com sobre-

ites de piedade, & sanctidade; riam do que nam entendiam, zombavam do que nam estimavam, desprezavam o que nam amavam, & perseguiam o que nam seguiam; que sempre este foy o costume do mundo, diz sam Hieronymo, desprezar por palavra, o que nam pode conseguir por imitaçam: *Quod consequi non valent, despiciunt*: pretendendo com semelhantes detracções, (como acrescenta o mesmo sancto) aliviar faltas proprias cõ desdanhar de virtudes alheas: *Remedium paenae sua arbitrantur, si nemo sit sanctus, si omnibus detrahatur*. Sofriam elles, com paciencia, estas afrontas, & pera mayor consolaçam sua, escreveram humma carta, por mam de seu principal patrão Henrique de Gouvêa, ao Padre Estrada, estando elle já em Lisboa, como a seu instructor, & pay espirital, dádolhe conta das perseguições, que passavam, nam pera se aliviarem com estas queixas, mas se animarem com seus conselhos. Admiravel foy a reposta deste insigne varão; que por ser muy comprida, nam ponho aqui mais que a sustancia de suas eloquentes palavras, & efficazes rezoens.

8 Em primeiro lugar lhes diz, que ainda que era tam clara a materia de sua paciencia, nam era como a que os sanctos padeceram com as perseguições dos tyrannos, os quaes

chegaram

Hieron. lib. 2.
Apolog.

Hier. epist. ad
Asellam.

Escreve o
P. Estrada
ao Porto.

Anno de
Christo de
1546.

274

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

chegáram a pôr fogo, derramar sangue, tirar a honra, & privar da vida; que eram bem diferentes instrumentos de rigor, do que sam as palavras, que no ar se resolvem: que as afrontas, que lhes faziam, & diziam, se podiam bẽ levar á vista das que disseram, & fizeram a Christo, Senhor do mundo, & Rey da gloria: & que quando o pay soy tam farto de opprobrios, bem era que os filhos se nam escusassem de os provar: que se envergonhassem de já se enfastiarem de afrontas, confessando o Senhor, que fo dellas deste mundo se parte sequioso. Que sam muitos, & muy grandes os proveitos, que se tiram de taes perseguiçoens, porque quando nos calumniaam do mal que nam fazemos, espertamos, com mais cautela, no bem que devemos fazer. Que nam deixemos de seguir a virtude por medo dos q̃ a perseguẽ, porque no caminho da perfeiçam, os mayores murmuradores, contra os sanctos, costumam ser os melhores espertadores pera o bem: que a virtude nam he mimosa, antes quando mais combatida, entam melhor arriegada, como as searas, que com os mayores rigores deitam mais fundas raizes, & saem mais bem logradas. Que os bons procedimentos, entre bonanças, & louvores, sam flores, que depressa se murcham, criadas em brandas primavera, & basejadas com zephyros favoravcis, as quaes logo nos primeiros dias do inverno secam, & no primeiro assoprar do vento sul, morrem. Que encendessem, que a gloria dos que confessam a Christo campeois melhor nas mayores perseguiçoens, & mostrou

melhor seus quilaes nos martyrs os mais deshumanos. Que nam seremos do bando de Deos, se arrecearmos os ditos dos homens; que mal poderemos sofrer obras roims, quando estrahamos palavras descempostas. Que se houver olhos estendidos aos bens do paraíso, facilmente sofreremos as carracas dos perseguidores, pois, como diz S. Paulo, bastam tribulaçoens leves, & que duram pouco, pera nos cambiarem ganhos de coraas, que seram eternas. Que a virtude há de ser muy constãte, & da natureza da palma, da qual, como dizem os naturaes, quanto mais a carregam com pesos pera baixo, tanto mais se levanta vencedora pera o alto: & que ham de imitar, com a fragancia de suas nobres acçoens, a propriedade das especies aromaticas, que quando sam mais pisadas, entam ficam mais cheirosas. Que atentem, & façam bem suas contas, porque muitos mais sam os bons, que os estimam, do que os poucos a quem descontentam, pois no cẽo contentam a Deos, aos anjos, & aos sanctos, & na terra sempre os virtuosos tem alguns, que os amam, & sempre contentam aos que se contentã da virtude? E posto que nam gostam delles os peccadores, he prova de virtude approvada, ser de semelhante gente reprovada.

9 Esta he a sustancia das cousas, que em sy continha a carta do Padre Francisco Estrada, toda ella composta com tanto espirito, & tam rara eloquencia, que poderia espertar aos mais preguiçosos, quanto mais

excitar

Anno d
Cpanhi
7.

Ad Cor. 2. e
n. 17. Mome
nem & leve
bulationis
suz supre
dom in sub
tate, eternu
gloriz pon
operatur in
bis.

i
Alciat. emb
36. Nititu
pondus pal
& confurgi
altu. Quo
gis, & ptem
hoc mage
lit onus.

excitar aos que já corriam. Esta carta léo Henrique de Gouvêa a seus devotos companheiros, os quaes alentados, & confirmados com tam sanctos conselhos, & tam apostolicas lembranças; continuaram, com feliz successo, o caminho começado da perfeiçam, devendo ao Padre Francisco Estrada, os sanctos principios, com. que entraram por esta estrada da salvação, até que chegaram ao ditoso termo da bemaventurança.

10 Entre todos assi como foy notavel a vida, foy admiravel a morte do grãde servo de Deos Hêriq Nunes de Gouvêa, o qual, fazendo voto de castidade, cõ. cõsentimento de sua molher Beatriz de Madureira, virtuosissima, & nobilissima matrona; vivendo, como irmãos; em continua oração, & penitências; tratando de se consagrarem de todo a Deos, elle na Companhia, & ella no convento de S. Clara (aonde tinha já duas filhas) esperando licença do nosso Padre gèral; lhe deo huma febre maligna, de que veio a morrer; comprindo primeiro, com grãde perfeiçam, todas as obrigaçoens de bom Christam. O qual, estando à hora da morte, chamou a sua companheira; & lhe deo conta de tres particulares merces, que Deos lhe tinha feitas, e manifestadas; primeira, q̃ estava certo de se haver de sal-

var; segunda, de haver de morrer naquelle dia do glorioso S. Bento: terceira, que lhe declarava, que ella morreria d'ali a dez annos, no mesmo dia. Pela certeza, com que se compriram estas duas ultimas, julgamos, que tambem a primeira lhe foy concedida pelo pay das misericordias. Mandou chamar o Padre Reitor do nosso Collegio, que já ali tinhamos, & fez os votos da Companhia, conforme as licenças, que tinha de sua molher, & da Companhia; & acabou com grande consolaçam de sua alma, & edificaçam dos presentes. D'ali a dez annos, no mesmo dia de S. Bento, morreu sua bendita companheira; & abrindolhe, por esta causa, a sepultura na nossa Igreja, aonde estava sepultado, lhe acharam o corpo inteiro, lançando hum suavissimo cheiro; acodindo a cidade toda ao venerar na nossa sanctissima, aonde foy depositado, em quanto durava o grãde concurso da gente; que assim honra Deos a hum servo tam fiel, que viveo incorrupto nos costumes; & lançou sempre de sy tal cheiro de suavidade de virtudes, & bons exemplos, devendo tudo, depois de Deos, ao Padre Francisco Estrada, da maneira que a seguir se vê, qui temos referido.

CAPITULO XII.

*Como Deos chamou pera a
Companhia a Dõ Leão Hen-
riques, primo do Padre
Luis Gonçalves da
Camara.*

^a
Orig. hom. i. in
Iob. Sicut lu-
minaria in fir-
mamento cœli
cœlis, quæ sub
cœlo sunt ful-
gent, sic & san-
ctorum virtutis
infignia.

^b
Ecclesiæ. c. 6. n.
6. & 7. Quasi
stella maritima
in medio nebu-
læ & quasi luna
plena in diebus
suis lucet, &
quali sol resul-
gens, sic ille ef-
fusus in demo-
niis.

COm muita rezam diz
Origenes. ^a que assi
como os planetas, &
estrellas dam lustre, e fermosura
ao céu com suas luzes, & res-
plandores, assim os varoẽs san-
ctos com os flammantes rayos
de suas esclarecidas virtudes,
são preciosos esmaltes, que me-
lhor illuminam o céu da Reli-
giam; que por isso a sagrada Es-
critura ^b chama ao justo, humas
vezes, estrella no meyo da nè-
voa; outras vezes lua, quando
estã no melhor auge de seu lu-
zimento; & finalmente lhe cha-
ma sol, quando se nos mostra
mais fermoso. Neste capitulo
verẽmos como no céu da Com-
panhia começou a luzir huma
nova estrella, & ao diante no li-
vro quinto verẽmos como cres-
ceu a luz desta lua, que nunca
foy mingoante, atè chegar a ser
hum sol, nam menos benefico
por suas influencias, que resplã-
decete por suas virtudes: este
foy o Padre Leão Henriques,
que, sem dâvida, he huma das

mais fermosas luzes, que melhor
illustraram este novo céu da Cõ-
panhia, que Deos de novo criou
sobre a terra; foy homem de
rara virtude, exemplo de verda-
deiros religiosos, modello de
bons prelados, espelho de sub-
ditos humildes, pay & protector
desta nossa provincia de Portu-
gal, na qual foy hum dos mais
nobres fogeitos, que a hõrãram,
& huma das mais fortes colum-
nas, que a sustentãram, nam me-
nos por suas virtudes, & letras,
que por seu grande valor, & pel-
la muita autoridade de suas oc-
cupaçoes, & pela notavel esti-
maçã, que delle fizeram gran-
des Principes deste Reyno.

² E pera que em tudo fosse
de mayor estima, & melhor pre-
ço no céu da Religiam, nam
faltou a este bello planeta o lu-
stre do illustre sangue: porque,
ainda que (como atẽos gentios
entendẽram) ^c o melhor nos cõ-
stumes he o mais nobre na gẽ-
raçã; & como diz S. Hierony-
mõ, ^d a melhor nobreza he a
mayor virtude: com tudo nam
se pòde negar que, ao menos nos
olhos do mundo, he de mayor
estima a virtude; quando, como
pedra preciosa, estã engastada
no ouro da fidalguia: esta nam
faltou ao Padre Leão Henri-
ques, porque teve por pay a Dõ
Ioão Henriques, filho de Dom
Henrique Henriques, senhor
das Alcacevas, & caçador mór

del Rey

P. Leão
Henrique
foy gran
fogeito n
sta Prov
cia.

^e
Velleus Pare
lib. 2. Quod
nimium est, ad
nobisimum

^d
Hier. epist. 1.
Summa apu-
Dei nobilitas
clarè esse vi-
sibilis.

Pays do P.
Leão Hen-
riques.

delRey Dom Manoel, & de D. Felipa de Noronha, filha de Ioam Gonçalves da Camara, segundo capitam da ilha da Madeira; & por esta via ficava o Padre Leám Henriques primo do Padre Luis Gonçalves da Camara, de quem falámos no cap. 39. do primeiro liuro. E se houvermos de tomar a agoa mais longe, acho em muitos nobiliarios descenderem estes fidalgos de sangue real, por via de Dom Henrique o segundo Rey de Castella. Nacção Dom Leám Henriques na ilha da Madeira, na villa da Ponta do sol, assim chamada pela semelhança do sol, que aquella rocha, com figura de rayos, representou ao seu primeiro descobridor: mas por muito mais claros tenho os rayos, que com a luz de sua vida communicou ao mundo este illustre Padre, que, sem duvida, podia dar áquella villa melhor nome, & mais celestial agouro, pelo ter a elle por seu natural. A causa de seu nascimento succeder neste lugar foy, porq̃ como ao avò materno de Dom Ioam Henriques pertencia a capitania d'aquella ilha, & nella tinham fazenda de consideraçam, teve occasiam este fidalgo de hir ao Funchal, aonde casou com Dona Ioanna d'Abreu, que nesta villa da Ponta do sol tinha grossas rendas, que ainda hoje

põssuem seus descendentes.

3 Com muy particular cuidado criaram Dom Ioam, & Dona Ioanna a este filho, sobre o qual nam só os pays tinham seus desvellos, mas tambem os anjos traziam os olhos. Estava huma vez o minino junto de hum pouco de rosálgar, (peçonha presentissima, & que estava preparada, pelos criados de casa, contra alguns animais domesticos) & como he natural a humia criança levar á boca tudo o que acha, com esta mesma innocencia hia já o minino com a peçonha á boca, quando, de repente, o seu anjo da guarda (que só d'elle podia proceder tam angelica proteicam) interiormête moveo a hũa sua irmã, que lhe acodisse com toda a pressa, o que ella fez, no ponto em que já o innocetinho estava pera comer o mortifero veneno, que a irmã lhe tirou da mam, & da boca. Efeito singular da divina providencia, nam permitindo que morresse cõ peçonha hum minino, que sendo homem a tantas almas havia de livrar do toxico do peccado, & ministrar o antidoto da graça.

4 Era irmam de D. Ioam Henriques D. Fernando Henriques, senhor das Alcacevas, & alcaide mór d'Evora; este, ouvindo dizer as boas partes cõ q̃ Deos abediçoara a este seu sobrinho, escreveu a seu irmam, q̃ lho mãdasse,

*Liura
Deos de hũ
grãde pe-
rigo a Dõ
Leám He-
riques, sê-
do minino.*

*Foy estu-
dar à Vni-
versidade
de Paris.*

*Mostras de
seu grãde
engenho.*

pera se criar em sua casa, persuadindo-lhe, q a criação no Reyno sempre seria melhor que a da ilha. Veyo o menino Dom Leão, criou-se em casa do tio, dando grandes mostras de vivo, & esperto engenho: & pera melhor o cultivar, sendo de idade de treze annos, o mandaram á Vniversidade de Paris, em companhia de seu primo Luis Gonçalves da Camara (de quẽ falamos no capitulo 39. do primeiro livro) pera que naquella celeberrima Academia (aonde entam, como a principal theatro da sabedoria, acodiam os melhores engenhos de Portugal) crecesse na idade, & aproveitasse nas sciencias. Ali se recolheu no Collegio de S. Barbara, estudando primeiro latindade, cõ grande curiosidade do discipulo, & cõ igoal satisfaçam de seus mestres; em particular de Adriano Turnebo, varão sabio, & eruditissimo naquelles tempos (como, sã controversia, bẽ se vè no seu insigne livro dos Adversarios) este excellẽte mestre, tã estimado, & reverenciado de todo o choro das musas, prezava muito o lindo engenho de Dom Leão, & festejava a grãde applicaçam, & louvaveis progressos, q mostrava nos estudos das humanidades, & poesia latina: que bem era, que todas as flores do Parnasso acodissem á porfia a enfeitar, & coroar nas letras hu-

manas, a quẽ havia de sahir tam provecto nas escrituras divinas.

5 Entre outras obras, com que naquelle tempo sahio Dom Leão, foy muy festejado por Adriano Turnebo hum seu disticho (q foy a primeira couza, que lhe vio) no qual brevemente tocou a historia de Marco Clinico, ou medico, entre os Gregos, de quem cõta Lucillio, quẽ tocando a caso em hũa estatua de marmore de Iupiter, cahindo subitamente a estatua, ficou o Iupiter quebrado, & defeito (tam mortifera foy a virtude do tacto d'aquelle medico, que como galantemente disse Ausonio, ao Iupiter nam lhe valẽo ser Deos, nem lhe moutou ser de pedra) porẽm tambem o medico ficou morto com a pancada, que lhe deo a estatua; matando Iupiter, com a queda, a quem o derrubou, com o tóque; sobre a materia se fizeram antigamente, entre os Gregos, varios epigrammas, como lemos em Lucillio; & tambem entre os Latinos, como vemos em Ausonio; & ainda naquelle tempo em Paris quizeram festejar o caso com algũas poesias; & em hũ sã disticho, que fez D. Leão, descobrio este grave autor Turnebo seu grande engenho, que propriedade he do leão (como diz o proverbio dos Latinos). ser

Lucil. ep.
Anthol. c.

b
Auson. ep.
F. ferrur
sit Deus,
lapis.

Auso. epig.

d
Paul. Man.
Adag. Leo
ex unguis
stimale.

conhecido, ainda que nam mostre mais que a unha; principalmente, que segundo cantou o principe da poesia Romana, pôde a obra ser pequena, & pôde a gloria ser grande; que tambem a natureza, em breve espaço, recolhe grandes thesouros (que assim o advertio Terulliano) no rubi as riquezas; no gram da mostarda o sabor. Dizia o disticho desta maneira:

*Clinicus effigiem lapidis Iovis attigit,
& mox*

Effertur pariter Clinicus, atq; lapis.
Nam andava Dom Leâm tam embebido em gostar das agoas cristallinas da fôrte Castalia, que se esqueçesse de hir buscar os rios mais caudalosos da graça divina, porque (estando ainda em Paris os companheiros do nosso sancto Patriarcha Ignacio, no tempo em que elle veyo a Hespanha) tinha seu parente Luis Gonçalves da Camara cõ o P. Pedro Fabro particular tratado nas cousas de espirito; acõpanhavao algũas vezes D. Leâm, & ouvia os sanctos cõselhos d'aquelle profudissimo oraculo de sanctidade, q os instrua nas cousas da devaçã, & trato cõ Deos, persuadindo a Luis Gonçalves da Camara, que se confessasse, & cõmungasse cada oito dias.

estu -
D. Leâm
niversi
de Co
ra.

6 Mudouse D. Leâm de Paris pera Coimbra com seu mesmo primo Luis Gonçalves

da Camara, pera estudar naquella Vniversidade, que elRey Dõ Ioam o III. com maduro conselho tinha mudada de Lisboa pera aquella cidade, com novo augmento das sciencias, & grãde acrescentamento de rendas; com privilegios reaes, & com insignes mestres, que de varias partes de Europa fez vir, com grandes partidos, pera mayor luzimento da sua Vniversidade: & porque nam era bem, que naquelle tempo, no qual acodiam mestres de fóra, faltassem os discipulos de casa, todos os estudantes fidalgos, & gente nobre, que de Portugal acodiam a Paris, mudaram o domicilio escholastico, & acodiram a nova eschola das Athenas Conimbrienses, aonde, dentro em sua patria achavam o bom logro das sciencias, com menos custo, & com mais proveito.

7 Continuava Dom Leâm no gèral dos Canones cõ muy bom nome, cõ grande louvor, e credito, de estremado estudãte; succedéo pois neste tempo, que entrou na Companhia Luis Gonçalves da Camara seu parente; & achandose D. Leâm sò sem companheiro, que o aliviasse, & sem amigo tam intimo cõ quem tratasse, entrou em grandissimo sentimento; & porque o natural era colerico, & fogoso, como de leâm impacjete, eram grandes as queixas, q fazia

Sete muito entrar
seu primo
na Companhia.

contra a Companhia; & mayor ainda a averfám, que nos tinha; foltando contra os Padres as palavras, que a muita colera facilmente lhe ministrava (que nunca faltam palavras aonde sobeja a paixam). dizendo, entre outras proposições, que elle defenderia em publicas côclusões, que os Padres peccaram mortalmente em receber ao Padre Luis Gonçalves, assim por causa de suas indisposições, como pela falta que fazia a seus irmãos: estas eram suas praticas com os estudantes, estes seus discursos com os doutores, nas jūtas, nas rodas, nas conversações; & com sua natural efficacia, sobrelevada cō a paixam, fazia parecer o caso mais grave do q̃ na verdade era; acrecentandose sempre nelle as faudades do parente, q̃ lhe faltava, & crecêdo-lhe o odio dos Padres, que avorrecia: porẽm pouco montam desenhos, & opinioens de homẽs, quando encontram pensamentos, & ordens de Deos; tinha elle abæterno escolhido a Dom Leam pera o trazer á Cōpanhia, pera nos hōrar com sua pessoa, & autorizar com sua virtude: de tal maneira lhe foy fallando com inspiraçoẽs no coraçam, & tōques na alma, que finalmente se lhe veyo a render, & estimar por sancta a religiam, que d'antes desprezava por nova.

CAPITVLO XIII.

Como Dom Leam. Henriques entrou na Companhia, & de seus procedimentos em o Noviciado.

8 **H** Vm anno havia, que Luis Gonçalves da Camara continuava na Companhia, quando foy Deos servido de dar a primeira inspiraçam a Dom Leam, pera que deixasse o mundo; seguiramse logo grandes inquietações dentro em sua alma (que mal se póde aquietar com o mundo aquelle aquẽ Deos chama pera o cẽo) Viase este leam ferido com a divina sêta, mas nam acabava de deferir aquem o chamava, pera buscar o remedio, na fõre perẽne de toda a suavidade, q̃ he o mesmo Deos, de quem fugia. Em quinta feira de endoẽças do seguinte anno, visitado sō as Igrejas, em hũa dellas, rendido já (como outro sancto Agostinho debaixo da arvore) com grande copia de lagrimas se deliberou de buscar a Deos em huma Religiam, com tanto que nam fosse na Companhia, a qual, como dissemos, grandemente encontrava: porẽm a voz divina interiormẽte lhe brádava, q̃ nam queria Deos aceitar

a offerta

a offerta com semelhante li-
mitaçam; até que de todo se
rendêo, a quem de todo o que-
ria rendido, sem pôr limite algũ
à divina vocaçam, & sem excei-
tuar Religiam alguma. Cõ esta
resoluçam lhe amanheceõ n'al-
ma hũa nova quietaçam; posto
que ainda Deos lhe nam dava a
sentir em q Religiam era servi-
do q entrasse; q por estes passos
costuma Deos dispor hũa alma,
pera se cõprir sua divina vôtade
cõ mais madura deliberaçam.

9 Passados oito dias, tendo
chegado a Coimbra de Valença
o P. Luis Gõçaves da Camara,
aõde (como atrás apõtamos) fo-
ra ter seu noviciado (q ainda na-
quelle tẽpo nam passava de hũ
anno) hindoo D. Leãm visitar ao
Collegio, pera lhe dar as boas
vindas; o porteiro, q lhe abriu a
porta (tẽdo por grãde novidade
velo em nossa casa, sabendo bẽ
quam pouco affeçoado nos e-
ra) furrindose lhe disse: *Que boa
vinda he esta, senhor Dom Leãm?*
quer v. m. por ventura, ficar entre
nós? aceitou elle o religioso des-
dẽ, tomando mais por zõbaria
de dito cortesam, que por prog-
nostico de successo futuro: porẽ
nam foy esta a primeira vez, q
Deos tomou hũa palavra dita a
caso, pera fazer hũa obra muito
de proposito. Em quãto espera-
va pelo parente, entrou na Igre-
ja a fazer oraçam; diante do
sanctissimo Sacramento, aonde

foy grande a luta do espirito,
contra a resistencia da carne.
Aqui se conta, que querendo
sahir da Igreja, olhou pera hu-
ma imagem de Christo (que a-
inda hoje temos no Collegio
de Coimbra) que representa o
retrato do Salvador, quando há
de vir julgar o mundo, & ou
fosse, que o Senhor milagrosa-
mente se lhe representou muy
rigoroso, ou que a imaginaçam
(que tal vez tem grande força)
lhe fez esta vehemente repre-
sentaçam (em a qual lhe pare-
cia a Dom Leãm, que o mãsue-
tissimo cordeiro, contra elle se
tornava hum bravo, & espantoso
leãm) logo se lhe seguio hũ grã-
dẽ tremor, & repẽtino abalo do
corpo todo, ficando como outro
Saul, *Tremens, ac stupens*, sem sa-
ber mais que dizer com o mes-
mo Apostolo, *Domine, quid me vis
facere*: entam, prostrado de novo
diante do divino acatamento,
sentio, que o Senhor claramẽte
lhe dizia, que entrasse na Com-
panhia: resistia a natureza fra-
ca, & pelejava a graça valero-
sa; até que finalmente ficou
por esta a victoria; que to-
da esta força foy necessaria
pera dobrar hum leãm; logo,
com huma generosa resoluçam,
(rendido, como Paulo, em
hum instante, & penetrado
dos rayos da luz divina) fez vo-
to de entrar na Companhia de
IESV; & porque a graça quãdo

afiam,
Deos
ou pe-
tra-
à Cõ-
hia.

Ad. c. 9. n. 6.

Ad. c. 9. n. 3.
Subitò circum
fulsit eum lux
de celo.

Anno de
Christo de
1546.

Ambr lib. 2. in
Luc. c. 1. Nef.
cit. car. la moli-
taria spiritus
sancti gratia.

Entra na
Companhia.

Como pro-
cedeo no
noviciado.

282

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

he efficaz nam admite embar-
gos; & atropella difficuldades;
antes, como diz S. Ambrosio,
com saber tudo o divino espi-
rito, nam sabe que cousa sejam
vagares, envergonhado ja dos
que por elle tinham passados,
sahindo da presenca do Senhor,
foy logo pedir a Companhia
com notavel constancia; aonde
foy recebido com grande con-
solaçam sua, & nam menor ale-
gria de todos os religiosos, que
naquelle sancto Collegio esta-
vam, os quaes se achavam en-
leados com a subita mudança,
vendo ja aquelle bravo leam ta
fogeito, & transformado em hu
cordeiro, dando de sy tam ra-
ros exemplos de perfeiçam, &
humildade, que claramete mo-
stravam estes primeiros funda-
mentos o grande edificio, que
o divino architecto nelle que-
ria levantar.

IO Era o primeiro nos of-
ficios humildes de casa, em que
os noviços se costumam exer-
citar; hia fora com o compra-
dor, & trazia da praça as costas
o que era necessario, pelo meyo
da Vniversidade, aonde era muy
conhecido; que os verdadeiros
humildes padecem afrontas a
conta de grangear merecimen-
tos. Muitos casos pudera con-
tar neste particular: trazendo
humas vez da praça humas ceira
de alfices, lhe pedio, por deva-
çam, humas dellas hum criado

do Bispo Dom Ioam Soares, nam
repugnando a isso D. Leam, lhe
sobreveyo depois escriptulo (q
he muy ordinario em noviços,
ainda em cousas minimas) deo
conta ao Reitor, que era o Pa-
dre Martinho de sancta Cruz,
o qual, como grande mestre de
espirito, quiz mortificar a Dom
Leam, & tentar sua virtude; re-
prehendeo de sua liberalidade,
& mandalhe, que volte a toda a
pressa ao paço do Bispo, que
busque aquelle homem, & lhe
faça restituir a alfice, que lhe
deo; nam espera mais o humil-
de noviço, sahe logo do Colle-
gio, executa a obediencia, que
nam podia deixar de ser muy
penosa; vayse direito ao paço
do Bispo a buscar ao homem, &
a demandar a sua alfice; porẽm
o Reitor, a quem nam faltava
traça pera saber mortificar, &
prudẽcia pera poder governar,
mandou diante hum irman a
porta do Bispo, pera atalhar a
Dom Leam a sua demanda, dã-
dose por satisfeito com esta pro-
va de virtude, & exercicio de
humildade: & o irman D. Leam
se tornou pera casa sem alfice,
que valia pouco, & com o me-
recimento, que rendia muito.

II Nas peregrinaçoens,
que teve, procedeo com grande
exemplo; & porque naquelle tẽ-
po, entre os nossos, nam se es-
tranhavam tanto alguns exces-
sos (como atràs fica dito) foram

nota-

Anno da
Companhia
7.

Faz gra-
des ex-
fos em
tificação

notaveis as valentias, que neste particular obrou; chegou a êtrar por hũ lugar hindo quasi nú, cuberto sòmente com hum po-brissimo fato de mendigo, pe-dindo esmola pelas portas, de-sejando ser tido de todos nam sò por pobre, que ja era na pro-fissam, mas tambem por louco, que desejava ser por Christo. Chegando desta maneira a hu-ma roda de gente grave, a pedir esmola, ouvio hum, que com grande desenvoltura estava ju-rando; foyse a elle o noviço, & lançandose de joelhos, lhe pe-dio por amor de Deos, que nam jurasse: o homem, que devia es-tar muy colerico (se nam era outra a paixam, que nelle pre-dominava) advertindo, que lhe falavam à mam, poz os olhos no seu emendador, & vendo di-ante de sy hum pedinte descal-ço, tam mal enfeixado, notando a estatura do corpo, que era pe-quena, & desprezível, estranhã-do muito a confiança, & atrevi-mento em tal figura, hindo de mäs palavras a peyores obras, salta nelle, derrubao no cham, encheo de bofetadas, & couces; soffreo tudo o bom noviço, com grande paciencia; recebendo; em lugar da esmola, que pedia; os couces, que lhe davam.

12 Mas nam soffreo o Se-nhor ser tratado tam mal seu servo, em seu serviço; nem dila-tou muito o castigo, que às ve-

zes; ainda que quer que seus servos sofram, nam deixa de ca-stigar. aos que lhe dam occasi-am de sofrimento; que por isso ameaçava por Isaias, a vara de Assur; porque assim como Deos com ella costuma castigar, tam-bem facilmete a pòde quebrar. Aquí se renovou o castigo, que antigamente deo a Ieroboam, ao qual (querendo estender as mãos atrevidas contra o Pro-pheta, m tanto que lhe atalhou seu infame sacrificio) se lhe se-cou totalmente o braço, nem d'elle sárou, senam por oraçoens do mesmo Propheta: da mesma maneira, tanto que o sacrilego jurador poz as mãos impias no zeloso noviço, subitamente lhe deo no braço huma dor tam a-guda, & pêntrante, que obriga-do igoalmente do accidente, que o magoava, & da concien-cia, que o atravessava, dando gritos, & gemidos, como doído, se lançou de joelhos aos pés da-quelle pobre, que com os seus tinha pizado; & com mostras de muita humildade, lhe pedio perdam; pedindo tambem o no-viço a Deos, que lhe tirasse a dor; & assim foy, que por suas oraçoens alcançou aquelle ho-mem saude no braço, & arre-pendimento na consciencia; que os verdadeiros humildes sofrem o custoso das afrontas, à conta de grangear o remedio das al-mas. Daqui se tornou D. Leam

1
Isaia. c. 10. n. 5
Vz Assur virga
furoris mei.

m
3. Reg. c. 13.
n. 4. Extendit
manus suas &c.
& exaruit ma-
nus eius.

no se
ve em
afron
que lhe
ram.

Anno de
Christo de
1546.

284

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
7.

pera casa, pobre de vestidos, & rico de merecimentos. Agora o deixarèmos continuando no exercicio de suas heroicas virtudes; que tempo nos virà, em que, no quinto livro, o tornemos a buscar, pera ver seus maravilhosos progressos na Companhia, & a muita autoridade, que tinha com os de fôra.

CAPITVLO XIV.

Acrefcenta elRey Dom Ioam o III. as rendas ao seu real Collegio de Coimbra, dando-lhe o mosteiro de S.

Fins, & outros dous mais.

No Collegio de Coimbra havia já mais de cem religiosos.

COnfiado o Padre M. Simam na divina providencia, q̃ tam cuidadosa, & liberal se mostrava com esta minima Companhia, & muy certo na real proteiçam do piedosissimo Rey (que lhe tinha dito, que nam fosse apertado em admitir fogeitos, porque elle feria liberal em os sustentar) eram já neste tempo mais de cem religiosos, no Collegio de IESV em Coimbra; & posto que nam havia ainda renda pera sustentar tanta gente, acodia a real magnificencia a tudo o que lhes era

necessario. Porém como determinava de fundar este Collegio com rendas ecclesiasticas, que lhe fosse applicando; em quanto nam havia vacaturas rēdozas, supriam, com grande abundancia, os thesouros reaes, gastandose muitos milhares de cruzados, nam sò na sustentaçam de tanta gente, mas també na preparaçam, & disposiçam do sitio pera tam grande Collegio, que occupa muita terra na cidade de Coimbra, aonde foy necessario comprar varias moradas de casas, chãos publicos, & ruas inteiras, pera se accommodar a fabrica competente pera o Collegio. A primeira cousa que vagou, proporcionada pera ajudar a sustentaçam do Collegio, & aliviar os gastos da fazenda real, foy o mosteiro de S. Fins de Friestas, situado na provincia d'entre Douro, & Minho, na diecese Bracharense, junto ao rio Minho, em proxima visinhança da villa de Valença, fronteira à cidade de Tuy do Reyno de Galliza.

2 Era este mosteiro antiquissimo, porque acho memorias, que foy fundado no anno de Christo de seiscentos & quatro; foy de religiosos de S. Bento; ha muy pouca noticia, que seja verdadeira, ou ainda provavel, de quem fosse o fundador: cujo orago està dedicado ao martyr S. Felix, que com a va-

riedade

Dános
Rey o m
steiro de
Fins.

Dasenoi
cia d'est
mosteiro.

riedade dos annos se veyo a chamar S. Fins; & por estar junto a hum lugar chamado Frietas, se chama S. Fins de Frietas, pera distincão de outras casas, ou igrejas q̃ tem o mesmo nome, sendo diversos os martyres a que chamaram Felices.

3 Querem algũs, que o que deo o nome a este mosteiro seja o martyr S. Fèlix, natural de Braga, que junto a Guimaraens, deo a vida por amor de Christo, do qual fala Iuliano Acipreste de S. Iusta em Toledo, na sua Chronica; porẽm isto nam pòde estar com a fundaçam deste mosteiro, q̃ dissemos ser no anno de seiscentos & quatro, & o martyrio deste S. Fèlix, foy em 26. de Fevereiro, do anno de setecentos & dezanove. Por mais provavel tenho, que deo o nome a este mosteiro outro S. Fèlix, martyrizado em Saragoça de Aragam, por Daciano (em tempo ainda de Diocliciano, que começou a ser Emperador no anno de 284.) cujas reliquias deste Sam Fèlix estam no mosteiro de Chellas (que he hum arrabalde de Lisboa) E he boa conjeitura, que por esta rezam el Rey Dom Ioam o III. mandou tresladar a cabeça deste sancto martyr pera este mosteiro de S. Fins (de novo applicado à Companhia) aonde hoje se venera este sagrado thesouro; por mais que as muy re-

ligiosas madres de Chellas, pela muita devaçam, que tem ao glorioso martyr, se persuadam, que tem ainda na sua Igreja, com as mais reliquias deste sancto, a sua cabeça; porẽm S. Fèlix a ellas lhes agradece a devaçam de cuidarem, que tem todo seu corpo, & nos concedeo a nõs a felicidade de lhe lograr a cabeça; que este bem, entre outros, tem os sanctos, todos lhe desejam ter suas reliquias, & inuitos se consolam sò com imaginarẽ, que as tem. Florecẽo antigamente este mosteiro de S. Fins com grande fama de varoẽs sanctos; porẽm os tempos, que tudo gastam, tambem entraram desfazendo a virtude, & o numero destes monjes, de tal maneira, que por nam quererem admitir a reforma, o mosteiro veyo a vagar nas mãos del Rey, ficando incorporado no seu padroado real; nam havendo jã neste tempo mais que tres monjes, que escaçamente sustentavam o nome de religiosos, & as obrigaçoens do mosteiro.

4 Vagando pois o priorado, ou abbadia deste mosteiro, por morte de Ioam Despinẽdo, que era Prior, ou Abbade do dito mosteiro (que assim foram as bullas da uniã) foy apresentado pelo mesmo Rey hum Manoel de Nobrega, que foy o ultimo comendador deste mosteiro, o qual o veyo a

renunciar

Anno de
Christo de
1546.

286

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno.
Cópia
7.

renunciar nas mãos de sua Alteza: & porque desejava ter rédas ecclesiasticas pera nos dar, logo nos fez esta união ao Collegio de Coimbra, com autoridade apostolica do illustrissimo, & reverendissimo Ioam Bispo eleito Sipontino, Nuncio de Portugal, que com poderes de Legado assistia na corte deste Reyno. Foy esta união feita por tempo de cem annos, com todas as pertencas, prebendas, fôros, juro, direitos, privilegios, igrejas curadas, & annexas, como mais largamente se contem nas letras da dita união, passadas na villa de Sanctarem, neste presente anno de 1546. sigilladas conforme ao uso dos Nuncios, & Legados apostolicos. Pera mayor segurança, & estabilidade desta doação, impetrou sua Alteza do Papa Paulo III. a mesma união do dito mosteiro in perpetuum, como consta das letras passadas in forma pontificia, em 17. de Junho, no anno de 1598.

Este mosteiro depois nos foy unido in perpetuum.

5 E pera que entendamos as obrigaçoens, que nos correm aos que somos filhos do Collegio de Coimbra, & professamos a perfeição, que demanda nosso instituto, porey aqui algumas regras da bulla do summo Pontifice, em que declara as causas, que houve pera se nos fazer esta união, as quaes foram os grandes fructos das almas, que

já neste tempo, em muitas partes do mundo, se recolhião por meyo dos religiosos da Companhia, pera que saibamos, & procuremos conservar o bom nome d'aquelles primitivos Padres, com o qual nos grangeáram os bens, que hoje logramos, & as rendas, que entam nos dêram; as quaes palavras dizem desta maneira. *Attendens presbyteros predictae societatis, antea per nos in alma Urbe nostra erectae, & confirmatae, ad Dei gloriam, & animarum salutem, religionisque christiana defensionem, & propagationem, sedi apostolicae inserviundo (cum nobis, nostrisque successoribus) peculiari voto se obstrinxerint, plurimos in ecclesia Dei fructus asferre, illosque tam in regno Portugalliae, & in insulis maris oceani. eidem Ioanni Regi subiectis, quam in alijs multis locis, plurimum prodesse: & ad professionem in eadem societate emittendam, iuxta instituti sui rationem, non nisi litteratos admitti; & quod nonnulli ex dictis presbyteris in certis domibus, ipsius civitatis residentibus, ad universalem inibi Christi fidelium animarum salutem, tam publice praedicando, & docendo, quam private die, nocteque vigilando, proficere non cessabant. &c.*

6 Tinha este mosteiro privilegio de couto, concedido pelo primeiro Rey de Portugal Dom Affonso Henriques, na forma das palavras seguintes. *In nomine sanctissimae Trinitatis Patris, & Filij, & Spiritus sancti: Tri-*

Bulla d
união
S. Fins.

Neste m
steiro h
via cout

nitatis individua; quæ nunquam erit firmenda, sed permanens per infinita seculorum secula, amen. Idcirco ego egregius Infans dominus Alfonsus bone memoria, boni Alfonsi Imperatoris Hispaniæ nepos, Comitis Henrici, & Regine Taresie filius, in honorem Domini nostri Iesu Christi, & beatissime Virginis Mariæ, & sancti Felicis martyris, pro remedio animæ meæ, & parentum meorum, & pro vobis Abbate domino Petro, facio cautum ad illud monasterium de sancto Felice de ripa Minij &c. Facto hoc cautum firmitatis circa festum natiuitatis Domini, in mense Decēbris, sub era 1172. Ego inclytus Infans Dominus Alfonsus hoc cautum firmitatis propria manu roboro. Com estas palavras, & muito mais com hum animo real, & religioso, confessando a sanctissima Trindade, coutou este excellente Principe o mosteiro de S. Fins, pera proveito de sua alma, & de seus pays, prezandose de mercar bens espirituales, dos quaes era muy interesseiro, à conta dos temporaes dos quaes sempre foy muy liberal.

7 E posto que pera a sustentação do Collegio de Coimbra, pelos bens do dito convento, & suas rendas, montava pouco ter outrem a jurisdicção da justiça; com tudo, como os Reis de Portugal nos eram tam afeiçoados, elRey Dom Sebastiam, herdando d'elRey Dom Ioam seu avô, nam menos o

Reyno, que o amor à Companhia, pera que esta merce fosse de mayor estima, nos concedeo toda a jurisdicção sobre este conto; & ainda que, neste mesmo tempo, o Bisconde de Villanova da Cerveira litigava, cõ valente porfia, sobre lhe pertencer a elle o direito sobre este conto, com tudo elRey Dom Sebastiam, em humia provisam real, isentou totalmente ao dito conto, da jurdição, que o Bisconde sobre elle pretendia, por estas palavras. ^a E isto sem embargo do Bisconde de Villanova da Cerveira; sendo vivo ter movido lite. E sendo caso, que eu, ou os Reis meus successores façamos, em algum tēpo, merce a alguma pessoa das terras, & morgado; que vagarem pera a coroa pelo dito Bisconde, hey por bem, que na tal doação, que se lhe fizer, se nam comprehenda o direito de pretender a jurdição do dito conto de S. Fins ser sua: & isto sem embargo de quaesquer clausulas, & condiçoens, que na tal doação se ponham; porque minha vontade he, que se pretender a dita jurisdicção pessoa a quem eu fizer merce das ditas terras, nam tenha algum direito, ou aução, & nem use, nem possa usar della, por cumprir a meu serviço, & bem de justiça, por haver no dito conto officiaes, como tenho ordenado, que haja, pera administrarem a justiça, &c. Passouse esta provisam no anno de 1578, pelo escriptam da camara Iosé da Costa, assinada por elRey, & de

^d
Constat ex Archivo Coim-
bricensi.

vista Dom Ioam Tello. E com outra provisam do mesmo senhor, passada a 16. de Mayo do mesmo anno, se corroborou mais este favor, como se pôde ver no livro das provisoes, & doações do Collegio de Coimbra.

Como veyo á Companhia in perpetuum S. Antam de Benespera.

8 E pera que ajuntemos aqui, por causa desta doçam, que apontamos neste annõ, outras, que o mesmo serenissimo Rey D. Ioam, pelo tempo adiante deo ao mesmo Collegio, pera sua sustentaçam; no anno de 1550. aos 19. de Dezembro, se nos unio in perpetuũ, por merce do senhor Rey, com bullas apostolicas, passadas pelo Papa Iulio III. o mosteiro de S. Antam de Benespera, sito duas legoas da cidade da Goarda (ainda que já entam era de menos rendimento) com todos os bens da preceitoria dos conegos antigos, que residiam em S. Antam de Lisboa, primeiro no bairro aonde agora he a igreja d'Annunciada, & depois em S. Antam o velho, aonde agora està o Collegio dos Padres de S. Agostinho (como dissemos no primeiro livro, capit. 16. & 17.) porque esta Igreja nos estava unida sò por espaço de cem annos, pelo Bispo Aluizio Lipomano, como dissemos. Começa a bulla: *Iulius Episcopus &c. circumspccta, apostolica sedis benignitas viros litterarum scientia de-*

ditos, ut earum pretiosam inquirant margaritam, congruo solet favore prosequi &c. Dando o summo Pontifice a entender, que concedia esta uniã em favor dos irmãos estuðantes do Collegio de Coimbra.

9 Nam tardou muito o liberalissimo Rey em nos fazer outra doaçam muy grandiosa, semelhante à do mosteiro de S. Fins, a qual veyo a succeder conforme se mostra das bullas apostolicas, em 12. de Outubro de 1551. Esta foy a uniã do mosteiro de S. Ioam de Longavães, o qual foy antigamente dos Conegos regrantes de sancto Agostinho; & estando já extincto, quanto aos religiosos, tinha elRey concedidas as rēdas desta Igreja ao senhor D. Duarte, seu filho natural, eleito Arcebispo de Braga; o qual (sendo dignissimo de muy larga vida, por suas grandes virtudes; & excellentissimas partes, de que Deos nosso Senhor, com liberalmam o tinha dotado) veyo a morrer em Lisboa, tendo já chēo o numero de todas as virtudes, porē (tendo sò de idade 22. annos) aos 11. de Novembro no anno de 1543. & esta doaçam se fez o anno de 1551. & neste mesmo anno diremos o mais que pertence a ella, no livro terceiro. E he digno de particular advertencia, que desejando sua Alteza de ter algũa

Como veyo elRey ao mosteiro de S. Ioam de Longavães.

cousa vaga, que dar ao seu Collegio de Coimbra, se deixou estar oito annos sem prover esta Igreja, ou porque nam achava successor digno de possuir as rendas de hum Principe tam excellente, ou porque nam queria, com esta dadiva, renovar as tristes lembranças da morte de hum filho tam querido, por quem vagára: até que o amor, que nos tinha, venceu o sentimento do filho, que perdêra, dando ao Collegio de Coimbra, que tanto amava, as rendas, que possuio hum filho, que tanto estimava; como se este Collegio fosse o seu filho adoptiuo, que de novo lhe nascêra, em lugar do natural, que já perdêra.

CAPITULO XV.

Declarase a Companhia em Portugal por Provincia; vay o Padre mestre Simam a Coimbra, le a bulla da confirmação, & do grande fervor, & renovação de espirito, que houve com sua chegada.

C Rescia a Companhia em Portugal, & estêdiase pela India, cada vez mais, à vista dos progressos presentes se dobravam bem

fun adas esperanças de outros mayores augmentos. Grãde era a consolação de nosso Patriarcha S. Ignácio, & muitas as graças, q' decōtinuo dava à divina bõdade, por bafejar tam favoravel a estes seus servos tam queridos; por regar com influências tam beneficas esta sua nova planta de Portugal, q' por ella sentisse já o mudo aonde o sol lhe nasce primeiro, no Oriẽte da mayor Asia, os mayores resplãdores da luz Evãgelica, cōmunicados por seus filhos, q' em Portugal se criavam, & cada vez cresciam mais em numero de bons fogeitos, & em credito de virtuosos procedimentos. Vêdo pois o S. P. Ignácio, que da sua minima Companhia, o que mais na Igreja catholica avultava era o que havia em Portugal; assim em religiosos, como em missoens gloriosas, dentro, & fóra do Reyno, tratou de fazer ereição de Provincia neste Reyno; & assim escrevêo ao Padre mestre Simam, declarandoo por primeiro Provincial de Portugal, com grandes poderes, & licenças, pera que podessem os subditos recorrer a elle como a pay, & como a Provincial: tẽdo Portugal esta gloria, que fosse a segunda Provincia da Companhia, porque a primeira, como primas do mudo, foy a de Roma, q' nam podia deixar de ser em tudo a primeira, & principal, pois tinha em sy

Anno de
Christo de
1546.

290

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

*Pela festa
do Natal
vay a Co-
imbra o P.
M. Simam*

*In bullar.
Bul 2.*

o primeiro pay, que em Christo gèrara filhos tam exemplares.

2. Pera ler esta carta da declaraçam da nova provincia, & ordenar as cousas mais necessarias ao bom governo, tratou o Padre mestre Simam de dar huma chegada a quellê sancto Collegio; escolheo a occasiã do Natal, goardando seu bom costume, de naquelle sancto tẽpo furtar o corpo aos cortesãos do paço, & hir visitar ao Principe da gloria em o seu paço da pobreza, representado na sagrada lapa de Belê. Chegou a Coimbra, entrou no Collegio, aonde foy recebido cõ notavel affecto d'aquelles seus subditos tam queridos: gastaram aquella bemaventurada noite do Natal em praticas suavissimas, ètre sy, & devotissimos colloquios cõ o minino: cõsolãdose muito o novo Provincial cõ ver tam acrescẽtado o numero dos subditos, q̃ neste tẽpo já passavam de cẽto; & ajuntandoos hum dia a todos na capella, depois de lhes fazer hũa devotissima pratica (ã vista do presẽpio, acompanhada de muitas lagrimas suas, & dos ouvintes) mãdou també ler a bulla da confirmaçã da Cõpanhia, na qual se contẽ os varios estados, que nella hã, de professos, de coadjutores espirituaes, & temporaes, & pera experimentar a virtude de cada hũ, & a confor-

midade, q̃ tinham, cõ a vontade de seus superiores, & resignaçã de animo, pera aceitar de boa vontade qualquer grão da Cõpanhia (comio tam grande mestre, que era de espirito) lembrãdose daquellas antigas collaçõs dos Padres do ermo, de que fala Cassiano (nas quaes cada hum dava seu parecer nas materias da perfeiçam, ou por palayra, ou por escrito) ordenou a todos os presentes, que cada hũ dẽsse por escrito o sentimento, que tinha do grão particular da Cõpanhia, a que mais se inclinava, entre aquellês estados, que na bulla se continham.

3. Com esta occasiã se vio huma nova, & sancta ambiçam, de varios desejos de muitos, que pretendiam o mesmo, com a mesma resignaçam nas mãos de seu superior. E porque faço esta historia; em especial, pera os religiosos da Companhia, lhes quero aqui referir, pera consolaçam, & edificaçam nossa, as repostas, & sentimentos de alguns d'aquelles tam exemplares religiosos, que achey ainda escritos, & goardados no cartorio do Collegio de Coimbra, pera que vejamos o espirito cõ que se criavam aquelles servos de Deos, que nam menos nos vam diante no tempo, que na virtude. Vieram todos ao outro dia, com seus escritinhos

Anno da
Cõpanhia
7.

Cassian. in
lanonib.

*Dam seu
sentimen
tos em es
crito ao P.
M. Simam*

ao Padre mestre Simam, no qual se continha o grao, que cada hum desejava na Companhia (da maneira, que ainda hoje, no tempo das ferias, costumam os mais devotos hir, com seu papelinho ao Padre Reitor, no qual lhe pedem o despacho das penitencias, que Deos lhe dà a sentir, que lhe peçam, pera fazer naquelle tempo.)

minho
Padre
tonio de
adros.

4 O primeiro papelinho, que achey, foy o do Padre Antonio de Quadros, pessoa tam grave, & de tanta autoridade na Companhia (que foy muitos annos Provincial, & hum dos mais insignes religiosos, que tivemos na India oriental, como veremos) dizia elle desta maneira: *Eu me sinto muy aparelhado, & desejo de servir a todos, grandes, & pequenos desta minima Companhia de meu Deos, & Senhor I E S U Christo, desejando que nunca me maldem, ou deixem de mandar, ou permitam fazer alguma cousa por condecenderem comigo.* O Padre Manoel Alvares, tam grande servo de Deos, & tam conhecido no mundo, pela sua arte de grãmatica (a qual he o texto, por onde começamos aprender Latim, nam sò nos Reynos da coroa de Portugal, mas tambem em muitas partes de Europa) dizia assim no seu escritinho: *Nam està na minha mam o meu querer, pois na de vossa Reverencia*

està o que devo querer; nenhuma escolha de estado me pòde ser. melhor, & mais importante, que a obediencia, m' da bemaventurança, & felicidade: em tudo estou posto a obedecer a vossa Reverencia, que tenho em lugar de Christo, ou a quem em seu lugar estiver.

5 O Padre mestre Melchior Nunes Barreto (doutor em Theologia, de quem por vezes falamos nesta historia) dizia assim no seu chirographo: *Nosso Senhor, por sua misericordia, me dà hũa grãde indiferença, pera tudo o que de mim a sãcta obediencia ordenar; & se algũa cousa especialmente hey de escolher, digo que se ser professo, traz mais dignidade, ou favor de Principes, ou mayor copia do necessario, que mais quero ser cozinheiro dos coadjutores da Companhia; mas se traz consigo mais perfeçam de vida, mais cruz, & mais deshonras, & injurias, padecidas pela honra de I E S U Christo, se traz mayor dilatãça da sãcta fè, & mais fructificar na vinha do Senhor, com grãdes trabalhos, perigos, & morte do tal professo; digo, que nosso Senhor me dê desejo de o ser. V. R. lhe peça me faça tal, que em mim se cumpra sua sãcta vontade.* A reposta do Padre Manoel de Nobrega (que foy hum varãm muy exemplar, & primeiro Apostolo, & Provincial do Brasil, de quem adiante falaremos) era desta maneira: *Quizera nam saber o que quero, mas em todo o caso sòmente querer a I E S V crucificação.*

Do Padre
Melchior
Nunes Bar
reto.

Do P. Ma-
noel de No-
brega.

Anno de
Christo de
1546.

Do P. Mel-
chior Car-
neiro.

292

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cõpanh
70.

6 O papelinho do Padre Melchior Carneiro (que foy o primeiro Reitor d'Evora, & Bispo de Ethiopia) continha o seguinte: Eu me determino a ser perpetuo coadjutor temporal nesta sancta Companhia de IESU, & pera segurança de minha cõsciência receberia muita cõsolaçam, em o ser sempre em officios baixos, & humildes: principalmente se nelles me fosse cõcedido algum pouco de tẽpo, pera que recolhendo cada dia meu pẽsamento, & renovãdo meus propósitos, endereçasse o fim de taes obras, pera serẽ mais meritorias, & menos distractivas, do q̃ por experiencia em minha alma, & em alguns tenho visto, que o sam, se nam há este recolhimẽto. E pera os mais officios, & obras de charidade, que a Companhia principalmente professa (pera os quães eu, ao presente, me sinto inhabisimo, assi por falta da natureza, como tambem da sciẽcia, & espirito) me quizer admitir, nam recuso o trabalho.

Do P. M.
Gaspar
Barzẽo.

7 Nam quero passar em silẽcio as regras do escritinho do P. M. Gaspar (do qual ao diãte falaremos no livro. 3. q̃ foy aquelle insigne Apostolo de Ormuz, & este anno fora recebido na Companhia) diziam desta maneira: Eu nam vim á Religiam a ser servido, mas a servir; nem me vim buscar a mim, mas a IESU Christo crucificado, pera o seguir em perpetua pobreza, castidade, & obediencia; como lhe tenho prometido; pelo que digo, & prometo, & estou prestes, & me entrego nas mãos de vossa reverencia, por

coadjutor perpetuo dos professos da Companhia de IESU, ou por cozinheiro, varredor, cõprador, moço de esporas, pera levar os recados por mar, & por terra, a qualquer parte que elles, por serviço de Deos, me mandarẽ, ou seja em terra de Christãos, ou de Mouros, Turcos, Gentios, & hereges. Assi mais me entrego nas mãos de vossa Reverencia em nome de IESU Christo, pera servir em quaesquer officios baixos, em casa, ou fora, & assim a quaesquer proximos, por serviço de Christo, sem nenbuna exceiçam, a leprosos, a doentes de peste, & de quaesquer outras infirmitades, por mais contagiosas que sejam; a servir sempre em hospitaes, & andar peregrinando por terras estranhas, na India, no Preste, em Guinẽ, em vestidos pobres, & rotos, por fome, & sede, por frios, & calmas, por chuvas, & por neves, por quaesquer penurias temporaes, segundo a forma, que por vossa Reverencia, ou de sua parte me for mandada. Sequar Agnum quocunque ierit; ipso passu, & eadem cogitatione armatus. Nam quero ser professo, nem tenho vontade propria pera isso, salvo a de Christo, & a de vossa Reverencia, & o que me mandarem. Tudo isto prometo, & professo a nosso Senhor, & á gloriosa Virgem sua madre, de o cõpirr perpetuamente, cõ toda a perfeiçam, que puder: o que hey por tam valioso, como se fora voto solenne. Por tanto rogo a todos os Sanctos da corte celestial, me queiram alcãçar graça, pera o poder inteiramente cõpirr como o desejo até a morte, & morte de cruz.

Grãde
soluçã
P. M. G
par Ba
zẽo.

E com

E com isto me entrego nas mãos de
vossa Reverencia da parte de Christo,
pera que de mim ordene, & faça o
que mais entender ser serviço seu, in
perpetua servitute.

8 Desta maneira se ex-
plicava aquelle ardentissimo es-
pirito do Padre mestre Gaspar,
a quem todos os perigos, & tra-
balhos da vida, como a outro S.
Paulo, lhe pareciam faceis, por
ganhar a Christo: estas palavras
foram como primeiras prendas,
com que se empenhou a seu
criador, fazendo de sy sacrifi-
cio, como outro novo Abel
da ley da graça, que offerecia
as primicias de todos seus de-
sejos: & bem mostrou o tempo
quanto contentou a Deos esta
offerta, & quanto agradou aos
divinos olhos este coração pu-
ro, & abrazado em chamas de
seu divino amor, que com tam
viva resolução, se lhe offerecia
em perpetuo holocausto.

9 Estas sam as repostas, q
vieram a minha noticia, & aqui
offereço aos nossos religiosos, &
com muito gosto puzera todás
as demais que faltam; porque
nam duvido, q as dos Padres Gõ-
çalo da Sylveira, Jorge Serrám,
Luis Gonçalves da Camara, &
de outros semelhantes servos de
Deos, nos causariam grãde cõso-
laçam: qnam podẽ deixar de ser
de muita estima semelhantes of-
fertas a homẽs espirituales, pera
quẽ escrevemos esta historia, aos

quaes mais pretẽdemos escrever
exẽplos sanctos, que edifiquem,
que successos profanos, que espã-
tem. Desta sorte se offereciam
a Deos aquellas purissimas al-
mas; & como se nam tivessem
vontade propria, se sometiam
em tudo a de seu prelado, pre-
tendendo, por esta via, entre-
gar-se nas mãos de Deos, como
homens, que bem entendiam, q
a mayor perfeiçam consiste na
mayor resignaçam; q esta foy a
doutрина, que nos ensinou aquel-
le divino doutor vindo do cẽo,
quãdo, como se nam tivesse võ-
tade humana, se punha no be-
neplacito da divina, repetindo
cõ affectuosos suspiros, *Nõ mea,
sed tua fiat voluntas.*

10 Esta mesma liçam, de tã
bõ mestre, aprendeo muito bẽ,
o mestre do mundo sam Paulo,
quando, transformado de perse-
guidor cruel, q ameaçava mor-
tes, em ministro fiel, q anũciava
a vida, dizia, como obediẽte ser-
vo; *Domine, quid me vis facere;*
porque o verdadeiro obediente
sõ hãde tratar de sogeitar-se nas
mãos de seu superior, sem ha-
ver da sua parte, nem esco-
lha de vida, pois escolheo
morrer por vontade alhea;
nem eleiçam de officio, pois
tem por officio obedecer; que
com estas condiçoens define
sam Ioam Climaco a obe-
diencia, chamandolhe obra
sem exame, morte voluntaria,

A perfeiça
consiste na
resignaçã
da propria
vontade.

b
Luc. c. 22. n.
42.

c
ad. c. 5. n. 7.

d
Clima. grad. 4.
Obedientia est
spũtanea mors.
vita curiositate
carens, discre-
tionis depõ-
tio, &c.

Anno de
Christo de
1546.

294

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno de
Cõpanhia
7.

Grego. lib. 23.
moral cap. 10.
Obedientia sola
virtus est, quæ
virtutes ceteras
menti infert.

D. Th. 2. 2. q.
186. a. 8.

Serius in vita
B. Fulgentij.
Illos quoque
veros monachos
esse dicebat, qui
mortificationis
voluntatibus
suis parati
essent nihil velle,
nihil nolle.

vida sem curiosidade, resigna-
çam de seu proprio juizo, & sa-
crificio de sua propria vontade:
& assim nam me espãto de nam
pertenderem estado na Com-
panhia, os que escolhiã o per-
feitissimo estado da obediencia:
antes podendo falar em outras
muitas virtudes; todos se reme-
tiam à obediencia, porque esta
contem em sy, como em sũma,
& breve recopilaçam, todas as
mais virtudes, como diz S. Gre-
gorio; & he a mais perfeita de
todas, como ensina sancto Tho-
mas. Bem estavam nesta dou-
trina estes servos do Senhor,
tã obedientes, que sò trata-
vam de se sogeitar ao minimo
aceno de seu superior: & nesta
virtude da obediencia recopi-
lavam todas as mais, que po-
diam desejar, mostrando nisto
quam verdadeiros filhos eram
da Religiam; porque (como
disse Sam Fulgencio Bispo,
com huma notavel sentença)
sò aquelles sã os verdadeiros
religiosos, que nam tem pro-
pria vontade, senam que estam
rendidos, promptos, & indi-
ferentes pera qualquer
coisa, que lhes maa-
dar o supe-
rior.



CAPITVLO XVI.

*Da renovaçam dos votos, que
houve neste mesmo tempo
no Collegio de Co-
imbra.*

I Lda a carta da erei-
çam da nova pro-
vincia, & recebidos
os escriptinhos da resoluçam, que
cada hum tinha dada, acerca
do estado pera servir a Deos na
Companhia: fez o Padre me-
stre Simam, que neste mesmo
tempo houvesse huma geral re-
novaçam de votos (feita em pu-
blico, na capella do Collegio,
com certa forma de palavras
devotissimas, semelhantes à que
hoje usamos) à imitaçam da q
nosso sancto Padre tinha feito
com os primeiros companhei-
ros, dia da Assumpçam da Vir-
gem sanctissima, na Igreja, que
estã junto a Paris, chamada
Mons Martyrum, & da manei-
ra, que o Padre M. Diogo Mi-
rã, Reitor do mesmo Colle-
gio de Coimbra, tinha feito na
ermida do Espirito sancto, com
os primeiros habitadores da-
quelle Collegio (como disse-
mos no livro primeiro capitulo
15.) Esta vez se executou a
renovaçam, com tanto aballo
dos presentes, com tal abunda-

Mañ. in vi
Ign. li. 1. 8.

Como
fez a re-
novaçam
dos
votos
Coimbr.

cia

cia de lagrimas, & tam verdadeiros propósitos de servir a Deos, diante de cuja divina magestade, em o sanctissimo Sacramento, se offereciam, que parecia ser isto, nam renovaçam de votos já feitos, mas como primeira oblaçam, que de novo se fazia a Deos.

2 A forma que naquelle tempo se usava na renovaçam dos votos, ordenada pelo Padre M. Simam, em quanto se nam assentava outra, he a seguinte: *Senhor meu Iesu Christo, eu N. diante de vossa divina magestade, & da gloriosa Virgem Maria, sem condiçam alguma, nem outra intelligencia, do que estas palavras tem, & he tençam dos superiores da Companhia de IESU, me offereço, conforme as constituições della feitas, & por fazer, a perpetuamente vos servir no estado de professô, ou coadjutor, quando pera algum d'elles o superior me quizer aceitar. Prometo mais, até ser professô, ou coadjutor, guardar a pobreza, & castidade, que o Collegio tem por instituiçam; & de obedecer aos superiores da Companhia, em tudo o que me mandarem.* Esta forma está hoje mudada, nam na sustancia, que he a mesma, mas nas palavras, que muitas sam diversas.

3 Daqui ficou este bom costume tambem recebido na Companhia, que duas vezes no anno renovam seus votos todos os que nam tem a ultima profissam solenne; sempre, cõ gran-

de fruto, que todos experimentam neste sancto exercicio: a primeira vez he em dia da Circuncisam, pera que, à vista do sangue, que o Senhor offerecêo por nós, lhe offereçamos nossos votos; & à vista do seu nome novo, nos renovemos em espirito. A segunda vez he em dia de S. Pedro, & S. Paulo, hum cabeça da Igreja, a cuja obediencia a Companhia se offerece cõ particular voto; outro, Apostolo da gentilidade, a cujo exemplo professamos a conversam, & bẽ das almas; ordenando nosso sancto Padre em suas constituições, que em toda a Companhia se guardasse este sancto costume por tres intentos: o primeiro, *Ad devotionis augmentum*, pera crescermos na devaçam; que, sem duvida, com esta divina traça muito se augmenta, como a experiencia nos ensina: o segundo, *Ad excitandam qua Deo obstricti sumus obligationem*, pera esperar em nós a memoria das obrigações, com que a Deos nos empenhamos: terceiro intento, *Ad maiorem studentium in sua vocatione confirmationem*, pera cada hum mais se confirmar em sua vocaçam, renovando aquelles primeiros propósitos, com que começou a servir a Deos.

4 Sam os homens naturalmente delicados, & fracos da memoria, antes esta he cõforme a opiniã de Marcõ Seneca, a

3
4. p. Constitut.
c. 4. §. 5.

b
M. Sen. li. 1. cõtra praefat. Memoria ex omnibus patribus animi maxime delicatula, & fragilis, in qua primum sensus incurrit.

Anno de
Christo de
1546.

296

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

^c
Psal. 105. n. 7.
Nō fuerūt me-
mores multitu-
dinis misericor-
diz tuar.

^d
Cass. hom. 3. ad
mon. Ibi tales
nesciunt quid
votant, obli-
sunt propter
quid huc vene-
runt.

^e
Ter. c. 48. n. 10.
Maledictus qui
facit opera Dei
negligenter.

^f
Ambr. lib. 1. de
Abel. c. 8.

^g
Carac. not. ad
Cest. Oler. reg.
p. 2. c. 1. §. 1.

^h
Carmel. circal.
in Manual §. 1.

primeira parte do homem, em que a velhice primeiro exercita sua tyrania: & assim facilmente nos esquecemos (como dos filhos de Israel se queixa o Propheta °) dos benefícios, q Deos nos fez; & como diz S. Cesario, até dos votos, que fazemos a Deos, nos nam lembramos, nê do fim, pera que viemos à Religião; & querendo nosso Patriarcha sancto atalhar a este grãde dano, que em nòs causa a pouca memoria do muito que a Deos devemos, & dos votos, que lhe offerecemos, nos manda, que nos renovemos nestas lembranças; pera sermos agradecidos, & nam encorrermos a maldiçam do Propheta Ieremias, sobre os que, com descuido, fazem as obras de Deos; lembrandonos que, como ensina S. Ambrosio, a boa graça do voto, que fizemos, he a boa diligencia do cuidado, com que o comprimos, *Prima igitur voti gratia est celeritas solutionis.*

5 Estes, & outros grandes bens traz consigo esta sancta renovaçam dos votos; introduzida na Companhia, & exercitada primeiro por nosso sancto Fundador; usada tambem muitas vezes do glorioso Patriarcha S. Frãcisco de Assis: & executada, com grãde exacçam, pelos muy exemplares, & muy devotos religiosos os Padres Carmelitas, dêscaços, que en-

tre outros tambem tem este sancto costume de renovar seus votos duas vezes no anno, no dia da Exaltaçam da S. Cruz, & no dia da Epiphania do Senhõr: que este he hum dos grandes meynos, por onde estes tam virtuosos Padres se conservam na devaçam, na modestia, & no raro exemplo, que todos em Portugal nelles reconhecemos, & estimamos. Avante passava ainda o muy glorioso Padre S. Francisco de Xavier, porque nam se contentando com renovar seus votos duas vezes no anno, os repetia, & renovava duas vezes no dia, como d'elle conta, em sua vida, o Padre Turfellino.

6 Esta renovaçam dos votos duas vezes no anno, nos ordenou S. Ignacio em suas constituiçoens, precedêdo tres dias de aparelho, com sanctas meditaçoens, & com huma confissam geral, como ordena a sexta congregaçam. Assim se executa na Companhia, procurando, com este exercicio, renovar em seus filhos o espirito da devaçam; que este he o conselho que S. Paulo.º nos dava, *Renovamini spiritu mentis vestrae*; que ainda que a alma, por ser espiritual, nam pôde envelhecer, com tudo, em quanto está dependente do corpo, pôde este, com seu peso, abater a ligeireza do espirito, & fazer morrer com o

tempo

Anno d.
Companhia
7.

Os Padre
Carmeli-
tas desca-
ços tamb
usam des-
renovaça

ⁱ
Turf. lib. 6.
iz B. Xaver
13. 15.

^j
Const. p. 4.
§. 5.

^m
Congr. 6.
c. 46.

ⁿ
Ad Ephes
c. 4. n. 3.

piant. cap. 5.

Greg. in mo
Valde neces
sari est ut in
pate nos
oridie cre
mus.

e muy ne
saria a
novaçã.

q.
c. 6. n. 29.
Salomon
omni gloria
coopertus
sicut unum
istis.

tempo o que he immortal por
natureza; que isto he o que o
Espirito sancto nos ensina:
Corpus quod corrumpitur aggravat a-
nimam; & assim, pera nam tor
narmos tanto atrás na virtude
he necessario sempre hirmos
adiante na renovaçam; antes,
como diz S. Gregorio, p he ne
cessario cada dia começar de
novo.

7 Assim nos aconselháram
os Sanctos; & assim nos ensina
a mesma natureza, porque atè
esta procura quanto pôde, reno
var-se, refazendo as perdas da
luz, que se lhe esconde de noi
te, com a fermosura do novo
sol, que torna amanhecer com
o dia; reparando a velhice do
anno, com a novidade da pri
mavera, que sahe tam liberal, &
tam desejosa de se reformar, &
reverdecer, que nam há arvore
tam esteril que nam say a muy
renovada cõ bellas flores, & que
nam torne a reverdecer com a
legres ramos; sahindo os pra
dos, os campos, os mōtes, & mais
toscos vallados, vestidos de no
vas galas, que vencem, como
dizia Christo^s Senhor nosso, os
mais ricos vestidos de Salamam;
& podem competir, na belleza,
com as estrellas do céu, se assim
comio tem a fermosura, tivessem
tambem a dura. Sô a idade do
homem nunca se renova, & quã
to mais vive, mais perde de vi
da; quanto mais cresce, mais se

envelhece; & assim he necessa
rio, que a força, & juventud do
espírito, prevaleça contra a fra
queza, & velhice do corpo; re
novando seus bons propositos,
que atè estes se enfraquecem
com a idade, que vay entrando,
despindose (como diz S. Paulo)
do Adam velho, & revestindo
se do novo, que he Christo; &
pera que em tudo vença a gra
ça liberal a pouquidade da na
tureza escãça, se esta se renova
huma vez no anno, quiz nosso
Patriarcha^s sancto, que duas ve
zes, & mais, se assim pareceffe,
nos renovassemos cada anno:
costume introduzido por S. Ig
nacio, & continuado nesta pro
vincia, pelo Padre M. Simam,
experimentado todos cada dia,
com esta divina traça da reno
vaçam, novos favores do céu,
que sempre se commnica ma
is liberal, a quem o busca mais
cuidadoso.

CAPITULO XVII.

Vay o Padre Martinho de S.
Cruz a Roma, aonde morrêo
sanctamente: entra em seu lu
gar, a ser Reitor do Collegio
de Coimbra, o Padre Luis
Gonçalves da Ca
mara.

1 NO capitulo atrás conta
mos a renovaçam de

o espirito

Ad Col. c. 3. n. 9
Expoliâtes vos
veterē hominē,
induentes no
vum.

Conf. par. 4.
c. 4. §. 5. p. 5.
c. 4. lit. H.

Anno de
Christo de
1547.

Beas par-
tes do P.
Martinho
de S. Cruz.

298

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

espírito, que houve no Collegio de Coimbra, com a chegada do Padre mestre Simam; agora, com o novo anno, que começamos de 1547. que he o oitavo da Companhia, tambem começaram com hum Reitor novo. Tres annos havia que continuava com o governo daquelle Collegio, o Padre Martinho de sancta Cruz, pessoa de tanta virtude, de tam raro exemplo, & de tal brandura de cõdiçam, que posto que tinha a cruz no sobrenome, nam era pera os subditos cruz pesada o governo de tam bom prelado. Pareceo-lhe ao Padre mestre Simam, que era tempo de o aliviar deste trabalho, assim por serem passados tres annos, como tambem pera que fosse acodir a Roma a humas grandes demandas, cõ que molestava àquelle Collegio (sobre algũas cousas pertencentes ao mosteiro de sam Fins) hum Lopo Gomes d'Abreu, que tinha recorrido, em pessoa, a Roma, & andava dizendo muitas cousas contra a Companhia. E como o Padre Martinho de sancta Cruz, tinha governado aquelle Collegio tres annos, & em seu tempo nos tinham dado o mosteiro de sam Fins, como tam pratico no particular destes negocios, poderia, com as noticias, que tinha, & com sua grande religiã, por termo no pouco, que

Lopo Gomes guardava contra nõs, pelo que brasonava, & bradava pelos auditorios da Rõta.

2 Partio-se pera Roma o Padre Martinho de sancta Cruz, tomando o caminho a pé, como entam se costumava, levando por companheiros ao Padre Miguel Botelho, & Ifidoro Belino, com os quaes se embarcou em Barcelona, em hum Bergantim, que ahi acharam, bem equipado, satisfazendo muy plenariamente o frete, com ganhos espirituaes, assim aos passageiros, como aos remeiros, aos quaes o Padre fazia a doutrina, ensinandolhes as oraçoens, persuadindoos a nam jurar, nem jugar; succedendolhe muito bem (senam com os remeiros, porque esta casta de gente, costumava ser muito roim de emedar) ao menõs com os passageiros, entre os quaes, alguns mancebos nobres, que hiam no bergantim, se resolvêram a deixar o mundo, & a entrar na Companhia, a qual pediram, & alcançaram em Roma; que desta maneira caminhavam os religiosos da Companhia, naquelles bons tempos, persuadindose, que o principal fim da Companhia (que he ajudar às almas) nem se limita às cidades, nem há de cessar pelos caminhos, & deve continuar nas jornadas por terra, & nas navegações do mar.

Anno da
Companhia
8.

Como se
houve o P.
Martinho
de S. Cruz
no cami-
nho de Ro-
ma.

que lhe
sucedeo cõ
ignacio.

3 Foy o Padre Martinho de sancta Cruz recebido por nosso sancto Padre, com o grande amor, & benevolência, que pedia a plenaria satisfação, que tinha da singular virtude, conhecida religiam, & zelo da Companhia, de tam virtuoso, & exemplar religioso. Mas pera que entendamos a notavel armonia de espirito, que havia naquelle sanctissimo Patriarcha, entendendo o negocio a que vinha o Padre, & vendo, que tinha alguma cousa de temporal, pois era sobre as fazendas do Collegio de Coimbra, posto que em tudo o que pode, favoreceo ao Padre, com animo verdadeiramente paternal; cõ tudo nam quiz, que elle, em quanto durou o negocio, estivesse na casa professa de Roma, na qual o santo Padre era Preposito geral: tal era o amor da sancta pobreza; & tal era o desejo, que tinha este insigne Patriarcha, de que nas casas professas da Companhia, aonde sò professamos promover o bem espirital, nam houvesse nem sombra de quem tratasse de negocio temporal, posto que pertencesse á mesma Companhia, & fosse tam justificado como este era; pois nelle nam sò se tratava da sustentação de tantos servos de Deos, mas tambem da honra da Companhia, que podia perigar, se em Roma dessem credito aos

brados d'aquelle poderoso adversario: & ainda se acrescenta mais esta admiração, se considerarmos, que este negocio era diligenciado por hum varão dos mais exemplares, & regulares, que aquelles primitivos annos da Companhia nos deram. Recolheose o P. Martinho de S. Cruz em casa do Embaixador de Portugal, porque ainda em Roma nam tinhamos Collegio; por quanto este começou no anno de 1551. aos doze annos da fundação da Companhia; & isto succedeo no anno de 1547. que era o oitavo da Companhia: & foram tam notaveis os favores, que achou no sanctissimo Padre Pio IV. (em rezam da muita justiça, que tinha esta causa, tambem representada, pelo Padre Martinho de sancta Cruz) que se nam dedignou de ser elle o ultimo juiz, que finalmete liquidasse o ponto, & viesse a dar a sentença definitiva, pela justiça do Collegio de Coimbra, fazendo calar ao adversario, que cõ tam pouca nos demandava.

4 Porẽm recompensava muito bem o Padre Martinho de sancta Cruz o tempo, que gastava nesta demanda, com o que empregava no bem espirital dos proximos, conforme á vocação da Companhia, de que vio Roma grandes demonstraçoens, porque confessava

Corno exercitava em Roma os ministros da Companhia.

Anno de
Christo de
1547.

300

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cōpanh.
8.

*Adoecegra
vemente.*

*Orland. lib. 8.
a. 84.*

continuamente, prégava muitas vezes, ensinava a doutrina em todo o lugar, & occasiã, sahindo em qualquer hora, pela cidade de Roma, a exercitar estes santos ministerios, sem temer as calmas mais nocivas dos maiores ardores da Canicula, que em Roma sam muy perjudiciaes, principalmente à gente forasteira. Nam podendo o servo do Senhor continuar com tanto trabalho, lhe sobreveyo huma gravissima doença, com dores tam veementes (que segundo escrevéo de Roma o Padre Miguel Botelho seu cōpanheiro) podiam parecer hum genero de martyrio. Tinha elle particular amor aos irmãos, que deixara no Collegio de Coimbra, & assim do caminho, como de Roma lhes escrevéo por vezes algumas notaveis cartas, nas quaes igoalmente lhes estampava seu grande espirito, & lhes imprimia sua ardente charidade: estando pera morrer (na casa professa de Roma, aõde já se recolhêra) pois os nam tinha presentes, se despedio delles, com muy repetidas, & muy suaves lembranças; pedindo ao mesmo Padre, que o encomêdasse, com todo o affecto, aos irmãos de Coimbra, & de sua parte lhes pedisse perdão de lhes nam fazer os negocios, d'aquelle santo Collegio, com o zelo, & diligencia, que lhe devia (que os

servos diligêtes do Senhor, sempre lhes parece que ficam atrás no effeito, pelo muito que procuram passar adiante nos desejos) chegando finalmente o fim de seus trabalhos, virandose pera Christo, Senhor nosso crucificado, com quem sempre falava, cheyo de huma branda, & cordeal devaçam, lhe deo infinitas graças, pelo remir com seu preciosissimo sangue; & porque, em final de gratidã, desejava de se lhe offerecer todo, & naquella hora (consumido já o corpo com a infirmitade) sò lhe ficava a alma, essa, com muito gosto, resignava em suas mãos sanctissimas. Penetrado logo de hum excessivo fervor, & devaçam, arrebetando em copiosas lagrimas, & com os braços abertos começou suavemente a repetir, *Cupio dissolvi, & esse cum Christo.*

5 Com estes desejos no coraçam, com estas palavras, com o bom IESV na boca, & com nosso bemaventurado Padre S. Ignacio á cabeceira (felicidade pela qual sò se podia hir a pè a Roma) deo aquella bendita alma a seu creador. Huma cousa notavel succedè a este Padre nesta hora, que estando pera morrer, & vendo tam junto de sy a seu tam querido pay S. Ignacio, com toda a humildade, lhe pedio a bençam, & tomandolhe a mam, assim pegou

della,

*Ad Phil. c.
n. 23.*

*Morte
P. Ma
nho de
Cruz.*

della, que nunca mais, até espirar, a largou: como quem entendia serlhe de muito grande interesse espiritual nam abrir mam, d'aquella mam, da qual, como de sagrada anchora, se queria valer naquella ultima tormenta, & perigosa luta com as ondas da morte, pera com seu favor segurar a viagem, & alcançar o desejado porto de sua navegação. Nas mãos do eterno Padre encommendava Christo ° na cruz sua alma, quando estava pera partir desta vida mortal pera a eterna; na mam de feu muy prezado pay entregava sua alma o Padre Martinho de sancta Cruz, quando estava espirando: felicissima foy a morte de Christo Senhor nosso, pois dos braços da Cruz, em que o pregaram, voou às mãos do Padre, nas quaes se encommendou. Ditosa foy a hora do Padre Martinho de sancta Cruz, pois dos braços da morte, com que lutava, se passou às mãos de hum pay, que tanto o amava. Com tal mam nam podia deixar de ter, naquella apartamento, boa mam direita, & prometerse com o Propheta,^d que pois a mam direita do Senhor o engrandeceo, que entre as sombras da morte temporal, que temia, havia de alcançar as luzes da vida eter-

na, que esperava. Faleceo este bom Padre em 27. de Outubro de mil & quinhentos quarenta & oito, como consta da carta do Padre Miguel Botelho, seu companheiro. Ainda depois de morto ficaram seus olhos abertos, & fitos na imagem do Salvador, como se nos desse a entender com esta postura dos olhos do corpo fitos na humanidade de Christo crucificado, que tinha os da alha logrando, na bemaventurança, da vista clara do Senhor glorificado.

6 Este foy, em vida, & em morte, o Padre Martinho de sancta Cruz, segundo Reitor do Collegio de Coimbra, a quem Deos nosso Senhor levou pera sy em Roma, por occasiã dos negocios, que dissemos. Seguiase, depois de sua partida, darlhe sucessor, pera governar aquelle Collegio, cujos fogeitos, neste tempo, passavam de cento. Tinha já o Padre Luis Gonçalves da Camara (de cuja entrada na Companhia falei no capitulo trinta & nove do primeiro livro) vindo de Valença de Aragam, aonde passou o primitivo tempo, de sua entrada na Religiam, em companhia do Padre Diogo Miram, primeiro Reitor de Coimbra (que tambem foy ser primeiro Reitor do Collegio, que a Companhia teve naquella

Padre Luis Gonçalves da Camara he eleito em Reitor de Coimbra.

Anno de
Christo de
1547.

302

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Companhia
8.

Reyno, como atrás contamos, no capitulo 37. do primeiro livro.) Tam grande era a opiniã, que o Padre mestre Simam tinha da muita virtude, & zelo do Padre Luis Gonçaves, que nam tendo da Companhia tres annos perfeitos, asentou, sobre tam modernos hombros, tam graves cuidados, como devia trazer consigo o primeiro, & mayor Collegio de toda a Companhia. E posto que o Padre mestre Simam entendia quam merecedor era o Padre Luis Gõçalves deste cargo, nam sò por seu illustre sangue (porque este por sy sò nam basta) mas por suas muitas letras, assim divinas, em que era insigne theologo, como humanas, das quaes foy excellente professor; com tudo, pera poder melhor suprir os annos, que lhe faltavã de experiencia, lhe deixou por escrito a ordem, que havia de seguir no governo dos subditos; & lhe apontou por adjuntos, & consultores cinco Padres, todos de grande exemplo, & virtudes, convem a saber, o Padre Melchior Carneiro, que depois foy o primeiro Reitor d'Evora, & Bispo de Ethiopia; o Padre Melchior Nunes Barreto, doutor pela Vniversidade de Coimbra; o Padre Antonio Gomes, doutor pela Vniversidade de Paris; o Padre

Sam nomeados cinco consultores.

Gonçalo Fernandes, & o Padre Bento Fernandes disignando a cada hum destes cinco assessores certo numero de religiosos, com os quaes tratariam, como se fossem seus prefeitos espirituaes, foyeitos porẽm em tudo a cabeça do Collegio, que era o Padre Luis Gonçaves.

CAPITULO XVIII.

Como neste anno foy recebido na Companhia Dom Ignacio de Azevedo, o qual ao diante, com quarenta companheiros, deo a vida pela fé Catholica.

NO principio do governo do Padre Luis Gonçaves da Camara, neste anno de 1547. lhe quiz Deos nosso Senhor acrescentar o numero dos subditos do seu Collegio de Coimbra, com alguns foyeitos de grande estima, que, como bellas flores, deram suavissimo cheiro neste fermoso jardim da Companhia. Entre outros o primeiro em todas as boas partes, foy o Padre Ignacio de Azevedo, natural da cidade do Porto, illustre pelo

pelo sangue, que erdou de seus avòs, & illustrissimo pelo sangue, que derramou por Christo. Foy descendente dos claros, & antigos progenitores Malafayas, & Azevedos, q̃ fizeram grandes façanhas, assim na restauraçam do Reyno por elRey D. Ioam o I. como na tomada de Ceita, & outros lugares d'Africa: seu pay se chamou Dom Manoel de Azevedo, foy Commendatario de S. Martinho, mosteiro antigo no Arcebispado de Braga: seu avo de D. Ignacio foy D. Ioam de Azevedo (a quem elRey D. Affonso o V. deo o Bispado do Porto, o qual houve de D. Ioanna de Castro, filha de Fernam de Sousa, alguns filhos) & este Dom Ioam era filho de Luis Gonçaves Malafaya (q̃ foy Veador da fazêda d'elRey D. Affonso o V.) & de D. Philippa de Azevedo. Teve D. Manoel de Azevedo, pay do nosso D. Ignacio, varios filhos (entre elles a D. Ieronimo de Azevedo, visorrey da India, & felicissimo conquistador de Ceilam) Fez este fidalgo em D. Ignacio seu filho mayor casa formada (q̃ a nam tinha em rezam de seu estado) & ficava ella muy bẽ empregada em tal filho, porq̃ o tinha Deos dotado de todas as boas partes, pera apparecer na praça, & luzir na corte, cõ todos os primores, & bõs costumes, q̃ se podiam desejar, porq̃ na verdura de mãcebo, no lustre

de fidalgo honrado, no trato de abaftado & rico, a todos era gratissimo: nas artes da cavalleria, cavalleiro: nas policias da corte, cortesam: nas prudencias humanas, muy apõtado, engraçado na conversaçam; muy lizudo nas acçoës ordinarias: no tratamẽto dos criados, muy luzido: no trato de sua casa, grandioso, mas sem ostentaçam de vaidades: & sobre tudo era grande christam, que foy a melhor joya, com que Dom Ignacio esmalta-va a illustre coroa de tam preciosos talentos. Que com estas tam bẽ lançadas linhas architectava Deos N. S. a obra deste grande fogeito, com que tanto havia illustrar este nobre edificio da Companhia.

2. A occasiã que houve, pera Deos nosso Senhor nos dar tam illustre pessoa, foy a seguinte. No capitulo 11. d'este segundo livro, falamos naquella devoto cidadam Henrique de Gouvêa (que na cidade do Porto seguio; tam pontual, os conselhos do famoso pregador o Padre Francisco Estrada) o qual, com hum grande zelo, por imitar a seu insigne mestre, tratava com todas as véras, de trazer a todos ao caminho da salvaçam: foy tam ditosa sua industria, que recolheu pera Deos, & pera a Companhia, & pera toda a Igreja Catholica, hum dos mais

*Occasiã,
que houve
pera D. Ig-
nacio en-
trar na Co-
panhia.*

Anno de
Christo de
1547.

Anno
Cõpanh
8.

abalizados fogeitos, que se podiam esperar, o qual já em o nome de Ignacio, parece que trazia consigo a ditosa sorte de tam boas prendas, nam sò na qualidade do nome do pay sancto, mas tambem nas grandes virtudes de filho verdadeiro. Morava Henrique de Gouvêa na cidade do Porto, junto ás casas de Dom Ignacio; & nam era de pequena satisfacção, & gosto, pera seu zeloso espirito, ter tam visinho, & conhecido hum fogeito tam bem formado, pera os que elle desejava na Companhia.

3 Retiravase muitas vezes Dom Ignacio na quinta de Barboza (sita no districto de Passo de Sousa, sinco legoas da cidade do Porto, assento, & cabeça do morgado dos fidalgos Azevedos de entre Douro, & Minho) soube Henrique de Gouvêa, que andava Dom Ignacio quasi abalado pera servir a Deos, desdo tempo, em que ouvio pregar ao Padre Frâncisco Estrada, trata de o buscar, pera o acabar de rêder, & trazer de todo ao verdadeiro caminho da salvaçam. Partese a este sitio a buscar tã rica preza, & a poucas palavras se achârã, & se conhecêram logo o espirito de hũ, & outro (q os que tẽ os mesmos pensamentos, facilmẽte se unem no mesmo amor) tratãram das vai-

dades do mundo, & da paga, que finalmente dava a seus mayores validos, & a seus mais sollicitos servidores. Resolvem, em tam limitado conselho, ser tudo o d'esta vida, fõra de Deos, mera vaidade, de muito fraca, & breve dura; & que sò podia tẽr persistencia eterna, o que podia levar os cuidados à eterna, & gloriosa duraçam. Acertados pensamentos, bem guiados juizos, certos & verdadeiros conceitos, de quem desejava atinar com o fim, & gloria da criaçam do homem: ditosa liança de conselhos, bemaventurado acerto de juizos de hum zeloso velho, & de hum devoto mancebo; que quando o espirito he o mesmo, abraçamse os pareceres, ainda que se encontrem as idades.

4 Vnidos estes dous espiritos na mesma determinaçam, partemse logo ambos ao Collegio de Coimbra, aonde tratavam de hir tomar a ultima resoluçam, em materia de tanta importancia, como era a da salvaçam. O meyo que escolheram pera acertar, foy, que ambos tomãram, dentro em o nosso Collegio; por espaço de trinta dias continuos, os exercicios de sancto Ignacio, os quaes acabados, pedio Dom Ignacio, com muy cordeaux, & affectuosos desejos, que o admittisse a

Henrique
de Gouvêa
trata de
trazer á
Cõpanhia
a D. Ignac-
cio.

Vide Orland.
lib. 7. n. 69.

Vam a
bos a Co
hra ton
os exer
cios.

b
cen. in eius
lib. 1. c. 7.

dré Lúo. in
S. Ignat.
4. c. 6.

na Companhia, na qual foy recebido, cahindo sua ditosa entrada em conjunçam (como alguns, com prudencial mystério, notaram) em que Deos abria a porta ao estado do Brasil, pera a conversam d'aquella vasta gentildade; que foy o que muitos^b advertiram no nascimento do sancto Padre Francisco de Xavier, que nasceu no anno em que se descobrio a India, & se abriram as portas ao Evangelho; & no nascimento, & conversam de sancto Ignacio, quando, nas partes do Norte, mais furioso bramia o infernal leam da heretica pravidade: que assim costuma Deos nosso Senhor por sua altissima providencia dar antidotos, & defensivos salutiferos, contra o pestilencial veneno das heresias; & desta verdade tere-mos ao diante insignes provas no que o Padre Ignacio de Azevedo fez pela conversam do Brasil, até chegar a dar a vida temporal, por livrar aquelles barbaros da eterna morte.

ntre na
panhia.

5. Recebido na Companhia Dom Ignacio de Azevedo, a primeira cousa que fez, foy renunciar a casa (de que já era senhor, por instituçam de filho mais velho de seu pay Dom Manoel de Azevedo) em Dom Francisco de Aze-

vedo, ou de Atayde, seu segundo irmam (que a possuio largos annos, em companhia de Dona Brites da Sylva sua mulher) & deste Dom Francisco de Azevedo veyo a casa a D. Manoel d'Azevedo, ou de Ataide, a quem succedeo seu filho D. Francisco de Azevedo, que hoje a possuie, merecendo por suas boas partes outras casas mayores, de q Deos o fará senhor, porq lhe nam faltam nem merecimētos, pera as esperar, nem honra, pera as possuir. Entrando Dom Ignacio em o noviciado, logo seus procedimentos mostraram qual havia do ser ao diate; tomou logo o caminho direito, por onde o Espirito sancto costuma levar aos justos, e pera lhes mostrar o Reyno de Deos.

6 Foy raro, neste estado de noviço, seu procedimento: entregouse a Deos, com tanta devaçam, & eram taes as delicias que sentia na cōmunicaçam espiritual das cousas do céu, que nas horas da oraçam mētal, que tinha, eram tantas as lagrimas, que muitas vezes lhe achavam o cham banhado com estes orvalhos celestiaes. A mortificaçam, cō que se tratava, era tam rigurosa, que se lhe nam passava occasiã alguma, a que se nam achasse o primeiro, em rebater, com asperos encontros, os assaltos mais sutis do inimigo: apertando tanto consigo

b
Sap. c. 10. n.
ro. Iustit deduxit Dominus
per vias rectas,
& ostendit illi
regnum Dei.

Como pro-
cedeo em o
noviciado.

Anno de
Christo de
1547.

306

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

com disciplinas, com jejuns, & cilicios (que nam pôde o corpo fraco sustentar o desafio do valente espirito) & assim lhe foy necessario, ordenandolho a obediencia, largar o campo, & acerrar o quartel, que os superiores lhe obrigaram a tomar, mandandoo retirar a Sam Fins, pera dar algum alivio, & permitir algumas treguas à humanidade. Neste mesmo tempo, hindo o Padre mestre Simam a visitar a residencia de S. Fins, & achandoo ainda muy desfeito, & descorado, lhe disse estas formaes palavras, diante de todos: *Irmam, andais ainda muito magro, he necessario engordar, pera poderdes melhor trabalhar*: cousa foy admiravel, que como se trouxesse, na mam nam menos a penitencia, pera enfraquecer, que a obediencia na alma, pera obedecer, dentro em poucos dias se reformou em forças, & cores; mostrando, que nam era menos penitente, que obediente.

7 Procedeo sempre com tam profunda humildade; que a todos deixou raros exemplos desta virtude, tam necessaria aos verdadeiros religiosos. Nos officios mais humildes se exercitou tam de proposito, & com taes desvellos, que sahio insigne official de alfayate, & çapateiro, como se viesse ao noviciado aprender estes officios, pera com elles ganhar o remedio de sua

vida: aos quaes officios ficou tam afeiçoado, que crescendo ao diante nos annos, nos cargos, & na autoridade, sempre conservou a alcofinha, em que tinha os instrumentos necessarios desta mechanica, & sempre se prezou do officio, & exercicio de remendâm, que os varoës sanctos estimam por mais honrado o que o mundo despreza por mais humilde. Muito pudemos contar deste grande servo de Deos, mas deixemolo pera o diante, pera nos consolar-mos muitas vezes, em varias partes, desta historia, com repetir os raros exemplos, que nos deixou nam menos na vida esclarecida, que na morte gloriosa.

8 Baste por agora dizer, que este he aquelle Padre Ignacio de Azevedo, a cujo bom exemplo devemos o Collegio de Braga, que hoje logramos; porque tendose recolhido da missam do Barrozo, aonde tinha ajudado na visita ao grande servo do Senhor Dom frey Bertholamêo dos Martyres Arcebispo Primas; & despedido já d'elle em Braga, se foy recolher no hospital de S. Marcos, pera se partir com seu companheiro o Padre Pero Lopes, na menha seguinte, pera o Porto; porém estando elle pera sahir do hospital, vieram alguns penitentes, & começou a ouvilos de con-

fissam;

Anno de
Companhia
8.

Ao Pad
Ignacio
Azevedo
devemos
fundar
do Colleg
de Brag

fiffam; & apòs eſtes vieram outros, & acodiram tantos, que era paſſado o meyo dia; & quando elles haviã de ter andado meyo caminho, eſtavã ainda no hoſpital confeſſando; que o varã apostolico nam perde eſta occaſioens, ainda que ſeja á cõta de perder as jornadas. Neſte meſmo tempo, eſtando à meſa o Arcebiſpo, veyo a dizer a caſo, *Aonde hirã agora noſſo bom companheiro o Padre Ignacio de Azevedo? Ainda nam ſabio de Brãga, lhe reſpondeo hum criado, porque o deixei agora corſeſſando no hoſpital de S. Marcos.* Mandou logo o bom prelado, que vam ver ſe he aſſi, & que lho tragam a caſa: aõde, tãto q̃ entrãram os dous Padres, os levou nos braços, & ſe reſolvẽo a fudar logo o Collegio, q̃ temos naquella cidade, cortando por grandes difficuldades, que niſſo havia; que tanto rende a verdadeira virtude diante de quem ſabe eſtimar o preço d'ella: em reſoluçam, a obra ſe começou logo, & o Padre Ignacio de Azevedo foy o primeiro Reitor, que nam menos edificou o Collegio com o trabalho de ſuas mãos, que a cidade com o exemplo de ſua peſſoa. Mas porque a eſcritura da fundaçam deſte Collegio ſe fez a 30. de Agoſto de 1560. & a poſſe do Collegio, & eſcholas, que já ali havia, foy no anno de 1561. (& contẽ em ſy couſas de grande exem-

plo, & edificaçam) pera eſte tempo remetemos as noticias mais particulares.

9 Outras mayores maravilhas contaremos ao diante; porque eſte he aquelle grande fervo de Deos, que, levado de hum ardentiffimo zelo da cõverſam das almas dos gentios, desprezando Portugal, aonde naſcẽo entre fidalgos, ſe paſſou ao Braſil, aonde viveo entre barbaros. Eſte foy aquelle inſigne zelador da honra de Deos, que ſendo Provincial no Braſil, & abafando ſeu grande eſpirito, por ver acodir tam poucos obreiros à cõverſam de tam vaſta gentilidade, ſe voltou a Portugal, & dahi foy a Roma a pedir ſocorro de gente a noſſo Padre gẽral, & de bençoens, & favores ao ſummo Pontifice; donde, tornando a Portugal, ajuntou muitos religiosos pera voltar ao Braſil, a converter à fẽ de Chriſto aquella gentilidade. Eſte he aquelle eſforçado capitam, que com quarenta companheiros deo a vida pela fẽ catholica, às mãos dos Calvinistas, capitanea dos por hum famoso pirata, & crueliffimo herege, chamado Iaques Oria.

10 Eſte foy aquelle P. devotiſſimo da Virgem noſſa Senhora, que depois de muy ferido, pelos hereges, ſe pegou tam fortemente com huma ſua imãge da invocaçam de S. Lucas, ou

Como trahou da miſſam do Braſil.

Morrẽo pela fẽ com 40. companheiros.

Devaçam, que tinha a Virgem ſãctiffima

de Populo, que podendolhe os hereges tirar a vida do corpo, já nunca lhe podêram arrancar a imagem da mam, até que, pegado a ella, o lançaram ao mar: mostrando nisto, que mayor união tinha com a Virgem, a quem muito amava, que com a vida, que nam estimava; & que naquella ditosa raboa havia de escapar do naufragio da morte deste mundo, pera assegurar a vida no Paraíso; o que tudo cõsta dos processos, & inquiriçõs juridicas, que estam tiradas, em rezam de sua canonizaçam, como largamente ao diante contarão os que continuarem com esta Chronica.

II Este finalmente he o mais famoso capitam dos esforçados soldados, que na Companhia dêram a vida por amor de Christo, pois entrou triumphando no céu, acompanhado de quarenta companheiros, aos quaes, como esperamos, veremos muy cedo nos altares, coroados com preciosas laureolas de martyres, porque com grande calor se trata de suas canizaçoens; posto que já na opinião de todos, sempre foram tidos, & julgados por martyres (como se prova largamente em o nono artigo dos interrogatorios do processo de sua inquiriçam, que temos em nossa mam) pois dêram as vidas por confessar a fé Catholica, & Romana, que hi-

am prégar ao Brasil: & muy cedo esperamos, que pela mesma Igreja sejam declarados por sanctos os que piamente crêmos, que estam já no céu vendo a Deos. E por agora nos contentamos com esta breve noticia do Padre Ignacio de Azevedo, assim porque ao diante se há de contar este successo, no anno de 1570. em que succedêo, como tambem porque he já muy sabido, & sam muitos os Autores, que delle tem composto; & se pôde ver no Padre Pedro de Ribadeneira, ^a no Padre Luis de Gusmam, & no Padre Bertholamêo ^b Guerreiro.

CAPITVLO XIX.

Entram na Companhia o Padre Mauricio, que ao diante foy confessor del Rey Dom Sebastiam, & foy com elle a Africa: & o Irmam Ioam Fernandes de Oviedo, que depois foy grande missionario no Iapam.

I **O** Outro que acrescentou, neste tempo, o numero dos ditos foygeitos no Collegio de Coimbra, foy o Padre Mauricio, a

quem

Trata-se de sua canonizaçam.

^a Rib. in vita t. ii gener. lib. c. 10. & 11.
^b Guerreiro. i. e. log. p. 3. a c. 10.

*as par-
do P.
auricio.*

quem sempre na Companhia chamàram por este nome, perdendo o que tinha no seculo, como quem, com a entrada da Religiam, deixava o mūdo tam de proposito, que até do proprio nome se esquecia. Foy natural da notavel villa de Viana, foz de Lima; foy homem de grande religiam, de raro espirito, de muita oraçam, & conhecida obediencia, retirado em seu procedimento, muy recolhido em sua cella, muy dado a exercicios espirituaes, nos quaes Deos lhe communicava muitos favores, com hum grande dom de lagrimas; donde lhe nascia hũa sincera, & solida charidade, hum grande zelo de ajudar a todos; a mortificaçam foy mais que ordinaria, exercitando grande perseguiçam contra sy mesmo, & tratandose com asperos rigores, de frequentes disciplinas, & cilícios quasi continuos. E com ser tam grande a hostilidade, que usava no trato de sua pessoa, no da conversaçam religiosa tinha tam quieta paz, & tal suavidade no trato, que em todos causava admiraçam ver a grande brandura d'aquella tam pacifica natureza.

*Sua gran-
de pacien-
cia.*

2 Foy homem de muy conhecida paciencia, & de admiravel sofrimento: ensayouse pera os grandes exemplos, que adiante nos deixou neste particular, com hum que nos deo,

tendo noviço, hindo, com mais dous noviços, em peregrinaçam, na forma em que naquelle tempo se faziam semelhâtes romarias, com vestidos de pelotes velhos, & rotos; entrou em hũa villa, aõde os da governança (que nam deviam de ser os mais praticos no conhecimēto dos nossos religiosos) estranhâram os peregrinos pelo habito, & pela modestia, & (como ordinariamente os homens sam mais inclinados a lançar tudo â peyor parte) os avaliâram logo por famosos, & dissimulados ladroēs. Pera acodirem, como zelosos que eram, com toda a diligencia, dam nos pobres innocētes, (aos quaes presidia o Padre Mauricio, nam menos pela obediencia dos outros, que levava, que pelo silencio proprio, que goardava.) Levamnos â cadeia publica, & quanto mais os vem calar, tanto mais se persuadem, que o faziam por se verem convencidos dos furtos, que lhes impunham; & por isso, pera melhor os assegurar, lhes metêram grilhoēs nos pés. Logo, pera autorizarem esta sua grande presa, publicaram pela terra, que tinham metidos em ferros a huns insignes ladroens, os quaes, por se verem convencidos, callavam, por nam dar nos compliçes, & por nam descobrir seus roubos.

*Foy preso
por la-
drão.*

3 Trazia a curiosidade

(como

*Como foy
conhecido
por inno-
cente:*

(como he costume) a muita gēte da terra, pera verem presos a huns ladroens tam cadimos, como a justiça os apregoava; acerta de vir a caso, entre outros curiosos, hum nobre estudante da Vniversidade de Coimbra, & vendo sua mansidam, & modestia, conhecêo ao Padre Mauricio; & cahindo no engano dos que o prendêram, grita com grandes brados à justiça, que advertissem nos ladroens, que tinham na cadêa; que aquelles homens, tam injustamente infamados, & tam verdadeiramente innocentes, eram religiosos de muy approvada perfeiçam, nos quaes o silencio nam encubria furtos alheos, mas indiciaua virtudes proprias: estes zelosos brados do estudante, foram causa de mayor concurso popular; acodiram todos à cadêa, com nova curiosidade, de ver retidos, com titulo de ladroens, os que já viam autorizados com nome de sanctos: Veyo tambem a justiça da terra, & facilmente cahiram no engano, & entenderam, que aquelle silencio nam procedêra de cōciencia culpada, mas nascêra de innocência cōfiada: soltaram-nos logo, pedindolhe mil perdões, a que os peregrinos respondiam com mil gratificações, como se mais estimassem as cadêas, em que antes os metêram, que os mimos, com que en-

tam os tratavam.

4 Destes tam religiosos principios (nos quaes por toda a vida foy continuando o Padre Mauricio) nam hã que espantahir de tanta honra, & proveito pera a Companhia; porque foy o sexto Preposito da casa de S. Roque; no qual cargo procedêo com grande charidade, & gravidade: foy Reitor do Collegio, & Vniversidade d'Evo-
vora, & tivera outras muitas dignidades, porque de muitas mayores era merecedor, se lhe nam faltara a vida, que perdêo nos campos de Alcaçere, em Africa, acompanhando a elRey D. Sebastiam (de quem era cōfessor, & muy valido, succedendo no cargo ao Padre Luis Gonçalves da Camara, como ao diante mais largamente verêmos) naquella jornada tam mal acōselhada por algũs privados, que tratavam de falar, à vontade ao generoso, & pouco affortunado Rey, & tam reprovada pelo Padre Mauricio, que por vezes, cō grandes rezoês, repetidas com notavel efficacia, pretendêo dissuadir ao Rey de tam perigosa, & escusada empresa. E como depois nos contava o Padre Amador Rebello (pessoa bem conhecida neste Reyno, & mestre delRey Dom Sebastiam) muitas vezes lhe disse o Padre Mauricio, com os olhos cheyos de lagrimas, que estava preven-

*Officios.
teve o
Mauricio*

*Foy confes-
sor delRey
D. Seba-
stiam.*

do a perda da pessoa real, & o cativo da fidalguia de Portugal; repetindo isto com tal sentimento, que fazia chorar a quem o ouvia; como succedeo a Ieremias, ^d sobre a pessoa de Seditias, & de seu Reyno. Porém assim como nada montaram os prantos, & brados ao Propheta Ieremias, assim nada valeram as lagrimas, & os conselhos do Padre Mauricio; porque com muita a força das rezoens do Padre, mayor era a violencia dos fados, que antes quero condenar a estes, que culpar à hum magestade real; & nem ainda depois de tantos annos, he bem, que minha censura chegue a tocar espheras tam elevadas. Nam deixou por isso o Padre de acompañar, até morrer, a quem tanto amava; como quem nam lhe dissuadia a jornada por falta de animo, mas obrigação de amor.

5 E pera que entendamos a certeza, com que este prudente Padre previa a fatal ruina d'aquelle exercito, quando sahio da casa de S. Roque, pera se embarcar, disse ao Padre Amador Rebello, que o acompanhava: *Meu Padre, ficavos embora, nós temos a morrer, no outro mundo nos veremos.* Tudo succedeo como o Padre d'antemam adivinhava, & chorava. Roto o exercito, a quem elle esforçava, com hum crucifixo nas mãos, animando a

todos à obrigação de Catholicos; estado actualmête cõfessando a hũfidalgo mortalmête ferido, o matou hũ Mouro, estimando mais matalo, por sacerdote Christam, que interessar delle proveito por cativo. Foy o unico da Companhia, que na batalha morreo, salvando as vidas os outros, ainda que cativos, & mal tratados dos Mouros: & levado a seu cargo doze religiosos da Companhia, que naquella jornada acompanharam a elRey Dom Sebastiam, todos os mais, (a pezar dos fados contrarios, & da fortuna adversa) tornaram a Portugal, elle sò, em lugar de todos os doze, ficou sepultado nas entranhas dos Adibes, & Abutres, nos campos de Berberia, podendo dizer com o Senhor, *Quos dedisti mihi non perdidisti ex eis quemquam*; porque assim como dos doze Apostolos, que seguiam ao Salvador, elle sò ficou por todos morto na cruz; assim dos doze companheiros, que acompanhavam ao Padre Mauricio, elle sò, sendo o superior, cahio por todos morto no campo. Este foy o Padre Mauricio, & com esta especie de martyrio, deo sua alma ao Senhor, do qual, na occasiã desta infelix jornada, pudemos dizer cousas muy notaveis; porém materias tristes nem entam sam boas de ouvir, quando o tempo as traz pera as contar; & assim

10a. c. 13. n. 2.

nam

Anno de
Christo de
1547.

312

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cpach
8.

nam hã pera que as anticipar
agora, deixandoas pera o anno
em que estas lamentaveis tra-
gedias succederam.

*Como Deos
trouxe á
Companhia
a Ioam
Fernandes
de Oviedo.*

6 Alivieemos hum pouco
as tristes lembranças, que nos
causou a morte do Padre Mau-
ricio (que neste anno, em que
himos de 1547. entrou na Cõ-
panhia em Coimbra) com a me-
mória da entrada do Irmão Io-
am Fernandes de Oviedo, que
neste mesmo anno foy recebi-
do na Companhia em Lisboa.
Era natural da cidade de Cor-
dova, morava em Lisboa, tinha
officio de mercador, no qual
estava muy rico; tratava em se-
da, & a condiçam era de sera,
pera todo o bem; era manicebo
liberal, & estimado de todos, &
em seus tratos, & mercancias
homem de muita verdade, &
sinceridade, qualidades, que nẽ
sempre andam juntas, em seme-
lhantes occupaçoens. A occa-
sião, que Deos tomou, pera o
trazer a esta sua minima Com-
panhia, foy a seguinte; convi-
dou o hum vez hum seu ami-
go, pera hir a hum musica (a
que Ioam Fernandes era incli-
nado) ao nosso Collegio de S.
Antam; ou fosse, que com esta
traça o quiz levar ao bem; ou
que, com semelhante disfarce,
quiz encobrir sua penitencia:
facilmẽte se deixou levar Ioam
Fernandes com os gabos, & en-
carecimentos da solfa, que cui-

*Por occa-
sião de ou-
vir hum
disciplina
se conver-
teo.*

dou achar em S. Antam: & em
effeito achou musica tanto me-
lhõr, do que imaginou, que lhe
arrebato a alma, & enlevou o
coraçam; posto que era de vo-
zes muy diferentes, & instru-
mentos muy diversos: foy esta
hum disciplina que se tomou,
precedendo hum pratica da
paixam, acompanhada de mui-
tas lagrimas, & sentimento dos
ouvintes, á vista de hum devo-
ta imagem do Ecce homo, da
maneira que inda hoje se usa
em muitas Igrejas da Compa-
nhia pela quaresma, & ainda
continúa no Collegio de S. An-
tam, aonde teve principio cos-
tume tam louvavel.

7 Foy pera Ioam Fernan-
des de Oviedo, este sancto en-
gano, principio de seus defenga-
nos, & lhe contentou sobre ma-
neira esta nova musica de tam
boas vozes, que a Deos pediam
misericordia; porque, na verda-
de, nam hã melhor solfa, que a
que enleva a alma, & arrebatada o
espirito; que tambem hã musi-
cas, que cõtentam ao coraçam,
que destas falava o Propheta,
Psalentes in cordibus vestris: & ain-
da que esta magoava o corpo cõ
a disciplina, nam deixava por
isso de aliviar a alma com sua
armonia; que a cithara nam dei-
xa de ser muy suave, ainda que
se tõe com a penna. Com a
aspereza desta disciplina nasceo
em sua alma hum brandura

*Paul. ad Eph.
c. 5. v. 15.*

espi-

espiritual tanto do céo, que logo lhe lançou fóra o espirito mundano, ao modo que a Saul lhe sahia do corpo o mão espirito, com a melodia da arpa de David. Tanto que o irram Ioam Fernandes sahio deste devoto exercicio da disciplina, tratou, muy de proposito, de fazer huma confissam gèral, & acodindo á mesma Igreja, pera este effeito; ouvio pregar ao Padre Francisco Estrada (que neste tempo em Lisboa, como hum trovam do céo, fulminava victorioso contra os vicios) neste fermam se acabou de resolver em deixar o trato da mercancia, & tratar de outros melhores ganhos, abandonando o mundo, & abraçandose com Christo crucificado.

7 Pedio a Companhia ao Padre mestre Simam, pera nella perpetuamente ser coadjutor temporal. Réparou o Padre, se havia já nelle bastante fundamento pera edificio de tanta humildade; principalmente, sendo o irram Ioam Fernandes homem tam rico, & tam concertado no luzimento de sua pessoa. Pera o experimentar, quiz primeiro tentar sua vocaçam; perguntoulhe, se acabaria consigo, por se crucificar de todo ao mudo, & quebrar banco com elle, hir pela rua nova de Lisboa, aonde

era tam conhecido, sobre hum jumento em osso, à vista de toda a gente, na hora em que estã mais junta naquella praça. Bem previa o Padre mestre Simam as difficuldades desta nova empreza; porém por isso mesmo lha representava; ou pera conhecer sua vocaçam, se a executasse; ou pera o desenganar, se a recusasse. Respondè o résoluto mancebo, que sim faria; & com animo deseioso de perder credito com o mundo, cujo trato já de todo aborrecia (porque tratava de outros ganhos mais rendófos, com os quaes queria comprar a preciosa margarita do Evangelho) Se bem o disse por palavra, melhor o executou por obra; vayse a casa, vestese de novo, com as melhores roupas que tinha, poemse sobre o humilde animal; & pera que esta victoria de sy mesmo fosse mais gloriosa, hia virado com as costas pera a cabeça do jumentinho, como quem de todo dava as costas ao mundo, & virava o rosto a Deos: toma desta maneira o caminho da rua nova de Lisboa, que foy atravessando pera entrar em nossa casa de sancto Antam: sahio este novo cavalleiro de Christo feito triumphador da vahidade, nam em carro levado por soberbos leoens, ou por grandiosos elefantes, como succedeo a al-

Anno de
Christo de
1547.

Ioã c. 12. n. 16
Sedens super
pullum arie.

Como foy
recebida
na Compa-
nhia.

Foy ao dia
te grande
prêgador
do Evan-
gelho.

316

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

guns Romanos, mas no humilde jumentinho, e como fez seu mestre Christo: hia pela rua muy confiado (porque os sanctos nam se envergonham quando exercitam as obras de mayor humildade). Ao principio pasmava a gente com tam novo espectaculo; logo se lhe passou a admiracão do que viam, em desprezo do que imaginavam; & os que cuidavam, que melhor acertavam, o avaliavam por doudo, & como a tal seguia grande numero de rapazes, fazêdolhe a festa, que a semelhãte gente costumam fazer os d'aquella idade.

9 Com esta insigne victoria desy mesmo, chegou ao Collegio de S. Antam, aonde logo foy recebido, por lhes parecer aos Padres, que nam podiam mais resistir ao Espirito sancto, que taes effeitos causava em peito tam resolutio. Com tam bom principio de afrontas, tam bem sofridas; & com tal ensayo de injurias, tam bem levadas, lançou o iram Ioam Fernandes os fundamentos pera as innumeraveis injurias, & afrontas, que ao diante soffréo, pela fé catholica, em Iapam dos Bonsos, & letrados da gentildade d'aquelles Reynos (sendo fidelissimo companheiro do grande Sam Francisco de Xavier) com tanta segurança, como quem estava fortalecido da graça di-

vina, pera dar a vida pela té sanctissima, que professava.

9 Muitas cousas poderamos contar deste insigne iramam (dô qual em nossas historias se contam cousas admiraveis) que sendo coadjutor temporal, sem estudar letras algumas, teve por mestre ao Espirito sancto, & foy hum dos mais excellentes prêgadores, & & mais apostolicos obreiros, que a Companhia teve no Iapam, aonde sempre acompanhou, em seus grandes trabalhos, ao Apostolo de todo o Oriente Sam Francisco de Xavier; & este louvor lhe baste por agora, porque tempo virá em que lhe contemos cousas maravilhosas, que obrou naquelles estendidos Reynos, até finalmente acabar a vida, sem largar o campo, na mesma estancia, morrendo no Reyno de Firando em Iapam, entre os seus Christãos, que cultivava, & entre suavissimos colloquios cõ Christo, por quem suspirava.

11 Estes tres sogeitos, como tres preciosissimas joyas, foram este anno acrescentados à coroa dos servos do Senhor, com os quaes Deos hia enriquecendo nossa Companhia em Portugal.

CAPITVLO XX.

*Vay o Padre mestre Simam
a Coimbra, pera começar a
obra do Collegio novo: trata,
com toda a solenidade, de lan-
çar a primeira pèdra, sabe
da terra, nas primeiras
enxadadas, humen-
xame de a-
belhas.*

HA dias ditosos, & bem affortunados, & & há dias tristes, & que sam aziagos, conforme a commum opiniã das gentes: hà dias cheyos, & bem crecidos, que sam os de que fala o Propheta, & há dias apoucados, & horas mingoadas, que assim chamou iacob aos dias de sua vida: & por isso os Romanos antigamente costumavam notar, & apontar os dias alegres, com pèdras brancas. Hum dos mais felices dias, que nesta Provincia nos amanheçõ, foy o dia de 14. de Abril deste presente anno de 1547. dia affinalado, & apontado com hum ferosa pèdra, que pera nõs foy pèdra preciosa, & a primeira da obra do Collegio novo de Coimbra. Neste mes (que

se chama Abril, e porque nelle abre o anno as esperanças aos lavradores) se abriu tambem a terra officiosa, pera em suas materalnaes entranhas receber esta primeira pèdra do Collegio primogenito de toda a Companhia: succedeo o caso desta sorte.

2 Estava a corte, neste tempo, em Almeirim, a qual seguia o Padre mestre Simam, como mestre do Principe: & como el Rey cada vez mais continuasse no amor, que tinha a Companhia, vendo que os foyeitos creciam em Coimbra, & que faltavam as casas, pera os agasalhar, se resolveo em mandar começar a obra nova, pera o Collegio, que era o Primas de toda nossa Religiam. Tinha el Rey comprado muita parte do sitio, aonde agora estã o nosso Collegio, pera nelle edificar a sua Vniversidade, que por entre tanto hospedara nos seus paços reaes; mas vendo, que ficava nelle muy bem aposentada, & o sitio, que tinha comprado era o que mais nos convinha (assim porque em parte d'elle já habitavamos, como por ser largo, saudavel, & visinho às escholas mayores) nos fez liberal merce de todas as casas, com hum pedaço de muro, & algumas torres, que pera a Vniversidade tinha comprado; & ordenou ao P. M. Simam, que logo viesse a começar a obra.

Companhia
8.

Ovid Fast. 4.
Aprilis memo-
rant ab aperto
tempore dictum.

*Avisa el-
Rey ao P.
M. Simam
que vá co-
meçar a o-
bra do Col-
legio.*

Christo de
1547.

Foy esta nova de grãde alegria pera o Padre, & muy em particular pera o serenissimo Infante Dom Luis, grande protector, & affeiçãoado à Companhia.

Em 14. de
Abril se
trata de
lancar a
primeira
pèdra.

3 Chegou o Padre a Coimbra, tratou da obra, que já trazia traçada, nam conforme a humildade dos pobres, pera que se fazia, mas segundo a grandeza do Principe, que a mandava fazer: ordenou que se lançasse a primeira pèdra (que quiz que fosse com toda a solennidade, nam de festas profanas, mas de òraçoens devotas) escolheo o dia pera esta solennidade, que foy em 14. de Abril, que entam cahio em huma quinta feira, depois das oitavas da Paschoa, dia dos martyres Tiburcio, Valeriano, & Maximo, sendo esta celebridade outra nova Paschoa, pera todos os moradores d'aquelle sancto Collegio. E como naquelle dia se havia de abrir o edificio de huma casa de òraçam, bem era começasse logo pela òraçam: ordenou o Padre mestre Simam, que todos primeiro riveffem huma hora de òraçam na pobre Igreja, em que os nossos, naquella estreiteza de lugar, diziam missa, confessavam, & prégavam; & mandou que os sacerdotes dissessem missa ao sanctissimo

nomê de IESV, a cujo nome sacrosancto se dedicava a obra, & se levantava o Collegio.

4 Acabada esta primeira cerimonia, se foram juntos, seguindo a seu capitam o Padre M. Simam, ao lugar aonde hoje vemos o cunhal, que cahe sobre a cerca, & que dà principio áquelles dous grãdes dormitorios, hum que corre de Leste a Oeste (a que chamamos corredor do Norte) outro que se lança de Norte a Sul. E logo, com hum notavel alvoroço de devaçam, & lagrimas de alegria, ccomeçam, ás enxadadas, a cavar a terra, a qual parece que com novos obsequios abria liberal suas entranhas, pera dentro receber tam ditoslos fundamentos, como se reconhecesse a virtude, & sentisse a sanctidade dos que com repetidos golpes a batiã, como gravemente disse Plinio (falando do tempo em que hum consul vencedor, deixou o governo, & tomou o arado) que gostava a terra quando se sentia fulcar pelo ferro laureado de hum Romano triumphante: *Gaudente terra romere laureato, & triumphali aratore*: que nam he esta a primeira vez, em que a terra bruta, & os montes insensiveis sentiram a virtude, &

reco-

Anno
Companhia
8.

Lugar
que se
tinha
meira
dra.

Plin. lib.
3. 2. 40.

reconhecêram a força superior, com aprazíveis saltos, & alegres danças, que deste modo de falar usa muitas vezes a sagrada Escritura. ^g

5 Continuavam os repetidos golpes das enxadas, & dos alveoens, meneados pelos nossos religiosos, que ensinados pela charidade, que he muy engenhosa, faziam muy bem este officio, huns cavando, outros enchendo cestos de terra, outros postos á formiga em fileira, pera os despejar; & os que mais se avantajavam, em sangue, & em letras, mais se assinalavam na cava, & no trabalho; entre outros andavam na obra, vestidos em trajos humildes, Dom Gonçalo da Sylveira, filho do Conde da Sortelha; Dom Rodrigo de Meneses, filho do Regedor da casa do civil; Dom Leão Henriques, filho de Dom Ioam Henriques; Luis Gonçalves da Camara, irman do Conde da Calheta; Dom Ignacio de Azevedo, filho de Dom Manoel de Azevedo; Gonçalo Vaz de Mello, filho de Antonio de Mello; Manoel de Nobrega, sobrinho do Chançarel mór, com outros nobilissimos sogeitos, aos quaes acompanhavam letrados, & pessoas de muita autoridade; entre os quaes era o primeiro o Padre mestre

Simam, mestre do Principe Dō Ioam; o Padre Melchior Nunes Barreto, doutor pela Vniuersidade de Coimbra; o Padre Antonio Gomes, doutor Sorbonico, pela Vniuersidade de Paris; Ioam Diccio, doutor em theologia; Francisco Estrada, famoso prégador; Ioam Nunes Barreto, Patriarcha que foy de Ethiopia, & outros naturaes do Reyno, & estrangeiros, todos dignissimos de eterna memoria.

6 Tal vista de gente tam autorizada, occupada em cavar a terra, pera o templo de Deos, & casa dos Religiosos, nos traz á memoria aquelles bons tempos, em que o grande Constantino se prostrou em terra, derramando copiosas lagrimas, & depondo a purpura imperial, tomando o alveão nas mãos triumphadoras, cavando no monte Vaticano, enchêo de terra doze cestos, á honra dos doze Apostolos, pera aquella augustissima basilica, dedicada aos dous Principes da Igreja S. Pedro, & S. Paulo: & com o exemplo de tam real pessoa, & magnifico Monarcha, ficou esta acção tão honrada, & este exercicio tam autorizado, que nam sò neste dia o exercitaram os nossos Religiosos, mas nelle perseveraram por muito tempo, ficado como por officio a muitos cavar a terra, despejar os cestos, andar cõ a pa-

Exêplo do
Empera-
dor Con-
stantino.

h
Vide Baron, in
annal. an. 324.
& Spend. ibi.
fol. mihi 282.
n. 19.

Anno de
Christo de
1547.

318

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Fla. lib. 18. c.
3. n. 40.

Vide hist. Cist.
lib. 5. c. 17.

Vide fr. Ber. de
Brit. hist. Cist.
lib. 5. c. 16.

m
Fr. Ant. Brand
3. p. lib. 10.
c. 33.

Nas primei-
ras enxa-
dadas jabe
da terra
hũ enxa-
me de abe-
lhas.

diola, trazer a cal, & ajutar a pè-
dra, cõ tãto cuidado, & cõ tal ale-
gria, que quem via crescer a o-
bra a olhos vistos, mais a atri-
buia ao sancto fervor dos reli-
giosos, que ao ordinario traba-
lho dos officiaes; que he muy
proprio das mãos de gente no-
bre, & virtuosa (como gravemẽ-
te advertio o autor ¹ da historia
natural) crescerem lhe as obras
com mayor luzimento, porque
as fazem com mayor curiosida-
de: *Honestis manibus omnia letius
proveniunt, quoniam & curiosius fiunt.*
Renovandose tambem na fun-
daçam deste Collegio o exem-
plo, que nos deixaram os mon-
ges do real mosteiro de Alco-
baça, da sagrada Religiam de
S. Bernardo, os quaes, com hu-
ma sancta, & muy sincera hu-
mildade, andavam trabalhando
nas obras do convento, & entre
elles o Infante Dom Pedro, ir-
mam del Rey D. Affonso Hen-
riques (ou filho, ^m como outros
querem) feito já religioso; o qual
tinha sido famoso cavalleiro, pa-
recendo melhor quando estava
meneando o alveam, que quan-
do andou nas guerras esgrimin-
do a espada.

7 Hiam os nossos devotos
trabalhadores continuando em
abrir a terra, fervia a obra, cres-
cia a devaçam, multiplicavam-
se as lagrimas, preparavamse as
primeiras pedras, que o Padre
mestre Simam havia de lançar,

quando os quiz Deos nosso Se-
nhor consolar com hum ale-
gre prodigio; & bem affor-
tunado agouro: porque con-
tinuando a cava; eis que subita-
mente, d'entre as enxadas, ces-
tos, & mãos dos nossos, arre-
benta da terra hum fermoso
enxame de abelhas; as quaes,
com seu alegre zonido, parece
que sahiam cantando, & feste-
jando, a seu modo, a presente fe-
sta da dedicaçam da primeira
pedra; & logo, discorrendo por
muitas partes, ora dilatandose
a modo de nuvẽ, ora apinhoado-
se em hum corpo, fizeram va-
rios pousos, atẽ de todo desapa-
recerẽ. Grande foy o alvoroço
dos nossos Padres, notavel a a-
legria de todos, com a vista de
final tam mysterioso; porque
nãm podia deixar de ser gran-
de mysterio, em tal occasiam,
em tal tempo, & lugar, sahir das
entranhas da terra hum novo
enxame de abelhas; porque em
semelhantes principios de fun-
daçam de grãdes edificios, sem-
pre os homens acharam gran-
des mysterios, & bem fundados
prognosticos, nos sinaes, que vi-
ram, & nos prodigios, qnotaram;
como succedeo em Roma, por-
que na fundaçam do seu sump-
tuofo Capitolio, se achou a ca-
beça de hum homem, & logo
os Romanos, interpretandose os
fados a seu modo, disseram, que
aquella cidade seria cabeça fa-

Ann
Cõpar
8.

T. Liv. De
lib. 5. ad fin

Roma cap
mundi ter
tale regem

tal

tal do mundo todo.

8 Boas occasioens de grandes discursos tiveram os irmãos do Collegio de Coimbra, à vista de prodigioso mysterioso, achado na fundação d'aquelle nosso Collegio; cujos fogeitos, como enxames de abelhas, haviam de sahir d'aquelle novo edificio, a discorrer, & enxamear pelo mundo todo; o successo foy mostrando quam bem fundado foy este discurso, pois vimos a grande copia de celestiaes prégadores, que deste felicissimo Collegio, como de colmèa bem lograda, tem sahido, adoçando, com o dulcissimo fruto de sua suavissima doutrina, os amargozes dos vicios, com que o mundo estava inficionado: representando a doçura do mel das abelhas a suavidade da eloquentia dos prégadores; que isso pronosticaram antigamente na boca de Platão, & na de S.^a Ambrosio, quando, estando dormindo no berço, & ainda na primeira flor da idade, vieram as abelhas demandar estas novas flores, entrando-lhe, & sahindo-lhe a cada hum delles pela boca, como se esta fosse hum fermoso favo de mel, aonde acodiam, como a casa propria, & officina de seu trabalho; dandonos com este successo argumentos evidentes, & finaes pronunciadores da suave eloquentia, & meliflua copia de

palavras, com que haviam de mover as gentes, & atrahir o mundo.

9 Outros discursavam, que assim como as abelhas sam symbolo muy proprio da perfeita Religiam, pela grande obediencia, que goardam à sua abelha mestra, como a seu Rey, & superior; pelo recolhimento, que tem a certas horas, dentro em suas cellas, com final certo que acodem muy exactamente, & sem o qual nam sahem fora, com o silencio, que goardam a seu tempo; & com o continuo cuidado no lavor, em que se empregam; pelo cuidado inviolavel, com que goardam suas leys; & parece que assim queria Deos, com este final, mostrar quaes queria os seus Religiosos do novo edificio, que fossem obedientes, recolhidos, calados, & trabalhadores, como abelhas; & nam fossem ociosos, como zangãos, porque a estes nos ensinam as mesmas abelhas a castigar como prigueiros, & despedir, como a escusados.

10 Outros, na pureza das abelhas (q^{ue} he unica entre todos os animaes) achavam fundamentos pera cuidar, que taes haviam de ser os fogeitos, que naquella Collegio se criassem, conservando sempre a bençã com que nasceo a Companhia, cujos subditos, constando de carne como homens, professam a pu-

As abelhas
sam symbo
lo da Reli-
giam.

Virg. 4. Georg.
Præterea Regē
non sic Aegyptus
&c.

P
Virg. 4. Georg.
Omnibus una
quies operum,
labor omnibus
unus.

Virg. 9. Georg.
Magnique ag-
rant sub legi-
bus avum.

Virg. Geo. li. 4
Ignavam fucos
pecus a præle-
pibus arcent.

f
Virg. Geo. li. 4
Illi adeo pla-
cuiffe apibus
mirabere i mo-
rem &c.

Anno de
Christo de
1547.

320

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

reza como anjos.

CAPITVLO XXI.

*Como se lançaram as primei-
ras pedras no edificio do Col-
legio de IESV, da ci-
dade de Coim-
bra.*

NO meyo destes a-
legres prognosticos
sobre as abelhas, q̃
tão aliviaram aos devotos tra-
balhadores, mandou o Padre
mestre Simam dar final, pera
hirem descansar, & tomar a re-
feiçam corporal, que estava já
muy bem merecida; & ás tres
horas da tarde, voltaram todos
com o mesmo fervor, à obra
começada, pera lançar as pedras
nos alicesses, que já estavam a-
bertos: logo pondose todos de
giolhos, rezam devotamēte sin-
co Psalmos, à honra das cinco
letras do nome sanctissimo de
IESVS, a quem o Collegio esta-
va dedicado; os quaes acaba-
dos, disse o Padre M. Simam
varias orações, benzendo algũas
pedras mayores, pera se lançare
no alicesse, que, sem duvida, e-
ram mais preciosas, que aquel-
las, de que fala a Escritura,^a que
se lançaram nos fundamentos
do templo de Salamam, a que
chama pedras grandes, & pedras

3. Reg. c. c. n.
17. Lapidēs gr̃a-
des, lapides pre-
tiosos in funda-
mentum tem-
pli

preciosas. A primeira foy à hõ-
ra do sanctissimo nome de IE-
SV, que este he a pedra funda-
mental d'aquelle sancto Colle-
gio, nelle se estriba, & nelle tem
libradas, & bem fundadas todas
suas esperanças: nam está edifi-
cado este Collegio sobre a eã,
está fundado sobre a pedra vi-
va Christo IESV; nam se vio
pedra mais preciosa, nem nas
minas de Ceilam na India, nem
nos muros de Ierusalem, no cẽo;
confesso com o discipulo ama-
do, que os muros da ferosa
cidade de Ierusalem celestial,
todos sam lavrados de pedras
preciosas; porẽm, com sua boa
licença, hũa pedra temos em o
nosso fundamento do Collegio
de Coimbra, que sò ella val mais
que todas as pedras dos muros
de Ierusalem: à vista deste rico,
& precioso carbunculo, desapa-
recem, os topazios, fardoni os,
amethystos, beryllos, jaspes, os
calcedonios, sapphiras, esmeral-
das: nem estas appareciam no
edificio do cẽo, se lhẽs nam
dẽsse a graça este sanctissimo
nome de IESV, que se foy pe-
dra de escandalo pera Phari-
seos escandalosos, he pedra an-
gular, & he pedra de bençam,
nam menos pera a fabrica da
Igreja de Roma, que pera o e-
dificio do Collegio de Coim-
bra.

2 A segunda pedra se lan-
çou em memoria do Vigairo

de

Anno
Copan
8.

Prime-
pedra,
ra. do
me de
SV.

b
Apoc. 20.
Fundame-
muri civi-
omni lap-
precioso
ta.

c
Apoc. cap
n. 20.

de Christo o sanctissimo Padre Paulo terceiro, que foy tam insigne bemfeitor da Companhia; que pois elle era a pedra fundamental da Igreja, como successor da primeira pedra, que foy Pedro, bem era que tambem sustentasse este edificio, donde haviam, ao diante, de sahir os pregadores apostolicos, & os martyres apostados a dar a vida pela Igreja, a que o sanctissimo Padre presidia. A terceira pedra foy em nome do bema-venturado Padre S. Ignacio, a quem, por tantas vias, se devia esta lembrança, como a primeiro fundamento da Companhia, que levantada sobre este fortissimo diamante, se sustentará segura contra as mais insanas tẽpestades, que chegarẽ abalar os cunhaes mais fortes dos Capitulos mais seguros. Logo, tendo o devido respeito, & gratidã a real pessoa do serenissimo Rey Dom Ioam, fundador magnificientissimo do Collegio, lançou em seu nome huma pedra, pera isso muy escolhida, & bem lavrada, com coroa, & sceptro. Lançou mais outras duas, huma em nome da serenissima Rainha Dona Catherina, insigne bemfeitora da Cõpanhia, da qual ella era devotissima: outra em nome do Principẽ D. Ioam seu filho.

3 Depois de comprar com estas obrigaçoens, como o Pa-

dre M. Simam, mais tinha os olhos da alma no edificio espiritual dos Religiosos, que na fabrica material do Collegio, escolheo tres pedras assinaladas, que lançou naquella alicesse, huma em nome da sancta Po-breza, outra em nome da Castidade, outra em nome da Obediencia; pera que entandamos, que o Collegio de Coimbra está fundado sobre estes tres fortissimos diamantes, & em quanto estas tres pedras dos tres votos da Religiam, sustentarem o edificio, nam hã que temer nẽ os golpes do mundo perseguidor, nem as portas do inferno envejoso.

4 Sobre a pedra, que Jacob a poz no edificio do seu altar, que levantou a Deos em Bethel, diz a Escritura sagrada, que derramou primeiro oleo, & que sobre esta pedra assim molhada, & mollificada, assentou a obra do altar, tãbẽ todas estas pedras hiam molhadas, & regadas com abundancia de lagrimas de devaçam, derramadas dos olhos do Padre mestre Simam, & dos mais irmãos do Collegio. Os architectos ensinam, que as pedras, que ham de fer de dura em hum edificio, primeiro que as lancem no fundamento, as ham de molhar em agoa doce; estas hiam madefactas com doces lagrimas de suavissima consolaçam; & assim

Lançou tres pedras á honra dos tres votos da Religião.

Ge. o. 28. n. 18.
Tulic lapide, &
erexit in titulu,
fundens oleum
desuper

Ioann. Gra. ad
lib. 6. de An.
tex. i. 21. Aedi-
ficatores lapi-
des, quos fir-
mos esse volunt
dulcibus aquis
diu madefactos
operibus im-
ponunt.

rezam

Christo de
1547.

rezam temos pera esperar, que este edificio sera perpetuo na firmeza da obra, & sempre continuara na suavidade da devocam.

5 Rematouse a festa deste celebre dia, com todos se prostrarem por terra, & rezarem de joelhos hum, *Te Deum laudamus*, & logo ajuntaram o Psalmo, *Memento Domine David*, co que se obriga este Rey a nam tomar descanso pera sy, sem primeiro dar morada a Deos, *Donec inveniam locum Domino, tabernaculum Deo Jacob*. Foy finalmente o ultimo remate deste dia, que prometeo o Padre mestre Simam, em memoria do do nosso sancto Padre Ignacio, de quem era devotissimo, que havia de chamar Ignacio ao primeiro que lhe viesse pedir a Companhia, cahio a sorte sobre hum estudante, chamado Vasco Martins, natural da villa de Gouvea, que esta nas fraldas da serra da Estrella, & foy a sorte com tam boa estrea, que este adiante foy aquelle tam celebrado mestre Ignacio, cujo nome foy tam conhecido, & estimado neste Reyno, pela sancta doutrina, que por muito tempo exercitou, cujas heroicas obras requeriam hum grande tratado, & ao diante as tocarẽmos, falando das cousas da casa de S. Roque.

6 Este he (como diz o Pa-

dre Orlandino^s) aquelle Ignacio Martins, muy celebre em sanctidade, ao qual, com ditosa forte, cahio nam so participar o nome, mas tambem as excellentes virtudes de S. Ignacio. Este he aquelle insigne varam, a qua todo Portugal venerou com titulo de Mestre Ignacio; porque, na verdade, foy mestre na doutrina, que por espaco de 17. annos ensinou, com a caña namam, & com o exemplo, que em toda a vida nos deo mestre na mortificacam, em que sempre exercitou seu corpo; & mestre na oraçam, com que continuamente enlevou sua alma: cuja entrada cahio bem naquella solenne festa, pera que entre as primeiras pedras, q se lançaram na obra do Collegio de Coimbra, tivessimos tambem o Padre Ignacio Martins, que foy huma das mais preciosas pedras, que fundaram, & ornaram o edificio d'esta Provincia, como veremos adiante, quando escrevermos sua vida; a qual foy tam admiravel, que quando nosso sancto Padre Ignacio de Loyola foy beatificado pela S. apostolica, cuidavam muitos em Portugal, que o Padre Ignacio Martins era o declarado por sancto; & posto que tiveram occasiam pera este engano, pelo mesmo nome, que tinham; tambem havia fundamento pera defender este erro, pela mes-

Entra na
Companhia
Ignacio
Martins.

ma virtude, que professaram.

CAPITULO XXII.

*Das contradicoens, que se le-
vantaram contra as obras
do Collegio novo, &
como se aquie-
taram.*

TOdas as obras gran-
des tem grandes dif-
ficuldades, & ainda
quando sam mais de Deos, mais
mais impugnadas ficam pelo
diabo, que como inimigo de
todo o bem, sempre procurou
semear a peor zinania, no meyo
do melhor trigo. Nem basta a
autoridade de hum Rey pode-
roso, pera evitar a paixam de
vassallos envejosos; porque a
enveja nam tem respeito a ma-
yor sanctidade, nem goarda re-
verencia a purpura mais sobe-
rana; & com ser vicio por sua
natureza baixo, sempre acomé-
te (como o outro^a dizia) a ma-
neira de rayo, as torres mais al-
tas, mas nem por isso despreza
as choupanas mais humildes.
Debaixo da terra estavam ain-
da escondidos os alicesses da
nova obra do Collegio de Co-
imbra, & já lá os descobriam os
olhos linceos dos envejosos, &
já roiam, naquellas pedras, os
dentes afiados dos murmurado-

res: prevendo o commum ini-
migo, que naquelle Collegio
havia de ter huma nova forta-
leza, donde se jugassem as ar-
mas, contra todo o poder do in-
ferno. Era, sem duvida, esta fa-
brica obra de Deos, pois pera
elle., & pera seus servos se pre-
parava: tinha por padroeiro, &
fundador a hum Rey tam po-
deroso, cuja autoridade era re-
verenciada entre os mais auto-
rizados Monarchas; cujo poder
era temido dos mais poderosos
Principes da rica Asia; com tu-
do nam faltaram atrevidos en-
vejosos, que logo em seus prin-
cipios quizeram bolir com os
fundamentos do seu Collegio, q
elle entam nos começava, pera
que acabasse de se arruinar o
que escaçamente tinha come-
çado a sobir; ao modo d'aquel-
les inimigos do povo de Deos,
que tomado a voz do Rey mais
sáfico de Babylonia, diziam
com brados repetidos: *Exi-
nanite, exinanite usque ad funda-
mentum.*

2 Começou a murmura-
çam pelos moradores de Co-
imbra, os quaes vendo a gran-
deza que demandava a traça, &
o que ao diante prometia obra
tam real, abafavam já com se-
melhante edificio; & nam o vê-
do ainda mais que com sua ima-
ginaçam, já parece que se lhe
representava nelle hum castel-
lo cheyo de artilheria assentada

contra

*Do que al-
gus mur-
muravam
da grãde-
za da obra
do Collegio.*

Feito da
veja.

lib. 1. de
ed. Summa
livor, per-
altissima
ma petur
ra fulmina
a Jovis.

Anno de
Christo de
1547.

324

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno de
Companhia
8.

Poẽ em
gos aob
do Colleg

d
Mart. lib. 1. ep.
2. Vnaque iam
rota stabat in
Urbe domus.

d
Suet. in Nerone
c. 39. Roma
domus fiet, Ve-
yos migrate
quirites,
Si non & Veyos
occupet ista
domus.

contra a cidade: diziam que esta obra lhes tomava as ruas, impedia os caminhos, rompia os muros, & lhe derrubava as casas; & com demasiados temores parece que arreceavam, que se esta fabrica continuasse, lhes viesse a tomar a cidade toda, sem lhes deixar lugar em que os antigos cidadãos se recolhessem; como já antigamente, com mais fundamento, se queixaram os moradores de Roma daquella insana obra dos soberbos paços do Imperador Neram; os quaes diziam, que com sua grandeza igoalavam a cidade, que (conforme hyperbolizou o Ipigrammographo *) parecia que era toda Roma hum só casa de Neram; ficando com tal aperto os Romanos, que (como outros exageravam, ^d) seria necessario mudar-se de Roma, e hir-se morar entre os povos Veyos, se ainda a casa de Neram nam chegasse a occupar os capos Veyanos.

3 De tal sorte se ateou este fogo da murmuração, & com taes veras entrou o medo imaginario nos cidadãos de Coimbra, que já parece cuidavam que o nosso alicesse lhes vinha entrando por suas casas, & arrombandolhe as suas paredes: & como tam zelosos do bem da sua cidade, trataram de impedir a obra, antes que, do mais alto da cidade, aonde se

começava, lhes chegasse o alicesse abaixo à praça, & lhes tomasse a sua rua da Calçada. Vieram logo os da governança, & com todas as solennidades, & ruidos da justiça, nos embargaram a obra, que por este respeito parou por algum tempo; cõfiando os nossos em Deos, que pois era sua, elle levantaria os embargos dos homens, & lhe daria o favor dos anjos. Tam cega he a imaginação mal fundada, que (sem respeitar a hum Rey, que era o protector, nem advertir nos religiosos, que haviam de ser os habitantes, pera ali se occuparem no serviço divino, & da mesma cidade) cortou por tudo, impedindo com embargos illicitos o, q̃ deviam augmentar cõ doações liberaes.

4 Pararam os nossos com as obras, mas nam pararam os Conimbricenses com seus embargos, porque sabendo que o senhor Rey nos tinha concedido hum pedaço da costa, que cae pera a parte do Norte, fronteira ao mosteiro de Santa Cruz, parece que já se persuadiam, que ainda el Rey nos havia de dar todo o seu campo de Coimbra, & que haviam de ser nossos os seus oliuaes de Montarroyo; & que ainda lhes haviamos de tomar o seu rio Mõdego (que nam será esta a ultima vez em que algũ nos julguem por mais cobicçosos do q̃ na verdade somos)

5 Amotinouse logo o po-
vo (que nunca falta nestas va-
lencias) & seguindo o exemplo
de alguns dos mais graves ci-
dadãos , sabendo que já os nos-
sos se começavam a cercar , fa-
zendo o muro; tomaram elles
as armas, com todos os mais in-
strumentos necessarios , pera
nos invadir por força, romper a
cerca, arrombar as portas, & ar-
razar as paredes começadas: &
o peyôr era, que se nam conten-
tavam com menear as armas,
senam que tambem esgrimi-
am as lingoas ; com as ar-
mas nos ameaçavam, & com
as lingoas nos feriam ; com a-
lavancas de ferro nos derru-
bavam os muros , & com a es-
pada da lingua nos cortavam
as vidas; nam perdoando ás pa-
redes , que queriamos fazer,
nem aos religiosos, pera quem
se faziam; que tal he o mundo,
que fêre aos servos de Deos
com espadas de dous gumes;
& acha por mal empregado tu-
do o que se emprêga com seme-
lhante gente; como se nam fora
melhor gastado o que se dà a
religiosos, que o que se gasta cõ
mundanos; & com tudo, ningũ
estranha no mundo os grandes
mòrgados , as commendas de
altos lótes, & as grossas ren-
das possuidas de alguns, que
sempre vivem com máo exem-
plo , & que tal vez trazem
todos estes bens offerecidos ao

tombo do dado , ou á bara-
lha das cartas.

6 De Coimbra chegou
a Lisboa a fama da obra , &
já vinha acrescentada (que
eltes sã os milagres da fa-
ma , que além de ter azas
muy ligeiras pera voar , tem
traças muy artificiaes pera a-
crescentar) entrou este hor-
rendo monstro no paço d'el-
Rey Dom Ioam , falou por
todas suas lingoas , usou de
todas suas artes, & roins ma-
nhas ; & de tal maneira per-
suadio a muitos cortesãos, que
se lavantou huma grande po-
eira , murmurando altamen-
te contra a mesma pessoa re-
al , dizendo , que todas suas
riquezas gastava com frades,
& com Apostolos ; que sã di-
sto se lembrava , esquecen-
dose de acodir aos lugares fron-
teiros de Africa , que os Re-
ys seus antepassados tinham
ganhado , com tanto sangue
de seus vassallos ; que o que
perdia em nos dar a nós ,
que estavamos ociosos , po-
dia aproveitar , gastandose em
tenças , & commendas , pe-
ra satisfazer a muitos caval-
leiros , que andavam em Por-
tugal pretendendo ; & em
Africa peleijando. Costume
antigo de mundanos , que
tem por perdido tudo o que
se gasta com Christo , & tudo
o que se dà a seus servos:

Murmu-
raçam, q se
levantou
cõtra o me-
mo Rey, por
causa da
obra do
Collegio.

Anno de
Christo de
1547.

Mac. 26. n. 8.
Vt quid perdi-
tio nec. &c.

Como se
houveram
os nossos
nestas cõ-
tradições.

326

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

todos estes tiveram por mestre a Iudas, que chamava perdiçam áquella effuzam. do unguento da Magdalena, tam bem empregado em os pès de Christo: nam reparava este traidor em furtar o dinheiro, que lhe entregavam, & tinha escrupulo de se quebrar o alabastro, que lhe nam pertencia; nam fazia consciencia de vender a Christo innocente, & hia muito a tento em se derramar hum pouco de unguento; encobrendo sua infernal cobiça, com a capa velha de acodir aos pobres, capeando roubos verdadeiros com piedades fingidas.

7 Nam abasáram os nossos tam depressa com estes trabalhos, como os Conimbrienses com as nossas obras; nem se desenquietaíram com tam contraria marêta, entam tiveram melhores esperanças; que experimentado temos muitas vezes, que esta grande arvore da Companhia, entam he melhor regada, quando he mais perseguida; & entam sahe mais florida, quando foy mais cortada. Leváram os nossos o negocio por termos religiosos, usáram do escudo da paciencia, contra a lança da violencia: com grande longanimidade, & confiança em Deos, esperavam,

que elle acodiria à fabrica, que por tantas vias era sua. Parada a obra; paráram as murmurações; & cessáram as contradições, que assim he necessario muitas vezes largar o campo ao touro, & dar tempo ao murmurador: quando lhes pareceo, que os animos dos cidadãos estariam já mais quietos da coeira; & menos cegos da paixam, lhes mostráram as proviscens reaes, nas quaes elRey punha graves penas a quem impedisse, ou embargasse a obra, obrigando, entre outras, aos embargantes, & impedientes, a tornar a restituir, & levantar à sua custa o que parásse; ou se derrubásse; mostramoslhe tambem, com toda a evidencia, como nam pretendiamos com aquella obra tomarlhe a cidade, mas servirlhe a seus oradores. Aquietaramse emfim os cidadãos de Coimbra, como tam honrados; cahiram na conta, continuou a obra, & o tempo lhes tem mostrado, que nam perdéram nada da sua cidade, com ter nella semelhante edificio, antes a tem mais autorizada, pois tem em sy o mayor convento de gente religiosa; que hà em toda Hespanha, & humas das mais fermosas Igrejas, ao menos na vista do seu fermoso frontispicio, que hoje hà em Portugal;

àlem

Anno de
Cepanb
8.

álem de outros grandes com-
modos, que lhes tem procedido
das nossas escholas, & dos mais
ministerios da Companhia: &
a experiencia os desenganou, q̃
nos nam queriamos apossar da
cidade, nem tomar nada dos se-
us olivaeas.

8 Desembargada a obra,
tornaram os nossos, com mais
calor, a continuar no começa-
dos; & porque pela notavel
falta de agoa, que aquelle Col-
legio, tam numeroso em gente,
ainda hoje padece (por mais
que a providencia real, assim
entam, como no tempo d'el-
Rey Dom Sebastiam nisso quiz
prover) era' necessario hir
com carro buscar agoa, pe-
ra o gasto do Collegio, & pe-
ra o meneyo das obras; era
muito pera ver quantos, por
se desprezar, serviam de car-
reiros, & agoadeiros; occu-
pandose tambem outros em a-
carretar area pera as obras, &
muitos em trabalhar nellas.
Nem deve parecer indecente
aos que isto lerem, nem cousa
alhea da autoridade religiosa,
occuparemse os servos de Deos
em semelhantes officios, pois
o Apostolo das gentes Sam Pau-
lo, nam houve por indigno da
dignidade apostolica ganhar de
comer, trabalhando por suas
proprias⁸ mãos, nam sò pera
sua pessoa, mas tambem pe-
ra os que o acompanhavam:

nem o mesmo Redemptor, &
Senhor do mundo teve por a-
fronta fogeitar-se a hum pay pu-
tativo, que tinha officio meca-
nico, chamadolhe por isso a el-
le carpinteiro. h Donde proce-
deo, que o trabalho de mãos
foy exercicio muy usado entre
religiosos muy antigos, nam sò
pera exercitar o corpo cõ tra-
balhos, mas pera alentar a alma
cõ humildades; & foy este san-
cto costume muy conforme à
quella regra angelica, que os
anjõs ditaram ao grande Padre
Sam Pachomio, & ao que usa-
vam os monges discipulos do
Sãcto Abbade Aphthonio, do-
quaes conta¹ Palladio, que ap-
prẽdiam todas as artes mecha-
nicas, e q̃ se exercitavam no tẽ-
po, que lhe ficava da oraçam.

9 Muito crescia o edificio
material do Collegio com tam
bons trabalhadores, mas muito
mais se augmentava a edifica-
çã, q̃ em todos causava o grã-
de exemplo de ver pessoas tam
calificadas, como atrás nomea-
mos, tam entrẽgues a estas hu-
mildes occupaçoens; em parti-
cular era muy celebrada a mo-
destia com q̃ os nossos andavam
nas obras, parecendo q̃ nam tinhã
olhos mais que pera precisamẽ-
te ver o que era necessario, pe-
ra fazer o de que haviam de
dar cõta; da maneira que cõcre-
ve⁸ S. Hieronymo no prologo da
regra do mesmo^m S. Pachomio,

Anno de
Christo de
1547.

dos seus monges, os quaes com andarẽ muy occupados em trabalhar, nenhum olhava pera o que o outro fazia. Foy este grande exemplo, & rara modestia dos nossos, causa de pedirem a Companhia muitas pessoas graves, & de grandes talentos, dos quaes, com muito fundamento, se podia esperar, que fossem de grande lustre na Companhia, & de grande honra na Igreja de Deos, porque entre elles nos veyo demandar hum sobrinho do mesmo Rey, que foy Dom Theotonio de Bragãça, do qual neste livro faremos largamente.

CAPITVLO XXIII.

De alguns que se tentaram na vocaçam, do que sobre isto escreveu o Padre mestre Simam: E de huma grave penitencia, que deo a huns irmãos, que escreveram cartas sem ordem.

Occupãse os nossos, cõ grande fervor, na obra do Collegio.

Continuavam as obras do novo Collegio, & continuavam os fervores dos nossos religiosos, servindo nellas cõ tanto cuidado, & cõ tam grãde applicaçam, & destreza, como se tiveram

dados muitos annos ao officio de pedreiro, & ao trabalho de jornaleiros. Muito era pera ver aquelle illustre enxame de religiosos, em trajos de moços de serviço, com grãdes jubilos de prazer, hũs dãdo cal, outros trazẽdo pẽdra, outros meneando a padiola, acarretando arãa do Mondego, & trazendo a cal dos fornos, q̃ estam em S. Francisco da Põte, outros com o carro da agoa, pera amassar a cal. Acertou com tudo em tanto fervor, & tam nobre cõfiança de sogeitos (q̃ em tam humildes officios se occupavam, & dedicavam a Deos) haver alguns, que mostraram fraqueza, & desconfiança à vista de tanta humildade: nem he muito, que em comunidades sanctas, & occupaçoẽs religiosas, haja alguns que estranhem, com a cotinuaçam, o que no principio estimavam: que nẽ o cẽo ficou livre de ter em sy muitos demonios, que o queriam defautorizar; nem o apostolado de Christo deixou de ter hum traidor, que o poderia desacreditar.

2 Avizou o Padre Reitor Luis Gonçaves, por carta sua, ao Padre mestre Simam, da fraqueza d'aquelles irmãos, & do pouco animo, que mostravam em continuar os officios de humildade, julgando esta falta por muy criminosa: he notavel a reposta, que

escre-

Anno
Cõpanh
8.

*Escreve
P. Luis G
çaves
P. M. S
mam.*

que sobre isto lhe mandou o Padre mestre Simam, & he admiravel a resoluçam, q̃ tomou, em os mandar despedir, se nam estivessem aparelhados pera cōtinuar com o humilde ministério das obras do Collegio: a qual reposta quero aqui pôr, pera q̃ vejamos quã proprio he da Companhia desde seus principios, o espirito de despedir aos q̃ nam procedem com a edificaçam, q̃ de nós esperam os superiores da Companhia.

3 Vede, lhe diz, se estam os irmãos, a que falastes, aparelhados pera andar co a carreta, senam vamse muito tẽbora, q̃ eu por esta me offereço a ser voſso carreiro, & nisto levarei mais gosto, q̃ em ser mestre do Principe. Nam temos necessidade de gente q̃ se reja por respeitos humanos: convem despir estes, & o mudo, & nã curar de vaidades, que o quẽ leva o carreiro, pôde manter dous irmãos: azemel parece necessario tomar de fora. A cruz de Christo nam foy senam às costas, nẽ a levou o Senhor deſtro de casa, senam pelo meyo de Jeruſalẽ, & fora della. Promettera ao Senhor que tivera eu essa liberdade, que ſumamente amo, & deſejo. Quẽ nam ama a Christo crucificado, ſeja havido por excomungado, & por abominavel; quẽ nam ama as deſhoras da cruz de Christo, nã he de Christo. Já paſſou o tẽpo de fallarmos por enigmas, hã miſter falar de Christo claramete, os que nam crucificam ſua carne cõ Christo, nam ſam de Christo; já por muitas vezes vos diſe, que era melhor ſermos quatro

na Companhia: agora vos digo, que com hum sò me contentarei, & conhecerã os que ſam deſta Companhia. Qui non ſequitur Christum anathema ſit, recedat, & abeat, ſeparetur à nobis; aparſeſe d'aqui, busque outro Christo; porque nós buscamos a Christo crucificado.

4 Assim eſcrevia o Padre mestre Simam, aſſim ſe explicava neſta carta (que parece de hum Sam Paulo) com o Padre Luis Gonçaves, taes queria ſeus ſubditos, que governava, tratando de os formar huns ſogeitos crucificados ao mundo; & que entendessemos, que a Companhia nam ſe hã de conſervar com muitos em numero, ſenam com poucos, que na virtude foſſem muy eſcolhidos. Tal era o espirito deſte primeiro Provincial da Companhia em Portugal, que nam perdia o animo, nem à viſta dos que nos perſeguiam, nem cõ a falta dos q̃ ſe despediam: mas em outra occaſiã ao diante ponderaremos a nctavel resoluçam deſta carta, acerca dos despedidos da Companhia.

5. Outra hiſtoria ſucedeo neſte meſmo anno, tãbẽ sobre hũs despedidos, que quero referir, porq̃ aindaq̃ tras o ſentimento de alguns, que perderam a Companhia, tambem pôde ſervir de exẽplo aos que nella vivemos. No meyo dos mayores fervores das obras do Collegio, & da

Anno de
Christo de
1547.

Como o di-
abo armou
a tirar
tre; da Cõ-
panhia.

330

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

sanctidade dos religiosos, armou o diabo as suas redes, em que apanhou a huns tres mais fracos, & com elles pretendéo armar laços pera inquietar a outros: nem he de espantar, que entre tantos, que já passavam de cento, houvesse alguns menos perfeitos, pois no mesmo cêo houve tantos que se perdêram; & gèralmente falando, nam hã caro sem escoria, nem trigo sem joyo, nem rôza, que recrée os ôlhos, sem espinhos que magoem as mãos: assi permite Deos nosso Senhor, que em comunidades sanctas haja subditos perversos, pera que sirvam as quêdas de huys de se alevantarem outros; & pera que, à vista do castigo dos mãos, se acautellem os procedimentos dos bons; como acontecéo nestes primeiros principios do Collegio de Coimbra, com tres religiosos, que sendo castigados cõforme suas culpas mereciam, foram causa de outros crescerem mais na virtude, & se apurarem melhor na perfeiçam.

5 Eram estes tres menos sôgeitos à obediencia, amigos da liberdade, soltos no entendimento, & nada presos na lingua: entendéo com elles o Padre Reitor Luis Gonçalves; deolhes as penitencias, que lhe pareceram necessarias pera castigo das culpas passadas, & pera remedio de seu procedimento

ao diante (porque dissimular cõ distrahidos, he dar lhes licença pera serem peyores). Porém elles (como às vezes succede em mancebos menos considerados, que mais se deixam governar pela paixam, que os cega, que pela rezam, que deviam seguir) fizeram peçonha do que lhe davam, pera que fosse mesmha; & como o animo inquieto nam cabe dentro de sy, soltaram se em palavras, contra o superior, tratando entre sy, se lhes vinha bem ficar na Companhia (que he a principal tentaçam, com que o commum inimigo pretêde enganar aos mais fracos) & passando avante, quizeram cõmunicar estes seus desgostos cõ outro, que estava em Lisboa, & julgavam ser do seu mesmo humor: & pera ver se os queria acompanhar, trataram de lhe dar conta do sentimento, que tinham contra seu superior, & dos pensamentos em que entravam, acerca de sua vogaçam. Escrevem finalmente a carta, dam na cõ mil cautellas ao portador, advertindolhe que a dêsse na mam d'aquelle religioso; & quando cuidavam que estava o negocio metido nos melhores archivôs do mais alto segredo, foy dar a carta á mam do mesmo Provincial.

6 Nam hã cousa mais perigosa que huma carta, depois que sahe da mam de quem a

escre-

Anno
Cõpanh
8.

Escreve
outro re
ginso se
licença.

Os grãde
perigos a
vay expo-
sta hũa car-
ta.

escreve, porque se a materia que contém demanda segredo, váy elle exposto a grandes perigos: péor he huma carta desordenada, que muitas palavras descompostas; porque ainda que a palavra, que sahe da boca, he como a pedra, que se lança da mam (que huma vez tirada, como dizia o outro, nam há remedio pera a reter) com tudo a roim palavra nam deixa rasto, & se desfaz toda no ar de que sò costava; mas a carta, além de ter azas pera voar, que sam os pés do portador, leva consigo outras pennas mais trabalhosas; que sam as pennas com que se escreve, as quaes deixam o testemunho da propria mam, com que o escrevente fica sem remedio convencido. Quantos se perderam por huma só carta, escrevendo, & assinando, com sua mam, a sentença contra sy mesmos; que se nam houvesse o testemunho da carta, nam haveria a condenação da morte; & como a carta leva consigo o privilegio de nam mudar as cores, tambem leva a licença de ser atrevida, & a occasiã de ficar descortés. E he permissã divina, que nam bastem muitas vezes nos portadores as mais repetidas cautellas, pera que assim haja nos escreventes as mais repetidas emendas; & succede tal vez, em materia de cartas perigosas, o que agora aqui vi-

mos, que as primeiras que muito se encommendam, sam as primeiras que logo perigam; pera que entendamos, que nam valem diligencias humanas, além de prevalecem juizos divinos; que se as cartas fossem tam sanctas como as de S. Paulo, & tam espirituas como a de S. Bernardo, entam bastavam menos portes de avisos a quem as leva, & escusavam os temores de desastres em quem as escreve.

7 Escreveram os tres penitenciados a Lisboa ao seu correspondente muy secretamente, & usaram com o portador de todas as boas advertencias, que em semelhante accã costumam dar os que se prẽzam de mais acautellados, & circunspectos, a saber, que levásse as cartas a muy bom recado, & as nam entregasse senam em mam propria, que ninguem lhas visse dar, & que sobre tudo tomásse escrito de como lhas entregara. Tudo comprio à risca o portador, & nam lhe veyo daqui o mal aos autores das cartas, mas do que menos se precataram, que era do confidente pera quem hiam, o qual, depois de recebidas, & lidas as cartas, acertando de lhe entrar o escrupulo, se poz a considerar no que devia fazer; & julgando que devia antes ser mais fiel à Religiam, que o criava, que aos tres amigos, que o distrahiã; & que

Como a-
quellas car-
tas foram
dar namã
do P. M.
Simam.

Anno de
Christo de
1547.

332

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Copan
8.

f
Año. c. 8.
& 10.

a
Basil. Mag. ep.
1. initio. Sic
tuā epistolam
agnovi, ut ij sa
ecre solent qui
amicorū liberos
ex similitudine
in ipsis cōspi
cua agnoscunt

b
Gen. c. 3. n. 23.

c
Gen. c. 4. n.
11.
d
3. Reg. c. 14.
n. 10.

e
Act. c. 8. n.
18.

cessava a obrigação de primor humano, aonde entrava a rezam do respeito à obediencia, teve por injuria, com que o afrontavam, a confiança, que delle faziam; & logo com huma religiosa deliberação, tomando as cartas, as foy meter nas mãos do Padre mestre Simam; o qual (como nam era menos inteiro no rigor da disciplina monastica, que suave na affabilidade paternal) lendo aquellas cartas, vio nellas a distracção dos autores dellas; que os homens (como diz S. Basilio^a Magno) conhecemse pelas cartas que escreveram, como os pays pelos filhos que geraram: & visto conterem as cartas murmurações de superiores, & tratarem de inquietar, & desunir ao outro; se deliberou de castigar exemplarmente aquella culpa, que foy a primeira que achou em regra tam importante, & tam essencial pera o bom governo da Religiam; que costume he de Deos, castigar muy rigoroso aos que abrem a porta, & sam os primeiros em quebrar algũ preceito, como vemos que succedeo na primeira soberba dos anjos no cœo; na primeira desobediencia de Adam^b no Paraíso; no primeiro homicidio em Cam;^c na primeira idolatria entre os Reys de Iudêa, & Israel em^d Ieroboam; na primeira simonia em Simam^e Mago; na

primeira falsidade, & appropriacão na materia da pobreza, em Ananias, & Saphira; porque assim como alguns peccados, que na paz costumam passar com leves penas, no tempo da guerra se castigam com a mais grave, que he a morte (pelo grande dano, que dos taes descuidos pôde nacer) assim na Religiam peccados ao parecer leves, pelo roim exemplo, que podem causar, devem ser castigados com penas muy rigorosas, pera fazer acautellar os servos de Deos, mórmete nos principios da Religiam; em que he de summa importancia atalhar os primeiros delictos, com publicos, & exemplares castigos.

8 Este espirito levou ao Padre mestre Simam, pera castigar com grande rigor aquella culpa, por ser a primeira, & nós primeiros annos da infancia da Companhia, como quem bem previa quam necessaria era toda a advertencia em semelhante materia, por ser muy ordinaria, & muy lubrica entre mancebos esta occasiã de escrever cartas sem licença, & de se fiarem de suas cautellas, sem conselho. Mandou ao Padre Luis Gonçalves, Reitor do Collegio, que em presença de todos os religiosos, declarasse as culpas d'aquelles tres, autorizadas por suas proprias cartas, & firmadas de sua propria mam,

que

Do cast
que deo
os que
creverã
aquella
cartas.

que a todos mandou ler, & mostrar; & que logo os despedisse da Companhia. Iuntos pois os irmãos na capella do Collegio, com final da campainha, sem saberem o pera que os chamavam; logo o Padre Reitor Luis Gonçalves, posto no meyo de todos de joelhos, depois de pedir perdão de suas faltas, com muitas lagrimas, lhês encomendou, que trabalhasssem de ser fieis á Religiam, de se nam apartarem da sancta obediencia, por falta da qual succedera o que logo saberiam: nem pode hir mais por diante, atalhado das muitas lagrimas, que com grande sentimento derramava. E logo o Padre Manoel Godinho, que era o ministro do Collegio, leu aquellas cartas (que eram de dous irmãos, & de hum sacerdote) muy prejudiciaes, & danosas, cheas de espirito de divizâm. Apòs estas cartas se leu logo huma do Padre mestre Simam, pela qual os mandava despedir da Companhia, como em effeito se executou. Muita parte desta carta me veyo ás mãos, que quero aqui por, pera que vejamos o espirito deste grande servo de Deos; & pera que a ouçamos agora com mais advertencia, porque as muitas lagrimas, do que entam a lia, a nam deixaram bem perceber de alguns dos presentes; a carta he a seguinte.

9 Diz nosso Senhor, que os que com elle nam ajuntam, espalham: nam ajuntam aquelles, que debaixo de hum bandeira militam, & nam seguem a insignia d'ella: os que havemos de esta debaixo da bandeira de Christo, a que todos somos chamados, havemos de ter hum mesmo espirito, hum coração, & hum sentir. Nosso Senhor sabe quanto cá sinto, nam se sentir isto entre nós: & porque alguns tiveram a-trevimento de apartar os animos da vontade dos superiores, justo juizo de Deos he serem os táes de nós apartados. E depois de nomear as pessoas, diz assim: Dizeilhes que se vam muito embora fóra da Companhia, que em casa nam temos necessidade de gente, que se tema, & recate dos superiores, causando desunião entre os membros, & a cabeça, porque havêdo-se de aproveitar dos conselhos de quem os governa, levam caminho de nunca o fazerem; & quem tem em pouca conta as ordens, & regras da Companhia, rezâm he que a mesma Companhia tenha pouca com elles. O machado está posto á raiz da arvore: quem quizer a Christo, negue-se a sy mesmo, & tome sua cruz. Manifestai a todos, que toda a pessoa que eu souber que escreve d'aquella maneira, nam comprindo a regra, que acerca d'isto está posta, que se disponha a hir fóra da Companhia; porque nós nam havemos de agradar a Deos em multidão de gente, & em forças de homens, nem em engenhos, que querem saber mais do que lhe convem. Quem entre nós nam determinar de levar a cruz de Christo em verda-

Companhia
8.Marth. c. 12. n.
30 Qui nō cō-
gregat mecum,
ipargit.

Anno de
Christo de
1547.

334

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

deira fogueira, & humildade, nam he
pera nós, nem nós somos pera elle.

IO E se vos parecer que por le-
ve causa dou grande castigo, assim se
costuma fazer, quando os defeitos im-
pedem o bem commum, & dam azo
pera das leys se fazerem corruptelas,
donde pòde nascer todo o mal à Reli-
giam. Por amor de nosso Senhor, que
representeis a todos os irmãos, quanto
nos importa sermos bons; & certo que
os que agora estamos, se tões nam
houvessemos de ser, por menos traba-
lho teria tornar a Coimbra a plantar
o Collegio de novo: desenganay a todos
da minha parte (ponho a IESU Chri-
sto crucificado, & condemnado entre
nós, & elles) desenganayos digo, que
este he o Senhor, a quem havemos de
seguir, sem nenhuma outra interpre-
taçam, nem entendimento: & elles me
desenganem, se sam contentes dese des-
posar cõ Christo, debaixo das constitui-
çoens da Companhia, & de guardarem
inteira lealdade a IESU Christo, &
aos que em seu lugar governam, que
sam os superiores. Nã vos pareça ser
pouco engano, cuidar eu de colher uvas
doces, & acharme nestes tres com uvas
agrestes de balceira. Se eu governara na
India, pera onde me levava meu inten-
to, quando pera este Reyno vim, nam ti-
vera por muito achar entre infieis que
repugnasse à perfeiçam da vida de
IESU Christo: & se isto nam se a-
chasse entre nós, eu haveria por bem
empregado o ter ficado nestes Reynos.
Ao portador desta, criado de casa, por
haver trazido as cartas sem vossa li-
cença, nem cá mas mostrar, dizey que

busque sua vida, & nam o occupeis
mais em cousas do Collegio; & ainda
que elle o fez por ignorancia, eu lho
mandey perguntar, & lho perguntey,
& elle mo negou.

II Estas, & outras seme-
lhantes cousas, cheyas de gran-
de fervor, & zelo, se contem na-
quella carta, conforme a qual
aquelles tres foram ali publica-
mente despedidos, com grande
confusam sua, & mayor magoa
dos presentes, servindo este ca-
stigo pera exemplo dos mais,
que ficaram entendendo quan-
to importa a fogueira aos Pre-
lados, a uniã entre os subdi-
tos, a observancia das regras; &
de quanta importancia he a re-
gra, que nos prohibe escrever
sem licença do superior; & que
em materia de cartas nam va-
lem cautellas, quando falta o
conselho.

CAPITULO XXIV.

*Sabem varios missionarios do
Collegio de Coimbra, entre el-
les o Padre Gonçalo Vaz de
Mello, vay de Sam Fins
em missam a va-
rias partes.*

I **N** Este mesmo tempo
continuava o Padre
Luis Gonçalves, cõ
grande

grande fervor, governando o Collegio de Coimbra, o qual foy varâm em sua pessoa, muy apostado a toda a virtude, & principalmente dado ao espirito de mortificação, desprezo proprio, & grande zelador do bem das almas, como ao diante veremos no quinto livro. E porque he ordinario nos prelados, quererem estampar nos subditos o que julgam ser de mais proveito pera seu bem espiritual, entrou em grandes fervores de exercitar os nossos religiosos em varias peregrinações, & missoens, pera ajudar as almas, que he o principal fim de nosso instituto: & a que devemos atentar com mayor cuidado; pois nam he nossa vocação^a pera estarmos recolhidos nos Collegios, mas pera andarmos prêgando pelo mundo. Logo pera diversas missoens nomeou varios sacerdotes, cada hum cõ seu companheiro. Sahiam todos do Collegio de Coimbra (que era a principal fronteira, & como praça de armas espirituaes) a pè, sem viatico, comprindo â risca o conselho do^b Propheta, (que tambem o glorioso Padre S. Francisco de Assis, dava a semelhantes missionarios por principal alforge do caminho, que faziam) convem a saber, a confiança em Deos, porque elle os sustentaria. Partiramse alguns, peregrinando a Roma, outros

ao Bispado da Goarda, outros a entrê Douro, & Minho, & outros a diversas partes, & comarcas do Reyno, entrando pelas cidades, pelas villas, & lugares, como se fossem hũs novos corréos do cêo, que lhes vinham trazer novas da salvacam.

2 A nossa Residencia do mosteiro de S. Fins (de que já folamos) que está junto às ribeiras do Minho, foram mandados alguns convalecentes, pera tomarem novo alento na saudade, naquelle sitio (que pelo verâm goza de grande benignidade de âres, com vistas appraziveis, frescos arvoredos, & alegre copia de cristallinas fontes) Estes envergonhandose de estar ali occupados, com acodir aos achaques proprios, sem tratarem do bem alheyo, se deliberaram, com valentes resoluções, de fazer animosas sahidas, pera ajudar aos proximos, discorrendo por todos aquelles lugares d'arraya de Portugal, & de Galliza. O principal ventureiro, & como Adail mayor desta fronteira, nestas generosas empresas, foy o Padre Gonçalo Vaz de Mello (homem illustre por sangue erdado de seus avôs, & muito mais pela virtude, que ganhou na Religião) do qual, por muitas vezes, faremos mençam nesta historia, porque foy na Companhia pessoa grave, de grande talento pera pré-

Vam algũs
à Residen-
cia de S.
Fins, & da
hi sahema
pregar.

a
part. 3.
t. 6.

b
14. n. 23.
superDo-
m curam
& ipse re-
riet.

Anno de
Christo de
1547.

336

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

^b
Greg. hom. 11.
super Ezech.
Ille loqui vera-
citer novit, qui
prius benefa-
cere didicit.

^c
Ioa. c. 4. n. 40.
Cum venissent
ergo ad illum
Samaritani, ro-
gaverunt illu,
ut ibi maneret.

Pobreza
de q usava
os nossos
missiona-
rios.

gar, & de grandissimo espirito de missionario, em o qual sempre a força do espirito generoso, prevaleceo contra a fraqueza do corpo debilitado; & como era ram grande servo de Deos, & de tam conhecida virtude, podia, com toda a confiança, sahír a prégár; que (como diz S. Gregorio ^b Magno) só aquelle pôde com toda a liberdade falar, que primeiro aprendeo com todo o cuidado a bem obrar. Fez a primeira prêgaçam em Valença do Minho, com tal satisfação, & espanto de toda a gente, que em descendo do pulpito, & tratando de voltar a casa, o juiz, & vreadores, com todos os principaes da terra, sahiram apos elle, como antigamente succedeo ao Senhor, depois de prégár aos Samaritanos, pera o obrigarem a se ficar com elles mais tempo: nam pode o Padre por entam aceitar a boa vontade dos Valécianos, porque levava ordem pera voltar logo a S. Fins, mas sahio se com promessas de tornar a continuar cõ a missã, o que em breve fez; porque considerando como cõ a graça divina tiràra forças da fraqueza, cõ aquella prêgaçam, lhe cresecéo de novo o animo pera mayores trabalhos: por onde, alcançada a licença do superior de S. Fins, pera discorrer pelas terras visinhas d'aquella comarca, sahio com seu compa-

uheiro (que era o Padre Antonio Gomes, de quem por vezes tenho falado) armados ambos com as armas da sancta pobreza, com vestidos tam velhos, que só bastavam pera os cobrir, na mais humilde forma, que permitia a modestia religiosa, & o estado sacerdotal, que ambos tinham; de maneira, que mais poderia parecer, que hiam viver das esmolos, q os moradores d'aquellas terras lhes podião dar, que levarlhes a suas casas os ricos thesouros da graça.

3 Levavam por regimento nestas missões, que entendessem que mais hiam a se aproveitar a sy, em buscar a perfeiçam, que pera ensinar aos outros, inculcandolhe a salvaçam; que vissem sempre de esmolos, & nam fizessem providencia das que lhe davam, pera as nam pedirem ao outro dia; que nas quartas feiras, sextas, & domingos, sobre prégarem nas menhas, fizessem aos mininos doutrina pelas tardes, & nam aceitassem gasalhados em casa alguma fõra dos hospitaes; & que nestes servissem aos enfermos, & lhes varressem as casas, fizessem as camas, & acodissem a tudo o mais necessario; desorte que os exercicios superiores da prêgaçam, melhor lustrassem com os mais baixos officios da humildade; trazendo sempre diante dos olhos o primeiro, &

princi-

Regim
q leva
e guar
va os
fos mis
narios.

principal exemplar, q he Christo, a quem o Padre eterno mādou do cēo em missām, pera converter o mundo errado ao caminho da salvaçā: que tam soberana, & tam divina occupāçā he esta de fazer missoens, que, como ensinam os Theologos, ^d até entre as mesmas pessoas da sanctissima Trindade, pōde haver missoens divinas, sem as imperfeiçoens das creadas.

d
Soar. in
Theol.
t. à c. 1.

egam
issām
villa
Cami-

4 Começaram o seu trabalho pela villa de Caminha, aonde, como a clérigos pobres, deram no hospital huma limitada casa em que se agasalharam; na manhã seguinte deram principio a seu bem empregado trabalho, com o hymno, *Veni creator spiritus*. Ditas suas missas convidaram a gente pera ouvir de confissam aos que dellses se quizessem aproveitar, & recolheram-se ao hospital, pedindo esmola pelas portas: começou a gente a advertir na modestia dos donos hospedes, que na terra tinham, mas nam conheciam, viamnos tam pobres, q viviam de esmolas, & cō tudo advertiram, q nam queriam tomar dinheiro pelas missas, antes se offereciam a dizelas de graça; notavam a boa vontade com que se expunham a ouvir a todos de confissam; & com estas advertencias vieram a alcançar ser gen-

te nova no mundo, & muy desapegada de interesses; discursando os mais nobres entre sy, que debaixo d'aquellas roupas velhas, & d'aquelle encolhimēto de vida tam humilde, & desentereçada de tudo o que era proveito, & honra, deviam estar occultos espiritos superiores a tudo o q era humano, pois nada reluzia em suas acçoens, senam o que rescendia ao mais divino. Alcançada esta conclusam, depois de varios discursos, se foram os da Camara ao hospital, com os mayores, & melhores da terra, a dar as boas vindas aos Padres, & gratificar o zelo cō que tratavam de ajudalos no melhor emprego da vida, pois todo era pera agenciare nesta o viatico pera a eterna. Tambem trataram de lhes melhorar a hospitalidade, assim no aposento, como no prato; responderam os Padres, com religiosa gratidam a tanta charidade, mas nam aceitaram sair do hospital, & da pobreza, em que estavam, pera os levarem a melhorados aposentos, pera onde os convidavam.

Camo co-
nhecēram
aos nossos
missiona-
rios.

5 Começou logo o fervor da gente a valer-se do socorro divino, que Deos lhes mandava pera suas almas; & depois do primeiro sermām do Padre Gōçalo Vaz, ouve tal abalo no auditorio, q dali por diate, pera satisfazer as obrigaçoens proprias

Christo de
I 547.

da oraçam, & missa, & acodirem, em amanhecendo; ao confissionario, lhes era necessario levantaremse algũas horas antemenhã; aturando muitas vezes o dia inteiro nas cõfissoens, atè nove, & dez horas da noite, rendo com difficuldade muy escaço tempo pera a refeçam necessaria. Deço a este particular, sendo estes exercicios tam ordinarios em nossas missoens, porque nesta occasiam, & nestes dous missionarios, foram estes trabalhos nam sò mercedores de grande louvor, mas tambem dignos de grande admiracam, pois estes dous zelosos Padres, sendo fracos, & convalescentes, & por esta causa mandados a cobrar forças corporaes em Sam Fins, eram tam esforçados nas espirituaes, que nos deixaram tam singulares exeplos do zelo das almas.

*Effeitos
bõs, que se
seguiram
de hũa prẽ
gaçam do
Padre Gõ-
çalo Vaz.*

6 Na segunda prẽgaçam, que cahio em huma das Ladainhas de Mayo, foy tam notavel o concurso da gente, que com se haver de fazer na Igreja mayor da villa, que he grande, & fermosa, havia já tanta gente às tres horas da madrugada, que se nam podia romper por ella; merecẽo a prẽgaçam este devoto alvoroço, sendo sobre as palavras das Ladainhas. *A morte perpetua libera nos Domine:* foy o abalo deste fermam de

forte; que enchẽo a fama d'elle toda a comarca, & como se por ella soãra de repente aquella espantosa trombeta (de que fala Sam Paulo na morte universal do mundo) que citasse a todos aquelles poyos, pera acodirem ao juizo sacramental da confissam, assim se despovoyam os lugares, & vinham a parecer no tribunal deste sacramento; pera ficarem aliviados de suas culpas, ouvindo a sentença particular neste sagrado juizo, pera escaparem da ultima da condenaçam no universal. O rumor, que por todos aquelles lugares voava, tambẽ chegou a S. Fins, & moveo ao superior a mandar o Irmam Diogo de Soveral, a saber como se achavam os Padres, com tanto trabalho; da maneira que Jacob^f mandou a Ioseph a saber como passavam seus irmaõs no lugar de Sichem: chegou o Irmam à porta da Igreja, aonde estavam confessando, & era tal o concurso da gente, que lhe nam foy possivel chegar pera lhes poder falar; torna logo a dar novas ao superior do que vio na Igreja, & do que ovio na terra, de que ficou tam movido o bom superior, que cõ elle tambem fer dos achacados (enchendose de sancta enveja, & envergonhandose de se ver em casa descançando, quando

seus

Auto
Cipanh
8.

1. ad Cor.
n. 12. Io n.
fima tuba
net enim

f
Gen. c. 37
Vade &
cuncta pr
ra sine eig
tres tuos.

fens soldados andavam no campo peleijando) se animou a partirse logo a ajudalos ; o que fez por alguns dias , que pode furtar do cuidado da fazenda, & do governo da casa.

7 Com tanto trabalho, que poderia fazer acurvar aos mais valentes soldados, nam he muito que cahisse o que era tam fraco de forças corporaes como o Padre Gonçalo Vaz ; foylhe necessario retirar-se a Sam Fins, obrigado de huma importuna febre, que o nam largava, & da obediencia de seu superior, que o chamava; que se as forças do corpo andáram passo igoal com as de seu valente espirito, estreito era o campo, que hà entre os dous rios Douro, & Minho; pera nelle se poder esprayar hum animo tam capaz, que com o zelo das almas se nam limitava ao mundo todo. Em resolução elle se recolheo bem contra sua vontade ; porèm assim como sôfre mal em Africa o fronteiro de fama, & de valor, acodir ao final, pera se recolher dentro das tranqueiras, no tempo em que sabe que lhe ficam Mouros em fillada, & lhe està pulando o sangue, & saltando o peito, esperando novo repique pera sahir ao campo ; assim o Padre Gonçalo Vaz, se estava entificando ma-

is, por se ver na cama descançando, quando desejava estar no pulpito prégando. Tornou finalmente á empreza começada, foy de novo recebido na mesma villa, como se lhes viera hum novo anjo do céu, ou hum sancto resuscitado ; respondeo em tudo o fruto espirital, que elle desejava á festa, & alvoroço, com que o recebiam : foram muitas as restituções do alhéo mal levado, notaveis as mudanças de vida escandalosa, muitas as superstições, que tiraram, & muitas as amizades, que fizeram, entre os nobres da terra (que de ordinario, em semelhantes villas, costuma haver grandes desgostos, entre os que estão mais liados com mayores parentescos.) Com estas, & outras cousas semelhantes se achou a villa de Caminha espantada de sy mesma, & de se ver tam trocada com tam admiravel mudança ; feita pelo braço direito do Excelso. E foy tam notavel a devaçam de commungarem todos os d'aquella villa, em dia do Espirito sancto, que decretaram os irmãos da Misericordia, que fosse perpetuo tam sancto costume, de que ainda hoje hà perennes lembranças naquella nobre villa.

Anno de
Christo de
1547.

Vam os do
us missio-
narios. a
Viana.

Luc. c. 4. n. 43.

Como forã
agãsalha-
do em Via-
na.

340

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

8 Bem quizeram os de Caminha deter mais tempo a os seus missionarios, mas elles lhes respondiam com as palavras do Senhor, ⁸ *Quia alijs civitatibus oportet me evangelizare verbum Dei.* Passaram d'aqui a Viana foz de Lima, que dista tres legoas, & he hum fã-mosa villa, das mais nobres, & mais notaveis de Portugal, & por fer esta, remiam muito os Padres, que os gasalhados, & regalos de sua hospedaria dissessem mais com a grandeza da terra, que com a pobreza dos hospedes: porẽm quiz Deos nosso Senhor mostrar aos seus servos, que lhes estava melhor prognosticar esterilidades; pera lhes dar bonanças, & nam esperarem bonanças pera acharem esterilidades. Toda a expectaçam, & gasalhado da boa hospedagem, depois de correrem muita parte da villa, pedindo esmola, se veyo a resolver em dous reaes de cobre, com que os Padres passaram muito a seu gosto a quella primeiro dia. Porẽm a fã recompensou esta nobilissima villa com estremada liberalidade esta primeira, & inadvertida esterilidade, porque tanto que o Padre Gonçalo Vaz de Mello começou a prègar, & os ouvintes conheceram quem eram os hospedes, que com diffarces de pobres, lhes traziam as

riquezas do cèo, se elpertou em todos tal devaçam a sua doutrina, & tal estimaçam a suas pessoas, que nam havia quem os nam seguisse, amasse, & venerasse; perseguiamos com tam frequentados, & ainda importunos presentes, com que todos os qeeriam regalar, que se davam muitas vezes os Padres por obrigados a nam acceitarem nenhuns, por nam aggravarem a todos: deixando o que precisamente lhes era necessario pera se sustentarem a sy, & pera socorrerem aos presos.

9 Deste lugar se sahiram, deixando muy reformado nas vidas, & muy melhorado nos costumes, & laudoso da boa companhia, que os pobres hospedes lhe faziam. Com o mesmo zelo, & com igual fructo repartiram seus trabalhos com as villas de Ponte de Lima, Barcellos, villa de Conde, & com a muy nobre villa de Guimaraes, nam faltando aos lugares menores, de cõcelhos, aldeas, & freguesias; pera que todos lograssem da benignidade divina, & do fructo do sancto zelo de tam charitativos obreiros. Tambem as duas cidades de Braga, & do Porto tiveram o bem d'estes missionarios; com os mesmos concursos de innumeravel gente, que acodi às pregaçoens, & às confissoens,

& com

Anno
Ciprian
8.

Vam
corren
por ou
terras
entrel
ro, &
nho.

& com os mesmos proveitos ef-
pirtuaes, que atrás temos rela-
tado.

10 Nam quero porèm pas-
sar em silencio o que lhe acon-
teceo no Porto. Haviamse de
correr huns touros naquella ci-
dade, em huma tarde em que o
Padre havia de tornar a pregar
(porque lhe acontecia em mui-
tos dias pregar duas, & tres ve-
zes, como d'elle, & de seu cõpa-
nheiro o Padre doutor Antonio
Gomes testifica o nosso Chroni-
sta gèral Orlandino) & parecê-
dolhe que mais bẽ occupado fi-
cava o povo em ouvir o sermã
na Igreja, q̃ em assistir aos tou-
ros no corró, disse do pulpito pe-
la menhã, que naquella dia ha-
via de experimẽtar quaes eram
os que gostavam mais das cou-
sas de Deos, que da vaidade do
mundo; que elle estava resolutio
de pregar ainda que tivesse por
ouvinte a hũa sò velhã, porque
esta ao menos nam faltaria: foy
cosa notavel, que sendo tam
grande o alvoroço, com que a
gẽte costuma correr a semelhã-
te espectaculo de touros; & ha-
vendo algũs mancebos demasi-
adamẽte curiosos, & zelosos de
sta sua festa, que queriam persua-
dir ao Padre, que deixasse o ser-
mam pera outro dia, ou pera
lhe nam impedir os seus tou-
ros; se viesse a gente ao ser-
mam, ou pera nam defauto-
rizar a palavria de Deos, se

acodissem ao touril; com tu-
do o Padre perseverou ani-
moso, & constante em fazer
esta sorte aos seus toureiros,
a qual lhe succedeo tam bem,
que teve hum innumeravel
auditorio, o qual trocou de
boa vontade o theatro dos tou-
ros, em que hiam perder o
tempo, pelo sermam da Igre-
ja, a que vieram ganhar a salva-
çam. Isto he por mayor o
que succedeo nesta missã do
Padre Gonçalo Vaz de Mello,
andando convalescente; em ou-
tras occasioens o veremos com
mais forças, & com igoaes su-
cessos.

CAPITULO XXV.

Vay o Padre Manoel de
Nobrega em missã pela Pro-
vincia da Beira, & do
grande fruto, que
d'ella roco-
lheu.

1 **N**O capitulo passado
vimos o successo da
missã dos nossos
Padres na provincia de entre
Douro, & Minho; agora vere-
mos brevemente como succedeo
a outros ventureiros, que entrã-
ram a cõtinuar semelhãtes em-
presas pela provincia da Beira.

Anno de
Christo de
1547.

342

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

*Do fruto
que fez na
cidade da
Goarda.*

Habitava em o Collegio de Coimbra o Padre Manoel de Nobrega, aquelle que ao diante veremos primeiro Provincial do Brasil, & primeiro Apostolo d'aquella gentildade: este Padre, tendo ainda pouco tempo da Companhia, ardia já em seu peito hum grande incendio, que o abrazava em desejos de converter almas a Deos, & em quanto o nam apagava com a vastidam dos mares d'aquella gentildade, tratava de o temperar com algumas sahidas pelo Reyno em missoens. Este anno, em que estamos, de 1547. que foy o 8. da Companhia, sahio em missam à Beira, chegou à cidade da Goarda, aonde com suas pregaçoens, & doutrinas, fez muy conhecido fruto, nam menos dentro da cidade, que fora em sua comarca; assim com os seculares, a quem pregava em publico, como nos ecclesiasticos, a quem amoestava em segredo. Entre elles havia hum dos mais principaes da terra, & dos que mais necessitavam de semelhantes avisos, porque estava tam obstinado em hũa torpeza com a qual vivia, com publico escandalo, dentro de sua casa, que nemio temor do inferno espantoso, nem as inspiraçoens do cœo benigno; nem os rogos de amigos fieis, nem as censuras de prelados zelosos; nem, o que mais he, os avisos, & ameaças do

Rey poderoso, foram baltantes pera o moverem a deixar a occasiam escandalosa, & a reformar a vida perdida. 2.º Tratou o Padre têtar vêtura, pera bater esta rocha, & pera se combater com esta fêra. Fazia grande amigo seu, visitao, seiveo, acompanhao, salalhe sempre à vontade (que de todas estas traças usa hum engenheiro medico, que pretende dar saude a huma alma enferma. Tanto que lhe pareceo que podia applicar o remedio a este seu doente, que muitos tinham por incuravel, começa a tratar com elle do perigo do estado em que vivia: declaraselhe ainda mais, dizlhe, que largue a occasiam, em que o diabo o trazia enredado, & que trate da salvaçam, que trazia muito arriscada. porém o mal estava muy apoderado do enfermo, & a dureza era de penhasco; & já nam admitia curas brandas; & medicamentos suaves; assim tratou aqui o Padre de usar de caurerios mais efficazes; entra de novo em campo contra este gigante encantado no castello da sensualidade, repete os golpes, sem lhe dar huma hora de descanso, ameaçando com o inferno, pera ver se pôde vencer; com força importuna, a quem nani pôde contrastar com suavidade & brandura, porém o sensual peccador, envelhecido na mal-

dade

Anno
Cpauk
8.

Traça
que uso
pera co
verter
grãde pe
cador.

dade, como se fosse frenetico, cada vez se infuriava mais contra o medico, que o curava. diz-lhe, por ultima resoluçam, que lhe nam fale mais na materia, jurandolhe que se o faz, lhe havia de tirar a vida, sem lhe valerem as ordens, que tinha, nem respeitar a Religiam; que professava (que a taes desatinos chega hum sensual, que de todo perdéo o tino ao remor de Deos, & a vergonha do mundo) 3. Nam se acanhou o valeroso mantenedor da virtude, com os feros desta fera, antes, com mayor porfia, continúa o desafio, pera ver se pôde abrir alguma porta em peito tão acastellado em sua obstinaçam: animado, & fiando em Deos, que o defenderia, entra de novo com este defensor da torpeza, buscao muitas vezes no dia, em suas mesmas casas, pera que entendesse que o nam temia fora na praça, quem o buscava dentro em seu aposento: encontra-se com elle na rua por momêtos, nam lhe dá vagar, nem lhe permite descanso; insta (como o Apostolo aconselhava a Timotheo) a tempo, & fora de tempo, rogando, increpando, ameaçando, affombrando, & bradandolhe, a maneira do Bautista ao Rey sensual, *Non licet tibi habere eam*: julgando o prudente Padre, que huma alma calejada no peccado, & insensivel nos

avizos (qual S. Paulo pintava aos que tinham a consciencia cauterizada) a medicina mais violenta, fica sendo a mais proveitosa; porque (como disse o outro sábio, a) as feridas que entram já muy arreigadas nas entranhas, nam se melhõram com remedios leves, hẽ necessario applicarlhes o ferro, & atiffarlhes o fogo.

4 Assim aconteceo no caso que himos contando, arrombou a constante, & zelosa importunaçam do Padre Nobrega aquelle peito, a quem a resistencia do mau costume fazia inexpugnavel; rendeo-se finalmente este forte competidor da sensualidade, deixou o campo, & largou as armas; feito já de cera, pera seguir os conselhos do Padre; que se a importunaçam (como Christo Senhor nosso diz por S. Lucas) pôde fazer cõ hũ escãço que se anime a dar esmola, tambẽ poderã fazer cõ hũ peccador, que queira emmendar a vida. Cõ tal resoluçam tratou este homem de sua alma, que d'ali por diante foy hum raro exemplo de honestidade, & hum exemplar espelho de toda a virtude: & agradecendo perpetuamente ao Padre a grande constancia, & sancta perseguiçam, com que o buscara, lhe aconselhava, que nunca afrouxasse em semelhantes emprezas, que pois seus re-

Ad Tim. c. 4. n. 2. Cauteiata habentium conscientiam.

d. Claud. lib. 2. in Eutrop. Vlcera possesit atq; suffusa medullis. Non leviori manu, ferro sanatur & igne.

Como final
mente con-
verteo este
peccador.

e. Luc. c. 11. n. 8. Propter improbitatem tamen eius surget, & dabit illi.

a. Tim. c. 4. Insta oportune, impor-
targue, ob-
increpa.

b. c. 6. n. 18

Anno de
Christo de
1547.

344

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cōpanha
8.

petidos, & porfiados combates
o conquistaram; nam haveria
no mundo outro rochedo tam
endurecido, que a tam animo-
o, & perseverante zelo, se nam
abrandasse. Outro caso seme-
lhante a este lhe aconteceo ao
Padre Manoel de Nobrega, que
veremos no livro seguinte.

*Como foy
recebido
na villa do
Sabugal.*

5 Concluindo cō a Goar-
da, se passou o Padre Manoel
de Nobrega á villa do Sabugal,
& neste tempo hia já descálço,
porque como caminhava sem-
pre a pè, se lhe gastara o calça-
do, que trouxera do Collegio
de Coimbra; entrou por esta
terra mendigando pelas portas,
conforme seu sancto costume:
achouse actualmente naquella
villa o seu commendador Dom
Duarte de Castello Branco, que
tinha sido pagem da campai-
nha del Rey Dom Ioam o III.
& foy meirinho mór d'estes
Reynos, & depois foy Conde
do mesmo Sabugal, veador da
fazenda, do concelho d'estado,
& governador do Reyno, pessoa
bem conhecida por suas grãdes
qualidades, de sangue, por sua
prudencia, & governo; o qual,
tendo noticia do religioso, &
sancto procedimento do Padre
Manoel de Nobrega, & da po-
breza com que passava no tra-
to, & no prato, merecendo tan-
to, pelo muito fructo, que fazia
na terra; tratou, com grandes
véras, de o ter por hospede na

sua casa, & na sua mesa; porém
o Padre recusou com valente
resoluçam, nam querendo tro-
car a casa pobre, que tinha no
hospital, pelo aposento magnifico
q̃ lhe offerencia o Cômédador:
notavel foy a traça, que o Padre
tomou pera fugir destes rōgos,
& importunaçoens, que o mei-
rinho mór lhe fazia; porque
quando entendia que o haviam
de vir demandar, se hia dissimu-
lado esconder em hum mato a-
li visinho; que parece já nelle
premeditava as selvas bravias, &
matos maninhos do Brasil, nos
quaes tam largamente discor-
reo, como adiante veremos: po-
rém (porque a charidade deste
illustre fidalgo, era muito en-
genhosa) advertio a seus cria-
dos, que lhe fossem no alcance
do Padre, pera verem aonde se
escondia, quando acabava de
prégar: fizeram os criados o que
seu amo lhes mandava, & batê-
do as moutas, com toda a dili-
gencia, foram dar com a preza
que buscavam, no meyo de hũ
sylvado, do qual quasi á força o
arrancaram: foy se em fim com
elles a casa de D. Duarte, & por-
que á volta da muita virtude
lhe nam faltava cortesia, reco-
nhecẽo agradecido o animo
tam liberal; & finalmente
vieram em concerto com este
partido, que o Padre ficaria no
hospital, porém q̃ por conta do
Cômédador correria o comer,

como

como d'ali por diante se execu-
tou, com nam menor sentimen-
to do Padre, que demonstraçam
da grandeza do Commenda-
dor.

6. Estas honras, & tam bos
gafalhados do meirinho mór,
folgou o Padre muito de nam
achar em outras partes, & em
particular lhe faltaram na vil-
la de Covilhã, aonde chegou
cançado do caminho, & mole-
stado da fome; com tudo, por-
que veyo ainda a hora em que
podia prègar, entrando em hu-
ma Igreja; pera o fazer, pediu
licença ao Cura, que lha deo de
melhor vôtade do que a esmo-
la; sôbe o Padre ao pulpito; &
& como era de natural coleri-
co, & algum tâto gago, foy tam
mal ouvido dos presentes, que
se foram alguns sahindo da I-
greja poucos a poucos, zombân-
do da prègaçam; & rindo do
prègador. Nam desmayou por
isso o zeloso Padre; antes per-
suadio ao Cura, que convidasse
o povo; pera tornar a tardê a
ouvir lhe outro sermão; fello o
Cura, mostrando porém a pou-
ca satisfação do prègador, dis-
se, que quem quizesse, podia vir
depois de jantar ouvir aquelle
clerigo gago, posto que nam sa-
bia de quê proveito podia ser
aquella prègaçam; que com es-
tas liberdades se explicam às
vezes os Padres Curas, quando
se acham devagar, nas suas esta-

çoens; aceitou o pobre prèga-
dor, com religiosa confiança, o
rustico remoque do Padre Cu-
ra; volta á Igreja pela tarde; e, ou
fosse por curiosidade, ou por di-
vina inspiraçam, foy grãdissimo
o concurso da gente: o certo he
que foy notavel a força do es-
pirito, com que o Padre entam
se declarou, & admiravel o su-
cesso da prègaçam, por virtude
d'aquelle Senhor, o qual pode
(como diz a Sabedoria,) abrir as
bocas aos mudos, & fazer elo-
quentes as lingoas dos miú-
nos: & na verdade, aquelle he o
melhor prègador, em quem he
mayor o espirito; porque este
largamente supre, com virtude
divina, as faltas da eloquencia
humana. Voltaram os ouvintes
pera suas casas, compungidos cõ
os brados do prègador, batendo
nos peitos, com pezar de seus
peccados (como succedeo ao Cē-
turiã, & a muitos dos ouvin-
tes, que com elle estavam na-
quelle ultimo sermão, q̃ Chri-
sto, fez na cruz, quando espi-
rou, bradando) todos ellès vi-
nham dizendo: Vos passais pe-
lo gago, como elle se explicou?
Correspondéo bem o fruto do
auditorio ao successo do ser-
mão; houve notavel reforma-
çam de costumes, grande con-
curso ás confissoens, & muitas
restituiçoens do alheo, conti-
nuandó o Padre com seus ser-
moens; desterrando vicios, con-

vertendo

Sap. c. 10. n. 2.
Sapientia aper-
uit os muros,
& linguas in-
fantum fecit
disertas.

b
Luc. c. 23. n.
49. Percussit
pectora sua re-
vertentibus.

Anno de
Christo de
1547.

346

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cipanh
8.

vertendo peccadores, & me-
tendo medo ao mesmo infer-
no.

CAPITULO XXVI.

*Apontamse alguns casos mais
notaveis, que succederam ne-
sta missam ao Padre Ma-
noel de Nobrega: vay a Ro-
ma o Padre Bertholamèo Fer-
rã, por cujo meyo entrou na
Companhia o Padre Fran-
cisco Rodrigues, que
foy grande ser-
vo do Se-
nhor.*

NEsta missam suce-
deo ao Padre Ma-
noel de Nobrega,
que entrando em huma Igreja,
achou nella huma vanissima, &
descomposta folia, que com mu-
ficas mal soantes, & com bailos
inhonestos, profanavam lugar
tam sagrado: nam lhe pareceo
rezam deixalos sem os reprender
da barbara irreverencia, cõ
que se haviam no templo de
Deos. Fez o Padre o que devia
a seu zelo, & à grande descom-
postura dos folgadores; mas el-
les com brãdos, & impertinen-
tes acçoens, nam deram lugar
ao respeito, que tam sancto avi-

fo merecia. Entre elles, hum dos
mais defenfadados da festa, &
que se mostrou mais enfadado
do aviso, começou a blasfemar
contra a propria divindade.
Horrendo atrevimento, dignis-
simo de rigoroso castigo. Sentio
o servo de Deos tam insolente
loucura; & pera divertir o bra-
ço da divina justiça, se ajoelhou,
pedindo a Deos com lagrimas,
que nam ouvisse tam blasfemas,
& impias doudices. Porém tal
vez nam quer Deos ouvir a seus
sanctos, quando he necessario
castigar a peccadores; como a-
qui bem se experimentou na
terrivel execuçam do divino ri-
gor, porque sahindo o blasfemo
folgador da distrahida, & descõ-
posta galhofa, & sobindo em
hum cavallo, subitamente se ar-
mour huma grande tempestade,
revolveramse os ares em huma
confusa, & medonha cerraçam;
assoviavam impetuosos ventos,
fuzilavam rayos temerosos, ge-
miam os ares com trovões hor-
rendos; a agoa, & pedra em con-
tinuo diluvio, com tanto hor-
ror, com tal tumulto, & pertur-
baçam dos elementos, & com
tam espantosa escuridã, que
qualquer cuidava de sy, que
nam podiam tam confusos mo-
vimentos trazer consigo menos
que as timidias vespèras do tre-
mendo dia do final juizo: entre
tam espezas trevas, se vio fuzi-
lar hum rayo, & vir caminho

Castigo
Deos deu
hum pe-
cador.

direito

direito ao blasfemo (que assim dizia o Spiritu Sancto, que haviam de cair os rayos pera demandar, & acertar em peccadores errados: ^a *Ibūt directē immis- siones fulgurum, & in certum locum insi- lient*) veyo este a tomar contra aquelle desbocado, da liberdade de suas musicas, & da temeridade de suas blasfemias, & ficou logo com o rayo abrazado, sem tocar em nenhum dos cõpanheiros; começando com as penas do inferno, ainda estando vivo na terra; pera que entendam os atrevidos em dizer blasfemias, que nam ham de faltar rayos do cẽo pera os castigar. Resultou deste caso tam raro huma grande opiniam, & credito do zelo, & pręgaçam do Padre Manoel de Nobrega, a quem d'ali por diante aceitavam, com grande reverencia, quaesquer avisos em materia de espirito, julgando que tinha a Deos por sy, nam menos pera autorizar suas pręgaçoens, que pera castigar aos rebeldes a seus avisos.

que lhe cedẽo cõ- ia ende- oninha- 1.

2 Havia na terra huma mulher muy conhecida por atormentada do demonio, o qual se foy fazendo tam familiar seu, que lhe entrava no corpo, & lhe falava á orelha, & lhe dizia cousas admiraveis, com que espantava ao povo, & assombrava a miserável: falou o Padre Nobrega com ella, persuadiu a fa-

zer huma confissam geral; & depois a avisou, que se queria verse livre de semelhantes assombramentos, fugisse, com muito recato de dar mais ouvidos ao diabo; & que remedio terey, meu Padre, diz a pobre molher, pera lhe nam dar ouvidos, se elle me tornar a importunar? Se vos quizer algũa cousa (lhe disse o Padre, chẽo de celestial confiança) dizeilhe, que venha ter comigo, porque eu cá me entenderey com elle. Foy este remedio de tanto terror, & espanto pera aquelle espirito perturbador da paz, que tomou por melhor partido antes deixar a morada tam antiga, que haver de ser remetido ao Padre Nobrega; que o diabo foge da cruz, & há medo de gente sancta.

3 Em outra villa, pera onde o Padre se passou, tendo elle por vezẽs pręgado contra os peccados publicos, por haver muitos, & muy escandalosos na terra, & nam vendo emmenda nos vicios, nem proveito de seus brados, se desfazia o servyo do Senhor em zelo, & sentimento de ver Deos tam gravemente offendido, & tanto sem nenhum pejo aggravado. A imitação do Propheta, Rey, que quando via quebrantar-se a ley divina, dizia a Deos, que era tempo de fazer justiça: & como lemos do Propheta zelador, que

Como prę-
gava cõtra
peccadores
publicos.

b
Pf. 118. n. 126.
Tempus faciẽ-
di Domine dis-
spaverunt legẽ
tuam.

Anno de
Christo de
1547.

348

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

pedia a Deos fogo do céo pera abraçar peccadores endurecidos ; com este mesmo espirito bradava algumas vezes no pulpito o Padre Manoel de Nobrega , justiça de Deos contra os que vivem em peccado publico , & se nam querem tirardelle; acrescentava mais, que se nam visse emenda , sem saltahiria a casa de cada hum, & sobindo pela escada, diria a grandes brâdos , justiça de Deos sobre fulano. Foy esta ameaça de grande proveito, porque alguns arreceando, que este grande zelador da honra de Deos melhor executasse por obra o que prometia por palavra, emendaram as vidas; que os homens muitas vezes deixam de peccar mais por temerem ameassas rigorosas , que por respeitarem conselhos brandos. Recolheose finalmente o Padre pera Coimbra, muy faudofo da sua missam, mas ainda o veremos nas muy estendidas terras do Brasil, aonde lhe nam faltará nem almas que converter , nem trabalhos, que padecer.

4 Nam se contentavam aquelles nossos primeiros Padres com tratar do bem das almas, dentro dos limites do Reyno de Portugal , buscavamno tanto ao longé , que alguns fizeram peregrinaçoens a Roma: só a fim de acharê a cruz mais penosa, & os trabalhos mais re-

dosos ; seguindo o exemplo de nosso glorioso Patriarcha Ignacio, na sua comprida peregrinação a Ierusalê, a cuja imitação caminhavã quãto podiã a pé pedindo esmola: foy entre estes o P. Bertholameo Ferram, pessoa de grande religiam, & espirito, natural da villa de Castelló branco, pera cuja abonaçam nos basta dizer , que contentou tanto a nosso Padre S. Ignacio , que o fez seu ministro da casa professa de Roma, officio que depois teve o Padre Luis Gonçalves da Camara; & pela grande opinião, que tinha de seu talento, & confiança de sua pessoa, o fez seu immediato secretario, officio que tinha fiado de S. Francisco de Xavier , & depois do Padre Ioã Polanco (por cuja mam, & pena o sancto Padre crevêo à insigne, & admiravel carta da obediencia) o qual foy pessoa tam grave, que chegou a ter oito votos pera ser Preposito gèral de toda a Companhia. Morrêo o Padre Bertholameo Ferram em Roma, foy o achâque de sua morte hum febre ethica, que lhe sobreveyo , causada dos continuados trabalhos, por nam faltar às provincias na correspondencia de seus negocios , & pera acodir com charidade aos sogetos de casa, & officios della. Eram tam perennes os jubilos , & faudades que tinha da gloria , & tam efficazes

Anno
Cophan
8.

P. Bertholameo Ferram
Roma.

os desejos que tinha de morrer, que chegou a entrar em escrupulo, & mandou pedir licença ao sancto Patriarcha, pera lhe serem licitos estes suspiros pela morte tam desejada, porque como tam filho da obediencia, queria que assim como viveo obedecendo, assim tambem obedecesse morrendo. Visitou o por vezes sancto Ignacio nesta doença, a fim de o consolar, que não podia deixar de causar grande devaçam a visita de tal medico, em tal occasiã; & por ultima despedida, lhe lançou sua bençam, com a qual finalmente foy gozar do bem, que tanto desejava. Delle se conta na historia geral da Companhia, que era tam singular a resignaçam, que tinha nas mãos da sancta obediencia, que nunca nosso glorioso Patriarcha Ignacio pode entender d'elle a que estado, ou occupaçam se sentia mais inclinado.

5 Entre outras obrigações, que temos à boa memoria do Padre Bertholaméo Ferrãm, he huma, que por seu meyo nos trouxe Deos à Companhia o Padre Francisco Rodríguez, o qual entre nós foy pessoa de grande importancia. Tinha estudado em Coimbra, aonde teve conhecimento do instituto da

Companhia, & d'ali se passou a Salamanca, sendo em ambas aquellas Vniversidades insigne professor dos sagrados Canones; aqui se encontrou com o Padre Bertholaméo Ferrãm, que hia peregrinando a Roma; & movido de suas praticas, & muito mais de seu exemplo, se resolveo a deixar o mundo, & a entrar na Companhia. Tinha porém hum grande impedimento, porque era aleijado de ambos os pés, & por isso, ou andava em pés alheos, ou sustentado em duas molletas. Vemse com tudo a Coimbra, entra a falar ao Padre mestre Simam, encostado em as suas molletas, pedelhe, que o admitta na Companhia, aonde finalmente foy recebido. Mas não sey se me espanté mais do aleijado, que com tal confiança vinha pedir a Religiam, se do prelado, que com tal impedimento nella o recebeo? Porém não havemos de querer julgar as cousas divinas conforme ao conselho dos homens: previo logo o Padre mestre Simam, como quem tinha grande difficiçam de espiritos, que o que faltava aquelle pretendente nos pés, lhe sobejava com abundancia na cabeça: vio tambem as grandes partes, & raros talentos de sci-

Como foy
recebido o
P. Frãcis-
co Rodrí-
gues.

Ann o de
Christo de
1547.

Grâdes ta
lêtos do P.
Francisco
Rodrigues

350

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

encia, prudencia, & habili-
dade, com que a graça liberal
supria bem o defeito da nature-
za escaça, como o tempo adian-
te nos ensinou; porque este foy
aquelle grande servo de Deos,
(a quem na India chamavam o
manquinho) hum dos mais im-
portantes fogeitos, que deo es-
ta provincia, em letras, & em
exemplo; o qual nam tendo
pés pera poder andar por terra,
teve animo pera navegar pelos
mâres: a quem parece que ser-
viram as moletas peizadas, de
azas ligeiras, com que voou ao
Oriente, no qual doutrinou a
muitos com sua sabidoria, con-
vertéo com seu zelo, allumiou
com seus sermoens, governou
com sua prudencia, & final-
mente espantou, com seus mui-
tos, & raros talentos. Agora
o deixemos sobre suas moletas,
continuando em o noviciado
de Coimbra, tempo nos virá
adiante nesta historia, em que
por vezes falaremos nelle, & o
veremos em huma não da In-
dia, & nella o seguiremos
até desembarcar em
Goa.



CAPITVLO XXVII.

*Da occasiã, que houve pera
birem os nossos religiosos em
missã a Congo; dáse hu-
ma breve noticia
deste Rey-
no.*

D Etivemonos nos ca-
pitulos anteceden-
tes, em falar nas
missoens dos nossos Padres em
Portugal, agora tambem fa-
laremos em outra, que fize-
ram a Guinè, acodindo neste
anno á conversã dos gen-
tios no Reyno de Congo, pel-
la occasiã, que logo direi;
descrevendo primeiro brevissi-
mamente aquelle Reyno. Ef-
tam, as terras de Congo na
Ethiopia inferior, junto do grã-
de rio, que os Portugueses, em
o principio de seus descobre-
mentos, chamáram rio do Pa-
drã, por causa de hum fer-
moso padrã, que o capitam
Diogo Cam, cavalleiro da ca-
sa delRey, no anno de 1484.
junto a este rio, levantou com
o escudo das sanctas, & reaes
quinas de Portugal, pondolhe
em cima no topo d'elle huma
cruz de pedra, embutida no
mesmo padrã com chumbo.

agora

Ann
Cipar.
8.

a
Vide Joar
Barros na
meira De
lib. 3. c. 1.

Rio do Pa-
drã.

agora lhe chamam tambem, rio de Congo; o seu nome, entre os naturaes he Zayre, que em sua lingua quer dizer rio espantoso, que na verdade lhe quadra bem o nome, pelo pezo das agoas, que leva; pela fermosa bahia, & pela grande boca, por onde se lança ao Oceano.

de ala
junto
Reyno
Congo.

2 He o Reyno de Congo grande, & povoado de muita gente, toda muy negra, com seu cabello revolto: junto delie está hum largo, & profundo lago, mais notavel por sy, que celebrado por escriptores: os modernos lhe chamam Zêbre: nelle hã tantas ilhas, & de tam notavel povoação, que dellas se tiram, quando sam necessarios, trinta mil homens de peleja, a que chamam Motèques. Tem este vastissimo lago duzentas legoas em roda, & nelle tem seu principio dous rios muy caudalosos. Primeiramente (conforme as informações que temos) pera a bãda do Norte sahe hũ fermosissimo rio, a que os escriptores,^b em seus livros, & os geographos em seus mappas, ordinariamente chamam Nilo, imaginando que nesta vastissima lagoa tẽ seu nascimento, q̃ os Gregos, & os Romanos tiveram por muy occulto, & mysterioso; resolvendose, depois de grãdes pesquisas, que era segredo encuberto aos mortaes, descobrir a primeira fonte,

b
heat or
ve Atlan.
it, 2.
r. de Lã
n suo ty-

o Nilo
nace
a ala-

na qual nacera este, q̃ julgavam por nã menos sagrado, q̃ ecuberto Rey das agoas, como se a natureza (que assi o disse o Autor das guerras Pharsalicas) nam permitisse, q̃ visse os homẽs em seu berço nacendo pequeno, & com poucas forças, o mais famoso, & mais fecundo rio do universo: querẽdo, q̃ as gentes se admirassem pelo ter escondido, & que nam o desprezassem se o vissem pequeno.

3 Porẽm os Portugueses, & os nossos Padres da Companhia, que passearam todo o imperio de Ethiopia superior (que chamamos Preste Ioam) nos mostraram claramẽte, que nam nace o Nilo nesta lagoa Zembre, & que erram os autores, que aqui lhe dam seu principio; & tambem desfengaram ao mundo, que nam era este mysterio do nacimiento do rio Nilo tam encuberto, como os antigos imaginaram; porque descobriram a origem deste grande rio em o Preste Ioam, bebendo em sua primeira fonte, & vendo os maiores segredos de sua infancia, em os confins dos Reynos de Goyama, & Gamore; chegando a ver cõ seus olhos o q̃ nam pode alcançar Alexãdre Magno, por mais q̃ o desejou, & pretẽdẽo; nẽ Julio Cesar, por mais diligências, q̃ fez entre os sãbios do imperio Egyptano, mostrando disto tam

Lucan lib. 10.
Non sicut populi parvum
Nile videre,
A movique sinus, & gentes
maluit ortus
Mirari quam
nosse tuos.

O rio Nilo
nace no
Preste Ioam.

d
Lucan lib. 10.
Spes sit mihi
certa videndi
Niliacos fontes,
belli Civile re
pinqum &c.

*Rio Zayre
quam grã
de, & quã
furioso se-
ja.*

*Vide Maffium
lib. 1. hist. Ind.
prope princi-
pium.*

*Vide thear. or-
tis, five Atlan.
nov. par. 2. in
tab. Aethiop.
infer.*

grande vontade, que dizia, que largaria as esperanças, que tinha em Roma, por descobrir em o Nilo a sua fôte; como se julgasse, q̃ ficava bẽ recõpẽsado o appetite de possuir a grandeza do imperio, com a curiosidade de descobrir a origem do Nilo.

4 O segundo rio he o Zayre (a quẽ os Portugueses, como já dissemos, chamã rio do Padrã) o qual sahe pera a parte occidẽtal, tam furioso, & tam pujante em suas enchẽtes, tam poderoso em agoas, & tã soberbo em sua corrẽte, q̃ entra no mar pela parte occidẽtal, abrindo caminho largo, & rõpendo estrada frãca (a pezar do mesmõ Oceãno) cõ tãta força, & cõ tal valẽtia, que por espaço de vinte *legoas cõserva suas agoas doces muy unidas, sem se dẽixar rõper, & assaltear das salgadas, q̃ por todas as partes o vam cercando, como se pretẽdesse este famoso rio provar forças, em esquadram fechado, cõ o mesmo mar oceãno, & negarlhe elle sò o tributo, q̃ pacificamente lhe pagam todos os mais rios do mundo. Outro rio tambem muy notavel sahe de outro lago menor que o Zembre, que està mais pera a parte meridional, ao qual alguns geographos ^f modernos chamam Zambere, que nam he de menor admiraçam: começa elle a sahir logo muy caudaloso pera a banda do Orien-

te, & dividindole por duas partes; vay lançar, como outro Rheno, por duas bocas suas agoas no mar; & estendendo dous grandes braços pera o meyo dia, abraça, & recolhe em sy a terra a que chamamos Monomotapa, de tal vastidam, & capacidade, que conta em redondo setecentas legoas, & se pòde chamar Mesopotamia de Africa, como os antigos chamãram à terra, que fica entre aquelles dous tam celebrados rios Tigres, & Eufrates: por onde entendemos (conforme a esta geographia, que a alguns parecerã nova) ser bem fundada a opiniã dos que tiveram pera si, que o grande, & espantoso cabo de boa esperança, além dos dous lados, que tem cercados do mar oceãno, pera a parte do occidente, & pera a parte do Oriente, tem outro lado pela parte do Norte, todo cortado das copiosissimas agoas destes vastissimos lagos, que o vam cercando de mar a mar, & assim fica este cabo feito ilha, cercado de todas as bandas de agoas, parte salgadas, parte doces, que assim parece quiz a natureza por alguma via adoçar os amargózes deste cabo tormentoso, que tambem por isso o chamãram, Cabo de boa esperança.

5 Está o Reyno de Congo na costa de Africa occidental,

lançado

lançado desda linha equinoccial pera o meyo dia, & alargãdofe muito pela terra dentro; porque ficando Africa estendida da parte do Norte até o cabo de boa esperança (que he o seu ultimo termo) se contam setenta grãos, havendo do estreito de Gibraltar, aonde Africa começa, quasi trinta & cinco graos até a linha equinoccial; & dahi correndo outros tantos até o cabo de boa esperança, fica o coraçam, & o meyo da Africa debaixo da linha equinnocial, & da Zona torrida, a qual os antigos, erradamente julgavam por inhabitavel, por causa do immenso calor do sol, que com a visinhança de seus abrazados rayos, cuidavam que totalmente queimava as gentes, & torrava as terras, que ficam entre os dous tropicos, debaixo d'esta Zona; porém aos Portugueses deve o mundo todo o conhecimento, que teve assim d'estes mares, como d'estas vastissimas regioens, as quaes sam habitadas de grande multidam de gētes, tam diversas nos costumes, como confinantes nas cores; porque todos, ou mais, ou menos (conforme trazem os couros da carne requêimados) vestem de negro. Por maneira, que os Portugueses, de hum certo modo, acrescentaram o mundo, & o fizeram mayor do que os homēs imaginavam em seus

errados, & apertados conceitos; porque, que importava ser o mundo grande, se este estava escondido, como tambem serve de pouco o diamante enterrado, ainda que valha muito. Pōsto que nossos trabalhos em parte foram como os das abelhas, as quaes fazem o mel, & outros lho comem; porque hoje os Olandezes sam senhores destas conquistas; & se em Pinda, que he a principal escala, fizermos huma praça de armas, seremos senhores de hum novo mundo, que vay correndo pōr aquelle rio Zaire affima, de huma, & outra parte, aonde há muitos Reynos, cheyos de muitas drogas, com que poderiamos enriquecernos a nōs, & fazer guerra a nossos inimigos.

6 Aqui pois neste coraçam da Africa, debaixo da Zona torrida, & nesta parte da costa occidental de Africa, na Ethiopia inferior, fica o Reyno de Congo, ou Manicongo, confinante com outro grande Reyno, chamado Loango, de muita frescura de laranjeiras, & frutas de espinho, como as nossas, & outras muitas arvores; habitado de gente menos safara que os de Congo, aonde hoje os Olandezes rem muitas feitorias, & he grandissimo o proveito, que delle tiram, de marfim, cobre, & outros resgates. Segue-se logo o Reyno chamado Cacongo, que

Reynos, q
ficam jūto
a Congo.

Anno de
Christo de
1547.

354

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cipanh
8.

he a mãy do cobre, & de outros metaes de muita estima.

7 Os costumes destas gētes de Cōgo, sam jã tã sabidos dos nossos Portugueſes, & tambem cõtados pelos nossos historiadores, que tenho por couſa eſcuſada referilos; ſó tocarei o que a mim me pertence, q̃he apõtar a rezãm, que houve, pẽra elRey Dom Ioam ordenar eſte anno ao Padre meſtre Simam, que mandãſſe algũs dos nossos acudir à converſãm d'aquella gentilidade. Porque depois de ficar deſcuberto eſte Reyno por Diogo Cam, no anno de 1484. logo no anno de 1491. ſe bautizou o meſmo Rey de Congo, & o Principe herdeiro, filho ſeu, que houve por nome Dom Affonſo, por respeito do Principe de Portugal Dom Affonſo, filho delRey Dom Ioam o ſegundo, em cujo tempo forãm eſtes ſuceſſos; por eſta meſma cauſa o Rey de Congo ſe chamou Dom Ioam, & a Rainha tambem ſe quiz honrar com o nome de Dona Leonor, em memoria da ſereniſſima Rainhã de Portugal, que aſſi ſe chamava.

8 Nam carece de myſterio, que no meſmo anno de 1491. em que ſe fez o primeiro bautiſmo, de hum Rey tam poderoso neſta coſta de Aſſica, & ſe edificou a primeira Igreja de pedra, & cal, no meyo d'aquella idolatria, naceſſe noſſo

bemaventurado Padre S. Ignacio; querendo, parece, o Senhor (que occultamente cauſa eſtas maravilhoſas confrontaçõens) festejar, com eſte bautiſmo, o nacimiento de tam ſancto varãm, fundador de hũa religiam, ordenada pera a converſãm da gentilidade. Foy cõtinuando neſte Reyno o conhecimento da fẽ de Chriſto, com varios ſuceſſos, aſſim no eſpiritual, como no temporal, deſdo tempo delRey Dom Ioam o ſegundo, em que ſe bautizou o primeiro Rey, atẽ o tempo delRey Dom Ioam o terceiro, trabalhando neſta chriſtandade, com muito zelo, os religiosos da ſagrada ordem do bemaventurado Padre Sam Domingos, & tambem os muy veneraveis Padres, chamados neſte Reyno de S. Eloy.

9 O Rey, que no tempo, de q̃ himos ſalando neſta Chronica, governava em Congo, ſe chamava Dom Diogo; & porque havia varias diſcordias entre elle, & o Biſpo Dom Ioam Bautiſta (que era peſſoa de muita virtude, & nam podia deixar de eſtranhãr, quanto aquella barbara chriſtandade gentilizava) mandou a Liſboa, por teu embaixador, hum Sacerdote Portugueſ, por nome Diogo Gomes, a dar cõta a elRey Dõ Ioam do que paſſava acerca das differenças, que tinha com o Biſpo, & do muito que neceſſi

Manda
Rey de C
go pedin
pregado
res a elR
D. Ioam

O Rey de
Congo foy
bautizado
no anno e
q̃ naceo S.
Ignacio.

tava

tava aquelle Reyno, que sua Alteza lhe acodisse com algum socorro espirital, como fizeram os Reys seus antecessores. Poz elRey em conselho a petiçam, que o sacerdote lhe trazia, vio bem a grande falta, que naquella nova Igreja havia de quem a doutrinaſse, & lhe ensinasse o caminho da salvaçam; & assentou, que convinha ao serviço de Deos, & ao seu, mandar àquelle Reyno em missã alguns religiosos da nossa Companhia: pera este effeito encomendou ao Padre mestre Simam, q̃ fizesse aprestar quatro: & logo o Padre (que nenhuma cousa mais desejava, que haver muitas occasioens semelhantes) escrevêo a Coimbra ao Padre Luis Gõçalves, que lhe mandasse quatro religiosos do numero de varios, que lhe apontava, pera aquella gloriosa missã de Congo, em Guiné.

CAPITULO XXVIII.

Do grande fervor, que houve no Collegio de Coimbra, pera a missã de Congo: de como partíram quatro, com huma carta delRey Dom Ioã, & como foram bem recebidos por elRey de Congo.

1 **T**anto que o Padre Reytor Luis Gõçalves recebêo a carta do Padre mestre Simam, fez ajuntar toda a comunidade, & lhes declarou a ordem, que tinha, pera avisar quatro dos presentes, tres sacerdotes, & hum irmam, que se haviam de partir logo pera Guiné. Foram notaveis os sanctos effeitos, que houve no auditorio, com os quaes bem declararam quaes eram os desejos, que havia naquelles fervorosos animos, nam sô da missã do Reyno de Congo, mas da conversã do mundo todo: com notavel alvoroço, & espirital alegria, começaram todos a cercar ao Padre Reytor de joelhos, & com as mãos levantadas, pedindolhe, cada hum delles, com grande fervor, & efficacia, quizesse sua Reverencia nomealo, pera que lhe coubesse tam ditosa sorte; aos rogos ajuntavam lagrimas, entrepondo, em rezã de alcançarem o que tão to desejavam, nam seus merecimentos proprios, porque destes pouco fiavam, mas os de Christo Senhor nosso, em sua sagrada paixam, nos quaes melhor li. bravam estes fervorosos desejos.

2 Entre todos foy notavel o fervor do irmam D. Leã Hêriques, de quem falamos nos cap. 12. & 13. nam cabendo nelle o impeto do grande espirito, que

*Grãdes de
sejos, q̃ teve
o P. Leã
Henriques
de hir a
Congo.*

Anno de
Christo de
1547.

356

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

o movia, rompeo por todos os irmãos, & se lançou aos pés do Padre Reytor Luis Gonçalves, pedindolhe com lagrimas, que a honra da paixam de nosso Redemptor, o nomeasse pera aquella missam, no lugar do irmam, que havia de acompanhar os tres sacerdotes. Notaveis eram as rezoens, que dava pera sahir despachado neste seu sancto requerimento, todas nacidas de seu grande zelo, & religiosa humildade; entre as outras particularmente allegava sua pequena estatura, que nam era pera apparecer nestas partes de Europa, porém que este defeito lhe nam podia prejudicar em Guiné, & que quando nam prestasse pera outra cousa, poderia occuparse em servir os Padres, que fossem eleitos pera aquella missam. Estas, & outras rezoens, nacidas de huma vontade entrégue ao serviço de Deos, & ao bem das almas, se representavam com tal affecto, que nam sò edificaram, & consolaram muito ao Padre Luis Gonçalves da Camara (seu Reytor, & seu primo) mas tambem tratou de dar hum meyo, com que por huma parte desferisse a tam fervorosa instancia; & por outra fizesse conforme a obediencia lhe ordenava, por que ainda que o Padre mestre Simam lhe nam exclnia expressamente ao irmam Leão Henriques,

com tudo lhe apontava huns poucos dos quaes poderia escolher quatro, & assim foy o meyo, que pera a jornada de Congo mandou tres Padres, dos que vinham nomeados, convenia a saber, o Padre Iorge Vaz, que hia por superior da missam, os Padres Christovam Ribeiro, & Iacome Dias, & o irmam Diogo do Soveral; & avisou ao Irmam Leão Henriques, pera que viesse com os quatro escolhidos a Lisboa, offercerse ao Padre mestre Simam, o qual daria a sentença definitiva no caso, q quanto da sua parte elle lhe dava liberal licença, por nam resistir a tam louvavel instancia. Mal se poderá explicar cō breves palavras, o jubilo, & alvoroço, com que o Irmam Leão Henriques festejou este bom principio do despacho de sua pertença.

3 Chegaram os missionarios a Lisboa, aonde foram muy bem recebidos do Padre mestre Simam, & ao Irmam Leão Henriques agradeceo a vótade, mas nam lhe a ceitou a obra, julgando por boas rezoens, que nam convinha mandalo a Guiné, por que parece que já em espirito previa, como pay que era desta provincia, quam necessario havia de ser nella o Padre Leão Henriques; o qual ficando com o sentimento de nam hir a Congo, ficou com o merecimento

de

Anno
Cpanhia
8.

Nomes a
quatro r
ligiosos,
foram
Congo.

Nam qui
o P. M. Si
mam, qu
fosse a Cō
go o P. Le
am Henri
ques.

desobedecer a seu prelado. Porém como era tam sincera esta sua vontade, & tam entranhaveis estes seus desejos, toda a vida suspirou pela missã de Guiné. Os quatro, que lhe levaram a bençam, por elle tam pretendida, & nam alcançada, se embarcaram em companhia do embaixador do Rey de Congo, & deram à vela em Setembro, deste anno de 1547. & com boa monsam, em breve tempo, tomaram a ilha de Sam Thomé (dõde he breve a passagem pera Congo) nella adoeçeram gravemente (que estas sam as primeiras drogas, que os estrangeiros recolhem nestas terras) d'ali, mal convalecidos, tornaram a continuar a viagem; & finalmente foram embocar pelo rio Zayre, chegando a Pinda, principal escala pera o Reyno de Congo.

no fora
ebidos.
elRey
Congo.

4 Tanto que o Rey Dom Diogo soube da vinda dos Padres, os mandou receber ao caminho, por dous d'aquelles senhores de seu Reyno, que os viéram tomar mais de sincoenta legoas fóra da corte, festejandoos por todo o caminho com baylos, & cantares a seu modo, & levandoos em cavallos feitiços, conforme ao costume da terra, que he huma machina rude, na forma seguinte: tomam hum páo de bastante grossura, de oito pès em com-

prido, sobre o qual poem hum couro de boy, ao modo de sèlla, sobre elle se assenta o cavalleiro; levam este páo dous negros aos hombros, hum diante, & outro detrás, hindo sempre alguns de refresco pera se revezarem, quando o caminho he comprido. Nesta forma chegaram á cidade do Salvador, donde o Rey com seus filhos, & toda a sua corte, sahiram a receber os Padres, até huma cruz fóra da cidade, com grandes demõstraçoens de amor, & bom gasalhado.

5 Os Padres lhe entregaram huma carta d'elRey de Portugal (que aqui quero por, pera que se veja o grande zelo, & christandade deste piedosissimo Princepe: diz ella assim: *Muito alto, & excellente Principe, & ir-
mam. Eu Dom Ioam, por graça de
Deos, Rey de Portugal, & dos Al-
garves, daquem, & d'alem mar, em
Africa, senhor de Guiné, & da con-
quista: &c. vos envio muito saudar,
como aquelle, que muito prezo, & a-
mo: pelo muito grande desejo, & zelo
da christandade de vossos vassallos, &
naturaes, de que tanto serviço se segue
a nosso Senhor, & tamanha honra a
vossa pessoa, & estado. Esculhi, entre
os Padres da Companhia de IESU,
Christovam Ribeiro, & Iacome Dias,
& Jorge Vaz, & o irnam Diogo
do Soveral, pera os enviar a elle, &
ajudarem ao Bispo Dom Ioam Bau-
tista, pessoas muy virtuosas, & de tal*

Carta, que
elRey Dom
Ioam es-
crevèdo ao
Rey de Co-
ngo.

doutri-

Anno de
Christo de
1547.

358

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cpanhia
8.

doutrina, & exemplo, que espero em
nosso Senhor, que nisso farão muito
fructo; pelo que vos rego muito, que se-
jam de vós recebidos, & tratados com
o di a benignidade, & em todas suas
ousas tam favorecidos como heredeiros;
& eis confio delles, & de suas virtu-
des, que servirão tam bem a nosso Se-
nhor, & a vós, nas cousas de seu officio,
& bem da christandade, que folgueis
vós muito de o fazer assim com elles,
& leveis grande gosto, & contenta-
mento. Rey muy excellente, Principe,
& irman; nosso Senhor haja sempre
vossa pessoa, & real estado em sua sã-
cta guarda. Escrita em Lisboa 9. de
Agosto de 1547.

6 Foy esta carta muy fe-
stejada por aquelle Rey de Cõ-
go: mandou logo agasalhar os
Padres, com toda a liberalida-
de, conforme ao uso da terra,
em casas palhaças, que assi sam
as que tem nas suas povoações.
Nam descançaram muito os Pa-
dres (porque nam hiam a Con-
go buscar descanso) logo trata-
ram de entender nos negocios
de sua missam. Foram dar obe-
diencia ao Bispo Dom Fr. Ioam
Bautista, religioso da sagrada or-
dem do glorioso Patriarcha S.
Domingos, que os recebeu com
grande benignidade, estimando
muito o novo socorro, que Deos
lhe mandava, pera acodir a suas
ovelhas. E pera melhor effeito
das cousas, que os Padres em-
prendiam, dividiram as occupa-
ções na forma, que possessem

Como os
Padres a-
codiram
ao bẽ de-
ses chris-
tãos.

cultivar, & instruir nas cou-
tas de sua salvação aos que já esta-
vam bautizados, & trazer à nos-
sa sancta fé aos que ainda esta-
vam cegos com a idolatria, a tu-
do acodiam os quatro religio-
sos, com grande zelo, sendo ne-
sta primeira entrada, em tudo
igoal o fructo; porque o Padre
Christovam Ribeiro em pou-
cos dias instruiu, & bautizou
muitos milhares de almas, nam
perdoando a trabalho nenhum,
correndo varias terras, atravê-
sando mattos, passando mares,
& vadeando muitos rios. O
mesmo succedè ao Padre Iorge
Vaz, com tam prospero suce-
so, que edificou tres Igrejas, à
honra do Senhor, cuja fé com
tanto fervor prégava, huma de-
dicada ao Salvador do mundo,
outra da invocação de nossa
Senhora d'Ajuda, a terceira à
Sam Ioam Bautista, acodindo
a tudo o Rey de Congo, com
grande vontade, & com grande
desejo de satisfazer ao que
tanto lhe encommenda-
va elRey de Por-
tugal.



Bõ suce-
desta m-
sam em
principi

CAPITULO XXIX.

*Do mais que succedéo nesta
missám; & de como o fim
nam respondéo a seus
bons princi-
pios.*

I N Em sempre os bõs principios sãm penhores certos de bons fins; & tal vez grandes aliceses, que parece demandavam edificios eternos (que pudessem vencer no tempo os seculos innumeraveis, & competir na altura com as estrellas do firmamento) ficam sepultados, nam menos debaixo do pezo da terra, que no pègo do esquecimento: que nam houve na terra obra mais bem principiada, nem que mostrasse haver de ser mais bem acabada, que a que merecéo o privilegio, & o nome de paraíso^a terreal, no qual Deos poz ao homem, pera o lograr. E com tudo sabemos de certo, que de toda esta fermosa machina (que por sua grãdeza, & magestade demandava huma eternidade de duraçam) perdéo o homem, em muy breve tempo, & quasi em seus mesmos principios; contentandose Deos com mostrar a Adam, que perdia em hum instante, por ser

peccador, o que poderia lograr sempre, se fosse justo.

2 Muy bem principiada esteve por vezes a christandade de Congo; navegavam desta vez os Padres com mar bonança, com vento em popa, basejado pelo Espirito sancto; porèm como era necessario prégarem cõtra os peccados publicos, assim como reprendiam os vicios no publico, enthesouravam odios no particular; queriam o Rey de Congo, & seus vassallos aceitar a fé, & o conhecimento de Deos, mas qneriam este Deos feito a seu modo; porque sendo Deos o que fez o homem no principio do mundo à sua imagem^b; hà homens que querem hoje fazer a Deos à sua vontade; como succedéo antigamente aos filhos de Israel, que enfadados já do Deos verdadeiro, tratavam de fazer divindades falsas; parecendolhes que hũ Deos feito por sua mam, lhes ficaria mais à mam, pera viverem a seu modo, & lhe consentir seus peccados.

3 Desta mesma maneira succedéo agora em Congo, aonde o Rey por huma parte mostrava vontade de ser christam, mas posto que tinha o nome, faltavamlhe muito as obras; né elle, nem muitos de seus vassallos queriam resistir á sensualidade; que entre elles era muy licenciosa, com o abominavel

*Rezám por
que estes
christãos
tornáram
atrás.*

b
Gen. i. n. 27.
Creavit Deus
hominē ad ima-
ginē, & simili-
tudinē suam.

c
Exo. c. 32. n. 8
Fecerunt sibi
virulū conflatū
lem, & adora-
verunt &c.

O Rey de
Congo era
o mais es-
candaloso.

2. ad Cor. c. 6.
n. 14. Quæ so-
cietas luci ad
tenebras? quæ
autem convēio
Christi ad Be-
lial.

uso de muitas mulheres, & com a continuação em suas feitiçarias; & como o Rey nestes particulares era o mais escandaloso, era também o que menos soffria ser emendado; & queria ajuntar com a pureza da ley de Christo as abominações dos erros gentílicos: porém (como dizia S. Paulo *) nem as trevas podem ter parentesco algum com a luz, nem a verdade de Christo com a mentira de Belial. Procediam dos avisos dos Padres grandes odios naquella gente barbara, contra seus pregadores; o odio gerava desactos, & d'estes nacião desgostos, & desavenças, nam sô contra os Padres, mas também contra todos os Portuguezes. Atizava o fogo o demonio, levantando grandes incendios de perseguições, que juntamente abraçassem os nossos, & de todo ponto secassem as raizes, que a fê catholica hia lançando em Congo. Já se atreviam a nam guardar respeito à Igreja, já desprezavam seus pregadores, & tratavam, com grande calor, de os lançar de suas terras.

De como
os Padres
quizeram
falar ao
Rey.

4. Vendó os Padres quam pouco respeitada era a christandade entre esta gente, que ainda se mostrava tam barbara nos maos costumes, quam impaciēte aos bons conselhos; trataram de falar ao Rey, pera ver se com boas palavras o podiam dobrar,

& emendar; vamse ao seu paço, aonde lhes nam déram tam facil entrada (que até estes barbaros sabem dificultar estas entradas, & se atrevem malquistar a seus Reys) esperâram os Padres por muito tempo à porta, & ali se puzeram ao modo dos seus negros requerentes, assentados no cham com muita continencia, em final da reverencia à pessoa real, segundo o uso da terra, & estiveram por muito espaço pretendendo audiencia, sem o Rey barbaro deferir a toda esta humildade, antes dizendolhe (o que parece representava seu porteiro mór) q havia muito que estavam ali os Padres pera lhe falar, respondeo de dentro muito alto (nam como serenissimo, que elle queria ser, mas como impaciētissimo, qual na verdade era) com brados desentoados; que se fossem, porque lhes nam queria falar. Tam levado estava da paixam brutal, que nam queria dar entrada aos Padres, que lhe pretendiam fechar a porta aos vicios; a que elle dava sala frãca em sua casa; & assim se recolhèram pera casa, soffrendo bem esta repulsa; & dando graças ao Senhor (como faziam os Apostolos^d) pelos fazer dignos de padecer aflições por seu sanctissimo nome.

5. Sentiram os idolatras feitiçeiros este roim animo no

deprado

d
A. A. e. s. n. n.
Ibant gaudē
à cōspectu c
cilijs, quoniam
digni habeb
sunt, pro no
ne Iesu, cont
meliam pati

no de
sio de
47.

o Rey
go co-
ou a
guir
Padres

o. 21.
erfeque-
in civi-
a fugite
n.

depravado Rey, & com artes diabolicas o atiffavam mais contra os servos do Senhor: chegou elle a ordenar aos Padres, que nam prégassem. Quando elles isto viram, lhe mandaram pedir licença pera se hirem a outros Reynos, que os desejavam, pois nam achavam lugar aonde os pediram; como Christo Senhor nosso, dizia aos Apostolos, que fizessem, quando os nam recebessem em huma cidade. Tanto que o Rey entendeo, que os Padres tam de proposito tratavam de sua partida, arrependido do que tinha dito, lhes mandou rogar, que se nam fossem; nam porque o tal arrependimento nacesse da emenda, que devia ter, mas pelo temor de perder a amizade de hum Rey tam poderoso, como elRey Dom Ioam o terceiro; & por arreçar de perder os ganhos, que à terra lhes traziam os Portugueses; que assim succede a semelhantes peccadores, que fingem grandes arrependimentos, quando tratam de mayores interesses.

6 Ficaram os Padres por entam aproveitando-se d'esta occasiam, continuando, com grande liberdade, em seus sanctos exercicios, de pregar, confessar, & reprender os vicios; porém como o coraçam do Rey estava entrado da pe-

çonha, nam pode por muito tempo dissimular o odio, que tinha aos prégadores do Evangelho (porque assim costuma succeder, que huma vez quebrado o freyo do honesto, & virtuoso, se corre despenhadamente em todo o precipicio de maldades) perseguio aos Padres tam duramente, que por vezes estiveram perto do fio do cutello, com que o turbulento Rey os costumava ameassar. Estendeose o preverfo odio contra os mais Portugueses, faltando pouco que os nam mandasse degolar a todos; porém a rezam d'estado (que muitas vezes acaba mais com os Principes, do que os respeitos divinos) fez serenar algum tanto aquelle animo perturbado, perdoando aos Padres, por nam quebrar com elRey de Portugal, cujo grande poder, ainda de tam longe, metia medo a toda Africa: bastou este respeito humano, pera se nam manifestar de todo por outro Herodes sentido, por lhe estranharem sua abominanda sensualidade.

7 Porém ainda que o Rey impio atou suas mãos pera ferir, deixou muy solta a lingua pera matar, cousa indigna em pessoas reaes (porque o vassallo generoso melhor sofre o golpe da espada,

Côpanhia
8.

Côtinua a
perseguição
do Rey de
Côgo cõtra
os chris-
tãos.

Anno de
Christo de
1547.

Remse de
Congo em-
baixador
de Portu-
gal. & o ir-
mam Diogo de So-
veral.

362

Chronica da Companhia de Iesú, em Portugal.

que a ferida da espada.) Foy o barbaro tanto adiante em sua descomposiçam, que nam soffrêo o embaixador de Portugal tal desaforamento; embarcouse pera o Reyno, & em sua companhia se veyo o Irmam Diogo de Soveral, com ordem de seu superior, pera dar conta a elRey, & ao Padre mestre Simam, do que passava em Congo; & depois de chegado, se embarcou pera a India, como se ajornada, que fez a Congo, lhe servisse de ensayo pera a navegaçam do Oriente. Ficaram os tres Padres naquelle desterro, sem lhes darem licença pera exercitar seus apostolicos ministerios, sentindo por isto muito mais o trabalho, que padeci- am, à vista de tantas almas re- midas com o sangue de Chri- sto, sem lhes poderem mostrar o caminho da verdadeira li- berdade.

8 Nesta fogueira de cal- mas, & nesta fragoa de desgo- stos, sô ficou aos tres Padres o remedio dos tres mancebos na fornalha de Babylonia, dan- do de decontino graças, & can- tando louvores a Deos, por lhes dar tanto que padecer por seu amor: às grandes incommo- didades do clima da terra, se foram ajuntando outras ma- yores do sentimento do cora- çam; estas traziam ao Pa-

dre Iorge Vaz, superior da missam, sobre quem mais car- regavam os trabalhos, tam consumido, que por obede- cer aos companheiros, se hou- ve de sahir da terra, porém já tam desfeito, que em breves dias trocou os trabalhos desta miseravel vida, pelo descanso da eterna, que sem duvida está pos- suindo, pela muita paciencia, charidade, & longanimidade, com que procedeo todo o tem- po em que esteve no Reyno de Congo, prégando àquelles bar- baros, & domesticando aquellas feras, tam brutaes em seus costu- mes, como inconstantes nos propósitos; porque se hoje se a- brandavam aquellas pedras du- ras, & seguiam a suavidade da musica d'aquelle seu divino Or- pheo (que com a melodia da ci- thara do Evangelho, lhes que- ria mudar a natureza de fera, em coração de cera) dahi a pouco tornavam atrás, & fica- vam tam penhascos, como se ca- da hum delles tivesse nas en- tranhas os rochedos do monte Caucaço. E nós tambem por agora os deixemos, que ao dian- te teremos varias occasioens de ver como os nossos cōtinuâram tam afastada, & trabalhosa mis- sam, na qual, ainda que muitas vezes perdemos o trabalho, sempre asseguramos o premio.

Ar. no
Cipar
8.

Trabalh
& mo
do p. 1
ge Vaz.

f
Dan. cap. 3.

CAPITVLO XXX.

De huma carta, que neste anno de 1547. escreveo nosso Patriarcha sancto Ignacio aos Irmãos do Collegio de Coimbra.

I HE muy proprio de hum pay cuidadoso, trazer sempre os olhos sobre os filhos mais queridos, advertindo em suas acçoens, nam menos pera os louvar, quando procedem como virtuosos, que pera os reprehender, quando erram como homens. Doutrina foy esta, que nos leo o mesmo Verbo encarnado em seus discipulos, que amava como pay, & doutrinava como mestre. Teve Sam^a Pedro, sendo dos mais validos, reprehensam com nome de satanàs, por huma falta, que se bem naceo de ignorante, nam procedeo de inimigo: teve tambem seus louvores^b, porque soube conhecer a quem seguia como homem, & adorava como a filho de Deos, vendose beatificado da boca do pastor eterno, por saber conhecer quem Christo era. A outros

Apostolos reprehendeo tambem o Senhor^c de ambiciosos, em pretender, & de nescios em pedir. A outros tambem estranhou grandes rigores em castigar culpas pequenas, por nam serem bons discipulos do mestre, que os ensinava, pois queriam castigar, com furiosos rayos, descuidos de homens ignorantes. Assim o fazia nosso glorioso Patriarcha, como verdadeiro discipulo de tam bom mestre, & vivendo sempre com os olhos, & com o coraçam, sobre o seu muy prezado Collegio de Coimbra, por esta ser a mais preciosa joya, que tinha fora de Roma; & vendo quam bem crecia a fabrica material do Collegio, quiz tambem por carta propria promover o edificio espirital das virtudes; pera isso lhe escreveo huma carta neste anno de mil, & quinhentos, & quarenta, & sete, & outras poremos nos livros seguintes, que devemos estimar como pedras preciosissimas, & como fundamentaes dos progressos espirituaes, tam bem desejados por nosso glorioso fundador; & he bem que nos andem mais presentes na memoria, que as doze, que em nome das doze Tribus mandou lançar o Patriarcha Iosue^e na passagem do povo de Israel,

Coimbra
8.

^c
Matt. c. 20. n.
22. Nescitis
quid peratis.
^d
Luc. c. 6. n. 55

^e
Iosue c. 4. n. 8.
Duodecim lapides posuit Iosue in medio Jordanis alveo.
&c.

Anno de
Christo de
1547.

364

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Christi
3.72

pera a terra de promissam: & la do cêo, aonde nosso Patriarcha descansa, nos está excitando a memoria dos bons conselhos, que nestas cartas nos deo, pera que nunca seus filhos deixemos de exercitar por obras, o que tal pay nos advertio por avisos. Referiremos agora aqui a carta, que este anno escrevêo a Coimbra, a qual, posto que aos que a lerem pareça comprida, se a filhos memorias de pays nam eufadando, aos nossos, escritas por tal pay, sempre recream: começa a carta desta maneira.

Carta do
P.S. Ignacio.

2 A summa graça, & amor eterno de Iesu Christo nosso Salvador, seja sempre em nosso favor, & ajuda. Amen. Por cartas de mestre Simam, & de Martinho de sancta Cruz, tenho cá frequentes novas de todos, & sabe o Senher, de quem todo o bem depende, de quanta consolacão, & alegria me he saber o que a divina Magestade vos ajuda, assim no estudo das letras, como das virtudes, & bom cheiro dellas, que ainda em partes tam distantes dessas, animam, & edificam a outros, de que todo o bom christam deve ter particular contentamento, pela obrigaçam commun, que todos temos a buscar a honra, & gloria do nosso creador, no bem de sua imagem, remida com o sangue, & vida de seu unigemro filho. A mim particularmente cabe grande parte deste gofio, pois estou tam obrigado a vos ter particular amor dentro de minha alma.

Por tudo seja sempre glorificado, & bendito o creador, & Redemptor nosso, de cuja liberalidade infinita mana todo o bem, & graça. Praza a sua divina piedade abrir cada dia mais as fontes de sua divina misericordia, augmentando, & promovendo o que em vossas almas tem principiado. Nem devido da summa bondade summamente communicativa de seus bens, & daquelle amor eterno, com que nos quer dar toda a perfeicão (com muito mayor vontade, do que a nós temos pera recebella) que assim o fará: que nem sendo assim, nam nos animara seu eterno filho ao que só de sua divina mam podemos alcançar, dizendo: Estote perfecti, sicut & Pater vester caelestis perfectus est. Assim que de sua parte certo he que elle está prestes, com tanto que da nossa parte de a humildade lugar pera muito se receber de suas grandezas, & ver que usamos de as merces, que já nos fez, & das que esperamos nos faça de sua divina graça.

3 Nam deixarei neste particular de por esporas; ainda aos que entre vós vam correndo. Que certo vos posso dizer, que muito vos aveis de estremar em letras, & virtudes, se aveis de responder ao que vós fizestes, & fazeis esperar, nam só nesse Reyno de Portugal, senam em outros muito distantes; que vistos os socorros, & ajudas interiores, & exteriores, q' Deos N.S. vos dá por todas as vias, com rezam esperam de vós fructo muito extraordinario. E assi he; que a tão grãde obrigaçam de viver sanctamente,

como

como tendes, nam satisfaz procedi-
mento ordinario. Vede qual he vossa
vocaçam, & julgareis, que o que em
vossos nam será pouco, o será em vós:
porque nam vos chamou Deos das tre-
vas, á admiravel luz sua, passandovos ao
Reyno de seu filho muito amado (como
aos mais fieis) mas pera que melhor co-
servasseis a pureza de vossa alma; & ti-
vesseis mais unido o amor nas cousas es-
pirituaes de seu serviço, ouve por bẽ ti-
rarosvos do perigoso golfam deste mudo, a
fim de nam perigar vossa consciencia no
meio das tormentas, que nelle costuma
levantar, de hũa parte o vento do dese-
jo, ora de riquezas, ora de honras, ora
de deleites. E de outra: o do temor
de perder tudo isto. E tambem pera q̃
estas cousas baixas se nam apoderasse
de vosso entendimento, & amor, faze-
ndo repartir por varias partes, & vos
pudesseis todos converter, & empregar
naquillo pera que fostes criados, que
he a gloria de Deos, & a vossa salva-
çam, & dos proximos.

4 E dado que a este alvo tirem
os institutos da vida religiosa, com tu-
do a divina bondade vos tem cha-
mado a este, onde nam com huma gé-
ral direcçam, mas metendo nisto todo
o cabedal de vossa vida, & trabalhos,
haveis de fazer de vós hum continuo
sacrificio á divina gloria, & honra,
& salvaçam dos proximos; traba-
lhando nella com o exemplo, & af-
fectuosas oraçoens, com que a divina
providencia ordenou, que huns a outros
nos ajudassemos. Donde poderéis en-
tender, quam nobre, & real he o modo de
viver, que tendes escolhido, pois nam só-

mente entre homens, mas ainda entre
anjos nam se podem achar exercicios
mais nobres dos que sam glorificar ao
creador em sy, & reduzir a elle suas
criaturas, em quanto sam capazes da
participaçam da divina gloria. Assim
que consideray vossa profissam, pera de
huma parte vos consolardes, & dardes
ao Senhor infinitas graças por tantos be-
neficios, & doutra pedir-lhe especial fa-
vor, pera responder a ella, ajudados de
grande esforço, & diligencia, que vos
he muy necessaria pera sahirdes cõ fins
tam importantes. Por amor de IESU
Christo nosso Senhor, & Redemptor, que
esquecendovos do que fica atrás, vos es-
tendais com S. Paulo, ^b ao muito que
vos fica por andar no caminho da per-
feicam. A froxidam, tibieza, & fastio
do estudo, & dos mais exercicios virtu-
osos, aveyos por inimigos declarados dos
fins, que pertendeis; nem consintais, que
vos levem ventagem os filhos deste mū-
do, em buscar, com mais industria, &
cuidado, as cousas temporaes, que vos ou-
tros as eternas. Em vergonhaivos, que
elles corra cõ mayor pressa pera a mor-
te, do que vós pera a vida. Tende vos por
homens pera pouco, se virades que hũ cor-
tesam serve com mais cuidado, a fim
de grangear a valia do Principe da ter-
ra, que vós a do Rey do céu: & se hũ
soldado por hũ fumo da honra da victo-
ria, & algũ despojo, se poem em cãpo
cõ mais determinaçam, que vós pela glo-
ria, que vós pelo senhorio do mudo, e de
vós mesmos; nam vos seja esta fraqueza
de pouco pejo, & vergnoha. Nam sejais,
por amor de N. S. remissos no exerci-
cio, & guerra da cõquista da perfeicam,

^b
ad Phil. c. 3. n.
3. Quæ rectro
sunt oblivif-
cens. &c.

Anno de
Christo de
1547.

366

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cipar
8.

tendo entendido o que diz o sábio, que o arco quebra por estar sempre entesado, & o animo por estar remisso, & a alma dos que trabalham se fortalece, & engrossa, como diz a Scriptura.

5 Procuray de entreter o favor sancto, pera trabalhar no estudo das letras, & da virtude, que assim em hum, como em outro, val mais hum a-cto intenso, que muitos remissos; & o que nam alcança hum froxo em muitos annos, hum diligente costuma alcançar em breve tempo. Nas letras está clara esta differença: a mesma he no vencer das paixões, & fraquezas, a que nossa natureza está sogeta. E no adquirir das virtudes certo he, que os remissos, porque nam pelejam contra sy, tarde, ou nunca chegam a gozar da paz de sua alma, nem a possuir algũa virtude perfeitamente. Sendo assim, que os fervorosos, & diligentes em breve tempo passam avante em huma cousa, & outra. Pois o verdadeiro contentamento, que nesta vida póde haver, a experiencia mostra, que se nam achamos froxos, & remissos, senam nos que sam ferventes no serviço divino. Porque esforçando se de sua parte a se vencer a sy mesmos, & a cortar pelo amor proprio, desfarreigam de sy as paixões interiores, & as inclinações viciosas de sua alma. E tambem com alcançar os habitos das virtudes, vem como naturalmente a obrar com facilidade, & alegria, conforme a elles. Pois com pore m o peito a virtude, se dispoem a receber da mam de Deos, pijsimo consolador, a suavidade de suas consola-

ções, pois ao vencedor se dá o manna escondido. Pelo contrario, a tibieza he causa de viver hum com molestias, nam deixando tirar a causa dellas, que he o amor proprio, & desmerecendo em tudo o favor divino.

6 Por tanto deveis trabalhar mais de proposito em vossos louvaveis exercicios, que nesta vida sentireis o fructo do sancto fervor, nam só na perfeição de vossas almas, mas ainda no contentamento da presente vida. Pois se atentaes pera o premio da eterna (em que todos deviamos frequentemente por os olhos) facilmente vos persuadiria S. Paulo, e que nam tem que ver os trabalhos deste mundo pera a futura gloria do outro, a qual semar, fectará em nós, porque o momentaneo, & leve de nossa tribulação, nos causa hum pezo de gloria sobre maneira excellente, & eterno. E se isto he assim em todo o christam, que honra, & serve a Deos, facilmente podeis ver quanta será vossa coroa, se respondeis a vosso instituto, que he nam somente servirdes a Deos em vossa pessoa, mas trazerdes a outros muitos a honra, & serviço do mesmo Senhor, sendo do numero daquelles, que instruem a outros, & os trazem a virtude, & por isso resplandecerám como estrellas do firmamento por toda a eternidade. Este louvor dá a Scriptura sagrada aos que diligentemente se empregam em seu officio, assim he depois de exercitar as armas, como d'antes em as apparelhar. Que dourra maneira certo he, que nam basta entender em obras, que de sy sam boas, pois nos dirá o Propheta Iere-

mias,

d
ad Rom.
n. 18. N
condign
bonos ho
ponis ad
gloria, et
velabitur
nobis.

d
Dan. c. 12.
Fulgebunt
stellae in
ruas ariet
tes.

mas; e que maldito he aquelle que faz as obras de Deos com negligencia: & S. Paulo; que muitos correm as parellhas, mas hum só recebe o premio; & que nam será coroado, senam o que legitimamente pelejar: que quer dizer o que bem trabalhar.

CAPITVLO XXXI.

Continua a doutrina da mesma carta de S. Ignacio.

Sobre tudo isto queria se acedesse em vos o amor puro de nosso Senhor, & Redemptor; & a desejo de sua honra, & da salvação das almas (que elle tanto à sua custaremo) tendo a isto particular obrigação, pois sois soldados seus, com especial titulo, & soldo nesta sua Companhia. Digo especial, porque outros muitos há geraes, que grandemente nos obrigam a zelar seu serviço, & honra. Soldo seu he todo o natural que sois, & tendes, pois de sua mam recebestes, & hoje possuis todas as partes, & perfeições da alma, & corpo, & bens exteriores. Soldo seu sam os bens espirituaes de sua graça, com que tam liberal, & benignamente nos anticipou, & nam deixa de os conservar em nós, sendo tam rebeldes; & contrarios a sua divina vontade. Soldo seu sam os inestimaveis bens da gloria, a qual (sem dahi lhe vir algum proveito) vos tem aparelhada, & prometida, communicandovos todos os thesouros de sua bemaventurança, pera que fejaís por

hum a eminente participacão de suas perfeições, o que elle he por sua essencia, & natureza. Soldo he finalmente todo o mundo universo, & quanto nelle se contem, assim corporal, como espiritual, pois nam somente Deos tem posto em nosso ministerio quanto hà debaixo do céu, mas toda aquella sua alta corte, sem perdoar a nenhuma das hierarchias celestiaes, pois todos os espiritos bemaventurados se occupam em servir áquelles, que entram na herança da salvação eterna. E porque todos estes soldos nam bastavam, se fez a sy mesmo preço nosso, dando senos por irmam na mesma natureza, por preço de nossa redempção na Cruz, por mantimento, mesinha, & companhia de nossa peregrinação na sagrada Eucharistia. O quam mão soldado he, a quem nam bastam tantos soldos, pera se animar a trabalhar pela honra do seu Principe? Pois he certo, que por nos obrigar ao procurar, & desejar com mais promptidam, quiz sua divina Magestade anticiparnos com estes incomparaveis, & custosos beneficios, despojando (em certo modo) sua perfectissima felicidade de seus bens, por nos fazer participantes delles, pois tomou nossas misérias pera nos isentar dellas, quiz ser vendido por nos resgatar, infamado por nos honrar, pobre por nos enriquecer, morto com tanta ignominia por nos dar vida immortal, & bemaventurada.

2 O quam estranha ingratidam, & dureza he a de quem, com tudo isto, nam se dá por muy obrigado a ser muy diligente em procurar a honra, &

Anno da
Christo de
1547.

368

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

louvor de Christo N. S. E se vedes esta obrigacão, e vos desejais em-
gar em seu divino serviço, em tempo estais,
em que he necessario mostrar por obras
vosso desejo. Ponde os olhos em todas as
partes do mundo; buscai, e vede onde he
hórada a divina Magestade; onde ve-
nerada sua immensa grãdeza; or de co-
nhecida sua sabedoria, e infinita bon-
dade, onde se cūpra sua viciade satisfi-
ma, e nam vos causará pequena dor;
ver como no mundo he ignorado, despre-
zado, blasfemado seu sancto nome, e a
doutrina de Christo, e erem sabedoria,
deseparada; seu exēplo esquecido, o pre-
ço de seu sangue, em certo modo perdida
de nossa parte por aver tã poucos, q del-
le se aproveite. Pode os olhos em vossos
proximos, como em hũa image da san-
ctissima Trindade, e capaz de sua glo-
ria, tēplos do Spirito S. mēbros de Chri-
sto S. N. remidos cō tantas dores, e sa-
nias, e seu sangue. Vede em quãta mi-
seria se acham metidos em tã profundas
trevas de ignorãcia, e tã tēpidade
de desejos, e vãos temores, e outras
perturbações conquistados, e batidos
por todas as partes de tantos inimigos
visiveis, e invisiveis, a risco de perder,
nam a fazēda, ou vida tēporal, senam o
Reyno, e felicidade eterna, e de cair
na intoleravel miseria, e fogo do infer-
no. Digo por resumir em poucas pala-
vras, q se he cōsiderais a obrigacão, q
tēdes de tornar pela hōra de Iesu Chri-
sto S. N. e pela salvaçã dos proxi-
mos, enēdereis quã devida cousa he, q
vos disponhais a todo o trabalho, pera
vos fazer idoneos instrumētos da grãça
divina pera este effeito. mōrmente avēdo

hoje tam poucos obreiros, q buscam a
Iesu, e nam a Iesu Christo, e por isto mu-
to mais vos deveis esforçar, cō levar por
diãte o em que outros faltam, pois Deos
vos fez esta particular grãça da voca-
çã, a que vos chamou, e dos propo-
sitos, e desejos, que vos dá.

3 O q ate aqui tenho diu pera es-
portar que dorme, e fazer correr que
pouco anda, nam hãde ser occasiã de
dar em outro extremo de fervores indis-
cretos, que as dōcças nam procedē sōme-
te de consas frias, qual he a tibieza, mas
tãbe de consas quētes, qual he o dema-
siado fervor, racional devaçã, diz S.
Paulo, cōfessandose cō o do Psalmista.
A hōra do Rey ama o juizo, que quer
dizer a discreçã; e o que se figurava
no Levitico, onde Deos mādava, que e-
todo o sacrificio se offercesse sal, que sig-
nifica a sabedoria. E he assi que nenhũ
ardũ mais effizaz tẽ o inimigo da natu-
reza humana, pera tirar do coraçã a
verdadeira charidade, como fazer que
se proceda nella incautamente, e nam
cōforme a rezã superior. Em nada
sejas nimio, disse o outro. E assi se deve
guardar ainda na mesma justiça, como
ledes no Ecclesiastico. Nam queirãs ser
demasiadamente justos, que a nam ter es-
ta moderaçã, o bẽ se cōverte em mal, e
a virtude em vicio, e nasce outros in-
convenientes, que encōtram a tēçã de
que assi caminha. O primeiro he, q nam
pode servir a Deos muito tempo, como
acōrece nã chegar ao fim do caminho, o
cavallo, q no principio faz muyto prida
jornadas, antes costuma ser, que vẽ a oc-
cupar outros em o servir. O segūdo, que
nã costuma ser de dura o que assi cami-

Anno da
Companhia
8.

ad Rom. 12.
1. Rationab
obsequium
stium &c.

Pl. 98. n. 4.
Honor regis
diciam dilig

Lev. c. 2. n. 1.
Quodcumq;
obuleris fa-
sile conditu

Ter. in And. S.
arbitror in v
esse maximē
utile, ut nequ
nimis.

Ecclesi. c. 7. n. 1.
Noli esse mu-
tum iustus.

nha cõ demasiada pressa, q̃ ainda nisto tẽ lugar o que diz a Scriptura; q̃ a faze da depressa adquirida, facilmete se acabava. E nam sò se diminue, mas he causa de cair, porque como diz a Scriptura: Quo se apressa muito, nã deixa de embicar, Et tãto a queda he mais arriscada, quãto he de mais alto, nã parãdo tẽ o ultimo degrão. O terceiro he, q̃ que assi procede, nã atẽta no perigo, q̃ hã e carregar muito a barca. Bẽ he verdade, q̃ hã perigo em ser vassa, Et cõ pouco lastro, por q̃ qualquer tetaçã a leva de hũa parte pera a outra. Porẽ mór perigo hã cõ a carregar tãto, que se vã a pique ao fudo. O quarto he, acõtecer, q̃ por crucificar o homẽ velho, se crucifica o novo, trazẽdo a nã poder por fraqueza exercitar as virtudes, Et obras sãctas, que segũdo S. Bernardo, quatro cousas se tiram por este excessõ injustamẽte; a corpo a execuçam das boas obras: a alma o affecto: ao proximo o exemplo: a Deos a honra. Donde infere, que fica com encargo de tudo isto, como hũ sacrilego, por assi tratar o vivo exemplo de Deos.

4 Diziamos, que tirava o exẽplo ao proximo, por q̃ a queda de hũ espãta, e embiã a muitos no caminho espiritual, e ainda costuma dar escãdalo. E por esse respeito se chamã divisõs da uniã, e inimigos da paz, alẽ do mal, q̃ a sy mesmos se fazẽ cõ soberba, e vã gloria. preferindo seu juizo ao de todos, e pelo menos usurpãdo o q̃ nã he seu, que he fazerẽse juizes de suas cousas, pedindo a rezã que o seja seu superior. Alẽ destes hã outros inconvenientes, como he carregare se tãto de armas, que nã se possã ajudar dellas, como David^m das de Saul: e prover de

esporas, e nã de freys, ao cavallo, de sua natureza impetuoso: de maneira, que neste particular he mui importãte a descriçã, q̃ modera os exercicios virtuosos etre os estremos. E como bẽ avisa S. Bernardo, nã se hãde crer sẽpre a boa vôtade, mas hãse de ordenar, ereger principalmẽte no q̃ comeca, pera que nã acõteça ser mao pera si, que quer ser bõ pera outros. O que he mao pera si, pera que poderã ser bõ: E se vos parcece que a descriçã he cousa rara, e difficil de alcãçar, ao menos supri a falta della cõ a obediencia, e cõselho do superior, que sẽpre serã seguro. E se algũ quizer seguir atẽs seu parecer, ouça o que o mesmo S. Bernardo diz; que o que se faz sẽ cõsentimẽto, e vôtade do pay espiritual, nam se conta por merecimẽto, mas por vã gloria. Lẽbrese que he crime de idolatria nã se so geitar, e poccado de agoureiro nã obedecer, como diz a Scriptura. Assi que pera tomar o meyo entre a tibieza, e ofervor indiscreto, importa tomar por guia a sã etã obediencia: e se no tẽpo do estudo tendes grãde desejo de mortificaçam, empregay antes em quebrar vossas vôtades, Et sogeitar os juizos debaixo do jugo da obediencia, que em debilitar, Et afligir os corpos, sã a devida moderaçã.

5 Nam queria cõ tudo, que pelo que tenho dito, cuidasseis que me desagradam algũas vossas mortificaçoens: que estas, Et outras loucuras sãctas sei eu que as usam os sanctos pera seu proveito, Et sam uteis pera hũ se verer, Et adquirir mais copiosa graça, mĩrmente nos principios: porẽ em tẽpo de estudos, e a que tẽ ja mais dominio sobre o amor proprio pela graça divina; o que tenho

Anno de
Christo de
1547.

370

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cpianh
8.

n
Ios. c. 13 n. 34
Hoc est prae-
ceptum meum,
ut diligatis in-
vicem.

escrito de reduzir-se à mediocridade da
sancta discrição, tenho por melhor:
nam vos apartando da obediencia, a
qual vos encomêdo muy encarecidamê-
te, junto com aquella virtude, perfeição,
& compendio de todas as outras, que
Iesu Christo nosso Senhor tanto encare-
ceo, chamado seu ao preceito, della, que
vos ameys huns a outros, como eu vos a-
mei, & nam somete que entre vós cõser-
veis o fraternal amor, & união de cha-
ridade, mas ainda o estedais em vossas
almas á salvação dos proximos, pezado
o que cada hũ delles val, pelo preço que
custou pelo sangue, & vida de Christo nos-
so Deos, & Senhor, porque aparelhado
de hũa parte as letras, & de outra aug-
mentado a charidade, vos façais inte-
iros instrumentos da divina graça, &
cooperadores desta altíssima obra de redu-
zir a Deos, supremo fim, suas criaturas.

6 E neste meyo tempo, em que soys
estudantes, nam vos pareça que soys inu-
teis ao proximo, porque a ele de vos apro-
veitardes a vós, como pede a charidade
ordenada, servis ao proximo em muitas
maneiras, pera gloria, & honra divi-
na. A primeira cõ o trabalho presente,
& cõ o fim cõ que o tomays, ordenado
tudo pera sua edificação. Que os solda-
dos em quãto attendem a se prover de
armas, & munições, pera a empresa,
que se espera, nam se pode dizer, que seu
trabalho nã he em serviço do seu Prin-
cipe. E dado que a morte atalhãse a
algũ, antes de se começar a communi-
car exteriormente ao proximo; nem
por isso deixa de o ter servido no tra-
balho, que poz em se aprestar, & aper-
teber. O qual, além da tenção cõ que se

toma, se devia cada dia offerecer a Deos
nosso Senhor pelos proximos; que sendo
o Senhor servido de o aceitar, podia ser
instrumento pera ajudar ao proximo,
nam de menos importância, que o prê-
gar, ou confessar. O segundo modo de
o ajudar, he serdes vós mesmos muy
virtuosos, & sanctos, pera assim serdes
idoneos de fazer raes os proximos,
quães vós soys, porque o modo que Deos
omnipotente quer se guarde nas gerações
naturaes, quer tãbem proporcionada-
mente nas espirituaes. Mostro a Phi-
losophia por experiencia: que na gera-
ção de hum animal, além das causas
geraes, como sam os reos, se requiere a-
gente immediato da mesma especie, que
tenha a forma, que hã de introduzir
em outros sujeitos da mesma maneira,
pera por em outros a forma de humil-
dade, paciencia, & charidade, quer a
divina sabedoria, que a causa immedia-
ta, de que elle usa como instrumento
(qual he o prêgador, ou confessor) seja
humilde, paciente, & charitativa: de
maneira que, como vos dizia, aperfei-
çoãdovos a vós em toda a virtude, ser-
vis grãdemente ao proximo, porque nã
aparelhays menos, antes mais alto in-
strumento, pera se lhe dar a graça cõ
a boa vida, & com a doutrina; dado
que hũa, & outra cousa requer o que
hã de ser perfeito instrumento da sal-
vação das almas.

7 O terceiro modo de ajudar o
proximo, he com bom exemplo de vida,
& desta (como vos dizia) pela
graça divina, sabe o bom cheiro des-
se Collegio, que edifica muito em outras
partes fora desse Reyno. E espero na

Autor

Autor de todo o bem, que seus doens em vós continuarão, & irão em crescimento; pera que crescendo cada dia mais em toda a perfeição, creça, sem o pretenderdes, este sancto cheiro, & edificação, que dahi se estende por tantas partes. O quarto modo de ajudar as almas, & que comprehende muito, consiste nos sanctos desejos, & orações: & dado que o estudo vos leve muito tempo, pôde com tudo, com desejos, recompensar o tempo, aquelle, que com todos os seus exercicios, tomados puramente por serviço de Deos, os faz oração continua; mas nisto, & em todas as mais cousas, mais ao perto tendes com quem em particular as possais conferir, & por esta causa pudera eu escusar parte do que escrevo; porém fazendo isto tam poucas vezes, & tendo-me dito, que desejaveis alguma carta minha, me quiz por esta vez consolar com vosco, escrevendo largamente.

8 Nam mais por hora, que rogar a Deos nosso Senhor, & Redemptor, que como lhe aprouue fazervos graça de vos chamar, & darvos efficaç vontade, pera vos entregardes a seu serviço; assim seja servido continuar, & augmentar seus doens em todos, pera que sempre creçaes, & persevereis em seu serviço divino, pera muita honra, & gloria sua, & ajuda de sua sancta Igreja. Amen. De Roma, a 27. de Mayo de 1547.

Vosso em o Senhor nosso
Ignacio.

9 Esta he a carta, chea de tam admiravel doutrina, & de tam rara prudencia, que aqui

toda por extenso tresladei, por fazer este serviço aos Irmãos do Collegio de Coimbra, aos quaes o sancto escrevêo entam, & a quem eu a offereço agora.

CAPITULO XXXII.

Da mudança do Reytorado do
Padre Luis Gõçalves da Ca-
mara, & de alguns fogeitos,
que no anno de 1548.
entraram na Com-
panhia,

I **V** Eremos neste capitulo hum notavel lanço do governo do Provincial de Portugal, & huma rara fogação do Reytor de Coimbra; que se bem a hús deo occasiã de o estranharê, a outros deo materia de se edificarem. Esquecerse hum fogeito illustre do que era em sua minice, liçam he de S.^a Paulo: querer porém igoalar grandes, & pequenos nos mesmos exercicios da virtude, & nos mesmos officios de humildade, tem suas difficuldades; porque talvez nam succederà ao mais velho, o que era proveitoso ao de menor idade, & nam poderà o mais moço com o que se atreve o valor, & prudencia do mais anciã: agora veremos, como

1. ad Cor. c. 13.
u. 12. Quando
autē factes sū
vir evacuavi
quæ erant par-
vuli.

Anno da
Christo de
1548.

372

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

se houve hum varãõ perfeito com a occupaçam de hum moço ordinario; & como se portou hum Reytor do Collegio com o officio do cosinheiro da casa.

2 Dissemos no capitulo 17. como na ausencia do Padre Martinho de S. Cruz (hido a Roma a negocios do Collegio de Coimbra, do qual tres annos fora Reytor) fizera o Padre mestre Simam terceiro Reytor d'aquelle Collegio (morgado de toda a Companhia) ao Padre Luis Gonçalves da Camara. Procedeo elle em seu officio, como se podia esperar de sua qualidade, & prudencia: veyo neste comenos a festa do Natal em vesporas do anno de 1548. (em o qual entramos nesta historia) & desejando o Padre mestre Simam de hir passar aquella sancta noite em companhia de seus irmãos, & religiosos do Collegio de Coimbra (como costumava fazer em semelhantes solemnidades) se foy de Almeirim (aonde entam residia a corte) a Coimbra, aonde tinha o coraçam: depois de passada aquella bemaventurada noite (com a devaçam, & espirito, que se costuma naquella sancto Collegio) no dia da primeira oitava do Natal, estando os religiosos todos juntos, chamados pera aquella aççam, aliviou o Padre mestre Simam

*Vay o P.M.
Simam pelo
Natal a
Coimbra.*

ao Padre Luis Gonçalves da Camara do officio, & cargo de Reytor do Collegio (nomeando em seu lugar ao Padre Luis da Grã) & pera que nam estivesse ocioso, lhe encommendou o cargo da cosinha.

3 Grande admiraçam causou mudança tam repentina no tempo, & tam desigoal nas occupaçoens: salto foy este de gloria, pera quem sò desejava desprezar-se, & de grande merecimento, pera quem sò pretendia abnegar-se. Mostrou o Padre Luis Gonçalves, que nada lhe faltava de primor pera exercitar cargos honrados, & que lhe sobejava o valor, pera receber officios abaridos: aceitou este humilde despacho, com mais satisfaçam, & alegria, do que outros receberiam os melhores cargos do mundo: tal se achava entre as grosserias do officio, como outros entre as policias da corte: assim vivia na cosinha, como se della fosse natural: acodia com toda a pressa a esta sua nova occupaçam, & nam perdoava a trabalho, nem menos a assistencia, empregando neste humilde exercicio todas as suas boas partes, de que Deos o tinha dotado, de illustre, de cortesam, de prudente, de avisado, de confiado, & de sancto: todos os instrumentos da cosinha lhe estavam em grã de obrigaçam, pela limpeza cõ

que

Anno da
Cópia
9.

Como o
Luis Gon
çalves f
feito co
sinheiro.

Como o
Luis Gon
çalves se
applicava
no officio
de cosinhe
ro.

que os trazia luzidos, & pelo cuidado com que curava das alfayas d'aquella pobre officina; que hum varão exemplar, que poem os os olhos em Deos, com igual animo, se emprega em occupaçoens grandiosas, & se exercita em officios mais abatidos.

4 Varios juizos se fizeram por muy calificados entendimentos, sobre mudanças de occupaçam tam alta, & tam baixa, vendo hum homem tam insigne apeado da dignidade em que estava, pera occupaçam tam humilde, em que se via. Pasmoou toda a Companhia, que naquelle tempo havia em Europa, de que na de Portugal (que entam era a que parece tinha vindo do cêo) houvesse rezam pera ser tratado com tam riguroso, & insolito decreto hum unico Reytor (de tam numerofo Collegio, primeiro na Companhia) sendo elle tam illustre pela qualidade, filho de hum dos mais conhecidos fidalgos do Reyno, benemerito por suas boas partes, virtudes, & letras, aceito â pessoa do Rey, capaz de todas as confianças reaes, presentes, & futuras, como os tempos bem mostraram: porêm nõs, assim como nam sabemos faltas, que houvesse em hum Reytor, aquem sobejavam tantos bons talentos, assim en-

tendemos, que o Padre mestre Simam (como era varão dotado de hum espirito tam levantado, tam fóra do caminho ordinario, & como tinha tanto conceito da virtude do Padre Luis Gonçalves) desejando, que os da Companhia estivessem aparelhados, nam sò pera guardarem o voto, que fazem de nam pretender honras, antes de as ter, mas tambem, que as soubessem deixar, depois de as possuir, por isso quiz neste caso darnos exêplo a todos de verdadeira humildade, pera que â vista de hũ Reytor feito cosinheiro, soubessemos, que na casa de Deos os mais honrados sam os mais confiados; & q na Religiã sam de igual autoridade as dignidades lustrosas, & os officios humildes: segũdo o cõselho de Christo,^b o qual nos diz, que quãdo nos virmos mais avetajados no merecer, entam nos tenhamos por menos proveitosos no servir; & quando chegarmos a fazer tudo, entã entẽdamos, q se nos deve nada. Agora encontramos aqui cõ hũ Reytor, q ainda era mãcebo, metido em hũa cosinha, ao diãte encontraremos, na mesma officina, a hũ velho, q tinha sido Provincial; este foy o P. Leam Hêriques, q tambẽ nos deixou semelhante exêplo, como veremos em seu lugar.

4 Feita esta troca entre os dous PP. Luis Gõcalves, & Luis

^b
Luc. 17. 10.
Cum feceritis
omnia quę prę
cepta sunt vo-
bis, dicite servi
inutiles sumus.

Anno de
Christo de
1548.

374

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cipanh
9.

*P. Luis da
Grã, suas
boas par-
tes.*

da Grã; nam faltaram curiosos, que descursaram sobre estes dous provimentos, qual dos dous Reytores ficaria com maior satisfação, se o que era levantado a governar o Collegio, se o que fora apeado pera servir na cofinha? Muitos defendiam, que melhor fora a sorte do que ficava antregue nas mãos da sancta humildade: eu bem entendendo, que he cousa ordinaria louvar as occupaçoens baixas; porém vejo, que mais fazem os homens pelas que sam lustrosas; que se assim nam fora, nam viramos no mundo tantas guerras entre seculares, & tantas paixoens entre religiosos; mas o certo he, que entre os servos de Deos he de grande quietaçam a vida levada em exercicios humildes, sendo as occupaçoens lustrosas, cheyas de perpetuas cruces interiores, & ficando sempre os pinaculos mais altos, expostos a quedas mais perigosas. Era o Padre Luis da Grã (que sucedeo no Reytorado) pessoa em quem assentavam bem estas, & outras mayores dignidades: foy natural de Lisboa, douto, & nobre, de singular bondade, bella natureza, com grande brandura, & suavidade de costumes. Depois de governar o Collegio de Coimbra, por espaço de cinco annos, foy à missam do Bra-

fil, aonde foy Provincial (como adiante veremos) com grande satisfação, assi dos subditos, pera os quaes era amoroso pay, como dos Indios, de quem parece foy verdadeiro Apostolo.

5 Deste mesmo tempo acho grandes memorias de muitos, & muy notaveis fogeitos, que nesta conjunçam trouxe Deos à Companhia. Neste anno de 1548. entrou o Padre Marcos Jorge, natural de Coimbra, licenciado em Canones, & com grande credito de letrado naquella faculdade, que depois accrescentou, com o muito estudo, & grandes progressos da sagrada Theologia na Companhia, na qual foy agraduado doutor, entre os primeiros, que com este grão sahiram laureados na Vniversidade de Evora. E com ser grande a satisfação, que dava de suas letras, muito mayor era a que havia de suas virtudes. Foy varram muito humilde, & quando se via mais honrado, com mayor vontade fugia de ser estimado, declarando com muiira singeleza o humilde solar de que procedia; havendo que sò mereciam favores levantados, os que nam tinham qualidade de officiaes, como elle dizia, que era seu pay: porém quanto mais se desejava ver desprezado, & desestimado, tanto era mayor

Entra
Cõpanh
P. Mar
Jorge.

o preço

no de
to de
8.

fat. 8.
icervete
ornent
ue cerz
nobili-
a est, ar-
nica vir-

Mar-
Iorge
author
Carti-

o preço em q o tinham, & me-
lhor a estima, que d'elle faziam;
porque a honra segue com me-
lhor desvelo aos que a fogem
com mayor cuidado; & o preço
& estimaçam da pessoa mais se
deve às obras boas, que aos pa-
ys fidalgos; porque a verdadei-
ra nobreza nam he (como bem
disse o outro ^e) a que foy herda-
da por progenitores já mortos,
mas he a exercitada por virtu-
des entre os vivos.

6 Teve este Padre na Cõ-
panhia tanto zelo da boa cria-
çam dos mininos, em sua pri-
meira idade, pera que lhe nam
faltasse o conhecimêto, que de-
viã ter dos mysterios da fé,
proporcionado a seus têros an-
nos, que fez hũ breve extracto
da doutrina christã (com decla-
raçam particular de toda ella)
muy accõmodado em dialogos,
pera mininos, ao qual cõmuni-
mente chamamos Cartilha, que
he verdadeiramente hum livri-
nho de ouro, porque em tam
breve volume recolhe grandes
thesouros, & como o anel
pequeno de Pompeo Magno,
ostenta grandes triumphos,
nam de barbaros sogeitos por
violencia de armas, mas da
barbaria desterrada por suavi-
dade de doutrina; triumphos
por certo, tanto mais dignos
de ser estimados, quanto mais
he aventajado o preço das al-
mas bem doutrinadas, que as

victorias dos corpos mal cõqui-
stados.

7 Fezse esta cartilha
pelo Padre Marcos Iorge, mas
à instancia do serenissimo Car-
deal Dom Henrique, Legado
apostolico, & Inquisidor gèral
destes Reynos, pelo grande
zelo, que tinha da boa cria-
çam dos Portugueses, em sua
tenra idade; de maneira, que
àquelle bom Padre se deve o
trabalho d'aquella excellente
obra; & a este excellentissimo
Principe se deve a gloria de
tam copioso fruto; porque
nam se pòde ver quanto re-
dundou em bem de todo
este Reyno, pera conheci-
mento, & proveito nas cou-
sas da fé, nos pequedos, &
nos mayores. E pera que lo-
go viesse a conhecimento de
todos, mandou o serenissimo
Infante repartir por todo o
Reyno muitos milhares d'es-
tes tratados, à custa de sua
real fazenda, fazendoos dar
de graça, pera de melhor
vontade os trazerem todos nas
mãos, & com esta sancta u-
sura alcançar ganhos dobra-
dos, & melhores interesses.
Este foy o primeiro livro, que
da Companhia se imprimio
em Portugal; & ainda que
o volume foy pequeno, com
tudo o principio foy ditolo,
pelos muitos, que com gran-
de gloria d'esta provincia tem

9.

Fruto, q
se recolheo
da Carti-
lha.

Anno de
Christo de
1548.

376

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cipam
9.

sahido. Foy o Padre Marcos Ior-
ge, por sua muita authoridade, e
suas grãdes letras eleito Procu-
rador a hũa Congregaçam de
Roma, em a qual padeceo mui-
tos trabalhos, por hir sê cõpa-
nheiro, de q finalmẽte se lhe o-
riginou a morte, cõ que veyo a
dar ditoso remate a sua santa vi-
da, como tocaremos adiante no
cap. i. livro 5.

*Entra na
Cõpanhia o
P. Iorge
Rijo.*

8 Foy o segũdo, q nesta cõ-
junçam illustrou o numero do
Collegio de Coimbra, o P. Iorge
Rijo, q sêpre serà de muy santa,
& muy saudosa memoria, pera
todos os habitadores d'aquelle
Collegio, no qual, por espaço de
50. annos foy ministro, com a
mayor vigilancia, & cõ a mais
trafordinaria aceitaçam, que ex-
plicar se pòde, & tenho por grã-
de consolaçam minha ter alcã-
çado ainda muitos annos a este
bom Padre, que era hum vivo
exemplar de mansidam, & de
sanctidade. Foy nobre, natural
do lugar de Sam Ioam da talha
defronte de Sacavem, arrebal-
de de Lisboa; & hum dõs mais
raros sogeitos, que a Compã-
nhia logrou, desdo seu nacimẽ-
to, até hoje; varãm dotado de
prudencia singular, de angelica
pureza, de modestia admiravel,
& de charidade rara: em mais
de 50. annos, q governou o Col-
legio de Coimbra, com o cargo
de ministro (q entre nõs tem o
cuidado de todo o temporal da

caça, cõ subordenaçam ao Rey-
tor) procedeo sêpre cõ tal igual-
dade, pera com os subditos, com
tam grande cuidado de acodir
ao necessario, que nam ouve em
tam largo tempo (sendo este of-
ficio tam exposto a queixas) al-
gum, que com fundamento se
queixasse do Padre Iorge Rijo:
assim amava a todos, como se
fosse pay de cada hũ; assim curã-
va dos enfermos, como se nam
tivesse outros cuidados: & em
resoluçam foy o P. Iorge Rijo
hũ dos mais sanctos, & dos mais
exẽplares, & apontados religio-
sos, q teve esta provincia de Por-
tugal; verdadeiro Israelita, no
qual nunca houve engano, & no
qual sempre reynou a verdade.
E isto basta nesta sua entrada na
Religiam, porq na sahida deste
mũdo se dirà muito de suas per-
feiçoens, & virtudes.

9 Foy o terceiro o P. Pero
d'Afonseca, o qual foy insigne
mestre na Philosophia, & excel-
lente doutor na Theologia; era
natural do lugar da Cortiçada,
por outro nome Proença a nova
em Ribatejo, da comarca do Pri-
orado do Crato: foy hũ dos mais
graves, & mais doutos homẽs do
seu tẽpo, & reverenciado por tal
entre os melhores engenhos de
Europa. O Cardeal Alberto Ar-
chiduque de Austria, quãdo go-
vernava estes Reynos, nas cou-
sas em que pretendia acertos,
sempre se governou por este

*Entra na
Cõpanhia
o P. P.
d'Afonseca*

excel-

excellentiſſimo varã, ſendo elle inventor, & author de muitas couſas de grãde edificaçam, & exêplo neste Reyno. No me-
nêo das couſas religiosas teve feliz acerto de ſeus decretos, ou foſſe ſendo Reytor do Collegio de Coimbra; ou ſendo ſete annos aſſiſtente em Ro na do Padre Everardo Mercuriano, quãto gẽral da Companhia; ou ſendo outros ſete annos Prepoſito continuo da caſa de S. Roque, a qual muito acreſcẽto; ou finalmente ſendo por eſpaço de tres annos Viſitador de toda a Província de Portugal: a todas eſtas occupaçoens deo eſtremado acerto, & muy religioſo luſtre, como de tam grave juizo ſe podia eſperar, pois foy, ſem duvida, hum dos mais inſignes herõas, que eſta Provincia logrou, naquelles ditos annos, & naquelles tempos dourados. Baſta eſta breve lembrança do P. Doutor Pero d'Afonſeca, porque ao diante tere-
mos muitas occaſioens de falar delle; poſtoque nunca a fama ſe eſquecerã de ſuas obras, pois no-
las deixou impreſſas, em quatro tomos da Metaphyſica, na Dia-
lectica, & na Iſagoge de Porphyrio: nas quaes obras vivirá ſua memoria nas Vni-
verſidades do mũdo, como em monu-
mentos eternos, mais perennan-
tes, que os ſepulchros de bron-
ze, mais altos que as pyrami-

des Egytanas, que ouſavam (co-
mo o outro^d ouſou a dizer) a
quererſe igoalar com o cẽo vi-
ſinho, porque eſtas finalmente
com o tempo vieram a cahir, &
arruinar, & aquellas nem as pô-
de conſumir a idade gaſtadora,
nem as poderá diminuir a anti-
guidade envejosa.

10 O quarto, que neste an-
no entrou no Collegio de Co-
imbra foy o P. Pero Dias, natu-
ral da cidade de Lisboa, inſigne
peſſoa na quietaçã, & modeltia
de ſua vida, & pela notavel pru-
dência, de que Deos o dotou, pera
grande acerto de ſuas obras, ou
foſſem de negocios temporaes,
ou foſſem de couſas eſpirituaes,
porque em hũa, & outra occa-
ſiã nos deixou admiraveis ex-
emplos de Procurador devo-
to, moſtrando que ſe podia a-
juntar em hum ſõ, os negocios
de procuraturas cuidadoſas, com
ocio ſancto de oraçam fervoro-
ſa, De tal maneira trazia ſubor-
dinados os tẽpos de contẽplar, e
negociar, que ſempre o negocio
ſe ſubalternava à contempla-
çam, & devaçã; & eſtas de tal
forte enfeitavam os negocios
com Deos, & os requirimen-
tos com os homens, que pa-
rece que na mam trazia a boa
eſtreia dos bons ſucceſſos; que
nunca negocios temporaes ſe
perdẽram por acodir primei-
ro as obrigaçoens divinas. Com tanta brandurã, & ſe-

9. d.
Petron. in ſat.
Pyramidẽ que
aulæ vicinũ
attingere calũ.

Entra na
Companhia
P. Pedro
Dias.

Como exer-
citou o of-
ficio de Pro-
curador do
Collegio de
Coimbra.

Anno da
Christo de
1548.

378

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

serenidade, & com tal modestia tratava com as pessoas de fóra, com os ministros, & officiaes da justiça, sobre as fazendas, demandas, & rendas d'aquelle grande Collegio, que todos diziam, & julgavam d'elle, que era hum varão, que nam tratava mais que de cōtentar a Deos, & edificar aos homens. Couza era muy experimentada, & certa, que buscandoo os porteiros pera as pessoas, que na portaria o chamavam, por respeito dos muitos negocios d'aquelle officio, rara era a vez que o nam achassem de joelhos em oração, como se primeiro quizesse diligenciar no céu, o que havia de vir a negociar com os homens. Era tambem confessor commum de todos os religiosos, com grande dita, & consolação de seus confessados, pela grande felicidade, de que Deos lhe fez merce, pera consolar almas desenquietaes, & serenar cōciencias embaraçadas. Foy o Padre Pero Dias em missã per a o Brasil, & na viagem foy Deos servido, de lhe dar a palma dos que morrem pela fé de Christo, fazendoo capitam de treze companheiros, que hindo prégar a barbaros gentios, deram a vida a mãos de crueis Calvinistas: do qual isto agora baste, porque ao diante necessariamente fará delle larga menção quem cōtinuar esta Chro-

O P. Pero Dias com treze cōpanheiros foi morto pela fé.

nica, porque se trata com grande calor de sua cānonizaçam.

CAPITULO XXXIII.

Parte o Padre Luis Gonçalves da Camara por companheiro do Padre Ioam Nunes Barreto, pera a missã de Berberia.

NAm se póde negar ser celestial, & divino o meyo das missões apostolicas pera a conversão do mundo, todas tomaram seu preço, & sua autoridade daquella primeira missã do Verbo encarnado, mandado por seu Pay eterno ao mundo, como Legado de seu divino lado, *Missi Deus filium suum*. Veyo à terra este divino missionario, prégo, servio, curou, & exercitou todos os bons officios, que elle queria tivessem os seus apostolicos ministros; & antes de se partir pera o céu, despachou em varias missões a seus discipulos, pela terra toda, pera prégar o Evangelho^b a toda a criatura. Cō este espirito criou sempre S. Ignacio a seus filhos; com este os mandou por varias partes do mundo: com este mesmo espirito nasceu a Compa-

nhia

Anno
Cōpan
9.

^a
Ad Gal. 4.

^b
Mar. c. 16. n.
Euntes in mundum universum
predicate evangelium omni creature.

mo de
risto de
48.
andes
vros
missoes,
e neste
a havia
Collegio
Coim.
1.

en. fat. 10.
s Pellzo
ni non suf.
oribis,
tuat infelix
alto cardi-
mundi &c.

d
z c. 18. n. 1

nhia em Portugal, & se foy sê-
pre criando, & ainda agora vay
com gram felicidade continuã-
do. Neste tempo de que vou
escrevendo, era no Collegio de
Coimbra em todos o fervor das
missoens tam grande, que pare-
cia nam caberem os espiritos
fervorosos nos apertados limi-
tes das espheras humanas, que
animavam: o universo todo era
muy pequeno, a respeito de ze-
lò tam excessivo; mais espaçosos
mundos quizeram pera os con-
verter, do que Alexandre os
desejava, pera os conquistar.
Com este valeroso fervor anda-
vam todos tã enlevados, q quã-
do tratavam de mandar pera a
Índia alguns, havendo de ser
dez os nomeados, éram cento
os pretendentes; & se lhes lar-
gassem as licenças, todos sahi-
riam com inflamados dese-
jos, a occupar-se na conversã
das almas, parecendolhes que
nam compriam com suas obri-
gaçoens os que com azas ange-
licas nam sahiam voando a de-
bruçar o mundo aos pés de seu
creador; entendendo que a elles
era o aviso, que Deos dava por
Isaias: *Ite angeli veloces;* vendo bẽ
nestas palavras os dobrados en-
carecimentos, com que o Se-
nhor apressava a diligencia em
seus missionarios, pois se nam
contentava com lhes chamar
anjos (que por serem espiritos,
nam tem a carga dos corpos

pezados) mas també lhes acres-
centava o titulo de ligeiros, pe-
ra que entendessemos quanta
pressa demandava Deos em se-
us ministros, querendo, que nam
sò fossem muy anjos no correr,
pera prégar, mas que tambem
fossem muy ligeiros no voar, pe-
ra converter.

2 Com estes fervorosos
pensamentos se criavam naquel-
le tempo os Padres, & os Irmãos
do Collegio de Coimbra; mui-
tos discorriam por todo Portu-
gal em missoens, & destas al-
gumas temos vistas, & hiremos
ainda apontando mais; outros
jà tinham passado à Índia, &
prégado o Evangelho na A-
sia, corrida muita parte na
costa de Africa, & entrado por
Guinè na Ethiopia inferior, co-
mo atrás apontamos: neste an-
no, de que himos escrevendo, se
offerecẽo hũa occasiã de mã-
dar missã àquella parte de A-
frica mais visinha a nòs, a que
chamamos Berberia, aonde or-
dinariamente os christãos pa-
decem duro cativoiro, debaixo
da crueldade dos mouros fron-
teiros à costa de Hespanha. Era
neste tempo capitam de Cei-
ta Dom Affonso de Noronha
(que depois foy Visorrey da In-
dia, irmam do Marquès de Vil-
la real) o qual, levado de sua
muita christandade, tinha gran-
de sentimento, do notavel de-
semparo; & extrema miseria,

Occasiã,
que houve
pera a mis-
sã de A-
frica.

Anno da
Christo de
1548.

380

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

que sabia padeciam em Berberia os Christãos cativos, & fotterrados nas profundas masmorras de Tituam. Pera acodir, como piadoso, a obra de tanta charidade, achou que o melhor meyo era escrever ao Padre M. Simam, porque sabia muy bem da grande entrada, que tinha com elRey. & do grande amor dos proximos, que ardia em seu peito: escreveu tambem ao mesmo Rey, representadolhe quam grande serviço de Deos seria, hirem áquellas partes alguns religiosos da Companhia, ajudando por entam aos da sagrada ordem da sanctissima Trindade, cujo officio, por estatuto, he acodirem a esta redempçam, o qual exercitam com muita gloria de Deos, & gèral proveito dos que estam cativos em Africa, entre os Mouros.

3 Acodio o benignissimo Rey às cartas de D. Affonso, & aos rōgos do Padre M. Simam, a quem ordenou que fizesse eleição de algũs da Companhia pera esta missã. Tanto que no Collegio de Coimbra se soube da nova empresa, que se lhes abria, nam se pôde facilmente crer, quantos foram os pretendentes, que se oppozeram a estas trabalhosas cadeiras: entre outros se foram logo offerecer (com grande resignaçam nas mãos da sancta obediencia, & desejosos de padecer trabalhos)

o Padre Ioam Nunes Barreto, que depois foy Patriarcha de Ethiopia (de cuja entrada na Companhia falamos no livro primeiro, capit. 30.) & o Padre Luis Gonçalves da Camara, que ainda andava occupado no seu santo exercicio da cosinha; nam por fugir este trabalho, que era pequeno, mas por buscar outro, que lhe parecia mayor. Nam pode o Padre mestre Simam deixar de deferir a estes fervorosos oppositores: deolhes por compañeros ao Irmam Ignacio Vogado, que em poucos meses da Companhia tinha aproveitado muito na virtude. Partiram logo os tres missionarios pelo Algarve, entraram por Andaluzia, por todas estas partes foram notaveis os fruitos, que de caminho recolheram, com pregaçoens, & confissoens, como verdadeiros filhos de S. Ignacio, que nunca passava os caminhos ocioso, & como imitadores do encarnado Verbo, que sempre caminhava communicando graças, & repartindo favores, como testifica a Scriptura. *Qui pertransit benefaciendo.*

4 Chegados os Padres a Ceita, tiveram grandes occasiões de fazer muitos serviços a Deos naquella cidade, pregando, & confessando aquelles soldados, & cavalleiros fronteiros, mais costumados em acodir aos repiques dos rebates, que aos

finos

Anno
Copan
9.

Sam
meade
ra esto
sam
loam
nes Ba
to, &
Luis G
ves da
mara.

Ad. c. 10. n.
Qui pertransit
benefaciendo
& sanando o
nes. &c.

finos da prégaçam; & mais dé-
stros em terçar a lança, que em
decorar a doutrina. Foy o frui-
to tam notavel, & a mudança
tam propria do braço do excel-
sô, que o mesmo Governador
da praça D. Affonso de Noro-
nha, se deo por obrigado a ren-
der as graças ao P. M. Simam,
por hũa sua carta, na qual lhe
lhe certifica, que fora tal a mu-
dança, com as doutrinas, & san-
ctos trabalhos dos Padres, que
muitos homens, que antes nos
costumes pareciam Mouros bar-
baros, agora já representavam
ser Religiosos sanctos. Junta-
mente lhe avisa nesta carta, que
tinha mandado pedir seguro ao
Alcayde Acém, pera os Padres
entrarem dentro em Tituãm, &
acodirem aos cativos; que nisto
havia grandes perigos, & diffi-
culdades; porém que as mayo-
res eram, ver os grandes dese-
jos, que os Padres tinham de
entrar por Tituãm, prégando a
fê de Christo; & que com isto,
sò fariam bem a sy, morrendo
martyres gloriosos, mas nam
acodiriam a sua obrigaçam, li-
bertando Christãos encarcera-
dos; & que por esta causa elle
os nam queria largar, sem pri-
meiro ter huma ordem, em que
o mesmo Padre mestre Simam
lhes puzesse obediencia expre-
sa, de nam se meterem a prégar
aos Mouros publicamente os
mysterios de nossa sancta fé, &

que se contentassem por entam
com visitar, & sacramentar aos
pobres cativos, & com se infor-
mar do modo das redempções,
& que com esta informaçam se
voltassem a Ceita.

5 Com estes avisos, & obe-
diencias se partiram os Padres
pera Tituãm, a 13. de Setem-
bro do mesmo anno, em com-
panhia, & guarda de tres Mou-
ros conhecidos, a quem D. Af-
fonsô de Noronha os entregou:
estes levaram, & defendêram os
tres religiosos de alguns assal-
tos, que tiveram de varios Mou-
ros, que no caminho lhes sahi-
am pera os roubar, & matar: mas
nam os podêram estes livrar da
grande fome, & mayor sede,
que por aquellas brenhas de-
fertas, & matos Africanos pade-
ciam. Entraram em Tituãm,
aõde foram recebidos dos Mou-
ros da terra com bom rosto, &
aposentados na aduana; nem a-
charam nelles as injurias, & a-
frontas, que pelo nome de Chri-
sto desejavam padecer; posto
que isto ficou sò por entam à
conta dos mininos, & moços de
menor idade, os quaes seguiam
aos Padres pelas ruas, com mo-
stras do entranhavel odio, que
bebem contra os Christãos com
o leite de suas mãys, que bem
se via nas gritas, nas zombarias;
& ainda (passando de roins pa-
lavras a peyores obras) nas pu-
nhadas, que lhe vinham dar.

Partem os
Padres pe-
ra Tituãm.

Anno da
histo de
1548.

*Como forã
visitar os
cativos e
suas mas-
morras.*

*Isaiz c. 9. n. 2.
Sedentibus in
tenebris, & in
umbra mortis
lux orta est eis.*

*Como o P.
Luis Gõçal-
ves acodio
a hũ pobre
sacerdote
Francês.*

382

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

6 Logo no dia seguinte tratâram de visitar os cativos christãos, que por varias masmorras estavam repartidos; entrâram os Padres por aquelles lugares soterraneos, por aquellas covas nocturnas, & enxovias tenebrosas, por onde jaziam sepultados em vida, entre as sombras da morte os pobres Christãos cativos; com tal vista, & com tam alegre, & nam esperada visita, lhes amanheceo a estes miseraveis Christãos hum fermosa, & esclarecida menhã, como se o mesmo Sol lhes entrasse pela porta dentro, dando-lhes huma muy apprazivel alvorada; da maneira que antigamente aconteceo no mundo, (como canta Isaías) com a vinda, & visita do mesmo Deos encarnado, quando veyo libertar ao genero humano cativo, & sepultado nas trevas mais profundas do peccado, & nas sombras mais escuras da ignorancia.

7 Entre os casos em q̃ aqui se vio a providência do Senhor, foy o que lhe succedeo com hum pobre cativo, que era hum Sacerdote Francês muito honrado, que achâram quasi no cabo da vida, com huma grande doença, & era cativo de hum Mouro çapateiro: a este enfermo tomou a sua conta o Padre Luis Gonçalves, por ser muy dẽstro na lingua Francesa, desde tempo que estudou em París; pri-

meiramẽte alegrou o enfermo, falãdolhe na sua lingua natural, (que tal he a força do amor das terras, em que nacemos, que atẽ naquella hora, quando a vida vay faltando, se consola o que estã morrẽdo, senam cõ ver sua patria, ao menos com ouvir sua lingua) & logo o onviode confissam. E no mesmo tempo trabalhava o Padre Ioam Nunes de por em ordem todo o necessario pera lhe levarem o sanctissimo Sacramento, com a mayor decencia, veneraçam, & concerto, que em tal terra, & em tal casa pudesse ser; assim o fez com hũa muy devota procissam, ordenada com canto, & muitos louvores, acompanhada dos Christãos, dos quaes huns hiam cantando, & todos chorãdo de consolaçam, por verem ao Senhor sacramentado, no meyo de tantos inimigos seus, hir como triumphando pelas ruas de Tituãm, aonde se nam vira naquella forma, havia muitos tẽpos. Foram os Padres continuando com o seu sacerdote enfermo, acodindelhe ao bem de sua alma, & nam lhe faltando ao necessario do corpo, que estava já muy debilitado, até que finalmente acabou a vida temporal, com grandes sinaes de começar a eterna. Fizeram-lhe hum enterramento publico, cõ tumba levantada em hombros de mercadores Christãos, hindo

Anno da
Cõpanhia
9.

com

com toda a solennidade possível, pelo meyo das ruas de Tiuam, até o lugar deputado pera sepultura dos Christãos, que está fóra dos muros, hindo os Padres entoando os versos, & os responsos, & os demais encomendando sua alma ao Senhor.

8 E pera melhor se ver a merce, que Deos fez a este sacerdote, & a cruel grangearia, que estes barbaros fazem nos pobres cativos, apontarei o que acho escrito, que contava muitas vezes o Padre Luis Gonçalves: dizia que estando pizando hum apisto pera esse Sacerdote Francés, em tempo em que elle hia já quasi acabando, entram de repente pela aduana quatro, ou cinco mercadores Mouros, tratando muy de proposito com o çapateiro, sobre o preço, que haviam de dar por aquelle seu cativo, a quem elle em saude cortava em quatorze mil reis, sem haver quem lho quizesse comprar, & agora pedia mais, & eram mais os lançadores; a causa desta mudança do preço foy a nova opiniã, que concebêramo enfermo, dizendo que devia de ser alguma pessoa muy principal, pois viam a tres religiosos todos occupados com grandes desvelos, em o curar, & em lhe procurar saude; & era tam defrençada a cobiça dos crueis lançadores, que com verem ao

miseravel sacerdote lançado no cham, sobre buma cuberta, carregado de ferros, deitando sangue pela boca, sem poder comer havia seis dias, & já quasi sem alento, lhe faziam força, que se levantasse, pera verem sua disposiçam, & julgarem o preço, que se podia dar por semelhante mercadoria; tam cega he a cobiça, & tam barbara a crueldade destes deshumanos mercadores.

9 Magoavamse os Padres sobre maneira, deverem andar as ruas cheyas de cativos Christãos, carregados de ferros, magros, consumidos, & desfigurados, com fome, & mau tratamêto; & com tudo, como aos filhos de Israel nam perdoavam os Egyptanos o trabalho dos adobes, assim estes eram obrigados por seus amos a trabalhar de sol a sol, andando huns no campo com o arado, ou com a enxada, outros no povoado moendo com mós de braço, que he trabalho de grande fadiga; & todos finalmente como homens desfenterrados. Pera os Padres melhor assistirem a estes seus cativos, & acompanhar com o exemplo, aos que nam podiam valer com a liberdade, deixaram o galfado, que tinham na aduana, & se hiam a dormir, & habitar nas masmorras, entre os miseraveis cativos, pera os consolar com sua presença, pois os nam podiam

aliviar

exemplo
a cruel-
dade, & co-
ça dos
Mouros de
Berberia.

Grãde tra-
balho dos
cativos em
Berberia.

Anno da
Christo de
1548.

384

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cepanh
9.

Lugares so
terraneos,
aõde estam
os cativos.

aliviar de seus ferros: rezavam com elles de noite muitas oraçoens, faziamlhes doutrinas, & prègaçoens, accommodadas ao estado, da paciencia em que deviam viver; com nam menos devaçam, & lagrimas nos ouvin-tes, que compaixam, & lastima nos prègadores.

10 Que na verdade nam podia deixar de ser grande o sentimento nos Padres, vendo a tantos Christãos, què estando ainda vivos, já pareciam sepul-
tados debaixo da terra, em es-
curas concavidades, em trevas
perpetuas, apinhoados huns so-
bre os outros, por nam haver
lugar pera se revolverem; &
quando consigo boliam, pera
em tam grande incommodo se
poderem menos mal accom-
modar, logo em se bolindo soa-
vam os grillhoens, que os lasti-
mavam, a cujo triste som levan-
tavam espantosos gritos, & la-
mentaveis gemidos, que retum-
bando por aquellas horriveis
cavernas da terra, representa-
vam aflombramentos do infer-
no. Tomando occasiã deste
lastimoso carcere, lhes fez o Pa-
dre Ioam Nunes Barreto, na
primeita noite, huma pratica
sobre aquellas palavras do Pro-
pheta: *Posuerunt me in lacu infe-
riori, in tenebrosis, & in umbra mortis.*
Foy a pratica de grande conso-
laçam pera os cativos; a qual
se lhes acrescentou com as es-

Pratica, q
lhes fez o
P. Ioam
Nunes Bar-
reto.

f
Psl. 87 n 7.

molas do dinheiro, que levavã, que apos ella lhes repartiram, tomando os Padres a sua conta particularmente os mais enfer-
mos, pera melhor os prover, a-
limpar, servir, & fazer todos os
mimos possiveis, com tanta ap-
plicaçam, & gosto, como se em
cada hum d'aquelles pobres
servissem a pessoa do mesmo
Christo.

CAPITULO XXXIV.

*Volta o Padre Luis Gonçal-
ves a Portugal, a dar conta
dos cativos, continúa com
elles o Padre Ioam
Nunes.*

1 Continuavam os tres
religiosos nestes sã-
ctos exercicios; &
nam se contentando seu fervo-
roso zelo com acodir, com tanta
charidade aos Christãos, que pa-
deciam tam cruel cativoiro dos
corpos, tratavam de remediar
os que traziam as almas cativas
do demonio; & porque lhes es-
tava prohibido por obediencia,
como dissemos; que nam pré-
gassem em publico aos Mou-
ros; nam perdiam occasiã de
falar a alguns em particular; &
principalmente aos Elches, que
sam os arrenegados, que com

Do mai
fruto, q
os Pad
recolhia
é Titua

luas

suas sanctas praticas se tornã-
ram a recolher ao rebanho do
eterno pastor, donde havia
annos que andavam desgarrados.
Entre estas ovelhas perdidas,
a quem penetrou o rayo da luz do
cêo, foy hum Elche mancebo,
que entre os Mouros se chamava
Alcaalá, & era fidalgo Portuguès,
natural da cidade de Lisboa, o
qual (como outro filho prodigo)
se veyo finalmente a render,
& lançar aos pès do Padre Luis
Gonçalves, que tomandoo nos
braços, o recolheo no coração,
como pay amoroso a hum filho
arrependido.

docegra
mente o
Luis Gõ
lves, &
emse a
ita.

2 Com estes, & outros cõ-
tinuos trabalhos, veyo o P. Luis
Gonçalves a adoecer gravemẽ-
te; & porq̃ em Tituãm nam ha-
via remedio de poder sãrar, o
mandou o P. Ioam Nunes, que
se viesse a Ceita; aonde deo or-
dẽ o capitam D. Affonso de No-
ronha, pera que fosse curado cõ
todo o cuidado. Tanto que o
Padre se começou a erguer, lo-
go se foy ao pulpito, contando
d'elle os grandes trabalhos, &
extremas miserias, que os Chri-
stãos cativos padeciam; & decẽ-
do do pulpito, se foy logo pelas
portas a pedir esmolas pera tan-
tos necessitados. Recolhidas
estas esmolas, que todos lhe dê-
ram, com boa vontade, confor-
me a possibilidade de cada hum,
& vendose com bastante faude,

estando já posto ao caminho,
pera tornar à empresa dos seus
cativos, que enterrompêra, mas
nam deixara, recebeu cartas
do Padre Ioam Nunes Barre-
to, seu superior, em que lhe or-
denava, que logo se viesse a
Portugal, a dar conta a elRey
do que havia em Tituãm, & tra-
tar com elle, com efficacia, do
remedio d'aquella desempara-
da gente.

3 Com a vinda a Portugal
do Padre Luis Gonçalves, se ac-
crecentou ao Padre Ioam Nu-
nes, o pezo do trabalho, q̃ d'an-
tes se repartia por ambos; mas
nem por isso largou a estancia,
cõtinuando nella sempre com
o mesmo fervor, por espaço de
sinco annos, sendo em todo este
largo tempo sua ordinaria oc-
cupaçam, confessar, commun-
gar, consolar, & servir aquel-
les seus pobres cativos, os qua-
es, sêdolhe muy necessario o so-
corro temporal, muito mais ne-
cessitavam do espiritual; porque
havia muitos, que havia mais de
vinte annos, que se nam tinham
cõfessado; & d'estes puderia apõ-
tar muitos casos em particular.
Achou espaçoso mar a grande
charidade do P. Ioam Nunes,
em que pudesse liberalmẽte es-
tender suas velas, empregãdose
todo de dia, & de noite em tam
charitativos exercicios, compe-
tindo o trabalho do corpo com
as consolaçoens da alma, q̃ lhas

Fica o P.
Ioam Nu-
nes Barre-
to cõtinuã-
do sã com
esta mis-
sam.

Anno de
Christo de
1548.

386

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno d
Cōpanh
9.

Como se
applicava
o P. Ioam
Nunes em
servir aos
seus cati-
vos.

1. ad Cor. 9. 22.
Omnibus om-
nia factus sum.

dava Deos muy frequentes, imaginandose cativo dos mesmos cativos, por amor d'aquelle Senhor, que por dar liberdade aos escravos, veyo tomar forma de servo; & pelos libertar da morte, deo a vida em preço de seu resgate. Desfazia-se o charitativo Padre em ajudar aquella pobre gente; & como a charidade he muy engenhosa, nam havia officio de piedade pera o qual se nam mostrasse muy destro; já se fazia medico pera com huns, a outros servia de surgiã, logo se exercitava em o officio de enfermeiro, & cosinheiro (como outro S. Paulo, que pera ajudar a todos, fazia os officios de todos) varrialhes, & alimpaçalhes as masmorras, muy solícito de se guardar limpeza, pera que de todo nam ficasse aquelle ar corrupto, & inficionado: tudo fazia com tam extraordinaria applicaçam, que totalmente se esquecia do descanso do sono natural; gastãdo as noites inteiras em moer trigo nas masmorras, tomãdo sobre sy acodir à taréfa dos doentes, pera os livrar dos açoutes. A taes excessos chega a verdadeira charidade de Christo, quando de véras toma posse do peito de hum apostolico varram.

4 Nesta occupaçam vivia o Padre Ioam Nunes Barreto, tam contente com sua sorte, que

conforme escrevia ao P. mestre Simam, nenhũa cousa mais sentiria nesta vida, q̃ fahir d'aquelle sua voluntaria prisam, como verdadeiro imitador d'aquelle Senhor, q̃ se deixou prēder a sy, por nos livrar a nós do cativeiro; e quiz ser sepultado na terra, por nos tirar das masmorras do inferno. Quãdo lhe diziã (oq̃ succedia muitas vezes) q̃ os Mouros o queriam lançar fóra de Tituãm, por arrecearẽ, q̃ cõ sua estada e Berberia, encõtrafle sua perversa feita, estes eram todos seus sobrefaltos, & suas mayores afflicções; pera se aliviar d'estes riscos em que andava, apontava de lá ao P. Mestre Simam, que considerasse se seria bem, darlhe o serenissimo Rey Dõ Ioam algum cargo, como de ser escrivã da Redempçam, ou ao menos ajudante seu, pera q̃ d'esta maneira, por rezã do tal officio, os Mouros o nam pudessem lançar fóra, & aquelles pobres tivessem a consolaçam de sua assistencia.

5 Nam paravam os desejos do Padre sã em acabar a vida em estancia tam gloriosa, pera servir aos seus cativos; mas tambem pretendia, por todas as vias possiveis, se teria a ditosa forte de acabar martyrizado, entre os Mouros; bem significou estes abraçados desejos em huma carta, que achey escrita aos Irmãos do Collegio de Coimbra, na qual

entre

Grãdes
sejos, q̃
nha de
tinuar
o serviç
dos cat
vos.

Anno de
Christo de
548.

arta do
Ioam
unes Bar
to aos ir
ãos do
collegio de
imbra.

ande a-
r. Gre-
écia, q
ham ao
Ioam
nes.

Anno da
Companhia
9.

Atè os mes-
mos Mou-
ros o hon-
ravam.

entre outra lhe diz estas pa-
lavras : *Quid retribuam Domino
pro omnibus quæ retribuit mihi?*
*Donde mereci eu , sendo quem sou , ser
o primeiro da Companhia , que neste
Reyno em terra de Mouros chegasse a
pregar , & confessar , & dizer missa?*
*Elle seja sempre louvado , por ser tam
liberal , que faz tam grandes merces a
hum tam grande peccador. Ainda es-
pero deste grande Senhor , que me con-
ceda este favor , que me mande o Xa-
rife cortar a cabeça , ou moer com a-
çoutes , como muitas vezes aqui fazem
a estes cativos , pera que mais sedo va-
gozar da verdadeira vida , deixando es-
ta miseravel , pera os q sendo ella morte
a tem por vida , &c.*

6 Com tam sancto proce-
dimento , & com tam rara cha-
ridade , cobrou ao P. Ioam Nu-
nes toda a gente tanto amor , &
devaçam , q ao humilde Padre
causava nam pequena cõfusam:
em o vendo pelas ruas (quando
lhe era nessario , pera bem dos
seus cativos , & enfermos , fahir
d'aquellas covas soterraneas)
õlhavam pera elle , como se
vissẽm a hum Sam Paulo fahi-
do do terceiro cẽo ; huns lhe
beijavam a mam , outros o ve-
stido ; outros se lançavam a
seus pés , pedindolhe a ben-
çam. Seis masmorras havia ne-
ste tempo em Tituãm , todas
visitava cada dia , & nellas
nam havia doente , nem ne-
cessitado , que o nam tivesse a
cabeceira , pera lhe acodir a

alma , & pera lhe curar o cor-
po. Atè os Mouros se edifica-
vam , & o veneravam como a
sancto ; o mesmo Alcayde A-
cẽm vendoo fahir da masmor-
ra , lhe mostrava o rosto alegre ,
& dizia delle palavras de mui-
to louvor ; tal he a efficacia
da virtude , que atè os que sam
mais barbaros no entendimen-
to , nam deixam de alcan-
çar sua fermosura . O filho do
mesmo Alcayde repetia mui-
tas vezes , que taes finezas de
virtude nam se achavam em
nenhum dos seus Cacizes , &
aonde via o Padre o tratava
com grande , & notavel res-
peito : porẽm estes rayos de
luzes divinas , ainda que eram
bastantes pera lhes illustrar os
entendimentos , nunca che-
garam a lhes conquistar as
vontades . Muito desejou o
Padre de fahir a disputas com
os Cacizes dos Mouros ; po-
rẽm nam lhe foy possivel po-
der , nem d'esta maneira , entrar
naquelles mattos bravios da
seita Mahometana , tam se-
chados , que nem romper ,
nem entrar se deixam , pro-
fessando defender sua selvatica
superstiçam , mais como bru-
tos com fereza , que como ho-
mens com rezãm ; a maneira de
fêras , que com as unhas , &
com as garras defendem , que
lhe nam entrem em seus co-
vis.

Anno de
Christo de
1548.

388

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cõpanh
9.

7 Vendo o Padre que perdia o tempo com os Mouros, se voltatava aos seus Christãos, aos quaes trazia tam bem doutrinados, & tam domesticados, & bem acostumados com o uso dos sanctos Sacramentos, que naquellas seis masinorras já se nam ouvia hum juramento; muitos se confessavam de quatro em quatro dias, commungavam muitas vezes; & viviam finalmente tam reformados, que já aquellas covas nam pareciam carceres de cativos forçados, mas representavam os semiterios, & criptas antigas, aonde os sanctos martyres em Roma voluntariamente se recolhiã, vivendo tam contentes debaixo da terra, como se já estivessem no alto de cêo.

Como tra-
tou da cõ-
versãõ
dos Iudeos

8 Nam parava o fervoroso espirito deste grande servo do Senhor em curar, & sanctificar os seus cativos; mas vendo que os Mouros nam queriam disputar com elle, se hia ás synagogas dos Iudeos, aonde, como mais confiados, por mostrar que o nam temiam, muitas vezes o admitiram a disputas. Huma vez entrando em huma synagoga, achou o mestre, que estava cercado de grande multidam de mininos, todos muy lindos no exterior, aos quaes estava ensinando a ler pela Biblia: co-

meça o Padre a disputa com este mestre, eis que logo entram outros muitos, baltantes pera encher a synagoga, fazem oraçam a seu modo, tremendo com as mãos, & cabeça, falmêam com grandes guayas, & ridiculos menêos: riose o Padres d'aquelles tregeitos, & de tam fea, & impertinente supersticiam, perguntalhes porq oram de tal sorte? Respondem nam ser mais em suas mãos, á vista do respeito, que tinham a Deos, quando entravam a lhe orar, lembrados do tremor de seus antepassados, quando Deos no monte Sinay^a deo sua ley sancta a Moyses: & que a memoria d'aquelles terremotos os fazia a elles sahir com aquelles gestos, que pareciam ridiculos aos que eram de outra ley. Vede là, lhes disse o Padre, nam seja esse tremor manifesto castigo da morte, que destes ao innocente IESV, como Caim estremeia com a morte, que deo a seu irman Abêl,^b ordenando Deos justamente, que sempre trouxesse em seu corpo esta publica devisa de sua enorme maldade.

9 Daqui tomando o Padre occasiã, tratou a disputa com hum dos mais anciãos na idade, mayor Rabino na autoridade, & que entre elles parecia o melhor doutor.

come-

^a
Exo. 19. r

^b
Gen. c. 4

começando a disputar, todos a
roda cercaram o Padre (como
antigamente, em outra seme-
lhante acção, os Iudeos cercã-
ram a Christo "Senhor nosso, to-
mandoo todos no meyo: a este
mestre ignorante provou o Pa-
dre, cō grande copia de lugares
da Biblia, todos os mysterios da
vinda do Messias, & os princi-
paes artigos, que elles negam:
ouvio o Rabino as palavras de
vida eterna, mas como aspide
surda tapou as orelhas, por nam
entender ao prégador da verda-
de; mostrase pertinães em seus
erros, persistem os mais em sua
dureza, continuam em sua ce-
gueira; & faltandolhe na boca a
reposta, no entendimento o dis-
curso, & muito mais no rosto o
pejo, vieram a brados descom-
postos; que esta foy sempre a
manha dos ignorantes, quere-
rem levar à força de gritos, o
que nam sabem persuadir com
efficacia de rezoens. Entra em
zelo o varã apostolico, co-
meça tambem a dar vozes, di-
zendo, que elle estava appa-
relhado a morrer alegremen-
te, nam humasõ, mas mui-
tas vezes, pela ley sanctissima
de Christo verdadeiro Deos,
& Messias, & que nenhum
d'elles se atreveria a dar a vi-
da em prova de sua falsa cren-
ça, como se se lembrara do
desafio de Elias aos sacerdotes
de Baal^d. E vendo que nam

havia nenhum que aceitasse o
campo, & que a vista d'estes
seus brados todos ficaram co-
mo emmudecidos, abrandou
tambem a voz, & recolheo o
impeto d'aquelle fervoroso es-
pirito; & com vozes brandas, &
rezoens muy bem compostas,
tratou de lhes persuadir a ver-
dade do Evangelho. Entra neste
comenos na synagoga o fidalgo
de Lisboa, que fora renega-
do, a quem o Padre Luis Gon-
çalves tinha reduzido, & como
bom discipulo, se poem logo da
parte de seu mestre, arde em ze-
lo, pela ley de Christo, cōtra os
erros dos Iudeos; & vendo que
se nam deixam convencer com
rezoens, desejava, como outro E-
lias, que viesse fogo do cẽo, que
abraçasse os corpos, pois nam
queriã render a Deos as almas.

10 Acabouse finalmente a
disputa, deixandoos o P. igual-
mente convencidos no entendi-
mento, & obstinados na vôtade;
porẽm o successo mostrou, que
nam foy de todo baldada a con-
tenda, & que finalmente a vi-
ctoria ficou pelo Padre; porque
em chegando a casa, logo nas
suas costas veyo o Rabino ma-
is anciã, que tinha sido o
presidente da disputa, a render
as armas á verdade do Evange-
lho; confessando que bem tinha
entendido, pelas escrituras, ser
Christo Iesu o Messias prome-
tido, & que agora vinha con-

4. Reg. cap. 1.
n. 10.

Do fim de
sta dispu-
ta.

Anno de
Christo de
1548.

390

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

fessar em secreto o que d'antes tinha negado em publico: porém que estava deliberado já a passar-se á cidade de Ceita, & ser Christam em publico, & em secreto. Outros varios Iudeos, de-
posto o velame com que o diabo os traz cegos, receberam a luz da graça; que tambem passou a allumiar a muitos Mouros, & Elches, que chamavam ao Padre, pera lhe fazer varias perguntas sobre as cousas de sua salvação, & finalmente se fogueitavam á verdade evangelica. Mas deixemos por agora ao servo do Senhor, feito, por seu amor, servo dos cativos de Ti-
tuam, que tempo nos virá em que, no quinto livro desta Chronica, o venhamos tirar do aperto destas masmorras de Africa, pera o levarmos feito Patriarcha á outra Africa mais dilatada. E agora vamos continuando com outras missoens, que neste anno se fizeram.

CAPITVLO XXXV.

Da missam, que este anno mandou á India o Padre mestre Simam de dez religiosos nossos, faz-se mensam de alguns d'elles em particular.

I Alamos no capitulo passado da missam, q
o Padre mestre Simam mandou a Africa, agora contaremos a que no mesmo anno enviou á India; porque seu grãde espirito abrangia ao mundo todo. Dez religiosos despachou este anno pera o Oriente, que pera o Padre mestre S. Francisco de Xavier foram de notavel alivio, & grandissima consolação, & a melhor, & mais preciosa mercadoria, que de Portugal se lhe podia conduzir. Destes seja o primeiro o Padre Melchior Gonçalves, Theologo de muito espirito, & singular zelo das almas, como bem mostrou primeiro em Portugal, & depois na India, aonde se occupou com tanto fervor, & cuidado, na conversam dos gentios, & ajuda espiritual dos Christãos, que o Padre Paulo de Camerino (que com o Sancto Padre Francisco de Xavier passou ao Oriente) nam acha palavras com que engrandeça a grande satisfação, que havia d'este insigne missionario. Logo deo mostras de sua acertada eleição, no que fez em Baçaim, aonde, em breve tempo, ministrou o sancto baptismo a quatrocentos gentios, confundindo seus erros, derrubando pagodes, levantando templos; entre os quaes foy a Igreja da Madre de Deos de Tanà, que está

quatro

Anno
Cipan
9.

P. Melchior
Gonçalves
ves in
ne missa
rio.

quatro legoas de Baçaim, aonde depois foy crescendo a Christandade, & ao presente tem a Companhia Collegio, ordenando no mesmo lugar o Padre Melchior Gonçalves hum seminario pera boa criaçam dos mi-ninos, filhos d'aquelles novos Christãos.

2 Daqui naceo em particular a destruiçam de hũ muy grande, & sumptuoso pagode, lavrado de obra Romana, aonde todos aquelles gentios, na figura de hum corpo humano, com tres rostos (que o demonio nam sabe ter hum sô) que representava tres idolos chamados Bamhaa, Bisnuu, & Mace-rũ, adoravam a sua falsa, & mō-struosa Trindade, semelhante à que os Gregos antigamente, & ainda depois delles aceitãram os Romanos, nas tres cabeças, & tres officios, que fingiam em Diana; que sempre o diabo intentou com sombras falsas desluzbrar luzes verdadeiras. Estava este seu famoso templo, entre huns valles de sombrio arvoredado (que o diabo sempre foge da luz) cercado ao redor com tres fontes, às quaes correspondiam três tãques de muita agoa, que lhes serviam dos abominandos sacrificios; & superstitiosos lavatorios; por ser aquella casa frequentada d'aquelles cegos gentios, que de toda a India acoediam a visitar,

& adorar aquella tergemina monstrosidade. Toda esta espantosa machina, se bem representava o muy celebrado, & famosissimo templo do idolo de Serapis, & na grandeza de sua obra, tambem o representou no successo de sua ruina. Estas, & outras insignes obras fez, & fez o Padre Melchior Gonçalves na India, & finalmente acabou sanctamente em Goa, no anno de mil, & quinhentos, & sincoenta, & sinco.

3 O segundo dos eleitos pera esta missam da India, foy o Padre Balthazar Gago, varam escolhido, por particular providencia de Deos, pera hir criar a nova Christandade, que o Senhor tratava de plantar em Iapam; aonde foram notaveis os serviços, que lhe fez este grande servo seu, que demandavam hum grande livro, porque padeceo grandes cativeiros, & se vio muitas vezes abraços cō a morte, entre perigos da terra; & entre naufragios do mar; & humavez esteve condenado à morte, esperando por momentos, com grande alegria, o golpe da catana Iaponeza, pera lhe cortar a cabeça, por amor do mesmo Senhor: foram innumeraveis as almas, que tirou da garganta do dragam infernal, & restituiu a seu criador. De tudo isto se fará larga mençam na historia da India; & já an la impresso nas

b
Vide Ruf. d. c.
22. & sequent.
Itē Socrat. lib.
7. c. 20. Spōd.
annal an. 389.
n. 15.

P. Balthazar Gago
foy grande
Apostolono
Iapam.

Anno da
Christo de
1548.

392

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

cartas de Iapam, & pelo Padre Luis de Gusmam da nossa Companhia.

4 O terceiro foy o Padre Antonio Gomes, doutor em Theologia, pela Vniversidade de Paris, homẽ de altos espiritos, & grande engenho, o qual hia pera ser Reytor do Collegio de Goa. Foy o quarto o Padre Paulo do Valle, que na costa da Pescaria fez muitos serviços a Deos nosso Senhor, & no fim veyo acabar preso entre Gentios, pela fé, que como Christam professava, & como prégador lhes ensinava; dando com este genero de martyrio, ditofo remate a seus gloriosos trabalhos, testificando com a morte, entre cadéas, & grilhoens, o que tinha prégado em vida, entre barbaros, & gentios.

Irmam Ioam Fernandes, grãde prégador no Iapam.

Lib. 2. c. 19.

5 Entrou mais em o numero d'estes dez missionarios o irmam Ioam Fernandes de Oviedo, ditofo companheiro do Padre S. Francisco de Xavier no Iapam, & interprete do Padre Cosme de Torres (de quem já falamos neste livro.) Este he aquelle Irmam Ioam Fernãdes, tam celebrado, & exemplar prégador do Iapam, que com os milagres da paciencia, suprio a falta das letrãs; a cujo raro exemplo attribuímos, & devemos as primeiras cõversoens, que houve no Iapam: porque havendo dias que elle, & o Padre Sam

Francisco de Xavier prégavam na cidade de Iamanguche, sem tirarem fructo de seu trabalho; estando prégando o Irmam, como tinha de costume, em hum rua, hum dos que passavam, mais obstinado em seus erros, & mais descomedido em seu atrevimento, se chegou a elle, & lhe lançou no rosto, em quem rodos os presentes tinham os olhos, hum esgarro, que de repente arrancou do peito. Tam seguro ficou o Irmam com esta afronta, como se a elle se nam fizesse; mostrando ser verdadeiro discipulo d'aquelle Senhor, em cuja divina face, espelho da divindade, & envejas sanctas de Seraphins abraçados, se atrevêram peccadores a fazer semelhantes tiros. Passou avante o gentio, zombando, & dando rizadas, mas nam passou por alto aos ouvintes exemplo de tam raro sofrimento; discursáram como judiciosos, que nam podia deixar de ser sancta huma ley, que taes effeitos causava em seus prégadores: dali por diante se começaram a bautizar, & se abriram de par em par aquellas portas de bronze, com que o diabo tinha fechados os corações àquelles gentios: ficando evidente a todos, que mais se convertéo o mundo pela paciencia, que pela eloquencia; & que pôde melhor prégear o que melhor sabe sofrer.

Anno
Cõpan
9.

*Exẽplo
sofrimẽto*

Mat. 26.
Tunc ex
sunt in fa
eius.

6 Os outros companheiros foram os Irmãos Francisco Gonçalves, Gil Barreto, Manoel Vaz; & o Irmam Luis Froes, natural de Lisboa, o qual depois de feito sacerdote na India, escreveu em bom estylo, com grande diligencia, & verdade, todas as cousas tocantes à conversam dos infieis nas partes, & Reynos do Iapâm; tendo particular cuidado de escrever todos os annos a Portugal os successos d'aquella nova Christandade, cujas cartas eram esperadas com grande alvoroço, nam sò em Portugal, aonde as remetia, mas tambem por toda Europa, aonde se desejavam. A historia ecclesiastica do Iapâm nos dizem, que deixou composta, mas nam acabou de chegar à impressam do prelo, por elle primeiro chegar ao premio do cêo, que foy muy bem merecido depois de largos, & continuos trabalhos, que padeceo em o Iapâm, nam menos escrevendo como bom historiador, que obrando como melhor prégador.



CAPITVLO XXXVI.

Vay pera a India, entre estes dez missionarios, o Padre mestre Gaspar Barzêo, que foy hum dos mais insignes sogeitos, que teve a Companhia.

I O ultimo lugar nos pareceo apontar ao Padre Mestre Gaspar Barzêo (sendo elle digno de ter sempre em todas as historias o primeiro lugar) pera nos termos hum pouco com elle, como pede a obrigaçam, que temos a hum tam heroico, & raro varâm, que sem duvida foy hum dos mais assinalados entre os apostolicos missionarios da Companhia, na qual entrou em Coimbra no anno de 1546. no septimo da Companhia, & delles já diffemos alguma cousa neste mesmo livro. ^a

2 Este he aquelle grande mestre Gaspar, segunda pedra fundamental do glorioso edificio da Igreja militante nas partes da India Oriental. Este he aquelle mestre Gaspar, cuja humildade foy tam singular, que sendo dotado de tantos, & tam excellentes talentos, como a

^a
Lib. 2. c. 15. n.
7. & 8.

*Humilda-
de do P. M.
Gaspar.*

Anno de
Christo de
1548.

394

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

experiencia ensinou, se deixou
estar por muito tempo servindo
de roupeiro em o Collegio de
Coimbra, tirandoo Deos d'esta
humilde officina pera o pulpi-
to, como antigamente ao nosso
Português S. Antonio da cofi-
nha pera a cadeira. Embarcou-
se este milagroso varão pera a
India, em a não em que hia por
capitam mór Ioam de Mendo-
ça, filho de Antonio de Men-
doça Furtado, & de Dona Isabel
de Noronha (o qual foy
governador da India, & succedeo
no governo ao Conde do Re-
dondo, no anno de 1564.) di-
toso em levar tal companheiro
na sua não, porque elle lhe va-
lêo em huma horrenda, & sub-
ita tormenta, que se levantou no
cabo de boa esperança, em que
todos se deram por perdidos; na
qual o impeto dos ventos, a bra-
vosidade dos mares, a furia das
ondas, que de todos os lados va-
rejavam a não, a continuacão
dos choveiros, a repetição de
espantosos rayos, ameaçavam
aos tristes navegantes o naufra-
gio certo, & a morte presente:
& tal foy emfim a confusão, &
perturbação de todos os nave-
gantes, que chega a dizer o Pa-
dre mestre Gaspar^b, que sò os
tormentos, & tormentas do in-
ferno poderiam vencer o que
aquelles pobres ali padeceram.
A todos acodio este grande ser-
vo de Deos, que como melhor

piloto, melhor soube governar
a não; porque com três cruces,
que fez no mar, amansou o in-
domito elemento, serenou o tẽ-
poral, & aquietou aquelle bra-
vo tufão.

3 Este he aquelle Padre
mestre Gaspar, que sendo de
nação Zelandês, & que corta-
va mal a nossa lingoagem Por-
tuguesa, com tudo era tam raro
o espirito do cẽo, com que se
explicava, que aquelle mesmo
Senhor, que fez eruditas as lin-
goas dos mininos de peito, lhe
dêo a sua tal graça, que foy o
mais ouvido, & o mais buscado
prêgador, que em seu tempo
houve em Goa; porque aonde
faltava a propriedade das pala-
vras cultas, sobejava a eloquen-
cia das obras sanctas; & aonde
nam havia arrezoados de Rhe-
torica enfeitada, bradava a effi-
cacia do espirito inflammado.

4 Este he aquelle famoso
prêgador, & insigne apostolo de
Ormús, mandado pelo Padre S.
Francisco de Xavier; a qual ci-
dade, naquelle tempo, era hũa
Babylonia do Oriente, era hum
theatro de toda a abominação,
huma feira da ladra de toda a
maldade, escala franca dos
mayores vicios, praça livre dos
mais abominandos peccados, &
hum emporio de toda a falsa
superstição, por acodirem a el-
la, com o melhor das riquezas
do Oriente, as peyores fezes do

mundo

*Grãde tor-
mẽta, que
aquietou o
P.M. Gas-
par*

^b
P. Nicol. Trig.
in vita Gaspar.
lib. 1. c. 6.

Anno
Cõpanhi
9.

^c
Sap. 10. n.
Et linguas
fantium fac
disertas.

Foy muy
celebre e.
Ormús.

mundo, assim da Christandade, como da Gentilidade, do Judaísmo, da Mourama, da Persia, & da Turquia; que toda esta escoria se ajuntava naquella cidade, que chamavam pedra do anel do Oriente; pera que entendamos, que ahi mais triumpham os vicios, aonde melhor brilham as riquezas. Entrando pois neste grande campo aquelle abraço do espirito do Padre M. Gaspar, tantos foram seus incansaveis trabalhos, tã efficazes seus sermoens com os Christãos, suas disputas com os Judeos, suas rezoens com os Gentios, seus prodigios com os Mouros, que em breve tempo aquella cidade, qual a de Niniye peccadora, ficou convertida; & aquella praça de falsas abominações, transformada em cidade de verdadeiros Christãos. Por espaço de tres annos se deteve nesta empreza, com huma vida verdadeiramente apostolica, confundindo a idolatria, convencendo aos Judeos, convertendo aos Gentios, peleijando victorioso contra os vicios, & despojando triumphante ao inferno.

ata effi
se fa-
do P.
Gaspar.

5 Foy tam estimado o Padre mestre Gaspar em Ormus, que todos, assim Mouros, como Gentios, o tinham, & reverenciavam como homem sancto; o mesmo Rey se tirou huma vez de seu trono real, & à força fez nelle assentar o humilde

servo do Senhor; como se de tal lugar sò fosse mais merecedor, o que era menos ambicioso: este mesmo Rey, por dar gosto ao Padre, & pelo respeito, que tinha a sua veneravel pessoa, & credito, que dava a sua doutrina, mandou fechar as portas do seu Alcorâm de pedra, & cal; & fez outros notaveis excessos, em que mostrou a opinião, que tinha da virtude do Padre, & o conceito, que fizera da verdade do Evangelho.

6 Voou tanto por aquellas partes a fama do Padre mestre Gaspar, que de dentro do sertão da Arabia felix, entre os dous cabos Rosalgate, & Moçandam, na região, que hoje chamam Aymam (que cuidando serem os filhos de Amam, descendentes de Loth, aos quaes a sagrada Escriptura chama Amonitas, que sendo Gentios foram os primeiros a quem preverteo o falso Propheta Mafamede, por ser gente muy ignorante) vieram dous embaixadores de quatro cidades, as mais nobres d'esta Região, ao Padre mestre Gaspar, pedindolhe, que lhes fosse pregar o Evangelho, porque com a fama dos milagres, que d'elle ouviam, estavam todos resolutos a serem Christãos. Muito estimou o Padre esta embaixada, & de melhor vontade se partiria a darlhe o cumprimento, se nam estivesse

d
Gen. cap. 19.
n. 38.

Embaixa
da ao P.
M. Gaspar

por

*Côvertê-se
os q' lhe le-
varam a
embaixa-
da.*

*4. Reg. cap. 5.
an. 1.*

por davante a obediencia do seu sancto Padre Francisco de Xavier, que por reprimir os sanctos impetos d'aquelle ardente espirito, lhe poz expresso preceito, que por espaço de tres annos se nam sahisse de Ormûs, nê se metesse pela Persia, ou Arabia. Mais ditosos foram os dous embaixadores, que vieram, que as quatro cidades, que os mandaram; porque estas ficaram cõ a magoa do Padre nam poder hir em pessoa a prègarlhes; & os embaixadores recebêram a agoa do baptismo, & se voltaram pera suas terras, bem instruidos nas cousas da fé, mais contentes sem a contagiã dos peccados na alma, depois do baptismo, do que Naaman sem a lepra, que lhe inficionava o corpo, depois de se lavar no rio Iordam. Atê Constantino- pla chegou o nome do Padre mestre Gaspar, & de là o dese- jaram, & pretendêram: porque a virtude, & sanctidade nam he menos estimada ao perto, que procurada dos que vivem lon- ge.

7 Este finalmente he a- quelle Padre mestre Gaspar, a quem o sancto Padre Francisco de Xavier, partindose pera Ia- pãm, deixou em seu lugar, por V. Provincial da India, & a quẽ logo o mesmo sancto P. M. de joelhos, como se fosse verdadei- ro subdito, rendeo obediencia.

Foy este insigne varã hum ra- ro exemplo de toda a perfei- çam; na pureza foy tam esme- rado, que vivendo na terra en- tre peccadores sensuaes, pare- cia apacentarse já no cêo, se- guindo o cordeiro entre lĩos: era muy dado á oraçam, & fa- miliaridade com Deos; de tal maneira repartia o tempo da noite, que sôs tres horas dava ao descanso corporal, as mais gastava em exercicio espiritual. Desta forja de amor divino sa- hia tam acêso em o amor do proximo, que ardia em desejos de dar sua vida pela salvaçam das almas. No zeloda honra de Deos parecia outro Elias, & nam havia cousa, que se lhe repre- sentasse difficullosa, quando por davante se punha a honra de Deos, que zelava, & o bem das almas, que procurava. Na occa- siã em que o Rey de Ormûs mandou fechar de pedra, & cal (como dissemos) as portas do seu Alcorãm, bramiam os Mou- ros com furia diabolica, corta- vamse com navalhas em final de sentimento, amotinandose todos na cidade, ameaçando ruina aos nossos templos, morte ao Padre, & destruiçam a toda aquella Christandade. Nam as- sombrou o animoso prègador, antes com novos brios, inflam- mado em zelo da honra de Deos, & desejo do martyrio, tra- ta de sahir em campo contra os

inimigos

*Virtude
do P. Gaspar*

inimigos da verdade; toca logo caixa, que era a cápainha da sãta doutrina; poe em ordẽ seus esquadroẽs, q̃ eram os mininos que doutrinava; rõe pelo meyo d'aquella Mourama; vayse demãdar hũa mesquita, q̃ estava e hũa alto mōte, aõde os Mouros, e seus Cacizes se tinhũ feito fortes; sobem os mininos pela ferra acima; vam entoãdo a sãta doutrina, enchem os valles a s vozes desta innocente soldadesca; entram, a pezar dos Mouros, na mesquita, arvora o Padre no mais alto della huma fermosa cruz, em final de victoria: á vista deste invencivel estendarte de nossa redẽpçam, foy tal o medo que deo nos Mouros, que sem outra batalha, nẽ outras armas, perdẽ o animo; desempãram o câpo, deixam a estancia, largam aquella, & todas as mais mesquitas, ficando em toda a ilha esbulhados da posse immemoravel, em que estavã de terem nella seus templos; que se hoje ainda houvesse igual espirito, tambem veriamos semelhãtes victorias.

8 Hiãme detendo mais do ordinario nesta materia, porẽm menos do que he devido a este insigne varãm; & ainda nos ficavam por contar suas muitas, & muy espantosas obras, que se tiveram por milagres, com que Deos o fez venerado em vida, & autorizado depois da morte; mas o que tenho dito he bas-

stante, pera darmos esta breve noticia deste excellente Apóstolo; cujas obras milagrosas sã já muy sabidas, porque andam na vida do sancto Padre Frãcisco de Xavier, eferita pelo Padre Ioam de Lucena de nossa Companhia, no livro 10. de sua admiravel Chronica: & mais copiosamente as trata o Padre Nicoloo Trigault da mesma Companhia, em hum livro, que fez da vida deste incomparavel Padre; que foy sem duvida gloria da patria, aonde nãceo; honra de Portugal, aonde se criou; ornamento da Religiam; aonde viveo; & finalmente emparo, & protector da India: aonde na cidade de Goa, com os Sacramentos tomados, entre dulcissimos colloquios com seu criador, & sentimẽtos de nam morrer martyrizado, lhe entregou sua alma em 18. de Outubro de 1553. dandolhe o primeiro accidente, & como correo da morte, estando prégando no pulpitto, porque tal emperador do Senhor dos exercitos, nam convinha que morresse, senã estando em pẽ: nam tinha da Companhia mais que sete annos, & meyo; nos quães fez tantas, & tam prodigiosas maravilhas, que neste pouco tempo igualou por merecimentos de obras, o q̃ outros grãdes sanctos alcançaram por cõtinuaçam de annos, & merecẽo dizerse del-

Vide Nicol.
Trig. in vita P.
Gasp. lib. 3.
cap. 20.

Morte do
P. M. Gasp.
par.

Anno de
Christo de
1548.

Seneca Cōsol.
a l. Martiam.
Quidquid ad
summū perve-
nit a l. exitium
properat.
Ingenia quō
illustriora, &
breviora, nam
nō in incrementō
locus non est,
vicinus occa-
sus est.

398

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

le, q̃ chegou perto de se igualar
cō o P. S. Frãcisco de Xavier. E
nam he esta a primeira vez, que
a morte envejosa levou os que
eram melhores; q̃ os engenhos,
diz Seneca, q̃ quāto sam mais su-
blimes, tanto sam mais breves;
porque como chegaram ao sū-
mo, se nam ha mais pera onde
subir, necessariamente se ha de
seguir o decer, & o acabar: Nam
*ubi incremento locus non est, vicinus oc-
casus est:* que até nisto sam seme-
lhātes à luz do sol, que em che-
gando ao mais sublime ponto
do seu auge, logo desce ao ter-
mo de seu occidente.

CAPITVLO XXXVII.
*Como entrou na Companhia
Dom Theotonio de Bragan-
ça, filho do Duque Dom
Iaimes; de como seus pa-
rentes o procurāram
tirar da Com-
panhia.*

Continuavam neste
anno as obras do
Collegio de Coim-
bra, & ainda que houve alguns,
que nam gostāram muito do
trabalho, & que à vista da padio-
la desanimāram; os quaes, como
vimos no capit. 23. tornāram a-
trās; cō tudo tambẽ houve mui-
tos, que movidos cō os illustres,
exēplos dos nossos religiosos, vie-

Lib. 2. c. 23.

ram pedir a Companhia, q̃ muitas
vezes alli succede, q̃ o que a hūs
servio de pedra de escadalo, pe-
ra logo tropeçar, aproveitou a
outros de espera, pera melhor
caminhar. Entre os q̃ neste tempo
do governo do P. Luis da Grã se
movēram a pedir a Companhia, o
principal foy D. Theotonio de
Bragança, cuja entrada quero a-
qui referir por extēso, porq̃ teve
notaveis circūstācias: & pera me-
lhor noticia he necessario con-
starnos primeiro quem foy este
sogeiito, cō cuja entrada, esteve e
balanças ficar, ou sair a Com-
panhia de Portugal.

2. Foy D. Theotonio filho de
D. Iaimes, quarto Duque de Bra-
gança, sobrinho del Rey D. Ma-
noel, porque era filho do Duque
D. Fernādo, segūdo deste nome;
& da Infante D. Isabel, irmã del-
Rey D. Manoel, & filha do Infā-
te D. Fernādo, que era filho del-
Rey D. Duarte: casou o Duque D.
Iaimes em Castella cō D. Lea-
nor de Mēdoça, filha de D. Ioam
de Gusman, terceiro Duque de
Medina Sidonia, da qual houve
hū filho chamado D. Theodo-
sio, que lhe succedeo no estado, e
hūa filha a Infāte D. Isabel, mo-
lher que foy do serenissimo In-
fante D. Duarte, filho del Rey D.
Manoel, & pays da senhora D. Ca-
therina (oppositora cō el Rey D.
Philippe á coroa de Portugal,
& avô dignissima da magestade
del Rey D. Ioam o IV. N. S. mór. q̃

hoje

Anno
Cōpanh
9.

Progen-
res de
Theoton-
de Brag-
ça.

hoje reyna em Portugal) Morta D. Leonor, casou segunda vez o Duque D. Iaimés cō D. Ioãna de Médoça, filha do Alcayde mōr de Mouram, senhora em sangue illustrissima, por ser da casa do Infatado em Castella; & ainda eram mayores os dotes d'alma, cō q̃ Deos a illuminou: d'ella houve o Duque D. Iaimés quatro filhos, & quatro filhas; q̃ forã D. Ioãna (q̃ casou ē Castella cō D. Bernar do de Cardenes, Marquês de Elche, sucessor do Ducado de Maquẽda) D. Eugenia, molher de D. Frãcisco de Mello, seu segundo primo, Cōde de Tétugal, & Marquês, q̃ foy de Ferreira; D. Maria, & D. Vicécia, q̃ foram religiosas no mosteiro das Chagas de Villaviçosa. Os filhos foram D. Iaimés, que falecẽo de pouca idade: D. Constantino (Camareiro mōr del Rey D. Ioam o III. & primeiro Visorrey, que foy á India na menoridade del Rey D. Sebastiam, no anno de 1558) D. Fulgẽcio, que foy D. Prior ē Guimaraẽs da Igreja collegiada de N. Senhora da Oliveira, & commẽdatario do mosteiro d'Amoreira: o ultimo foy D. Theotonio de Bragãça, o qual ficava sendo sobrinho segũdo del Rey D. Ioam o III. por ser filho do Duque D. Iaimés, primo irmam do dito Rey, filhos de irmãos, a saber, el Rey D. Manoel, & a Infante D. Isãbel; & ē cõsequẽcia d'isto, era D. Theotonio das mais reaes, &

autorizadas pessoas, que havia no Reyno, & o sogeito de mayor qualidade, que entam autorizava a Vniversidade de Coimbra.

3 Habitava D. Theotonio no cōvẽto de S. Cruz, aõde o Duque D. Theodosio, seu irmam, o tratava cō grãde casa, como pedia a grãdeza de tal estudãte. Soavã muito neste tẽpo ē Coimbra, os exẽplos de rara edificam, q̃ davã os nossos Irmãos moradores do Collegio de Coimbra: de boa vôtade ouvia D. Theotonio o q̃ lhe cõtavam de nossas cousas; & movido desta fama, hia algũas vezes cō sãcta curiosidade a nossa casa, pera ver o novo edificio, q̃ se levantava, & experimentar os exẽplos, q̃ lhe cõtavam; gostava muito de ver os nossos religiosos, q̃ andavam trabalhando nas obras, de cuja modestia, e cõposiçã se edificava, & maravillhava muito: & como era de singular natureza, de christãos, & reaes costumes, afeiçoouse tãto aos nossos, & cõtẽtoulhe tãto seu bõ procedimẽto, q̃ se inclinou a fazer-lhes cõpanhia nas obras do edificio, que faziam, & seguilos na regra da vida, que professavam.

4 Era elle de idade de 18 annos, & nã se podia dizer, q̃ se mo-
via sã advertir no q̃ determinava; vayse cō estes pẽsãmẽtos de mandar ao P. mestre Simam, que o ouvio muy de espaço, respondendolhe, que era necessario mais maduro cõselho, sobre mu-

9.

Occasiã, que houve pera Dom Theotonio entrar na Cõpanhia.

Como pediu a Cõpanhia.

Christo de
1548.

dança de vida de hum filho de tal pay, & sobrinho de hũ Rey tã poderoso, & aquẽ a Cõpanhia tinha tã grãdes obrigações. Sõtiasse muito o fervoroso pretendente da religiam, haverlhe de servir de impedimento, pera entrar na Cõpanhia, o q̃ elle cuidava q̃ havia de ser causa de o receberem de melhor vontade. Foy tanta a força, q̃ repetio por muitas vezes, instando nesta sua petiçam, q̃ se resolveo o P. M. Simam, de nam resistir a tã sanctas importunações; & assim, depois de larga cõsideraçam, pôdo os olhos sò em Deos, cuja parecia a vocaçã, o admitio por novoço na Cõpanhia. E nam foy esta a primeira vez, q̃em religiões sagradas se dedicaram ao serviço de Deos muitos sogeitos, cõ semelhantes empenhos de sangue real, q̃destes casos há muitos nas historias ecclesiasticas, ^a& ẽ Portugal nos nam falta o exẽplo, q̃ neste particular nos deo o Infãte D. Pedro, irmam, ou filho del-Rey D. Affonso Hẽriques, ^bq̃ foy frade de S. Bernardo, no mosteiro de Alcobaça: & tãbẽ em nossa religiam temos neste particular illustrissimos exẽplos, q̃ andã em nossas historias; & ainda neste presente anno, em q̃ isto vou escrevẽdo, entrou na Cõpanhia em Roma, com edificaçã de toda a corte Põtifical, & admiraçã de toda a Christãdade, o Infãte Cassimiro, irmam do serenissi-

^a
Vide Plat. de
bono stat. Rel.
lib. 2. c. 26.

^b
Vide quz dico
lib. 2. c. 20. n. 6

mo Rey de Polonia: q̃ a casa de Deos he tã nobre, que hõra aos Principes, & nã fica deshõrada cõ os peoens (pois todos servẽ a hũ mesmo Deos, q̃ sêdo Senhor dos anjos, se fez escravo dos homẽs); & d'aqui nasce ficarẽ todos nella mais aproveitados, cõ tam milagrosa mudança, que assim como pela natureza divina ficou deificada a humanidade, em rezãm da uniãm substãcial à hypostasi do Verbo; asy a magestade de Deos autorizou a humildade do homẽ; ficando o abatimento dos que o servẽ tã sublimado, & a pobreza dos que o imitam tã adeosada, que quãdo parece que mais se humilhã os Principes da terra, cõ se fazerẽ mais pobres, ẽtam sem duvida mais se entronisam cõ ficarẽ mais divinos.

5 Cõ tal fervor se entregou a Deos ẽ sua casa D. Theotonio, e cõ tal resoluçã se abraçou cõ a pobreza, & cõ a humildade, que depois de se recolher em exercicios spirituaes, sahio delles tã inflãmado, q̃ toda a aniquilaçam, & abnegaçam de sy mesmo, lhe parecia glorias de mayor estima, & hõras de melhor credito: & nã lhe bastãdo jã as humildades, q̃ ficavã das portas a dẽtro, pretendia, como sollicito oppositor, as mais publicas, pelas ruas mais cõmuas da cidade, julgãdo q̃ nã se havia de desprezãr de seguir no publico do mũdo, o q̃ julgava por melhor no secreto da religia. Na

da lhe

A m
Cõpa
9.Cemo
ceder
Theot
no no
ciado.

lhe embarçava a confiança, ver-se em trajos, & occupaçoẽs, que tam longe estavam de sua qualidade, todas tinha por cõfiadas em sy, pelo gosto de as exercitar. Servia nos mais baixos officios da casa, cõ tã tráfordinario fervor, quanto tivera o mayor ambiciofo de se ver no mais honrado lugar. Até dos criados do Collegio procurava ser criado, fazêdo-se enfermeiro dos que estavã enfermos, cõ tal amor, & cuidado, como se em cada hũ servisse ao mesmo Christo; q̃ a verdadeira charidade trata da obra, & nam respeita à pessoa.

ta o
que de
r seu
am da
anhia.

6 No meyo d'estes sãtos fervores, fervia o mũdo por impedir tã gloriosas victorias. Era já neste tẽpo falecido o Duque D-Iaimes, tinhalhe succedido no estado de Bragãça seu filho Dõ Theodosio o primeiro (o qual nam sò era irmam, mas tãbẽ foy como pay de seus mesmos irmãos) chegoulhe a nova da entrada de D. Theotonio na Cõpanhia, cõ a qual notavelmẽte se alterou; tẽdo por grãde injuria sua entrar seu irmam ã hũa religiã tã nova, pouco conhecida, e pouco autorizada; & mais se lhe accrecetava o sctimẽto, por se effectuar sã ordẽ sua (o mesmo sentimento houve ã sua mãy a senhora D. Ioãna de Mendoça) Vayse a elRey seu tio, q̃ este se lhe representou por melhor caminho, parecêdolhe q̃ logo se executa-

ria o que elRey ordenasse neste particular: entra a falar cõ elle, armado cõ grãdes queixas cõtra mestre Simam, por se atrever a meter na Companhia D. Theotonio, sã licença de hũ Rey seu tio, & sem ordem de hũ Duque seu irmam: que se nam havia de permitir, que a Companhia, sendo hũa religiã nova, & tã pouco autorizada, lhe roubasse seu irmam, cõ persuações enganosas, querendõse fazer conhecida á conta de pessoas illustres, que cõ mil invenções procuravam recolher em sy: & que ãmenhã nam estaria seguro nenhũ senhor em Portugal, porque cõ a mesma facilidade lhe enganariam os filhos, & lhe furtariam os irmãos. A volta destas queixas tam apaixonadas, pede o Duque cõ grãdes instancias a elRey, q̃ ou lhe faça logo remerer a sua casa a seu irmam, largãdo-o a sua mãy, reprẽdendo muito a M. Simam de tal atreuimẽto; ou ao menos lho mande depositar em outra religiã, & se lhe faça exame, & perguntas por outros religiosos, quaes elle nomeasse.

7 Ouvio elRey ao Duque seu sobrinho, & nam desprezou os requerimentos de tam grãde parte: ou fosse pela rezã, que achou em suas petições, ou pela autoridade, que havia no requerente; deolhe palavra de lhe accodir áquelle negocio, & de ao menos lhe fazer depositar seu irmam noutra parte, pera' effeito das perguntas necessarias. Manda logo por hum moço da camara

9.

Queixas,
q̃ fez o Du-
que a el-
Rey.

Resposta
delRey ao
Duque.

Anno de
Christo de
1548.

402

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Copan
9.

chamar ao Padre mestre Simam: chega elle, & acha ao Rey hum pouco mais carregado do costumado: communicoulhe elRey a causa de seu sentimento; repetiolhe a rezam das queixas do Duque; perguntalhe como se atreveo a receber na Companhia seu sobrinho, sem lho fazer a saber, & sem beneplacito seu; ordenalhe que logo o faça depositar, da maneira que o Duque pretendia.

CAPITVLO XXXVIII.

Da grande constancia, com que o Padre mestre Simam respondeo a elRey; & como se boue neste negocio.

NAm tomou esta proposta de subito ao Padre mestre Simam, que bem tinha elle previstas em seu capacissimo animo todas estas tempestades, & sabia muy bem tudo o que o Duque dizia; & porque o negocio pedia larga reposta, pera dar rezam de sy, & satisfazer aos cargos, que por parte do Duque se lhe punham, pedio licença a sua Alteza, pera se deter na fala mais do que hum vassallo costumava, diante da pessoa real; que pera tudo lhe dava confiança o

Pede licença a elRey pera lhe falar.

favor de Rey tam benigno, conforme tantas vezes tinha experimentado: havida a licença, logo, com grande quietaçam lhe respondeo, com as rezoens seguintes.

2 *Que lhe nam poderia succeder cousa do mayor descontentamento, que ver-se em occasiã alguma, com que nam pudesse dar complemento ao minimo asseno de sua Alteza, sabendo muy bem quanto sua Alteza tratava de dar gosto à Companhia, com frequentes favores, & magnificas merces. Que ainda que estes reaes empenhos o nam obrigassem a humna gratificaçam eterna, bastavam os particulares de sy mesmo, pera lhe ser alvitre de suprema estimaçam, haver cousa em que pudesse manifestar o que perpetuamente desejava reconhecer. Porém que aquelle negocio era de qualidade, que excedia a jurisdicçam de quem o mandava, & os poderes de quem o havia de executar, pois era resstir a Deos, & tirar-lhe das mãos a preza, de que já, como senhor, tinha tomado posse; que elle como servo nam podia já desfazer o que Deos tinha obrado, como superior; nem podia desuadir com preceitos, o que o ceo tinha rendido, com inspiraçoens.*

3 *Que respondendo às rezoens do Duque, facilmente confessava ser a Companhia Religião nova; porém que por isso nam devia de perder nada, pois as cousas contentam mais, por serem novas. & agradam menos quando são velhas: que sentia muito dizer o Duque, que a Companhia era*

*Respondeo
P. M. S.
mam, ao
a Duque
zia cõtra
Cõpanhia*

desco-

a
cer. de Clar.
arioribus.
ro mihi u-
s erit inflat
animum. Ita re
de Antima-
o.

b
de Plat. de
n stat. Rel.
2, c. 26.

escargos
P. M. Si
am, ao q
e im-
nha o
uque.

desconhecida, & pouco autorizada, sabendo que tinha por pay, & protector a hum Rey tam magnifico, tam conhecido, & autorizado; que se ao outro Philosopho, lhe bastava hum sò Placatam pera seu ouvinie, a Companhia lhe sobejava hũ tal Rey pera seu apoyo. & que por este respeito ficaria autorizado o mesmo principe Dom Ioan seu filho, se entrasse na Companhia: que nam era esta a primeira vez, que filhos de Reys, & de grandes Principes entraram em religioens: nem seria em Dom Theotonio cousa nova; a que em outros tinha sido materia usada; que o Emperador Carlos Magno, tivera tres filhos religiosos; & Ricardo Rey de Inglaterra dedicara a Deos dous filhos na religiã; & S. Luis Arcebispo de Tolosa fora frade menor, sendo filho de hum Rey, estimando mais o habito de pobre, que a dignidade de Principe.

4 E quanto dizer o Duque, que elle mestre Simam enganara a Dom Theotonio com falsas persuasões, & o furtara do paço de seu irman, pera o trazer á Religiã, a contrario era o certo, porque nenhum da Companhia lhe falara, antes Dom Theotonio o importunara muitas vezes com lagrimas, pedindolhe que o recebesse na Companhia, & elle lhe resistira, atẽ nam poder resistir a Deos. E que se o fizera sem licença do Duque seu irman, & sem ordem del Rey seu tio, fora porque aquellas vocações pertenciam a outro tribunal mayor, a quem se havia de pedir a licença, & de quem se deviam sperar as ordens. Que Dom Theotonio

ja tinha idade pera ser livre em semelhantes eleicoens de vida, & porque efficazmente queria eleger esta, lhe con-
vinha nam na communicar a quem a podia impedir. Que Deos era Senhor absoluto de suas creaturas, & podia chamar a quem quizesse, sem admitir esperas de licenças humanas, quando dava penhores de inspiraçoens divinas; que Dom Theotonio era livre administrador de sua propria liberdade, & porque a quiz dedicar toda a Deos, nam a quiz primeiro sujeitar aos homens, nos quaes quiza entendia, que havia de achar repugnancias, que o impedissem, quando elle tratava de azas, que o apressassem.

5 E ainda que o Duque nisto tivesse sentimento, & mostrasse tristeza, melhor era (como diz S. Ioan Ulimaco,* entristecer aos parentes, que dar que sentir a Christo, porque este por nos amar, nos ganhou; porẽm aquelles quando nos amam, nos perdem: que he doutrina certa entre todos os Theologos, que neste particular nenhuma obrigacão ha de obedecer aos parentes, tendo toda de nos render a Christo; & tanto mayor, quanto he mais severa aquella sua sentença, que ama a seus parêres mais q a mim, nã he digno de mim; & nam ha mayor castigo, que fazerse hum homem indigno de Deos. Dom Theotonio quer ser da Companhia de IESU, quer ser discipulo de Christo, & era impossivel sêlo, sem primeiro fugir de seu irman, porque assim o resolve o mesmo Senhor, quando disse, q todo o que nam deixasse primeiro pay, & mãy, &

c
Clima. grad. 3.
Melius est co-
tristare patres,
quam contris-
tare Dominum
Iesu, hic enim
nos creavit, &
salvavit, illi se-
pe suos amado
perdiderunt.

d
Ad 2. 2. 4. 104.
att. ultimo.

e
Mat. 10. n. 37.
Qui amat pa-
tre, aut matre
plusquam me,
non est me dig-
nus.

f
Luc. 14. n. 26.
Si quis venit ad
me, & non odit
patre suu, & ma-
tre, & filios, &
fratres, & soco-
res, non potest
meus esse disci-
pulus.

Anno de
Christo de
1548.

404

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

irmãos, nam podia ser discipulo seu.

6 Bem vejo que me dirá alguê, que ainda que nam fosse obrigação, ao menos a boa criação pedia, que D. Theotonio primeiro tomasse a benção a vossa Alteza, & houvesse o beneplacito de seu irman; nam nego, senhor, que pareço nisto menos piedoso a seu irman, & menos primoroso ao mundo. Porém o verdadeiro primor consiste em si o guardar a Deos, sem respeitar aos homens; & a verdadeira piedade, (como diz S. Hieronymo ^g) he nesta occasião saber usar de crueldade. Antes (como diz S. Bernardo ^h) posto que seja impiedade desprezar os pays, com tudo he grande piedade desprezalos por Christo. E como lhe havia de pedir licença, sabendo de certo, que lha havia de negar? Porque se elle repugna tanto, estando já recebido, mayores demonstrações faria antes de o receberem. D. Theotonio, senhor, já nam he de seu irman, já nam pertence a V. Alteza, he todo de Deos, a elle está já dado, & consagrado; querelo tirar agora da Religião, he sem duvida (como diz S. Gregorio ⁱ) hum genero de furto, ou por melhor dizer, sacrilegio, porque se tira a Deos o que já lhe estava dedicado.

7 No que toca, arreçar o Duque, que todos os filhos dos grandes do Reyno se venham meter na Companhia, se agora se nam resistisse á entrada de seu irman, prouvera à divina Magestade, que fossem tães os procedimentos dos mancebos fidalgos, que só este mal se lhes temesse; porém nem o Du-

que neste particular. he o procurador dos grandes do Reyno (como S. Ioaõ Chrysostomo dizia, quando se ria dos que zelavam os que entravam nas religiões, dizendo que se acabaria o mundo se todos fossem continentes) nem os temores sam tam proximos, que porque entraram alguns poucos a servir a Deos, se haja de arreçar, que cheguem todos a fugir do mundo.

8 E no particular de o depositarem em alguma parte, pera se lhe fazerem novas perguntas, lhe pareciam muy escusadas, pois elle lhas tinha feitas muitas vezes, por sy, & por outroo religiosos da Companhia: & que julgava diante de Deos, que nam convinha inquietar de novo a hum noviço, que estava todo occupado em divinas contemplações: & assim se resolvia em que Dom Theotonio nam havia de sair, com ordem sua, pela porta do Collegio, por onde huma vez entrara a poder de lagrimas: que nam era de crer, que pessoa de tam altos espiritos, & de tam conhecido aviso, entrasse enganado, ou estivesse forçado: & nam era justo, que S. Alteza lhe desse tal torvação com semelhantes depositos, & perguntas. Que em ultima resolução entendia diante de Deos, serlhe impossivel obedecer a S. Alteza naquello negocio; porque como era todo de Deos, nam podia deferir a embargos metidos pelos homens, pois nam podia haver rezoens temporaes, que atropelassem o que se devia a respeitos eternos. E que elle nam consentiria nunca, que aquelle novo soldado deixasse de seguir a bandeira de seu capitam celestial, deixando

^g
Hier. ep. 1. ad
Eliod. Solum
pietatis genus
est in hac re ef-
fe crudelē. &c.

^h
Bern. Ep. 104.
Et si impiū est
contēnere ma-
trē, contēnere
autem propter
Christum piū
simū est.

ⁱ
D. Greg. lib. 4.
Regist. ep. 4.

Anno a
Companhia
9.

D. Chrys. de
Virg. c. 15.

Notavel
resolução
do P. M.
mam.

o posto da Religião, que com tam valente resolução tinha buscado: salvo se lho tirassem por força, o que elle nam esperava de hum Rey tam piedoso, & de hum senhor tam benigno.

9 Acabou o Padre mestre Simam o seu arzeado, mas nam lhe foy tam facil persuadir com elle a sua Alteza; antes sêtio muito elRey achar tam grãde resistencia em materia, em que por sua palavra real se achava já tam empenhado, com o Duque seu sobrinho: & vendo que o Padre mestre Simam lhe fechava todas as portas, pera haver de levar o negocio por bem, recorreu ao brio de Rey, & ao poder do braço real; & assim defenganou ao Padre, que já que nam queria fazer com suavidade o que lhe ordenava, em se dar copia do noviço, pera as diligencias das pregūtas, que usaria de violencia, & lho mandaria tirar por força, pois sò a essa mostrava querer obedecer.

10 Nam desanimou a grãde constancia, & fortaleza do Padre mestre Simam, á vista de ameaças de hum Rey tam poderoso, que já se lhe dava por parte, sendo d'antes sòmente solicitador. Entendêo que o caso era de qualidade, que tendo effeito o mandado real, nam poderia ser sem grande quebra da honra de Deos, & da autoridade da Companhia; & que execu-

tando se semelhante ordem, posto que aquelle exemplo poderia ser raro (pelo serem as pessoas, que no negocio entravam) com tudo bastaria dar-se humavez em D. Theotonio, pera outras gentes de menor qualidade o pretenderem em sy (porque os exemplos nam pãram no lugar em que começam, antes como rios, começando com pouca agoa, chegam ao mar muy caudalosos) por onde, com hũa constante resolução, movido nam menos de hum sancta liberdade, que de hum rara confiança na benignidade delRey, lhe replicou: que se sua Alteza se resolvia a mandar tirar Dom Theotonio do Collegio de Coimbra, que aos mesmos ministros da tal execuçam, desse ordem pera se entregarê do mesmo Collegio, & de todas as doações, & provisoens reaes, que estivessem feitas á Companhia; & que elle, & os mais Religiosos tratariam de hir servir a Deos é outra parte; porque nam era bem que a Companhia ficasse em Portugal, aonde tam grande força, & tal a fronta lhe faziam. Dizendo isto se despedio o Padre da presença do Rey, & com o mesmo valor effrevo em continente ao Padre Luis da Grã, Reitor de Coimbra, que em primeiro lugar mandasse logo Dom Theotonio, aonde nam pudesse ser molestado

Da resolução
com q
respondêo
a elRey.

Anno de
Christo de
1548:

406

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

por ministros reaes, nem pregū-
tado por religiosos estranhos.
Que em segundo lugar entre-
gasse aos ministros delRey (que
lhe fossem sobre esta execu-
çam) as chaves do Collegio, com
todas as alfayas, & papeis per-
tinentes a provisões, & doa-
ções reaes; & que mandasse de-
clarar em dous todos os subditos
do Collegio, pera o que entam
se principiava em Salamanca;
& que elle logo em pessoa se
partia pera Coimbra, pera aca-
bar de effectuar esta sua resolu-
çam, como em effecto se poz
logo ao caminho.

*Quanto o
P.M. Simā
pretêdia, q̃
a Companhia
tivesse to-
da a liber-
dade.*

II Este foy o valor do Pa-
dre mestre Simam; este o esfor-
çado, & religioso brio d'aquelle
constante animo, que mais esti-
mava a liberdade de sua Reli-
giam autorizada, que a amizade
de hum Rey tam poderoso; jul-
gando que nam havia Religiam,
aonde faltasse a liberdade; &
que à Companhia no primeiro
lugar lhe convinha ser isenta de
seculares se meterem em seu
governo, ainda que fossem pes-
soas reaes: & posto que por hũa
parte era tam humilde, que se
sabia sogeitar a qualquer alheo
parecer, por outra era tam vale-
roso, que resistia a hum Rey
tam empenhado; porque trata-
va as cousas com os olhos pos-
tos em Deos, & sem usar de res-
peitos humanos; que assim fazê-
os sanctos, sabem humilhar-se

aos homens, & sabem resistir
aos Principes; sabem sogeitar-se
com humildade aos mais fra-
cos, & sabem repugnar com a-
nimo aos mais valentes; como
hum Moyses ^m q̃ sabia resistir a
Deos por amor dos homens, &
sabia sogeitar-se aos homens por
amor de Deos: como hum San-
Paulo, ⁿ que confessandose pelo
mais abatido, quando era neces-
sario resistia como o mais ef-
forçado; & como hum S. Am-
brofio, ^o & S. Ioam Chrysosto-
mo, os quaes nam temiam pre-
ceitos imperiaes, quando eram
encontrados a respeito divinos;
resistindo aos Emperadores (hũ
em Milã, outro em Constanti-
noplã) no que julgavam, que
nam convinha nem ao serviço
de Deos, nem ao proveito do
proximo.

CAPITVLO XXXIX.

*Do mais que passou neste ne-
gocio, & de como Dom Theo-
tonio veyo a sabir da Compã-
nhia, & de seu sancto pro-
cedimento, sendo Ar-
cebispo de E-
vora.*

I **C**hegadas as cousas,
sobre este negocio,
aos extremos, que vi-
mos, assim da parte delRey,

em

Anno d
Companh
9.

^m
Exod. c. 32
n. 32.

ⁿ
1. ad Cor c
n. 9.

^o
In vita ho
Pontif. Me
Decem, ch
& 17. Janu
Vide ist Bar
an. 350.
Spond. ibi.

Como e
Rey nam
passou a
ante ne-
negocio.

em procurar a pretençam do Duque, como da parte do Padre, mestre Simam, pera sustentar a causa da Religiam; & partido já pera Coimbra, pera executar a mudança dos nossos, em caso que a não houvesse no Rey. Deos, nosso Senhor, em cuja mão estão os corações dos Principes, quiz mostrar neste negocio tam intrincado, (no qual se não arriscava menos que a fahida da Companhia de Portugal) que sempre acode favoravel a quem valeroso defende suas partes: succedeo assim neste caso, em que o piedosissimo Rey não quiz passar adiante, parecendo-lhe, depois de madura deliberação, & acertado conselho, que não convinha continuar na demanda, & por causa tam leve, desfazer em hum momento a Religiam, que havia annos sustentava: veyo, como prudente, a mostrar, que efftimava muito ter hum vassallo tam constante, que por defender a parte, que julgava ser de Deos, se atrevia a resistir ao mesmo Rey. Quiz o benignissimo Principe, que quebrasse a contenda por sua parte, que elle entam queria fosse a mais fraca. Ordenou ao Duque que se aquietasse, & não molestasse mais a seu irmão; & que o desse por bem empregado na casa de Deos.

Quebradas assim as fu-

rias ondas d'esta terrivel marreta, ficou o Duque quieto, dom Theotonio seguro, & mestre Simam vencedor. (que tanto monta saber resistir com valor, quando a causa he de Deos) & não verdade não sey de que me espante mais neste caso, se da inteireza do valor, & da independencia d'este grande servo de Deos, em conservar hum novico, que o demonio por meyo tam poderosos queria inquietar; se da piedade de hum Rey tam benigno, com quem pode mais a devaçam, que mostrava à Companhia, que o empenho, & a obrigação, que tinha a seu sangue; cortando pela palavra, que tinha dada a hum tam grande Principe, por não cortar pelo amor, que tinha a hum tam querida Religiam: effeito por certo não muito achado em vontades de Principes, & senhores, que muitas vezes atropellam as leys de Deos, só por se adorarem a sy mesmos; que tanta he a estimação, que fazem de seu gosto, que mais tratam de o afagar, & servir com violencias alheas, que de o moderar, & reger com rezoens proprias: & ficaram com este successo entendendo todos, quam preciosos eram os quilates do real amor, com que por tantas vias se professava augustissimo senhor, & amorosissimo pay da Companhia, pois mortificava o

Mostras do
grande amor,
que
el Rey nos
tinha.

Anno. de
Christo de
1548.

408

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Copan
921

*Das pro-
cedimentos
de D. Theo-
tonio em o
noviciado*

comprimento, que devia a sua
palavra real, & a corresponden-
cia, que tinha a tam chegados
parentes, por nam ter seme-
lhante quebra com a Compa-
nhia.

3 Quieta pois em bella
paz esta tormenta, que entre
outras pessoas poderia causar
grandes naufragios, aliviado D.
Theotónio de tam grande op-
pressam, ficou lhe o passo largo,
& o campo desimpedido, pera
fazer finezas dignas de quem
elle era, sendo hum dos mais
fervorosos sogeitos, que a Com-
panhia teve naquelles doura-
dos tempos. Era na oração fre-
quentissimo: na humildade, &
abatimento proprio o que ven-
cia com mayor valor as sober-
bas fumagens da natureza cria-
da em paços reaes; desprezando
grandezas, & sopeando esperā-
ças. Notaveis eram as mortifi-
caçoens, que fazia, & nestas mui-
tas vezes excedia nam sò a me-
dida de suas forças, mas també
a vontade de seus prelados; cui-
dando sempre que podia mais,
sendo que elles julgavam, que
lhe convinha menos.

*Nam se so-
geitava fa-
cilmêto ao
parecer de
seus supe-
riores.*

4 E como tinha estes es-
piritos tam subidos, com gran-
des brios naturais, muitas vezes
o fagitavam juizos propios, pe-
ra sentir mal das moderaçoens,
alhéas; pela qual rezam tinha
grãde trabalho em sogear seu
parecer, quando se achava com

contraria opinião: d'aqui vinha
que mais lhe agradavam modos
extravagantes, que caminhos
ordinarios: entrou em penamen-
tos de mayores abatimentos,
tratou de alcançar na Compa-
nhia o mais infimo estado de
coadjutor temporal; cousas, que
ainda que muy bém indiciam
vontade humilde, & mortifica-
da, nam mostravam espirito so-
geito, & obediente; & na Reli-
giam nam há virtude legitima,
aonde falta obediencia verda-
deira: & he certo que todo o
juizo prudencial resistiria a es-
tes intentos de dom Theoto-
nio. E como a Companhia usa
dar tam estreita noticia aos Pa-
dres géraes em Roma, & este
sogeito era o de mayor qualida-
de em Portugal, em todas as car-
tas se dava particular informa-
çam de seus procedimentos a
nosso glorioso Patriarcha: o qual
desejou muito telo junto de sy,
pera ver se podia formalo a seu
geito, & fazelo, à sua mam. O
mesmo desejo tinha dom Theo-
tonio, pera conhecer hum pay
tam sancto, de quem ouvia con-
tar taes maravilhas.

5 Com estes mutuos dese-
jos, que havia de parte a parte,
se veyo a effectuar a jornada de
dom Theotónio a Roma, aon-
de muy de espaço o tratou nos-
so sancto Padre: & posto que via
o amor, que tinha à Compa-
nhia, & a seu instituto, & seu

grande

Vay D.
Theoto-
a Roma

grãde espirito de mortificaçam; & zelo das almas; cõ tudo alcãçou nelle, q̃ aquelles tam reaes espiritos nam acabavam de se amoldar bẽ cõ a fogeçam, que a Cõpanhia requere. E seus religiosos: oq̃ mais e particular descobrio nelle, pelo demasiado sêtimêto, que mostrou, quãdo por ordẽ do S. Patriarcha foy o P. M. Simam mandado a Roma, largando o cuidado da Provincia, como veremos no livro seguinte. Parecẽo a S. Ignacio, q̃ poderia na Cõpanhia haver ao diante abalos de muita confideraçam, se D. Theotonio perseverasse nella, continuãdo em seus reaes brios, & em seus proprios juizos: & prevendo, como tam sancto, q̃no mundo poderia fazer a Deos mayores serviços: por estes, & outros respeitos, & por rezam da pouca saude, q̃ tinha, depois de tratar o negocio cõ Deos, lhe parecẽo libertar a D. Theotonio da obrigaçam dos votos substanciaes da Companhia, pera q̃ fizesse de sy o que mais convinha á qualidade de sua pessoa, & o que mais dizia com o governo de seu espirito.

6 Antes q̃ se chegasse a esta execuçam, o cõsultou primeiro com elRey D. Ioam, que o pediam assim muy acertados primores, que ao sancto nunca faltaram. Havido o beneplacito de sua Alteza, o chamou hum dia o sancto Patriarcha, & muy

amigavelmente se compos com elle, fazendoo capaz; que lhe bastavã os sete annos, que já tinha na Companhia, & que no mundo faria mais serviços a Deos, ficando livre das obrigaçoens, & fogeçoens de religioso; & que havia de seu grande espirito, que guardaria no seculo o que tinha aprendido na Religiam. Executouse finalmente, com grande sentimento seu, esta notavel mudança do estado de religioso, pera a vida secular: que tal era o valeroso espirito de sancto Ignacio, que nam arreceava despedir ao sobrinho de hum tal Rey, se julgava diante de Deos, que lhe nam servia na Companhia, pera que outras pessoas de desigual qualidade nam estranhem semelhantes mudanças, que d'elles muitas vezes se faz, da Companhia em que estavam, pera o mundo a que os mandam.

7 Sucedeo nesta despedida de Dom Theotonio o que por vezes temos experimentado com muitos outros fogeitos, pelos quaes fazendo seus parentes grandes, & insolentes diligencias, pelos tirar da Companhia, & do serviço de Deos, o mesmo Senhor os vem depois a castigar, em lhos trazer pera suas casas, dandolhe com elles nos olhos,

Como Dom Theotonio foy despedido da Companhia.

ta S. acio de pedir a Theo- io.

*Como pas-
sou Dom
Theotonio
depois de
ser despe-
dido.*

em tempo em que menos os esperavam, & quando cuidavam q os tinham já accomodados. Podera eu aqui apontar muitos exêplos; q vi, & notei; nam sayamos de D. Theotonio: quem duvida que tinha elle qualidades paternas, & partes pessoas, pera ser a primeira, & principal pessoa da Cõpanhia; aonde largamente poderia aproveitar-se a sy, e hõrarnos a nõs: tiverãno porẽm seus parẽtes por mal empregado na Religiam; diligenciaram com grãdes fadigas sua sahida, goardoulho Deos em futuro, pera lho trazer diante dos olhos despedido, quando elles já menos o desejavam; permitindo primeiro q andasse o pobre senhor desmasteado do favor de seus mesmos parentes, pelas cortes estranhas de Italia, Frãça, Alemanha, Inglaterra, e Helpanha, buscãdo com q vivesse, dos potẽtados estrangeiros, por lhe faltar o favor dos Principes naturaes.

8 E vindo a Portugal, depois de muitos annos, nam teve outra ajuda de custo de sua mesma casa, & solar real de Bragãça, mais que hũa Igreja das serras de Tralosmontes, da apresentaçam do Duque seu irmam, (da qual servio alguns annos de proprio Parocho, morando em em casas quasi palhaças) & o thesourado da Igreja collegiada da villa de Barcellos. Achou cõ tudo a nda na Cõpanhia amor, &

poder pera lhe grãgear o Arcebispadõ d'Evora, q nelle renũciou a segunda vez o serenissimo Cardeal D. Hêrique seu tio, por voto, & intercessam dos Padres da Cõpanhia, em especial do P. Leãm Hêriques, cõfessor de sua Alteza, tendo entam de rendimento aquella mitra passante de 80. mil cruzados: nam nos desmerecendo nunca D. Theotonio o amor, que sempre lhe tivemos, mostrando quam bem aceitou a boa criaçam em casa tam honrada, cõ a reciproca, & amorosa correspondencia, com que nos tratava, & com os raros exemplos de virtude, que aqui brevemente lhe apõtarei, como de cousa muito nossa.

9 Assim viveo Dom Theotonio os mais annos de sua vida no mûdo, a que se passou, como se nam faltara hũa sò hora na Religiam em que se criou: & a verdade he que sempre a virtude achou bons alẽtos na nobreza honrada, & bem criada; como tambem sinistros, & mãos procedimentos acharam agudas espõras em nobrezas safadas, & perdidas com mãs inclinações, & peores exercicios da primeira criaçam. Raras foram as demonstrações, q neste particular nos deo este exêplarissimo prelado: primeiramente no amor q sempre teve á Cõpanhia, que se bem se deixou ver, que elle a nam perdẽra de mãy, tambem

se al-

*Como
feito a
Lisbo
Evora*

*Amor.
sẽpre t
á Com
nhia.*

se alcançou, que ella o nam largára de filho: correo sempre por todo o tempo de sua vida com os da Companhia, com a mesma familiaridade, com a mesma afeição, & respeito, como se ainda vivera entre nós: conforme a este amor, era a confiança, com que nos tratava, mais como religioso de casa, que como pessoa estranha. Nam sahia a visitar o Arcebispado sem levar Padres da Companhia, que pregavam aos povos, & doutrina-
*ha grã
evaça
nições
mpa-* vam os mininos: tinha muy particular affecto, & muy especial cuidado das missoens transmarinas da Companhia, principalmente das do Iapam, a cujos embaixadores, quando vieram a Europa, tratou com grandezas de Principe, & com amor de pay. E quando se embarcaram, lhes deo toda a sua recamara, com mil cruzados em dinheiro, & outros mil em cousas pertencentes à sua matalotagem. Carteyase com os Padres da Companhia, que residiam no Iapam; pedialhes particular conta dos progressos daquella christandade; festejava muito as cartas, que de là vinham; as quaes mandou copiar, & imprimir à sua custa, dedicandoas em hum prologo, que fez, aos bemaventurados Padres Sam Francisco de Xavier, & mestre Simam

Rodrigues (que já eram mortos, mas vivos em sua memoria) pelo grande amor, & devaçam, que sempre a ambos teve. Tambem tinha particular amor aos nossos da Provincia do Brasil, aonde tinha ao Padre Luis da Grã, seu primeiro Reytor, no Collegio de Coimbra, ao qual tinha especial respeito, chamandolhe sempre seu pay; & como a tal, depois do P. mestre Simam, o reconhecia, & venerava, mandandolhe grandes esmolos. Mostrava grandes saudades do sancto tempo de sua criação na Companhia. Dizia muitas vezes, sendo Arcebispo (ao modo do Papa Eugenio, que tendo as chaves de Sam Pedro, suspirava pelas do seu mosteiro) que tinha envejas a sy mesmo, quando na Companhia era enfermeiro de Iustino, que era hum escravo do Collegio de Coimbra, a quem elle curava; que os varoens sanctos sabem reconhecer os preciosos quilates da virtude; & quando se vem mais sublimados por dignidade, entam se desejam mais abatidos por humildade.

ro Foy notavel a pobreza com que se tratou; por baixo do roxete trazia hũa roupetta parda de saragoça, ou de raxa parda, por cima hum modo de jubam, com mangas compridas da mesma cor, nenhum religioso

*Tratavase
cõ grande
pobreza.*

mais reformado, trazia o vestido mais safado, & pobre: a mesa era bastante pera a sustentação da vida, mas nam era regalada pera a qualidade da pessoa: sempre junto de sy comiam doze pobres; & de ordinario mandava alguma igoaria aos doentes do seu hospital, ou aos Capuchos da sua cidade: & sempre, em quanto comiam, tinha refeição da alma, com a lição espiritual, que lhe liam. Nenhum uso tinha de tapeçarias em sua casa. Pera tapar o vento das portas, & o segredo das camaras, tinha no inverno huns pannos verdes muy grosseiros, & pelo verão huns couros vermelhos, sem outro algum feitiço; & se alguem o arguia d'esta pobreza no trato, & fingeza da casa; respondia, com nam menos christandade, que aviso, que mais proveitoso era comerem os pobres, que enfeitar as paredes. Estando em Evora nam tinha outro ginete mais lustroso, em que andar, que hum mulinha desprezivel; & com ter bastantes pagens, & lacayos, quando sahia de casa a visitar alguem, nam levava mais que dous diante d'ella, & dous pagens atrás, senam que muitas vezes sahia a pé vestido de saragoça, & com hum sò pa-

*Sua grãde
moderaçã.*

gem: nam faltava com isto á rezam d'estado de quem era, com coches, & mullas, pera capellaens, & criados, quando era necessario, que todos trazia com a modestia, & limpeza, que convinha a tam illustre senhor.

CAPITVLO XXXX.

*Da grande charidade, &
mais virtudes deste grande
Prelado, Dom Theotonio
de Bragança.*

DOus annos depois de prelado da Igreja Eborense, foy Deos nosso Senhor serviço, no anno de 1580. por suas occultas permissões, infestar com a contagião da peste aquella cidade, & as terras mais nobres, que lhe ficam visinhas; nem se pôde crer as notaveis finezas, de que usou, em acodir a tam importuno mal, que durou por espaço de oito meses, assistindo elle pessoalmente por tempo de dous meses, até que as alterações das guerras, que sobrevieram, o forçaram a sahirse da cidade. Ao espirital dos enfermos acodio com alguns Padres da Companhia, que naquella occupação sanctamente acabaram; dos quaes foy

hum

*Como
dio n
po de
ste.*

hum o Padre Francisco Rodrigues theologo, & bom letrado, de quem costumava dizer Dom Diogo de Castro, capitam de Evora, que com mayor alvoroço se lhe veyo offerecer o dito Padre, pera se hir meter no meyo da peste, do que os Romanos costumavam ter, pera hir triūphando ao Capitolio.

2 Outro companheiro, q
na mesma occupaçam sacrificou liberal a vida ao Senhor, foy hum irmam chamado Martin Alvares, homem de muita virtude, & de estremada charidade; tinham estes à sua conta mil enfermos, pouco mais, ou menos, na casa da saúde, que estava fóra da cidade: outros tantos havia dos muros a dentro, aos quaes também por sua ordem acodiam cinco sacerdotes da Companhia com seus companheiros, que foram o P. Iorge Pereira, que entam naquella Vniversidade tinha acabado de ler o curso de philosophia, & depois cōsumou o da vida em Guiné, no Reyno de Angola, aonde trabalhou por espaço de vinte annos: foy o segundo o Padre Lourêço de Freitas (mestre do Padre Iorge Pereyra) o qual na Vniversidade de Coimbra tinha lido dous cursos de artes, & ensinado em varias partes Theologia espiculativa, & moral, com muita opiniã de doutri-

na, & com grande credito de virtude, da qual deo illustrissimas provas, morrendo aqui sanctamente, & mostrando, que mais estimava o officio de bom enfermeiro, que as borlas de mestre insigne. Os outros companheiros foram, o Padre Francisco Soares, bom theologo, & bom prégador, o qual, posto que foy ferido do mesmo mal, guardou o Deos, pera o hir servir ao Brasil, aonde acabou sanctamente: os outros foram os Padres Antonio Pirez, & André Alvares. A estes dous mil enfermos acodia o bom Arcebispo com notavel providencia, provendoos com grande abundancia, pagando grossos ordenados a medicos, surgioens, sangradores, enfermeiros, ministros de justiça, que entendiam em fazer levar os feridos à casa da saúde: & á mesma conta da fazenda do Arcebispo se meneavam os gastos dos religiosos, assim da Companhia, como de outras Religioens, que aly acodiam; de sorte que lançadas as contas, seachou que gastou naquella peste gram soma de mil cruzados; acodindo a tudo com tanta vontade, & applicaçam, que o seu cuidado, & ordinaria occupaçam era mandar buscar por todas as partes galinhas, carneiros, oves, açucar, que repartia pelos enfermos,

Como acodia a estes enfermos.

exercitando agora em mayor campo a charidade, com que na Companhia se criou, acodindo aos enfermos; atè chegar elle mesmo por suas mãos a cozer os lenções, a fazer os fios, que haviam de servir aos doentes. Hindo huma vez na sua mullinha, encontrou hum enfermo, que se nam podia bulir, apeou se logo, polo a cavallo, mandou o ao hospital, & elle se foy a pè muy contente, pera a Cartuxa, como se entam caminhasse mais aliviado, quando o pobre hia mais bem accommodado.

Como acodio a outros muitos lugares.

3 Nam se limitava o fogo d'esta grande charidade, que em tam real peito ardia, a huma só cidade, porque tambem acodia à de Beja, & às villas de Montemor, Estremor, Arrayolos, Villaviçosa, Redondo, & Campo de Ourique, que todas se abraçavam com a mesma contagiã: & avisandoo huma vez o licenciado Alvaro Tinoco, conego d'aquella Sè (a quem elle deixara na cidade, pera lhe correr com estes gastos) que era necessario muito dinheiro, o Arcebispo lhe mandou huma boa copia, respondendo, que gastasse sem medo, que quando nam tivesse que dar, o hiria pedir pelo amor de Deos aos demais prelados do Reyno. Foy Deos servido de acodir com remedio a tam grande mal, por meyo deste

tam liberal, & charitativo pastor: porêm no anno de 1597. & logo no seguinte de 1598. em que houve grande fome na cidade de Evora, por falta de pam, mandou a Lisboa hum cappellão seu, com toda sua prata (por nam ter entam dinheiro) com ordem, que a empenhasse, pera comprar trigo, pera os pobres, como em effeito se empenhou, & se compraram duzentos moyos, que cada dia mandava cozer, & repartir pelos pobres; tendo d'ali por diante a vella pera se allumiar, em lugar de castiçal de prata, metida em huma laranja; & servindose com louça de barro, que sem duvida nesta occasiã lhe parecia melhor que a de prata lavrada cõ o boril mais destro; porque como sabia apartar o precioso do vil, sabia a seu tempo desprezar o ouro, & contentarse com o barro. Chegou a descalçar os çapatos pera os dar de esmola: & outra vez nam tendo mais que dous lenções pera a sua cama, mandou dar hum delles, pera amortallar hum miseravel; repartindo ametade da cama ao pobre, mas dando a alma por inteiro a Deos.

*Notarv
exêplo
esmola*

4 Na pureza de sua vida foy sempre hum anjo, sem haver d'elle huma minima sospeita, que podesse nem levissimamente macular tam casto procedimento, como quem se tinha

*De sua
reza.*

criado

criado em huma Religiam, aonde nos ensinam a imitar Seraphins na pureza da alma, & a ser anjos na limpeza do corpo: & assim se tem por cousa indubitavel, que foy elle do fermoso numero d'aquelles, que seguê as pisadas immaculadas do Cordeiro sem magoa. Dizia todos os dias missa com particular aparelho, & notavel devaçam. Era muy sofrido, & moderado nos aggravos, que lhe faziam (que nem ainda semelhantes pessoas escapam a lingoas atrevidas, que atê contra a mesma Lúa se atreve a ladrar o cam envejoso) dizendo a hum pobre na praça de Evora, que lhe pedia esmola, que se recolheffe no hospital, aonde lhes tinha preparado o necessario; em retorno deste bom conselho, tanto que o Arcebispo voltou as costas, lhe deo o pobre outra esmola de roins palavras, chamãdolhe em voz alta de doudo, & dizendolhe outras semelhantes liberdades; querendo logo seu Camareiro Martim de Faria castigar tal atrevimento, & soltura, o Arcebispo com sancta indignaçam se tornou contra elle (como outro David^b cõtra Abisay, pelo querer vingar de Semei, que com tanto excesso o deshonorava) & reprehêdendoo lhe disse: *Nam vos aconteça mais quererdes castigar o que eu gosto de sofrer.* com a mesma paciencia

se havia, quando algum lhe falava agastado, & com descompostura; entam se recolhia mais em sy; ouvia, & calava, como paciente; que nam he obrigaçam responder a tudo o que ouvimos: & por isso, como notou o outro sábio, ° tẽdo duas orelhas pera ouvir, temos hũa só lingoa pera falar.

5 Erã incansavel o trabalho, que tomava por suas ovelhas, visitando elle mesmo o seu Arcebispo, executando por sua pessoa o que julgava ser necessario, pera remedio das almas, & edificaçam de sua Igreja. Nenhuma cousa o fazia triste, senam o sentimento das offensas da divina Magestade, as quaes por todas as vias procurava atallar com singular providencia, & com admiravel inteireza. Vigiava até a meya noite, & logo às cinco horas da menhã infalivelmente rezava prima. Notaveis foram as esmolas, que fazia; as grossas rendas de seu Arcebispo (que chegou alguns annos arrendalo por 82. mil cruzados) eram poucas, pera abranger ao muito que dava pelo amor de Deos. Fez à sua custa hum hospital de pobres, acodindolhe cada mez cõ boas esmolas de dinheiro, & cincoenta moyos de pam, em cada hum anno, alem da vestiaria, & outras particulares ajudas.

6 Entre as obras publicas,

*Pauca loqui
prudens, audi-
reque plurima
debet.
Os unã, binãf-
que aures id-
circo tenemus.*

*e sua pa-
ciencia.*

*le Alciar.
blem. 164.*

*b
Reg. c. 16.
10.*

*Como fez o
famoso mo-
steiro da
Cartuxa
de Evora.*

& memorias mais insignes de sua magnificencia, & singular piedade, foy o famoso mosteiro de Scala cæli, da Cartuxa, que fez hum pouco fôra da cidade de Evora, pera a parte do Norte, trazendo a este Reyno aquella sagrada Religiam, a fim de nos por a todos diâte dos ôlhos o vivo exemplo de sanctidade, a estremada penitencia, o continuo silencio, & primitiva perfeiçam, que ainda conservam aquelles nam menos retirados, que sanctos religiosos, aos quaes vinha muito afeiçoado, pelos exemplos, que nelles tinha visto, & pelas charidades, que delles tinha recebido, em França, & outras partes por onde andou peregrinando. Tomou tanto a peito continuar com esta real obra, que no material do edificio (que em tudo he magnifico, & sumptuoso) & nas propriedades, & rendas, que lhes comprou, no provimento da sacristia, nos riquissimos ornamentos de ouro, & prata, & nas mais alfayas, & enxoval necessario, pera tam grande convento, se affirma ter despendido mais de duzentos mil cruzados. Com seu favor promoveo a fundaçam do mosteiro das religiosas, que chamam do Salvador, acodindo assim ao temporal do edificio, como ao espiritual da reformaçam dos costumes; dan-lhe algũas regras, que imitam

às da Companhia; mandando pera este effeito vir de Lisboa, do mosteiro de sancta Martha (que he hoje huma celestial officina de religiosas sanctas) quatro freiras de muita prudencia, & grande perfeiçam, das quaes era a principal Margarida de S. Martha, pera introduzirem naquelle convento a virtude, & sanctidade, com que aquellas sanctas religiosas contentam ao cêo, & edificam aos homens.

7 Aquietou, & reformou o convento das religiosas de S. Monica de Evora; o mesmo lhe succedeo com outros conventos de religiosas. Ajudou muito o mosteiro novamente fundado na villa do Torrão, das freiras da invocaçam de nossa Senhora da Graça: & com acodir a estes, & outros conventos de religiosas, nunca teve amizadê particular com freira nenhuma: & sô em Salamanca tratou com especial familiaridade a sancta Madre Theresa de IESV, & elle foy o primeiro que lhe mandou imprimir seu livro, que de Madre tam sancta, bem se podia ser filho devoto. Em seu tempo vieram a Evora os religiosos Carmelitas descalços, que sam homens de rara virtude, & de muy conhecida modestia, & insigne exemplo, aos quaes deo as casas pera viverem. Começou, & poz em ordem o seminario de Sam Mancio, cõforme

*Os mosteiros, que
formou.*

o sagrado Concilio Tridentino manda, que haja em cada diocese, o qual nam estava posto em execuçam naquella Igreja, metendo logo algũs Collegiaes com divisa propria no vestido, fazendo contribuir, pera sua sustentaçam, as Igrejas do Arcebispado, conforme o mesmo Concilio dispoem. Ordenou com sancto zelo na mesma cidade, huma casa, pera se recolharem a vida honesta, & virtuosa molheres, que andam perdidas, admitindo com grande vôtade, a todas que lhe pediam remedio, tomando à sua conta provelas de todo o necessario, nam menos pera preserva do presente, que pera remedio de suas almas no futuro; gastando nesta obra, de tanto serviço de Deos, todos os meses tres moynos de trigo, & cem cruzados em dinheiro, alem da roupa, que seu veador repartia por todas, conforme a ordem, que tinha de tam charitativo Prelado. Sempre sustentou os dous mosteiros de Capuchos, da ordem da Piedade, assim o que está jũto dos muros de Evora, como tamhem o que fica em Valverde, & o acrecentou a Guardanina, sendo d'antes sò Vigairaria. Alem disto acodia a todas as casas da Misericordia do seu Arcebispado, repartindo cada anno certas esmolas, que com particular cuidado lhes mandava,

pera ajuda dos galtos, com que aquellas sanctas Irmandades acodem á sustentaçam dos pobres, emparo de orfãos, remedio de viuvas, & cura de enfermos; em que com tanto louvor, & edificaçam se emprega a flor da nobreza do Reyno, & o melhor da gente do povo.

CAPITVLO XXXXI.

Da occasiã, que houve, pera Dom Theotonio hir a Valbedolid, aonde morrêo em serviço de Deos.

DEsta maneira procedia este grande sacerdote, que, em seus dias (como de outro Moyses, podemos dizer) foy amado de Deos, & dos homẽs. Teve largos annos de vida, posto que foy muy curta, a respeito dos que lha delevavam mais comprida; porque cada vez era mais amado, por ser cada vez mais proveitoso; d'elle podiamos com rezãm affirmar, o q^o Cassiodoro escrevia a Cypriano varãm patricio (em nome do seu Rey Athalarico) *que igualmente crecêra na idade, & montara nos merecimentos; de sorte que o curso dos annos lhe dava augmento nos louvores; envelhecendo no corpo, mas reflorecedo na*

Eccli. 45. Dilectus Deo, & hominibus Moyses, &c.

Cassiod. Vana. lib. 2. epul. 21. Cū gratie crescis semper, & meritis, cursus annorũ laudis tibi procurat augmentũ. Senilis corpore, sed laude juvenescis.

na virude. Procedeo sempre, como verdadeiro Prelado, que aceitou aquella dignidade, nam pera se honrar a sy, mas pera servir aos outros; nam pera grãgear credito, mas pera exercicio de trabalho: entendendo bem, (como advertio Sancto Agostinho) que o Bispado (conforme a doutrina de Sam Paulo, a Timotheo) he nome de obra, & nam he titulo de honra, *Episcopatus nomen est operis, non honoris*. E por isso tratou de apascentar suas ovelhas, & nam tratou de subir a mayores dignidades: o que bem mostrou em muitos casos de sua vida; & em especial que tendo em seu poder em escrito huma promessa de sua sanctidade o Papa Gregorio XIII. impetrada à instancia del Rey Dom Sebastiam (sem elle a procurar) pera o capello de Cardeal; elle nunca tratou do compromisso deste despacho; o qual papel se lhe achou depois de sua morte, com grande edificacão de sua muita humildade; que he exemplo raro, & de grãde confusão pera os que pretendem hum Bispado, pera ser de grao de outro Bispado: & muitas vezes nam sendo merecedores do roquete de Bispo, que rem voar à purpura de Cardeal.

2 Estando pois este bom prelado muy entrado já na idade, porque passava dos 70. anos;

sucedéo huma occasiã de grãde serviço de Deos, & honra de sua fé catholica, pera haver de hir a Castella dentro de Valhedolid, aonde estava a corte del Rey Dom Philippe o III. do nome, que entam tinha o governo destes Reynos; & como tam zeloso defensor da fé, se animou a tomar esta empresa entre mãos, & por os pés ao caminho, posto que previo que hia a morrer, como dantemam disse ao Prior mestre Antonio d'Aruda: nam duvidou com tudo de offerecer a vida, que tinha, por defender a fé, que professava; obrigando com seu exemplo, & pedindo com suas cartas a Dom Agostinho de Castro, Arcebispo, & senhor de Braga, & Primas das Hespanhas, & ao Arcebispo de Lisboa Dom Miguel de Castro, & ao notavel varão Martim Gonçalves da Camara, pera com suas pessoas autorizarem aquella sua sancta pretencão, pera honra da Inquisicão, & contra os hereges deste Reyno; o que todos fizeram com christianissima determinacão, levando muitos homens doutos, & insignes letrados, pera allegarem os textos, & proporem as rezoens, que por sua parte se offereciam: & como elle tinha tanto amor, & conceito da sua Religiam a Companhia, levou consigo dous Padres doutores nossos, de muita prudência, &

letras,

Augu. lib. 19.
de civit. c. 19.
d
1. Timot. 3. 1.
Siquis Episcopatum desiderat, bonum opus desiderat.

Côpanha
ros, q' lev
a Castiel

Occasiã
q' houve
ra D. Th
tonio hi
Valhedo
lid.

letras, o Padre Francisco Pereira, & o Padre Nicolão Godinho: & do conselho geral da S. Inquisição foy o doutor Bertholamêo d'Afonseca, deputado do mesmo tribunal.

Morreo em
albedolid.

3 Andando o Arcebispo Dom Theotonio naquella corte feyto requerente, sobre tam sanctas pretenções, o tomou a morte, tanto mais gloriosa, quanto mais longe de sua pátria, a qual deixára, por nam deixar o zelo da fé, que adorava: vivia em corte, mas como quem estava em desterro; nam procurando despacho pessoal, mas tratando do bem commum; nam com cuidados de interesses próprios, mas em requerimentos de honras divinas. Aqui acabou este illustrissimo, & dignissimo prelado; nam é sua casa descasado, mas fôra no campo pelejando; dando a vida nam só pelas ovelhas de seu rebanho, mas tambem pelas mais de todo Portugal; que vida tam preciosa nam podia deixar de prestar pera muitos, abrangendo a todo o Reyno, como se de todos fosse amoroso pay, & cuidadoso pastor. Bem podemos com muita rezam dizer d'elle, chorando por huma parte sua morte, & gozandonos por outra de seu esforço, o que David disse do capitam Abner: *Nequaquam ut mori solent ignavi mortuus est Abner*: nam morreo o grande pastor

Reg. c. 30.
33.

Theotonio como soldado covarde, & como homem pera pouco, pois nem o temor dos sceptros soberanos, nem o respeito das purpuras reaes, lhe esfriou o sangue, & impedio a lingua, pera deixar de falar nas cousas da fé com toda a liberdade: nem o receo dos gastos lhe atou as mãos; nem a fraqueza da velhice lhe impedio os pés, pera fazer caminho tam comprido, & se expor a negocio tam arriscado, em que pela parte contraria estava tam empenhado hum Monarcha tam poderoso, como naquelle tempo era Philippe III.

4 Morreo enfim aos 29. dias do mes de Julho, do anno de 1602. em huma empreza digna de seu sancto zelo, na corte de Hespanha, da qual Deos o levou á da gloria, aonde com aventajados prémios o terá coroado. De Valhedolid lhe trouxeram seu corpo, com todas as conveniencias dignas de tal deposito, á sua cidade de Evora (posto que elle ordenava em seu testamento, que lhe trouxessem seus ossos metidos em hum sacco sobre hum juventinho) E na Igreja mayor de Evora se lhe fizeram solennissimas exequias, acompanhadas de perennes lagrimas da cidade toda; dahi o levaram ao mosteiro de S. António extra muros, que elle havia acabado, aonde descansa

Como lhe
tresladrá-
ram seu
corpo.

na sua sepultura, que tinha feita, de hũa pedra raza no cham, & sem armas; que com este pobre tumulto se contentou sua humildade, merecendo grandes Mausoléos sua virtude; mas o que lhe faltou naquelle estreito lugar, lhe tem concedido sua gloria no mundo todo; nam houve prêgação nas suas exequias (mandando o ceremonial, que a haja) porque assim o ordenou em seu testamento; porêm o q̃ entam calou o prêgador, ainda hoje apregoa a fama, com brados mais vivos, & com vozes mais eloquentes.

D. Theotonio sempre pertenceo á Companhia.

5. Fiz esta breve relação da vida d'este excellentissimo, & gravissimo prelado, nam só pelas rezoês commúas do muito que o Reyno todo lhe deve, mas muy em particular, por ser cousa nossa, por ser filho da Companhia, por ser feitura do Padre mestre Simam, & por se ter criado sete annos na Companhia, a quem elle singularmente amava, como mãy muito querida, aonde sempre viveo com a alma, posto que trazia o corpo fóra: que esta força tem com os homens a primeira criação, que aly ficamos pera sempre sogetos, aonde em algum tempo bebemos o leyte da primeira doutrina: que por isso dizia a mãy do minino Samuel, que o trazia ao templo, pera que nelle assistisse todos os dias de sua

vida; & com tudo, lançadas bẽas contas, muitos annos viveo Samuel fóra do templo de Deos; porêm, porque teve no templo a primeira boa criação, por aquelles primeiros annos se cõputavam todos os mais de sua vida; por maneira, que ainda os annos, que viveo fóra de Ierusalem, & ausente de seu templo, eram annos, que pertenciam á casa de Deos, aonde tivera a criação: por este titulo nos pertence Dom Theotonio, pois na Companhia se organizou aquelle admiravel composto de heroicas virtudes, nella se lançaram as primeiras linhas áquelle quadro celestial; nella se abriram os primeiros fundamentos deste fermoso templo de Deos; sabendose aproveitar D. Theotonio no mundo, sendo já homem, da boa criação, que tivera na Companhia, sendo ainda moço: comprindose muy inteiramente o que nosso glorioso Patriarcha lhe tinha dito, quando o despedio da Companhia, que no mundo havia de fazer a Deos grandes serviços; & foram elles taes, que logo pareciam prophetizados por hum varão sanctissimo, & exercitados por hum sogeto illustissimo.

1. Reg. c. 1.
28. Et ego c.
modavici D.
mino cunct.
diebus.

CAPITVLO XXXXII.

Como neste tempo procediam os nossos em Lisboa; & do grande fruto, que naquella cidade, & em outras, fazia o Padre Francisco Estrada.

B Em he quẽ demos hũa chegada a Lisboa, & tornemos a continuar com a ordem dos annos, que enterrompemos, por concluir com as cousas do Arcebispo Dom Theotónio; vejamos como neste tempo procediam os nossos (ainda que poucos em numero, mas muy valentes nos brios espirituaes) que residiam na casa de S. Antam (nella habitava o Padre mestre Simam, quando a corte estava em Lisboa, nella se hospedavam os missionarios, que hiam pera a India, & os que partiram pera Congo.) Neste mesmo tempo morava no Collegio de sancto Antam aquelle grande servo de Deos, & famoso prégador o P. Francisco Estrada, o qual tinha prégado todo o anno atrás, & parte d'este de 1548. em q̃ estamos, cõ grãde fruto, & igual admiraçã d'aquella grãde cidade, vindo a

ouvilo, como ahũanjo decido do cẽo, pera lhe trazer novas da outra vida, & ensinar meynos da salvaçam: eram muitos os que acodiam à Igreja de S. Antam, que pera tam grandes concursos era muy estreita; vinham todos buscar o bem de suas almas, por meyo dos sacramentos da confissam, & cõmunham, que a este fim particularmente hiam sempre emproados seus admiraveis sermoens: & como a gente de Lisboa ordinariamente seja dotada de hũs natuæ brandos, & muy doceis, nelles, como em cera branda; se imprimia a divina inspiraçam: & pera que a todos se abrisse mais facilmete a porta do cẽo, tinha o Padre dado ordẽ, pera que todos os dias, à boca da noite, se dẽsse na Igreja o necessario aparelho, pera acodirẽ a tomar a disciplina, õs q̃ movidos da verdadeira contriçam, quizessem vir tomar vingança de seus peccados.

2 O modo cõ que naquelle tempo se fazia este acto penitencial, era semelhante em tudo ao que hoje se usa na casa de Sam Roque, & no Collegio de sancto Antam pela quaresma; em quanto a gente se vinha ajuntando, se lhes lia na crasta huma devota liçam, sobre algum mysterio da paixão de Christo Senhor nosso; logo entravam pera a Igreja, aonde o Padre Frãcisco Estrada,

Do modo cõ q̃ se romavom as disciplinas no Collegio de S. Antam.

Anno de
Christo de
1548.

422

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

subindo ao pulpito lhes fazia hum practica espirital, sobre algum passo da mesma paixam do Redemptor, incitando os penitentes ao amor divino, ao odio, & vingança de seus peccados: no cabo da practica se mostrava hum devotissima imagem do Ecce homo, pera que se acabassem de render à vista de tam lastimoso espectáculo; & pera que finalmente persuadissem o exemplo de Christo o que nam tinham alcançado as vozes do prégador. Acabada a practica, começava logo a disciplina, com tanto rigor em todos, & com tal impeto de lagrimas, que bem mostravam semelhantes effeitos por fóra a graça divina, & a contrição dos peccados, que Deos infundia dentro de suas almas: hoje na casa de Sam Roque, & no Collégio de sancto Antam o novo, se acrescenta mais hum devota, & muy bem temperada musica de hum Miserere, cantado com toda a perfeição dos melhores instrumentos, & mais gabadas vozes, pera tambem cõ esta sancta invenção atrahir os que gostam de musica; que nam hã duvida que tem muita força, pera, com hũa branda violência, levantar os espiritos, dobrar os animos, & dominar o coração, que assim o mostra a experiencia, & as historias nos ensinam; como lemos na Escriptura, quã-

do a Saul,^a com a cithara de David; lhe respirava o coração perturbado, & o deixava o espirito maligno: & do grande Achilles^b tambem se conta, que cõ a musica de Chiram se lhe amainavam as iras d'aquelle natural tam fogoso. Nam era necessario, naquelle bom tempo, usar d'estas traças, & sanctos enganos, pera ajuntar a gente, & convocar auditorio, bastavam os brados do Padre Francisco Estrada, pera vencer a voz de Orphéo, & suprir a cithara de Arion, hum nos bosques de Thracia assamando leoões, outro no mar de Corintho attrahindo golfinhos.

3. Notaveis erã os effeitos da graça poderosa nesta devota accção. Pudera cõtar muitos casos, q̃ neste tẽpo succederam aos que vindo a esta disciplina a caso, se emedaram muito de proposito: entre algũs he bẽ que fique este em memoria. Andava hum homẽ de roins procedimentos, havia tempos, deliberado em matar outro (que aõde entra a paixam nem à vida perdoa) sò lhe faltava occasiã pera sahir cõ seu danado intẽto; buscãdoa, soube a caso, como o seu cõtrario, acodia muitas vezes á nossa casa de S. Antam, cõ os mais q̃ hã ouvir o Padre Estrada, & a tomar disciplina: persuadioo o diabo, que tinha alcançada a occasiã que tanto d'antes desejava;

obede-

Anno
Cipan

9.

1. Reg. 1.
David tol.
citharã, &
cunebat
sua, & res
labatur S.
Cicer, 1.
cul. Qu

Virg. Ecl.
Orpheu
vis, inte
phinas A

Casom
vel a
peccad
que se
verteo

Anno de
Christo de
548.

Anno da
Copanhia
9.

Ephe. c. 6.
7. Rad. Heb.
n. 12. Pe.
rabilior om
ladio anci-
& contin-
s. ulque ad
tionem ani
&c.

Spiração
q' Deos
va a ef-
pecca-
r.

obedecéo logo ao primeiro af-
feno de tam roim conselheiro,
que como tam sagàs, & tam
malévolo, pretendia de hum
caminho duas maldades, matã-
do a hum innocête, & defacre-
ditando as disciplinas. Vayse à
porta de sancto Antam; pðem-
se nella muy dissimulado, pera
à sahida atravessar o homem
com a espada, senam que pri-
meiro Deos o quiz atravessar
a elle com o golpe da pala-
vra divina, a quem Sam Pau-
lo a chama espada de dous gu-
mes, que penetra a alma, & cor-
ta as entranhas.

4 Andava o furioso man-
cebo, com tam impia tençam,
passeando diante da nossa Igre-
ja, ondeando entre mil pensa-
mentos, tratando como poderia
mais a seu salvo assegurar aquel-
la facçam, & faltar seu preverfo
desejo: & como toda a detença
lhe parecia igualmente vagaro-
sa, & penosa, chegava de quãdo
em quando à porta da Igreja, a
ver se acabava já aquella cere-
monia: cada vez que chegava
ouvia dêtro a voz do prègador,
q' era o P. Frãcisco Estrada, q' es-
tava fazendo a pratica da Paixam:
eis q' de repête o move Deos, q'
entre a ouvir tâbê o que tantos
ouviã; duvida, para, vay por diã-
te, toca o lumiar da porta, reti-
rase logo arrepedido, torna dahi
a pouco a cometer a êtrada, hũas
vezes levado da curiosidade de

q' via, outras enlevado da pieda-
de do q' ouvia: até q' finalmête se
resolveo a entrar, mais a fim de
dissimular o a q' viera de sua ca-
sa, q' pera saber o que se fazia na
de Deos; mas elle he tã miseri-
cordioso, que quis por esta via
dar a vida da alma a quẽ trata-
va de dar a outro a morte do
corpo: foy o peccador ouvindo
ao prègador, foyo penetrando a
força da palavra de Deos, foy re-
gãdo aquella alma o sangue de
Christo, de que praticava o P.
Estrada, & de tal maneira abra-
dou seu duro peito, que come-
çou logo aquella pédra, batida
cõ a vara da penitência, a dar co-
piosa agoa de suavissimas lagri-
mas; julgando ser indigno de hũ
homem christam executar a in-
sana determinaçam de hum o-
dio infernal, à vista do abrazado
amor, cõ quẽ o dulcissimo IESV
derramara seu precioso sangue
por peccadores arrependidos: &
vendo cõ seus olhos, & ouvindo
cõ seus ouvidos o fervor sancto
cõ que aquella pia gẽte tratava
de sua salvação, e pedia perdam
de suas culpas; veyo finalmête
a renderse a Deos cõ esta sancta
bateria, desistindo da morte tẽ-
poral, que a treçam pretendia
dar a seu cõtrario, & livrãdo se da
eterna, a que ficava cõdenado.

5 Acabada a pratica, & a
disciplina, vay logo (porque o
Spirito sancto nam admite va-
gares) a demandar o P. Frãcisco

Como se
mudou es-
te pecca-
dor.

Anno de
Christo de
1548.

Como se
rendeo a
Deos este
peccador.

424

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Estrada, lançalhe a seus pès, citao pera huma confissam geral no dia seguinte: acodio logo pela menhã, depois de galhar a noite em suspiros; deo conta ao Padre de seu danado pensamento, chorou com grande sentimento seus peccados; daly por diante procedeo como justo, o que na terra tinha nome de peccador; restituindo Deos esta ovelha perdida ao seu rebanho, por meyo tam maravilhoso, & dando a vida da graça a quem tratava de dar a outrem a morte de espada. Nê foy este sò o fructo das prègações do Padre Francisco Estrada, porque nos cõsta por memorias, que ainda hoje conservamos, que muitas pessoas de grande autoridade, & renda fizeram notaveis mudanças, movidas por Deos a melhorar as vidas, ouvindo as prègações d'este apostolico varã, cujos sermões hiam encaminhados, pera inflamar as vontades dos ouvintes, & nam pera recrear os entendimentos dos ociosos: & porque agòra hà tam poucos, q ligam este Norte, hà tantos prègadores, que vam errados; & hà tam poucos ouvintes, que sayam emendados.

f
Lib. 2. cap. 9.
& 11.

6 Dissemos atrás do muito fructo, q este Padre fez na cidade do Porto em seus moradores, nos quaes éram neste tẽp. tam notaveis os desejos de ver a este

seu tam prezado prègador, que veyo o P. M. Simam em lhe dar licença, & conceder este favor àquelles nobres cidadãos, pera que os fosse visitar: passou por Coimbra, chegou ao Porto, aõde o esperavam com alvoroço, & finalmente o recebèram com grandissima alegria, sabindo seus devotos ao tomar fóra da cidade, capitaneados pelo muy nobre, & muy devoto cidadão Henrique de Gouvêa, de quẽ já falamos, todos tam contentes, como se viessem a receber hum anjo, vindo entam da gloria, a lhes conceder graças, & repartir favores. Renovouse logo cõ sua chegada o fervor da virtude, & da penitencia, com tam grande concurso de gente, que posto que antemenhã acodia ao confissionario (& nelle assistia a mayor parte do tempo em que nam prègava) com tudo nam lhe era possível dar expediente às confissoens dos muitos que o vinham demãdar. Era cousa de grande admiraçam, ver a grande frequencia de auditorio, & notavel alvoroço, cõ quẽ todos concorriam a seus sermões, prègando elletam a meude, que em hũ dia fez sinco prègações; que aõde sobeja o espirito nũca falta a força, & sempre sobra a materia: & se o prègador he sancto, nunca se enfastia a gente de o ouvir.

7 Chegado o principio da

qua-

Anno
Cpaph
9.

Como o
Franci
Estrad
tornou
cidade
Porto.

Lib. 2. cap.

quaresima foy o P. chamado pela obediencia, pera hir prègar a Coimbra: tanto q̄ d'esta ordem se teve noticia na cidade, foy grãde o sentimento, q̄ disão mostráram todos, fazêdo mil queixas a Deos, & aos homês, pelo P. os deixar em tal tẽpo, & cõ tãta pressa; parece que o cẽo ouvio estes desejos, ao mênos em parte (como ouvio os røgos de S. Ezecholastica, ^h na despedida de seu irmam S. Bento) porque tratãdo elle, como verdadeiro obediẽte, de se partir logo ao outro dia, sobreveyo tanta agoa (que esta a ninguem tẽ respeito) com tal tormẽta, & cõ tã espãtosa cerraçam do tẽpo, q̄ seria grande temeridade cometer o caminhoẽ tal occasiã: Logo os cidadãos, no m̃eyo de tanta agoa sequiosos da perenne doutrina do seu prègador, aproveitando se da occasiã, lhe pediram lhes prègasse aquella menhã, pois Deos os favorecia a todos, & o detinha a elle: veyo nisso facilmente o P. Estrada, deixãdo em suas mãos a escolha da Igreja, em q̄ havia de ser o sermam, q̄ foy no mosteiro de S. Bento, na m̃esma cidade, aõde depois de se recolher hum pouco, pera cuidar no q̄ havia de dizer, começou a prègar sobre aquellas palavras do Propheta Isayas: ditas a el Rey Ezechias: *Dispone domui tuæ, quia morieris tu, & non vives*: tratou o passo cõ tãta devaçam, & eloquẽcia, q̄ foy

admiravel o abalo, q̄ causou no auditorio, tãtas as lagrimas, q̄ se derramavam, q̄ quieriam cõpetir cõ a chuva do cẽo; que tambẽ nesta occasiã parece q̄ abrio suas catarãtas, pera ajudar as lagrimas dos devotos Portuenses, choradas na prègaçam, & na del pedida do seu prègador, q̄ finalmente dãdo o tẽpo lugar, & amainando as chuvas, se partio pera Coimbra.

8 Em chegãdo àquella cidade, foy prègar nòs Domingos à Sé, dõde cõ grãdes instãcias o tinham pedido. Nẽ hã q̄ espãtar de ter tam bõs successos nos sermoens, & ser tam aceito aos homês, quẽ o era tãto a Deos, & aos q̄ muito tinham de Deos; porq̄ alẽ do grãde amor, que S. Ignacio tinha a este seu convertido, era notavel a opiniã, que do P. Frãcisco Estrada tinham todas as pessoas de credito e qualquer parte do Reyno, a q̄ue assistia, ou por onde passava, em rezã de seu grãde talẽro, & de sua rara virtude: em confirmaçã d'esta verdade sabemos, que o o bẽaventurado P. M. S. Francisco de Xavier, quãdo na India recebia os nossos ao tẽpo q̄ chegavam de Portugal, depois de pergũtar pelo glorioso Patriarcha Ignacio, & pelo P. M. Simam, o primeiro de quẽ quieria saber particulares novas, era o P. Frãcisco Estrada (porque atẽ è partes tam remoras soava o trovam

Grãde opiniã, q̄ se tinha do P. Francisco Estrada.

Anno de
Christo de
1548.

daquella celestial voz) como de quem por fama, & por luz do cêo tinha muy grãde estima de seus sermoões, & satisfaçam de sua doutrina; que entre os servos de Deos, ainda que absentes, pela uniã que tem com Deos, a cõservam també entre sy, com hũa divina simpatia, como servos do mesmo numero em o paço do Rey da gloria.

Saude al-
cãçada por
meyer do P.
Francisco
Estrada.

9 Quer o concluir este capitulo, & dar fim a este segũdo livro, referindo hũ caso, em cõfirmaçam do que himos contãdo, que parece milagroso, com que Deos quiz autorizar a virtude deste seu grande prẽgador, & mostrar que nam era menos efficaz nas palavras, que poderoso nas obras. Estando elle em Villa de Conde, na provincia d'entre Douro, & Minho, prẽgãdo em hũa missã, em que cahio a forte àquella villa, de o ter alý de passagem; succedeo a hũa dona honrada, & virtuosa, (mã, que foy de Diniz Preto, luiz dos orfãos da mesma villa, que isto affirmou por juramẽto, & por hum assinado seu, que estã no cartorio de Coimbra) succedeo digo, a esta dona, que pera se consolar com o Padre, lhe deo conta do grande sentimento, que tinha, de nam achar remedio a huma sua filha, que entã era minina (& depois foy freira no mosteiro de S. Clara da mesma villa, por nome Da-

miana de IESV) a qual sendo naquelle tempo de oito annos, tinha em huma palma da mamhuns grãdes polmoões, a maneira de verrugas, tam grandes, & feos, que lhe nam deixavam cerrar a mam; cousa de que a mãy tinha continua pena, & descon-solaçam, nam sò pela notavel deformidade, mas tambem pela ver com a mam quasi aleijada, e totalmente impedida.

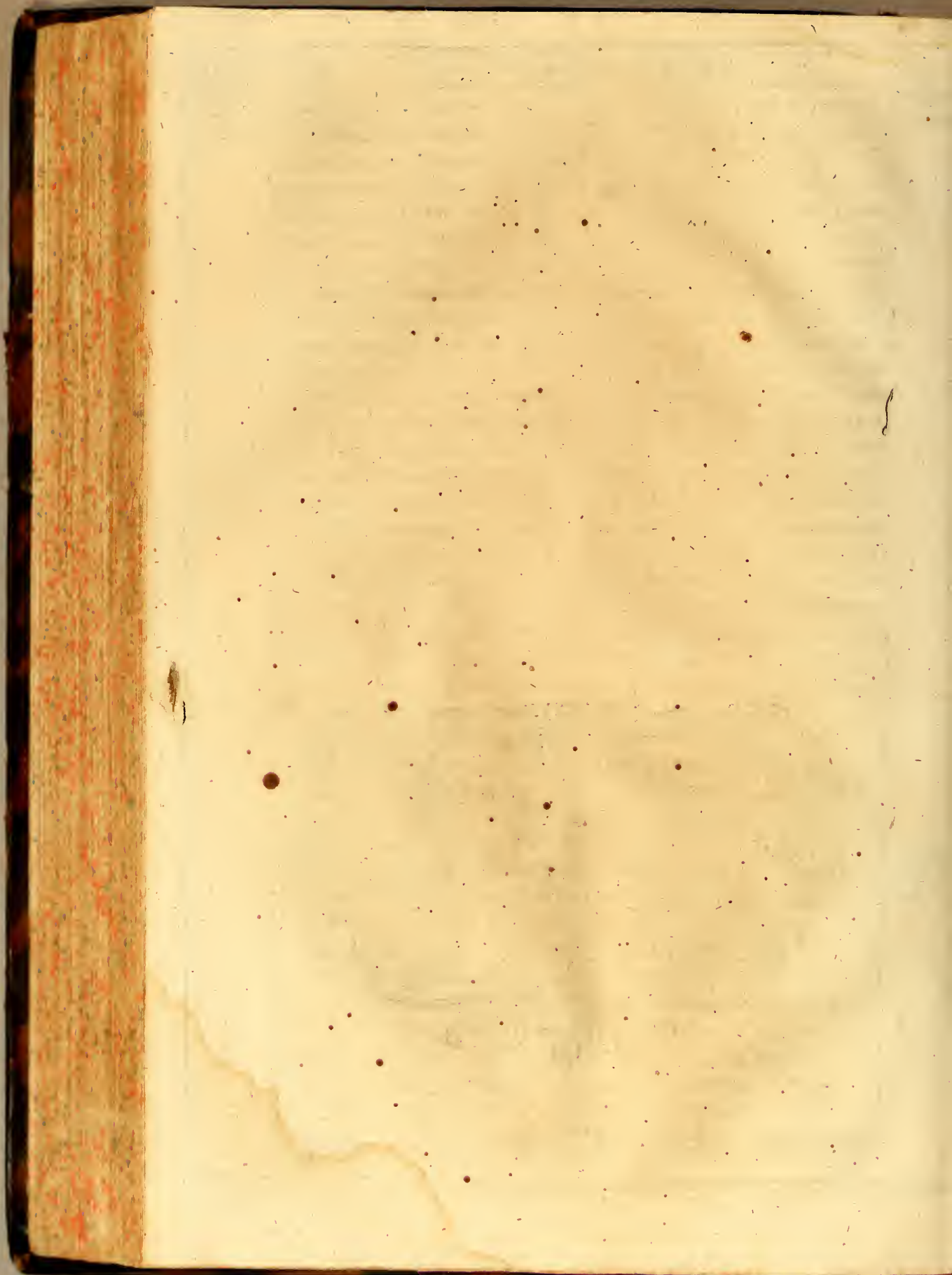
10 Tinha a nobre viuva neste particular feitas todas as diligencias, que o amor de mãy lhe ensinava, trazendo medicos de fora, & usando de todas as mesinhas, que elles apontavam; sem o effeito desejado, porque se a çalo com o ferro tocavam, as verrugas, brotavã, & cresciam com mayor força: compadecese o Padre do desgosto da mãy, & da aleijã da filha: pergunta-lhe se hã de ser serva de Deos, recolhendo-se em alguma Religiam; & respõdeo ella, que sim, dandolhe Deos saude: fez o Padre o sinal da Cruz sobre aquelles polmoões, nomeãdo duas vezes o nome sanctissimo de IESV (que he o mais saudavel remedio, pera todas as infirmitades) cousa maravilhosa, & caso notavel, logo naquella noite dormindo a minina, vigiou Deos em lhe dar saude: sonhou (porq tambem hã sonhos verdadeiros & divinos) que se via livre do grande impedimento da sua

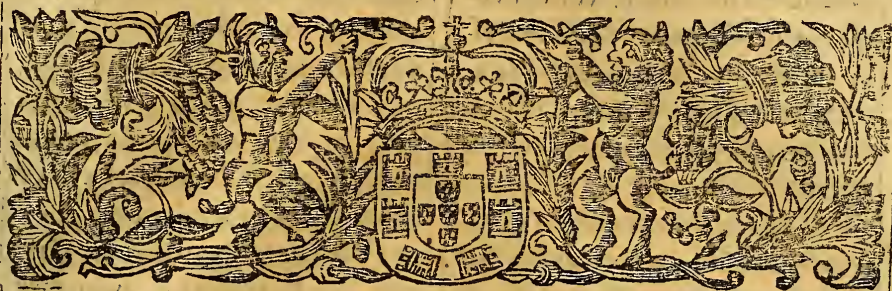
mam

mam; & em acordando, aco-
din lo com a outra mam, pera
ver se era o sonho verdadeiro,
achandoa livre de tam grande
mal, começa a dar brados pela
mã, dandolhe alegres novas de
como o Padre lhe dera a dese-
jada saude; levanta-se a mã, a-
codem todos os de casa, vem cõ
seus olhos successo tam prodigi-
oso, reconhecendo todos nel-
le a virtude de seu servo; por-
que de tal maneira se foram,
que nem lhe deixaram sinal, nẽ
se atrevêram mais a repetir; que
quando Deos he o medico, que
dã a saude, nam deixa rasto no
corpo ferido, mas quer que fi-
quem as lembranças na alma
agradecida.

II O mais que podiamos
contar do Padre Francisco Ef-
trada, deixo à Chronica de Ca-
stella, que está escrita de mam,
feita pelo Padre Pero de Riba-
deneira, da nossa Companhia;
porque com os mesmos successos
pregou por toda Hespanha, &
foy Provincial em o Reyno de
Aragam (com o tambem se pôde
ver no Padre Orlandino, na sua
historia geral) ao qual agora
deixaremos em Portugal, & da-
remos huma chegada ao Brasil,
aonde o Padre mestre Simam
mandou missionarios no an-
no de 1549. no qual en-
traremos com o livro
seguinte d'esta
historia.







LIVRO TERCEIRO
DA CHRONICA
DA COMPANHIA DE
IESV, NOS REYNOS
DE PORTVGAL.

CAPITVLO I.

*Propoemse o fundamento, que
bouve pera o Padre mestre Si-
mam mandar missionarios ao
Brasil: dáse conta do descobre-
mento, e Capitandas, que aly
fizeram os Portugueses, e es-
tado das cousas daquella
Christandade.*

NA M paravam
já neste tempo
só em Europa,
nem chegavam
só a Africa, né
entravam só pela Asia ás mis-

soens da Companhia; nem se li-
mitava o grande espirito do P.
mestre Simam a hum só mun-
do; agora veremos no anno de
1549. (no qual entramos nesta
Chronica) a primeira missam, q
mandou ao mundo novo: & assi,
como no livro passado cõtamos,
ainda q brevemente, as virtudes
admiraveis, & obras prodigiosas
do P. M. Gaspar, no Oriete, & de
outros seus cõpanheiros; assi ne-
stes capit. veremos outros glo-
riosos missionarios no Brasil; tẽ-
do muito de q nos edificar, & es-
pantar do seu primeiro, & prin-
cipal capitam o P. Manoel de
Nobrega. Mas antes de entrar-
mos a tratar desta missam, serà
necessario, pera clareza do que

O o hemos

Anno de 430
Christo de
I 549.

Do modo
em que se
pozeram
no princi-
pio as cou-
sas do Bra-
sil.

Em q anno
se desco-
briu o Bra-
sil.

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

hemosde escrever, & ver brevemente o estado, em que se depuzeram, & ainda entam se achavam as cousas do Brasil, assim no temporal, como no espiritual.

2. Descuberta pelos Portuguezes a costa mais oriental, que fica na península, & parte mais austral do mundo novo, pera o meyo dia; o nome, que lhe deo Pedro Alvres Cabral, seu primeiro descobridor, foy terra de sancta Cruz, por occasiã de huma fermosa cruz, que elle, com grande solenidade de missa, prègaçam, & alegres salvas de toda a armada, fez arvorar naquella praya de tã estendidas regioens. Ficando, sem duvida, a terra com tam soberano titulo, muy autorizada, senam montasse mais com o povo ignorante a inconsideraçam, com que se lhe mudou, por causa dos ganhos, que lhe vieram de hum pão chamado Brasil, (que se dá nos matos desta terra) pelo qual se tem quasi perdido o nome da terra de sancta Cruz, chamãdolhe commumente Brasil.

3. Foy este descobrimento no anno de mil, & quinhentos; & porque o capitam mór Pedro Alvres Cabral tinha que fazer sua derrota pera a India, aonde navegava com a armada, antes de dar à vela, quiz

dar a boa nova a Portugal, de como a seu real sceptro se acrescentava aquella fermosa cruz, que tinha tomado posse desta grande parte do mundo novo, em nome de Christo, & delRey Dom Manoel seu senhor: despachou pera Portugal a Gaspar de Lemos com as primeiras mostras da fructa d'aquella espaçosa regiã, que era hum Indio, dos naturaes, que houve às mãos.

4. Muy festejada foy em toda a corte a alegre nova do novo descobrimento desta grande parte do mundo novo. E como o felicissimo Rey Dom Manoel em seu grande coraçam, & na esfera de sua empreza comprehendesse o mundo todo, acodio com muita pressa a este mundo, que de novo se lhe acrescentava; fez aprestar a hum homem muy pratico nas Matematicas, & Cosinographias, Florentino de naçam, chamado Americo Vespucio, ao qual mandou reconhecer, sondar, & demarcar aquella costa do mundo novo, a quem, por esta rezam alguns Autores chamam America.

5. Enteirado elRey, pela informaçam, que trouxe o Florentino, de quam florente podia ser aquella navegaçam novamente descuberta, pela fertilidade dos campos, largueza das terras,

& bom

Anno
Cópia
10.

Manda
Rey D.
noel de
brir a
ta do B
fil.

Anno de
Christo de
549.
rata el-
ey D. Ma
del de po
car o Bra
l.

Martim Af-
so de Sou-
foy pri-
eiro a po-
oar o Bra-
l.

2.2.12. n.8

Livro terceiro. Cap. I.

431

Anno d.
Capitania
10.

Morte de
Pero Lopes
de Sousa,
irmão de
Martim
Affonso de
Sousa.

Juven. sat. 10.
Sarcophago
con tentus erit.

Juven. sat. 10.
Mors sola fate-
tur. Quantula
sint hominum
corpuscula.

Como forã
habitadas
outras va-
rias Capi-
tanias.

& bondade dos âres; tratou logo de a povoar; & pera este effeito a dividio em Captanias, repartindo as terras por alguns fidalgos, dando a cadaqual certas legoas, cõ absoluto mïdo, pera as povoar, reger, & governar, debaixo de sua real jurisdicam. O primeiro fidalgo, que lançou mam desta empreza, foy Martim Affonso de Sousa, que depois foy governador da India, & teve aquella boa sorte, de levar consigo ao Oriente, o grande Apostolo do Iapam o sancto Padre Francisco de Xavier, como dissemos no primeiro livro: foy com elle seu irmam Pero Lopes de Sousa, ambos com licença d'elRey, pera cada hum tomar pera sy sincoenta legoas de terra. A este effeito se partio Martim Affonso de Sousa com huma boa armada, com a qual correo, sondou, & descobrio toda aquella costa, até o grande, & feroso Rio da prata, em cujos baixos perdêo huma das melhores naos, que levava; & assim como hia descobrindo algũa terra de novo, por aquella costa, assim hia pondo os nomes, que melhor lhe pareciam, aos portos, cabos, rios, paragens, lagoas, entradas, & enseadas, porque hiam passando (que este he o privilegio dos primeiros descobridores de novas regioes) na volta tornou a surgir em S. Vicente, q foy a primeira

Capitania, que houve no Bráfil, fundada por elle Martim Affonso de Sousa.

5 Tambem seu irmam Pero Lopes de Sousa fez em Quibê hũa villa, demarcado cada hũ as suas 50. legoas, conforme as selmarias da merce, & doaçam real. Nam teve Pero Lopes de Sousa tẽpo pera poder possuir, & povoar tam larga terra; cõ menos se contenta hũ corpo morto, & o grãde Alexandre, q nam cabia no mundo todo, estando vivo, com quatro palmos de terra se aquietou sendo morto; porq sò a morte (como disse o outro gẽtio) mostra aos homẽs quam pequenos sam seus corpos: assim succedeo a Pero Lopes de Sousa, que tratando de povoar aquella grande distancia de terras, que com liberal mam lhe deo o felicissimo Rey Dom Manoel, nem hum palmo de terra teve depois pera morrer, porque, em breve, acabou afogado no mar, faltando-lhe tã pequeno espaço de terra, em q fosse sepultado. depois de morto, a quẽ tinha o espaço de 50. legoas, pera viver, & se enriquecer, se tivesse vida.

6 A Capitania, que chamam dõ Espirito sancto povoou Vasco Fernandes Coutinho, com mais venturoso successo, que o de Pero Lopes de Sousa; & ainda que ao diante, voltando elle pera o Reyno,

se tornou a despovoar, com tudo depois se foy restaurando, & hoje he hum das melhores Capitania's do Brasil. A Capitania de Porto Seguro povoou Pero de Campos Lourinho, natural de Villa de Conde, com muita, & boa gente, fundando duas villas, a saber, Porto Seguro, & sancto Amaro, & outras tres povoaçoens: porèm como nesta vida andamos em hum perpetua tormenta, nam ha porto seguro pera semelhantes naufragios; assim aconteceu aos que se davam por seguros, em Porto Seguro, porque crescendo com a prosperidade a soltura nos peccados, por duas vezes, dentro em hum anno, se ateou tam forte incendio, que o segundo acabou de consumir as reliquias, que do primeiro tinhã escapado: a este fogo do cèo tambem se acrecentou outro da gente da terra, que sam os Ay-murés tam crueis, que parecem lobos, & nam homês; porèm estes já hoje nos temem, & como se vam recolhendo pera os seus matos, & os nossos melhorando nos costumes, vay sendo agora este porto mais seguro de Ay-murés, & mais livre de incêdios.

Como foy
principia-
da a Capita-
nia da
Bahia de
todos os
Sanctos.

7. A Bahia de todos os Sanctos (que hoje he a Metropoli do Brasil, & assento dos Governadores, Bispos, & Ouvidores gè-raes de todo aquelle estado) foy primeiramente povoada por

Francisco Pereyra Coutinho; mas a liberdade dos nossos nos peccados, & o escandalo, que d'elles tomaram os barbaros da terra (que na verdade muitas vezes, entre estes gentios, mais barbaros somos nós por crueldade, do que elles o sam por costumes) com a morte de hum mancebo filho do Indio principal, se amotinaram, destruindo as fazendas, queimando os engenhos, & arrazando as casás, em tal forma, que a Francisco Pereyra lhe foy necessario recolherse à Capitania de Porto Seguro, pera ahi se assegurar dos assaltos destes barbaros, largandolhe o corro como a touros; & tentando depois aplacalos, cuidando que já estariam mais brandos, veyo a fer por elles morto em Taparica, aonde o derrotou hum ri-jo temporal. Depois da morte de Francisco Pereyra, se tornou a povoar esta Capitania por Diogo Alvares, & seu genro Paulos Dias, aos quaes os Indios aceitaram por serem homês pacificos, & que os tratavam com humanidade; que até estas feras, que quasi nam têm rezam, sabem conhecer a brandura; & cõ nam parecerem homens, estranham deshumanidades.

8. A Capitania de Pernambuco, povoou hum fidalgo, por nome Duarte Coelho, cõ gente muy escolhida. A Capitania,

Como se
voou a Ca-
pitania de
Pernam-
buco.

q se chama S. Jorge dos Ilhéos, houve delRey Jorge de Figueiredo Correa, que sem hir ao Brasil, a mandou povoar com algũa gente. A do rio de Janeiro tomou depois a sua conta elRey Dom Sebastiam, mandando edificar nella huma cidade (que por seu respeito se chamou de Sam Sebastiam) com grandes favores, & privilegios. Ao rio (q por ser estreito na foz, deixa aquelle porto muy defensavel) lhe poz Martim Affonso de Sousa por nome o Rio de Janeiro, por entrar nelle o primeiro dia deste mes. Todas estas cappitanias, & outras que hoje hã, naquella costa, & parte do mundo novo, se foram povoando muy devagar, & humas depois de outras, de sorte, que atè o anno (de que himos falando) que foy o de nossa redempçam de mil, & quinhentos, & quarenta, & nove, eram ainda poucos os Portugueses, que habitavam o Brasil, divididos por varias povoações, & principios de capitanias.

Dos assal-
tos, que lhe
davam os
barbaros.

9. Cõfinavam os nossos por algũas partes cõ algũs barbaros, q de quãdo em quãdo os vinhã visitar; entre outras nações, algũs sam muy feros, principalmente aos q chamam Tapuyas, & Aymurès, os quaes andavam pelos matos, & charnecas, sem ter cidades, nẽ villas, nẽ aldeas, vivendo apartados huns dos outros,

em choupanas, que muitas vezes mudavam, como antigamente os Scythas, & Nomados; nam sabiam que cousa era commercio cõ outra gente, alhéos de toda a policia, mais toscos, & mais brutos que as brutas montanhas em que se criavam; de maneira que a sua vista ficavam muy polidos aquelles Faunos habitadores da antiga Italia, nacidos dos troncos dos Carvalhos, que Saturno veyo do cêo a domesticar, conforme historiavam os Romanos. Estes Tapuyas, & Aymurès, contra as leys da propria natureza, comiam carne humana, tendo por honra, & valentia cevarse em seus proprios inimigos, com que metiam grande terror aos Portugueses, que arreceavam muito serem offerecidos por prato, nas crueis mesas destes novos Atreos.

10. Faltavam lhe prẽgadores, que lhes dessem as boas novas do sagrado Evangelho, & que com a brandura, & suavidade da ley, & graça divina, os doutrinassem, humanassem, & policiassem: porque depois que o Padre Frey Henrique, da Religiam Seraphica, Bispo que depois foy de Ceita, prẽgou a primeira vez nas prayas da Capitania de Porto seguro, & celebrou o divino sacrificio da missa, a vista d'aquelles barbaros, em

AEn. 8. Is genus indocile, & dispersum moribus alis, C3. posuit,

Da falta,
q havia de
prẽgado-
res.

Anno de
Christo de
1549.

434

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

quatro semanas, ou pouco mais que a armada do primeiro descobridor Pedro Alvares Cabral, aly esteve furta. Nam labemôs que viessem outros religiosos, nê prégadores de Portugal a estas partes, senam foram tres, ou quatro da mesma ordem, que tambem acodiram á capitania de Porto seguro, aonde ainda hoje se mostram as ruinas das pobres casinhas, aonde sanctamente habitavam. Começaram os benditos Padres a romper com o arádo do Evãgelho os selvaticos, & espesos matos d'aquella barbara gentildade, com mais zelo, & fortaleza de animo, que com ventura, & felicidade de successo; porque antes de terem noticia da terra, querendo hum delles vadear hum rio a que nam sabia o vao, se afogou nelle, dandolhe com este desastre o nome, porque ainda hoje lhe chamam Rio do frade; como contam do rio Tybre em Italia, que teve este nome de hum Rey, que se dizia Tyberino, que nelle se afogou, chamandose d'antes Albula.

Ovid. 2. Fast.
8. Albula, que
Tyberim mer-
sus Tyberinus
in undis, Red-
didit. &c.

II. Contra os outros companheiros se amotinaram aquelles gentios, & remetendo a elles, os mataram, despedaçaram, & comeram: & ainda que lhes faltou a humanidade, pera lhes perdoar, nam lhes faltou astucia pera maliciarem, porque se ve-

stiram nos habitos dos dous religiosos; que mataram, por lhes prégarem a fé, & por lhes reprehenderem seus peccados; & nesta forma revestidos, passeavam pela praya, fingindose frades; pera com este disfarfe chamarem, & enganarem alguns Portugueses, os quaes, sem advertir, acodindo a religiosos, encontravam com Aymurês; descobrindo, debaixo das pelles de fingidas ovelhas, os dentes de lobos carniceiros: nam durou porêem muito esta traça, porq nem costumam enganar durar muito, nem elles se ageitavam bem com aquelles trajos; & dando sobre elles os Portugueses, lhes despiram os habitos; & lhes tiraram as vidas.

CAPITULO II.

Trata o Padre mestre Simam de hir à empreza do Brasil, sem ter o effeito desejado: manda em seu lugar o Padre

Manoel de Nobrega,

com mais cinco

companheiros.

NO estado, que apontamos no precedente capitulo, procediam as cousas do Brasil, com

grande

grande falta de ministros do Evangelho, que doutrinassem gente tam ignorante, & policiassem tam barbaros costumes: & como o serenissimo Rey Dom Ioam o III. mais desejasse dilatar a ley de Christo, que prolongar as columnas de seu Imperio; trato de acodir effectivamente ao remedio de gente tam desamparada. Entregou esta empreza a Companhia, mandando chamar ao Padre mestre Simam, & ordenandolhe, que escolhesse religiosos de grande espirito, pera com a doutrina evangelica trazerem ao aprisco do rebanho de Christo aquellas feras, que viviam sem ley.

2. Vendo o Padre mestre Simam esta nova empreza da conversam de tam larga gentildade, que podia na grandeza competir com a da India, & na barbaria, & ignorancia levarlhe conhecida ventagem; como quem nenhuma cousa mais desejava que seguir o primeiro intento, com que de Roma veyo a Portugal; ja que nam podera seguir a seu amado irmao, & sancto companheiro o glorioso Padre Francisco de Xavier, na empreza da India, houve que Deos lhe offerecia a do Brasil, pera a qual tanto mais se afevorou, quanto mayor era o desamparo, & mais conhecida a ignorancia deste gentio; pelo que logo trato de vencer a

mayor difficultade, em que este seu desejo podia topar, que era o gosto que mostrava o Rey serenissimo em o ter na sua corte, tendo por certo que com repugnancia de sua real vontade, nam poderia aver beneplacito de nosso sancto Padre, nem do summo Pontifice, pera fazer viagem, & entrar na conquista, que desejava: por esta causa, hindose o Padre mestre Simam ao serenissimo Rey, lhe falou d'esta maneira.

2. Até agora, senhor, tendo recebido de vossa ream muitas, & muy grandes merces, pera a Companhia, que todos sabemos reconhecer, & nenhum acabara de servir: nam tenho pedido nada pera mim, a conta da gra de vontade com que vos sirvo, & da que em vossa Alteza vejo, pera me fazer merces. Por onde agora; com toda a confiança, vos quero pedir, senhor, huma merce, que segundo confio da graça divina, sera pera vos fazer mayores serviços, estando absente, & ensinando os gentios, do que vos faço com minha presenca, sendo mestre do Principe meu senhor. Bem sabe vossa Alteza, de como de Roma vinha destinado pera a India, por companheiro do Padre mestre Francisco, o gosto de vossa Alteza me fez ficar em Europa, cheyo de mil saudades da India, & de grandes envejas de meu bom companheiro mestre Francisco: pelo que a vossa Alteza, como a Principe tam justo pertence fazerme justiça, restituindome agora a conversam da genti-

Praticad.
P. M. Si-
mam a el-
Rey Dom
Ioam, so-
bre hir ao
Brasil.

Anno de Christo de 1549.

lidade, que entam por bons respetos me tirou: já o Collegio de Coimbra, que vossa Alteza mandou fundar (a cuja obra até agora tenho assistido) está em altura, que sem mim pode crescer, & hir avante. Bem sey que averá muitos, que me estranhem querer deixar a corte de vossa Alteza, pelas choupanas do Brasil; & deixar o melhor Principe, pelos peores gentios; & o mayor senhor, pelos mais baixos escravos: mas tal vez he licito deixar a Deos, por amor de Deos; largar o Rey, pelos vassallos, & deixar o senhor pelo escravo. Há muitos melhores, que eu, nesta vossa corte, que com partes mais aventajadas possam acodir a vosso real serviço, mas há muy poucos, que se animem a deixar os cortesãos de Lisboa, pelos Aymurès do Brasil: destes poucos, senhor, com vossa real licença, quero eu ser o primeiro no Brasil, pois nam mereci ser o segundo na India. A vossa Alteza pertence, por muitos titulos, conceder-me esta licença, assim porque há muitos annos que correm por sua conta estes gentios, como tambem porque lha peço em recompensa de serviços proprios, se alguns tenho feito a vossa Alteza, a cuja real benignidade, & conhecida christandade pertence acodir como bom senhor àquelles escravos, como bom Rey àquelles vassallos, como bom pastor àquellas almas, & como Principe tam benigno deferir a consolaçam deste humilde servo de vossa Alteza.

Pede o P. M. Simam licença para hir ao Brasil.

Como alcançou licença.

4 Edificouse muito o serenissimo Rey desta petiçam, nascida da abrazada charidade, &

fervoroso zelo das almas do Padre mestre Simam; nam vinha porêem em o querer apartar de sy, pelo grande gosto que tinha; em que o Principe seu filho tivesse o bom logro de tal mestre; com tudo foy tam efficaz a instancia do servo de Deos (que com huma sancta importunacão continuava em sua petiçam) que nam podendo elRey resistir a tam fervente zelo de ajudar as almas dos Brasis, lhe houve de dar licença, posto que limitada, por espaço de tres annos, os quaes acabados se voltaria pera o Reyno. Festejou muito o Padre mestre Simam esta licença, & por ella beijou a mam a sua Alteza. Logo escreveo a Roma, dando conta a nosso bema venturado Padre S. Ignacio de seus intentos, & da licença, que tinha alcançada do serenissimo Rey, pedindolhe sua sancta bençã, pera com dez religiosos da Companhia cometer aquella gloriosa conquista do Brasil; avisando tambem ao mesmo sancto Padre, como o serenissimo Rey desejava, que partindose elle pera o Brasil, lhe mandasse alguns dos outros primeiros Padres, ou dos mais antigos, pera ficare, em sua corte, dos quaes apontou em particular, ou ao Padre Claudio Iayo, ou ao Padre Hieronymo Domenec.

5 Recebeo o sancto Patriarcha as cartas da pretençam do

Padre

Anno de 10. Copan...

Da con desta pre cam a S Ignacio.

Padre mestre Simam, que pera elle nam foy nova; porque havia muitos annos, que lhe instava por hir trabalhar na conversam da gentildade, sem lhe ser possivel deferir a seus fervorosos desejos, pela resistencia que havia da parte do Rey. Avidas estas licenças, se fez prestes o Padre mestre Simam, pera a viagem do Brasil, pera onde tratava de partir na estrada de Janeiro deste anno de 1549. Nem o detinha por entretanto, mais que a chegada de Roma do Padre Martinho de S. Crnz, que tinha hido aquella sancta cidade, sobre materias de grande importancia, pera esta provincia, em especial, pera o Collegio de Coimbra, do qual o dito Padre fora Reytor, como atrás dissemos.

6 Nam esta muitas vezes em nossas mãos a execuçam de cousas grandes: ainda que o homem he o que propoem, como parte; Deos he o que dispoem, como Senhor: & tal vez, aonde nós cuidamos que mais acertamos em empresas gloriosas; Deos lhe dà o desvio, conforme sua divina vontade; contentandose, em alguns, sò com o desejo (que se he fervoroso, & de coraçam, nam há duvida, que tem tanto merecimento, como as mesmas obras). que assim succedeo a David (sobre a fundaçam do templo de Ierusalem) aquem Deos agradeceo a vontade, mas

nam aceitou a obra. De tal maneira ordenou as cousas a disposiçam divina, que quando o Padre mestre Simam esperava a chegada do Padre sancta Cruz, (do qual falamos no livro segudo desta Chronica) pera se partir pera o Brasil, lhe chegará novas de sua partida pera o cèu, & cõ ella se dilatou a ficada e Portugal: & se occasionaram tantos negocios, tam circunstanciados de gravissimos impedimentos, que julgaram os Padres desta provincia, que convinha totalmente resistir ao comprimẽto deste seu grande desejo, pela grande falta, que em tal tempo lhes faria este seu unico, & tam proveitoso pay: & assim lhe foy forçado ao Padre mestre Simam nam hir ao Brasil, ficando com mayor pena, vivendo em sua patria, do que outros poderiam ter, morrendo no desterro.

7 Vendo pois o Padre mestre Simam, que por entam lhe nam era possivel hir em pessoa ao Brasil, escolheo seis religiosos da Companhia, pera darem principio a tam gloriosa empresa. Estes foram o Padre Manoel de Nobrega, superior, & primeiro Provincial d'aquella provincia; o Padre Ioam de Aspilcue ta; o Padre Antonio Pires, o Padre Leonardo Nunes; & os Irmãos Vicente Rodrigues, & Diogo Iacome; & de todos faremos abaixo particular, posto que

omo se
esfez a hi
do P. M.
imam ao
Brasil.

Reg. e. 7. n.
Nunquid tu
ificabismhi
mum ad ha-
andum.

Anno de
Christo de
1549.

438

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno d.
Companhia
10.

breve mensam. Estes se embarcaram em companhia de Thomé de Sousa, que o serenissimo Rey mandava por primeiro governador d'aquella espaçosa provincia, com poder absoluto, & com jurisdicam sobre todas as Capitaniás, de que atrás falei: o qual foy fidalgo de grandes merrecimentos, & muita christandade, & veyo a ser veador da fazenda d'el Rey Dom Ioam o III. & da Rainha Dona Catharina.

*Chegam os
Padres ao
Brasil.*

8 Partio da barra de Lisboa o novo governador Thomé de Sousa, & com elle os Padres da Companhia, no principio de Fevereiro de 1549. & com vento prospero, & mōçam tendente, avistaram o Brasil, & lançaram ferro na Bahia de todos os sanctos: desembarcaram logo na villa velha, saindo os Portugueses, em som de guerra, armados, & postos em feiçam de peleijar, por se nam fiarem dos barbaros da terra. A primeira cousa, que fizeram, depois de darem graças a Deos, pelos deixar por o pè em terra, foy, cō grande devaçam, & igoal festa, arvorar hum ferosa cruz, em hum campo razo, à sombra da qual se alojaram no mesmo lugar, por espaço de hum mes, em quanto tratavam de ganhar as vontades aos barbaros, & de escolher sitio, pera a nova cidade, que queriam fundar, que ha-

*Como se co
meçou a ci
dade da Ba
hia de to
dos os Sã
ctos.*

via de ser cabeça de todo o Estado da Brasil, & assento perpetuo dos governadores, justiças geraes, & Bispos d'elle. Começou-se a obra com grande fervor, conforme o regimento, que levava o governador Thomé de Sousa. Porém em quanto elle continúa no edificio da cidade, & os seis da Companhia estam alojados a tam boa sombra, como a da sancta Cruz, que arvoraram, antes que digamos alguma cousa da virtude, & grandes talentos de cada hum d'elles, & do muito que trabalharam naquella inculta vinha do Senhor, nos obriga o costume dos historiadores a dizer alguma cousa daquella grãde Provincia do Brasil, dos costumes da gente, das propriedades da terra, & de algumas cousas mais notaveis, que d'ella soubemos, por relaçam dos nossos, & experiencia de muitos.

CAPITULO III.

*Dase hum breve noticia da
terra do Brasil, de sua muita
fertilidade, & variedade
de frutos, com que
Deos a enrique-
ceo.*

i **A** Inda que entre os Portugueses sam muy sabidas

das as cousas do Brasil, donde hoje quasi sam tam naturaes como de Portugal; com tudo a obrigaçam de quẽ escreve, nam atenta sômente aos que sam sabios nas materias; mas tal vez há de deferir ao hospede, & satisfazer ao estrangeiro, q̃ deseja conhecer, por escrito, o que nam vio por experiencia; & alcançar nos livros, lendo, o que nam pode conseguir com os olhõs; & assim nos fica a nõs correndo a obrigaçam de dar alguma noticia, por mayor, das cousas do Brasil; porẽm esta serà em tal forma, & com tal brevidade, que nem enfademos aos que jã as sabem, nem faltemos aos que ainda as desejam saber; pera d' esta maneira ficarmos melhor entendendo qual foy o theatro aonde os religiosos da Companhia deram ao cẽo tantos aplausos de infinitas almas, que lhe offereceram: quãto mais que cõ esta variedade na historia, aliviaremos aos leitores, aos quaes offereço este pequeno trabalho, no qual, por ventura, que nas antiguidades do Brasil, achem aqui algumas cousas de novo; porque como temos estas noticias por via dos nossos Padres, que aos palmos correram todas estas terras, podemos assegurar, que se nam forem estas cousas as mais novas, ao menos serã as mais certas.

2 Corre pois esta provin-

cia de sancta Cruz, hoje vulgarmente chamada o Brasil, de dous grãos da Linha Equinocial, até trinta, & sinco, pera o meyo dia, que tantos vãm até o cabo de S. Maria (junto do qual entra no mar o rio da Prata) defrõte quasi por linha direita, do cabo de boa esperança, que fica na mesma distancia de grãos. Por onde parece erro da impressã, em o nosso Padre Mafteo, que em lugar de trinta, & sinco, lhe puzeram quarenta, & sinco graos: & mayor erro he ainda dos que dizem que chega o Brasil por sincoenta, & sinco grãos, até o estreito de Magalhães. Ficam lançadas estas terras em forma (como mostram os melhores Cosmographos) de hum comprido triangulo, cuja baze estã virada pera a linha; da parte do Norte se estende directamente do Oriente pera o Occidente, vindo dar huma põta, da banda do meyo dia, em regioens até hoje quasi incognitas.

3 Pelo lado, que lança pera o Oriente, que fica defronte dos Reynos de Loango, Congo, Angola, Monomotapã, & até o cabo de boa esperança, cerca ao Brasil, com suas immensas agoas, o mar Oceano Ethiopico, & Austral. Pelo outro lado occidental, pela parte interior, da banda do occidente, se divide esta Provincia da do Pé-

*Serras cõ
se divi-
do o Brasil
do Perú.*

rũ, com humas serranias tam altas, & com huns rochedos tallados, tam fragosos, & eminentes; que à sua vista perdem a fama os celebrados Alpes, & tam nomeados Pirinèos; pois (segundo se conta) atè as mesmas aves mais voadoras, com difficuldade se levantam a tal altura; nem há mais que hum passo, & esse muy agro, & difficultoso, pera se poder passar de humas destas provincias, pera a outra; como se a mesma natureza prohibisse esta communicacão, pondo aquellas espantosas montanhas, como por marcos, & balizas, q̃ repartissem aquellas ricas provincias a diversos senhores.

4 E posto que, no que toca aos mais dos habitadores destas terras, possamos admitir, cõ muitos autores, que parece foram a ultima obra da natureza, quando estava já mais cansada; com tudo no que toca á frescura,^b & fertilidade, lhe quadra o louvor, que dà Plinio^c á sua Cãpania em Italia, dizendo que parecia obra da natureza, quando estava com a mam mais folgada; porque aqui se vê aquella sua ditosa, & bemaventurada amenidade. He toda a região muy fertil, e muito fresca; de ares fadios, benignos, & tẽperados, de muy fermosas vistas, causadas da perenne verdura dos cãpos cheos de plantas, que em todo o anno conservam a folha,

os montes abrigados, o cẽo vital, puro, & sereno; a terra cuberta de arvoredos, povoda de bosques, abundante de pastos; levantada em graciosos, & alegres outeiros, dilatada, & escondida em frescos valles, em mares de fermosas campinas, as quaes todo o anno conservam a verdura, mostrando sempre a graça da primavera, sem destẽperacão dos rigores de inverno, nem ardores das calmas do estio: de modo que escaçamente sentem os moradores nem aspezeza de frio, nem excessõ de quentura.

5 Por toda esta região arrebetam abundantes fontes, & correm caudalosos rios de capacissimas madres, & alguns delles muy poderosos em agoas: por toda ella entram muitos braços de mar; como se a mesma terra sollicita em ajudar seus naturaes, cortandose a sy mesma, admitisse estes mares, & se retalhasse em rios, pera com mais facilidade abrir passagem, & franquear o commercio a seus habitadores; como Plinio^d disse da sua Italia. Os principaes rios sã tres, q̃ nasce de hũ immẽso lago no interior do sertão, muito rico, segundo a fama, de ouro, prata, & pedraria: o primeiro, & mais celebrado destes, he o rio da Prata, cuja foz estã em trinta, & cinco grãos da banda do Sul, & tem mais de quarenta legoas de

boca,

^b
Vide Dam. de
Goes 1. part.
Chron. Reg.
Emman. c. 56.

^c
Pli. natur. hist.
lib. 3. c. 5.
Felixque illa,
ac beata amar-
nitas, Vt palam
sit uno in loco
gaud. lentis opus
esse natura.

*Louvores
da terra
do Brasil.*

*Como he
Brasil fr
co, e abun-
dante.*

^d
Pli. Natur. hist.
li. 3. c. 5. n. 30.
Tãquã ad iu-
vandos mor-
les ipsa avidè
in matia pro-
currunt.

*Rio da
Prata.*

boca, pela qual entra no mar, com tam grande pezo de agoas, que cortando os mares salgados, bebem os marinheiros de suas agoas doces muito longe de sua foz, como no livro segundo, contamos do rio Zayre, junto a Congo.

5 O segundo rio, que sahe do mesmo lago, se chama Rio real, o qual em doze graos vem sahir junto á Bahia de todos os Sanctos, nam, tem mais que meya legoa de boca; mas sahẽ tambem delle as agoas tam valentes, que cortando as salgadas do mar, por espaço de tres legoas, conservam sua doçura; navegase por elle acima obra de setenta legoas, nem se pòde passar adiante, por causa de hum quebrada de quatrocentas braças de alto, da qual todo o rio se despenha (como contam do Nilo em Ethiopia) com tam horrendo estrondo, como se fosse hum continuado, & espantoso trovãẽ; & com a força desta precipitada quẽda, tem feito hum como sumidouro debaixo da terra, pelo qual se mete, & esconde, & vay sahir dahi hum legoa; como se gostasse de tornar a nacer, da maneira que os antigos fingiam, na sua Grecia atrevida em historiar, do celebrado rio

Alphéo, e na regiã Peloponense, que escondendo suas agoas por debaixo do mar, as vinha descobrir, & entregar ao Mediterraneo, junto á fonte Arethusa em Sicilia..

6 O terceiro rio, que sahe d'aquelle vastissimo lago pẽra a parte do Norte, he o em que entra outro, que se diz das Almazonas; algũs lhe chamam, o rio grande, & hoje communmente o gram Pará; nam està sua foz mais que meyo grao da linha, a qual dizem ser de quarenta legoas. Alem d'estes tres tam assinalados, & famosos rios, que procedem da mesma fonte, há outros muitos de estranha grandeza, & fermosura, hum dos quaes he o rio do Maranhã; que dista do de Sam Francisco sincoenta legoas. Tem este rio dentro de sy muitas, & muy grandes Ilhas, & no meyo huma povoada de grande numero de gentios; tem sete legoas de boca, pella qual entra no mar ao Norte; pode-se navegar por elle acima sincoenta legoas, atẽ onde chega a marẽ, & nesta paragem entram nelle do-
us rios do sertãẽ, por hum dos quaes, no descobrimento, que os Portugueses fizeram no anno de mil, & quinhentos, & trinta, & sinco, se navegou por espaço de duzen-

f
Virg. 3. AEn.
Alpheum fama
est huc Elidis
amnẽ Ocul-
tas egessã vias
subter mare qui
nũc Ore Are-
thusa tuo Sici-
lis confundit-
ur undis,

Rio grãde,
ou rio do
gram Pa-
rá.

Rio do Ma-
ranham.

tas, & sincoenta legoas, até lhes faltar altura de agoa, pera nadarem as embarcações.

*Da muita
diversidade
de de plân-
tas.*

7 Há nesta região grande diversidade de arvores, de notavel grandeza, & fermosura, há plantas, & lenhos muy aromaticos, & salutiferos, como de sandalos, jacarandás, aquittas de bom cheiro, noz nobcada, gengibre, canafistola, pimenta, tabaco, a que chamam hoje erva sancta, por outro nome Betum; sobre todos os frutos o mais notavel, & o mais precioso he o do asfucar, porque nelle ajuntou a natureza o doce, & o proveitoso. Há muita variedade de balsamos; entre outros he muy estimado o que de sy lançam humas arvores chamadas Copalbas, que sam muy altas, & copadas, as quaes sarjadas na casca (que até às arvores he proveitosa a sangria) estillam pelo estio aquelle precioso liquor, que além do bom cheiro, que experimentamos, tem virtude pera curar feridas, & preservar de corrupção; há palmas muy fermosas de varias castas, cedros de tam espantosa grandeza, que hum só, que o mar lançou a praya, entre o Camamú, & os Ilhéos, deo toda a madeira pera a fabrica da Igreja da Misericordia, que se fez na

villa dos Ilhéos, sem entrar nem hum a sò taboa de alguma outra arvore, & passavam as raizes d'elle de trinta palmos em diametro. He também muito pera celebrar humma fermosa arvore, que parece tem a fecundidade das arvores, que vio Sam: Ioam, nas Ribeiras do rio do Paraíso, que davam doze frutos no anno, chamase Tenipava, tem esta arvore todo o anno fructa madura, a modo dos nossos marmelos; tem juntamente outra verde, & no mesmo tempo tem flor, & todos os meses muda a folha, & se reveste de novo: de modo que sahe sempre a fructa acompanhada com folhas frescas; mas nam se contenta com folhas, senam que também dà flor, & juntamente offerece fructa; como se a quizesse apresentar, nam somente madura, & fresca, mas também enramada com as folhas, & juntamente enfeitada, & vistosa com as flores.

8 A copia, fermosura, & grandeza de laranjas, cidras, limoens, limas, & mais arvores de espinho levam conhecida vantagem às melhores, & mais celebradas do nosso Portugal. Seria nunca acabar, se quizessemos por menor contar a espantosa grandeza, & appa-

zível

*Notar
grand
de arvo*

*Apoc. c. 1.
2. Ex ur
parte flu
lignu vitæ
rens fruct
duodecim
meses f
los &c.*

*Há gra
variedade
de arvo
fructife
ras no
Brasil.*

zível variedade, que hãde arvo-
res, de plantas, & de frutece-
das quaes deixo de falar, por
nam mostrar que me vou já es-
quecêdo da brevidade, que pro-
meti, neste capitulo.

9 Nam he menor a varie-
dade, & novidade dos animais,
do que das plantas, porque
nam sômête cria esta terra mui-
tos dos principaes, que co-
nhecemos, como sam Veados
de muitas castas, Antas, Porcos
monteses, Onças, Tigres, Ga-
tos bravos, Porcoespinhos,
mas quasi infinitos outros,
huns conhecidos, outros de
que nam temos noticia entre
nôs.

10 Tambem he maravi-
lhosa a fermosura, & diversida-
de de aves, & passaros, que
Deos criou no Brasil, alguns de
cores finissimas, de tam sua-
ves musicas, de tam galhar-
da vista, de instinctos tam par-
ticulares, & curiosos, que
he muito pera louvar, & en-
grandecer ao supremo Autor
da natureza, que assim sou-
be enriquecer aquella terra
com plantas, povoala de ani-
mais, & encher seus âres com
tantas aves, & com passaros tam
curiosos. E pois entrei nesta
materia das aves, ainda que vou
tam apressado, nam posso deixar
de me deter em descrever a cu-
riosidade da vista, ao menos em
hũ, e o instincto da natureza em

outro. Hã hum passaro, que a-
lêm de constar de cores finissi-
mas, tem hum como barrete na
cabeça, de pennas tam fermo-
sas, que representa toda a varie-
dade das que escaçamente al-
cançam os que melhor dellas
entendem; se o poem de huma
parte, nam hã veludo carmesim,
nem escarlata de mais viva cor;
& logo se o virais pera a outra,
nam hã preto mais escuro, nem
mais lindo azul celeste; & se
lhe dais outra volta, nam hã
peça mais dourada, nem diamã-
te mais resplandecente; o papo
he de cor peregrina, a q nam sa-
bemos bẽ dar o proprio nome,
porque se lhe quereis chamar
amarêlo, logo se vos representa
verde; & quando cuydaveis, que
era azul, de repente se vos mo-
stra encarnado, & em hũ momẽ-
to parece laranjado; & logo ju-
rareis, que he leonado; com hũa
tã notavel mistura de todas as
cores jũtas, q polas furtar todas
à natureza, lhe quadrava melhor
o nome de furtacores; se lhe nã
quizermos chamar Protheo das
cores: o mais corpo he revestido
de hũ pardo muy gracioso, q faz
realçar mais, & sahir mais bri-
lhantes as outras cores, mas atẽ
este mesmo pardo sahe como
sobre dourado, enriquecido
com mil esmaltes, & reto-
ques de encarnado, que avul-
tam mais sobre a cor parda
do vestido. O bico he muito

*Passaro ad-
miravel e
cores.*

comprido, & todo preto, com o qual apanha o orvalho, & mel de que se mantem a sy, & sustentam a seus filhos: de modo que a sua sustentação nam he da terra, como dos outros animais, mas todo depende do cêo, como se nam tivesse a terra pasto digno de tam fermosa ave: chamam-lhe os naturaes Garracim.

*Notavel
instincto
de huma
ave.*

II O outro passáro por nome Tangará, tem tambem na cabeça hum como barrete de laranjado finissimo, & sobre os olhos certos perfis da mesma cor; este nam canta, senam em certa occasiã, que direi logo: he este passáro notavel em ter certos accidentes, como de gota coral, que o derrubam, & deixam sem sentidos, nem movimentos, por algum espaço de tempo, no qual, em quanto elle assim está como morto, poe-se outros passáros da sua mesma especie à roda, & com grande pressa se mudam, & trocam entre sy os lugares; & em quanto dura esta dança, o andam picando, & como espantando, pera que torne em sy do accidente, & continuam nestas mudanças, até que o doente esperta, & se levanta, dando hum grande assobio, a que os outros todos respondem com o mesmo viva, & começando a voar o

que estava amortecido, o seguem todos em bandos, com tanta festa, & enlevados tanto da musica, que vam dando ao seu convalescente, que às vezes os tomam à mam, sem elles desistirem do cantar, nem advertirem mais, que em festejar, & aplaudir a saude do seu enfermo; & sò nesta occasiã sahem com sua musica, que parece mais bem empregada em festejar a saude alhea, que a do Cyrne, que tambem sò a exercita em adivinhar a morte propria.

12 Nem faltam lá as nossas perdizes, galinhas bravas, nas cores de fora mais appraveis que as nossas, porém a carne de dentro nam he tam branca, nem tam saborosa. Tem codornizes, rolas, pombas, melros, & pátos, & outras muitas aves semelhantes às que cá temos, com quasi infinidade de outras, que entre nós se nam criam. Há tambem Aguias, Falcoens, Açores, Gaviaens, & outras muitas aves de rapina (que estas em nenhuma parte faltam, & igualmente se dam em Portugal, & no Brasil.)

13 Dissemos dos animais da terra, & das aves do ar, & me detive mais do que quizeira nestas descripções, agora faltava falar dos peixes do mar, dos quaes há por aquel-

*Muita
riedad
outras
ves.*

*Tambê
grãde
riedade
nos peixes
do mar.*

la costa tam grande variedade, que nam sò a enriquecem, mas també a fazem admiravel com a novidade, & nas feçoens, grandeza de corpos; & com o sabor, que leva a vantagem em muitos aos mais estimados, & mais preciosos de Portugal. E porque neste particular hã peixes no Brasil muy admiraveis, baste esta noticia gèral, por nos nam determos tanto no particular.

CAPITULO IV.

Continuase a mesma materia, em especial dos costumes dos naturaes do Brasil; & das barbaras ceremonias, com que comem a carne humana.

I M Vito he pera espantar, que mostrando-se a natureza tam dadivosa, & liberal pera com os frutos da terra, do mar, & do ar do Brasil, se mostrasse tam escaça, & avarenta, pera com os homens da mesma terra; & sendo os ares tam benignos, & temperados, o terreno tam fertil, & abundante; & havendo animais na terra, & aves

no ar, com instinctos tam maravilhosos, sãhissẽ os homens tam rudes, tam barbaros, & ignorantes, que com difficuldade se pòdem muitos persuadir, que merecem nome de racionaes. Em fim, parece que a natureza trocou as mãos, & pera a terra se mostrou mãy, & pera os homens madrasta. Nam houve (como diziamos) no antigo Latio, a Faunos mais sylvestres, achados ao pé das moutas, a quem Saturno veyo domesticar: nem houve Satyros mais agrestes, nem Sylvanos mais rusticos, criados nas montanhas de Arcadia, tam celebrados entre os Gregos, & tam cantados entre os antigos poetas, que barbarizassem tam brutalmente, como estes Indios, criados nos matos, & charnécas do Brasil, bem podemos confiadamente dizer d'estes, o que d'aquelles se disse, que tendo sò o rosto de homẽs, tinham a natureza de brutos; se lhes nam quizermos chamar homens meyos féras, como Plinio o chamou a outros semelhantes.

2 Andam em bandos, como entre nòs o gado, hũs detràs dos outros, todos muy calados, occupandose em escutar, & bater o mato, aonde se acertam de sentir bulir alguma cousa, que imaginam lhes pòde-

^a
Virg. AEn. 8.
Gensque viri
truncis, & duro
robore nati.
&c.

^b
Virg. 1. Georg.
Ovid. 1. Me-
tam. 39.
Horat. 3. Carm.
od. 18.

^c
Plin. Nat. Hist.
lib. 7. c. 2

tam ig-
rantes sã
homẽs,
quam
barba-
ra gente
Brasil.

*Nam tem
Ley, nem
fé, nê Rey.*

*Vide Maff. de
rebus Indiciis.
lto. 2. prope
initium.*

*Quam effi-
caz he a
imagina-
çam nestes
barbaros.*

fazer mal, déitam a fugir a
mais correr, & nam se ajuntam
senam d'aly a muitas legoas.
Nenhum conhecimento tem
do criador, nem idolos reco-
nhecem, nem tem modo algum
de culto divino; nam tem ley
nenhuma, nem professam fé,
nem reconhecem Rey; & por
isso alguns curiosos quizeram
notar, que no seu alfabeto,
nam usam das tres letras F. L.
R. como se atè nisto a nature-
za, com sua occulta prudencia,
nos ensinasse, que nem o no-
me, nem ainda a primeira letra
sabiam, á Fê, à Ley, & ao Rey.
Sam porèm grandemente so-
geitos a seus feiticeiros, & per-
didos por agouros. Nam dei-
xam de ter algum conhecimẽ-
to da immortalidade da alma,
posto que cuidam, que depois
da morte, as almas se tornam
em demonios, & destes ham
elles tam grande medo, que to-
dos os dias, em certos passos do
caminho, lhe ham de offere-
cer alguma dadiua, & quando
a nam fazem, tẽ imaginaçam,
que ham de morrer, & he tam
forte, & poderosa semelhante
apprehêsam nestes gentios, que
tanto que entram nella, se apo-
dêra d'elles a melencolia de
maneira, que basta pera mor-
rerem, sò porque cuidam que
morrem, como lhes acontece
cada dia; & os religiosos da
Companhia, que com elles tra-

tam, tem disto clara experien-
cia, procurãdo por muitas vias
atalharlhes esta morte da ima-
ginativa, porque se lhe acerta
de entrar semelhante apprehê-
sam, he doença sem remedio,
que infallivelmente os mata; e
muitas vezes no mesmo dia, &
na própria hora, em que a ima-
ginaçam os entra, os deixa a
vida: por tantas estradas cami-
nhamos pera a sepultura, que
tal vez sem a violencia do fer-
ro, & sem a furia do fogo, com
menor trabalho, basta imagi-
nar na morte, pera perdermos
a vida.

2 Como sam tam brutos
nos costumes, nam he muito
que o sejam nos mantimentos,
nam perdoam a sapos, lagartos,
cobras, & mais inmundicias;
posto que tambem usam da
mandiôca, que he o seu pam,
& mantimento ordinario, que
fazem de certas raizes, que
plantam as molheres, cujo he
o trabalho de cavar, semear, &
cultivar a terra, porque os ho-
mens sò se occupam em el-
moutar, & queimar o mato, em
guerrear, & em caçar. Nam
tem hora certa, nem deputada
pera comer, mas a qualquer
tempo que sentem fome, & se
lhe offerece mantimento, ain-
da que seja à meya noite, se
poem a comer muy de propo-
sito. Sam muy soffredores de fo-
me, & sede, porque com qual-

*As mol-
res do I
fil sam
que tra-
lham.*

quer

quer cousa se contentam, passando dias inteiros sem comer, nem beber, sem disso se queixarem, ou se mostrarem descóntentes; quando comem, nam bebem, senam no cabo, por jūto, a modo de brutos; nẽm se curam muito da agoa ser limpa, & cristalina, porque de qualquer charco se contentam; suas camas dos mais polidos, sã humas redes, que penduram pelas pontas em diversas partes da choupana, a modo de huma funda muito larga.

4 Nam tem outro vestido mais que o que lhe deo a natureza, porém quando se que-rem enfeitar, & por mais louçãos, tingemse com hum certo summo de humas frutas, que chamam genipabo, & esta cor lhe dura por espaço de nove dias, fazendo muitas laçarias, & labores por todo o corpo, & cõ isto se persuadem, que sãhe mais ricos, mais vistosos, mais galhardos, & mais vestidos à culta; zombando, quando assim se vestem, das nossas tellas de ouro, & prara, & da nossa pedraria mais fina (que he tambem outro genero de zombaria, senam que esta nossa tem melhor escusa, por ser mais usada de melhor gente) Outras vezes se untam de almecega, pegãdo nella muita diversidade, & fermosura de pennas, com que sãhem por todo o corpo mvy enfeitados

de plumas, & de penachos (& na verdade nam tem mais direito os bichos da seda, pera vestirem os Europeos, do que as aves do ar, pera enfeitarem aos Brasis) mas o de que sobre tudo se horam, sã as pedras verdes, & brancas, que trazem como embutidas nos beiços, que furam pera este effeito (que nam pòde deixar de ser galla muy custosa) & aquelle vem mais bizarro, & com huma galante ferocidade, mais aparatoso, que traz mais pedras destas, mais buzios, & outros pendentos pelos beiços, & pelas faces, como eucastoadas na propria carne; que até estes barbaros se martyrizam, pera se enfeitarem: tã natural he no mundo gostaremos homens de parecer bem, ainda que seja derramando sangue, por se mostrarem galantes.

5 Nam tem Rey, nem Principe, nem justiça, a quem reconheçam, mas sempre em cada aldea hã hum como mayoral, a quem os outros guardam algum modo de respeito. Este pouza separado, tem por officio prègar de madrugada, persuadir aos outros o que quer, ou seja paz, ou guerra, ou alguma feitiçaria, o que faz cõ grande alvoroço, & fervor, dando em sy, gritando, & arzeoando, com grande copia de palavras, & com muita variedade de af-

Notavel
modo de se
enfeitarẽ.

fectos; prezamse muito de valentes, sahem à guerra huns contra os outros, & mais estimam matar hum Tapuya, que he o terror destes Brasis, do que se prefaria hum christam de cortar a cabeça a algum famoso Turco.

*Das ceremonias q
usam, quando trazem
algum Tapuya cativo.*

6 Tem grandes ceremonias em trazer o inimigo vencido na guerra pera a aldeia, & em o apolêtar, tratar, & levar por espaço de tres annos, que o detem, antes de o matar, & comer, a fim de lhe ficar delle geração, em que exercitem a mesma crueldade. Ao entrar da aldeia, até chegar a casa, ou choupana do que o cativou, vem com festas, bailos, & cantigas, & o Tapuya cativo, vem fazendo seu bailo da guerra, com estranha braveza, sem mostra alguma de sentimento. Todo este tempo tratam ao cativo com todo o mimo de caça, & pescaria, pera melhor o seivarem; têm porém carregado com cordas de algodão, que lhe lãçam ao pescoço, que pesarão meya arroba. A guarda, que lhe poe, sã velhas muito crueis (que nem por isso está peor guardado) as quaes o vigiam de continuo, pera que nam fuja. Todos estes tres annos gastam em se aperceber pera o dia da festa, em que o ham de comer, fazendo suas roças, levantando choupanas de novo, & tal vez mu-

dando a aldeia, & quanto mais aparato se faz a esta morte, tanto o preso mais se honra, & se dà por mais famoso.

7 Chegando o dia affinalado, primeiro o vam lavar a hum rio, pera hir mais purificado, & dahi o trazem com grande festa, de bailos, & de cantigas, dizendolhe, que nam estranhe fazeremlhe o que elle, & seus parentes muitas vezes a outros tinham feito: logo o trazem a hum terreiro, aonde lhe tiram as cordas, & lhe lançam outras pelo pescoço de vinte & trinta braças, muy galantes, tecidas com tanta arte, que parecem feitas por algum fogueiro dos mais primorosos de Europa. Por estes cordoens (que nam sã os de Adam, com que Deos prometia trazer a seus escolhidos presos na liberdade da verdadeira charidade) o tomam no meyo, hũs de huma parte, & outros de outra, como a touro de cordas, & lhe dam muitas fruitas, com que elle atira a todos, tal he a festa que fazem nestes dias, que acontece muitas vezes fugirhe o preso de noite do curral onde o tem, porque as mesmas guardas, & carcereiros, cansados dos bailos, & alienados com o muito beber do seu vinho (que fazem de milho) nem dam acordo de sy, nem dam fé do que lhes foge.

*Dã mo
cõ q tra
o Tapu
pera o i
arem.*

*Oze, c. 11. n.
In funiculis
dam trahã eo
in vinculis
charitatis.*

*Da grã
festa q fa
zem, per
matar o
Tapuya.*

*Descreve-
e o modo
que sahe
o matador
do Tapuya.*

8 No dia decretado pera esta sua festa da mataça do Tapuya, sahe o matador muy galhardo a seu modo; vem tingido de hum barro branco, o rosto sobre tinto, & gâteado pelo corpo todo: traz huma gorgeira de pennas de cores ao peçoço, na cinta huma espada de páo muy implumada nos cabos, & elle todo tam contente de sy, tam vaidoso, tam soberbo, & entonado, que cuida que leva apos sy os olhos do mundo todo. Entra no terreiro, aonde se hà de executar a morte, acompanhando com seus padrinhos: começa a dar varios passos, como prologo que entra no theatro, antes que comece a lançar a loa: faz logo hum bailo tam terrivel, que mete horror, enchendo o ar de rinchos, de assubios, & alaridos. Nam he pequeno espanto ver apos isto sahir o preso ao terreiro, dando tambem seus saltos, fazendo suas danças, & assubiando, com tal festa, & alvoroço, como se aquelle fora hum dia de gram prazer. Aqui o vem demãdar o matador, cõ estranha bravosidade, esgremindo, & bizarreão cõ a espada; chegase a elle, & depois de fazer varias ceremonias, lhe dà hum golpe mortal, derrubandoo no chão: logo lhe quebra a cabeça, partindoa em varias partes, alevantando os presentes grandes gritas, em final de festa.

*Como ma-
tam o Ta-
puya pre-
so.*

9 Acodem logo as molheres com as crianças no collo, & com notavel pressa, & grande sotriguidam, as vam untar com o sangue, ainda quente, do Tapuya morto, pera daly se affeicoarem a beberem com o leite tambem o sangue humano; cousa que Plinio² estranha fazerem os homens, ainda no sangue das feras, porque sempre parece genero de crueldade beber sangue. Seguese logo hum pranto geral dos homens, & molheres, que fazem, nam sobre o morto, que aly tem, mas com saudades dos seus, que naquella forma acabaram entre os inimigos. Passado o choro, depois de bẽ limpo o corpo, o talham, & repartem entre sy, com grande festa, tomando pera isto hum como almotacel, antigo já, & versado neste officio: & todas as vezes que ham de comer carne humana, o fazem com iguaes festas de bailos, & assubios. O matador, feita esta valentia, se vay lançar em huma rede, que he a sua cama, sem sahir da choupana, nem se deixar ver, ou visitar de alguem, como se d'esta maneira, & com este retiroamento da gente, se quizesse fazer mais venerado, & admiravel, & pera sua fama melhor se celebrar em ausencia, ficando menos exposto à enveja, & mais merecedor do louvor.

²
Pli. lib. 28 nat.
hist. c. 1.

*Como re-
partem o
Tapuya
morto.*

10 Fiz tam particular

mentam

Anno de
Christo de
1549.

450

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno d
Cõpanhia
10.

mençam d'estas barbaras ceremonias, com que solennizam o deshumano banquete da carne humana, pera que d'aqui tiremos quam autorizadas tinha o diabo estas mesas Thyestéas, & infandos convites; & quanto custaria aos nossos Padres, querer defarragar hum vicio, que tam profundas raizes tinha lançado. Deixo o mais, que dos costumes d'estes gentios podia dizer, porque do referido se deixa bem ver, quam difficultosa empresa seria reduzir esta gentilidade à urbanidade, & policia christã, & quam sanctos intentos foram os do senhor Rey D. Ioam o III. em os querer, por meyo dos Padres da Cõpanhia, trazer ao conhecimento da virtude. Mas já he tempo que tornemos a visitar aos seis religiosos da Companhia, que deixamos alojados em hum campo, com o Governador Thomé de Sousa, tratando de edificar nova cidade.

CAPITULO V.

Como o Governador Thomé de Sousa edificou a cidade do Salvador, & do que os religiosos da Companhia fizeram nestes principios, ensinando os gentios, & pretendendo tirarlhes o costume de comer carne humana.

EM quanto o Governador Thomé de Sousa, depois de desembarcado, demarcava o sitio, pera a fundaçam da nova cidade, sempre teve a sua gente em ordenança de guerra, nam se fiando dos enganos d'aquelles barbaros; que ainda que parecêm brutos pera seguir o bem, sam muy esperros pera maliciar, cõ tudo sempre procurou, com prudencia, trazelos a sua boa amisade; & neste particular lhe communicou Deos tal felicidade, que os Indios, esquecidos de sua natural fereza, se vieram meter entre os Portuguezes, fiãdose d'elles, & admitindo o commercio, & resgate, que entre sy faziam, como se de muito tempo se conhecêram. Vendo pois o Governador, que os Indios nam empediam, antes ajudavam à fundaçam da cidade, repartio entre elles certos lugares, & sitios, pera edificar suas casas, conforme a plãta, que do Reyno levava feita. Logo com grãde calor acodirã todos a tratar de levantar as casas, conforme a traça, que lhe davam; & o Governador acodia a se fazer forte na cidade, procurando de a tornar com muros, pera que, em caso que os barbaros levantassem algum motim, a nam podessem entrar.

2 Os da Companhia trataram logo de levantar huma

Igreja,

Procura
Governador
atrahir os
Indios a sua
amisade.

Como se
edificou a
cidade do
Salvador.

occupase
s Padres
fazer por
tas mãos
da Igre-

hum Igreja, a que puzeram por nome nossa Senhora d'Ajuda, como quem necessitava tanto do emparo, & ajuda desta soberana Rainha; & porque a obra era sancta, & era bem que com seu exemplo animassem aos mais Portuguezes; os mesmos Padres eram os pedreiros, & carpinteiros, & elles eram sôs os que acodiam a toda a obra da Igreja; por quanto os mais Portuguezes se occupavam huns nos muros da cidade, outros no edificio de suas casas, conforme a repartiçam, que tinham. A este trabalho se juntava a grãde pobreza, & falta do necessario, com que viviam, por nam terem até entam ordenado del-Rey, & quererem antes padecer, que serem molestos ao Governador, & aos mais Portuguezes; porèm era tam grande o desejo, que tinham de ver acabada a Igreja, pera nella ser hórada a Rainha dos anjos, que (postoque muitas vezes lhes era necessario pedir de porta em porta) em breve tempo puseram a obra em altura, que quando se nam precataram, os Portuguezes se viram com hũa Igreja bastante, em que já se dizia missa, em que prégavam, & administravam os sacramentos, fazendo officio de curas de almas, por nam haver até entam outros sacerdotes. Porèm como o seu intento sò era acodir aos

Portuguezes, nella falta; tanto que do Reyno veyo pessoa sufficiente, pera curar d'aquella almas, lhe largaram o sitio, & a Igreja, que com tanto trabalho tinham edificado, indosè morar entre os gentios, com grande edificaçam dos Portuguezes, que entendèram, que o trabalho dos Padres sò era atentar ao bem commum, & ao das almas d'aquelles gentios.

3 Ordenaram logo sua habitaçam em hum monte fóra dos muros, a que chamaram o monte Calvario, animandose cõ o exemplo da cruz de Christo no Calvario, aos trabalhos, que neste monte previam, que lhe haviã de vir aos montes; estava elle naquelle tempo povoado pelo cume, & pelas fraldas de choças, & choupanas d'aquella féra, & inculta gente, no meyo da qual se metèram, sem outras armas defensivas, mais que a confiança em Deos, & na Virgem sacratissima sua mãy, que he a torre fortissima de David, da qual estam pendentes milhares de escudos de favores do cèo, pera os que tomam esta Senhora por avogada em seus trabalhos. Logo com todo o cuydado começaram os Padres a diligenciar os meynos, & industrias, pera domesticar, & cultivar gente tam agreste, & tam rude.

4 As difficuldades no principio

Traiam os
Padres da
cõversãm
d'aquelles
gentios.

Cant. 4. n. 4.
Turris David,
nille clypei pè
di t ex ea. om-
nis armatura
fortium.

*Grãdes difficulda-
des que havia
pera converter es-
tes gẽtios.*

*Como os
nossos Pa-
dres tratã-
ram da cõ-
versãõ
dos Brasis.*

cipio pera abrir estes matos da gentildade, foram grandissimas, porque além da rudeza natural, estavam tam cegos, que parecia nem ter nelles lugar o lume da rezã, obrando sò a natureza, pelo peccado depravada; por outra parte tambem a vida pouco exemplar de alguma gente Portuguesa (que naquelles tempos, obrigada por justiça, hia povoar o Brasil) sua cobiça, seus enganos, & sua devasidam nos cultumes, faziam, entre aquelles gentios, odioso o nome christão. Mayor difficultade lhes causava veremse os Padres tam poucos, pera tam grande seara, sem noticia alguma da lingua da terra. Porém confiados na graça divina de Christo Senhor nosso, que com tam poucos homens, no principio do Evangelho, o annunciou no mundo todo, dandolhe Deos lingua, & sabedoria; pera falarem diãte dos Reys, & dos mayores letrados do mundo todo; & armados cõ esta consideraçã, puzeram o peito a estas, & outras mayores difficultades, começando logo aprender a lingua do Brasil, & por meyo de alguns Portuguezes, que já lhe podiam servir de interpretes, doutrinavam os gentios, que viviam por aquellas montanhas: aos quaes de tal maneira foram grangeando as vontades, que cobrãram aos Padres grande respeito, & amor,

obrigados da brandura, que nelles viam; & da verdade com que os tratavam; q̃ atẽ estes brutos, que nam sabem o nome á verdade, sabem estimar os que sam verdadeiros.

5 Era muito pera ver a confiança, com que aquelles barbaros vinham buscar os Padres, cõmo se houvesse muitos annos que os tratassẽ, já os nam estranham, já se fiam delles, já os buscam em suas enfermidades, já muitos lhes pedẽ o bap̃tismo, já nam parecem feras dos matos, mas homens racionais, & domesticos; tambem os Padres já mais confiados lhes prẽgavam, & estranhavam seus vicios; & posto que alguns lhe foram desarraigando, com tudo o de comer carne humana tinha lançado tam altos alicesses, que nam bastavam meyo brandos, pera de todo o arrancar: resolveramse finalmente em fazer neste particular hum feito memoravel, que ainda que mostrava ter grandes difficultades, as escufava o sancto fervor, que ardia naquelles peitos abrazados em zelo divino: foy o caso o seguinte.

6 No capitulo passado difsemos largamente, com quanta solenidade festejavam estes gentios a morte de seus inimigos, que cativavam na guerra, & das grandes ceremonias, que usavam, em lhes comer seus

corpos

mpedem
Padres
feita da
arte de
m Ta-
va.

corpos mortos. Sucedeo q̃ estavam elles hũ dia celebrando, ao pẽ d'aquelle monte, a festa da matança de hũ Tapuya, os gritos erãrã tã grãdes, os alaridos tam horrendos, q̃ atroavam os ares, & faziam retubar as cõcavidades das mōtanhas visinhas. Nam se pōde mais cōter o fogo, q̃ ardia nos zelosos peitos do P. Manoel de Nobrẽga, & seus cõpanheiros, dẽrãr primeiramente grandes brãdos ao cẽo, pera cõ elles espãtar os gritos infernaes d'aquelles ministros de Satanãs, & logo com hum animo muy resoluto, fiados em Deos, & na sua causa, se metẽram no meyo d'aquelles barbaros, a tẽpo em q̃ jã o Tapuya estava estirado no cham pera o talhare; & com grãde liberdade de espirito, reprimendo aquellas abominaveis ceremonias, & infames iguarias, estãdo os barbaros sobre o corpo morto, pera o trincarẽ à sua vōtade, lãçãram mam delle, & o tirãram das unhas d'aquelles leões carniceiros: os quaes, como espãtados de tã novo atreuimẽto, ainda q̃ no gesto mostravã fereza, & indignaçã, cõ tudo, como ãleados, se aquietãrã, deixãdo levar sua rica preza. Nam foram tam comedidas como os homẽs as molheres, & entre ellas algumas velhas, que como tigres esfaimadas, nam podiam soffrer perder o gosto da iguaria, que sua crueldade lhe gui-

zãra; assim começãram a bramar, & dar gritos tam espantosos, que amotinãram os demais gentios a vir demandar a preza, que os Padres lhe tinham tirado das unhas, & do; dentes.

7 Porẽm os Padres se dẽram tal prẽssa, em quanto durou aquelle primeiro comedimento dos gentios, q̃ quando os barbaros chegãram amotinados, jã o corpo estava enterrado, jũto do seu aposento; mas o impeto destas fẽras foy tam grande, que por mais ardis, que os Padres usãram, nam foy possivel perderẽ o faro aquelles crueis lobos, & escaparlhe o corpo debaixo da terra. Tornãram os Padres cõ o mesmo animo, & deliberaçã, bradando, & estranhando tal fereza; porẽm jã estas tristes, & infernaes Arpias, famintas de carne humana, lhe tinham cortado hum brãço; mas em ouvindo os Padres, tornãram de repente a parar; da maneira, que quando, em hum grande povo se levanta algum motim, se acerta de apparecer alguma pessoa grave, & de autoridade, se aquietam os animos, & a tormenta da briga, se torna por algum tẽpo a serenar; assi milagrosamẽte se aquietou por entã o furor desta gente à vista dos Padres, q̃ lhes brãdavã, & estranhavã crueldade tam brutal. Mas nam parou aqui o successo, porque tornandose a recolher

Amotinã-
se os bar-
baros con-
tra os Pa-
dres.

Tornam os
Padres a
tirarlhe a
preza das
mãos.

*Tornam
os barba-
ros a se a-
motinar.*

pera suas choupanas, tornâram as velhas a repetir seus gritos, dizendo taes injurias aos que se vinham sem a preza, que armandose logo todos com seus arcos, & frechas, vieram de romanã demandar a casa dos Padres, os quaes tendo aviso, se recolheram na cidade por mandado do governador, & pouco faltou que os barbaros nam entrassẽ os muros, destruissem a cidade, & comessem a bocados os mesmos habitantes. Neste sitio, em que os Padres entam se recolheram dentro dos muros, se edificou pelo tempo a diante o Collegio, que hoje temos naquella cidade; defendendonos entam dos barbaros, & agasalhandonos agora entre os Portugueses.

*Acodem o go-
vernador
a este mo-
tim.*

8 Recolhidos os Padres, acodio o governador cõ os mais Portugueses, que pode ajutar, & parte cõ o espãto das armas de fogo, parte com brandura de boas palavras, fez recolher, & retirar os barbaros, aquietãdose por entam aquella trovoadã, q̃ ameaçava mayores coriscos; tãto mōta saber na occasiã largar o corro ao touro bravo, & nam esperar o impeto de gente amotinada: porẽm mayor foy em parte outra tempestade nam dos arcos, & frechas dos barbaros Brasis, mas dos dentes, & lingoas de nossos Portugueses; que julgando as cou-

fas mais por paixam humana, que por rezoens divinas, diziam, que os Padres foram causa d'aquelle motim, com seus imprudentes fervores, & zelo indiscreto, pondo a risco a cidade toda, & seus moradores, tirando o commercio, & resgate cõ os Indios, que tãto lhes importava; & acrecentando outras muitas queixas apparẽtes, & mal fundadas; aos quaes tambem acodio o governador cõ sua conhecida prudẽcia, & grãde christandade, declarandolhes os bõs intentos dos Padres, & que por seu meyo, & sãcto zelo lhes havia Deos de fazer muitas merces, q̃ aquella tormenta logo amainaria, q̃ fiasse mais de Deos, & de seu poder, à vista do qual nam tinham que arreçar as frechas dos Brasis; que elles mesmos nos haviam de vir buscar, & pedir perdã do atrevimẽto, q̃ tomãram, desfazendose aquelle grãde nevoeiro, & convertẽdose em hũa alegre serenidade: assi foy, porq̃ passãdolhe aos barbaros aquella primeira colera, & cõ ella o appetite desordenado do prato, q̃ das mãos lhe tirãram, vieram muy arrependidos pedir perdã aos Padres, e paz aos Portugueses.

9 Cõ esta occasiã lhe tornãram os Padres a estranhar a barbaria de tã fero costume, em q̃ se tinham criado, dizẽdolhe, q̃ se emẽdassẽ, & abominassẽ taes

*Aquiet
go veon
dor aos
mos P
tugues*

mo os
adestra
vam de
verter
Tapuyas

iguarias; o q̃ elles por entã lhes prometerã de boa vôtade, dãdo cõta aos Padres de muitos semelhantes prisioneiros, que actualmente estavam retidos, por outras povoações, cõ o mesmo intento de os sevar pera os comer; o q̃ sabêdo os Padres, trataram de lhes salvar as almas, pois lhes nam podiam defender os corpos; foramse aos presos, entrãram nas choças, ou gayolas, em q̃, como leões bravos, estavam encarcerados, instruíramnos muy de proposito nas cousas de nossa sancta fé; & tanto que os viram capazes, lhes administrãram o sagrado baptismo. Nam pode o demonio soffrer esta sancta invençam, nascida da charidade do Padre Nobrega, & de seus companheiros; & pera a atalhar, meteo na cabeça aos barbaros gétios, que a carne humana, depois do baptismo, perdia muito do sabor, que d'antes tinha (que assim sabe o diabo enganar aos que traz feitos à sua mam) pelo que d'aly por diante, por nenhum caso consentiam, que os Padres tratassem com os taes prisioneiros, deputados ao talho.

10 Porẽm como o zelo sãcto he mais sábio, que a maldade do inimigo, usavam entã os Padres de outra industria: quando sabiam que tinham alguma das suas ordinarias festas

da matança de algum Tapuya, ou Aymurè, hiam os Padres muy dissimulados, com pretexto de quererem assistir àquella sua solemnidade: pediam licença, entravam no terreiro, viam as danças, ouviam as musicas, & finalmente assistiam em toda a festa; & quando o auditorio se dava por mais autorizado, com a presença dos Paijs (que assim chamam elles aos Padres) entã, dissimuladamente, estando os outros mais occupados em celebrar o seu vodo, se chegava algum dos Padres ao padecente, & davalhe o melhor, q̃ podia, noticia dos principaes mysterios de nossa sancta fé, excitandoo a pedir perdã a Deos de seus peccados, & a receber com grãde devaçam o sagrado baptismo; & logo, pedindoo o mesmo cathecumeno, tirando de hũ lenço, q̃ levavam molhado em augoa, e premêdolho sobre a cabeça, o bautizavam; vencendo cõ esta traça ao diabo, enganãdo cõ esta sancta invẽçam, as falsas imaginações dos barbaros gétios.

11 Deste, & de outros semelhantes ardis usãram os Padres naquelles principios, pera tirarẽ àquelles gétios o abuso infame de comer carne humana, & pera os bautizar, & trazer ao conhecimẽto de seu criador, & da policia christã; cousas, q̃ ao principio parecẽram a muitos nam

Traças, q̃ usavam os Padres pera bautizar estes gentios presos.

Anno de
Christo de
1549.

Como mu-
daram es-
tes barbá-
ros seus
costumes
brutaes.

456

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

somente difficultosas, mas ainda impossiveis; porẽ o tẽpo nos mostrou tã valẽtes successos, & tam bem logradas seáras, entre estes matos, & estas feras, q̃ nam somente deixáram de comer carne humana, mas totalmente se acomodáram á brãdura, & piedade dos costumes christãos, recebẽdo a ley de Christo, ajuntãdo-se em aldeas, a fim de poderẽ ser doutrinaados pelos Padres, tẽdo Igrejas, aõde asistem cõ muita piedade, & nellas confrarias do sãctissimo Sacramẽto, celebrãdo procissoes, officiando missas de cãto de organ; q̃ nam he pequeno milagre da ley de Christo, ver gẽte tam agreste, & inculta, domesticarse em tam breve tẽpo, de maneira, q̃ os q̃ a modo de salvagẽs viviam pelos mõtes espalhados, agora vivem, como christãos mais reformados, & cõ tal sogeiçam aos Padres da Companhia, q̃ os tẽ por mestres, por pays, por medicos, enfermeiros, defensores, & tutores seus; nam se apartãdo ẽ cousa algũa de sua doutrina, & parecer, pelo grãde respeito, amor, & reverẽcia, que lhes tẽ, como he notorio por toda a costa, & sertã do Brasil, q̃ os Portugueses tem descuberto. Mas porq̃ o P. Manoel de Nobrega foy o primeiro superior, & Provincial, q̃ a Companhia teve no Brasil, & a elle, & a seu sãcto zelo, & ditosos trabalhos, se devẽ todos os bons successos, q̃ como

rios fãram daquella fõte manãcial de suas muitas virtudes, bẽ he que façamos delle particular mençam.

CAPITULO VI.

Do sãcto zelo, & virtudes do P. Manoel de Nobrega (primeiro Provincial da provincia do Brasil) em quanto esteve em Portugal.

IFoy tam estimado entre os Gregos, aquelle seu tam celebrado cantor Orphẽo, que nam somente lhe engastáram a sua cithara, entre as mais nobres cõstellacoes do cẽo, mas tambem a elle o contavam entre os seus Deoses mais milagrosos, attribuindolhe, entre outros dos seus falsos milagres, que com a suavidade da cithara, & melodia da voz, trazia apos si os penhascos, tornandoos tam brandos, como se fossem de cera; & atrahia as feras, fazendoas tam mansas, como se fossem cordeirinhos. Nam eram os sãbios de Grecia tam ignorãtes, q̃ chẽgassem a persuadirse, que Orphẽo abrandava as pedras, & amansava as feras; porẽm quizeram, como prudentes, significar por estas alegorias a grande sabidoria de Orphẽo, merecedora de elles o canonizarẽ, pois foy o primeiro mestre, q̃ tiveram os Gregos, quãdo mais agrestes, & quãdo mais incultos,

& quando

Anno de
Cõpanh
10.

^a
Vide Suid
de reb. 71
licis.

^b
Ovid. 3. Fall

O que
Gregos,
giam de
phẽo.

^c
Horat. in Au
ror Cadibus
victu tæco de
tenuit Orphe
us. Dictus a
hoc lenie ti
gres, talidolo
icones.

Brasís
am hoje
uy dome
cados.

d
c. 32, n. 8

e
2. cap. 25

casíam,
e Deos
nou pe
trazer
õpanhia
Mano-
de No-
ega.

& quando mais dados a ter por
melhor iguaria (como os Aymu-
rés no Brasil) o prato da carne
humana.

2 O que de Orphéo fingio
a antiguidade de Grecia, vemos
em nossos dias cõprido na gẽti-
lidade do Brasil, que verdadeira-
mẽte parece hũ novo encanta-
mẽto de vozes divinas, & musi-
cos celestiaes, pois vemos tantas
fêras, de naturezas tã indomitas,
mais duras que os rochedos do
mõte Appenino, seguirẽ a dou-
trina, & os sanctos conselhos do
bom Padre Manoel de Nobrega,
primeiro Orphéo, que com
tãto louvor amãsou estes tigres
mais fêros, que os Hircanos, do-
mesticou estes leões, mais bra-
vos, quẽ os Cleonẽos, & abran-
dou estas pedras, mais duras, que
as do mõte Caucaço. Iã fizemos
atrãz a mẽsam da entrada na Cõ-
panhia d'este glorioso varãz, q̃
foy no anno de 1544. & tambẽ
dissemos algũa couza de seus pri-
meiros fervores, & do muito frui-
to, q̃ fez prẽgãdo, & confessando
por varias partes deste Reyno
de Portugal, deixando pera este
lugar o mais que se sabe de sua
vida, & virtudes.

3 Era, quãdo se cõsagrou a
Deos na Cõpanhia, Bacharel for-
mado em Canones, & conheci-
damẽte o melhor de seu curso,
cõ boas esperãças de grãdes des-
pachos, assi por suas partes, como
pela muita valia, que tinha por

via de seu pay, q̃ era Desẽbarga-
dor, & de hũ seu tio, q̃ era Chã-
çarel môr, & muy valido com a
pessoa real. No fim de seus estu-
dos, vagãdo huma Collegiatura
(das q̃naquelle tẽpo se davã por
opposiçoens muy debatidas, no
mosteiro de S. Cruz de Cõ-
imbra) oposse a ella Manoel de
Nobrega, cõ outro Canonista, a
o qual, a juizo de todos, & do
doutor Martim d'Aspilcueta Na-
varro, seu mestre, elle lhe levava
conhecida yẽtagẽ, porẽm (como
tal vez acõtece em semelhãtes
opposiçoẽs) o q̃ menos sabia, foy
preferido, & o nosso Manoel de
Nobrega padeceo aquella re-
pulsã. Tomou a divina providẽ-
cia este meyo, pera otirar do
mũdo, & por aquella Collegiaturã,
q̃perdeo ẽ S. Cruz, o trouxe à
cadeira da gloria, no seu Colle-
gio de Iesu, & d'aly o escolheo,
como outro Paulo, por vaso de
eleiçam, pera levar seu sãto no-
me a gẽtes barbaras, & a naçoẽs
estranhas, no mũdo novamente
descubertas. Tanto q̃ entrou na
Cõpanhia, logo sahio cõ hũ es-
pirito dobrado de oraçam cõti-
nua cõ Deos, & de zelo fervoroso
cõ o proximo; sahia do Colle-
gio a fazer doutrinas pelas ci-
dades, & lugares visinhos.

4 Fez muitas missões pelo
Reyno, todas a pé, & pedindo es-
mola, da maneira q̃ jã cõtamos
nesta Chronica: & porq̃ seu grã-
de espirito nã cabia ẽ Portugal,

Lib. 2. cap. 25.
& 26.

Anno de
Christo de
1549.

458

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

2. ad Timoth.
c. 4 n. 2.

O q succedeo ao P.
Nobrega
cõ hũ Cõde
Castelha-
no, q trou-
xe a Deos.

& já começava abafar em sua pátria; fez algumas peregrinações fóra do Reyno, a Salamãca huma; outra a Sanctiago, rãmbem a pé; & pedindo esmola, falando sempre de Deos nas estradas, nos ajuntamentos, nas Igrejas; nos hospitaes, com tal fervor, & continuação, guardando o *opportune*, & *importune* do Apostolo, que huma vez o chegaram a prender huns homens, a quem elle reprehendia. Na peregrinação de Salamãca lhe succedeo, encontrar-se com hum fidalgo titular, dos principaes de Castella, no qual o sangue era mais illustre, que a fama, porque era nelle muy estranhada huma roim amisade, com a qual corria havia annos, com grande escandalo do povo, & afronta de sua casa. Sahira este titular à montaria, & estava em hum campo jantando, tendo à mesa tam roim companhia; teve o Padre noticia do que passava, por a cousa ser muy publica, & haver particulares rezoões pera o Padre o saber: ardendo em sancto zelo, foy a elle, & tomando no campo, à mesa, se poz muy de proposito ao reprehender, falandolhe por vós, & com tal liberdade, que os circunstantes ficaram admirados, arreceando que aquelle fidalgo titular tomasse a reprehensam muito mal, por ser feita (como seus criados diziam) fóra de

tempo, & occasiã, pois entam estava à mesa, & se tinha sahido a recrear no câpo; porém quando o negocio he da salvação, toda a occasiã he muito boa; como notou Sam Gregorio, na Madalena, que tomou o Senhor estando na mesa, porque a qualquer tempo, vinha a muito bom tempo.

5. Nam se aggravou o fidalgo, mas como cortesã, & palaciano, lançou a cousa a graça, perguntandolhe se era elle dos aluibrados, & se queria que lhe dèsse alguma esmola, offerecendolhe logo o dinheiro: o Padre mais acezo em zelo de Deos, lhe respondeo: *Pecunia tua tecum sit in perditionem: emendayvos de vosso peccado, & fazez penitencia d'elle, porque se vos nam emendays, vejo sobre vós a espada da ira de Deos*, acrecentando outras palavras, com o espirito tam affervorado, & efficaz, que quando os criados estavam esperando aviso do amo, pera tratarem mal ao Padre, & o lançarem com oprobrio de sua presença, o Cõde o fez tanto pelo contrario, que d'aqui se lhe motivou a grande volta, que deo a vida, & a grande devaçam, que teve à Companhia. Taes sam os effeitos da divina graça, que obra quando Deos quer, & nam segundo os homens julgam: em resolução, aquelle Conde se emendou; & fundou em suas

terras

Anno-
Cõpanh
10.

h
Luc. c. 7. A
Hom. 23 to
Irruens qu
importuna
vivio, oppo
na benefici

i
Ad. c. 8. n.

Como e
Conde J
emendou

terras, & à sua custa hum Collegio à Companhia; cousa que o bom Padre muyto estimou; rendendo infinitas graças á divina bondade, que o movéo em tal occasiã, que parecia tam incommoda, a reprehender a vida tam escandalosa d'aquelle personage; que podia com rezãr dizer, que nunca melhor lhe succedêra a caça, que a d'aquelle dia; porque hindo fazer montaria de fêras, Deos o caçara, & o amansara.

6 Porêm, pera que entendamos como he sò effeito da divina graça, a conversãr de hum peccador, pois vimos a hũ tam facilmente rendido a Deos, com o custo de tam poucas palavras do Padre Nobrega, nam he menos de espantar o caso seguinte, no qual, feitos grandes gastos da parte do bom Padre, todos vieram no cabo a montar nada: o caso foy, que vieram chamar ao Padre, pera confessar, & ajudar a morrer huma pessoa, que publicamente vivia em mau estado, com hum Ecclesiastico muyto conhecido: fez o Padre seu officio, com tanto zelo, que escapando a molher d'aquelle enfermidade, por espaço de hum anno perseverou em vida sancta, frequentando os sacramentos com grande edificacã, dizendo, que tudo devia ás vozes do cêo, & conselhos divinos do Padre Nobre-

ga: porêm esquecendo-se dos brados de seu bom confessor, tornando a cahir na culpa passada (em que continuou por tẽpos) veyo a recahir na doença, & chegou às portas da morte; & estando muito no cabo da vida, falando consigo, dizia: *He possível, que hey de ser condenada, por viver em peccado com hum sacerdote?* & logo respondia, que sim; repetio isto tres vezes, & por remate concluiu com este horrêdo desatino, dizendo, q se entregava a Beelsebut, d'aquelle hora, pera toda a eternidade: estremeram os presentes com ouvir tam blasfema resoluçã, & acodindolhe com hũa imagem do sancto Crucifixo, pera que beijando as chagas do piedosissimo Senhor, lhe pedisse perdã de tal blasfemia, a enferma virava o rosto pera outra parte, nam podendo sofrer a suavissima face do benignissimo Salvador, que assim morto parecia lhe reprehendia os peccados de sua vida.

7 Acodiram, com toda a prêssa, ao Padre Nobrega, pera que viesse a segunda vez a dar remedio a esta alma: veyo elle com seu costumado zelo, fazendo todõs os possiveis, & impossiveis, quanto lhe inspirava o espirito de Deos, que ardia em sua alma, pera livrar aquella peccadora do espirito maligno, que d'ella parece tinha tomado

Anno de
Christo de
1549.

Como o P.
Manoel de
Nobrega
acaso a
esta pecca-
dora.

Morte la-
stimoso de
aquella
peccadora.

460

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

posse: bradava o bom Padre ao cêo, & á enferma, derramava lagrimas, multiplicava suspiros, pedia a Deos com grandes gemidos, que abrandasse aquelle coração, & o rendesse à verdadeira penitencia, pegandose muitas vezes com as sanctissimas chagas do bom IESV, cuja imagem tinha diânte dos olhos, aproveitando-se de reliquias sanctas, acrescentando exorcismos, deitandolhe agoa benta, & fazendo-lhe todos os mais bons officios, que a charidade inflammada ensina nesta occasiã a semelhantes servos de Deos.

8 Porém quiz elle mostrar nesta peccadora, que assim como he piedoso pera com hũs, costuma ser juiz riguroso pera com outros, por seus occultos, & profundissimos juizos, que sabemos venerar, mas nam podemos alcançar. No meyo dos brados do Padre, sem Deos o querer ouvir, cõtinuando a miseravel na mesma obstinaçam, acabou de repente, naquelle lastimoso estado de sua perdiçam, mostrando Deos com tam espantoso exemplo, que as recahidas sempre sam mais perigosas, nam menos nas doenças do corpo, que nas enfermidades da alma; & quam riguroso he em castigar peccados repetidos, que em outro tempo tinha perdoados; como aconteceu à cidade de Ninive, que depois

de arrependida, & penitente, pela pręgaçam do Propheta Ionã, tornou a recair em seus peccados (como lemos no Propheta Nahum^m) & Deos nosso Senhor executou nella o riguroso golpe da espada de sua divina justiça, destruindoa com a espantosa affolaçam de que fala o mesmo Propheta; como nota S. Hieronymo, com outros Padres. Nestes sanctos exercicios, & outros, que atràs contamos, andava todo occupado o Padre Manoel de Nobrega, quando Deos o chamou, & levou ao Brasil, pelo modo que himos contando.

CAPITULO VII.

Continuase a mesma materia da virtude, & obras maravilhosas do Padre Manoel de Nobrega, depois de chegar ao Brasil.

1 **D**Esenganado já o Padre mestre Simam, que os gravissimos negocios desta provincia lhe nam davam lugar, pera cõprir seus grandes desejos da missã do Brasil, se resolveo em chamar de Coimbra ao P. Manoel de Nobrega, pera o mandar em

seu

Anno de
Cópia

IO.

Ion. 3. an.

m
Nahum c. 3. n
Vz civitati
guinum. &c.

n. 7. Vostara
Ninive &c.

n
Hier. ibi. & L
ra. Ninivica
versu sunt ad
mitu, & sic
tas eoru subi
fa est, de q
subversione
prophetavit
Tobias. c. 4.

He cham
do a Lisbo
o P. Mano
el de No
brega, per
hir ao Br
sil.

seu lugar ao Brasil, & por mais pressa que se deo o bom Padre com esta nova, pera elle tam alegre, quando chegou a Lisboa, pera a qual se partio a pè, & com hum bordam na mam, já o governador Thomè de Sousa tinha dado á vela com sua frota, ficando o Provedor mór Antonio Cardoso de Barros, com o qual se embarcou, sê companheiro algum, até alcançar a frota, & se passar á não do governador, em que hiam os mais Padres da Companhia.

2 Sentença foy sempre muy celebrada, que quem passa o mar, muda o clima, mas nam muda o animo: bem se vio esta verdade neste servo de Deos o Padre Manoel de Nobrega, que com passar tantos mares, & mudar climas tam diversos, sempre o animo, & o espirito perseverou o mesmo; o zelo fervoroso, & inflamado em terra, nam se apagou com as augoas do mar. Em quãto navegou, ajudou, quanto pode, com praticas espirituas, confissoes, & outros officios de piedade, a todos os marinheiros, & passageiros, com tam grãde successo, que todos os da não, em especial o governador, lhe cobraram grande afeiçam.

3 Aqui lhe succedeo hum caso, que muitas vezes contrava o mesmo governador em Portugal, por hum notavel, & raro

prodigio; o qual, ainda que foy em materia, que à primeira vista nam parece de muito porte, com tudo bem se mostrou, que quiz Deos por elle indiciar, qual era a virtude deste milagroso varám, & quanta estima quera que delle tomasse o governador, pera adiante o favorecer nas conquistas espirituas, que no Brasil havia de emprender. O caso foy, que sendo hum dia o Padre Nobrega convidado pelo governador, vindo hum peixe à mesa, que tinham pescado, lhe disse a caso o governador, que havia muitos annos, nam comia cabeça de peixe, ou de qualquer carne, & isto à honra de S. Ioam Bautista, & lembrança d'aquella purissima cabeça, cortada por defensam da castidade; nam lhe aprovou o Padre a devaçam, antes a bautizou por huma grande supersticiam, & especie de agouro, persuadindolhe, que tratasse de outras devaçoes mais accitas ao Sancto, & deixasse aquelle abuso supersticioso.

4 Porèm como havia annos, que o governador continuava neste seu modo de mortificaçam, nam quera quebrantar o proposito, que conservava à honra de tam grande Sancto. E como os animos piedosos costumam ser muy credulos, tal vez se persuadia o governador, que por esta sua devaçam lhe

fazia

a
ar. ep. lib. 1
t. 11. Celi
animu mu
qui rianf
e eurrunt.

mo se
uve em
têpo da
vegaçã.

so prodi
so, q lhe
cedeo so
e hũa ca
ça de
ixe.

Anno de
Christo de
1549.

462

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Marth. c. 17 &
n. 29.

fazia o Sancto muitas merces. Vendo o Padre, que o nam podia com palavras persuadir, a que deixasse aquella sua imaginada devaçam, com huma certeza prophetica, do que havia de succeder (semelhante em parte ao que succedeo a Christo, Senhor nosso, quando mandou a Pedro tirar o peixe, pera pagar aos ministros, que arrecadavam os tributos) disse ao governador, que mandasse lançar huma linha ao mar, & que conforme ao que tirassem, veria qual era a vontade divina naquella particular; lançou-se a sedela, com grande alvoroço dos presentes, que estavam esperando o lança desta pescaria; senam quando (coula maravilhosa) vem todos, que vinha presa no anzol huma cabeça de peixe; sem o mais corpo, que os anjos, sem duvida, aly tinham cortada, & apparelhada, pera comprimento da doutrina, & verdade do Padre. Foy em todos o espanto igual á novidade; & o governador, movido com tam evidente final, & confirmado no que o Padre Nobrega lhe tinha dito, nam querendo perder a occasiã de quebrar o agouro, com tam milagrosa iguaria; mandou cozer a mesma cabeça, comeo alegremente, & repartio della; com grande gosto seu, & espanto dos presentes. Grande foy a opi-

niã; que por este caso, & outros semelhantes cobrou o governador da sanctidade do Padre Manoel de Nobrega.

5. Entrando no Brasil, foram as obras, que fez, tam gloriosas, que, pera se haverem de relatar todas, necessitavam de huma grande Chronica, como esperamos que façamos Padres d'aquella Provincia, dando a luz trabalhos tam sanctos, & tam bem empregados deste servio de Deos, & dos mais religiosos da Companhia, em todo o Brasil. Era elle hum pay muy amoroso pera os pobres, & unico remedio pera os desemparrados, assim Portugueses, como Indios; elle foy o principal, que amañcou, & domesticou aquella gente, mais fêra, que as mesmas fêras; elle os ajuntou em aldeas; elle lhes dava leys; elle os ensinava, & doutrinava; & lhe tinham tam grande obediencia, que o que nam podia acabar o governador, por força de armas, & violencia da polvora & pelouro, acabava o Padre Manoel de Nobrega só com sua presença, & poucas palavras.

6. Tinha o diabo ganhada muita terra com estes gentios, por via de agouros, & feitiçarias, a que sem resistencia algũa se entregavam; bradava o Padre contra estes enganos; & pera de todo desautorizar o demonio,

em

Anno de
Copia
10.

Do
que fez,
padeceo.
Brasil.

em hum dia de grande ajunta-
mento de gentios, teve modo
pera fazer vir diante de sy, &
de todo aquelle povo, hum fa-
moso, & celebrado feiticeiro, de
tãto nome, & autoridade pelas
repostas, que dava, & mesinhas,
que fingia, que era venerado
entre os Indios, como hum A-
pollo Delphico entre os Gre-
gos, ou como hum Simam Ma-
go, entre os Iudeos: chegado
este autorizado feiticeiro a hũ
grande terreiro, no meyo de in-
finito povo, que tinha concor-
rido, & decido d'aquellas mon-
tanhas, huns pera buscarem re-
medio de suas enfermidades
neste seu Esculapio; outros pera
verem o successo do desafio, que
havia de ter com o Padre Ma-
noel de Nobrega: a este pois
sahio o Padre ao encontro, co-
mo outro David contra o temi-
do Philistão; & por principio
de desafio lhe pergunta cõ grã-
de imperio, & liberdade, em vir-
tude de quem fazia as obras,
que d'elle se contavam, se em
em nome de Deos, criador do
céo, & da terra, se em nome do
demonio, inimigo da geração
humana; respondeo o barbaro
com mais diabolica soberba,
que se podia esperar de nenhũ
ministro de Satanás, que elle e-
ra o mesmo Deos, & filho do
que reynava no céo, do qual
era muito amado, & que mui-
tas vezes se lhe tinha mo'tra-

do, nas nuvens resplandecen-
tes, & entre temerosos tro-
voês.

7 Nam se pode conter
mais o espirito afervorado, que
ardia em zelo divino, ouvindo
taes blasfemias; logo de repen-
te, com voz espantosa, exclama
ao céo, na lingua Brasílica, brã-
da, estranha, arrezoa, confun-
de, & desfaz a diabolica liber-
dade do cego encantador, com
tal impeto, & força mais que
humana de espirito superior,
que dando Deos virtude, & effi-
cacia a suas palavras, bastaram
estas pera derrubar por terra
aquella soberba torre de enga-
nos (como bastou huma pedra
pera lançar no cham aquella
grandiosa estatua em Babylo-
nia) assim succedeo aqui com
hum nouo milagre, porque es-
pantado o feiticeiro com estes
brãdos, lançado peito por ter-
ra, se abraçava com os pés do
Padre, dandose por vencido, &
confundido, & confessando, que
sõ o Deos, que o Padre adora-
va, era o verdadeiro, & como a
tal pedia perdão de suas cul-
pas, pedindo ao Padre o me-
tesse no numero dos Cathecu-
menos, pera aprender os mys-
terios de nossa sancta fẽ, que de
todo coração recebeo, com
grande gloria de Deos, & con-
versã de muitos gentios, nos
quaes fez grande abalo esta vi-
toria, por ser tam publica, &

cele-

d
Dan. c. 2. n. 34
Donec abscis-
sus est lapis si-
ne manibus, &
percutit sta-
tuam, & comi-
nuat. &c.

Como se cõ-
vertẽo este
feiticeiro.

Anno de
Christo de
1549.

Reg. 17. n.
19.

*Como aco-
dia á boa
criação dos
mininos.*

*Caminhos,
que fazia
a pè.*

464

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

celebrada: que quando Deos quer, basta huma pèdra pera derrubar hum poderoso gigante, & sobejam poucas palavras pera converter hum feiticeiro gentio.

8 O principal meyo de que o Padre usava, pera os hir affeiçoando aos costumes da christandade, foy empregar-se todo no ensino dos mininos naturaes da terra, como quem bem entendia, quanto monta a boa criação nesta tenra idade, & que ordinariamente conservamos em velhos, os costumes, que com o leite bebemos na mocidade: desta maneira hia o zeloso varão ateando pouco a pouco o fogo divino, de forte, que por aquellas prayas, & campos, aonde antigamente reynava a ignorancia, & a barbaria, se nam ouviam senam cantigas da doutrina christã, reperindose continuamente os sanctissimos nomes de I E S V MARIA, & mais sanctos, com tanto fervor, que punham espanto, & confundiam aos nossos Portugueses. Visitava o bõ Padre todas as aldeas, andando sempre a pè, & ainda depois de velho, & muy doente, & tal vez com os pès cheos de chagas, acodia a todas as partes com hum bordam na mão, subindo pouco a pouco pelas ladeiras mais ingremes d'aquellas montanhas: & ainda que o espirito

de seu zelo o animava, com tudo a fraqueza do corpo o retardava, de tal maneira, que tal vez parava, sem poder dar passo adiante, necessitando da ajudado companheiro, que hnumas vezes o sustentava nos braços, & outras hia diante d'elle tirandoo pelo bordam.

9 Nam vestia nunca couza nova, nem usava de mantéo, andando sempre em corpo, como os mais irmãos, por causa da muita pobreza em que viviam, & por andarem mais desempedidos nos grandes caminhos, que faziam: nenhum perigo, nem trabalho recuzou nunca pelo bem, & salvação dos naturaes da terra, por cuja liberdade se punha em campo contra a avareza dos Portugueses, que os queriam cativar, soffrendo com muita paciencia, & com notavel longanimidade, os grandes odios, & perseguições, que por esta causa se lhe originaram; que aonde entra a cobiça, atropela todas as boas leys, & quer cativar por ambiçam, os que sam livres por natureza.



CAPITULO VIII.

Da devaçam do Padre Manoel de Nobrega : de sua grãde pureza , & mais obras maravilhosas : & de sua sancta morte.

DEpende muito a bondade da agoa, das boas qualidades da fonte de que procede; & a virtude pera ser legitima, há de ter sua origem na fonte purissima da ôraçam, & devaçam. Foy o Padre Manoel de Nobrega muy devoto, & muy dado ao exercicio da ôraçam mental, da qual assim tratava, como se nam tivesse outros cuydados mais que falar com Deos; & posto que na Companhia seja costume, & ainda regra, dizerse a missa por espaço de meya hora, com tudo, neste particular, buscava dispensaçam, gastando sempre huma hora na missa, & derramando nella ordinariamente grande copia de lagrimas, das quaes Deos lhe tinha concedido particular dom; & em especial lhe cahiam em grande copia, com faudades da gloria, todas as vezes que ouvia alguma mu-

fica. Quem vísse ao Padre Manoel de Nobrega derramando lagrimas diante de Deos na ôraçam, julgaria, que via hum Arsenio nos desertos da Thebaida, chorando; & contemplando: & quem logo considerasse o empenho com que se empregava no trato do proximo, & doutrina dos Brasis, se persuaderia, que sô tratava das almas alheas, esquecido todo da propria; porém era tal a cõcordia das virtudes daquela alma, que o sancto ocio da ôraçam, nam empedia o negocio da pregaçam.

2 Em todas as mais virtudes foy muy insigne este notavel varãm, & em especial naquella, que a Companhia tanto estima da pureza angelica, que trazia tanto diante dos ólhos, pera elle a guardar, & ensinar aos outros, que parece que sô esta virtude prezava mais que todas as outras, sendo que em todas era tam insigne; & pera que soubessemos por testemunho proprio (porque nam há nesta materia outro mais fiel, & verdadeiro) qual tinha sido nesta parte, assim em Portugal, como vivendo entre as liberdades dos Brasis, ordenou Deos nosso Senhor as cousas de sorte, que se achasse em huma brava tormenta no mar, em que

Da grãde pureza, q sempre guardou.

todos se deram por perdidos; & quando os pobres dos navegantes, bradando misericordia ao cêo; custumam confessar seus peccados publicamente, & manifestar os segredos interiores de suas almas, principalmente os que lhe andam mais presentes na memoria, & mais estimulados da consciencia; persuadido este purissimo religioso, que era chegada a sua hora; depois de cumprir com todas as obrigaçoens de bom Christam, & de varam Apostolico, preparando-se a sy, & ajudando aos outros; confesso em voz alta; que o que mais naquella hora o animava; & consolava; era a guarda do voto da pureza; que sempre trouxera diante dos olhos, como joya de inestimavel preço, da qual Deos por sua divina misericordia tinha dotada a Companhia: & logo com hum espirito mais que humano, como em ultima manda; de quem se apartava desta vida; amaldiçoou aquelles, que algũa hora fôssem causa de se macular este dom preciosissimo; que tanta fermosura dava a sua Religiam; & isto com tal vehemencia de espirito; com tal força, & autoridade de palavras, que quem o ouvia, julgaria que tinha jurisdicam de Deos sobre os que nam fôssem feis nesta vir-

*Maldiça
q deitou so
bre os que
nam guar
dassẽ a
pureza.*

tude; & que se podiam temer os vindouros, que quem nella saltasse, lhe abrangeffe esta maldiçam, fulminada por hum vaiam tam admiravel, & em tam notavel occasiam; porque Deos nosso Senhor, quando antigamente deo poder a algus Prophetas, pera ameaçarem cõ maldiçoens a seu povo; nam ficou impossibilitado pera dar semelhante jurdicam a hum homem tam apostolico, sobre os desleaes, se os houvesse nesta parte, a Companhia: escapou o Padre deste trabalho do mar, porq ainda o esperavã outros nã menores na terra; q parece permitio Deos aquelle, só a fim de nos ficar hũ testemunho tã certo de sua angelica pureza.

3 Os perigos em que este fervo de Deos se vio pela paz dos Portugueses, & pela salvaçam das almas, foram muy grãdes: estando na Capitania de Sam Vicente, se amotinaram todos aquelles Indios Tamo-yos, excitados pelas tyrannias, & crueldades de alguns Portugueses, & dando grandes assaltos nas nossas terras, nos mataram, & cativaram tantos, que entraram os Portugueses em pensamentos de despovoar aquella Capitania: nam duvidou o bom Padre offerecer a vida, pelo bem de seus proximos; depois de persuadir aos Portugueses quanto lhes

*Grãdes
rigos de
Deos li
arou ao
Manoel
N obreg*

conui-

convinha à boa paz com aquelles gentiões: vayse a elles, & com hũa confiança mais que humana, q̃ todos lhe julgavam por temeraria, entra pelo meyo de suas aldeas, vayos demandar aos matos, visitaos nas suas choupanas, persuadeos a ter paz com os Portuguezes; tudo com tam valente successo, que quando os nossos cuydavam, que elle estaria despedaçado, assado, & comido d'aquelles barbaros, se viram com as pazes feitas, mandando dez homens dos Indios, por refens das pazes, aos Portuguezes, & deixando-se a sy, & a seu companheiro por parte dos Portuguezes; estimando este voluntario cativo, á conta de ver a desejada paz entre aquelles, aquẽ procurava a salvagam; livrãdo Deos muitas vezes de evidentissimos perigos, porque sabendo os gentios vifinhos das pazes, que o Padre tratava, acodiram muitos com furia diabolica, deliberados ao matar, pera nam haver conclusam nas pazes, que julgavam, que lhes nam convinham; porẽm, quando elles vinham mais furiosos, & resolutos em o matar, tanto que o Padre apparecia, como se com sua vista se lhes mudasse a natureza, & de lobos os tornasse em cordeiros, deixavam a braveza, depunham os arcos, largavam as se-

tas, & lançados aos pés do Padre Nobrega, pediam pazes, os que vinham com furia infernal, appellidando guerra. Que d'esta maneira favorecia Deos, a quem sò com òlhos nelle desprezava os perigos,

4 Muitos outros casos pudera contar, q̃ deixo pera a historia do Brasil; & tambẽ se podiam appõtar muitos outros successos admiraveis, & que foram julgados por milagrosos, dos quaes direi sò hum, porque nelle resplandece nam menos o poder da Virgem sanctissima, q̃ os merecimentos deste seu grãde servo. Entre outras obras de serviço de Deos, que o Padre fez no Brasil, foy a ermida da invocaçam de Nossa Senhora d'Ajuda, na Capitania de Porto seguro, que agora he a casa de mayor concurso, & devaçam, q̃ há por aquellas partes do Brasil, pelos grãdes, & prodigiosos milagres, que a Senhora aly vay obrando, dos quaes sò contarey este, assim por estar authenticado, como por ser feito em favor deste seu devoto Padre.

5 Estã situada a casa da Virgem nossa Senhora da Ajuda na coroa de hum outeiro; & decendo d'elle pera baixo, tudo eram canaveaes de assucar, & terras alheas, pelas quaes os Padres achavam grãde difficuldade de passagẽ, assi pera poderem hir buscar agoa pera a obra da

*Casa de N.
Senhora
da Ajuda,
q̃ edificou
o P. Ma
noel de No
brega.*

ermida, como pera elles beberem: nam havia mais que hũa fonte, que estava na raiz do monte, & difficultavase mais o trabalho, por haverem necessariamente de passar pelos canaveaes de hũ homẽ, que o levava mal, & se queixava muito, falando pezadamẽte dos Padres lhe devaçarem, como elle dizia, sua fazenda. O nosso trabalho era grande, & o sentimẽto dos moradores era mayor, por verem, que aquelles servos do Senhor, nam sò tinham o trabalho de subir a costa do monte carregados, mas tambem o desgosto, pelo que tomava aquelle homem: nesta desconsoação recorreram á Virgem d'Ajuda, pedindolhe que os ajudasse, pois a causa era sua, lebrandolhe semelhãte favor, q̃ por intercessão de S. Clemente fizera Deos aos christãos de Chersoneffo.

6 Logo hum dos companheiros do P. Manoel de Nobrega, vêdo o trôco de hũa arvore aly defrôte, muy jũto à ermida, brádando ao cẽo com grandes lagrimas, dizia: *O se a Virgem Mãe de Deos aqui nos dẽsse hũa fonte de agoa perenne, nam molestariamos a este homem, cuja molestia, mais nos cansa, que o trabalho de trazer a agoa de tam longe. Tende confiança, irmam* (lhe respondeo o Padre Manoel de Nobrega) *que poderosa he a Senhora pera fazer mayores milagres.*

Vamse d'aly todos, seguindo ao mesmo Padre com muita fê, a dizer missa na capella, que hiam fazendo da Senhora d'Ajuda; eis que estando hum d'elles no meyo do divino sacrificio (cousa maravilhosa, como se naquelle instante batesse Moyses, cõ a vara na pedra do deserto, quando Deos lhe mādou, q̃ lhe falasse pera dar agoa) arrebera de subito hũ grãde torno de agoa no lugar assinalado, no trôco da arvore, junto do altar da Senhora, cõ espanto, & admiracão de muitos, q̃ cõcorrẽram a ver esta agoa verdadeiramente milagrosa: entre os quaes tambẽ acodio aquelle homẽ senhor do canaveal, e vergonhado já de sua pouca piedade cõ os Padres, ficando d'aly por diãte o mayor devoto da Cõpanhia, q̃ houve naquella terra: sendo em tudo esta agoa mais milagrosa, que a de Moyses; pois aquella foy agoa de contradição, como lhe chama a Escritura, & esta foy agoa de paz, & de concordia; aquella repartio Deos a rebeldes, & incredulos, esta deo a seus fieis, & devotos; aquella por intercessão de Moyses, esta por via da Virgẽ sanctissima, obrigada das lagrimas do P. Nobrega, & de seus companheiros.

7 Voou a fama deste prodigio, concorreo infinira gente, a ver com seus olhos tam grande maravilha, nam cessando

Vide Bero. an.
100 & Spond.
ibi n. 4. & Me-
taphr. 23. No-
vemb.

Notave
cõfiança
Deos do
Nobrega

Num. c. 20
11. Percutit
virga bis filium
egressum fur-
quæ largitus
mz.

Milagre
muy grãde
de hũa
te de agoa

b
Num. 20. n.
Hæc est aqua
cõtradictio

c
Num. 20. 10.
Audite reb-
les, & incred-
uli.

de dar infinitas graças á Virgem Senhora d'Ajuda, & crescendo cada dia na opinião, q tinham da virtude do Padre Manoel de Nobrega, a cuja intercessão attribuiam beneficio tam singular, & obra tam prodigiosa; & como os milagres da Senhora começaram com agoa tam abundante, que ainda hoje corre, mostrou a Virgẽ gloriosa a grãde abũdancia de milagres, que haviam de sahir d'aquella sua casa, como de fonte de graças, e favores do cẽo; os quaes, em grande parte se devem a este grande servo do Senhor.

8 Estando finalmente o Padre Manoel de Nobrega na Capitania do rio de Janeiro, aonde viveo os ultimos tres annos, temos por cousa certa, que lhe declarou Deos nosso Senhor, q era chegado o dito fim de seus dias. Nam tomou esta alegre nova descuydado a este vigilante servo do Senhor, foy tam grãde a alegria, q todos advertiã nelle, q tinha algũa nova de grãde cõsolação: sahio se logo o bõ velho, como pay, q era em o Senhor de todas aquellas gentes, a despedir se por todã a cidade dos amigos, & devotos da Cõpanhia; davalhes as graças pelas charidades recebidas, exortavaos á piedade, & á virtude, abraçavaos como filhos muy amados em o Senhor, & mais cõ lagrimas, q cõ palavras, lhes dizia, q se ficassem

embora, porque elle se hia, pera mais o nam verẽ nesta vida. Parecia se este apartamẽto cõ o do Apostolo Sam Paulo, a quando querẽdo se embarcar pera Ierusalem, disse aos que o acompanhavam, q nũca mais o veriam; com a qual nova de tal maneira se lhes quebrataram os coraçõs, que diz o sãgrado texto, q abraçando se todos com o Apostolo, se fez naquella praya hũ grande pranto.

9 Semelhante sentimento a este houve no rio de Janeiro, quando o bom Padre Manoel de Nobrega disse àquelles seus devotos, que se hia, pera nunca mais o verẽ; & como ao presẽte nam viam embarcaçam alguma naquelle porto, lhe perguntavã pera onde se hia; elle, levantãdo os olhos pera o cẽo, dava a entender, que sua viagem era pera a glória; d'aqui vieram a saber, que a navegaçam era pera o cẽo: acompanharamno atẽ o Collegio, no qual se recolhẽo; & recebidos os sacramẽtos necessarios pera aquella hora, estãdo, como servo fiel, vigiando, & esperando a hora, em que o Senhor o havia de vir chamar; foy elle servido de o levar pera ly, aos desoito de Outubro, dia do glorioso Evangelista Sam Lucas, que pera elle foy dia fatal, dia assinalado, & dia bemaventurado; porque neste mesmo dia naceo no mundo, neste

d
Act. c. 20. n. 37
Dolentes maximè in verbo quod dixerat, quoniam amplius faciẽ eius non essent visi.

Morrẽo em
18. de Outubro, com
notaveis
circunstâncias.

foy admitido na Religião, & neste, sahindo do mudo, entrou no cêo.

10 Este foy o ditoso fim do Padre Manoel de Nobrega, a quem nam tomou a morte descuydado, mas muito sobre aviso, & muy bem apparelhado; nam morreo como covarde, mas como soldado valente, & como ministro fiel do Evangelho, peleijando contra os vicios, ensinando os ignorantes, & cõvertendo os gentios. Foy varãm a quem verdadeiramente podemos chamar Apostolo do Brasil, como a S. Francisco de Xavier do Oriente. Elle foy o primeiro religioso da Companhia, que desembarcou, & pos o pè na terra do Brasil, sahindo da não com huma grande cruz às costas, seguido dos mais companheiros, & acompanhado dos Portuguezes, todos com muitas lagrimas de devaçam, que lhe causavam as muitas, que o Padre derramava, até que arvorou este divino final no lugar, em que por entam se alojou, com sua gente, o governador Thomé de Sousa. Elle foy o primeiro, & principal da Companhia, naquella provincia, que aturou neste grande trabalho, continuando por espaço de trinta annos naquella nova, & tam inculta vinha do Senhor, sofrendo com rara paciencia os costumes, & barbarias d'aquelles

O P. Manoel de Nobrega foy Apostolo do Brasil.

Indios, a variedade dos climas, que mudava, a pobreza que naquelles primeiros tempos foy muy apertada (por nam ter mais que as esmolas dos fieis) os caminhos muy compridos pela salvaçam das almas, andando por aquelles matos, & navegando aquelles mares, com muitas tormentas; & huma vez padecendo naufragio junto a S. Vicente, perdendo-se a não, & escapando elle milagrosamente, sem saber nadar; & sofrendo as mais difficuldades, que atrás apontamos, que bem se deixam ver quam grandes seriam, em tempos, em que a barbaria assim reynava nos gentios, & os vicios assim dominavam nos Portuguezes.

11 Em todos estes annos foram notaveis os augmentos, que teve esta Christandade do Brasil, com os trabalhos deste bom Padre, de quem podemos dizer, que a elle devemos toda aquella Provincia, que aly tem a Companhia, porque elle a plantou, elle a regou, & Deos a acrecentou (como sam Paulo dizia) Elle fundou o Collegio, que temos na cidade da Bahia, que he o principal, & cabeça de toda aquella Provincia; elle tambem começou o Collegio de Piratininga, & d'aly o passou, & fundou na cidade de S. Sebastiam no rio do Ianeiro: elle fez a casa de S. Vic-

te, &

Do mu-
que o Br-
fil deve
P. Man-
de Nobr-
ga.

1. ad Cor. 3.
6. Ego planto
Apollo nigr
vit, Deus au-
ancrementu
dedir.

foy o pri-
meiro Pro-
vincial do
Brasil.

te, & a de Porto seguro, aonde deixou edificada aquella ermi- da milagrosa da invocação de nossa Senhora d'Ajuda, & ago- ra he a casa de mayor romagê, & devaçam, pelos grandes, & prodigiosos milagres, que a Vir- gem sacratissima aly vay obrã- do: elle foy o primeiro Provin- cial do Brasil; posto que por es- paço dos primeiros dez annos foy superior de todos os nossos, sem titulo de Provincial, por ser subordenado, & fogeito ao Padre mestre Simam, que tam- bem era Provincial do Brasil, como ainda agora o Provincial de Portugal o he tambem dos nossos religiosos, que residem em Africa, nas partes de Ango- la, & Cabo verde. E porque o Brasil nestes principios foy co- lonia de Portugal, por isso, com boa licença dos Padres d'aquel- la Provincia, & de quem ao di- ante tomar o cuydado de escre- ver estes gloriosos trabalhos, fi- zemos esta commemoração, (& lhe faremos outras ao dian- te) ainda que muito por mayor, deste grande servo do Senhor, a quem todas aquellas vastissi- mas terras do Brasil terã eter- nas obrigaçoens; mas porque tambem as devem aos seus bõs companheiros, que nesta occa- sião o seguiram, quero breve- mente fazer d'elles algu- ma lembrança.

CAPITULO IX.

Dãse breve relação do Padre Ioam de Aspicuelta, que foy hum dos companheiros do P. Manoel de No- brega, na missam do Brasil.

EM companhia do Pa- dre Manoel de No- brega, mandou o Pa- dre mestre Simam cinco reli- giosos de muita virtude, & ze- lo, como gente escolhida por tal superior, os quaes todos tra- balharam, & acabaram sancta- mente, naquella gloriosa em- preza: hum delles foy o Padre Ioam de Aspicuelta, natural do Reyno de Navarra, sobrinho do celebre doutor Martin de Aspicuelta Navarro, Cathedra- tico de prima da faculdade de Canones, na insigne Vniversi- dade de Coimbra, em cuja casa estava, & della entrou na Com- panhia, no anno de 1544. co- mo dissemos no livro primeiro; & por ser pessoa de grande exê- plo, & conhecido fervor do bẽ das almas, o escolheu o Padre mestre Simam, o qual se nam enganou no bom conceito, que delle tinha, porque trabalhou no Brasil na cõversão d'aquella

Quem foy o P. Ioam de Aspil- cueta.

Lib. 1. cap. 39. n. 6.

Anno de
Christo de
1549.

472

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

*Famoso
malfeitor
desterrado
no Brasil.*

gentilidade, com grande espirito, & com notavel exemplo de mortificaçam, & perfeita charidade. E porque os exemplos, que neste particular nos deixou entre os Indios, & entre os Portuguezes, sam muitos, & muy eminentes, & nam se podem contar todos, quero referir hum, pera que d'elle tiremos os mais.

2 Havia por aquelle tempo no Brasil muitos malfeitores, degradados de Portugal (que sempre esta praga perseguio ao Brasil, & as mais conquistas deste Reyno) entre outros havia hum famoso degradado, que tinha por nome o Barbosa; oqual tinha alcançado em Lisboa, entre os alentados, grande fama de valente, de temerario, & atrevido; emfim era homẽ desalmado, livre nos costumes, desembaraçado na consciencia, accommodado pera qualquer roim acometimento, insigne malfeitor, & dos que tem por vida propria tirar as alheas; com o qual nem a rezã tinha lugar, nem as justiças do Brasil, nem ainda as de Portugal podiam prevalecer; passando sua intrepida ousadia por toda a força, & resistencia, como se vio na cidade de Lisboa, aonde acoffado huma vez das armas de hum corregedor, & d'alguns alcaides com muitos ministros de justiça, se acolheo à Sê; mas

nam lhe valendo sagrado, por causa de suas boas obras, se retirou com as armas nas mãos, & se fez forte na torre dos sinos, & ahi se defendeo por muito espaço de tempo, contra todo o poder da justiça, valendose de espingardas, & pistolas, de que andava cercado, & finalmente da espada, que esgremio galhardamente. E vendose finalmente em risco de ser entrado, qual o fero leam (que cercado de grande multidam de caçadores, se está embravecendo contra as lanças; & porque nam pode despedaçar com as unhas, & desfazer com os dentes aos que o querem matar, offerecido à morte, dà hum salto entre os chuços dos monteiros, & sobre os venablos dos caçadores) tal o atrevido Barbosa, vendose sê esperança de escapar à justiça, com huma cega temeridade, saltou d'aquella alta torre, & de tal maneira veyo rodando pelas muralhas abaixo, que ficou sem lesã alguma de consideraçam (que se fora outro qual quer fogeito necessario pera o bem da republica, nam escaparia com vida, que taes sam os desmanchos da fortuna)

3 Mas veyo finalmente este bravo touro a ser agarrado, (q̃ este officio nam dura muito) & metido no limoeiro, aonde esteve carregado de ferros; & depois de larga prisã, foy de

terrado

Anno de
Companhia
10.

*Notavel
temeridade
de desse
homem.*

sterrado pera o Brasil; porque estas sã as commendas, com que sãhem semelhantes frõteiros. Nam mudou o Barbosa o animo com a mudança da terra; era o mesmo no Brasil, que tinha sido em Portugal (que assim custuma succeder) servindo de escandalo aos Portugueses, & de terror aos Brasís; que sã com ouvir seu nome, fugiam espavoridos. Andando o tempo, quiz a misericordia divina domesticar este leã, & abrandar aquella natural ferocidade, com huma larga doença, que o poz em grande aperto, & em igual desamparo, nos braços de toda a miseria, fõra da povoação dos Portugueses, em huma pobre choupana, sem haver quem tivesse compaixam de seu lastimoso estado. Sabendo disto o P. Ioam de Aspilcueta, nam lhe sofréo sua muita charidade deixar de acudir a este miseravel, como quem tinha diante dos olhos a doutrina dos sanctos Padres, que nos ensinam, que nam havemos de atentar a pessoa a quem servimos, senam ao Senhor; por quem servimos: porque Deos respeita a boa vontade de quem dà, & nam atenta as roins obras de quem recebe. Vayse aonde estava quasi morrendo, visitaõ, consolaõ, alimpao, & provéo de todo o necessario, & com muita vontade se lhe offerece pera o servir, &

curar, em quanto a doença continuasse.

4 Aceitou o doente o serviço, com animo mais izento, que agradecido; porque ainda que a doença lhe tinha quebrantadas as forças, nam lhe tinha mudada a condiçã; tomava o que o bom Padre lhe fazia, nam como graça voluntaria, mas como serviço devido: melhorou alguma cousa o doente, na enfermidade, mas nam sãrava na condiçã; continuava o devoto enfermeiro com tanto amor, & humildade, como se servisse ao mesmo Christo em pessoa: & depois de perseverar muito tempo (porque a doença foy larga, & quasi habitual) com todos os bons officios de charidade, nunca pode tirar delle huma boa palavra, antes perpetuas queixas, & repostadas, muy conformes à dureza d'aquelle tam aspero natural, conservandolhe Deos a vida, nam menos pera o converter a elle, que pera exercitar o Padre; que sã os dous fins pera que Deos (cõforme a S. Agostinho^b) sustenta a vida a hum mão homem: folgava o Padre com a occasiã de exercitar a paciencia, & estimava versê culpado por este homem, aonde elle cuydava que podia agradar muito ao mesmo Deos.

5 Entrando hum dia o Padre a visitar o seu Barbosa, com

hum

^aaler. Episc. in
quadam serm.
O interest cui
quæti eroges,
on enim re-
stitit Dominus
ut mereatur
ile qui postu-
t, sed quæti
qualiter præstet
ui donat.

Grãde cha-
ridade do
P. Ioam de
Aspilcue-
a.

^b
Aug. in Ps. c4.
ad i. vers. Om-
nis malus aut
ided vivit ut
corrigatur, aut
ided vivit ut
per eum bonus
exerceatur

Anno de
Christo de
1549.

Notavel
ingratidã,
& dureza
deste ho-
mem.

Como este
homem se
mudou, &
se emẽ dou

474

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

hum mimo, que de novo lhe of-
ferencia; elle com a mesma dure-
za se começou a queixar, & ao
reprender de o nam servir co-
mo pedia a qualidade de sua
pessoa. Calou se o Padre por en-
tam, mas d'ahi a pouco, arman-
dose com humas disciplinas, se
poz de joelhos diante do seu
enfermo, & pedindolhe perdã
das culpas, que tinha cometido
em o curar, & servir, se virou
pera humã imagem de Christo
crucificado (que pera esse effei-
to puzera diante) & descobrin-
do as costas, se começou a dis-
ciplinã rijamente, tomando o
castigo, & fazendo penitencia,
por quam mal o tinha servido;
& pedindo ao Senhor, que lhe
dẽsse perfeita saude.

6 A vista deste especta-
culo se nam pode conter mais
aquelle peito de pedra, que se
nam abrandasse com taes gol-
pes de charidade; & dando lu-
gar à rezã, conheceo sua du-
reza, & ingratidã, de tal sorte,
que arrebatado em lagrimas,
com grande impeto se arreme-
çou fora da cama, & deitando-
se aos pès do bom Padre, levã-
tando a voz em grito, começou
a dizer: Nam atenteis, Padre, pera
minha ingratidã, & loucura, porque
meus grandes peccados sã causa de
ei nam usar de rezã, & ser peor
que hum bruto animal; vossa paciencia,
venceo minha dureza, & vossa chari-
dade minha ingratidã: eis me aqui,

lançado a vossos pès, venham sobre
mim esses acoites, que vossa innocencia
nam merece: eis me aqui trocado; &
arrepellido; & aquelle a quem nem
as justicias, nem os perigos, nem as dõ-
ças, & misérias, puderam nunca a-
mansar; com vossa sancta humildade,
& rara paciencia, tendes vencido, &
de bravo leão, tornado hum manso
cordeiro; & pois ategora, com tanta
charidade, tratastes de meu corpo dõ-
te, tratai daqui por diante desta alma
perdida, contayã entre o numero das
que viesdes buscar ao Brasil, que com a
graça divina (que por vossa meo nella
finto) espero de vos dar perfeita satis-
façam a vós, & ao mundo todo de
meus enormes peccados: assim suce-
deo, porque melhorando na
saude, & na alma, ficou total-
mente outro, & se teve por cou-
sa milagrosa a mudança, & cõ-
versãõ deste peccador, que d'a-
ly por diante se trocou de tal
maneira, que ninguẽ o julgava
pelo que tinha sido, senã pelo
que viam que era; todo beato,
& compungido, sem sahir nun-
ca da nossa Igreja, seguindo
sempre os conselhos do Padre;
que tal he a força da divina
graça, & tam gloriosas sã as
victorias da paciencia: & nesta
sancta vida acabou, com gran-
des mostras de sua salvaçam, cõ
humã mudança tam notavel,
que bem a podiamos chamar
com o Propheta Rey, mudan-
ça da mão direita do Excelso;
deixandonos este singular exẽ-

Anno
Cõparati-
10.

Notavel
cõversãõ
deste ho-
mem.

Pl. 76. n. 11.
Hic unario
dextera ex-
celso.

plo da grande paciencia, & charidade de tam charitativo Padre; & desta, como de amostra, podemos tirar a bondade deste panno: & poderemos entender, que nam hã penhasco tam duro por natureza, que se nam dobre côm a brandura da charidade, que juntamente (como diz S. Paulo) he paciente pera sofrer afrontas, & he benigna pera servir enfermos.

171 E pera que entendamos, que esta admiravel charidade se nam limitava só aos Portugueses, quero tambem contar outro caso, do qual constará quanto fez, & quanto padeceo este grande servo do Senhor, pela salvação d'aquelles Indios: nam se contentava com os que tinhamos nas aldeas, juto das nossas Capitãtias, senam que tratou tambem de os hir demandar muito ao longe, pera que nenhuns lhe escapassem, a quem queriã salvar a todos: cõ hum animo, a juizo dos homẽs temerario, se meteo mais de duzentas legoas por aquelle sertãm do Brasil, caminhãdo sempre a pé por matos incultos, & por charnecas bravias, habitadas de grande numero de brutos, & de feras, cada huma das quaes parece que tinha em suas unhas, & dentes a vida de que por taes brenhas se atrevia andar sem guia pera os caminhos, sem mantimento pera a susten-

taçam, & com tantas incommodidades, & asperezas, que se nam fora o grande amor de Deos (que era o manã pera elle por aquelles desertos, mais suave do que foy o outro pera os filhos de Israel) mal se pudera imaginar, que poderia elle acabar a jornada, sem primeiro deixar a vida: mas guiado pelo Senhor, a quem servia, & trabalhando incansavel, por manifestar aos Brasis seu sancto nome; perseverou com humã fortaleza invencivel, humas vezes por terra salteado de feras; outras por agoa passando rios, & entrando por grandes alagoas, bufcando o vão com muitos perigos; ora errando por caminhos estranhos, & nunca trilhados com pès humanos: até que com ditoso successo acertou, & deo com muitos gentios, os quaes hia buscar, guiado pelo Spirito sancto, que o encaminhava pelos desertos, & o livrava dos perigos pelas brenhas (qual a feta, que o soldado do campo del Rey de Syria, embebẽo no arco, & atirou contra o exercito del Rey de Israel, posto que depois de despedida, fosse como perdida; cõ tudo Deos a guiou tam direita, & certa, como se o coche do Rey fosse a barreira, que demandava, & seu peito o alvo a que se tirava) Assim guiado o Padre Ioam de Aspilcueta, ainda que parece que hia er-

3. Reg. c. 22
n. 34. Vir autẽ
quillã terendẽ
arcũ, in incertũ
sagitã dirigens,
& casu percussit regẽ
Israel.

rado

rado por aquelles matos, Deos o encaminhou, pera achar, & trazer ao céu muitos gentios, mais metidos no inferno com seus peccados, que no sertão com suas choças.

8 Quem por aquelles matos incultos, & deshabitados, encontrasse a este bom Padre, julgaria, sem duvida, que hia errado, & que andava perdido, & lhe poderia perguntar, como a Ioseph, antigamente perguntou o que o achou no campo, quem buscava? & elle tambem lhe poderia dar a mesma resposta, dizendo, que buscava a seus irmãos, que eram os Indios do Brasil: & por isso quando mais errado nos caminhos, entam mais acertado nos intentos; & quando mais perdido entre os homens, entam mais bem achado entre os Anjos; que nam poderiam deixar de festejar nos céos as conversoens de tantos peccadores no Brasil. Tornou finalmente com vida desta notavel empresa, depois de lutar com tam poderosas difficuldades, muy rico, & carregado de despojos, com grandissimo numero de Indios, que trouxe pera as aldeas, pera os domesticar, baptizar, & doutrinar, livrandoos do cativoiro do inferno, alegre pelos ver postos na liberdade de filhos de Deos, & no caminho da salvação. Porém, pera que até nisto imitasse

aquelle bom pastor, que veyo do céu buscar as ovelhas perdidas no deserto deste mundo, pelas quaes poz a propria vida: tornou d'esta missão o P. Ioam de Aspilcueta tam mal tratado na saude, tam desbaratado no vestido, tam ferido, & escálavado pelo corpo, que depois de chegar, em breves dias deixou esta vida mortal, depois de tomados os sacramentos, & se foy a gozar do fruto de seus trabalhos em a eterna, aonde achará o premio merecido em caminhos tam asperos, & por trabalhos tam gloriosos.

CAPITULO X.

Dos mais companheiros do Padre Manoel de Nobrega nesta missão do Brasil, que foram os Padres Antonio Pires, Leonardo Nunes, Vicente Rodrigues, & Diogo Iacome.

O Outro companheiro do Padre Manoel de Nobrega, foy o Padre Antonio Pires, varão apostolico, & que passou grandes trabalhos em cultivar, defender, & doutrinar os Indios do Brasil: edificou muitas Igrejas,

traba-

Gen. c. 37. n. 17
Invenit eum vir
errantem in agro,
& interrogavit
eum quid quæ-
reret, & ille re-
pondit, fratres
meos quæro.

*Como tor-
nou desta
entrada pe-
lo sertão.*

*Como De-
o levou
ra sy.*

Anto-
Pires
começou o
Collegio de
Pernam-
buco.

trabalhando por suas proprias mãos em o officio de pedreiro; começou o Collegio da Companhia em Pernambuco; & em tudo procedêo como bõ cõpanheiro de tã insigne varãm; & finalmente recolhendo-se das aldeas dos Indios, pera o Collegio da Bahia, do qual era superior, com grande fraqueza, & enfermidade, que ganhou, visitando aquelles christãos, & descorrêdo por aquelles matos, veyo a morrer como verdadeiro servo de Deos, occasionãdo-se-lhe a morte cõ o grãde trabalho, q̃ levava no serviço, & ajuda do proximo; a qual foy muy sêtida dos Portugueses, q̃ nelle perdêram verdadeiro pay; & igualmente foy chorada dos Indios, que o tinhã por mestre, & emparo.

Leonar-
Nunes
grande
missiona-
rio no Bra-

2 Veyo tãbẽ cõ o P. Manoel de Nobrega, o P. Leonardo Nunes, o qual, pouco depois de sua chegada áquellas partes, foy mãdado pelo P. Nobrega à Capitania de S. Vicente, na qual havia algũs sinco lugares de Portugueses, q̃ necessitavam muito da boa doutrina de tal missionario, por q̃ os mões costumes, & escãdalos peccados destes Portugueses, em parte éram peyores q̃ os mesmos Brasis, nam tẽdo quasi mais q̃ o nome de christãos; os quaes, cõ a presença do Padre, cõ sua sãcta doutrina, grãde paciencia, & brãdura de cõdiçam, que Deos lhe cõmunicou, ficã-

ram tam reformados, q̃ se nam conheciã a sy mesmos, espantados de tam notavel mudãça, q̃ Deos nelles tinha obrado, por meyo do grande zelo d'este servo de Deos; ao qual ficãram tã afeiçoados, que logo lhe edificãram casa, & Igreja, com tanto fervor, & com tam especial vontade, que os principaes da terra traziam a madeira do mato às costas, contribuindo todos com suas esmolas, pera obra tam sãcta, & crecendo nelles cada dia tanto a devaçã, & bom exemplo com as prẽgaçoens, & bõs conselhos do Padre; que muitos, que quasi nunca se tinham confessado, nẽ cõmungado, frequentavam estes Sacramentos, com notavel devaçã, & piedade, cada quinze, & cada oito dias.

3 Depois de reformados os Portugueses, entendêo na conversã dos gentios, & na liberdade dos Indios; em ambas estas cousas teve successos gloriosissimos, que deixo ao historiadore da Chronica do Brasil. Cõtãl prẽssa corria aquellas aldeas dos Indios, prẽgando no mesmo dia em muitas partes, & acodindo aos sãos cõ a doutrina, & cõ o remedio aos enfermos, que os mesmos Brasis, q̃ costumam ser muy ligeiros em correr, & matèjar por aquellas brenhas, o nam podiam alcãçar, & lhe chamavam em sua lingoa, o Padre

Chamavã
lhe os In-
dios o P.
Voador.

Voador, porque a charidade o fazia de ferro pera trabalhar, e o vestia de azas pera voar. Entrou mais de cem legoas pelo sertão; tirou das unhas dos Tamoyos muitos Portuguezes, & Castelhanos carivos; bautizou milhares de Indios, cõ grãde trabalho, mas cõ igual proveito.

4 Depois de tantos exercicios de charidade, & religiã, que o Padre Leonardo fez naquellas partes do Brasil, veyo finalmente a morrer por obediencia, porq mandando chamar a Roma nosso sancto fundador (pera tratar cõ elle, como cõ testemunha de vista do bem d'aquella nova Provincia, que que nosso glorioso Patriarcha tanto desejava promover) acabou a vida com quasi todos os que vinham na viagem, em hũ lastimoso naufragio, do qual escapãram poucos, que nos dêram larga noticia do muito que o Padre trabalhou em ajudar os companheiros, naquelle ultimo perigo, confessando a hunos, & animando a todos; morrendo finalmente afogado no mar, depois de tantos trabalhos levados na terra do Brasil, dando-se por mais contente cõ a sepultura nas agoas do Oceãno, que os Reys gentios com as pyramides de Memphis em Egypto.

5 Foram mais de Portugal nesta missã com o Pa-

dre Manoel de Nobrega pera o Brasil; dous Irmãos, que lá se ordenãram de missa; hum d'elles era o Irmam Vicente Rodrigues, o qual foy Irmam, segundo a carne, d'aquelle grãde servo de Deos o bom Padre Jorge Rijo, pay de todos os que nos criamos no Collegio de Coimbra, aonde foy ministro por espaço de mais de cincoenta annos, de cuja entrada na Companhia já fizemos mençã. Trabalhou o Padre Vicente Rodrigues cõ muito louvor, & igual merecimento, naquella provincia, residindo em varias partes, correndo toda aquella costa, convertendo gentios, prégando aos Portuguezes, curando os enfermos, & exercitando todas as mais boas obras, que se esperam de hum zeloso missionario; recolhendo de terras tam estereis copiosissimos fructos, no trato, & commercio das almas, que offereceo a seu creador, em cujo serviço finalmente acabou, trocando a terra do Brasil, aonde tanto trabalhou, pelo cêo, aonde foy descansar: procedendo sempre, como homem a quem Deos tinha milagrosamênte cõmunica da saude, quando estava mais desesperada, por meyo do Padre mestre Simam, como conta o nosso Padre Orlãdino, & nõs ao diante referiremos.

Morre o em
hũ naufrã
gio.

P. Vic
Rodrig
trabal
muito
Brasil.

Lib. 2. c.
n. 8.

Vide Ord. li
n. 81.

6 O outro companheiro do Padre Manoel de Nobrega, foy o Irmam Diogo Iacome, que lá se ordenou de missa, o qual, em chegando ao Brasil, foy logo enviado à Capitania de Sam Vicente, com o Padre Leonardo, aonde fez grandes serviços a Deos, & d'aly foy logo à Capitania do Espirito sancto, acodindo sempre a duas aldeas, que havia naquella Capitania: & pera ter contas de rezar, que dar aos novos Christãos, no tempo, que lhe ficava de suas obrigaçoens, se punha a tornear, & a fazer rosários, que repartia pelos Christãos, pera que nam tivessem escusa de nam rezar; & posto que nunca tinha aprendido este officio, com tudo a charidade, que he muito engenhosa, lho ensinou. Foy este bom Padre o primeiro que no Brasil deo motivo, pera entre os nossos se renovar o que antigamente faziam aquelles sanctos do ermo, de que falamos no cap. 22. do segundo livro, procurando saber algum officio mechanico, servindo-lhes esta occupaçam, pera evitarem a ociosidade, nos tempos, que lhe sobejavam, & pera ajudarem sua sustentaçam, com o trabalho de suas mãos, & com o suor de seu rosto, & assim sabemos que tivemos no Brasil, neste tempo, in-

signes officiaes, pedreiros, carpinteiros, çapateiros, ferreiros, & de outros semelhantes officios, exercitados por muitos nossos, q. sêdo nobres por natureza, se faziam mechanicos por vontade; & nam tendo mestres, com quem aprender, sahiam officiaes insignes, pera poder ensinar; usando d'estas traças, pera acodir aquelles pobres Brasis, nam só com a doutrina espiritual, mas tambem com o remedio temporal; porque a charidade he muy sabia, & destra; & mais valentes officiaes sayem, os que apprendem pera ajudar ao proximo, que os que trabalham pera ganhar dinheiro. E nam foy este sancto costume exercitado somente pelos antigos Padres no ermo, & continuado pelos nossos Religiosos no Brasil; senam que tambem foy exercicio proprio de Apostolos, pois vemos que sam Paulo, no tempo que lhe ficava de prègar, exercitava o officio de fazer tendas, ou cabanas, que nifso vem a dar a arte scenofactoria, de que fala a Escritura nos Actos dos Apostolos: de maneira; que aquelle grande Apostolo, Principe da Igreja, vaso de eleiçam, secretario de Christo, a quem estavam abertos os thesouros da gloria, vivia tam privado dos

Muitos
nossos Pa-
dres no
Brasil ex-
ercitavam
officios me-
chanicos.

Diogo
Iacome fa-
zia contas
pera dar
aos Indios.

b
de quæ dieo
2. cap. 22.
3.

Act. c. 18. n. 3.
(Erant autem
scenofactoriz
artis.)

bens da terra, que lhe era necessario suar, pera se sustentar, pera que entendamos, que permitio Deos, q̃ houvesse pobreza no mundo, mais pera exercicio de sanctos, que pera castigo de peccadores.

7 Desta maneira o bom Padre Diogo Iacome deo exemplo com os officios mechanicos a muitos nossos, que os exercitavam no Brasil, com grande edificaçam dos religiosos, & proveito d'aquelles christãos, os quaes vindones buscar, pera remediar seus corpos, levavam sanctificadas suas almas; & à conta da obra mechanica, que elles queriam, ficavam com a boa doutrina, que nōs lhe davamos; servindoos de graça, pelo interesse de lhes infundir a divina graça. Veyo finalmente este fiel servo do Senhor acabar a vida por obediencia, porque estando convalescente de huma grave enfermidade, & mandandoo o superior acodir a huma Christandade, nam tratou de se escusar, & quiz antes perder a vida, que a perfeiçam da obediencia, fraco no corpo, mas robusto no espirito; porque morreo no caminho; com grande consolaçam de sua alma, por ver que morria, por hir a salvar almas, a imitaçam d'aquelle Senhor, que nam temeo a morte de cruz,

Morte do
P. Diogo
Iacome.

por nos vir trazer a vida da salvaçam. Estes foram brevemente referidos os successos do P. Manoel de Nobrega; estes foram seus ditosos companheiros, que deixando o lustroso de Portugal, se foram embrenhar nos matos do Brasil: vivendo com muitos trabalhos entre barbaros, mas descansando na morte entre anjos.

CAPITVLO XI.

Entra na Companhia o Padre Gonçalo Alvares, que ao diante foy Visitador eleito do Iapam: dase brevemente conta de sua vida, & morte gloriosa, nas praias do Iapam, em companhia do Padre Manoel Lopes de Bulham.

2 **M**Vito há q̃ sahimōs do Collegio de Coimbra, de caminho pera o Brasil cō o P. Manoel de Nobrega; he tēpo de darmos lâ huma chegada, & concluirmos com as cousas deste anno de 1549. fazendo huma breve, & devida mençam de hum notavel varām, chamado o Padre Gonçalo Alvares, o qual neste mesmo anno, em que foy pera o Brasil o Padre Nobrega, deo seu nome, & se entregou todo á

Compa-

oy o P. Gô
alo Alva-
es muy da
lo á ora-
am.

Companhia. Era o Padre Gonçalo Alvares natural de Villaviçosa, de geração nobre, & hórada; estudava na Vniversidade de Coimbra; & movido pelo bom exemplo dos nossos, pediu a Companhia, na qual foy admitido, & procedeo sempre com grande virtude, & exemplo: era muy dado á oração mental; recebendo nella de Deos nosso Senhor particulares premios, & singulares favores, occupandose muitas horas de dia, & muito tempo de noite neste sancto exercicio.

2 Entre outros casos notaveis, que pudera aqui relatar, em que mostrou a grande suavidade, que Deos lhe communicava na contemplação das cousas divinas, lhe succedeo hum, dignissimo de ser contado por exemplo notavel da oração, & obediencia. O caso foy, que estando elle no mosteiro de Sam Fins (aonde com outros Irmãos, por causa de pouca saude, se tinha retirado.) tangendo hum dia ao exame da consciencia (como he costume entre nós antes de hirem a jantar) foy elle, como tinha de costume, fazer o exame ao coro de joelhos, & com as mãos levantadas ao cêo, diante do sanctissimo Sacramento; succedeo nam se tanger á comunidade, dando a hora, por a caso nam estar o re-

otavel
êplo de
a ora-
m, & o-
diencia.

feitório preparado; tanto que se concertou, nam advertiram em tocar a campainha á mesa, contentandose em dar aviso de palavra, o que parece bastava, por serê poucos os que assistiam naquella mosteiro. Nam foy avisado o Irmam Gonçalo Alvarés, rambê por inadvertência; porém elle nam sentindo final pera acabar o exame, & acodir ao refeitorio, se deixou cōtinuar, como verdadeiro obediente; & por outra parte, vendose cō a mesa posta diante do sanctissimo Sacramento, cō melhores iguarias de pam supersustacial; de tal maneira foy gozado deste banquete, q̃ sem advertir no tẽpo, nê se lembrar de outro manjar corporal, de tal sorte ficou enlevado em Deos, que aly esteve de joelhos, & na mesma postura, por espaço de oito horas, até outra vez a campainha dar final á noite, a hirem ao refeitorio, & hindo entam buscar, o acharam enlevado naquella maravilhoso roubo de espirito, no qual perseverou sempre de joelhos, & com as mãos levantadas (como testificaram muitos, que hindo por varias vezes fazer oração ao coro, o viram sempre na mesma postura) o que nam poderia ser, senam estivesse todo aquelle tempo enlevado em alguma extasi, & divina contemplação, que lhe acrecentou as forças, porque

Perseve-
rou oito
horas em
oração.

sendo fraco de compreiçam, & nam muito alentado na saude, pode perleuvar oito horas de joelhos, com tal alento, que lhe nam parecêram mais, que hum quarto de exame.

Foy seu corpo, depois de morto, achado de joelhos.

8 Muy semelhante a esta sancta vida foy a gloriosa morte deste bom Padre, o qual sendo depois mandado pelo Beato Padre Francisco de Borja, por Visitador ao Iapam, fazendo naufragio com seus companheiros na costa do Iapam (por causa de hum horrendo tufam, que de repente lhes sobrevèu) foy achado seu corpo na praya morto, porèm de joelhos, & cõ as mãos levantadas, naquella postura, em que passou as oito horas no coro de S. Fins, & em que gastava a mayor parte das noites no Collegio de Coimbra; querendo Deos nosso Senhor, com este milagroso successo, manifestarnos quanto apoyava a oraçam d'aquella alma, & a postura d'aquella corpo: ordenando as cousas de tal sorte, que morresse este seu servo, como outro Moyses, á vista do Iapam, que era a sua desejada terrá de promissam; & querendo, que seu corpo sahisse á terra, com os braços, & as mãos levantadas ao céo, pera que entendessemos como também morrerá nas mãos, & nos braços de Deos; & que com aquella postura dava graças ao Senhor, pe-

Deut. c. 34.

lo levar, ainda que morto, á terra do Iapam, aõde desejava dar a vida a tantos:

4 Em semelhante postura foy achado, por S. Antam, metido em huma cova da Thebaida, o corpo morto d'aquella grande solitario S. Paulo: em as prayas de Iapam foy visto de joelhos, depois de morto, o Padre Gonçalo Alvares: ambos servos de Deos; porèm por diversas vias, hum feito Anacoreta, & metido no ocio da oraçam; outro buscando a gente, & metido no trafego do mundo; aquelle sò contemplativo, este tambem activo: mas sendo as vidas diversas, foram depois na morte semelhantes, pera que entendamos, que pôde hum varar Apostolico, que morrèu prègando, igualar os raptos mais extaticos, do que viveo contemplando: do successo de Paulo, primeiro ermitam, nam temos mais noticia, que a que nos deo S. Antonio o grande: este admiravel caso do Padre Gonçalo Alvares, nos contou o Irmam Iorge de Loyola, natural de Iapam, que como a couza muy sabida, & muy celebrada pelos Christãos, & gentios, lhe damos todo o bom credito, pela grande opiniã, que se tinha da verdade, & sinceridade deste Irmam, que aly foy testemunha de vista, & escapou milagrosamente cõ vida d'aquella

terrivel

*Hier. in vita
Parr. loquês
Paulo prim
eremita, e,*

terrivel naufragio.

5 A este espirito de continuaõraçam acompanhavam as mais virtudes em grão muito subido, & perfeito, resplandecendo em todas seu grande exemplo, principalmente na mortificação, & humildade, nas quaes nam sòmente foy insigne, quando era mestre dos noviços, mas tambem quando foy réytor do Collegio de Coimbra, & preposito da casa de Sam Roque, acodindo ordinariamente à coisinha, assim no tempo da mesa a repartir o comer à comunidade (vestido em hum roupe-ta parda, & cingindo o avental) como entre dia, nam perdoando a occupaçam nenhuma, das que aly se custumam exercitar, por mais baixas que parecessem aos olhos humanos. Alem de outros rigores, que usava pera consigo, trazia de ordinario cilicio junto á carne; & em todas suas acçoens, ou tendo saude, ou estando enfermo, se havia com tanta paciencia, & humildade, que nam parecia Reytor, senam o mais humilde noviço do Collegio.

6 Sua charidade, pera cõ os subdiros, era como de hum pay muy amoroso, pera com seus filhos muy queridos. Se no Collegio havia enfermos, com estranha charidade, de dia, & de noite vigiava sobre elles; & pera seus subditos nam cahirem

em en fermidades, tinha hum maravilhosa prevêçam, porque quando via algum Padre, ou Irmam mais fraco, ou cansado do ordinario, lhe dava a mã antes da queda (como quem bem entendia, que melhor he o medico, que preserva da doença perigosa, que aquelle que vos cura depois de terdes cahido nella) chamava em tal caso o enfermeiro, encõmendavalhe o Padre, ou Irmam, a que lhe parecia que hia faltando a saude; & entregavalho por tantos dias, conforme sua necessidade representava; ordenando ao enfermeiro, que todos os dias lhe desse conta d'aquelle convalescente: & com esta sancta traça, & paternal cautela, restituiu as forças a muitos, atalhou graves enfermidades, & escusou mayores gastos. D'elle se conta, que em quanto foy Reytor, ordenou aos porteiros, que nenhum pobre se fosse de nenhuma das portarias, sem esmola; & assim se fazia; & por isso Deos lhe acrecentava as rendas do Collegio, porque nam temia repartillas pelos pobres.

7 Tinha no exterior hum grande affabilidade, & alegria religiosa, com que a todos chamava a sy, de tal maneira, que os subditos nam fugiam delle, como fazem a muitos superiores, os quaes com perda dos pobres subditos, tendo na-

tureza pera serẽ temidos, nam sabem ter arte pera serem buscados; & assi a cõra da autoridade, q̃ querem ganhar, perdem o nome de pays, que nam souberam grangear; que na verdade se enganam os que querem ser temidos, cõm tanto que sejam obedecidos, que até em hum gentio se estranhou esta resolução tragica, *Oderim, dum metuãt*, mais força tem com os homẽs o bom termo, que a aspereza; & o que nam vence o rigor com violencia, acaba o preceito com brandura: & porque o Padre Gõçalo Alvares, guardava muito bem este conselho, por isso era tam querido, & estimado de seus subditos, os quaes com o mesmo cuydado, & diligencia, com que muitos fogem da cõversaçam de seus superiores, buscavam a este bom Prelado; & d'aqui se seguiam grandes bens a comunidade, porque todos viviam em paz, & tinham confiança pera communicarem a seu superior seus desgostos proprios, sem lhe ser necessario vilos a saber por bocas alheas. Mas de tal maneira temperava o Padre Gõçalo Alvares a ciuza de suas virtudes, que com esta brandura de pay, quando covinha, sabia ajuntar o rigor de juiz, mostrandose principalmente severo em faltas publicas, que podiam redundar em discredito da Religiã, que

tanto amava.

8 Era homem de grande prudencia; & muy advertido, & acautelado em ouvir enformaçoens de faltas alheas, pelos muitos danos, que se originam em huma comunidade, quando hum superior he facil em dar credito a defeitos, que se notam nos outros: sam os homens (como ensina a ^b Escriura) naturalmente inclinados ao mal, desde seu primeiro naciementõ, & d'aqui vem, que mais facilmete dam credito, nas cousas de nossos proximos, ao mal, que contra elles nos dizem, que ao bem, que por elles nos testificam; & se a todos he necessario grande cautela em crer enformaçoens sinistras, muito mais convem esta advertencia aos Prelados, & superiores, os quaes pera governarem bem, ham sempre de deixar hum dos ouvidos desocupado, pera ouvir a parte.

9 Tinha grande zelo de acodir ao bem das almas; nunca, sendo Reytor do Collegio de Coimbra, largou a outrem a occupaçam de fazer a sancta doutrina; o mesmo costume guardou, sendo Preposito da casa de S. Roque; & fazia este sancto exercicio com muy grande applicaçam, & com nam menos gosto, que proveito dos ouvintes. Emfim, que o Padre Gõçalo Alvarez foy hum dos mais

perfei-

Sueton in Caligula, c. 30.

Era muy amado de seus subditos.

Requere multa c. tela nos periores.

Gen. c. 8. n. Sensus enim & imaginat humani cor ad malũ pro sunt ab adolcentia sua.

Foy Reitor de Coimbra, & Preposito da casa de S. Roque.

perfeitos varoens, & exemplares religiosos, que teve esta provincia; na qual, posto que fazia a Deos grandes serviços, suspirou tanto pelo Iapam, & pela conversão dos gentios no Oriente, que tratando o Padre Francisco de Borja de mandar por Visitador àquellas partes hum homem de grande virtude, & de igual autoridade, & letras, escolheu ao Padre Gonçalo Alvares, o qual, com humamor te tam gloriosa, veyo a co-roar sua sancta vida.

P. Manoel
Lopes de
Bulham,
cabou em
u naufra-
gio cõ o P.
Gonçalo Al-
vares.

10 Morreo tambem naquelle mesmo naufragio o Padre Manoel Lopes de Bulham, que no mesmo tempo tinha entrado na Companhia, natural da cidade de Lisboa, muy illustre por sangue (cunhado de D. Pedro de Meneses, irmam de Dom Duarte de Meneses, Visorey, que foy da India) & parente, conforme muitos diziam, do nosso Sancto Antonio de Lisboa: era este bom Padre homem de grande exemplo, & virtude, zeloso do bem da Companhia, fora Reytor no Collegio de Braga, & Vicereytor no de Coimbra; & nesta jornada da India, & Iapam, escolhido por companheiro do Padre Gonçalo Alvares, na visita, que hia fazer a aquellas partes do Oriente; & finalmente companheiro tambem do naufragio, & morte bemaventurada, pois foy

por obediencia, em ajuda dos proximos, & serviço de Deos.

CAPITULO XII.

Como neste anno em que entramos de 1550. os serenissimos Infantes Dom Luis, & Dom Henrique, pediram missões da Companhia pera suas terras, & de outras, que o Padre mestre Simam repartio pelo Reyno.

1 **E**Ntramos no anno de 1550. em o qual o Padre mestre Simam repartio muitos missionarios pelo Reyno; que quem, com tanto cuydado mandava prégadores ás mais remotas partes dos dous mundos Oriental da India, & Occidental do Brasil, nam se podia esquecer d'aquelles, q lhe ficavam mais perto em Portugal; principalmente porque de muitas partes do Reyno acodiam ao Collegio de Coimbra, pedindo missões; a todos acodio o Padre mestre Simam, mandando huns ao Porto, outros a Braga, a Ponte de Lima, & a Portalegre, sentindo o Reino em tam varias partes a melhoria de vidas de seus morado-

res,

Anno de
Christo de
1550.

486

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cõpanh
II.

Missã
ao
Priorado
do Crato.

res, & alivio de suas consciencias. Nam foram neste anno os ultimos (que levados desta fama, pretendêram pera suas terras tam fructuosos obreiros) os serenissimos Infantes Dom Luis, & o Cardeal Dom Henrique; os quaes, como tam piedosos, mandaram ao Padre mestre Simam pedir prégadores pera as terras de sua jurisdiçam: o Infante Dom Luis, pera o seu Priorado do Crato, da gram commenda de Malta, aonde foram os nossos em missã, & fizeram muito fructo, em particular na villa da Sertã, com singular proveito da terra, & gosto de sua Alteza.

Missã
ao
Arcebispa
do d'Evora.

2 O Cardeal Infante (que já hia perdendo as sospeitas passadas, que do nosso instituto tivera, por roim enformaçam de alguns emulos mal intencionados) movido com o exemplo, & praticas de seu irman o Infante Dom Luis, pediu tambem missionarios pera o seu Arcebispado d'Evora, pera o qual foram designados oito Padres; os quaes se dividiram, conforme as ordens do serenissimo Principe, pelas principaes partes de sua diecese; obrando todos com o fervor, & exemplo, que delles a Companhia esperava, & os povos necessitavam. Teve entre estes oito Padres grande eminencia o Apostolico varram o Padre Manoel Fernan-

des, a quem coube na repartiçam a villa de Avis, cabeça da insigne ordem militar de Sam Bento; ao qual o espirito, & o talento com grande felicidade favoreciam, de quem logo faremos larga mençam: & ao bom successo d'estes Padres devemos em grande parte o bom conceito, que de nós cobrou este Senhor, & o bom acolhimento, que nos fez no seu Arcebispado, no real Collegio, que nos fundou, & Vniversidade, que nos entregou, como veremos nesta historia.

3 Tambem o Reyno do Algarve participou d'este bem, deferindo o Padre mestre Simam à petiçam do illustrissimo, & reverendissimo Dom Ioam de Mello, que entam era Bispo d'aquelle Reyno; & d'ahi a tempos succedeo no Arcebispado d'Evora ao Infante Cardeal. A estas terras do Algarve foy enviado o Padre Gonçalo Vaz de Mello, insigne missionario da Companhia (como atrás temos visto) & religioso de grande satisfacçam. Nam se pode encarecer a felicidade, & grandeza do fructo d'esta missã; & como a edificacçam dos prégadores, & a fama de suas obras, se espalhasse em breve pelo Reyno todo, era notavel a instancia dos lugares mais remotos, pera que lhe mandasse lá os Padres, & nam perdessem, por distantes,

Missã
Reyno do
Algarve.

Lib. 2. c. 24.

os proveitosos favores, q̃ outros logravam por visinhos.

4 Partindose o Padre pera a villa da Alagoa, chegando á vista d'ella, achou todo o povo junto, que era de quinhêtos visinhos, que em procissão ordenada vinham a receber o missionario do cêo, com alegres repiques de sinos, musicas de clerigos, cantares de mininos, ramos nas mãos, & alvoroço do povo, representando, em parte, o que houve em Ierusalem na entrada do Salvador: com este prazer chegaram á villa, entraram na Igreja. Pagoulhes o Padre este tam pio recebimento, com lhes prégar logo na mesma Igreja, com tam subida satisfação de todos, que nam houve nenhum dos principaes do lugar, que os nam quizesse levar por seus hospedes, pera sua casa: guardaram porém os Padres seu estylo, em buscar os passos da sancta pobreza, agasalhandose com os pobres do hospital, aonde foy tanta a gente, que concorreo a velos, que foy necessario ao Padre fazerlhe outra pratica, pera os mandar consolados. Aqui se detiveram alguns dias, com grande fructo, & igual consolação de todos. Iunto á cidade de Sylves acharam hum lugar por nome Estombre, aonde os visinhos eram mais de duzentos; porém os odios eram infinitos; estavam divididos em

dous bandos; as mortes eram tantas, as vigias, & cautelas tam repetidas, que mais parecia estarem em fronteira de Mouros, q̃ viver em terra de Christãos. O Bispo em pessoa acodio a serenar estes tufoens, & apagar estes fôgos, mas de balde; porq̃ se guardava esta victoria pera o Padre Gonçalo Vaz, o qual prégoou contra os odios, com tal força de espirito, que no meyo da Igreja, chorando todos mil lagrimas, bradaram a Deos misericordia, & se fizeram amigos; com as mayores demonstrações possiveis.

5 Em Faro o sahiram a receber toda a clerefia, a cidade, & o povo; & depois em forma de comunidade o foram visitar ao hospital, aonde o Padre, conforme seu costume, se recolhia; aly foy muito pera ver a solénidade, com que lhe deram os parabens da vinda; que pera ficarem mais autorizados, falou hum sò, & pera se mostrarem mais cortesãos, & fazerem lição aos Padres, a quẽ tinham por grãdes Latinos, foy a pratica do P. Cura em Latim, q̃ por ser de tal Hortêso, seria muito pera ouvir; toda foy de louvores da Cõpanhia, & de seus ministerios. Acabada a fala, que poucos deviam de entender, logo se explicaram em Português, multiplicando forçosas rogativas aos Padres, pera aceitarem

Como os
missionarios foram
recelidos
em Faro.

Anno de 488
Christo de
1550.

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

*Cabo de S.
Vicente se
chamava
Sacro.*

huas casas nobres, que pera sua morada se tinham preparadas, que o Padre muito agradecéo, mas nam aceitou, por nam agravar a sancta pobreza, com quem já estava agasalhado naquella seu hospital. Foy a festa deste dia muito mais solenne, por succeder esta entrada dos Padres em dia do insigne martyr Sam Vicente, que naquelle Reyno he muy celebrado, & que deo o nome ao Cabo tam conhecido, na costa do Algarve, a quẽ hoje chamamos de Sam Vicente, & antigamente se chamava sacro, & muito mais o ficou depois com o sagrado deposito do corpo do sancto, que aly se descobrio, no tempo do primeiro Rey de Portugal; hoje Lisboa logra a gloria das reliquias, & o Cabo tem a honra do nome. Tomaram os Padres por bom agouro a entrada em tal dia, esperando de alcançar grandes victorias dos vicios, pois os recebia hum sancto, que tinha nome de vencedor. Muito desejavam os desta cidade, que os Padres aly se detivessem mais; porém nam foy possivel despachar selhes a petição, que sobre isto remetêram ao Padre mestre Simam; & assi, depois de dous meses gastados em obras de grande serviço de Deos, se recolheu o Padre Gõçalo Vaz de Mello a Coimbra, tratandose em todo este tempo

com tanta severidade, & aspreza, que sendo de poucas forças, & compreçam delicada, como por vezes temos advertido, com a mesma camisa com que do Collegio de Coimbra sahira, tornou a entrar, sem nũca a mudar, suandoa tantas vezes, em tam grande numero de prêgaçoens; que d'esta maneira procediam aquelles nossos primeiros missionarios; & assim custuma Deos alentar aos que se emprêgã em seu serviço; & se nos expomos ao trabalho, sempre achamos as forças mayores na execuçam, do que o amor proprio nos representa na imaginaçam.

6 O modo com que se haviam estes nossos missionarios, quero aqui apontar, pera nos ficar em memoria, por ser de grande exemplo, & edificaçam; porque todos hiam a pé, com bordoens na mam, & com hum alforgesinho, em que levavam o seu Breviario, com huma Biblia, & algum outro livro espiritual; nenhum dinheiro levavam, nem outro provimento, por hirem mais entregues nas paternaes mãos da providencia divina; pediam esmola de porta em porta, dormiam no cham, ou pelas eiras no campo, & pelas casas pobres, & hospitaes no povoado, sem permitirem nenhum outro gasalhado; procediam com tanta pobreza, com

tal

Anno d
Copanha
II.
Grãde af
pereza c
q se trata
va o P. Gõ
çalo Vaz d
Mello.

Direiçam
q guarda
va os nos
sos missio
narios.

tal modestia, & humildade, que o muito fruto, que recolhiam, mais o alcãçavam por efficacia do exemplo de suas pessoas, que por eloquencia dos seus sermões. Tanto que chegavam a algum lugar, logo acodiam á Igreja; & havida licença do Parocho, corriam logo a terra toda, tangendo hum d'elles a campainha, & ajuntando o povo, pera fazerem a doutrina, & este era o primeiro final, que se dava de terem os Padres chegado a alguma parte; & tambem este era o primeiro repique de guerra, que se tocava contra os vicios; & porque a gente das aldeas anda ordinariamente occupada de dia em grangear sua vida, ajuntavam os Padres a esta gente, depois das Avemarias, ou em alguma Igreja, ou em algum alpendre, & ahi lhes ensinavam a doutrina: eram grandes os concursos, acodindo todos, levados ao principio da novidade de taes mestres, & prégadores, & depois movidos, pelo muito proveito, que experimentavam os discipulos, & os ouvintes. A estima, que à gente fazia, de tam apostolicos missionarios, era grandissima, tendoos por homens sanctos, vindolhe tomar a bençám, & a pedir a mam, & a beijar o mantão. Quando passavam por algu-

ma rua, sahiam os homens, & as mulheres pelas porras, & pelas janelas, pera os verem, nam se fartando de lhe lançar bençoens, chamando-lhes sanctos, dando graças a Deos, por verem (como elles diziam) tanto bem em suas terras.

7 D'esta maneira sahiram o Padre Gonçalo Vaz, com seus dous companheiros, & correram todo o Reyno do Algarve. D'esta maneira o Padre Valeriano Mendes, missionario verdadeiramente apostolico, foy à villa de Bouzella, patria do Padre mestre Simam, & a suas aldeas, & lugares visinhos; & tambem lhe coube hir a Ponte de Lima, que andava dividida em dous bādos, com odios infernaes, & a deixou em paz, cō hum trabalho incãfavel, & com hum successo muy glorioso. D'esta maneira entraram pela comarca de Figuerò, & Pedrogam o Padre Melchior Nunes Barreto, & o Padre Ioam de Gouvea; & d'esta maneira sahiram no mesmo anno, pera a villa do Sardoal, & seu termo, o Padre mestre Diogo Vieira, com seu companheiro; & o Padre Luis Gonçalves, Ignacio de Azevedo, & outros apostolicos varoens, de que abaixo falaremos, fizeram gloriosas entradas, pela Beira, e entre Douro, e Minho.

b
Vide lib. 1. c.
32. n. 8.

Insignes
missionarios
d'aquelle tē-
po.

Anno de
Christo de
1550.

490

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Nam me detenho em singulari-
zar as obras de serviço de Deos,
& os fructos tam acesoados, que
se colhiam d'estes trabalhos,
por me nam deter, em cousas, q
em nossas missoes sam muy cõ-
tinuas, & tiveram sua origem
nestas primeiras, que estes nos-
sos Padres exercitaram, & hoje
vemos continuar nos missiona-
rios, que todos os annos sayem,
ao menos pela quaresma, com
grande fructo das almas; mu-
dança de costumes deprava-
dos, honra da Companhia,
confusam do inferno, & gloria
divina; agora veremos, outra
missam, que o Padre mestre Si-
mam neste anno de 1550. mã-
dou ao Brasil.

CAPITULO XIII.

*Manda o Padre mestre Si-
mam neste anno de 1550.
quatro Religiosos ao Brasil,
pera ajudarem ao Padre
Manoel de Nobrega,
superior daquella
missam.*

Tanto que no Colle-
gio de Coimbra se
começaram a ler as
cartas, que o Padre Manoel de
Nobrega, & seus companheiros
mandaram do Brasil, pera onde

tinham hido o anno atrás de
1549. (como temos cõtado) e se
ouviram as boas novas, q vinha
da vastidã de terras, & multidad
de gentios, & grande falta de
obreiros, que cultivassem aquel-
las asperas montanhas da gen-
tilidade, nam se pòde facilmete
crer o grãde fervor, que de no-
vo se ateou naquella sancto Col-
legio, desejando todos, & pretẽ-
dendo cada hum a gloria desta
trabalhosa missam; porque atẽ-
gora Deos nosso Senhor cõmu-
nicou sempre à Cõpanhia este
tam grande zelo, & fervoroso
desejo da salvaçam das almas, &
conversam de infieis, de sorte q
mayor he o trabalho dos supe-
riores, neste particular, em hir à
mam aos grandes fervores, com
que se criam os nossos religio-
sos em Portugal; & assim pouco
lhe custou ao Padre mestre Si-
mam mandar ao Padre Manoel
de Nobrega algum socorro de
obreiros, pera o ajudarẽ a esmou-
tar, & rõper aquellas terras tam
sylvestres da gẽtilidade do Brasil.

² De todos os pretendentes,
q estavam com os olhos lãgos,
esperado o despacho da missam,
escolheo, & nomeou ao P. Salva-
dor Rodrigues, homẽ de grãde
virtude; o qual trabalhou no Bra-
sil, cõ hũ espirito incansavel, cul-
tivado aq̃lles barbaros, domesti-
cãdo aquellas feras, bautizando
a muitos, & ajudãdoos a todos,
como pay, & mestre de cada hũ:

era

Anno
Cõpanh
II.

Grãde
vor de
soes, q
pre hou
entre o
nossos.

P. Salva-
dor Rodri-
gues voy
missam a
Brasil.

era homem de maravilhosa simplicidade, & admiravel obediência; de sorte, que não fazia cousa alguma, sem particular ordem, & direiçam do superior; & porque neste particular pudera contar muitos casos, só quero apôtar hum, que mostra bem a innocencia, & obediencia d'este servo de Deos.

3 Andado elle já muy doente, & consumido nas forças (por causa dos grãdes trabalhos, que na conversam d'aquelles Indios tinha padecido) & estando na cidade da Bahia, acertou de se partir o P. Manoel de Nobrega, seu superior, pera a Capitania de Sam Vicente, o qual lhe disse:

Animayyos, Padre, nam morrais, até que eu torne a esta cidade; tomou isto o bom Padre tanto de véras, & com tanta singeleza de obediencia, que crescendo a doença, até o por quasi no fim, todo seu trabalho era dizer, que estava sentindo de não morrer, & hir gozar da vista de Deos, que tanto desejava, porque não tinha licença, até a tornada do Padre Provincial, que não poderia ser senão d'ally a muitos meses.

4 Assim foy este innocente Padre continuando na vida desesperada já de todos, & desconfiada dos medicos, querendo Deos nosso Senhor, q a morte, q a nada tem respeito, a tivesse a simplicidade tão sancta, & obe-

diencia tão perfeita, dando tre-goas, pera que viesse finalmente a morrer com licença de seu superior, porque chegando neste tempo de Portugal o Padre Luis da Grã, que vinha por collateral do mesmo Provincial do Brasil (& contandolhe a resignaçam na sancta obediência do enfermo, q por outra parte estava pensando, no estremo da fraqueza, & com ardētissimos desejos de se ver com Deos nosso Senhor) lhe tirou o escrupulo, dizendolhe q bẽ podia morrer quietamente, porq elle, pela commissam, q trazia do P. M. Simam, & poderes, q tinha de superior, o podia desobrigar da obediência, que dizia lhe tinha posta o P. Manoel de Nobrega: auida esta licença, com grãde cõsolaçã de sua alma, como se sua mã estivera o partir desta vida, tratou logo, com muita alegria, de morrer, alvoroçadose pera a partida, q elle sempre tinha pedido a Deos, q fosse em dia da Assumpçam da Virgẽ sacratissima Senhora N. de quẽ elle era devotissimo; & assim recebidos de novo os sacramẽtos esteve em seu perfeito juizo, até a meya noite da vespõra d'Assumpçam d'esta Senhora, no qual ponto entrou em passamento, e deo seu espirito ao Senhor, entrando nas primeiras horas do dia da Assumpçam, pera hir gozar da vista de Deos, & da Virgem sanctissima na gloria,

P. Salvador Rodrigues veyo finalmente a morrer por obediência.

Notavelin
ocencia, e
singeleza
do P. Sal-
vador Ro-
drigues.

em o dia da mayor festa, & triumpho d'esta Senhora, a quem tam bem tinha servido, como humilde servo, & obediente Capellam, que com rezam podia dizer à imitação de seu Mestre, & Senhor, que fora obediente até a morte.

^a
Al Phil c. 2. n.
8. Factus obed-
iens usque ad
mortem.

*P. Frâcis-
co Pires
vaytambê
per o Bra-
sil.*

5 O outro escolhido pera o Brasil, foy o Padre Francisco Pires, varam verdadeiramente dos escolhidos de Deos, por seu grande exemplo, & extrema da virtude, o qual trabalhou muito naquella Provincia, confessando, prégando, & ensinando os mininos, & ajudando os Indios, do modo que melhor podia, porque nam podendo tomar a lingua da terra, se aproveitava de interpretes, por meyo dos quaes fez grandes serviços a Deos. entre aquellas. Brasis. Pouco depois de sua chegada, foy mandado pelo Padre Manoel de Nobrega, com alguns companheiros, à Capitania de Porto seguro, pera ahy dar principio a huma residencia da Companhia, como em effeito fez; edificando em hum outeiro huma casinha, pera os nossos religiosos se recolherem, & ajudando a fazer a ermida de nossa Senhora d'Ajuda, tam frequentada hoje, & tam celebre, em rezam da fonte milagrosa, que (como atr s^b disse-mos) a Virgem sanctissima, que

^b
Lib. 3. c. 8.

he fonte de graças, & favores, fez arrebentar naquelle outeiro: & nesta assinalada merce da Senhora, teve o bom Padre Frâcisco Pires muita parte, porque elle foy o que dizia a missa, quando no meyo della começou a correr a milagrosa fonte. Foy superior em muitas residências d'aquella costa, & rector do Collegio da Bahia; & depois de muitos trabalhos, & caminhos e serviço das almas (até chegar de puro cãção a lãçar sangue pela boca) veyo finalmente a acabar ethico, no mesmo Collegio, recebendo os sacramentos, com grande edificação dos presentes, & dando notaveis mostras da entranhavel devaçam, que sempre tivera à Virgem sanctissima Senhora nossa, à qual decontino fazia suavissimos colloquios, & com elles na boca espirou, com grande consolaçam de sua alma, como bẽ indicia no exterior; q̃ nam podia a Virgẽ sanctissima deixar de favorecer naquella hora, cõ enchete de graças divinas, a quẽ em vida tinha socorrido, cõ abundância de agoa tam perenne.

6 O terceiro companheiro foy o P. Manoel de Payva, o qual entrou no Collegio de Coimbra sêdo já sacerdote, & cura de almas, homẽ de muita paz, & asêto, de grãde chaneza e seu trato, & synceridade e sua cõversação, como outro Natanael e quẽ

*Teve m-
ta parte
milagre
agoa de
Senhora
d'Ajuda*

*P. Man-
de Pay-
vaytam-
ao Bras-*

^c
Ioa. c. 1. n.
Vere Israel
in quo dol-
non est.

nam

nã havia engano, nẽ malicia; em prova do qual contarei o q̃ lhe succedeo nos primeiros dias de sua entrada: estãdo recolhido ẽ exercicios espirituaes, como he custume da Cõpanhia (descuydãdose a caso o Irmam noviço, q̃ tinha cuydado de lhe levar de comer por se a ter a outro) passou dous dias inteiros ẽ jejũ natural, s̃ẽ comer, nẽ beber: & como elle era tã syncero, nã quiz lēbrar nada ao Irmam, havẽdo q̃ poderia aquilo ser regra, ou estylo da Religiam, naquelles primeiros dias, pera prova de sua paciẽcia; mas ao terceiro dia, como a fome ofosse apertãdo mais, cõ a mesma cãdura de sua alma, entrou ẽ outro pẽsamẽto, occorrẽdo-lhe, q̃ por pobreza do Collegio, nam haveria q̃ lhe dar a comer: & logo descursãdo, se trazia ainda cõsigo algũa peça, cõq̃ pudesse socorrer ao Collegio naquella falta, que a elle tãto lhe abrangia, nam achou o P. Cura mais q̃ hũas luvas, unico despojo do q̃ no mũdo deixãra; estas, cõ muita synceridade, entregou ao Irmam, pera q̃ por ellas cõprasse algũa cousa de comer, se por vẽtura a nam havia ẽ casa: entendẽo o Irmam o q̃ passavã, cahio ẽ seu descuydo (q̃ em noviços nã foy este o primeiro, nẽ serã o derradeiro) deo conta ao superior, o qual, posto q̃ sentio a falta, estimou muito a paz, & sofrimẽto do bom sacerdote, que

nesto caso deo mostra de quãto Deos havia de fazer por meyo de sua humildade, & sancta simplicidade, ao diante.

7 Cõtarei outro caso, nacido da mesma synceridade, & bõdade d'este verdadeiro Israelita. Vẽdo elle a grãde falta do necessario, cõq̃ os Padres naquello tempo passavam no Brasil, nam tendo cõ que se sustentar a sy, nem com que acodir aos pobres, & doentes, principalmente Indios novamente convertidos, a que elle muito desejava favorecer; tendo diante dos olhos o exemplo de Sam Paulino, Bispo de Nola, que se fez cativo dos Vandalos, por libertar ao filho de huma viuvã de seu Bis-pado, desejou com muita synceridade, que o vendessem, pera remediar os Padres, & acodir às faltas, que havia nas Igrejas, entre os Christãos, que de novo se bautizavam. Vendo o Padre Manoel de Nobrega o animo cõ que o P. Payva se offerrecia pera o venderẽ, querẽdo, como homẽ de tã alto espirito, deixarnos, neste humilde servode Deos, hum raro exemplo de charidade, lhe disse, que lhe agradecia muito aquella boa vontade, & que era contente, que o vendessem; entregao logo a hum corretor de escravos, que o trouxe com pregam publico, por muitos dias, pelas ruas, & pelas praças, como se

Offerrecio-se pera ser vendido, pera ajuda do sustento dos Padres

Sur. in vita S. Paulini. mense Junij, die 22.

costumava fazer naquella nova cidade da Bahia: aos escravos; continuando tanto nisto, que nam faltou hum cidadam (que tambem nam devia de ser dos mais maliciosos) que lâçasse cento, & vinte cruzados por elle, pera o ter por Capellaõ em sua fazenda: aqui era muito pera ver a sancta simplicidade, cõ que o Padre regava ao lançador, que dẽsse mais algũa coufa, porque os Padres estavam muito pobres, & que elle o serviria valentemente, offerecendo-se a todo o serviço de casa.

Como cessou estavêda do P. Payva.

8 Assim andou o bom Padre por alguns dias em leilam, atè que dando conta ao Padre Nóbrega, quanto se subia no preço, & quam de veras tratava o Padre Payva de sua venda, o mandou vir pera casa, & declarou a todos o que pretendêra com esta almoeda, que nam era vender ao Padre (a quem estimava em preço infinito) mas que sò queria dar mostras ao mundo da grande charidade, & humildade deste grande servo de Deos. A estes extremos, tam fora da opiniam, & juizo dos homens, chegaram os Sanctos, pelo amor que tem a seus proximos, que na verdade nam sam excessos, nem extremos, a respeito d'aquelle excesso de estremado amor, do supremo Rey da gloria, que

nam sò desejou de ser vendido pelos homens, a quem tanto amava, mas effectivamente o vêderam por trinta dinheiros; & com este raro exemplo se vem a persuadir os verdadeiros servos do Senhor, que entam valẽ mais, quando por elles dam menos.

9 Nam se pôde dizer, em poucas palavras, o muto que este bom Padre servio a Deos nosso Senhor, nas partes do Brasil, ajudando aos Portugueses, & hindo sempre diante nos seus exercitos, contra os barbaros, & gentios Tamoyos, com huma cruz arvorada diante de todos, sendo o primeiro em acometer (porque era homem robusto, de grandes forças, que a nenhum trabalho se negava) & ficando sempre o ultimo em se recolher: por cujo meyo alcãçaram os Portugueses gloriosas victorias d'aquelles crueis inimigos; & succedeo algumas vezes, que despedindo contra elle os barbaros innumeraveis frêchas, sêdo tam certos no atirar, de nenhuma permittio Deos, que o acertassem, nam sem grande espanto dos mesmos Tamoyos, que depois perguntavam quem era aquelle de huma roupa cõprida, que andava com huma cruz na mão, diante de todos, ao qual nenhum de seus grandes tiradores podiam fiêchar. Com o mesmo cuydado solici-

Fez grandes servicos a Deo no Brasil ajudando os Portugueses contra os Tamoyos

tava o bê dos Indios, que se cõ-
vertiam, dos quaes era hum pay
commum, tido, & conhecido
por todos nesta conta. Final-
mente nestes, & outros sanctos
exercicios gastou a vida o bom
velho Manoel de Payva, atẽ
nosso Senhor o chamar pera sy
com huma doença prolongada,
que passou na Capitania do Es-
pirito sancto, sem com ella dar
trabalho, nem molestia a alguẽ,
atẽ acabar sanctamente car-
regado de dias, & cheyo de mere-
cimentos.

*Affonso
ras foy o
quarto des-
ta missam
do Brasil.*

O quarto d'esta mis-
sam foy o Padre Affonso Bras,
superior dos mais, homem de
grande virtude, & muy digno
do cargo, que lhe deo o Padre
mestre Simam, pois como supe-
rior sempre foy diante dos cõ-
panheiros, no exemplo, & no
zelo das almas; cujas grandes
virtudes eu apontara aqui, se a-
chasse noticias particulares;
mas deixo isto aos Padres do
Brasil, que espero que na sua
Chronica apontarã os exem-
plos, & virtudes d'estes servos
de Deos, que foram, segundo
entendo, os ultimos missiona-
rios, que o Padre mestre Si-
mam d'estes Reynos mandou
pera o Brasil, cujos matos bra-
vios vemos hoje amansados, &
transformados em huns novos
campos Elysios, os quaes, culti-
vados pela mam d'estes bendi-
tos Padres, vam a todo o tempo

dando perpetuas flores, como
d'aquelles cantavam^d, & con-
tinuos fruitos de bençam, com
que edificam os homens, &
alegram os anjos. E nos agora
sahindo do Brasil, chegemos
ao Collegio de Coimbra, acõ-
panhando ao serenissimo Rey
Dom Ioam.

^d
Cland. de rapt.
lib. 2.
Ze phytis illie
melioribus ha-
lant Perpetui
flores.

CAPITULO XIV.

*Da jornada, que fez elRey
Dom Ioam o terceiro a Co-
imbra, a visitar a sua
Universidade, & o seu
Collegio da Com-
panhia.*

FOY elRey Dom Ioam
o terceiro hum dos fe-
licissimos Principes, q
teve o mundo, porque soube
procurar em seus Reynos a sa-
bidoria, & a valentia, soube ser
sabio, & soube ser valeroso: foy
hum Salamã dos seus tem-
pos, no zelo, que teve em fazer
sabio o Reyno, que governava;
& foy hum Alexandre em cõ-
servar com grandes cuydados
as acçoens militares, que no
Reyno havia, nacidas d'aquel-
les generosos Portugueses, que
trouxeram assombrados no O-
riente os Mamalucos do Egypto

*Felicida-
des delRey
D. Ioam o
terceiro.*

Anno de
Christo de
1550.

496

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

(no tempo dos Soldaões d'aquelle Imperio) & no Oriente os Baxàs de Turquia, os Ianizaros de Constantinopla, rija força da tyrannia Othomana, prostrada porém à vista das bandeiras Lusitanas, no primeiro, & segundo cerco de Dio, que com grãde gloria d'esta coroa, sustentaram, & defendéram aquelles dous rayos da guerra, Antonio da Sylveira, & Dom Ioam Mascarenhas, insignes capitaens de tam conhecido valor, que nam tem que envejar Portugal aquelles celebrados Gregos, & Romanos, que a fama com mais empenhos apregoa, & o mūdo com mais louvores solenniza.

*Rezã, q
teve pera
trazer as
sciências a
Portugal.*

2 Nam foy este grande Principe menos venturoso em conquistar, & conservar Reynos, que em cultivar, & policiar entendimentos. Advertio o sábio Rey, que os seus Portugueses eram mais déstros nas armas, que nas letras; & que eram mais inclinados a conquistar terras com violencias da lança, que a render vontades com luzes de sciencia: tratou de ajuntar a sabiduria com as armas; porq nam foy esta a primeira vez que se germanaram; que em ambas se assinalou hum Cesar, & outros muitos, que sabiam levar em humamam o livro, & na outra a lança: & he resoluçam infallivel entre os

melhores Eltadistas, que nam pôde cōtinuar os successos felices das armas, senam hã progressos ditosos das letras. Em rezã disto fez hũa Vniversidade, escolhêdo pera ella o sitio em Coimbra, a qual dotou, & enriqueceo dos sobejos, & grandezas do real mosteiro de sancta Cruz, (obra realenga do progenitor dos Reys d'este Reyno, o insigne Dom Affonso Henriques, fatal, & primeiro fundador da Monarchia Lusitana) Ficou d'esta maneira o Reyno illustre na valentia das armas, & autorizado pela fama das letras; & ficou o mundo perdendo a romim opiniã, que tinha dos Portugueses, aos quaes julgavam por valentes soldados, mas por fracos letrados; & ficaram os estrangeiros entendêdo, que nam tinhamos menos cabedal, pera proseguir hum argumento na Cadeira, que pera esgremir huma espada na guerra.

3 Trouxe o sábio Rey a esta sua Vniversidade, em seus berços, doutores estrangeiros, como amas de gente innocente; em sua virilidade, hombridade, & mayoridade, sahio logo a real eschola, com tam fecundos partos nas sciencias Iuridicas, Canonicas, & Theologicas, que escusou mestres forasteiros, & os pode emprestar dos natuaes: & pera que esta tanto sua

Vni-

Anno d
Cōpanha

I I.
Vide Postore
Ioannem Pin
Ribeno, trad
doctissimo o
preferentia l
teratum.

Como fun
dou avn
versidade
de Coimbra

Vniversidade ficasse mais auto-
rizada, & augmentada, fundou
na mesma cidade o seu real
Collegio da Companhia, que
muito trazia nos olhos, & nos
cuydados, com outros mais ge-
nerosos intentos da conversam
de suas grandes conquistas à fê
Catholica, & Igreja Romana.

4 Tinha elRey grandes
desejos de ver com seus olhos
estas duas obras tão suas, assim
a Vniversidade, como o Colle-
gio; & pera que o bom logro
desta visita ficasse dobrado, le-
vou consigo a Rainha Dona
Catherina sua molher, com to-
da a corte, & mais nobreza de
seus Reynos. Chegou a Coim-
bra; foy ver a sua Vniversidade:
com grãde gosto seu, & applauso
cômū, entrou pela primeira sala
dos autos, vio aquellas officinas
da sabiduria, honrou cō sua pre-
sença todos os gēraes das escho-
las (que esta vez, & outra sōmen-
te se viram autorizados com as
pessoas reaes, deste serenissimo
Rey, & de Dom Sebastiam seu
neto) ouvio com grande affa-
bilidade as lições aos mestres,
nam se dedignando hum Mo-
narcha tam poderoso, de se fa-
zer discipulo, & ouvinte de
mestres tam aventajados; & de
someter à sabiduria seu real
sceptro, & sua coroa soberana;
como antigamente succedeo ao
grande Pompeio, triumphador
das tres partes do mundo, quã-

do voltando vencedor da Asia
conquistada, chegou a Rhodes,
cidade, que florescia em letras,
& foy ouvir, com notavel bene-
volencia, todos os mestres: &
depois em Athenas, entrando a
visitar ao Philosopho Posido-
nio, lhe rendeo, & abatèo a por-
ta aquelles seus fascas laurea-
dos, & ennobrecidos com os tri-
umphos de Mithridates, & com
as victorias de Tigranes; jul-
gando, que entam ficavã mais
vencedores do mundo, quando
mais sometidos à sabiduria.

5 Depois de autorizada
a Vniversidade, com tam real,
& benevola visita, tratou elRey
Dom Ioam de visitar tambem
o nosso Collegio de IESV, aon-
de o levava o coração, & o de-
sejo de ver aquelle illustre mor-
gado de sua affeição, & amor.
Estava entam o edificio ainda
muito em seus principios, & cō
muito menos sumptuosidade do
que hoje vemos, assim no ma-
terial da fabrica, como no nu-
mero dos Religiosos, a respeito
do que hoje temos; & posto que
já era copioso, com tudo as ca-
sas eram muy humildes. Nam
se dedignou este augustissimo
Principe de entrar em edificio
tam apertado; o que nelle ha-
via mais pera ver, eram os Reli-
giosos, que o novo Collegio
criava, que em numero já che-
gavam a cento & sincoenta, &
faziam a mayor communidade

Foy visitar
o nosso Col-
legio de
IESV.

Visitou a
Vniversi-
de, & ou-
vio os me-
stres.

Plutarc in vita
Magni Pompeii.

do

Anno de
Christo de
1550.

498

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cõpanh
II.

Ambrosio, ad illud Gen. 1. n. 31. Vidit Deus cuncta, quæ fecerat, & erant valde bona.

Grãde go-
sto, q̃ mos-
trava em
ver os nos-
sos religi-
osos.

do Reyno. Nam tinha o Collegio pessa, em que sua Alteza os pudesse ver todos juntos, como quera; & por isso, em hum grande terreiro do sitio, os dispos em ordem o Padre mestre Simam, pera que elRey visse a cada hum, & com tam bons olhos, & com tam benigna vista os abençoasse a todos, pera se multiplicarem em numero, & pera crescerem na virrude; que he o que sancto Ambrosio disse de Deos nosso Senhor, quando, depois de criadas as criaturas, em todas poz os divinos olhos, *Dignitate aspectus bonitatem operi conciliabat*: assim nos succedeo aqui nas tenras plantas do Collegio, & de seus subditos; & assim como creceo o mundo a olhos vistos, depois de Deos lhe por os olhos; creceo a obra do Collegio, depois d'este saudavel olhado, com tal luzimento na fabrica, que he hoje humas das mais sumptuosas da Christandade, & com tal augmento no numero, que tem este passado de duzentos, & sincoenta religiosos.

6 Foy o benignissimo senhor correndo muy devagar os olhos por aquelles seus queridos Religiosos; nam podia haver pintura de mais subida valentia, nem quadros Apellineos de pincel mais peregrino, que mais enlevassem os reaes olhos, do que foy a religiosa, & alegre

vista d'stes animados retratos da modestia, & d'estas vivas imagens da virtude. Nam lhe bastava velos huma sò vez, por muitas punha nelles os olhos muy devagar, com grande satisfacão de sua alma, pela humildade, & modestia, que mostravam na exterior composiçam, & em seus religiosos aspectos; deleitandose muy de espaço, em considerar, & em ver aquelle espectáculo da modestia, aquelle theatro da virtude, & aquelle novo parto, que ao mundo sahio, nacido das entranhas de sua real benevolencia. Aqui se renovou, em parte, aquella visita, que o sanctissimo Papa, Innocencio II. fez ao mosteiro de Claraval, aonde o que mais lhe levou, & enlevou seus olhos, foram os olhos modestos d'aquelles sanctos monges, discipulos queridos, & filhos espirituaes de Sam Bernardo.

7 Nam se contentou sua Alteza só com ver estes seus amados porcionistas, tambem falou com alguns delles, em particular com Dom Theotonio de Bragança seu sobrinho, louvandolhe já a escolha, que fizera em deixar o mundo pela Religiam; falou a outros, que do serviço do paço conhecia, agasalhando, & festejando a todos com real affabilidade, com graça nos olhos, & com a boca

cheva

b
In vita D. Be-
Ribad. pag.
218. item St.
20. Augusti.

Da muit.
benevolẽ
cia, com
agasalha-
va os rei-
giosos.

chey a de riso. Assistia, & presidia a este notavel auto o Padre mestre Simam, dando a sua Alteza noticia das partes, talẽtos, & condiçã de cada hum; apõtandolhe o numero dos theologos, que entã eram quarenta, & muitos de sinco, & quatro annos de Theologia; mostravalhe os Artistas, os Humanistas, todos applicados ao estudo das letras, com intençã de conversã dos gentios. Parecia aquellẽ Collegio huma Companhia de anjos militantes cõtra a ignorancia, cõtra os vicios, & profanidades mundanas. De tudo isto concebia o magnifico Principe grande consolaçã, pois tudo redundava em sua gloria, vendose autor de tam grande felicidade: por tudo dava a Deos as devidas graças, dãdose por mais ditoso, que elRey Dom Manoel seu pay, pois ally tinha soldados tam escolhidos, com os quaes esperava fazer ao Oriente mayor proveito, allumiandoo com prẽgaçoens, do que seu pay fizera conquistandoo com armas.

8 Sahiose finalmente do Collegio o esclarecido Principe, deixando porẽm nelle o coraçã, & a affeiçã, & se voltou pera Lisboa, & tambem o Padre mestre Simam tratou de deixar Coimbra, & sahir de Portugal, hindose a Roma, pera onde o chamava nosso sancto

Patriarcha, pela causa, que logo apontarei.

CAPITULO XV.

He chamado a Roma o Padre mestre Simam, por nosso sancto Patriarcha: manda diante o Padre Dom Gonçalo: & como provéo os officios, que tinha de mestre do Principe, & Provincial.

I. **M**Vy bem occupado andava o Padre mestre Simam, assim em acodir ao paço, pera a criaçã do Principe, de quem era mestre, como em assistir ao governo da Companhia, de quẽ era Provincial: foylhe necessario enterromper huma, & outra cousa, pela rezã, que aqui apontarei. Desejava muito nosso sacro fundador Ignacio fazer em Roma hũ modo de congregaçã gẽral, em q ajuntasse todos os primeiros Padres, que houvesse em Europa, com outros dos mais antigos nos annos, & mais autorizados em letras; assim pera lhes communicar as constituicoens da Companhia, como pera renunciar o cargo de gẽral, de que muito dese-

*Rezoens, q
houve pera o P. M.
Simam ser
chamado
a Roma.*

*Quanto se
legrou el
Rey cõ esta
vista.*

Anno de
Christo de
1550.

500.

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
I. I.

delejava aliviar-se. Escreveu o sancto Patriarcha ao serenissimo Rey Dom Ioam, pedindo-lhe nisto beneplacito, & escreveu ao Padre mestre Simam, ordenandolhe, que havendo licença de sua Alteza, logo se puzesse ao caminho de Roma. Chegaram estas cartas a Lisboa, antes d'elRey se partir a Coimbra, a visitar a Vniversidade, & o Collegio; nam quiz elle, que o Padre se fosse a Roma, antes de se fazer esta jornada, pera que o mesmo Padre mestre Simam, lhe offerecesse, & mostrasse aquellas novas plâtas, que elle mesmo tinha criado, naquelle jardim tambem regado, com favores divinos.

2 Acabada a visita, que elRey fez a Coimbra, tornou o Padre mestre Simam a pedir, com mayor instancia, a licença, pera hir aonde seu sancto Padre o chamava, a qual veyo a conceder sua Alteza, antepondo o bem commum da Companhia a seu commodo particular. Havida a licença, começou o Padre mestre Simam a tratar d'esta sua romaria, & da do Padre Dom Gonçalo da Sylveira, da qual he bem que miudemmos neste passo as circūstancias, pera que d'ella se aprenda, em tempos presentes a edificacão, com que nos passados se caminhava, em semelhantes peregrinaçoens. Ordenou o Pa-

dre sancto Ignacio ao Padre mestre Simam, que fossem de Coimbra a Roma nesta occasiã algũs Theologos dos q̃ já eram passantes, & de mayores esperanças, pera que hindo a Roma, vissem a Companhia em sua fonte, & voltando a Portugal, enformassem aos mais Irmãos do que tinham visto naquelles Padres. Resolveo o Padre mestre Simam, que fossem tres, o primeiro, o Padre Gonçalo da Sylveira, o segundo, o Padre Ioam Ricio Flamêgo, do terceiro nenhũa noticia achei: & porque a partida do Padre mestre Simam se hia dilatando mais, os despachou logo, com ordẽ, que fossem por Gandia, pera naquella Vniversidade tomarem o grão de doutores, assim pera mayor autoridade das letras, que professavam, como pera dar gosto ao Duque de Gandia Dom Francisco de Borja, que assim o pedia, o qual já naquelle tempo era pretendente da Companhia, de quem ao diante falaremos.

3 Nenhuma cousa menos tratava o humilde Padre Gonçalo da Sylveira, que ter o grão de doutor, porque os seus pensamentos nam eram de ter borlas doutoraes, mas de converter casres Orientaes; com tudo aceitou esta mortificaçã, assim por obedecer, como pela occasiã, que se lhe offerecia, de hir,

*Como o P.
M. Simam
mandou a
Roma o P.
Di Gonçalo
da Sylveira.*

*Aceita a
jornada,
pera ver
S. Ignacio*

ver seu sancto Padre Ignacio, em cuja sanctidade lhe parecia que acharia mais que admirar, que nas grandezas d'aquella famosa cidade, cabeça do mundo, & a primeira, & principal, entre suas maravilhas: que se antigamente (como diz Sam Ieronymo^a) aco- diam muitos a Roma dos vltimos fins de Hespanha, & de Frãça, mais pera ouvir a eloquencia de Livio, que pera ver a magnificencia de Roma: melhor fundamento tinha o Padre Gonçalo da Sylveira, pera dizer, que estimava a jornada a Italia, nam tanto pera saber as grandezas da celebrada Roma, quanto pera ver os exêplos do grande Ignacio:

3 Sahiram os tres Romeiros do Collegio de Coimbra, em forma de verdadeiros peregrinos, aceitando os rigores da jornada à imitação da que fizeram os nossos primeiros Padres, hindo de Paris a Veneza, & a Roma. O vestido, que levavam, era pobre; hiam a pè, com bordoens na mam, mendigando pelas portas; levavam às costas huns alforges com os seus papeis. Despejou-se o Collegio, pera sahirem acompanhando os devotos Romeiros, guiando a todos o Padre Luis da Grã, seu Reytor, & seguindo-o hum cento de Religiosos: continuou

o acompanhamento até hum legoa da cidade: parados todos aqui, se rezou, com muita devaçam a Ladainha, a qual acabada, & dados os ultimos abraços, continuaram seu caminho, os que se hiam a Roma, acompanhados de affectuosas saudades, dos que se voltavam pera Coimbra.

5 A obediencia, ou governo dos tres Romeiros, hia á conta do Padre Dom Gonçalo da Sylveira; & porque o seu espirito nam soffria termo em se maltratar, & perseguir, como a capital inimigo, levavam os companheiros huma superintendencia, sobre o tratamento de sua pessoa, pera lhe moderarem os fervores de sua oraçam, & lhe modificarem os rigores de sua mortificação: por maneira, que juntamente ficava subdito, & era superior, tendo o merecimento em obedecer, & tendo a pena de mandar. Caminhando, com esta sancta ordem, chegaram à cidade de Gandia, aonde Dom Francisco de Borja os recebeu, & agasalhou, com os primores de Duque de Gandia, que ainda era, & com o amor de Religioso da Companhia, que já desejava ser. Nam foy menor o cuydado

Como chegaram à Gandia, & foram recebidos daquelle Duque.

Anno de
Christo de
1550.

502

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
11.

charitativo, que o Padre André de Oviedo, Reytor do Collegio de Gandia, teve do bom trato dos peregrinos, que eram já seus intimos conhecidos do Collegio de Coimbra. Chegado o dia do doutoramento, feitos já os autos necessarios, tomou o Duque Dom Francisco a sua conta a solennidade da festa, fazendo tambem os gastos das propinas, com grande contentamento seu; havendo, que mayor honra recebiam aquellas novas Athenas, em encorporar em sy tam nobres Doutores, do que elles em receber tam honrosos grãos.

O q̃ fez em
Gandia o P.
D. Gonçalo.

6 Esperavam os tres companheiros, naquelle posto, pelo Padre mestre Simam, pera continuarem a Roma sua jornada: entre tanto nam estava ocioso o Padre Gonçalo da Sylveira, travou muy particular, & sancta amizade com o Duque; & como se acharam muy semelhantes em espirito, facilmente se ajuntaram no trato, que todo era de Deos, & da mayor perfeiçam, a que cada hum d'elles, muy de proposito, annhelava. Sahio logo do paço ao publico, & começou a pregar com grande zelo. Mas porque lhe pareceo ao Padre Dom Gonçalo, que

nam era a Univerfidade de Gandia praça bastante pera seu dilatado espirito, procurou mudar o sitio, pera ter campo mais espaçoso: com beneplacito do Duque Dom Francisco de Bôrja, & do Padre André de Oviedo, se partio pera Valença, aonde era Reytor o Padre Diogo de Mirâm (que tambem era conhecido seu do Collegio de Coimbra, & primeiro Reytor d'elle) o qual o tinha recebido na Companhia. Nesta cidade foy muy grande o fructo, que recolheo o Padre Gonçalo, das confissoens, a que assistia de dia, & de noite, que me nam detenho aqui agora a referir, porque quem ler o que adiante contaremos d'este admiravel varão, bem entenderá, que o Padre Dom Gonçalo era tam valente operario em Valença, como o tinha d'antes sido em Portugal, & ao diante foy no Oriente.

7 Com estes sanctos exercicios andava todo occupado este fervoroso servo do Senhor; & era tal a fama de suas obras em Valença, que por vezes chegou aos ouvidos d'elRey em Portugal: & porque muito o estimava, & o via já autorizado, com o grão de Doutor, nam quiz que com sua entrada em Roma,

Vay o P. D.
Gonçalo
Valença.

lhe puzessem embargos a sahida, & carecesssem os naturaes deste Reyno, do grande bem, que logravam os estranhos. Sabendo pois, que elle se detinha prégando, & confessando em Valença, esperando pelo seu Provincial o Padre mestre Simam; a este significou o gosto, que teria, em que mandasse voltar a Portugal o Padre Dom Gonçalo, antes de entrar em Roma; & porque a significação da vontade de hum Rey poderoso, custuma ser preceito em hum vassallo obediente, nam pode o Padre mestre Simam deixar de dar gosto a quem tanto o devia procurar; escreveu logo ao Padre Dom Gonçalo, que se puzesse a caminho, & voltasse a Portugal, porque assim lho ordenava sua Alteza. Tanto que o Padre Dom Gonçalo recebeu esta carta, no mesmo dia se poz a caminho, como tam resolutivo, & verdadeiro obediente, sem mais lhe lembrar o desejo, que tinha de hir a Roma, pera ver seu sancto Padre Ignacio, julgando, que mayor era o merecimento, que tinha em obedecer a seu Provincial, que o gosto, que lhe podia resultar de ver a seu Patriarcha.

8 Neste mesmo tempo andava o Padre mestre Simam

preparandose pera a jornada de Roma, tratando do provimento dos officios, que tinha: nomeou em seu lugar, por mestre do Principe Dom Ioam, o Padre Luis Gonçalves, da Camara, que por muitos titulos o merecia; & he muito digno de advertencia, que o mesmo P. M. Simam, que havia dous annos tinha feito ao Padre Luis Gonçalves cosinheiro no Collegio de Coimbra, agora o fez mestre do Principe na corte de Lisboa; como bom superior; que assim como sabia mortificar, tambem queria autorizar; porque nem mortificava por paixão, nem autorizava por lisonja; pondo só diante dos olhos as boas conveniencias de governo, que tal vez ensinam, que levanteis sobre a cabeça o que trazieis abatido debaixo dos pés. Aceitou o Padre Luis Gonçalves (ainda que com menos vontade, que a cosinha de Coimbra) o que agora lhe ordenava a obediencia, em o paço de Lisboa; mostrando, que nam tinha menos humildade pera ser cosinheiro, que talentos pera ser cortesão; porque só aquelle sabe ser bom mestre, que primeiro aprendeu a ser bom discipulo; & aquelle pode com mais luzimento ensinar Príncipes, que soube com

O P. Luis
Gonçalves
da Camara
ficou
por mestre
do Princepe.

Anno de
Christo de
1550.

504

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
1550

OP. Gôça-
lo de Me-
deiros fi-
cou por vi-
ceprovin-
cial.

Lib. I. c. 10.

mais confiança exercitar hu-
mildades.

9 Restava o officio de
Provincial, neste cargo provéo
ao Padre Gonçalo de Medei-
ros, pessoa de cuja escolha nam
podia haver duvida, & muito
menos enveja (se por ventura
houvesse algum, que desejasse
este cargo) porque, quanto à
antiguidade da Religião, a to-
dos precedia; & quanto à vir-
tude, nenhum se lhe aventura-
java. Da vocação á Compa-
nhia deste insigne varão disse-
mos já no cap. 10. do primeiro
livro; de suas virtudes faremos
menção ao diante, neste mes-
mo livro, no anno em que
Deos o levou a descansar ao
cêo. E como o Padre mestre Si-
mam tinha grande noticia das
bondades do padre Gonçalo de
Medeiros, sempre em suas vacá-
cias lhe entregava o governo:
& elle sabia tambem aprovei-
tar-se destas gagens, que dizia,
que aceitava o cargo de supe-
rior, só por hum bem, que com
elle lhe vinha, que era ter li-
cença geral; pera se penitenci-
ar á sua vontade, sem ter su-
perior, que lhe fosse á mam,
(porque sendo subdito, lhe
punham sempre limite a suas
mortificações) tal era o es-
pirito deste bom Padre, que
aceitava os cargos, nam pe-
ra se honrar, mas pera se
mortificar; que se os supe-

riores das Religioens sô pre-
tendessem semelhantes proys,
& percalços de suas prelaçias,
haveria menos ambição, &
governariam com mais quieta-
ção.

CAPITULO XVI.

*Vay a Roma o Padre mestre
Simam: refere-se hum carta
del Rey Dom Ioam, pera o
Papa Iulio terceiro, em abo-
nação da Companhia: dá-se
conta do que succedeo nesta
Congregaçam, a que os
Padres mais antigos
foram chama-
dos.*

1 **P**rovistos os officios do
Padre mestre Simam,
(assi de mestre do Prin-
cepe, como de Provincial) da
maneira que tenho dito, & or-
denadas as cousas da Provincia,
com toda a boa direiçam, que
se podia esperar de tam pru-
dente Prelado; depois de se
despedir de seus subditos de
Coimbra, com mutuas, & sa-
udosas lembranças de parte a
parte, se partio pera Roma, to-
mando primeiro o ultimo bene-
placito de S. A. o qual o recebêo
com

com sua custumada benevolencia; & pera mostrar a opinião, que concebia da Companhia, & amor, q̃ tinha ao Padre, nam quiz que se partisse, sem recõ-mendaçoens suas; assim pelo que tocava ao procedimento gèral da Companhia em Portugal, & no Oriente; como no que pertencia à pessoa do Padre mestre Simam, tam bem visto, & valido de tal Rey: & pera que o mesmo Padre, em tudo, alcançasse o bom despacho dos negocios, que em Roma havia de tratar, sobre cousas tocantes ao bom governo da Companhia, & Portugal, & conversã da gẽtilidade no Oriente, o fez Agente seu, em negocios gèraes, & particulares, de q̃ hia, por instrucçã real, encarregado. Faz fê de tudo isto huma carta sua, que temos em nosso poder, pera o Papa Iulio terceiro, que fora novamente eleito em Vigario de Christo na terra, por morte do sãctissimo Padre Paulo, tambem terceiro (que pera nós sempre será de primeira, & suavissima memoria) a qual succedeo em 2. dias de Dez embro do anno atràs de 1549. o treslado d'esta carta quero aqui por, porque será aos vindouros muy grata lembrança, de tam religioso, & esclarecido Principe, pelo grande zelo, que tinha da salvaçã das al-

mas; & servirá de nos lembrarmos da obrigaçã, que todos temos, de nam degenerar dos altos pensamentos, que seu grande entendimento tinha da primitiva Companhia; diz a carta assim.

CARTA DELREY
Dom Ioam o terceiro,
pera o Papa Iulio
terceiro.

2 **M**uito sãcto em Christo Padre, & muyto bemaventurado Senhor. Vosso devoto, & obediente filho Dom Ioam, por graça de Deos Rey de Portugal, & dos Algarves, com toda a humildade, envio a beijar vossos sãctos pès. Muito sãcto em Christo Padre, & muyto bemaventurado Senhor; sendo informado do fruto, que os Padres da Companhia de IESU faziam em Italia, & outras partes, & como seu estatuto era ordenado, pera espiritualmente ajudarem o proximo, & converterem os infieis, que a este Reyno sam sogeitos, mandei pedir ao Papa Paulo, que me quizesse enviar os ditos Padres, o que sua Sanctidade folgou de fazer, & me mandou dous, das quaes hum delles, que se chama Mestre Simam, por me parecer serviço do Senhor, mandei ficar

Anno de
Christo de
1550.

506. Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno
Cõpanh
II.

Faz elRey
nesta car-
ta mēsam
do P. Anto-
nio Crimi-
nal.

nesto Reyno, pera poder dar prin-
cipio a hum Collegio, aonde agora es-
tam cento & sincoenta estudantes da
Companhia de IESV, a que eu man-
do dar todo o necessario, pera assim co-
mo se forem criando em letras, & vir-
tudes, os mandarem a diversas partes,
a exercitar sua vocaçam. O outro
Padre, que se chamava mestre Fran-
cisco, mandei às partes da India, aon-
de anda (com muitos outros Padres,
que do dito Collegio foram) entendendo
na conversam dos infieis, & ajudando
a bem viver os Christãos, que nas di-
tas partes tenho, pera defensam dellas;
& por meyo dos ditos Padres se con-
verteram a nossa sancta fẽ, em diver-
sas partes, muitos gentios, & infieis;
& isto fazem nam somente com dou-
trina, continuo trabalho, & exemplo
de vida, mas ainda (como por cartas do
Bispo de Goa, & de outras pessoas de
credito, sou certificado) hum del-
les se offerecẽo à morte, com gran-
des sinaes de charidade, por salvar
alguns dos que convertem, que estavam
em perigo de por imigos serem toma-
dos, & tornados a seus erros passados,
& assim soy morto pelos Mouros, co-
mo esforçado servo de nosso Senhor,
& com muita edificaçam dos que o
viram morrer. E por esperar nas di-
tas partes da India, & outras de mis-
sõens, sogeitas a estes Reynos, aonde an-
dam alguns dos ditos Padres, muito
serviço de nosso Senhor, & augmento
de nossa sancta fẽ, & ter já o Rey de
Tañor convertido, & andarem outros
alguns abalados pera isso, por meyo
delles, de que Deos serà muito servi-

do, & nossa sancta fẽ dilatada, deter-
minei neste Reyno, & nas ditas partes
da India, plantar alguns Collegios dos
ditos Padres da Companhia de IESV;
& porque este serviço de nosso Senhor
se nam poderá bem effeuar, como cõ-
pre, sem vossa Sanctidade favorecer
este negocio espiritual, & temporalmẽ-
te, envio lá o dito Padre mestre Si-
mam, o qual peço a vossa Sanctida-
de muito por merce, queira ouvir, &
conforme as necessidades, que esta san-
cta obra tem, o ajudar nellas, conce-
dendolhe as graças, que lhe pedir, &
a vossa Sanctidade parecerem necessa-
rias, pera tanto serviço de nosso Se-
nhor. Muito sancto em Christo Pa-
dre, & muito bemaventurado Senhor,
nosso Senhor por muitos tẽpos conserve
a vossa Sanctidade em seu sancto ser-
viço. Escrita em Coimbra, em 10. de
Novembro de 1550.

R E Y.

3 Continuou o Padre me-
stre Simam seu caminho a Ro-
ma, levando hum Irmam por
companheiro, com grande edi-
ficaçam, & exemplo, como se
esperava de varam tam exem-
plar, & entregue ao serviço de
Deos, & ao bem das almas.
Dentro do mesmo anno de
1550. nos ultimos dias de De-
zembro chegou a Roma, aonde
por aquelle tempo achou já cõ-
gregados os principaes Padres
da Companhia, que haviam de
ter suffragio naquella junta.
Nam se pòde com palavras ex-

plicar;

D. Affonso
d'Alencastre, & o
doutor Bal-
thazar de
Faria, em-
baixado-
res em Ro-
ma.

plicar, a grande consolaçam, que teve o sancto Patriarcha, em ver diante de seus ólhos, a seu antigo companheiro, & grãde amigo em o Senhor, o Padre mestre Simam; nam se farta-va de ouvir, & de lhe pergun-
tar novas da Companhia em Portugal, & do serenissimo Rey Dom Ioam; o mesmo prazer, & alegria ouve da parte do Padre mestre Simam, por tornar a lo-
grar em presença seu muy que-rido pay, de quem havia muitos annos andava tam ausente. Tambem foy o Padre mestre Simam muy bem recebido de Dom Affonso d'Alencastre, cõ-
mendador mór da ordem de Christo, & sobrinho do mesmo Rey, que havia pouco tinha hi-
do a Roma por embaixador, a dar a obediencia, & os parabês ao novo Papa; & succedeo a Bal-
thazar de Faria, almotacel mór, & Coudel mór destes Reynos, que tinha assistido aos negocios del Rey Dom Ioam o III. em Roma, & depois foy seu embai-
xador, na mesma corte; ao qual temos particulares obri-
gaçoens, pela muita amisade, & trato, que teve com nosso glo-
rioso Patriarcha sancto Igna-
cio.

Queria S.
Ignacio re-
nũciar nas
mãos dos
Padres o
cargo de
gêral.

4. Chegou o dia, que se tinha decretado pera as cousas, por cujo respeito esta junta fo-
ra intimada; eram duas as mais substanciaes; huma era a renũ-

ciaçam do cargo de gêral da Companhia, que o sancto Pa-
dre Ignacio fazia nas mãos da-
quelles Padres: a outra era o
exame das constituiçoens, que
aly queria communicar-lhes.
Em huma, & outra cousa mo-
strou bem o glorioso Patriarcha
os ricos thesouros de sua gran-
de humildade; pois sendo elle
pay, & mestre de todos por di-
reito, se queria fazer Irmam, &
discipulo por sojeiçam. Quan-
to â renunciaçam, com singular
espirito liou Deos aquelles Pa-
dres, pera nam approvarem tam
humilde, & insperada delibera-
çam, pelos graves inconvenien-
tes, que se podiam têmer, con-
tra a promoçam, & crescimento
da Companhia, em tam tenra
idade, se lhe dessem o leite de
ama estranha, saltãdolhe o pay,
que com influencias divinas,
criára, naquelles breves annos, a
Companhia, com tanto vigor,
& fortaleza, que poucas partes
havia no descuberto do mudo,
em que ella se nam achasse ja
entrada, & dilatada.

5. Tratou tambem o ou-
tro ponto tocante ás leys, & go-
vernos da Companhia; & posto
que pela muita confiança, que
o Papa Paulo III. tinha de san-
cto Ignacio, tinhã havidas por
aprovadas, com autoridade
apostolica, quaesquer constitui-
çoens, & decretos, que fizesse,
pera governo da Companhia,

Tambem
quize, qu.
examinas-
sem as cõ-
stituiçoens.

Anno de
Christo de
1550.

508

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno de
Cepanhia
II.

sem ser necessario outro algum juiz, que as examinasse, & approvasse; com tudo nam quiz o humilde sancto, que sahisses a luz as constituicoens, sem que primeiro pelos Padres congregados fossem revistās, examinadas, & approvadas; fogeitandoas primeiro a tam maduros, & raros juizos, como eram aquelles de Padres tam autorizados, & de tam varias naçoẽs, posto que tam unidos em espirito, peraque d'esta maneira se ajustasse a uniã das leys, com a diversidade das pessoas; & ficassemos entendendo, que nam hã differença de pareceres, aonde hã combinaçam de amor.

Todos ap-
provaram
as consti-
tuicoes.

6 A todos os Padres congregados, foy a liçam das constituicoens gratissima, porque a todos se ordenou, que em particular as vissem, & com liberdade as censurassem; elles porẽm as julgaram, como vindas do cẽo, & nam compostas por homem, mas ordenadas, & escritas pelo dedo de Deos. Mas era tal a prudencia, & humildade do sancto legislador, que, com todas estas revistās de leys tam apuradas em decretos, & ajustadas em pareceres, nas quaes jã podia haver muy segura confiança, com tudo nam quiz que se publicassem, senam d'aly a tres annos, esperando sempre mais defecado, & clarificado exame, nam sò dos primeiros

revisores, mas de todos, que dellas tinham alguma noticia; ordenando Deos nosso Senhor as cousas desta maneira, porque era bem que leys, que haviam de governar tanta variedade de gentes, tivessem a approvaçam do mun lo, & a censura do tempo: que se pera huma poesia ter a prerogativa de excellente (como enfina o mestre della) lhe sam necessarios nove annos, pera d'esta maneira sahir mais bem limada, & melhor torneada, quanto mais serã necessario este vagar em materia de tanta consideraçam, como eram as constituicoens de huma Religiã, tam nova nos costumes, & tam dilatada no mudo. Nem o sabio Catã approvava os que pretendem captar louvores, com se mostrarem nas obras, que fazem, apressados; porque a muita prẽssa, sempre estã fogueita a muitos erros; antes, como elle costumava repetir, assã se fez apressado o q sahio bem acabado.

7 Acabouse em breve a congregaçam (porque, aonde hã uniã de vontades, & conformidade de juizos, em poucas horas se resolvem pontos de grande substancia) & trataram os padres vogaes de se voltar a suas occupaçoens; & como as que tinha em Portugal o padre mestre Simam, eram de tanta importancia, depois de

Horar de Art
Poetica.
Nonumque pr
matut in annu

Manut. in Apo.
ph. Caon.
Sar. cirò, quoc
far bene.

Como se
concluiu
aquella
congrega-
çam.

con-

concluir os negocios de sua Alteza com sua Sanctidade; despeditose de seu sancto Patriarcha; romandolhe a bençam, que lhe lançou, cheya de seus poderes, pera o bom governo de seus subditos, & pera resolver, ordenar, & fundar os Collegios, que nesta Provincia se pedissem. Chegou finalmente a Portugal, da maneira que veremos, festejado, & recebido, mais como anjo vindo do céo, que como hospede chegado de Roma.

CAPITULO XVII.

Como neste tempo se resolveo o Cardeal D. Henrique a fundar o Collegio da Companhia em Evora: apontamse as razões, que pera isso teve.

ENtramos a contar as cousas, que succederam neste anno de 1551, em que se cõtam doze da Companhia, que pera toda ella foy de grande alegria, por succeder nelle o felicissimo nascimento do magnifico, & real Collegio da cidade d'Evora, dedicado ao divino Espirito, cuja viraçam de tal maneira asoprou em poppa, que vemos

hoje, naquella nobre cidade, huma das mais illustres casas, q a Companhia tem pelo mundo todo.

2 Nam havia até aquelle anno em Portugal outra casa da Companhia, mais que o Collegio de Coimbra, & a residencia de sancto Antam em Lisboa, & a de S. Fins, junto ao Minho; neste anno se estendeo a Companhia pela provincia de Alentejo, & se deo principio ao sumptuoso Collegio d'Evora: & bemera que huma tam real cidade, como a d'Evora, tam celebrada por seus fundadores; tam conhecida por sua antiguidade; tam temida dos Romanos, pelo seu famoso defensor Quinto Sertorio; tam abundante em riquezas; tam opulenta em frutos; tam bem provida cõ o rico thesouro da sua agoa da prata; tam nobre em seus edificios; ta illustre por seus cidadãos; tam autorizada com magnificos conventos de Religiosos; tam sanctificada com o sangue de seu glorioso Pontifice, & illustrissimo martyr Sam Mansio, discipulo de Christo Salvador nosso; & finalmente tam amada del Rey Dom Ioam o terceiro (a qual, com ser a segunda do Reyno, pòde em muitas prerogativas ser a primeira) bem era, digo, que tivesse hum Collegio da Companhia, que tambem fosse real, nam menos na grandeza

Excellencias da cidade d'Evora.

Vide Rezend. lib. 5. Antiq. pag. mihi 281. Vide itẽ Vasc. lib. 5. Antiq. Lusit. pag. mihi, 288.

Vide Rezend. de Antiq. lib. 4. pag. mihi 282. & Brevia. ebor. 15. Maj.

Anno de
Christo de
1551.

510

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno de
Cõpanhia
12.

*ElRey D.
Ioam o 3.
tinha ja
intentado
fazer hum
Collegio á
Cõpanhia
em Evora.*

*Orland. 1. p.
lib. 3. n. 83.*

deza da obra, que na excellencia do fundador; pera que correspondesse a sumptuosidade do Collegio, à magnificencia da cidade.

3 Iã o serenissimo Rey Dom Ioam tivera este nobre pensamento, no anno de 1542. como nos consta de algumas escrituras, que estam no Collegio da Madre de Deos, cujo agora he o sitio, que o magnifico Rey ideava pera o Collegio da Companhia; ordenando ao seu muy celebrado prégador frey Ioam Soares (que depois foy dignissimo Bispo de Coimbra) que lhe comprasse este sitio, pera o Collegio, que nos meditava; porque como amava tanto esta cidade (huma sobre todas as do Reyno) & como estimava tanto a Companhia; & ordinariamente passava em Evora grande parte do anno, queria ter a Companhia junto de seu paço, pois a trazia dentro do seu coraçam. Concorde isto muito com o que diz a nossa historia gêral, que a tençam do liberalissimo senhor Rey D. Ioam o III. fora fundar em Evora outro Collegio, como o de Coimbra; & que pera isso ordenara ao seu architecto, que lhe escolhesse o sitio; & debuxasse a planta.

4 Isto que o serenissimo Rey intentou por pensamento, veyo a executar por obra o

eminentissimo Cardeal, & serenissimo Infante seu irmam, pera quem Deos tinha reservada esta gloria: dispondo o cêo as cousas de maneira, que se occupassem dous augustissimos Principes, ambos Reys, & ambos irmãos, em fundar dous Collegios, ambos reaes, o de Coimbra, & o de Evora; os quaes também pôdem ser irmãos, nam sò pela irmandade dos Religiosos, mas tambem pelas grandezas do edificio. E posto que o Collegio de Evora reconheça o de Coimbra, por irmam mais velho, & confesse que foy como Colonia, que sahio d'aquella nova Roma Conimbricense, (por rezam do Padre Melchior Carneiro, & mais companheiros seus, que de Coimbra lhe mãdou o Padre mestre Simam, pera sua fundaçam, como logo veremos) com tudo tem o Collegio de Evora tam asinaladas prerogativas, & privilegios tam reaes, excellencias tam conhecidas, grandezas tam sumptuosas, por causa de seus sôgeitos, de seu edificio, de suas rendas, & de sua real, & pontifical Vniversidade, que bem pôde ter caixa, & entrar em competencia com o Collegio de Coimbra, se nos Religiosos nam reynasse mais a mayor humildade, com que cada hum deve desejar ser vencido do outro, nam tratando de ventagens de Col-

*Os nossos
Collegios
de Coim-
bra, & de
Evora, po-
dem ser
iguales em
muitas
cousas.*

legios

id. t. de Pō.
Omne solū
ti patria est.

Infante
Cardeal te
ve algum
po pouca
affectam á
Companhia.

legios, nem de disputas de terras; porque sam cidadãos do mundo todo, & filhos da mesma mãy, que he a mesma Religião, que em Christo os gerou; & por isso he muito digno de estranhar, haver, entre Religiosos, porfias sobre a melhor pátria, & paixoens sobre a mayor casa; porque ao forte (como o outro disse) qualquer terra he pátria pera viver; & ao Religioso, qualquer canto he sítio pera morrer. Agora veremos o principio, que teve a fundaçam d'este Collegio Eboense.

5 Por vezes vimos nesta historia, como o serenissimo Infante D. Hêrique mostrava muy pouca affectam à Companhia, & ao Padre mestre Simam; & como este Princepe era irmam d'elRey, Inquisidor geral, Arcebispo, & Cardeal; & como esta averfã, que nos tinha, se fundava em seu sancto zelo, por arreçar (com sinistras enformaçoens, que de nós tinha) que com a doutrina catholica, semeassemos a zizaniã heretica, por lhe dizerem, que algũs nossos tinham vindo das partes do Norte; bastava esta pouca inclinaçam, pera a termos por grande perseguiçam; (que de grãdes Princepes, basta hum pequeno desfavor, pera causar grandes tormentas nos vassallos desfavorecidos) & se nam fora a muita affectam, &

devaçam, que nos tinha o serenissimo Infante Dom Luis, apoyada com a principal valia do grande favor d'elRey, trabalhosamente poderia huma plãta tam tenra, deitar raizes, com tam contrarias influencias. Era tal o fastio, que este Princepe tinha tomado ao Padre mestre Simam, que lhe era de muita pena velo no paço, & entendia, com tam efficaz zelo, nas cousas da Companhia, que mandou devassar sobre a doutrina do Padre mestre Simam, & examinar os exercicios espirituaes do nosso sancto fundador, por frey Diogo de Murfa, Reytor da Vniversidade de Coimbra, & Religioso da ordem de S. Ieronymo, da maneira q̃ referimos no primeiro livro.

6 D'esta maneira nos tratava o Infante Cardeal, tendo sempre de nossas cousas esta suspensa opiniã. Trazem os tempos, que tudo variam, reveladas differenças, ora de successos alegres, & ditosos; ora de casos tristes, & desengraçados; & de nenhuns, nas cousas humanas, se podem colher consequencias futuras, que sejam infalliveis, ou de alegres bonanças, ou de trabalhosas perdas; & até os Princepes mais soberanos estam sôgeitos a estas mudanças, nam sô na variedade de successos, que em sy experimentam, mas tambem na diver-

sidade

Vide quæ dico
lib. 1. c. 34.

Anno de
Christo de
1551.

Como se
mudou ne
sta opini-
m sinif-
er. i.

Causas, q
teve pera
a fundaçã
do nosso Col-
legio.

512

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

fidade de opinioens, que de ou-
tros formam. Ordenou a divina
providencia as cousas de tal
sorte, que o serenissimo Cardeal
voltou em poppa, na opiniã &
credito da Companhia; & em
lugar de a esquivar, começou a
chariciala; julgando, que lhe
nam estava bem ser elle singu-
lar em sentir mal de gente, de
quem o Rey, & o Reyno todo
tam bem julgava. A primeira
demonstraçam, que deo d'esta
mudança da mam direita do
Senhor (em cuja mam estam os
coraçõens dos Princepes) foy
no ãno atrás de 1550. em q pe-
dio Padres (como dissemos) pe-
ra missã, pelo seu Arcebispa-
do de Evora, obrigado do exem-
plo do Infante Dom Luis, seu
irmam, que tambem os pedio
pera o seu Priorado do Cra-
to.

7 Tam boas novas lhe
trouxeram, do fruto, que os mis-
sionarios fizeram, em as terras
de sua jurisdiçam, & tam boas
enformaçoens hia ouvindo da
Companhia, & tantos bens lhe
dizia de nossas cousas o Infante
Dom Luis seu irmam, que co-
meçou a inclinar-se a melhor
conveniencia do credito de seu
juizo; & foy vendo as cousas
da Companhia com olhos mais
desafogados de alguma nevoa,
que d'antes nam lha mostrava
tam engraçada. Ajudou tam-
bem muito a mudar dos pensa-

mentos sinistros, que de nós ti-
nha a sancta conversasã, &
boas advertencias, que neste
particular lhe dava o muy Re-
ligioso Padre frey Luis de Gra-
nada, da sagrada ordem dos Pré-
gadores, a quem devemos eter-
nas obrigaçoens. Levado o
Princepe d'estestam amigos, &
cordeaes delengaios, rendéo
sua demasiada cautela, ao me-
lhor conhecimento de sua grã-
de prudencia; & em ultima re-
soluçam, nam sò se deo por
muy satisfeito dos procedimen-
tos da Companhia, mas tra-
tou logo de a ter junto de sy,
pera consolaçam sua, & ajuda
espiritual de suas ovelhas, dan-
lhe Collegio magnifico, com
rendas; & rendendolhe o cora-
çam tributario com amor.

8 Tambem ajudou muito
a se apressar o effeito d'esta sua
resoluçam, o desejo, que tinha o
Cardeal Infante, de dar bons
condiscipulos em Evora ao Se-
nhor D. Antonio, filho do Infan-
te D. Luis, aquê querã fazer ec-
clesiastico, como o tinham sido
o Infante Cardeal D. Affonso,
& como era o mesmo Infante
Cardeal D. Henrique, ambos ir-
mãos, & tios do senhor D. Anto-
nio. Pera isto, depois de saber
bem latin, ordenaram, que em
Evora, nos paços reaes, aonde
habitava, estudasse a sagrada
Theologia, escolhendose pera
mestre o muy insigne varã

frey

Anno d
Cõpanhia
12.

P. M. Fr
Luis de
Granada
ajudou
esta funa-
çam.

O senhor
D. Anto-
nio teve
por mestre
a fr. Ber-
tholameo
dos Mar-
tyres.

vid. lib. 4. de
ont. Eleg. 2.
xotat audi-
t. Audium.

land. lib. 11
69.

frey Bertholamèo dos Marty-
res, Primàs, que depois foy das
Hespanhas, meritissimo Ar-
cebispo, & senhor de Braga,
hum dos mais esclarecidos Pre-
lados da Igreja de Deos. Pare-
cèo pois aos serenissimos Infan-
tes, que se fizesse gèral de mais
condiscipulos ao senhor Dom
Antonio (que a presença de
hum sò ouvinte, ainda que re-
al, nam excita tanto o cuydado
de hum bom mestre, nem es-
perta tanto a diligencia de hum
bom discipulo) acharam, que
nam podia ter melhores con-
discipulos, que alguns Irmãos
da Cõpanhia, pera q' d'elles aprẽ-
desse a virtude: pretendendo
com isto seu pay (como diz o
nosso historiador gèral^b) que se
inclinasse a entrar na Compa-
nhia: porèm como nam tinha-
mos casa em Evora, resolveose
o Cardeal Infante a fundarnos
hum Collegio naquella sua ci-
dade, pera dar bons condisci-
pulos ao senhor Dom Antonio,
pera dar gosto ao Infante D.

Luis, & pera fazer este
bem a todo A-
lentejo.



CAPITVLO XVIII.

*Manda o Cardeal Infante
chamar a Evora o Padre
Luis Gonçalves da Camara;
trata com elle, & com o Pa-
dre mestre Simam da funda-
çam d'quelle Collegio: escre-
ve a sancto Ignacio; &
da resposta, que o
sancto lhe man-
dou.*

TOmada esta resolu-
çam, mandou o Car-
deal Infante chamar
a Evora o Padre Luis Gonçal-
ves da Camara (que na au-
sencia do Padre mestre Simam
ficara por mestre do Principe)
a Lisboa, aonde entam estava
a corte. Foy o P. Luis Gõçalves
a Evora, levando por cõpanhei-
ro o P. Micer Ioam Aragonés:
com ambos tratou o Infante
de sua determinaçam, & das
causas porque logo queria que
a fundaçam se puzesse em ef-
feito, & das circumstancias,
com que de presente se havia
de proceder em aquelle nego-
cio; & com isto os despedio pe-
ra Lisboa, cõ carta pera o P. M.
Simam, em chegando de Roma,
pera que em tudo dèsse inteiro

Anno de
Christo de
1551.

Chega a
Evora o P.
M. Simam
E aceita a
fundação
do Collegio

514 Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

credito ao que os Padres dissessem, que tinham com elle tratado, em negocio de tanta importancia. Veyo neste conuenos de Roma o Padre mestre Simam, & passou por Evora, em muy boa occasiã: foy muy festejado do serenissimo Infante, & deo o Padre infinitas graças a Deos, pelo ver tam trocado, & tam afeiçoado já à Companhia. Partio-se logo o Padre mestre Simam pera Lisboa, a dar conta a S. A. do sucedido em sua hida a Roma.

2 E como estas cousas da fundaçam. nam se effectualsẽ cõ a pressa dos desejos do Infãte, no Setembro deste anno de 1551. repetio. com segunda carta ao Padre mestre Simam, dizendo-lhe, que com alvoroço esperava naquella cidade os novos fundadores, pera no seguinte mes de Outubro se dar principio à obra tam desejada. Esta he a formal origem da Companhia entrar na cidade de Evora; aonde ao diante houve tantos crecimentos, & grandezas, como no discurso desta historia se hiram apontando. E porque o desejo do Infante era muy grande, de se effectuar esta sua obra, quiz tambem o Padre mestre Simam tratar o negocio com o sancto fundador da Companhia; & assim, com toda a pressa, lhe escreveo, dandolhe a boa nova, de

quã mudado tinham ao serenissimo Cardeal Infante, & de como tratava de ser fundador do Collegio de Evora. No mesmo tempo despachou o senhor Infante, pera Roma, hũ seu criado, chamado Gaspar Soares, pera tratar com o sancto Padre Ignacio este negocio, & outros, que lhe encomendou da sua Igreja. Chegou Gaspar Soares a Roma, viose com o sancto Patriarcha, entregoulhe a carta do Infante, que lhe foy de grande consolaçam, por ver q̃ tinha de novo a Companhia grãgeado a benevolência d'aquelle esclarecido Principe, & respondeo a sua A. cõ outra carta sua, que he a seguinte.

CARTA DO
Padre sancto Ignacio,
pera o serenissimo
Cardeal Infante.

Ao meu senhor, em o
Senhor nosso, o Infante
Cardeal.

Meu senhor em o Senhor nosso.

A Summa graça, & amor eterno de Christo nosso Senhor, saude, & visite a vossa Alteza, com seus

san-

Anno d
Companha
12.

Manda
Cardeal
hũ seu em
baixador
a S. Ignac
cio.

sanctissimos doens, & graças espiri-
tuales. Antes que Gaspar Soares me
desse hũa de V. A. por cartas de nos-
sos Irmãos tinha eu entendido a deter-
minação sancta, q̃ Deos N. Senhor ti-
nha dado a V. A. de entregar aquelle
Collegio (cõ tãto zelo de seu serviço, &
do bẽ comũ, & em especial do Arce-
bispado de Evora, fabricado, & dota-
do) a nossa Companhia minima, & to-
da de V. A. em o Senhor nosso, a quẽ
dou infinitas graças, pelo conceito, &
amor tã singular, & proteccão della,
que dà a V. A. & a sua real casa, cõ
beneficência tã grãde, & perpetua, q̃ de
quãto bẽ della sahir, cõ rezã se deve
atribuir o merecimento universal a vos-
sas Altezas; & espero eu na divina, &
summa bondade, que nam serã peque-
no o particular, que desse Collegio de
Evora ha de redundar a V. A. de
minha parte eu terei o cuydado, que
convem, pera que essa obra, no que a
nõs toca, com muito calor vá adian-
te, conforme a sancta intençã de V.
Alteza.

3 No que toca ao desta corte, eu
me tenho offerecido inteiramente, pera
tudo o que Gaspar Soares quizer, que
eu faça cõ o Papa, ou cõ quaesquer ou-
tras pessoas; & ategora nam se lhe
tem offerecido em que eu pudesse ser-
vir, por estar o que pretende bem en-
caminhado; mas elle sabe, que quan-
do nisto, ou em outra cousa qual-
quer, pudesse eu em o Senhor nosso
ajudar, me empregarei com a af-
feiçã, que devo, & terei per-
petuamente ao serviço de vossa Al-
teza, em sua divina Magestade, a

a quem praza darnos a todos sua gra-
ça comprida, pera que sempre imi-
temos sua sanctissima vontade, & a
cumpramos perfeitamente. De Roma
31. de Janeiro de 1552.

D.

V.

A.

Humilde, & perpetuo servo
em o Senhor, Ignacio.

4 Esta he a carta do nosso
glorioso Patriarcha, na qual se
mostra tam agradecido, tã avi-
sado, & tã sancto. O Collegio de
q̃ aqui faz mençã, q̃ o Infante
entregou à Cõpanhia, he o de
que atraz falamos, q̃ tinha fun-
dado pera aquelles clerigos, q̃
elle tratava, que fossem os Cõ-
fessores, & Parochos no seu Ar-
cebispado. Esperava S. A. com
grande alvoroço, pelos nossos
religiosos, por ter aviso, q̃ eram
já sahidos do Collegio de Co-
imbra. No capitulo seguinte
veremos como chegaram, & co-
mo foram delle recebidos.

CAPITULO XIX.

Manda o Padre mestre Si-
mam onze religiosos de Coim-
bra a fundar o Collegio de E-
vora; & de como aly foram
agasalhados; & de seu san-
cto procedimento.

1 Vendo o Padre M. Si-
mam os grãdes desejos

Anno de
Christo de
1551.

P. Melchi-
or Carnei-
ro, foy pri-
meiro Rei-
tor do Col-
legio d'E-
vora.

Nomes dos
primeiros
fundadores
do Collegio
d'Evora.

Vide lib. 1.
c. ult.

516

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

do serenissimo Cardeal, julgan-
do, que nam convinha haver
mais dilaçam neste negocio de
tanto serviço de Deos (depois
de dar esta boa nova a nosso sã-
cto fundador) nomeou, pera
Reytor do futuro Collegio o
Padre Melchior Carneiro, que
depois foy Bispo de Nissea em
Ethiopia, sobre o Egypto, do
qual logo faremos particular
mensam; o segundo deste nu-
mero foy o Padre mestre Ioam
Cavilhonio, que depois se a-
chou no Concilio Tridentino,
por Theologo do Duque de Ba-
viera; o terceiro foy o Padre Ma-
noel Fernâdes, prégador muito
estimado, por seu pulpito, &
muito mais por seu exemplo,
do qual tambem logo falare-
mos; dos outros sete compa-
nheiros, quatro eram Irmãos
Theologos, que hiam pera
ser condiscipulos do senhor
Dom Antonio, o Irmam Pero
da Fonseca, de quẽ já atrás fala-
mos, que foy insigne letrado
Theologico, & Philosophico; o
Irmam Miguel de Barros, douto
em letras Latinas, & Gregas; o
Irmam Affonso Barreto, pessoa
nobre, o qual era irmam do Pa-
dre Ioam Nunes Barreto, que
foy Patriarcha de Ethiopia; o
Irmam Manoel Vaz, que depois
foy Doutor em Theologia:
vieram mais tres Irmãos coad-
jutôres, a cujo cuydado esta-
vam as cousas temporaes do

Collegio; partiram todos do
Collegio de Coimbra, no pri-
meiro de Outubro, deste anno
de mil & quinhentos, & sincoẽ-
ta & hum, sendo onze em nu-
mero os que hiam pera fundar
este Collegio, lembrados dos
q Christõ teve na terra de doze
Apostolos; & desejando, que as-
sim como no presente numero
faltava hum, pera prefazer a
conta dos doze, que tambem
naquelle novo Collegio nunca
houvesse algum Iudas, que dei-
xasse a Companhia de IESV;
o que Deos lhes comprio inte-
ramente, porque todos perseve-
raram com louvor, até a morte.

2 Caminhavam todos
a pê peregrinando, & pedin-
do esmolos; tinham entre dia
muitas horas de oraçam, to-
dos os dias ouviam missa,
antes de sahir do lugar, fa-
ziam exame de consciencia
duas vezes, falavam de Deos
pelas estradas aos caminha-
tes, & entre sy, com prati-
cas sanctas, se affervoravam
em devaçam, & desejos de
padecer muito pelo Senhor
de todos: chegaram á villa
de Arrayolos; & acho escri-
to, que acertando de estar
entam aly, como em cabeça
de Condado, o serenissimo Du-
que de Bragança D. Theodosio,
primeiro do nome (cujo irmam
Dom Theotonio de Bragan-
ça, era entam da Companhia)

& la-

Anno
Copan
12.

Do mo-
do q can-
nharam
até Evo-

& sabendo que os nossos peregrinos eram chegados áquella sua terra, & que estavam recolhidos no hospital, logo com a confiança real, de quem elle era, & com mostras da piedade, que sempre teve, foy em pessoa ao hospital, a visitar aquelles humildes peregrinos, antes que elles pudessem preoccupar esta merce; que com tal estimaçam ôlhava Deos pera homens, que com tanto desprezo tiravam os ôlhos do mundo. Na visita os tratou com real benevolencia, & cortesia, que parece pronosticavam estas tam alegres vespõras, quanto áquelle pequeno manipolo, havia de ser de proveito, & de serviço a seus serenissimos netos, & senhores da real casa de Bragança.

3 Chegaram finalmente a Evora, aonde foram recebidos do Cardeal Infante, com tantas demonstraçoens de benevolencia, que bem ficaram prevendo d'estes tam ditos principios, os notaveis favores, que ao diante experimentou a Companhia, neste augustissimo Princepe. Grande foy o commum applauso de todos os moradores de Evora, quando entenderam a causa de verem tantos Religiosos da Companhia de IESV, fóra do costumado, em Evora;

houve muitos, que foram beijar a mam a sua Alteza, por esta grande merce, que de novo fez a toda a Provinvia de Alentejo; affinalaramse nesta tam discreta, & religiosa charidade, o Padre mestre frey Luis de Granada, & com elle o muy Reverendo Padre frey Luis de Baeça, muy grave Religioso, & de muita authoridade, da sagrada ordem do glorioso Doutor da Igreja San Hieronymo, ambos foram beijar a mam ao Cardeal, por tam singular beneficio, feito áquelle Arcebispado. Muito estimou sua Alteza, ver estas, & semelhantes approvaçoens de seus intentos; & ao Padre mestre frey Luis de Granada, encarregou, que na Sè, em que havia de prègar, declarasse ao povo sua tençam, acerca da fundaçam do novo Collegio. Comprio muy bem este sancto varam, com esta recommendaçam, porque á volta de fazer o que lhe mandavam, gastou o sermão todo, em louvores da Companhia, a quem chamou Religião de varoens apostolicos, apostados a procurar, com todas as forças, o bem das almas, & renovar, na Igreja de Deos, a sanctidade de costumes. Na cidade tudo eram mutuos parabens, & alegres embo-

Davã pa-
rabens ao
Infante
Cardeal,
por levar
a Compa-
nhia a E-
vora.

OP. M. fr.
Luis de
Granada,
prègava
louvores
da Compa-
nhia.

Anno de
Christo de
1551.

518

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno d
Cōpanhia
12.

*Primeiro
sitio em q
estivemos
em Evora.*

ras, que cada vez creciam mais, vendo o fruto, que logo experimentaram, com aqu elles novos hospedes, que com tal graça, & com tal fervor começaram a dispor, & preparar a terra, que se hia vendo, que o mesmo era semear no campo, que recolher no seieiro.

3 Tinha o serenissimo Cardeal dado ordem, pera se fazerem aposentos, pera os seus hospedes, em hum Collegio, que já d'antes traçava, de sacerdotes virtuosos, pera confessores d'aquelle Arcebispado, nam foy possível estar o Collegio acabado ao tempo que os Padres chegaram de Coimbra: por emprestimo foram agasalhados em humas casas, que estavam na rua da Mesquita (aonde hoje está situado o Collegio da Madre de Deos) que tinha servido antigamente de hospital, intitulado de S. Ioam de Ierusalem, que naquelle lugar mandara fundar o muy bem afortunado Rey Dom Affonso Henriques, com sua ermida, que se chamava S. Ioaninho, pera distincam de outra de S. Ioam, que há na mesma cidade: deo-se, pelo tempo adiante, esta ermida, & hospital às Religiosas commendadeiras da ordem de Malta, que nelle viveram até o anno, de que faz mensam a historia da mesma ordem; no qual

o Infante Dō Luis, sendo Prior do Crato, lhes mandou edificar hum convento em a villa de Estremoz, pera onde as passou, & he mosteiro unico, neste Reyno, de freiras commendadeiras da dita ordem. Este foy o primeiro sitio, em que os nossos estiveram em Evora: desejando porém sua Alteza de os ter mais junto de sy, & dilatandose a obra do Collegio, que nos havia de entregar, os fez mudar entre tanto, pera humas casas visinhas a seus paços pontificaes, que ficavam detrás da capella mór da Sè, na rua, que chamam de Freiria, porq moravam aly os Freyres de Avis. E porque nem aly estavam accomodados, como elle desejava, a cabo de hum anno, houve licença delRey, pera os accomodar nos paços reaes, em quanto se aperfeiçoava o novo Collegio; aly se recolhia tambem o senhor Dom Antonio, ouvindo Theologia, com os nossos irmãos, que dissemos, tendo o mestre, que apontamos; & d'aly se passaram pera o novo Collegio, no anno de 1554. como adiãte veremos, naquelle mesmo anno.

4 Toda a cidade de Evora, & ainda o Arcebispado, hiam sentindo huma viraçam de primavera do cèu, com que todos em gèral se alegravam, presentindo o grande fruto, que

*Mudança
pera os pa
ços.*

Jo. Fr. Ioan. Au-
gustin de Tu-
ncz. lib 6. c. 2

ao diante se havia de recolher, com a vista de tam appraziveis flores; os mininos se aproveitavam nos doutrinas; os grandes se melhoravam em suas consciencias, & no conhecimẽto do que deviam a Deos; mult plicavamse as confissoens, & as communhoens. A vista de semelhãte procedimento, creciam os applausos na cidade, & os parabens ao serenissimo Infante, por elle ser o autor de que tanto bẽ tinha emanado. Era grande o jubilo do Infante Dom Luis, por ver congraçado o Cardeal com a Companhia, & ermanadas entre sy a benevolencia & affeicam, de hum tam poderoso Principe, com a pureza & virtude da Religiã, que elle tanto prezava. Finalmente foram taes os favores nesta cidade, assim os reaes dos Infantes, como particulares do povo, que temerãm os Padres, que tam bõs successos lhes atrazassem o fructo de sua profissam, da maneira, que às vezes tornam atràs as searas, com o muito favor dos tempos. E pera que entendessem, que nem havia de ser tudo navegar por agoa doce, tiveram logo seu pedaço de mar salgado: & pois temos contado os mimos, que experimentaram, relatemos aqui tambem os trabalhos, que padecerãm; que aos que Deos ama, custuma revelar os successos, dandoos humas ve-

zes alegres, & lerenos, permitindoos tambem tristes, & adversos: que nam começou a ser Christam (diz sancto Agostinho) que pretende passar sem perleguiçam.

CAPITULO XX.

*De algumas molestias, que os
nossos padecerãm neste principio,
& de como Deos
os livrou del-
las.*

S Empre na Companhia foy certa huma sentença de nosso glerioso fundador, que dizia, que d'aquelles Collegios esperava mais fructo ao diante, que tiveram mais perseguiçoens em seus principios. Falava o sancto, nam menos movido de sua prudencia, que ensinado de sua experiencia. A virtude nam he mimosa; & assim como as sementeiras crecem com as geadas de Janeiro, assim a sanctidade melhor se arreiga com o ferro da perseguiçam; porque, como até os gentios, aleçaram, nos trabalhos, & nas adversidades está o caminho real pera a virtude. Neste tempo foram grandes as tribulaçoens, que os hereges moveram em muitas partes do mundo, contra a Companhia,

Angust. in ser.
Si putas te non
habere perse-
cutiones, non
du capisti esse
Christianus.

*Cõ as per-
seguiçoens
floreceo
mais a Co-
panhia.*

^a
Ovid. 4. Trist. 3.
Publica virtuti
per mala facta
via est.

Anno de
Christo de
1551.

520

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno d
Cõpanhia
12.

^b
Vile Orland.
lib. 14. n. 39.

^c
Orland. lib. 11
n. 15.

^d
Orland. lib. 11
n. 47.

mas tambem foram mayores os favores do céo, que experimentamos; porque nelle a magestade do Rey dos Romanos Dõ Fernando^b, irram do Emperador Carlos Quinto, deo principio ao nosso Collegio, em Viena de Austria, na alta Alemanha, a pezar dos hereges que contra nõs, como Cerberos, infernaes ladravam, & como inimigos da verdade guerreavam. Em Napoles, neste mesmo tempo, aonde certos hereges se uniram, pera nossa destruiçam, se ajuntaram alguns senhores titulares, pera fundaçam de hũ Collegio da Companhia, naquella insigne cidade, cabeça d'aquelle Reyno. Neste mesmo anno, â petiçam do Cardeal de Lotharingia, ^d entrou a Companhia em Paris, a pezar das grandes tempestades, que os hereges levantaram. Conforme a esta experiencia de outras partes, bem era que em Collegio, aonde Deos havia de ser tam honrado, fossem primeiro os nossos perseguidos.

2 Parece que nam podia o demonio vernos com casa, & Je assento na cidade de Evora, & já por se arrecear disto, alienou tanto de nõs o Cardeal Infante, metendolhe sinistras enformaçoens de nosso procedimento; nam soffria com paciencia ver a aceitaçam, que tinhamos em toda aquella cidade:

determina de nos armar filadas, pera que já que nos nam podia render ás claras, ao menos nos acometesse por emboscadas. Era o exemplo dos nossos, na modestia de suas pessoas, na pobreza de seu trato, na humildade de suas acçoens, o que trazia toda aquella cidade affeioada, & espantada de procedimentos tam peregrinos. Nesta fonte de tanta synceridade de vida, & pureza de costumes, quizeram homens perdidos lançar peçonha; fizeram quanto o autor da mentira lhes ensinou, pera nos inficionar, mas acodio o autor da verdade; pera nos purificar.

3 A primeira filada, que o inimigo commum nos arrou, succedeo desta maneira: dous homens de roim vida, versados, segundo parece, nas escholas do mesmo inferno, ensinados por tal mestre, se vestiram de humildestrajos, que em tudo representavam bem a pobreza dos nossos Padres (que tambem o demonio, como diz o Apóstolo^e, se trãsfigura em anjo de luz, sendo elle Principe das trevas) estes dous ministros de Satanãs, fingindo, nam menos a modestia dos ólhos, que a pobreza dos vestidos, com diabolica dissimulaçam, se foram huma noite (porque a mentira foge da luz do dia) a casa de hum certo capitular da Sê, na qual elle, po-

lua

Traga q
diabo ro-
mou, pera
nos desau-
torizar.

^e
2. ad Cor. c. 11
n. 14. Iphesim
Satanas t. n. 56
gurat se in an-
gelum lucis.

Como se
publicou
esta silada
do diabo.

sua muita devaçam, dava liberal mesa de jogo; entram pela porta, sobem a escada os dous fingidos apóstolos; houve alvoroço nos que assistiam aos en- vites com tal visita; persuadem- se, que lhe vem fazer alguma pregação; levantase o capitular, manda arrojear cadeiras, dâ- se as faudações cômuas; pergũ- talhes, que demandam suas re- verencias em sua casa; & a tal hora; nada menos esperavam que a resposta, que lhes ouvi- ram: Somos, dizem, dous Religiosos da Companhia, a aspereza com que vi- vemos, & o rigor com que nos tratam he muy superior ás fracas forças da humanidade; necessita, diziam, esta tezidam de arco frêchado, de algũ alivio de vida; mas porque o credito, & opiniã, que a gente de nũ tem, nam permite que respiremos de dia, nos vi- mos aqui aliviar de noite; & de v.m. dizem, assim como fiamos a confis- sam desta fraqueza, assim esperamos de dar em sua presença hum par de horas de descansadas tregoas ao seve- ro rigor de nossa vida; trazemos di- nheiro bastante, seremos, com os mais, parceiros no jogo; que logo come- çaram, com grande desenvoltu- ra, & notavel leviandade, jugã- do, & jurando (que estes do- us officiõs sempre andam jun- tos)

4 Nam nos consta do que fez o reverendo capitular nes- ta occasiã, sobejamnos conje- ituras, pera nos persuadirmos,

que conhecẽo os verdadeiros tafũes, & fingidos Religiosos. O certo he, que na seguinte menhã, elle poz de dia em pu- blico, o que passou de noite em sua casa. Contou a todo o Ca- bido aquella infame leviandade, que fingio crer naquelles dous hospedes nocturnos, dis- cursou, com grande liberdade, sobre a modestia, & encolhimẽ- to dos nossos, dizendo, que tu- do eram fingimentos, & hypo- cressias; d'aly passou a por a bo- ca no mesmo cẽo, affirmam lo, que o Cardeal serenissimo vi- via enganado, por trazer àquel- la terra homens perdidos por assombro de gente sancta. Do Cabido sahio a historia à pra- ça; & tomando novas azas a roim fama, já corria pela cida- de, que todos os nossos anda- vam de noite pelas casas do jo- go, & que eram todos hũs apo- stolos falsos, & hũns verdadei- ros hypocritas; que este mal tẽ o peccado de hum sogeito, que pertence a alguma communi- dade, porque cometendo hum sò a culpa, abrange a todos a infamia: bastou murmurar sò Iudas^f da que elle chamava perdiçam na Madalena, pera que outro Evangelista dissesse, que murmuraram todos: assim succedeo aqui; porque pela infamia, que o diabo fingio em do- us, o povo multiplicava o erro em todos: desta maneira que-

^f
Ioan. 12. n. 4.
Dixit ergo u-
nus ex discipu-
lis eius Iudas
&c.
Matt. 26. n. 8.
Vidẽtes autem
discipuli indig-
nari sunt dice-
tes &c.

Anno de
Christo de
1551.

522

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
12.

*Sigüidura
da, de jo
Diabo usou
contra nös
em Evora.*

ria o diabo envidar o resto naquella jogo, pera que entrando a enganar com poucos, ficasse com o ganho de ver perdidos a muitos.

5 Nem se contentou o cõmū inimigo, cõ ver tam bem lograda aquella sua infernal silada; eisq no meyo d'esta gram poeira de murmuraçoens quiz corroborar a mentira passada, com outros argumentos de novo. Apareceo neste mesmo tempo em Evora outro ministro do diabo, vestido com trajo de clerigo modesto, dizendo, que era da Companhia de IESV, & que por isso se chamava Diogo de IESV; este tal entrava pelas Igrejas, & se punha publicamēte a confessar a toda a sorte de gente, apregoando grandes poderes, que tinha de Roma, por ser da Companhia; & em effeito, elle absolvia de todos os casos reservados, sem algum pejo, & com tanta facilidade perdoava peccados horrendos, que mais facil se mostrava em absolvelos, do que os penitentes foram em cometelos: avante passava este novo Papa, dava a beijar a mam aos que confessava; & já por esta cerimonia lhe passamos, senam deitara mais avante a mām, porque, no cabo da confessam, pedia dinheiro, com pretexto de hum retabolo, que fingia quererem os Padres fazer, dan lo-

lhe muy boas cores, antes de ser pintado, & antes de vir aos nossos ao pensamento tal obra; porque como haviam de tratar de retabolo, se ainda nam tinhã capella? Muito mal levava a gente do povo os petitorios do novo confessor, & se contentava a huns por liberal, em dar absolviçoens, a outros desconcentava por importuno, em pedir esmolas; & em resoluçam, se escandalizavam todos de tal Padre da Companhia, & pelos mãos termos deste sò, julgavam que assim deviam de ser todos os mais.

6 Teve noticia o Padre Reytor Melchior Carneiro da grande tempestade, que contra a pequena naveta se tinha levatada: tentou primeiro bem as causas de tam repentino marulho, achou que de nossa parte nam havia nem sombra de culpa; tratou de recorrer sò a Deos, fiando que elle acodiria por nossa innocencia; & que toda aquella machina de patranhas diabolicas (como edificio sem fundamento) se havia logo de arruinar por sy mesma. Assim succedeo, os nossos calaram, & Deos falou. Suscitou Deos antigamente o espirito do mancebo Daniel, ⁸ pera acodir pela honra de huma molher innocente; levantou aqui o zelo de hum velho, pera defender a virtude de huma Religiam sancta:

*Como o P.
Melchior
Carneiro
acodio a es
tes falsos
testemu
nhos.*

⁸
Dan. c. 13. v. 45
Suscitavit Deus
spiritum pueri,
&c.

havia

havia em Evora, naquelle tempo, hum sacerdote muy anciam na idade, & muy venerado na virtude, que se chamava Vicente Rodrigues; a este tomou Deos por instrumento, pera descobrir estas maranhas. Nam podendo o bom sacerdote soffrer por se boca, com tanta liberdade, em pessoas, que elle tinha por sanctas; se resolveo em nam comer, nẽ beber, até nam desenrolar tam enganosos enleos: lidou com proveito, & fruto na pesquisa, até vir a descobrir a trilha dos malfeteiros: & quanto ao primeiro caso do jogo, veyo a saber, que os que tomãram aquella máscara enganosa, eram dous clerigos, de muito despejo, & de pouca consciência, inimigos, sem causa, da Cõpanhia (cujos fracos õlhos cegavam à vista da luz dos nossos, & descobrio, q nas horas, que elles gastãram na casa do Capitular jugando, estavam os da Companhia no seu Collegio orando, por aquelle ser o tempo, em que nos davam final ao exame da consciencia, & a outros exercicios, em que hum por hum somos vistos, & visitados de nossos superiores. Por esta evidẽte coarctada dos nossos, & por a publica confissam dos delinquentes (com grande alegria do serenissimo Cardeal, & de todos os bons) ficãram os dous clerigos castigados, & fi-

cou o diabo perdendo naquelle seu jogo, em o qual tinha metido o resto, & cuydava de ganhar muito.

7 O outro engano do chamado Diogo de IESV, descobrio Deos por via de hum mancebo, que escandalizado da importunaçam, com que lhe pedia esmola, o foy seguindo, pera ver se entrava em nossa casa, & vendoo meter em hũa estalagẽ, deixando aly emprazada a caça, & a hum minino em vigia, porque lhe nam escapasse das mãos; foy dar conta do que passava ao Doutor Diogo Fogaça, official de sua Alteza, no governo do Arcebispado, o qual mandou hum meirinho pera o prender; porẽm como o reverendo confessor andava já com cem õlhos sobre sy, tendo alguma noticia do que passava, se trasmontou de tal maneira, que nunca mais nem absolveo, nem appareceo. D'este modo defez a divina bondade aquelles espesos nevoeiros, que a malicia infernal hia deitando diante dos õlhos dos moradores de Evora, a fim de nam verem a luz, que o Senhor lhes trazia, pera sahirem das trevas de seus peccados, de q muitos, por meyo dos nossos, se apartãram. E ficãram todos entendendo, que nam bastam treçoens fingidas, pera desacreditar a verdade.

Como se
descobrio o
outro en-
gano.

CAPITVLO XXI.

*Dâse huma breve noticia do
Padre Melchior Carneiro,
primeiro Reytor do Collegio
de Evora; de como daly foy
pera a India; & de outros
Reytores do mesmo Colle-
gio, que seguiram seu
exemplo.*

I **A**S duas primeiras, & principaes colunas, sobre que se principiou o edificio do novo Collegio, foram o Padre Melchior Carneiro Reytor, & o Padre Manoel Fernandes, que era o prégador; ambos em seus officios procederam, com tal eminençia de exemplo, que pôdem muy bem ser offercidos aos vindouros, por retratos, & prototipos, pera serem imitados dos que melhor quizerem proceder. Já atrás falamos no Padre, Melchior Carneiro, o qual se tinha grandemente assinalado, em seus principios, no Collegio de Coimbra, com grandes fervores de mortificação, & devaçam; & agora em Evora mostrou bem ser varã de notavel espirito, desprezador de sy mesmo, de grande charidade,

pera com os outros, insigne zelador da honra de Deos, & homem de rara prudencia. Por estas boas partes, que nelle bẽ conhecia o Padre mestre Simam, o enviou a Evora por Reytor, & superior dos nossos, em occasiã de tanta importãcia; & a experiencia mostrou quam acertada foy esta eleiçam; porque com seu sancto, & prudente modo, grageou o animo do Cardeal Infante, & afieçoou a sy, & á Companhia as vontades dos nobres, & os coraçõens do povo.

2 Grande conceito, & satisfaçam tinha o serenissimo Infante da prudencia, & letras do Reytor do seu novo Collegio, & por isso fazia delle toda a confiança, cometendolhe as cousas de mayor importancia, pera o bem espirital de suas ovelhas, & remedio de peccados, cuja emenda sempre dava muito que cuydar a este vigilantissimo pastor, fazendo todas as boas diligencias, pera os evitar; tinha a cidade toda dividida como em quadrilhas, com presidentes, repartidos em seus lugares, pera com mais facilidade, & providencia acodir às necessidades temporaes; à volta do bem temporal, acodia ao proveito espirital, distribuindo pelos mesmos bairros as pessoas, que tinha de mayor confiança, encarregandolhes con-

grande

^a
Lib. 1. cap. 22.
n. 5.

O P. Melchior Carneiro, foy homem de grandes talentos.

Teve delle grãde conceito o Cardeal Infante.

grande cuydado, que com toda a vigilancia o avizassem de qualquer escandalo, que houvesse na cidade, pera logo lhe por o remedio cōveniente, que muitas vezes, por sy mesmo, o zelosissimo Principe applicava, chamãdo a seus peços o culpado, & aly diante de sy o avizava paternalmête, & logo o remetia ao Padre Melchior Carneiro, pera o confessar, & meter no caminho de sua salvaçam, que elle fazia com grande zelo, & com igual prudencia. E havia ordinariamente tantas occupaçoens semelhantes; que muito mayor era o trabalho, que lhe davam as ovelhas, que sua Alteza lhe remetia, que os subditos, que a Cōpanhia lhe entregou; porque estes, como tam virtuosos, eram muy bons de governar; aquelles, como peccadores, eram muy trabalhosos de encaminhar: a todos acodia o bom Reytor, procedendo em tudo de tal maneira, que era amado dos subditos, & estimado dos de fóra.

Como foy
pera a India.

3 Governou o P. Melchior Carneiro este Collegio d'Evo-
ra, até o anno de 1555. em que
foy mandado pera a India, pe-
ra companheiro, & suceffor do
Patriarcha de Ethiopia, sobre o
Egypto, Dom Ioam Nunes Bar-
reto, como diremos adiante ne-
sta historia. Muito tempo havia
que este servo de Deos pedia a

missã da India (que estes era
os despachos, que pretendiam
os superiores d'aquelle bom tẽ-
po) & posto que sentio muito
o encargo da dignidade Epif-
copal, pera que hia eleito, com
tudo, como esta Prelazia tinha
mais de trabalhos, que de hon-
ras, aceitou a carga, por nam
perder a jornada: & depois
em Goa foy sagrado Bispo de
Nisséa. Mas nam chegando,
pelos inconvenientes, que hou-
ve (de que salaremos adiante)
a governar suas ovelhas pro-
prias, ajudou espiritalmente
às alhéas, porque de Goa foy
mandado à China, aonde na
cidade de Macão exercitou
o officio de Bispo, pastorean-
do aquelles Christãos tam sòs,
& por tam longa distancia de
terras, & divisã de mares,
afastados do supremo Pastor
de Roma. Estando pera se
embarcar pera o Iapam, foy
Deos servido de o chamar pe-
ra o cêo, pera lhe dar o pre-
mio destes grandes trabalhos.
Exercitou o Padre D. Melchior
Carneiro aquella occupaçam, nã
como substituto, que era, mas
como se fosse proprietario, vi-
giando, com grande cuydado,
em afugentar os lobos, que
muito ao longe, em os sen-
tindo, os hia montear, & per-
seguir.

Foy à Chi-
na, & pre-
tendêo en-
trar no Ia-
pam.

4 Boa prova deste sancto
zelo foy o que lhe succedeo na

India, aõde ouvindo que hũ herege Nestoriano, fingindo autoridade de Bispo Armenio, andava na costa do Malabar (semeando atrevido a doutrina pestilencial de seus abominaveis erros, com grande dano d'aquelles novos Christãos) ardendo o P. ẽ sancto zelo, se foy a Cochim, aonde começou a perseguir aquelle ministro do inferno; & vendose o herege magoadado, nam podendo com rezões fazer tiro de importancia ao Padre, lhe atirou huma vez com huma sêta, que lhe passou de parte a parte o vam do barrete, que se levanta sobre a cabeça, sem lhe fazer dano algum, mostrando Deos o cuydado, que tinha de defender a vida, de quem lhe defendia a fé.

5 Em lugar do muito, que deste nosso primeiro Reitor de Evora, puderamõs dizer, basta o testemunho, que delle temos de nosso Padre S. Ignacio, na carta, que escreveo a Claudio Emperador de Ethiopia, aonde falando do Patriarcha Ioam Nunes Barreto, & dos Bispos seus successores; que eram o Padre André de Oviedo, & Melchior Carneiro, diz o seguinte: *O Patriarcha, & seus dous Coadjuutores, & futuros successores, sam pessoas de approvada virtude, exercitados em nossa Companhia, em todos os exercicios della; & foram escolhidos pera esta empreza de tan-*

to momento, por sua excellente charidade, & sã doutrina, & sciencia singular; ao que se ajunta o grande animo, & alegria, com que acoemtem esta gloriosa empreza, armados de grande confiança, pera soffrer trabalhos, pela gloria de Deos, em ordem à conversã das almas. Atẽqui nosso sancto Patriarcha; q em breves palavras nos descreve as grandes virtudes d'este exemplar Prelado, & perfeito Religioso.

6 Tornando a Evora, donde nõs sahimos pera a India cõ o P. Melchior Carneiro (primeiro Reitor d'aquelle Collegio) parece q sua bẽ afortunada eleiçam logo mostrou ser hũ vêturoso, & sãto pronostico, do muito qeste insigne Collegio avia de illustrar cõ luzes do céu a todo o Oriẽte da terra, cõ os varoẽs Apostolicos, q havia de mandar pera as partes da India, pois começou pelo primeiro Reitor, tã autorizado por dignidade Episcopal, e tã acreditado por religiã, e virtude; porq postoq o Collegio do Spirito S. d'Evora, nã foy particularmẽte fudado pera seminario da India, como o de IESV de Coimbra, cõ tudo igualmẽte participa dos trabalhos de tã sãctas missões, e merece os louvores de stas gloriosas eprezas; e como deo pera a India o seu primeiro Reitor, assi pera cõtinuar cõ esta sãcta liberalidade, dahi a poucos annos lhe deo jũramẽte, pera a

melma

Testemunho de S. Ignacio, sobre a pefsoa do P. Melchior Carneiro.

*Miss. lib. 16.
Hist. Ind. fol. mi
hi 325. Item
And. Luc. in vi.
ta S. Ignac. lib.
5. c. 10.*

de outros
eytores
o Collegio
de Evora.
fora pe-
a a India.

mesma missã, o Reytor do Collegio, o Vicerreytor, & o mestre dos noviços, q' erã os Padres Frãcisco Martins, varã affinalado em letrãs, & virtude; Ieronymo Rebello, conhecido por homẽ de muito espirito, religiã, & obediência; & o Padre Ieronymo Cota, de grãde piedade, & muita oração, o qual (cõ muitos seus noviços, q' seguiram tã sãcto exẽplo) acõpanhou o seu Reitor, e Vicerreytor nesta gloriosa resoluçã.

7 Nẽ parou aqui o effeito do exẽplo do primeiro Reitor, porq' dahi a poucos annos lhe deo o mesmo Collegio pera a India outro Reitor, o P. Pedro da Sylva, q' cõ sua conhecida prudência, & inteireza de vida, letras, & sãctos costumes, grãdemẽte autorizava aquella Vniversidade, & hõrava a Cõpanhia toda; & posto q' assi o P. Pero da Sylva, como o P. Frãcisco Martins, acabaram a vida na viagẽ da India, tẽdo por sepultura o mar Oceano, sẽ chegarẽ a lãçar ferro nas prayas desejadas do Oriẽte; nã foy parte a magoa de taes perdas, pera naquella Collegio se diminuir este fervor de hir à India, a prẽgar a fé, dãdo sẽpre o espirito S. àquelle seu Collegio, a quẽ deo o titulo, novo espirito, pera cõtinuar cõ ẽpreza tã sãcta; como succede ainda ẽ nossos tẽpos em fogeitos gravissimos, doutores, & lẽtes de Theologia actuaes, q' tẽmos visto embarcar se pe-

ra a India, cõ exẽplo, & edificaçã. Mas pois estamos ainda no Collegio d'Evora, & falamos do primeiro Reitor, bẽ he q' digamos tambem alguma cousa do primeiro prẽgador.

CAPITULO XXII.

Apontamse as cousas pertẽcẽtes ao P. Manoel Fernandes, primeiro prẽgador do Collegio de Evora, & de seu sãcto zelo, & obras maravilhosas.

ENTRE outras boas sortes que teve este real Collegio d'Evora, hũa foy ser seu primeiro prẽgador o P. Manoel Fernandes mestre, q' ensinou a ser sãcto, àquelle tã conhecido Simam Gomes, nomeado neste Reyno, pelo çapateiro sãcto, cuja vida, & espãtosas virtudes andam impressas pelo P. Manoel da Veiga de nossa Cõpanhia, do qual diremos algũa cousa adiãte, no anno de 1554. Naceo este P. em Africa na cidade de Tãgere, de pays nobres, dos quaes foy criado ẽ todos os bõs costumes; estudou Latim, & ordenouse de subdiacono; morreolhe neste comenos seu pay, ficoulhe a mãy viuva, & hũa irmã dõzela; & ardẽdo nelle o desejo de alcançar algũ estado de perfeiçã, no qual se salvasse a sy, & aproveitasse a outros, se resolveo a deixar a mãy, & a

O P. Manoel Fernandes nasceu em Tãgere.

irmã, & quanto tinha em Tangere, & virse a Lisboa, para entrar em algũa Religiã. Com esta resolução se embarcou, & chegou a Lisboa, a tempo em q̃ vio, & conheceo o sancto Padre Francisco de Xavier, & ao P. M. Simam; & tratando com elle sobre sua entrada na Cõpanhia, foy admitido, depois de provado com os exercicios espirituaes, & levado ao Collégio de Coimbra, pelo mesmo P. M. Simam, entre os primeiros fundadores d'aquelle sancto Collegio, como dissemos atrás: aqui estudou o q̃ restava de Philosophia, & Theologia, procedendo sempre cõ raro exêplo, sendo hũ dos principaes ventuteiros naquellas valentias de espirito, em que os nossos, nos primeiros annos se exercitaram em Coimbra, como contamos atrás; & por ser homem de tam conhecida virtude, o mandou o Padre M. Simam, entre os primeiros fundadores do Collegio d'Evora; ordenando Deos as cousas de sorte, que os dous principaes Collegios de Portugal, o de Coimbra, & o de Evora, reconhecessem, & devessem a este exêplarissimo Padre, os principios de sua felice creação.

2 Foy este Padre hũ dos primeiros de nossa Religiã q̃ no anno de 1550. à petição do serenissimo Cardeal Infante Dõ Hêrique, começou a prégear por

toda a provincia de Alêtejo, na qual missã fez cousas maravilhosas, & proprias de hũ prégador apostolico, tirãdo odios, destrerrãdo superstições, prohibindo peccados escãdalosos, cõ tã felice successo, q̃ parece, o Spirito sãcto igualmẽte falava, & obrava por elle; porq̃ aõde quer q̃ entrava, logo na terra, cõ hũ notavel, & occulto abalo, se sêtia nova mudãça, & refoamãça de costumes; de sorte, q̃ podemos dizer, que, de hũ certo modo, ao exemplo deste bõ Padre, devemos o Collegio d'Evora: aonde foy o Padre Manoel Fernandes o primeiro, que nelle teve por officio prégear, o que fazia na Sè, & em outras partes da cidade, & em todo o mais destrito do Arcebispado, fazendo missoens a pé, como Apostolo, & pedindo esmolas como pobre; prégando seis vezes cada somana, alê de hũa liça, q̃ todas as noites lia aos mininos, & aos moços já mais crecidos no hospital, ou na Misericordia das terras por onde caminhava. E foy tam grande o zelo, cõ q̃ prégou na cidade de Bêja, que ardia em odios; q̃ pôdoso humavez a hũa porta da cidade, que chamam de Moura, fez cõ q̃ ali se falassem; & abraçassem mais de cincoenta homens, que depondo com lagrimas o odio passado, se davam os parabens da amisade presente. Entrando

do mais em alguma terra, em que sabia haver peccados publicos, bñdos conhecidos, & enemisades escãdalosas, antes de entrar na conquista destes odios, dizia primeiro missa, & se punha em larga òraçam; & destas minas ficava tam enriquecido no espirito, & tã roborado nas forças, q̃ nenhũa difficuldade lhe metia medo, como se fosse hũa colũna de ferro, ou hũ muro de metal, a quẽ nam faziam abalos ventos furiosos, & tormentas desfeitas de respeitos humanos, & peccados publicos, por mais q̃ o demonio se tivesse com elles feito forte, & acastellado.

3 D'aqui nacia nã tomar negocio entre mãos, tocãte á salvação das almas, q̃ nam cõcluif se felismente, trabalhãdo assi do pulpito, cõ a efficacia, & fervor de seu espirito, como em particular no trato familiar cõ o proximo, a quẽ sãpre levava a Deos, como a norte em quẽ emproava sua alma. Nas prẽgaçoẽs, que fazia, mais obrava o espirito, & zelo, q̃ lhe sobejava, q̃ a eloquẽcia, & cõcerto de palavras, q̃ lhe faltavã, guardãdo muy bẽ o cõselho, q̃ S. Prospero^e dava a hũ Prẽgador, que nam puzesse sua confiança no resplendor das palavras, mas na virtude das obras. Com esta traça de tal maneira rendia as almas, & abrazava os coraçõens dos ouvintes à penitencia, & lembranças da eter-

nidade, que tornavam todos compungidos; & huma vez saindo dous fidalgos de o ouvir na Sê de Evora, aonde prẽgava alternadamente cõ hum grave religioso (de outra religiã, prẽgador de nome) perguntou hum dos fidalgos ao outro, qual dos dous prẽgadores lhe cõtentava mais? Respõdeo, q̃ quãdo ouvia o outro religioso, vinha cõtente do prẽgador, mas quando ouvia o Apostolo, vinha descõtente de sy; dãdo cõ isto a entẽder a grãde virtude, q̃ Deos punha nas singelas palavras da q̃lle seu humilde servo: & na verdade ellas erã de tãta efficacia, cõ o dom de lagrimas, q̃ tinha, que nam fazia prẽgaçam de que se nam seguissem gloriosos effeitos de mudança devida, & admiraveis cõversões de notaveis peccadores.

4 Na primeira prẽgaçam, q̃ fez em Lisboa, ouvindo a caso hũ Africano Alfaqueq̃ del Rey, & natural do mesmo Padre, que havia nove annos, q̃ estava em mào estado (tã afeitrado à torpe occasiã, q̃ nam se lãbrava da molher, & filhos, q̃ tinha na cidade de Tãgere) subitamẽte ficou tã tocado da graça divina, & trocado na mã vida, q̃ logo cõ grãde prẽssa, & igual edificaçã, e nam menor espanto de todos, se tornou a Tãgere a fazer vida cõ sua molher, & filhos, fazẽdo voto de nũca mais tornar ao perigoso estado da torpeza, de q̃ Deos

O q̃ lhe succedeo em hũ sermão em Lisboa.

^e
D. Prosp. lib. 1.
de vita cõtepl.
Prẽgador nã
in verborũ splẽ
dore, sed in o-
perũ virtute to-
tã pzdicandi
fiduciã ponat.

Anno de
Christo de
1551.

530

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

*Outro su-
cesso da prè-
gação, em
Elvas.*

o tinha livrado, por meyo do P.
Manoel Fernandes.

5 Em Elvas lhe succedeo
outro caso, que ainda que leve
na materia, he digno de ponde-
ração no effeito: havia huma
molher casada naquella cidade,
de muita nobreza, & grande ca-
lidade, tam perdida por galas, &
atavios em seu toucado, & ve-
stido, que era seu trato, & fausto
igualmente apparatoso na vista,
& excessivo nos gastos: ouvindo
hum dia prègar ao Padre Ma-
noel Fernandes contra a vaida-
de do mundo, se trocou, como
outra Madalena; & ferida de
interior sentimento, começou
logo a tirar de sy as joyas, &
brincos, com que andava ata-
viada, atè ficar em hum trajo
cham, honesto, & humilde. Vin-
do o marido de fora, & vendo
aquella novidade, a começou a
estranhar, & entendendo a fon-
te donde manára tal mudança,
deixando de pelejar com ella,
se indignou contra o prègador,
& dizendo mil males d'elle, &
da Companhia (que quem està
agastado, & sentido, ainda aos
mais innocentes nam perdoa)
foylhe à mam a molher, & com
grande humildade lhe pedio,
que nam condenasse o Padre
tantas vezes, sem primeiro o
ouvir pelo menos hum: veyo
nisso o marido, mais pera o co-
nhecer, & tachar, que pera se a-
proveitar, & se melhorar.

6 Porèm a palavra de
Deos na boca de seu servo, foy
espada tam penetrante, & cor-
tadora, que logo o ferio, & tref-
passou de tal sorte, que como
se fora morto ao mundo, & a
suas vaidades, açabada a prèga-
ção, nam sò louvava o que sua
molher fizera, em deixar o su-
perfluo de seus trajos, mas elle
mesmo, por verdadeira contri-
ção, & amor da penitência, cor-
tando por respeitos humanos, se
vestia no interior de cilícios; &
se lhe fora licito, como dizia, o
faria de sacco no exterior. Assi
troca Deos os coraçoes hu-
manos, mudando tam depressa
o juizo, & parecer das cousas,
que quasi de subito vem hum
homem a gostar do que d'an-
tes abominava, & já lhe parece
fermoso, o que d'antes regeita-
va por afrontoso. Creceo tanto
nestes dous virtuosos casados o
effeito da divina graça, que ca-
da qual d'aly por diante servia
ao Padre de seguir a caça espi-
ritual, que elle nos sermoens a-
levantava, atrahindolhe o mari-
do os homens nobres, & ella
occupandose em fazer vir à
confissam as molheres mais hõ-
radas da cidade; que destas es-
pias sanctas tinha muitas este
bom caçador.

7 Era seu estylo ordinario
hír pelas ruas com o compa-
nheiro, perguntando, se havia
doêtes, pera os cõsolar, & ajudar

a bem

A mo-
Companhia
12.

*Como se
mudou
homẽ no-
bre, ouv-
do o P. Ma-
noel Fer-
nandes.*

a bem morrer: este era se u ze-
lo em toda a parte; mas em E-
vora foy mais notavel; hia se pe-
las ruas da cidade, aonde havia
mayor concurso do povo, & aly
fazia praticas espirituas: infor-
mava se dos officiaes em suas
rendas, se havia naquella rua
algum odio particular, ou escã-
dalo publico, que logo tratava
de asserenar, & desarreigar. Cõ-
vidava a todos à cõfissam, assi-
nalandolhe o dia, & a hora em
que os esperava, pera os ouvir.
Aos dias sanctos à tarde, ajun-
tava toda esta gente (no princi-
pio em huma casa do aposento
apertado, em que primeiro os
nossos pousaram na Freiria, &
depois nos paços delRey, pe-
ra onde se mudaram) aly os
ajuntava na sala, que chamam
da Princeza, a qual se enchia
das mais graves, & autorizadas
pessoas da cidade; aly lhes pré-
gava, com tanto fervor de espi-
rito, & abundancia de lagrimas,
que era espanto ver quanto el-
le se movia a sy à devaçam,
& excitava aos outros à contri-
çam. Acabada a fervorosa pré-
gaçam, se assentava logo no cõ-
fissionario, pera empolgar na
caça, que como bom ca-
çador tinha le-
vantada.



CAPITVLO XXIII.

*Da muita estima, que faziam
dos sermoens do Padre Ma-
noel Fernandes os muy venè-
raveis Padres frey Berthola-
méo dos Martyres, & frey
Luis de Granada; & de al-
gumas obras do serviço de
Deos, que fez na ci-
dade de E-
vora.*

NO tempo em que
prégava em Evora
o Padre Manoel
Fernandes, residia na mesma ci-
dade (como temos dito) o muy
insigne varã Fr. Luis de Gra-
nada, tam conhecido no mun-
do, nam sô pelos exemplos de
sua sancta vida, mas tambem
pelos escritos de excellête dou-
trina, com que allamiou a Igre-
ja catholica. Era naquelle tem-
po este esclarecido Padre muy
estimado d'elRey, da Rainha,
& dos Infantes; refistio a gran-
des mitras, & como tam humil-
de, escolhêo antes a vida de re-
ligioso pobre, que o estado de
prelado rico. Este tam grave, &
calificado varã, como sô pu-
nha os ôlhos em Deos, a quem
muito amava, & no bem dos

Anno de
Christo de
1551.

O P. M. fr.
Luis de
Granada
Almoxarife
da dita aco
panhia.

Os Padres
fr. Luis de
Granada,
& fr. Ber-
tholamèo
dos Marty-
res, vão ou-
vir a este
Padre.

532

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

dos proximos, que muito procurava, nam se pôde crer, quanto se alegrava de nos ver em Evora, & quanto estimava nullo instituto; dizendo que a Companhia, era hum novo garfo da perfeiçam de Christo, hum manipulo do céo, pera encaminhar os homens á salvaçam, & pera renovar na Igreja de Deos a antiga sanctidade. Este gravissimo Padre (a quem em grande parte devemos a fundaçam do nosso Collegio de Evora, pelo muito que a isso persuadio ao serenissimo Infante Cardeal) tinha grande consolaçam de ouvir o muito fructo, que fazia com seus sermoens, na cidade de Evora, o Padre Manoel Fernandes. Estava tambem na mesma cidade áquelle clarissimo lume da mesma ordem de S. Domingos frey Bertholamèo dos Martyres, que depois foy tam celebrado Arcebispo de Braga, & nam menos Primas das Hespanhas, por sua humildade, que primeiro nas virtudes por seus raros exemplos: tambem este muy veneravel Padre estimava muito a Companhia, & se alegrava quando ouvia falar do sancto zelo dos sermoens do Padre Manoel Fernandes.

2 Trataram huma vez entre sy estes dous gravissimos Padres, de hirem ouvir secretamente ao Padre Manoel Fer-

nandes, movidos de sancta curiosidade, sem o Padre advertir nelles, pera que o servo de Deos com mais liberdade entendesse com seu auditorio: succedeo em parte a estes insignes varoens (eom o que ouviram, & alcançaram deste humilde prégador) o que antigamente a S. Agostinho^a, quando, com seu amigo Alipio, ouvio a Ponciáuo falar do grande Eremita sancto Antam; foy nelles igual o espanto á compunçam, repetindo muitas vezes, como humildes, que eram, que o Padre Manoel Fernandes, com sua sancta, & douta simplicidade, & com seu fervoroso zelo, rendia as almas, & acabava, com facilidade, o que grandes prégadores, com sua eloquencia, & letras, nem poderiam desejar. Acrecentando o reverendo Padre, & insignemestre frey Luis de Granada, que hindo elle á cidade de Elvas prégar, por mandado do Cardeal Infante, com todo seu estudo, & applicaçam, nunca pudera arrancar os odios, tirar os abusos, nem remediar os peccados publicos d'aquella cidade, mas que em chegando o Padre Manoel Fernandes fora cousa espantosa ver, como logo a cidade ficara em paz, reformada nos costumes, melhora-da na piedade, affeiçãoada á devaçam, rendida ao bando de I E S V. Christo. Mas bem se

deixa

Anno d
Cõpanhia
12.

^a
Aug. lib. 8 cõ
c. 6. Stupeba-
mus autem a
dientes &c.

deixa ver nestes louvores alhê-
os, a humildade propria deste
excellentissimo varão, o Padre
Padre frey Luis de Granada;
pois he certo, que com suas ad-
miraveis prègaçoens em Portu-
gal, & com seus doutissimos li-
vros em toda a Christandade,
tem feito tanto fructo, & con-
vertido tantas almas ao céu,
que com muita rezam o Sum-
mo Pontifice Gregorio deci-
motertio, de felice memoria,
disse delle, que tinha feito ma-
yores milagres na Igreja de
Deos, do que se allumiara ce-
gos, & resuscitara mortos.

3 Com a mesma satisfa-
çam do sermão, que ouvira, fa-
lava o insigne varão frey Ber-
tholaméo dos Martyres, & ficou
tam affeioado à Companhia,
pelo que em Evora ouviu a es-
te seu generoso filho, que está
foy hum das causas, que o mo-
veram, pera que sendo Primas
das Hespanhas, & Arcebispo
de Braga, fundasse naquella sua
antiga, & Augusta cidade hum
Collegio da nossa Companhia,
de que ao diante se dará con-
ta: & concebeo tanto deste hu-
milde, & fervoroso prègador,
que medindo os mais da Cõ-
panhia, pelo molde do Padre
Manoel Fernandes, dizia ao Pa-
dre Ignacio de Azevedo (de quê
já falei, que foy o primeiro Rey-
tor do seu Collegio, que fundá-
ra) que até os Irmãos cõfinhei-

res da Companhia, lhe mandas-
se prègar pelas aldeas, & luga-
res do Arcebisado: este era o
conceito, que estes excellentis-
simos varoens tinham da Com-
panhia; & conforme ao concei-
to, era tambem o amor, que sê-
pre nos mostraram; & a estes
dous tam abalizados Padres, da
sagrada ordem de S. Domingos,
entendo verdadeiramente, que
devemos o bom gasalhado, que
sempre em Portugal nos fize-
ram os muy reverendos Padres
Dominicanos, dos quaes, neste
Reyno, nos confessamos sempre
por servos obrigados; & agora
tambem nos prezamos da hon-
ra de verdadeira amizade, &
irmãdade, que com os da Cõ-
panhia manda guardar o reve-
rendissimo P. M. gèral da ordẽ
fr. Thomàs Turcus, no Capitulo
gèral, que tiveram em Roma,
neste anno passado de 1644.

4 Tornando ao nosso Pa-
dre Manoel Fernandes, nam se
pode em breve recopilar o mui-
to fructo espirital, que este in-
signe servo do Senhor colhia
com seus sermoens em publi-
co, & praticas familiares em se-
greto, movendo os ouvintes à
penitencia, a examinar sua cõ-
ciencia, & frequentar os sacra-
mentos, desatregiar os vicios,
plantar nas almas as virtu-
des; & a perseverar na deva-
çam, & exercicio de obras vir-
tuosas.

*Irmãdade
q temos cõ
os Padres
Dominica-
nos.*

5 Hum dos melhores discipulos, & mais affervorados ouvintes, que teve o Padre Manoel Fernandes, foy Simam Gomes, tam conhecido em Portugal, por sua rara virtude, que communmente lhe chamam o çapateiro sancto; aproveitouse elle tam bem da doutrina, que ouvio a seu mestre o Padre Manoel Fernandes, que foy homẽ, naquella idade, de vida sancta, & de tam admiravel luz, nas cousas espirituaes, que veyo a ser hum varãm de rara virtude, & chamado propheta d'aquelles tempos. Era Simam Gomes o corretor d'esta sancta mercadoria das almas, elle lembrava as praticas, fazia o auditorio, rogava a seus conhecidos, que viessem ouvir, & tratar com o Padre Manoel Fernandes, co-mo elle Simam Gomes fez, aproveitando-se tanto da virtude de tal mestre, que sendo humilde çapateiro, chegou a ser hum prodigioso exemplo de virtudes, & sanctidade, com que edificou Portugal, & espantou o mundo: & se a gloria do discipulo he louvor do bom mestre (como bem disse o Philoso-pho) grandes louvores merece o Padre Manoel Fernandes, pois teve hum discipulo tam glorioso.

1. Ethic. c. 10.

Esses custu-
mes, jo P.
Manoel
Fernãdes
usou em
Evora.

6 Entre outros sanctos costumes, que o Padre Manoel Fernandes introduzio em Evo-

ra; foy hirem duas vezes cada semana alguns homens pios, & devotos, ensinados por elle, visitar o hospital, as cadeas, & outros lugares, que necessitavam de remedio, repartindose estes seus devotos missionarios por diversas partes da cidade, conforme a ordem, que o Padre lhes dava, com grande consolaçam dos enfermos, alivio dos presos, & remedio dos pobres: elle foy o primeiro da Companhia, que na cidade de Evora começou o sancto costume de acompanhar os padecẽtes, que morriam por justiça, assistindo-lhe primeiro de dia, & de noite nos carcerees, consolandoos, & excitandoos a confissam; & depois de chegados ao lugar donde padeciam, sobia ao mais alto da escada; & com grande fervor, & zelo, & nam menor abalo do auditorio, prégava a aquelles ouvintes, que ordinariamente costumam ser muitos.

7 Era este servo de Deos muy affavel, brando, & benigno com todos, & muy em especial pera com os penitentes, que ouvia de confissam; he a brandura da condiçam; hum como anzol, que attrahe a sy como presos, & enlevados, aquelles com que tratamos; & d'aqui nacia, que atrahida a gente da grande affabilidade do Padre, com que agasalhava a

todos,

Tinha grã
de brãdu-
ra em seu
trato.

todos, & os recolhia dentro em sua alma, o buscavam, & seguiam em grande numero, homens, & molheres, & gente de toda a sorte, pera o ouvirem prégar, pera se confessarem, pera buscar remedio de suas almas, & ainda dos corpos, porquê aco- dia a muitos pobres com esno- las occultas, que elle negocea- va. Porém, assim como por a- mor de Deos se fazia pomba na simplicidade, & brandura, tal vez, quando era necessario, se mostrava terrivel, & riguroso em reprehender, & emendar peccados publicos, & escanda- losos, de que se lhe originou a morte gloriosa, que teve, como logo veremos.

CAPITULO XXIV.

Da gloriosa morte do Padre Manoel Fernandes, que lhe deram, por prégar contra os vicios; & como foy sentida de todos; & das honras, com que o sepul- taram.

Assim se havia o Pa- dre Manoel Fernã- des em seus sermo- ens, & assim procedia em sua vi- da: prégava com brádos, mas ainda bradavam mais seus exê-

plos; guardava muy bem o cô- selho, que S. Gregorio Nâziã- zeno dava a hum prégador, que antes de fazer sanctos aos ou- tros, se sanctificasse a sy mesmo: era tocha, que resplandecia, & tambem era tocha, que (como o glorioso Bautista ^b) primeiro ardia: & assim como imitou a este grande sancto no exêplo, da vida, tambem quiz Deos, que o representasse na semelhança da morte; pois aquelle morreo por prégear a verdade, & defender a castidade; & este acabou, por ze- lar a virtude, & reprehender a sensualidade.

2. Foy o caso desta manei- ra: estava elle em huma mis- sam na cidade d'Elvas (entre outras, que costumava a fazer correndo todo Alentejo.) ha- via entam naquella cidade hũ peccado muy publico, escanda- lozo, & envelhecido, entre duas pessoas, se bem nobres por ca- lidade, muy depravadas por sê- suaes: crecia no povo o escâda- lo, murmuravam huns, queixa- vamse outros, estranhavam to- dos a devacidam da vida, & a publicidade do peccado: nam podia ignorar o bom Padre Ma- noel Fernandes, o que entre todos era tam sabido, nem com- priria com a obrigaçam de pré- gador da verdade, senam zelaf- se no pulpito, o que todos estra- nhavam pelos soalheiros; hum dia, ardendo em zelo do cêo,

^a
Greg. Naz. in
Apolog. Mun-
dari prius oper-
tet, & sic alios
mundare, san-
ctificari, & ita
sanctificare.

^b
Ioa. c. 5. n. 35.
Erat lucern a ar-
dens, & luc f. s.

*Occasião
da morte e,
q deram a
este bom
Padre.*

*Prêga o P.
cô grande
zelo cõtra
a sensual
dade.*

com hum fervor mais que ordinario, representou, & encareceu a maldade do peccado, a graveza da offensa divina, o rigoroso castigo, que ameaçava aos peccadores; posto que tudo em gèral, sem nomear pessoa alguma, nem decer ao caso em particular. Foy tal a efficacia deste sèrmam, que a pessoa, que dava occasiã a tanto escandalo (que por outra parte era de autoridade, & respeito) se rendeu às vozes divinas, & aos brados do prègador, & com grande resoluçam se apartou do peccado, & melhorou a vida.

3 Porèm o outro perdido, a quem o demonio tinha preso, & a sensualidade tornara cego, entrou em tal furor contra o servo de Deos, que logo temerariamente se deliberou em dar morte cruel, a quem lhe pretendia dar a vida (que semelhantes peccadores, nem respeitam a Deos, nem perdoam aos homens) Voltavase já o Padre d'Elvas pera o seu Collegio de Evora, depois de acabada a missam; costumava elle a hir sempre hum pouco atrás do companheiro, pera que sò, com mais liberdade, pudesse continuar na óraçam, em que sempre se exercitava pelos caminhos. Eis que subitamente, em hum lugar deserto, lhe sahẽ ao encontro certos homens armados, & rebuçados (porque

tal maldade nam se podia fazer com rostos descubertos) estes, com hum impeto infernal, & furia diabolica; o derrubaram no cham, & logo o pizaram aos couces; & depois, cõ hũ novo genero de crueldade, pondo as espadas de parte, declarandolhe a causa porque o vinham matar, o moeram com saccos de arêa; pera que nos nam espantemos dos diabolicos tormentos, & infernaes generos de martyrios, com que os Dioclicianos em Roma, os Dacianos em Hespanha, os Sapoies na Persia, por novos, & exquisitos modos atormentavam os Martyres de Christo, pois vemos entre Christãos tam grande crueldade, com huma especie de tormento, tanto mais cruel, & trabalhoso, quanto mais dilatava a morte, pera fazer mais penosa a vida.

4 Choviam sobre o servo de Deos as pancadas, multiplicavamse os golpes, moendolhe o corpo todo: sofria o bom Padre, com tanta constancia, & paciencia, que sem nenhuma resistencia offerecia o corpo aos golpes, dando graças, & louvores a Deos, por padecer por sua honra, & pedindo a imitaçam do bom I E S V, com grandes brados (cousa admiravel) perdãm pera os algozes, que tam deshumanos o tratavam; atè que elles, nam menos satisfeitos,

que

*Da cruel
morte, que
deram ao
P. Manoel
Fernãdes.*

xêplo ad
iravel
a chari-
de do P.
Manoel
ernâdes.

que cançados, persuadindose, que o deixavam já assaz morto, se foram, & o deixaram: porém o servo de Deos, ficando ainda com algũ alento de vida, chèo todo de mortaes dores, & cõ os bofes moidos, os tinha tam lavados pera os mesmos matadores, que com huma estranha demonstraçam de charidade, tirãdo forças da fraqueza (porque a charidade he muy valente) levantou a voz, & como se estive- ra prègando, cõ o seu custuma- do zelo, lhes dizia: *Nam sujaís, amigos, de quem vos ama, & mais sen- te, o peccado, que cometestes, que as dores, que lhe causastes: tornay a mim, senhores, que ainda estou vivo, pera rogar por vós a Deos, & sofrer a morte muitas vezes. Nam vos temais da justiça da terra, que como nam derramastes sangue, nam há feridas, que vos publiquem, nem testemu- nhas, que vos culpem, nem eu se- rey parte pera vos acusar; sô da justiça divina vos podeis temer, & por isso em mim achareis o reme- dio pera o perdã, & nam quei- xas pera vossa condemnaçam; pe- çovos, nam como a inimigos, mas como a meus muito amigos, pelas en- tranhas da misericordia de I E S V Christo, que aceiteis de mim o per- dã, que vos dou diante do tribunal da divina justiça, perdoandovos de co- raçam, por amor daquelle Senhor, que rogou a seu Pay eterno por quem o crucificava. E pois já ten- des perdã da parte, livraivos logo*

aqui, diante deste eterno luz; & porque vos será muito difficuloso a- chardes quem vos absolva deste sacri- legio, & excommunham, em que en- correstes; vindevos a mim, com toda a confiança, que eu, pelos poderes, que te- nho, logo vos absolverei.

5 Foram tam efficazes os brados d'este servo de Deos, da- dos nesta hora, & circumstan- cia, que de tal maneira abalá- ram o coraçam de hũ d'aquel- les homicidas, que tornado de leãm bravo em cordeiro man- so, se lançou aos pés d'aquelle, a quem pouco antes pizãra com os seus proprios (sam effeitos da divina graça, que he muy apressada no obrar, quando en- tra de posse de hũa alma) cho- ra o triste peccador arrependi- do; pede, com lagrimas, perdã da morte, que causou no corpo a quẽ cõ brados lhe pretendia dar a vida da alma. Aos brados de Christo, morrendo na cruz, attribuo o sagrado Evangelista a conversã do Centuriãm, *Videns quia sic clamans expiraf- set; à oraçam de sancto Este- vam apedrejado, attribuo san- to Agostinho, a mudãça de Pau- lo arrependido; os brados, & o- rações deste bom Padre, causã- ram a conversã repentina d'este peccador. Caso notavel; estava o servo do Senhor es- pirando, porém com perdo- ar, & absolver a seu mata- dor, tornou a respirar, con-*

*Como se
arrepêdo,
& cõsejou
logo hũdos
matadores*

^a
Mat. cap. 15.
n. 39.

^b
Aug. to 10 ser.
1. de S. Seeph.
Si sanctus Ste-
phanus sic non
orasset, eccle-
sia Paulum nõ
haberet.

fessouo emfim, absolvéoo, chorou com elle, dando graças a Deos, por ver tam acelerada penitencia, sendo o P. juntamente o juiz, & o aggravado; dādo da parte de Deos o perdam, q̃ já da sua lhe tinha concedido; & mostrādose mais apressado em curar a culpa, de quem lhe quiz dar a morte, que em tratar da cura, pera recuperar a vida: varām verdadeiramēte prégador, & executor, porque prégava a paz, & logo a procurou: & tenho este caso por mais milagroso, do q̃ se refucitara o Padre alguns mortos; porq̃ na opiniam de S. Agostinho,^a nam ha mayor milagre, que amar os inimigos.

6 Nam morreo aqui logo este bēaventurado varām, querendolhe Deos dar a cōsolaçam de vir acabar no seu Collegio d'Evora, entre seus irmãos; o mesmo matador, & peccador arrependido, chorando mil lagrimas, lhe deo a mam, & o ajudou a trazer ao Collegio, & depois publicou, & cōtou esta historia tam notavel; porque este grande servo de Deos, assim como nam teve boca pera se queixar, assim nam teve animo pera a declarar. Foy grande o sentimento em toda a cidade d'Evora, quando souberam o estado q̃ tinham o seu grande prégador: o mesmo senhor Cardeal Infante D. Henrique, pela grāde opiniām, q̃ tinha de suas virtu-

des, o foy visitar à cama; aonde, depois de receber os sacramentos, cō o nome de IESV na boca, acabou este fiel servo, morrēdo verdadeiramēte em seu officio, como prégador da verdade, prégādoa, & morrēdo por ella: & nam he pequena gloria deste real Collegio d'Evora, q̃ o primeiro prégador, q̃ teve, acabasse cō morte tã gloriosa, a qual succedeo no anno de 1555. em q̃ se cōtavam já defasseis da Companhia.

7 Tanto que na cidade se soube, que era morto o seu grāde prégador, & se começou a romper o genero de martyrio, com que acabara a vida presente, nam se pōde crer o grāde sentimento, q̃ em todos houve, concorrendo à nossa casa, pera acōpanharē na morte a quem tãto bem lhe fazia sendo vivo. Aco- dio a cidade toda a seu enterramento, procurando todos tomarlhe algũa cousa; ao mehos de seus vestidos, q̃ tinhā por muy prezada reliquia: & nam tendo os nossos ainda Igreja, aonde o pudessem enterrar, cōtendendo logo muitas, sobre qual dellas havia de levar o nobre deposito de seu corpo; finalmēte venceu a Sē; & sahindo o Cabido cō a clerisia, o vieram buscar a nossa casa, donde revestido com o ornato sacerdotal, foy levado, com hum solenne acompanhamento de toda a cidade, até

^a
August. in lib.
Confess. Nihil
mirabilius in re-
bus humanis,
quam diligere
inimicos

Veyo o P.
ainda mor-
rer ao Col-
legio.

Do grāde
sentimēto
q̃ houve na
morte do
P. Manoel
Fernādes

Como foy
enterrado.

à Sé, aonde foy depositado na sepultura, que hum Conego principal, por nome Gomes Pires (homem de muita virtude, & de grande autoridade) pera isso offerceco, dizendo, que tinha por grande dita sua, poder honrar sua cõva com os ossos de tam grande servo de Deos, que d'ella, no dia do juizo, se levantaria muy confiado, em companhia do Padre Manoel Fernandes. Nem pararam as lagrimas dos vivos com a sepultura, que deram ao corpo morto, porque por muitos dias continuaram os choros, repetiam os prantos, & se dobravam as saudades dos que hiam chorar sobre sua sepultura, chamandolhe servo de Deos, homem sancto, pay dos pobres, & remedio dos peccadores.

a solenni-
dade cõ q
y trela-
do.

8. No anno de mil, & quinhentos, & oitenta & nove, tratou o Arcebispo Dom Theotónio de o tresladar pera a nossa Igreja; acharamlhe inteiros, & incorruptos os ornamentos sacerdotaes, com que havia quasi trinta & cinco annos fora enterrado; acodio a cidade, bradando todos, vamos ver o sancto; com grande solennidade foy trazido, & depositado em hum caixam, na nossa capella de Sam Vicente, assistindo o Arcebispo, com hum solennissimo officio; tudo bem

merecido por hum varã tam apostolico, que viveo prégando, & morreo perdoando.

9 Esta foy brevemente a vida, & a morte do primeiro prégador, que teve a nossa Companhia, na cidade de Evora, que foy hum bom pronostico dos illustres varoens, & prégadores Apostolicos, que ao diante houve neste sancto Collegio; o qual deixaremos agora até o tempo em que foy Provincial o Padre Diogo Mirã, em que succedeo a mudança pera o novo Collegio, que hoje temos naquella cidade, & entã tornaremos a continuar com suas cõsas, que agora deixamos muito em seu principio; & renovaremos o gosto, que temos em falar na fundaçam deste real Collegio, & de sua Vniversidade; como o que gosta muito de huma ignaria, procura, que muitas vezes lhe venha á mesa: agora he necessario hirmos a Coimbra, & a Lisboa, pera contar os mais successos, pertencentes a este mesmo anno, em que hirmos de 1551.



Anno de
Christo de
1551.

540

Anno de
Companhia
12.

CAPITVLO XXV.

*Dos grandes fervores de mis-
soens, que havia neste tempo,
no Collegio de Coimbra; & de
treze Religiosos, que este anno
foram pera as partes da
India, & do
Iapam.*

I M quanto os nossos Religiosos ficam, na cidade de Evora, da maneira, que temos apontado, & em quanto nam os tornamos a visitar, com o Padre Comissario Ieronymo Natal (que succedeo no anno de 1554. no qual continuaremos com as cousas d'aquelle real Collegio) Vamonos ver o Collegio de Coimbra, aonde acharemos muy acelos os fervores das missoens da India, & conversam da gentildade. Chegaram a Portugal as boas novas da ditosa morte, pela fé, do Padre Antonio Criminal, que foy o primeiro da Companhia, que animoso deo a vida, pela pregação do Evangelho; & como se aquelle sangue bradasse da India, pedindo missoens a Portugal (assim como bradava o sangue de Abel, a pedindo justiça a Deos) era tal o divino

fogo, que se tinha atêdo em todos os moradores d'equelle sancto Collegio, que confessavam os superiores; que se nam podiam valer com cartas, & memoriaes dos que pretendiam ser eleitos, pera tam gloriosa empreza, & preferidos em tam lolicita pretensam: que na verdade sempre esta foy a melhor bençam, & o principal do te, com que Deos nosso Senhor enriqueceo este Collegio, filho primogenito da Companhia, continuando sempre nelle, o vivo desejo, & ardente zelo, de se acharem presentes aos ardores da Zona torrida, à furia dos ventos, à bravosidade dos mares, às fétas dos Brasis, às lanças dos Mouros, às catanas dos Iapoens, & aos perigos do mundo todo, pelo amor do bom I E S V, de quem aquelle Collegio tem o nome, & de quem participa a graça.

2 Com a vinda de Roma do Padre mestre Simam, cessou o Padre Luis Gonçalves da Câmara na substituiçam do officio, que lhe ficara encomendado, de ser mestre do Principe, & foy logo mudado pera Coimbra (aonde era a sua ordinaria estancia) pera promover, com sua presença, o bẽ daquelle Collegio; & foy tal a consolaçam, que teve, com ver, & experimẽtar este celestial fogo de

mil-

Vide lib. 2. c. 1

Gen. c. 4. n. 10
Vox sanguinis
fratris tui, cla-
mat ad me de
t. 112.

Vay o P.
Luis Gon-
ves a C
imbra.

missões, que ardia em todos aquelles Religiosos, que lhe pareceo, que nam tinha mais grata, & mais saborosa nova, que mandar a sua Alteza, do que esta, em que lhe relataste os desejos, q em todos havia, de hir converter almas ao Oriente, & ao Brasil; & porque achei no Cartorio de Coimbra a carta, que escreveo a elRey por esta occasiã, neste mesmo anno de 1551. me pareceo relatala aqui letra por letra (pera consolarem, & exêplo dos habitadores d'aquelle sancto Collegio) a qual diz assim.

Carta do
P. Luis Gõ
çalves da
Camara,
pera elRey
D. Ioão
III.

3 Achei, senhor, tanto fervor nesta casa, tanta obediencia, & humildade, com todas as mais virtudes, que parecem necessárias à perfeiçam, que a Companhia pretende, que ainda que eu trabalhára muitos annos em serviço de nosso Senhor, somente com o prêmio de ver isto, & conversar tam sancta gente, me tivera por muy satisfeito. Vossa Alteza deve dar muitas graças a nosso Senhor, & ter por muy certo, que desta vinha, que aqui plantou, há de colher o fruto, que muito agrada ao mesmo Senhor. Ao menos, se vossa Alteza fundou este Collegio, pera cumprir com as obrigaçoens, que tem às almas da India, do Brasil, & às mais terras dos infeis, bem pôde ter por certo, que pera isso estam todos bem aparelhados, & andam nisso tam aciosos, que he grande trabalho ter mam neste Collegio, que se nam passe todo à India, & ao

Brasil, & mais terras dos infeis. Os demais delles deram suas rezoens, & trabalharam de persuadir, que os mandassem; & fôra os quatro nomeados pera o Brasil, outros tres, ou quatro mostraram tam excessivos desejos, com tantas lagrimas, & com tam vivas, & efficazes rezoens, que pareceo ao Padre ser obrigado a mandalos, por nam resistir ao Spirito sancto; principalmente sendo o desejo de hir pera o Brasil, donde se escreve, que há necessidade desta gente. E pera que os mandassemos de melhor vontade, pagou logo Deos dantemam, com quatro, ou cinco, que já estam recebidos; & com muitos outros idoneos, que andam moridos pera entrar na Companhia, só pelas rezoens, que lhe deram pera sahir della os que sam sahidos. Parece-me, que nam quiz Deos mais que ver este Collegio limpo de filhos do mundo, pera lhe dar a criar os seus. E porque vossa Alteza de tudo isto foy causa, desejamos todos muy affectuosamente de pagar esta merce, com continuamente pedir a nosso Senhor pague a vossa Alteza nesta vida, & na outra tanto serviço, como lhe nisto tem feito. Coimbra &c.

3 Atèqui a carta do Padre Luis Gonçalves da Camara, na qual, assim como refere os sanctos fervores dos verdadeiros Religiosos da Companhia, assim tambem toca nas despedidas de outros, que entre os filhos legitimos, nunca faltaram

Anno de
Christo de
1551.

542

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

*Missam pe-
ra a India
de treze Re-
ligiosos.*

Vide li. 1. c. 22

alguns, que degeneraram, perdendo por suas faltas a religiã, a que Deos os tinha chamados; mas por isso o ouro da Companhia he dentro mais puro, porque custuma lançar fôra a escôria. Vendo pois o Padre mestre Simam os grandes fervores dos pretendentes da India, & quanto o Oriente necessitava de operarios, conforme as cartas, que escrevia o grande Apostolo S. Francisco de Xavier (por causa da nova entrada, que tinha feita nos Reynos do Iapam) despachou este anno pera a India treze Religiosos do Collegio de Coimbra; & segundo as memorias, que acho, foram muy poucos, a respeito dos muitos, que pretendiam este bem, de hir dar as vidas no Oriente, movidos do exemplo do Padre Antonio Criminal, morto pela fé às lançadas pelos Badagás, & à vista das obras milagrosas do Padre S. Francisco de Xavier.

5 Hiam aquelle año pera a India oito nãos de viagê, & todas sahiram da barra de Lisboa dentro do mes de Março, mas em diversos dias, por causa da variedade dos tempos. Na capitania, que se chamava a não Espera (na qual hia Diogo Lopes de Sousa por capitam môr da viagem) se embarcou o Padre Melchior Nunes Barreto (de quem muitas vezes temos falado) doutor em Theologia, pela

Vniversidade de Coimbra, & irmam do Padre Patriarcha D. Ioam Nunes Barreto (de quem adiante falaremos) o qual hia por superior da missam. Levava em sua companhia o P. Antonio Herédia, & três Irmãos, a saber, o Irmam Ioam da Costa, o Irmam Melchior Dias, & o Irmam Aleixo Madeira. Em outra não hia o Padre mestre Gôçalo Rodrigues, com dous companheiros, que eram o Irmam Antonio Dias, & o Irmam Manoel Teixeira, que veyo a ser na India hum grande letrado. Em outra não hia o Padre Manoel de Moraes o velho, cujos companheiros eram o Irmam Pero d'Almeida, o Irmam Jorge Nunes, o Irmam Thomás, & o Irmam Guilherme, ambos Frangos.

6 Foram tambem este anno, pera a India, encostados aos nossos, huns nove mininos orfãos, com mais hum supernumerario, da casa, que pera seu remedio se fundou em Lisboa, pelo Abbade Pedro Domenec, natural de Catalunha, no anno de 1549. aos quaes mandou el-Rey dar humas casas, no sitio aonde agora estam, á Mouraria, sahindo das portas de Sam Vicente (& assistindo o mesmo Rey, & a Rainha na primeira missa, que se disse naquella sua apertada Igreja; tanta era a piedade d'este esclarecido Prince-

pe:

Anno da
Companhia
12.

*Nomes do
treze Reli-
giosos, que
este anno
foram pe-
ra a India*

*Mininos
orfãos. que
el Rey mã-
dou pera a
India este
anno.*

pe) d'estas casas, aonde ainda hoje vivem, se podiam communica- os mininos orfãos, por dêtro, com os nossos, que moravam em S. Antam o velho; os quaes naquelles principios promovêram grandemête esta boa obra, de tanto serviço de Deos, & emparo de muitos pobrefinhos, que ao diante sahiram muy aproveitados em letras, & virtudes. Mandava S. A. estes mininos orfãos pera a India, pera lá se criarem à nossa sombra, com a doutrina da Companhia, & se applicarem a ser idoneos ministros da Igreja, naquellas partes. E em effeito, estes nove foram de muito proveito pera o culto divino, & serviço das Igrejas, cantando, & officiando as missas em câto d'orgam, com muita destreza. Também, em quanto durou a navegação, se ajudarã os PP. d'estes mininos orfãos, pera espertarem a devaçam aos navegantes, assim nas doutrinas, que se faziam todos os dias, como procurando tambem, que cantassem, & alegrassem a gente do mar, com cantigas devotas, cessando desta maneira as musicas profanas: todos os dias, com os Padres, diziam a Ladainha; & às festas, & quartas feiras a cantavam publicamente, & à boca da noite entoavam a antiphona da Conceição da Virgem nossa Senhora, antes de se dar final

De quão
proveito fo-
ram os mi-
ninos or-
fãos nesta
viagem.

(às Avemarias; estas acabadas, em voz alta, lembravam as almas do Purgatorio, o estado da sancta Madre Igreja, & os que estavam em peccado mortal. As festas feiras liam publicamente, no convês da não, algumas cousas da paixão de Christo nosso Redemptor. Ao sabado, junta toda a gente da não, cantavam devotamente a salve á Virgem Maria Mãe de Deos. Aos domingos, & dias sanctos, prégavam os nossos Padres, & diziam missa ao uso do mar, naquelle tempo; acodiam aos enfermos, com a charidade tam cultumiada dos nossos, em semelhantes viagens.

CAPITULO XXVI.

*Do mais que succedeo aos nos-
sos missionarios nesta via-
gem da India.*

I **D** Ecêdo mais ao particular, do muito q Deos foy servido obrar pelos nossos, nesta viagem da India, se tem por cousa milagrosa o que succedêo à não, em que hia o Padre Manoel de Moraes; porque havendo de passar a linha, lhes deo tal calmaria, & durou por tanto tempo, que a gente totalmente perdêo a esperança de passar à In-

*Notavel fa-
vor, q Deos
fez n hũa
daquellas
náos, pelas
orações de
hum nosso
Padre.*

Anno de
Christo de
1551.

544

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
12.

*Como se
houve o P.
M. Mel-
chior na
sua não.*

*O P. Ma-
noel de Mo-
raes servio
de Cura na
sua não.*

dia, porque já lhe faltava o mñtimento, & lobejavam as doencas. No meyo desta desconforção ordenou o Padre Manoel de Moraes huma procissão, na qual sahio com os seus nininos orfãos, & com muitos disciplinantes, começando de hum altar, que se levantou na poppa, até outro, que se fez no castello da proa, com hum retabolo de Nossa Senhora da Piedade: cousa foy assás digna de admiração, que dadas tres voltas pela não, & chegando ao altar da Virgẽ do pé da Cruz, bradando a Deos misericordia, logo o Senhor das misericordias (por intercessão de sua santissima Mãe) ouviu os rōgos dos affligidos navegantes, acodindo, no mesmo pontō, com vento galerno, que foy cada vez refrescando mais, & asseoprando em poppa, até os meter seguros pela barra de Cochim. O trabalho do Padre Manoel de Moraes, nesta sua não se lhe dobrou, porque elle foy o que em toda a viagem servio de Cura, & de Capellão da não; & o que mais lhe, foy sempre o enfermeiro; & finalmente veyo ádoecer de puro trabalho, abrangendo tambem o mal aos companheiros, posto que foy Deos servido de lhes dar saúde, pera continuarem na India com estes sanctos trabalhos.

2 Em a não capitania, em que hia o Padre mestre Melchior, houve tãta reformação, & emenda dos mãos costumes (ordinarios em semelhãtes viagens) por causa do sancto zelo, & incansaveis trabalhos deste servo de Deos, que diziam os officiaes da não, que tendo navegado muitas vezes aquelles mares, nunca tinham visto nos navegantes semelhantes procedimentos na virtude, & assim lhe chamavam a não sancta. Ajudou muito a esta sancta novidade o exemplo, que dava o capitam mōr Diogo Lopes de Sousa; o qual, por dar gosto ao Padre, mandou lançar hum bñdo, que ninguẽ jurasse naquella não, nẽ jugasse mais q̃ até certa contia, executando em sy o rigor da ley, que puzera aos outros: exercitando em tudo nam menos sua muita christandade, que sua grande fidalguia. Desta maneira hia a não ã poppa nos bons costumes, & hiam os Padres muy bem navegados nas cousas do serviço de Deos, porque nenhuma intentavam com os navegantes, da qual nam alcançassem o bom successo. Atalharam muitos delafios, que naquelle tempo eram muy ordinarios entre os Portugueses, que nam arreceavam, por ganhar honra á força de braço, perder a vida, com risco da salvação.

3. Hum caso succedeo nesta não sancta, que todos entã tiveram por milagre, que Deos obrou pelas oraçoens do Padre Mestre Melchior. Navegava a capitãnia mar bonança, vento em poppa, saudando já a terra, com grande festa dos navegantes, à vista de Moçambique, quando de repente foy varar em hum seco, & se assentou sobre huma lagê, a tempo que vafava a marê. Grande foy a confusam, que sobresalteou aos passageiros: a não se assentou no baixo, mas elles levantaram os gritos ao céu, bradando a Deos misericordia, & dandose todos por perdidos, acodiam hñs a alijar a fazenda ao mar, outros a cortar o mastro grande, muitos se lançavam a nado, & o piloto, como se estivesse doudo, dava em sy. Nam perdeo o animo, neste grande perigo, o Padre mestre Melchior, animando a gente, & exortandoa a ter confiança em Deos; que nos mayores perigos, costuma socorrer cuydadozo aos que delle se valem confiados. Recolheose a fazer oraçam, na qual Deos lhe deo claro conhecimento de como costumava favorecer aos q̃ tratam do zelo do proximo, & da honra divina. Acabou o Padre a oraçam, sahio do camarote, & foy cousa maravilhosa, que havendo huma hora, que a não estava assentada sobre a

pedra, & saltando cada vez mais a agoa á não, porque vafava a marê, de improvifo se levantou do baixo, & começou a nadar, sendo grande, & muy carregada, sem tomar agoa; & sem dano, ou perigo algum, foy direita lançar ferro no porto; dando infinitas graças ao Senhor, & attribuindo todos esta merce aos merecimentos do Padre mestre Melchior, cujas oraçoens, tanto que chegaram ao alto do céu, logo Deos livrou a não do baixo de Moçambique.

4. D'ahi a huns dias chegou tambem ao mesmo porto o Padre Gonçalo Rodrigues em a sua não, & se ajuntaram aly dez Religiosos da Companhia, que todos se empregaram na cura dos doentes de seis náos, que das oito aly vieram aportar, festejandose muito hñs aos outros, quando de novo chegavam, & já lá achavam seus naturaes, & amigos. Em a não sancta Cruz, da qual era capitam hum Miser Bernardo, vinham tres Religiosos da sagrada ordem dos Prêgadores, todos de muita virtude, de grande religiã, & zelo das almas: os nossos da Companhia os foram receber em procissam, cõ muita solennidade, com alegres musicas, que lhe davam os mininos orfãos, edificandose muito os Portugueses de ver tanta uniã de vontades, que sempre

Chega o P.
Gonçalo Ro-
drigues a
Moçambi-
que.

Anno de
Christo de
1551.

546

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Grãdestra-
bilho do
Irmamior
ge Nunes.

he a mesma, aonde sò reyna o desejo de contentar a Deos, & aonde vive o zelo de salvar as almas. Detiveramse estar náos em Moçambique até o principio de Setembro, & todas junças, com monsa tendente, deram à vela pera Goa: & como os doentes eram muitos (em especial na capitania, aonde mais concorreo o peso da gente) creceo, com esta occasiã, o trabalho aos nossos, & em particular ao Irmam Iorge Nunes, que de puro trabalho veyo a morrer, estimando muito dar nesta occasiã a vida propria, por remediar a saude alheia.

5. A este bom Irmam chamava, em huma sua carta, o Padre mestre Melchior verdadeiramente martyr no affecto, pois desejando tanto hir á India, pera que o matassem, prégando aos gentios, veyo a morrer no mar, curando aos enfermos. Foy finalmente tanto o que estes nossos Padres trabalhãram nesta navegaçam, que se deo por obrigado o Visorrey Dom Affonso de Noronha (filho do segundo Marquês de Villa real Dom Fernando de Noronha) que entam presidia na India, a escrever ao Padre mestre Simam, gratificandolhe aquelles illustres operarios; & dizendo, com grandes encarecimentos, que ainda que os nossos Religiosos nam fossem ao Oriente

mais que pelo muito que serviam a Deos no tempo da viagem, podiam dar por bem empregados, seus grandes, & muy gloriosos trabalhos; o que agora eu aqui aponte, pera que veja mos quam antigo he este bom costume, dos nossos missionarios ajudarem os navegantes, & pera q nos animemos todos a cõtinuar estes sãctos exercicios, persuadindonos, que entam cõtentamos mais a Deos; quando servimos melhor aos proximos.

CAPITULO XXVII.

De como se houve na India o Padre Melchior Nunes Barreto, o qual foy o primeiro prégador, que entrou na China; & dos muitos trabalhos, que padeceo na jornada do lapã.

1 **D** Espidamonos dos Padres d'esta gloriosa missã, com darmos novas a esta Provincia, mãy sua, de quam acertado fosse dalos à da India. Pareceria a alguem, que a pessoa do Padre Doutor Melchior Nunes Barreto, suas letras, & sua muita virtude, excellente governo, &

illustres

Anno da
Cõpanhia
12.

illustres partes, de que Deos o dotou, se nam deviam de tirar de Portugal, pera o mandar pera a India: como tambem culpará por cousa menos acertada, quem vir com olhos humanos, o grande numero de doutores, & de pessoas gravissimas, que esta Provincia, pelo discurso dos tempos, foy largando de sy, pera se empregarem na empreza do Oriente. Porém os que julgarem estas acçoens com os olhos em Deos, sem duvida ham de achar, que sam muy bem empregados todos os que esta Provincia manda pera a India; porque assim como nam se perde o que a Deos se entrega, assim fica a Companhia ganhando seus subditos, que vam á India perder a vida, por ganhar as almas; porque aqui vem frizando aquella divina sentença do Senhor, ^a que achará a vida ganhada no ceo, quem por amor d'elle a perdeo no mundo.

² O principal d'esta missam foy o Padre mestre Melchior, tam nomeado nas cartas do Iapam, hum dos mais exemplares, & mais autorizados missionarios, que esta Provincia de Portugal, tam fertil em bons fogeitos, mandou á India; de sua entrada na Companhia falamos no livro primeiro, capitulo 22. Grandes foram os trabalhos, que pelo bem das almas pade-

ceo este grãde servo do Senhor, verdadeiro imitador do Apostolo do Iapam S. Francisco de Xavier. Eram taes as consolaçoens, que Deos lhe comunicava, que numa carta, que da India escreve, entre outras diz estas palavras: *O quam doce he a experiencia dos gostos, que Deos communica por meyo de sua Cruz? Quam grande socorro dá de consolaçoens nos trabalhos, & tribulaçoens; quam manifesta intelligencia de muitas cousas, que antes desta experiencia sam muy escuras de entender?*

³ Chegado a Goa na sua não sancta, foy muy festejado pelo glorioso Padre S. Francisco de Xavier, porque logo conheceo quam bom companheiro tinha no Padre mestre Melchior. Mandou o a Baçaim, aonde se applicou tanto ao bem dos proximos, que de todo se esquecia de sy mesmo, ficando ás vezes o dia todo sem comer bocado, por nam faltar no pasto espirital de seus proximos. Ao Domingo prégava duas vezes, & quatro pela somaná, sempre com grande fructo dos ouvintes, & com muitas cõversoes de gentios.

⁴ Nam deixava, com a occupaçam das prègaçoens, a da sancta doutrina, á imitaçam do bemaventurado Padre mestre Francisco; hia todos os dias com a campanha pela cidade, chamando a gente á doutrina.

Como aco-
dia a fazer
doutrinas.

O tempo, que lhe ficava, dava às confissões; deputava pera o confissionario certos dias, nos quaes aturava da menha até duas, ou tres horas da noite, alegrándose sobre maneira, quando via ajoelhados no confessionario, por suas pregações, e rendidos algũs peccadores, imitado na terra o gozo, q os anjos tem no cêo com suas conversoens. Pera o muito abalo, & muitas mudanças de vidas, que no povo houve, ajudou muito hum jubileo, que o Padre lhe publicou, com tanto zelo, & preparaçam, que só a fim de a gente estar mais disposta, pera receber a graça divina, & as graças, que se podiam ganhar com o sancto jubileo, fez primeiro trinta sermoens, sobre esta materia. Brotaram com tal aparelho, no exterior, grandes effeitos da graça interior, & uniã do Spirito sancto, disciplinandose muitos publicamente pelas ruas, & praças; outros com cruces às costas; outros com huma cãveira na mam esquerda, & disciplinas na direita; que com estes sinais exteriores, quer Deos tambem, que o sirvam aquelles, que foram rebeldes em o offender.

*Foy homẽ
de muita
oraçam.*

5 Foy o Padre mestre Melchior homem de grande espirito, & muy conhecida devaçam, muy dado á oraçam, & ao trato, & familiaridade com Deos, mas nem por isso se esquecia

de acodir ao proximo; & assim se davam as mãos as duas vidas contemplativa, & activa, que parecia nivelado pelo molde de ambas. Tinha muitos discipulos nesta escola do espirito, assim Religiosos, como seculares, nos quaes havia grande reformaçam de custum es, procedendo, & vivendo todos com tal perfeiçam, como se fossem noviços. Dos Portuguezes era tam amado, pela sancta affabilidade, que tinha em sua conversaçam, que até os homiziados, que em defferviço d'el Rey de Portugal, se hiam fugindo a terra de Mouros, acodiam ao Padre, com grande confiança, & elle os reduzia, trazendoos a Deos, & aquietandoos com el Rey.

6 Achou o Padre mestre Melchior, por aquellas partes, muitos hereges luteranos (que em toda a parte pega a contagiã d'esta peste) os quaes, a titulo de bombardeiros passavam à India, pera assaltar sua artilheria do inferno, & fazer tiro contra a verdade catholica, publicando, & repartindo muitos livros escritos em lingua Tudefica, & hum psalterio de David, commentado com as preverfas mentiras do impio Martim Lutthero. Felos o Padre prender, atalhando o incendio, com que estes infernaes Vulcanos, queriam abraçar a India, que com

*Como se
houve co-
tra os he-
reges.*

mais

mais facilidade se atearia naquella gente ignorante, do que o fogo na polvora das suas bôbardas; & nam se contentando cõ o castigo, q̃ fez dar na India, a estes malvados hereges, escreveu a Portugal, sobre a grande cautela, q̃ se devia ter no exame dos estrangeiros das partes Septentrionaes, quando houvessem de hir pera as conquistas da India.

7 Muy bem occupado andava o P. M. Melchior, convertendo os gentios, & reformado os christãos, quando, por falecimento do Padre mestre Gaspar em Goa, & do Padre Sam Francisco de Xavier às portas da China, ficou Provincial por nomeação do mesmo sãcto Padre Xavier (que sò tam grande fôgeito poderia encher tal lugar, & ter forças bastantes, pera succeder a dous tam valentes Atlantes) porém elle estimou antes mostrar, quam de proposito pretendia seguir os trabalhos d'aquelles excellentes capitães, & que antes queria imitalos nos suores, que succederlhes nas prelasias: ficando o governo a outro; correo muita parte da India, foy a Malaca, aonde fez muito serviço a Deos; & d'ahy navegou pera Iapão, com grandes perigos, por mar, & por terra; & nam podendo d'esta vez lançar ferro nestas suas tam de-

sejadas ilhas, achando occasiã de embarcaçam pera a China, entrou de caminho nas ilhas de Champeiloo, Lâpacau; & tambem esteve em a ilha de Pulotimãm, arribando à costa do Malayo, com grandes perigos: foy á ilha de Sancham, aõnde vio o lugar da sepultura de seu grande amigo o Padre Sam Francisco de Xavier; & nelle, com grande copia de lagrimas, & com toda a solennidade possível disse missa, & prégo.

8 D'aqui passou á China, entrou na gram cidade de Cântãm (q̃ elle dizia ser como Lisboa) foy o primeiro pregador do Evangelho, q̃ teve esta gloria de se lhe abrirem as entradas da China, q̃ até entam parece q̃ estavam fechadas cõ muralhas de aço, & cõ ferrolhos de diamante: que verdadeiramente attribuímos este milagroso successo nam menos às orações do grãde Xavier ja morto, que aos innumeraveis trabalhos do P. Mestre Melchior. Duas vezes entrou nesta cidade de Cântãm, dando as primeiras, & alegres novas do Evangelho, áquellas gentes, disputando com os sacerdotes dos Chins, confundindo seus erros, alcãçando gloriosas victorias, & lâçãdo os primeiros fundametos do grãde edificio d'aquella christãdade, tẽdo nestas êtradas os trabalhos,

Entrou na ilha de Sancham.

Orland. lib. 15. n. 134. In annis Japon. fol. mih. 47.

Duas vezes entrou na China.

& merecendo tambem as glorias de primeiro Apostolo da China; que só por esta façanha deve ser eternizado o nome deste grande servo de Deos, dignissimo irmam do Patriarcha D. Ioam Nunes Barreto, de quem adiante falaremos.

9 Porém, porque os desejos, que tinha de entrar também no Iapão, eram vehementissimos; a pezar de infinitas difficuldades, depois de continuardous annos, nesta sancta porfia, atravessando mares, padecendo naufragios, perseguido de corsarios; entrou finalmente nesta sua desejada terra de promissão; (q sem grãdes perigos nam se fazê grãdes façanhas) No Iapão foy visitar o Rey de Bungo, da parte de Deos, & em nome do Visorrey da India, acõpanhado de 40. Portugueses, q quizeram fazer aquella hõra ao Padre, & aquelle serviço ao Evangelho; entrãdo cõ todas aquellas ceremonias, q se contam de outra semelhante entrada do Padre S. Frãcisco de^d Xavier: sendo nesta, & noutras occasiões, seu interprete o Irmam Ioam Fernãdes, de quẽ temos falado muitas vezes. Mostrando o P. M. Melchior, em todas estas empresas, a grandeza de seu animo, o fervor de sua charidade, & os quilates de seu abrazado zelo, q sempre o acõpanhou, atẽ dar a vida nestas sanctas occupaões,

hindo ao cẽo receber a coroa, tecida cõ os trabalhos, que padecẽo, procedendo em tudo como se esperava do successor de S. Francisco de Xavier, a quem reverenciava como pay, & estimava como sancto, trazendo sempre consigo, como preciosissima reliquia a sobrepeliz deste milagroso varã, por meyo da qual escapou de grãdes perigos.

10 Nas nossas cartas do Iapão anda, entre outras, humadeste inestimavel Padre, escrita de Cochim a 10. de Janeiro de 1558. que he admiravel; & parece de hum S. Paulo, digna de varã tam apostolico, na qual conta parte de seus innumeraveis trabalhos, que teve na entrada da China, & do Iapão, padecendo todos, com alegre animo, & offerecendo a vida tantas vezes, pelo bem daquelles gentios, & por trazer ao rebanho do Senhor aquellas ovelhas perdidas; que tudo isto podiamos esperar do Padre mestre Melchior, que foy aquelle, de quem contamos no primeiro livro, que levou as costas o carneiro esfolado, por ordẽ do P. M. Simam, no dia em q se fez doutor na Vniversidade de Coimbra; & quẽ entam, com tanto animo, tomou aos hombros o carneiro, bem mostrava naquella promptidam, a vontade, cõ que

Vid e Fernam
Mend. Pinto
c. 225.

Lucen. lib. 9.
cap. 5.

Lib. 2. c. 19.

P. Lucen. lib.
10. c. 28.

In annis Iap
niz ann. 1558.
fol. mibi 47.

Lib. 1. cap. 22.

ao diante se havia de offerecer a trazer, pera Christo, tantos cordeirinhos innocentes, que bautizou, & tantas ovelhas desgarradas, que encaminhou. D'este grande servo de Deos faz muy honorifica mensãm Fernãm^h Mendes Pinto, quasi nos ultimos capitulos de suas peregrinaçoens; em que teve por vezes o P. mestre Melchior por muy bom companheiro; & tudo o que aly diz, he conforme com as cartas, & noticias, q̃ temos entre nòs, que sam muy certas.

CAPITULO XXVIII.

Dãse huma breve noticia do Padre Manoel de Moraes, & do Padre Gonçalo Rodrigues, que nesta missãm foram pera a India.

A Gora daremos brevemente conta do Padre Manoel de Moraes, a quem chamãram Senior, homem muito nobre, natural de Bragança (donde procedem os da família dos Moraes) entrou na Companhia no anno de 1544. foy mādado, em desembarcando, à ilha de Ceilã, pelo P. S. Francisco de Xa-

vier, sendo capitam da ilha Dõ Duarte de Sã, fidalgo de muito valor, & piedade; ao qual era tã aceito o Padre Moraes, que depois, em Portugal, o apregoava por sancto, & dãdo a rezãm desta sua opiniãm, dizia, que nũca nelle sentira effeito de carne, senam de espirito, & q̃ nãm tratava de cousas da terra, senam do cẽo. Occupouse o P. Manoel de Moraes em Ceilã, primeiramente entre os Christãos, em arrancar da terra abusos, & peccados publicos, como era comerem gẽralmente carne às festas feiras, & sabbados, & na quaresma, tam desaforadamẽte, que quando o Padre começou de piẽgar contra esta impia largueza dos costumes, tam fora da obrigaçam, & piedade christã, se riam os ouvintes d'isto, lançando a cousa a passo (que assim costumam fazer os que nãm querem ser cortesãos pera com Deos) Porẽm tanto porfiou o bom Padre, que lhe vieram a pedir perdã, emendando as vidas d'ahi por diante. Houve publicas mostras de cõtriçam, & penitencia nos soldados, & nos mercadores Portugueses, q̃ hũs, & outros costumãter demasiadas liberdades nos costumes, em especial na India, aonde os soldados parece sò tram da largueza da vida, & os mercadores sò cuydam nos empregos da fazenda.

*Do muito
que fez en-
tre os gê-
nios, pera
os doutri-
nar.*

2 Com a mesma diligencia soube ganhar os animos dos gentios, com tam boas obras, que igualmête o respeitavam como a mestre, & o amavam como a irmam. Muitos, por sua industria, recebêram a agoa do sancto baptismo, entre os quaes foy hum grãde senhor de terras (irmam de outro, que com peçonha tinha morto o terrivel, & muy temido Pandarà, pay do Rey, que entam reynava) este se convertéo com muita gente de sua casa, & recebeo da mam dô Padre o sancto baptismo. Com o mesmo zelo pretendeo, que o Rey de Ceilam, com seus Chingalàs, abrissem os olhos á luz do Evangelho, & deixassem as trevas de seus erros. Mas nem sempre os bons successos respondem aos bons desejos: tinham os Mouros a principal culpa da pertinacia do Rey, & da obstinaçam dos vassallos; & chegava esta refinada peçonha a pegar-se nos Portugueses; a estes particularmente acodia o servo de Deos, desfazendose em sancto zelo, emendando a muitos, & ameaçando a todos, até que finalmente veyo ádoecer á força de trabalhos; que estes sam os preciosos rubis, que o Padre Manoel de Moraes foy buscar às pedreiras de Ceilam.

3 D'aqui, mandado pelos superiores, tornou a Goa, *Morreo* pera o curarem de suas grandes enfermidades, aonde d'ahi a poucos dias, cercado de seus Irmãos, & das saudades do cêo, tendo sempre a IESVS na boca, & a elle, & sua Mãe sanctissima no coração, sahio da vida presente, pera começar a gozar a eterna, no anno de mil, & quinhentos, & sincoenta, & quatro, tres annos depois de sahir da barra de Lisboa. Varâm verdadeiramente mortificado, & nada rendido ao amor proprio, & que tanto soube fogeitar seu corpo á rezam, que nem a ultima enfermidade, em que morreo, lhe fez deixar o rigor da penitencia de que usava, tanto que em a hora, em que espirou, o acharam cingido com hum cadea de ferro, que trazia junto da carne, em final, que nam queria dar liberdade ao corpo, até a alma nam ficar fôra das prisoes deste desterro, pera voar livre à patria do paraíso.

4 O terceiro Padre de particular consideraçam (deixando os mais companheiros) foy o Padre mestre Gonçalo Rodrigues, nam menos douto em letras, que assinalado em virtudes; trabalhou com muita gloria de Deos, na India,

*Do muito
que traba-
lhou o P.
M. Gôçalo
Rodrigues.*

em

em varios Reynos : primeiro em Ormús , onde foy mandado pela sancta obediencia, succedendo ao varám apostolico , Padre mestre Gaspar, que naquella praça do mundo tinha feito grandes obras , & maravilhas. Era tanta a fome , que tinha o Padre mestre Gonçalo , de encaminhar almas, que mandando a esta missã da Persia, logo se embarcou , com tal diligencia , que nam tratou de meter consigo nenhum genero de matalotagem , sustentandose na viagem sò de esmolas . E tal era a vontade , que tinha de começar a desejada empreza , que chegando a Mascate , pera com mais brevidade tomar Ormús , se meteo em huma pequena terrada , com muy poucas pessoas , arriscado aos perigos do mar , & aos encontros de ladroens , que em effeito o cercaram tres , ou quatro embarcaçoens de Nautiques (que sam cossarios assim chamados naquella mar) & chegando-se à pequena terrada , despediram muitas sêtas sobre o Padre, & sobre seus companheiros . Elle se poz em oraçam ; & foy cousa milagrosa (como todos depois contavam) que nem a elle , nem a seus companheiros Arabigos , fizeram mal algum , antes tornavam as sêtas pera trãs , ferindo a-

os mesmos Nautiques , que se afastaram da preza , com mais diligencia do que quando a demandaram ; ficando com isto entendendo , que nam podem fazer mal os tiros das sêtas ervadas , a quem defendem os favores do cêo benigno ; & que peleijam os anjos, pelos que vam converter gentios.

5 Tanto que chegoû à cidade de Ormús , donde havia pouco se tinha partido o Padre mestre Gaspar , logo todos temperaram as saudades do mestre , que perdêram , com a vinda do prégador , que ganhavam ; começando a reconhecer , no successor do Padre mestre Gaspar, seu espirito dobrado , como ^a Eliséo de sejava alcançar de seu mestre Elias, quando o deixou na terra, arrebatado elle em carro de fogo pera o cêo. Continuou o Padre seus sanctos trabalhos , & perpetuos exercicios, prégando , confessando, fazendo a doutrina cada dia , disputando com os Iudeos , confundindo os Mouros , convertendo os Gentios , prégando aos Portugueses , sem perdoar a nenhum trabalho ; até que vencidas as forças corporaes , cahio gravemente enfermo , & juntamente o companheiro, que lhe agrayou mais a enfermidade . Mas nam

^a
4. Reg. c. 2. n.
10. Obsecro
fiat in me du-
plex spiritus
tuus.

como esca-
ou mila-
rosamete
e hús cos-
arios.

foy a doença parte pera deixar de acodir com o vigor do espirito valente, aonde faltavam as forças do corpo fraco; & sem duvida acabaria nesta porfiada contenda, de querer tirar forças da fraqueza, se a prudencia dos superiores o nam fizessem por entam deixar a estancia, & recolherse a Goa.

*O que lhe
sucedeo em
Baçaim.*

6 D'aqui partio pera a ilha de Salfere, aonde, tanto que teve mais algum alento, continuou com seus exercicios sanctos. Em Baçaim, huma legoa de Tanà, achou aquelle famoso templo da idolatria, dedicado pelos gentios á sua abominavel Trindade (que era o principal forte, em que o diabo se tinha acastellado) ajudando, como bõ companheiro, ao Padre Melchior Gonçalves (como disse-^bmos atrás^b) a derrubar este castello roqueiro do inferno, levantando logo hum templo, cõsagrado à sanctissima Trindade, reconhecida, & adorada por mais de quatro mil Christãos, que elle converteo da gentildade.

^b
Lib. 2. cap. 35.

7 Nam paràram aqui os caminhos do Padre Gonçalo Rodrigues, porque elle foy o embaixador, que no anno de 1555. foy mandado a Ethiopia, a tentar o animo d'aquelle Emperador, como veremos a diante, na qual jornada padeceo grandes trabalhos, & se vio em

muitos perigos, por mar, & por terra. Com esta mesma constancia trabalhava de atalhar o cativoiro das crianças, que em Tanà os pays gentios costumavam vender aos Mouros, quando delles tinham roim agouro. O meyo, que achava mais accommodado pera ganhar estas almas, era comprar elle mesmo os filhos aos pays, usando d'esta sancta invençam, pera tirar aquellas almas do cativoiro do diabo, & pera ganharê, cõ o baptismo, a liberdade de filhos de Deos. Acõteceolhe huma vez comprar duas crianças, por preço de duas tangas & meya, que vem a valer duzentos & dez reis, as quaes, com celestial ventura das mãos do sacerdote, que as bautizou, se passãram às dos anjos, que as recebêram; apresentando ao divino cordeiro estes dous cordeirinhos, lavados com a agoa bautifmal, & tornados mais alvos, que a neve, com a graça do Senhor, que tam facilmente achãram. Ditas almas, que com tam leve preço alcançãram a gloria, a quem S. Paulo^c chama pezo eterno? Ditoso Padre, que com tam pouco dinheiro fez tanta mercancia, com duas tangas remio duas almas, comprãdo tam barato, o que a Christo custou preço infinito: posto que ambos excedêram, assim Christo como o Padre; hum em cõprar

*Por muy
pouco pre-
ço cõprou
hũs innocẽ
tes, q̃ bau-
tizou.*

^c
2. ad Cor. 4.
n. 17. Acteinũ
gloriæ pondus
operatur in
nobis.

por

por muito, outro em mercar por pouco; Christo deo preço infinito, o Padre o deo muy limitado; os excessos de Christo nos pedem obrigaçam, os do Padre nos causam espanto; estes porèm nam teriam o effeito da graça, se Christo lhe nam dèsse o valor do sangue: em hũs, & em outros se vio bem a misericordia, & liberalidade de nosso Deos, pois nam deixa de nos resgatar, quando nos vendem muito baratos; nem deixa de nos remir, ainda que lhe custemos muito caro.

8 Apos estes puros espiritos, & outros muitos, que o Padre mestre Gonçalo mandou diante ao céo, he de crer, que com muita festa, em companhia dos anjos, foy admitido na gloria, a receber o prémio de tam ditosos trabalhos. Muito pudemos tambem dizer do Padre Antonio Heredia, que veyo em companhia do Padre mestre Melchior, & depois foy Reytor em Cochim, aonde trabalhou muito, como tambem em Ormũs; porèm baste por agora esta breve noticia, que dey dos tres principaes Padres desta missãm, aos quaes offereço este pequeno trabalho, por nos pertencerem à nossa Provincia de Portugal, donde os mandamos, pera tam gloriosa empresa, deixando a relaçam muy larga de suas heroicas

obras, pera a Chronica da India; que bem he que no Oriente, & Poente, se occupẽ os mais nobres engenhos, em descrever taes façanhas.

CAPITULO XXIX.

Dà elRey ao Collegio de Coimbra o mosteiro de Sam Ioam de Longavares: torna o Padre Gonçalo Vaz de Melles em missãm ao Algarve, com grande proveito espiritual daquelle Reyno.

1 **M**Vito se alegrava o serenissimo Rey, vendo com seus olhos o bom legro da Religiãm, que de Roma trouxera a Portugal; & muito estimava ouvir as boas novas; que de nossas cousas lhe contavam os que vinham da India. Nam podia haver pratica mais alegre pera o pijsimo Princepe; nem lhe podiam offerecer mais saboroso prato; nem lhe sabiam melhor grangear a vontade, com lisonja, que mais lhe agradasse, do que quando lhe falavam no ardente espirito de missoens da India, com que os sogeitos do seu Collegio de Coimbra se

Quão el-Rey estimava as boas novas de nossas cousas.

Anno de
Christo de
1551.

556

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
12.

criavam; porque nam lhe comprazia tanto a nova, que lhe davam de hum Reyno da India rendido, & conquistado, quanto a nova de hum gentio convertido, & bautizado. Tal era o fervoroso zelo da gloria de Deos, que ardia no peito deste religiosissimo Principe. E desejando augmentar o numero dos fogeitos no seminario de Coimbra, lhe quiz primeiro acrescentar as rendas; o que succedeo este anno de 1551. dandonos o mosteiro de S. Ioam de Longavares, sito junto às ribeiras do rio Minho, em visinhança da villa de Monfâm, da maneira, que apontamos no segundo livro.

Lib. 2. cap. 14.

*Antiguidade
de deste
mosteiro.*

2 A fundaçam deste mosteiro he tam antiga, que lhe nam sabemos o fundador, se bẽ me persuado, que seria elRey D. Affonso Henriques, pela muita devaçam, que tinha aos Religiosos Conegos regrentes de S. Agostinho (aos quaes pertencia este mosteiro) & porq̃ sabemos, que foy dotado por elRey Dom Sicho, filho deste glorioso Rey; Tambem sabemos, q̃ foy cõfirmado, com grandes privilegios, por elRey Dom Affonso o segundo, & por muitos outros Reys, até elRey Dom Manoel. Do templo, & mais edificio d'este mosteiro, nam temos hoje mais vestigios, que a capella mór, que he de abobeda; o cor-

po da Igreja (que he grande, & mayor do que demandava a capella) nõs o fizemos. Hã mais huma imagem de S. Ioam Baptista, muito antiga, mal feita, & avelhentada, a que os fregueses chamam S. Ioam da gorra, por causa da que tem na cabeça, ao modo, que em Portugal se usava antigamente (que atẽ aos sanctos querem os homens vestir a seu modo, & à usança do tempo) He tanta a devaçam, que jã de muitos annos, estes pòvos tem a esta sua imagem, & he ella tam velha, & tã imperfeita, que julgando nõs, que era indecencia estar no altar, lhes fizemos outra muito perfeita; & pondolha em seu lugar, tanto bradaram, & nos demandaram pelo seu S. Ioam da gorra, atẽ que o tornaram a ver no altar, aonde hoje o veneram, sem fazer caso do outro Sam Ioam novo, & perfeito: tanta he a força da criaçam, que nos dẽram, & da tradiçam, que tivemos, que chegam os homens a prezar mais o que veneraram seus pays, que o que vem com seus olhos.

3 Tinha sido commendatario d'este mosteiro o senhor Dom Duarte, filho d'elRey Dõ Ioam o III. (a quem suas virtudes podiam ligitar) o qual morreo em Lisboa, nam tendo mais que vinte & dous annos de idade, sendo jã Arcebispo

eleito

*Devaçam
desta gẽte
a hũa ima-
gem muito
antiga.*

*D. Duarte
filho natu-
ral delRey
D. Ioam
o III.*

eleito de Braga; porque pretendia elRey seu pay encaminhalo a ser ecclesiastico, como foram o Cardeal Dom Affonso seu tio, Bispo d'Evora, & o Cardeal Dom Henrique, tambem irmãõ de seu pay, Arcebispo que foy successivamente de Braga, d'Evora, & de Lisboa, & outra vez d'Evora, & depois Rey de Portugal.

4 Nam se offereceo a elRey Dom Ioam outro successor, em quem empregasse melhor este grande beneficio (que vagã por morte de hum filho, que tanto amava) que o seu Collegio de Coimbra, a quem tambem tinha em lugar de filho, & assim lhe fez liberal doaçaõ deste mosteiro, com todas suas annexas, & pertença, pera com esta renda accrescentar o numero dos fõgeitos, que criava naquelle Collegio, com intentos de os mandar a converter o Oriente. Fezse a uniãõ in perpetuum; authoritate Apostolica, como consta das bullas, que temos em nosso poder, passadã pelo Papa Iulio III. no segundo anno de seu Pontificado, que foy este, de que himos cõrãdo, de mil & quinhentos, & sincoenta & hum; nas quaes diz, que se inclinou a fazer esta graça ao dito Collegio, por lhe ser assim pẽdida por elRey Dom Ioam III. *pro causa dos grandes trabalhos, que os Padres da Compa-*

nhia padeciam, na conversãõ das almas, & propagaçaõ da fẽ catholica, nam cessando nem de dia, nem de noite de vigiar nestas sanctas occupaçoens,

c. Pera que vejamos a obrigaçaõ, que corre a todos os moradores d'aquelle sancto Collegio, em continuarem com este apostolico fervor das missõens do Oriente, & conversãõ da gentildade, pois vemos, que estas foram as causas, que principalmente motivãram a fundaçaõ do Collegio ao Rey, & a confirmaçaõ das rendas ao Papa.

5 Nesta bulla da uniãõ de S. Ioam de Longavares, que começa, *Regimini universalis Ecclesie, meritis licet imparibus, disponente Domino praesidentes &c.* faz particular mençaõ o summo Pontifice Iulio III. do fructo, que os nossos missionarios recolherã no Reyno dos Algarves, nestas palavras: *Plurimos in Ecclesia Dei fructus afferebant, quodque tam in dictorum Portugaliae, & Algarbiorum Regnis, quam in insulis maris oceani, eidem regno subiectis, & pluribus alijs locis plurimum proderant.* Nam tinhamos atẽ aquelle tẽpo casa algũa no Reyno do Algarve; & assim este fructo espiritual, de que aqui fala sua Sanctidade, se ha de entender do que aly fez o Padre Conçalo Vaz de Mello, na missãõ de que atrã falamos, diligenciada, & alcançada pelo illustrissimo

Bispo

Anno de
Christo de
1551.

O Bispo do
Algarve
pede mis-
são dos
nossos Pa-
dres.

Torna ao
Algarve o
P. Gonçalo
Vaz de
Mello.

558

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Bispo de Sylves Dom Ioam de Mello; o qual vendo o bom successo da missão passada, & dando ouvidos às affectuosas petições de suas ovelhas, pediu, que lhe tornassem a remeter ao Algarve o seu muy desejado prègador o Padre Gonçalo Vaz de Mello: nam se atrevia o Padre Provincial a despachar tam piedosa petição, sem beneplacito do Padre; porque o trabalho, que tomava nas missões, era muy pezado; & as forças, que tinha no corpo, eram muy fracas; porém o valeroso soldado se nam escaçou da hida, dizendo, que os que militam nesta bandeira, ham de trabalhar, até desfalecer, & nam se ham de queixar, até morrer; & assim tomada a benção ao Padre Provincial, se partio pera o Algarve, levando por companheiro hum Padre por nome Fructuoso André, de grande sciencia, & zelo pera o sacramento da penitencia. Foram recebidos na cidade de Lagos, mais como santos cahidos do céu, que como prègadores vindos de Coimbra; foy igual o fruto, que recolheram, ao gosto com que os receberam.

6 Em Villa nova de Portimão (lugar grande, & muy consideravel no Reyno do Algarve, habitado de gente nobre, posto que já foram mais ricos, do que hoje estam) aqui es-

peraram o Padre com notaveis alvoroços, pelo que já sabiam de seu espirito, & pelo que tinham experimentado de seu talento. Chegou ao hospital, pera acodir aos enfermos, conforme seu sãcto costume; nelle achou muy doente a hum pyrata Francés, que da cadea, aonde estava preso, tinham trazido, por se nam poder, entre os presos, soffrer o intoleravel cheiro, com que os infestava, por causa de huma perna quebrada, & fistulada. Gloria foy pera o Padre Gonçalo Vaz, achar tal hospede naquella casa, tendo por alviçaras, haver de dar boa conta, de quem tam mã a dera da fazenda alheia; servioo com grande vontade, & limpeza, fez-lhe seu enfermeiro, curavalhe a ferida com admiravel paciencia, pelo insosfrivel cheiro, que de sy lançava; o qual de tal maneira penetrou, ao Padre Fructuoso André, seu companheiro, que por oito dias esteve totalmente desacordado. Por grande ventura teve o Padre Gonçalo Vaz ficar sò no campo, curando, & assistindo ao seu ferido; o que fazia com todo o regalo possivel, & com tam apprazivel graça, como se todas estas cousas fizera à pessoa do mesmo Christo. E se bem acodia o varão de Deos á ferida do corpo, ainda melhor lhe valeo na morte da alma; porque

Anno da
Companhia
12.

Charidade
q o P. u sou
cõ hũ pyra-
ta, enfer-
mo.

de

de hereje Hugonote, o fez Ca-
tholico Romano; & depois de
recebidos os sacramentos ne-
cessarios; o mandou alegre
pera o cêo, como piamente
podemos considerar, que esta
he a bondade do Senhor, & es-
ta dita de alguns; que tal vez
dã Deos traça cõ que roube o
cêo, na morte, hum herege, que
foy ladrão na vida.

7 Toda a costa d'aquelle
Reyno foram correndo a pé
estes devotos peregrinos; entrã-
ram pelos lugares mayores, &
menores, buscando o bem dos
proximos nas aldeas, nas villas,
& nas cidades, á imitação d'a-
quelle Senhor, de quem conta
o Evangelista ^b S. Matheus, que
andava como em huma roda
viva, correndo todas as cidades,
& os lugares de Iudéa, prègan-
do o Evangelho; ensinandonos
com este exemplo a nam per-
doar ao trabalho, á conta de ap-
proveitar o proximo. E porque
o Senhor tambem descia às
prayas, ^c & hia ao mar a pescar
almas, & ensinar as ^d turbas da
naveta; a esta imitação o Pa-
dre Gonçalo Vaz tambem hia
ao mar, a fazer pescarias espiri-
tuaes; chegou a huma armaçam
de Atuns, nam pera se recre-
ar com sua vista, mas pera
douttrinar os pescadores, com
sua chegada; constam estas ar-
maçoens de grande numero de

des, de barcos, de instrumentos;
muitos gastos, & tambem mui-
to fruito de seus trabalhos; & sò
pera elRey monta cada arma-
çam destas, em anno, de Atuns,
vinte, ou trinta mil cruzadoos, e
o mais fica pera os armadores.

8 Os primeiros, que, como
atalayas deram fé dos missiona-
rios, foram os mininos, que ha-
via na armaçam (que sempre
estes ouvem melhor os brados
de Deos) sahíram em procissão
a receber os Padres; apos elles
vieram os pays, muy satisfeitos
do novo alvoroço dos innocen-
tes filhos: recebérã os Padres
com mayor alegria, do que se
lhes entrasse, no bucho das suas
redes, hum grande cardume de
Atuns, pera nelles começarem
a copejar alegremente: era
ao por do sol; & logo na praya,
antès de tratar de outros me-
lhores gasalhados, tiveram hu-
ma fructuosa exhortaçam, com
que, em toda aquella noite,
houve muitas confissoens, &
grandes penitencias. No rom-
per da menhã haviam necessa-
riamente de hir acodir a sua ar-
maçam, despediramse dos Pa-
dres, offereceram-lhe em bom
agradecimento, da trabalhosa
noite, que levãram, boa copia
de sua pescaria; os Padres lha
agradeceram, mas nam a acei-
tãram; porque nam vinham
buscar o ganho dos atuns, mas
o proveito das almas.

A festa, q
lhe fizerã
os de hũa
armaçam.

CAPITVLO XXX.

*Continua em sua missam o
Padre Gonçalo Vaz de Mel-
lo; vay tambem a entre Dou-
ro, & Minho o Padre Gon-
çalo da Sylveira: acaba de
ser Reytor o Padre Luis da
Grã, succedelhe o Padre
Vrbano, que deixou o
targo, por hir pe-
ra a In-
dia.*

Como o trabalho do
Padre Gonçalo Vaz
era grande, & as for-
ças do espirito mayores que as
do corpo, hia já muy cansado,
& desfalecido. Chegaram em
Loulè, a hum convento de re-
ligiosos Capuchos da Piedade,
aonde o Padre primeiro tratou
de dar pasto ao espirito fervo-
roso, que remedio ao corpo en-
fermo; porèm, o mesmo foy co-
meçar a dizer a missa no altar,
que começar a lançar sangue
pela boca: nam poderia Sam
Paulo queixarse d'este mini-
stro do Evangelho, como se
queixava dos seus ^a Hebreos,
pois estes nam puderam re-
sistir atè o sangue, este soube

trabalhar atè morrer, porque
deste achaque do sangue, que
derramou aqui, se lhe originou
a morte ao diante. Nam se pô-
de facilmente cter, & menos
agradecer, a muita charidade,
com que o Padre Provincial,
d'aquelles seraphicos Padres, &
o P. Guardiam do cõvento, tra-
taram de socorrer a tam urgen-
te perigo; & nam foy esta a ul-
tima vez, que os da Companhia
temos experimentada a synce-
ra benevolencia, & liberal tra-
tamento d'estes igualmente sã-
ctos, & charitativos Padres; &
se pera com todos sua charida-
de he universal, pera os nossos
religiosos he muy particular,
mostrando com isto ao mundo,
que nam sentem impedimento
na pobreza, os que tem a con-
fiança na charidade. Porèm o
Padre nam queriã desistir da
empresa começada, ainda que
tinha a saude tam perdida. Da-
ly se foy ao hospital de Loulè,
aonde, estimando mais a saude
espiritual do proximo, que a
corporal de sy mesmo, por sa-
tisfazer á gente, que o vinha
demandar, estando actualmen-
te deitando sangue, os ouvia de
confissam; porque seu valeroso
animo nam desfalecia à vista
do sangue, como acontece ao
soldado bisonho.

2. Sua desconsoiação era
por lhe parecer, que nam po-
deria prégar, pelo temor, que

tinha

Grãde cha-
ridade dos
Padres Ca-
puchos.

*Adoce o
P. he cura-
do cõ mui-
ta chari-
dade pelos
Padres da
Piedade.*

a
Ad Heb. 12. n. 4
Non dum enim
usque ad san-
guinē restitit
tis.

tinha de acabar de romper a
vea, com a força do falar: po-
rém, porque o amor do pro-
ximo he muito engenhoso, u-
sou deſte meio, resolveſe em
prègar, mas em voz baixa,
& com tal moderação, que
o fervor do espirito ſe ac-
commodaſſe ao compaſſo da
rezam; julgando, que d'eſta
forte temperava o fervoroso
zelo das almas, com o cuy-
dado da ſaude: aſſim o fez
o bom Padre, & começou
a prægar, com tanta ſuavida-
de, com tal brandura, &
devaçam, com tam grande
abundancia de lagrimas, que
qual a branda chuva, ſem ſe
ſentir, vay calando a terra;
aſſim ſe foy o auditorio en-
ternecendo com tantas lagri-
mas, & com tal compun-
çam, & verdadeira dor de
ſeus peccados, que confeſ-
ſaram, que mais copioſo frui-
to recolhéo o Padre d'eſta vez
chorando, que d'outras mui-
tas bradando. Eſte era o
zelo d'eſte fervoroso miſſio-
nario; & d'eſta maneira pro-
curava o bem das almas. De-
pois de eſtar em Loulé al-
guns dias (aonde tomou al-
gumas ſangrias) nam quiz
deixar de continuar a miſ-
ſam. Paſſouſe à cidade de
Faro, aonde ſe deteve hum
mes, por petiçam da Cama-
ra, com extraordinaria mu-

dança, & reformaçam de cu-
ſtumes.

3 Neltas ſanctas occu-
paçoens gaſtou o Padre Gon-
çalo Vaz de Mello ſua deli-
cada compreiçam, nam ſe
poupando nunca às occupa-
çoens, nem furtando o cor-
po ao trabalho; & ainda
que nam teve occaſiã de
dar a vida, derramando o
ſangue pello peſcoço, como
deſejava, elle ſe martyrizou
a ſy, deitando pela boca;
porque veyo a consumir a
vida com hum febre ethi-
ca, & a deixou, ſendo Pro-
vincial digniſſimo em Portu-
gal, perdendo a vida na oc-
cupaçam, em que outros a
logram com mais honrada deſ-
canſo.

4 Por eſte meſmo tem-
po ſahio em miſſam, por en-
tre Douro, & Minho, o glo-
rioso confessor do Senhor, o
Padre Gonçalo da Sylveira,
que já era vindo de Roma,
o qual, com ſeu incanſavel
zelo da ſalvaçam das almas,
acendia o fogo do Eſpirito
ſancto, por toda a parte por
onde paſſava; deteveſe na
cidade de Braga, aonde foy
muy eſtimado, prægando, &
confeſſando, & gaſtando as noi-
tes em oraçam; pouſava no
hospital de Sam Marcos; &
neſte paſſo real agasalhou a
ſeu grande amigo o Padre

P.D. Gõça
lo agas-
lhou a D.
Leão, com
grande po-
breza.

Leão Henriques, que vinha de Sam Fins pera Coimbra; pozse a mesa, pera agasalhar o seu hospede, & foram as iguarias huns pedaços de pã de boroa (que naquellas partes chamam motrêques) com hum par de cebolas, & hum pouca de agoa, por hum tigela de barro ordinario; que estas eram as preciosas iguarias, estas as cõpas apparatusas, com que hum filho do Conde da Sortelha agasalhava a hum hospede, que descendia de Reys. Deo-se o Padre Dom Leão por muy bem hospedado no hospital, & por muy bem banquetado, com as iguarias da sancta pobreza, guisadas com o fogo do verdadeiro amor; que por isso, melhor he, como diz o Sabio, ^b o prato da hortaliça com charidade, que o banquete esplendido com odio. Renovou-se aqui em parte aquelle tam celebrado convite, de que fala Sam Hieronymo, ^c entre Sam Paulo, & sancto Antam; repetindo o Padre Dom Gonçalo no povoado, o que tão to nos edificamos de ter succedido no deserto.

^b
Proverb. c. 15.
n. 17.
Melius est vocari ad olera cum charitate, quam ad vitulum flaginatum cum odio.

^c
Hier. in vita D. Pauli. c. 9.

Caso mila
groso, q'su
cedeo neste
hospital ao
P.D. Gonçalo.

5 Aqui neste hospital de Sam Marcos, passava este vigilante missionario a maior parte da noite, vigiando, ou em ôração, ou es-

tudando pera os sermoens, & ao sono somente dava, o que a natureza, cansada de resistir, tomava quasi a furto sobre o livro, ou quando muito sobre o cham. Neste mesmo hospital se guardava, em memoria de tam insigne varã, hum mesa com hum buraco aberto cõ o fogo, na qual o Padre Gonçalo estudava de noite; & adormecendo hum vez encostado sobre esta mesa, acerrou de se acabar de gastar o pedaço de rolo de cera, que ficou ardendo, no tempo, em que o sono o sobressaltou: & foy cousa maravilhosa, que chegando o fogo à taboa, foy lavrando, & a foy gastando pouco a pouco, até fazer hum buraco nella, que a passou de parte a parte, quanto dizia a circumferencia do rolo, sem mais passar adiante, nem queimar a mesa; em que o Padre estava reclinado; que parece nam quiz o fogo usar de sua costumada violencia, por nam espertar o servo de Deos, & impedir o repouso, de que tanto necessitava: senam foy, que por isso o nam queimou entam, porque já o achou abrazado do amor divino, ao qual, como diz a Escripura ^d, nem as agoas podem apagar, nem as chamas poderam consumir: ou tambem porque teve respeito o

^d
Aquez uultu non potuerunt extinguere charitatem, nec flammæ obruent illum.

fogo

Anno de
Christo de
1551.

Livro terceiro. Cap. XXX.

563

Anno da
Companhia

12.
P. Urbano
foy religio-
so de mu-
taeslima.

fogo, material, a quem nunca pode queimar o sensual, livrandoo Deos milagrosamente de tam grande perigo, & nam permitindo, que morresse queimado em Braga por desastre, o que havia de morrer em Monomotapa afogado pela fé.

Grãde-fer-
vor de espi-
rito do P.
D. Gôçalo.

6 Muito pudera contar d'esta missã do Padre Gonçalo da Sylveira, que verdadeiramente era como hum rayo de celestial fogo, que hia abrazando em amor de Deos a todos os lugares por onde passava, & a todas as gentes com quem tratava; porém, porque d'esta materia hey de falar ao diante, em hum breve epilogo, que farey de sua vida, quando tratar das cousas da nossa casa de S. Roque, porquanto elle foy o primeiro Preposito d'ella; por isso agora me nam detenho em relatar suas espirituales valentias, & espantosas mortificaçoens, com que edificou o mundo, & assombrou o inferno.

7 Neste mesmo anno de mil, & quinhentos, & sincoenta, & hum, acabou o Padre Luis da Grã de ser Reytor no Collegio de Coimbra, & por successor de tam insignie varã, meteo o Padre Mestre Simam o Padre Urbano, que entam era, no

mesmo Collegio, mestre dos noviços, o qual entrou na Companhia com o Padre Luis Gonçalves da Camara, no anno de mil, & quinhentos, & quarenta, & quatro; era muy nobre por sangue, honrado nos procedimentos, grave no trato, conhecido por suas letras, & venerado entre os estudantes, por suas virtudes: melhor ainda correspondeo a vida da Religiã ao trato da Vniuersidade; porque era homem de grande espirito, & de singular prudencia, foy dotado de tam rara humildade, & de tam fervoroso desejo da salvaçam das almas, que igualmente se desconfolava com se ver no governo, & com se deter em Portugal. Em resoluçam, a instancia, que este bom Padre fez, por recusar o cargo de Reytor, & por alcançar a missã da India, foy causa de nam ser de dura o fructo de sua bem acertada eleiçam; & julgando os superiores, que nam havia pera que causar pena, a quem desejavam dar gosto: passado hum anno, lhe deram a alegre nova de hir em missã pera a India.

Recusou o
Reytorado,
por hir pe-
ra a India.

8 Tambem o Padre Luis da Grã, seu antecessor, teve o despacho da missã do Brasil, como veremos ao diante; de ma-

Anno de
Christo de
1551.

Dous Rey-
tores de
Coimbra
foram em
missão á
India, &
Brasil.

564

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Cõpanhia
13.

neira, q̃ dous Reytores do Collegio de Coimbra, tam autorizados, tiveram por grãde prêmio de seus trabalhos, serẽ mandados em missã, hum ao Oriente a converter Indios, outro ao Brasil, a ensinar Gentios. Que estas eram as comenhas, que os mais graves Padres, naquelle tempo, pretendiam; estes os prêmios, que de seus Reytorados esperavam. Da viagem do Padre Urbano, falaremos na segunda parte, no anno de mil, & quinhentos, & sincoenta, & tres, em que succedeo; & da missã do Padre Luis da Grã, pera o Brasil, tambem diremos em o mesmo anno. Ao Padre Urbano succedeo, no governo do Collegio de Coimbra, o Padre Manoel Godinho, que foy já no anno de mil & quinhentos, & sincoenta, & dous, por nomeaçã feita pelo Padre Diogo Mirã, que succedeo no cargo de Provincial ao Padre mestre Simam, como veremos neste seguinte anno, em que logo entramos; & porque este successo tem muito, que contar, & por remate d'elle havemos de concluir com as cousas do Padre mestre Simam, até referirmos sua sancta morte; por isso quero primeiro, nos dous seguintes capitulos, falar do Padre mestre Gonçalo de Medeiros, porque neste seguinte anno de 1552. foy

Deos servido levalo pera ty.

CAPITULO XXXI.

Dáse alguma noticia das virtudes do Padre mestre Gonçalo de Medeiros, que neste anno, em que entramos, de 1552. morreu, em sancto Antam de Lisboa, o qual foy o primeiro noviço d'esta Provincia.

ENtram os no anno de 1552. & antes de falarmos da mudança, que nelle houve no governo da Provincia, bem he que demos hũa chegada a Lisboa, á nossa residencia de S. Antam, aonde aquelles poucos Padres, que aly viviam, continuavam, com grãde exemplo, & edificaçã, como por vezes temos visto nesta historia. Este anno foy Deos servido de lhe levar pera sy o P. Gonçalo de Medeiros, que era o principal sogeito d'aquella casa, & tinha ficado por Viceprovincial, no tempo em que o P. M. Simam foy a Roma, do qual Padre por vezes temos falado, em especial no primeiro livro, cõrando sua milagrosa entrada na Cõpanhia, na qual foy

o pri-

o primeiro noviço, que tivemos em Portugal, procedendo sempre, como homẽ, a quẽ Deos N. Senhor tinha feita tam singular merce, como foy darlhe esperança tam certa de sua predestinaçam, & salvaçam, quando lhe appareceo o anjo (estando elle na mayor perturbaçam de animo, cõ grãde tropel de pensamẽtos tristes) dãdolhe aquella alegre nova, de se haver de salvar, da maneira quẽ dissemos no primeiro livro.

2 Foy o Padre mestre Gõçalo de Medeiros homem de muita oraçam, do qual se póde dizer, como de S. Paulo, q̃ sua cõversaçam era no céo, aõde pa rece q̃ só trazia os sentidos do corpo, & tinha os gostos da alma. A mayor parte da noite vigiava cõ Deos, & o dia tinha tãbẽ repartido, q̃ sempre lhe ficava tẽpo, pera empregar cõ Deos 4. & 5. horas de oraçam mental. D'esta fonte perẽne da luz divina, tirava tãto conhecimento, q̃ muitas pessoas graves nam sò da Cõpanhia, mas das principaes do Rẽyno, o hiam cõsultar em cousas muy difficultosas (como a homẽ alumiado de Deos) aos quaes, em breves palavras, resolvia grãdes questões; porque tendo tam copioso nas praticas espirituales com Deos, parece que lhe faltavam as palavras; pera praticar com seculares. Era necessario aos superiores

porem limite ao muito tempo, que o Padre gastava em oraçam, pelas grandes dores de cabeça, que tinha, com a muita continuaçam neste sãcto exercicio: guardava o religioso Padre sua obediencia, em deixar a Deos por Deos, & guardava Deos o seu direito; em ter por sua aquella alma.

3 Foy muy dado às solidas, & verdadeiras virtudes, & fazia muy pouco caso de alguns traordinarios favores, & sinaes de exterior sanctidade, sem a devida firmeza no fundamento da humildade; a estes imprudentes fervores chamava o Padre Medeiros, fervores de panela, que està ao fogo, que logo escuma, & levanta fervuras, mas em lhe faltando a quentura da devaçam, & gosto sensível, se desfazem, & tornam em frieza. Nam parava esta devaçam do Padre mestre Gonçalo, no descanso da vida contemplativa, porque era muy conforme ao espirito da Companhia, & assim tambem se exercitava cõ todo o cuydado na occupaçam da vida activa; & posto que era grande Letrado, muy bõ Theologo, & excellẽte Thomista, & podia subir, & apparecer nos pulpitos (como faziam seus cõpanheiros) cõtudo sòmẽte se occupava no cõfessionario, mostrãdo, q̃ pudera tãbẽ prẽgar como doutor; porẽ, q̃ quiz antes

Foy muy
applicado
a ouvir cõ
fissoens.

Anno de
Christo de
1552.

566

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
13.

sò côfessar como humilde: & nê por isso ficou de peor cõdiçam, porque ainda que o officio de prègar he de muita honra, a occupaçam de confessar he de mais proveito; porque o prègador levanta a caça; mas o confessor empolga nella. Antes he tam soberano o officio de confessor, que tem os poderes do mesmo Deos, porque sò Deos, & o confessor pòdem perdoar peccados: porèm com isto pòde estar, que assim como he cargo muy honroso, he tambem muy custoso; como bem experimentam os que bem o exercitam: que por isso dizia alguem, que o sacramento da Confissam, se chama Penitencia, nam sò pela que faz o que se confessa, senam pela que toma o que absolue: & como o Padre mestre Gonçalo de Medeiros era de tam conhecida virtude, exercitava esta occupaçam, com notavel cuydado, nam atentando pera o grande trabalho, que tinha, mas respeitando o muito fruito, que recolhia.

Como se
preparava
pera acodir às
cõfissoens.

4 Nam se pòde bastante-mente dizer, com quanta perfeiçam fez este trabalhoso officio de confessor; madrugava a rezar, & ter óraçam, & logo pela menhã muito cedo se hia por no confissionario da nossa Igreja de sancto Antam de Lisboa, a ouvir quantos se queriam confessar; depois das onze

horas se levantava do confissionario, & hia dizer missa, pera dar o sanctissimo Sacramento aos penitentes, que tinha confessado: da mesma maneira cõtinuava, depois de tomar a refeiçam corporal; rezava logo suas horas, & acodia tanto que se abria a Igreja, & nella perseverava, como soldado vigilante, na estancia do confissionario, atè lhe tocarem a se recolher, fechandose a porta da Igreja. Quando faltavam penitentes na Igreja, nam se tornava a recolher na cella, antes se ficava no confissionario todo o dia esperando, como bom caçador, pera que lhe nam escapasse da rede a preza, que desejava (que tal vez, como o outro, dizia, entam melhor succede a caça, quando menos se espera) & pera aproveitar o tempo, quando assim esperava, levava hum livro de sancto Thomas, de quem era muy devoto, ou huma summa de Cayetano, pera se refrescar nas materias moraes, em quanto nam havia que fazer nas confissoens. Redundava esta promptidam, & residencia no confissionario, em muito bem, & grande proveito dos penitentes, que acodiam a elle, sabendo que a qualquer hora teriam entrada pera serem ouvidos, & sahirem despachados.

5 Guardava no confissionario

Ovid. de Rem.
lib. 1. Colas ubique iuvat, se
per nbi pcedat
hamus. Quo
minime teris
gurgire piscis
erit.

Anno de
Christo de
1552.

Igualdade
q' cō todos
guardava
no confis-
sionario.

Livro terceiro

Cap. XXXI.

567

Anno da
Companhia
13.

nario muita igoaldade, sê algũa
aceitaçam de pessoas, nã se dei-
xando levar de respeitos huma-
nos, quem sò tratava de rezoës
superiores; antes se pera algu-
ma parte inclinava, primeiro
acodia aos pobres, & desempa-
rados; & depois chamava os
nobres, & ricos: estava huma
vez esperando, pera se confes-
sar com elle Dona Antonia de
Meneses (filha de Simam da
Cunha, trinchante mór d'el-
Rey Dom Ioam o terceiro) mo-
lher de Diogo Lopes de Sou-
sa, governador entam da casa
do civil, & depois, por morte
d'elRey Dom Henrique, go-
vernador d'este Reyno, a qual
foy senhora de muita virtude,
& que tinha particular deva-
çam à Companhia; mandou
ella pedir por hum pagem ao
Padre Gonçalo de Medeiros,
que a quizesse ouvir de confis-
sam; respondeolhe o Padre, que
de boa vontade, porém que pri-
meiro havia de confessar a hu-
ma molher preta, que já aly es-
tava, & precedia no tempo a
sua senhoria, & muito mais na
necessidade, porque era escra-
va, fogueita à vontade alheá, que
poderiam pelejar com ella, se
tardasse, em casa: edificouse
summamente da reposta, a illu-
strissima senhora; esperou occa-
siã, confessouse, & depois con-
tou o que tinha passado, en-
grandecendo muito a virtude

do bom Padre, & inteireza do
zeloso confessor, que he exem-
lo, que pòde servir a algumas
pessoas, que sam muy delicadas
em materia de lhe preferirem
alguem no confissionario; co-
mo: perdessem sua autorida-
de, pr' lhe darem mais tempo
pera separelhar. O que neste
sagrado tribunal passava, colli-
giam muros das mudanças de
costumes lepravados, reforma-
çoens de vilas estragadas, con-
versoens de famosos peccado-
res, & outro maravilhosos ef-
feitos, que bem mostravam o
poder da divinação, que por
meyo do Padre mestre Gon-
çalo taes obras executava.

6 Tinha pera com os pe-
nitentes muita charidade, cho-
rava com elles, & doia-se, como
se elle fosse o peccador. Con-
tou hum homem de credito,
depois da morte d'este servo de
Deos, que andando elle muy
carregado na consciencia, pe-
los grãdes peccados, em que se
via quasi atolado, se foy a san-
cto Antam, como cervo ferido,
buscar remedio, naquella fonte
de agoa de graça, que todos
achavam patente no Padre me-
stre Gonçalo, fez com elle hu-
ma confissam gèral, chorou
muitas lagrimas, offereceo o
corpo pera a penitencia, & en-
tregoulhe a alma pera a contri-
çam; & quando elle, com o ma-
yor conhecimento de seus pec-

Charidade
q' guarda-
va com os
penitentes.

Anno de
Christo de
1552.

568

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Copanhia
13.

cados esperava huma trasfordinaria penitencia; o bom servo do Senhor o despachou com cinco vezes o Pater noster & a Ave Maria, acrescentado, que elle ficava muy confiado, por lhe ver tam bons fines de contriçam; & que a ma penitencia, devida a taes culpas, outrem a faria por elle tomãdo sobre sy o innocẽte abrigaçã, q̃ competia ao peccador. O penitente, que além d̃ grãde arrependimento, erade primõres honrados, vendo tam affectuosa charidade, exercitada em quem tam pouco merecia semelhantes favores, tomou por sua mam grãdes satisfaçoens dos peccados, passados, & ficou tam cativo, de tam religiosos termos, que morto o Padre Gõçalo, hia todos os dias, com huma saudosa lembrança, & devaçam, lançarlhe agoa benta na sua sepultura, & rezarlhe algũa cousa, em final de amor, & gratidam.

Sua grãde
humildade.

7 Quando por causa de dores da cabeça, nãm podia accodir ao confissionario, exercitava-se em obras de humildade, & charidade, varrendo o dormitorio, & as cellas, servindo a outros Padres, & ajudando os officiaes de casa, dizendo que nem ainda doente lhe convinha estar ocioso; & pois a cabeça nam podia aturar com os penitentes, as mãos se exerci-

tassem na valoura. Nam duvidavam os nossos Padres de sancto Antam, que suas graves enfermidades, se lhe originãram do excessivo trabalho das confissoẽs. Estando jã o bom Padre desconfiado dos medicos, lhe disse o Irmam enfermeirõ, que sua Reverencia morria do grãde trabalho, que tomãra em ouvir confissoens: ao que respondeu, cõ rosto muy alegre: *Prove-ra a N. Senhor, q̃ minha morte tivesse causa tam sancta, & occasiam tam dutoza, que acabãra eu em meu officio, dando o ultimo espirito no confissionario, pera desta cadeira de penitencia, merecer alcançar a da gloria.*

CAPITULO XXXII.

Da obediencia, & humildade do Padre Gonçalo de Me-deiros, & de sua bemaventurada morte.

1 Este foy o Padre mestre Gonçalo de Me-deiros, em o sancto exercicio de confessar. Muito pudera agora dizer de sua rara obediencia, virtude muy necessaria aos religiosos; porque assim como sem capitam nam hã victoria, & sem piloto exercitado, ninguem pòde ter espe-

De suagrá
de obediência.

rança

rança de lançar ferro no porto desejado, assim diz Sam Lourenço Iultiniano, quem na vida espirital se nam fogeita a seu superior, pera delle ser guiado, tem certo o perigo no pego tormentoso deste mundo. Grâdes victorias teve de sy mesmo o Padre mestre Gonçalo de Medeiros, muitas vezes venceo o mundo, & desbaratou exercitos infernaes, emproando seguro no porto da salvaçam. Estas victorias se devem a sua grande obediencia, porque sô o varâm obediente pôde contar triumphos, & cantar victorias, como diz a Scriptura^d sagrada; & porque esta virtude tem varios graos, & hà huma obediencia, que sô fogeita a vontade própria, & outra mais perfeita, que tambem cativa o entendimento cego; nesta particularmente se exercitava este devoto obediente, com huma resignaçam cega, & prudente simplicidade.

2 Mandou o huma vez chamar de Lisboa a Coimbra o Padre mestre Simam seu Provincial; partiuse logo o apressado obediente, a pé peregrinando, sem mais viatico que a confiança em Deos, com que tudo lhe sobejava: passa o caminho alegremente, chega a Coimbra, sobe ao Collegio, bate à portaria, entrega sua patente ao porteiro; & em quanto este vay

levar recado ao Padre Provincial, espera na porta o peregrino; quando o Padre mestre Simam soube, que era chegado (como grande mestre, que era, em materia de espirito, querendo com este successo, que aly previa, dar exemplo aos vindouros, & exercitar a obediencia, & paciencia do exemplar sacerdote) mandou ao porteiro, que lhe dissesse, antes de entrar da portaria, pera dentro, que nam tinha já que fazer naquelle Collegio de Coimbra, que dizia o Padre, que se voltasse pera sancto Antam: foy tal sua promptidam, & tam cega sua obediencia, que sem esperar pera o outro dia, logo no mesmo ponto (porque o verdadeiro obediente, como diz Sam Bernardo, nam sabe dilatar d'hum dia pera o outro) sem falar com nenhum outro religioso, sem se desempoar do caminho, se voltou muy alegre, outra vez a pé, a desandar quasi 34. legoas, repetindo neste passo ao porteiro, as palavras sabidas de huma cantiga rustica, *Davalhe o vento no chapeirâm, quer dê, quer nam;* & com esta rusticidade affectada, o cortesam religioso, com o toco de hum môte inculto, & vulgar, disfarçou o maes polido, & refinado de huma primorosa, & rara obediencia, deixando se levar pera onde o mandavam, como se fosse hum

D. Bern. de obediencia. Verus obediens mandari non proerastinat.

corpo

Christo de
1552.Const. p. 6. c. 1
§. 1.*Grãde re-
signaçam
nas mãos
de seus su-
periores.**Como fu-
gia do fa-
vor, & ap-
plauso dos
grandes.*

corpo morto, ou bordam de
homem velho, o leva pera on-
de quer quem o tem na mam;
que assim nos ensina, a nossa
regra.

3 Viviam tam despojado
de sua propria vontade, que de-
sejando os superiores, pera lhe
buscar remedio à saude, que lhe
faltava, darlhe o que fosse mais
gosto seu, ou passalo pera algu-
ma terra, ou Collegio, pera on-
de mais quizesse, lhe nam po-
diam tirar outra reposta, mais
que esta, *Farey o que me manda-
rem*; & estando huma vez muy
doente em Coimbra, lhe disse
o Padre mestre Simam, se que-
ria vir pera Lisboa, por ser ter-
ra mais temperada, de ares mais
benignos, & de clima mais sua-
ve; respondeo, que o seu querer
nisto, & em tudo o mais, era a
vontade de seu superior, que es-
ta tinha elle pela divina, &
por isso d'ella queria ser gover-
nado, nam menos na vida, que
na morte.

4 A humildade d'este ser-
vo de Deos, & desprezo das cou-
sas do mundo, com que sempre
fugio a honra dos Princeses, &
favores da aura popular, foy
cousa neste Reyno bem cele-
brada, por elle ser muy conhe-
cido: & como nestes principios
(pela muita merce, que nos fa-
zia o invictissimo Rey Dom
Ioam o terceiro) era a Compa-
nhia tam estimada, procurava o

Padre mestre Gonçalo nam ser
visto dos Reys, nem conhecido
do pove. Porém, como os
rayos do sol sam difficultosos
de encobrir, por mais que as
nuvens se opponham envejofas,
assi taes sam as luzes da verda-
deira humildade; porq̃ ainda q̃
o seu officio he anichilar sens
professores, quanto mais se es-
condem, mais se manifestam, &
à sombra de sua escuridade, lu-
zem mais seus resplandores.
Esta foy a causa, que fez mais
conhecido o Padre mestre Gõ-
çalo; quanto menos tratava de
valer, tanto o estimavam por
mais valido. O mesmo Rey Dõ
Ioam o terceiro, prezava tanto
a este humilde Padre, que em
ausencia do Padre mestre Si-
mam Rodrigues, quando (como
dissemos) foy a Roma, ordenou,
que o Padre Gonçalo ficasse
por mestre do Principe Dom
Ioam seu filho; mas elle resistio
tanto, que foy necessario no-
mear o Padre Luis Gonçalves:
a serenissima Rainha Dona Ca-
therina, o respeitava como a
sancto; & estando huma vez o
Padre em Almeirim, recolhi-
do em huma capella, dentro da
horta d'el Rey, pera a qual ti-
nhamos porta, passando por aly
a Rainha, lhe disse: *Encommen-
dayme a Deos Padre mestre Gonçalo*;
estava o servo de Deos posto de
joelhos, & sem mudar a postura,
lhe respondeo, q̃ sim, abaixado

humil-

humilmente a cabeça, & continuando perseverante na oração (que os varoens sanctos guardam todos os primores com Deos, ainda que saltem em alguns pontos de cortesia com os homens) querendo as damas, que seguiam a Rainha, fazerlhe a mesma petição, lhe disse a Rainha, *Deixay ao sancto, que rogue a Deos por nós.*

Como veyo
a adoecer.

5 A muita penitencia, que fazia, a continuacão aos exercicios espirituaes, a excessiva assistencia no confissionario, nam podiam deixar de causar grandes enfermidades neste bom Padre; adoeceo muy gravemente; & o mal ainda era dobrado, por causa de seus muitos achaques; & porque o amor, que lhe tinham, era grande, lhe applicavam muitos remedios; ao que elle respondia, que nam se cansassem com curar hum tronco velho, que já nam podia reverdecer. Tinha o servo de Deos tanta devaçam ao sanctissimo Sacramento, que ainda na ultima doença, em que as forças estavam muy debilitadas, cada dia disse missa, até o dia antes de sua ditosa morte.

Como se
aparelhou
pera morrer.

6 Estando já em vesporas de se ver na gloria desejada, era cousa admiravel, ver, & ouvir os abrazados colloquios, as ferventissimas jacularorias, as léttas acézas de amor divino, com que manifestava os desejos de

ver a Deos, & a Virgem sanctissima, com quem tinha suavissimas praticas. Antes de entregar sua alma ao Senhor, pedio a vela, & tomandoa na mam, repetio; com alguns Padres, o symbolo dos Apostolos, & disse estas notaveis palavras: *Nesta fé me criaram, nesta vivi sempre; & declaro, que nesta morro; testifico nesta hora, que se com a agonia da morte me escapar alguma palavra indigna de peito christam, já de agora a hey por nam dita; & estendendo o braço com a vela na mam, disse mais estas palavras: Assim como este lume allumia os olhos do corpo, assim creyo eu, que meu Senhor IESU Christo allumia todo o homem, que vem a este mundo, porque elle he luz verdadeira, & eterna.*

7 Feita esta protestaçam da fé, com grande affecto, continuando com suavissimos colloquios, depois de recebidos os sacramentos, com grande devaçam, espirou, & morreo em o Senhor, em a residencia de sancto Antam, aos 4. de Abril de 1552. & se foy gozar do premio, de que tinha promessa, como dissemos no primeiro livro, acabando com huma morte tam ditosa; a qual nos justos (como diz San Bernardo,) he fim dos trabalhos, remate das victorias, porta da vida, & entrada da perfeita segurança; varã dignissimo de perpetua memoria, & merecedor de ser posto

De sua sancta morte.

Lib. I. c. 10.

f
D. Bern. in Ep.
Pictiosa mors
sanctorum, tanquam finis laborum, tanquam meta victoriarum, tanquam ianua, & perfectus securus ingressus.

na frontaria d'esta Provincia, entreas pedras mais escolhidas, que mais lustram neste sagrado edificio; pois he o primeiro novico, que em Portugal foy recebido na Companhia, como apotamos no primeiro livro d'esta historia; & assim como foy o primeiro na entrada de nossa Religião, assim he dos primeiros, que merecem ser estimados como pays, & autorizados como sanctos; ao qual, muito em particular, tem especiaes obrigaçoens, o Collegio de Sancto Antam, pelas rezoens, que temos dito, & pelo muito exemplo, que deo a seus confesores; que devem aqui, com particular empenho, empregar-se nesta sancta occupaçam do confissionario, pois tem à sua conta a boa criaçam de tantos moços estudantes, que nos tem por mestres, & nos buscam por confesores.



CAPITULO XXXIII.

Das causas, que houve, pera neste anno de 1552. (por ordem de nosso sancto Patriarcha Ignacio) acabar o Padre mestre Simam de ser Provincial em Portugal, & pera hir ser Provincial em o Reyno de Aragão.

PElo que vimos até aqui nesta nossa historia, em que se contam treze annos da Companhia; consta quam grandes lam as obrigaçoens, que todos os filhos das Provincias, pertencentes a Portugal, temos, & devemos ao Padre mestre Simam Rodrigues (que sempre foy até aqui o principal foyeito d'esta Chronica) a quem todos reconhecemos por nosso muy prezado, & muy querido pay, cuja memoria sempre será pera nós muy sancta, & muy saudosa; & sempre lhe confessaremos as primeiras, & mayores obrigações, pois a elle se devem os Collegios, as casas, os estudos, em que nos criamos, & as rendas, com que nos sustentamos; porque elle foy o primeiro da Compa-

Muito devemos ao P. M. Simam.

nhia,

Doze annos
havia, q o
P.M. Simam
governava
esta Pro-
vincia.

Lib. 3. c. 1.

Lib. 3. c. 1.

Lib. 3. c. 1.

nhia, que veyo a Portugal, elle foy a quẽ tanto estimou o serenissimo Rey D. Ioam o III. por sua grãde virtude, por seus grãdes talentos, por suas raras partes, & apprazivel cõdiçam, & sobre tudo, pelo grãde zelo das almas, em q ardia aquelle fervoroso peito: & por seu respeito particularmẽte estimau tanto este grãde Rey a nossa Religiã, toda, julgãdo, q os mais filhos da Cōpanhia deviã ser semelhãtes a tã bõ pay: & assi, como tenho por cousa sã duvida, q a dilataçam, & bõ successo da Cōpanhia, pelo mudo todo, se deve principalmẽte (depois de Deos, & das lagrimas do nosso S. P. Ignacio) ao serenissimo Rey D. Ioam o III. de gloriosa memoria (pelo muito, q nos deo, pelo muito, q nos amou, & pelo muito, q nos autorizou, & encõmedou aos Sũmos Pontifices, & aos mayores Monarchas do mudo) assim tenho por cousa indubitavel, que todo este bẽ se deve, em grãde parte, ao P. M. Simam, pois ellẽ foy o primeiro da Cōpanhia, aquẽ conheceo este augustissimo Rey, & a quẽ tãto estimou, como temos visto; & por cujo respeito, tãto tomou o seu real peito, & a sua cõta as cousas da Cōpanhia, q nã sõmete quiz, & pretẽdeu, q fosse Religiã, mas sempre a amparou, & autorizou, dilatou, & eriqueceo cõ tã liberal mã, & cõ favores tã grãdiosos, & pri-

vilegios tã notaveis, como temos visto nesta primeira parte, & hiremos vendo na segunda.

2 Passava de doze annos, q este grãde servo de Deos o P. M. Simam cõtinuava nestes Reinos, cõ o cuydado, & cargo de superior, & depois Provincial, nam sõmete acodindo ao bem da Companhia, dentro em Portugal, mas dilatandoa por algumas partes de Africa, & pelo mando novo do Brasil, como já referimos; & por todo o Oriente, com nova gente de socorro, que os mais dos annos lhe mandava, alcançandolhe do Rey liberalissimo grandes esmolas, pera o augmẽto da christandade d'aquellas partes, grãdes favores, & privilegios, pera os missionarios, & pera os novamente convertidos; emfim, ajudando, como pay, a todos os filhos, que tinha diante de seus olhos, & como solcito, & cuydado o pastor, acodindo tambẽ às ovelhas, que andavam ausentes, & fora do aprisco de Portugal: neste anno porẽm cõcluio cõ o governo d'esta provincia, & o entregou ao padre Diogo Miram, & se partio pera Roma, pelas rezoens, que aqui apon-tarey.

3 Muy bem sabia nosso glorioso Patriarcha sancto Ignacio, de quam grande proveito era pera Portugal o padre mestre Simam, com seu governo,

Anno de
Christo de
1552.

*Rezoens, q
houve, pe-
ra o P. M.
Simam a-
cabar de
ser supe-
rior.*

*Ioan. 6. 16 n. 7
Expedit vobis
ut egrediamini.*

*Chryf. hom. 87
in Ioan. V. in
respiciu affe-
ctū, & consuetu-
dinis desiderū
colletet, cum
enim essent or-
bis terrarū curā
suscipituri, si-
mul ampliū
esse non pore-
ant.*

574

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

& com sua assistencia; com tudo lhe pareceo, que pois esta provincia estava já tanto avante, & tam bem fundada, lhe nam faria já tãta falta sua presença, & que se podia já entregar este governo a outro superior; o que julgava ser conveniente, por alguns bons respeitos; assim pera que se persuadissem os Religiosos de Portugal, que nam haviam somente obedecer ao padre mestre Simam; nem sò reconhecelo a elle por pay, & superior. Em rezam d'isto considerava o sancto fundador o grande amor, que os Irmãos d'esta provincia tinham a este seu querido Provincial, & julgava, que cõvinha moderar, & apurar este affecto, que havia a sua presença corporal, tiradolho dos olhos, pera q sò o amassem em espirito, como verdadeiros filhos de Christo Redemptor nosso, o qual, pera desapegar seus discipulos do amor, que tinham a sua sagrada humanidade, lhes dizia, que lhes importava sua ausencia, quanto á vista corporal, pera que, desapegados do objecto humano, ficassem mais dispostos pera receber o espirito divino; & pera que (como notou Sam Ioan Chrysostomo) se acostumassem a nam sentir ausências corporaes, os que se criavam pera se dividirem pelo mundo todo: assim entendia

nosso bemavêturado Padre, como grande mestre de espirito, que convinha tirar, por algum tempo, dos olhos dos Irmãos da Companhia de Portugal, a presença do seu tam amado superior, pera que nam estranhassem semelhantes apartamentos os que se criavam pera viverem apartados.

4 Outro motivo de nam menor consideração teve tambem o sancto Patriarcha, pera fazer esta mudança de governo; porque o padre mestre Simam havia já doze annos, que era superior, & Provincial; & nas constituições, q tinha feitas, (& comunicadas ao mesmo Padre, pera se haverem de publicar) se limitava o governo dos Provinciaes, a tempo de tres annos, conforme ao uso commum das outras Religioens; & como logo se haviam de publicar estas constituições, era justo, que também começasse esta ley a porse em praxe, pera q se persuadissem os superiores, q nam haviam de ser perpetuos. E quasi no mesmo tempo mandava tambem o sancto Patriarcha vir da India o glorioso P. S. Francisco de Xavier (que tambem havia mais de dez annos, que aly era superior absoluto) Em consequência desta ordem, o padre Diogo Miram (q succedeo no governo ao P. M. Simam) nam cõtinuou no cargo

de

Anno d
Companhia
13.

Conf. p. 9. c.
14.

d
Lucen. in eu-
vra lib. 10.
c. 27.

de Provincial, mais que tres annos, entregando logo a provincia ao padre Miguel de Torres, como veremos.

5 Outra rezã havia, de nam menor consideraçã, porque tratava S. Ignacio de introduzir, & praticar as constituições da Companhia, as quaes, como quer que em muitas cousas variaſsem as ordẽs, & costumes, que atẽ o presente correrã nesta provincia, dadas pelo P. M. Simam; pera isto se executar com mayor suavidade, & cõ menor contradicã, lhe pareceo, que convinha ausentarſe de Portugal o P. M. Simam, porque assim com a troca do Prelado, nam estranhãſsem a mudança das ordens.

6 Estas foram as causas, que moverã ao sancto fundador, pera fazer a mudança do Padre mestre Simam, ordenandolhe, que fosse tomar o governo da Provincia de Aragã, como primeiro Provincial d'aquelle Reyno, pera que, com sua boa dita, com sua grãde benevolencia, & com a entrada, que com todos tinha, por sua boa graça, & apprazivel condiçã, promovesſe o bem da Companhia em Valença, & em Aragã (aonde ainda nam havia Collegio na sua principal cidade, que he Saragoça) como já o tinha feito em Portugal. E supposto que o sancto fundador

tratava de entregar o governo a outro Provincial, ficava esta mudança do P. M. Simam, pera outra provincia, posta em toda boa rezã; porque o sancto, como muy prudente, que era, bem previa os inconvenientes, que poderia haver, se o padre mestre Simam ficasse em Portugal (tendo o governo outro Provincial) pois necessariamente haviam os Religiosos de recorrer a elle, assim por sua muita autoridade, como por sua muita affabilidade; o que particularmente fariam os que tivẽſsem queixas, ou verdadeiras, ou fingidas do novo Provincial (que sempre hã queixos em occasiã de superiores novos) & em nenhuma conveniencia de bom governo podia caber, permitirſe na mesma provincia, & no mesmo Collegio, semelhante recurso; que os superiores nam querem ter em casa quem lhes faça sombra; & os que começam a governar, nam gostam de ter por censores de suas acções, os que acabaram de governar; & ainda que o padre Diogo Miram era homem de muita virtude, & soffrimento, com tudo, neste particular, mais se havia de respeitar a paz da comunidade, que a paciencia do superior.

7 Por onde, supposto que o sancto Patriarcha julgava,

*Era muy
ordinaria
a mndação
das terras
em os nos-
sos.*

Lib. 2. c. 18. &
c. 20. n. 10. &
c. 32 & c. 42.

que convinha, que o Padre mestre Simam acabasse com o governo da Provincia, tam-
bem em consequencia convi-
nha a sahida pera outro Rey-
no; o que ficava menos de es-
tranhar, naquelle tempo, em
que as mudanças dos nossos,
pera diversos Reynos, eram
muy ordinarias, como temos
visto nesta historia, porque
nosso sancto Patriarcha cus-
tumava a repartir os Religio-
sos, mais conformandose com
a necessidade das provincias,
do que respeitando o natural
dos fôgeitos; & assim como
nos mandava, pera governar
a provincia de Portugal hum
Hespanhol, natural de Va-
lença, que era o padre Dio-
go Miram; assim tambem
ordenava, que o padre mes-
tre Simam Portuguès, fosse
governar a provincia de Ara-
gã; & nesta conformidade
mandava de Portugal subditos
pera Castella, & de Castel-
la, & de outras partes pera
Portugal (como largamente vi-
mos nesta historia.) pera que
todos nos amassemos como ir-
mãos, nam por sermos da mes-
ma pátria, mas por estarmos
na mesma Religiam. Todas
estas conveniencias, & todas
estas causas, que appontei, fa-
cilitavam muito a sahida do
padre mestre Simam de Portu-
gal; aonde naceo, & aonde es-

tava, pera Aragã, aonde o
mandavam ser provincial:
quanto mais que o varãm sa-
bio, por mais longe que vá
da terra donde naceo, nunca
pode sair de sua pátria (como
dizia Seneca,) porque sem-
pre fica dentro do mundo, do
qual he natural, & ainda
que se possa chamar peregrino,
nunca poderá ser desterrado.

8 Se estas rezoens, que
aqui appontei, facilitavam a
sahida do padre mestre Si-
mam, havia outras muitas, que
muito a dificultavam; porque
elRey gostava de o ter junto de
sy, o Príncipe o tinha por seu
mestre, & os cortesãos, & fi-
dalgos o estimavam como con-
fessor, como conselheiro, co-
mo amigo, & como homem,
que tinha muito de Deos. No
capitulo seguinte veremos, co-
mo o padre aceitou esta ordẽ,
& como na corte, & entre
os nossos se tomou esta
mudança.



Sen. de Rem
fortitud.
Patriam meam
nãre nã pol
lum, omniur
upa est terra
&c. Si enim la
piens est, per
grinatur, si fu-
rus, exulat

CAPITULO XXXIV.

*Como o Padre Mestre Simam
recebeo esta ordem, & entre-
gou o governo ao Padre Dio-
go Miram; & como isto se
tomou, assim na corte, como
entre os nossos; & do
principio do governo
do novo Pro-
vincial.*

TAnto que o Padre
mestre Simam entê-
deo a vontade do
glorioso Patriarcha, tratou, co-
mo filho de obediencia, de por
em execuçam, o que o sancto
lhe significava acerca de deixar
o cargo de Provincial, & ain-
da ausentar-se de Portugal, po-
sto que se lhe fazia cousa muy
pezada, haver de continuar
com o mesmo cargo em ou-
tra Provincia, porque de to-
do o ponto desejava ver-se li-
vre de semelhantes governos.
Divulgouse logo pela corte
(porque nam he possivel en-
cobrirem-se segredos, & go-
vernos domesticos da Reli-
giã aos poderosos, & vali-
dos) nam se pôde dizer quam
mal tomavã os fidalgos, & mais
cortesãos, haverem de perder

hum varam tam insigne, que tã-
to lhes autorizava a sua corte;
entre outros, os q nisto se mos-
traram mais sentidos, foram o
Duque d'Aveiro D. Ioam d'A-
lencastre, neto d'elRey D. Ioam
o II. (de quem já dissemos, quam
afeiçãoado era ao P. M. Simam)
& o Conde da Castanheira D.
Antonio de Ataide, que entam
era o valido com elRey, & grã-
de amigo do Padre, & protector
da Comoanhia, como já conta-
mos no primeiro livro; os quaes
com grande efficacia, procura-
vam, por todas as vias, estorvar
esta mudança, offercendose a
fazer baixar hũ decreto, em q
elRey mandasse, que o P. M. Si-
mam nam sahisse de seu Reyno;
outros pretendiam haver ordẽ,
& ainda obediencia do S. P. Ig-
nacio, em q de novo obrigasse
ao P. M. Simam a nam sair de
Portugal. Outros, por saberm,
q nisto davam gosto ao Prince-
pe, & ao Rey seu pay, & a toda
a corte, tratavam de hir detẽdo
o Padre, pera entre tãto impe-
trarẽ do Sũmo Põtifice hũ Bre-
ve apostolico, pelo qual o man-
dasse residir na corte, continuar
cõ o ensino do Principe D. Io-
am; & secretamẽte apertavã cõ
elRey, q o obrigasse, por via do
Sũmo Põtifice, a aceitar algum
Bispado, que por muitas vezes
lhe tinhã offercido, & naquel-
la occasiã, com mais calor, lhe
pretendiam entregar.

Li. 1. c. 26. n. 6.

Lib. 1. c. 13.

*Meyos, q se
tomavam
na corte,
pera impe-
dir esta
mudança
do P. M. Si-
mam.*

*Excusase o
P. M. Simã
de ser Pro-
vincial em
Aragã.*

*O sentimẽ
to, q houve
da hida do
P. M. Si-
mam.*

Anno de
Christo de
1552.

578

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
13.

*Escreve S.
Ignacio a
elRey.*

2. Muito arreceavam os Padres d'esta Provincia, que nam fosse possivel deferir elRey a esta vontade do sancto Padre Ignacio, pelo muito que em outros tempos lhe tinha resistido a sua hida a Roma, como vimos no capitulo quinze deste livro, & pelo muito, que estimava a pessoa do Padre mestre Simam. Vendo pois o sancto Padre Ignacio, a força, que faziam ao Padre mestre Simam, assim a benevolencia real, como o amor, que os grandes da corte lhe tinham, escreveu ao serenissimo Rey, & à serenissima Rainha Dona Catherina, & aos Infantes Dom Luis, & Dom Henrique, cartas, em que lhes manifestava as rezoens, que tinha, pera que o Padre mestre Simam entregasse o governo ao Padre Diogo Miram; & juntamente mandou outras cartas ao Padre Leão Henriques, & ao Padre Urbano, & Luis Gonçalves, em que lhes dava cõta d'estes negocios, & lhes encomendava assistissem a execuçam delles: escreveu tambem, sobre a mesma materia ao Padre mestre Simam; recebeo o servo de Deos a carta de seu sancto Padre, em q. vio a resoluçam, que tomava, em o aliyar do governo, pera o entregar ao Padre Diogo Miram, que pera isso tinha vindo de Roma.

3. Nam se podem crer os

sinaes de reverencia, com que recebeo esta nova, beijando muitas vezes a carta, chegando ao peito, & pondo a sobre a cabeça; tratou logo de a dar a execuçam, entregando as cartas, que vinham pera o Padre Diogo Miram, & desobrigandose no mesmo tempo do governo da Provincia, que com toda a resignaçam entregou ao mesmo Padre Diogo Miram. Feita a entrega do governo, pediu logo licença a elRey, pera se retirar à residencia de Sam Fins, junto a Valença do Minho, que o serenissimo Rey cõcedeo, assim por deferir as cartas do sancto Padre Ignacio, como porque a ausencia do Padre mestre Simam nam era pera fora do Reyno; sahiose logo da corte (estimando mais o canto de sua Religião, que as prelasias mais graves, & autorizadas do Reyno) & se passou pera esta residencia, em quanto tratava de se escusar do governo da Provincia de Aragão, & em quanto se aquietavam as faudas dos nossos, & dos cortesãos, & fidalgos (que tanto sentiam sua ausencia) procurando somente entregar-se a Deos, & viver consigo naquella solidão, & entre aquellas montanhas, & serranias, em que está fundado o mosteiro de Sam Fins: porém, nem aqui lhe foy possivel aquietar-se, porque nam cessavam os

*Retirase o
P.M. Simão
pera Sam
Fins.*

da

Anno de
Christo. de
1552.

Grãdes sa-
udades, q
havia do
P. M. Si-
mam.

P. Diogo
Mirãm foy
homẽ mu-
to severo.

da corte a pedir ao Rey, que lhes restituísse o mestre do seu Principe, que tinham por desterrado em Sam Fins, em quanto o nam viam em Lisboa: muito mayores eram os desejos, que os nossos do Collegio de Coimbra tinham, de ver, & gozar a seu antigo pay, assim pelo grande amor, que sempre lhe tiveram, como tambem por estranharem muito o novo modo de governo do Padre Diogo Mirãm.

4 Era este Padre homem de grande virtude, mas acompanhada de igual austeridade: era hum rijo Catãm, era justo, era tenaz, & constante em seu bom proposito; asperrimo pera consigo, & nada brando pera com os outros; & como tinha tam grande opiniãm da virtude, queria por em praxe de obra, a que entendia na especulaçam do entendimento; nam ajustava as cousas pelo que pòdem fer, senam pelo que era bem que fossem: cahiolhe por adjunto no governo, com o Reytorado do Collegio de Coimbra, o Padre Manoel Godinho (que succedeo ao Padre Urbano, por nomeaçam do mesmo novo Provincial, como já dissemos) o qual Padre Godinho parecia feito pelo mesmo molde do Padre Mirãm, semelhante a elle na virtude, & zelo, & em tudo igual na severidade, &

aspereza, com que se tratava a sy, & com que queria medir os outros.

5 E na verdade, nesta mudança de Provincial, novidade de governos, & introduçam de Constituiçoens (que, como diremos, em seu tempo, se começaram a introduzir) parece que pediam as conveniências de bom governo, que estes novos superiores entrassem praticando o uso das Constituiçoens, mais com a tenta da suavidade, que com a vara do rigor; que até o mesmo Deos nos ensinou esta doutrina, porque sendo assim que no livro do Levítico^a ameaça grandes mortes, a quem nam guardar suas leys, quando no Exodo^b as começou a publicar, entrou prometendo prêmios, & nam fulminando castigos; porque nam era bẽ (como nota Cyrillo Alexandrino) que logo começasse ameaçando; como juiz, quem queria ser amado, como pay. Antes sempre foy dictame de novos governadores, querey captar benevolencia, com mostrar brã dura; q̃ assim o disse o aviso do outro Consul^d Romano, falando dos Príncipes, em principio de seu sceptro.

6 E quando nam haja favores, ao menos convem em o tal tempo dissimular com rigores; & este foy o primeiro bom lanço de governo, de que usou

Os princi-
pios de go-
verno se-
pre devem
ser mais
brandos.

^a Levit. 20. n. 2.
Morte moria-
tur, &c.

^b Exod. 20. n. 13.
Vr sis longu-
vus supet terrã;
quã Dominus
Deus tuus da-
bit tibi.

^c Cyril. Alex. lib.
11. in Levit.
Vult ut non
meri pœnz,
sed amore pie-
tatis mandata
custodias. &c.

^d Lentulus apud
Lucan. 8. Phar-
sal. Mirissima
fors est Regnò-
rum sub Rege
novo.

Saul,

1552.

1. Reg. c. 10.
n. 17. Erdespe
xeruat ei, ille
veto dissimula
bat se audire.

2. Reg. c. 10.
n. 10.

2. Reg. c. 3.
n. 27.

3. Reg. c. 1. a
n. 31.

Saul, ° escolhido por Deos (no tempo, em que ainda estava em sua graça) do qual conta a Escripura, que dissimulou as afrontas, que contra elle diziam os filhos de Belial; porque como estava ainda em principio de reynado, julgou que mais lhe convinha por entam dissimular, que castigar. O mesmo lemos de David, ° o qual podêdo matar a Ioab, pelas mortes injustas, & atreçoadas, que deo aos dous generaes Abner, & Amasa; com tudo, usou de clemencia de Rey novo, que entam era: & o mesmo fez seu filho Absalam, ° quando começou a ter a coroa de Israel, perdando ao traydor Adonias. Todos estes exemplos parece que haviam de mover ao novo Provincial Diogo Mirám, & ao novo Reytor Manoel Godinho, a começar seu governo dissimulando, & nam castigando; fazendo favores, & nam entrando cõ rigores: elles porém incitados de seu zeloso espirito, entraram logo com severidade, introduzindo novas ordens, ainda que fosse á custa dos subditos, aos quaes sempre descõtentam novidades; especialmente se sam de mayores apertos, senam vambem reguladas pelo molde da prudencia, & tenteadas primeiro pelo prumo da brandura. Nam podiam estas cousas deixar de causar grandes saudades

do Padre Mestre Simam, & da suavidade do seu bom governo.

7 Outra rezám havia no Collegio de Coimbra, pera alguns andarem menos contentes; porque o novo Provincial Padre Diogo Mirám, levado de seu fervoroso zelo, a todos os officios da casa queria assistir por sy mesmo, parecendolhe que faltando em algum, logo se perdiam todos; & que nam se fazia nada, senam presidisse a tudo. Nam podiam os officiaes, & ministros, deixar de andar pouco satisfeitos, por cuydarem se nam tinha d'elles a devida confiança (que os subditos sentem muito, que os Prelados nam fíem muito d'elles; antes cada hum quer (como diz Seneca^h) que os outros se fíem d'elle: & na verdade, se vos fiaes de hum homem, obrigailo a ser fiel; & pelo contrario, quem teme ser enganado, dá occasiám pera o saberem enganar; & o que de alguém sospeita mal, mostralhe o caminho pera ser máo: d'aqui vem a resolução dos prudentes, que quem alguma vez nam sabe dissimular, nam deve governar: porque há cousas, nas quaes (como diz o mesmo Philosophoⁱ) he melhor permitir enganar, que mostrar desconfianças: *In quibusdam rebus satius est decipi, quam disfidere.*

7 Grande prudencia se

requere

13.

P. Diogo
Mirám, a
todos os of
ficios que
ria assistir

Sen. l. 2. de ira
c. 23. Quisque
sibi credi vult,
& plerique ip
sam fidẽ obli
gat fides habi
ta.

Sen. epist. 3. ad
Lucil. Multi
fallere docue
runt, dũ falli ti
mẽt, & alijs pec
candius suspi
rando fecerunt.

Quãto cõ
vẽ dissimular.

Senec. lib. 2. de
ira, c. 23.

August. Quis-
ver. & novi res-
tamenti. Si pec-
cantibus respō-
deas ad singu-
la, nō deerit u-
bi pecces.

Gregor Naz in
Apol. Re vera
inhi viderur
esse ars artium, &
disciplina disci-
plinatum homi-
nem regere.

Orland lib 13.
n. 55.
Instat excelsi
cuiuslibet moto-
ris orbes sub
eius aequaliter
& eum gravita-
te ciet.

Cōselho, q
S. Ignacio
deo ao P.
Diogo Mi-
ram.

requere pera governar com-
muniões grandes; & assim co-
mo com o demasiado descuido
do prelado se afroixam os sub-
ditos na virtude, assim com a
demasiada severidade se exal-
pèram; & como diz sancto A-
gostinho, quem quer emendar
todas as occasiões de pecca-
dos, nam lhe faltará alguma oc-
casião em que venha a peccar;
& porque o superior ha de to-
mar o caminho entre estes do-
us baixos, por isso nam há offi-
cio mais difficuloso de apren-
der, que o de saber governar; &
d'aqui vem chamar Sam Gre-
gorio Nazianzeno ao boim
governo, *Ars, artium, & discipli-
na, disciplinarum*, Arte das artes, &
sciencia das sciencias. E pera
que o bõ Padre Diogo Miram
entendesse, que esta sua nimia
vigilancia, & demasiada assistẽ-
cia, por sy mesmo, às occupa-
ções dos outros, nam eram a-
justadas ao governo, que sancto
Ignacio queria na Companhia,
lhe escreveo o mesmo sancto
humana carta, da qual fala o Pa-
dre Orlandino; na qual, com
celestial prudencia, o adverteo,
que temperasse aquella sua soli-
cita nimiedade, & que se lem-
brasse, que nam era obrigaçam
de superior mayor, meterse nos
officios temporaes da casa; &
que hum Provincial havia de
ser como hum primeiro motõr
das espheras celestiaes, que

nam decendo do seu supremo
cêo, por meyo dos outros
moveis communica suas influ-
encias à terra, com igualdade, e
com gravidade.

9 Em quanto o Padre
Provincial Diogo Miram nam
guardou este conselho, em tudo
se queria meter, & por isso nos
subditos havia desgostos; &
com elles cada dia creciam as
saudades do Padre mestre Si-
mam, as lembranças de seu bõ
tempo, & os desejos, & preten-
sões de o ter outra vez por pay,
& de o lograr por Provincial; pa-
rece ndolhes, que só este reme-
dio poderiam ter, pera gozar
da serenidade de seu governo,
por mais que elle já nam trata-
va senam das contemplações
do cêo, & sentia haver ainda
quem d'elle se lembrasse. Com
tudo bem se deixava ver, que
em quanto o Padre M. Simam
estivesse em Portugal, ainda que
fosse no retiro de Sam Fins, ha-
viam os Religiosos de suspirar
por elle: & em quanto elle, ou
nam tornasse aos governar, ou
elles nam perdessem estas espe-
ranças, com sua ausencia,
nam poderia amai-
nar esta ma-
reta.



Anno de
Christo de
1552.

582

Anno da
Companhia
13.

CAPITULO XXXV.

*Manda sancto Ignacio por
Visitador a Portugal, o Pa-
dre Miguel de Torres; escre-
ve a elRey, sobre a mudança
do Padre mestre Simam; res-
pondelhe sua Alteza; &
partese o Padre pera
o Reyno de A-
ragam.*

*Manda S.
Ignacio
dar as de-
vidas gra-
ças a elRey
D. Ioam.*

TEve aviso sancto Ig-
nacio em Roma, do
que passava em Por-
tugal; & tratou logo, como tam
vigilante, de aquietar estes des-
gostos; & pera isto tomou este
seguinte meyo. Havia tempos,
que elle desejava mandar huma
pessoa de autoridade, que viesse
a Portugal beijar a mam ao se-
renissimo Rey Dom Ioam o III.
(como a glorioso fudador desta
provincia, primeiro protector,
& o mais insigne bemfeitor da
Companhia) & lhe desse as de-
vidas graças, por tam magnifi-
cas merces, em seu nome, & de
toda a Companhia, supposto
que elle nam podia vir em pes-
soa cumprir com esta tam pre-
cisa obrigaçam; pera isto esco-
lheu o padre Miguel de Tor-
res, Reytor, que entam era no

nosso Collegio de Salamanca,
& Doutor em Theologia, pela
Vniversidade de Alcalá, pessoa
de grande respeito, de quem fa-
larei na segunda parte. E pera
que viesse com mais autorida-
de, lhe deo o cargo de Visita-
dor d'esta provincia. Alem d'e-
ste devido reconhecimêto, que
o novo Visitador vinha tribu-
tar ao augustissimo Rey, o prin-
cipal negocio, que com elle tra-
zia, era pedirhe desse sua Alte-
za amorosa licença ao padre
mestre Simam, pera sahir de
Portugal, & hir governar a pro-
vincia de Aragam, declarando
por carta sua, as causas, que o
moviam, em o Senhor, a fazer
esta mudança.

2 Recebeo o poderoso
Rey esta humilde embaixada
do servo de Deos sancto Igna-
cio, com grande benevolên-
cia, & com muita satisfa-
çam da pessoa do Doutor Mi-
guel de Torres, por ser homem
de muy calificada virtude, de
rara prudencia, & notavel au-
toridade; deferiolhe a tudo, & no
particular da mudança, que o
sancto Patriarcha queria fazer
do padre mestre Simam; posto
que o serenissimo Rey a sentio
ao principio (pela mnita conta,
que fazia da virtude, prudencia,
& grandes talentos de tam in-
signe varam) com tudo foy tal
o respeito, que teve â vontade,
& parecer de nosso bemaven-

*P. Miguel
de Torres
foy homem
de muita
autorida-
de.*

turado

turado Padre, que cortando por seu gosto proprio, deo liberal licença ao Padre mestre Simam, pera sahir de Portugal.

3 Respondendo a S. Ignacio com a seguinte carta, que temos em nosso poder, que lhe remeteo, por via do padre Luis Gonçalves da Camara, que d'ally a poucos meses foy a Roma, como veremos adiante.

CARTA DEL REY Dom Ioam o terceiro, pera nosso sancto Padre Ignacio, sobre a mudança do Padre mestre Simam.

Padre mestre Ignacio, recebi vossas cartas, & com ellas muito contentamento; & houve, por serviço de nosso Senhor, o que me pedistes, acerca da mudança do Padre mestre Simam, o que se fez da maneira, que o Padre Luis Gonçalves vos dirá; & podeis ter por muito certo, que sempre folgarei de favorecer esta Companhia, pelo muito fructo, que vejo, que nosso Senhor por ella em meus Reynos, & Senhorios faz; & porque, acerca desta minha vontade, & de tudo o mais da dita Companhia, & assento das cousas della, nestas partes, toca ao dito Luis Gonçalves, a elle me remeteo; & lhe dareis inteiro credito,

em tudo o que de minha parte vos disser. Escrita em Lisboa, em 30. de Janeiro, de 1553.

REY.

4 Ate aqui a carta do serenissimo Rey; & nesta licença, que deo, & resoluçam, que tomou; bem mostrou o grande amor, que tinha à Companhia, pois tantas mostras de benevolencia ao Padre mestre Simam, mais eram fundadas na Religião, que na pessoa, posto que esta fosse tam digna de ser estimada; o que appõtei aqui, pera que se desenganem alguns Religiosos (quando se virem estimados no mundo) & se persuadam, que a estima, que d'elles se faz, mais he por respeito da Religião, que professam, que por causa dos talẽtos, q possũe, como a experiẽcia nos mostra em alguns, que tanto que deixaram o habito, que vestiam, logo perdẽram o respeito, que lhes tinham.

5 Tambem temos em nosso poder a carta, que no mesmo tempo, por esta occasiã, escreveo el Rey ao seu embaixador em Roma, que naquelle tempo era (como temos dito) Dom Affonso d'Alencastre, Commendador mór, a qual também quero aqui referir, porque a achey no cartorio de Coimbra, & sempre servirá pera maior clareza do que himos contando, & pera entendermos o

Prova do amor, qel Rey tinha á Companhia

amor

Carta del Rey pera S. Ignacio.

amor, que este augustissimo Rey nos tinha, & a boa opini-
am, que formava da Compa-
nhia; & nos animemos a saber
merecer semelhantes favores,
cõ termos iguaes merecimẽtos.

CARTA DELREY
Dom Ioam o terceiro,
pera Dom Affonso de
Alencastre, commen-
dador mior da ordem
de Christo, & seu
embaixador em
Roma.

*Escreve el
Rey ao seu
embaixa-
dor em Ro-
ma.*

Comendador mior, sobrinho,
& amigo, &c. por algumas
vezes de serviço de nosso
Senhor, & por me assim enviar a pe-
dir o Padre mestre Ignacio, Preposto
geral da Companhia de IESU, houve
por bem, que o Padre mestre Simam
deixasse o cargo de Provincial, como
vos dirá o Padre Luis Gonçalves,
que a essa corte vuy, sobre algumas
cousas, que sam do governo da dita Co-
panhia necessarias; & porque elle he
pessoa, de cuja virtude, letras, & pru-
dencia, tenho muita confiança, vos a-
gradeçerei muito dar deslhe credito em
tudo o que da minha parte, acerca da
dita Companhia, & negocios della, vos
differ, & se comprir fallardes em
algũas cousas ao sancto Padre, &
alguns Cardeaes, & outras pessoas,

factoheis da minha parte, com a dili-
gencia, que convio, & como, segundo
soube do dito Luis Gonçalves, o fizestes
na annexação do mosteiro de Sam
Ioam de Longavares, & em haver a
data delle, que estava perdida, & em
outras cousas da Companhia, que vos
muito agradeço, & me hey nãa por
bem servido de vós. Escrita em Lis-
boa, 30. de Janeiro, de 1553. q. a. v.

R E Y.

6 Tanto que o padre Mi-
guel de Torres entendeu, que
sua Alteza se inclinava a dar li-
cença ao padre mestre Simam,
tratou de lhe escrever a Sam
Fins. Trazia elle algumas fo-
lhas de papel asinadas em brã-
co, com o nome do nosso san-
cto Patriarcha (tanta era sua
autoridade, & tam grande a
conta, que d'elle fazia o sancto)
pera que, cõforme o que achas-
se no Rey, assim escrevesse ao
padre mestre Simam, & aos
mais, q. pera execuçam d'este ne-
gocio fossem necessarios, d'estas
cartas mandou logo huma ao
padre mestre Simam, na qual
se lhe ordenava, que deixando
a estancia de S. Fins, se fosse a
tomar o governo da provincia
de Aragã.

7 Nam foram necessarios
mais avisos pera o Padre, como
tam verdadeiro obediente, se
por logo a caminho pera Lis-
boa, pera que havendo o bene-

*Parte se lo
go o P. M.
Simam de
S. Fins.*

placito

placito real, de que até entam lhe nam constava (porque nam tinha ainda recebida a ordem de sua Alteza) se partisse pera onde a obediencia lhe ordenava; posto que tinha respondido ao sancto Patriarcha, que esperava do muito amor, que lhe merecia, o escusasse d'aquelle novo governo, & se contentasse com elle deixar Portugal, dandolhe licença perahir a Roma, a lançar-se a seus pés, & tomar a benção de tam bom pay, & amigo em o Senhor. Vindo pois o Padre mestre Simam de Coimbra pera Tomar, recebeu a carta do serenissimo Rey, da qual entendeo a conformidade, que tomava com o parecer do sancto Patriarcha; & logo, com notavel resolução, digna de hum varão tam Apostolico, & companheiro tam familiar de hum tam grande sancto, sem passar mais avante, sem mais detença, nem apparelho, se partio d'aly pera o Reyno de Aragám.



CAPITULO XXXVI.

Como o Padre mestre Simam chegou a Roma, & se vio com o sancto Patriarcha Ignacio; & do mais que lhe succedeo nos annos, que andou fóra de Portugal.

1 **C**Om tam valente resolução, oomo vimos, & com tam cega, & valerosa obediencia, se partio logo o padre mestre Simam da villa de Tomar, pera o Reyno de Aragám, hindo sempre com grandes esperanças de ter alguma reposta das cartas, que escrevêra ao sancto Patriarcha, pera que o escusasse do governo da provincia de Aragám. Neste caminho lhe sobreveyo huma grave enfermidade, por onde lhe foy necessario tornar atrás, & deter-se em hum hospital, aonde lhe nam faltava mais que a presença dos nossos Religiosos, a quem elle tanto amava.

2 Neste comenos teve hũa carta de nosso S. P. escrita em Mayo de 1553. chéa de toda a benignidade, & mostras de verda deiro amor, na qual por etão escusava da partida pera Aragám,

Escusa S. Ignatio ao P. M. Simam da hida a Aragám.

& lhe ordenava, que fosse a Roma, a ver se com elle. Grande foy a alegria, que o Padre recebeu com esta carta; & porque o muito gosto, que tinha de hir ver a seu antigo, & amoroso pay Ignacio, lhe fazia tirar forças da fraqueza, assim fraco, & indesperto como estava, se poz logo a caminho, guardando pelas estradas, & estalagens a ordem da oração, & exercicios espirituaes (que aprendéra de seu mestre sancto Ignacio, nos largos, & trabalhosos caminhos, que com elle tinha andado) até que finalmente, com grande alegria de sua alma, avistou os desejados muros d'aquella cidade, cabeça do mundo, & da Religião catholica.

*Offerecem
ao P.M. Si
mam hum
Breve, pe-
ra residir
em Portu-
gal.*

3 Tanto que chegou a Roma, nam faltou que lhe metesse na mão hum Breve Apostolico, passado á instancia de pessoas illustres de Portugal; pelo qual (cõforme acho escrito) a sanctidade do Papa Julio III. lhe dava licença para poder residir na corte de Portugal, ou aonde fosse mais consolação sua. Recebeo o Padre o Breve, por nam parecer que desprezava tam illustres personagens, como eram os que o tinham impetrado; sentio porém muito, haver quem cuydasse d'elle, que lhe podia fazer graça, quem o queria deter em

Lisboa, quando o seu Patriarcha sancto o chamava pera Roma; & logo se foy lançar aos pés do sancto Géral, offerecendo-se a sy, & entregandolhe o Breve. Esta he a noticia, que entre nós há deste Breve, & a temos por mais certa, que a que dam d'elle, em outra forma muy diversa, alguns autores menos bẽ enformados, & pouco affeição dos às cousas de Portugal.

4 Nam se pó le explicar a grande consolação, & alegria, que recebeu o espirito de sancto Ignacio, com a vista de tam amado Irmão, & companheiro seu, na fundação da Companhia, & em suas peregrinações, particularmente vendoo tam foyto nas mãos da obediencia, sem querer usar do Breve, que lhe offereceram, como quem mais estimava a foyção, que tinha a seu superior em Roma, que á liberdade, que lhe procuravam os cortesãos em Lisboa. Deteveo nosso sancto Patriarcha por algum tempo, no qual o Padre mestre Simão lhe deo larga conta de sy, das cousas de Portugal, dos progressos d'esta Provincia, das missões, que tinha mandado á India, ao Brasil, & a Congo; & muy em particular lhe contou as muitas obrigações, que tinhamos

*Orland. lib. 14.
n. 6. Ioan. Ful.
cundē fecutus
to. Viror illust.
Socret. fol. m.
hi 550.*

*Quam se-
flejado foy
de S. Igna-
cio.*

ao serenissimo Rey Dom Ioam o terceiro; & referindolhe muy por menor todos os mais successos das cousas de Portugal, que pera o sancto Padre, eram de gratissima satisfacção, communicando o sancto com elle as cousas de importancia da Companhia. Mas desejando o Padre mestre Simam retirar-se totalmente de negocios, pera alguma parte, em que se pudesse dar todo a Deos; pediu licença a nosso sancto Padre, pera hir em peregrinação a Ierusalém, como no principio de sua cōversão com elle tinha tratado, & com os mais companheiros: dada a licença (com grandes envejas de nosso sancto Patriarcha, pelo nam poder acōpanhar) se partio, cō este intêto, pera Veneza, aõde estando esperando a primeira embarcação pera Chipre, tornou a enfermar de tal maneira, que lhe nam foy possível levar adiante esta sancta peregrinação, que já em outro tempo intenciona com o mesmo sancto fundador, sem lhe ser possível levala ao cabo.

5 Vendo pois, que nam podia executar esta resolução, havida licença, se recolheu a Hespanha, aonde viveo muitos annos em o Collegio de Murcia, & em alguns outros das Provincias de Castella; com notavel exemplo de san-

ctidade, & continuo exercicio de fervente oração, & rara humildade; ajudando grãdemente aos nossos com praticas sanctas, com bons conselhos, & sobre tudo com o sancto exemplo de sua vida; & posto q̃ nosso glorioso Patriarcha, tendo nas partes de Castella, quera descaçar nelle, cometendolhe suas vezes, & poderes, pera em todos os negocios de importância se fazer o q̃ elle, & o P. Antonio de Araõs assentassem: cō tudo o P. M. Simam se conservou sempre em tanta humildade, & encolhimêto, que nam quera usar dos poderes, q̃ tinha de Provincial, & collateral do P. Araõs, senam em algũs casos, em q̃ o mesmo S. P. lhe escrevia, encômendandolhe com particulares rezoens, que acodisse a algum negocio de muita importancia, & entrã o fazia, cō tanta prudencia, que todos tinham como oraculo do céo, a resolução, que sahia de hũ varã tam exercitado em governos, & tam humilde, que nam quera governar.

6 Desta maneira passou muitos ãnos de sua vida em Roma, & em Castella, experimentando a bemaventurança da vida particular, que sò sabe lograr quem a sabe estimar; que na verdade sam grandes os perigos, a que estam expostos os Prelados, & os

Trata o P. M. Simam de hir a Ierusalém.

Retirouse de governos.

*A grandes
perigos es-
tam expof-
tos os su-
periores.*

^b
D. Amb. in suo
Pastorali.

^c
D. Grego. 3. p.
Pastoralis eu-
rez, admon. 27.
Plerumq; etiã
iusto eum tẽpo-
ralis potentia
fustollit, velut
in laqueũ culpa
comprehẽdit.

^d
Gen. c. 37. n. 3
Israel diligebat
Ioseph super
omnes filios.

Gen. 49. n. 10.

superiores, pois tem a sua conta haver de dar conta de tantos subditos: antes quanto maiores foram os governos, que tiveram, tanto mais estreitas serã as contas, que lhes pedirã, conforme a sentença de Sancto Ambrosio, *Cui plus creditur, plus ab eo exigitur*. E ninguem cuyde, que estã izento de perigar, se estiver ao leme da prelasia; porque (como testifica San Gregorio Magno) atẽ aos varoens justos arma o diabo laços, entre as redes do governo: & por isso nam he prova de mayor amor o despacho do melhor mando; como bem se vio em Iacob^d, o qual amando mais a Ioseph, do que a Iudas, como testifica a Escrip-tura; com tudo a Iudas menos amado, & nam a Ioseph mais querido, entregou o sceptrõ de Israel, como quem antes o queria ver no remanso da vida particular, que nas ansias, & nos perigos, que necessariamẽte havia de ter, governãdo os outros; & cançandose a sy.

7 Acho porẽm escrito, q algũas vezes usou de seus poderes, principalmẽte quãdo assi lho ordenava o P. gẽral da Cõpanhia, como foy entre outros casos hũ, em q lhe cometẽo, q averigua-se certa duvida, q havia entre os Reytores de dous Collegios da Cõpanhia, sobre huma peça de

muita importancia, que cada hũ d'elles dizia, q pertencia ao seu Collegio, allegando pera isto as rezoẽs, q havia; & como ambos cuydavam, q tinhã por sy a justiça, & q sò procuravã o bem cõmun do Collegio, sem tratar de cousa sua propria, era o letigio mayor, & a porfia mais cõtroversa. Remeteose o negocio por vezes a nosso Padre gẽral, o qual, desejando muito de o aquietar, o cometẽo ao padre mestre Simam, pedindolhe que o quizesse resolver, & levar ao cabo; o qual bem mostrou sua grande prudencia, & bom governo, na industria, que teve, pera aquietar, & fazer capazes da rezã aos dous Reytores. Depois de hir visitar aquelles Collegios, & ouvir ambos os superiores; vendo a difficuldade, que havia em os compor, tratou de levar por traça, o que nam podia averiguar por rezã; & assim trocou os ditos dous Reytores, pondo hum no Collegio, aonde o outro estava; feito isto, mandou os arrezoar sobre a peça da contenda; porẽm elles com a mudança dos Collegios, tam-bem mudãram das opinioens, porque jã cada hum pretendia a peça pera o Collegio, pera onde se mudãra, & se aproveitavam das mesmas rezoens, com que d'antes cada hum d'elles cõtrariava a pretẽçam do outro.

*Notavel
industria
do P. M. Si-
mam em
seu gover-
no.*

Vendo

Vendo isto o padre mestre Simam, os convenceo primeira-mente com a variedade de seu proprio juizo, mostrandolhes evidentemente, que mais se regiam pelo rumo errado da af-
 feiçam, que pelo norte certo da boa rezâm. Logo, com toda a liberdade, & resoluçam, determinou o que melhor lhe pareceo, sem oufarem a resistir, nem repugnar, julgando elles (como succedeo às duas litigantes diante de Salamañ, quando se aquietaram com a sentença, que lhe deo) que nam se podia vir com embargos a quem julgava as cousas, nam seguindo as leys da paixam, mas segundo as regras da verdade.

8 Assim esteve o P. M. Simam nesta quietaçam de vida, venerado de todos aquelles Padres, & Irmãos, como pay de todos em o Senhor, & sumamẽte desejado, & suspirado d'esta provincia de Portugal, que sêpre teve hũa sancta enveja aos outros Reynos, por lhe reterẽ; & nam restituirem o tesouro de tam affinalado varãm; até que no anno de 1572. congregandose a Companhia universal em Roma, pera eleiçam do quarto gêral, que foy o Padre Everardo Mercuriano, pelas grandes instancias, que se fizeram d'esta provincia (& por outras rezoens mais uni-

versaes, que moveram ao mêsmo Padre gêral) nos fez restituir, depois de muitos annos, tam grande penhor de sanctidade, pera que pois em vida nos tinha fundada esta Provincia, com seus gloriosos trabalhos, depois morto nos amparasse com suas prezadas reliquias.

CAPITULO XXXVII.

Como o Padre mestre Simam, depois de muitos annos, tornou a Portugal, & de algumas cousas mais notaveis, que neste tempo lhe succederam; & de sua ultima enfermidade.

Ainda que nesta historia ordinariamẽte nos himos accõmo-
 dando aos annos, tamẽ himos principalmẽte seguindo as pessoas; & por isso nam me sogei-
 to tanto a fazer annaes, que quando he necessario à clareza da historia, & melhor noticia das cousas, nam haja de contar no anno, que for segnindo, os casos, que muito adiante succederam; conforme a isto, posto que a sancta morte do Padre mestre Simam succedeo muitos annos, depois do de

Reg. c. 13.

*Occasiãm
 pera tor-
 nar a Por-
 tugal.*

1552. que hiamos historiado; com tudo, porque o lugar agora nos convida; & porq̃ elle he o principal foyeito d'esta primeira parte, a que himos dando fim, me pareceo concluir com suas cousas; posto que por outra parte nunca d'ellas quizeramos sair.

2 Foy restituído a Portugal o padre mestre Simam (por ordem do reverendo Padre Everardo Mercuriano, quarto Gêral da Companhia) no anno de 1574. carregado de dias, & muito mais de merecimentos, depois de haver quasi vinte annos, que por obediencia se ausentára d'este Reyno, os quaes todos gastou em exercicios de oraçam, contemplaçam, & sancta humildade, & em serviço do proximo, conforme os institutos da Companhia, que elle tanto estimava. Chegando a Portugal, lhe acontecêram duas cousas, dignas de se referir neste lugar.

3 A primeira foy, que hindo a entre Douro, & Minho, & entrando em Villa de Conde (por lhe ficar no caminho; que trazia) perguntando pelo juiz dos orfãos, por nome Diniz Pinto, o foy logo demandar a sua casa. Tanto que o juiz dos orfãos o vio diante de seus olhos, ficou nam menos alegre com esta vista, que alvoroçado,

& espantado, com a repentina chegada de tam milagroso varão, q̃ havia mais de trinta annos, q̃, como elle dizia, lhe tinha prophetizado tres cousas, & sendo cumpridas as duas, sò faltava a terceira, de que elle já nenhum caso fazia, por saber que havia tantos annos andava o Padre ausente por Reynos estranhos, & provincias tam remotas de Portugal: a primeira cousa foy, que lhe disse o Padre em Coimbra (sendo aly estudante o dito Diniz Pinto) que posto que era Theologo, nam havia de tomar estado ecclesiastico: & assim foy, porque andando os tempos, se casou, cumprindose d'esta maneira o que o Padre lhe tinha dito. A segunda cousa, que lhe disse, foy, que em Villa de Conde (donde nam era natural) havia de edificar humas casas novas, pera sua habitaçam, naquelle terra. A terceira, que o padre mestre Simam lhe disse, foy, que nas mesmas casas, depois de muitos annos, o havia de hir a visitar: as duas primeiras promessas já estavam muy bem cumpridas, porque elle tomou o estado de casado, & nam de ecclesiastico; era juiz dos orfãos em Villa de Conde, & as casas, em que morava, eram novas, que elle mesmo tinha edificado.

4 Pouco caso porém fazia

já-

*Torna a
Portugal
o P.M. Si-
mam.*

*Notavel
caso, q̃ lhe
sucedeo em
Villa de
Conde.*

*Como se cū-
prio o q̃ o
P. tinha
dito.*

já o juiz do cumprimento da terceira promessa; porque ainda que ao principio, quando deixou a Theologia pelo matrimonio, se consolava com cuidar, que punha por obra a prophécia do padre mestre Simam, tendo aquelle casamento por quasi milagroso, & ordenado do céu, pois fora previsto por tal servo do Senhor; & confirmando-se ainda mais nisto, quando, d'aly a alguns annos, se vio em Villa de Conde, & com bens, que lhe davam posses, pera edificar casas de novo (que também tinha por milagrosas, por causa da promessa do padre mestre Simam) com tudo, andando os annos, & com elles vindo alguns desgostos, que os tempos necessariamente trazem a hum homem casado, com familia, & mais obrigaçoens do matrimonio; & sobre tudo, sabendo, que estava tam longe de Portugal o padre mestre Simam, & de assento em Reynos estranhos; já estava quasi desconfiado, & tinha perdida a opiniã do casamento milagroso, & o conceito das casas prophetizadas; julgãdo, que aquelles dous primeiros successos seriam a caso, pois nam via cumprido o terceiro.

5 Senam quando, estando hum dia mais descuidado, despachando sobre a mesa hum feito, pertencente a seu officio,

em hum aposento das suas casas novas, subitamente ve entrar-lhe pela porta o padre mestre Simam; reparou poiẽm no que via, & assegurandose que ellẽ era, ao principio ficou como enleado, pois tinha diante de seus õlhos o que tanto desejava, & o que nada menos esperava; tanto que tornou em sy, daquelle subitõ alvoroço, sem esperar mais demoras, lança a mesa por terra, vay correndo ao Padre, deitase a seus pés, peito por terra, chorando muitas lagrimas de prazer, & alegria, & engrandecendo o Senhor, por ver assim á risca cumprido o q, com seu espirito, seus servos tão de antemã estam prevendo. Este caso contou muitas vezes Diniz Pinto, com taes circumstancias, & com tanta certeza, que podemos piamente crer, que revelou Deos aquelles successos ao Padre; que o Senhor costuma fazer estes favores a seus servos, & ainda que lhes encobre muitas cousas, tambem lhes manifesta algumas, pera que conhecendo o pouco, que tẽ de sy, reconheçam o muito, que lhe vem de Deos.

6 O outro caso foy, que vindo a Visão, á instancia do Bispo Dõm Iorge de Ataide, grande seu devoto (por ser filho do primeiro Conde da Castanheira Dom Antonio de Ataide, do qual por vezes disse-

mos a muita amizade, que tive-
ra com o padre mestre Simam)
& passando com dous compa-
nheiros seus, por junto da villa
de Bouzela, aonde nacera, &
aonde ainda tinha huma irmã,
& muitos parentes muy honra-
dos, de muito respeito, & os
melhores da terra; nunca os cõ-
panheiros puderam acabar cõ
elle, que entrasse na villa, pera
ver sua pátria, consolar sua ir-
mã, & falar com parentes, que
tantos annos havia, que nam
tinha visto; antes se houve nes-
ta occasiam, como verdadeiro
companheiro do grande Padre
Sam Francisco de Xavier, que
tam notavel exemplo nos dei-
xou neste particular, vindo de
Roma pera Portugal: assim pas-
sou o Padre mestre Simam, por
junto de Bouzela, pátria sua,
sem ver, nem mandar recado a
nenhum dos seus parentes, tudo
a fim de instruir a seus filhos
em Christo, naquelle sancto ô-
dio, & esquivança, que o mesmo
Senhor no seu Evangelho es-
pera d'aquelles, que o preten-
dem seguir com perfeiçam de
vida religiosa, a qual a primeira
cousa, que ensina, he deixar
cuydados do mundo, & sopear
lembranças de parentes, con-
forme a doutrina de Sam Pau-
lo, *Continuo non acquievi carni, & san-*
guini: & quanto exemplo nisto
nos deu o Padre mestre Simam,
pódem julgar os que tantas vol-

tas dam; & tantos rodeos fa-
zem, huns por ver seus paren-
tes, outros por visitar seus ami-
gos.

7 Entrou enfim o padre
mestre Simam no seu Collegio
de Coimbra, a q elle tinha li-
çada a primeira pédra, & con-
tinuado, quanto pode, com a
obra, que agora via muy adian-
tada. Nam se pôde explicar por
palavras, a consolaçam, que a-
quelle sancto Collegio, & toda
esta Provincia teve, com a vi-
sta, & presença de seu muito a-
mado pay, que outra vez viam
restituido; sendo em todos o
alvoroço dobrado, assim nos do
seu tempo, pelo tornarem a
ver, como nos que de novo a-
chava, porque nunca o tinham
visto; todos o veneravam, co-
mo a varã sancto, & a quem
deviam a fundaçam desta Pro-
vincia. Nam se satisfaziam os
Padres, & Irmãos de o ver, &
de ouvir suas palavras de tanta
edificaçam, & espirito, que a to-
dos animava ao zelo, & perfei-
çam de nosso instituto; suas pra-
ticas eram sanctas, & ordinaria-
mente da origem, & principios
da Companhia, que todos go-
stavam grandemente de ouvir;
principalmente porque apoya-
va as palavras boas, com me-
lhores obras; admiravamse de
ver a constancia, com que ti-
nha perseverado em suas mor-
tificaçoens; & bons dictames;

*Como foy
festejado o
P. M. Simã
em Portu-
gal.*

Lucen. lib. 1.
c. 8.

Luc. cap. 14.
n. 26.
*Odio a pa-
rentes.*

Ad Gal. c. 1.
v. 16.

viam

viamno velho nos annos , mas muy vigoroso no espirito; reconheciam o mesmo exemplo de sua pessoa, lembrandose do que tinha dado nos tempos passados, & vendo a rara perseverança , com que continuava nas mesmas penitencias , sem ter respeito a que vinha tam entrado na idade, & debilitado cō graves enfermidades, & trabalhos excessivos, passados em tantos caminhos. Nam foy menor a alegria, que houve em todo o Reyno na gente de fora , nos seus antigos devotos, & conhecidos, dos quaes ainda alguns viviam, que o vinham visitar, & nam acabavam de se persuadir, que o tinham ainda vivo, & diante dos olhos.

8 O mesmo Rey Dom Sebastiam, que já entam reynava , lhe mandou dar as boas vindas, tratado de o tomar por seu confessor, em lugar do Padre Luis Gonçaves (que entam estava muy doente) & servirse d'elle em negocios de importancia, mandandolhe falar por Dom Iorge d'Almeida, Arcebispo, que entam era de Lisboa; mas o servo de Deos, com grande constancia, & inteireza se escusou, por causa de sua idade, & indisposiçoens; & muito mais pelo que sentia, & costumava a dizer, que o paço encanta; & quando se quer deixar, nam he possivel fazelo; &

que já nam era tempo pera elle tratar mais que do Rey da gloria, & da corte do céo.

9 No anno de 1576. em 17. de Janeiro, se teve congregaçam gèral em Lisboa, na casa de Sam Roque; nella se achou (com grande consolaçam dos congregados) o padre mestre Simam, o qual foy nella o primeiro definidor, & o que teve o primeiro lugar, conforme a ordem com que estavam assentados; nesta congregaçam se acharam os Padres Leão Henriques, Manoel Alvares, autor da Arte, Iorge Serram, Miguel de Sousa, Diogo Vieira, Ignacio Martins, o Padre Mauricio, & outros, que elle tinha recebido na Companhia, & eram seus filhos espirituaes em o Senhor, cōsolandose muito com os ver, & nam se fartando elles de olhar, pera seu antigo pay, & querido mestre, que em Christo os gerára, & ensinára: ouviam suas palavras, & tomavam suas respostas, como se fossem dadas por hum oraculo; reconhecendo nellê o espirito, com que fundára esta Provincia; & lembrandose do primitivo tempo em que o tiveram por regra viva, porque por palavra, & exemplo lhes ensinára o instituto da Companhia, que já viam tam acrescentada, & dylarada.

10 Nam foy possivel go-

Como se achou e hua congregaçam em Portugal.

Escusase de ser confessor del Rey D. Sebastiam.

*Da occasi-
ão, q' hou-
ve, pera
adoecer.*

zar esta Provincia por muito tẽ-
po de tam grãde bẽ, & univer-
sal consolaçam, que todos ti-
nham com a vista, & exemplo
de tal pay; porque passados al-
guns poucos annos, que gastou
neste Reyno, visitando os prin-
cipaes Collegios, com grande
fruito, & consolaçam espiritual
de todos os Padres, & Ir-
mãos; recolhendose finalmen-
te a Lisboa, estando na casa
de Sam Roque, lhe deo huma
febre, que se veyo a fazer con-
tinua, a qual, por espaço de
hum anno, o foy gastando, &
consumindo; dandolhe Deos
em todo este largo tempo,
grandes occasioens de mereci-
mento, pelas grandes dores,
que padecia, que de dia lhe
tiravam o repouso, & de noi-
te o privavam do sono; sem
ter outro alivio mais que o das
continuas lembranças da glo-
ria, & desejos da vista de
Christo Senhor nosso, cõ
quem estava em per-
petuos collo-
quios.



CAPITULO XXXVIII.

*Da grande paciencia do Pa-
dre mestre Simam, em sua lar-
ga enfermidade; do raro
exemplo, que nos deo;
& de sua sancta
morte.*

Como a febre era cõ-
tinua, de tal maneira
se foy ateando, & cõ-
sumindo aquelle corpo cansa-
do, & desfeito já com as peni-
tencias, que os ossos quasi se lhe
enxergavam todos, tam distin-
tamente, que parecia mais hu-
ma imagem da morte, repre-
sentada naquella armaçam de
ossos, que corpo de homem vi-
vo; que d'esta maneira quer
Deos algumas vezes apurar a
paciencia de seus servos, como
leimos de muitos sanctos, & em
especial de Sam. Basilio, de
quem sabemos, que chegou a
nam ter mais que o espirito da
vida conservado nos ossos, &
cuberto com a pelle; & o mes-
mo dizia de sy, entre suas quei-
xas, o sancto Iob,^b quando con-
sumidas as carnes, tinha sò os
ossos pegados à pelle. Assi des-
feito nesta ossada, viveo perto
de tres meses, com grande es-
panto dos medicos, que nam

labiam

*Como ficou
desfeito cõ
a doença.*

*Brev. Rom. 14.
Iunij. Cum iñtũ
sp̃ritu viveas,
p̃ter ossa, &
pellẽ nullap̃t̃
terea corporis
parte constare
videtur.*

*Iob 4. 19. n. 20
Pelli meo con-
sumptis carni-
bus adhæsit os
meum.*

fabiam como se podia conser-
var o espirito da vida naquella
representaçam da morte: & ain-
da que o sentimento de seus
filhos espirituaes era grande,
pelo verem assim estar penan-
do, com tudo, o proveito, & edi-
ficaçam espiritual, era mayor,
pelo grande exemplo, que nos
deo de paciencia, & devaçam,
nesta tam prolongada enfermi-
dade.

2 Da paciencia nam será
necessario darmos grandes pro-
vas, á vista do muito, que se pa-
dece em huma doença compri-
da; só posso dizer, que era pra-
tica ordinaria dos medicos, &
enfermeiros, que nunca viram
mayor moderaçam de palavras,
& soffrimento de agudas dores:
a devaçam se manifestava nos
abrazados desejos da gloria,
fervorosos colloquios, & conti-
nuas jaculatorias ao cêo; no al-
vorço, & alegria, com que fa-
lava, & suspirava por Christo,
repetindo muitas vezes aquel-
las palavras do Psalmo, *Hei*
mibi quia incolatus meus prolongatus
est, &c. Sentindo grandemente
dilatarse seu desterro, & suspi-
rando por se ver no cêo, diante
da Magestade divina, em com-
panhia da Virgem sacratissima,
de quem sempre foy devorissi-
mo; chamando muitas vezes
por seu sancto companheiro, &
hom amigo o glorioso P. san-
cto Ignacio, desejado de se ver

no cêo com elle, & com os de-
mais primeiros Padres da Cõ-
panhia, a quem elle tinhaaju-
dado a fundar tam sancta Reli-
giã. E se a enfermidade (co-
mo diz Sam Hieronymo^e) lhe a-
pedra de tòque, que melhor
mostra os quilates da virtude
do tempo da saude; bem mos-
trou, nesta occasiã, o padre
mestre Simam o ouro de sua
rara paciencia, & as riquezas de
seu grande soffrimento; pois
nam bastou a fraqueza do cor-
po, pera debilitar as forças do
spirito; podiamos dizer delle cõ
Sam Paulo, que entam era va-
lente, quando estava enfermo;
Cum infirmor, tunc potens sum; por-
que aos Sanctos (como dizia o
mesmo Apostolo^b) na doença
se apura a paciência, & na enfer-
midade se aperfeçoa a virtude.

3 Antes de fallecer algũs
meses, tinha rogado a hum Re-
ligioso seu particular amigo, q
quando entendesse dos medi-
cos, que tinhã qualquer des-
confiança de sua vida, lho fizesse
logo a saber, assegurandoo,
que lhe nam podia trazer nova
mais alegre: & quando final-
mento o Padre lhe deo este a-
viso, de como os medicos di-
ziam, que cedo acabaria a vida;
perguntou, com toda a seg-
urança, se havia de ser logo; res-
pondendolhe o Padre, que ain-
da durraria todo o discurso d'a-
quella lua; nam se po le crer o

^e Hier. in Epist.
Quid boni ha-
bent sanitas læ-
gor ostendit.

^f 2. ad Cor. c. 12.
n. 10.

^g 2. ad Cor. c. 12.
n. 9. Virtus in
infirmis per
seitur.

Como se a-
legrou cõ a
nova da
morte.

^d Ps. 119. n. 5.

Grandes
saudades,
que tinha
do cêo.

lenti-

*Pede, q' o
deixê estar
sò cō Deos.*

*h
Vide Sur 8. No
vem' b. in vita
S. Martini.*

sentimento, que mostrou, dizê-
do estas formaes palavras: *Basta,
Senhor, que ainda hey de estar tanto
tempo sem vos ver; vinde Senhor, vin-
de Deos da minha alma; vinde, &
nam queirais tardar, bom IESU.*
Nas ultimas somanas de sua vi-
da significou, que tertia particu-
lar consolaçam, se o deixassem
estar sò, sem o estorvo das con-
tinuas visitas dos Padres, & Ir-
mãos, que lhe nam sabiam do
cubiculo: todos estes dias, &
noites gastou em praticas, &
colloquios com Deos, com a
mais notavel alegria, que ima-
ginar se pôde; os ôlhos sempre
fitos no cêo, as lagrimas corren-
do-lhe em fio pelo rosto abai-
xo; outras vezes batendo nos
peitos, pedindo perdã de suas
culpas; louvando ao Creador,
pelas merces, que de sua liberal
mão tinha recebido; & suspi-
rando pela gloria, com tam grã-
de alvoroço, com tanta alegria,
& certeza de sua salvaçam (co-
mo o pôde estar da commenda
quem tem já na mão a portar-
ria real, pera della hir tomar
posse) & por mais que os disci-
pulos, & amigos (como antiga-
mente fizeram ao grande Pa-
dre S. Martinho^h) lhe diziam,
que se nam cansasse tanto, pois
estava tam fraco, & com tantas
dores; nada d'isto admitia, dizê-
do, que o deixassem aliviar cō
Deos, porque sò este descanso
tinha, & só este desejava ter.

4 Com esta doença ser
tam comprida, que passou de
anno, & tam rigorola, que o
poz no estremo, em que disse-
mos, que parecia huma imagem
viva da morte, he cousa, que
mete espanto, o que acho escri-
to, que em toda esta doença,
quize conservar, & em effeito
guardou, o rigor da penitencia,
que em sua vida tinha usado,
dormindo sempre vestido, sem
tirar mais que a roupeta. E pe-
ra nos dar a todos exemplo de
verdadeiro pobre de espirito, &
de todo ficar desapegado do
mundo, pois d'elle já nam tinha
mais que a pelle seca, & os ossos
quasi mirrados, pedio ao Padre
Preposito da casa de Sam Ro-
que, que era o Padre Iorge Ser-
rã, que lhe mandasse tirar da
sua camara, tudo quanto nella
houvesse, pera lhe ficar aquella
consolaçam de se ver como qu-
tro Sam Francisco pobre, &
despido de todas as cousas
temporaes, pera morrer nũ co-
mo Christo, & com Christo;
assim se executou logo; & ain-
da que as alfayas, que lhe achá-
ram, foram pobrissimas, & pou-
quissimas; cō tudo, como diz Cal-
siano, ninguem hà, q' nam te-
nha riquezas que deixar, se sa-
be ter verdadeiro affecto, pera
as desprezar. Ditoso Padre, que
pode deixar tudo, antes de tu-
do o deixar; tendo tanto me-
recimêto em largar este pouco,

como

*Na doença
côservou o
rigor da
penitência.*

*Desua grã
de pobre-
za.*

*i
Calsia de inst.
monac c 27.
Universis renū-
ciavit faculta-
tibus mundi,
quicūq; affectū
possidēdi eam
am; uavit.*

como se em execuçam deixasse muito; porque aonde faltava a fazenda, sobejava o affecto: vendose muy consolado, porque se achava sem cuydado nenhum da terra, sò abraçado com Christo em sua Cruz: dizendo com o Apostolo, que nenhuma cousa queria senam a Christo crucificado.

5 E como a doença foy tam prolongada (& nella o vigor do espirito, & presença do juizo, sempre o mesmo na enfermidade, q'd'ãres tivera na saude) houve largo tẽpo pera muy de proposito, & cõ grãde exacçam fazer confissam geral de toda sua vida, cõ muitas lagrimas, & mostras de verdadeira contriçam: & entendendo, que se hia acabado o termo de sua peregrinaçam, pedio, q' lhe trouxessem o sanctissimo Sacramento, por modo de viatico, estando a cama- ra cheya dos Padres, & Irmãos, que vieram acompanhar o Senhor (como he custume entre nòs) tẽdo o sacerdote o Senhor nas mãos, lhe disse estas formaes palavras, com grandissimo affecto de sua alma, *Dissolve Domine inquam captivitatē meā, complaceat tibi Domine ut eruas me, festina Domine, & descende, & libera me*; desataraí, Senhor, o jugo de meu cativo; sede servido, meu Deos, de me livrar; apressaivos, Senhor, & vinda a me libertar. logo, com profunda humildade,

recebeo o divinissimo Sacramento, rompendo em lagrimas tam impetuosas, que a todos os circunstantes causou o mesmo effeito, chorando, & soluçando com devaçam; depois d'isto recebeu a extrema unçam, com o mesmo acordo dos sentidos, respondendo, & ajudando ao sacerdote, com notavel devaçam: & vendose já com todas as obrigaçoens de Christam, tam bem compridas, nam se pôde crer a consolaçam, & jubilos de alegria d'aquella ditosa alma.

6 Nam se esqueceo porẽm (entre estes favores do cẽo, & proximas esperanças de ver a Deos) dos seus amados Padres, & queridos Irmãos d'esta provincia; & assi pedio ao Padre Preposito, que lhe mandasse ao seu cubiculo todos os Padres, & Irmãos d'aquella casa, porque estava de caminho pera o cẽo, & se queria despedir delles; entraram os Padres poucas horas antes de Deos o levar pera sy, & pondo os olhos, cõ muita alegria, & amor, em cada hum delles, foy grande a consolaçam, que teve, com ver tam bẽ logrados tantos filhos, que em Christo gérara; & despedindose logo de todos, & de cada hum em particular, lhes lançou huma grande bençam, que todos lhe tomaram nesta ultima despedida, & pedindolhe licença

Como se despedio dos Padres & Irmãos desta Provincia.

Devaçam cõ q' recebeo o viatico, & a unçam.

lhe beijaram todos a mão, sendo o primeiro o Padre Iorge Serram, Preposito da casa de Sam Roque, varam de rara prudencia, de muitas letras, & virtude, a quem o mesmo Padre tinha recebido muito moço na Companhia, como dissemos no primeiro livro¹; o mesmo fizeram depois todos os Irmãos, falando o bemdito enfermo com todos, com admiravel suavidade, & notavel alegria, despedindo-se d'elles, & encômendando-lhes sobre tudo o amor à Cõpanhia, aonde Deos os trouxera.

Grãdes sa-
udades do
P. M. Si-
mam.

7 Foy esta despedida hum espectáculo de lagrimas, de cõsolaçam, de dor, de sentimento, & saudades; porque ainda q̃ recebiam os filhos grande consolaçam cõ a bençam de tal pay, que sempre entranhavelmente os amara, & entam com mayor affecto os queria meter na alma; cõ tudo, por ser bençam de quem se apartava, pera sempre d'elles, nã podia deixar de causar o effeito das lagrimas, que todos, em tam grãde copia, deramavam. Renovouse aqui aquelle faudofo, & ultimo apartamento de Nepotiano, de que fala S. Ieronymo, quãdo visinho à morte, chorando todos, sô elle se ria; & mostrando os que ficavam com vida, sinais de tristeza, o que morria os dava de alegria: ^m *Et universis circa plorantibus, solus ipse ridebat.* Parece (como

^m
Hic. ad Eliod
in Epitaph Ne
pot. c. 6. Latus
erat vultus; in-
telligeres illu
non emori, sed
migrare, muta-
re amicos, non
se linquere.

acrecenta o mesmo Sancto) q̃ se mudava, & nam que acabava; que trocava, & nam q̃ deixava os amigos. Despedido de todos, & continuando outra vez com os colloquios, & jaculatorias cõ Christo Senhor nosso, com a Virgem sacratissima, com o seu anjo da guarda, & mais sanctos do ceo, aos 15. do mes de julho, no anno de 1579. estando ainda como d'antes em seu perfeito juizo, olhando pera os presentes disse, que morria, & com o nome de IESV na boca, sem nenhum outro movimento, nẽ final exterior, às duas horas, depois da meya noite, deo sua bẽdita alma ao Creador, pera del-le receber o premio devido a seus grandes merecimentos, & gozar da vista de Deos, & da continua gloria accidental, que cada dia lhe recrece cõ os sanctos trabalhos da Cõpanhia em Portugal. Esta foy a ditosa morte do P. M. Simam; com mais rezam podiamos aqui dizer o q̃ da morte do venturoso consul Metello, disse o historiador Romano, ⁿ *Hoc est nimirum magis, feliciter de vita migrare, quam mori;* que isto mais foy mudar a vida, que entrar na morte.

Morte do
P. M. Si-
mam.

ⁿ
Velleius Pater-
histor Rom.
lib. 1.

8 Morreo este bẽaventurado Padre na casa professa de S. Roque de Lisboa, como temos contado, ordenando Deos as cousas de tal sorte, que dos nossos primeiros dez pa-dres, aquel-

Providen-
cia divina
em repar-
tir as reli-
quias de
tres nossos
varoẽs.

les

les tres , que mais affinalados foram, hum em Italia, outro na India, & este em Portugal, ficassem suas sagradas reliquias nas casas professas , que sam as cabeças d'aquellas Provincias, pera que com tam sanctos depositos amparassem, & defendessem, ainda depois de mortos, aos que, cõ seus grandes trabalhos, fundaram, & augmentaram, sendo vivos. A casa professã de Roma em Italia, se ennobrete, & se gloria cõ o inestimavel tesouro de nosso sancto fundador. A casa professã de Goa , na India Oriental, se hõra cõ o incorrupto, & milagroso corpo de S. Frãcisco de Xavier , Apostolo do Oriente : & a casa professã de Lisboa, em Portugal, se consola cõ o illustre penhor dos ossos do nosso muy amado, & querido pay o P. M. Simam , primeiro fundador d'esta Provincia, a quẽ devemos o bẽ, q̃ hoje gozamos, & a quẽ reconhecemos por primeiro objecto, merecedor d'aquelle glorioso titulo de Apostolos, cõ q̃ nos honram em Portugal, nam porque o sejamos na dignidade, & na hõra, mas porq̃ o desejamos ser nos merecimentos, & nos trabalhos.

9 A honra dos gloriosos sepulchros d'estes tres notaveis varoẽs, nam podia caber em hũa sã Provincia, bem era q̃ se estendesse pelo mundo todo, pera q̃ todo participasse algũa parte de

tam preciosas prẽdas. D'aquelles tres famosos capitaens Cesar, Pompeio, & Crasso, notou o Romano, autor do Satirico, que os dividio a fortuna em a morte, espirando Crasso entre os Parthos, morrendo Pompeio na praya de Africa, & acabãdo Cesar na curia Romana ; porq̃ parece (como elle diz) que nam podia huma sã regiã sustentar o pezo de tam grandes sepulchros. Com mais rezã podemos dizer, que dividio Deos nosso Senhor, por tam remotas Provincias , os corpos d'aquelles dous sanctos varoẽs, & o do P. M. Simam, assim porque tanta gloria nam cabia em hum sã lugar, como , pera que mortos com suas reliquias, cõsolassem, defendessem, & autorizassem os filhos, que em Christo gerãram sendo vivos. Com tal padroeiro da casa de S. Roque , & protector de toda esta Provincia, podemos assegurar àquella casa grandes bens , & asiançar a toda a Provincia singulares favores do cẽo, o qual nam pòde deixar de acodir, muy liberal, ao desempenho desta tam rica, & preciosa prenda.

Petrus in
sat. Crassum
Panthus habet,
Libyco iacet
æquore. Mag-
nus, Iulius in-
gratam sedavit
sanguine Ro-
mam,
Et quasi nō pos-
set tot tellus
siste sepulchra,
Divisit cineres.



S. Ignacio
em Roma.

S. Frãcisco
de Xavier
em Goa.

O P. M. Si-
mam em
Lisboa.

CAPITULO XXXIX.

Da pessoa, & partes do Padre mestre Simam; da Cruz, que lhe acharam sobre o peito; aberta em sua propria carne; das exequias, que lhe fizeram; & da sepultura, que lhe deram.

E Ste foy o ditofo transito deste bemaventurado varam o Padre mestre Simam, de gloriosa, & muy saudosa memoria, pera todos os filhos desta provincia; em o qual resplandeceram todas as boas partes, que em hum homem, em tudo perfeito, mais se podem desejar: foy primeiramente dotado de todas aquellas perfeicoens exteriores, & corporaes, de que os homens mais se prezam, & o que mais he ornado de graças, & perfeicoens interiores, que elle sobre tudo estimava: A estatura proporcionada, o aspecto veneravel, & composto, os olhos grandes, a cor branca, a compostura toda do rosto, o gesto, o meneio do corpo, com tam grande igualdade, & correspondencia

*Foy muy
perfeito
nas perfei-
coens cor-
poraes.*

de membros, que podia ser hum fermoso retrato, pera se debuxar hum bom quadro, que pudesse representar autoridade, & consiliar respeito, com as mais perfeicoens, que se podiam desejar; que ate nisto (como do grande Basilio dizia Sam Gregorio, Nazianzeno) nam foy a nenhum inferior, em quanto o nam quebrantou, com os annos, o rigor da penitencia, & o estudo da oraçam. Foy homem de grande mortificacam, usando todos os dias de alguma em particular, alem da ordinaria (da disciplina, dos jejuns, & cilicios) que se usa na Companhia.

2 Com a penitencia do corpo ajutava a mortificacam das paixoes, tratandose com grande desprezo no publico, & no particular. Nam posso deixar de por aqui o paragrapho de huma sua carta, que atrás referi, na qual (respondendo ao Reytor de Coimbra, que se lhe queixava de alguns Irmãos, que se pejavam de fazer em publico algumas occupaçoens humildes, especialmente de andar com huma carreta no serviço da obra do Collegio) lhe diz assim: *Eu por esta me offereço a ser vosso carreiro, & nisto receberey mais gosto que em ser mestre do Principe: a Cruz de Christo nam foy senam ás costas, & nã a levou por dentro de casa, senam pelo*

a
Naziã orat, de
laud Basil. Nō
quod in his in-
ferior esset, cū
adhuc etate
floreret, needā
Philopkia
carcem do-
muisset.

*Foy muy
to mortifi-
cado.*

meio de Jerusaleem: Vinam daretur
Simoni haec libertas, com o mais,
 que no livro segundo, escreve-
 mos. Foy homem purissimo, &
 estimava sobre maneira esta
 virtude na Companhia, como
 joya mais preciosa, & como es-
 malte de mayor valor, preten-
 dendo, que seus filhos procura-
 sem imitar a pureza angelica,
 & fossem semelhantes aquel-
 les Cherubins, que esculpio
 Salamã, em as paredes do
 templo, cercados de victorio-
 sas palmas, que sam (como
 diz o venerable Beda) os triū-
 phos da castidade.

3. Teve grande estima-
 çam do instituto da Compa-
 nhia, prezando mais a pobre-
 za da Religião, que a honra
 das prelasias; & d'aqui na-
 ceo a instancia, que fez pe-
 rar recusar o Bispado de Coim-
 bra, que com tanta vontade
 lhe offereceo o serenissimo Rey
 Dom Ioam o terceiro: teve
 rara constancia, & grandeza
 de animo, guardando sempre
 com a mesma serenidade, em
 tanta diversidade de successos,
 como experimentou em sua vi-
 da. Foy homem de grande hu-
 mildade, & desprezo proprio,
 sendo mestre do Principe Dō
 Ioam, andava com huma ata-
 ca branca de couro sobre a
 roupeta de pãno: & estando co-
 mo Provincial visitado o Colle-
 gio de Coimbra, levava de or-

dinario às costas hũa panella de
 cobre cō a esmola pera os po-
 bres da cadea. Por final, q vin-
 do hũa vez em corpo, trazendo
 às costas o caldeirão, em que
 levava esmola aos pobres, o fo-
 ram os Irmãos todos esperar à
 portaria, alcatifadolhe o chã
 com seus mantéos, pera q passas-
 se por cima d'elles, à imitação
 do que os discipulos fizeram ao
 Senhor na festa de ramos^d: &
 posto que o Padre estranhou
 muito este excesso, com tudo
 mostraram o amor, que lhe ti-
 nham, & a reverencia, que lhe
 guardavam: & na verdade so-
 pôde pizar capas, quem por a-
 mor de Deos anda em corpo.
 Perguntado hũa vez, qual fora
 a mayor mortificação, que ne-
 sta vida tivera, respondeo, que a
 primeira fora nam hir á India,
 & a segunda andar no paço, se-
 do mestre do Principe.

4. E assim como foy hu-
 milde em vida, assim o acer-
 tou, & o soube ser na morte,
 porque alguns dias, antes de o
 levar Deos pera sy, lembrando-
 se que tinha no peito hũa Cruz,
 obra aberta ao ferro, naquella
 idade de ouro, de suas primei-
 ras mortificaçoens, em seus fer-
 vorosos principios (nos quaes
 assim como Sam Francisco
 de Xavier, se atou com hũs
 cordeis, assim elle, com huma
 ponta aguda de hum ferro pe-
 netrante, abriu no peito por

A grand
 estima, q f
 zima dos
 M. Simani

d
 Mat. c. xi. n. 8
 Plurima autem
 turba straverunt
 vestimenta sua

b
 Lib. 2. c. 23.
 n. 3.

c
 3. Reg. c. 6. n.
 29. Et fecit in
 eis Cherubim,
 & palmas,
 & cicutas va-
 rias, quasi pro-
 minentes de
 pariete, &c

Beda lib. de re
 plo. c. 14.

Teve grã-
 de constã-
 cia.

*Notavel
fervor de
mortifica-
çam.*

fôra esta Cruz , em final da que tinha dentro recolhida) & pera que nam houvesse alguns, que se persuadissem depois del- le morto, que aquella Cruz era milagrosa (como o foram as chagas do Seraphim de Assis) chamou a dous padres , & em segredo lhes disse, que quando, depois de morto , o fossem a- mortalhar, & lhe achassem hũa Cruz aberta no peito, que sou- beffe, q nam era obra milagro- sa, mas que fora fervor indiscre- to: esta foy sua grande humil- dade , assim queria encobrir, & desautorisar este sancto excessso de animosa mortificaçam.

5 Sua condiçam era natu- ralmente branda, affavel, & muito benigna; & d'aqui tomá- ram occasiã alguns rautores, que escreveram sua vida, pera, com menos fundamento, o no- tarem de froixo, & remisso; el- le porém de tal maneira era manso , que (como S. Gregorio Nazianzeno , escreve de seu pay) temperava a suavidade cõ o rigor, & a benevolencia com a aspereza; por onde, quando era necessario, tratava a seus subditos com grande severida- de, exercitandoos muitas ve- zes em cousas muy difficultosas, & repugnantes á natureza, comõ no discurso d'esta historia temos visto. Por cousas muy leves dava pezadas penitencias, dizendo , que os Religiosos

nam ham de estranhar as peni- tencias, pois nam vieram á Re- ligiã perã levar boa vida. Nam soffria escusas no que re- prendia por suas faltas, & di- zia, que quem se escusava, nam se conhecia; & aonde havia es- cusas , nam podia haver emen- da; porque esta se deve fundar no conhecimento proprio, & no odio da culpa . Facilmente se inclinava a despedir da Cõ- panhia os inuteis, & escandalo- sos, dizendo, que o despedir ti- nha a virtude da sangria , que tira sangue, mas dà faude.

6 Era inimigo d'huma devaçam mimosa , que fuge do trabalho , & busca o descanso: dizia, que o Religioso da Com- panhia havia de ser de aço, pe- ra aturar o trabalho , & soffrer a obediencia, que nam serviam entre nõs, homens (como elle dizia) feitos de manteiga, que logo ao primeiro ar do fogo, de qualquer tribulaçam, se derre- tem: & conforme a isto, todos os officios de humildade , atè andar com o carro queria que corresse pelos Irmãos; & como elle hia diante com o exemplo que dava, ninguem lhe contra- dizia o que ordenava.

7 Era tam grande o res- peito, que lhe tinham, junto cõ hum filial amor, que todos, & ainda os mais velhos estavam diante d'elle , como se fossem mininos. Parece que tinha do

*Era facil
em despe-
dir.*

*Grãde re-
verencia,
que lhe ti-
nam.*

*Orland. lib. 12.
n. 54. Joã. Euf.
de viris illust..
Societ. fol. mi-
hi 550. col. 2.*

*D. Grego. Naz.
Orat. funeb. in
laudem Patris
Idẽ & lenis ac
placidus erat,
ut si quis unquã
in agendo per-
zque strenuus.*

*h
Vide li. 2. c. 23.*

minio sobre os subditos com quem falava. Sentio grande repugnancia hum sacerdote, que havia pouco tinha entrado, & no mundo se tratava limpo, & bem trajado, em haver de hir peregrinar. cuberto de reimen dos (tanto caso fazem os homens do modo com que andam vestidos, que até hum pobre Religioso, se nam he mortificando, sente nam se ver bem vestido; & sendo assim q o habito se fez pera cubrir os defeitos do corpo, agora descobre as paixões da alma) soube o Padre mestre Simam a repugnancia do noviço, & com muita brandura, & ponderaçam, lhe disse: *Como assim, Padre meu, & nam vos lembrais de JESU Christo, despido por vosso amor?* Nam foy mais necessario, pera logo o sacerdote se render, & lançar aos pés do Padre, pedindolhe, com muitas lagrimas, perdã de sua soberba; & tomando, com grande vontade, o pelote, que d'antes abominava, cõ elle sahio à peregrinaçam; & esta generosa mortificaçam foy principio de outras grandes victorias, que ao diante alcançou, porque fez na India grandes serviços a Deos. Tal foy finalmente este grande servo de Deos Mestre Simam, pera com todos seus subditos; assim punha as leys aos outros, & assim as guardava consigo, que nam

arrecearey de lhe chamar ley viva, como dizia Sam Gregorio Naziãzeno, ^h falando de Basilio morto.

8 Hiamonos outra vez occupando em epilogar as virtudes do padre mestre Simam, que nos livros atràs mais largamente appontamos; porèm, sam taes as obrigaçoens, que temos a tam bom pay, que me nam atrevi velo morto, sem me lembrar de qual foy sendo vivo: & (como dizia Sam Hieronymo, de Nepotiano) já q o nam acompanho com o corpo, quero seguilo com a lembrança; & pois nam posso falar com elle, ao menos me consolo com falar delle.

4 Tornãdo pois às cousas de sua morte; tão q espirou, cõ grã des lagrimas, & sentimentos dos filhos, que estavam presentes, acodiram muitos a lhe beijar a mã, & a tomar alguma reliquia; & logo descobrindo se no peito aquella sagrada imagem da sancta Cruz, de que falamos, nam se pòde crer o abalo, que nos presentes causou, julgandoa muitos por mais milagrosa, á vista de sua humildade, com que tinha declarado, que a nam tivessem por milagre; cuja haste seria de hum palmo de cõprimeto; a largura da haste, q atravessava, de meyo palmo, a grossura, de hum dedo: foram, com grande devaçam,

^h
Gre. Naz. orat.
funeb. de laud.
Bas il. initio.
Non enim eum
virtutis legem
omnibus fuisse
dicere verebor.

ⁱ
Hier. ad Eliod.
in epist. Nepot.
c. 11. Quæ cor
pore non vale
mus; recorda
tione tenea
mus, & eũ que
loqui nõ possu
mus, de eo lo
qui nunquã
desinamus.

Como lhe descobriã a Cruz, q tinha no peito.

reverenciar, & beijar aquelle precioso Relicario, que nam trazia dependurado, mas encravado no peito; respeitando aquelle novo habito de Christo, que nam andava assentado, & cozido no vestido, mas impresso, & gravado no coraçam.

10 He a Cruz verdadeiro habito de Christo, he o seu mais proprio sinal, he a sua divisa, & a mais conhecida bandeira: & como o Padre mestre Simam tinha em seu mesmo corpo este habito, esta divisa, & esta bandeira, ficava verdadeiro religioso da ordem de Christo, soldado que seguia melhor sua bandeira, & feito mais propriamente cavaleiro do habito de Christo. Trazia S. Paulo (como elle mesmo diz) em seu corpo os sinaes das chagas do Salvador; tambem em seu mesmo corpo trazia o Padre mestre Simam aberta a Cruz do mesmo Christo; & assim como Sam Paulo por aquelles ferretes era tido, & havido por servo, & escravo marcado, & ferrado de seu Senhor; assim o Padre mestre Simam, por esta Cruz, havia de ser conhecido, & avaliado por crucificado co Christo: de feçam, que nam se enganaria quem dissesse, que sua carne lhe era cruz, em que vivamente andava crucificado.

11 He a Cruz imagem

de Christo morro, mas esta Cruz do peito do Padre mestre Simam, era Cruz viva, pois estava unida com hum corpo vivo; & assim ficava Christo morro tendo vida, na vida do Padre mestre Simam: bem podiamos aqui applicar o que se disse de santa Clara^m de monte Falco, em cujo coraçam vivo estavam os sinaes da paixão de Christo, dizendo, que a morte pelos homẽs, fora effeito do amor de Christo, mas aquella vida era obra do amor de Clara. Seguro podia andar de nam perder a Cruz, pois a trazia gravada, & encravada em sy mesmo; nam lha poderiam os tyrannos tirar, pois estava a ella tam prezo, & afferrado, que poderia deixar a vida, mas nam lhe poderiam arrancar a Cruz: estava crucificado ao mundo, & tinha a Cruz tanto de casa, que a tinha dentro de sy mesmo: estava a Cruz aberta na mesma carne, como se fosse huma mesma cousa a Cruz com sua mesma carne; era, sem duvida, d'aquelles de quem diz Sam Paulo, que crucificaram sua carne, com os vicios do corpo, & com as concupiscencias do mundo. Sãcto Agostinho nos encommenda, que tragamos a Cruz pregada no coraçam; assim a trazia o Padre mestre Simam, atravessada, & pregada junto do coraçam, como quem

tanto

*Discurso
sobre esta
Cruz do
peito do P.
M. Simam*

Ad Gal. c. 6. n.
17. Ego enim
stigmata Domini
in me in corpore
meo porto.

^m
Sur. in vita D.
Clarae Mont.
Falc. mensis Aug.
gusti. die 17.
Ite Riba eodẽ
die, in extrav.
ⁿ
In eius tufu-
lo. Haustus
morte fructu vi-
ra; referatur a-
mori,
Mors illara
meo, reddita
vita tuo.

Ad Gal. c. 5. n.
24. Qui carnẽ
suã crucifixerũt
cũ vitijs, & cõ-
cupiscentijs.

^P
Aug. 10. 9. fol.
mibi 69. lit. K.
agit quomodo.
Cruz Christi fi-
delium cordi-
bus figenda.

tanto a estimava, & amava; & como quem a nam fiava de outrem, senam de seu mesmo coraçam: pera que entendesse-mos, que com aquelle mesmo cuydado, com que o Sábio mada guardar o coraçam, com esse mesmo guardava elle a Cruz; porque assim como docoraçam se diriva a vida ao corpo, assi da Cruz depende a vida da alma. Tinha a Cruz sobre o peito, pera com mayor valor por o peito às mais trabalhosas cru- zes das mayores difficulda- des.

12 Fizeram-lhe as exe- quias com a mesma solennida- de de lagrimas, às quaes acodi- ram nam só os nossos Religio- sos, que estavam em Lisboa, as- sim na casa de Sam Roque, co- mo no Collegio de sancto An- tam; mas tambem acodiram muitos fidalgos, & gente nobre, & outros muitos religiosos de- votos da Companhia, que nos vinham ajudar a sentir a perda de tam bom pay. Acharam-se presentes três Bispos de muita autoridade, o Bispo Capellam mór Dom Iorge de Ataide, que foy muito seu amigo, que aj- dou a cantar o officio aos nos- sos religiosos; Dom Antonio Tellez Bispo de Lamego, & ou- tro Bispo de Parma, que na- quelle tempo se achava na cor- te de Lisboa, & tinha conhe- cido em Italia o Padre mes-

tre Simam.

13 Foy seu corpo deposti- tado na Capella mór, defronte do Sanctissimo Sacramento, das grades da Communhã per a dêtro, juto dos degraos do altar mór, no mais autorizado jazigo d'aquelle grãde templo, como pay universal (depois do Padre sancto Ignacio) de toda esta Provincia, da qual foy primei- ro Provincial, & principal fun- dador. Sentio muito o Arce- bispo d'Evora Dom Theotónio de Bragança a morte d'este in- signe Padre, de quem se preza- va ser filho muy particular em o Senhor, & tinha d'elle tanto conceito, q lhe dedicou a elle, & ao S. Padre Francisco de Xa- vier já mortos, o livro das an- nuas de Iapam, que fez imprir, chamandolhe na dedica- toria a ambos bemaventura- dos, como se os imaginasse vê- do a Deos, como Sanctos, & go- zando da gloria, como bema- venturados. E pera que fosse eternizada a memoria, de quẽ merecia continuas lembranças em todos os seculos, pedio licença ao nosso reverendo Pa- dre geral Claudio Aqua Viva, pera poder ornar, com gran- des marmores, & gloriosos epi- taphios, a sepultura de tam ve- neravel Padre; porém quando lhe chegou a licença de Ro- ma, já o achou tambem a elle enterrado em Evora; por

*Lugar aõ-
de foy se-
pultado.*

esta

Prov. 4. n. 23.
Omni custodia
serva cor tuu,
quonia ab ipso
vita procedit.

*Concurso
a suas exe-
quias.*

esta causa se nam executou tam nobre pensamento.

CAPITVLO XXXX.

Da tresladaçam, que se fez aos ossos do Padre mestre Simam; E do epitaphio, que tem em seu sepulchro; E de outro, que lhe fizeramos nossos Padres da Provincia de Fran-des.

I Assim esteve por muitos annos enterrado, & escondido naquelle lugar hum corpo, tam digno de magestosos sepulchros; até que andando os tempos, & arreceandose que estas reliquias de seu corpo se perdessem (misturandose, inadvertidamente, com as de algum Padre de grande autoridade, que merecesse ser tambem depositado em tam honrado lugar) com grande veneraçam escolheram os ossos do Padre mestre Simam, & os recolheram em huma arcazinha de marmore quadrado, que nam tem mais que dous palmos de largura, a qual metêram na pa-

*Lugar aon
de deposti-
taram os
ossos do P.
M Simam*

rede da Igreja, junto à porta, que sahe da sanchristia pera o cruzeiro; à mã esquerda, de frente da Capella, ou nicho da sanctissima Trindade, que hoje he de Gonçalo Pires Carvalho, & de sua mulher Dona Camilla de Noronha, insigne bem-feitora, & grande afeiçoada à Companhia.

2 Com este pequeno sarcophago se contentou (como do outro, se disse) este grande Alexandre, a quem a terra toda parecia huma estreita cova. Dentro de soberbos mausoléos, & debaixo de prodigiosas pyramides (que com a altura se atreviam a abarbar com o céu visinho, & com sua obra ousavam a desafiar a mesma Eternidade) se recolhiã antigamente em Egypto infames cinzas de monstros humanos: dentro d'esta humilde pedra vivem sepultados os ossos, que foram animados por hum muy insigne, & gloriosissimo varã. Aquelles, tendo na terra famófos, & grandiosos sepulchros, estam catiyos no carcere do inferno, padecendo horrendas, & eternas pennas; este, tendo na terra seu corpo recolhido, em tam limitado jazigo, a alma se passeia alegre no céu, pelos largos, & fermosos campos do paraíso.

3 Grandes epitaphios merecia o sepulchro de tam

insigne

*Iuv. far. 10. Cū
ramen a sguis
munitā intrave
rit urbē Sarco-
phago conten-
tua erit.*

insigne varám, bem era, que os mais nobres engenhos se cansassem, & agustassem em sahir cō partos de proza mais limada, & de poesia mais sobrelevada, pera dar a conhecer ao mūdo, cujas sam as reliquias, que jazem, debaixo d'aquella urna funeral; bem empregados ficariam em tal obra, os mais cuydadosos desvélos, dos mais alêtados pensamentos. Com muy particular devaçam pretendeo o excellentissimo, & reverendissimo Dō Theotonio de Bragãça tomar sobre sy este cuydado, como já dissemos. Porém eu, neste pequeno marmore, acho hum titulo tam humilde, que nam cōtem mais que o seguinte: *Offa P. M. Simonis Roderici pie recordationis, qui Provinciam hanc Lusitanam fundavit, primus in ea Provincialis, unus e novem B. P. N. Ignatij Socijs. Obijt in hac domo; 14. Iulij, anno Domini 1579.* Com estas breves, & apouçadas regras, se contentou a humildade, por nam dizer o esquecimēto dos Padres d'esta Provincia.

4 Queixavase o outro Romano antigamente, & tinha por temeraria a mām de Septimio, porque se atreveo a escrever hum titulo pequeno, sobre o corpo de Pompeio Magno, enterrado debaixo da aréa da praya de Libya, dizēdo del-
le, *Hic situs est Magnus;* porqu-

se Pompeio era o grande por Antonomasia, como podia ter epitaphio tam pequeno por estreiteza? E em fim se vem a resolver, que tinha Pompeio por epitaphio todo o nome Latino, & todo o Imperio dos Romanos; porque sō este era bastante pera indiciar façanhas de hū tam celebrado capitam. Com quanta mais rezam me posso eu queixar de haver quem quizesse, com tam poucas letras, historiar, & epilogar as muy estendidas, & immortaes façanhas de tam excellente varám: o epitaphio de Pompeio se estendia por todo o Imperio Romano; muito mayor lugar occupa, & muito mais se dilata o titulo do sepulchro vivo do Padre mestre Simam morto: nam estā sua fama limitada com os marcos de hum sō Imperio.

5 Em todas as quatro partes do mūdo, aonde chegou a fama das sagradas quinas, & gloriosas conquistas de Portugal (que sō se acabam aonde se fecham as portas do universo) ahi vive a gloria do Padre mestre Simam; & ahi chegam as letras do seu estendido epitaphio: se tomarmos por rumo direito de Norte a Sul; & se atravessarmos o mundo, cruzando este rumo de Leste a Oeste, sempre acharemos exarado em bronzes eternos o nome immortal do

Lucan. 8. Pharsal. Romanum nomen, & omne Imperium Magno estu- muli modus. &c.

Por todas as quatro partes do mundo chegou a fama do P. M. Simam

Padre

Epitaphio do sepulchro do P. M. Simam

Lucan. 8. Pharsal. Temeraria dextra Cur obijt Magno tumulum.

Lucan. ibidem

Padre mestre Simam. Se passarmos a nossa Europa, escaçamente acharemos lugar aonde não esteja estampada sua lembrança, em Roma, em Sena, em Ferrára, em Pàdua, em Bolonha, em Veneza, em toda Italia, em Portugal, em França, em Alemanha, em Castella, em Aragão, em Valença, & em toda Hespanha, que em todas estas partes esteve, & em todas vive sua fama nos marmores immortaes de sua boa memoria. Elle primeiramente nos fundou a nossa Provincia de Portugal; & também a elle devem semelhante reconhecimento muitas Provincias de Hespanha, porque de Coimbra mandou o Padre André de Oviedo a fundar o Collegio de Gandia; mandou o Padre Diogo Miram a fundar o Collegio de Valência; mandou a Castella, para promover varias fundações, além d'outros, os Padres Maximiliano Capella, Manoel Lopes Henriques, & Francisco de Villanova (que foy hum grande servo de Deos, & fundou o Collegio de Alcalá, & ajudou muito à fundação dos Collegios de Cordova, & Cuenca) elle foy o primeiro Provincial em Aragão, & o que promoveo o bem da Provincia de Valença.

6 Se sairmos de Europa, & nós passarmos dentro a Asia, & formos espartar o sol dentro

nos primeiros berços de sua madrugada, acharémos, que este insigne varão acrecentou a luz ao seu Oriente; porque a elle se devem as quatro Provincias da Companhia, que aly se fundaram, a de Goa, a de Cochim, a de Iapão, & a da China, que todas, como de sua fonte, manaram do Collegio de Coimbra, que este grande Padre fundou: a estas Provincias deo elle mesmo (além de muitos, & muy insignes missionarios) em successores do Apostolo Oriental Sam Francisco de Xavier, dous primeiros Provinciaes, o padre Mestre Gaspar Barzão, o Padre Melchior Nunes Barreto. Se nos sairmos da rica Asia, & avistarmos as conquistas Africanas, ainda lá acharemos, que alcança este tam dilatado epitaphio, pelas missões, que lá mandou com o padre Ioam Nunes Barreto, & seus companheiros, cativos voluntarios entre os cativos, nas mais profundas masmorras de Titum. Se nos metermos pelos desertos mais remontados, & pelas serras mais incultas da Africa mais ardente, por Dongo, por Congo, & por Guiné, ali acharemos missionarios da Companhia, agenciados, & mandados pelo padre mestre Simam, veremos branqueados (como dizia Sam Ioam Chrysostomo do Apostolo Sam Thomé) aos

*Padres, q
mandou a
Hespanha.*

Lib. 1. c. 42.

*f
Lib. 1. c. 37.*

*g
Lib. 1. c. 43.*

*h
Lib. 2. c. 36.*

*i
Lib. 3. c. 27.*

*Padres, q
mandou a
Asia, & a
Africa.*

*l
Lib. 1. c. 33.*

*m
Chrysost. orat.
de duodecim
Apostolis.*

Ethio-

Ethiopes com a agoa do sancto baptismo, por meyo do Padre mestre Simam; & nelles viva sua memoria, pelos Padres Iorge Vaz, Christovam Ribeiro, & Iacomé Dias, que foram das melhores luzes do Evangelho, que amanhecêram entre aquellas trevas da ignorancia.

7. Até os que bebem na fonte mais escôdida do rio Nilo, aonde cahem os Reynos da Ethiopia superior, lem o epitaphio das obras maravilhosas do P. M. Simam, pelos filhos da Companhia, q' d'esta provincia continûam na porfia d'aquella espiritual cõquista. Cõ rezam podemos applicar ao P. M. Simam aquelle gabo, q' o autor da historia ° Romana deo ao seu Põpeio Magno, dizendo, q' triumphou de Africa, de Asia, & de Europa, pera q' quãtas partes havia no mudo, tâtas deixasse por padroões de seus trophéos, & por monumentos de suas victorias. Mas nam se limita em hum sô mundo a esphera dos braços gloriosos d'este tam assinalado letreiro. Vamonos ao novo mudo, porque tambem là acharemos viva a lembrança d'este varã incomparavel; là encontraremos missionarios, & filhos seus, dignos de eterna estimaçã, como foram os dous primeiros Provinciaes ° do Brasil; o Padre Manoel de Nobrega, insigne Apostolo daquellas ter-

ras; & o Padre Luis da Grã (varã de conhecida virtude, que tinha sido quarto Reitor do Collegio de Coimbra) cõ outros nobilissimos zeladores da fé Catholica, que o Padre M. Simam mandou aquellas vastissimas regioens. Por todas estas quatro partes do mudo, se estêde o campo, se espraya o marmore, & se immortaliza o bronze do funeral epitaphio da sepultura do P. M. Simam.

8. He necessario sair fora do mundo, pera achar lugar aonde nam. chegue a memoria d'este veneravel Padre, que he o que Sam ° Bernardo dizia ao Papa Eugenio, falando da grandeza de seu poder: *Orbe excundum est, qui velit explorare que non ad tuam pertinent curam.* Que parece pera o Padre mestre Simam se compos o louvor, que de Christo nos deixou o Propheta, no seu Psalmo: *Ante solem permanet nomen eius*; ou como Sam Hieronymo lê, *Ultra solem*, que seu nome se estende, & suas proezas relampagueam antes que o sol se nos mostre; & depois que a sua luz se nos esconde, *Ante, & ultra*: porq' se jaz alguma terra antes da terra, & se hã algum canto do mundo além do mundo, fóra da luz do sol, & além do curso das estrellas, ahi, cõ mais rezam, do que o Manruano ° cantou do seu Augusto,

Lib. 2.º cap. 28.
n. 2.
Padres, q'
enviou a
Congo.

Velleus Pater.
i. 2. hist Rom.
Vt quot partes
terrarum orbis
unt, totidẽsa
sceret monu
tavitõria suz.

P.
Lib. 3.º c. 1.

Bern. 2.º ad Eug.

Psal. 71. n. 17.

Verg. AEn. 6.
Incertum est,
dora t. Hys,
extra orbe, to
li que vlay.

se estende a fama, & vive estampada a gloria do Padre mestre Simam. E por ventura, que por nam haver engenho, q possa sustetar o pezo de tã estêdidas façanhas, se limitaram os Padres d'esta Provincia às humildes regras assima referidas, como quem por nam se atrever a descrever tudo, se contentasse com indiciar tam pouco.

CAPITULO XXXXI.

Do epitaphio, que os muy veneráveis Padres da nossa Compa-

nhia, da Provincia de Frandes fizeram ao P. M. Simam.

NAm deixaremos porèm de agradecer muito aos muy reverendos Padres da Provincia de Frandes, o sancto zelo com que nos quizeram autorizar o sepulchro deste nosso estimado pay, com hum famoso epitaphio, que merecia ser escrito com letras de ouro, o qual trazem naquelle seu insigne livro, a que chamaram *Imagem do primeiro seculo da Companhia*, aonde às folhas duzentas, & noventa, & duas, se lê d'esta maneira.

ELOGIVM SEPVLCHRALE
SIMONIS RODERICII.

INDIÆ DEBITVM,

Sed Lusitaniæ reservatum.

SIMONIS RODERICII

VLISIPONENSIS

Mortale depositum hîc iacet.

OLLIM INTER PRIMOS ADIVNCTVS IGNATIO,

Cû cunctos in Italiã socios alacriter sequeretur;

Gravi impeditus ulcere destitutus fuisset a suis,

Nisi prodigio repête sanatus, Deoq; fretus ac potes,

Præire

Præire,quàm sequi ad ardua maluisset.

Regnâte Ioanne, Imperante Paulo,utrôq; tertio,

Illo Lusitaniæ Rege,hoc Pontifice Maximo,

Geminio & vindice fidei, & societatis minimæ defensore,

Propagandæ causâ religionis in Oriëntales Indias ab Ignatio missus,

Expeditionis tam arduæ cõmilitonem habuit.

FRANCISCVM XAVERIVM.

Dignus Româ Iudice, qui Orientis tanto lumini

In viam tam inviam præluceret.

VLYSIPONEM ERGO DELATVS,

In luce urbis clarissimæ, & aulæ Regiæ splendore perpetuo,

Socio & adiutore Xaverio, ita se gessit,

Vt Rapti in admirationem hominum tantorû Reges, & populi

Passim illos, nec otiosè, Apostolos nominarêt.

Tanto tam præclare virtutis encomio,

In nomen posterorum, appellationemque perpetuam derivato.

Indiâ ergo spectabat, & Indiæ uterq; hic Apostolus debebatur.

Et sanè non unum India Xaverium iam haberet,

Nisi relucẽtẽ licet, & cû illo superare maria cupientẽ Simonẽ,

Sibi, etiam præ Xaverio, commodum Lusitania tenuisset.

Hac spe frustratus ineûdi pro fide certaminis,

Occasionem tamen agendi, & patiendi fortia non amisit.

Iubente Rege, Permittente Ignatio,

Coactus esse Lusitano Principi quod fuerat Aristoteles Alexãdro,

Non minùs periculosâ omnium gratiâ

Quàm paucorum invidiâ laboravit;

Tanto clarior apud omnes,

Quanto in utrâque fortuna inventus est fuisse constantior.

Tandem cû & societate Lusitaniæ, & Lusitaniâ societati

Mutuis devinxisset obsequijs,

Privatis rebus, & publicis
 Pro Catholico Europe, & Indiæ bono prudenter dis-
 Extra Indiam, quã semper amavit: positis,
 Extra Æthiopiã, Brasiliã, cæterasq; terras ultimas,
 Quò sepius ex aula meditatus est fugam:
 Extra ictũ, spẽq; Martyrij, quod impensẽ quẽsivit,
 ANNO M. D. L. XXIX.
 Ipso, postquã secut⁹ Ignatiũ, quadragésimo quinto,
 Apostolus in patria, Miles in umbra,
 Qui alibi violentã maluit, naturali morte decessit:
 DEO SIC VISVM:
 Cuius providentiæ utrobique promptum est,
 Ibi illustrare naturã, hĩc occultare virtutem.

OP. M. Si-
 mam nam
 foynatural
 de Lisboa.

Lib. 1. c. 5.

2 Em muy grande reco-
 nhecimento estamos a estes
 muy reverendos Padres da Pro-
 vincia de Frandes, por tam in-
 signe epitaphio, & por tã nobre
 elogio, com que nos animãram
 o sepulchro do Padre mestre
 Simam, pay de toda esta Pro-
 vincia; se bem lhe poderãram
 por embargos os visinhos da
 cidade de Viséo, porque no epi-
 taphio dizem, que o P. M. Si-
 mam he Lisboaes, sendo, como
 dissemos, natural de Bouzela,
 do Bispado de Viséo, & de sua
 mesma comarca; por ventura q
 lhe dam tam boa patria, como
 he Lisboa, por cuydarem, q pes-
 soa tam grande, nam podia ca-
 ber em lugar tam pequeno: per-
 suadidos, como outro Natanael,

q de Nazareth, lugar humilde,
 nam podia sahir cousa boa, nẽ
 haver nelle varãm grãde. Porẽm
 com boa licença de Natanael,
 de Bethlem, cidade tam peque-
 na, sahio David, hum dos nove
 da fama; & nella nasceo o mes-
 mo Christo, o mayor entre os
 nascidos das molheres.

3 E com seu beneplacito
 dos muy veneraveis Padres de
 Frandes, nam repugna a terra
 pequena, com o nascimento de
 varoẽs grandes; porque d'estes
 exemplos estam cheyas as his-
 torias divinas, & nos offere-
 cem muitos as letras huma-
 nas. Quanto mais que a
 villa de Bouzella, já deo a
 este Reyno varoens sanctos, &
 muy celebrados, dos quaes foy

o prin-

b
 Ioan. 1. n. 4.
 A Nazareth
 test aliquid
 ni esse.

c
 1. Reg. c. 16.

d
 Mich. 5. n. 2.
 Ex te exiet
 dux &c.

e
 Vide Petraro.
 lib. 2. dial. 4.

o principal Sam frey ' Gil , tam conhecido em Portugal, ornamento , & gloria da sagrada ordem dos prégadores , o qual nasceo nesta villa , com seus irmãos , que tambem foram homens conhecidos, chamados Payo Rodrigues, & Ioam Rodrigues, filhos todos de Dõ Ruy Paes de Valladares, os quaes eram parentes do P. M. Simam Rodrigues.

4 Tambem reparo em outra cousa no letreiro, que apontamos, que está na casa de Sam Roque , na urna dos ossos do Padre mestre Simam; porque diz , que morreo em os quatorze de Julho, sendo assim que feitas as diligencias possiveis , acho que foy aos quinze do dito mes, duas horas depois da meya noite . Porém como esta morte foy de noite, houve occasiã pera alguns cuidarem que pertencia aos quatorze de Julho, sendo que na verdade pertence aos quinze, pois morreo já depois da meya noite; que parece quizeram ambos estes dias contender sobre a posse d'esta gloria: mas nam he esta sò a com que sahio vencedor este dia de quinze de Julho, porque he dia, entre nòs, muy celebre, & bemafortunado, por tambem nelle festejarmos a ditosa morte, pela fé catholica, do Padre Ignacio d'Azevedo, com seus quarenta companheiros,

como já tocamos no livro segundo. & neste mesmo dia, pela mesma causa, morieram sete religiosos nossos às mãos dos gentios na India, em Salsete, como se dirá no anno em que isto succedeo; & emfim, no mesmo dia, posto que tambem em diverso anno, foy gozar da gloria, como esperamos, o Padre Iorge Rijo, de boa memoria, de quem por vezes temos falado nesta Chronica: que todos estes successos acrecentam neste dia a gloria accidental no cèo ao Padre M. Simam, pois a elle se devem tantas palmãs; & elle recebêo na Companhia a estes dous Padres Ignacio d'Azevedo, & Iorge Rijo; & tambem he de crer, que os recebeo no cèo, aonde todos gozam o ditoso fruto, de seus bẽ empregados trabalhos. Agora trataremos de algumas obras maravilhosas, que Deos obrou por este seu servo, que parecem milagrosas, posto que o mayor milagre he o de sua sancta vida; & aonde hà obras admiraveis por virtudes, nam hà que fazer tão caso de historias celebradas por milagres.



CAPITVLO XXXXII.

*De algumas obras maravi-
lhosas, que Deos obrou pe-
lo Padre Mestre
Simam.*

I **A** Inda que (como diz o bemavêturado P. S. Gregorio ^a Magno) como o movimento dos mēbros no homē vivo, he manifesto final de haver nelle alma, assim os milagres dos sanctos mortos, sam claro argumēto de suas almas terē vida immortal; com tudo nem sempre os mayores milagres costumam indiciar a mayor sanctidade, porque (como consta do Apostolo Sam Paulo ^b) bem pôde hum ter o dom de prophecia, & conhecimento de todas as sciencias, fazer obras milagrosas, & façanhas prodigiosas, abalar ferranias, & resucitar mortos, sem ter charidade, nem amor de Deos; como se vio em Iudas, que fazia milagres por fôra, & trazia o diabo dentro n'alma: donde veyo a concluir sancto Agostinho, ^c escrevendo à sua Igreja Hiponense, que assim como nem todos os Sanctos tem aquellas graças a que chamamos gratis datas, assim tam-

bem nem em todas as memorias dos Sanctos quiz Deos, que houvesse milagres; antēs repartio estas dadivas, conforme o conselho de sua vontade, & nam segundo o juizo da polsa rezam. E, por isto assim fer tam verdadeiro, bē pudemos espantarnos da grande virtude, & perfeiçam do P. M. Simam, ainda que nam houvesse obras milagrosas, q̃ delle podessemos ostentar; porém parece que nē este favor do cēo, & mimo particular gratis dato, deixou Deos de cōmunicar a este seu servo, q̃ lhe era tam agradavel.

2 Muitos casos admiraveis temos visto nesta Chronica do P. M. Simam, em sua vida; muitos pudēmos tambem contar depois de sua morte, eu me cōtento com relatar dous; advertindo porém, que o meu intēto nam he, autorizar estes; & outros successos por milagrosos; bastame contalos da maneira, que succederam, deixando a cēfura d'elles à sancta Igreja, que julga das obras, & approva os milagres. Tanto q̃ Deos N. S. levou pera sy este seu servo, parece q̃ foy seu ditoso trãfido de clarado a hũa grave, & devota pessoa, pela maneira seguinte: na mesma hora, em que elle deo a alma a seu Creador (que foy sendo ainda de noite) levantandose a caso esta pessoa, & abrindo huma janellã, sem

Greg. lib. 4. dia
logorum, c. 6.

1. ad Cor. c. 13.
à n. 2. Etsi ha-
buero prophe-
tiam, &c. Etsi ha-
buero omnē sci-
entiam, ita ut mon-
stra transferam
charitatem autē
non habuero,
&c.

Aug. epist. 137.

*Claridade
q se vio so
bre acella
em q mor-
ree o P.M.
Simam.*

sem saber a causa, que o movia a fazer esta acção, vio claramente sobre a camara do Padre hum grande, & fermosissimo resplendor, com cuja vista ficou grandemente maravilhada, & nam menos consolada; porém por outra parte confusa, por nam saber que manifestava hum rayo de luz tam notavel, que por algum tempo, & em tal hora apparecia sobre aquelle lugar: vindo pela menha à casa de Sam Roque, a communicar a alguns Padres esta maravilhosa visam, & interior consolação, que recebera, declarou o resplendor, que vira, & as horas em que lhe apparecera, & a parte do dormitorio sobre que cahia, & achouse ser o mesmo tempo, & o mesmo lugar em que o servo de Deos se partira da terra pera o cèu: donde se ficou entendendo, que Deos nosso Senhor, por aquelle milagroso resplendor, usou com este bemaventurado Padre do favor, que fez a outros Sanctos, em sua morte, declarando com estas luzes do cèu os resplandores de tam excellêtes virtudes, os rayos de sua pureza, o inflâmado zelo das almas, com que Deos nosso Senhor fez resplandecer a este seu illustre servo.

3 Costume he de Deos ordenar, que nam sò os corpos, reliquias, & cinzas de seus sãtos

sejam milagrosas, mas tambem tal vez ordena as cousas de feição, q atè os vestidos, & peças mais exteriores, q nesta vida servirã a homẽs sanctos, sejam milagrosos instrumentos de obras maravilhosas; assim o lençol em muitas historias, & assim o expetrimẽtamos nesta Provincia, em muitos milagres, que Deos N. Senhor foy servido obrar; por meyo, nam sò das reliquias, mas tambem da firma, & ainda de qualquer pedacinho de taboa da barra, em que se encoitava nosso glorioso Padre sancto Ignacio, no tempo de sua primitiva penitencia, no retiro de Manreza. Este mesmo costume guardou Deos nosso Senhor com este insigne varam, & deixando outros, sò contarei hum favor, que cõmunicou, tomando por instrumento hum seu bordam.

4 O caso apontarei com todas suas particularidades: vindo a Lisboa, no año de 1583. quatro annos depois de sua morte, hũ sacerdote, q era de nossa Companhia, por nome Vitto Liner, da provincia da alta Alemanha, (o qual hia ẽ peregrinaçam a S. Tiago de Galiza) & agasalhãdo-se na casa de S. Roque, quando se houve de despedir, pediu que lhe dessem hũ bordam pera o caminho, q fazia a pẽ; & por lhe fazerẽ particulargasalhado, & festsã, lhe derã hũ, q servira ao P.M.

*Qualquer
reliquia
de hũ san-
cto he mi-
lagrosa.*

O q̃ Deos
obrou, por
meio do P.
M. Simam

a
1. Reg. 21. n. 9
Non est huic
alter similis, da
mihi eum.

Simam, advertindolhe o favor, que lhe faziam, em lhe dar peça de tanta estima: festejou grandemente o peregrino tam rica joya, nam menos que David antigamente a espada, com que degolara o gigante Goliatho, a no valle de Teribintho, que lhe deo o sacerdote Achimelech, dizendo, que se nam podia achar outra semelhante. E assim, posto que se aproveitou do bordam no caminho, foy sempre com muita reverencia, & grande consolacão.

5 Chegando á villa de Aveiro, aposentouse junto da praya, em huma estalagem, aonde estava hum minino em cama muito doente, desconfiado dos medicos, & já pera morrer; pediram ao Padre quizesse dizer hum Evangelho sobre o enfermo, escusouse elle ao principio, por estarem presentes huns Conegos de Toledo, pessoas de autoridade, que por aly passavam; porém, depois q̃ estes se embarcaram pera Ovar, se foy a rezar o Evangelho ao minino, o qual tanto que vio o Padre, da maneira que podia, com a voz, com os olhos, com os acenos, & com hum increivel alvoroço, lançando as mãos finhas fóra, & debatendose todo, nam fazia senam podir, & chorar pelo bordam (que parece que com

Pede hum
minino en
fermo o
bordam do
P.M. Si-
mam.

os olhos da innocencia estava prevendo, que nelle tinha a saúde) pedio a mãy ao Padre, que lho largasse, pois tanto chorava por lhe tocar: o Padre lho chegou, dizendo, que aquelle bordam fora de hum grande servo de Deos; pegou logo d'elle o minino, & com hum novo alento nam fazia senam beijalo, & abraçar-se com elle, que pera o Padre lho tirar das mãos, quando se quiz partir, foy necessario usar de muita traça.

6 Caso foy bem admiravel, porque de improvis o minino, que estava pera morrer, se achou de todo sam; & logo, à vista do Padre, & dos mais, que estavam presentes, se levantou; & começou a saltar pela casa, como se nunca fora doente. Ficaram os presentes admirados com ver tam notavel prodigio diante de seus olhos; & o pay nam menos contente, que maravilhado, perguntava ao Padre, cujo era aquelle bordam tam milagroso? Declaroulhes o Padre, quam grande servo de Deos fora o que d'elle tinha usado, & que a elle deviam agradecer saúde tam prodigiosa: q̃ foy cõ mais apressado effeito, q̃ a do Propheta Eliséo, cujo bordam nam bastou tocado, pera dar vida ao outro minino morto, sem o mesmo sancto vir em pessoa a unir-

4. Reg. cap. 4.
n. 29.

se todo com elle.

*Quanto se
estimou a-
quelle bor-
dã.*

7 Com a vista de tam grande maravilha ficou o Padre Vitto summamente consolado; & nam se tendo já por digno de usar de bordã, que Deos tomára por instrumento de obra tam espantosa (tomando outro pera fazer seu caminho) levava este ao hombro, metido em hum baíha de panno, com muita decencia, como quem já o estimava n'alma por reliquia, & nam o levava na mã como bordã. Com estes dous bordões, hum na mã, de que se servia, & outro às costas, que venerava, entrou no Collegio de Braga, & na residencia de Sam Fins, aonde muitos Padres o sahiram a receber como peregrino de nossa Companhia; & tratando todos com sancta charidade (como he custume aos peregrinos entre nós) de o aliviar, hums do mantêo, outros dos alforges, & mais alfayas de caminho; vindo aos bordoens, largou o de que se servia por necessidade, mas nam o que venerava por reliquia: & por mais força, que lhe fizeram, nam foy possível tirarlho nunca da mã, até que cõtou a causa da muita veneraçã, que lhe tinha; & assim se partiõ o peregrino com o seu bordã às costas, q lhe nam servia de cruz pezada, mas de alivio grande; & expe-

rimentando neste caminho outros muitos favores do cêo, que todos attribuhia a tam bom cõpanheiro, & a tam precioso penhor, q cõ grande estimaçam, & por joya de grãde preço, levou consigo dentro a Alemanha.

8 E porque nam ficasse em esquecimento caso tam notavel, desejãdo o P. Alvaro Lobo (a quem devemos muito das noticias, & trabalhos desta Chronica, como disse mos no prologo desta primeira parte) d'aly a algũs annos autenticar mais esta maravilha, escreveo sobre este negocio ao dito Padre (que estava em Alemanha, em a Provincia de Bavaria) por via do P. Iorge Cretelio, Reytor do Collegio de S. Paulo da Cõpanhia de IESV em Ratisbona; o qual por hum notario Apostolico, fez juridicamente perguntar ao Padre Vitto Liner, em presença de muitas pessoas religiosas da Companhia, & da ordem de S. Bento (a qual o dito P. Vitto, com licença de nosso reverendo Padre geral, se tinha passado, & já nella era professo, ficando por esta via testemunha menos sospeita) & elle referio, & testemunhou com juramento, o que temos dito, pelos mesmos termos, que appontamos; estando tambem presente o reverendo Padre frey Bernardo, seu Dom Abbade, como cõsta de hum instrumento autentico,

*Como se
autêticou
este caso.*

feito em Latim, no anno de 1600. no celebre mosteiro do inferior Alteich, da ordẽ de S. Bento, do Bispado Passavien- se, em Bavaria, por Adamo Cho- vистоfer, publico-notario cõ seu final publico, o qual instrumẽto veyo a nosso poder, & se guar- da no cartorio de Coimbra.

9 Este favor experimẽtou o P. Vitto, por meyo do P. M. Simam; outros mayores espera- mos, confiados no bordam de seu emparo (que nam he bor- dam de cana vazia, no qual diz Deos aos Israelitas, que nam confiẽ) cõ este andaremos seguros, & caminharemos alen- tados, pelos caminhos da salva- çam, atẽ chegarmos ao fim de- sejado de nossa peregrinaçam.

CAPITVLO VLT.

*De outros casos admiraveis,
que Deos obrou pelo Padre
mestre Simam, dando saude
aos Padres Vicente Ro-
drigues, & Dom Gon-
çalo da Syl-
veira.*

1 **E**stes casos acontecẽ- ram depois da morte do padre M. Simam; muitos lhe succedẽram em sua vida, que foram tidos por mila-

grossos: sõ dous, que guardei pe- ra este lugar, quero apõtar aqui, porque tiveram notaveis circũ- stancias, & porque estam auto- rizados com o testemunho do P. Orlandino,^a na historia geral da Companhia, posto que nõs os sabemos por melhores vias; & gèralmente falando (pera q̃ ao menos hũa vez o diga) as no- ticias, que nesta Chronica da- mos das cousas do P. M. Simam, sam mais certas, que as que o dito Chronista refere em algũas partes da dita historia: o pri- meiro caso succedeo em Lisboa, o segundo em Coimbra. Iã fi- zemos atràs^b mençam do P. Vicente Rodrigues, irmam do P. Jorge Rijo de boa memoria; & contamos parte dos grandes serviços de Deos, que fez no Brasil, prégando, & ensinando aquelles barbaros. Era este Pa- dre, sendo ainda mancebo, muy achacoso, & logoito a grandes dores de cabeça; tinham-lhe em Coimbra applicados todos os remedios possiveis, conforme a muita charidade, que a Com- panhia usa com seus enfermos; porẽm aconteceo-lhe, o que al- algumas vezes succede, que sem- pre cõ os remedios peiorava.

2 Ordenaram os medi- cos, q̃ o Irmam mudasse a terra, & q̃ o mandassem aos ares na- turas da pàtria, q̃ custuma ser a melhor mesinha, ao menos pe- ra mãebos achacosos, q̃ muitas

vezes

^f
Isai. c. 36. n. 6.
Ecce confidis
super baculum
arundineũ, cui
firmatus fue-
rit homo, intra-
bit in manum
eius, & perfora-
bit eam &c.

^a
Lib. 8. n. 80.

^b
Lib. 3. c. 13.

P. Vicente
Rodrigues
adoeceo em
Coimbra.

vezes sãram com este remedio; ou pelo gosto que tem de vir à pátria; ou porque esta melhor agasalha os seus naturaes. E como elle era quasi natural de Lisboa (por ter nacido na Fonte da talha, que he hum arrabalde d'aquella grande cidade) facilmente veyo o P. M. Simam nesta mudança pera os ares naturaes (a qual, quando he por rezã da saude, ou por outra qualquer causa racional, nam he tam difficullosa entre nòs, como alguns querem praguejar) Veyo o enfermo mudado de Coimbra pera o mosteiro de S. Antam de Lisboa., aonde lhe applicaram todos os bõs remedios, q a arte ensinava aos medicos, & a charidade ministrava aos superiores, por ser hum dos fogeitos de mayores esperanças, que tinhamos entre nòs: nam correspondeo porẽm o successo da mudança aos desejos dos Padres, porque cada vez se achava peõr, de sorte, q os medicos, por cuja via esperavam a saude, vierã totalmẽte a descõfiar de sua vida, pelos evidẽtes sinaes, q nelle viam de acabar cedo.

3 Chega neste comenos de repẽte, quãdo menos se cuidava, vindo jã de Coimbra o P. M. Simam, aonde d'aquella vez por muito tẽpo se deteve: dam novas ao enfermo, q tinham em casa o seu Provincial; nam lhe paderam dar mẽsinhã mais cor

deal; alegrõuse; & alvoroçouse muito, pera ver a seu querido pay, & lhe tomar a ultima bençã, antes de se partir desta vida, pera onde estava muy de caminho. Chega o Padre ao Collegio, entra na enfermaria (porq esta era a primeira visita, q fazia depois de hir ao sanctissimo Sacramẽto) sauda ao enfermo, alegro, abraço, dizẽdo estas formaes palavras: *Confia, Irmam, que nam haveis de morrer desta*. o P. M. Simam o disse, & Deos, q he o verdadeiro medico, o cõfirmou de tal maneira, q de repente cõ esta visita, o visitou a saude, & logo se levãtou sem doença, sem achaque, & sem dor algũa; que quãdo a merce he divina, logo vem cheya de graças copiosas. Este caso diz o nosso historiadõ gẽral, que foy logo tido por prodigioso, & como tal se escreveo a Roma, aonde ainda se guarda aquella carta. Esta foy a merce, que Deos fez ao P. Vicẽte Rodrigues, por meyo do P. M. Simam: que nam era bẽ, que morresse às mãos dos medicos de Lisboa, hum fogeito a quem Deos guardava, pera no Brasil dar saude espirital a tãtos gentios, como atrãs temos jã contado; que saude milagrosa sempre foy muy proveitosa.

4 Vejamos agora outro caso ainda mais maravilhoso, em q Deos, por meyo do P. M. Simam cõmunicou tambem a saude a

Como o P. M. Simam animou o enfermo.

^c
Lib. 3. n. 80.

Lib. 3. c. 10.

outro

*Em Lisboa
recabio
mais perigo.*

*Adoece em
Coimbra
gravissi-
mamete o
P. D. Gon-
çalo da Syl-
veira.*

outro enfermo, que tambem ao diante foy hũ dos missionários de mayor nome, & como tal deo a vida pela fé, q̃ prégava, entre os barbaros da Cafraria: & porq̃ este successo foy raro, quero aqui apontar todas as circumstancias que d'elle acho escritas, que por causa do fogeito, nos nam devem de enfadar. Estava o P. D. Gonçalo da Sylveira doente em Coimbra, no anno de 1548. cõ hũ rigoroso prioris, a que tinha dado algũa occasiã, nam menos o descuydo, q̃ elle tinha da saude, que o pouco conhecimẽto, que os medicos tiveram da doença; nam no sãgraram a tẽpo; & quando lhe quizeram acodir, era jã tal a fraqueza, por se ter o mal apoderado muito, que nam estava capaz de remedio algũ; de sorte, que totalmẽte descõfiaram os medicos de suã vida. E porq̃ o amôr, que os Padres tinham ao doẽte, era muy grande (que todo era bem empregado no P. D. Gonçalo da Sylveira) mandaram chamar o insigne doutor Thomãs Rodrigues da Veiga (bem conhecido neste Reyno, q̃ entã lã a cadeira de prima de medicina) pera q̃ o viesse visitar, & pera ver se achavam nelle melhores novas de mais esperanza, & cõfiança: porẽm elle, tãto que lhe tomou o pulso, muito mais os descõsolou, advertindo ao P. M. Simam, que mandasse vigiar o enfermo

aquella noite, porque nam poderia chegar ao outro dia.

5 Mal se poderã explicar, quam grãde, & quã gẽral foy o sentimẽto em todo o Collegio, cõ esta nova tam triste, que em especial atravessou a alma do P. M. Simam, cõ agudas dores de sentimẽto, porq̃ estimava infinito a este tã raro fogeito, & entẽdia o muito, q̃ a Cõpanhia perdia cõ tal morte. Porẽm se o amigo he pera hũa hora (como dizẽ) o q̃ he verdadeiro amigo, he pera a mais trabalhosa: toda a noite gastou o P. M. Simam, vigiando sobre o seu enfermo, hindoo os enfermeiros sustentãdo, & alẽtando cõ apistos, & algũas sustãcias, que escaçamente podia levar; consumindoo cada vez mais o fogo abrazador da febre maligna, em que ardia.

6 Chegada a menhã, vêdo o P. M. Simam, que os remẽdios tẽporaes nam succediam, tratou de lhe applicar os divinos, usou do seu meyo tam louvavel nelle, que era recorrer ao sacrificio da missa, quãdo quera alcãçar grandes merces da liberalidade divina, pera seus subditos: movido entã interiormente muito mais, a vista do perigo tam evidente, de hũ filho seu em o Senhor, a quẽ tanto amava, & prezava: despedindose d'elle lhe disse: *Irmã D. Gonçalo, tẽde bõ animo, eu vou dizer missa por vossa saude.* Couza foy muy notavel, & muy

*Vay o P.
M. Simam
dizer mis-
sa, pelo P.
D. Gonçalo.*

noto ria no Collegio, & celebra-
da se mpre em toda esta Provin-
cia, que estando o seruo de Deos
no altar offerecendo o immacu-
lado sacrificio do corpo, & san-
gue de Christo, de improviso se
alvorçou na cama o doente, q
estava em passamento, & em
presença do P. Luis da Grã, que
entam era Reytor do Collegio,
& de outros tres Irmãos, que o
acompanhavam, em voz alta, &
distinta, disse estas palavras:
*Meu Senhor IESU, o Senhor meu, eu
estou sam, o P. M. Simam me alçaçou
saude.* Noravel foy o abalo, que
aquellas palavras causaram nos
circunstâtes; porque viam, como
resucitado, a que cuydavam, q
logo morria; & ouviã falar al-
to, a quem nem respirar podia.
Acabou a missa o P. M. Simam,
& torna logo a visitar o seu en-
fermo, acha a enfermaria cheya
de gente, cõvocados todos cõ a
novidade do caso; recebe o o P.
D. Gõçalo, cõ grandes sinaes de
agradecimento, & alegria, diz-
lhe, q de todo pto está sam, & q
sõ lhe falta licença pera se poder
levatar da cama: porém o P. M.
Simam, dissimallado o caso (que
os sanctos fazẽ os milagres, mas
nam tratam de os assoalhar) lhe
ordenou, que se nam erguesse.

7 Nam criam os presentes
o que viam, posto que muito de-
sejavam de o ver, & de o crer;
vã entrando muitos de novo,
falam cõ elle, perguntãlhe hũa,

& muitas vezes; se he assim o q
lhe dizem; acerca de sua saude;
certificaos o P. Gonçalo; repe-
rindo lhe muitas vezes, que des-
do pto, em que o P. M. Simam
differa missa por elle, se achava
sam, & sem nenhũa enfermida-
de; & que pera andar entre el-
les, nam lhe falta mais, que a li-
cença, que lhe negava quẽ lhe
dera a saude. Tinha sido o mal
tam grande, & era a maravilha
tã notavel, que entrãram alguns
em pensamentos, que aquella tã
apressada melhora, fora algũa
breve demonstracão da vida, q se
despedia, como ultima labareda
da cãdeya âtes de se apagar. Pe-
ra se poderẽ melhor certificar,
tornã a mãdar recado ao mesmo
doutor Thomãs Rodrigues: aco-
dio logo, toma o pulso, achao sẽ
fêbre, sem pontada, sem agasta-
mentos, sem dor nenhũa; olha
pera o rosto, em quẽ o dia d'an-
tes vira os sinaes da morte, veõ
alegre, & bem assombrado, acha
os olhos, que d'antes tinha que-
branta dos, & cõsumidos; cheyos
de graça, & de viveza: o pulso,
em toda a noite intercadente,
jã sem febre, & compassado; o
taeto ardente, & fogoso, jã tem-
perado, & saudavel: emfim sem
mostras de perigo, nem arre-
ceyos de ser saude fingida; por
termo da morte visinha: espan-
tado o doutor com tam subita
mudança, nam pode entam dei-
xar de dar boas novas: (que

*Declara o
P. D. Gõça
lo, que o P.
M. Simam
lhe dera
saude.*

nos, medicos sam muy raras) diz aos presentes, que o Padré estava totalmente sam, & que a a saude era sobrenatural: pergunta logo ao mesmo Padre, que lhe diga d'onde lhe veyo tanto bem: *Nam sey mais, senhor,* tornava a dizer o servo de Deos (como succedeo ao cego do Evangelho, que sempre respondia o mesmo a quem lhe tornava a perguntar, quem, & como lhe dera a vista nos olhos?) *nam sey mais,* dizia, *que estando da maneira, que v. m. me deixou, me disse o P. M. Simam, que me animasse, porque hia dizer missa por minha saude; & no tempo em que a dizia subitamente me senti totalmente sam.*

8. Acabaram, com este desengano, os religiosos todos de crer, nam ser aquilo termo de vida, mas outro principio de nova vida, maravilhosamente cõcedida pelo Senhor, a este seu grande servo; que em memoria deste favor celestial, recebido em dia de Sam Sylvestre, se chamou algum tempo Sylvestre; querendose, até nisto, mostrar agradecido; pois recebeu a vida do Senhor (como podemos dizer) duas vezes; que muitas vidas merecia lograr tal foyeito. E se a vida, que até entam fez o Padre D. Gonçalo foy vida sancta, d'aly por diante foy vida milagrosa; se a primeira foy de homem mortificado, a segunda foy de homem

refucitado: & porque elle sabia que era vida cõcedida por Deos, a Deos a quiz tornar a restituir; dandoa muy liberal, por seu divino amor, na Cafraria, assim como entam a recebeu em Coimbra, como veremos na segunda parte, falando nas cousas da casa de Sam Roque. E com rezam podemos tambem dizer, que duas vezes devemos ao Padre mestre Simam possuirmos tal foyeito, como foy o Padre D. Gonçalo da Sylveira, a primeira quando o recebeu na Companhia, vindo elle do mundo; a segunda, quando lhe deo saude, estando pera sahir do mundo.

9. Muitos outros casos, tidos por propheticos, & julgados por milagrosos, obrou Deos por este grande servo seu, que pudera aqui contar, & os deixo, assim por nam cansar mais aos leitores nesta primeira parte da Chronica da Companhia em Portugal, & suas conquistas; como porque (como diz Sam Hieronymo) o dom das prophetias, & a graça de fazer milagres, nem sempre sam melhores provas de mayores merecimentos: estes casos, que tenho apontado, sam sem duvida muy dignos de estima, & admiracão; porẽm muyto mais admiraveis sam os que Deos, por meyo do Padre M. Simam, obra cada dia espiri-

Duas vezes devemos ao P. M. Simam termos o P. D. Gonçalo.

*Ioan. c. 9. n. 15
Dixerunt ergo
illi quid fecit
ibi &c. Ref-
pōdit illis, dixi
vobis iam, &
audistis.*

*id
Hieron. ad c. 7
Math. Prophe-
tizare, & virtu-
tes facere, in-
teritum non est
meriti, qui ope-
ratur.*

tualmente em nossas almas, com a suavíssima memoria de suas excellentes virtudes, & dos assinalados, & fortes exemplos, que nos deixou do zelo da salvação das almas, da verdadeira abnegação da propria vontade, & desprezo do mundo; da mortificação, oração, & obediencia, em que fundou esta provincia.

ro. E cõ isto damos fim a esta primeira Parte, na qual prome-

temos tratar da fundação, & progressos da Companhia, em Portugal, & suas conquistas, em quanto governou o Padre mestre Simam Rodrigues; na segunda Parte veremos o mais que succedeo, no tempo do governo do Padre Diogo Miram, & do Padre Miguel de Torres, até a morte do nosso glorioso Patriarcha Sancto Ignacio.

FINIS LAUS DEO,

Virginique Matri, ac parenti sanctissimo Ignatio.



THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION
1215 6TH AVENUE
NEW YORK 17, N.Y.
1911

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION





TABOADA

DOS CAPITVLOS

DESTA CHRONICA.

LIVRO PRIMEIRO.



Capitulo I. Como Deos converteo a sy a S. Ignacio de Loyola, pera dar principio á Religião da Companhia de IESU. fol. 1.

Capitulo II. Continúa S. Ignacio sua conversão: faz grandes penitencias; vay a Ierusalem: estuda em varias Universidades. fol. 6.

Capitulo III. Vay sancto Ignacio à Universidade de Paris, ajunta companheiros; vay com elles a Roma: tratam da fundação da Companhia, que finalmente foy approvada pelo Papa. fol. 10.

Capitulo IV. Do principio, que teve a entrada da Companhia em Portugal, cõ a vinda do P. Simam Rodrigues a este Reyno. fol. 14.

Capitulo V. Dãse hũa breve relação da pessoa do P. M. Simam; de como seguiu a S. Ignacio; & de suas peregrinações. fol. 18.

Capitulo VI. Do mais que succedeo ao

P. M. Simam, até vir a Portugal. fol. 24.

Capitulo VII. Da ditosa eleição do Padre S. Francisco de Xavier pera a India, & de sua vinda a Portugal. fol. 32.

Capitulo VIII. Chega a Lisboa o P. S. Francisco de Xavier, dà saúde ao P. M. Simam: vam ambos visitar a S. Alteza. fol. 38.

Capitulo IX. Como os dous Padres S. Francisco de Xavier, & mestre Simam procederam em Lisboa, aonde lhes puseram o nome de Apostolos. fol. 41.

Capitulo X. Trata elRey da confirmação da Companhia: recebe-se em Portugal o primeiro noviço. Poemse em conselho de estado a vida dos Padres pera a India. fol. 44.

Capitulo XI. Da ultima resolução, que se tomou neste negocio: & como elRey despachou pera a India o P. mestre S. Francisco de Xavier. fol. 50.

Capitulo XII. Como se foy o Padre

mestre S. Francisco de Xavier des-
pedir delRey, & deo à vela pera a
India. fol. 55.

Capitulo XIII. Dáse huma breve no-
ticia da pessoa, & virtudes do
Padre Sam Francisco de Xavier.
fol. 59.

Capitulo XIV. Continua-se a mesma
materia do elogio de S. Francisco de
Xavier. fol. 66.

Capitulo XV. Das mais virtudes do
Padre Sam Francisco de Xavier,
fol. 70.

Capitulo XVI. Dá elRey ao Padre
mestre Simam Rodrigues o mos-
teiro de Carquere, pera ajuda da
fundação do Collegio de Coim-
bra; trocáo pelo mosteiro de san-
cto Antam o velho, que tinha si-
do de freiras da Annunciada.
fol. 76.

Capitulo XVII. Dáse alguma noticia
deste mosteiro de sancto Antam, o
qual foy a primeira casa, que tive-
mos em Portugal, pera onde se
mudou o Padre mestre Simam.
fol. 81.

Capitulo XVIII. Manda sancto Ig-
nacio companheiros de novo ao Pa-
dre mestre Simam: recebe outros
em Lisboa; entre elles ao Irmão
Manoel Godinho, a quem man-
dou, vestido como estudante se-
cular, à Universidade de Coimbra.
fol. 87.

Capitulo XIX. Parte-se o Padre
mestre Simam Rodrigues pera
Coimbra: dáse principio aquel-
le magnifico Collegio. folio.
94.

Capitulo XX. Como passavam os nes-
sos neste tempo em o novo Collegio
de Coimbra, assim no temporal, co-
mo no espiritual: & do procedi-
mento do seu primeiro Rector. fol.
99.

Capitulo XXI. Da pouca estimaçam,
que na Universidade se fazia dos
nossos; & como se foy mudando
esta roim optimã: & dos primei-
ros, que entráram naquelle Colle-
gio. fol. 104.

Capitulo XXII. Entram na Compã-
nhia Melchior Nunes Barreto,
prova o P. M. Simam com huma
nova mortificaçam. vem tambem,
entre outros, Dom Gonçalo da Syl-
veira, & Dom Rodrigo de Me-
neses. fol. 109.

Capitulo XXIII. Dá licença o Papa
pera na Companhia nam haver li-
mice nos professos: pera todos pro-
mete rendas elRey Dom Ioam:
dáse noticia dos estados dos profes-
sos, que há na Companhia. fol.
116.

Capitulo XXIV. Continua-se a mesma
materia dos diversos estados, que
há na Companhia. fol. 121.

Capitulo XXV. Como neste tempo, por
meio do nosso sancto Padre, & do
Padre mestre Simam, se atalhã-
ram huns grandes desgostos, entre
elRey D. Ioam, & o Papa Paulo
III. fol. 125.

Copia da carta de sancto Ignacio, pe-
ra o Padre mestre Simam, sobre
este negocio do Bispo D. Miguel.
fol. 128.

Capitulo XXVI. O Padre mestre

Simam

Simam recusa o Bispado de Coimbra, aceita ser mestre do Principe, & de como se houve neste cargo. fol. 132.

Capitulo XVII. Da humildade, & pobreza do Padre mestre Simam, sendo mestre do Principe: do modo com que fazia seus caminhos a Coimbra: das muitas merces, que el Rey lhe fazia. fol.

136.

Capitulo XVIII. Dos combates, que se deram aos Irmãos Dom Gonçalo da Sylveira, & Dom Rodrigo de Meneses, & de sua firme constancia. fol. 140.

Capitulo XXIX. De outros combates, que teve o Irmão Dom Rodrigo; de sua sancta vida, & bemaventurada morte. fol. 145.

Resposta de Dom Rodrigo pera Dona Brices de Vilhena sua mãy, no mesmo Capitulo. fol. 147.

Capitulo XXX. Do sentimento, que houve da morte deste Irmão Dom Rodrigo de Meneses; & das boas partes com que Deos o dotou. fol. 149.

Capitulo XXXI. Occupase o Padre mestre Simam em Lisboa no proveito dos proximos, & vay pela festa do Natal a visitar o Collegio de Coimbra; & dos grandes proveitos, que se seguiam destas suas visitas. fol. 154.

Capitulo XXXII. Trata-se da vinda do Padre Pedro Fabro a Portugal; manda este diante doze escolhidos sujeitos, entre elles o Irmão Francisco Estrada, insigne prega-

dor: entram muitos na Companhia, movidos com seus sermoens. fol. 160.

Capitulo XXXIII. Da entrada do Irmão Antonio Moniz: da tentação, que teve, com que fugio da Companhia: & de como tornou a entrar. fol. 166.

Capitulo XXXIV. Da inquirição, que por via do Cardeal Infante se tirou, sobre a doutrina do Padre mestre Simam Rodrigues, & sobre os exercicios de sancto Ignacio. fol. 172.

Capitulo XXXV. Dá-se huma breve noticia, de que cousa sejam os exercicios, de que usa a Companhia; & dos grandes bens, que delles resultaram no mundo. fol. 176.

Capitulo XXXVI. Dos grãdes frutos, que se tem tirado destes exercicios espirituales. fol. 179.

Capitulo XXXVII. Vay o P. Diogo Miram, Rector de Coimbra, suadar o Collegio de Valença; entra em seu lugar o P. Martim de S. Cruz: vam os nossos peregrinar, & fazem outras mortificações publicas. fol. 185.

Capitulo XXXVIII. Reprovam alguns as mortificações dos nossos: levanta-se huma perseguição contra o Padre mestre Simam; acode Deos por sua innocencia, & acrescentam-se os favores reaes. fol. 189.

Capitulo XXXIX. Vem a Portugal o Padre Antonio de Arões. chega depois d'elle o Padre Mestre

Pedro Fabro : he muy festejado de sua Alteza : Vay a Coimbra , faz entrar na Companhia escolhidos sujeitos , entre elles o Padre Luis Gonçalves da Camara. fol.

193.

Capitulo XXXX. Como por meyo do Padre Pedro Fabro, veyo milagrosamente á Companhia hum nobre Abbade de entre Douro, & Minho, chamado Ioam Nunes Barreto. fol. 199.

Capitulo XXXXI. Alcança o Padre Pedro Fabro licença pera se hir a Castella; escreve ao Collegio de Coimbra, & mādalhe algũas reliquias, & finalmente se parte. pera Valhedolid. fol. 204.

Capitulo XXXXII. Do socorro de religiosos , que o Padre mestre Simam mandou ao Padre Fabro a Castella: & do que este bendito Padre escreveo ao Collegio de Coimbra. fol. 209.

Capitulo XXXXIII. Entra na Companhia o Irmam Affonso Barreto: de sua grande mortificação, & zelo extraordinario da salvação das almas. fol. 213.

LIVRO SEGUNDO.

Capitulo 1. Da missam, que no anno de 1545. foy pera a India; & da gloriosa morte do P. Antonio Criminal, primeiro da Companhia, que deo a vida pela fe; & do mais, que succedeo a seus companheiros. fol. 221.

Capitulo II. Exercitarse os nossos em Coimbra com varias mortificações, em que os prova o P. M. Simam Rodrigues. fol. 229.

Capitulo III. Continuum os nossos, por ordem do Padre mestre Simam Rodrigues, com estas mortificações publicas, em que os exercitava. fol. 235.

Capitulo IV. Mostra-se como estas mortificações, de que usavam os nossos, sam conformes á doutrina dos Santos: dá-se a rezam de se nam usarem já hoje tanto na Companhia. fol. 238.

Capitulo V. Escreve sancto Ignacio a primeira vez a elRey Dom Ioam: dalhe conta de suas cousas; pedelhe licença, pera o Padre mestre Simam hir a Roma, em rezam de renunciar o cargo de geral. fol. 242.

Capitulo VI. Trata elRey Dom Ioam, por via do Padre sancto Ignacio, com o Papa, sobre haver neste Reyno tribunal do sancto Officio; & sobre o capello de Cardeal, pera o Infante Dom Henrique, com o successo, que se pretendia. folio. 247.

Capitulo VII. Manda o Padre mestre Simam pera a India nove insignes ministros do Evangelho. fol. 250.

Capitulo VIII. Continua-se a mesma materia das virtudes dos mais sujeitos desta missam. fol. 255.

Capitulo IX. Vay o Padre Francisco Estrada em missam a entre

Douro, & Minho; detense no Porto; entra na Companhia, morado de seus sermoens, o conego Vasco Ferrás. fol. 260.

Capitulo X. Dos procedimentos do Irmão Vasco Ferrás, até sua morte na Companhia. fol. 264.

Capitulo XI. Do mais fructo, que o Padre Francisco Estrada recolheu na cidade do Porto, em especial na mudança de vida de Henrique de Gouvea; & de como, ainda absente, animou os seus devotos. fol. 268.

Capitulo XII. Como Deos chamou pera a Companhia a Dom Leão Henriques, primo do Padre Luis Gonçalves da Camara. fol. 276.

Capitulo XIII. Como Dom Leão Henriques entrou na Companhia, & de seus procedimentos em o noviciado. fol. 280.

Capitulo XIV. Acrescenta elRey Dom Ioão o terceiro as rendas ao seu real Collegio de Coimbra, dandolhe o mosteiro de Sam Fins, & outros dons mais. fol. 284.

Capitulo XV. Declara-se a Companhia em Portugal por Provincia; vay o Padre mestre Simão a Coimbra, lê a bulla da confirmação; & do grande fervor, & renovação de espirito, que houve com sua chegada. fol. 289.

Capitulo XVI. Da renovação dos votos, que houve neste mesmo tempo no Collegio de Coimbra. fol. 294.

Capitulo XVII. Vay o Padre Martinho de sancta Cruz a Roma, aonde morreo sanctamente: entra em seu lugar, a ser Reytor do Collegio de Coimbra o Padre Luis Gonçalves da Camara. fol. 297.

Capitulo XVIII. Como neste anno foy recebido na Companhia Dom Ignacio de Azevedo, o qual, ao diante, com quarenta companheiros, deo a vida pela fé catholica. fol. 302.

Capitulo XIX. Entram na Companhia o Padre Mauricio, que ao diante foy confessor delRey Dom Sebastião, & foy com elle a Africa: & o Irmão Ioão Fernandes de Oviedo, que depois foy grande missionario no Iapão. fol. 308.

Capitulo XX. Vay o Padre mestre Simão a Coimbra, pera começar a obra do Collegio novo: trata, com toda a soleridade, de lançar a primeira pedra; sahe da terra, nas primeiras enxadas, hum enxame de abelhas. fol. 315.

Capitulo XXI. Como se lançaram as primeiras pedras no edificio do Collegio de IESU, da cidade de Coimbra. folio. 320.

Capitulo XXII. Das contradições, que se levantaram contra as obras do Collegio novo, & como se aquietaram. fol. 323.

Capitulo XXIII. De alguns, que se levantaram na vocação; do que fo-

bre isto escreveu o Padre mestre Simam. & de huma grave penitencia, que deo a huns Irmãos, que escreveram cartas sem ordem. fol. 328.

Capitulo XXIV. Sañem varios missionarios do Collegio de Coimbra, entre elles o Padre Gonçalo Vaz de Mello, vay de Sam Fins em missam a varias partes. fol. 334.

Capitulo XXV. Vay o Padre Manoel de Nobrega em missam pela Provincia da Beira; & do grande fructo, que d'lla recolheo. fol. 341.

Capitulo XXVI. Aponhamse alguns casos mais notaveis, que succederam nesta missam ao Padre Manoel de Nobrega: Vay a Roma o Padre Bertholaméo Ferram, por cujo meyo entrou na Companhia o P. Francisco Rodrigues, que foy grãde servo do Senhor. fol. 346.

Capitulo XXVII. Da occasiã, que houve, pera hirem os nossos religiosos em missam a Congo: da se huma breve noticia deste Reyno. fol. 350.

Capitulo XXVIII. Do grande fervor, que houve no Collegio de Coimbra, pera a missam de Congo: de como partiram quatro, com hũa carta del Rey D. Ioam; & como foyram bem recebidos por el Rey de Congo. fol. 355.

Capitulo XXIX. Do mais que succedeo nesta missam; & de como o fim nam respondeo a seus bõs principios. fol. 359.

Capitulo XXX. De huma carta, que

nesto anno de 1547. escreveu nosso Patriarcha sancto Ignacio, aos Irmãos do Collegio de Coimbra. fol. 363.

Capitulo XXXI. Continua a doutrina da mesma carta de sancto Ignacio. fol. 367.

Capitulo XXXII. Da mudança do Reitorado do Padre Luis Gonçalves da Camara; & de alguns sogeitos, que no anno de 1548. entraram na Companhia. fol. 371.

Capitulo XXXIII. Parte o Padre Luis Gonçalves da Camara por companheiro do Padre Ioam Nunes Barreto, pera a missam de Berberia. fol. 378.

Capitulo XXXIV. Volta o Padre Luis Gonçalves a Portugal, a dar conta dos cativos; continua com elles o P. Ioam Nunes. fol. 384.

Capitulo XXXV. Da missam, que este anno mandou à India o Padre mestre Simam, de dez religiosos nossos: faz se mençã de alguns d'elles em particular. fol. 390.

Capitulo XXXVI. Vay pera a India, entre estes dez missionarios, o Padre mestre Gaspar Barzeo; que foy hum dos mais insignes sogeitos, que teve a Companhia. fol. 393.

Capitulo XXXVII. Como entrou na Companhia Dom Theotonio de Bragança, filho do Duque Dem Iaimes; de como seus parentes o procuraram tirar da Companhia. fol. 398.

Capitulo XXXVIII. Da grande con-

stancia, com que o Padre mestre Simam respondeo a elRey; & como se houve neste negocio. fol. 402.

Capitulo XXXIX. Do mais q̃ passou neste negocio; & de como Dom Theotomo veyo a sahir da Companhia, & de seu sancto procedimento, sendo Arcebispo de Evora. fol. 406.

Capitulo XXXY. Da grande charidade, & mais virtudes deste grãde Prelado Dom Theotonio de Bragança. fol. 412.

Capitulo XXXXI. Da occasiã, que houve, pera Dom Theotomo hir a Valhedolid, aonde morreo em serviço de Deos. fol. 417.

Capitulo XXXXII. Como neste tempo procediam os noſos em Lisboa; & do grande fructo, que naquella cidade, & em outras, fazia o Padre Francisco. Estrada, fol. 421.

LIVRO TERCEIRO.

Capitulo I. Propoemse o fundamento, que houve, pera o Padre mestre Simam mandar missionarios ao Brasil: daſe conta do descobrimento, & capitãrias, que aly fizeram os Portuguezes, & estado das cousas daquella christandade. fol. 429.

Capitulo II. Trata o Padre mestre Simam de hir à empresa do Brasil, sem ter o effeito desejado: manda em seu lugar o P. Manoel de Nobrega, com mais cinco compa-

nheiros. fol. 434.

Capitulo III. Daſe humia breve noticia da terra do Brasil, de sua muita fertilidade, & variedade de fructos, com que Deos a enriqueceo. fol. 438.

Capitulo IV. Continuaſe a mesma materia, em especial dos costumes dos naturaes do Brasil; & das barbaras ceremonias, com que comem a carne humana. fol. 445.

Capitulo V. Como o governador Thomaz de Sousa edificou a cidade do Salvador; & do que os religiosos da Companhia fizeram nestes principios, ensinando os gentios, & pretendendo tirarlhes o costume de comer carne humana. fol. 450.

Capitulo VI. Do sancto zelo, & virtudes do Padre Manoel de Nobrega (primeiro Provincial da provincia do Brasil) em quanto esteve em Portugal. fol. 456.

Capitulo VII. Continuaſe a mesma materia da virtude, & obras maravilhosas do P. Manoel de Nobrega, depois de chegar ao Brasil. fol. 460.

Capitulo VIII. Da devaçã do Padre Manoel de Nobrega: de sua grande pureza, & mais obras maravilhosas: & de sua sancta morte. fol. 465.

Capitulo IX. Daſe breve relaçam do Padre Ioã de Aspilcueta, que foy hum dos companheiros do Padre Manoel de Nobrega, na missã do Brasil. folio. 471.

Capitulo X. Dos mais companheiros do Padre Manoel de Nobrega, nesta missam do Brasil, que foram os Padres Antonio Pires, Leonar- do Nunes, Vicente Rodrigues, & Diogo Iacome, fol. 476.

Capitulo XI. Entra na Companhia o Padre Gonçalo Alvares, que ao diante foy visitador eleito do Iapam: dáse brevemente conta de sua vida, & morte gloriosa, nas prayas do Iapam, em companhia do Padre Manoel Lopes de Bulham. fol. 480.

Capitulo XII. Como neste anno, em que entramos, de 1550. os serenissimos Infantes Dom Luis, & Dom Henrique, pediram missoens da Companhia, pera suas terras; & de outras, que o Padre mestre Simam repartio pelo Reyno. fol. 485.

Capitulo XIII. Manda o Padre mestre Simam neste anno de 1550. quatro religiosos ao Brasil, pera ajudarem ao Padre Manoel de Nobrega, superior daquella missam. fol. 490.

Capitulo XIV. Da jornada, que fez elRey Dom Ioam o terceiro a Coimbra, a visitar a sua Universidade, & o seu Collegio da Companhia. fol. 495.

Capitulo XV. He chamado a Roma o Padre mestre Simam por nosso sancto Patriarcha: manda diante o Padre Dom Gonçalo: & como provêo os officios, que tinha de mestre de Principe, & Provincial. fol. 499.

Capitulo XVI. Vay a Roma o Padre mestre Simam: refere-se huma carta delRey Dom Ioam, pera o Papa Iulio terceiro, em abonaçam da Companhia: dáse conta do que succedeo nesta congregaçam, a que os Padres mais antigos foram chamados. fol. 504.

Carta delRey Dom Ioam o terceiro, pera o Papa Iulio terceiro. fol. 505.

Capitulo XVII. Como neste tempo se resolvêo o Cardeal Dom Henrique a fundar o Collegio da Companhia, em Evora: apontamse as rezoes, que pera isso teve. fol. 509.

Capitulo XVIII. Manda o Cardeal Infante chamar a Evora o Padre Luis Gonçalves da Camara; trata com elle, & com o Padre mestre Simam da fundaçam daquelle Collegio: escreve a S. Ignacio; & da resposta, que o sancto lhe mandou, fol. 513.

Capitulo XIX. Manda o Padre mestre Simam onze religiosos de Coimbra a fundar o Collegio de Evora; & de como aly foram agasalhados; & de seu sancto procedimento. fol. 515.

Capitulo XX. De algumas molestias, que os nossos padeceram neste principio; & de como Deos os livrou dellas. fol. 519.

Capitulo XXI. Dáse hũa breve noticia do P. Melchior Carneiro, primeiro Reytor do Collegio de Evora; de como d'aly foy pera a India: & de outros Reytres do mesmo Collegio, que seguiram seu exemplo. fol. 524.

Capitulo XXII. Aponcamse as cousas pertencentes ao P. Manoel Fernandes; primeiro pregador do Collegio d'Evora, & de seu sancto zelo, & obras maravilhosas. fol. 527.

Capitulo XXIII. Da muita estima, q' faziam dos sermões do P. Manoel Fernandes os muy veneraveis Padres frey Berthalamio dos Martyres, & frey Luis de Granada: & de algumas obras do serviço de Deos, que fez na cidade de Evora. fol. 531.

Capitulo XXIV. Da gloriosa morte do P. Manoel Fernandes, que lhe deram, por pregar contra os vicios; & como foy sentida de todos, & das honras com que o sepultaram. fol. 535.

Capitulo XXV. Dos grandes fervores das missões, que havia neste tempo no Collegio de Coimbra: & de treze religiosos, que este anno foram pera as partes da India, & do Iapão. fol. 540.

Capitulo XXVI. Do mais que succedeo aos nossos missionarios nesta viagem da India. fol. 543.

Capitulo XXVII. De como se houve na India o P. Melchior Nunes Barreto, o qual foy o primeiro pregador, que entrou na China; & dos muitos trabalhos, que padecio na jornada do Iapão. fol. 546.

Capitulo XXVIII. Dáse hũa breve noticia do P. Manoel de Moraes, & do P. Gonçalo Rodrigues, que nesta missã foram pera a India. fol. 551.

Capitulo XXIX. Dá elRey ao Collegio

de Coimbra o mosteiro de S. Ioão de Longavães; torna o P. Gonçalo Vaz de Mello em missã ao Algarve, com grande proveito espiritual d'aquelle Reyno. fol. 555.

Capitulo XXX. Continua em sua missã o P. Gonçalo Vaz de Mello: vay tambem a entre Douro, & Minho o P. Gonçalo da Sylveira: acaba de ser Reytor o P. Luis da Grã, succedelhe o P. Urbano, que deixou o cargo por hir pera a India. fol. 560.

Capitulo XXXI. Dáse alguma noticia das virtudes do P. M. Gonçalo de Medeiros; que neste anno em q' entramos de 1552. morreo em S. Antão de Lisboa, o qual foy o primeiro noviço desta Provincia. fol. 564.

Capitulo XXXII. Da obediencia, & humildade do P. Gonçalo de Medeiros, & de sua bemaventurada morte. fol. 568.

Capitulo XXXIII. Das causas, que houve, pera neste anno de 1552. (por ordem do nosso S. Patriarcha Ignacio) acabar o P. M. Simam de ser Provincial em Portugal, & pera hir ser Provincial em o Reyno de Aragão. fol. 572.

Capitulo XXXIV. Como o P. M. Simam recebeu esta ordem, & entregou o governo ao P. Diogo Miram; & como isto se tomou assem na corte, como entre os nossos; & do principio do governo do novo Provincial. fol. 577.

Capitulo XXXV. Manda S. Ignacio por visitor a Portugal o Padre

Miguel de Torres: escreve a elRey sobre a mudança do P. M. Simam; responde-lhe sua Alteza; e parte-se o Padre pera o Reyno de Aragám. fol. 582.

Capitulo XXXVI. Como o P. M. Simam chegou a Roma, e se vio com o S. Patriarcha Ignacio: e do mais que lhe succedeo nos annos, que andou fora de Portugal. fol. 585.

Capitulo XXXVII. Como o P. M. Simam, depois de muitos annos, tornou a Portugal; e de algúas cousas mais notaveis, que neste tempo lhe succederam, e de sua ultima enfermidade. fol. 589.

Capitulo XXXVIII. Da grãde paciência do P. M. Simam em sua larga enfermidade: do raro exemplo, que nos deo: e de sua sancta morte. fol. 594.

Capitulo XXXIX. Da pessoa, e par-

tes do P. M. Simam: da Cruz q' lhe acharam sobre o peito, aberta em sua propria carne: das exequias, que lhe fizeram; e da sepultura, que lhe deram. fol. 600.

Capitulo XXXX. Da tresladaçam, que se fez dos ossos do P. M. Simam: e do epitaphio, que tem em seu sepulchro. fol. 606.

Capitulo XXXXI. Do epitaphio, que os muy reverendos Padres da Provincia de Frandes, fizeram ao P. M. Simam. fol. 610.

Capitulo XXXXII. De algúas obras maravilhosas, que Deos obrrou pelo P. M. Simam. fol. 614.

Capitulo ultimo. De outros casos admiraveis, que Deos obrrou pelo Padre mestre Simam, dando saude aos Padres Vicente Rodrigues, e Dom Gonçalo da Sylveira. fol. 618.





INDICE

DE ALGUMAS

AUTORIDADES DA

Escriptura, de que se
faz mençam nesta
Chronica.

GENESIS.



Ap. 32. n. 25. Te-
regit nervum fe-
moris eius, & sta-
tim emarcuit. fol.

4. col. 1.

Cap. 17. num. 5. Quia patrem
multarum gentium consti-
tuiti me. fol. 19. col. 1.

Cap. 2. n. 19. Omne enim quod
vocavit Adam animæ viven-
tis, ipsum est nomen eius. fol.

43. col. 2.

Cap. 41. n. 11. Vbi una nocte
uterque vidimus somnium
prælagum futurorum. fol.

78. col. 1.

Cap. 18. à n. 1. Cumque eleva-
set oculos apparuerunt ei
tres viri stantes prope eum

&c. fol. 90. col. 1.

Cap. 42. n. 6. Et Ioseph erat
princeps in terra Ægypti,
atque ad eius nutum frumē-
ta populis vendebantur. fol.

135. col. 1.

Cap. 3. n. 6. Vidit igitur mulier
quod bonum esset lignum
ad vescendum, & pulchrum
oculis, aspectuque delecta-
bile. fol. 167. col. 1.

Cap. 2. n. 9. Lignum vitæ in
medio paradisi, lignumque
scientiæ boni, & mali. fol.

172. col. 2.

Cap. 18. n. 1. Apparuit autem
ei Dominus in convalle Mā-
brè sedenti in ostio taberna-
culi sui in ipso fervore diei.
fol. 182. col. 2.

Cap. 12. n. 1. Egredere de ter-

ra tua, & cognatione tua, & de domo patris tui, & veni in terram, quam monstrabo tibi. fol. 29 8. col. 1.

Cap. 18. n. 6. Festinavit Abraham in tabernaculum ad Saram &c. & n. 7. Qui festinavit, & coxit illum. fol. 271. col. 1.

Cap. 4. n. 4. Abel quoque obtulit de primogenitis gregis sui, & de adipibus eorum. fol. 29 3. col. 1.

Cap. 47. n. 9. Dies peregrinationis meæ centum triginta annorum sunt, parvi, & mali, & non pervenerunt usque ad dies patrum meorum, quibus peregrinati sunt. fol. 315. col. 1.

Cap. 28. n. 18. Tulit lapidem, quem supposuerat capiti suo, & erexit in titulum, fundens oleum desuper. fol. 321. col. 2.

Cap. 37. n. 14. Vade, & vide si cuncta prospera sint erga fratres tuos, & pecora, & renūcia mihi quid agatur. fol. 338. col. 2.

Cap. 2. n. 8. Plantaverat autem Dominus Deus paradysum voluptatis à principio, in quo posuit hominem, quem formaverat. fol. 359. col. 1.

Cap. 1. n. 27. Et creavit Deus hominem ad imaginem suā. fol. 359. col. 1.

Cap. 37. n. 15. Invenitque eum vir errantem in agro, & in-

terrogavit, quid quæreretur: at ille respondit: fratres meos quæro. fol. 476. col. 1.

Cap. 8. n. 21. Sensus enim, & cogitatio humani cordis in malum prona sunt ab adolescentia sua. fol. 484. col. 2.

Cap. 4. n. 10. Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra. fol. 540. col. 1.

Cap. 37. n. 3. Israel diligebat Ioseph super omnes filios. fol. 588. col. 1.

EXODVS.

Cap. 34. n. 28. Fuit ergo ibi cū Domino quadraginta dies, & quadraginta noctes: panē non comedit, & aquam non bibit, & scripsit in tabulis. Verba fæderis decem. fol. 7. col. 2.

Cap. 15. n. 25. Qui ostendit ei lignum: quod cū misisset in aquas, in dulcedinē versę sunt. fol. 69. col. 1.

Cap. 33. n. 11. Loquebatur autem Dominus ad Moysen facie ad faciem, sicut solet loqui homo ad amicū suum. fol. 72. col. 1.

Cap. 3. n. 1. Cūque minasset gregem ad interiora deserti, venit ad montem Dei Horeb. fol. 182. col. 2.

Cap. 32. n. 8. Fecerunt sibi vitulum conflatilem, & adorerunt, atque immolantes ei hostias dixerunt: &c. fol. 359. col. 2.

Cap. 20. n. 13. Vt sis longævus
super terram, quam Domi-
nus Deus tuus dabit tibi. fol.
379. col. 2.

LEVITICVS.

Cap. 2. n. 13. Quidquid obtuleris
sacrificij, sale condies; nec au-
feres sal fœderis Dei tui de sa-
crificio tuo. fol. 368. col. 2.

Cap. 20. n. 2. Morde moriatur,
&c. fol. 579. col. 2.

NVMERORVM.

Cap. 10. n. 31. Tu enim nosti in
quibus locis per desertum cas-
tra ponere debeamus, & eris
ductor noster. fol. 65. col. 1.

IOSVE.

Cap. 10. n. 22. Aperite os spelū-
cæ, & producite ad me quin-
que Reges, qui in ea latitāt,
& nolite timere, nec pauea-
tis. fol. 69. col. 2.

Cap. 10. n. 24. Ite, & ponite pe-
des super colla regum isto-
rum. fol. 69. col. 2.

Cap. 2. n. 1. Misit Iosue filius
Num. de Setim duos viros
exploratores in abscondito:
& dixit eis: Ite & considera-
te terram, urbēque Iericho.
fol. 89. col. 1.

Cap. 4. n. 8. Fecerunt filij Is-
rael sicut præcepit eis Iosue,
portantes de medio Iordanis
alvéo duodecim lapides, ut

Dominus ei imperarat, iuxta
numerus filiorum Israël.
fol. 363. col. 2.

REGVM.

Cap. 16. n. 12. Surge, unge
eum, ipse est enim. fol. 32.
col. 2.

Cap. 30. n. 21. Venit David
ad ducentos viros, qui Lassi
substituerant; nec sequi potue-
rant David, & residere eos
iusserat in torrente Bessor:
&c. fol. 122. col. 2.

Cap. 16. n. 23. David tollebat ci-
tharā, & percutiebat manu
sua, & refocillabatur Saul, &
levius habebat: recedebat e-
nim ab eo spiritus malus. fol.
313. col. 1. & fol. 422. col. 2.

Cap. 17. n. 39. Non possum sic
incedere, quia non usum ha-
beo. fol. 369. col. 1.

Cap. 1. n. 28. Et ego cōmendavi
eū Dño, cunctis diebus qui-
bus fuerit cōmodatus Dño.
fol. 420. col. 2.

Cap. 10. n. 27. Et despexerunt
eum, ille verò dissimulabat se
audire. fol. 580. col. 2.

Cap. 16. n. 18. Ecce vidi filium
Isai Bethlehemitem. fol. 612
col. 2.

Cap. 21. n. 9. Non est huic al-
ter similis, da mihi eum. fol.
616. col. 1.

REGVM. 2.

Cap. 18. n. 3. Tu unus pro

decem millibus computaris.
fol. 65. col. 2.

Cap. 10. n. 4. Tulit itaque Ha-
non servos David, rasitque
dimidiā partē barbæ eorū, &
præcidit vestes eorū medias,
usque ad nates, & dimisit
eos. fol. 153. col. 1.

Cap. 3. n. 33. Nequaquā ut mo-
ri solent ignavi, mortuus est
Abner. fol. 419. col. 1.

Cap. 7. n. 5. Numquid tu ædifi-
cabis mihi domum ad habi-
tandum? fol. 437. col. 1.

REGVM 3.

Cap. 19. n. 13. Quid hic agis E-
lia? fol. 106. col. 2.

Cap. 13. n. 4. Extendit manū suā
de altari, dicens: Aprehēdite
eū, & exaruit manus eius, quā
extenderat contra eum. fol.
283. col. 2.

Cap. 5. n. 17. Præcepitque Rex
ut tollerēt lapides grādes, la-
pides pretiosos in fundamē-
tū templi. fol. 320. col. 1.

Cap. 22. n. 34. Vir autem qui-
dam tetendit arcum, in in-
certum sagittam dirigens, &
casu percussit Regem Israël,
inter pulmonē, & stomachū.
fol. 475. col. 2.

REGVM 4.

Cap. 1. n. 10. Si homo Dei sum
descendat ignis de cælo, &
devoret te, & quinquaginta
tuos. fol. 389. col. 2.

Cap. 4. n. 29. Tolle baculū meū
in manu tua, & vade. fol.
616. col. 2.

Et n. 31. Posuerat baculum
super faciem pverī, & non
erat vox, neque sensus &c.
fol. 616. col. 2.

ESDRÆ. 1.

Cap. 6. n. 3. Cyrus Rex decrevit
ut domus Dei ædificaretur,
quæ est in Hierusalem. fol.
94. col. 2.

TOBIÆ.

Cap. 11. n. 15. Quā apprehen-
dens Tobias traxit ab oculis
eius, statimque visum recepit.
fol. 21. col. 2.

Cap. 5. n. 6. Et ignorans quod
angelus Dei esset, salutavit
eū, & dixit unde te habemus
bone iuvenis. fol. 90. col. 1.

IOB.

Cap. 19. n. 20. Pelli meæ con-
sumptis carnibus adhæsit os
meum. fol. 594. col. 2.

PSALTERIVM.

Cap. 4. n. 7. Signatum est super
nos lumē vultus tui Domine:
dedisti lætitiā in corde meo.
fol. 1. col. 2.

Cap. 96. n. 5. Montes sicut cera
fluxerunt à facie Domini, à
facie Domini omnis terra.
fol. 6. col. 1.

Cap. 17. n. 11. Et ascendi super

cheru:

- Cherubim, & volavit: volavit super pennas ventorum. fol. 67. col. 1.
- Cap. 120. n. 1. Levavi oculos meos in mōtes, unde veniet auxilium mīhi. fol. 96. col. 1.
- Cap. 67. n. 26. Prævenērūt principes coniuncti psallēribus, in medio juvenclarū tympanistiarum. fol. 114. col. 1.
- Cap. 35. num. 7. Iusticia tua sicut montes Dei: iudicia tua abyssus multa. fol. 149. col. 1.
- Cap. 54. n. 7. Quis dabit mihi pēnas sicut colūbæ, & volabo, & requiescam? fol. 151. col. 1.
- Cap. 54. n. 6. Timor, & tremor venerūt super me, & cōtexerūt me tenebrę. fol. 170. col. 2.
- Cap. 118. n. 23. Etenim sederunt principes, & adversum me loquebantur: servus autem tuus exercebatur. in iustificationibus tuis. fol. 177. c. 2.
- Cap. 54. n. 8. Ecce elongavi fugiēs, & mansi in solitudine. fol. 168. col. 1.
- Cap. 44. n. 11. Audi filia, & vide, & inclina aurē tuā: & obliviscere populū tuū, & domū patris tui. fol. 208. col. 1.
- Cap. 40. n. 2. Beatus qui intelligit super egenū, & pauperem, in die mala liberabit eū Dominus. fol. 212. col. 1.
- Cap. 104. n. 21. Constituit eum Dominū domus suæ, & principē omnis possessionis suæ. fol. 212. col. 1.
- Cap. 103. n. 5. Qui fundasti terrā super stabilitatē suam: non inclinabitur in sæculum sæculi. fol. 228. col. 2.
- Cap. 18. n. 7. Exultavit ut gygas adcurrēdā viā, a sūmo cælo egressio eius. fol. 243. col. 1.
- Cap. 72. n. 9. Posuerūt in celū os suū: & lingua eorū trāsivit in terram. fol. 253. col. 1.
- Cap. 33. n. 21. Custodit Dominus omnia ossa eorum: & num ex his nō conteretur. fol. 256. col. 2.
- Cap. 105. n. 7. Patres nostri in Ægypto nō intellexerunt mirabilia tuā: non fuerunt memores multitudinis misericordiæ tuæ. fol. 296. col. 1.
- Cap. 117. num. 16. Dextera Domini fecit virtutem, dextera Domini exaltavit me. Et num. 17. Non moriar, sed vivam, &c. fol. 301. col. 1.
- Cap. 72. n. 10. Ideo cōvertetur populus meus hic: & dies pleni inveniētur in eis. fol. 315.
- Cap. 97. n. 8. Flumina plaudent manu, simul montes exultabunt a conspectu Domini: quoniam venit iudicare terram. fol. 317. col. 1.
- Cap. 113. n. 6. Montes exultastis sicut arietes, & colles sicut agni oviam. fol. 317. col. 1.
- Cap. 131. Memento Domine David, & omnis mansuetudinis eius. & n. 5. Donec inveniā

locum Domino, tabernaculū
Deo Iacob. fol. 322. col. 1.

Exinanite exinanite usque ad
fundamentum. fol. 313.
col. 2.

Cap. 54. n. 23. Lacta super Domi-
num curam tuam; & ipse te
enutriet, non dabit in æter-
num fluctuationem iusto. fol.
335. col. 1.

Cap. 118. n. 126. Tempus fa-
ciendi Domine: dissipave-
runt legem tuam. fol. 347.
col. 2.

Cap. 98. n. 4. Honor Regis judi-
cium diligit. fol. 368. col. 2.

Cap. 87. n. 7. Posuerunt me in
lacu inferiori: in tenebrosis,
& in umbra mortis. fol. 384.
col. 1.

Cap. 76. n. 11. Hęc mutatio dex-
teræ excelsi. fol. 474. col. 2.

Cap. 119. n. 5. Hei mihi quia
incolatus meus prolongatus
est. fol. 595. col. 1.

PROVERBIA.

Cap. 21. n. 1. Sicut divisiones a-
quarū, ita cor Regis in manu
Dñi: quocūque voluerit incli-
nabit illud. fol. 50. col. 2.

Cap. 14. n. 12. Est via quæ vide-
tur homini iusta: novissima
autem eius deducit ad mor-
tem. fol. 167. col. 2.

Cap. 13. n. 11. Substantia festi-
nata minuetur: quæ autem
paulatim colligitur manu,
multiplicabitur. f. 369. col. 1.

Cap. 19. n. 2. Qui festinus est pe-
dibus, offēdet. fol. 369. col. 1.

Cap. 15. n. 17. Melius est vocari
ad olera cum charitate, quā
ad vitulum saginatum cum
odio. fol. 562. col. 1.

Cap. 21. n. 28. Vir obediens
loquetur victorias. fol. 569.
col. 1.

Cap. 4. n. 23. Omni custodia ser-
va cor tuū, quoniā ab ipso vi-
ta procedit. fol. 605. col. 1.

CANTICA.

Cap. 4. n. 13. Emissiones tuę pa-
radisus malorum punitorū,
cum pomorum fructibus. fol.
70. col. 2.

Cap. 2. n. 12. Flores apparue-
runt in terra nostra, tempus
putationis advenit. fol. 149.
col. 1.

Cap. 4. n. 4. Turris David collū
tuum, quæ ædificata est cum
propugnaculis: mille clypei
pendent ex ea, omnis arma-
tura fortiū. fol. 451. col. 2.

SAPIENTIA.

Cap. 7. n. 14. Infinitus enim
thesaurus est hominibus:
quo qui usi sunt, participes
facti sunt amicitia Dei, prop-
ter disciplinæ dona cōmen-
dati. fol. 78. col. 1.

Cap. 4. n. 13. Quia consumma-
tus in brevi, implevit tēpora
multa, placita enim erat mihi

anima

anima illius. fol. 151. col. 1.

Cap. 9. n. 15. Corpus quod cor-
rumpitur, aggravat animam.
fol. 297. col. 1.

Cap. 10. n. 10. Iustum deduxit
Dominus per vias rectas, &
ostendit illi regnum Dei, &
dedit illi scientiam sanctorū.
fol. 305. col. 2.

Cap. 10. n. 21. Sapientia aperuit
os mutorum, & linguas infā-
tium fecit disertas. fol. 345.
col. 2.

Cap. 5. n. 22. Ibūt directē emis-
siones fulgurum, & tamquā
à bene curvato arcu nubiū
exterminabuntur, & ad cer-
tum locū insilient. fol. 347.
col. 1.

Cap. 10. n. 21. Linguas infan-
tium fecit disertas. fol. 394.
col. 2.

ECCLESIASTIC.

Cap. 2. n. 1. Fili accedens ad
servitutem Dei, sta in iusti-
tia, & timore, & præpara ani-
mam tuam ad tēntationem.
fol. 45. col. 2.

Cap. 24. num. 13. Et in electis
meis mitte radices. fol. 257.
col. 1.

Cap. 50. n. 6. & 7. Quasi stella
maturina, in medio nebule,
& quasi luna plena in diebus
suis lucet, quasi sol refulgēs,
sic ille effulsit in tēplo Dei.
fol. 276. col. 1.

Cap. 45. n. 1. Dilectus Deo, &

hominibus Moyſes: cuius
memoria in benedictione
est. fol. 417. col. 2.

ISAIA S.

Cap. 55. n. 8. Non enim cogi-
tationes meæ, cogitationes
vestræ: neque viæ vestræ, viæ
meæ, dicit Dominus. fol. 32.
col. 2.

Cap. 19. n. 1. Ecce Dominus, af-
cendet super nubem levem,
& ingredietur Ægyptum, &
commovebuntur simulachra
Ægyptia à facie eius, & cor
Ægypti tabescet in medio
eius. fol. 67. col. 1.

Cap. 35. n. 6. Tunc saliet sicut
cervus claudus, & aperta erit
lingua mutorū. fol. 78. col. 2.

Cap. 55. n. 9. Quia sicut exaltā-
tur cæli à terra, sic exaltatæ
sunt viæ meæ à vijs vestris, &
cogitationes meæ, à cogita-
tionibus vestris. f. 106. col. 1.

Cap. 54. n. 2. & 3. Dilata locum
tentorij tui, & pelles taber-
naculorū tuorū extende: ne
parcas: ad dexteram, & ad si-
nistram penetrabis. f. 117. co. 2

Cap. 14. n. 13. & 14. Sedebo in
mōte testamenti, in lateribus
Aquilonis: ascendam super
altitudinē nubiū, similis ero
altissimo verumtamen ad in-
fernū detrahēris, in profundū
laci. fol. 120. col. 1.

Cap. 9. n. 6. Parvulus enim na-
tus est nobis, & filius datus
est nobis. fol. 211. col. 1.

Cap. 20. n. 2. Et fecit sic, vadēs nudus, & discalceatus. fol. 237. col. 2.

Cap. 8. n. 3. Voca nomen eius, accelera spolia detrahare: festina prædari. fol. 243. col. 1.

Cap. 65. n. 20. Puer centum annorum morietur, & peccator centum annorum maledictus erit. fol. 261. col. 1.

Cap. 10. n. 5. Væ Assur, virga furoris mei. fol. 283. col. 2.

Cap. 18. n. 2. Ite Angeli veloces ad gentem convulsam, & dilaceratam. fol. 379. col. 1.

Cap. 9. n. 2. Populus qui ambulabat in tenebris, vidit lucem magnam, habitantibus in regione umbræ mortis, lux orta est eis. fol. 382. col. 1.

Cap. 38. n. 1. Dispone domui tuæ, quia morieris tu, & non vives. fol. 425. col. 1.

Cap. 36. n. 6. Ecce confidis super baculum arundineum, cui si innixus fuerit homo, intrabit in manum eius, & perforabit eam &c. fol. 618 col. 1.

IEREMIAS.

Cap. 1. n. 7. Noli dicere puer sum: quoniam, ad omnia quæ mittam te, ibis. fol. 261. col. 2.

Cap. 48. n. 10. Maledictus qui fecit opus Domini fraudulē-

ter. fol. 296. & 367. col. 1.

Cap. 38. num. 13. Si exieris ad principes regis Babylonis, tradetur civitas hæc in manus Chaldæorum, & succendent eam igni, & tu non efugies de manu eorum. fol. 311. col. 1.

EZECHIEL.

Cap. 1. n. 1. Iuxta fluvium Chobar, aperti sunt cæli, & vidi visiones Dei. fol. 182. col. 2.

DANIEL.

Cap. 4. n. 8. Proceritas eius cōtingens cælum: aspectus eius usque ad terminos universæ terræ. fol. 98. col. 2.

Cap. 2. n. 48. Tunc Rex Danielem in sublime extulit, & munera multa, & magna dedit ei, &c. fol. 135. col. 1.

Cap. 12. n. 3. Fulgebunt quasi splendor firmamenti, & qui ad iustitiam erudiūt multos, quasi stellæ in perpetuas æternitates. fol. 366. col. 2.

Cap. 2. n. 34. Donec abscissus est lapis de monte sine manibus, & percussit statuam in pedibus eius ferreis, & fictilibus, & comminuit eos. fol. 463. col. 2.

Cap. 13. n. 45. Sulcitavit Dominus Spiritum sanctum pueri iunioris, cuius nomen Daniel. fol. 522. col. 2.

O Z E A S.

Cap. 2. n. 14. Ecce ego lactabo
os eam, & ducam eam in soli-
tudinem: & loquar ad cor eius.
fol. 115. col. 1.

Cap. 2. n. 14. Ducam eam in so-
litudinem: & loquar ad cor
eius. fol. 182. col. 2.

Cap. 11. n. 4. In funiculis Adam
raham eos, in vinculis cha-
ritatis. fol. 448. col. 2.

I O E L.

Cap. 2. n. 28. Et iuvenes vestri
visiones videbunt. fol. 261.
col. 2.

I O N A S.

Cap. 3. n. 4. Et capit Ionas in-
troire in civitatem itinere
diei unius, & clamavit, & di-
xit adhuc quadraginta dies,
& Ninive subvertetur. fol.
188. col. 2.

M I C H A E A S.

Cap. 1. n. 8. Super hoc plagam,
& ululabo: vadam spoliatus,
& nudus: faciam planctum
velut draconum. fol. 237.
col. 2.

Cap. 5. n. 2. Et tu Bethlehem
Ephrata parvulus es in milli-
bus Iuda, ex te mihi egredie-
tur, qui sit dominator in Is-
rael. fol. 612. col. 2.

MACHABÆORVM.

Cap. 11. n. 8. Cumque pariter

prompto animo procederet,
Ierosolymis apparuit præce-
dens eos eques in veste can-
dida, armis & aureis hastam
vibrans. fol. 90. col. 2.

M A T T H A E V S.

Cap. 6. n. 2. Cum facis eleemo-
synam, noli tuba canere ante
te, sicut hypocritæ faciunt in
synagogis, & vicis, ut honori-
ficentur ab hominibus. fol.
24. col. 2.

Cap. 17. n. 20. Hoc autem ge-
nus demoniorum non ejici-
tur, nisi per orationem, &
ieiunium. fol. 30. col. 1.

Cap. 26. n. 38. Tristis est anima
mea, usque ad mortem. fol.
62. col. 1.

Cap. 21. n. 5. Zach. c. 9. n. 9. Se-
dens super asinam, & pullum
filium eius subiugalis. fol.
67. col. 1.

Cap. 18. n. 24. Ecce motus mag-
nus factus est in mari, ita ut
navicula operiretur flucti-
bus, ipse vero dormiebat. fol.
68. col. 2.

Cap. 8. n. 21. Dimitte mortuos
sepelire mortuos suos. fol.
114. col. 2.

Cap. 21. n. 5. Ecce Rex tuus ve-
nit tibi mansuetus, sedens su-
per asinam, & pullum filium
subiugalis. fol. 137. col. 1.

Cap. 4. a. n. 1. Iesus ductus est in
desertum à spiritu ut tenta-
retur à diabolo. fol. 167.

col. 2. & fol. 183. col. 1.
 Cap. 13. n. 44. Simile est regnum. cælorum thesauro abscondito in agro: quem qui inuenit homo, abscondit & prægaudio illius vadit, & vendit universa, quæ habet, & emit agrum illum. fol. 189. col. 2.
 Cap. 25. n. 21. Intra in gaudium Domini tui. fol. 211. col. 2.
 Cap. 5. n. 8. Beati mundo corde: quoniam ipsi Deum videbunt. fol. 212. col. 1.
 Cap. 6. n. 4. Vt sit eleemosyna tua in abscondito, & n. 6. Intra in cubiculum tuum, & clauso ostio, ora patrem tuum in abscondito. fol. 229. col. 2.
 Cap. 5. n. 16. Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, & glorificent patrem vestrum qui in cælis est. fol. 229. col. 2.
 Cap. 24. n. 27. Sicut enim fulgur exit ab Oriente, & paret usque in occidentem. fol. 243. col. 1.
 Cap. 4. n. 22. Illi autem statim relictis retibus, & patre, secuti sunt eum. fol. 251.
 Cap. 7. n. 14. Quam angusta porta, & arcta via est, quæ ducit ad vitam: pauci sunt, qui inveniunt eam. fol. 273. col. 1.
 Cap. 6. n. 29. Nec Salomon in omni gloria sua coopertus

est sicut unum ex istis. fol. 297. col. 1.
 Cap. 26. n. 8. Vt quid perditio hæc? Et n. 9. Potuit enim unguentum istud vendari multo, & dari pauperibus. fol. 326. col. 1.
 Cap. 10. n. 23. Cum persequuntur vos in civitate ista, fugite in aliam. fol. 361. col. 1.
 Cap. 16. n. 17. Beatus est Simon Bariona quia caro, & sanguis non revelavit tibi, sed pater meus, qui in cælis est. fol. 363. col. 1.
 Cap. 20. n. 22. Nescitis quid petatis. fol. 363. col. 2.
 Cap. 5. n. 48. Estote ergo vos perfecti, sicut pater vester cælestis perfectus est. fol. 364. col. 2.
 Cap. 26. n. 67. Tunc expuerunt in faciem eius, & colaphis eum ceciderunt. fol. 392. col. 2.
 Cap. 10. n. 37. Qui amat patrem, aut matrem plusquam me, non est me dignus. fol. 403. col. 2.
 Cap. 17. n. 26. Wade ad mare, mitte hamum: & eum piscem, qui primus ascenderit, tolle: & aperto ore eius, invenies statèrem: illum sumens, da eis pro me, & te. fol. 462. col. 1.
 Cap. 26, n. 8. Videntes autem discipuli indignati sunt dicentes: ut quid perditio hæc? fol. 521. col. 2.

Cap. 9. n. 35. Et circuibat Iesus omnes civitates, & castella docens in synagogis eorum, & prædicans regnum Dei. fol. 559. col. 2.

Cap. 4. n. 18. Ambulans Iesus iuxta mare Galileæ, &c. ibidem.

M A R C V S.

Cap. 5. n. 7. Quid mihi, & tibi Iesu fili Dei altissimi? fol. 11. col. 2.

Cap. 1. n. 31. Continuò dimisit eam febris, & ministrabat eis. fol. 26. col. 1.

Cap. 4. n. 39. Cessavit ventus: & facta est tranquillitas magna. fol. 66. col. 2.

Cap. 6. n. 8. Et præcepit eis ne quid tollerent in via, nisi virgam tantum, non peram, non panem, neque Zonâ æs, &c. fol. 134. col. 1.

Cap. 10. n. 21. Vade, quæcûmque habes vende, & da pauperibus, & habebis thesaurum in cælo: & veni sequere me. fol. 251. col. 1.

Cap. 11. n. 23. Quicûmque dixerit huic monti: Tollere, & mittere in mare, non hesitaverit in corde suo, sed crediderit, quia quodcûmque dixerit fiat, fiet ei. fol. 253. col. 1.

Cap. 4. n. 17. Non habent radicem in se, sed temporales sunt. fol. 256. col. 2.

Cap. 6. n. 3. Nonne hic est faber, filius Mariæ, frater Iacobi, & Ioseph, &c. fol. 327. col. 2.

Cap. 6. n. 18. Non licet tibi habere uxorem fratris tui. fol. 343. col. 1.

Cap. 8. n. 33. Vade retro me Satana, quoniam non sapis quæ Dei sunt, sed quæ sunt hominum. fol. 363. col. 1.

Cap. 15. n. 39. Videns autem centurio, qui ex adverso stabat, quia sic clamâs expirasset, ait: verè hic homo filius Dei erat. fol. 537. col. 2.

L V C A S.

Cap. 14. n. 26. Si quis venit ad me, & non odit patrem suum, & matrem, & uxorem, & filios, & fratres, & sorores, adhuc autem, & animam suam, non potest meus esse discipulus. fol. 37. col. 1. & fol. 303. col. 2.

Cap. 6. n. 14. Elegit duodecim ex eis, quos & Apostolos nominavit. fol. 42. col. 2.

Cap. 22. n. 44. Et factus est sudor eius sicut guttæ sanguinis decurreris in terram. fol. 62. col. 1.

Cap. 16. n. 9. Facite vobis amicos de māmōna iniquitatis, ut cū defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula. fol. 83. col. 2.

Cap. 24. n. 18. Tu solus peregrinus

nus

- nas in Hierusalē, & nō cognovisti, quæ facta sunt in illa, his diebus. fol. 91. col. 1.
- Cap. 13. n. 24. Contendite intrare per angustam portam. fol. 101. col. 2.
- Cap. 15. n. 5. & 6. Et cūm invenerit eam, imponit in humeros suos gaudens: & veniens domum convocat amicos, & vicinos, dicens illis congratulamini mihi, &c. fol. 110. col. 2.
- Cap. 6. n. 29. Qui te percusserit in maxillam, præbe illi, & alteram. fol. 152. col. 2.
- Cap. 15. n. 19. Surgam, & vadam ad patrem meum. fol. 170. col. 1.
- Cap. 15. n. 18. & 19. Pater peccavi in cælum, & coram te iam non sum dignus vocari filius tuus. fol. 171. col. 2.
- Cap. 5. n. 7. Et annuerūt socijs, qui erant in alia navi, ut venirent, & adiuverent eos. fol. 222. col. 1.
- Cap. 23. n. 11. Sprevit autem illum Herodes cum exercitu suo. fol. 234. col. 2.
- Cap. 7. n. 38. Et stans retrò secus pedes eius, lachrymis cæpit rigare pedes eius, & capillis capitis sui tergebat, & osculabatur pedes eius, & unguento ungebat. fol. 236. col. 1.
- Cap. 23. n. 28. Nolite flere super me, sed super vos ipsas flete, & super filios vestros. fol. 267. col. 2.
- Cap. 22. n. 42. Non mea voluntas, sed tua fiat. fol. 293. col. 2.
- Cap. 23. n. 46. Pater in manus tuas commendo spiritū meū. fol. 301. col. 1.
- Cap. 4. n. 43. Quia & alijs civitatibus oportet me evangelizare regnum Dei: quia idē missus sum. fol. 340. col. 1.
- Cap. 11. n. 8. Propter improbitatem tamen eius surgēt, & dabit illi quotquot habet necessarios. fol. 343. col. 2.
- Cap. 23. n. 48. Percutientes pectora sua revertebantur. fol. 345. col. 2.
- Cap. 17. n. 10. Cum feceritis omnia, quæ præcepta sunt vobis, dicite: servi inutiles sumus. fol. 373. col. 2.
- Cap. 5. n. 3. Et sedens docebat de navicula turbas. fol. 559. col. 2.

IOANNES.

- Cap. 5. n. 9. Et statim sanctus factus est homo ille: & sustulit grabatum suum, & ambulabat. fol. 26. col. 1.
- Cap. 19. n. 28. Ut consumaretur scriptura, dixit: Sitio. fol. 72. col. 2.
- Cap. 20. n. 15. Illa existimans, quia hortulanus esset, dicit ei: Domine si tu sustulisti eum, dicito mihi ubi posuisti.

cum.

eum fol. 9 r. col. 1.
 Cap. 4. n. 34. Meus cibus est ut
 faciam voluntatem eius, qui
 misit me, ut perficiam opus
 eius. fol. 103. col. 1. & fol.
 155. col. 2.
 Cap. 8. n. 48. Non ne benè di-
 cimus nos, qui Samaritanus
 est tu, & dæmonium habes?
 fol. 106. col. 1.
 Cap. 3. n. 10. Tu es Magister
 in Israel, & hæc ignoras? fol.
 110. col. 1.
 Cap. 13. n. 7. Quod ego facio,
 tu nescis modò, scies autem
 postea. fol. 110. col. 2.
 Cap. 12. n. 19. Ecce mundus
 totus post eum abiit. fol. 163
 col. 1.
 Cap. 17. n. 3. Hæc est autem
 vita æterna: ut cognoscant
 te, solum Deum verū, & quē
 misisti Iesum Christum. fol.
 180. col. 1.
 Cap. 1. n. 41. Invenit hic pri-
 mum fratrem suum Simonē,
 & dixit ei: invenimus Mes-
 siam (quod est interpretatum
 Christus) fol. 200. col. 2.
 Cap. 4. n. 7. Da mihi bibere
 &c. & n. 14. Fiet in eo fons
 aquæ salientis in vitam æ-
 ternam. & n. 35. Et venit
 messis: Ecce dico vobis: leva-
 te oculos vestros, & videte re-
 giones, quia albæ sunt iam
 ad messem. fol. 205. col. 1.
 Cap. 16. n. 7. Expedit vobis ut
 ego vadam: si enim non ab-
 iero, Paraclytus non veniet

ad vos: si autem abiero, mit-
 tam eum ad vos. fol. 208.
 col. 1.
 C. 10. n. 9. Per me si quis intro-
 ierit salvabitur: & ingredie-
 tur, & egredietur, & pascua
 inveniet. fol. 212. col. 1.
 Cap. 19. n. 30. Et inclinato ca-
 pite tradidit spiritū. fol. 227.
 col. 1.
 Cap. 14. n. 28. Si diligeretis me
 gauderetis utique, quia vado
 ad patrem. fol. 267. col. 2.
 Cap. 18. n. 9. Quos dedisti mi-
 hi, non perdidisti ex eis quem-
 quam. fol. 311. col. 2.
 Cap. 12. n. 15. Ecce Rex tuus
 venit sedens super pullū as-
 inæ. fol. 314. col. 1.
 Cap. 4. n. 40. Cū venissent er-
 go ad illum Samaritani, ro-
 gaverunt eum ut ibi mane-
 ret. fol. 336. col. 1.
 Cap. 15. n. 12. Hoc est præcep-
 tum meum ut diligatis invi-
 cem sicut dilexi vos. fol. 370
 col. 1.
 Cap. 10. n. 24. Circumiderunt
 eum Iudæi. fol. 389. col. 1.
 Cap. 12. n. 4. Dixit ergo unus
 ex discipulis eius Iudas Isca-
 riores, qui erat eum traditu-
 rus, quare hoc unguentum
 non venijt &c. fol. 521. col. 2.
 Cap. 5. n. 35. Ille erat lucerna
 ardens, & lucens. fol. 535.
 col. 2.
 Cap. 12. n. 25. Qui odit animam
 suam in hoc mundo, in vi-
 tam æternam custodit eam,
 fol.

fol. 547. col. 1.

Cap. 1. n. 47. Ecce verè Israe-
lita in quo dolus non est. fol.
492. col. 2.

Cap. 16. n. 7. Expedit vobis
ut ego vadam. fol. 574.
col. 2.

Cap. 1. n. 46. A Nazareth po-
tèst aliquid boni esse? fol.
612. col. 2.

Cap. 9. n. 26. Dixerunt ergo illi
quid fecit tibi &c. Respon-
dit illis, dixi vobis iam, & au-
distis. &c. fol. 622. col. 1.

ACTA APOST.

Cap. 9. a. n. 6. Domine quid me
vis facere? fol. 5. col. 1. & fol.
37. col. 1. & fol. 28. 1 col. 2. &
fol. 293. col. 2.

Cap. 5. n. 15. Vt veniente Pe-
tro, saltem umbra illius obū-
braret quemquam illorum,
& liberarentur ab infirmita-
tibus suis. fol. 5. col. 2.

Cap. 17. a. n. 24. Ne timeas Pau-
le, Cæsari te oportet assiste-
re: Ecce donavit tibi Deus
omnes qui navigant tecum.
fol. 8. col. 2.

Cap. 1. n. 26. Et dederunt sor-
tes eis, & cecedit sors super
Mathiā, & annumeratus est
cum undecim Apostolis. fol.
32. col. 2.

Cap. 16. n. 9. Visio per noctem
Paulo ostensa est: vir Mace-
do quidam erat stans, & de-
precans eum, & dicens: Trā-

siens in Macedoniam adiuva
nos. fol. 35. col. 2.

Cap. 10. n. 11. & 12. Velut lin-
teum magnum, in quo erant
omnia quadrupedia, & serpē-
tia terræ, & volatilia cæli.
fol. 63. col. 1.

Cap. 2. n. 11. Audivimus eos lo-
quentes in nostris linguis
magnalia Dei. fol. 98. col. 1.

Cap. 4. n. 32. Erat cor unum, &
anima una. fol. 99. col. 2. &
fol. 157. col. 1.

Cap. 22. n. 3. Secus pedes Ga-
malielis eruditus iuxta veri-
tatem paternæ legis, sicut &
vos omnes estis hodie. fol.
110. col. 1.

Cap. 6. n. 15. Viderunt faciem
eius, tamquam faciem ange-
li. fol. 164. col. 1.

Cap. 5. n. 42. Omni autem die
non cessabant in templo, &
circa domos docentes, & e-
vangelizantes Christum Ie-
sum. fol. 188. col. 2.

Cap. 9. n. 20. Et continuo in
synagogis prædicabat Iesum,
quoniam hic est filius Dei.
fol. 198. col. 2.

Cap. 9. n. 3. Et subito circūfulsit
eum lux de cælo. fol. 281
col. 2.

Cap. 18. n. 3. Et quia eiusdem
erat artis, manebat apud
eos, & operabatur: erant au-
tem scenofactoriæ artis. fol.
327. col. 1.

Cap. 20. n. 34. Quoniam ad ea,
quæ mihi opus erant, & his

qui

qui mecum sunt ministraverunt manus istæ. fol. 327. col. 1.

Cap. 5. num. 41. Illi quidem ibant gaudentes à conspectu concilij, quoniam digni habitus sunt pro nomine Iesu contumeliam pati. fol. 360. col. 2.

Cap. 10. num. 38. Qui pertransijt benefaciendo, & sanando omnes oppressos à diabolo, quoniam Deus erat cum illo. folio 380. col. 2.

Cap. 8. n. 20. Pecunia tua tecum sit in perditionem: quoniam donum Dei existimasti pecuniâ possideri. fol. 458. col. 2.

Cap. 20. num. 37. Dolentes maximè in verbo, quod dixerat, quoniam ampliùs faciẽ eius non essent visuri. fol. 469. col. 2.

Cap. 18. num. 3. Erant autem scenofactoriæ artis. fol. 479. column. 2.

AD ROMANOS.

Cap. 11. n. 34. Quis enim cognovit sensum Domini? aut quis consiliarius eius fuit. fol. 149. col. 1.

Cap. 10. num. 12. Non enim est distinctio Iudæi, & Græci: nam idem Dominus omnium, dives in omnes, qui

invocant illum. fol. 157. col. 1.

Cap. 1. n. 20. Invisibilia enim ipsius, à creatura mundi, per ea, quæ facta sunt, intellecta, conspiciuntur. fol. 180. col. 1.

Cap. 11. num. 16. Et si radix sancta, & rami. fol. 257. col. 2.

Cap. 8. n. 18. Existimo quod non sunt condignæ pæssiones huius temporis ad futuram gloriam, quæ revelabitur in nobis. fol. 366. col. 2.

Cap. 12. num. 1. Rationabile obsequium vestrum. folio 368. col. 2.

AD CORINTH. 1.

Cap. 15. n. 9. Ego enim sum minimus Apostolorum, qui non sum dignus vocari Apostolus, quoniam persecutus sum ecclesiam Dei. fol. 43. col. 2.

Cap. 9. num. 22. Omnibus omnia factus sum, ut omnes facerem salvos. fol. 71. col. 1.

Cap. 4. num. 9. Spectaculum facti sumus mundo, & angelis, & hominibus. fol. 90. col. 1.

Cap. 13. n. 7. Charitas omnia suffert, omnia sperat. fol. 181. col. 1.

Cap. 2. num. 15. Spiritualis homo omnia iudicat, & ipse à nemine iudicatur. fol. 190. col. 1.

Cap. 2. num. 14. Animalis autem homo non percipit ea, quæ sunt spiritus Dei. fol. 239. col. 1.

Cap. 6. n. 12. Omnia mihi licet, sed non omnia expediunt. fol. 241. col. 2.

Cap. 2. n. 2. Non enim iudicavi me scire aliquid inter vos, nisi Iesum Christum, & hunc crucifixum. fol. 255. col. 2.

Cap. 15. n. 52. In novissima tuba, canet enim tuba, & mortui resurgent incorrupti. fol. 338. col. 2.

Cap. 13. n. 11, & 12. Quando autem factus sum vir evacuavi, quæ erant parvuli. fol. 371. col. 2.

Cap. 3. num. 6. Ego plantaui, Apollo rigavi: sed Deus incrementum dedit. fol. 470. col. 2.

Cap. 13. num. 4. Charitas patiens est, benigna est. fol. 475. col. 1.

Cap. 13. a num. 2. Et si habuerō prophetiam, & noverim mysteria omnia, & omnem scientiam; & si habuerō omnem fidem, ita ut montes transferam; charitatem autem non habuerō, nihil sum. fol. 614. col. 1.

Ad CORINTH. 2.

Cap. 12. n. 2. Scio hominem in Christo ante annos quatuordecim (sive in corpore nescio, sive extra corpus nescio, Deus scit) raptum huiusmodi usque ad tertium cælum. fol. 23. col. 2.

Cap. 11. n. 26. Periculis in civitate, periculis in solitudine, periculis in mari: &c. fol. 71. col. 1.

Cap. 11. n. 25. Ter naufragium fecis: nocte, & die in profundo maris fui. folio 116. col. 1.

Cap. 8. num. 23. Confidentia multa in vos, sive pro Tito, qui est socius meus, & in vos adiutor, sive fratres nostri Apostoli ecclesiarum gloria Christi. folio 123. col. 2.

Cap. 10. n. 3. In carne enim ambulantes, non secundum carnem militamus. fol. 158. col. 1.

Cap. 10. n. 5. In captivitatem redigentes omnem intellectum in obsequium Christi. fol. 180. col. 2.

Cap. 11. n. 28. Instantia mea quotidiana, sollicitudo omnium ecclesiarum. fol. 255. col. 1.

Cap. 10. n. 4. Arma militiæ nostræ non carnalia sunt, sed potentia Deo, ad destructionem

nsuntionum. fol. 255. column. 2.

Cap. 4. n. 17. Momentaneum & leve tribulationis nostræ, supra modum in sublimitate æternæ gloriæ pondus operatur in nobis. fol. 274. col. 2.

Cap. 6. num. 15. Aut quæ societas luci ad tenebras? quæ autem conventio Christi ad Belial. fol. 360. col. 1.

Cap. 11. n. 14. Ipse enim Sathanas transfiguratur se in angelum lucis. folio. 520. col. 2.

Cap. 12. n. 9. Virtus in infirmitate perficitur. fol. 595. col. 2.

Ibidem. n. 10. Cum infirmor tunc potens sum. fol. 595. col. 2.

AD GALATAS.

Cap. 5. n. 13. Per charitatem spiritus servite invicem. fol. 99. col. 2.

Cap. 1. n. 10. Si adhuc hominibus placërem, Christi servus non essem. fol. 189. col. 1.

Cap. 4. num. 4. Misit Deus filium suum, factum ex muliere, factum sub lege. fol. 378. col. 2.

Cap. 1. num. 16. Continuo non acquievi carni, & sanguini. fol. 592. col. 1.

AD EPHESIOS.

Cap. 4. n. 23. Renovamini autem spiritum mentis vestræ. fol. 296. col. 2.

AD PHILIPP.

Cap. 3. n. 20. Nostra autem conversatio in cælis est. fol. 8. col. 1.

Cap. 4. n. 3. Adiuva illas, quæ mecum laboraverunt in Evangelio cū Clemente, & cæteris adiutoribus meis, quorum nomina sunt in libro vitæ. fol. 123. col. 1.

Cap. 3. n. 8. Propter quem omnia detrimentum feci, & arbitror ut stercora, ut Christum lucrifaciam. fol. 216. col. 2.

Cap. 2. n. 7. Semeptipsum exinanivit, formam servi accipiens, in similitudinem hominem factus, & habitum inventus ut homo. fol. 216. col. 2.

Cap. 1. n. 23. Desiderium habēs dissolvi, & esse cum Christo. fol. 300. col. 2.

Cap. 3. n. 13. Quæ retrò sunt obliviscens, ad ea verò, quæ sunt priora extendens me ipsum. fol. 365. col. 2.

Cap. 2. num. 8. Factus obediens, usque ad mortem, mortem autem crucis. fol. 492. col. 1.

Cap. 3. n. 20. Nostra autem cō-
versatio in cælis est. fol. 565.
col. 1.

AD COLOSSENSES.

Cap. 3. n. 30. Mortui enim estis,
& vita vestra abscondita est
cum Christo in Deo. fol. 7.
col. 2.

Cap. 3. num. 9. Nolite menti-
ri invicem, expoliantes vos
vererem hominem cum ac-
tibus suis, & induentes nō-
vum, eum qui renovatur in
agnitionem, secundum ima-
ginem eius, qui creavit il-
lum. fol. 230. col. 1. & fol.
297. col. 2.

AD THESSALONIC. 2.

Cap. 3. n. 10. Qui non vult o-
perari nec manducet. fol.
155. col. 2.

AD TIMOTH. 1.

Cap. 4. n. 2. Cauteriatam ha-
bentium suam conscientiam.
fol. 343. col. 2.

Cap. 3. n. 1. Si quis Episcopa-
tum desiderat, bonum opus
desiderat. fol. 418. col. 1.

AD TIMOTH. 2.

Cap. 4. n. 2. Insta opportune,

importune: argue, obsecra,
increpa in omni patientia.
fol. 343. col. 1.

Cap. 2. n. 5. Non coronatur, nisi
legitimè certaverit. fol. 367.
col. 1.

AD HEBRÆOS.

Cap. 12. num. 2. Qui propo-
sito sibi gaudio sustinuit cru-
cem, confusione contemp-
tā, atque in dextera sedis
Dei sedet. folio. 88. co-
lumn. 2.

Cap. 11. num. 37. Circuierunt
in melotis, in pellibus ca-
prinis, egentes, angustiiati,
afflicti, quibus dignus non
erat mundus. folio. 240.
col. 1.

Cap. 4. num. 12. Penetrabilior
omni gladio ancipiti, & per-
tingens usque ad divisio-
nem animæ, atque spiritus,
compagum quoque, ac me-
dullarum. fol. 423. col. 1.

Cap. 12. n. 4. Nondum enim
ad sanguinem restitistis. fol.
560. col. 1.

APOCALYPSIS.

Cap. 21. num. 11. Habentem
claritatem Dei, & lumen e-
ius simile lapidi pretioso,
tamquam lapidi iaspidis, si-
cut crystallum. Et num. 18.
Ipsa verò civitas aurum

mundum simile vitro mun-
do. fol. 157. col. 2.

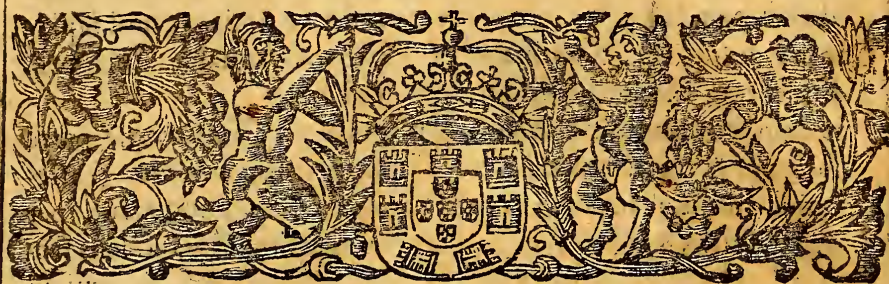
Cap. 21. num. 27. Non intra-
bit in eam aliquod coinqui-
natum, aut abominationem
faciens, & mendacium, nisi
qui scripti sunt in libro vitæ
Agni. fol. 158. col. 1.

Cap. 21. n. 25. Et portæ eius
non claudentur per diem:
nox enim non erit illic. fol.
273. col. 1.

Cap. 21. n. 19. Et fundamenta
muri civitatis, omni lapide
pretioso ornata. fol. 320.
col. 2.

Cap. 22. n. 2. Ex utrâque parte
fluminis lignum vitæ, affe-
rens fructus duodecim, per
menses singulos reddens fru-
ctum suum, & folia ligni ad
sanitatem gentium. fol. 442.
col. 2.





INDICE

DAS COVSAS MAIS

NOTAVEIS DESTA

CHRONICA.

A

Abelhas.

SAhé hum enxame de Abelhas no principio das obras do Collegio de Coimbra. fol. 318. n. 7.

Adolpho, Conde de Alzaha.

Faz buma notavel mortificação. fol. 240. n. 2.

Rey D. Affonso Henriques.

Sárou milagrosamente no mosteiro de Carquere, por intercessão de nossa Senhora.

fol. 77. n. 4. & 5.

Deo o mosteiro de Carquere

aos conegos regrantes de S. Agostinho. fol. 78. n. 5.

Affonso Barrero.

Como se moveo a entrar na Companhia. fol. 213. n. 2.

Seus graudes excessos do amor do proximo. fol. 214. n. 3.

Notavel traça, que toma, pera ajudar aos proximos. fol. 215. n. 5.

Fazse moço da ceirinha. fol. 216. n. 6.

Do bom successo, que teve nesta sua sancta pretençam. fol. 217. n. 9.

Toma outra notavel traça, pera acodir a hum clerigo de vida escádaloza. fol. 217. n. 10.

Reprehende ao clerigo, mas não lhe succede bê. fol. 218. col. 1.

Con-

Converte a huma peccadora.
ibidem.

Morre sanctamente. fol. 218.
num. 12.

Dom Affonso d'Alencastre.

Foy embaixador em Roma; fe-
steja muito ao P. M. Simam.
fol. 507.n. 3.

Escrevelhe alRey sobre a hida
do Padre. Mestre Simam.
fol. 584.

Dom Affonso de Noronha.

Pede ao Padre mestre Simam
ponha obediencia expressa
aos nossos missionarios, de se
contentarem somente com
visitar os pobres cativos. fol.
381.n. 4.

Alcança seguro do Alcaide A-
cém, pera os Padres entra-
rem dentro em Tituam.
ibidem.

Padre Affonso Bras.

Homem de grande virtude, &
superior dos mais missiona-
rios no Brasil. fol. 495.n. 10.

Padre Affonso Cypriano.

Vay em missam à India. fol.
250. n. 2.

Denuncia hum caso notavel,
contra huns peccadores. fol.
258.n. 4. & 5.

Agoa.

Agoa salgada tornada doce mi-
lagrosamente por Sam Fran-

cisco de Xavier. fol. 69.n. 5.

Algarve.

O Bispo do Algarve pede mis-
sam dos nossos Padres, pera
aquelle Reyno. fol. 558.n. 5.

Torna ao Algarve o Padre Gô-
çalo Vaz de Mello, & o que
nelle lhe succedeo. à fol. 558.
à n. 5.

Almeirim.

Vam os Padres S. Francisco de
Xavier, & mestre Simam a
Almeirim. fol. 47.n. 5.

Ambrosio Ferreira.

Trata de entrar na Cõpanhia.
fol. 233.n. 6.

Como o provou na vocaçam o
Padre mestre Simam. ibi.
num. 7.

Traz huma cãveira na mam-
he recebido na Cõpanhia.
ibi. n. 10.

America.

Assim se chama o mundo novo,
por causa de Americo Ves-
putio. fol. 430.n. 4.

Ambiçam.

Grandes males, que vê ao mun-
do, causados pela ambiçam.
fol. 120.n. 6.

He vicio muito sutil. ibidem.
num. 7.

Perturba aos religiosos. ibidem

Amor.

Amor de Deos excita o conhecimento do mesmo Deos. fol. 180. n. 2.
 O amor de Deos he o alvo a que atiram os exercicios espirituaes. fol. 181. n. 3.

Padre André de Oviedo.

Entra na Companhia. fol. 161. num. 3.
 Vay de Coimbra a fundar o Collegio de Gândia. lib. 1. c. 42.
 Foy Reytor no Collegio de Gândia. fol. 502. n. 5.
 Tem grande cuydado do Padre Dom Gonçalo da Sylveira, & seus companheiros. fol. 502. n. 5.

Sancto Antam.

Mosteiro de S. Antam de Lisboa, foyejo a S. Antam de Benespera. fol. 80. n. 8.
 Frey Ambrosio Pereira, commeridador de S. Antam de Benespera. fol. 80. n. 8.
 Obrigações, que temos a S. Antam. fol. 81. n. 1.
 Primeira casa, que tivemos em Lisboa. ibi.
 Dãse noticia dos mosteiros, & frades de Sancto Antam. ibidem.
 Sancto Antam de Benespera, aonde estava? fol. 83. n. 4.
 Primeiro mosteiro de sancto

Antam de Lisboa. fol. 83. n. 5.

Seu sitio, & sua fundaçam. ibid. Como se extinguiram os mosteiros de sancto Antam. fol. 84. n. 7. & 8.

Mudase pera sancto Antam o Padre mestre Simam. fol. 85. n. 9.

Em sancto Antam começam os nossos a exercitar os ministerios da Companhia. fol. 85. n. 10.

Do estado em que achamos o mosteiro de sancto Antam. fol. 86. n. 11.

Variedade de nomes, que teve o mosteiro de sancto Antam o velho. fol. 87. n. 13.

Mudança pera S. Antam o novo. ibidem. n. 12.

Sancto Antam de Benespera.

Como se unio á Companhia este mosteiro. in perpetuum? fol. 228. n. 8.

Dom Antonio de Ataide.

Dom Antonio de Ataide, primeiro Conde da Castanheira, veador da fazenda. fol. 53. n. 2.

Quem foram seus pays. fol. 53. n. 5.

Foy grande valido del Rey Dõ Ioam o terceiro. fol. 53. numero. 5. verso.

Suas boas partes, & muitas vir-

tudes. fol. 54. n. 5.

Foy muy defentereçado. ibidẽ.
Grande amigo de Sam Francisco de Xavier, & do Padre mestre Simam. fol. 55. n. 6.

Padre Antonio Criminal.

Embarcase o Padre Antonio Criminal, pera a India, na nao Burgalesa. fol. 223. n. 4.

He mandado por superior dos nossos, na costa da Pescaria, pelo S. P. Francisco de Xavier. fol. 225. n. 7.

Toda esta costa corréo a pê, & descalço. ibidem.

O P. Antonio Criminal quarẽta vezes cada dia se ajoelhava, à imitação do Apostolo S. Bertholamêo. ibidem.

Como foy alanceado? fol. 227. n. 9.

Crueldades feitas pelos barba-ros depois de morto. ibi-
dem. num. 10.

Antonio Correa.

Entra na Companhia. fol. 115.
num. 11.

Antonio de Araújo.

Foy pessoa muito grave, parẽte de sancto Ignacio; he mãdado pera Portugal. fol. 193.
n. 1.

He bem recebido delRey, prẽga em Almeirim &c. ibidẽ.

Antonio Gomes.

Doutor Theologo; entra na Companhia. fol. 196. n. 6.

Antonio de Quadros.

Entra na Companhia. fol. 166.
n. 9.

Suas boas partes, talentos, & mortificação. ibidem.

Irmão Antonio Monis.

Entra na Companhia. fol. 166.
n. 1.

Tentase na vocação. fol. 167.
n. 1.

Quer viver sempre peregrinã-
do. ibidem.

Resistelhe o P. M. Simam. ibi-
dem. n. 2.

Foge do Collegio de Coimbra,
fol. 168. n. 3.

Arrependese da fugida. fo. 169.
n. 3.

Vese em grandes afflicções.
fol. 169. n. 4.

Vay em peregrinação a Mon-
ferrate. ibidem. n. 5.

Arrependese de ter fugido da
Religião. fol. 169. n. 5.

Resolve-se em hir a Roma a bus-
car a sancto Ignacio. f. 170.
n. 6. & 7.

Compaixão, que delle teve S.
Ignacio. fol. 171. n. 8.

Suas penitencias. ibidem.

Torna a ser recebido na Com-
panhia. fol. 171. n. 8.

Sua ultima doença, & morte.
fol. 171. n. 9.

Fr. Antonio Moniz.

Reformador de Tomar , faz
grandes comprimentos ao
Padre mestre Simam. fol.
137. n. 3.

Padre Antonio de Heredia.

Foy à missam da India, & là tra-
balhou muito. fol. 555. n. 8.

Dom Antonio.

Filho do Infante Dom Luis, te-
ve por mestre frey Bertho-
lamêo dos Martyres. fol.
513. num. 8.

Anjos.

Apparecem em diversas figuras.
fol. 90. n. 5.

Annunciada.

Mosteiro d'Annunciada, funda-
do pela Rainha Dona Leo-
nor. fol. 80. n. 7.

Animaes.

Grande variedade, & novidades
nos animaes do Brasil. fol.
443. num. 9.

Apostolos.

Chamam em Lisboa Apostolos
aos Padres Sam Francisco de
Xavier, & Simam Rodrigues.
fol. 42. n. 4.

Nam temos direito pera nos
chamarmos Apostolos. fol.
43. n. 6.

Obrigaçoens, que consigo traz
este nome. fol. 44. n. 6.

Arvore.

Grande variedade de arvores
fructíferas no Brasil. fol. 443
n. 8.

Aves.

Notavel diversidade nas aves
do Brasil. fol. 443. n. 10.

Huma ave, por nome Garraci-
cam, admiravel em cores.
ibidem.

Tangará, ave de muy notavel
instincto. fol. 444. n. 11.

B.

Bahia de todos os Sanctos.

Como foy principiada esta Ca-
pitania. fol. 432. n. 7.

Balthazar Gago.

Foy grande Apostolo no Ia-
pam. fol. 391. n. 3.

Padecéo muitos trabalhos, &
foy cōdenado à morte. ibidē.

Balthazar de Faria.

Embaixador d'el Rey D. Ioam
em Roma, a quem temos
particulares obrigaçoens.
fol. 507. col. 1.

Padre Bertholamêo Ferram.

Vay a Roma. fol. 348. n. 4.

Falo sancto Ignacio ministro da
casa professa, & depois seu

secre-

secretario immediato, ibi-
dem.

Morreo de huma febre ethica
em Roma: ibidem.

Teve notavel resignaçam nas
mãos da sancta obediencia.
fol. 349. n. 4.

Fr. Bertholameo dos Martyres.

Fundou o Collegio de Braga.

fol. 533. n. 3.

Grande conceito, que tinha do
Padre Manoel Fernandes.

Vide P. Manoel Fernandes.

Dizia da Companhia, que atè
os irmãos cefinheiros lhe
mandassem prégar pelos lu-
gares de seu Arcebisado.

fol. 533. n. 3.

Barbaros.

Vide Brasís.

Batel.

Batel desaparecido, torna daly
a tres dias apparecer, por in-
tercessam de Sam Francisco
de Xavier. fol. 67. n. 3.

Bandos.

Bandos, entre Religiosos, sam
muy prejudiciaes. fol. 120.
num. 6. in fine.

Padre Bernardino dos Reis.

Bernardido dos Reis recebido
na Companhia, he muitos
annos procurador da India.

fol. 85. num. 9.

Belchior Nunes Barreto.

Entra na Companhia Belchior

Nunes Barreto. fol. 109. n. 1.

Provaõ o Padre mestre Simam
com huma mortificaçam.

fol. 110. n. 2.

Fazse Doutor em Theologia.

fol. 110. n. 2.

Lieva ás costas hum carneiro
por propina a hum Doutor.

fol. 110. n. 2.

Foy grande servo de Deos na

India. fol. 111. n. 3. Vide lite-

ra M. Melchior Nunes Bar-

reto.

Belchior Carneiro.

Entra na Companhia. fol. 112.

num. 5. Vide litera M. Mel-

chior Carneiro.

Bordam.

Bordam milagroso do P. M. Si-

mam. à fol. 615. an. 4.

Brasil.

Em que anno se descobrio. fol.
430. n. 3.

Em que modo se puzeram as
coufas do Brasil em seu prin-
cipio. ibidem. n. 2.

Manda elRey Dom Manoel a
descobrir a costa do Brasil.

ibidem. n. 4.

Chamase Brasil, por causa de hũ
pão, que nelle hà assim cha-
mado. ibidem. n. 2.

Trata elRey Dom Manoel de povoar o Brasil. fol. 431. n. 4.

Occupamse os Padres em fazer por suas mãos hũa Igreja no Brasil. fol. 431. n. 2.

Largam esta Igreja a pessoa sufficiente cura de almas, indose elles mesmos a morar entre os gentios. ibidem.

Tratam os Padres da conversam d'aquelles gentios. ibidem. n. 3.

Como os Indios começaram a se fiar dos Padres. f. 452. n. 5.

Impedem os Padres a festa da morte de hum Tapuya. fol. 453. n. 6.

Amotinamse os barbaros contra os Padres. ibidem n. 7.

Tornam os Padres a tirarlhe a presa das mãos. ibidem.

Tornam os barbaros a se amotinar. fol. 454. n. 7.

Aquieta o governador este motim. ibidem n. 8.

Como sua Alteza entregou à Companhia a convertam do Brasil. fol. 435. n. 1.

Prática do Padre M. Simam a elRey sobre hir ao Brasil. ibid. n. 2.

Pede o Padre mestre Simam licença pera hir ao Brasil. fol. 436. n. 3.

Como alcançou licença, & deo conta d'esta pretençam ao nosso sancto Padre Ignacio. ibid. n. 4.

Como se desfez a sua hida, re-

sistindo a ella os mais padres da provincia. fol. 437. n. 6.

Vay pera o Brasil o padre Manoel de Nobrega, com mais cinco companheiros. ibidem.

n. 7. Chegam os padres ao Brasil. fol. 438. n. 8.

Começase a cidade da Bahia, arvorando primeiro os nossos huma fermosa cruz em hum campo razo. ibid.

Altura em que fica o Brasil. fol. 439. n. 2.

Serras, que dividem o Brasil do Perú. fol. 440. n. 3.

Louvores da terra do Brasil. ibidem n. 4.

Como he o Brasil fresco, & abundante. ibid. n. 5.

Brasis.

Comeram a huns frades, & vestiramse em seus habitos. fol. 434. n. 11.

Como estes barbaros foram mortos pelos Portugueses. ibidem.

Quam ignorante, & barbara gente sejam. fol. 445. n. 1.

As molheres Brasis sam as que trabalham. fol. 446. n. 2.

Como se enfeita esta gente. fol. 447. n. 4.

Nam tem fé, ley, nem Rey. ibid. n. 5.

Das ceremonias, que uzam, quando trazem algũ Tapuya cativo. fol. 448. n. 6.

Do modo, & grande festa, que fazem, quando trazem o Tapuya pera o matarem. *ibid.* n. 7.

Como mudaram estes barbaros seus costumes brutaes.

fol. 456. n. 11.

Os Brasís, estam hoje domesticados. fol. 457. n. 2.

C

Cabo de S. Vicente.

Chamayase antigamente Sacro.

fol. 488. n. 5.

Cabo de boa Esperança, dizem alguns, que he quasi ilha.

fol. 352. n. 3.

Carlos Magno.

Teve tres filhos Religiosos. fol.

403. num. 3.

Capitanias.

Capitanias do Brasil, a primeira foy de S. Vicente. fol. 431

n. 4.

Capitania do Espiritu sancto, foy povoada por Valco Fernandes Coutinho. *ibidem.*

n. 6.

Capitania de Porto seguro, povoada por Pero de Campos Lourinho, foy queimada por duas vezes. fol. 432. n. 6.

Cativos.

Grandes trabalhos dos cativos em Berberia. fol. 383. n. 9.

Lugares soterraneos, aonde estã os cativos. fol. 384. n. 10.

Pratica o P. Ieã Nunes aos cativos. *ibidem.*

Castigo.

Castigo, que Deos deo a huma peccadora, que tornou a re- cahir nos mesmos peccados.

fol. 459. á n. 6.

Castigo, que deo o padre mestre Simam a huns que escre- veram sem licença. fol.

332. num. 8.

Cassimiro.

O Infante Cassimiro, irmam do serenissimo Rey de Polonia, he religioso da Companhia. fol. 400. n. 4.

Carquere.

Dá el Rey à Companhia o mo- steiro de Carquere. fol. 77.

n. 3.

Foy fundado pelo Conde Dõ Henrique. *ibid.* n. 4.

Milagre, que nossa Senhora fez neste mosteiro. *ibid.* n. 5.

Trocasse este mosteiro pela Cõ- menda de S. Antam. fol. 81.

num. 9.

Caranguejo.

Trazao P. S. Francisco de Xa- vier hum crucifixo, que lhe cahio no mar. fol. 66. n. 1.

Castigo.

Castiga Deos a hum peccador blasfemo. fol. 347. n. 1.

Castiga a outro, q poz as mãos
no Padre Leão Henriques.
fol. 283. n. 12.

Carta.

Carta de admiravel espirito, &
prudencia de N.S.P. Ignacio
pera o Collegio de Coimbra.
fol. 364. n. 2. até 8.

Carta do P. Ioam Nunes Barre-
to, pera os Irmãos do Colle-
gio de Coimbra. f. 387. n. 5.

Carta do P. Luis Gonçalves da
Camara, pera elRey Dom
Ioam o III. fol. 541. n. 3.

Carta do P. Gonçalo Vaz, pera
o Collegio de Coimbra. fol.
272. n. 6.

Carta do padre Francisco El-
trada, pera huns devotos da
cidade do Porto. fol. 273.
n. 8.

Carta do mesmo, sobre a mor-
te do Irmão D. Rodrigo de
Meneses. fol. 150. a n. 2.

Carta do padre Pedro Fabro,
pera o Collegio de Coim-
bra. fol. 207. n. 4.

Cartas, que escreveram sem li-
cença. Vide Castigo.

Carta de S. Ignacio, pera o sere-
nissimo Cardeal Infante. fol.
514. n. 2.

Carta delRey D. Ioam III. a S.
Ignacio, sobre a mudança do
P.M. Simam. fol. 583. n. 4.

Carta do mesmo Rey, pera D.
Affonso de Alencastre, seu
embaixador em Roma. fol.
584. n. 5.

Carta escrita de hūs nossos, sem
licença, a fim de inquietar
outros. fol. 330. n. 5.

Grandes perigos a que vay ex-
posta huma carta. *ibidem*.
n. 6.

Como estas cartas foram dar
na mão do superior? fol.
331. n. 7.

Carta do P.M. Simam, em que
manda despedir os que es-
creveram sem licença. fol.
333. n. 9.

Carta delRey Dom Ioam, pera
elRey de Congo. fol. 357.
num. 5.

Capitaens.

Quaes foram os capitaens, que
hiam em companhia de sam
Francisco de Xavier. fol.
59. num. 8.

Chélas.

Religiosas de Chélas se persua-
dem ter a cabeça cō as de-
mais reliquias de S. Felix, em
sua Igreja. fol. 285. n. 3.

S. Clara de Monte Falco.

Tinha em seu coração estapa-
dos os sinaes da paixão de
Christo. fol. 604. n. 1.

Coadjuutores.

Coadjuutores espirituaes; votos,
que fazem, & dignidades; q
podem ter. fol. 121. n. 1.

Nam podem ser despedidos
Coadjuutores espirituaes pro-
fessos, senam por gravissimas

Insignia de que usavam. *ibid.*

Congo.

Descrevese, com brevidade, o Reyno de Congo. fol. 350. n. 1.

Junto d'elle está hum lago de duzentas legoas em roda. fol. 351. n. 2.

Altura do Reyno de Congo. fol. 353. n. 5.

Foy descoberto por Diogo Cãm. *ibid.*

El Rey de Congo no baptismo se chamou Ioam, como também a Rainha Leonor, por respeito dos Reis de Portugal. *ibid.*

Foy baptizado no anno do nascimento de S. Ignacio. fol. 354. n. 8.

Manda el Rey de Congo pedir prégadores a el Rey D. Ioam o III. *ibid.* n. 9.

O padre Leãm Henriques trata de hir a Congo em missãm. fol. 355. n. 2.

Trata-se de hirem quatro Religiosos nossos a Congo. fol. 355. eodem n.

Nomes dos quatro Religiosos, que foram a Cõgo. fol. 356. eodem n.

Como foram recebidos os nossos por el Rey de Cõgo? fol. 357. n. 4.

Como os Padres acodiram aos Christãos de Congo, & do bom successo d'esta missãm. *ibid.* n. 6.

Como foram dar obediencia ao Bispo D. fr. Ioam Bautista. *ibidem.*

Porque tornáram os Christãos de Cõgo atrás? fol. 359. n. 2.

O Rey de Cõgo era mais escandaloso. fol. 360. n. 3.

De como os padres lhe quizerã falar. *ibid.* n. 4.

Como o Rey de Cõgo começou a perseguir os Padres? fol. 361. n. 5.

Continúa a perseguiçam d'este Rey cõtra os Christãos. *ibid.* n. 6.

Vem-se de Congo o embaixador de Portugal, & o Irmã Diogo de Soveral. fol. 362. num. 7.

Conhecimento proprio.

He muy necessario, & proveitoso a todos. fol. 181. n. 4. & 5.

Congregaçam.

Chama S. Ignacio a huma Cõgregaçam; & como se concluo em breve. fol. 508. Vide P.M. Simam.

Contradiçoens.

Cõtradiçoens nas obras do Collegio de Coimbra. â fol. 323.

Constituiçoens.

Sam approvadas em Cõgregaçam. fol. 508. n. 6.

Consultores.

Sam nomeados cinco cõsultores

pera o Collegio de Coimbra. fol. 302. n. 6.

Crueldade.

Exêplo da crueldade dos Mouros de Berberia. fol. 383. n. 8

Cruz.

Cruz, que se achou no peito do Padre mestre Simam.

Vide Mestre Simam. fol. 603. n. 9.

Santa Cruz de Coimbra.

Grande charidade, com que os nossos foram agasalhados dos muy reverendos Padres de Santa Cruz de Coimbra. fol. 95. n. 3.

D

Deos.

Modos por onde Deos se communicou aos homens. fol. 1. n. 1.

Acode Deos pela innocencia dos nossos Religiosos. fol. 523. n. 6.

Devaça.

Devaça sobre os exercicios da Companhia. Vide fr. Diogo de Murfa.

Deserto.

Comunicasei Deos nos desertos. fol. 182. n. 6.

Dentro na Religião se há de buscar deserto. fol. 183. n. 7.

O Doutor Diogo de Gouvea.

Diz a elRey D. Ioam, que faça vir de Roma companheiros de S. Ignacio, pera o Oriente. fol. 15. n. 2.

Escreve o Doutor Diogo de Gouvea a S. Ignacio, pera que mande alguns seus companheiros à India. fol. 15. num. 2.

Diabo.

Pretende o diabo meter medo ao P. M. Simam. fol. 28. n. 7. Traz na cidade de Sena enfeitichados a muitos. fol. 29. n. 9. He vencido pelo P. M. Simam. fol. 30. n. 10.

Disfarces.

Disfarces, & mudanças de habitos, pera ajudar os proximos, sam conformes à sagrada Escriptura. folio 89. à n. 4.

Como armou a tirar tres da Companhia. fol. 330. n. 4. Traças, que tomou pera desautorizar a Companhia em Evora. fol. 520. à n. 3.

Diogo Miram.

Primeiro Reytor do Collegio de Coimbra, suas muitas virtudes. fol. 98. n. 9. & f. 99. n. 5. Era Irmão ainda, quando foy Reytor do Collegio de Coimbra. fol. 98. n. 9.

Sua grande mortificaçam. fol. 102. n. 6.

Renova os votos com seus subditos a primeira vez. fol. 103 n. 8.

Retirase de Coimbra com os Irmãos D. Gonçalo da Sylveira, & D. Rodrigo de Menezes, pera lhes dar exercicios. fol. 114. n. 9. fin.

Vay fundar o Collegio de Valença. fol. 185. à n. 1.

Foy homem severo. fol. 579. n. 4.

Fazse a entrega do governo da provincia ao padre Diogo Miram. fol. 578. n. 3.

Teve por adjunto no governo da provincia o P. Manoel Godinho. fol. 579. n. 4.

A todos os officios queria assistir. fol. 580. n. 7.

Côselho, que deo S. Ignacio ao padre Diogo Miram, nesta materia. fol. 581. n. 8.

Padre Diogo Monteiro.

Mestre de noviços nesta provincia muitos annos. fol. 156. num. 6.

Padre Diogo Iacome.

Fazia no Brasil contas, pera dar aos Indios, sem nunca aprender este officio. fol. 479. n. 6.

Sua morte. fol. 480. n. 7.

Disciplina.

Do modo cõ que se tomavam as disciplinas em S. Antam. fol. 421. n. 3.

Lom Duarte.

Filho natural del Rey D. Ioam o III. fol. 556. n. 3.

Tinha sido Cõmendatario de S. Ioam de Lõgavares. ibidẽ.

Fr. Diogo de Murfa.

Frey Diogo de Murfa, Reitor da Vniversidade, tira informaçam da Cõpanhia. fol. 173 n. 4. & 5.

Devaça, que tirou sobre os procedimẽtos da Cõpanhia. fol. 173. & fol. 174.

Born successo desta devaça. fol. 174. & fol. 175.

E

Eleiçoens.

Sam segundo a vôtade divina, & nam cõforme os homens querem. fol. 32. n. 1.

Enxame.

Enxame de abelhas, que sahio dos alicesses do Collegio de Coimbra. fol. 318. n. 7.

Epitaphio.

Epitaphio do sepulchro do P. M. Simam na casa de S. Roque. fol. 607. col. 1.

Epitaphio, q fizeram os padres de Frades ao sepulchro do P. M. Simam. fol. 610.

Estados na Cõpanhia.

Estados de professos solões na Cõpanhia. fol. 119. n. 5.

Estado de coadjutores espiri-
tuaes, & votos, que fazem na
Companhia. fol. 121. n. 1.

Estado de Irmãos coadjutores
temporaes. Vide coadjutores
temporaes.

Estudantes.

Estudantes de Coimbra come-
çam a acodir ao novo Col-
legio. fol. 108. n. 6.

Evora.

Excellencias da cidade de Evo-
ra. fol. 509. n. 2.

Como elRey D. Ioam III. tinha
já intentado fazer hum Col-
legio á Companhia em Evo-
ra. fol. 510. n. 3.

Chega o P. M. Simam de Roma
a Evora, & aceita a funda-
çam do Collegio. fol. 514.
n. 1.

Origem da Companhia entrar
na cidade de Evora. ibid.

Nomes dos primeiros fundado-
res do Collegio de Evora.
fol. 516. n. 1.

Do modo que caminharam até
Evora. ibid. n. 2.

Como foram visitados do Du-
que de Bragança em Arrayo-
los. fol. 517. n. 2.

Primeiro sitio em que estive-
mos em Evora. fol. 518.
n. 3.

Mudamse os nossos pera os pa-
ços. ibid.

Como o Reytor, Vice reytor,
& Mestre dos noviços do
Collegio de Evora, foram pe-
ra a India. fol. 527. n. 6.

Exercicios espirituaes.

Exercicios da Companhia, ap-
provados pelo Papa Paulo
III. fol. 176.

Devaça, que se tira sobre el-
les. fol. 174. & fol. 175.

Dãse noticia dos exercicios da
Companhia. fol. 177.

Autor dos exercicios foy S. Ig-
nacio. fol. 177. n. 2.

Estè nome de exercicios he
muito antigo. fol. 177. n. 2.

Quanto tempo duram de cada
vez estes exercicios? fol. 178
n. 3.

Grande fruto, que se tirou d'e-
stes exercicios. fol. 178.
n. 4.

Pessoas graves, que tomaram
estes exercicios. fol. 179.
n. 5.

Pelos exercicios se vem em co-
nhecimento de Deos. fol.
180. n. 1.

Pelos exercicios se alcança o
conhecimento proprio. fol.
181. n. 4.

Ensinam os exercicios a fugir
do mundo. f. 182. n. 6.

Exercicios sam necessarios aos
Religiosos da Companhia.
fol. 183. n. 7.

Sam mais necessarios aos secu-
lares. fol. 184. n. 9.

Aos exercicios da Companhia
devemos a mesma Cõpanhia.
fol. 184. num. 10.

F.

Cardenal Farnesio.

Nepote do Papa Paulo III. foy
Bispo de Viséo. fol. 131.
n. 13.

Trata S. Ignacio com elle os
negocios de Portugal. fol.
249. num. 4.

Fé.

Os Portuguezes foram sempre
constantes na fê. fol. 130.
num. 9.

S. Felix, ou S. Fins.

Quem foy este martyr S. Felix?
fol. 284. n. 3.

A cabeça d'este sancto está no
mosteiro de Sam Fins. ibi-
dem.

Faz sua Alteza uniã do mos-
teiro de S. Fins ao Collegio
de Coimbra, por espaço de
cem annos. fol. 286. n. 4.

Foy depois unido in perpetuũ.
ibidem.

Bulla da uniã de Sam Fins.
ibid. n. 5.

Dãse noticia d'este mosteiro.
fol. 284. n. 1.

Dom Fernando Henriques.

Foy senhor das Alcacevas, Al-

cayde mor de Evora, tio do
padre Leão Henriques.
fol. 277. n. 3.

S. Francisco de Xavier.

Sam Francisco de Xavier he
nomeado pera a India. fol. 33.
n. 2.

Era secretario de S. Ignacio. fol.
33. n. 2.

Aceita, com grande alegria, o
aviso de hir pera a India. fol.
34. n. 3.

Vem com toda a pressa a Por-
tugal. fol. 34. n. 4.

Vem a Lisboa com o Embai-
xador D. Pedro Mascarenhas.
fol. 25. n. 5

Teve algumas revelações. fol.
35. n. 5.

Sucedem-lhe varios milagres no
caminho de Roma a Lisboa.
fol. 36. n. 6.

Seu grande desapegamento dos
parentes. fol. 37. n. 8.

Chega a Lisboa, dá saude ao
padre mestre Simam. fol. 38.
n. 1.

Vay com o padre mestre Si-
mam a falar a el Rey. fol. 38.
n. 2.

S. Francisco de Xavier, & o pa-
dre M. Simam agasalharam-
se no hospital. fol. 40. n. 5.

Occupase em Lisboa na salva-
çam dos proximos. f. 41. n. 1.

S. Francisco de Xavier solicita
muito sua hida pera a India.
fol. 48. n. 1.

Queria elRey, cō out os muitos, que o padre S.Francisco de Xavier ficasse em Portugal. fol. 49. n. 9.

A grande edificaçam, que deo, & o pouco apresto, que teve pera a India. fol. 53. n. 4.

Vay despedirse delRey, pera se embarcar pera a India. fo. 55 n. 1.

Reposta, que deo a elRey na despedida pera a India. fol. 57. n. 5.

Embarcarse pera a India. fol. 57 n. 6.

Ultima despedida, que fez do padre mestre Simam. fol. 58. n. 7.

Da à vela pera a India. fol. 58. n. 8.

Parte pera a India em 7. de Abril de 1541. fol. 59. n. 8. in fine.

Milagre prodigioso, que fez com o padre Marcello Mastriolo, dādolhe saude. fol. 60. n. 2.

Apparece, depois de morto, em trajo de peregrino. fol. 60. n. 2.

Terras, que andou, & mares, que navegou. fol. 61. n. 3.

Milagroso suor de hum crucifixo, quando o sancto padecia algum trabalho. fol. 61. n. 5.

Nomes de seus pays. ibid.

Foy illustre por sangue. ibid.

Andava tam unido com Christo, que quando elle traba-

lhava, Christo suava. fol. 61. n. 5. in fin.

Parecia ser a alma do mesmo Christo. fol. 62. n. 5.

Terras, que correó em Europa. fol. 62. n. 6.

Como se houve num hospital, curando huma chaga de hū incuravel. fol. 63. n. 7.

Atase fortemente, & he solto milagrosamente. fol. 63. n. 7.

De suas muitas navegaçoens, que fez na India. fol. 64. n. 8.

Lança ferro em Goa. ibid.

Sucessos, que teve na Ilha do Moro. fol. 64. n. 9.

Vay a Iapam, entra pelos seus Reynos. fol. 64. n. 10.

Hia a pé apos os cavalos dos Iapoens, que lhe serviam de guia. fol. 65. n. 10.

Cabos que dobrou. ibid.

Gentes a que prégou. ibid.

Apparece em muitas partes diversas. fol. 65. n. 11.

Tinha hum grande coraçam, desejoso de acodir a todos. ibidem.

Milagre, que fez, a que chamam do Caranguejo. fol. 66. n. 1.

Milagre do batel. fol. 67. n. 3.

Milagre da agoa salgada, que fez doce. fol. 68. n. 4.

Metendo o pé na agoa atornou doce. fol. 69. n. 5.

Sendo Nūcio na India encobre sua dignidade. fol. 70. n. 1.

Os grandes trabalhos, que padecéo. fol. 71. n. 2.

Quanto desejava acodir a todos os proximos. fol. 71. n. 2.

Os meynos, que tomava, pera sahir com este fim. *ibid.*

O grande amor de Deos, que tinha. fol. 71. n. 3.

Das grandes consolaçoens, que Deos lhe cõmunicava. fol. 72. n. 4.

Dizia, que nãimqueria mais cõsolaçoẽs. fol. 72. n. 4.

Suspirava por mais trabalhos. *ibid.*

Andava enlevado em Deos. fol. 72. n. 5.

Teve dom-de lingoãs. fol. 73. n. 6.

Dizem, que resucitou vinte, & sinco mortos. *ibid.*

Esmola milagrosa, que deo a hum naufragante. fol. 73. n. 7.

He chamado Apostolo da India. fol. 74. n. 7.

Acabou sanctamente em Sanctam, à vista da China. fol. 75. n. 8.

Seu corpo foy achado inteiro, & incorrupto. *ibid.*

Foy tresladado pera Goa. *ibid.*

Francisco Neto.

Francisco Neto, grande prégador, entra na Companhia. fol. 92. n. 10.

Padre Francisco Estrada.

O P. Francisco Estrada entra na

Copanhia. fol. 161. n. 3.

Seus grandes talentos, & partes. fol. 162. n. 3.

Seu grande talento de pulpito. fol. 164. n. 6.

O grande fructo, que se recolhia de seus sermoens. fol. 164. n. 7.

O padre Francisco Estrada prégua a quaresma em Coimbra. fol. 260. n. 1.

Vay em missam a entre Douro, & Minho, & em peregrinacãm a Sanctiago. *ibid.*

Prêga de repente na festa do Archanjo sam Miguel, na cidade do Porto. *ibidem.* n. 2.

Como tornou pera a cidade do Porto. fol. 424. n. 6.

He chamado pera Coimbra. fol. 425. d. 7.

Grãde opiniãm, que tinham do padre. *ibid.* n. 8.

Com huma sua prêgaçam, feita na praça, faz concorrer muita gente cõpungida ao Collegio. fol. 236. col. 1.

Saude alcançada por meyo do padre Francisco Estrada. fol. 426. n. 9. & 10.

Foy Provincial em o Reyno de Aragã. fol. 427. n. 11.

O padre Francisco Estrada escreve huma carta sobre a morte do Irmã Dom Rodrigo de Meneses. fol. 150. n. 2.

Padre Francisco Pires.

Foy em missâm ao Brasil. fol. 492.n. 5.

Muy devoto de nossa Senhora. ibidem.

Teve parte no milagre de nossa Senhora d'Ajuda. ibid.

Deos o levou pera sy no Collegio da Bahia. ibid.

Dom Francisco de Borja.

Chega o P.D. Gôçalo da Sylveira a Gandia cõ seus cõpanheiros, & he recebido do Duque. fol. 501.n. 5.

Faz os gastos do Doutoramêto o Duque, cõ as mais solênidades. fol. 502. no mesmo n.

Padre Francisco Rodrigues.

Trale Deos à Companhia, por meyo do padre Bertholamêo Ferrâm. fol. 349.n. 5.

He recebido na Cõpanhia pelo padre M. Simam, com ser aleijado. ibid.

Grandes foram seus talentos. fol. 350. eodem n.

Padre Francisco Peres.

O Padre Francisco Peres ficava todo arrebatado, em lhe falando da paixâm de Christo. fol. 255.n. 1.

Cõ hum crucifixo nas mãos animava os Christãos no cer-

co dos Iãos. ibid.

Abrindolhe a sepultura, depois de vinte annos, acharam-lhe os ossos presos com huma maravilhosa raiz. fol. 256. n. 2.

Tresladaçam dẽ seus ossos pera a Igreja da Companhia. ibidem.

Francisco de Villanova.

Foy de Coimbra fundar o Collegio de Alcalá; foy homem de grande virtude. fol. 186. col. 1. & fol. 608.n. 5.

Fugir do mundo.

Cõmunicase Deos aos que fogem do mundo. fol. 182. num. 6.

Freiras.

Freiras d'Annunciada. Vide Annunciada.

Fructuoso Nogueira.

Entra na Companhia. fol. 112. num. 4.

Fundadores de Religioens.

Quem foram. fol. 2.n. 4.

G.*Mestre Gaspar Barzéo.*

Entra na Companhia. fol. 393. n. 1.

Por sua humildade se deixou,
por muito tempo, ser rou-
peiro do Collegio. fol. 394.
n. 2.

Embarcasse pera a India, & a-
quieta huma grande tormē-
ta cō tres cruces, que fez no
mar. ibidem.

Foy insigne Apostolo de Or-
mús, mandado pelo sancto
Francisco de Xavier. ibidem
n. 4.

Tam respeitado foy em Or-
mús, q̃ aquelle Rey o fez assē-
tar em seu proprio throno.
fol. 395. n. 5.

Vem embaixadores ao Padre
mestre Gaspar. ibid. n. 6.

Convertemse estes embaixado-
res. ibidem.

Manda el Rey de Ormús fechar
as portas de seu Alcorâm de
pedra, & cal. ibidem.

S. Francisco de Xavier deixa o
P. M. Gaspar em seu lugar,
por Vice provincial da In-
dia. fol. 396. n. 7.

Virtudes admiraveis do P. M.
Gaspar, ibidem.

Enfadamse muito os Mouros
cō os ministerios, que exer-
cita o P. mestre. ibidem.

Morte do P. M. Gaspar em Goa.
fol. 397. n. 8.

Padre Gonçalo de Medeiros.

Foy o primeiro noviço, que en-
trou em Portugal na Cōpa-
nhia. fol. 45. n. 2.

He fortemente tentado. ibi-
dem.

Apparecelhe hum Anjo, que
lhe assegura a salvaçam. fol.
46. n. 6.

He insigne Theologo, muy vi-
sto na doutrina de S. Tho-
mas. fol. 46. n. 4.

Fica por superior da Residen-
cia de sancto Antão. fol. 94.
n. 2.

Foy homem de muyta òraçam.
fol. 565. n. 2.

Foy muy applicado a ouvir cō-
fissões. ibid. n. 3.

Como se preparava pera aco-
dir às confissoens? fol. 566.
n. 4.

Igualdade, que cō todos guar-
dava no confissionario. fol.
567. n. 5.

De sua humildade, & grande o-
bediencia. fol. 568. n. 1.

Exemplo notavel de sua obe-
diencia cega. fol. 569. n. 2.

Como fugia do favor, & ap-
plauso dos grandes? fol. 570.
n. 4.

Veyo a adoecer de muito tra-
balho. fol. 571. n. 5.

Foy muy devoto do sanctissi-
mo Sacramento. ibidem. n. 6.

De sua sancta morte. ibidem.
n. 7.

Ficou por Vice provincial, em
lugar do padre M. Simam.
fol. 504. n. 9.

Aceitou o cargo, pera se peni-
tenciar á sua vontade. ibi-
dem.

Padre Dom Gonçalo da Sylveira.

Foy muy illustre por sangue.
fol. 112. n. 6.
Dãse conta de quem foram seus
pays, & avôs. fol. 113.
Vem pedir a Companhia. ibid.
n. 7.
He perseguido de seu irmám,
pera que saya da Cõpanhia.
fol. 141.
Como vencêo estas tentações.
ibid. n. 3.
Pede esmolas pelas portas. fol.
236. n. 3.
Vay a Roma com mais dous
Theologos. fol. 500. n. 2.
Passam por Gandia, pera toma-
rem o grão de Doutores, á
instanciã de D. Francisco de
Borja. ibid.
Aceita o padre Gonçalo da Syl-
veira a jornada, pera ver a
sancto Ignacio. ibidem.
num. 3.
Parte de Coimbra com seus
companheiros, com bordoês
nas mãos, indo a pé mendi-
gando pelas portas. fol. 501.
n. 3.
O que fez em Gandia, em quã-
to esperava pelo P.M. Simã.
fol. 502. n. 6.
Vay o P.D. Gonçalo a Valêça.
ibidem.
Torna pera Portugal, por ordẽ
de sua Alteza, que nisto le-
vava muito gosto. fol. 503.
n. 7.

Obediencia grande do P. Dõ
Gonçalo. ibid.

Alcança saude, por meyo do
padre mestre Simam. à fol.
619. à n. 4.

Sahe em missãm a entre Douro,
& Minho. fol. 561. n. 4.

Agasalha em Braga ao P.D. Leãm
Henriques com grande po-
breza. ibidem.

Caso milagroso, que succedeo no
hospital, aonde se agasalhava
fol. 562. n. 5.

Grande fervor de espirito do
padre Gonçalo da Sylveira.
fol. 563. n. 6.

Padre Gonçalo Vaz de Mello.

Entra na Companhia. fol. 166.
n. 8.

Sahe em missãm com o padre
Antonio Gomes. Vide mil-
lionarios.

Effeitos bõs, que se seguiram de
huma sua pręgaçam. fol.
338. n. 6.

Como se recolhêo a S. Fins. fol.
339. n. 7.

Torna a sahir em missãm. ibi-
dem.

Vay a Viana com o padre An-
tonio Gomes. fol. 340.
num. 8.

O que lhe succedeo em hum ser-
mãm no Porto. fol. 341.
n. 10.

Torna em missãm ao Algarve.
fol. 588. n. 8.

Charidade, que usou o padre
com hum pyrata enfermo.
fol. 558.n.6.

Como o convertêo de herege
Hugonote; fazendoo ca-
tholico Romano. fol. 559.
n.eodem.

A festa, que lhe fizeram os de
huma armaçam. ibidem.nu-
mero 8.

Adoece, & he curado com
muita charidade, pelos padres
da Piedade. fol. 560.n.1.

O meyo, que tomou, pera pré-
gar, estando doente, fol. 561
n.2.

Originouse a sua morte de dei-
tar sangue pela boca. ibidē.
num. 3.

Padre Gonçalo Alvares.

Foy natural de Villaviçosa. fol.
481.n.1.

Grandemente se dava á ôraçam
ibidem.

Raro exemplo de sua ôraçam,
& obediencia. ibid.n.2.

Perseverou oito horas em ôra-
çam. ibidem.

Indo por visitador ao Iapam, fez
naufragio com seus côpa-
nheiros. fol. 482.n.8.

Foy seu corpo, depois de mor-
to, achado de joelhos. ibi-
dem.

Foy Reytor de Coimbra, & Pre-
posito da casa de S. Roque.
fol. 483.n.5.

De sua mortificaçam. ibidem.

Teve grande charidade cō os
enfermos. ibid. n.6.

Ordenou ao porteiro, sendo el-
le Reytor, que nenhum po-
bre se fosse das portarias sē
esmola. fol. 483.n.6.

Era muy amado dos subditos.
fol. 484.n.7.

Foy muy acutelado em ouvir
informações de faltas alheas.
ibid. n.8.

Sendo Reytor de Coimbra, &
Preposito de S. Roque, nun-
ca largou a occupaçam de
fazer a sancta doutrina. ibi-
dem.n.9.

Padre Gonçalo Rodrigues.

Chega com a sua nao a Moçã-
bique. fol. 545.n.4.

Do muito que trabalhou na vi-
agem de Ormûs. fol. 552.
n.4.

Sustentouse nella sō de esmolas.
fol. 553. eodem n.

Como escapou milagrosamen-
te de huns cossarios? ibid.

Adoece gravemente de muito
trabalho. ibid. n.5.

Derrubou em Baçaim hum tē-
plo de idolos, consagrando
outro à sanctissima Trinda-
de. fol. 554.n.6.

Cōverteo quatro mil Christãos.
ibidem.

Foy mandado por Embaixador
ao Emperador de Ethiopia.
ibid. n.7.

Por pouco cōprou hūs innocē-
tes, que bautizou. ibid.

Governo.

Os principios do governo sempre devem ser mais brandos. fol. 579.n. 5.

Os que governam, cõvem dissimular. fol. 580.n. 7.

Nam he prova de mayor amor a entrega de melhor governo. fol. 588.n. 6.

Graça.

Quando he efficaz, nam admite embargos. fol. 282.n. 9.

H.*Habito.*

Habito pòde se mndar & fingir, pera ajudar aos proximos. fol. 89. á n. 4.

Infante D. Henrique Cardeal.

Nam foy no principio affeioado á Companhia. fol. 48. n. 7.

He de parecer, que ambos os Padres Sam Francisco de Xavier, & M. Simam, vam pera a India. fol. 48.n. 7.

Faz tirar hum devaça sobre os procedimentos da Cõpanhia. fol. 173.n. 3.

O serenissimo Cardeal Infante teve desanove votos pera ser Papa em Roma. fol. 249. n. 5.

Teve algum tempo pouca affeicam à Companhia. fol. 511.

Mandou examinar a doutrina dos exercicios espirituales de nosso sancto fundador. ibidem.

Causas, que teve pera a fundaçam do nosso Collegio d'Evora. fol. 512.n. 7.

Como se affeioou á Cõpanhia. ibid.n. 6.

Manda chamar o padre Luis Gõçalves da Camara, pera tratarê da fundaçam do Collegio d'Evora. fol. 513.n. 1.

Manda recado a S. Ignacio sobre a fundaçam do Collegio d'Evora. fol. 514.n. 2.

Damhe parabens, por levar a Companhia a Evora. fol. 517.n. 3.

Padre Henrique Henriques.

O P. Henrique Hẽriques, reparte quatro mil cruzados em dinheiro pelos pobres, antes de se embarcar pera a India. fol. 251.

Foy preso dos Badagãs, & levado hum vez ao cavalletete. ibidem.

Compôs a Arte Malavar, o Vocabulario, hum Confissionario, & hum Flos sanctorũ. ibidem.

Edificou muitas Igrejas, dous hospitaes, & instituio hum Irmandade de Christãos mais provectos. ibidem.

Sua morte no lugar de Panicalle. fol. 253.n. 3.

Henrique de Gouvêa.

Henrique Nunes de Gouvêa
faz voto de castidade com
consentimento de sua mo-
lher. fol. 275. n. 10.

Antes de sua morte fez os vo-
tos da Companhia, confor-
me a licença, que tinha.
ibidem.

Acham seu corpo inteiro, lan-
çando de sy hum cheiro su-
avissimo, dez annos depois de
enterrado. ibid.

Declarou como havia de mor-
rer dia de S. Bento; & que
d'aly a dez annos morreria
sua molher Beatris de Ma-
dureira. ibid.

Procedimentos de Henrique de
Gouvêa. fol. 270. n. 4.

Trata Henrique de Gouvêa de
trazer pera a Companhia a
D. Ignacio de Azevedo. fol.
304. n. 3.

Partese o padre Ignacio de A-
zevedo pera Coimbra a to-
mar os exercicios. ibidem.
n. 4.

Humildade.

Humildade nos habitadores do
Collegio de Coimbra. fol.
159. n. 10.

Humildade do padre mestre Si-
mam. fol. 158. n. 9. Vide M.
Simam.

I.

Sancto Ignacio de Loyola.

Primeiro fudador da Cõpanhia
de IESV, naceo em Biscaya.
fol. 2. n. 3.

S. Ignacio foy muy illustre em
languae. fol. 3. n. 4.

Defende, com grande esfor-
ço, o Castello de Pamplona,
contra os Franceses. fol. 3.
n. 6.

Foy ferido com huma bala. fol.
4. n. 6.

Soffre, cõ grãde animo, as dores
da ferida, & a cura, que lhe
fizeram. fol. 4. n. 8.

Converteoo Deos a sy, por me-
yo da liçam espirital de
hum livro da vida dos Sãtos.
fol. 5. n. 8.

He visitado na doença pelo A-
postolo Sam Pedro, & pela
Virgem nossa Senhora. fol.
5. n. 9.

Alcança, por meyo da Virgem
purissima, o dom da pureza.
ibid.

Vay a Monferrate, aonde se cõ-
fessou gèralmente, & se ve-
stio de hum sacco de burel.
fol. 6. n. 1.

Deixa sua espada dependura-
da, diante do altar da Se-
nhora de Monferrate. ibid.

Retirase a fazer penitencia em
huma lapa junto a Mãeza.
fol. 6. n. 2.

He favorecido do céu com
particulares mimos. folio 7.
n. 3.

Trata de hir em peregrina-
çam a Ierusalem. folio 7.
n. 4.

Em Veneza o agasalha em
sua casa, por revelaçam di-
vina, hum Senador. fol. 8.
n. 4.

Chega a Ierusalem, visita a-
quelles sanctos lugares, com
grande devaçam. folio 8.
n. 5.

Volta-se a Hespanha, escapan-
do milagrosamente dos pe-
rigos do mar. folio 8.
num. 5.

Applica-se ao estudo das letras.
fol. 9. n. 6.

Estuda em varias Vniversidades
ibidem.

Prohibem-lhe, que nam prégue.
ibidem.

Vay estudar á Vniversidade de
Paris. fol. 10. n. 1.

Ajunta varios companheiros.
ibidem.

Volta sancto Ignacio a Hel-
panha, por causa da pou-
ca faude, que tinha. fol. 11.
n. 2.

Torna a Veneza, aonde o espe-
ravam seus companheiros.
fol. 11. n. 2. & 3.

Vay sancto Ignacio a Roma,
leva por companheiros ao
padre Pedro Fabro, & ao
padre Diogo Laynes. fol. 12.
n. 5.

Tem no caminho de Roma hũa
visam. ibid.

Dá faude ao padre M. Simam,
& assegura-o, que hade viver
muitos annos. fol. 25. n. 2.
& 3.

He eleito em gèral da Compa-
nhia. fol. 45. n. 1. fine,

Manda companheiros de novo
ao padre mestre Simam. fol.
88. n. 1.

Manda mais sinco cõpanheiros
perá o Collegio de Coim-
bra, fol. 104. n. 10.

Trabalha muito por compor o
Papa Paulo III. cõ elRey Dõ
Ioam o terceiro. á folio.
128.

Como concluiu estas pazes. fol.
131. n. 13.

Escreve a elRey sobre a mudã-
ça do P. M. Simam. fol. 577.
n. 2.

Despio em Monserrate seus
vestidos ricos. fol. 6. & 240.
n. 4.

Escreve nosso sancto Patriarcha
a elRey Dom Ioam. fol.
500. n. 1.

Escreve ao padre M. Simam, q
havendo licença de sua Al-
teza, se puzesse logo ao ca-
minho de Roma. ibid.

Queria o sancto renunciar nas
mãos dos padres congrega-
dos, o cargo de gèral. fol.
507. n. 4.

Como quiz que tambem exa-
minassem as constituiçoens.
ibid. n. 5.

Manda dar as devidas graças a
elRey D. Ioam o III. fol. 582
n. 1.

Escreve a nosso S. P. Ignacio so-
bre a mudança do P. M. Si-
mam. fol. 583. n. 4.

Prova do amor, que elRey ti-
nha à Companhia. ibi-
dem.

S. Ignacio nam escreve a elRey
D. Ioam III. por humildade.
fol. 244. n. 4.

Rezoens, que movéram a nosso
S. Padre a escrever a S. Al-
teza. fol. 245. n. 5.

Trata nosso sancto Padre de re-
nunciar o cargo de gèral.
ibid. n. 6.

Alcança S. Ignacio o tribunal
da S. Inquisiçam pera este
Reyno. fol. 248. n. 4.

Negociou o nosso S. Padre o
capello de Cardeal pera o In-
fante Dom Henrique. fol.
249. n. 5.

Ordena nosso sancto haver re-
novaçam dos votos duas ve-
zes no anno. folio 296.
num. 6.

Padre Ignacio de Azevedo.

Progenitores do padre Igna-
cio de Azevedo. fol. 303. n. 1

Boas partes do mesmo Padre.
ibid.

Entra na Compauhia. fol. 305.
n. 5.

Como procedeo no noviciado.
ibid. n. 6.

Applicouse com grandes vêras
aos officios. humildes de al-
fayate, & çapateiro. fol. 306.
n. 7.

Ao padre Ignacio de Azevedo
se deve a fundaçam do Col-
legio de Braga. ibid. n. 8.

Foy o primeiro Reytor delle.
ibidem.

Como passou ao Brasil, & sen-
do Provincial. voltou a Por-
tugal, & daly a Roma, a pe-
dir socorro de gente. fol.
307. n. 9.

Morreo. pela fé com quarenta
companheiros. ibid.

Da devaçam, que tinha á Vir-
gem sanctissima. ibid. n. 10.

Tratase de sua canonizaçam.
fol. 308. n. 11.

Ignacio Vogado.

Vide missam de Africa.

Padre Ignacio Martins.

Como foy recebido na Cõpa-
nhia. fol. 322. n. 5.

Fez as doutrinas de setete ãnos.
ibidem.

Cuidavã muitos, q̃ fora elle ca-
nonizado, quando foy beatifi-
cado nosso S. padre Ignacio.
ibidem. n. 6.

Ilha do Moro.

Muy aspera, & cheya de gen-
te muito barbara. folio 64.
n. 9.

Vay a ella S. Francisco de Xa-
vier. ibid.

Inquisiçam.

Tribunal da Inquisiçam, acrescentado em privilegios em Portugal, por S. Ignacio. fol. 248. à n. 3.

ElRey D. Ioam.

Recebe com grande benevolência o Padre S. Francisco de Xavier, & o P. M. Simam. fol. 19. n. 3.

Entrega aos dous padres a criaçam dos moços fidalgos. fol. 39. n. 4.

Chama aos padres Apostolos. fol. 43. n. 3.

Procura a confirmaçam da Companhia. fol. 44. n. 1.

Busca pera isso a intercessão dos mayores Monarchas. ibidem.

Trata de fundar hum Collegio da Companhia em Portugal. fol. 47. n. 3.

Deseja, que fiquem ambos os padres em Portugal. fol. 50. n. 1.

Resolve-se em mandar pera a India o padre mestre Sam Francisco, & que fique o P. M. Simam em Portugal. fol. 51. n. 2.

Pratica, q' fez ao P. S. Francisco, na despedida pera a India. fol. 56. n. 2.

Paga na melhor moeda as letras da confirmaçam da Cõ-

panhia. fol. 93. n. 12.

Ordena ao padre M. Simam, que vâ fundar o Collegio de Coimbra. fol. 94. numero. 1.

Grande benignidade com que tratava as cousas da Companhia. fol. 100. n. 2.

As mercês, que nos fazia, nam queria que corresse por mãm de outrem. fol. 100. n. 2.

Liberalidade cõ a Companhia. fol. 118. & fol. 139. n. 6.

Grande benignidade cõ a Companhia. fol. 139. n. 5.

Trata, que entre a Companhia em Castella. fol. 160. n. 2.

Do grande amor, que tinha até aos noviços da Companhia. fol. 192. n. 7.

ElRey D. Ioam III. primeiro Principe, que no mundo fez estimaçam da Companhia. fol. 243. n. 2.

A conta de sua real fazenda paga as letras da Confirmaçã. ibidem.

Procura trazer a Companhia a Portugal. fol. 14. n. 1.

Escreve, sobre esta vinda, a seu embaixador D. Pedro Mascarenhas. fol. 15. n. 3.

Felicidades de sua Alteza. fol. 495. n. 1.

Rezã, que teve, pera trazer as sciencias a Portugal. fol. 496. n. 2.

Como fundou a Vniversidade de Coimbra. ibid.

Parte elRey pera Coimbra,
com toda a Corte. fol. 497.

n. 4. A oboe...
Visitou a Vniversidade, & ou-
vio os mestres. ibid.

Foy visitar o nosso Collegio de
JESV. ibid.

Grãde gosto, q mostrava em ver
os nossos religiosos. f. 498. n. 6.

Da muita benevolencia cõ que
agastalhava os religiosos. ibid.
n. 7.

Quanto estimava sua Alteza as
boas novas de nossas cousas.
fol. 555. n. 1.

Fez seu agente em Roma ao
Padre mestre Simão. fol.
505. col. 1.

Carta delRey D. Ioam o tercei-
ro ao Papa Iulio terceiro.
ibid. n. 2.

Faz elRey mençam nesta carta
do Padre Antonio Criminal.
ibidem.

Padre Ioam Nunes Barreto.

Abbate de nossa Senhora de
Freirys; quem foram seus pa-
ys? fol. 199. n. 2.

Seus dous irmãos entraram na
Companhia. ibid.

Era muy dado à contêplaçam.
fol. 200. col. 1.

Trata seu irmão de o persuadir
que entre na Companhia.
ibidem.

Tem hum sonho mysterioso.
fol. 201. col. 1.

Apparecelhe nossa Senhora.
fol. 201. n. 5.

Vem a Coimbra pedir a Cõpa-
nhia. fol. 202. n. 6.

Praticas, que teve cõ o P. Pedro
Fábro. ibid. n. 7.

Pede entrar na Companhia, on-
de he admitido. fol. 203.
n. 8.

Vay em missam a Berberia. á
fol. 378.

Leva o sanctissimo Sacramento
em procissam a hum cativo
em Tituam. fol. 382. n. 7.

Fica continuando sã a mis-
sam de Tituam. fol. 385. n. 3.

Atẽ os mesmos Mouros o res-
peitavam. fol. 387. n. 6.

Tinha seis masmorras á sua cõ-
ta. fol. 388. n. 7.

Como tratou da cõversam dos
Iudeos, & estranhou humas
ceremonias ridiculas de que
usavam. ibid. n. 8.

Disputa cõ os Iudeos. fol. 389.
n. 9.

Hum Rabino principal, cõ ou-
tros, se convertem com esta
disputa. ibidem.

S. Ioam de Longavares.

Como deo elRey este mostei-
ro à Companhia. fol. 288.
n. 9.

Este mosteiro foy de Conegos
regrantes. ibid.

Tinha S. Alteza concedidas as
rendas deste mosteiro ao se-
nhor D. Duarte. ibid.

Dã sua Alteza este mosteiro ao
Collegio de Coimbra. fol.
556. n. 1.

Antiguidade deste mosteiro.
ibid.n. 2.

Vniã in perpetuum deste mosteiro, pera o Collegio de Coimbra. fol. 557. n. 4.

S. Ioam da Gorra.

Devaçam da gente a esta muito antiga imagem. f. 557. n. 4

Fr. Ioam Soares.

Grande prègador . fol. 80. n. 9.

Foy muito amigo do P. M. Simam. fol. 81. col. 1.

Por sua via-se nos trocou o mosteiro de sancto Antam. ibidem.

Foy Bispo de Coimbra, & fez muito no Concilio Tridentino. fol. 134. n. 3-

D. Ioam Tello de Meneſes.

Irmam do Irmam Dõ Rodrigo de Meneſes; suas boas partes, & cargos, que teve. fol. 142. n. 4.

Pretende, que seu irmam sayda Companhia, mas de balde. fol. 143. à n. 5.

Dom Ioam de Alencaſtre.

Duque d'Aveiro, grande devoto do P. M. Simam, fol. 135. n. 6. & fol. 577. n. 2.

Padre Ioam de S. Miguel.

Entra no Collegio de Coimbra. fol. 108. n. 7.

Sua muita oraçam. ibid.

Habitou principalmête no Collegio de sancto Antam. fol. 109. col. 1.

Padre Ioam da Beira.

Entra na Companhia. fol. 162. n. 4.

Foy insigne missionario. fol. 163. n. 4.

Aviado pera a India; aceita o aviso de joelhos. fol. 223. n. 5.

Andou dous dias sobre as agoas do mar abraçado com hum madeiro, até que o mesmo mar o lançou vivo na praya. fol. 228. n. 11.

Prophetiza em huma ilha das Malucas, o castigo cõtra hũs Apostatas. ibid.

Morre sanctamente em Goa. ibidem.

Padre Ioam de Madureira.

Indo visitar o Brasil, foy tomado dos Ingrefes. fol. 271. n. 5.

Morreo antes de chegar a Inglaterra. ibid.

Padre Ioam Codorì.

Adoece, he curado pelo P. M. Simam. fol. 27. n. 6.

Padre Iorge Serram.

Entra na Companhia. fol. 165. num. 8.

Ioam Fernandes de Oviedo.

Como Deos o trouxe à Companhia.

nhia. fol. 312.n.6.

Por occasiã de ouvir huma
disciplina, se cõvertéo a Deos.
ibidem.

Vem pedir a Companhia, & faz
nelle notavel experiencia o
padre mestre Simam. fol.
313.n.7.

Como foy recebido na Cõpa-
nhia. fol. 314.n.9.

Foy ao diante companheiro do
padre S. Francisco de Xavier,
& grande prégador do Evā-
gelho. ibidem. item fol. 392.
n. 5.

Sofre, com grande animo, huma
grande affronta, que lhe fez
hum gentio no Iapã. fol.
392.n. 5.

Padre Ioam de Aspilcueta.

Sua entrada na Companhia. fol.
471.n. 1.

Sua grande charidade, pera cõ
hum malfeitor no Brasil. fol.
473. n. 3.

Sua grande paciencia. fol. 474.
Notavel ingratidã, & dureza
de hum malfeitor, pera com
opa dre Aspilcueta. ibid.

Como se emendou este malfei-
tor, â vista da paciencia, &
charidade do Padre. ibidem.
n.9.

Como entrou pelo Sertã. a
converter os Indios. fol. 475
n. 7.

Como tornou d'esta entrada
pelo Sertã; & como Deos
o levou pera sy. fol. 476.n. 8.

Padre Iorge Vaz.

Trabalhos, que padeceo, & sua
morte. fol. 362.n. 8.

Dom Iorge d' Almeida.

Arcebispo de Lisboa, vay dar as
boas vindas ao P. M. Simam,
&c. fol. 593.n. 8.

Padre Iorge Rijo.

Entra na Companhia. fol. 376.
n. 8.

Foy natural de S. Ioam da Ta-
lha. ibid.

Servio no officio de ministro
do Collegio de Coimbra
sincoenta annos. ibid.

Irmã. Iorge Nunes.

Morre na viagem da India de
muito trabalho. fol. 546.n. 4.

Iulio terceiro.

Faz particular mençã. em hu-
ma bulla sua, do muito frui-
to, que os nossos missionarios
recolhéram no Reyno do Al-
garve. fol. 557.n. 5.

Iuizos.

Iuizos humanos sam muy erra-
dos. fol. 106.n. 2.

L

Rainha Dona Leonor.

Fundou o mosteiro d'Annun-
ciada, aonde agora està san-

cto Antão o velho. fol. 79.
num. 7.

Padre Leão Henriques.

Avo do padre Leão Henriques
Dom Henrique Henriques,
senhor das Alcacevas, & ca-
çador mór delRey Dõ Ma-
noel. fol. 277. n. 2.

Pays do mesmo padre, D. Ioam
Henriques, & D. Ioanna de
Abreo. *ibid.*

Naceo na ilha da Madeira, na
villa da Ponta do Sol. *ibi-*
dem.

Livra Deos de hum grande pe-
rigo a Dom Leão Henri-
ques, sendo minino. *ibidem.*
n. 3.

Vem pera o Reyno, & se cria
em casa de seu tio. *ibid.* n. 4.

Vay estudar á Vniuersidade de
Paris. *ibid.*

Mostras de seu grãde engenho.
ibidem.

Mudase o padre Leão Henri-
ques de Paris pera Coimbra.
ibid. n. 6.

Sente grandemente a entrada
na Companhia de seu primo
o padre Luis Gonçalves da
Camara. *ibid.* n. 7.

Estudou, cõ grande credito, ca-
nones na Vniuersidade de
Coimbra. *ibid.*

Como Deos o moveo a entrar
na Companhia. fol. 280.
n. 8.

Grandes desejos, que teve, de

hir à missã de Congo. fol.
355. n. 2.

Nam quiz o padre mestre Si-
mam, que fosse o padre Leão
Henriques a esta missã. fol.
356. n. 3.

Fez voto de entrar na Compa-
nhia, movido por hum retra-
to do Salvador, no juizo, que
estã ainda no Collegio de
Coimbra, fol. 281. n. 9.

Entra na Cõpanhia, cõ grande
consolaçam de todos. fol.
282. n. 9.

Como procedeo no noviciado?
ibidem.

Com hum pobrissimo fato de
mendigo pede esmolas pelas
ruas. *ibid.* n. 11.

Sofre, com grande paciencia,
huma affronta, recebendo
bofetadas em lugar de esmõ-
las. *ibidem.*

Padre Leonardo Nunes.

Reformou alguns Portugueses,
que tinham sòmente o no-
me de Christãos. fol. 477.
n. 2.

Morreo em hum naufragio. fol.
478. n. 4.

Trabalhou muito no Brasil.
ibidem.

Liberalidade.

Liberalidade delRey D. Ioam.
fol. 139. n. 6.

S. Luis.

Arçobispo de Tolosa, sendo fi-

lho de hum Rey, se fez frade menor. fol. 43. n. 3.

Infante Dom Luis.

Muy afeitoado à Companhia. fol. 49. n. 9.

He de parecer, que os padres S. Francisco de Xavier, & M. Simam, fiquem em Portugal. ibidem.

Muy devoto do P. M. Simam. fol. 135. n. 6.

Mandou edificar em Estremôz hum convento pera as Religiozas cômédadeiras de Malta, que he unico neste Reyno. fol. 518. n. 3.

Padre Luis Gonçalves da Camara.

Entra na Companhia. fol. 196. n. 7.

Quem foram seus pays. fol. 197 col. 1.

Occasião, que teve pera entrar na Companhia. fol. 197. n. 8.

Vay tomar os primeiros exercicios fóra de Coimbra. fol. 198. col. 1.

Teve hum anno de noviço. fol. 281. n. 9.

He visitado por D. Leão Henriques em Coimbra a primeira vez. ibid.

He eleito por Reytor de Coimbra. fol. 301. n. 6.

Foy insigne nas divinas letras, & nas humanas. fol. 302. n. 6.

Escreve ao padre mestre Simão, dandolhe conta de huns Irmãos, que mostravam descôfiança em continuar os officios de humildade. fol. 328. n. 2.

Trato particular nas cousas do espirito do padre Luis Gonçalves, com o padre Pedro Fabro. fol. 277. n. 5.

Padre Luis Gonçalves entende com tres distrahidos, fracos na vocação. fol. 330.

Padre Luis Gonçalves manda muitos nossos peregrinar a varias partes do Reyno. fol. 335. n. 1.

Deixa de ser Reytor. fol. 372. n. 2.

Como se applicava ao officio de cosinheiro. fol. 372. n. 3.

Do que alguns sentiram d'esta mudança, do padre Luis Gonçalves. fol. 373. n. 4.

Como acodio a hum sacerdote Francês, cativo em Tituam. fol. 382. n. 7.

Ficou por mestre do Principe. fol. 503. n. 8.

Reduz a hum fidalgo arrengado a nossa sancta fé. fol. 384. n. 1.

Adoece gravemente em Tituam, & se vem pera Ceita. fol. 385. n. 2.

Pede esmolas pera seus cativos, & torna pera sua empresa. ibidem.

He mandado vir a Portugal, pera dar conta a sua Alteza

do que havia em Tituam.
ibidem.

Vay pera Coimbra, depois da
vinda do P. M. Simam pera
Lisboa. fol. 540. n. 2.

Escreve a sua Alteza os fervo-
res dos nossos Religiosos pe-
ra hirem à India. fol. 541
num. 3.

Padre Luis da Grã.

Entra na Companhia. fol. 115.
n. 10.

Vay com outras pessoas de ref-
peito, em corpo, buscar agoa
à fonte do Bispo. fol. 237.
n. 5.

He nomeado por Reytor de
Coimbra. fol. 372. n. 2.

Foy natural de Lisboa. fol.
374. n. 4.

Fr. Luis de Granada.

Prégava louvores da Compa-
nhia em Evora. fol. 517.
n. 3.

Estimava muito a Companhia.
fol. 532. n. 1.

Fez mayores milagres na Igre-
ja de Deos com seus doutif-
simos livros, & admiraveis
prêgaçoens, do que se allu-
miara cegos, & resuscitara
mortos. fol. 533. n. 2.

Fr. Luis de Montoya.

Defende nossas mortificaço-
ens publicas. folio 189.
n. 2.

Irmam Luis Froes.

Grande servo de Deos no Ia-
pam. fol. 393. n. 6.

Teve cuydado de escrever a
Portugal o succso da nova
Christandade todos os an-
nos. ibidem.

M.

P. Manoel Godinho.

Entra na Companhia, movido
por hum sermão, que ouvio
ao padre fr. Ioam Soares. fol.
88. n. 2.

Vay a Coimbra disfarçado em
habito secular. fol. 89. n. 3.

Foy homem de muita mortifi-
cação. fol. 81. n. 8.

Vay por meyo de hum villa
delpido da cintura pera ci-
ma. ibid.

Vestido como secular tratava
com os estudantes. fol. 106.
n. 3.

Praticas, que fazia aos estudan-
tes. fol. 107. n. 4.

P. Manoel Fernandes.

Naceo em Tangere. fol. 527.
n. 1.

Foy o primeiro mestre de Si-
mam Gomes, a que chamavã
o çapateiro sancto. ibid.

Primeiro prégador do Colle-
gio de Evora. ibi-
dem.

Fez grandes serviços a Deos nas
missoens das terras de Alê-
tejo. fol. 528. n. 2.

O que lhe succedeo em hum
fermâm, em Lisboa. fol. 529.
n. 4.

Outro successo de huma prêga-
çam em Elvas. fol. 530. n.
5. & 6.

Notavel zelo em buscar almas.
fol. 531. n. 7.

Vam ouvir suas prêgações o
padre fr. Luis de Granada, &
o padre fr. Bertholamêo dos
Martyres. fol. 532. n. 2.

Bons costumes, que meteo o P.
Manoel Fernandes em Evo-
ra. fol. 534. n. 6.

Grande brandura em seu trato.
ibid. n. 7.

Occasião que houve pera a
morte, que deram a este bõ
padre. fol. 535. n. 2.

Prêga o padre, com grande ze-
lo, contra a sensualidade. fol.
536. n. 2.

Trata hum peccador sensual de
dar a morte cruel a este pa-
dre. fol. 536. n. 6.

Da morte, que lhe dèram. ibi-
dem.

Exemplo admiravel da chari-
dade d'este padre. fol. 537.
n. 4.

Como se arrependeo, & se con-
fessou logo hum dos mata-
dores. ibid. n. 5.

Veyo ainda morrer ao Colle-
gio. fol. 538 n. 6.

Do grande sentimento, que

houve da morte deste padre
Manoel Fernandes. ibidem.
n. 7.

O Infante Cardeal o foy visitar
à cama. ibid.

Como foy enterrado, & da so-
lennidade com que foy tres-
ladado. fol. 539. n. 7. & 8.

Padre Manoel de Moraes.

Foy natural de Bragança. fol.
551. n. 1.

O muito, que fez pelo bem das
almas. ibid.

Morreo sanctamente em Goa.
fol. 552. n. 3.

Favor notavel, que Deos fez em
huma não, pelas oraçoens do
padre. fol. 543. n. 1.

Servio de Cura na sua não. fol.
544. eodem n.

P. Manoel de Nobrega.

Entra na Companhia. fol. 165.
num. 8.

Vay em missão pela provincia
da Beira. fol. 342. n. 1.

Do fruto, que fez na cidade da
Goarda. ibid.

Traça, que usou, pera conver-
ter hum peccador. ibidem.
à n. 2.

Como foy recebido na villa do
Sabugal. fol. 344. n. 5.

Como entrou na villa mendi-
gando pelas portas. ibid.

Foge dos regalos, que lhe fazia
o Commendador Dom Du

- arte de Castello Branco.
ibidem.
- O que lhe succedeo na villa da
Covilhã. fol. 345. n.
- Reprehende huma descompo-
sta folia, que profanava a I-
greja. fol. 346. n. 1.
- Do que lhe succedeo com hu-
ma endemoninhada. fol.
347. n. 2.
- Como prégava contra pecca-
dores publicos. ibidem.
num. 3.
- Occasião que Deos tomou pe-
ra o trazer à Companhia.
fol. 457. n. 3.
- Foy peregrinar a Salamãca, &
& Sanctiago a pé, & trouxe a
Deos hum Conde Castella-
no. fol. 458. n. 4.
- Caso notavel, que lhe succedeo
cõ huma peccadora. fol. 459
n. 6. 7. & 8.
- He chamado a Lisboa, pera hir
pera o Brasil. folio 460.
num. 1.
- Caso prodigioso, que lhe suce-
deo sobre hũa cabeça de pei-
xe. fol. 461. n. 3.
- Do muito que fez, & padeceo
nõ Brasil. folio 462. nu-
mero 5.
- Desafio que teve com hum fa-
moso feiticeiro. fol. 463.
n. 6.
- Como cõverteo este feiticeiro.
ibid. n. 7.
- Como acodia á boa criaçam
dos mininos. folio 464.
num. 8.
- De sua muita pobreza. ibidem.
n. 9.
- De sua devaçam, & grande pu-
reza, que sempre guardou.
fol. 465. n. 1.
- Maldiçam que deitou sobre os
que nam guardavam a pure-
za. fol. 466. n. 2.
- Grãdes perigos de que Deos li-
vrou ao P. Manoel de No-
brega. fol. 466. n. 3.
- Pazes, que fez entre os Portu-
gueses, & os Tamoyos. fol.
467. eodem n.
- Edificou na Capitania de Porto
seguro, hũa ermida da invo-
caçam de nossa Senhora da
Ajuda. fol. 468. n. 5.
- Milagre muy grãde de hũa fon-
te de agoa, que succedeo neste
tempo. ibid. n. 6.
- Ainda hoje hà naquella ermida
muitos milagres. fol. 469.
n. 7.
- Teve revelaçam de sua morte.
ibid. n. 8.
- Morreo em 18. de Ourubro cõ
nota veis circumstâncias. ibid.
n. 9.
- Continuou a missam do Brasil
por espaço de trinta annos.
fol. 470. n. 10.
- Foy Apostolo do Brasil. ibi-
dem.
- Foy o primeiro Provincial do
Brasil. fol. 471. n. 11.
- Fundou o Collegio da Bahia, &
outros. ibid.

Padre Manoel Lopes de Bulhãm.

Acabou em hum naufragio cõ
o padre Gonçalo Alvares.
fol. 485. n. 10.

Foy natural de Lisboa. & parẽ-
te, conforme a algũ, do glo-
rioso sancto Antonio. ibi-
dem.

Padre Manoel de Payva.

Vay em missã ao Brasil. fol.
492. n. 6.

Foy homem singelo, & cãdido.
fol. 493. n. 6.

Como se offereceo pera ser re-
dido, pera ajuda do su-
stento dos padres. ibidem
n. 7.

Mandou o superior entregalo a
hum corretor de escravos,
pera ser vendido. ibi-
dem.

Como cessou esta venda do
padre Payva. fol. 494.
num. 8.

Faz grandes serviços a Deos no
Brasil, ajudando os Portu-
gueses contra os Tamoyos.
ibid. n. 9.

Despedindo os barbaros innu-
meraveis frechas cõtra elle,
permittio Deos, q de nenhũa
o acertassem. ibid.

Padre Manoel de Sá.

Entra na Cõpanhia. Suas boas
partes. fol. 196. n. 6.

Vay ter o noviciado a Valêça.
fol. 198. n. 9.

Dona Maria.

Princesa de Castella, filha del-
Rey Dom Ioam III. muy de-
vota da Companhia. fol.
209. n. 2.

Padre Marcos Jorge.

Entra na Companhia. fol. 374.
n. 5.

Foy natural de Coimbra. ibid.

Foy dos primeiros Doutores
que se agraduaram na V-
niversidade de Evora. ibi-
dem.

Foy homem de grande humil-
dade. fol.

Foy autor da Cartilha. folio
375. n. 6.

O padre Marcos Jorge foy elei-
to por procurador a huma
congregaçam em Roma. fol.
376. n. 7.

Martim Affonso de Sousa.

Governador da India, teve a
boa sorte de levar consigo
ao Oriente Sam Francisco
de Xavier. folio 431.
num. 4.

Partio com boa armada a po-
voar o Brasil. ibid.

Tomou pera sy, com licen-
ça delRey, sincoenta le-
goas de terra. ibidem.

Poz os nomes, que melhor lhe parecia, aos portos, cabos, &c. *ibid.*

Como levou à India o Padre Sam Francisco de Xavier na sua não Sanctiago. fol. 58. n. 8.

Dê quem foy filho este fidalgo, & suas boas partes. folio 58. num. 8.

P. Martinho de S. Cruz.

Prudencia singular do padre Martinho de S. Cruz. fol. 282. n. 10.

Boas partes do mesmo padre. fol. 298. n. 1.

Como se houve no caminho de Roma. *ibid.* n. 2.

O que lhe succedeo cō S. Ignacio. *ibid.* n. 3.

Como exercitou em Roma os ministerios da Companhia. fol. 299. n. 4.

Adoece gravemente, & morre com grande dita, tendo nōso S. P. a cabeceira. fol. 300. n. 5.

Foy segundo Reytor de Coimbra. *ibid.* n. 6.

Padre Mauricio.

Singular paciencia do P. Mauricio. fol. 309 n. 2.

Foy preso por ladrão. *ibid.*

Como foy conhecido por innocente. fol. 310 n. 2.

Officios que teve. *ibidem.* numero 4.

Foy Confessor delRey D. Sebastião. *ibid.*

Como previo a perda delRey Dom Sebastião ? fol. 311. n. 5.

Foy o unico da Companhia, q na batalha morreo, ouvindo de confissam a hum fidalgo ferido gravemente. *ibid.*

Os seus doze companheiros salvaram suas vidas. *ibidem.*

Mestre Melchior Carneiro.

Foy natural de Coimbra; & de sua mortificaçam. fol. 187. n. 5. fine.

Primeiro Reytor do Collegio d'Evora. fol. 516. n. 1.

Como acodio a huns falsos testemunhos em Evora, levantados contra a Companhia. fol. 522. n. 6.

Foy homem de grandes talentos. fol. 524. n. 1.

Teve delle grande conceito o Cardeal Infante. fol. 524. n. 2.

Como acodia ao bẽ espirital dos proximos. *ibid.*

Foy pera a missam da India. fol. 525. n. 3.

Foy sagrado por Bispo de Nicæa. *ibid.*

Como esteve na China, & pretendeo entrar no Japam. *ibidem.*

Estando pera se embarcar o chamou Deos pera sy. ibidem.

O que lhe succedeo com hum falso Bispo. fol. 526. numero 4.

Testemunho de S. Ignacio sobre a pessoa do P. Melchior Carneiro. ibid. n. 5.

Andava em corpo pobremente vestido. fol. 187. n. 5. & fol. 188. col. 1.

Mestre do Principe.

Vide P. M. Simam.

Quanto mōta ter bom mestre. fol. 133. n. 4.

Milagres.

Nem sempre sam melhor prova de mayor virtude. fol. 614. n. 1.

Milagre de hum fonte, junto da ermida de nossa Senhora d'Ajuda. Vide P. Manoel de Nobrega.

P. M. Melchior Nunes Barreto.

Como se houve na sua nã. fol. 544. n. 2.

Como por suas oraçoens livrou Deos a nã de hum baixo milagrosamente. fol. 545. n. 3.

Padeceo muito pelo bem das almas. fol. 547. n. 2.

Sua chegada a Goa. Foy muy festejado de Sam Francisco

de Xavier. ibidem. numero 3.

Como acodia às doutrinas? ibidem. n. 4.

Publicou hum jubileo, fazendo trinta sermoens pera o apparelho delle. fol. 548. n. 4.

Foy homem de muita òraçam. fol. 548. n. 5.

Como se houve contra certos hereges. ibid. n. 6.

Deixa o cargo de Provincial, & vay pera o Iapã, fol. 549. n. 7.

Entrou na ilha de Sanchãm. ibidem.

Duas vezes entrou na China, sendo o primeiro prégador do Evangelho nella. ibidẽ. num. 8.

P. Melchior Gonçalves.

Insigne missionario; bautizou em Baçaim quatrocentos gentios. fol. 390. n. 1.

Levantou hum Igreja á Mãe de Deos, & instituiu hum seminario pera criaçam dos mininos. ibid.

Derrubou hum sumptuoso templo dos gentios. fol. 391. n. 2.

Acabou sanctamente em Goa. ibidem.

Fr. Miguel de Contreiras.

Da ordem da sanctissima Trindade, varãm de grande

virtude, instruidor da Misericordia de Lisboa, Confessor da Rainha Dona Leonor. fol. 79. n. 7.

Dom Miguel.

D. Miguel da Sylva, Bispo de Visão, foy em algum tempo valido del Rey D. Ioam o III. fol. 125. n. 2.

Suas boas partes, & grandes espiritos. ibid.

Obras grandiosas, que fez. ibidem.

Descahe de sua privança. fol. 126. n. 3.

Deixando Portugal, vayse pera Roma, sem ordem del Rey. ibid. n. 3.

Sente el Rey muito a sahida do Bispo. ibid. n. 4.

Sentença muy aspera, que deo contra elle. fol. 127. numero 4.

He o Bispo muy bem recebido em Roma, & feito Cardeal. ibid. n. 5.

Grande sentimento del Rey D. Ioam, por este respeito. fol. 127. n. 5.

Tememse grãdes desgostos, por causa do Cardeal D. Miguel. fol. 128. n. 6.

O muito, que sancto Ignacio fez, & escreveo sobre esta materia. fol. 128. n. 7. & fol. 129. &c.

P. Miguel de Torres.

Foy Doutor em Theologia, &

Reytor do Collegio de Salamanca. folio 582. á numero 1.

Veyo por Visitador desta provincia. ibid.

Foy pessoa de muita autoridade. fol. 584. n. 6.

Trazia algũas folhas de papel, affinadas em branco, com o nome do nosso sancto Patriarcha. ibidem.

Mininos orfãos.

Casa que tem em Lisboa. fol. 542. n. 6.

Mandou sua Alteza nove mininos orfãos pera a India. fol. 542. n. 6.

De quanto proveito foram os mininos orfãos nesta viagem. fol. 543. eodem n.

Misãm de Africa.

Grandes fervores de missoes no Collegio de Coimbra. fol. 379. n. 1. & fol. 490. n. 1. & fol. 540. n. 1.

Occasiã que houve pera a misãm de Africa. ibidem. n. 2.

Dom Affonso de Noronha pede a el Rey, & ao padre mestre Simam padres pera esta misãm. fol. 380. eodem n.

Differe sua Alteza a esta tam justa petiçam. ibidem numero 3.

Sam nomeados os padres Ioam Nunes Barreto. & Luis Gonçalves da Camara. ibid.

Vay o Irmão Ignacio Vogado por companheiro dos padres ibidem.

Chegam a Ceita, aonde fazem grande fructo. fol. 381. numero 4.

Partem os missionarios pera Tiutuam. ibid. n. 5.

Sam recebidos dos Mouros com bom rosto, mas perseguidos dos mininos. ibid.

Como foram visitar os cativos em suas masmorras? fol. 382. n. 6.

Reduzem a nossa sancta fê alguns arrenegados. fol. 384. num. 1.

Missão da India.

Fervores da missão da India. fol. 222. n. 2.

Treze religiosos sam nomeados pera a missão da India. fol. 542. n. 5.

Missão de Congo.

Vide Congo.

Missionarios da Companhia,

Sahem missionarios de S. Fins, q' alhy estavam convalecendo. fol. 335. n. 2.

Pobreza de que usavam os nossos missionarios. fol. 336. n. 2.

Regimento de que usavam. ibid. n. 3.

Como foram conhecidos por Religiosos nossos. ibid.

Primeiro missionario pera a India, depois de S. Francisco de Xavier, foy o P. Antonio Criminal, & foy o primeiro, q' derramou seu sangue pela fê. fol. 228. n. 11.

Vam nove missionarios pera a India. folio 250. n. 2.

Despacha o P. M. Simam dez missionarios pera a India. fol. 390. n. 1.

Missam ao Priorado do Crato, & Arcebisado d'Evora. fol. 486. n. 1. & 2.

Missam ao Reyno do Algarve. ibid. n. 3.

Como os missionarios foram recebidos em Faro? fol. 487. n. 5.

Direçam, que guardavam os nossos missionarios. folio 488. num. 6.

Modestia.

Pela modestia nos chamáram Apostolos. fol. 43. n. 5.

Grande modestia, que os nossos guardavam trabalhando nas obras do Collegio de Coimbra. fol. 327. n. 9.

Esta modestia moveo a D. Theotónio a vir pedir a Companhia. fol. 328. n. 9.

Mortificações.

Mais usadas entre nós no tem-

po das ferias. folio. 186.
n. 3.

Mortificaçoens publicas, que os
nossos faziam em Coimbra.
fol. 187.n. 5.

Eram reprovadas de muitos.
fol. 189. à n. 1.

Mortificações mais notaveis no
Collegio de Coimbra. fol.
230.n. 2.

Mortifica o padre mestre Si-
mam a hum noviço. fol.
231. n. 3.

Mortificaçam notavel, feita ao
P. Leão Henriques. fol. 282.
n. 10.

Grande mortificaçam de Adol-
fo, Conde de Alsacia. fol.
240.col. 1.

Mosteiro.

Mosteiro de S. Antam. Vide S.
Antam.

Mosteiro de Carquere. Vide
Carquere.

Murmuraçam.

Murmuram alguns da grãdeza
da obra do Collegio de Co-
imbra. fol. 323.n. 2.

Murmuraçam contra o mesmo
Rey, por causa desta obra.
fol. 325.n. 6.

Murmuraçam, que havia cõtra
nosso modo de proceder. fol.
172.n. 2.

N.

Natal.

Festas de Natal, como se passa-
vã no Collegio de Coimbra.
fol. 156.n. 6.

Nilo.

O rio Nilo nace em Preste Io-
am. fol. 351.n. 3.

Desejos grandes de Alexandre
Magno, & de Julio Cesar,
pera descobrir o Nilo em sua
fonte. fol. 351.n. 3.

Nicolao.

P. Nicolao de Bobadilha, hũ dos
nove companheiros de san-
cto Ignacio, he nomeado
pera a India. fol. 33.n. 1.

Padre Nicolao Lancillote, he
avisado pera a India. fol.
223. n. 5.

Noviço.

Provado pelo padre mestre Si-
mam, com hũa notavel mor-
tificaçam. fol. 231.n. 3. & 4.

P. Nuno Ribeiro.

P. Nuno Ribeiro entra na Cõ-
panhia. fol. 116.n. 12.

Padece muitos trabalhos na In-
dia. *ibid.*

Morre com peçonha, que lhe
deram os Mouros. *ibid.*

O

Obediencia.

Obediencia cega do P. Diogo
Vieira. fol. 164. n. 7.
Descripçam da obediencia.
fol. 293. num. 10.

Obras do Collegio de Coimbra.
Vide Collegio de Coimbra.

Oraçam.

Oraçoens do padre Leão Hē-
riques alcançam saúde no
braço a hum jurador. fol.
283. n. 12.

P

Patria.

Diversidade de patrias nam cõ-
vem que faça diversidade de
animos. fol. 157. n. 6.

Paulo terceiro.

Foy o primeiro Papa, que con-
firmou a Companhia. fol. 13
n. 7.

Manda alguns cõpanheiros de
S. Ignacio a varias partes. fol.
13. n. 7.

Teve alguns desgostos com el-
Rey Dom Ioam o terceiro.
fol. 125.

P. Paulo da Valle.

Fez muitos serviços a Deos na

costa da Pescaria. fol. 292.
num. 4.

D. Pedro Mascarenhas.

Embaixador em Roma delRey
Dom Ioam; avisaõ, que pe-
ça alguns nossos padres pera
a India. fol. 14. & fol. 15.
n. 1.

Quem foram seus pays? ibid.
Foy grande afeiçoado, & pro-
rector da Companhia. fol.
16. n. 3.

Pede a sancto Ignacio seis cõ-
panheiros pera a India.
ibidem.

Concedelhe o sancto sós dous.
fol. 16. n. 4.

Pedro Annes.

Foy o ultimo ermitam de san-
cto Antam, & primeiro San-
christam de Sam Roque.
fol. 86. n. 11.

Pedro Lopes.

Natural de Villa pouca, primei-
ro que entrou no Collegio
de Coimbra. fol. 108. n. 7.

P. Pedro Fabro.

Grandes virtudes deste padre.
fol. 160. n. 1.

Trata-se de sua vinda a Portu-
gal. ibid. n. 2.

Na Universidade de Lovayna
traz a Companhia alguns es-
colhidos fogeitos. fol. 161.
n. 2.

Chega a Lisboa. fol. 194. n. 2.

He muy bem recebido de sua Alteza. fol. 194. n. 3.

Quam festejado foy do P. M. Simam. fol. 194. n. 3.

Trata el Rey de o deixar em Portugal. fol. 195. n. 4.

Vay ao Collegio de Coimbra. fol. 195. n. 3.

Recebe grande alegria de ver aquelle Collegio. ibidem. n. 4.

Estando em Coimbra, traz muitos à Companhia. fol. 198. n. 6.

Como procedia na Corte de Portugal fol. 204. à n. 1.

Quam sancto, & bem estreado era na conversação dos cortesãos. fol. 215. col. 1.

Pretende hir a Castella, & el Rey lhe resiste. fol. 205. num. 2.

Manda reliquias ao Collegio de Coimbra. folio 206. num. 3.

Escreve ao Collegio de Coimbra. fol. 207. à n. 4.

Escreve outra carta a Coimbra. fol. 210. à n. 5.

Morre em Italia. fol. 212. n. 9.

P. Pedro d' Afonseca.

Excellent Doutor em Theologia, & Philosophia; entra na Companhia. fol. 376. num. 9.

Natural do lugar da Cortiçada. ibidem.

Teve na Companhia o cargo

de Assistente, Visitador, & mais officios honrosos. fol. 377. eodem n.

Deixou impressos quatro tomos da Metaphysica, Dialectica, & Isagoge de Porphyrio. ibid.

P. Pero Dias.

Varám de singular modestia. fol. 377. n. 10.

Entra na Companhia. ibid.

Foy natural de Lisboa. ibid.

Como exercitou o officio de procurador do Collegio de Coimbra. ibid.

Morre pela fé com treze cõpãheiros na missã do Brasil. fol. 378. n. 10.

Como tratava com os ministros, & officiaes da justiça. ibidem.

Padre Pero da Sylva.

Sendo Reytor de Evora, se embarcou pera a India. fol. 527. num. 6.

O Infante Dom Pedro.

Foy religioso de Sam Bernárdo, no mosteiro de Alcobaça.

fol. 400. n. 4.

Pero Alvares Cabral.

Padre Alvares Cabral, primeiro descobridor do Brasil. fol. 430. n. 2.

Poz por nome ao Brasil, terra da S. Cruz. ibid.

Perseguiçam.

Contra a Companhia. fol. 170.
à n. 2.

Perseguiçam contra o Padre
mestre Simam. Vide mestre
Simam.

Com as perseguiçoens floreceo
mais a Companhia. fol.
519. n. 1.

Peregrinaçoens.

Sahem os nossos do Collegio
de Coimbra a fazer suas pe-
regrinaçoens. fol. 186. n. 3. &
fol. 187. n. 4.

Grande dignidade de peregrini-
nos. fol. 60. n. 3.

Peste.

Morre o padre Francisco Ro-
drigues na peste. fol. 413.
n. 1.

De outros padres que acodiram
à peste. ibid. n. 2.

Peccador.

Caso notavel de hum peccador
que se converteo. fol. 422.
n. 3.

Inspiraçoens que Deos dava a
este peccador. folio 423.
num. 4.

Como se mudou este peccador.
ibidem.

Pernambuco.

Foy povoado por Duarte Coe-
lho. fol. 432. n. 8.

Primeiras pedras.

Vide Collegio de Coimbra.

Perfeiçam.

Consiste a perfeiçam na resig-
naçam da propria vontade.
fol. 293. n. 9.

Nam he contra a perfeiçam de
Religiosos o trabalho das
mãos. fol. 327. n. 8.

Pompeio.

Aonde, & quam pobremente
foy sepultado? fol. 607. n. 4.

Porto.

Vide padre Francisco Estrada.
Louvores de algũa gente muito
virtuosa, que havia na cida-
de do porto. fol. 272. n. 3.

Primeiro.

Primeiro que entrou no Col-
legio de Coimbra. fol. 108.
num. 7.

Professos.

Professos de quatro votos so-
lennnes, sam muy autoriza-
dos na Companhia. fol. 119.
n. 5.

O direito, que tem na Compã-
nhia. ibid.

Fazem voto de nam procurar
honras. fol. 120. n. 6. & fol.
121. n. 8.

Fazem voto de manifestar ao
superior, quem procurar al-
guma honra na Companhia.
ibidem.

Providencia.

Providencia divina em repar-
tir as reliquias de tres nos-
sos varoões sãtos. fol. 598. n. 8.

Provincia.

Trata sancto Ignacio de fazer
provincia em Portngal. fol.
289. n. 1.

Foy a segunda provincia da
Companhia. ibid.

Tem toda a Companhia obri-
gaçoens á provincia de Por-
tugal. fol. 124. n. 6.

Foy principio das provincias
de Castella. fol. 208. nu-
mero 8.

Declarase a Companhia em
Portugal por provincia. fol.
289. n. 1.

Portugueses.

Foram sempre muy constantes
na fee. fol. 130. n. 9.

Pureza.

Muy necessaria aos da Cõpa-
nhia. fol. 158. n. 8.

Quam insigne foy nesta virtu-
de o padre Manoel de No-
brega. Vide Manoel de
Nobrega.

R.*Reys.*

Ricardo Rey de Inglaterra,

dedicou a Deos dous filhos
na Religiã. fol. 403. n. 3.

Rey de Congo. Vide Congo.
Reys de Portugal, muy constã-
tes na fee. fol. 130. n. 9.

Rey D. Ioam o terceiro. Vide
D. Ioam.

Mercès que vem immediata-
mente pela mã. do Rey,
sam mais dignas de estima.
fol. 100. n. 2.

Reytor.

Primeiro Reytor do Collegio
de Coimbra. fol. 98. n. 9.

Sua muita mortificaçam. fol.
101. n. 5.

Sua grande òraçam, & trato cõ
Deos. ibid.

Foy Reytor. sem ser ainda sa-
cerdote. fol. 98. n. 9. Vide P.
Diogo Mirãm.

Primeiro Reytor de Goa padre
Nicolao Lancilloto. fol.
228. n. 12.

Reliquias.

Reliquias, que mandou a Co-
imbra o padre Pedro Fabro.
fol. 206. n. 3.

Renovaçam.

Renovaçam de votos. Vide
Votos.

Religiosos.

Religiosos da Companhia sem
profissam solenne. fol. 124.
n. 5.

Os Religiosos ham de uiar de grande synceridade. fol. 157 n. 7.

Religiosos de S. Antam. Vide S. Antam.

Residencia.

Residencia de S. Antam. Vide S. Antam.

Residencia de S. Fins. Vide mosteiro de S. Fins.

Rios.

Rio do Frade. fol. 434. col. 1.

Rio da prata. fol. 442. n. 4.

Rio real. fol. 441. n. 5.

Dos rios do Gram Pará, & do Maranhã. ibid. n. 6.

Rio Zayrê, chamado pelos Portugueses, Rio do Padram.

fol. 350. n. 1.

Rio Nilo nam nace em Cogo. ibid. n. 2.

Nace na Ethiopia superior. ibid. n. 3.

Quam grande, & furioso seja o rio Zayre. fol. 352. n. 4.

Dom Rodrigo.

Dom Rodrigo de Meneses vem pedir a Companhia. fol. 114.

Quem foram seus pays. ibid. He muy cõbatido de seus pays que saya da Companhia. fol. 142. n. 4.

Reposta a seu irmãm Dõ Ioam

Tello. fol. 144.

Mandamno peregrinar a nossa Senhora de Guadalupe. fol. 145. n. 1.

Vay por seu compãheiro o Irmãm Manoel Godinho. fol. 146. n. 1.

No caminho da peregrinaçam pretendem seus pays tiralo da Religiã. fol. 146. numero 2.

Reposta que mādou a sua mãy. fol. 147. n. 3.

Sua morte na Religiã. fol. 149.

Sõ sinco annos viveo na Companhia. fol. 149.

Qual ficou seu corpo depois de morto. fol. 149. n. 1.

Quam sentida foy sua morte. fol. 150. n. 1.

O que escreveo sobre sua morte o P. Francisco Estrada. fol. 150. n. 2.

Grandes virtudes do Irmãm D. Rodrigo de Meneses. fol. 151. n. 4.

Recebe, com grande humildade, hũa bofetada, que lhe deram. fol. 152. n. 5.

Sua grande obediencia. fol. 152. n. 6.

Suas boas partes, & admiravel memoria. fol. 153. n. 8.

Foy muy querido, & amado de todos, em especial do Padre mestre Simam. fol. 153. num. 7.

S.

Padre Salvador Correa.

Vay em missâm ao Brasil. fol. 490. n. 1.

Foy varâm de notavel innocência, & fingeleza. fol. 491. num. 3.

Muy devoto de nossa Senhora. ibidem.

Como veyo a morrer por obediencia. ibid.

Dom Sebastião.

Dà elRey D. Sebastião á Companhia o couto de Sam Fins. fol. 287. n. 7.

Sentimentos espirituaes.

Sentimento espiritual do padre Antonio de Quadros, que deo ao P.M. Simam. fol. 291. n. 4.

Sentimento do Padre Melchior Nunes Barreto. ibidem. num. 5.

Sentimento do P. Manoel de Nobrega. ibid.

Sentimento do Padre Melchior Carneiro. ibid. n. 6.

Sentimento do P.M. Gaspar Barzéo. ibid. n. 7.

Sinceridade.

He muy necessaria pera os Religiosos. fol. 157. n. 7.

P.M. Simam Rodrigues.

O padre M. Simam Rodrigues he hum dos nove primeiros companheiros de S. Ignacio. fol. 10. n. 1.

He o primeiro nomeado pera a missâm da India. fol. 16. num. 4.

Parte pera Portugal, aonde chegou dentro em oito dias. fol. 17. n. 4.

Chega a Lisboa, vay visitar sua Alteza. fol. 17. n. 5.

Agasalhale no hospital de Lisboa. fol. 18. n. 5. verso.

Temos grandes obrigaçoens ao padre mestre Simam. fol. 18. n. 1.

Sua pátria, & nome de seus pay. fol. 19. n. 2.

Seu pay, estando pera morrer, prophetizou os gloriosos successos de seu filho. fol. 19. n. 2.

Foy estudar a Paris, por ordem delRey de Portugal. fol. 20. n. 3.

Seu grande fervor, & mortificação. fol. 20. n. 3.

Faz seus votos com os mais padres em Paris. folio 20. num. 4.

Partese de Paris a Veneza com os mais companheiros. fol. 21. n. 5.

Sárou milagrosamente de hum grande mal. ibid.

Vay de Paris até Veneza com grandes trabalhos. fol. 22. num. 6.
 Recolhe em sua mesma cama a hum leproso. folio 22. num. 7.
 Adoece de lepra, & fãra milagrosamente. ibid.
 Sua humildade em encobrir esta merce de Deos. fol. 23. n. 8.
 Parte de Veneza pera Roma. fol. 23. n. 9.
 He socorrido milagrosamente no caminho. fol. 24. n. 9. verso.
 Adoece o Padre Mestre Simam perigosamente, & he curado por sancto Ignácio. fol. 25. n. 2.
 Pregã M. Simam em Ferrara com grãde fruto das almas. fol. 26. n. 4.
 Diz a primeira missa. fol. 27. n. 3.
 Vay á Roma cõ todos os mais padres companheiros. fol. 28. n. 7.
 Nam faz caso de medos nocturnos do diabo. ibidem.
 Mestre Simam foy o primeiro missionario mandado pelo summo Pontifice. fol. 30. n. 10.
 Vay Mestre Simam reformar hum mosteiro de freyras. fol. 30. n. 11.
 Lê a sagrada Escripura em Sena. fol. 30. n. 12.

Converte hum sacerdote escandaloso. folio 31. numero 13.
 Adoece em Sena de hũas quartãs. fol. 32. n. 14.
 Occupase em Lisboa na salvam dos proximos. fol. 41. n. 1.
 Sente muito quereremno deixar em Portugal. fol. 51. n. 2.
 Sente muito Mestre Simam hir á India. fol. 52. n. 3.
 Trata de hir pera a India. fol. 77. n. 2.
 Trata de termos algũa casa em Lisboa. fol. 79. n. 7.
 Mudase pera sancto Antam. fol. 85. n. 9.
 Partese a fundar o Collegio de Coimbra cõ dez cõpanheiros. fol. 95. n. 2.
 He agasalhado com seus dez companheiros no convento de sancta Cruz de Coimbra. fol. 95. n. 3.
 Em sancta Cruz de Coimbra sam primeiro agasalhados os nossos. fol. 95. n. 3.
 Foy o primeiro professo solenne desta provincia. fol. 118. col. 2.
 Boas partes do P. M. Simam pera contentar a todos. fol. 132. n. 1.
 ElRey D. Ioam lhe era muito affeçoado. ibid.
 Apresenta nelle elRey Dom Ioam o Bispado de Coim-

- bra. fol. 132. n. 2.
 Resiste o padre mestre Simam a esta dignidade. fol. 133. n. 3.
 He o primeiro que resiste a semelhantes dignidades. ibid. n. 4.
 Grande louvor seu, por nam haver ainda constituições, que prohibissem dignidades na Cõpanhia. fol. 133. n. 3.
 Foy eleito pera mestre do Princepe. ibid. n. 4.
 Aceita ser mestre do Princepe. fol. 135. n. 5.
 Da grande virtude, com que se houve nesta occupação. ibidem.
 Era muy amado de toda a corte. folio 135. numero 6.
 Hia sempre a pé ao paço. fol. 136. n. 1.
 Andava muy pobremente vestido. ibid.
 Nam admitia em seus caminhos mulas regaladas, que pera elle estavam deputadas. fol. 137. n. 2.
 De hum encontro, que teve com frey Antonio Morniz Reformador de Tomar. fol. 137. n. 3.
 Mortificaçoens publicas, que fazia em Lisboa. fol. 138. n. 4.
 Nunca pretendõ nada pera seus parentes. fol. 138. num. 5.
 Só pretende o bem de sua Religiã. folio 139. numero 5.
 Mandoulhe elRey dar humá vez cem mil cruzados, pera alfayas do Collegio de Coimbra. fol. 139. n. 6.
 Offerta do P. M. Simam a elRey. fol. 140.
 Converte em Lisboa a hum Embaixador da India. fol. 154. n. 1.
 Os grandes serviços de Deos, q fazia estando na corte. fol. 155. n. 2.
 Mandava que nam dessem de comer ao que naquelle dia nam fizera a Deos algũ serviço. fol. 155. n. 3.
 Pelos Nataes & por outras festas semelhantes, hia a Coimbra. fol. 155. num. 5. 6. & 7.
 Avisos que o padre mestre Simam dava a seus subditos. fol. 156.
 Encõmendava a seus subditos, que tivessẽ grande uniã. fol. 157. n. 6.
 Encomendava a synceridade aos Religiosos. fol. 157. n. 7.
 Encõmendava muito a pureza. fol. 158. n. 8.
 Exemplo de humildade, que deo no Collegio de Coimbra, beijando os pês a todos. fol. 158. n. 9.
 Grandes frutos, que se recolhiam de suas praticas. fol. 159. n. 10.

Tirale devaça sobre sua doutrina. fol. 173. & fol. 174.

Perseguiçam que se levantou contra o P. M. Simam. fol. 190. n. 3.

Como o defendeo elR. y Dom Ioam. fol. 191. n. 5.

He visitado numa doença por elRey. fol. 192. n. 6.

Manda religiosos da Cõpanhia a fundar as províncias de Castella. fol. 209. n. 2.

Dom Ioam de Alencastre Duque d'Aveiro, & Dom Antonio de Attaide Conde da Castanheira, eram grandes amigos do P. M. Simam. fol. 577. n. 1.

Nam quer elRey D. Ioam III. dar licença ao P. M. Simam para hir a Roma. fol. 246. n. 7.

Trata o P. M. Simam de nomear tres missionarios para a India. fol. 222. n. 3.

Dam os religiosos de Coimbra seus sentimentos em escrito ao P. mestre Simam. fol. 290. n. 3.

Declarase por primeiro Provincial desta provincia. fol. 289. n. 1.

Vay pelo Natal a Coimbra. fol. 372. n. 2.

Como aliviou ao padre Luis Gonçalves do officio de Rector do Collegio de Coimbra, & como lhe encõmedou o cargo da cõsinha. ibid.

Recebe na Companhia a Dom

Theotonio, filho do Duque de Bragança. fol. 399. n. 4.

Pede licença a sua Alteza, para se deter na fala mais do que hum vassallo costuma diante da pessoa real. fol. 402. n. 1.

Responde o P. M. Simam ao o Duque dizia contra a Cõpanhia. ibid. n. 3.

Descargos do padre mestre Simam ao que lhe impunha o Duque. fol. 403. n. 4.

Notavel resolução do P. M. Simam. fol. 404. n. 8.

Sentio elRey a resistencia do padre mestre Simam. fol. 405. n. 9.

Grande fortaleza, & constância do P. M. Simam neste negocio. ibid.

Admiravel resolução, com que respondeo a elRey. ibidem.

Escreve o padre mestre Simam ao padre Reytor de Coimbra, que mandasse logo a Dom Theotonio aõde nam pudesse ser molestado por ministros reaes, nem perguntado por Religiosos estranhos. fol. 406. n. 10.

Ordem do P. M. Simam para se entregarem as chaves, & papeis do Collegio aos ministros reaes. ibid.

Mais estima o P. M. Simam a liberdade de sua Religião autorizada, q a amizade de hu Rey tã poderoso. f. 406. n. 11

- Rez bens que houve pera o padre mestre Simam ser chamado a Roma. fol. 499. num. 2.
- Pede licença a sua Alteza, pera hir a Roma. folio 500. num. 2.
- Como o Padre mestre Simam mandou a Roma o Padre Gonçalo da Sylveira, com mais dous Theologos. ibidem.
- Foy o padre mestre Simam recebido em Roma de Dom Affonso d'Alencastre, Embaixador de sua Alteza. fol. 507. n. 3.
- Do muito que devemos ao padre mestre Simam. fol. 572. n. 1.
- Doze annos governou esta provincia. fol. 573. n. 2.
- Rezoens que houve pera o padre mestre Simam acabar de ser superior. fol. 574. n. 3. 4. & 5.
- Queria sancto Ignacio, que o Padre mestre Simam fosse promover o bem dos Collegios de Valença, & Aragão. fol. 575. n. 6.
- Escusase o Padre mestre Simam de ser Provincial em Aragão. fol. 577. n. 1.
- Meyos que se tomavam na corte pera impedir a mudança do Padre mestre Simam. ibidem.
- Os sentimentos que houve da hida do Padre mestre Simam. ibidem.
- Recebe a nova de sua mudança, com grandes sinaes de reverencia. folio 578. numero 3.
- Retirase o Padre Mestre Simam pera Sam Fins. ibidem.
- Como pretendiam alguns da Corte, que aceitasse algum Bispo. fol. 577. num. 1. fine.
- Parte o padre mestre Simam de Sam Fins. folio 587. num. 7.
- Poese a caminho pera Aragão. fol. 585. n. 1.
- Adoece gravemente neste caminho. ibid.
- Escusa S. Ignacio ao padre mestre Simam d'esta hida. ibid. n. 2.
- Ordena sancto Ignacio ao padre mestre Simam, que vá a Roma. ibid.
- Como guardava o padre mestre Simam a ordem da oração, & exercicios espirituaes, neste caminho. ibid.
- Chega a Roma. fol. 586. n. 2.
- Offerecemlhe hum Breve, pera residir em Portugal, que levou logo a sancto Ignacio. ibid. n. 3.
- Quam festejado foy do nosso sancto Patriarcha. ibidem. n. 4.
- Trata o P.M. Simam de hir em peregrinação a Ierusalem. fol. 587. eodem n.

Havida licença adoece no caminho. *ibid.*

Vendo que nam podia proseguir a sua peregrinação, torna a Hespanha. *ibidem.* n. 5.

Viveo muitos annos em varios Collegios de Castella com notavel exemplo de sanctidade retirandose do governo. *ibid.*

Admiravel industria do P. M. Simam em seu governo. fol. 588. n. 7.

Occasião que teve pera tornar a Portugal. folio 589. n. 8.

Caso notavel, que lhe succedeo em Villa de Conde, depois de tornar a Portugal. fol. 590. n. 3. 4. & sequent.

Odio do padre mestre Simam a parentes. fol. 592. numero 6.

Como foy festejado o padre M. Simam em Portugal. *ibid.* num. 7.

Escusase de ser confessor del Rey D. Sebastiam. fol. 593. n. 8.

Dom Jorge d'Almeida Arcebispo de Lisboa, lhe dá as boas vindas, da parte del Rey Dom Sebastiam. *ibidem.*

Como se achou em hũa congregação em Portugal. *ibid.* n. 9.

Da occasiã que houve pe-

ra adoece. fol. 594. numero 10.

Como ficou desfeito com a doença. fol. 594. numero 1.

De sua grande paciencia, & faudades do cêo. folio 595 n. 2.

Como se alegrou com a nova da morte. *ibidem.* numero 3.

Pede que o deixem estar sô c Deos. folio 596. eodem num.

Na sua larga doença conservo o rigor da penitencia. *ibide* n. 4.

De sua grande pobreza. *ibi* dem.

Devação com que recebeo o Viatico, & a sancta Viçam. fol. 597. n. 5.

Como se despedio dos Padres, & Irmãos desta provincia. *ibid.* n. 6.

Grãdes faudades do padre mestre Simam. fol. 598. numero 7.

Da sua sancta morte na casa professa de Lisboa. *ibidem.* n. 8.

Foy muy perfeito nas perfeições corporaes. fol. 600. n. 1.

De sua grande mortificação, & constancia. fol. 601. n. 3.

Da grande estima, que faziam do padre mestre Simam. *ibidem.*

Foy em grãde maneira humilde. *ibid.* n. 4.

Com hũa pontã aguda de ferro abrio em seu peito huma cruz. *ibid.*

Como era facil em despedir. fol. 602. n. 5.

Aborrecia a devaçam mimosa. *ibid.* n. 6.

Da grande reverencia, que lhe tinham. *ibid.* n. 7.

Como lhe descobriram a cruz, que tinha no peito. fol. 603. n. 9.

Do cõprimto, & largura desta cruz. *ibid.*

Como foram reverẽciar, & beijar este preciosissimo relicario? fol. 604. eodem n.

Discurso sobre a cruz do peito do padre mestre Simam. *ibid.* dem. n. 4.

Grande concurso a suas exequias. fol. 605. n. 12.

Lugar aõde foy sepultado. *ibid.* n. 13.

Foy muy sentida a morte do Padre mestre Simam por Dom Theotonio. fol. 605. n. 13.

Trata Dom Theotonio de fazer hum sepulchro magnifico ao Padre mestre Simam. *ibidem.*

Como foy tresladado seu corpo. fol. 606. n. 1.

Epitaphio, que lhe puzeram na arca onde estam seus ossos. fol. 607. col. 1.

Quam estendida he a fama do

padre mestre Simam pelo mundo todo. fol. 607. & fol. 608. a n. 5.

Padres que mandou a Hespanha. *ibid.* col. 1.

Padres que mandou à India. *ibid.* n. 6.

Padres que mandou a Africa. *ibidem.*

Padres que enviou a Congo. fol. 609. col. 1.

Padres que enviou ao Brasil. *ibid.* n. 7.

Epitaphio do sepulchro do padre mestre Simam, feito pelos padres da provincia de Frandes. fol. 610.

O padre mestre Simam nam foy natural de Lisboa. fol. 612. n. 2.

Provasse que morreo aos quinze de Julho. folio 613. num. 4.

Como Deos revelou a morte do padre mestre Simam. fol. 614. a n. 2.

Da claridade que se vio sobre a casa onde morreo. fol. 615. col. 1.

Da saude prodigiosa, que deo a hum minino, por meyo do seu bordam. fol. 615. a n. 4.

Dã saude ao padre Vicente Rodrigues, & ao padre mestre D. Gonçalo da Sylveira. fol. 618. a n. 1.

Superiores.

Tem muito de que dar conta.

fol. 588. num. 6.
Ham de dissimular, & confiar-se
dos subditos. folio 580.
num. 7.
Superiores mayores nam se hã
de meter em governar cou-
sas minimas. folio 581.
num. 8.
Ham de procurar ser amados,
& buscados de seus subditos.
fol. 484. n. 7.

T

Tapuyas.

Descreve-se o modo com que
sahe o matador do Tapuya.
fol. 449. n. 8.
Como partem o Tapuya mor-
to. ibid.
Como os padres tratavam de
converter os Tapuyas. fol.
455. n. 9.
Traça, que usavam os pad-
res pera bautizar estes gentios.
ibid. n. 10.

Dom Theotónio de Bragança.

Pays de Dom Theotónio o Du-
que Dom Iaimés, & Dona
Ioanna de Mendoça. fol.
399. n. 2.
Nomes dos irmãos de D. Theo-
tónio. ibid.
Occasião que houve pera en-
trar na Companhia. ibidem.
n. 3.

Como pedio a Companhia. ibi-
dem n. 4.
He recebido na Companhia,
depois de repetidas petições.
fol. 400. eodem n.
Como procedeo no noviciado.
ibid. n. 5.
Trata o Duque D. Theodosio
de tirar seu irmão da Cõpa-
nhia. fol. 401. n. 6.
Queixas que fez o Duque a el-
Rey. ibid.
Pede o Duque a sua Alteza
mande depositar a seu ir-
mão em outra Religiam.
ibidem.
Resposta del Rey ao Duque. ibi-
dem. n. 7.
Ordena ao padre M. Simam,
que logo faça depositar a
D. Theotónio em outra Re-
ligiam. fol. 402. n. 7.
Como el Rey nam passou nisto
adiante. fol. 406. n. 1.
Nam se sogitava facilmete ao
parecer de seus superiores.
fol. 408. n. 4.
Tratou de alcançar na Cõpa-
nhia o estado de Coadjutor
temporal. ibid.
Vay Dõ Theotónio a Roma.
ibid. n. 5.
Trata S. Ignacio de o despedir.
fol. 409. n. 5.
Avido o beneplacito de sua
Alteza, o despede o sancto
Patriarcha. ibid. n. 6.
Como passou Dom Theotónio
depois de despedido. folio.
410. n. 7.

- Como foy feito Arcebispo de Evora, por intercessão dos padres da Companhia. *ibid.* n. 8.
- Amor, que sempre teve à Companhia. *ibidem.* numero 9.
- Nam sahia a visitar seu Arcebispadão, sem levar consigo nossos Padres. folio 411. num. 9.
- Tinha grande devaçã às misérs da Companhia. *ibidem.*
- Carteava-se com os padres, que residiam no Japão. *ibidem.*
- Mandou imprimir à sua custa as cartas do Japão, dedicando-as ao sancto Xavier, & ao padre mestre Simam. *ibid.*
- Tratava-se com grãde pobreza. *ibid.* n. 10.
- Sempre junto de sy comiam doze pobres. fol. 412. numero 10.
- Como acodio no tempo da peste. *ibid.* n. 1.
- A dous mil feridos da peste acodia com grãde providencia. fol. 413. n. 2.
- Encontrando a hum enfermo, que se nam podia bullir, o mandou por no seu proprio cavallo, até o hospital, hindo elle mesmo a pé. fol. 414. eodem n.
- De sua muita charidade com que acolho a outros muitos lugares. *ibidem.* numero 3.
- Notavel exemplo de esmola, que mandou fazer. *ibidem.*
- De sua pureza, & paciencia. fol. 415. n. 4.
- Entre outras obras insignes fez o famoso mosteiro da Cartuxa de Evora. folio 416. n. 6.
- Reformou outros varios mosteiros. *ibid.* n. 7.
- Grandes esmolas que fazia. fol. 417. eodem n.
- Tendo promessa de hum Cappello de Cardeal, nunca procurou o comprimento d'este despacho. fol. 418. n. 1.
- Occasião que houve pera Dom Theotonio hir a Valhedolid. *ibid.* n. 2.
- Companheiros que levou a Castella. *ibid.*
- Morreo em Valhedolid. fol. 419. n. 3.
- Como tresladaram seu corpo, metendoo em huma pobre sepultura, como elle tinha ordenado no seu testamêto. fol. 420. n. 4.
- Sente muito a morte do padre mestre Simam. fol. 605. n. 13.
- Pede a nosso reverendo Padre licença pera lhe levantar hum sepulchro. *ibid.*

Thomè de Sousa.

Procura atrahir os Indios a sua amizade. fol. 450. n. 1.
Como edificou a cidade do Salvador? ibid.

Fr. Thomas Turcius.

Este Reverendissimo gèral dos Padres Dominicanos, mandou aos seus Religiosos guardar a verdadeira amizade, & irmandade com os da Companhia. fol. 533. n. 3.

V

Irmam Vasco Ferrás.

Entra na Companhia em Coimbra. fol. 264. n. 8.

Dos procedimentos do Irmam Vasco Ferrás, como adoeceo, & foy mandado ao Porto. fol. 265. n. 1.

Como foy conhecido de seus pays. fol. 266. n. 2.

Buscam elles meyo pera o trazer do hospital pera sua casa. ibid. n. 3.

Como se preparou pera a morte; & como foy enterrado. fol. 267. n. 5.

Verbo.

O Verbo encarnado se disfar-

çava por amor dos homês. fol. 90. n. 6.

Apparece em varias figuras. fol. 91. num. 7.

Padre Urbano.

Foy religioso de muita estima. fol. 563. n. 7.

Recusou o Reytorado do Collegio de Coimbra, por hi pera a India. ibid.

Vay estudar Theologia a Valença. fol. 210. col. 1.

Padre Vicente Rodrigues.

Foy irmam do grande P. Iorge Rijo. fol. 478. n. 5.

Trabalhou muito no Brasil. ibidem.

Alcança saude por meyo do P. mestre Simam. fol. 618. â num. 1.

Vicios em nobres.

Sam mais dignos de se estranhar. fol. 39. n. 4.

Universidade.

Dá elRey seus paços pera a Universidade de Coimbra. fol. 99. n. 5.

Vniam.

Vniam muy necessaria na Companhia. fol. 157. n. 6.

Votos.

Como se fazia a renovaçam dos votos

votos nos primeiros annos da
Companhia no Collegio de
Coimbra. fol. 295. n. 1.

Forma antiga na renovaçam
dos votos. ibid. n. 2.

Fez o P. M. Simam haver esta
renovaçam. fol. 244. n. 1.

Ben's que traz consigo esta re-
novaçam. fol. 296. n. 4.

Vase renovaçam de votos na
Religião dos padres Car-
melitas descalços. ibid. n. 5.

X.

Xavier.
Vide S. Francisco.

Z.

Zayre.
Vide Rios.
Zembre. Vide rio Nilo.

Zelo.
Zelo das almas. fol. 336. n. 2.
Vide missionarios. Vide
missão.

LAVS DEO,



Alguns erros da Impressão mais notaveis.

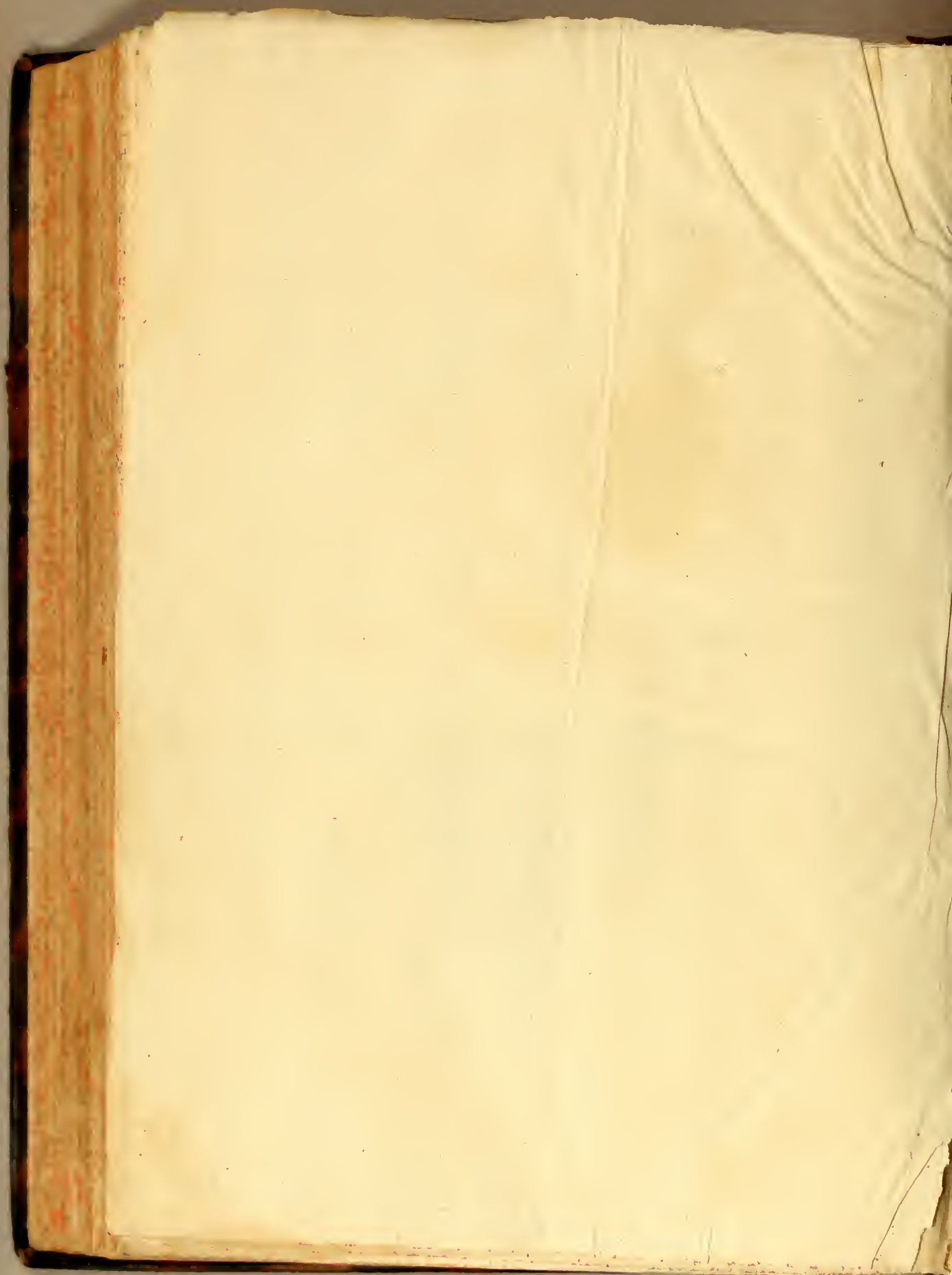
Fol.	Col.	regra.	erros.	emendas.
95.	1.	21.	Emperador.	Rey.
98.	2.	18.	perto	aperto.
249.	1.	13.	Agosto.	Julho.
153.	1.	3.	Henon.	Hannon.
561.	2.	28.	Vindo de Roma.	vindo da hida de Roma
580.	1.	18.	Abfalam.	Salamam.
249.	1.	13.	1557.	1547.
209.	2.	29.	36.	37.

79-209

R.B. Rose 4, 1979
25 April 79

25 April 77





CA645
T269C
I-SIZE
V.1

